DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

DICCIONARIO UNIVERSAL
DE
EDUCAÇÃO E ENSINO

UTIL Á MOCIDADE DE AMBOS OS SEXOS, ÁS MÃES DE FAMILIA, AOS PROFESSORES, AOS DIRECTORES E DIRECTORAS DE COLLEGIOS, AOS ALUMNOS QUE SE PREPARAM PARA EXAMES,

CONTENDO O MAIS ESSENCIAL DA SABEDORIA HUMANA

E

TODA A SCIENCIA QUOTIDIANAMENTE APPLICAVEL EM ASSUMPTO

1.° — DE EDUCAÇÃO

Conhecimento e direcção dos caracteres, faculdades, defeitos, meritos e aptidões. — Religião, moral, philosophia. — Logica, rhetorica, poetica. — Litteratura, pedagogia, civilidade, escriptores antigos e modernos. — Agudezas, proverbios, maximas, epigrammas, etc.

2.° — DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Leitura, escripta, calculos, problemas, formulas, systema metrico, moral religiosa. — Lingua portugueza, orthographia usual e grammatical, redacção, estylo epistolar, homonymos, synonymos, raizes, etymologias. — Methodos, disciplina, meios praticos de execução. — Historia universal de cada seculo, varões insignes, descobrimentos e factos assignalaveis. — Geographia descriptiva, cidades principaes, indole e costumes e productos de todos os paizes, monumentos celebres, panoramas, curiosidades de toda a especie. — Noticia das sciencias usuaes, artes, mesteres e profissões, etc.

3.° — INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

Linguas: portugueza, franceza, latina, hespanhola e ingleza. — Geologia, mineralogia, botanica, zoologia. — Physica, chimica, astronomia, mechanica. — Arithmetica, algebra, geometria. — Industria, hygiene, desenho, agrimensura, commercio, agricultura, etc.

SEGUE

DICCIONARIO ETYMOLOGICO DE TODAS AS PALAVRAS TECHNICAS

PROVENIENTES DAS LINGUAS GREGA E LATINA

Tudo simplificado ao alcance dos alumnos e pessoas meramente desejosas de instrucção com elucidações tão proficuas aos mestres quanto proveitosas no trato das familias

REDIGIDO COM A COLLABORAÇÃO DE ESCRIPTORES PECULIARES

POR

E. M. CAMPAGNE

DIRECTOR DE COLLEGIO

TRASLADADO A PORTUGUEZ

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E

AMPLIADO PELO TRADUCTOR NOS ARTIGOS DEFICIENTES EM ASSUMPTOS RELATIVOS A PORTUGAL

VOL. II

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

1873

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

—

1873

DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

JACINTHO. (Veja LIRIO).

JAMAICA. (Veja ANTILHAS).

JANEIRO. Começa n'este mez a desenvolver-se o movimento da seiva. As camelias apresentam-se na maior força da florescencia. Nos ultimos dias, principiam a florir as amendoeiras e pecegueiros.

Jardins. É o periodo mais conveniente para plantação d'arvores e arbustos, principalmente dos importados de paizes mais frios.

Podem fazer-se algumas sementeiras de flôres de verão, em estufas. Plantam-se roseiras, buxo, murta, e alfazema. Semeiam-se ervilhas de cheiro, mangericões, valverdes e goivos.

Hortas e campos. Cava-se a terra, para as sementeiras e plantações da primavera. Semeia-se couve portugueza, alface, chicorea, repolho, couve-flôr, nabos, rabanos, rabanetes, broculos, ervilhas, salsa, coentros, e segurelha; cobrindo os alfobres por causa das geadas. Semeiam-se tambem morangos, batatas, cebolinho, favas, alhos, mostarda, e grão de bico. Semeia-se trigo, cevada, centeio, aveia, e linho. Plantam-se canas, e chicorea, semeadas anteriormente.

Pomares, vinhas, olivaes e florestas. Semeiam-se em viveiro as laranjeiras, limoeiros, e fructas de caroço, abrigando-as das geadas.

Limpam-se os pomares; fazem-se enxertos de amendoeiras, e plantam-se estacas d'arvores, que abrolham cedo: e tambem pecegueiros, ameixieiras, etc. Continuam se as podas, e megulham-se vides. Plantam-se oliveiras, castanheiros, carvalhos, e sobreiros. Podem tambem plantar-se todas as especies d'arvores, excepto as resinosas, nos terrenos seccos e aridos; mas nos humidos e frios, é melhor fazel-o mais tarde. Cortam-se madeiras, e vimes.

JANUS. (Veja QUINZE (seculo).

JAPÃO. «O imperio do Japão compõe-se de um numero prodigioso de ilhas, entre as quaes se distinguem principalmente tres: Nippon ou Niphon, Kiousou e Sikhof. Niphon, onde está situada a capital Yedo, cuja população se avalia em dous milhões de habitantes, deu o nome a todo o imperio.

«O Japão occupa um espaço, que abrange desde 123° 23′ até 150° 50′ de longitude oeste, e desde 24° 16′ até 50° de latitude norte. A natureza parece ter querido defender este paiz de

do e formando em muito breve espaço grossos e poderosos exercitos de gente de pé e de cavallo, com toda a sorte de armas, munições e mantimentos; a maior parte dos quaes pagam os senhores e fidalgos conforme a obrigação, com que dissemos possuiam as terras. O que el-rei n'ellas reserva é o direito e o poder de lh'as tirar, quando e como fôr sua vontade, passando-os a outras, ou deixando-os sem cousa de que vivam. E executam-o cada dia assim com tanta facilidade, que d'este continuo exercicio, dizem alguns lhe vem aquella espantosa philosophia, com que o mesmo rosto fazem ao bom e ao mau da fortuna; de cujos bens nunca se hão por senhores, como realmente o não são, porque ninguem possue o pé de uma arvore de juro, nem de tença, nem são mais os estados e rendas dos tonos e fidalgos, que ordenados, ou ainda mercês ordinarias dos reis, que logram sómente em quanto se não manda o contrario. E porque responda o serviço á paga, e a vassallagem ás mercês, por isso tambem os subditos se hão por tão isentos e livres, como diziamos, para deixarem os principes quando lhes bem vier, sem serem mais notados de traidores tomando contra elles as armas, que os reis de tyrannos por lhes tomarem a ellas as fazendas. D'aqui mais se segue, que quão pouco seguros vivem os vassallos do que comem do rei, tão pouco o está nenhum rei de envelhecer no reino, e o deixar a seus filhos; antes é mui ordinario o que hoje tem o sceptro, vêr-se ámanhã sem nada; e jacatá de muitos reinos o que hontem era pobre soldado, ou cavalleiro de uma lança. E comtudo subindo, antes saltando de tão baixo á magestade real, assim a representam, como se nasceram reis e senhores do mundo. As entradas nenhum principe de Europa as dá mais apertadas; os requerimentos e despachos por memoriaes; as vistas mui raras, e n'essas não são venerados, mas adorados do povo; a guarda de suas pessoas qual pede o temor e a força, que é a que tudo governa; especialmente nas causas crimes, em as quaes não ha outros auditorios, para onde sejam citadas e ouvidas as partes, nem promotor, nem advogados, nem testemunhos, nem contraditas, nem modo algum de defesa e fórma de juizo; e o que é mais, nem cadêa, nem carcere em todo Japão; todo o direito e justiça está no que o rei quer fazer dos grandes, e de todos; no que os tonos e senhores dos seus; no que os amos dos criados; os paes dos filhos, e cada um (como já disse) da propria familia, sem haver outra sorte de pena, que desterro com perda de fazenda, ou morte a ferro. A execução da qual ordinariamente é á traição, tomando os ministros, que os senhores a isso mandam, os réos descuidados, e despachando-os logo, como se os mataram por odios e razões particulares, e não por justiça. Porque de outra maneira nenhum se deixa prender, nem justiçar, senão depois de vender mui bem a propria vida.

«Aos senhores e fidalgos mais illustres manda o rei primeiro cercar as casas ou lugares com a gente de guerra que parece bastante ao feito; e logo se lhe quer fazer honra e mercê deixa-lhes em sua mão, ou que se matem, ou que se defendam. Se escolhem pelejar dão sobre elles e sobre todos seus parentes, amigos e alliados, os soldados do principe, durando a briga com morte de ambas as partes até não ficar da familia do fidalgo, ou senhor, nem pessoa, nem casa, que não passe pelos fios do ferro, e furia do fogo.

«Se o réo ha de ser o matador de si mesmo está a honra em se escalar, e abrir em cruz com o proprio punhal, e arremessal-o após isso para o céo, como protestando que nem de lá tem medo morrendo, nem da terra vivendo o tivera nunca, não menos soberbos no padecer da pena, que no commetter da culpa, como o é nos eternos tormentos o mesmo Satanaz, que lhes persuade o peccado, e procura o castigo. Mas se n'alguma cousa se mostram de animo grande e generoso é que todos, assim reis como senhores e fidalgos principaes, não esperam

ordinariamente pela propria morte, ou alheia violencia, para deixarem o imperio e governo dos estados e casas; antes por ordinario estylo de todos, como vão entrando na idade, e seus filhos chegam a dezoito annos, largam-lhes tudo, reservando para si da fazenda o que basta para uma vida retirada; da jurisdicção nada, contentando-se de lhes ficar servindo de conselheiros aposentados, ajudando-os com avisos e lembranças necessarias ao governo conforme a sua larga experiencia e muita prudencia. Exemplo tanto digno de maior louvor, quanto dissemos que é no Japão a honra e grandeza mais cubiçada e adorada; senão que lhe acharam que a mesma ambição, que lh'a faz procurar, lh'a faz deixar, não só porque se mostrem grandiosos em a largarem e desprezarem, mas porque nem dos proprios filhos estão seguros, e hão por mór affronta ser por elles desapossados, que aposentar-se por si mesmos. De modo que a mesma soberba, que primeiro os faz traidores para tomarem os reinos a seus senhores, os faz depois cobardes para dar a posse d'elles por puro medo a seus proprios filhos. A verdade é em fim, que com aquella primeira rebellião do cubo, e deposição do dayri, de tal maneira desappareceu o socego da paz, e bom governo da justiça de todas as ilhas de Japão, que não houve até hoje, nem ha em alguma d'ellas reino, nem cidade, lugar, nem casa, onde os principes e cabeças não vivam com os mesmos temores e suspeitas; e os povos, vassallos e criados não andem assim inquietos, e com as armas nas mãos, como o estavam uns e outros no proprio tempo e dia em que o cubo se alevantou, e tudo se revolveu. D'onde as guerras civis, traições e dissensões particulares sempre foram e são tão continuas, que das dez partes da gente as oito morrem a ferro; nem parece que tem os estados outro direito ou titulo mais que o das armas; mas ninguem se espante de ouvir como anda ha tantos annos a ira e justiça divina com a espada na mão, sem, ao que parece, acabar de se fartar de sangue dos tristes japões.» (P.e J. de Lucena).

JASPE. (Veja Argilla).

JAVA. (Veja Malesia).

JEPHTÉ. (Veja Treze (seculo).

JEROBOÃO. (Veja Dez (seculo).

JESUS CHRISTO. Embainharam-se as espadas. Fecharam-se as bronzeas portas do templo de Jano com admiração do universo. Das ilhas do mar até os confins das Mauritanias, dos campos da Lusitania até ás margens do Euphrates, fluctuavam em paz as insignias da republica. Acalcanhados pela victoria, os povos se alevantaram no cabo d'uma chuva de sangue, como as hervas dos campos, passada a trovoada. Os bellicosos corceis puxavam pela charrua, e o soldado homicida lavrava os campos. Com a segurança, a abundancia renascia no gremio das nações. As mães amamentavam os filhos com prazer, porque estavam certas de que os não segaria a homicida fouce. A paz trazia após si a fertilidade, o dôce descanço, e uma tranquillidade que havia largos annos se não tinha visto. Floresciam os campos, prosperava o commercio, e o dinheiro era cousa vulgar; davam graças aos deuses as aldeias, e na cidade eterna o povo farto de pão e de espectaculos de contente affirmava que volvia outra vez a idade d'ouro.

As musas até então assustadas com o ruido das armas, pela primeira vez se tinham pousado sobre o capitolio. Celebridades litterarias succediam a illustrações guerreiras. Em vez de se tratar de proscripções e de punhaes, discutia-se o merecimento das tragedias de Vario Lucio, do poema ornithologico e botanico de Emilio Macro, da *Cicuta satyrica* de Domicio Marso; citava-se o poeta heroico Cornelio Severo; o douto Hygino, bibliothecario imperial; Musa, medico d'Augusto; Celso Cornelio, appellidado o Hippocrates dos latinos; Caro, mestre dos jovens Cesares, e seus dous amigos

Tuticano, Plocio, Valgio, e Pedo Albinovano, que cantava a exploração de Germanico nos mares do norte. O famoso Pollião, orador, poeta, philologo, critico, e historiador das guerras civis de sua patria, já curvado com o peso dos annos, Pollião, que havia sido amigo intimo de Cicero, que havia passado o Rubicão com Cesar, sem por isso approvar os seus commentarios, nem tão pouco a patavinidade do estylo de Tito Livio, para ajudar a mocidade estudiosa, acabava de abrir e pôr publica a sua bibliotheca, e n'ella havia religiosamente collocado o retrato de Terencio Varrão, o mais erudito dos romanos, e os noventa volumes que escrevera antes de completar noventa annos. Viam-se então engenhosas rivalidades, ouviam-se harmoniosas disputas. Os jardins de Mecenas resoavam de noite com mil sons melodiosos. Ovidio e Tibullo, ambos poetas, e ambos nascidos no mesmo dia, amigos fieis, com as frontes coroadas de flôres, afinavam as voluptuosas lyrás; Propercio illustrava Cinthia; Horacio celebrava o seu protector, e os bons vinhos que tinha; e o cysne de Mantua exhalava seus cantos immortaes.

E comtudo em tão felizes horas lavrava nos animos uma grande preoccupação, e certo incommodo indizivel grassava nos povos, como um contagio. Paz mais bella ainda se não tinha visto, e comtudo aquelle dom do céo, com ser tão feliz, não podia satisfazer ás necessidades indefiniveis, que experimentava a geração que então vivia. Rebentavam do seio das cidades rumores mysteriosos, que se espalhavam pelas aldeias; os astrologos viam-se postos em sitio, os velhos eram interrogados, os oraculos consultados, e as mais antigas poesias sibyllinas desenterradas. Apesar da grande copia de respostas pythonicas, de versos erythreus, samios, egypcios, e sardiacos, as tradições cumêas e hebraicas eram as que gozavam de mais celebridade. Fallavam d'um rei que devia de vir do nascente da Judêa para governar o universo, e estes rumores que surdiam de toda a parte no imperio se derramavam entre os barbaros. Na choupana do Dacio e nos jardins d'Academo, na tenda do arabe, e nas lagôas do batavo, cada qual se inquiria em seu idioma do novo seculo. Os homens agitavam-se, excitados unanimemente pela mesma espectação; os do poente e do septentrião convertiam os olhos para o oriente, e os das regiões da aurora, indios gymnosophistas e sereres os volviam para o occidente; assim que pela primeira vez se encontraram os olhos de todos os habitantes do mundo, justamente quasi no lugar que foi o berço do genero humano, e que havia sido destinado de toda a eternidade, e para n'elle ter o reino futuro.

As cidades e as cabanas aguardavam com impaciencia o dia annunciado: esperanças taes nunca haviam sido concebidas, nem se tinha experimentado semelhante alvoroço. Agitava-se unanimemente a cidade eterna; e em quanto a sabia Athenas erguia um altar ao *deus desconhecido*, possuido d'um lyrico transporte, exclama Virgilio: «Vêde como todo o mundo se abala, como as terras, os vastos mares exultam de alegria com o seculo que vai começar... O infante governará o mundo pacificado... a serpente perecerá.»

Por esse tempo, estando o universo em paz, aprouve a Octaviano Augusto de querer saber quantas cabeças protegia a sua espada; sahiu á luz um edito de censo. Cyrino, governador da Judêa, alli o publicou. Apesar do inverno, que então estava com toda a sua força, era cada um obrigado a ir ao paiz natal, para alli dar o seu nome. As estradas do imperio estavam pejadas de gente. Entre ella achava-se um carpinteiro, que tinha partido de Galilêa para ir a Bethlem na Judêa, d'onde era natural; levava comsigo a sua desposada, a quem elle appellidava sua mulher; estava pejada, e era chegado o tempo do parto; como fossem pobres, não acharam lugar nas estalagens; assim que teve o seu successo como pôde, envolveu em mantilhas o filho, e pôl-o n'uma manjadoura. E todavia aquelle infante, que nem se-

quer teve como Moysés um berço de junco, que os homens não quizeram hospedar em suas casas, era o objecto das conversações de todos, tanto nos palacios, como nas choupanas, a bordo dos navios, como junto ao poço do deserto, o annunciado pelos prophetas, o desejado das nações, o Messias que vinha remir-nos com o seu sangue, era em fim Nosso Senhor Jesus Christo.

Era pois chegado o redemptor que o universo com tanta impaciencia desejava.

Sua infancia passou-se em viagens, e nas difficuldades d'uma condição obscura. Todas as verdades quantas se achavam derramadas pelo genero humano nas diversas religiões, emanações desfiguradas das tradições dos patriarchas, elle as reuniu em uma só, e consagrou-as de novo, introduzindo-as em sua doutrina. Elle instruiu com a palavra e confirmou com o exemplo, ensinando as gentes do campo e da cidade, os sabios e os ignorantes.

Vindo ao mundo, não para trazer aos poderosos thesouros de que elles abundavam, mas sim para consolar os fracos, os indigentes e os opprimidos, que o egoismo e a soberba tratavam com desdem, elle os chamou a si, dizendo: «Vinde para mim vós todos que padeceis, e que vos achaes amargurados, e eu vos consolarei.» A escravidão reduzia os homens á condição dos animaes; o senhor podia metter na charrua o escravo, vendêl-o, trocal-o, tratal-o como a um asno, ou porco; era uma cousa horrivel. Endereçando a palavra a esta classe malaventurada, o salvador parece que deveria suscitar uma guerra civil; que novos Espartacos surgiriam de toda a parte; porém não aconteceu assim, porque Jesus Christo limitou-se a dizer-lhes: «Amai-vos uns aos outros. Fazei a outrem o que desejarieis que elle vos fizesse.» E sem desordens nem alevantamentos, cahiram por terra os grilhões, e abriram-se as golilhas.

Nos theatros o povo applaudia aos seguintes versos d'Euripides: «Em Esparta, como em Troia, é glorioso o vingar-se de seu inimigo.» Quando porém Nosso Senhor Jesus Christo disse: «Se perdoardes aos outros, vosso Pai celeste vos perdoará,» ninguem mais achou sabor nos versos d'Euripides.

Elle ensinou aos homens a supplica, que era mister que fizessem ao Creador dos mundos, a supplica por excellencia, supplica sublime, principio e fim de toda a philosophia, a oração dominical, onde o amor de Deus se acha combinado d'uma maneira ineffavel com o amor do proximo...

Depois de haver no decurso de tres annos illustrado o mundo, depois de haver feito um sem numero de prodigios perante todo o povo, sarado enfermidades incuraveis, forçado as leis da vida, resuscitando os mortos, submetteu-se a todos os rigores da humana condição; á fome, aos pesares, ás ciladas, importunidades, fadigas, perseguições, calumnias, ingratidões, e em fim á traição, aos tormentos, condemnação injusta e morte violenta...; iniciou-se em todo o genero de padecimentos, reconcentrou em si todas as dôres.

Assim se verificaram as prophecias que muitos seculos antes de sua vinda particularisavam as circumstancias de sua missão, seu nascimento em Bethlem, sua entrada triumphal, seus vestidos sobre os quaes se lançaram sortes, o vinagre que lhe deram a beber, a lançada que lhe deu um romano, os guardas que se pozeram á sua sepultura, e seu corpo confiado a um particular abastado (José d'Arimathêa).

No dia em que este homem Deus foi pregado na cruz, um phenomeno nunca visto manifestou-se nos céos. Vestiu-se visivelmente de luto a natureza: o sol escureceu-se, sem que houvesse eclipse; espessas trevas envolveram a superficie do globo; tremeu de susto a geração humana. Este facto é constante e irrecusavel, e os annaes da Asia o mencionam, indicando a data. O historiador das olympiadas, Phlegon, prestou teste-

munho da obscuridade que n'essa occasião se observou no mundo.

Partiu-se o rochedo do Calvario, e ainda em nossos dias não poderam os geologos dar a razão do caracter singular d'aquella fractura.

Tres dias depois os guardas que haviam sido postos ao redor do sepulchro pelos sacerdotes dos judeus, os quaes haviam sellado a pedra, não podiam dar conta do corpo; porque a terra tremêra, um anjo rodeado de luz havia alevantado a lousa sepulchral, e os guardas entrados de terror, jaziam por terra, perdidos os sentidos; em virtude da promessa que havia feito, tinha Jesus Christo resuscitado.

O governador da Judêa, Poncio Pilatos, enviou ás authoridades de Roma os autos do processo de Jesus de Nazareth. Feita a leitura d'elles, o imperador Tiberio propoz ao senado de pôr o suppliciado no numero dos deuses.

Entretanto uns poucos de pescadores, e d'artifices pobres e sem letras, que o Messias havia escolhido por discipulos; que tendo sido testemunhas de seus milagres, por vezes duvidaram de seu poder; que havendo protestado de morrer por seu mestre se dispersaram, e tiveram a fraqueza de abandonal-o na occasião do perigo, acabavam de se reunir. A apparição do filho do homem depois de sua resurreição, suas palavras e acções em presença d'elles os corroboraram. Segundo a promessa que o Redemptor havia feito, quando rodeado de gloria perante elles se remontára aos céos, baixou sobre elles o Espirito Santo, e communicou-lhes o dom das linguas.

Pedro, o pescador, o mesmo que no atrio do palacio do grande sacerdote tinha por tres vezes affirmado por fraqueza que não conhecia o seu divino mestre, começou a prégar aos judeus, e a trazer-lhes á lembrança os milagres, e a divindade de Jesus de Nazareth: «E comtudo vós o crucificastes, vós o fizestes morrer ás mãos dos maus, dizia elle, porém Deus o resuscitou.» Os que ouviram estas palavras receberam o baptismo, e n'esse dia, obra de tres mil almas se aggregaram aos que criam em Jesus Christo.

Por esse mesmo tempo, como Pedro e João fossem a entrar no templo por ser tempo da reza da nona hora, á porta d'elle estava um homem que nascêra tolhido dos membros, e que os parentes para alli traziam todos os dias, para que lhe dessem alguma cousa. Vendo este homem os apostolos Pedro e João, pediu-lhes uma esmola. Pedro encarando-o, lhe disse: «Reparai bem em nós.» Assim o fez o pobre, esperando receber uma boa esmola. Então disse-lhe Pedro: «Não tenho nem ouro, nem prata; mas dou-vos o que tenho: levantai-vos em nome de Jesus de Nazareth, e andai.» E tomando-o pela mão direita o fez erguer, e começou o enfermo a andar, e entrou com elles no templo louvando a Deus. Toda a gente conhecia aquelle mendigo, hospede certo da porta chamada *bella*, e vendo-o assim andar, estava admirada d'um tal prodigio; e foi-os seguindo até á galeria de Salomão; então Pedro, voltando-se para o povo, lhe disse: «Ó israelitas, porque nos consideraes admirados, como se fôramos nós que fizemos andar este homem? O Deus de nossos paes glorificou seu filho Jesus de Nazareth, que haveis entregado e renunciado perante Pilatos, que o tinha julgado innocente; rejeitastes o *santo*, e o justo, e pedistes a graça d'um matador, e fizestes morrer o author da vida; mas Deus o resuscitou d'entre os mortos, e nós somos testemunhas de sua resurreição. Este homem, que vós todos conheceis, está são pela fé que elle teve em seu nome. Meus irmãos, vós obrastes (contra Jesus) por ignorancia, vós e vossos principes, eu o sei; Deus quiz que se cumprisse o que havia annunciado pela bocca de seus prophetas, que o Christo soffreria morte.» Em quanto Pedro assim fallava, vieram os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os sadduceus, e prenderam a ambos, e lançaram-nos em prisão. Ora um grande numero dos assistentes crêram, e foram obra de cinco mil.

Começado está o apostolado. João ensina na Asia Menor, André na Scythia, Thomé entre os parthos, Philippe na alta Asia, Bartholomeu leva ás Indias o evangelho escripto por Matheus, Mathias préga na Ethiopia, Simão na Persia; um perseguidor acerrimo dos christãos, Saul, que estava de guarda aos vestidos do diacono Estevão, quando o lapidavam, chamado de improviso á fé, evangelisa em Epheso, na Grecia, na Provença, e em ambas as Hespanhas.

Pedro e Paulo, estrangeiros e sem nome, entram na capital do mundo, para n'ella fundarem um novo imperio. O primeiro por ser de baixa condição, foi crucificado com a cabeça para baixo, e o segundo degolado na qualidade de cidadão romano.

Começa a correr o sangue que deve cimentar o immortal edificio. Deixemos fallar um philosopho, que de certo ninguem arguirá de fanatismo, J. J. Rousseau: «Depois da morte de Jesus Christo, doze pobres pescadores e artifices emprehenderam instruir, e converter o mundo: o methodo que seguiram era mui simples; prégavam sem arte, mas com um coração penetrado, e de todos os milagres com que Deus premiava a fé, que n'elle tinham o mais evidente, foi a santa vida que fizeram... A historia d'estes primeiros tempos é um prodigio continuado.» Ouçamos agora o que diz o incredulo Bayle: «O evangelho prégado por gentes sem nome, sem estudo nem eloquencia, cruelmente perseguidos, e destituidos de todo o humano valimento, nem por isso deixou de se estabelecer em breve tempo por toda a terra; facto este que ninguem ha que possa negar, e que nos está mostrando que foi obra de Deus.»

Soou no universo a palavra apostolica. Proclamada foi a liberdade do homem. O forte poz em liberdade o fraco. A mulher sahiu da condição abjecta, e tomou ao pé do marido o logar, que Eva occupava ao pé d'Adão antes de sua quéda, e tornou a ser sua companheira.

Jesus Christo tendo libertado o homem, o homem libertou o escravo. A igualdade perante Deus era caminho para a liberdade perante a lei. Jesus Christo assim o tinha ensinado, dizendo: «O filho do homem não veio para ser servido, mas sim para servir.» Ninguem mais se atrevia a tratar, como se foram animaes, ou cousas, aquelles que o divino redemptor havia resgatado com seu sangue, e que tinham no céo o mesmo pai, e na terra o mesmo salvador.

Revelou-se a caridade christã.

Homens que repelliam as injurias, perdoando a perseguição, rogando por seus perseguidores; mulheres que amamentavam aos peitos os filhos de seus inimigos que se achavam ao desamparo, elles e ellas graves e decentes em sua linguagem, sublimes no amor que tinham ao proximo, deviam necessariamente embrandecer o egoismo, e o orgulho que se haviam enthronisado nas nações. Os divinos attractivos do christianismo, os encantos de sua doçura e benevolencia justificam a cada passo as seguintes palavras do redemptor: «Bemaventurados os que são dôces, porque d'elles será a terra.» E com effeito, familias, aldeias, e cidades inteiras vinham alistar-se continuamente debaixo do estandarte da cruz.

JESUS CHRISTO (Imagens de). Ha poucos annos que o engenho especulador d'um ocioso pintor de Pariz creou, copiando d'um typo idèal, uma bella imagem d'homem. Deu-lhe aos olhos a languidez sympathica da ternura; as faces contornou-lh'as de linhas harmoniosas; ondulou-lhe os cabellos, como era fama que assim os hebreus os tinham, e rematou a sua obra, muito longe de ser correcta, intitulando-a *verdadeira imagem de* Nosso Senhor Jesus Christo.

E o certo é que as lithographias francezas responderam ao pensamento lucrativo do inventor, derramando sobre o mundo catholico milhares de imagens, authenticadas por não sei que legendas cavadas em ruinas, que Chateaubriand não viu, nem os nossos zelosos franciscanos em Jerusalem noticiaram.

Qualquer taboleta de paineis fez provisão da imagem, e o publico concorreu ao mercado, a saciar a vista e a boa fé do coração n'aquelle fiel retrato do Redemptor do mundo, a quem nas horas da oração devia ser consolador elevar-lhe os olhos, como á vera effigie do espirito de Deus, no seu involucro doloroso da carne.

Ainda hoje são procurados estes paineis, e não será estranho acontecimento que outro francez ámanhã, cavando novas ruinas, reproduza umas novas feições, e faça jus a um novo commercio com a innocente credulidade dos menos avisados.

Parece a proposito avisar o leitor, que precisar de aviso, sobre o que ha crivel nos retratos que a pintura nos dá de Jesus Christo.

As actas do concilio de Nicêa, reunido para decidir contra os iconoclastas, fallam d'um retrato, que, contra todo o verosimil, o proprio Christo enviára a Abgar, rei d'Edessa, e d'um outro quadro miraculoso, existente em Béryta, onde o Salvador era figurado de pé; e tambem menciona uma estatua de bronze, erigida a Jesus, por uma das mulheres curadas, e pulverisada pelo apostata Juliano, quando quiz, no mesmo local, erguer a sua, destruida immediatamente pelo fogo celeste.

A authenticidade d'estas imagens é duvidosa.

Não é averiguado entre os artistas que alguma vez existisse uma imagem authentica de Christo. Os typos que lhe consagram os pintores e esculptores, depois que as artes se aperfeiçoaram, é por consequencia duvidoso. Quando, no v seculo, a philosophia pagã suspendeu a crueza dos seus flagellos impotentes contra o espirito christão, e ao circo dos leões succedeu o templo, e aos subterraneos do culto o altar, e o sacrificio em pleno dia — a pintura e a esculptura, chamadas a aformosear as ceremonias e os symbolos, eram tão rudes e barbaras no seu mesquinho desenvolvimento, que de tudo o que podiam nos deixaram um triste documento nas figuras traçadas sobre os sarcophagos e medalhas. Ora, não vai tão longe o seculo v, que não possamos estudar o especimen da esculptura contemporanea nas figuras monstruosas, que difficilmente acreditaremos que eram humanas na imaginação dos artistas.

Não é d'esses esboços imperfeitissimos que Nicolau de Piza, e os que decorreram até Leonardo de Vinci, se inspiraram para crearem o typo de Christo. Dos escriptos dos papas da igreja é que, mais naturalmente, se serviram, e, com especialidade, talvez, do patriarcha de Constantinopla Nicephoro, que descreve assim a physionomia do Salvador:

«Estatura elevada, e gesto de tal sorte grave, que quantos se aproximavam, amavam-no e temiam-no. Seus cabellos, repartidos na testa, segundo o uso dos nazarenos, tinham a côr d'uma avellã madura, e eram lizos e abundantes. Alastrados sobre os hombros, arqueavam-se em ondas, até terminarem em caracoes. A testa era espaçosa, e o aspecto sereno, sem rugas nem nodoas. As faces eram docemente coloridas, e a bocca e o nariz perfeitos. Em todas as suas feições era insculpido um sensivel caracter de constancia e de verdade. Tinha grandes e brilhantes os olhos: era terrivel a sua expressão quando reprehendia; affavel e dôce quando exhortava. A alegria tinha em seus labios uma gravidade propria: ninguem o viu rir, e seus olhos estavam sempre embaciados de lagrimas. Fallava pouco; mas sempre com dignidade; por seu mesmo exterior, parecia altear-se sobre a fórma humana.»

Seria impossivel ao primeiro pintor, como o foi a Miguel Angelo, revelar com o pincel esse typo que S. Nicephoro expôz subordinado a feições ideaes. Quando Leonardo de Vinci, no admiravel quadro da *Cêa*, pintava a mais bella cabeça, que phantasiaram homens, era a arte operando, segundo as tradições escriptas, e imperfeitamente figuradas. Era Phidias traçando o typo de Jupiter olympico.

«Toda a pintura — diz um collaborador do *Diccionario catholico* — que

não tiver, como a de Leonardo não tem, o caracter israelita marcado por todas as feições physicas, e moraes, que constituem o homem por excellencia, isento de vicios e dotado de todas as virtudes, o homem, não alterado nas proporções por uma enfermidade da alma ou trabalho do corpo... tal pintura não tem direito á nossa fé e admiração.»

Não restringiremos tanto o rigor da arte em nossos respeitos ás variadissimas imagens que temos de Jesus Christo, mais ou menos modeladas pelas de Raphael, Carrache, Carlo Dolce, Holbein, e Miguel Angelo. Todas ellas nos excitam o fervor da oração; e se os olhos, mais attentos, fixam n'esta imagem os traços afflictivos, que aquell'outra não tem, ha dentro em nós aquelle olhar do espirito, que procura no throno dos céos, o ente supremo, cuja imagem é impossivel no pincel e na concepção dos homens.

O fim d'este conciso artigo, sobre um assumpto de mais amplas lucubrações, é mostrar a falsidade dos retratos, que se attribuem á figura de Jesus Christo, sejam seus authores quem forem, porque todos elles são pura invenção; trabalhos d'uma «iconologia» sempre imperfeita, como deve ser a intelligencia do homem traçando os caracteres da divindade.

JESUS (Frei Thomé de). Professou no convento da Graça de Lisboa, em 1544, tendo nascido em 1549. Acompanhou D. Sebastião á Africa, onde ficou ferido e captivo, e assim morreu, depois de grandes virtudes e enormes tormentos nas masmorras de Marrocos e Mequinez, em 1582, com 53 annos de idade. O seu celebrado livro intitulado *Trabalhos de Jesus*, muitas vezes impresso, é assim conceituado pelo sabio bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo:

«Em quanto a companhia se foi gozar e admirar a matta de Penhaverde e seus arredores, alguma indisposição me obrigou a ficar em casa. Puz-me a lêr os *Trabalhos de Jesus*, por fr. Thomé de Jesus, na primeira parte impressa em 1602; e occorreu-me o lançar aqui por escripto o conceito que faço d'este livro, no que diz respeito á substancia, ao estylo e linguagem.

«I. Em substancia é este livro uma admiravel *massa* de ponderações mysticas e de exaltados affectos, que só podiam nascer de um entendimento absorto nas cousas santas, e de um coração abysmado em um mar de amor de Deus, e assombro das obras divinas, principalmente tocantes á redempção do homem por Jesus Christo. Pasma o leitor na consideração de tamanho fervor de piedade; e conclue que esta virtude não póde estar em grau mais subido do que estava no espirito de fr. Thomé de Jesus.

«Rende-se elle de tal modo, humilha-se, aniquila-se tão inteiramente, que parece que de todo desterrou de si estimação propria: pensa, falla de Deus com tal respeito, com veneração e adoração tão soberana, que parece que o homem ácerca do ser infinito, não devendo menos, tambem não póde mais. Tal era o habitual conceito que elle tinha de Deus, e d'este nascia o que tinha de si; pois alcança-se que tirando os olhos d'aquella incomparavel alteza, e descendo-os ao seu proprio sujeito, não achava senão vileza e nada. Assim ajuntava em summo grau a sua desestimação e a estimação das cousas divinas: derivando estes affectos de uma unica origem.

«Em divina philosophia, acho que ninguem póde ir mais longe, e que a pouquissimos é dado tanto. A philosophia humana, que se présa de mais sobria e é mais fria, notará certo encarecimento, quererá rebater certas exagerações, se não nas idéas e affectos tocantes a Deus, ao menos nos tocantes ao homem. Um gosto muito medido e muito circumspecto recusará tamanha reproducção dos mesmos pensamentos, tal prolixidade em os explicar; e lembrar-se-ha de reduzir o livro á quarta parte do volume.

«Mas é preciso advertir que esta repetição prolixa seria muito mais de rejeitar em um livro que fosse tratado unico, do que n'este, que pro-

priamente é um apontoado de tratados, que devem ser lidos por outras tantas vezes em separado. E por mais que os sobrios philosophos glosem as hyperboles, requeiram nas idéas a grandeza natural, estranhem que os pensamentos do author deixem tanto de ser humanos; mal podem deixar de ter alto respeito á piedade que o seu livro inculca, e de confessar a utilidade religiosa da obra. Da fogueira immensa de affectos santos, devem saltar para o coração dos leitores algumas faiscas, que n'elles prendam, e tambem os aqueçam a seu modo com amor divino. Este effeito tem na verdade sido observado pela experiencia; e d'aqui tem procedido o alvoroço, com que tantas nações trataram de o traduzir no idioma proprio. E tal é o seu essencial merecimento, que posto que boa parte proceda da linguagem original, o livro ainda deve ser muito interessante e proveitoso, depois de se passar para outra.

«II. Bem longe está o estylo de ser curioso e trabalhado. Não póde ser tal o da paixão, e paixão tão exaltada. Como ella, ou antes como o coração o dictou, assim correu ardente. e com alguma desordem. As metaphoras não podem ser mais, nem mais encarecidas, nem tambem mais proprias e formosas. Abundam todas as figuras vehementes. Em fim, é o estylo do enthusiasmo, mas enthusiasmo bem distante de delirio, e sempre agradavel. Nem aquelle coração podia sentir, nem aquella penna devia escrever de outro modo; e é preciso confessar, que entre os pensamentos e a locução que os veste, ha perfeita accommodação. Comparando esta obra com a *Imitação* de Kempis, parece-me que ambas são estimaveis no mesmo grau, e ambas religiosamente uteis; e que se Kempis é mais lido, a razão não está na obra, mas na lingua mais geralmente conhecida. Em ambas os affectos dominam por igual: a imitação é mais branda e singela, nos *Trabalhos de Jesus* ha mais força e riqueza; mas não ha todavia maior irregularidade: por ultimo fr. Thomé não tem de Kempis outra differença que phantasia mais ardente.

«III. A linguagem é pura, e tem a dignidade e plenitude que era de esperar de um homem nascido entre nobres, e creado na ultima metade do seculo XVI. Ainda quando a razão de ser energico o faz descer ao familiar e commum, desce sem cahir nem se abater. Alguma falta de correcção tem desculpa, porque acrescenta a naturalidade, e sente-se proceder do impeto de espirito: e é bem compensada pela copia de termos e ousadia feliz das metaphoras, que ao mesmo tempo que enriquece a memoria do leitor, lhe faz conhecer e admirar o que admitte e o que póde a lingua portugueza. N'esta parte de atrevimento e belleza de metaphoras, vence indisputavelmente todos os nossos escriptores de prosa: e se em fr. Luiz de Sousa o gosto se satisfaz mais, o estudioso do idioma não aproveita tanto: e se Vieira não é menos abundante, e é mais regular, na audacia metaphorica fica inteiramente a perder de vista. E quem, no que toca á prosa portugueza, sobresahe a Vieira e a Sousa, mais ninguem lhe resta entre os nossos, de que possa ganhar victoria.»

JOGO. «Os jogos são tão antigos como o tempo, e porque este passa e não torna, não sei se com razão, ou sem ella, se chamaram passatempos. Os primeiros jogos que inventaram os homens, foram a luta, os cestos, a clava, a lança, a pella, o troia, a que nós chamamos canas, o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estádio, o saltar os vallos, o nadar vestido d'armas, e outros semelhantes; cujo exercicio era tão util para a saude, e robustez do corpo, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos, de que vive, e se conserva o mundo. Foram inventores d'estes jogos Hercules, Pytho, Theseu, e outros heroes, de quem os tomaram os gregos e romanos. Sendo porém o principal premio dos que venciam, não o dinheiro, senão a honra e fama; e es-

ta era tão gloriosa nos jogos, que se chamavam sagrados, que se não dava a corôa ao vencedor, senão á patria. E sendo estes jogos dos gentios tão honestos, tão racionaes, e tão sisudos, que affronta é dos christãos, que tomassem d'elles os dados, e cartas, nos quaes, como notou antes de nos conhecer Marco Tullio, nenhum lugar tem a razão, e o juizo, senão a temeridade, e o acaso. N'estes dous jogos, ou latrocinios da cubiça, o menos que se perde é o dinheiro, posto que seja com tanto precipicio e excesso; como chora a ruina de muitas familias, em que os filhos primeiro se veem desherdados, que orphãos, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas em lugar de dotadas roubadas... É prognostico certo, confirmado pela experiencia, que virão a não ter que comer os que frequentarem o diabolico invento do jogo.» (Vieira, *Sermões*).

JUDÊA. (Veja TURQUIA DA ASIA).

JUDEUS (Dispersão dos). 1. Lembremo-nos da prophecia de Daniel: «O Christo será condemnado á morte, e o povo que o ha de renunciar jámais será seu povo.

«Uma nação, guiada por um chefe que ha de vir, destruirá a cidade e o santuario; e tal guerra ha de acabar em ruinas e completa assolação.»

Jesus propriamente havia dito a Jerusalem, chorando-a: «Se tu ao menos, n'este dia que te é concedido, adivinhasses o que te póde advir da salvação e paz! Mas os teus olhos nada descortinam. Tempo virá para ti em que teus inimigos te hão de cercar, apertar e cingir por todas as partes; prostrar-te-hão e aos teus filhos que são em teu seio; não ficará de ti pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo em que Deus te visitou.»

«Quando virdes — disse Jesus aos seus discipulos — um exercito cercar Jerusalem, sabei que está perto a hora do assolamento. Que então fujam para as serras os moradores da Judêa, e os que moram no seio da nação d'ahi se retirem, e os que estiverem nas fronteiras do paiz não se internem n'elle. Chegados são os dias da vingança, a fim de que se cumpra o que as Escripturas predisseram... Este paiz será assoberbado de desditas, e a colera do Senhor ruirá sobre esse povo. Seus moradores serão levados captivos a todas as nações, e Jerusalem será sopesada pelos gentios, até que o tempo das nações seja cumprido.»

Para vermos até que ponto se realisaram taes prophecias, basta consultar a historia da guerra judaica contra os romanos, escripta por Josepho, obra divulgada por ordem de Tito, que a subscreveu de seu proprio punho.

Esta narrativa é confirmada pela noticia que Tacito nos deixou d'aquella guerra, começada trinta e seis annos depois da morte de Jesus Christo, e prolongada por espaço de meio seculo.

Os mais sinistros prodigios e enormes calamidades a precederam. «Viu-se, narra Tacito, scintillarem armas no céo, e lá rebaterem-se uns contra outros flancos de batalhas. Uma labareda, irrompendo de entre nuvens, alumiou esplendidamente o templo; abriram-se de subito as portas; e, simultaneamente, uma voz, que a todas se avantajava, bradou que os deuses se afastavam, e como que resoava o rumor de corpos que se retiravam.»

Josepho, que particularisa estes e outros prodigios, conta com maior exactidão, fallando do ultimo, que se ouviu estrondo no templo onde estavam os sacrificadores, por noite de festa solemne, e logo depois, se ouviu uma voz que dizia assim: *Saiámos d'aqui.*

E Jesus Christo havia dito: «Apparecerão cousas espantosas no céo, e haverá signaes extraordinarios. Quando ouvirdes fallar de guerras e sedições, não vos apavoreis, porque é mister que taes cousas succedam de antemão, e não serão as ultimas.»

2. Na Judêa, todas as cidades viviam em agitação de guerra intestina. Se as armas romanas lhes davam fô-

lego, logo essas cidades se reciprocavam hostilmente. Taes divergencias reinavam principalmente em Jerusalem, e no historiador que as contou se devem estudar as espantosas consequencias.

Após numerosas batalhas, em quanto os romanos entre si se degladiavam, ou se arrostavam com o estrangeiro, Vespasiano, acclamado imperador pelo exercito, encarregou seu filho Tito de continuar a guerrear os judeus.

Tres facções se dilaceravam em Jerusalem, e só se reconciliavam para combater o inimigo nas muralhas. A onda do sangue até no templo espadanava; os sacrificadores eram immolados com os offertadores das victimas.

No interior da cidade reinam alternadamente o ferro e o fogo. Quantidade incrivel de trigo é devorado pelas chammas, e horrenda fome sobrevem. Debalde Josepho, em nome de Tito, exhorta repetidas vezes os judeus a se renderem; em vão lhes brada: «Salvai a cidade santa! salvai o templo! salvai a maravilha do mundo, que Tito vê com pesar destruida; salvai a nação, e salvai-vos com ella.»

Debalde o proprio Tito, posto em ponto d'onde o ouvissem, lhes insta que se aproveitem de sua clemencia, e cessem de ennodoar com abominações o sagrado recinto: a audacia dos judeus recresce na proporção das instancias.

No emtanto, apesar de todos os prodigios de coragem que póde operar a mais obcecada temeridade, e o mais feroz desespero, Jerusalem, assediada mais apertadamente, tocou a extrema da miseria, a ponto de uma mãi comer seu filho.

Tito jura sobverter nas ruinas tão detestavel cidade; todavia, deseja que se conserve o templo; mas, a despeito das suas ordens, um soldado lhe lança fogo. Antes que as labaredas calassem no interior, Tito penetrou no santuario, admirou o famoso templo, e, forçado pelas chammas, houve de fugir, sem ao menos poder extinguir o incendio, e obstar á inteira destruição do edificio.

Os romanos apoderaram-se da cidade levando tudo a ferro em geral mortandade. Jerusalem é reduzida a cinzas. As torres e fortalezas, para onde os judeus se refugiaram, ainda campeavam de pé. Tito, depois de lhes contemplar a extraordinaria grandeza, e o enorme tamanho das pedras, e a arte com que se entresoldavam, exclamou: «Bem se está vendo que Deus combateu de nossa parte, pois com humanas forças não levariamos isto a bom exito.» Fez Tito arrasar aquellas fortificações desde os cimentos, e só deixou de tudo tres soberbos torreões que servissem de monumentos.

Josepho calcula em noventa e sete mil os prisioneiros; e, segundo elle, o cerco de Jerusalem custou as vidas de mais de um milhão de homens. Multidão de judeus, convergente de toda a parte, a celebrar a Paschoa, se achou envolta n'esta guerra; porém, os christãos, conforme o dizer de Eusebio, instruidos pelas predicções do seu divino mestre, se retiraram entrementes a Pella, situada em montanhas, nas fronteiras da Arabia e Judêa.

O que fica referido mostra a exactidão das prophecias cumpridas. A justiça e o poder divinos estão por tanta maneira gravados em todos estes successos, que nem o proprio Tito duvidou reconhecel-os, como de causa superior e força sobre-humana.

3. Quiz o imperador Julião, ao diante, desmentir as prophecias de Jesus Christo ácerca dos judeus e da destruição do templo. Principiou por lhes escrever uma carta, que ainda subsiste, na qual, depois de se encommendar em suas orações, lhes annuncia que é chegado o tempo de restaurar suas ceremonias, leis e famoso templo. E, sabendo que a lei judaica não permittia sacrificar fóra de Jerusalem, e no templo arrasado por Tito, Julião lhes prometteu reedificar-lh'o. «Porém, em quanto Alypio, auxiliado pelo governador da provincia, aferventava a obra, terriveis globos de fogo romperam os alicerces, abalados por tremores repetidos, e tornaram o lugar inaccessivel aos operarios, que

por muitas vezes sahiram queimados; de modo que, as labaredas os fizeram desistir da empreza.»

É Ammiano Marcellino, amigo e partidario de Julião, quem nos conta o acontecimento. Outros historiadores o particularisam mais detidamente.

Assim pois se manifestou o poder de Deus.

4. Pelo que respeita á expulsão dos judeus de Portugal, vejamos a narrativa do snr. Pinheiro Chagas:

«O principio do reinado do senhor D. Manoel não tardou a ser assignalado por um acto de tal fórma odioso, que basta para empanar todos os esplendores d'este periodo feliz, e para estampar indelevel estygma na fronte do soberano, a quem chronistas sem alma nem criterio chamaram Grande, como outr'ora historiadores de iguaes quilates chamaram Grande a Luiz XIV, que assignou a revogação do edito de Nantes, expulsando de França os huguenotes, que eram para esse paiz, o que foram para Portugal e Hespanha os judeus e mouros, a vida e a alma da industria, do commercio e da agricultura.

«Dissemos, quando tratamos do reinado de D. João II, que não fôra o principio abstracto da tolerancia, mas sim o seu superior instincto administrativo, que dictára as leis protectoras dos judeus. Não exijamos nunca dos homens, por muito grandes que sejam, qualidades muito superiores ás do seu tempo; já é bastante, já é muito quando vão tão adiante d'elle, como ia D. João II. Mas o homem que vestia cilicio e usava disciplinas, não podia ter para com os judeus tolerancia, que ainda no seculo XVIII a não mostrava a essa raça infeliz o proprio Frederico II da Prussia, o amigo de Voltaire, o sceptico monarcha, pouco menos que atheu!

«Portanto, D. João II, se insistiu em receber os judeus em Portugal, apesar da opposição do seu conselho, exigindo oito cruzados por cabeça, concedendo-lhes oito mezes para aqui se demorarem, e apenas quatro cruzados por cabeça para aquelles que desejassem aqui ficar, no caso de serem bons latoeiros ou armeiros, ou destros em qualquer outra das artes mecanicas, não foi, comtudo, tão illustrado que tivesse exactamente um procedimento inverso do de Fernando e Isabel. Ou porque cedesse a um resto de fanatismo, ou porque entendesse dever condescender n'esse ponto com a opinião publica, tão opposta aos judeus, o que é mais natural, D. João II, concedendo o praso de oito mezes aos judeus para sahirem dos seus dominios, ordenou ao mesmo tempo que fossem vendidos como escravos os que, declarando que não queriam aqui ficar, fossem encontrados em Portugal, depois d'esse praso. Ora os officiaes encarregados de fornecerem aos judeus navios para sahirem do reino, e os capitães d'esses navios, praticaram com os judeus as maiores exacções e violencias, tratando-os tão mal ou peor do que os mouros da Barbaria, roubando-os, violando-lhes as filhas e mulheres, e fazendo-lhes toda a casta d'insultos que Damião de Goes estygmatisa com energia, o que nos consola um pouco dos *piedosos estragos* de Ruy de Pina. É verdade que por isso Ruy de Pina morreu honrado e respeitado por todos, em quanto Damião de Goes teve que soffrer as atrozes perseguições da inquisição, e isso, ainda assim, apesar da cautela com que o chronista de D. Manoel trata as questões perigosas.

«Ora, em consequencia dos maus tratos, a que se expunham, uma grande parte dos judeus não poderam sahir do reino dentro do praso marcado, e, por conseguinte, D. João II mandou cumprir a lei; mas, tolerante ainda n'esse rigor, executou-a brandamente. D. Manoel, quando subiu ao throno, talvez unicamente para destruir o que D. João II fizera, derogou-a. Abençoado seria elle pela posteridade se todos os seus actos, dictasse-os o capricho ou o pundonor, se moldassem por este primeiro.

«Dizendo que D. João II executou pouco rigorosamente uma lei, que elle reconhecia absurda, e não pro-

mulgára senão para condescender com o voto do seu conselho e os escrupulos d'uma consciencia indecisa, não supponham os leitores que nos cega a admiração que votamos a esse homem verdadeiramente grande. Ainda que Damião de Goes o não contasse, bastava-nos a authoridade de Coelho da Rocha, o erudito e intelligente investigador da historia da nossa legislação, que, a pag. 150 do seu *Ensaio sobre a historia da legislação e governo de Portugal*, declara que o governo não insistiu na pena da escravidão. É verdade que acrescenta que ainda se tentou tirar-lhes os filhos para os mandar á ilha de S. Thomé, mas isso mesmo se não realisou.

«D. Manoel, pois, deixou os judeus hespanhoes residirem no reino, protegidos, como os judeus portuguezes, pelas leis do paiz. Começava o seu reinado com os mais felizes auspicios. Não devia infelizmente perseverar assim. O amor, estranha cousa! foi o amor que trouxe aos judeus a ruina.

«Desde que D. Isabel viera para Portugal como noiva do mallogrado principe D. Affonso, entre os muitos a quem encantou a suave gentileza da filha dos reis catholicos, não foi o joven D. Manoel, então simples duque de Beja, o que menos se deixou impressionar. Encarregado de a ir receber á fronteira, viu-a antes que a visse o principe seu destinado noivo. Tão radiante formosura feriu-lhe o coração, mas comprimindo esse amor que era um crime, D. Manoel acompanhou respeitosamente a Extremoz a mulher que elle desejaria para esposa, e que a sorte lhe dava para sobrinha.

«Quem poderia adivinhar o tenebroso drama, que se agitou no espirito d'este dissimulado moço, que tivera animo de beijar a mão d'el-rei ainda tinta no sangue do duque de Vizeu, quando o pobre moço, que era para elle um duplo obstaculo, succumbiu tão desastradamente? Derramou lagrimas sentidas sobre o cadaver do principe herdeiro o duque de Beja, que fôra, desde a infancia, seu companheiro de casa e mesa. Queremos acreditar que essas lagrimas foram sinceras, mas depressa as devia enxugar o pensamento de que, morto o principe, abria-se-lhe a dupla e radiosa perspectiva do amor de Isabel, de novo livre, e da corôa de Portugal, que era no seculo XV das mais invejaveis da christandade.

«Uma d'essas duas esperanças não tardou a realisar-se: D. João II falleceu, e D. Manoel subiu ao throno. Agora que podia offertar a D. Isabel a corôa, que a morte de D. Affonso lhe fizera perder, não pensava D. Manoel senão em obter a mão da mulher que idolatrava. Fernando e Isabel, desejosos de contrahirem uma alliança com a casa real portugueza, e ignorando o amor secreto que devorava o coração de D. Manoel, mandaram-lhe offerecer uma outra das suas filhas, a infanta D. Maria. D. Manoel rejeitou a offerta, declarando então que amava a infanta D. Isabel; os reis catholicos aceitaram jubilosamente a proposta, que lhes rasgava de novo, para a sua filha predilecta, a perspectiva ambiciosa de tão magnifico throno.

«Mas D. Isabel amára, com todo o ardor das primeiras inclinações, o principe D. Affonso, tão semelhante a ella em idade e em gentileza. Não cessára de o prantear, e os escriptores contemporaneos celebram a sua casta viuvez. Pedro Martyr, na sua *Opus Epistolarum*, epistola 171, datada dos fins de 1496, e dirigida, segundo parece, a um portuguez, diz o seguinte: *Mira fuit hujus fœminœ in adjiciendis secundis nuptiis constantia. Tanta est ejus modestia, tanta vidualis castitas, ut nec mensâ post mariti mortem comederit, nec lauti quidquam degustaverit. Jejuniis sese vigiliisque ita maceracit, ut sicco stipite siccior sit affecta. Suffulta rubore perturbatur, quandocumque de jugali thalamo sermo intexitur. Parentum tamen aliquando precibus, veluti olfacimus, inflectetur. Viget fama, futuram vestri regis Emmanuelis uxorem.*

«Quem assim se macerava, e passava a existencia em lagrimas por causa da morte do primeiro marido,

não podia estar disposta a contrahir segundas nupcias. Effectivamente, debalde os paes insistiram, debalde el-rei D. Manoel lhe pintou, por embaixadores, a paixão que ella lhe inspirára, D. Isabel ficou inflexivel. A final tanto se obstinaram os paes que a princeza consentiu, pondo comtudo ao seu consentimento a mais inesperada e mais horrivel condição: exigia ella que D. Manoel expulsasse do seu reino os judeus; á tolerancia com que D. João II os tratava attribuia a fanatica e desgraçada princeza os infortunios da casa real.

«Tinha a futura rainha no caracter a mesma nodoa de fanatismo, que empanava as brilhantes qualidades de sua mãi; era hereditaria na familia aquella sombria tendencia. Parecia que Torquemada os educára a todos.

«Infelizmente el-rei D. Manoel ou tinha já o espirito eivado tambem pelo fanatismo, ou tinha coração bastante fraco ou bastante devorado pelo amor para assim sacrificar milhares de familias ao sorriso d'uma mulher. «É talvez este — diz Prescott — o unico exemplo de ser o amor um dos milhares de motivos pelos quaes se perseguia esta desgraçada raça.»

«Lisonjeia comtudo Prescott o nosso monarcha quando suppõe que o seu espirito liberal se revoltava contra esta medida impolitica; a prova de que isso assim não era é que, não contente em expulsar os judeus como a sua noiva lhe pedia, expulsou tambem os mouros, precedendo, n'essa outra medida não menos impolitica, os seus fanaticos visinhos.

«Vimos que D. João II, contra a opinião d'uma parte do seu conselho (que não era de certo a maioria, como Ruy de Pina o quer dar a entender, sem o dizer expressamente), admittira os judeus no reino; agora era contra o voto da maioria do seu conselho, imbuida nas sãs tradições da politica do *principe perfeito*, composta dos discretos auxiliares da sua sabia administração, era contra o voto da maioria que D. Manoel tomava a medida de que tratamos. A minoria estupida regalava-se de dizer absurdos com applauso do presidente, e Ruy de Pina esfregava as mãos de satisfeito, mas não sabia de certo como conciliar esta resolução de D. Manoel, mirifica no seu entender, com a sua celebre theoria de que é menos censuravel proceder sem conselho do que contra conselho, theoria de que elle fizera, segundo vimos, uma tão apropriada applicação.

«Vejamos em Damião de Goes, que mal disfarça a sua sympathia pelos opprimidos, a discussão que se travou no conselho, e espantemo-nos ao observar com que frivolos e estupidissimos argumentos se combatiam e se venciam as razões sensatas, allegadas pela maioria.

«E não se supponha que estamos julgando segundo as idéas do nosso tempo, homens que pensavam e decidiam segundo as idéas do seu; não! indignamo-nos ao vêr que no seculo XVI havia quem defendesse com solidas razões a causa da verdade e da justiça, e que o rei D. Manoel não os attendia, não attendia aos velhos conselheiros de D. João II, para dar ouvidos aos fanaticos, a quem D. João II nem se dignava responder, mas que lisonjeavam a paixão intensa de D. Manoel.

«O capitulo de Damião de Goes, que vamos transcrever, cotejado com os trechos de Ruy de Pina, que transcrevemos anteriormente, é o documento que nos serve para condemnarmos D. Manoel, como nos serviu para glorificarmos D. João II.

«Depois que os reis de Castella—escreve o illustre chronista, amigo de Erasmo, e victima da inquisição—lançaram os judeus de seus reinos e senhorios, como atraz fica dito; el-rei D. Manoel, requerido por cartas dos mesmos reis, determinou de fazer o mesmo; mas, como o negocio fosse de qualidade para se d'elle não tomar resolução sem bom conselho, houve sobre isso varios pareceres, porque uns diziam que pois o Papa consentia esta gente em todas as terras da igreja, permittindo-lhes viverem em sua lei, e que o mesmo faziam todos os principes e republicas d'Italia, e

Hungria, Bohemia e Polonia, o que se podia cuidar que não faziam sem causa, a cuja imitação, em toda a Allemanha e outros reinos e provincias de christãos, os deixavam tambem viver, que causa haveria para os lançarem do reino que não repugnasse com a razão que est'outras nações tinham para os consentirem, e que além d'isso pelos lançarem da terra, nem por isso lhes davam aso de nas alheias se tornarem christãos, mas antes, se se fossem para a dos mouros, se perdia de todo a esperança de nenhum se converter, o que muitos d'elles, vivendo entre nós, movidos de nossa religião e do bom uso d'ella, se podia esperar que fizessem, e que havia ainda n'isto outros inconvenientes, porque, além dos serviços, e tributos que el-rei perdia, ficava obrigado a satisfazer ás pessoas a que elle e os reis passados d'elle fizeram mercê, e que não tão sómente levavam comsigo da terra muitos haveres e riquezas, mas ainda, o que era mais d'estimar, levavam subtis e delicados espiritos com que saberiam dar aos mouros os avisos que lhes necessarios fossem contra nós, e sobretudo lhes ensinariam seus officios mecanicos, em que eram muito destros, principalmente no fazer das armas, do que se poderia seguir muito damno, trabalhos e perdas, assim de gente, como de bens a toda a christandade. Este foi o parecer e opinião d'alguns do conselho, a que outros repugnaram, dizendo que bem era verdade o que diziam, mas que os reis de França, Inglaterra, Escocia, Dinamarca, Noruega e Suecia, com muitas outras provincias visinhas a estas, e todo o estado de Flandres e Borgonha não lançaram os judeus d'entre si muitos annos havia sem para o fazerem terem boas causas e de receber, e que o mesmo se devia cuidar dos reis de Castella, o que bastaria para haverem de lançar esta nação fóra do reino, tanto mais que não parecia bom conselho estando estes reinos cercados dos de Castella, e os de Castella dos de França, permittirem-se n'elles judeus, sendo lançados das terras de taes visinhos, e tão poderosos, os quaes poderiam tomar a mal parecer-nos que tinhamos melhor conselho em deixar viver esta gente entre nós do que elles tiveram em os lançarem de si, o qual desgosto por ventura teriam secreto para, quando vissem tempo opportuno, abrirem as azas á tyrannia, e, debaixo de côr de catholicos e christianissimos, nos fazerem o mal e damno que podessem (!) e que sobretudo o bom conselho era perder a saudade a todos os proveitos e tributos que se d'esta gente tiravam, e pôr o interesse em só Deus e na sua santa fé, porque elle dobraria com suas mercês o que se n'isto perdesse, e que pois este negocio por sua vontade viera a se pôr a determinação do conselho, que a resoluta conclusão d'elle fosse lançarem logo do reino aquelles que não quizessem receber as aguas do baptismo, e crêr o que crê a igreja catholica christã. Na qual opinião e parecer foi el-rei, sem ter conta com o que se n'isso perdia, nem com as satisfações que ficava obrigado a fazer, como depois por inteiro fez. E logo se assignou tempo certo para a notificação d'este negocio, o qual foi declarado e publicado, estando el-rei ainda em Muge, no mez de dezembro de 1496 em prégação que se sobre isso fez, e não tão sómente se assentou no conselho que os judeus se fossem do reino com suas mulheres e filhos, mas tambem os mouros, pelo mesmo modo, para o que lhes el-rei limitou logo a todos tempo certo, e nomeou portos seus de seus reinos para suas embarcações.»

«Era primeiramente á simples expulsão dos mouros e dos judeus que se limitava a condescendencia de D. Manoel com os desejos do seu coração, e com os seus proprios instinctos de fanatico. Mas é terrivel pôr-se um pé na ladeira fatal do fanatismo religioso: o espirito, arrastado por verdadeira vertigem, não pára, nem sequer nas fronteiras da loucura. Ah! que terrivel é o absolutismo! que desastrosos effeitos produz a concentração do poder nas mãos d'um só homem! «Sou apenas um accidente feliz»—di-

zia Alexandre I da Russia, n'um dos seus accessos de liberalismo, á celebre M.me de Stael.—E exprimia realmente, com admiravel concisão e energia, o vicio innato do regimen pessoal. A sorte d'uma grande parte da população d'um reino dependente dos caprichos amorosos d'um homem! sacrificada a um galanteio, e depois verdadeiramente immolada, com extremos de crueldade que horrorisam, a uma febre de fanatismo que se apodera do acanhado espirito do senhor rei D. Manoel!

«Effectivamente, D. Manoel arrependeu-se logo da extrema benevolencia que mostrava aos judeus, expulsando-os pura e simplesmente dos seus estados, e, com o piedoso intuito de salvar as almas dos tenros filhos de Israel, ordenou que por todo o reino se arrancassem aos paes e ás mães as crianças judaicas de menos de 14 annos. Este decreto, quasi sem exemplo na historia das perseguições religiosas, foi lavrado em Extremoz d'accordo com o conselho, e no maior segredo, mas, como sempre alguma cousa transpirou, el-rei D. Manoel deu ordem para que a execução se fizesse a um tempo e de subito em toda a extensão do paiz.

«Póde-se imaginar qual seria a afflicção e o terror dos judeus! Este decreto execrando feria por tal fórma todos os sentimentos da natureza, que os mesmos christãos velhos, os mesmos fanaticos do catholicismo, se sentiram revoltados contra tão barbara ordem, tão friamente promulgada! Os judeus tratavam de esconder os filhos, para os furtarem ás perseguições dos rudes sicarios de D. Manoel, e muitos christãos velhos n'isso os ajudavam, porque o sentimento paternal é de todos comprehendido, e não ha pai que possa vêr com animo sereno um outro pai ser privado violentamente dos filhos do seu amor. Queremos acreditar, para honra da natureza humana, que D. Manoel, esse moço de vinte e oito annos, que logo no primeiro passo deixa a perder de vista as crueldades de D. João II, não promulgaria semelhante decreto, se já fosse casado, e tivesse filhos!

«Era pois um espectaculo miserando esse que se podia observar em todo o reino no domingo de Paschoela do anno de 1497! Aqui os judeus escondendo os filhos, ajudados por muitos christãos velhos, que se compadeciam d'elles, e sentiam, como sua, a dôr d'aquelles paes e d'aquellas mães! além outros, loucos de dôr, e levados pelo excesso do despotismo a um estado de selvageria, que se comprehende, de puro desespero matavam os innocentes, já que o destino os condemnava a separarem-se d'elles para sempre, sem esperança de os tornarem a vêr; outros suicidavam-se para fugirem d'um mundo, onde tantas infamias, tantas villanias se praticavam em nome do instincto mais nobre da creatura humana, o instincto religioso.

«E entretanto D. Manoel, com a consciencia tranquilla, redigia talvez um bilhete de amor para D. Isabel, a quem offerecia em presente de noivado, as lagrimas, a desesperação, o sangue de milhares de familias.

«Não parou ainda aqui a engenhosa piedade do senhor rei D. Manoel. Como elle marcára tres portos do seu reino para, n'um determinado praso, sahirem d'aqui os judeus, entendeu que podia, por uma devota fraude, tirar-lhes com uma das mãos o que lhes dava com outra, e forçal-os a aceitarem, com vontade ou sem ella, as aguas do baptismo. Tantos obstaculos lhes suscitou que os judeus não poderam embarcar, e a final, vedando-lhes dous dos tres portos que lhes marcára, deixou-lhes apenas um livre, que foi Lisboa. Aqui se accumularam os desgraçados em numero de mais de vinte mil, e el-rei deu-lhes por alojamento os Estáos, onde tinha depois de ser a inquisição. Porque se não lembrou D. Manoel de mandar deitar fogo ao edificio, para fazer um enorme auto de fé com vinte mil judeus? Acabava d'uma vez com essa raça proscripta, e simplificava o trabalho do sombrio tribunal que n'esse mesmo sitio se havia de estabelecer.

«Tendo-os aqui reunidos, ainda mais facil lhe foi impedir-lhes a sahi-

da. Terminou entretanto o praso, que findava em outubro de 1497, e declarou-se aos judeus que pesava sobre elles a pena da escravidão. Collocados por uma armadilha infame, entre o baptismo e o captiveiro, e a pobreza e a privação dos filhos que el-rei mandava educar á sua custa na fé catholica, os desgraçados cederam em fim e declararam-se convertidos, pedindo só a D. Manoel, que durante vinte annos se não devassasse do seu modo de vida, para se saber se cumpriam fielmente os deveres de christãos! Eram uns optimos catechumenos, e esta ultima condição de sobejo demonstrava a boa fé com que aceitavam o baptismo! A astucia respondia á astucia; era de boa guerra.

«Contra este acto infamissimo, que tão mal estreava o reinado de D. Manoel, protestou felizmente um dos nossos historiadores do seculo XVI, o Cicero portuguez, o eloquente, evangelico e sabio bispo de Silves D. Jeronymo Osorio, no seu livro *De rebus Emmanuelis.* Damião de Goes, ainda que o facto d'elle ser suspeito á inquisição por ter convivido lá fóra com os campeões do protestantismo e do livre pensamento, o obrigasse a ser um pouco mais cauteloso, não deixa comtudo de se entremostrar opposto ás medidas de D. Manoel. Transluz do seu livro uma commoção mal disfarçada, uma piedade incontestavel pelos padecimentos dos judeus, que o faro apurado dos inquisidores não deixou escapar, e que não seria das menores arguições entre as que serviram de base ao processo do chronista.

«Mas querem saber o que remata dignamente esta obra de infamia? Lembrados estão de que não foram só os judeus, mas os mouros expulsos do reino. Lembra logo perguntar porque motivo eram arrancados os filhos aos judeus e não o eram aos mouros. Sabeis o motivo? Estava simplesmente em que os judeus, perseguidos por toda a parte, por toda a parte proscriptos, sem territorio seu nem patria onde dominassem, não podiam exercer represalias; em quanto os mouros, possuidores de vastos paizes, povos guerreiros e poderosos, estavam no caso de vingar as affrontas feitas aos seus correligionarios, nos christãos que em seus dominios residissem!

«E ousaram os perseguidores confessar, no cavalheiresco seculo XVI, este motivo ignobil e cobarde! Assim, porque os pobres judeus, raça desgraçada que vagueava por todo o mundo, proscripta e sem amparo, eram fracos e desprotegidos, e não podiam recalcitrar, fazia-lhes um rei portuguez toda a qualidade de villanias, sujeitava-os ás mais incomportaveis torturas, mas não se atrevia a fazer o mesmo aos mouros, porque estes tinham quem os defendesse e quem os vingasse, e sabiam manejar a lança e a espada, e, como os leões do deserto, morreriam matando, se lhes arrancassem a prole.

«E era christão, e era cavalleiro, e era portuguez, este rei de tão baixos sentimentos, d'alma tão pequena, a quem aduladores chronistas chamaram, de certo, por antonomasia, o *Grande!*»

Distincção entre judeus e mouros em Portugal. — «Os judeus deviam trazer sobre o peito patente uma estrella de panno encarnado de seis pontas. Depois se lhe mandou usar de gorra, barrete ou chapéo amarello. Os mouros se distinguiam, além dos trajes da sua nação, por um escapulario, e signal, a que davam o nome de *almexias:* ultimamente por uma lua no hombro, que sendo em algum tempo vermelha, se lhe mandou depois usar de côr amarella, e ultimamente da mesma antiga côr.

«Quanto ao seu apartamento dos christãos: em todas as povoações em que chegavam a haver dez judeus deviam viver em bairro apartado nas suas *judarias*, ou *communas;* e aonde havia igual numero de mouros deviam ter o seu bairro, ou mouraria apartada: mandando-se fechar os mesmos bairros de uns, e outros a horas de Trindades, e tendo pena o que depois d'essa hora se encontrasse fóra das communas, ou mourarias.

«Para melhor se evitar a familiaridade d'elles com os christãos, era-lhe prohibido ter christãos por seus criados. As mulheres christãs não podiam entrar sem companhia de christão em casa, ou tenda de mouro, ou judeu, e nas suas mourarias ou communas, nem os judeus ou mouros em casa de mulher christã, sem companhia de christão. É notavel comtudo que requerendo-se a el-rei D. João II, prohibisse que os judeus algibebes fossem trabalhar para casa dos lavradores, cuja vida occupada nos campos fazia com que os mesmos judeus ficassem com as mulheres em casa, e se lhe inculcasse mesmo inconvenientes já verificados, que d'ahi se seguiam; comtudo o mesmo principe não deferisse a esta supplica, pelos outros inconvenientes que se seguiam de se distrahirem os lavradores para virem ás villas e cidades mandar fazer os seus vestidos. Eram igualmente os judeus e mouros prohibidos de exercitar officios publicos respectivos a christãos, arrendar rendas ecclesiasticas, e servirem mesmo de vedores, mordomos, reçebedores, ou contadores d'el-rei, infantes, prelados, e fidalgos. E eram tão especificas as providencias ácerca da mesma familiaridade, que nem podiam os judeus e mouros entrar nas tabernas dos christãos, uma vez que nas suas mourarias, ou communas houvesse vinho de venda.

«... Como já disse, passo a individuar os meios, por que se evitava que da mesma tolerancia se seguisse damno aos bens, e pessoas dos christãos: 1.º prohibindo áquelles com especialidade o uso de armas; 2.º regulando com leis especiaes os seus contractos com os christãos.

«Quanto ás armas: costumando os mouros e judeus sahirem a receber os nossos soberanos, suas mulheres, e filhos, quando iam ás terras, aonde os mesmos tinham os seus bairros, com as danças bem conhecidas com o nome de *mouriscas*, e *judengas*, e do mesmo modo quando iam a alguns outros regosijos publicos, ou particulares, n'estas mesmas danças lhe era prohibido usar d'armas, que não fossem fingidas, ou incapazes de offender, e nem d'aquellas, de que os christãos podiam usar.

«Quanto aos seus contractos: é immenso o numero de leis, que se promulgaram para evitar as trapaças, e onzenas, com que os judeus procuravam illudir, e defraudar os christãos. Muitas d'ellas se encontram no livro de leis antigas do real archivo, algumas encorporadas no codigo d'el-rei D. Affonso V. Com este fim se prohibia aos tabelliães dos mesmos mouros, e judeus fazer as escripturas dos contractos em hebraico ou arabico, devendo exaral-as (como se explica a lei) em lingua *ladina christengua, portuguez*. Todos os seus contractos com os christãos, e as pagas das dividas, só podiam ser feitas perante os juizes, e feitas as pagas se deviam romper logo as obrigações. As suas dividas activas não podiam ser exigidas passados vinte annos: e os juros, ainda que a mora fosse maior, não podiam exceder o capital. A elles incumbia sempre a prova das mesmas dividas, não bastando nem a confissão do devedor christão; e quando provassem só parte do que demandavam, perdiam tudo. Era-lhe prohibido fazer contractos *atempados* com christão; e para melhor evitar os conluios, e usuras dos mesmos contractos, qualquer do povo os podia accusar como taes, e receber a terça parte, provando a usura.

«... Especifico os meios, por que se procurava a conversão dos mesmos judeus e mouros, directa, e indirectamente. Directamente, obrigando-os a assistir ás catecheses, que prelados, e theologos doutos lhe faziam, e que Deus abençoou muitas vezes com a conversão dos mais sabios entre os mesmos judeus e mouros. E indirectamente: 1.º sendo obrigados a soffrer uma parte maior dos encargos do estado, em quanto persistiam na sua religião; 2.º não gozando de algumas isenções, e privilegios dos christãos; 3.º concedendo-se aos que se convertiam prerogativas ainda maiores com

relação aos antigos christãos, e resto dos vassallos.

«Quanto ao primeiro eram diversos, e assás gravosos os tributos, que eram obrigados a pagar os mesmos judeus e mouros. Elles se acham definidos a respeito dos judeus em uma lei d'el-rei D. Affonso IV, e a respeito dos mouros no foral, que lhe foi dado por el-rei D. Affonso Henriques, e na lei de 16 de janeiro da era de 1353. Consistiam estes tributos em capitações, e quotas partes dos seus fructos, além de serem obrigados a serviços pessoaes nas terras reguengas, e a venderem os fructos d'estas. Na ordenação Manoelina ainda se faz menção da quota, que os judeus pagavam antes que tivessem sido expulsos. Além d'estes direitos usavam os nossos principes a respeito dos mouros de receberem uma parte da sua herança, ou toda ella, segundo as identicas circumstancias, em que os reis mouros o praticavam, e fez averiguar el-rei D. João I, e depois D. Affonso V.

«Extraordinariamente pactuou el-rei D. João II com os judeus, que admittiu de Castella, receber d'elles por cabeça oito escudos, debaixo das condições de que se lembra D. Agostinho Manoel, e Garcia de Rezende na vida do mesmo principe.

«Quanto ao segundo, posto que os moradores de alguns lugares do reino fossem isentos de pagar portagens, passagens e costumagens, nunca este privilegio se entendia a favor dos mouros e judeus, que para este fim nunca se reputavam visinhos de qualquer lugar. Além d'isso, sendo em outro tempo bem conhecida, e praticada entre nós a lei da *avoenga*, pela qual os filhos, e netos dos que tinham alienado quaesquer bens de raiz, tinham a prelação para os comprar, caso se tornassem a pôr em venda, comtudo por uma lei d'el-rei D. João I não competia aos judeus e mouros este privilegio. Igualmente sendo escusos pelo mesmo rei os mercadores de panos dos varejamentos, prescriptos nos artigos das sizas, declarou logo não se entender com os judeus esta modificação. Não menos lhes era prohibido o uso de sêda nos seus vestidos, e a compra de bens de raiz para as suas synagogas.

«Quanto ao terceiro qualquer judeu ou mouro que abraçava o christianismo, não só ficava desde logo escuso de pagar qualquer tributo, a que até ahi estava sujeito, mas isento de ser alistado para a milicia e marinha, e escuso de ter cavallo ou armas: privilegios que se faziam transcendentes ao christão, que casasse com judia ou moura novamente convertida; comminando-se penas ao que injuriasse qualquer judeu ou mouro, depois que abraçasse a religião christã. Além d'isso não só o judeu não podia desherdar seu filho ou filha, pelo motivo de abraçar o christianismo, mas desde logo que se baptisava, adquiria direito a entrar de posse da sua legitima, ainda vivos seus paes: e se o convertido era casado, e o seu consorte ficava na infidelidade, se providenciava tambem á separação de bens entre elles. Ultimamente sendo permittido aos judeus terem escravos mouros, estes se reputavam livres logo que abjuravam o seu erro, e se lhe conferia o baptismo.

«... Passando a individuar o modo, com que os nossos soberanos exercitavam os direitos de protecção devidos aos mesmos judeus e mouros, como vassallos, e em razão da mesma tolerancia, noto: 1.º a liberdade concedida para o exercicio da sua religião; 2.º a conservação, e pratica das suas leis, e costumes; 3.º as providencias para repellir as violencias, e injurias com elles praticadas, ou intentadas; 4.º os premios com que eram distinguidos os que pela sua fidelidade, e serviços feitos ao estado, assim o mereciam.

«Quanto ao primeiro mandou el-rei D. João I cumprir aos judeus as bullas de protecção de Clemente VI, e Bonifacio IX sobre o exercicio da sua religião, e indemnidade das suas pessoas, cujas providencias se estenderam aos mesmos mouros. N'este mesmo espirito se mandou feriar aos judeus os sabbados, e as suas paschoas,

para não serem obrigados a responder em juizo, e não só se permittia, mas até mandava que o judeu convertido désse a carta de *guete*, ou libello de repudio, dentro de um anno a sua mulher, quando esta dentro do dito anno não quizesse mudar de religião.

«Quanto ao segundo se permittia a uns, e outros juizes privativos, e da sua religião, que lhe julgassem as causas, segundo suas leis e costumes: tanto mostra o regimento dado ao arrabi-mór e mais arrabis das communas, e aos alcaides dos mouros, declarados por varias leis posteriores: sendo prohibida a appellação dos seus magistrados maiores, por terem toda a alçada.

«Quanto ao terceiro bastará indicar algumas especies entre as muitas que offerecem os monumentos antigos da nossa legislação. Querendo as justiças do reino prohibir aos mouros o uso dos trajes proprios da sua nação, se cohibiu logo esta violencia. Querendo as mesmas justiças obrigar os mouros a servir na guerra quando tinham por privilegio de só conduzirem, e armarem as tendas reaes, e fazerem a sua guarda, se lhe mandou cumprir exactamente o seu privilegio. Para repellir outras iguaes violencias se mandou reconhecer o encargo com que passavam para terceiro os bens já hypothecados a qualquer judeu. Que as causas entre christão e judeu, um dos avaliadores fosse necessariamente judeu. Prescreveu-se processo particular nas causas intentadas contra os mesmos por apostasia, ou outros crimes. Revogou-se a lei, que prescrevia dentro de vinte annos as suas dividas activas, e a outra que os obrigava a receberem, e pagarem as mesmas dividas perante as justiças. Prohibiu-se que nas causas entre judeu e christão valesse o testemunho de christão, sem que interviesse o de outro judeu. E é assás notavel a decisão do aggravo interposto pelos mouros de Loulé sobre dizimos, que se encorporou no codigo Affonsino.

«N'este identico espirito não quizeram muitas vezes deferir os nossos principes ás supplicas e instancias, que um zelo amargo, e muitas vezes indiscreto, dictavam aos povos contra os mesmos judeus e mouros. Assim o praticaram entre outros D. Affonso IV, D. Fernando, D. João I, D. Affonso V, e D. João II, deixando indeferidos entre outros, de que podera lembrar-me, os seguintes requerimentos. Para os mouros não negociarem pelo reino: para as communas dos judeus, e ainda os particulares, não poderem adquirir bens de raiz: para os mesmos judeus e mouros não poderem dar aquelles bens de emprazamento a christão: para não exercitarem a medicina; nem serem rendeiros das rendas reaes.

«Quanto ao quarto ainda nos restam bastantes exemplos da consideração dos nossos principes para com alguns mouros e judeus benemeritos. Não sómente D. Fernando, D. Affonso V, e D. João II tiveram alguns judeus por seus rendeiros, D. Affonso IV por seu medico a M.e Aalle Mouro, e D. Diniz por seu ministro a D. Judaz; mas não é raro encontrarem-se provisões regias, expedidas sobre negocios geraes do reino, pelo arrabi-mór, nas ausencias, e impedimentos dos ministros do desembargo d'el-rei. Não é por tanto de admirar que a muitos judeus, principalmente aos rendeiros das rendas reaes, se lhe concedesse algumas vezes o privilegio de usarem de sêda nos seus vestidos, e não trazerem signaes. O facto comtudo mais extraordinario a este respeito é a concessão feita por el-rei D. Pedro I a D. Moysés Navarro, seu arrabi-mór, e a sua mulher D. Salva, para instituirem um opulento morgado em Santarem, com a conservação do mesmo appellido de Navarro.» (João Pedro Ribeiro).

JUIZOS HUMANOS. «No sentido lato do termo, toda a *sententia* é a expressão de um juizo, é uma *proposição*. Quererá dizer o author que toda a proposição, que enunciar um juizo de homem é *fallivel?* Não: o author, por certo, não quer dizer tal.

«Para bem entender-se o que o au-

thor quer dizer, é mister ir buscar a chave de interpretação a uma das luminosas theorias de mr. Cousin, a do *criterium* da impersonalidade da razão.

«É um facto que umas vezes julgamos como *individuos*, outras como *humanidade*.

«Quando julgamos como individuos, fazemol-o em nome da propria intelligencia; a qual, como tudo o que é individual em nós, é susceptivel de mais e menos, condicionada e finita. Em tal caso, a expressão que damos a nossos juizos, tem sempre um valor relativo; é, pouco mais ou menos, como estas: *parece-me*, *creio*, *a meu vêr*, etc. E, sempre que julgamos assim, implicitamente admittimos a possibilidade de erro da nossa parte; nem implica que seja verdadeira opinião contraria á nossa.

«Quando porém julgamos como humanidade, fazemol-o em nome e por authoridade de outra razão objectiva, universal e absoluta, que em nós apparece, sem vir de nós, sem ser propriedade nossa; razão que, sendo essencialmente a mesma em todos os homens, em todos os tempos e lugares, é o laço de unidade intellectual do genero humano. Quando nossos juizos teem esta origem, a fórma, que lhes damos, leva o cunho de verdade irrefragavel. Já não dizemos: *creio*, *entendo*, *parece-me*; o que dizemos é absoluta e positivamente: «*É*.» Juizos d'esta ordem teem toda a authoridade da razão universal que os dicta, e são por isso de uma verdade absoluta.

«Quando á *sentença* é expressão de um juizo da primeira especie, enuncia uma opinião individual; é a decisão de uma intelligencia; a qual, por isso mesmo que é finita e limitada, póde cahir em erro. Então póde o erro, a não sabendas nossas, introduzir-se em nossos juizos; e a *sentença* que os expressar ha de ser *fallivel*, como elles. Só de *sentenças* d'esta especie é que póde dizer-se com Ovidio:

Hominum sententia fallax.

«Mas quando a *sentença* fôr a expressão de um juizo da segunda ordem, então será sempre verdadeira, porque a razão impessoal e absoluta d'onde taes juizos vem, não póde enganar-se nem enganar-nos. Esta razão, que não é nossa, revela-se á nossa, todavia, por meio de umas poucas de verdades *à priori*, a cujo complexo dava Platão o poetico nome de *logos* (medianeiro); porque taes verdades são, com effeito, o unico ponto de contacto entre a razão de Deus e a intelligencia do homem. Quando alguma d'estas verdades desce e vivifica um juizo nosso, este fica absoluto como ellas; a proposição que enuncia, é de uma verdade e universalidade incontestaveis Nas *sentenças* d'esta ordem não póde entrar o erro.

«Mas que razão é esta, perguntará alguem, que sem ser do homem, n'elle irradia, e cujos juizos, de uma verdade absoluta, reunem ao cunho de universalidade o da infallibilidade?»

«Não cabe nas ensanchas de uma nota a exposição de theoria da *razão impessoal;* theoria a que recentemente se tem irrogado a pecha de pantheismo; mas que, contida em certos limites, tem constantemente visto a seu lado os mais abalizados philosophos, assim antigos como modernos.

«Esta razão a que aqui alludimos, é a mesma que Fénelon encontrava no amago de todas as suas demonstrações ácerca da existencia de Deus, e que muita vez o obrigava a exclamar: — «Razão! razão! não és tu o que eu procuro?»

«É a mesma razão que Bossuet, no seu tratado *Do conhecimento de Deus*, reconhece não ser outra cousa senão «a intelligencia divina communicando-se á intelligencia humana.»

«É esta razão ácerca da qual diz o padre Mallebranche: «A razão que alumia o homem, é o verbo ou sabedoria do proprio Deus; porque toda a creatura é um ser particular, e a razão que esclarece o espirito do homem é universal.»

«É a mesma razão, ácerca da qual escreve Locke, no livro IV, cap. 19 da sua *Tentativa sobre o entendimento hu-*

mano: «A razão é uma revelação natural, por meio da qual o Pai da luz, origem eterna de todo o conhecimento, communica aos homens esta parte da verdade que lhe aprouver deixar ao alcance das faculdades naturaes de cada um.»

«É esta mesma razão, ácerca da qual escreve S. Justino no seu *Apologetico* o seguinte: «Tudo o que conhecemos, e cuja verdade percebemos, vêmol-o á luz do verbo, que é a razão eterna, da qual participa o genero humano.»

«É esta mesma razão, ácerca da qual diz Platão, no livro VI *Da republica:* «Deus, o pai, a unidade, o bem, gera um filho, absolutamente a elle semelhante. Este filho é a sua intelligencia, a sua razão, o seu verbo e manifestação na contingencia dos tempos; é o sol intelligivel, pelo qual vê nossa intelligencia, e do qual o sol visivel que nos derrama a luz nos olhos, é apenas uma sombra.»

«Por grandes e respeitaveis que sejam as authoridades que ahi deixamos registradas, não é nossa intenção, apontando-as, alicerçar n'ellas uma theoria philosophica; não é tal. O nosso intuito é só mostrar que a theoria da *razão impessoal* não é um paradoxo, não é uma theoria d'antes d'hontem; é pelo contrario, uma doutrina, tão antiga como Platão, a qual tem sido constantemente seguida e professada pelos mais orthodoxos e abalizados engenhos, antigos e modernos.» (Ribeiro de Mendonça).

JULHO. Este mez é importantissimo para a cultura dos cereaes de verão.

Jardins. Recolhem-se as sementes de flôres, do alecrim do norte, amores perfeitos, ervilhas de cheiro, etc. Alporcam-se cravos.

Hortas e campos. Fazem-se regas com assiduidade. Continua-se a colher as sementes. Semeiam-se espinafres, mostarda, chicorea, nabiças, couves, repolho, tremoços, e nabos. Recolhem-se alhos e cebolas. Continuam as ceifas dos cereaes, e os trabalhos da debulha.

Pomares e arvoredos. Continua a colheita das fructas. Enxertam-se de borbulha as laranjeiras. Enxertam-se tambem as amoreiras.

Devem procurar-se lugares sombrios para a pastagem dos gados.

JUNCARIAS. (Veja MONOCOTYLEDONEAS).

JUNHO. A 21 d'este mez principia o verão.

Jardins. Semeiam-se saudades, mimosas, malmequeres, e alfinetes de toucar. Alporcam-se craveiros, e mergulham-se jasmineiros. Tiram-se da terra as cebolas das tulipas.

Hortas e campos. Semeiam-se espinafres, beldroegas, couve algarvia, repolho, feijão, brocolos, couve-flôr, e outras hortaliças; e nabos em terra humida. Planta-se a couve semeada em março. Sacham-se e capam-se as plantas de pevide, semeadas em abril. Recolhem-se cebolas do sequeiro, e colhem-se as sementes das hortaliças. No crescente semeiam-se melões. Preparam-se as eiras. Principiam-se as ceifas dos trigos, cevadas e centeios. Dá-se a primeira lavragem ás terras devolutas. Sacham-se os milhos, e colhem-se favas, grão de bico, e alhos para guardar. Arranca-se o linho amadurecido. Continua-se a ceifa dos prados artificiaes.

Pomares e vinhas. Fazem-se enxertos de escudo em pecegueiros e laranjeiras. Principia a colheita das fructas, como alperces, damascos, cerejas, ginjas, e algumas qualidades de pera. Desfolham-se as vinhas para descobrir os cachos.

JURAMENTOS. «Assim como a discordia produziu a mentira, a impostura, e os discursos ambiguos, e capciosos, tambem deu origem ao juramento tão funesto áquelles, que o quebrantam.

«Aquelle que jura toma por testemunha das suas promessas, ou dos seus actos, o Deus da sua religião, sujeitando-se ao castigo que só esse Ente Supremo, vingador e omnipotente póde infligir á sua perfidia.

«Os persas, por exemplo, juravam pelo sol, e os scythas pelo ar e pela sua espada, que era o mesmo que jurar pela vida, e pela morte.

«Os gregos e os romanos tomavam por testemunhas os seus deuses; e de todos os que mais particularmente presidiam aos seus juramentos eram a deusa *Fides*, e o deus *Fidios*. Mas as romanas juravam por Juno; lá teriam suas razões.

«Não parecendo sufficiente abono o simples juramento sem ser acompanhado de signaes exteriores e prestado com certas solemnidades, adoptaram-se estas, e a primeira formula, de que ha noticia, é a de prestar o juramento levantando a mão direita.

Estes e outros muitos juramentos solemnes, eram sagrados, sendo os seus infractores havidos por homens detestaveis, e punidos com a infamia, e com a morte, excepto os *oradores*, os *poetas* e os *amantes* que equivalem hoje, ou deviam equivaler aos deputados e advogados, aos magistrados e homens d'estado, e aos empregados publicos.

«Sendo verdade que a força e a efficacia do juramento depende da impressão, que faz sobre o espirito dos homens o medo de incorrerem na justiça divina, é necessario que aquelles que juram creiam na divindade omnisciente, que premeia, e castiga. Se não teem essa firme crença, que é o que mais fortemente os liga á verdade, e ao fiel cumprimento das suas promessas, e se, pelo contrario, a religião dominante do estado é dominada pela corrupção, e depravação dos costumes, pelo indifferentismo, ou pela incredulidade, nada ha mais inutil, e subversivo da moral e da religião do que o juramento.

«Comtudo talvez que por essa mesma razão de serem muito poucos aquelles que consideram o juramento como o mais respeitavel e o mais santo dos actos humanos, tenha sido e continue a ser, cada vez mais, praticado, e usado. A admissão, e a generalisação dos juramentos está na razão directa do nenhum credito e confiança que merecem aquelles a quem é imposto, e n'este sentido são uma ceremonia inutil á sociedade, e que offende a Deus, e áquelles que são obrigados a prestal-os.

«Todos os codigos civis, e penaes prescrevem o juramento, e estabelecem penas graves contra os perjuros. Os legisladores partem do principio, que o juramento nasceu da perfidia, e que ninguem merece credito não *jurando*, ou que no paiz para o qual legislam *hasta los cielos mienten*, e por isso ampliaram, e tem propagado até ao infinito o uso, e a pratica dos juramentos.

«Assim, nos tribunaes a primeira *pessoa* e o livro mais indispensavel, e *sine qua non*, é o dos santos Evangelhos por causa dos multiplicados e diarios juramentos dos authores, dos réos, dos louvados, dos peritos, dos interpretes, dos tutores, dos sub-tutores, dos curadores, dos defensores, dos embargantes, dos arbitros, dos arbitradores, dos membros do conselho de familia, dos jurados, e das testemunhas.

«Os juizes, os advogados, os escrivães, os officiaes de justiça, e todos os funccionarios publicos, esses não podem entrar em exercicio sem a ceremonia do juramento.

«Por qualquer cousa, e para qualquer acto, é necessario um juramento, um termo, uma sentença que o julgue, e os seus respectivos emolumentos.

«A fórma do juramento consiste em pôr a mão sobre os santos Evangelhos, beijando-os ou não, porque n'este ponto não ha *jurisprudencia fixa*.

«Se dous, tres ou cem individuos tidos e havidos por muito honestos, honrados, e independentes vão a um tribunal depôr sobre a verdade de um facto que elles mesmos viram e presenciaram, o seu depoimento não merece credito algum se acaso não juraram previamente; mas se duas ou tres testemunhas, *que viram da sua agencia*, comparecem a depôr, pondo a mão nos santos Evangelhos, estas podem constituir a prova legitima para

tirar a vida, a honra e a propriedade a qualquer.

«Não podendo duvidar-se do pouco caso, e da nenhuma consideração em que é tida a santidade do juramento, seria mais conveniente decretar a sua abolição, e até mais religioso attento o preceito de «não jurar o santo nome de Deus em vão.» E se eu tivesse voto na materia, ou pertencesse á sociedade da admiração mutua a fim de ser calorosamente apregoada e defendida, e até mesmo *biographada* a minha descoberta, em quanto se não tratasse seriamente de promover a educação moral e religiosa do clero, nobreza e povo, proporia se adoptasse a jurisprudencia dos pretos da Africa occidental relativa ao juramento, introduzindo o afamado juramento de *indúa*.

«Isto não é tão desarrazoado como parece, porque, segundo nos conta um nosso escriptor moderno que escreve em Pariz, passa por lá em proverbio que a Africa começa áquem dos Pyreneos, e, então, se somos africanos, e vamos n'este *progresso*, não era muito que furtassemos aos pretos, nossos irmãos, uma parte do seu systema de jurisprudencia, attestada por um outro escriptor nosso e jurisconsulto n'uma *Memoria da academia*.

«O juramento de *indúa* é um meio de prova judicial, uma especie de juizo de Deus, que consiste n'uma bebida feita com a casca da arvore chamada *indúa* ou *incussa*, drastico fortissimo que o juiz *milonguciro* prepara e dá a beber, em igual porção, aos contendores que não querem conciliar-se, perdendo a demanda aquelle em quem a tal beberagem produz ancias e agonias de morte.

«Seria uma *novidade* como qualquer outra; não se escarnecia, e insultava tantas vezes a santidade do juramento dos santos Evangelhos; os contendores não deixavam de pagar as custas ao meio; e sendo necessario importar a casca de indúa em grande quantidade, era mais um genero tributavel, e por consequencia uma nova fonte de receita, que podia attenuar consideravelmente o *deficit* dos orçamentos.

«Não vêmos meio termo; ou o juramento de *indúa*, ou o da *estygia vêa*.

«Mas continuando com o que está, e que desmente todas as idéas do *progresso* que nos absorvem, progresso que Victor Hugo na *Legenda dos seculos* diz ser o grande fio mysterioso do labyrintho humano, resta-nos ainda fallar dos juramentos *politicos* e de *fidelidade*, que prendem com os tempos feudaes dos *senhores* e dos *vassallos*.

«Quando se observam estes farçalhões dos juramentos politicos

Nulle voix ne peut rendre et nulle langue ecrire
Le bruit divin que fit la tempête du rire.

Hão de elles acabar com os ultimos vestigios da santidade, e da inviolabilidade do juramento, porque, ou tenham o seu fundamento na honra, ou na religião, é sabido que, em politica, a honra e a religião é o interesse. A distancia da perda ao ganho é justamente a que separa o juramento do perjurio.» (Dr. Abranches).

JURO E DESCONTO (Regra de). 1. O *juro* é o lucro, que um credor tira do capital que lhe é devido, ou da parte com que um individuo entrou n'uma sociedade, n'uma empresa, ou de um aluguer, etc. Em todo o tempo os legisladores occuparam-se em fixar a taxa legitima do juro de emprestimo do dinheiro, o qual nada mais é que o aluguer pago ao proprietario do capital por aquelle a quem elle o confiou para seu uso. A taxa do juro variou com as necessidades, costumes, caracteres e climas das nações. Em Roma, a media foi de 12 % ao anno. Em França, um decreto de Carlos IX, de 1576, fixou a taxa do juro ao *dinheiro* de 12 (1 em cada 12), isto é, a $8 \frac{1}{3}$ %; no reinado de Luiz XIV, um decreto de 1695 fêl-o baixar ao *dinheiro* de 20, isto é, a 5 %; e só deixou de variar em 1807. A lei de 31 de setembro d'este anno estatue que «o juro legal será, em materia civil, de 5 %, e, em materia commercial,

de 6 %.» Quando um emprestimo particular tiver sido feito com taxa excedente á da lei, os tribunaes devem ordenar a restituição ou a reducção; e se houver costume de emprestimos semelhantes, o delinquente póde ser punido por *usura*.

O nosso *Codigo*, penetrando-se da luz da economia politica, garantiu plena liberdade das taxas. O artigo 1640 estatue que «os contrahentes poderão convencionar a retribuição que bem lhes parecer;» e só na falta de estipulação, a computação de juro será feita com a taxa de 5 %. Em materia commercial, o codigo relativo dá tambem a mesma faculdade da illimitação da taxa no artigo 280, e fixa a taxa de 6 % na falta de convenção das partes.

—*Descontar* (do latim *e* ou *ex*, fóra de, e *computatio*, computo) é uma operação bancaria que consiste em pagar antecipadamente, a troco de um abatimento convencionado, o valor de uma letra cujo vencimento ainda não teve lugar. Este abatimento, que se chama *desconto*, representa o juro correspondente á quantia paga antecipadamente, e além d'isso comprehende um certo beneficio que o banqueiro aufere n'esta operação; resulta que o dinheiro é obtido por esta operação bancaria, ordinariamente a 8 %.

A *regra de desconto* reduz-se á regra de tres ou á *regra de juro*. —Antes de explicar aos alumnos a regra de juro, é necessario que entendam perfeitamente a significação das palavras: *capital*, *taxa*, *tempo*, *juro*. O juro é o lucro que do seu dinheiro aufere aquelle que empresta. O capital é a quantia emprestada. A taxa do juro é o juro de 100 reis durante um anno. O tempo é a duração do emprestimo, o qual póde ser expresso em *annos*, *mezes* ou *dias*.

O juro é *simples*, quando se suppõe proporcional ao tempo durante o qual o capital está a juro; é *composto*, quando successivamente se vai addicionando ao capital no fim de cada anno vencido, para ganhar juro no anno seguinte.

2. Todas as questões de juro e de desconto podem reduzir-se a esta *regra geral*, que se deve conservar de memoria, a saber: Para achar o *juro* d'uma qualquer quantia, multiplique-se o *capital* pela *taxa* e pelo *tempo*, e divida-se por 100, se o tempo é expresso em *annos;* por 1200, se é expresso em *mezes;* por 36000, se é em *dias*. Designando o capital por c, a taxa por i, o tempo por t, e o juro por j, teremos as tres formulas geraes seguintes, correspondentes aos tres casos que se podem dar (veja FORMULAS e CALCULOS):

1.º (tempo expresso em annos): $j = \dfrac{c \times i \times t}{100}$

2.º (tempo expresso em mezes): $j = \dfrac{c \times i \times t}{1200}$

3.º (tempo expresso em dias): $j = \dfrac{c \times i \times t}{36000}$

Em todos estes tres casos a formula, quando sejam conhecidos tres dos elementos que n'ella entram, constitue uma equação que resolvida em relação ao quarto elemento incognito, determinará o seu valor: resolução simples que se executa multiplicando o juro pelo denominador, e dividindo o resultado pelo producto dos dous factores do numerador que são co-

nhecidos. Por este modo, procurando successivamente, em cada um dos tres casos acima indicados, a taxa, o tempo e o capital, cada formula dará outros tres; obteremos pois doze formulas que resumem todos os casos que se podem apresentar na regra de juro. Tudo isto se esclarece pelos exemplos e demonstrações seguintes. Seja proposto calcular o juro a 5 % d'estas tres quantias: 200$000 reis durante 4 annos; 300$000 reis durante 6 mezes; 400$000 reis durante 90 dias. (Tomamos numeros mui simples e inteiros, para melhor fazer sentir nossas explicações).

TEMPO EXPRESSO EM ANNOS:

$$\text{Juro} = \frac{200\$000 \times 5 \times 4}{100} = 40\$000 \text{ reis}$$

$$\text{Capital} = 40\$000 : \frac{5 \times 4}{100} = 200\$000 \text{ reis}$$

$$\text{Taxa} = 40\$000 : \frac{200\$000 \times 4}{100} = 5 \text{ reis}$$

$$\text{Tempo} = 40\$000 : \frac{200\$000 \times 5}{100} = 4 \text{ annos}$$

Operando pela regra em que o tempo está expresso em *annos*, acha-se que o juro de 200$000 reis durante 4 annos é 40$000 reis, o que se póde verificar mentalmente, como se segue: o juro de 200$000 reis a 5 % durante *um* anno é 10$000 reis; durante 4 annos é 10$000 × 4 = 40$000 reis.

Sobre esta primeira formula, podem-se propôr os tres problemas seguintes: Qual é o *capital* que, posto a render 5 % durante 4 annos, produziu 40$000 reis? A que *taxa* foi posto a juro o capital 200$000 reis que rendeu 40$000 reis durante 4 annos? Durante que *tempo* o capital 200$000 reis esteve a render 5 %, para produzir 40$000 reis? Para responder a estes problemas, parte-se da formula geral aonde se põe x em lugar do elemento incognito. Eis as equações que dá a formula para cada um dos problemas acima enunciados:

1.º $\frac{x \times 5 \times 4}{100} = 40\$000$ reis, d'onde se deduz x ou o capital $= 40\$000 : \frac{5 \times 4}{100} = 40\$000 : 0{,}20 = 200\$000$ rs.;

2.º $\frac{200\$000 \times x \times 4}{100} = 40\$000$ rs.; logo, x ou a taxa $= 40\$000 : \frac{200\$000 \times 4}{100} = 40\$000 : 8\$000 = 5$ rs.;

3.º $\frac{200\$000 \times 5 \times x}{100} = 40\$000$ reis; logo, x ou o tempo $= 40\$000$ reis $: \frac{200\$000 \times 5}{100} = 40\$000 : 10\$000 =$ 4 annos.

TEMPO EXPRESSO EM MEZES:

$$\text{Juro} = \frac{300\$000 \times 5 \times 6}{1200} = 7\$500 \text{ reis}$$

$$\text{Capital} = 7\$500 : \frac{5 \times 6}{1200} = 300\$000 \text{ reis}$$

$$\text{Taxa} = 7\$500 : \frac{300\$000 \times 6}{1200} = 5 \text{ reis}$$

$$\text{Tempo} = 7\$500 : \frac{300\$000 \times 5}{1200} = 6 \text{ mezes}$$

TEMPO EXPRESSO EM DIAS:

$$\text{Juro} = \frac{400\$000 \times 5 \times 90}{36000} = 5\$000 \text{ reis}$$

$$\text{Capital} = 5\$000 : \frac{5 \times 90}{36000} = 400\$000 \text{ reis}$$

$$\text{Taxa} = 5\$000 : \frac{400\$000 \times 90}{36000} = 5 \text{ reis}$$

$$\text{Tempo} = 5\$000 : \frac{400\$000 \times 5}{36000} = 90 \text{ dias}$$

— Sobre estas duas formulas relativas ao tempo expresso em *mezes* e em *dias*, podem-se propôr os mesmos tres problemas acima propostos na formula relativa ao tempo expresso em *annos*. Observe-se que em todas as formulas derivadas, o *divisor* é um numero fraccionario; e por tanto a divisão póde ser effectuada por dous modos, a saber: effectuar á parte a divisão indicada pelo numero fraccionario, o que exige uma primeira divisão cujo resultado será o divisor da divisão principal; ou inverter os termos ao numero fraccionario e multiplical-o pelo dividendo, o que não exige senão uma divisão, como se vê n'este exemplo: $5000 : \frac{5 \times 90}{36000}$ $= 5000 \times \frac{36000}{5 \times 90} = \frac{5000 \times 36000}{5 \times 90}$, formula para effectuar.

3. Todas estas formulas, que mutuamente servem de provas, permittem aos professores proporem variados problemas; e os alumnos de mais

limitada intelligencia poderão comprehender sem custo estas provas de experiencia e de calculo, que justificam estas regras de derivação tão faceis de reter e explicar.

Mas estas demonstrações, por assim dizer mecanicas, não bastam para os alumnos mais intelligentes ou mais adiantados. Torna-se necessario, para estes, mostrar-se-lhes como se deduzem as tres formulas relativas ao tempo expresso em *annos*, *mezes* e *dias*. Para o que se lhes observa que a regra de juro se reduz á regra de *tres composta* (veja TRES), que o methodo de *reducção á unidade* estabelece e explica. — Nos problemas dependentes de uma regra de tres composta, todos os numeros, comprehendendo a incognita, são homogeneos, ou da mesma especie, dous a dous; de modo que escrevendo estes numeros uns debaixo dos outros, homologo debaixo do seu homologo correspondente, formam-se duas linhas, das quaes uma, composta de numeros todos dados, representa o problema n'um *primeiro estado* completamente conhecido, e a outra indica um *segundo estado* semelhante do mesmo problema onde todos os elementos *menos um* são conhecidos, o valor do qual se propõe determinar. Este modo de dispôr os problemas de juro, e em geral todos os que são relativos a grandezas proporcionaes, facilita consideravelmente o raciocinio. Retomemos as tres formulas geraes: em *annos*, $\frac{200\$000 \times 5 \times 4}{100}$; em *mezes*, $\frac{300\$000 \times 5 \times 6}{1200}$; em *dias*, $\frac{400\$000 \times 5 \times 90}{3600}$.

1.ª Pede-se o juro de 200$000 reis, a 5 °/₀ durante 4 annos. Dá-se o juro de 100 reis durante 1 anno: é o *primeiro estado* do problema; escrevêl-o-hemos assim:

100 reis. . . . . 1 anno. . . . 5 reis.

O *segundo estado* do problema escrever-se-ha tambem em linha, pondo os elementos homologos com os do antecedente em correspondencia; escreveremos assim:

100 reis. . 1 anno. . . . 5 reis.
200$000. . . . . 4 . . . . x.

Agora, para deduzir a formula, reduziremos á unidade todos os elementos da primeira linha, excepto o elemento 5 homologo da incognita. Ora, se em vez de 100 reis, fosse *um* real o capital, o juro seria 100 vezes menor, isto é, $\frac{5}{100}$; o segundo elemento é 1, e a primeira linha tem os elementos indicados reduzidos á unidade: o resultado $\frac{5}{100}$ exprime pois o juro de 1 real durante 1 anno. É agora evidente que o juro de 200$000 reis será 200:000 vezes maior que o de 1 real, durante o mesmo tempo, *um* anno; multiplicando $\frac{5}{100}$ por 200:000, pela regra das fracções ordinarias teremos $\frac{5 \times 200:000}{100}$ que exprime o juro de 200$000 reis durante 1 anno; ora, o juro da mesma quantia durante 4 annos será 4 vezes maior que o relativo a 1 anno; multiplicando pois $\frac{5 \times 200:000}{100}$ por 4, teremos $\frac{5 \times 200:000 \times 4}{100}$, que exprime o juro de 200$000 reis durante 4 annos. E invertendo a ordem dos factores, o que não muda o producto, teremos

$\dfrac{200:000 \times 5 \times 4}{100}$, que tem por typo geral a primeira formula acima indicada, $j = \dfrac{c \times i \times t}{100}$.

2.ª Pede-se o juro de 300$000 reis, a 5 %, durante seis mezes. O estado conhecido do problema é: 100 reis durante 1 anno ou 12 mezes rendem 5 reis; dispondo do mesmo modo que precedentemente, teremos:

100 reis . . 12 mezes . . 5 reis.
300$000. . . . . 6 . . . . . . x.

Reduzem-se á unidade os elementos da primeira linha que não são homologos com a incognita. Reduzindo o capital 100 reis a *um* real, o juro é $\dfrac{5}{100}$; reduzindo 12 mezes a *um* mez, o juro é 12 vezes menor ou $\dfrac{5}{100 \times 12}$, que exprime o juro de 1 real durante 1 mez. Passando para a linha que representa o segundo estado do problema, diremos que o juro de 300$000 reis durante 1 mez será $\dfrac{5 \times 300:000}{100 \times 12}$, e durante 6 mezes será $\dfrac{5 \times 300:000 \times 6}{100 \times 12}$; invertendo a ordem dos factores no numerador, e effectuando a multiplicação indicada no divisor, teremos: $\dfrac{300:000 \times 5 \times 6}{1200}$, que tem por typo geral a segunda formula que acima indicamos, $j = \dfrac{c \times i \times t}{1200}$.

3.ª Pede-se o juro de 400$000 reis, a 5 %, durante 90 dias. O problema no seu estado conhecido é: 100 reis durante 1 anno ou 360 dias rendem 5 reis; dispondo nas duas linhas os dous estados do problema, teremos:

100 reis. . . 360 dias. . 5 reis.
400$000. . . . . . 90. . . . . x.

Reduzindo á unidade 100 reis e 360 dias, obtem-se: $\dfrac{5}{100 \times 360}$, que exprime o juro de *um* real durante *um* dia. Passando para a linha que representa o segundo estado, acha-se que o juro de 400$000 reis durante 1 dia é $\dfrac{5 \times 400:000}{100 \times 360}$, e durante 90 dias será $\dfrac{5 \times 400:000 \times 90}{100 \times 360}$. Invertendo a ordem dos factores e effectuando a multiplicação indicada no divisor, teremos: $\dfrac{400:000 \times 5 \times 90}{36000}$, cujo typo é terceira formula que acima indicamos, $j = \dfrac{c \times i \times t}{36000}$. — Os alumnos, depois de terem comprehendido estas demonstrações, deverão exercitar-se em raciocinar por escripto sobre problemas analogos, onde os numeros serão decimaes ou fracções ordinarias, onde a taxa tomará valores differentes, como nas questões de *renda contra o estado*, etc. (6 %, 8 ½ %, 14,60 %, etc.), e onde o tempo será expresso em annos, mezes e dias. Por exemplo: calcular o juro de 9:500$000 reis posto a render 9 ½ %, durante 3 annos, 5 mezes e 20 dias. Reduz-se o tempo a dias, e o problema entra no terceiro caso. Para verificar a exactidão das soluções de todos estes problemas, toma-se por incognito um dos outros elementos do problema (capital, taxa ou tempo), e se, resol-

vendo a equação em que a formula se transformou, acharmos exactamente o valor conhecido do elemento que, para esta verificação, se reputou incognito, a solução do primeiro problema será exacta.

4. A resolução de um problema de juro composto, póde reduzir-se á resolução de uma serie de problemas de juro simples. Por exemplo: calcular a somma accumulada em 3 annos, 5 mezes e 10 dias, pondo a render 5 % o capital 200$000 reis. — Calcula-se primeiro o juro simples de 200$000 reis para 1 anno, o qual é 10$000 reis; ajuntando este juro ao capital, teremos 210$000 reis, novo capital cujo juro se deve calcular durante o segundo anno; teremos: $\frac{210\$000 \times 5 \times 1}{100}$ = 10$500 reis; logo o capital que vence juro no terceiro anno é 210$000 rs. + 10$500 reis = 220$500 reis, cujo juro n'este anno é $\frac{220:500 \times 5 \times 1}{100}$ = 11$025 reis. O capital que vence juro no quarto anno é pois 220$500 reis + 11$025 reis = 231$525 reis. Falta calcular o juro d'este novo capitul durante 5 mezes e 10 dias ou 160 dias, o qual é $\frac{231:225 \times 5 \times 160}{36000}$. O resultado d'esta formula será a somma accumulada a juro composto do capital 200$000 reis durante 3 annos, 5 mezes e 10 dias. — As caixas economicas offerecem uma applicação d'esta regra; são instituições de beneficencia, destinadas a receber o juro composto, as economias que as pessoas laboriosas n'ellas depositam.

JUSSIEU. (Veja BOTANICA).

JUSTIÇA. «Tem todo homem no animo as impressões da verdade e authoridade das leis naturaes: que não prejudiquemos ninguem; que se dê a cada qual o que fôr seu, que sejamos leaes nos contractos, fieis na execução das promessas, e outras regras consentaneas á justiça e equidade... E bem que esta luz da razão, que dá clarões de verdade aos ignorantes dos seus principios, não governe toda a gente de modo que lhe seja regra de proceder, reina em todos por tal arte que os mais injustos amam a justiça, a ponto de condemnarem e odiarem a injustiça dos outros.» (Domat). — O que falta é a vontade de ser justo, não é o conhecimento da justiça; e por isso o antigo legislador definiu a justiça: a vontade firme e constante de attribuir a cada qual seu direito. — Cicero dava como base da justiça, primeiro, não causar damno a alguem, e depois consagrar-se o homem completamente ao bem geral.

JUSTINIANO. (Veja SEXTO SECULO).

JUVENAL. «Pelo seu sobrenome Junio, e cognome Juvenal, se vê que elle foi de nascimento illustre, porque era prohibido aos escravos, e á relé ter mais de um nome, como vimos em Persio, e como Juvenal mesmo diz na Satyra V.

«Apesar d'essa nobreza, Marcial seu contemporaneo, e amigo, o descreve em um estado bem miseravel no epigramma 17 do livro 12, feito um cliente, andando de porta em porta pelos palacios dos grandes de Roma, visitando seus patronos todos os dias de manhã, para d'elles receber alguma cousa. E que faria o poeta, apesar de nobre, se os seus talentos causando susto nos malvados, o reduziam áquelle estado? Não era assim Marcial! Sabia levar agua ao seu moinho; e fazia muito bem.

«Tendo-se Juvenal em Roma dado ás letras, exerceu a profissão de advogado, na qual bem mostram seus talentos, que devia brilhar, mas vendo que pouco fructo tirava de andar pelos tribunaes aturando os juizes, e clientes, passou a aperfeiçoar-se nos estudos de eloquencia, que tambem com poucas vantagens ensinou por al-

gum tempo. Vendo que a fortuna o desamparava em qualquer genero de vida litteraria, e zangado com os homens, e vicios do seu tempo, determinou-se fulminar tudo o que merecesse abominação: seu genio naturalmente o inclinava á satyra, que despedia sem attender onde os raios iam parar.

«Em muitos lugares das suas obras vêmos como lamenta a desgraça do seu tempo, e o desprezo em que eram tidos os homens de merecimento, abandonados pelos ricos. Estes clamores são de todos os tempos, ainda que ás vezes não se ouvem tão sentidos; parece que se abrandam para depois soarem mais altos: mas que desgraça! Produzem o effeito do sino, por mais que sôe, todas as vozes se perdem no ar! O nosso seculo, por alcunha o *seculo das luzes* prova estas verdades, fazendo reviver os dias de que Juvenal nos conserva a desditosa memoria!

«Como Juvenal despejava o fel da sua satyra com quanto azedume lhe era possivel, fosse em quem fosse, com tanto que o merecesse, tornou-se odioso a Páris, grande valido de Domiciano. Este homem sendo comico, necessitava que os poetas lhe dessem as suas producções, para as fazer subir á scena, no que elle ganhava tudo; porque o comico nada vale sem o poeta, e por este motivo patrocinava os poetas do seu tempo; Juvenal no meu modo de pensar não offendeu a Páris, antes o elogiou, mas elle teve o elogio por affronta, e n'este caso, usando de toda a urbanidade, o despachou com o posto de coronel de um regimento, que o imperador mandava para Pentapolis, no fundo da Lybia, perto do Egypto, o que deveria acontecer no anno 86 da era vulgar. D'este modo se viu Páris livre do seu contrario, que não hesitou em aceitar o novo emprego, partindo para o desterro, onde existiu por dez annos, até que morto Domiciano, pelos sediciosos, e annullados todos os actos do seu governo, o poeta voltou a Roma, onde empregou o resto da vida em escrever no mesmo theor.

«S. Sidonio Apolinario, douto, e insigne escriptor do IV seculo, diz que elle foi exilado sendo de 80 annos; esta opinião segue Alberto Fabricio, e quasi todos os eruditos a tem por certa. Eu, a quem é livre pensar, não offendendo a authoridade do santo padre, nem as dos sabios, tenho por pouco verosimil que Domiciano encarregasse o commando de uma expedição importante a um homem de oitenta annos! Tambem creio que Juvenal n'essa idade não estava em tempo de escrever cousas que merecessem tal castigo: demais, dando-se o nascimento de Juvenal pelo anno 54 da nossa era, ou ainda mesmo no anno 40, no tempo de Caligula, não é possivel que aos 86 annos do primeiro seculo, tivesse mais que 32 pelas minhas averiguações, ou 46 segundo mr. Duboys que quer nascesse no anno 40. Portanto Juvenal foi desterrado aos 32 annos de idade, que vem a ser no anno 86 do primeiro seculo: completou 10 annos de exilio, que acabaram no anno 96 da dita era, tempo em que Domiciano XVII, e o imperador ultimo d'este nome foi assassinado.

«Quizeram alguns que Juvenal morresse no seu degredo, mas não é facil acreditar-se. O commum dos expositores é de parecer, que elle morreu na sua patria, no anno duodecimo do imperio de Adriano, que concorreu com o anno 128 da era christã. O padre Tarteron lhe assigna o tempo do seu obito no anno de 119, terceiro do governo do mesmo imperante, tempo em que Duodwello pretende que elle fosse desterrado, contando então o poeta os 80 annos, dado que nascesse no anno 40, como fica exposto; mas tambem não é seguida esta opinião, que encontra varias difficuldades.» (Martins Bastos).

K

KAABA. (Veja Arabia).

KANT, o reformador ou para melhor dizer o creador da philosophia moderna, nasceu em Kœnigsberg a 22 d'abril de 1724; era seu pai um selleiro, e provavelmente teria de seguir a profissão paterna, mas o dr. Schulze, que descobriu e avaliou as faculdades intellectuaes do filho do artifice, metteu-o no collegio, que dirigia, em 1732. Tinha Kant apenas oito annos e já manifestava um espirito reflexivo, recto juizo, e grande e nobre sensibilidade. Verdade é que sua mãi (que perdeu na idade de treze annos, e cuja falta chorou toda a vida) o doutrinou com os purissimos principios da religião e da moral, gravando-lh'os no coração noviço tão profundamente que nunca desmentiu d'elles um ápice.

«No collegio travou Kant amizade com Runken, que veio a ser depois um dos professores mais celebres em Leyde. O maior regalo dos dous amigos era a leitura dos classicos: Runken, que era o mais abastado, comprava os livros. Andavam á porfia a quem descobriria maior numero de bellezas nos antigos escriptores, a quem mais depressa aprenderia as passagens que nas obras d'elles mais os contentavam; e n'esta luta do engenho vinculava-se cada vez mais a amizade dos dous condiscipulos.

«Ao contar dezeseis annos entrou Kant para a universidade, onde logo grangeou a estimação dos professores, que em breve se converteu em mui terna affeição. Knuzen, professor de philosophia e mathematicas, emprestou-lhe o livro dos *Principios* de Newton; e o alumno pouco depois publicou uma *Theoria da electricidade*, na qual confessou que achára muito que aprender o lente de physica, Teste.

«Ao mesmo tempo, por seu bom coração, era Kant aceitissimo a todos os seus condiscipulos. Tinha adoecido um estudante pobre, e Kant cerceou a despeza da propria comida, que era já muito modesta, para acudir ás necessidades do seu amigo; não lhe desamparava a cabeceira da cama em quanto podia; e escrevia para os paes e parentes do enfermo cartas de consolação e de esperança.

«Tinha 21 annos quando sahiu da universidade, só e sem auxilio, a braços com a indigencia, que todavia não pôde abatel-o: não querendo mendigar alheios soccorros, forcejou por alcançar com que subsistir pelo proprio trabalho; e começou dando lições particulares. Entrou como mestre na casa do conde de Hullesen, a duas milhas de Kœnigsberg, onde socegadamente pôde dedicar-se a serios estudos. Passados nove annos voltou á cidade e deu á luz o opusculo, que fez grande impressão no mundo litterario, intitulado *Historia natural do céo ou mecanica celeste*.

«No em tanto, cada vez mais ia experimentando a necessidade de alcançar uma subsistencia menos precaria, uma condição social permanente. Pediu por isso uma cadeira de professor de latim em Kœnigsberg; mas não obstante o profundo conhecimento que possuia dos classicos latinos e a celebridade de que já a esse tempo gozava, foi preterido por um homem obscuro: semelhante injustiça um tanto o desanimou, mas em breve recobrou toda a energia moral de que era dotado. Preparou-se para fazer exame para ganhar uma cadeira de philosophia; e o seu amigo Richter lhe pagou as despezas necessarias. Versou a these que escolheu sobre os primeiros principios de metaphysica, era repleta de idéas novas e originaes, e grangeou tamanhos applausos que o candidato foi recebido por acclamação geral dos ouvintes. Em 1766 o nomearam sub-bibliothecario da livraria do castello de Kœnigsberg; por pouco tempo porém occupou este cargo, porque se desgostou de vêr que a bibliotheca só era frequentada pela chusma ociosa e insupportavel dos curiosos.

«Kant era de constituição mui debil; mas pelo seu regular modo de vida conservou sempre boa saude: gostava de estudar as diversas funcções de suas faculdades; e compoz para uso proprio uns principios de hygiene, que ao depois produziram o seu admiravel tratado da *Anthropologia*. N'um corpo tão debil morava uma alma energica: profundidade, vigor e exacção nas idéas, aptidão infallivel para comprehender as connexões ou relações de cousas apparentemente mui remotas, taes foram os preciosos dons que a nutureza lhe concedeu. Tinha prodigiosa memoria; bastava-lhe lêr uma obra de physica ou de chimica para conservar de cór a nomenclatura, indicar os processos praticos, e dar a razão das experiencias. Todavia considerava a memoria como faculdade de ordem inferior, sobretudo quando não é acompanhada de são juizo.

«Com effeito, Kant possuia um juizo recto em grau subido. Lêde as suas *Tres criticas;* segui-o na analyse que nos dá do sentimento do bello e do sublime, na correlação que estabeleceu entre o sentimento do sublime e o da dignidade moral do homem; segui-o sobretudo quando se eleva ás grandes contemplações da natureza para nos revelar depois a causa suprema, *Deus*. Em tudo isto que perfeita concordancia! Como se ligam as suas idéas em ordem luminosa, e se confirmam e corroboram mutuamente!

«Sendo homem de talento, Kant era ao mesmo tempo homem de bem na rigorosa accepção d'esta palavra; reflectia-se, como em espelho, a sua vida nos seus escriptos: ninguem era mais inimigo da mentira, ninguem professava odio mais vigoroso contra a lisonja e a vileza. Amava do coração, e a sua amizade era sincera e desinteressada. A rigida observancia dos deveres moraes não degenerava na sua pessoa em bravia austeridade; pelo contrario, considerava o decoro social, a urbanidade e a graça da conversação como parte integrante da moral. Ás qualidades agradaveis na sociedade reunia Kant uma particular delicadeza de gosto litterario, que devia a ter cultivado a litteratura amena; preferia entre os poetas allemães Klopstock e sobretudo Wieland; tambem era apaixonado de Pope: e os seus prosadores mais validos eram Hume, Gibbon, Robertson, Montesquieu, e J. J. Rousseau.

«Kant era regularissimo na distribuição dos trabalhos e emprego do tempo; nunca faltou ao curso que ensinava: sem livros e meramente com simples notas discorria por uma maneira sempre clara e exacta e ás vezes pittoresca. Logica, metaphysica, geographia e physica eram a base do curso: mas os esforços d'este professor celebre tendiam sempre a inspirar e propagar os principios moraes, e n'este mister frequentemente se mostrava orador persuasivo. A solicitude com que tratava os discipulos era inteiramente paternal: e da sua escóla sahiram muitos homens insignes que illustraram a Allemanha. Largou a cadeira em 1797 para se dar ao trabalho de dispôr e organisar a riqueza de materias scientificas que colligira durante longos annos d'ensino. A Europa perdeu n'elle o maior philosopho do seculo passado aos 12 de fevereiro de 1804.» (*Panorama*).

KAOLIN. (Veja Argilla).

KEMPIS. É o author do livro intitulado *Imitação de Christo*, modêlo de ascese e renunciação aos ephemeros bens da vida. Não se percebe hoje em dia, ainda mal, o altissimo ascetismo d'aquella obra que um doutissimo varão reputou a mais perfeita que sahiu das mãos dos homens; mas ainda hoje ha quem verta lagrimas de desafogo e consolação nas paginas inspiradas da *Imitação de Christo*. Deviam de ser dôces as tristezas de quem consagrou a seguinte poesia a Kempis:

I

Para os que soffrem póde ser que eu tenha
Um carme triste dos que não consolam,
Mas triste, sem rasgar mais funda a chaga,
Que deixou n'alma o desengano acerbo.

Para os que soffrem só conheço um livro.

Foi Kempis que o sentiu? é obra d'anjos?
Que importa o nome? Eu sei que o pranto é dôce
Vertido n'essas paginas ungidas
Do balsamo divino que mitiga
De todas as paixões a dôr e a febre.

É santo o livro: ha providencia n'elle.
Nas tempestades d'alma, quando bramam
As revoltas paixões, quebra-se a onda
Na rocha immovel da paciencia. Em lagrimas
Desfaz-se a nuvem negra que nos cerra:
Em lagrimas que são allivio prompto
Como as gotas do sangue que distilla
O que sente na fronte os vivos estos
Da congestão mortal. É santo o livro.

II

A mão afouta do homem rasga os veios
Aonde a terra entranha o ouro e o verme.
Alenta-se o furor dos gozos novos.
Beliscam-se as paixões enfraquecidas.
As cubiças despoticas recrescem,
Tiram-se ás fontes do prazer exhausto
Correntes mais caudaes, mais grossa vêa
D'este novo maná que nutre o vicio.
As idas gerações verteram sangue
Na cama d'esta arvore fecunda,
Vergando ao peso dos sumosos pomos
Que nós, herdeiros d'ella, imos colhendo.
Foi trabalho de seculos: a vida
Dos que foram d'aqui mal pagos d'elle,
Provada foi de esforços mais que humanos.
A grande aspiração, a luz remota
Que não viram brilhar os olhos d'esses,
Vimol-a nós, abastardada raça
De agigantados pulsos inda escriptos
No granito gigante da *Batalha*.

Foi trabalho de seculos: é nossa
A rica herança de esforçados homens,
Que vestiram de malha, e gotejaram
Por entre o ferro o sangue generoso,
Preço dos gozos mil que nos deslumbram.

III

Sômos felizes, pois? O vello d'ouro
Foi dado a todos que arrostaram bravos
A furia do dragão que vigilante,
Ao vêr a luz, as garras recurvava?
Ergueram sobre o pó do velho mundo
Mesa farta de pão onde a indigencia
Venha sentar-se a quinhoar da gloria
De têl-o merecido? O frio e a fome
Não tem já prêa onde pascer as iras?
Debaixo d'este sol fertilisante
Nasce á porta do pobre a messe e a vide?
Liberta dos grilhões do pensamento,
Livre para pedir pão e trabalho,
A humanidade triumphou?
Mentira.

IV

O homem soffre e geme. A existencia
É agra, é fel servido em taça d'ouro.
O riso do feliz é a cal do tumulo:
Ha de vermes lá dentro um roer surdo.
Taes jubilos não vem ungidos d'alma.
Do coração ao rosto o pensamento
De remorso que foi torna-se em riso.
Não é o pobre só victima do ouro:
Primeiro, o rico geme escravo d'elle,
Escravo, sim, que eu perscrutei o fundo
De muitas almas vis, e contristado,
Ousei dizer a Deus — que extrema escoria
Devera o homem ser.
Quaes os felizes?

São esses que resvalam delirantes
No florido despenho do sepulchro?
Ha muito espinho ahi sob essas flôres:
Primeiro, a honra geme ahi pisada
Aos pés do que, depois, vai fronte altiva,
Mercadejando a ouro a alheia honra.

V

Oh meu Deus, para mais fizeste o homem;
Não póde ser só isto o seu destino.
Os olhos meus perdidos vão no espaço.
Buscando-vos, Senhor, encontro apenas
O vosso immenso livro, em igneas letras
Aberto para mim que não sei lêl-o.
Então só sei temer. Meus olhos correm
Por sobre o mar, de vaga em vaga, e ao cabo
O firmamento desce ante meus olhos,
E o segredo d'além me furta a mente.

Será crime, Senhor, a minha audacia!

VI

Ao pé da campa, sim, posso buscar-vos:
Ahi, curva-se humilde a fronte do homem
Que poz a debil vista audaciosa
Na baliza final do seu destino.
O cadaver me diz no seu silencio
Que é preciso sellar o labio ousado
Que te invoca do céo, justiça eterna!
E o anjo da bonança então me afaga.
As pulsações da febre ardente esfriam.
Teu livro, oh Kempis, vem na mão do anjo:
Eu lagrimas te dou, e tu por ellas
Dás-me, primeiro, a fé, e após a esp'rança.

KIRGHIZ. «Os kirghiz constituem umas poucas de tribus errantes, que vagueiam no meio dos *steppes*, ou planicies incultas, que jazem desde o mar Caspio e lago de Aral até os confins da Siberia moscovita, e desde as cercanias da cidade russa de Oremburg, situada perto dos montes Urals, até as fronteiras da Tartaria china; vastissimos descampados de quasi 50:000 leguas quadradas, onde só se encontram serpentes brancas, onagros, e cavallos bravos.

«Formam os kirghiz, ou kaisaks, tres grandes divisões, chamadas *hordas*, que unidas montam a dous contos e quinhentos mil individuos, todos com feições europêas, mas tirando a amarellos, com os narizes achatados, olhos pequenos, e fallando um dialecto turco.

«Mergulhados na barbaria mais completa, gozam tambem da mais absoluta liberdade, de que se servem só para fazerem mal, rejeitando com desdem tudo o que tende a civilisal-os, ou a abrandar-lhes o genio violento, feroz, e desconfiado. Ladrões por officio, vivem de roubar, e só teem por lei a crueza. Entre elles nenhum modo de governo ha, nem cabeça algum reconhecem; porque os kans ou sultões teem authoridade apenas nominal: a anarchia é a sua permanente situação, e a sua regra de vida o satisfazer todos os appetites mais hediondos. Ignoram, ou desprezam as artes, sem exceptuar a agricultura: alguns, porém, costumam caçar com aguias amansadas, como na idade media se caçava com falcões. Entregues, ordinariamente, a ignobil madraçaria, deitados nas suas tendas, de verão porque faz muito calor, de inverno porque neva ao redor d'elles, não sahem da inacção, salvo, quando teem os mantimentos gastos, para buscar outros; semelhantes ao tigre que mettido nas brenhas profundas, só d'ellas sahe para fazer matança. N'este repouso do crime, o kirghiz se entrega á luxuria, com desenfreado ardor. Cançado de dissoluções, precisa, para se entreter, de contos maravilhosos, de noticias verdadeiras ou falsas: não dá hospitalidade aos estranhos, senão com a condição de lhe contarem alguma historia divertida: por estranho, entende-se algum kirghiz peregrino, porque o kirghiz só aos seus offerece abrigo.

«Melancolico e carregado o kirghiz gosta da solidão, e encerra-se muitas vezes, só com as suas concubinas. Extremamente credulo, é ao mesmo tempo perfido em grau subido, por isso não ha que fiar nas suas promessas, e nenhuma tregoa ou tratado se póde fazer com este povo, talvez o mais vicioso e bravio do mundo antigo.

«Sujeito a poucas necessidades, sem luxo domestico, excepto em cavallos, o kirghiz não deixa por isso de ser sordidamente avaro, e insaciavelmente cubiçoso, de maneira que ás vezes se armam horriveis brigas sobre a repartição do mais nojento farrapo; porque depois do saque de uma caravana, distribue-se a presa, e quebram-se os objectos mais pequenos, para cada salteador ter o seu quinhão: um relogio, por exemplo, é feito em pedaços, levando este uma roda, aquelle uma mola; e ainda em cada tenda, se dividem estes fragmentos entre os amigos e parentes do ladrão que já ahi estão á espera d'elle.

«A ousadia do kirghiz é a dos cobardes: salteia, e rouba ou mata de improviso. Em sabendo que uma caravana se aproxima, monta a cavallo, com o alfange em punho, e o laço corrente, para o atirar aos passageiros, do mesmo modo que o fazem os americanos do sul para apanharem os touros, ou os cavallos bravos. O seu primeiro embate é impetuoso e terrivel; mas se lhe resistem, assusta-se e foge como um relampago. Espanta-o uma espingarda, e o trom de uma peça o aterra. Não peleja senão escaramuçando, ou de emboscada; nunca em campanha rasa: é por isso, que se não atreve a commetter as caravanas russas que atravessam para a banda de Bukhara, acompanhadas de bom troço de soldados.

«Se os kirghiz não fossem sobre modo cubiçosos, não haveria salvação

para os estrangeiros que lhes cahissem nas mãos: é á sua sêde insaciavel de lucro, que estes devem o não serem mettidos á espada. Ficam captivos, são depois vendidos aos bukharios, como resgate de outras mercadorias. Para avaliar a crueza de um kirghiz cumpre vêl-o acceso em vingança contra algum de seus proprios naturaes: dilacera-o, dá-lhe tratos, e queima-o, depois de lavadas as mãos no sangue d'elle, que tambem bebe: só lhe falta comel-o a bocados.

«Perguntando-se a um kirghiz de que religião é, responde: «não sei d'isso.» Templos, não os ha entre elles; macaqueiam os ritos mahometanos só no que teem mau; e d'isso se aproveitam para roubar os fafirs e os guebros. Referem algumas rezas do Alcorão, e dirigem-nas a varios idolos; miscellanea, em verdade, extravagante, mas no meio da qual ha, ao menos, uma idéa consoladora: creem que as almas dos mortos vão morar nas estrellas, onde cada um é festejado ou atormentado pelos bons, ou maus genios, segundo as boas ou más obras que fez.

«Os kirghiz teem grande aferro aos seus arcentos descampados. Se os arrancam d'alli, o que succede, quando, aprisionados pelos russos, os levam para Oremburg ou para Astrakhan, nada lhes póde riscar da lembrança o seu paiz: e se algum chega a evadir-se, e voltar a elle, apenas passa a fronteira, enlevado de gosto, cobre de beijos e rega de lagrimas a terra das suas hordas. Assim, em toda a parte, o amor do solo natal está gravado em todos os corações, e quanto mais barbaro é o homem, mais parece que o sente.

«Tão supersticioso como feroz o kirghiz crê nos feiticeiros: verdade é, que estes lhe promettem muito que roubar, e muitas mulheres bonitas, que são os dous objectos que elle mais deseja. Póde ter quantas mulheres quizer e para isso são escusadas as ceremonias matrimoniaes. Aos calmucos seus visinhos, vão os kirghiz roubar as consortes, porque conservam mais tempo o viço da mocidade, e são mais trataveis que as do seu paiz.

«Todavia, as mulheres kirghiz são melhores que os homens, e parece que estes monstros bipedes fizeram monopolio de todos os vicios, não deixando para o outro sexo, senão algumas virtudes. Com effeito, as mulheres são compassivas, boas mães, e fieis esposas: encarregadas dos cuidados domesticos, preparam a comida, fazem os vestuarios, ordenham as egoas, sellam os cavallos, e até acompanham, ás vezes, os maridos em correrias longinquas. Se elles captivam alguem, é a ellas que os prisioneiros devem quasi sempre a vida, e sempre allivios na captividade. Cada uma tem sua tenda apartada, onde alternativamente as vai visitar o marido; e ha alguns kirghiz que teem duzentas mulheres. Em pontos de ciume são estes barbaros ferocissimos: se alguem ousasse lançar um volver de olhos a qualquer d'estas esposas, o marido rasgaria as entranhas ao desgraçado. Este ciume vem de orgulho, e não do amor; porque as pobres mulheres, apesar da affeição que tem a seus crueis senhores, são frequentes vezes maltratadas por elles, sem piedade.

«Uma só ha que não esteja sujeita á raiva do marido: é a que tem a dignidade de principal esposa, e a denominação de *baibicha* ou *mulher rica*, porque trouxe rico dote. O seu esposo legitimo póde dar-lhe ordens, mas não bater-lhe, e ainda menos matal-a: a esta é até permittido o divorcio, se elle a trata mal, ou despreza: n'este caso torna para os seus parentes, e, se lhe parece, casa com outro, que mais lhe agrade.

«Pelo que respeita ás demais concubinas, o kirghiz tem n'ellas authoridade absoluta, e direito de vida e de morte: se lhe apraz, o tyranno póde com um golpe de cimitarra decepar uma cabeça formosa, cujo sangue fica não vingado. Para dizer tudo em breves palavras: o destino d'estas mesquinhas creaturas é a servidão mais horrorosa: toda a sua inveja é a situação da baibicha, ou sultana livre,

a quem ellas teem obrigação de obedecer humildemente.» (*Panorama*).

L

LAGARTA. (Veja Articulados).

LAGOS. O author da *Chorographia portugueza* dá á cidade de Lagos dous mil setecentos cincoenta e seis annos de existencia, attribuindo a sua fundação a um supposto rei Brigo no anno de 1899 antes do nascimento de Christo. Depois diz que tendo cahido em ruinas fôra reedificada, e novamente povoada no anno de 350 antes da era vulgar por um capitão de Carthago, chamado Boodez.

Os fundamentos d'esta opinião são em parte inverosimeis, em parte duvidosos. Porém, o que é certo é ter sido Lagos uma cidade de alguma importancia no tempo dos romanos. Chamava-se então *Lacobriga,* cidade ou povoação do lago, ao que parece por causa de um, que havia na sua proximidade.

Na luta, que a republica romana sustentou contra Sertorio, que se collocára á frente da independencia da Lusitania, foi posta Lacobriga em apertado cêrco por um exercito romano, commandado pelo consul Quinto Cecilio Metelo. A cidade não foi entrada pelo inimigo, porque veio soccorrel-a o valente Sertorio com os seus bravos lusitanos; mas junto de seus muros pelejou-se uma renhida batalha, em que a victoria se decidiu por estes ultimos.

Nas invasões d'essas hordas de barbaros, que destruiram o colosso do Tibre; na dos arabes, em que se alluiu a monarchia dos godos; e nas guerras dos nossos primeiros reis, de que resultou a expulsão dos mouros, Lacobriga foi por muitas vezes arruinada e despovoada. As vantagens porém da sua situação geographica para o commercio da Africa, e do estreito de Gibraltar, por outras tantas vezes a ergueram do meio das ruinas, e lhe attrahiram novos moradores.

Todavia n'essas vicissitudes perdeu a preeminencia de cidade, que só veio a readquirir na segunda metade do seculo XVI por mercê que lhe fez el-rei D. Sebastião, quando juntou na sua bahia a armada, que o levou a Africa.

A peste assolou por vezes esta cidade, e o terremoto de 1755 causou-lhe horriveis estragos, bem como em todo o Algarve. O que os impulsos da terra pouparam, foi destruido pelos acommettimentos do mar. Quasi todos os seus principaes edificios ficaram derrocados, e alguns d'elles, como o palacio do governo, a casa da camara, a torre do relogio, e o convento da Trindade, nunca mais se ergueram.

Por causa d'esta catastrophe tornou Lagos a perder prerogativas de muita importancia, deixando de ser a capital do Algarve, que passou primeiramente para Tavira, onde foi residir o capitão general, e mais tarde para Faro.

Em 1833 veio a terrivel epidemia da cholera dizimar os seus habitantes. Logo depois padeceu os tristes effeitos da guerra civil que durante dous annos devastou Portugal.

E depois ainda esta malfadada terra passou por outras calamidades de epidemias e terremotos, que mais ou menos a damnificaram. Ao presente é Lagos a segunda cidade do reino do Algarve, e dista seis leguas do cabo de S. Vicente, e vinte e duas da foz do Guadiana. Acha-se agradavelmente situada na costa occidental de uma grande bahia do seu mesmo nome, erguendo-se sobre tres collinas na margem direita de um pequeno rio ou esteiro, que tem meia legua de extensão e o qual a maré faz accessivel a embarcações costeiras de pequena lotação.

A bahia póde offerecer amplo ancoradouro a esquadras de grandes vasos. A barra do esteiro, que fórma a porta da cidade, é defendida pela fortaleza da Ponta da Bandeira, que serve de registro, e pelo forte da Meia Praia.

Para defesa da bahia ha diversos fortes em melhor ou peor estado de conservação, sendo o principal a fortaleza do Pinhão, edificada primitivamente em terra firme, e que ainda nos principios do seculo passado formava uma peninsula, mas que actualmente está cercada de mar, e arruinada, passando pequenas embarcações entre ella e a terra.

Outra fortaleza, que se construiu defronte d'esta, para a substituir, tambem o mar a pôz em ruina. A barra, que ha cem annos apresentava sete a oito braças de fundo, agora apenas tem uns dez palmos.

Alguns cachópos e bancos de areia lhe difficultam um pouco a entrada.

Conta a cidade quatro praças, e algumas ruas boas, porém as outras são estreitas e tortuosas, e todas mal calçadas. Um aqueducto, obra d'el-rei D. Manoel, que conduz boa copia de agua do sitio do Paul, na extensão de quatrocentas e dez braças, abastece a povoação e fornece commoda aguada aos navios.

Para este fim tem um chafariz junto da Porta Nova e da muralha, que cahe sobre o rio.

Lagos é praça d'armas. As suas primeiras fortificações datam do reinado de D. Affonso IV, ou talvez do tempo d'el-rei D. Diniz. Constava de uma cêrca de muros com suas torres e portas.

Nos fins do seculo XVI ou principio do XVII, edificou-se novo cêrco de muralhas, que ao presente se conserva com oito portas e quatorze baluartes. Para o lado do rio tem as portas de *S. Gonçalo*, do *Caes*, de *S. Roque*, e *Nova*, e cinco reductos. Para o lado de terra tem as portas de *Portugal*, do *Postigo*, de *Quartos*, e da *Villa*, e nove baluartes.

Os suburbios de Lagos são aprazi-veis. Teem campos mui bem cultivados, muitos figueiraes, vinhas, hortas e pomares.

LA HAYE. (Veja HOLLANDA).

LAMEGO. Está assentada esta cidade em lugar baixo, nas fraldas do monte de Penude, que é continuação da serrania da Estrella, e na margem da ribeira de Balsemão, que vai desaguar no Douro a uma legua d'ahi. Dista do Porto doze leguas, nove de Vizeu, e vinte e duas de Coimbra. Em a nova divisão, que se fez do reino em 1833, ficou pertencendo á provincia do Douro. Anteriormente fazia parte da Beira Alta.

Não ha noticia certa sobre a fundação de Lamego. A origem grega, que lhe attribuem alguns escriptores nossos, authorisando-se com as palavras de Strabão, se não é uma fabula, pelo menos é muito duvidosa. É certo, porém, que existia como cidade no tempo dos romanos, que se chamava *Lameca*.

D'esta época poucas memorias se encontram d'esta povoação, o que prova ser então pequena. Todavia não era tão insignificante, que não se atrevesse a rebellar-se contra o dominio de Roma, governando o imperador Trajano, que bem caro lhe fez pagar o seu arrojo.

Depois da destruição do imperio romano, e da invasão dos povos do norte, é que principiou esta cidade a figurar mais alguma cousa ou d'este tempo para cá é que começam a apparecer noticias d'ella mais positivas.

Achando-se pois sob a dominação dos suevos foi erigida em séde episcopal no concilio Lucence, celebrado no anno de 510 da era christã. Este facto mostra exuberantemente, que n'esta época era Lamego uma cidade importante.

Governaram este bispado successivamente oito bispos até á entrada dos arabes na peninsula. Sujeita a cidade ao jugo musulmano, fugiram a maior parte dos seus moradores e o seu bispo para as Asturias, onde o valor de Pelaio e de um punhado de esforçados companheiros tinham salvado as reliquias do imperio godo, lançando assim os fundamentos á monarchia dos reis de Leão.

Sendo Lamego capital, e côrte de um pequeno reino musulmano, foi tomada por D. Affonso III, rei de Leão,

mas pouco depois cahiu de novo em poder dos mouros.

No seculo XI foi reconquistada aos arabes por D. Fernando Magno, primeiro do nome, rei de Castella, achando-se n'esta empresa o celebre Ruy Dias de Bivar, mais conhecido na historia pelo titulo glorioso de *Cid campeador*. Não são concordes os historiadores no anno d'esta victoria das armas christãs. A *Chronica dos godos* diz que teve lugar em 29 de novembro de 1047. O historiador hespanhol Flores pretende que foi em 1057.

O que parece fóra de duvida é que reinava então em Lamego um rei, ou regulo chamado Zadam Aben, e que D. Fernando Magno o deixou na posse do seu estado, contentando-se de o fazer seu tributario, provavelmente pela possibilidade de assegurar aquella conquista.

No anno de 1102 ganhou o conde D. Henrique esta cidade á força d'armas; mas como o rei mouro Eicha se fizesse christão, não o despojou da corôa. Deu-se por satisfeito de que lhe rendesse vassallagem.

Não foi porém assim seu filho, D. Affonso Henriques, que mais ambicioso de estender os seus dominios, reuniu aos seus estados o pequeno reino de Eicha Martin.

A tradição, hoje muito contestada, diz que reuniram em Lamego as côrtes, que pozeram a corôa de rei sobre a fronte do vencedor d'Ourique, e que constituiram Portugal em monarchia hereditaria, independente e livre.

As vicissitudes do tempo, e os desastres da guerra por vezes arruinaram e despovoaram esta cidade, sendo necessario em algumas d'essas vezes reedifical-a e povoal-a quasi inteiramente.

Divide-se a cidade em tres bairros. Um que é o mais plano e principal chamado da *Praça*, compõe-se d'uma praça e uma comprida e larga rua com suas travessas. Outro que fica como uma peninsula entre os dous ribeiros Balsemão e Fafel, comprehende a cathedral, e uma em que se levanta o paço do bispo. Chamam a este bairro o *Couto da sé*. O terceiro bairro, que é em elevação, e se denomina do *Castello*, está no meio dos dous primeiros, e tem na parte mais alta o velho castello arruinado.

O paço do bispo é uma boa residencia com sua cêrca e jardim. O velho castello acha-se em grande ruina, mas ainda assim é um monumento respeitavel pela sua muita antiguidade, e tambem curioso pela sua estructura. Na sua elevada torre de menagem mandou o conde de Marialva D. Francisco Coutinho, abrir uma grande e bella janella de assentos.

Indo el-rei D. João II a Lamego pouco depois de se concluir esta obra, perguntou-lhe o conde muito ufano o que lhe parecia aquella janella; mas em vez do elogio, que esperava, respondeu-lhe o monarcha: «Que mais sabia quem a abrira, que quem a mandou abrir.» Resposta certamente mui adequada, e que bem quadra aos nossos modernos innovadores, quando sem sciencia, nem consciencia deturpam e mascaram os monumentos antigos, com remendos á moderna.

Conta-se tambem d'este soberano, que achando-se proximo a morrer na villa de Alvor, mandára chamar o bispo de Lamego, D. João Madureira Camello da Silva, que vivia vida desregrada, para lhe dizer que levava d'este mundo um grande arrependimento e desconsolo pelo ter nomeado bispo; e rematando por lhe pedir, que ao menos lhe promettesse emenda.

Envergonhou-se e commoveu-se tanto o bispo com a reprehensão e pedido do rei moribundo, que lhe prometteu emendar-se, e assim o cumpriu, sendo d'alli em diante um prelado exemplarissimo. Em memoria d'este successo, apenas se recolheu á sua diocese, mandou tirar de cima do retabulo da capella-mór da sé, que era de talha dourada e obra sua, o escudo das suas armas, e no lugar d'elle fez collocar uma cruz com as insignias episcopaes, e por baixo duas mãos travadas uma á outra.

A visinhança do rio Douro, e de um santuario grandioso, e muito ve-

nerado; um terreno accidentado, onde os montes se erguem cobertos de bosques, e os valles bem cultivados, e sempre verdejando, graças á abundancia da agua, e á humidade que espalham amiudados nevoeiros; todas estas circumstancias fazem formosos e pittorescos os suburbios de Lamego. E além d'isto são muito productivos, em vinhos especiaes, principalmente, em azeite, cereaes, legumes, fructas, linho, gados, e caça.

LAMPADA (do grego *lampas*, facho). As lampadas, que os egypcios inventaram, não se usavam ainda na Grecia na época do cerco de Troya. Volvidos tempos, foram vulgarissimas em Grecia e Italia, onde serviam nos templos, em festividades publicas e domesticas, e nas sepulturas. Construiam-se de barro cosido, de bronze, prata, ouro, variando infinitamente no feitio. As lamparinas eram de uso vulgar. Quinquet, pharmaceutico de Paris (no fim do seculo XVIII), foi quem primeiro cercou a chamma de tubo de vidro, invenção singelissima que deu ao celebre Argant a idéa da maxima perfeição a que as torcidas alimentadas pelo oleo tem chegado em nossos dias. As lampadas de Argant, que toda a gente conhece, alumiam mediante uma mecha cylindrica recebida entre dous cylindros ôcos, collocados um no outro. O oleo contido no reservatorio posto acima do bico passa por entre os dous cylindros, e, infiltrando-se no tecido da mecha, vai alimentar a chamma. Duas correntes de ar, uma que se estabelece no tubo interior, e outra que se introduz entre o bordo inferior da chaminé e o cylindro exterior, dão á luz uma viva claridade que a lampada projecta. Carcel, tão conhecido hoje, observando que o deposito do oleo, collocado pouco acima do bico, tinha o inconveniente de produzir sombra, construiu uma lampada cujo reservatorio é no pedestal, e, mediante uma bomba pequena, faz subir quantidade sufficiente de liquido em torno da torcida. A lampada Carcel, que apresenta as causas todas do desarranjo das pendulas, tem o grave inconveniente de reclamar frequentes concertos entre mãos de artistas especiaes. A verdadeira solução economica e mecanica foi dada em 1836 quando Franchot, antigo alumno da escóla polytechnica, inventou o candieiro *moderador*, apparelho que, além de todas as vantagens das lampadas Carcel, se vende barato e se concerta facilmente. Da lampada de segurança, já fallamos no artigo INVENÇÕES.

LANGUEDOC. No seculo VIII os sarracenos occuparam-no por pouco tempo, e de lá os expulsaram Charles-Martel, Pepin, e Charlemagne. O Languedoc formou desde então sob dominio da França o ducado de Septimanie que, no seculo X, se mudou ao condado de Tolosa. Na época da cruzada contra os albigenses, o conde Amaury de Montfort, a quem o condado pertencia, o cedeu ao rei de França, Luiz VIII, pai de S. Luiz.

Prolonga-se desde os Pyreneos até ao Lyonnais. As cidades principaes são Toulouse, Alby, Carcassone, Montpellier, Mende, Le Puy, Privas, Nimes, etc.

LAPONIOS. (Veja SUECIA).

LA ROCHEFOUCAULD. Dotado de lance de vista sagacissimo e de fino juizo que em redor de si exercitava no estudo da côrte elegante e espirituosa, variadissima de physionomias tanto por arte como por natureza, La Rochefoucauld, talentoso em definir e pintar, alistou-se entre os escriptores insignes do seculo XVI. As suas maximas, trasladadas a todas as linguas cultas, ainda hoje são consideradas como um curso de philosophia pratica, e por isso meditadas e decoradas como regras uteis em todas as situações da vida.

LARVA. (Veja ARTICULADOS).

LATIM. Segundo Bullet, a população da Italia era formada de celtas, vindos do occidente, e gregos vindos

do oriente. Os idiomas d'estas duas nações se confundiram, e d'esta mescla se gerou a lingua latina que effectivamente é composta de palavras gregas e gallezas. Com difficuldade, porém, a lingua latina, que sobreviveu á dominação romana, transpoz os limites da Italia. Já Cicero dizia que o grego se lia em toda a parte, e o latim apenas em limitada região do paiz. Eis aqui uma opinião, quanto á origem da lingua latina; mas receamos que ella resista a uma rigorosa historia critica das linguas.

Ninguem ignora que a historia critica das linguas é um subsidio indispensavel no estudo d'ellas; pois não será possivel, sem o seu auxilio, conhecer os differentes estados por que ellas passaram, nem por conseguinte formar um juizo critico dos monumentos onde se ha de aprender a pureza da expressão e a elegancia do estylo, que constituem a base da perfeição da linguagem. A necessidade d'este requisito, que se verifica a respeito de qualquer lingua, se torna muito mais importante no estudo da lingua latina, que pelo longo periodo da sua duração, pela vasta extensão de territorio que abrangeu, e mudanças politicas que n'ella houve, esteve exposta a maior numero de alterações que algumas outras. É por isso que apresentamos esta breve noticia da origem, progresso, decadencia e restauração da lingua latina.

A origem da lingua latina tem sido objecto das averiguações de muitos philologos modernos, mas de todos os seus trabalhos só podemos colligir que é este um facto incerto e obscuro. Fosse embora fallada no Lacio, d'onde deriva o seu nome, mas constando-nos que a Italia desde os mais remotos tempos pela amenidade do clima, e fertilidade do solo, convidára differentes povos a virem n'ella estabelecer suas colonias, como os aborigenes, enotrios, oscos, ausonios, lidios, arcades e troyanos, preciso seria termos noticia exacta da historia d'estes povos para fixarmos a origem da lingua latina. Porém a falta de monumentos historicos d'esta idade faz que de semelhantes povos pouco mais saibamos que os nomes; d'aqui vem a divergencia dos philologos em assignar a origem da lingua latina, e suas opiniões não tem mais peso que aquelle que merecem conjecturas em materia de facto: contentar-nos-hemos pois com apontar uma que nos parece mais plausivel, e é, que vindo differentes povos habitar na Italia, se formou uma lingua composta de seus differentes dialectos, que sendo primeiro mixta e barbara, se poliu gradualmente como as outras. Basta quanto á origem: examinemos seus progressos.

Não permaneceu esta lingua no mesmo estado, mas (como em todas as cousas humanas acontece) rude e tosca em seu principio, polida pouco a pouco, e aperfeiçoada, depois de haver por largos annos florescido, veio finalmente a decahir. E na verdade, se contemplarmos a historia d'esta lingua, que anda sempre a par da do imperio romano, se applicarmos com miuda analyse aos monumentos, que d'ella nos restam, os caracteres por onde se distinguem as linguas cultas das barbaras, acharemos que nos primeiros cinco seculos depois da fundação de Roma, esta lingua, como em sua infancia, dera mui poucos passos para a polidez em que depois a vimos. N'estes primeiros tempos, entretidos os romanos em estender suas conquistas ou em consolidal-as por meio das armas, não tinham tempo de polir sua linguagem, e os principes romanos, como diz Cicero, assim como tinham mais madureza em seus conselhos, que eloquencia em seus discursos, bem longe de darem asylo ás sciencias, até receavam que a sua cultura esfriasse o brio marcial da mocidade romana. Mas não eram os romanos ineptos para as artes; eram geralmente dotados de um genio vivo, e emprehendedor, e a continua communicação com os gregos, cuja lingua se achava n'aquelles tempos tão polida, havia infallivelmente leval-os á cultura da sua; porém estes incentivos através d'aquelles obstaculos não podiam produzir seu effeito prompta-

mente: é por isso que os escriptores, que se seguem até o principio do setimo seculo da fundação de Roma, se distinguem mais pela viveza do engenho que pela belleza da linguagem, e admira-se mais a gravidade e a solidez dos pensamentos que a elegancia; nos muitos hellenismos, de que abundam seus escriptos, bem se deixa vêr que eram servis imitadores dos gregos, mas confessemos de bom grado que elles enriqueceram muito sua lingua, e que é sem duvida a seus grandes esforços e trabalhos que se deve não ficar esta lingua nas trevas da barbaridade, em que nascera, e seus escriptos são de tanto maior merito, quanto mais se afastam da sua barbara origem.

Mas aproximemos nossas vistas e vejamos que brilhante face nos offerece a historia d'esta lingua contemplada nos escriptores que se seguem até á morte de Octaviano Augusto, annos de Roma 767, 14.º da era vulgar. É esta a idade vigorosa em que esta lingua, livre de todo do pesado jugo da barbaridade que a opprimia, chegou ao maior auge de perfeição a que podia aspirar, e os preciosos monumentos que nos restam d'esta idade em todo o genero de litteratura, dão bem claro testemunho do grau de sublimidade a que se elevou.

N'este tempo, havendo os romanos conquistado a Hespanha, as Gallias, parte da Germania, havendo subjugado ao seu imperio os paizes a que se estendera o dominio dos gregos na Europa, Asia e Africa, havendo pela sua intrepidez e feliz resultado de suas empresas, conseguido nas armas a primazia entre todas as nações do mundo, não deixaram em menos cabo a gloria das letras. Com effeito, a mais estreita communicação com os gregos e a continua lição de seus escriptos, fez que se apurasse entre os romanos o gosto da eloquencia e da poesia, e se Terencio com a assidua lição das comedias de Menandro introduziu na lingua latina a maior parte das bellezas da grega; Cicero lhe deu o numero e harmonia, e os poetas do tempo de Augusto a enriqueceram com os despojos de Pindaro e Homero: estabeleceram-se em Roma escólas de philosophia e eloquencia, d'onde com tanto horror haviam sido outr'ora repellidas; e sendo a cultura das sciencias connexa pela sua mesma natureza com a perfeição da linguagem, como diz Horacio, é evidente quão grandes effeitos havia de produzir esta causa de si mesma tão fecunda; porém ella tomou muito maiores forças auxiliada pelo favor dos principes, d'onde veio que o gosto da litteratura, que fôra quasi totalmente abandonada, se converteu, por assim dizer, como em mania: de mais, o uso de tratar as causas em publico, e a educação litteraria que então começou a dar-se á mocidade, todas estas causas, obrando de mãos dadas, haviam de ter forçosamente resultados bem sensiveis: nós o observamos, e na verdade menos, que estas cousas tão poderosas não produziriam effeitos tão extraordinarios. Foi n'esta idade florente, que esta lingua, que em outro tempo apenas se fallára no Lacio, se tornou quasi universal, ao mesmo passo que se foram estendendo as conquistas dos romanos por toda a Italia, pelo norte da Africa e occidente da Europa, e n'ella se poliram de tal sorte algumas provincias fóra do Lacio, que poderam rivalisar com a mesma Roma.

N'este auge de esplendor se conservou a lingua latina até á morte de Octaviano Augusto e este trabalhou ainda por manter até á morte de Trajano, annos da era vulgar 117; porém n'este segundo periodo já soffreu algumas alterações, quer no estylo, quer na pureza da linguagem, como lamentou justamente Seneca; porém como a marcha natural nas cousas humanas é sempre gradual e successiva, por isso não se fizeram muito sensiveis senão no periodo seguinte, que começou na morte de Trajano. E' por tanto n'esta idade que se estabelece propriamente a decadencia da lingua latina, é então que a vêmos ir degenerando a passos largos, já pela introducção de palavras peregrinas totalmente desnecessarias, já por se darem

a algumas significações totalmente differentes das que os classicos lhe deram, já por uma affectação ridicula em que n'aquelles tempos de corrupção se fazia consistir a delicadeza da linguagem. Muitas foram as causas que concorreram para esta decadencia, sendo a principal de todas a falta de cultura da sciencia; esta, assim como em outro tempo fomentada e magnificamente galardoada pelos imperadores, havia exaltado a linguagem ao mais sublime grau de elevação, agora menosprezada pela maior parte dos imperadores, que sómente meditavam ardis para sustentar o seu throno vacillante, decahiu depressa e com ella a pureza da lingua. De mais as continuas guerras civis tiravam o ocio indispensavel para exercicio da litteratura: por ultimo a introducção nos cargos publicos de homens naturaes de provincias situadas fóra da Italia, assim como eram grande parte dos mesmos imperadores, fez dominar o provincianismo com grave detrimento de pureza da linguagem. Estas causas, que por si mesmas bastariam para a total decadencia da lingua, conceberam muito maior força pela invasão dos barbaros que de differentes paizes do norte vieram entrando e apossando-se de algumas provincias do imperio romano no principio do seculo V e d'ahi por diante: então é que a lingua latina, que a despeito de tantos estorvos, havia chegado a tal auge de perfeição, ameaçou sua total ruina, que veio finalmente a verificar-se no anno 476 da era vulgar, quando Odoncio, rei dos hercules, invadindo a Italia forçou Augustulo a descer do throno e acabou de uma vez com o poderoso imperio do occidente. É esta a época fatal da lingua latina; e nos escriptores que se seguem vêmos sua total degeneração, até que veio finalmente a extinguir-se no uso vulgar, substituida por romances ou lingua mixta, formada dos destroços da mesma e das linguas barbaras dos povos do norte, que foram invadindo e assenhoreando-se de todas as provincias do imperio romano. Assim decahiu a lingua latina, e d'esta sorte cedeu ao peso da barbaridade uma lingua, que havia sido conhecida e respeitada desde o Oceano até ao Eufrates, e desde o Atlante até ao Rheno e Danubio.

Porém se a decadencia do imperio romano foi um golpe fatal para a lingua latina, a ruina do imperio do oriente occasionou a sua restauração. Sacudido o imperio grego pelas armas dos turcos e conquistada Constantinopla por Mahomet II a 29 de maio de 1453, muitos sabios gregos se viram na necessidade de se refugiarem ao occidente, e forcejando estes por fazer resurgir, e transmittir-nos o gosto da litteratura, desenterraram-se preciosos monumentos da lingua latina, que lendo-se e analysando-se, começaram os amantes da litteratura a apreciar as bellezas que alli estavam encerradas; e por isso começou esta lingua a polir-se de novo gradualmente, bem como as outras que haviam nascido das ruinas d'ella, para o que concorreu tambem a protecção dos imperantes, vindo por ultimo esta lingua a ser a lingua commum da religião e das sciencias.

Temos dado um simples esboço da historia critica da lingua latina; d'aqui se vêem as differentes idades em que ella se deve dividir. Nós sem fazermos menção dos primeiros cinco seculos, a que podemos com Walchio chamar idade barbara e semi-barbara da lingua, adoptando o methodo mais seguido, estabelecemos a primeira idade, que é chamada *idade aurea* da lingua no periodo que decorre desde a segunda guerra punica, annos de Roma 536, até á morte de Octaviano Augusto, annos de Roma 767, 14.º da era vulgar; a segunda, que é chamada *idade argentea* desde este tempo até á morte de Trajano, annos da era vulgar 117; a terceira, que é chamada *idade enea*, desde então até á tomada de Roma por Alarico no tempo de Honorio, annos da era vulgar 410; a quarta, que é chamada *idade ferrea*, desde este tempo até á restauração das letras no seculo XV.

Apontemos alguns escriptores celebres que floresceram n'estas idades:

Idade aurea

POETAS		PROSADORES	
Plauto	1	Catão	1
Terencio	2	Varrão	2
Lucrecio	3	Cicero	3
Catullo	4	Cesar	4
Virgilio	5	Aulo Hircio	5
Horacio	6	Sallustio	6
Tibullo	7	Cornelio Nepote	7
Propercio	8	Tito Livio	8
Ovidio	9	Vitruvio	9
Manilio	10	Cornelicio	10
Cornelio Severo	11		
Gracio Falisco	12		

Idade argentea

POETAS		PROSADORES	
Phedro	1	Cornelio Celso	1
Lucano	2	Estribonio Largo	2
Aulo Persio	3	Pomponio Mella	3
Juvenal	4	Columella	4
Stacio	5	Velcio Paterculo	5
Seneca, tragico e philosopho	6	Valerio Maximo	6
Marcial	7	Quinto Curcio	7
Silio Italico	8	Petronio Arbitro	8
Valerio Flacco	9	Tacito	9
Terenciano Mauro	10	Quintiliano	10
Sulpicia, matrona romana, escreveu a satyra, quando Domiciano por edito mandou sahir de Roma todos os philosophos	11	Suetonio	11
		Frontino	12
		Plinio Maior	13
		Plinio Menor	14
		Lucio Floro	15

Idade enea

POETAS		PROSADORES	
Ausonio	1	Aulo Gellio	1
Sereno Sausonico	2	Apuleio	2
Claudiano	3	Justino	3
Calpurnio	4	Palladio	4
Nemesiano	5	Censormo	5
Aurelio Prudencio	6	Os escriptores do Digesto	6
Genedio	7	Os authores da Historia Augusta	7

POETAS

Falconia Proba escreveu em um centão de Virgilio a Historia Sagrada do antigo e novo testamento 8

PROSADORES

Os panegyristas antigos . . . 8
Eutropio 9
Sexto Aurelio Victor 10
Vegecio 11
Macrobio 12

Idade ferrea

POETAS

Numenciano 1
Celio Sedulio. 2
Sidonio Apollinar 3

PROSADORES

Sulpicio Severo 1
Orosio 2
Silviano 3

Depois da restauração das letras muitos escriptores houve em differentes nações, que muito se esmeraram por fazer resurgir em seus escriptos o bom gosto da lingua latina, e o nosso Portugal não foi menos fecundo n'este genero, que nos outros ramos da litteratura. Referiremos alguns dos principaes latinistas portuguezes:

Henrique Caiado.
Garcia de Menezes, bispo d'Evora.
Ayres Barbosa.
André de Gouvêa.
Diogo de Teive.
André de Resende, chamado o Varrão portuguez.
Ignacio de Moraes.
Antonio de Gouvêa.
Diogo Mendes de Vasconcellos.
Jeronymo Cardoso.
Jorge Coelho.
Jeronymo Osorio, bispo de Silves, chamado o Cicero portuguez.
D. Antonio de Pinheiro, bispo de Miranda.
Damião de Goes.
Achilles Estaço Miguel de Cabedo e Vasconcellos.
Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo.

E outros muitos que se poderão vêr na *Bibliotheca lusitana* de Diogo Barbosa Machado.

LAVRADOR. Obter, trabalhando, o maximo possivel dos productos da terra, sem todavia a exhaurir, é o escopo da agricultura, e ao qual o lavrador deve olhar. D'ahi a necessidade que lhe corre de possuir a sciencia dos elementos favoraveis e nocivos á vegetação, de conhecer os costumes, instinctos e modos das plantas que cultiva. Deve estudar a meteorologia em todas as suas relações com o reino vegetal, a formação das nuvens, dos nevoeiros, dos orvalhos, da chuva, da saraiva, da neve, a theoria dos ventos e a falta de equilibrio do ar.

«A cultura da terra, que attrahe o principal cuidado dos homens, e é conhecida e praticada sómente por aquelles povos que já teem chegado a um certo grau de civilisação, deve com toda a justiça ser considerada como arte liberal, que tende a promover o maior bem da sociedade. A agricultura não sómente exige conhecimentos do processo material da lavoura, ceifa, colheita, etc., mas tambem noções de astronomia, para na devida estação pôr em pratica os necessarios trabalhos, e estudo para conhecer quaes as sementes e plantas que se devem lançar á terra; a natureza e propriedades dos diversos terrenos, e a manipulação que elles demandam, e bem assim quaes os arbustos e hervas que o solo esponta-

neamente dá. O agricultor instruido deve fazer experiencias sobre as differentes producções e colheitas que as suas searas podem dar-lhe, para aproveitar todo o seu prestimo, e assegurar uma boa novidade cada anno, sem comtudo enfraquecer as terras: deve conhecer perfeitamente do prestimo e defeitos das differentes especies de gados, a maneira de os crear, e de servir-se d'elles com vantagem, as doenças a que estão sujeitos, o methodo proprio de cural-as — tudo isto se deve estudar por principios theoricos, corroborados pelos dictames da experiencia.

«Taes são alguns dos importantes deveres do agricultor que se applica á cultura da terra como arte liberal, que olhada por este lado deve com toda a justiça ser apreciada como occupação da maior importancia, e a mais digna do acolhimento e protecção dos que exercem os elevados cargos da sociedade. Os romanos faziam tanto apreço d'ella, que um dos seus mais celebres generaes, Cincinnato, foi chamado da lavoura das suas pequenas terras, e largou o arado para empunhar a espada do commando do exercito da republica, e dirigir os negocios do estado como dictador absoluto. Em épocas mais modernas ha tambem exemplos do quanto a agricultura tem merecido a attenção dos que governam. Bem conhecida é a protecção e impulso que n'este reino lhe deu el-rei D. Diniz, que por isso é, e será sempre conhecido pelo honroso titulo de — *rei lavrador*. — Jorge III, rei de Inglaterra, favoreceu a agricultura com o maior fervor; e ainda hoje o imperador da China todos os annos, segurando no arado com a propria mão, abre um rego, para que os mais nobres dos seus vassallos não deixem de prestar a esta arte os cuidados que lhe são devidos.

«Esta industria, que constitue o principal thesouro dos povos civilisados, não deve ser abandonada ás mãos do homem grosseiro do campo, que não sabendo lêr faz-se escravo de todos os prejuizos e absurdos vulgares por causa da sua crassa ignorancia; mas deve ser dirigida por quem saiba e queira assiduamente preencher os encargos scientificos que demanda. Nenhuma das artes, denominadas liberaes, póde dispensar conhecimentos profundos e variados para ser cultivada. Entre nós ha escólas, collegios e aulas para toda a qualidade de estudos, alguns dos quaes de pouco ou nada servem, e deixa-se esta occupação, que é a base da existencia das sociedades, nas mãos de pessoas ignorantes, que nunca se afastam da rotina em que foram creadas, por não terem penetração e animo bastante para se adiantarem. Ninguem póde marcar os limites á fecundidade da terra, que sempre retribue ao lavrador em proporção dos desvelos com que é tratada. Não padece duvida que se os agricultores fossem educados para tal profissão com todos os elementos necessarios, não se entregando á ociosidade, e havendo sociedades poderosas que promovessem este importante ramo de industria, a terra poderia sustentar abundantemente todos os seus filhos, e evitar-se-hiam dous grandes males que nas sociedades civilisadas são de terriveis consequencias — a fome, e o crime.

«Dir-se-ha que presentemente em toda a parte se dá grande impulso á agricultura; que todos os dias se estão fazendo experiencias n'este ramo, para que se não poupam despezas; mas que pela maior parte falham: porém devemos attender a que outro tanto succede em qualquer arte ou sciencia, pela simples razão de que não é possivel chegar de repente á meta da perfeição; e que só repetindo as experiencias se póde alcançar a corôa de um resultado feliz. Ora sendo certo que os esforços d'individuos em particular teem sido cabalmente recompensados com prosperos successos, quando pretendem augmentar a fertilidade da terra, quanto mais não faria uma instituição nacional, destinada para este fim, dirigida por professores habeis em todos os conhecimentos precisos a um perfeito agricola! Seria conveniente destinar terrenos de varias qualidades para

fazer estas experiencias, recolhendo cuidadosamente os resultados, e quando falhem, procurar investigar as causas quanto possivel seja, e repetir os ensaios até se conseguir o desejado melhoramento. Não adoptando este plano, os nossos lavradores contentar-se-hão com as perdas ordinariamente causadas por sua ignorancia propria, que os faz rejeitar todos os methodos e inventos novos, pela simples razão de nunca os terem visto usados: mas se os lavradores, principalmente os opulentos, recebessem uma educação conveniente, e fossem versados nos ramos scientificos de que depende a sua profissão, não lutariam frequentemente com um sem numero de obstaculos, que tantos prejuizos lhe causam, sem que possam precavêl-os, ou remediar-lhes as consequencias.» (*Panorama*).

«Um espaço de campo, não tão vasto,
Com seu vergel, perenne e pura fonte
Junto da casa, um pequenino bosque...
Eis o que anhelei sempre — O céo benigno
De sobejo me ouviu — Bem! — d'ora ávante,
Filho de Maya, pedir-te-hei sómente,
Que d'estes bens na posse me conserves.
Se a herdade mór não fiz por via iniqua,
Nem menor a farei por vicio, ou culpa;
Se allucinado não depreco, e exclamo:
«Ah! quem me dera o angulo visinho,
«Que além me está desalindando o predio!
«Oh! se uma talha d'ouro deparasse,
«Como aquell'outro pobre arrendatario,
«Que o mesmo chão comprou co'a mina achada,
«Rico por graça de Hercules propicio!»
Pois, do que tenho, grato, me contento,
Com esta unica prece, ó Deus, te imploro;
«Gado, e tudo o que é meu benigno engorda,
«Tudo menos o engenho. De hoje em diante
«Sê, qual té'qui, meu soberano guarda.»
N'estes montes, em fim, acastellado,
Longe de Roma, tratarei primeiro
De polir minhas satyras pedestres;
Aqui dira ambição me não persegue,
O sul pesado, ou o doentio outono,
Que tanto lucro a Libitina offerece.
Pai da manhã, ó Jano, (se este nome,
Mais te apraz escutar) comtigo os homens,
Por lei do fado, da existencia o trato,
Das varias obras a fadiga encetam;
Sê tu, tambem, dos versos meus principio!
Se em Roma estou, por fiador me arrastas;
«Eia, me bradas, teu dever te chama;
«Vamos; não te antecipe attento amigo.»
Cumpre ir, quer duro norte as terras varra,
Quer a quadra nevosa encurte o dia;
E bem expresso, o que empecer me deve,
Hei de, por fim, barafustar na turba,
E atropelar quantos depois chegarem.
«Que pressa tens? que intentas, estouvado?»
Diz o insoffrido, e cobre-me de pragas:
«Se tens na idéa ir visitar Mecenas,
«Derribarás quantos ahi vês diante?»
Ora isto, (sem mentir) me é dôce e grato!
Porém mal chego ás lugubres Esquilias,
De um lado, e de outro innumeros negocios,
(Todos alheios) subito me assaltam.
«Rocio te pede, que ámanhã ás oito,
«Com teu favor, no Puteal lhe assistas.»
— «Por causa de alta monta os secretarios
«Te rogam, que lá voltes hoje, ó Quinto!»
— «Faze, que selle este papel Mecenas»
Se respondes — veremos — insta e junta —
«Bem o pódes, querendo.» O setimo anno,
Já do oitavo mais proximo, decorre
Dês que entre os seus Mecenas me enumera;
Não mais que por levar-me no seu coche,
Quando viaja, ou ter a quem confie
Ditos, e ninharias, d'esta laia:
«Que horas são? É de Syro par Gallina?
O frio da manhã já morde o incauto!»
E cousas semelhantes, que sem risco
Se podem commetter a rota orelha.
De então, de dia em dia, de hora em hora,
Recresce contra mim da inveja a furia;
Se juntos ao espectaculo assistimos.
Se commigo jogar no Marcio campo:
«É da sorte o mimoso,» — exclamam todos.
Mana do Rostro frigido boato?
Qualquer que encontre me consulta: «amigo,
«Que ha ahi dos Daces, tu sabêl-o deves,
«Pois que de perto com os deuses tratas.»
— Nada sei! — Estarás zombando sempre!
— Os deuses todos seu favor me neguem,
Se em tal ouvi fallar! — Vamos; que assentas?
Dará Cesar ás tropas cá da Italia,
Ou na Sicilia, os promettidos campos?
— Se lhe juro, que nada sei, me admiram
Como homem de um segredo inviolavel.
Em tanto, afflicto, se me escôa o dia;
Mas não sem vetos — Venturoso campo!
Quando o momento chegará de vêr-te?
Quando d'este viver atribulado,
Em livres horas, em suave somno,
Ou na lição de antigos escriptores,
Saborearei jucundo esquecimento?
Quando perante mim verei na mesa
A fava de Pythagoras parenta,
E de pingue toucinho as fartas hervas?
Oh! serões immortaes! divinas cêas!
Por mim, c'os meus, no proprio lar, comidas!
E onde, co'as já provadas iguarias,
Regalo os meus creoulos petulantes;
Onde o conviva a bel-prazer esgota
Os copos desiguaes; e, alliviado
De insanas leis, ou já valente empunha
Bojuda taça, ou com mediano calix

De melhor grado o estomago humedece!
Logo a pratica nasce, não de quintas,
Da alheia casa, ou do bailar de um Lepos;
Mas sim de assumpto, que nos toca ao perto,
Que mal podemos ignorar sem damno:
Se é na riqueza, ou antes na virtude
Que o mortal bebe solida ventura?
Se interesse, ou dever, o amigo obriga?
O bem que é? seu maximo qual seja?
Cervio, visinho meu, galreja a talho
Contos de velha; e pois se alguem de Arellio
Louva ignaro as solicitas riquezas;
Eil-o começa — Contam, que outro tempo
Um rustico leirão na pobre lorga
Agasalhára da cidade um rato;
Velho hospede de velho e caro amigo;
Poupado, agenciador; mas que em taes lances
Ensanchas dava ao animo acanhado.
Por atalhar: de seu granel antigo
Não poupa a aveia, o chicharo não poupa:
Resequido bagulho eis vem na bocca;
Vem de toucinho o encetado naco,
Desejando vencer co'a varia cêa
O fastio do hospede, que apenas
Lhe ousa tocar co' desdenhoso dente.
Em frescas palhas estirado, em tanto,
Come o dono da casa a escandea, o joio,
Por deixar-lhe o melhor das iguarias.
Em fim discorre o cortezão: — amigo,
Como pódes viver tão triste vida
Na encosta d'este alcantilado monte?
Porque não trocas a cidade, os homens,
Por esta soledade, e horridas brenhas?
Meus conselhos abraça: vem commigo:
Tudo o que vive sobre a terra, tudo
Perecedor espirito sorteia:
Grande, pequeno, ao Lethes nada escapa!
Por tanto, meu querido, em quanto pódes
Dá-te ao prazer, e afortunado vive:
E olha, que a vida é um fugitivo sonho!
Palavras taes o rustico abalaram;
Lesto salta da lorga, e andam juntos
A talhada jornada, planejando
Trepar, nocturnos, da cidade os muros.
Já tinha a noite meio céo vencido
Quando ambos opulenta casa entraram:
D'alli, os leitos de marfim cobrindo,
Tinta em grã nacarada a colcha ardia;
D'alli, a um canto, em cestos arranjados,
Jaziam abundantes iguarias,
Da lauta cêa anterior sobejo.
Apenas, sobre a purpura estendido,
O rato da cidade o outro arranja;
Qual moço arregaçado, corre, gira,
E os manjares solicito renova;
E, por melhor fazer de moço as vezes,
Do que lhe traz primeiramente prova.
O outro, encostado sua dita applaude,
E faz de grato, e festival conviva.
Eis que das portas rompe horrendo estrondo,
Que de sotaque os dous do leito arroja:
Por toda a sala pavidos vagueiam:
E sem pinga de sangue mais trepidam,
Quando os erguidos tectos retumbaram
Com o latir dos validos mollossos.
Então exclama o rustico: — meu rico,
A brenha, a toca de perigos livre,
Me consolam dos chicharos mofinos:
Não quero tal viver — fica-te embora.»

(Horacio, versão do snr. visconde de Seabra).

LAW. (Veja DEZOITO (seculo).

LEALDADE. «Um dos *caracteres* mais interessantes, assim como um dos mais extraordinarios pelas vicissitudes da fortuna, já prospera, já adversa, dos que descreveu o inimitavel Plutarco, foi o de Publio Licino Crasso, o triumviro. Este romano, filho d'uma familia consular, começou por vêr a destruição de toda a sua casa no tempo das proscripções de Sylla e Mario; — seu pai e seu irmão mortos de ordem dos tyrannos; — seus bens confiscados; — e sua cabeça posta a preço. Fugitivo e errante, subiu na Asia á confiança e valimento de Sylla, que ahi commandava; — voltando a Roma, fez-se o homem mais rico e poderoso da republica a ponto de ser convidado por Pompeu e Cesar a formar com elles o directorio do mundo; — e no meio d'este grande poder, levado d'ambição, de gloria e de ciume, imaginou conquistar o oriente, partiu com um exercito, atravessou o Eufrates, e, combatido pelos elementos e pelos parthos nas aridas campinas da Persia, morreu miseravelmente ás mãos dos inimigos, tendo visto primeiro trucidar seu filho e destruir o seu exercito amotinado. Este exemplo memoravel de inconstancia da fortuna começou muito moço por experimentar a extravagante volubilidade do seu destino. O seguinte caso o prova. Era ainda mancebo quando Cinna e Mario, vencedores, enchiam Roma de luto e proscripções; e vendo-se sem segurança pessoal, sem casa, sem pai e irmão, acompanhado de alguns escravos fieis teve a felicidade de escapar; atravessou até á Hespanha, onde seu pai havia commandado, e onde adquirira alguns amigos. Tendo porém achado

tudo aterrado com medo de Mario não ousou dar-se a conhecer; e como d'outro tempo sabia as veredas do paiz retirou-se a uma gruta junto ao mar, formada pelos rochedos cavados das ondas, n'uma fazenda de Vibius Pacianus. A precisão de mantimentos forçou-o a mandar um de seus escravos ter com este como para sondar as suas disposições: Pacianus alegrou-se sabendo estar a salvo o filho do seu amigo; mas despediu o mensageiro dizendo-lhe que sob pena de morte se recolhesse sem mais apparecer, nem fallar a pessoa alguma. Depois d'isto mandou chamar o seu escravo que governava a propriedade em que estava a gruta, ordenou-lhe que todos os dias ao cerrar da noite depozesse á porta da caverna uma cêa abundante, e a deixasse ahi sem mais indagar nem inquirir noticia, pena de morte á menor indiscrição e curiosidade. Assim se fez; estas provisões eram sufficientes para nutrir os novos anachoretas, e ainda mais, eram lautas e variadas; nos ambages da caverna havia fontes d'aguas que filtradas pelo rochedo ahi cahiam refrescando o ar; penetrava o sol pelas aberturas, e communicava a luz a differentes aposentos que a natureza alli formára como galerias; a interessante vista do mar estava patente. Assim passaram alguns tempos, quando Pacianus reflectiu que um mancebo reduzido a semelhante solidão havia d'anojar-se e cahir em tristeza; tomando comsigo duas escravas instruidas e prendadas conduziu-as á borda do mar, mostrou-lhes a vereda do antro, e ordenou-lhes entrassem na caverna sem temor e servissem no que seu novo senhor mandasse. Facil é de imaginar o assombro de Crasso ao vêr tal espectaculo; mas ellas, doutrinadas, o socegaram dizendo iam alli procurar e servir a seu senhor. Oito mezes haviam decorrido quando em Roma morreu Cinna; com a morte do tyranno desassombrou-se a gente; saltou Crasso fóra da caverna; mostrou-se no paiz; o infortunio mesmo da sua familia e a reacção da violencia lhe formaram um partido; juntou algumas forças, e com ellas de Malaga se embarcou para a Africa, e d'ahi, reforçado ainda, partiu para a Asia, onde foi recebido de Sylla com alvoroço, e vencedor com elle entrou em Roma a ser o mais rico dos romanos. E d'onde veio a ponta do fio da sua fortuna? Da cova? Não; da fidelidade do amigo, o mais seguro asylo na desgraça.

«Entre as personagens implicadas na conspiração do duque de Vizeu, D. Diogo, contra el-rei D. João II o estava mui principalmente D. Alvaro de Atayde e seu filho Pero d'Atayde. Todos sabem que el-rei tinha as provas do trama na mão; e que cahindo como raio sobre os culpados os surprehendeu todos, e fez d'elles estranha e severa justiça: tres homens sómente escaparam á inexoravel vindicta do soberano; Pero d'Albuquerque, que depois conseguiu prender na torre de Londres, e os dous Ataydes de que fallamos. A historia do seu livramento é a seguinte. — A parte que coubera aos dous Ataydes na distribuição dos papeis d'este drama era, depois de concertado o momento da morte d'el-rei, cercar o convento de Santa Clara de Santarem, apoderar-se da excellente senhora, leval-a ao castello de Lisboa, e com esta especie de refens, grandemente ambicionado por Fernando e Isabel, captar o auxilio hespanhol para collocar no throno o duque D. Diogo. Descoberto o trama, e procurados cuidadosamente todos os conjurados, acharam os Ataydes um homem em Setubal que ousou arrostar a sanha e terrivel vingança do rei homisiando-os em sua casa durante as primeiras pesquizas. Porem o asylo não podia ser seguro por muito tempo, e forçoso era pôr a salvo ao longe. Valeram-se da fidalguia cavalleirosa do conde de Villa-Real, D. Pedro de Menezes, e entregaram-se-lhe para os salvar. D. Pedro entregou-os a seu filho D. Antonio de Menezes, moço de 18 annos, o qual de noite e por entre mil perigos os levou á Galliza, e deixando-os seguros voltou a dar conta da sua commissão. O conde de Villa-Real então

acompanhado de seu filho foi a palacio denunciar-se a el-rei, e contar-lhe tudo. D. João II era talhado para avaliar as acções generosas; e voltando-se para o mancebo D. Antonio, ainda imberbe, lhe disse: «Os filhos de Villa-Real nascem emplumados.»

«Outro exemplo consolador de deferencia aos fóros da desgraça foi a lealdade e serviços praticados no livramento do snr. D. Antonio, prior do Crato, e de seus filhos, D. Manoel e D. Christovão, ainda meninos. Bem conhecidos são os resultados do combate da ponte d'Alcantara em Lisboa; a fuga do pretendente para Santarem, Porto e provincia do Minho, perseguido de perto pelas forças castelhanas, que de todas as partes da fronteira lhe iam pondo cerco; era-lhe caro o paiz, alentavam-o as sonhadas glorias do throno, enternecia-o a dedicação do seu partido popular ainda numeroso, mas sem força; d'asylo em asylo andou até embarcar definitivamente para França. Ninguem o trahiu: o derradeiro couto do seu homisio foi a quinta de Macieira ao pé do mar, entre Espozende e Vianna, pertencente a uma familia nobre de Villa do Conde (hoje de José Carneiro Rangel). Não podendo reunir os filhos ao seu destino deixou estes n'uma aldeia de Santa Eulalia de Fremontãos, em casa d'uma viuva, d'onde os tomou mais tarde um conego de Guimarães que os conduziu á Hollanda sãos e salvos.» (J. da C. N. C.).

LEÃO. (Veja Carnivoros).

LEÃO O GRANDE. (Veja Quinto seculo).

LEGUMINOSAS. (Veja Dicotyledoneas).

LEI. «O homem, como ente physico, é, á semelhança dos outros corpos, governado por leis invariaveis; como ser intelligente, transgride continuamente as leis que Deus estatuiu, e muda as que elle mesmo fez. É-lhe mister ser guia de si proprio, sem embargo de ser um ente limitado — está sujeito á ignorancia e ao erro como todas as intelligencias finitas; até os poucos conhecimentos que tem está em risco de os perder. Como creatura sensivel, mil paixões o avassallam. Ora, estando um ente d'esta especie sempre a ponto de esquecer o seu Creador, Deus o avinculou a si pelos liames da *religião;* e, como tambem a cada passo um tal ente podia esquecer-se de si mesmo, os philosophos o advertiram por leis de *moral.* Constituido para viver em sociedade, o homem poderia esquecer-se dos outros; por isso os legisladores o reduziram a seus deveres mediante as leis *politicas e civis.*» (Montesquieu, *Espirito das Leis*, liv. I). — «Sem duvida, a recta razão é verdadeira lei, conforme á natureza, commum de todos os homens, constante, immutavel e eterna. Conduz o homem ao dever com seus preceitos, e desvia-os do mal com suas defesas... Não é permittido agorentar o minimo d'esta lei, nem alteral-a, nem abolil-a. Nem o povo nem o senado podem dispensal-a. Por si se explica, e não requer outro intreprete, nem é em Roma diversa do que é em Athenas, nem ámanhã diversa do que é hoje. É a mesma eterna e invariavel lei que foi dada a todos os homens, nações, tempos e lugares, por quanto Deus, cujo é author, e publicador, será sempre o unico senhor e soberano de todos os homens. Quem quer que violar a *lei natural*, renunciará a sua propria natureza, despir-se-ha do humano involucro, e por isso mesmo será rigorosamente punido por sua desobediencia, embora se esquivasse ao que vulgarmente se chama supplicio» (Cicero, *De Republ.*, liv. III). — «Mostrem-me um paiz, um grupo de dez homens sobre a terra, onde se não prese o que é util ao bem de todos, e então convirei em que não ha regra natural.» (Voltaire, *Metaph.*, c. V). — «A lei é uma recta ordenação e regra das operações humanas, estabelecida por legitimo superior para boa direcção e governo; é razão que se funda em beneficio do genero humano. Quem estabelece uma lei deve

ser o primeiro que a observe impreterivelmente.

LEIBNITZ (seculo XVII), um dos genios modernos mais resplendentes por universalidade de sciencia, por descobrimentos em mathematica e philosophia. Leibnitz nasceu em Leipzig, ficou orphão de pai aos seis annos, mas não deixou por isso de adiantar-se tão de repente no estudo que já aos quatorze de idade não compozesse 300 versos latinos diariamente. Aos vinte annos tinha lido Platão e Aristoteles. Aos vinte e oito, havia attingido a supremacia que o seu seculo lhe conferiu. — Empenhado sempre com ardor crescente em especulações profundas, logrou o famoso descobrimento do calculo *differencial* e dos infinitamente pequenos. Um dos mais curiosos monumentos de Leibnitz, em sciencias physicas, é a sua *Protogœa*, ou terra primordial, um tratado em que, remontando á origem dos mundos, considera o nosso globo como um sol apagado e extincto, actualmente encrustado, coberto de cinzas e escorias na superficie, contendo ainda no interior algum fogo central, que ás vezes irrompe nos vulcões. A *Theodicea*, em que da metaphysica deriva á theologia, intentando conciliar o reino da natureza com o da graça, é obra philosophica de sobre mão. — Usa estylo simples e nobre, elevando-se por vezes á sublimidade do pensamento; mas carece de graça e ornatos; não realça em lanços de espirito; mantem-se sempre grave decentemente, e urbano com os proprios detractores. É mais universal que Newton, em suas meditações sobre quasi todos os ramos de sciencias humanas; mas Newton era mais profundamente entranhado dos segredos da natureza. — Leibnitz foi de estatura mediana, teve cabellos pretos, cabeça bastante grande, olhos pequenos e myopes, mas com boa vista até á velhice. Tinha alegre rosto, conversação facil, lia tudo, e queria tudo saber. Na volta dos cincoenta annos pensou em casar-se; mas a pessoa, com quem havia de unir-se, pediu tempo para reflectir; elle reflectiu tambem, e nunca se casou.

A philosophia de Leibnitz assenta o mesmo principio de que Spinosa e Mallebranche tiraram os seus systemas: é o desenvolvimento do pensamento cartesiano; mas Leibnitz não é pantheista declarado como Spinosa; nem, á feição de Mallebranche, deista que só uma inconsequencia suspende na trilha do pantheismo. A hypothese das causas occasionaes que torna as substancias secundarias inuteis, substitue a da *harmonia preestabelecida* que tira, a bem dizer, toda a acção de uma substancia sobre outra; mas que explica todas as modificações de uma substancia pelo desenvolvimento da força que lhe é propria. Ha, pois, n'esta nova doutrina separação completa dos seres creados e do Creador; a distincção de Deus e do mundo é real e legitima; a liberdade e por consequencia a moral são possiveis; os dados da experiencia psychologica sobre a natureza da pessoa humana e da força que a constitue são attendidos; a pluralidade dos seres é explicada, assim como as leis que os regem, a harmonia que os une, e a providencia que sustenta esta harmonia por meio das leis... Espirito assim extenso que profundo e erudito, Leibnitz nobilitou a historia da philosophia; regenerou o eclectismo praticado por Platão, analysado e constituido por Aristoteles, desenvolvido extraordinariamente pelos alexandrinos; estudou melhor que Descartes a intelligencia humana e demonstrou a authoridade da razão. Não inaugurou, como Descartes, uma era philosophica; mas tirou da revolução feita por Descartes os fructos mais excellentes que ella podia produzir. (Veja LOCKE, DESCARTES, BACON, PLATÃO, etc).

LEIRIA. «Dizem que das ruinas da antiga povoação romana *Collippo*, destruida pelos tempos e pelas guerras, se levantou a moderna Leiria.

«No tempo dos arabes é natural que fosse lugar forte, pois lh'a tomou Af-

fonso Henriques em 1135, e n'ella restabeleceu ou fundou o castello, cercando a praça com muralhas, que não impediram que os mouros a ganhassem de novo.

«O mesmo rei, para prevenir-se contra as invasões e correrias dos inimigos, que então occupavam Santarem e infestavam os campos até Coimbra, a fortificou; e no proprio monte do castello levantou e consagrou uma igreja a Nossa Senhora da Penha de França, que depois veio a ser cathedral, doando-a a S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, e á sua congregação de conegos regrantes de Santo Agostinho, a quem por muito tempo pertenceu.

«Aproveitando-se da guerra que o mesmo rei sustentava com seu primo Affonso VII, de Leão e Castella, cahiram os mouros de novo com grande poder sobre Leiria, e a tomaram.

«Pouco tempo, porém, se gozaram da posse e do triumpho, porque Affonso Henriques a veio logo retomar.

«Desde então tem Leiria por armas um corvo sobre um pinheiro; e é tradição, que lhe foram dadas, porque tendo o rei arraial nas alturas proximas á cidade, depois chamadas cabeço d'el-rei, alli na copa de um magestoso pinheiro veio pousar um corvo, que mal os nossos começaram a dar sobre o castello, gritava e batia as azas como contente, o que foi pelos soldados olhado bom agouro. Redobrando com isso forças, e arremettendo á porta de traição, ganharam a fortaleza.

«Outra vez ainda a tomaram os mouros; mas logo Sancho I a restaurou, e lhe deu foral em 13 de abril de 1195.

«Por vezes tem os reis de Portugal estado em Leiria. D. Diniz. e a rainha Santa Isabel, sua esposa, lá habitaram no recinto do castello, e n'uma villa proxima, que desde então ha nome de Monte-real. Ao mesmo monarcha se deve a plantação da primeira parte do pinhal chamado de Leiria, tão util em todas as suas relações geraes e particulares, e que, se fosse hoje racionalmente tratado e aproveitado, podia ser um dos mais importantes recursos do estado, a que pertence.

«D. João III, de villa que Leiria era, a fez cidade, e obteve do papa Paulo III, em 11 de junho de 1545, a erecção da sua cadeira episcopal. A cathedral está no monte do castello onde fôra a igreja da Penha de França: é fabrica sumptuosa, de tres naves, e em bom estado de conservação. O paço do bispo em sitio elevado, é tambem bom edificio.

«Leiria jaz na fralda oriental do monte em que está o castello, junto a um valle ameno e fertil, entre os rios Liz e Lena, que, quatro leguas a baixo, vão entrar no atlantico entre Passages e Paredes. Esta circumstancia faz mui fertil aquella região. A posição da cidade é risonha e saudavel. Entre ella e o rio, ha um bello campo ou rocio, e á beira d'agua, um passeio d'arvoredo para recreio dos habitantes. É no mesmo rocio que manam a fonte chamada quente, e outra com duas bicas chamada grande. A do Freyre fica no monte de Santo Estevão, e a que antigamente chamavam *olhos de Pedro* brota ao pé do monte de S. Miguel, com a particularidade de serem duas nascentes sahidas da mesma penha, ambas abundantes, uma d'agua quente, e outra d'agua fria. Sobre o rio ha algumas pontes.

«Leiria está vinte e duas leguas ao norte de Lisboa. É cabeça de um districto administrativo, com um governador civil. Teve assento nas côrtes dos tres estados, e n'ella se celebraram as de 1254, 1376 e 1437.

«Se nos reclinamos á sombra do castello de Leiria (diz o snr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, a pag. 315 da sua *Estatistica* d'aquelle districto), descobrimos n'elle o baluarte da conquista que nos deu a independencia, e que escreveu o nosso nome na carta das nações. Se buscamos a data do seu foral, lêmos a era de 1142. Os homens de armas se viessem defender Leiria, obtinham, morrendo, a remissão de seus peccados, como se fossem a Jerusalem!

«Beijada pelo dôce Liz, até foi a querida das mulheres. D. Affonso I mimoseou com ella, por a ter comprado por alto preço de sangue e de fadigas, a sua filha D. Thereza. A rainha Isabel recebeu-a em senhorio como premio das pazes que contrahira entre um pai e um filho. Leiria foi o presente deposto aos pés de D. Leonor Telles, como um dos mimos mais preciosos que lhe podéra offerecer em dadiva de amor o louco perdido do coração.

«Muitos dos nossos reis escolheram esta boa terra para *filharem desenfadamentos*. Aqui mandaram crear seus filhos, por fama dos feitos que de si deitava. D. João III rematou adornando-a com a coirôa de cidade, e alcançando-lhe o baculo de diocese. Olhando para ella, ainda hoje lhe admiramos um dos melhores hospitaes do reino, um sumptuoso paço, um recolhimento de educação importante, um seminario utilissimo, e a maior parte d'estes estabelecimentos devidos a um homem, a cujo nome nos curvaremos de respeito, e que saudaremos com a admiração devida ao genio.

«Se nos voltamos para a direita, damos com o tumulo... de quem? do marquez de Pombal! Se espantados com este vulto, recuamos, vamos ter, na Batalha, com o rei, que recebeu o sceptro da soberania do povo, com o conquistador da Africa, descançando entre os seus na capella de familia, onde ajoelharemos diante de um descobridor de novos mundos, diante de um martyr da patria, diante de um regente illustre, diante de um poeta da cavallaria, diante, em fim, de uma rainha respeitavel, que dotou este paiz de uma raça de heroes. Se ainda nos acharmos acanhados, passaremos por um campo, que se chama *Aljubarrota*, e iremos dar em Alcobaça com as cinzas dos reis valentes que nos ennobreceram diante da Europa, e o nosso peito pungir-se-ha ao vêr já frios de cinco seculos, mas ainda unidos, os dous corações que juraram amar-se além do tumulo.» (*Archivo Pittoresco*).

LEITÃO DE ANDRADE (Miguel). Seguiu D. Sebastião á batalha de Africa, onde ficou captivo da mourisma. Logrando evadir-se, repatriou-se, e seguiu a bandeira de D. Antonio, prior do Crato, pretendente á corôa; por causa do seu louvavel, mas menos cordato patriotismo, Miguel Leitão de Andrade esteve preso alguns annos, e morreu depois de 1629, tendo nascido em 1555. Escreveu, entre outros tratados menos importantes, a *Perda de el-rei Sebastiam*, que está inclusa no estimavel livro intitulado *Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão*, etc., impresso em 1629, e reimpresso modernamente a expensas da imprensa nacional. A descripção da batalha goza creditos de verdadeira, além do merito do estylo que é puro, gracioso e por vezes sublime.

LEITURA. «É cousa facil lêr; mas é difficil reflectir. Não podemos apropriar-nos as idéas dos outros senão pela reflexão, que faz parte de nós mesmos.

«Eu prefiro a força e a evidencia das impressões aos conhecimentos superficiaes, qualquer que seja a sua extensão.

«Acontece-nos muitas vezes acreditar que possuimos idéas, quando não temos senão palavras; tomamos os synonymos pelas definições. Muitas vezes, analysando as palavras, principalmente as metaphoricas, tenho descoberto idéas preciosas. Não devemos servir-nos nunca das palavras sem lhe termos fixado bem o sentido.

«Devo ser perseverante e infatigavel em procurar a verdade. Não terei algumas vezes errado por evitar o trabalho de averiguar?

«Não lerei obra de phantasia capaz de me enfraquecer o espirito; mas unicamente as obras de poesia e de imaginação que tendem a fortificar e elevar a alma.

«Muitas vezes o meu espirito está confuso; mil vagas idéas me atormentam; n'estas occasiões faria melhor em interromper o objecto das minhas meditações abandonando os livros.

Ha momentos em que o espirito parece incapaz de estudo serio; em que, por uma especie de sympathia com o corpo, se exhaurem as suas forças; é então preciso o repouso. Porém esta fraqueza natural deve distinguir-se da preguiça, que augmenta quando se consente. É appetecivel vencer mesmo a fraqueza physica, e creio que se póde conseguir. Não podemos costumar-nos á applicação de maneira que o proprio soffrimento não possa interrompel a? Não me tem succedido desculpar muitas vezes a preguiça, mettendo-a em conta de doença?

«É necessario emendar-me do costume que tenho de lêr mil cousas frivolas; porque destroem as fórmas do espirito, e desgostam-nos do estudo serio. A ordem e regularidade são-me essenciaes, e quando tenho determinado um plano de estudo, devo submetter-me a todas as provas antes de o abandonar. Se desejo alcançar a clareza das idéas, deveria applicar-me a separar de cada estudo o que lhe é estranho. Quando pòzer os meus livros de parte, é preciso que tente desembaraçar o espirito do estudo, para o deixar gozar com liberdade tranquilla a contemplação das cousas exteriores.

«É melhor reflectir por nós mesmos sobre um objecto antes de recorrer ao que pensaram os outros; consegue-se assim descobrir verdades, que nos teriam escapado se tivessemos primeiro recebido d'outro o modo de examinar o objecto que chama a nossa attenção. Os nossos principios não devem depender nem da educação nem do costume. Quero observar por mim mesmo, antes de indagar as observações que foram feitas antes de mim. Destroe-se todo o pensamento original, aprendendo sempre dos outros como, e o que se deve pensar. A força de espirito dos que nos são superiores deve ajudar a nossa fraqueza, e não impedir-nos de exercermos as faculdades. É por esta cega crença nos livros que tanto os erros como as verdades se transmittem de geração em geração. As fontes espontaneas do pensamento seccam-se então, e o espirito é inundado por idéas que lhe são estranhas.

«Não depender senão de nós mesmos é o caminho que conduz á verdade. Póde-se talvez ter menor quantidade de sciencia, mas a qualidade será superior. A verdade que nos vem por outro, ou que não temos adquirido pelo trabalho pessoal, só produz fraca impressão.

«Antes de estabelecer as hypotheses, devo notar e julgar com cuidado os factos sobre que assentam. Deverei escrever em um livro especial as verdades que approvo, a fim de as examinar de novo e de as julgar sem prevenção. Devo evitar que o desejo de ser original me faça errar. A ambição é tão funesta como a prevenção; o amor da verdade é o unico principio que deve guiar-me, e as verdadès, que influem na vida são as unicas dignas de immediata attenção.

«Antes quero que algumas verdades importantes penetrem no meu espirito, do que perder-me em um cahos de conhecimentos universaes que até ao presente não teem feito mais que desencaminhar-me. A sciencia é unicamente meio: é necessario que eu não faça d'ella o fim. Entregar-me a meditações abstractas sobre objectos inuteis, é perder o meu tempo.

«Devo evitar que o coração receba sem exame, e por um sentimento de enthusiasmo, erros sobre a realidade. A conversação em objectos religiosos póde ser-me proveitosa, se tenho o coração aberto á evidencia, se procuro sinceramente a verdade, se sei ouvir com paciencia, sem interromper quem falla, e não desejo brilhar.

«Abster-me-hei de fazer ostentação dos meus sentimentos religiosos, ou de fallar da minha experiencia.

«Em fim seria bom que riscasse a palavra *eu* da minha conversação.» (*Vida de Channing*).

LEOPARDO. (Veja Carnivoros).

LEVANTAMENTO DE PLANTAS. Levantar a planta de um terreno, é traçar sobre o papel, em grandeza re-

duzida, uma figura semelhante á que apresenta o terreno. Uma escala convencional, subordinada porém ás dimensões do papel de que dispomos, fixa a relação que existe entre a planta e o terreno figurado. Levanta-se a planta, não da superficie real do terreno, mas da sua *base productiva;* de modo que a planta não é outra cousa mais que a projecção horisontal do terreno. (Veja Projecção e Escala). Antes de levantar uma planta, percorre-se o terreno, e traça-se, a olho, sobre uma folha de papel, um plano aproximativo, que serve de *esboço* da planta, destinado a receber as cotas que provém da medida das linhas e dos angulos. Os processos empregados para medir as linhas e os angulos, e transferir segundo a escala as medidas do esboço, constituem o *levantamento das plantas.* Por diversos methodos se póde attingir este fim. Para levantar a planta d'um terreno empregando só a *cadêa de agrimensor*, decompõe-se o terreno em triangulos tirando diagonaes de um mesmo vertice, ou tirando linhas radiantes de um ponto interior; medem-se os tres lados de cada triangulo, e, por meio da escala, construem-se triangulos semelhantes aos do terreno; obtem-se assim a planta pedida. — Empregando o *esquadro de agrimensor*, este trabalho abrevia-se. Decompõe-se então o terreno em trapezios rectangulos, e em triangulos rectangulos, baixando perpendiculares de todos os vertices sobre uma unica recta lançada no sentido do maior comprimento do terreno, e medem-se as bases e as alturas; transportam-se estas linhas sobre o papel, por meio da escala; unem-se as extremidades por meio de linhas rectas ou curvas, segundo a disposição do terreno, e assim se obtem a planta exacta ou aproximada do terreno que se pretende representar. — Mas a medida directa das distancias é algumas vezes mui difficil, em consequencia dos accidentes do terreno. O *levantamento pelo graphómetro* é mais commodo, e dá resultados mais exactos. Procede-se medindo com todo o cuidado uma *base*, isto é, uma recta qualquer lançada no terreno, de cujos termos se possa avistar os pontos notaveis do terreno que se quer representar; colloca-se o graphómetro n'um dos termos da base, e medem-se os *angulos* que formam com esta base as linhas visuaes dos diversos pontos do contorno do terreno; repete-se esta operação, transportando o graphómetro para o outro termo da base: estes dados bastam para construir a planta. Traça-se primeiro a recta que representa a *base*, segundo a escala adoptada; depois, por meio do transferidor, formam-se, em cada termo d'esta recta, angulos iguaes aos que foram observados sobre o terreno no termo correspondente da base real; as intersecções dos lados d'estas duas series de angulos serão os vertices homologos dos correspondentes no terreno; e, unindo-os por meio de rectas, a planta ficará traçada.

Este processo, denominado *methodo por intersecção*, não póde ser praticado quando não fôr possivel traçar no terreno uma base que satisfaça as condições acima indicadas. É então preferivel recorrer ao *methodo por desenvolvimento*, que consiste em seguir o contorno do terreno, medindo successivamente os seus lados e angulos. — O *levantamento pela prancheta* dá logo a planta construida, sem ser necessario fazer o esboço para cotar e ordenar os elementos medidos. Transporta-se a prancheta para um ponto central, d'onde se possa avistar todos os pontos notaveis do terreno; e, dirigindo a alidade para estes diversos pontos, traçam-se rectas sobre as quaes se marcam porções que, na escala adoptada, representem as correspondentes do terreno: obtem-se, por esta construcção, uma serie de triangulos semelhantes aos do terreno, pois que teem um angulo igual formado por lados proporcionaes. Póde-se tambem empregar a prancheta nos methodos de *intersecção* e de *desenvolvimento*. (Veja Instrumentos d'agrimensura, Nivelamento, Agrimensura, Are, Desenho, etc.).

LHAMA. (Veja RUMINANTES).

LIBERDADE. 1. Em psychologia a liberdade é a permissão que temos de nos assenhorearmos de nós mesmos, de premeditar antes de resolver, e de operarmos conseguintemente á deliberação. Sobre esta primaria liberdade é que todas as mais faculdades se apoiam, e se fundamenta o verdadeiro poder do homem — a vontade. — Sabemos que livremente podemos adoptar tal ou tal expediente; e, nas mais das vezes, executar ou não executar. A satisfação que temos de ter bem praticado ou bem escolhido, e o pesar de havermos mal procedido ou mal deliberado, attestam que somos livres. Se livres não fossemos, nossos actos, bons ou maus, estariam a cargo de quem nos exercitasse como instrumentos. Será mister dizer que sem liberdade não ha moralidade? Ora, privada a especie humana da moralidade de suas obras, está mudada a sua natureza e destino; que tanto monta aniquilar-lhe a gloria da moralidade, e rebaixal-a, ferindo-lhe mortalmente coração e entendimento. Póde a liberdade ser-nos tolhida por embriaguez, delirio, paixões, allucinações, cretinismo, idiotismo; sem embargo, estas restricções attestam a liberdade: só póde ser restringido aquillo que existe. Dizem que Deus prevê infallivelmente as acções humanas: logo hão de acontecer rigorosamente como Deus as prevê; senão, a sciencia de Deus seria defeituosa: por consequencia o homem não é livre. É este o mais subtil argumento dos *fatalistas*. Podemos responder-lhes que a presciencia de Deus em nada diminue a nossa liberdade; são livres nossas acções, e de mais a mais *previstas*, quer dizer, que Deus prevê infallivelmente que nós operaremos *livremente* de tal ou tal maneira. Por outro modo ainda, os actos humanos não acontecem porque Deus os prevê; mas Deus os prevê porque elles hão de acontecer.

2. «Correm argumentos contra a liberdade humana, da mesma natureza d'aquelles que se oppõem á possibilidade do movimento e á existencia dos corpos. Estes argumentos são ás vezes subtilissimos e difficeis de resolver para aquelles sobre tudo que não conhecem o empirismo dialectico; porém como vão de encontro a sentimentos profundos, irresistiveis e universaes, deslumbram mas não convencem o espirito. Independente da minima meditação, o homem crê que ha movimento no mundo; que existem corpos á volta d'elle, e que elle mesmo se determina a praticar os actos na correnteza de sua vida. Os philosophos que sustentam ser isso um instincto meramente, não podem descartar-se d'essa illusão: apesar de todos os sophismas, pensam como o vulgo porque não podem pensar d'outro modo.» (Holland, *Reflexões philosophicas*). — «Quando duas verdades, taes como estas: *A sciencia de Deus é infinita. O homem é livre*, são igualmente demonstradas, que faremos senão acreditał-as?» (Voltaire).

3. «A liberdade social distingue-se em liberdade *civil* e *politica*. A civil regulada pela lei, é a parte de liberdade que toca ao cidadão em suas relações publicas com os seus concidadãos, por quanto nenhuma lei positiva deve intervir nas relações privadas, ás quaes preside unicamente a *lei natural*. A liberdade politica, regulada pela constituição do estado, assegura a independencia do estado a respeito dos outros; e dá aos cidadãos a parte de liberdade publica e direitos politicos que o estado póde conceder. A verdadeira medida da liberdade individual, liberdade politica ou civil, é o interesse da sociedade.» (Matter). — «O nome de liberdade é o mais embusteiro de quantos se usam na vida humana... Quando as multidões são levadas pelo cabresto da liberdade ellas ahi vão como cegas, com tanto que lhes vão pregoando aquelle nome.» (Bossuet).

LICHEN. (Veja ACOTYLEDONEAS).

LILIACEAS. (Veja MONOCOTYLEDONEAS).

LIMA. (Veja Peru).

LIMOEIRO. (Veja Aurantiaceas).

LIMPEZA. «Aprimora o teu trajar em limpeza e não em pompas: as pompas denotam ostentação; da limpeza reçumbra honesta decencia.» (Isocrates). — «Convém guardar em todo nosso exterior limpeza que não pareça affectação, e evitar a negligencia que dá mostras de grosseirismo.» (Cicero). — «A limpeza está, quanto ao corpo, na razão da decencia, quanto aos costumes; com ella damos testemunho do respeito que temos á sociedade e a nós mesmos.» (Bacon).

A limpeza é a principal condição da saude. Este preceito, quasi tão velho como a terra, e que as antigas religiões do oriente praticaram, é incontestavelmente verdadeiro. A pelle é a séde de uma continua transpiração que deposita no orificio dos innumeraveis poros uma materia viscosa dissolvida em agua. Evaporada esta, o principio, que ella continha dissolvido, fica na superficie da cutis, onde fórma uma especie de verniz gommoso ao qual se prende o pó; do que resulta uma como códea que irrita a pelle, provoca pruridos, faz borbulhar, causa dartros, impede a transpiração, e por tanto o trabalho que desembaraça o corpo de principios nocivos, e d'ahi se seguem doenças mais ou menos graves. Loções frequentes com agua fria nas partes mais expostas ao ar, e com agua tepida nas menos expostas, são operações absolutamente necessarias, e são tanto mais imprescindiveis quanto as transpirações são mais copiosas.

LINGUA PORTUGUEZA. Origem: «O snr. Alexandre Herculano, com aquella intuição, que é apanagio de todos os homens de elevada intelligencia, combate o parecer dos que fazem preponderar na formação da lingua portugueza o elemento celtico, desprezando o elemento latino. Embora o distincto historiador não aprofunde a questão, perdendo-se em indagações linguisticas, e se limite apenas a esboçar alguns argumentos, sente-se ainda assim que a razão preclara do escriptor entreviu as soluções que o progresso da linguistica tem produzido.

«E, com effeito, o elemento latino manifesta-se na formação do idioma hespanhol e portuguez desde os seus primeiros tempos com o mesmo predominio com que apparece na jurisprudencia. Da primitiva lingua celtica apenas restam algumas palavras respigadas nos authores gregos e latinos. Eis a quasi totalidade d'ellas:

Alauda,
Ambactus,
Ango,
Aripennis,
Baro,
Becco,
Bardus,
Benna,
Briga,
Briva,
Braccae,
Baracacae,
Biberriga,
Burrae,
Baritus,
Cecos,
Candetum,
Candosoccus,
Casnar,
Camuris,
Caracalla,
Cateja,
Caterva,
Crupellarii,
Culcitra,
Dercoma,
Drungus,
Dunum,
Durum,
Dusius,
Eglecopala,
Emarcum,
Eporedica,
Gansa,
Gnabat,
Gunia,
Gurdus,
Larix,
Linnae,
Lugos,
Magus,
Marga,
Marra,
Mataris,
Mirmillo,
Murcus,
Pades,
Palla,
Petoritum,
Planarat,
Rhaphius,
Rheda,
Sagum,
Sapo,

Soldurius,	Toles,	Viscus,
Sparus,	Tripetia,	Volemum,
Saunium,	Vergubretus,	Urus.
Tomentum,	Vargus,	

Acrescentando a estas as seguintes:

Arar,	Covinus,	Penninus,
Bachaudae,	Divona,	Petor,
Bardocucullus,	Gessi,	Retis,
Brance,	Gessatae,	Taranis,
Chlaena,	Glastum,	Thyreos,
Circius,	Guvia,	Zithus,
Coccus,	Leuca,	. . . .

e outras empregadas para designar alguns nomes proprios de homem e de lugar, fica completo o vocabulario celtico. Estas palavras não estão em toda a sua pureza celtica. Os escriptores latinos acommodaram-nas á sua dicção.

«Em vista d'isto, póde dizer-se, ainda que algumas palavras portuguezas se aproximem das palavras celticas, que na formação do idioma portuguez predominou o elemento celtico? Pensamos que não. Um etymologista, fazendo a estatistica das palavras originarias da lingua franceza, chega ao resultado de que em 5977 d'estas palavras, que tantas são as que existem no idioma francez, 3800 são filhas do elemento latino, e apenas 20 do elemento celtico. E é sobremaneira digno de notar-se que este facto se dá em um povo, em cuja indole o elemento celtico deixou mais profundos traços. Existem, é verdade, alguns dialectos da familia celtica, podendo citar-se o grupo denominado gaelico, que comprehende o irlandez e o ersa das montanhas da Escocia, e o grupo denominado kimrico, que comprehende o gallez, o armoricano ou baixo-bretão, e o cornico do paiz de Cornuailles; mas esses dialectos estão intimamente modificados nas suas origens pelos elementos alli introduzidos do idioma geral dos povos a cuja nacionalidade pertencem. A origem sanskrita do latim e do celta explica perfeitamente o facto d'este perfilhar sem repugnancia algumas palavras celticas. Estas linguas não eram antagonicas. Embora a civilisação romana tivesse polido a sua linguagem a ponto de os romanos se rirem da lingua celtica, havia comtudo uma communhão de origem, e isto fazia com que essas poucas palavras, que indicamos sujeitas á desinencia latina, grangeassem fóros de cidade e entrassem, ajudadas pela sua compostura latina, no vocabulario dos povos modernos. Ainda porém, que todas ellas fossem recebidas nas linguas da peninsula, isso não era bastante para concluir que a

Duiona lingua Celtarum

forneceu á lingua portugueza as mais importantes leis da sua evolução. Se da lingua celtica, sobrevivem algumas quasi extinctas reliquias, o que resta da sua architectura, da sua religião e da sua jurisprudencia? Da primeira alguns *dolmens* espalhados ao terreno da peninsula, da segunda as lendas druidicas sobre os encantamentos e as feiticeiras, que a horas mortas a imaginação popular faz apparecer nos bosques, como os velhos sacerdotes dos celtas, e da ultima não nos ficou um unico monumento escripto. Era a religião dos celtas polytheista? Era pelo contrario monotheista? A sciencia historica não póde responder ca-

balmente. Parece que nos primeiros tempos a sua religião propendia para o monotheismo, e que depois a sua theogonia constituiu uma hierarchia de deuses, tendo todos o culto e adoração do povo. O pantheismo aryano, creando a seita *yoghi* da India e admittindo a transmigração das almas e o regimen das castas, inspirou tambem a religião dos celtas. Os sacerdotes, os cavalleiros e o povo formavam as tres classes do estado. A transmigração das almas era um dogma da religião druidica. Isto póde authorisar-nos a suppôr que a identidade de origem, e, como consequencia, uma certa analogia de tradições religiosas, favoreceram o cruzamento dos iberos e dos celtas, creando a população celtibera.

«Em quanto á jurisprudencia é facil comprehender que os celtas, povos essencialmente guerreiros, surgindo na Europa, na infancia das sociedades, não podiam deixar notaveis monumentos escriptos. O direito, especialmente na sua repartição estrictamente civil, suppõe uma estabilidade de relações sociaes, que não podiam verificar-se no mundo celtico. É possivel, comtudo, que, quando abandonaram o estado nomada, e começaram a gozar da propriedade predial, adoptassem algumas leis civis. É possivel, igualmente, que a disciplina militar fosse regida por instrucções legaes. O que é certo é que nenhum documento juridico o attesta. Tudo o que os escriptores modernos asseveram funda-se nas narrações dos gregos e latinos. Conforme essas narrações, a liberdade, adorada sempre pelo instincto de todos os povos selvagens, tinha um fervoroso culto no governo politico dos celtas. A sua organisação social apresentava a fórma federativa. O primeiro elo da divisão era a *cidade*, que formava uma circumscripção occupada por muitas familias, sujeitas á mesma authoridade e regidas pelos mesmos usos; seguiu-se o *povo*, associação federativa de muitas *cidades*, e por fim a *nação*, associação federativa de muitos *povos*. A darmos credito ás narrações referidas, póde assegurar-se que no direito politico da peninsula o elemento celtico predominou e faz-se sentir ainda hoje, com mais pronunciada acção do que na lingua, na architectura e no direito civil.

«A Hespanha, pugnando em diversas épocas pelos seus *fueros*, manifesta uma reminiscencia do velho espirito celtico.

«Depois dos celtas, introduz-se na peninsula o primeiro elemento semitico. Este elemento veio com a colonisação phenicia.

«A época da emigração phenicia não póde fixar-se precisamente na chronologia peninsular. Entre os annos 1500 e 1200 antes de Christo é que, segundo todas as probabilidades, os phenicios, navegando no atlantico, colonisaram a Hespanha e a Grã-Bretanha. A historia refere, comtudo, que nas primeiras idades dos povos hispanicos teve lugar esta colonisação.

«Collocados n'uma excellente posição geographica, favorecidos por todas as circumstancias que promovem a navegação e o commercio, os phenicios alcançaram no mundo antigo o imperio dos mares. Como todas as nações colonisadoras, exploraram as terras em que se estabeleciam; e as lendas recolhidas dos antigos geographos por Mariana e aproveitadas pelos nossos chronistas mostram que a peninsula foi para elles um manancial fecundo de riquezas. Que vestigios deixaram da sua passagem no solo da Iberia? Nenhuns no direito e na religião; alguns, ainda que ligeiros, na linguagem; e outros um pouco mais accentuados nos costumes maritimos. A sua legislação civil não é conhecida, e a sua legislação politica, sanccionando a fórma monarchica, não venceu o principio federativo dos celtas. A incommunicabilidade da raça semitica mostrou-se claramente n'este ponto. A sua religião, a principio monotheista, transformou-se, participando das divindades assyrias, babylonicas, persas e gregas: e da sua theogonia quaes foram os deuses adoptados pelos celtas?

«No idioma, em cuja collaboração cooperam todas as raças coexistentes, embora as mais oppostas na origem e nas tendencias, ainda se veem alguns traços, que para muitos são duvidosos. Pensam certos escriptores que a palavra *Iberia* é de origem phenicia. Segundo elles, a sua fonte seria a palavra hebraica *Eber*, ou a palavra chaldaica, syriaca, ou phenicia, *Ebra* ou *Ibra*, que no singular significa *passagem*, e no plural *termos*, *limites*. N'este presupposto, os phenicios chamaram ao rio mais importante d'aquella região, e um dos seus limites, *Eber*, *Iber*, *Ebra*, designando em seguida os seus habitantes pelo nome de *Iberos;* ou chamaram ao paiz *Iberia*, por ser o limite occidental do mundo então conhecido.

«Parece-nos que é preferivel a opinião dos que fazem provir a palavra *Iberia*, de *Iberus*, nome do povo que foi nos tempos historicos o primeiro povoador da peninsula. Esta etymologia é menos forçada, e harmonisa-se com o facto d'esta emigração ter partido de uma região oriental denominada *Iberia*. Nada mais natural do que dar ao territorio colonisado o nome da mãi patria.

«Outros pretendem que o nome *Hispania* tem do mesmo modo o cunho phenicio, e que esta região foi chamada *Sphanija* ou *Spanija*, derivado de *Shaphan* ou *Span*. D'esta opinião, que os antigos apresentaram, é seguidor o snr. Herculano, concluindo d'aqui a grande influencia que os phenicios exerceram na população. Não nos parece que esta argumentação seja concludente.

«Em primeiro lugar, não está assentado de um modo irrefutavel que esta seja realmente a origem da palavra *Hispania*. Alguns a fazem provir de *Hispalis*, outros lhe entroncam a origem na Iberia do Caucaso. Em segundo lugar, ainda quando a palavra fosse realmente de extracção phenicia, comprehende-se que ficasse na lingua dos povos hispanicos, e que d'ahi passasse para os escriptores latinos, sem todavia a raça phenicia communicar ás povoações a sua individualidade semitica. Por mais oppostas que sejam duas raças, basta a convivencia d'ellas durante um certo numero de annos, para modificar a sua linguagem. A evolução philologica opera-se com mais rapidez do que a evolução juridica e religiosa. Os idiomas vão procurar nos povos mais distantes os elementos do seu progresso; e seria absurdo suppôr que um povo exerce uma notavel influencia n'outro pelo facto de lhe emprestar alguns termos do seu vocabulario. Compare-se o francez e o allemão do tratado feito no seculo IX entre Carlos o *Calvo* e Luiz da Germania com o francez e o allemão actual, ou o portuguez da canção de Gonçalo Hermigues com o portuguez actual, e vêr-se-ha como a evolução d'estes idiomas tem alterado, até chegar á presente phase, as suas primeiras manifestações. N'esta evolução quantos elementos se não tem juxtaposto para formar a nova locução! E poderá dizer-se que as nações que tem fornecido essas particulas da linguagem exerceram por esse motivo uma influencia profunda n'aquelles povos? Admittindo mesmo que haja na linguagem portugueza algumas palavras de origem phenicia, afigura-se-nos que o elemento semitico não produziu uma influencia radical nos povos da peninsula.

«Nas tradições maritimas é possivel que a influencia phenicia deixasse alguns vestigios. Os phenicios costumavam pendurar nas vergas dos navios os deuses denominados *Patoeci*, que tinha a tutela dos mares, e ainda hoje os marinheiros portuguezes e hespanhoes fazem o mesmo com as imagens dos seus santos. Nas lendas do mar, conservam-se facilmente as primeiras tradições.

«Em quanto, porém, os phenicios fixavam a sua colonisação, iam-se estabelecendo as colonias gregas em diversos pontos maritimos.

«Considerando como falsa a vinda de Ulysses á Hespanha, e unicamente como o desejo de ir procurar as origens de uma cidade importante ás creações da mythologia grega, desejo

que se manifestou até nos povos germanicos, deixando de ligar importancia historica ás proezas do Hercules grego, que se encontram nas lendas da infancia de muitos povos, póde affirmar-se que Coleus de Samos foi d'entre os gregos o primeiro que atravessou o estreito e navegou no atlantico.

«As colonias gregas estenderam-se pelo solo da peninsula, e o elemento hellenico exerceu uma influencia reconhecida nos costumes e na linguagem. A legislação grega sobre casamento exerce um notavel predominio: «*Matrimonio móre graeco contrahunt.*» O idioma portuguez e hespanhol beberam na fonte grega os adminiculos da sua formação. A adopção dos costumes gregos explica-se facilmente. A origem aryana facilita a fusão dos celtiberos e dos gregos. Eram dous ramos, que, partindo do mesmo tronco, e alimentados na origem pela mesma seiva, se enlaçavam e reconheciam por irmãos. Entre os gregos e a população celtibera não havia, como acontecia com os phenicios, os attritos provenientes da diversidade das raças.

«O elemento semitico apparece com um caracter mais pronunciado na invasão carthagineza. No seculo III antes de Christo a conquista fixa os habitantes de Carthago no territorio peninsular.

«É geralmente sabido que o elemento *lybico-phenicio* se cruzou com o elemento aryano que predominava; que a população conquistadora no seu trato com a população conquistada formou uma classe mixta, que foi um dos principaes auxilios de Carthago nas suas lutas com os romanos. Houve, porém, a assimilação completa da raça punica a ponto de na nova entidade ethnographica sobrepujar o elemento semitico? Parece-nos que não. Que se effectuou o cruzamento é innegavel, mas isso não basta para dar a preeminencia ao sangue semitico. Os turdetanos, onde o elemento celto-phenicio se destacava, sendo os primeiros que se sujeitaram á conquista de Carthago, foram tambem os que receberam com menos repugnancia o dominio romano. Fallando d'este povo, diz Strabão: «*Turditani autem, maxime qui ad Boetin sunt plane romanos mores assumserunt ne sermonis quidem vernaculi memores ac plerique facti sunt latini et colonos acceperunt romanos.*» Esta aceitação plena dos costumes romanos não se comprehenderia se por ventura o elemento semitico tivesse sobrepujado o elemento aryano. O facto indicado por Strabão prova que na raça mestiça, resultante do trato entre os celtiberos e os punicos, predominou o sangue da primeira raça. O que aconteceu com os turdetanos deu-se com os habitantes da Celtiberia. Despojados das suas fortalezas pelos invasores, acostumaram-se depressa á vida civilisada que o povo romano lhes trazia.

«As condições de adaptação eram, pois, favoraveis para a raça latina. Os povos ibericos, depois de uma luta tenaz, entregavam-se á discrição dos vencedores, e partilhavam a sua civilisação. O clima, semelhante ao de Italia, convidava-os á colonisação e patenteava-lhes um territorio naturalmente fecundo sem as doenças occasionadas pela acclimação, que são sempre um obstaculo ás emigrações. O elemento aryano depurava-se da sua mistura semitica, fundindo-se com o elemento latino, e recobrava a sua antiga pureza. As instituições dos romanos insinuavam-se, para assim dizer, no animo dos povos peninsulares, ora impondo-se com a força e austeridade da lei, ora transigindo com os seus costumes. Permutavam-se os deuses, aceitavam-se algumas idéas das nações vencidas, e assim se effectuava o amplexo das raças, sahidas do mesmo centro e agrupadas na mesma familia. Na jurisprudencia romana era permittido fazer uma disposição fideicommissaria em qualquer lingua. Ulpiano dizia: «*Fideicommissa quocumque sermone relinqui possunt: non solum latina, vel graeca sed etiam punica vel gallicana, vel alterius cujuscumque gentis.*»

«Com isto os romanos lisonjeavam o orgulho nacional dos outros povos,

e, ainda que reconhecessem a vantagem do seu idioma, não expulsavam dos documentos civis as linguas estranhas, confiando que os monumentos da sua litteratura haviam de introduzir em todos os povos submettidos as raizes da nova linguagem. Nas codificações romanas acham-se muitas disposições legislativas attinentes aos cidadãos da peninsula.

«A legislação que governava as provincias partia de Roma, e os magistrados provinciaes modificavam o rigor da lei com a suavidade da interpretação pretoriana. Muitas vezes a lei vinha regular os actos mais intimos da vida civil, preparando com a jurisprudencia a assimilação da raça latina. Mello Freire falla de uma constituição, promulgada ainda em tempo de Cesar, que manda applicar annualmente em beneficio dos credores duas partes do rendimento dos bens dos devedores até completo pagamento das dividas. É de suppôr que o *edito perpetuo*, compilado no seculo II, encerre grande parte da legislação provincial. A população das provincias, recebendo a lei civil, identificava-se com o seu espirito, vinculava-a á sua tradição e deixava-a crear raizes, que haviam de rebentar depois na jurisprudencia dos modernos povos peninsulares. Ainda que não haja estatisticas exactas ácerca da população sahida de Roma para as colonias ibericas, póde, todavia, calcular-se que no fim de seis seculos, desde 206 antes de Christo, em que principiou a dominação romana com a expulsão dos carthaginezes, até 409 da era christã, em que se realisou a primeira invasão dos barbaros, a primitiva população devia de estar consideravelmente augmentada.

«Estava esta população de tal modo insufflada do espirito latino, que o elemento romano prevalecesse sobre o elemento germanico na formação da jurisprudencia peninsular?

«É o que nos cumpre averiguar, bosquejando rapidamente o movimento juridico da peninsula desde o seculo V até ao principio do seculo XII, e fixando depois a nossa attenção especialmente sobre as primeiras creações da jurisprudencia portugueza.» (Julio de Vilhena, *As raças historicas*).

«Entendo, senhor, que a lingua portugueza, que até agora se julgava menos propria para o estylo medio, qual é o epistolar, porque o idioma é como a nação em tudo sublime, se acredita agora, de que em todos os estylos, e ainda no familiar, conserva a lingua portugueza a concisão, a clareza, e a energia, quando escreve um padre Vieira, ou excedendo a Cicero na facil locução das epistolas familiares, ou ao segundo Plinio na phrase adornada das suas *Cartas*, sendo estes os melhores exemplares, que Roma nos deixou, e até agora imitados de poucos escriptores nos ultimos seculos. Não são menos para estimar estas excellentes *Cartas*, pelo que deleitam, que pelo que ensinam; porque n'ellas se aprende a evitar o superfluo, com que se adornam as figuras da eloquencia, sabendo um tão grande orador abater o seu elevado genio, e ardente espirito para proporcionar o estylo com o assumpto. N'ellas nos instruimos de muitos successos publicos e particulares, do genio de muitos varões illustres, das suas palavras, e apophthegmas, dos motivos politicos e até militares, e mais que tudo, das virtuosas maximas, dos livres conselhos, e das fieis e zelosas intenções d'este santo, sabio, erudito, eloquente, e discreto author. A pureza da lingua póde servir de documento, e de reprehensão aos usurpadores d'outras, suppondo que na nossa não ha os termos, que basta, para discursar em todas as materias. O decoro da phrase póde ser o melhor modêlo do profundo respeito, com que se deve escrever aos principes; da devida attenção, com que se hão de tratar os grandes; da amavel facilidade, com que se correspondem os iguaes; e da urbanidade precisa, com que se falla aos inferiores. Em tudo, segundo entendo, e como estou certo que hão de entender todos, são estas *Cartas* dignissimas de imprimir-se; e de que assim ellas, como as mais obras

do incomparavel Antonio Vieira gozem com preferencia a todas da superior, sábia, e magnifica protecção de V. M.; por quem florecem e fructificam as sciencias, e as virtudes, e as letras: com a certeza de que, quem na prospera e na adversa fortuna foi sempre fiel á sua patria, não escreveu dogma, ou maxima perniciosa, que encontrasse esta natural obrigação.» (Conde da Ericeira).

«Uma lingua tão dura como as armas
Que em nosso pró terçavam nas pelejas
Era a lingua dos lusos valorosos
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fezes godas e mouriscas
Da tosca algaravia, que em seu seio
Lavrou até o seculo apurado
De João segundo, de Manoel ditoso.
Quem vendo em carcomidos pergaminhos
Foraes de goda-arabica escriptura,
Dirá que elles descendem da elegancia
Da lingua dos romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallamos muitos centos de annos?
Que foi depois que as guerras e infortunios
Alagaram os predios de Minerva,
Derribaram columnas de seu templo,
Rodaram na torrente os moveis sacros,
Deixando só ruinas mal cobertas
De apodrecidos limos e de abrolhos?
Então quebrou o fio precioso
Do collar de medalhas guarnecido
C'os nomes de eruditos portuguezes,
Que atou depois com laço mal seguro
O Freire, e ainda algum mais, mas raro e frouxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro portuguez que inda restava;
E em lingua bruta oco-rimbomba ou freira,
Nua de valentia, e de doçura,
Lardeada de ensôssos baixos termos,
Foi a classica lingua convertida.
Tal era a geringonça mais da moda,
Quando eu nasci, nos pulpitos gritada
E cantada nas nobres academias;
Quando engenhos mais altos, indignados
Da fatal corrupção, a resurgiram
Das campas, do lethargo em que a pozeram
Balofos biltres, mazorraes syndapsos.
Assim já d'antes em igual desastre,
Amparados das azas do monarcha,
Sahiu um luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos lyceus da Europa
As sciencias da patria foragidas:
E quando a nós tornaram da colheita
Os novos Tullios, alta esp'rança lusa,
Dando de mão ao godo-arabe enleio
Que desfeara as lusitanas fallas,
Co'ouro da grega lingua, e da latina
Deram brilho ao dizer: antes crearam
Uma lingua mais nobre, mais mimosa,
Digna dos nobres genios que luziram
N'essa classica idade, e que nos deram
Os moldes da elegancia portugueza.
Elegancia que herdada a nós viera,
A não ser salteada no caminho
Por mãos facinorosas. — Quem nos veda
Tomar a antiga senda, para herdal-a
Nativa e pura e digna, qual trilharam,
Para creal-a, os nossos bons maiores?»

(Francisco Manoel do Nascimento).

«Aonde viste lingua, ó grão Ferreira,
Com mais primores de gentil riqueza
Do que entre os lusos? das vulgares linguas,
Dize, te mostrem outra, que já tenha
Tanta copia de termos, de maneiras,
De lindas phrases, de elegancias bellas,
De adagios, e anexins de altivo preço,
De mil apodaduras tão donosas,
De todo o bom fallar prendas nativas,
Prova de lingua cultivada e rica.
Quão poucos de seus filhos a conhecem!
Matrona nobre e grave, e mui senhora,
Cheia de acatamento e magestade,
Ao mesmo tempo de formosas galas,
De encantadoras solidas bellezas,
Que brilham no seu rosto, nos seus ares,
Nas expressões e fallas, nos costumes,
Na solta prosa, ou já no rico metro.
Não póde ir par com ella a tão valida
Franceza lingua, que ora voga tanto,
Que em lhe tirando termos todos d'artes
Que a sabia Grecia e Roma lhe emprestaram,
Em tudo o mais, se tu a bem comparas,
C'o a nossa natural, é frouxa e estreita:
Não tem força de termos magestosos,
Não tem vozes esdruxulas dactylicas;
Não tem ricos vocabulos compostos,
Que epica trompa bellicosa entôe,
Que pindarica lyra em sons valentes
Aos celestes alcaçares remonte.
Faltam-lhe garbos, nobres gentilezas
Do metrico fallar harmonioso:
Nem azas tem, com que voando possa
Alçar-se aos astros com soberbo esp'rito,
E transpôr sublimada o alto Olympo:
Não é lingua dos Deuses; é só prosa,
Sem ter mais brio, que a cançada rima.»

(Antonio Ribeiro dos Santos).

LINGUAS (Egoismo das). «Chamaremos assim esta tendencia universal em todos os povos para nacionalisarem a orthographia dos nomes proprios alheios. Os latinos latinisaram os nomes gregos, os povos do norte barbarisaram os latinos, os arabes arabisaram os novos dialectos que se estabeleceram com as monarchias

wisigothicas, e nós os modernos tambem estropeamos reciprocamente os nomes proprios uns dos outros. De modo que, nós os portuguezes, dizemos Londres, Troyes e Bordeus, e os francezes e inglezes de sua parte dizem Lisbon, ou Lisbonne, Oporto e outros. O uso e a culpa geral tem dissimulado estes latrocinios, ou antes avarias e estragos na propriedade das linguas. —Nos nomes de terras tem isto menos inconveniente porque tem uma existencia actual, e é mais facil atinar-se com a individualidade, porém nos nomes proprios antigos, ou mesmo nas povoações que passaram, e acabaram, estas alterações produzem uma confusão e obscuridade ás vezes indecifravel. Umas vezes estas mutações tem sua desculpa porque foram os dialectos que mudaram alternando a orthographia e a pronuncia, e não foram os estrangeiros n'esse caso os estropeadores, v. g., em Bordeaux, Troyes, Bloie e outros que os francezes pronunciavam com terminação em *é* dizendo ou soando Bordéu, Troé, e Bloé; e como n'este tempo é que se foi formando a nossa lingua, e não tendo nós a caprichosa esdruxularia de pronunciar d'uma fórma e escrever de outra, ficamos escrevendo e pronunciando quasi como os francezes do tempo de Ronsard e d'Amyot.

«É uma cousa curiosa vêr as variações que foram experimentando os nomes proprios: apontaremos primeiro as dos nomes de terras, e depois daremos algum de pessoas. Quantas metamorphoses experimentou a palavra Beja? Antes dos latinos nada sabemos; porém estes lhe chamaram *Pax Julia:* vieram os povos do norte, e achando o nome comprido abreviaram-no e lhe chamaram *Páce:* os arabes extinguindo o imperio gothico, não tendo no seu dialecto a letra *P*, substituiram-na pelo *B*, e disseram *Bace;* mas o *C* entre elles sôa como *X*, e então escreveram Baxe, e assim se encontra nas historias arabes da Peninsula; e os portuguezes acharam menos dôce e suave aquelle som, e disseram e escreveram *Beja*. Entretanto hoje é uma grande difficuldade poder adaptar ás terras os nomes que lhes deram os mouros: nós temos encontrado nos escriptores mahometanos muitos nomes de terras, sobre os quaes tem suado os interpretes, impossiveis d'applicar; n'outros temos sido mais felizes, á força de muito pensar e combinar.

«Seria um serviço importante feito á historia e á geographia que algum homem estudioso, instruido e paciente, se occupasse d'esta materia: para quem fosse mediocremente versado nas linguas não seria difficil com algum trabalho interpretar estes enigmas que se encontram a cada passo nas chronicas e historias antigas, ás quaes seria utilissimo juntar um glossario das palavras indecifraveis ao commum dos leitores; ou então explicar nas reimpressões o que nas obras houvesse d'obscuro, e rectificar o uso antigo pelo moderno, conservando todavia o texto primitivo como fez Buchon, membro do instituto de França, na sua edição da chronica de João Froissard. Do serviço feito por este illustre e infatigavel historiographo tiramos nós a utilidade d'explicar um facto da nossa historia, indecifravel até alli pelas anteriores edições. Estava ahi o facto consignado d'esta maneira: — Querendo o mesmo consciencioso chronista inteirar-se do estrondoso e quasi inexplicavel successo da victoria d'Aljubarrota, acontecida no seu tempo, para o referir na sua chronica; e tendo noticia que muitos cavalleiros gascões tinham figurado na dita batalha, pôz-se a caminho, foi a Bearn e apresentou-se na côrte de Gastão de Foix para ahi ouvir da bocca mesmo de testemunhas oculares a descripção do successo. — Gastão de Foix chamou os cavalleiros, os quaes lhe referiram o successo, como lhes pareceu (procurando desculpas, bem entendido, para se escusarem do desar, porque estiveram do lado dos castelhanos). Mas o chronista não era homem a decidir-se, e menos a julgar só pelo arrazoado d'uma das partes sómente: e tomando nota do recontado, voltou

para a côrte de França a ruminar a materia. Eis lhe chega a nova de que a Midlessex, porto então mui frequentado na ilha de Walcheren, haviam chegado uns cavalleiros portuguezes que passavam embarcados para o norte, os quaes vinham de Lisboa e pertenciam á côrte portugueza, tão asados para informadores que era um d'elles *filho ou irmão do condestavel*, aquelle cujo nome e proezas militares andavam nas azas da fama. Lá voou João Froissard; atravessou a Belgica, e avistou-se com os portuguezes, dos quaes um, chamado *Perkek*, lhe esteve contando todo o successo da batalha. Ora qual seria o portuguez que chegando a este ponto da chronica, não desejasse anciosamente descortinar quaes eram as taes personagens? Quanto ao filho ou irmão do condestavel não havia ahi que pensar, pois era erro no primeiro, e provavelmente equivocação no segundo, mas quanto ao *Perkek*, o recontador, como atinar com tal pessoa? Decifrou o enigma o academico Buchon, pondo adiante de Perkek (João Fernandes Pacheco). Fôra com effeito este fidalgo aquelle brioso portuguez que estando no seu castello de Ferreira d'Aves, quasi ao tempo da batalha d'Aljubarrota, se poz a caminho com 60 escudeiros seus a cavallo, e marchou de dia e de noite, sem descançar, até vir juntar-se ao exercito real na mesma tarde do conflicto. E por signal que Diogo Lopes Pacheco, seu pai, se achava então com el-rei D. João I, e quando este, vendo que alguns dos cavalleiros principaes da Beira não concorriam, e se queixava d'isto diante de Diogo Lopes, respondia este: «Senhor, se João Fernandes é meu filho, não haja medo que falte n'esta occasião.»

«Nós não sabemos que negocio levava á Prussia João Fernandes Pacheco e seu companheiro: porém achando nós consignado nas chronicas do tempo (nas de Fernão Lopes e Azurara) que depois das treguas de quinze annos entre Portugal e Castella muitos cavalleiros portuguezes, enjoados da paz, sahiram do reino a ganhar por seu braço nome e fama pela Europa, julgamos que ou esta razão, filha do espirito da cavallaria do tempo, ou alguma outra missão da sua côrte o levaria ahi. Agora diremos como é que Froissard chegou a fazer do nome *Pacheco* o seu *Perkek*. Ora é de saber que antigamente aquelle nome se escrevia com um *k* em lugar do *c*, dizendo-se *Pacheko*, ou mesmo *Pachako*, como se encontra nos documentos d'essa época e anteriores. Provavelmente Froissard conservou assim escripto o nome até o empregar na sua chronica; e em lugar de lêr *che* como os francezes, leu *que* como nos dialectos do norte, e como se estivesse escripto *ke;* e d'aqui facilmente passaria ao *Perkek*. Entretanto o estropeamento francez dos nomes estrangeiros é proverbial.

«Este exemplo nos dispensa de produzir outros, e servirá de demonstrar o grave inconveniente d'estas invasões e mutações de nomes proprios que fazem obscuridade e confusão como dissemos: parecendo-nos que não só seria mais claro e mais justo conservar a orthographia e o som proprio dos nomes segundo sua origem, mas que isto mesmo daria ao discurso e á escriptura um ar de illustração classica e scientifica em lugar do barbarismo d'estropear os nomes. Já hoje com effeito os litteratos pronunciam os nomes proprios com suas terminações primitivas, e em lugar de dizerem, como os escolares, Cornelio Nepote, Suetonio, Varrão, etc., pronunciam Cornelius Nepos, Suetonius, Varro, etc.» (J. da C. N. C.).

LINHA. 1. *Definições.* — A linha considera-se produzida pelo fluxo ou movimento do ponto; as linhas teem só *comprimento*. — Os *pontos* são os *termos* da linha. O *ponto* geometrico não tem extensão alguma; representa-se porém por um ponto physico. — *Ponto de intersecção* é o ponto commum a duas linhas que se cortam. — A linha *recta* é o caminho mais curto de um ponto a outro. — A linha *quebrada* é a formada por muitas linhas rectas. — A linha *curva* é a que não

tem parte alguma rectilinea: é considerada como sendo uma linha quebrada composta d'uma infinidade de linhas rectas infinitamente pequenas, as quaes constituem os *elementos da curva*. — Medir uma linha, é procurar a razão entre ella e outra tomada para termo de comparação. — Distinguem-se quatro posições notaveis que uma recta póde ter relativamente a outra, a saber: recta *perpendicular*, *obliqua*, *vertical* e *horisontal*. — Recta perpendicular sobre outra é a que encontra a esta formando com ella angulos adjacentes iguaes. — Recta obliqua sobre outra é a que encontra esta formando com ella angulos adjacentes desiguaes. — A vertical é a recta que fórma o fio de prumo livremente suspenso. Em architectura, a vertical é muitas vezes denominada *linha de prumo*, e *prumada*. — Horisontal é a linha que apresenta a superficie das aguas tranquillas. Tambem se lhe chama *linha de nivel* ou *de livel*. É perpendicular á linha vertical. — As *parallelas* são linhas da mesma especie, rectas ou curvas, que guardam entre si a mesma distancia em todos os seus pontos. — Uma recta é *secante* ou *transversal* quando encontra duas ou mais linhas; e em particular duas linhas parallelas. (Veja CIRCULO e ANGULO). Faça-se traçar todas estas linhas na pedra.

2. *Theoremas*. — A linha é mais curta que a linha quebrada ou curva que termina nos termos da recta. — Se duas linhas quebradas convexas tem termos communs, fazendo uma cerco á outra, a linha cercadora é a maior. — Se de um ponto situado fóra de uma recta tirarmos a perpendicular e differentes obliquas sobre essa recta: 1.º a perpendicular é menor que qualquer obliqua; 2.º duas obliquas cujos pés são equidistantes do pé da perpendicular, são iguaes; 3.º de duas obliquas, cujos pés são desigualmente distantes do pé da perpendicular, aquella cujo pé mais se afasta é a maior. — Se do meio de uma recta se levanta uma perpendicular: 1.º todos os pontos d'esta perpendicular, são igualmente distantes dos dous termos da recta; 2.º todos os pontos situados no plano fóra d'esta perpendicular, são desigualmente distantes dos dous termos da recta. Em consequencia d'esta dupla propriedade, esta perpendicular é o *lugar-geometrico* de todos os pontos do plano equidistantes dos termos da recta. — Toda a perpendicular á extremidade de um raio, é tangente á circumferencia n'esse mesmo ponto. — Toda a perpendicular levantada do meio da corda de um arco de circulo, passa pelo centro do circulo e pelo meio dos dous arcos que subtendem a dita corda. (Veja SEMELHANÇA).

LINHO. «É annual. Pede temperamento fresco e um pouco humido, e terreno de muito fundo e substancias. Em paiz quente e secco, passa difficilmente sem regas. Lavras bem profundas, que sufficientemente esmigalhem e amolleçam.

«Esgota o terreno, mas em grau menor se os adubos se lhe deitam bem soterrados: hão de ser quentes e de prompta decomposição. As arrotêas de devezas conveem-lhe muito, e as de prados, especialmente dos de luzerna, ou outras plantas de raiz funda.

«Se o ataca a orobanca ou herva de touro, não ha mais que arrancar os pés acossados e os visinhos.

«O linho invernal, que é o que sahe de febra mais forte e de maior e mais abundante grão, semeia-se pelo outono; o de *verão*, que dá febra mais fina, por fevereiro até abril. A semente seja muito escolhida, e renove-se com frequencia. A commum produz pés ou talos, que rara vez chegam a 83 centimetros; a de Riga deita-os muito mais elevados e sem enramar; e a de Window dá uma filaça finissima.

«Por isso mesmo que profunda o linho a raiz, deixa o terreno bem preparado para trigo ou outros cereaes. Conjunctamente com o linho, veem á vontade o trevo ou as cenouras.

«Lança-se a punho a semente: espessa se se quer finura de febra, rala se se busca talo roliço e grosso, e grão mais cheio. Sobre a sementeira,

o rastro. Depois muito escardeamento, e a monda que peça o caso.

«Quando estão as plantas em flôr, convem-lhes rega para que dêem febra, mas não para grão.

«Ao cahir a folha e ennegrecer a semente, chegou a madureza; mas não se espere senão o vêr pintar alguns grãos, se se deseja maior finura de febra.

«Arrancado o linho, põe-se em manojos ao sol. Depois demolha-se e macera-se em agua de balsas por alguns dias, tira-se, escorre-se e secca-se. Esta operação da molha é insalubre, e estuda-se o modo de a substituir. Em algumas partes já se consegue por agua corrente quando a ha, e com mais lentidão por enterramento, ou estendendo o linho em prados ao orvalho, e se cahe neve, melhor. Assim se guarda para as successivas operações do maçar e espadellar.

«A linhaça, ou semente do linho, dá o oleo do mesmo nome, de muito consummo.» (*Manual de agricultura*).

LINNEU. (Veja Botanicos).

LIRIO. Ha lirios brancos, amarellos, rôxos, rôxo-vermelhos, côr de lacre, de laranja e de fogo. Não pedem grande cultura. Multiplicam-se pelas cebolas, que se plantam em setembro, e tambem pela semente, e conseguem-se sempre novas variedades. Devem ser mudados de tres em tres annos, e não hão de ter-se fóra da terra mais d'um mez. O mesmo se deve observar a respeito da *flôr de liz* e *açucena*.

«Lance cada um os olhos pelo campo, e a primeira bonina ou flôr em que acaso der com elles, essa côlha, e tome na mão, que por nenhuma não ser muito para isso, de todas disse o Senhor: *Considerai os lirios do campo*. E, se acertou de ser dos brancos, onde é mais pura a côr da neve? Quão guardada e encastoada traz no ouro dos olhos a semente! Como se abrem, estendem e dobram a compasso as folhas, representando os raios das estrellas menos accesas? Nem, se o tocamos, ha setim tão macio, tão brando e mimoso! Nem no cheiro lhe fazem vantagem quantas composições do ambar e da algalia inventou a arte.» (Padre João de Lucena).

LISBOA. «Como acontece a todas as cidades de origem antiquissima, a historia da fundação de Lisboa e dos seus primeiros tempos anda envolvida em mil fabulas. Umas dão-lhe Ulysses por fundador, o celebre capitão grego, dizendo que do seu nome veio á cidade o de *Ullyssipo*, depois corrupto em *Olisipo*. Outras contam, que a fundou um companheiro do deus Baccho, chamado Luso, e que d'aqui tirou o paiz a denominação de *Lusitania*, e os habitantes a de *lusos*. Outras, ainda, attribuem a sua origem a Elisa, bisneto de Noé.

«O que de tudo isto se póde colligir com boa razão, é que a antiguidade d'esta nobre povoação é tal, que, havendo memorias suas anteriores á era christã, ainda assim se esconde a sua origem nas trevas dos tempos.

«Tomando, pois, para ponto de partida uma época conhecida, tanto por noticias historicas de todo o credito, como por monumentos, diremos, que Julio Cesar, que morreu quarenta e cinco annos antes do nascimento de Jesus Christo, por honrar Lisboa, que então se chamava *Olisipo*, deu-lhe o nome de *Felicitas Julia*, que queria dizer *felicidade de Julio*, e concedeu-lhe o fôro de municipio romano. Aquella honra e este privilegio de que os romanos eram muito avaros, provam de sobejo a importancia e grandeza, de que já n'esse tempo gozava esta nossa cidade.

«Lisboa está situada sobre a margem direita do Tejo, a duas leguas da sua foz, que tanta distancia vai d'ahi até Belem, onde principia a erguer-se a cidade. Conta perto de duas leguas de extensão, de éste a oeste desde Belem até Xabregas; e meia legua de largura de norte a sul desde o Tejo até ás barreiras de Campolide.

«A sua situação é summamente aprazivel, e o seu clima dos mais temperados e beneficos da Europa. Sen-

tada em magestoso amphitheatro sobre varias collinas, que ostentam como em exposição artistica templos, palacios, e jardins; banhada pelas aguas do Tejo, que, misturando-se com as do oceano, formam diante da cidade um vasto golfo, sulcado continuamente por tanta infinidade e variedade de embarcações nacionaes, e das diversas potencias européas; precedida e seguida á beira-mar de lindos arrabaldes, onde avultam formosos monumentos d'eras afortunadas, bellas quintas e casas de campo; Lisboa offerece aos viajantes, que demandam o seu porto, um dos mais grandiosos e encantadores panoramas, que se encontram em todo o globo. Na belleza e magestade da sua perspectiva rivalisa com a cidade de Constantinopola, e sobreleva, sem duvida, a Genova e a Napoles, segundo a opinião competente e imparcial de muitos viajantes instruidos, dos quaes apenas citaremos Byron.

«O seu porto é um dos mais amplos e seguros do mundo; e hoje, attenta a crescente prosperidade do Brazil, e o começo do desenvolvimento da Africa occidental, é o mais adaptado para um grande emporio commercial, que certamente se estabelecerá logo que um caminho de ferro, secundado pela telegraphia electrica, nos ponha em immediata communicação com toda a Europa. Desde a barra até á praça do Commercio a sua largura regula por meia legua. Depois fórma uma grande bacia, ou reconcavo, na parte do sul, que lhe dá duas leguas de largo entre o arsenal do exercito e a villa do Barreiro, e tres leguas entre Braço de Prata, arrabalde oriental da cidade, e a villa d'Aldeia Gallega.

«A barra é defendida pelas fortalezas de *S. Julião*, e de *S. Lourenço* ou do *Bugio*, edificadas em frente uma da outra, mediando um espaço de mais de uma milha. A primeira foi começada por el-rei D. João III, continuada por D. Sebastião, e cardeal-rei D. Henrique, e terminada por Philippe II d'Hespanha; e a segunda teve principio no governo de D. Sebastião, e concluiu-se durante a usurpação castelhana.

«Varios fortes, construidos em differentes épocas, guarnecem as duas margens do Tejo desde a sua foz até á cidade. Anteriormente á fundação d'aquellas fortalezas a defesa do porto de Lisboa estava confiada á torre de *S. Sebastião de Caparica*, vulgarmente chamada *Torre Velha*, e á torre de *S. Vicente de Belem*, que cruzavam as balas da sua artilheria. Aquella, reconstruida por el-rei D. Sebastião, mas cuja primeira fabrica foi obra de D. João I, serve actualmente de lazareto. A de S. Vicente, projectada por D. João II, e executada por el-rei D. Manoel, é ao presente fortaleza de registro, e ao mesmo tempo um dos mais lindos e curiosos monumentos d'arte da capital.

«A respeito da divisão civil e ecclesiastica de Lisboa dá-se uma circumstancia notavel, e talvez unica na historia das grandes povoações; e vem a ser, que nas diversas alterações por que tem passado aquella divisão, ora tem sido diminuida, ora augmentada a cidade pelo simples effeito de um decreto. Quando se instituiu a patriarchal, D. João V dividiu Lisboa em duas cidades distinctas, com dous senados da camara, e mais authoridades respectivas, e em duas dioceses com prelados separados. Uma denominando-se *Lisboa oriental*, continuou a ser séde de um arcebispo. A outra, a que se deu o nome de *Lisboa occidental*, foi erigida em patriarchado. No fim porém de alguns annos foi extincto o arcebispado; e reunidas as duas cidades, tornaram as cousas ao estado anterior sob o governo ecclesiastico de um patriarcha.

«El-rei D. José, vendo o arrabalde de Belem povoar-se e crescer até pegar com a cidade, encorporou-o n'ella, decretando que fosse considerado como um dos seus bairros. De então para cá teem-se estreitado mui consideravelmente os laços, que prendem o novo bairro aos antigos da cidade, a ponto de formarem uma não interrompida povoação. Todavia ha sete

para oito annos foi restringido o ambito de Lisboa, creando-se os dous novos concelhos de Belem, para o occidente, e dos Olivaes, para o oriente.

«Entretanto, apesar d'esta divisão, contraria á ordem natural do desenvolvimento das cidades, continuaremos a considerar Belem como parte integrante, que é, de Lisboa.

«Não nos permittindo os limites d'este nosso trabalho, que historiemos todas as mudanças, que tem havido na organisação geral da cidade, fallaremos só da actual.

«Divide-se administrativamente a capital em quatro districtos ou bairros, chamados d'*Alfama*, *Rocio*, *Bairro-Alto* e *Alcantara*, cada um com seu administrador, fóra outras authoridades subalternas. Judicialmente está dividida em seis bairros, ou julgados, presididos por seis juizes de direito, que dão audiencia no extincto convento da Boa Hora, e constituem com os jurados o tribunal de primeira instancia. No mesmo edificio funccionam tres juizes de policia correccional, e os dos orphãos. A divisão fiscal compõe-se de recebedorias, de freguezia, cada uma dasquaes abrange, de ordinario, duas e tres parochias, e é dirigida por um recebedor sob a fiscalisação de um escrivão de fazenda. Quanto ao militar tem uma guarnição composta de quatro regimentos de infanteria, dous batalhões de caçadores, um regimento de lanceiros, um regimento de artilheria, e um batalhão de sapadores, com um general commandante da força armada. E a policia da cidade é feita por dous regimentos da guarda municipal, um de infanteria, e outro de cavallaria; e por cabos de policia, uns tantos por cada freguezia, sob as ordens de um regedor de parochia.

«A organisação municipal consta de uma camara municipal com treze camaristas, eleitos de dous em dous annos, e entre os quaes se reparte o governo da cidade por pelouros — da illuminação, da limpeza, das obras, dos jardins e passeios publicos, etc.

«Ecclesiasticamente está dividida em trinta e nove freguezias, incluindo Belem.

«Como capital de districto, do patriarchado, e de toda a monarchia, Lisboa é séde da côrte; das duas camaras legislativas; dos ministerios do reino, guerra, fazenda, justiça, marinha, estrangeiros, obras publicas, commercio, e artes; do conselho de estado; do cardeal patriarcha; do supremo tribunal de justiça; dos tribunaes da relação, do commercio de primeira e segunda instancia, do supremo conselho de justiça militar, da relação ecclesiastica, e do tribunal de contas; do conselho ultramarino; de um governador civil; de um general commandante da primeira divisão militar do reino; e de uma infinidade de repartições, dependentes dos diversos ministerios.

«Lisboa encerra mais de duzentos templos, vinte e cinco dos quaes pertencem a conventos de religiosas, que são umas trezentas presentemente. O primeiro em antiguidade e jerarchia é a *sé patriarchal*. É muito incerta a época da sua fundação. Uns a attribuem a D. Affonso Henriques; outros aos mouros; e outros ainda a eras muito mais remotas. As ruinas que lhe teem causado varios terremotos, e as reconstrucções que tem tido, alteraram n'umas partes e destruiram n'outras as feições primitivas do monumento. É um grande templo de tres naves, que, apesar de tudo, contém algumas antigualhas curiosas. Na capella-mór estão os tumulos de D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz. Tambem ahi se acham sepultados outros principes, arcebispos, e muitas pessoas distinctas. Possue vasos sagrados e alfaias de muita riqueza e primor artistico.

«As outras igrejas mais notaveis são: *Santa Maria de Belem*, outr'ora pertencente ao mosteiro de monges de S. Jeronymo, e hoje parochia: foi edificada por el-rei D. Manoel em agradecimento, e memoria do descobrimento da India, e no proprio sitio, onde embarcou Vasco da Gama para essa ousada empresa. É um formoso e magnifico monumento do ultimo

periodo da architectura gothica. N'elle repousam em tumulos de marmore o fundador, e sua segunda mulher, D. João III, e a rainha D. Catharina, el-rei D. Sebastião, ou uns ossos que vieram d'Africa como seus, o cardeal-rei, e varios infantes, filhos d'el-rei D. Manoel, e D. João III. — *A basilica do Coração de Jesus*, fundada pela rainha D. Maria I em 1779. É um templo muito sumptuoso, construido de ricos marmores com infinita variedade de bellas esculpturas. Na capella-mór jaz em soberbo mausoléo a rainha fundadora. — *S. Vicente de Fóra*, que pertenceu ao convento dos conegos regrantes de Santo Agostinho, actualmente residencia do cardeal patriarcha. Da primitiva fabrica, que foi obra de D. Affonso Henriques, nada existe. Tudo o que se vê foi reconstrucção de Philippe II de Castella, pouco depois de usurpar a corôa de Portugal. É uma grande e rica igreja de tres naves, tambem construida de bons marmores de côres, e enriquecida de algumas obras de mosaico. Ao lado da capella-mór está o jazigo dos patriarchas, e por traz d'aquella o real pantheon da casa de Bragança desde el-rei D. João IV, que descança em um magnifico tumulo. — *A igreja de S. Roque*, que foi dos jesuitas, e agora é da misericordia, é notavel pela riquissima capella de S. João Baptista, mandada fazer em Roma por el-rei D. João V, armada e benzida dentro da igreja de S. Pedro pelo papa Clemente XVI, que n'ella disse a primeira missa; e que custou dous milhões de cruzados, com os vasos sagrados, paramentos, e mais alfaias, que ahi se conservam. É fabricada de verde antiquo, porfido, jalde, alabastro, lapislazuli, amethystas, e cornalina. Os tres paineis de mosaico são admiraveis. — *S. Domingos*, igreja outr'ora do convento dos frades dominicos, e ao presente parochia de Santa Justa. Foi reconstruida inteiramente depois do terremoto de 1755. É um templo vastissimo de uma só nave, todo guarnecido de bellas columnas colossaes de marmore côr de rosa. Os paineis são de Pedro Alexandrino, um dos nossos pintores mais estimados dos fins do seculo passado. — *Nossa Senhora dos Martyres*, a mais antiga das parochias de Lisboa, fundada por D. Affonso Henriques no sitio, onde se enterraram os estrangeiros, que morreram em seu auxilio no assedio e tomada de Lisboa. Destruida em 1755 pelo terremoto, foi logo depois reedificada com profusão de bons marmores. — A igreja parochial de *Nossa Senhora da Encarnação* é um grande templo, levantado depois do terremoto. — *A igreja de Jesus*, que foi dos religiosos terceiros franciscanos, e agora é parochia de *Nossa Senhora das Mercês*, e a *igreja dos Paulistas*, que foi dos frades da congregação da Serra d'Ossa, e ao presente é freguezia de *Santa Catharina*, são dous vastos e ricos templos. Este foi começado em 1647, e escapou ao terremoto. Aquelle, derrocado completamente por este cataclysmo, é reconstrucção posterior. — As igrejas parochiaes de *S. Nicolau* e *S. Julião*, cuja reedificação se concluiu ha poucos annos, são dous bellos templos em que se admiram magnificos marmores de côres, e excellentes esculpturas. O tecto do primeiro foi pintado pelo snr. Fonseca, e o do segundo pelo snr. Joaquim Raphael, ambos lentes de pintura da academia das bellas-artes. — A igreja de *Nossa Senhora da Graça*, que pertenceu aos eremitas de Santo Agostinho, e actualmente parochia de *Santo André* e *Santa Marinha*, é recommendavel pelo santuario do Senhor dos Passos, por alguns bons quadros, e pelo riquissimo tumulo de marmore e bronze, com lindos mosaicos, em que jaz D. Mendo de Foios, secretario d'estado de D. João V, o qual se acha na sacristia. Junto á casa do capitulo do convento contiguo, que ao presente é quartel militar, está a sepultura do grande Affonso d'Albuquerque. — A igreja de *Santo Antonio*, fundada por el-rei D. Manoel, e por disposição testamentaria de D. João II, no proprio lugar das casas em que nascêra o Thaumaturgo; arruinada pelo terremoto de 1755, e reedificada desde

os alicerces por el-rei D. Pedro III, é um templo fabricado com riqueza, mas de uma architectura acanhada e mesquinha, principalmente no exterior. É administrado pela camara.—A igreja de *Nossa Senhora do Loreto*, freguezia dos italianos residentes na capital, erigiu-se no seculo XVI, ardeu a primeira vez em 1651, e a segunda em 3 de novembro de 1755, tendo ficado illesa do terremoto. E' um bom templo; comtudo muito menos sumptuoso n'esta ultima reedificação que na anterior. —A igreja de *Nossa Senhora do Livramento*, chamada vulgarmente da *Memoria*, em Belem, fundada por el-rei D. José no sitio onde lhe deram os tiros, e em agradecimento por ter escapado d'este attentado, é toda de marmore por dentro, e com uma cupula de cantaria.—A igreja da *Conceição Velha* é digna de especial menção pelo seu formoso portico e janellas de architectura gothica. Era aqui a grandiosa igreja da Misericordia, obra d'el-rei D. Manoel. Destruida pelo terremoto, menos a capella do Santissimo, e a porta travessa, que lhe ficava fronteira, aproveitaram-se na reedificação a primeira para capella-mór, e a segunda para porta principal de um templo de muito menores dimensões, que se deu aos freires de Christo com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, em troca de outra igreja d'este nome, que elles possuiam, e que teve de demolir-se por occasião da nova edificação da cidade.—A igreja *arruinada do Carmo*, que o illustre condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou em memoria da celebre batalha d'Aljubarrota, a qual o terremoto passado arruinou, é ainda assim um dos nossos monumentos historicos mais respeitaveis.—A igreja, *por acabar*, de *Santa Engracia*, começada no seculo XVII, é um colosso de pedraria de architectura pesada e original.

«Contam-se em Lisboa treze praças principaes, cincoenta e dous largos, trezentas cincoenta e sete ruas, duzentas e dezeseis travessas, sessenta e cinco calçadas, e cento e dezenove bêcos. As praças mais bellas são as seguintes: A do *Commercio*, vulgo *Terreiro do Paço*, vastissima, com tres magnificos caes sobre o Tejo, cercada dos palacios das secretarías d'estado, alfandega, e outras repartições, é ornada no centro com a estatua equestre de D. José I, obra do insigne esculptor Joaquim Machado de Castro, e fundida por Bartholomeu da Costa. A estatua equestre, fóra o pedestal, tem trinta e um palmos e meio de altura, é de bronze e tem de peso oitenta mil seiscentos e quarenta arrateis. Foi inaugurada em 27 de maio de 1775 com extraordinarias festas.—*Praça de D. Pedro*, antigamente do *Rocio*, é grande, e tambem regular. No lado do norte ergue-se o magestoso theatro de D. Maria II, e no centro está principiado um monumento a D. Pedro IV. —*Praça da Figueira*, serve de mercado.—*Praça do Pelourinho*, é mais pequena que as precedentes. Guarnecem-lhe os lados de leste e do sul os edificios do banco de Portugal, e do arsenal de marinha. No meio eleva-se uma esbelta columna vasada, e inteiriça, que foi pelourinho.—*Praça dos Romulares*, com um caes sobre o rio, é pequena, mas regular, e orlada de bons predios, e de arvores.—*Praça da Ribeira Nova*, é o mercado do peixe, tambem com um caes.—*Praça de S. Paulo*, com a igreja parochial d'este santo, é guarnecida d'arvores, e tem no centro um bello chafariz.—*Praça da Alegria*, é toda plantada d'arvoredo, com bonitas casas em volta.—*Praça Nova* ao Loreto, cujo terreno estava ha pouco occupado com os restos do velho palacio dos marquezes de Marialva, e com varios casebres edificados nas suas ruinas. Todos os predios que a cercam são de architectura regular. —*Largo do Carmo*, arborisado, e com um bom chafariz, tem em redor predios regulares, e a velha igreja do Carmo.—*Campo de Santa Anna*, é uma grande praça, modernamente aformoseada com passeio d'arvoredo ajardinado. D'entre muito bons edificios, que a guarnecem, sobresahe a rica e linda casa do snr. Costa Lobo.

— *Praça de D. Fernando* II, antigamente *largo de Belem*, é uma vasta praça, orlada de arvores, banhada pelo Tejo do lado do sul, onde tem um optimo caes, e decorada do lado do norte pelo palacio do picadeiro real, e pelos jardins do real paço de Belem. — *Praça do Principe Real*, antigamente da *Patriarchal queimada*, é arborisada, e vai ter melhoramentos.

«As melhores ruas são as cinco, que sahem da praça do Commercio — rua *Augusta*, *Aurea*, *Bella da rainha*, *Nova da alfandega*, e do *Arsenal*, as ruas *Nova d'el-rei*, *Nova do Almada*, *Nova do Carmo*, *Chiado*, de *S. Francisco*, do *Alecrim*, *largo de S. Roque*, da *Escóla polytechnica*, da *Fabrica das sêdas*, *Direita da Junqueira*, etc.

«Os palacios reaes são os d'*Ajuda*, e *Belem*, das *Necessidades*, e *Bemposta*. O d'*Ajuda* foi começado pelo principe regente, D. João, logo depois do incendio, que pelos annos de 1795 devorou uma grande parte do palacio velho d'Ajuda, construido á pressa de madeira, para residencia d'el-rei D. José e sua familia, depois que o terremoto de 1755 lhe destruiu os paços da Ribeira. O novo paço, devido aos architectos José da Costa e Silva, e Francisco Xavier Fabri, apenas tem levantada uma terça parte da sua planta geral, mas ainda assim, no que está feito, que já tem custado muitos milhões de cruzados, se poderia acommodar uma numerosa familia real. Encerra muitos e espaçosissimos salões, e está decorado com grande numero de estatuas de marmore, e de pinturas, dos nossos melhores esculptores e pintores modernos. — O *palacio das Necessidades* é a residencia ordinaria d'el-rei e familia real. Foi mandado fazer por D. João V para hospedagem dos principes estrangeiros, que visitassem esta cidade. Ao presente acha-se interiormente ornado e guarnecido com muita elegancia e riqueza. Contém numerosos objectos d'arte de muita valia e primor, em pintura, e esculptura, um rico museu, organisado por el-rei o snr. D. Pedro V, e pelo snr. infante D. Luiz; uma boa livraria, e uma bella collecção d'armas antigas, pertencente a el-rei o snr. D. Fernando. A quinta contigua e muito formosa, tanto pelo gosto com que está plantada, como pela riquissima collecção de plantas exoticas, que possue. — O *palacio de Belem* foi comprado ao conde d'Aveiras por el-rei D. João V, que o melhorou, e cercou de jardins ornados de cascatas, lagos, estatuas, vasos, e viveiros. Tem uma quinta com lindas ruas de bosque. Costuma servir este palacio para os bailes da côrte. No topo da quinta está um palacete, chamado do *Pateo das vaccas*, porque a sua entrada principal deita para um pequeno largo ou pateo d'este nome. — O *palacio Velho* está immediato ao novo da Ajuda. É a parte que escapou ao incendio, e que apesar d'isso é um grande edificio, que estende uma das suas frentes pelo jardim botanico. — O *palacio da Bemposta*, fundado pela rainha de Inglaterra, D. Catharina de Bragança, viuva de Carlos II de Inglaterra, e filha do nosso rei D. João IV. N'elle viveu nos seus ultimos annos el-rei D. João VI, e ahi falleceu a 10 de março de 1826. A capella contém alguns quadros de merecimento, e boas obras de esculptura. É collegiada servida por conegos. N'este palacio acha-se estabelecida a escóla do exercito. Tem uma extensa quinta.

«Ha na cidade quatro arsenaes, um de marinha, e tres do exercito. O primeiro é magnifico. É obra do marquez de Pombal. Está hoje muito melhorado. Possue um soberbo dique, uma caldeira, dous estaleiros, excellentes officinas, grandes armazens, e uma vasta sala do risco, onde ha uma corveta para exercicio dos aspirantes. — Dos tres arsenaes do exercito, o chamado *Fundição de baixo*, teve por fundador el-rei D. João V, posto que geralmente se crê ser D. José I. Tem um rico portico de cantaria, ornado de columnas, e trophéos. Encerra, além dos armazens e officinas, varias salas d'armas. — O chamado *Fundição do campo de Santa Clara*, guarda um curioso deposito de peças de ar-

tilheria antigas, tomadas pelos portuguezes em diversas batalhas. Tem a celebre colubrina de Diu, e muitos e lindos canhões hespanhoes, francezes, inglezes, e hollandezes. No mesmo edificio está um museu de machinas, d'armas, e de diversas antiguidades e curiosidades. — O arsenal denominado *Fundição de cima* contém, além das officinas de fundição, e outras, o modêlo da estatua equestre.

«Os theatros são sete. *S. Carlos*, de opera italiana, edificado em 1793, grande e bem decorado, com cinco ordens de camarotes, e uma esplendida tribuna real. — *Theatro de D. Maria* II, de declamação, começado em 1844 e concluido em 1847. É um sumptuoso monumento com quatro frentes, todas de marmore, ornado de columnas, estatuas, altos e baixos relevos. As decorações interiores tambem são ricas. Tem quatro ordens de camarotes com tribuna real. Está edificado no sitio onde esteve o antigo palacio dos Estaus, depois transformado em inquisição, e depois ainda em palacio do thesouro publico, que ardendo em 1836, deu occasião a edificar-se o theatro. Teve este por architecto Fortunato Lodi. — *Theatro de D. Fernando*, de declamação, construido pelo architecto francez Arnould Bertin, nos restos por acabar da igreja de Santa Justa. Foi inaugurado em 1849. Tem quatro ordens de camarotes, e camarote real particular. — *Theatro do Gymnasio*, de comedia e farça lyrica, concluido em 1852 pelos desenhos dos senhores Rambois e Cinatti. Tem tres ordens de camarotes, com camarote particular para a familia real. — *Theatro da rua dos Condes*, de declamação, é fundação da segunda metade do seculo passado. É pequeno, e mal construido e decorado. — *Theatro das Variedades*, de declamação, é o antigo theatro do Salitre, tambem do seculo passado, e como o anterior de pessima construcção, e pobremente ornado. Tem tres ordens de camarotes, e um d'elles da familia real. — O *Café-Concerto* é um bello edificio, construido ha tres annos. Encerra um grande e elegante salão, onde se costumam dar bailes de mascaras durante todo o carnaval, e um theatrinho para farças lyricas francezas. Além d'estes ha varios theatros particulares.

«O *circo do Campo de Santa Anna*, para corridas de touros, erigido em 1829; o *circo do Salitre*, para exercicios equestres e gymnasticos, feito no seculo passado; a *Floresta egypcia*, com um salão para bailes de mascaras no carnaval; completam os espectaculos publicos da capital.

«Jardins e passeios conta esta os seguintes: — *Passeio publico*, foi plantado pelo marquez de Pombal, augmentado e muito melhorado desde 1833 para cá com porticos e gradaria de ferro em volta, com uma nova plantação dirigida com mais gosto, com uma cascata, quatro lagos, tendo um d'estes cento e vinte e nove pés de circumferencia, e tres estatuas de marmore, duas que representam os rios Tejo e Douro, feitas por Alexandre Gomes, fallecido em 1801, e discipulo do insigne esculptor italiano Alexandre Justi; e a outra representando uma nayade, obra do cinzel do snr. Assis, lente da academia de bellas-artes. — *Passeio da Estrella*, o maior e mais bello de todos os que estão dentro da cidade, delineado e plantado com muito bom gosto em 1850, cercado de grades de ferro, e aformoseado com diversas construcções nos annos seguintes. Contém uma excellente e copiosa collecção de arvores de bosque e plantas de jardim, uma cascata, quatro lindissimos lagos, estufa, elegantes pavilhões, caramanchões, etc. — *Passeio de S. Pedro d'Alcantara*, começado em 1833 para 1834. A sua situação elevada proporciona aos que o visitam um delicioso e variado panorama. Na parte superior tem um copado bosque, e na parte inferior jardim, com dous lagos, cascata, e varios bustos. — *Jardim da Alfandega*, estende-se pela frente da alfandega grande, ao longo do Tejo. Tem uma pequena estufa. — *Passeio da Junqueira*, situado junto ao Tejo, e correndo parallelo á rua direita da Junqueira, que é guarnecida de bellos palacios. Foi plantado nos fins do

reinado da rainha D. Maria I. — *Passeio do Campo Grande*, é fóra da cidade, mas a pouca distancia das barreiras. Foi plantado no reinado de D. Maria I, por ordem de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro do reino. Tem perto de um quarto de legua de extensão, e é o unico passeio para carruagens e cavalleiros. Consta de largas e copadas ruas de bosque, e varios jardins. As duas estradas, que correm dos lados de fóra, e junto d'elle, são orladas de casas de campo e jardins. N'este passeio faz-se em outubro uma grande feira mui concorrida.

«O grande *reservatorio das Amoreiras* e o *aqueducto das aguas livres* formam o mais grandioso monumento de Lisboa. Toda esta obra foi traçada e executada pelo engenheiro Manoel da Maia, e por ordem de D. João V. Teve principio em 1729, e no fim de vinte annos estava concluido o aqueducto. A construcção do reservatorio prolongou-se pelos seguintes reinados, vindo a terminar-se em 1834. O aqueducto corre ora soterrado, ora sobre arcos, que ao todo, em sitios diversos, são cento e vinte e sete. Os mais celebrados, pelo arrojo e elegancia da construcção, são chamados por antonomasia — *os arcos das aguas livres*. É a maior, e mais atrevida obra d'este genero, que ha na Europa. Tem esta ponte-aqueducto trinta e cinco arcos, que sustentam a galeria por onde veem os canos da agua, e dous passeios para gente de pé, um de cada lado. O arco grande conta duzentos e trinta pés e dez pollegadas de altura, e cento e sete e oito pollegadas de largura. A maior elevação de todo o monumento é de duzentos e sessenta e tres pés. Resistiu ao terremoto. O reservatorio leva perto de onze mil pipas d'agua. A extensão das diversas galerias do aqueducto, longitudinal, e transversal, perfaz a somma de sete leguas.

«Lisboa é abastecida d'agua por muitas fontes e chafarizes, uns alimentados por aquelle aqueducto, e outros por mananciaes, que nascem do monte do castello de S. Jorge. Os de melhor fabrica são: o das *Necessidades*, no largo em frente do paço, com um esbelto obelisco; o das *Janellas Verdes*, com uma boa estatua de Venus; o de *Belem*; o d'*Alcantara*, com uma acanhada estatua de Neptuno; o da *praça de S. Paulo*, com uma engraçada pyramide; o da *Esperança*; o do *Carmo*, com os seus quatro arcos formando um como pavilhão; e em fim a humilde fonte da *Samaritana*, junto a Xabregas, como memoria da sua illustre fundadora, a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irmã d'el-rei D. Manoel.

«Os principaes hospitaes da cidade são sete. O de *S. José* é o primeiro, e póde comparar-se no seu serviço aos melhores estrangeiros. Occupa o antigo convento de Santo Antão, que foi dos jesuitas, começado em 1579. Tem dez enfermarias de cirurgia, e sete de medicina. Encerra ordinariamente para cima de mil enfermos. A botica, laboratorio chimico, deposito de roupas, cosinha, dispensa, e outras mais officinas, são magnificas. Possue cêrca, e um jardim botanico. — *Hospital do Desterro*, no edificio do extincto convento de Nossa Senhora do Desterro, de monges de S. Bernardo. É uma delegação do de S. José. — *Hospital de Rilhafolles*, no extincto convento dos congregados da missão de S. Vicente de Paulo. É de alienados de ambos os sexos. Tem uma grande cêrca, e um bello estabelecimento de banhos publicos, e para uso do hospital, construido em 1851. — *Hospital de S. Lazaro*, para molestias cutaneas contagiosas e chronicas. — *Hospital da marinha*, para os doentes da armada, e repartições da marinha. Foi edificado expressamente para este serviço por mandado do principe regente D. João, e principiou-se em 1797. É um bello edificio, situado em terreno alto, com extensa vista de cidade e mar. Tem doze enfermarias, e grandiosas officinas. — *Hospital da Estrella*, para militares, no extincto convento de Nossa Senhora da Estrella, de monges de S. Bento. — *Hospital de Belem*, tambem militar, no extincto convento da Boa Hora. Além d'estes ha muitos outros hospitaes de

confrarias e irmandades; a *Casa de saude*, hospital particular, que recebe doentes pagando um tanto por dia; e dous hospitaes estrangeiros, o de *S. Luiz, rei de França*, dos francezes; e o dos *Cyprestes*, dos inglezes.

«Ha mais os seguintes estabelecimentos de caridade: A *santa casa da misericordia*, asylo dos expostos, no antigo convento de S. Roque, dos jesuitas, fundado em 1567, e a instituição da misericordia no fim do seculo XV, no reinado de D. Manoel. Tem a seu cargo, dentro e fóra do edificio, mais de dez mil engeitados. — A *Casa pia*, asylo e casa de educação de orphãos pobres, no antigo mosteiro de Santa Maria de Belem, de monges de S. Jeronymo. Fundou esta instituição a rainha D. Maria I em 1783. Em 1834 passou do edificio do Desterro para o actual, sendo então este estabelecimento pio reformado e melhorado, e continuando a ter progressivos melhoramentos. Contém de oitocentos a novecentos alumnos de ambos os sexos, e um collegio de surdos-mudos, para todos os quaes ha mestres e officinas de todas as artes liberaes e officios mecanicos. O edificio, obra d'el-rei D. Manoel, como já dissemos, fallando da igreja, tem partes de muita riqueza artistica, como o claustro, refeitorio, casa do capitulo, por acabar, etc. — *Asylo da mendicidade*, instituido no reinado da senhora D. Maria II no extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, fundado em 1570, e reedificado depois do terremoto. Os pobres de ambos os sexos aqui recolhidos regulam por novecentos. — *Asylos da infancia desvalida* ha diversos na cidade, e um no Campo Grande em edificio construido expressamente para esse fim pelo corpo do commercio de Lisboa, em commemoração da exaltação ao throno de sua magestade o snr. D. Pedro V. Esta instituição data de 1834, e tem por protectora sua magestade a imperatriz duqueza de Bragança. — *Asylo de Nossa Senhora da Conceição*, de raparigas abandonadas, é de fundação recente. Ha um *recolhimento de irmãs de caridade*.

«Ha na cidade quatro cadêas. — A do *Castello*, para militares; a do *Limoeiro*, para presos civis; a do *Aljube*, que serve actualmente para mulheres; e a da *Galé*, dentro do arsenal da marinha, para os condemnados a trabalhos publicos. A do *Limoeiro* foi o antigo *paço real da Moeda*, onde morou el-rei D. Fernando, e onde o mestre d'Aviz, depois rei D. João I, assassinou o celebre valido da rainha D. Leonor Telles, chamado João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. As torres da barra e a de Belem já teem servido de prisão, e teem casas proprias para isso.

«Os quarteis de tropa são dez. O do *corpo de marinheiros* em Alcantara, edificado ha pouco, é o mais bello e melhor de todos. — O dos *lanceiros*, na calçada d'Ajuda, tambem é grandioso. — O de *infanteria n.º 1*, na mesma calçada, é vasto, e tem no meio uma grande praça de parada. — O de *S. João de Deus*, de infanteria n.º 2, occupa o convento, que foi dos hospitaleiros de S. João de Deus, fundado no seculo XVII. É um bom edificio. — O de *Campo d'Ourique*, de infanteria n.º 16, foi construido no começo d'este seculo. — O de *Valle de Pereiro*, de caçadores n.º 1. — O da *Cruz dos quatro caminhos*, do regimento d'artilheria n.º 1. — O da *Graça*, de infanteria n.º 10, no convento que pertenceu aos eremitas de Santo Agostinho. — O do *castello de S. Jorge*, de caçadores n.º 5. — O do *Carmo*, da guarda municipal, no convento que foi dos frades carmelitas.

«Os outros edificios principaes da cidade, ainda não mencionados, são os seguintes: — O da *escóla polytechnica*, magestoso palacio que está em reconstrucção. Era o convento dos jesuitas da Cotovia, onde o marquez de Pombal fundou, depois da extincção d'esta ordem, o collegio dos nobres, que a seu turno foi extincto, e substituido por aquella escóla. O antigo edificio foi destruido por um incendio em 1843. — O *palacio das côrtes*, era o convento de S. Bento da Saude, de monges benedictinos, construido em 1598. É um edificio im-

menso, e todavia não chegou a concluir-se. As duas salas dos pares e deputados foram construidas em 1834. Tambem se acha acommodado n'elle o archivo real da *torre do tombo*, onde se guardam muitos documentos importantes, e preciosidades historicas e artisticas, entre as quaes citaremos a famosa *Biblia dos Jeronymos*, dada por el-rei D. Manoel ao mosteiro de Belem, levada por Junot para França em 1807, e restituida depois da paz geral, mediante a gratificação de quarenta mil cruzados para a viuva d'aquelle general, que a possuia. Vieram seis volumes, sendo sete. — O do *banco de Portugal*, na praça do Pelourinho, é propriedade da camara municipal, que occupa para as suas sessões e secretaria o palacio da praça do Commercio, que fórma o angulo do occidente. A grande sala das sessões da camara é ornada de ricos pannos d'Arrás, de um quadro de Nossa Senhora da Conceição, feito por José da Costa Negreiros, e tres quadros com os retratos de corpo inteiro d'el-rei D. João VI, d'el-rei D. Pedro IV, e da rainha a snr.ª D. Maria II. — O da *alfandega municipal*, outr'ora terreiro publico, sobre o Tejo, deposito e mercado de cereaes, é um grande e magestoso edificio, mandado fazer em 1766 por el-rei D. José I. — O da *cordoaria*, á Junqueira, edificado por D. Maria I, é vastissimo. A sala ou armazem, aonde se fazem as amarras e cordas tem duzentas braças de comprimento. — O da *fabrica do tabaco*, era o convento de S. Francisco de Xabregas, de franciscanos. É um grande edificio de architectura mui regular, situado junto ao Tejo, a pouca distancia das barreiras da Cruz da Pedra. Como estabelecimento fabril é cousa magnifica. — O da *imprensa nacional*, só é digno de menção pelo estabelecimento typographico, que encerra, que está perfeitamente organisado e servido; e o da *casa da moeda* pelas preciosidades, que ahi se guardam. — O da *academia real das sciencias*, era o convento de Jesus, de religiosos da terceira ordem de S. Francisco. Foi fundado em 1615, destruido pelo terremoto, e reconstruido depois. Está n'elle o *museu nacional*, e *galeria de pinturas*, que devem ser transferidos para o edificio da escóla polytechnica, logo que estejam promptas as salas para os receber.» (Vilhena Barbosa).

LISBOA (Fr. Marcos de). Nasceu em 1511, e morreu no Porto, onde era bispo, em 1591. É chronista estimavel dos frades menores, e de alguns livros asceticos, muito apreciados pela raridade, bem como redactor de *Constituições synodaes do bispado do Porto*, em que abundam especies uteis aos estudiosos da vida social d'aquelle seculo. O padre Francisco José Freire considera-o authoridade classica, bem que não iguale Barros e Sousa no atticismo da lingua portugueza. D. Francisco Manoel de Mello na *Carta a Themudo* elogia-o de *muito eloquente*.

LISONJA. É uma moeda falsa que corre por conta e artificio da nossa vaidade. Muitos cuidam que aborrecem a lisonja; o que elles aborrecem é a maneira de lisonjear. Se nos não lisonjeassemos a nós mesmos, não nos seriam enfadonhas as lisonjarias alheias. Dizia um sabio que era peor sorte cahir em mãos de lisonjeiros que em garras de corvos; porque estes dilaceram e comem os mortos, em quanto os outros perdem e destroem os vivos.

LITHOGRAPHIA. «A lithographia é a arte de tirar, por via de um processo chimico, copias impressas de qualquer desenho, feito sobre pedra com um lapis oleoso. Chama-se-lhe por isso, com propriedade, impressão chimica, para a distinguir das outras impressões, que são mecanicas. Quando se estampa com chapa de cobre, ou de aço, a tinta passa para o papel das incisões ou traços gravados com o punção: as gravuras de pau, pelo contrario, assignalam a estampa com as partes mais altas da superficie da chapa, que são as que recebem a tinta; porque o gravador em madeira

faz exactamente o inverso do que faz o gravador em cobre ou aço. O methodo lithographico differe essencialmente dos dous precedentes em se tirarem as estampas com uma pedra inteiramente lisa.

«A pedra mais conveniente para a lithographia é uma casta de lousa calcarea, que se encontra em grande abundancia em Baviera, pelas margens do Danubio, e que já em outros paizes se tem achado, posto que inferior.

«As melhores pedras são porosas, mas vidrentas, de côr amarella desbotada, e ás vezes de um cinzento pouco distincto: afeiçoam-se em lagens de pollegada e meia de grossura, até duas e meia, bem desempenadas por uma das faces: para servirem, depois d'isto, devem ser granuladas, ou polidas, segundo o fim para que as destinam. O modo de preparar uma pedra granulada é o seguinte: deita-se a lagem sobre uma banca, molha-se-lhe a superficie desempenada, e espalha-se-lhe por cima areia, com uma peneira finissima de fio metallico, e pondo-se sobre ella outra pedra igual, roça-se uma por outra, com um movimento circular, para produzir a requerida granulação, que póde ser mais grossa ou mais fina, segundo o gosto ou intento do desenhador. As pedras assim preparadas servem para desenhos de lapis. É preciso ter grande cautela no preparar estas pedras, para que a granulação fique uniforme, e a superficie sem riscos ou asperezas, que damnariam depois as estampas. A escripta, as imitações de gravuras, os esboços feitos á penna, etc., requerem que a superficie da pedra seja polida, o que se alcança esfregando-a com pedra pomes e agua, ou com pó de pedra pomes e agua, dada com um trapo, sem se ter empregado a areia, que só se usa para granular a pedra.

«Os dous principaes agentes para fazer desenhos, escripta, etc., sobre a pedra, são o lapis lithographico, e a tinta lithographica. Na composição de ambos, para a qual ha varias receitas, entram sempre sabão e alguma materia oleosa. Os ingredientes são, por via de regra, os mesmos, no lapis, e na tinta; só variam na proporção dos mixtos. O lapis usa-se tal qual sahe da fôrma, e sêcco; mas a tinta dissolve-se em agua, como a tinta da China; e para desenhar com ella emprega-se um pincel de penna, ou de pello de camello. É facil de perceber que a mistura do sabão n'esta materia gordurenta, a torna soluvel em agua.

«Para entender claramente o processo lithographico, supponha-se que o artista conclue um desenho, feito sobre a pedra granulada, com o lapis acima mencionado. Se immediatamente se passar por cima da pedra uma esponja molhada, o desenho desapparecerá, por ser o lapis, com que foi desenhado, soluvel em agua, em virtude do sabão que contém. Por isso, a primeira cousa que se faz, antes de começar a imprimir, é derramar-lhe em cima uma solução de acido nitrico, que neutralisa o alcali, ou sabão contido no lapis, e torna este insoluvel na agua. Depois d'isto, usam muitos espalhar sobre a pedra uma solução de gomma e tirada esta, se passa uma esponja molhada pela superficie da pedra; acha-se que o desenho já se não apaga, porque a agua não entra com o lapis. N'este estado a obra está prompta para a tiragem, que se faz da seguinte maneira.

«O impressor, sacudindo com as pontas dos dedos algumas pingas d'agua sobre a pedra, que já tem assentada no prelo, as espalha com uma esponja, de modo que molha, ou, para melhor dizer, humedece toda a face da pedra por igual: acha então que ella embebeu a humidade só n'aquellas partes que não estavam cobertas com o desenho, que, sendo gordurento, repelle a agua, e fica enxuto. Feito isto, passa-se um rolo, convenientemente molhado em tinta d'imprensa, por cima de toda a pedra, que nem manchada fica onde está molhada, pela antipathia que ha entre o oleo e a agua. Mas a parte coberta com o desenho, estando, como

vimos, enxuta e oleosa, tem grande affinidade com a tinta d'imprensa, que por isso se desprende do rolo, e pega-se ao desenho. Põe-se-lhe então por cima a folha de papel humida, e apertando-se no prelo, a tinta passa do desenho ao papel, e a estampa fica tirada. Repetindo esta operação para cada estampa, se tira um grande numero d'ellas.

«Os methodos de lithographar são diversos, mas a explicação que démos mostra o principio, em que todos elles se fundam; e vem a ser a antipathia que ha entre o oleo e a agua, e a affinidade que a pedra lithographica tem com ambas as cousas, isto é, a faculdade de embeber facilmente uma ou outra.

«Póde-se inferir do que havemos dito, que, para sahirem boas as lithographias, é necessario grande perfeição em preparar todos os agentes empregados n'esta arte. Os que desejarem sabêl-a plenamente, e exercital-a com proveito, devem lêr o *Curso completo de lithographia*, pelo seu inventor Senefelder, e o *Manual de lithographia* por M. Raucourt.

«As imitações de gravura, ou desenhos á penna, a escripta, etc., executadas com a tinta chimica sobre a pedra *lisa*, se preparam e imprimem do mesmo modo.

«Muitas variedades e descobrimentos se tem feito na lithographia e nas suas applicações, que o espaço d'este artigo não comporta: tal é o methodo de transferir do papel para a pedra qualquer escriptura, o qual é muito util para assignaturas de chancella, para tirar brevissimamente uma grande multidão de copias de qualquer documento, etc.; tal é a chamada *gravura em pedra*, não por se profundar a superficie d'esta com o punção, mas porque o desenho mostra os traços como os de gravura. Todavia, não passaremos adiante sem mencionar uma invenção recentissima de que falla a *Penny Cyclopædia*, e que, segundo crêmos, ainda não está introduzida em Portugal.

«Ultimamente — diz o author do artigo a que alludimos — tem-se usado muito de chapas de zinco, em lugar das pedras de Allemanha, para a impressão chimica ou lithographica, que então toma o nome de *zincographia;* mas exceptuando a differença da materia, em que a obra se executa, esta nova arte é exactamente o mesmo que a lithographia. As chapas de zinco teem a vantagem de serem mais portateis, e menos sujeitas a estalarem com a pressão do prelo; mas ainda não vimos nenhuma amostra d'este genero d'estampas, que nos authorise a dizer, que essas chapas possam servir para obras aprimoradas tão bem como as pedras.»

«É a lithographia uma das artes, que no nosso paiz tem chegado a subido grau de perfeição, ao mesmo passo que muito se tem multiplicado. As lithographias dos Quadros Historicos são documento da perfeição da arte em Portugal, e entre as que diariamente vêmos apparecer de novo, se distinguem muitas do snr. Sendim. Mas o que nos parece sem duvida é que as do snr. Lopes igualam as mais primorosas estampas d'este genero, que nos vem de fóra. Em mimo, delicadeza e toques suaves, nenhumas obras temos visto que nos pareçam melhores do que as duas ultimas lithographias por aquelle snr. publicadas, — o retrato de Petrarcha, e o, mais recente, de Heloisa.

«Os melhoramentos e augmento, que em Portugal tem recebido esta bella arte, moveram algumas pessoas da cidade de Coimbra, entre cujos nomes se acham alguns de membros respeitaveis da universidade, a formarem uma associação, debaixo do titulo de *Companhia conimbricense de exploração de pedreiras lithographicas*, cujo fim é explorar as pedreiras, e fazer preparar as pedras para todos os usos lithographicos. O capital d'esta companhia é de vinte e quatro contos de reis divididos em oitocentas acções de trinta mil reis cada uma, pagos em prestações mensaes de duzentos e cincoenta reis, devendo durar dez annos, e começar suas operações logo que estejam distribuidas as oitocentas acções. — A companhia

parece ter tambem em mente a exploração de jaspes, marmores, ou gessos; porque em um artigo dos seus estatutos se ordena que no caso de apparecer alguma pedreira de semelhante natureza, a direcção, por via do seu presidente, faça convocar a assembléa geral, para esta decidir se convém, ou não a compra e exploração das mencionadas pedreiras.

«Parece-nos que uma tal companhia póde produzir vantajosos resultados, não só para si, mas para o paiz em geral. Dotou Deus este cantinho da Europa, chamado Portugal, com tantas naturaes riquezas, que pouca admiração deve causar que entre as mui preciosas e variadas especies de pedras, que no seio d'elle se encontram, se venham a achar pedras lithographicas tão boas como as de Baviera, do que não só se tirará immediatamente o grande proveito de não ser necessario mandal-as vir de fóra; mas até o de as exportar, se, havendo-as com abundancia, fôr provada a sua bondade, e sabida dos estrangeiros, que dando-lh'as mais baratas, preferirão vir compral-as a Portugal, principalmente os inglezes.

«Dizemos que principalmente os inglezes, porque apesar de todas as diligencias que em Inglaterra se tem feito para achar boas pedreiras lithographicas, apenas se tem encontrado em Irlanda, e nas provincias de Somersetshire, e Devonshire, algumas que se pareçam com as de Allemanha; mas á vista das experiencias já feitas, em todas ellas faltam certas qualidades, das mais essenciaes, que se dão nas que vem de Baviera; de modo que os lithographos inglezes raras vezes se servem das pedras nacionaes, e ainda assim só em obras de mui pouco vulto; do que concluimos que talvez as pedreiras lithographicas venham a dar-nos um novo objecto para o commercio com a Grã-Bretanha.» (*Panorama*).

LITRO (do grego *litra*), medida fundamental de capacidade no systema legal de pesos e medidas, cuja capacidade é equivalente ao volume de um decimetro cubico. Um litro de agua distillada, na sua maxima densidade, pesa pois um kilogramma. (Veja GRAMMA). As *medidas de capacidade* são as que servem para a medida de liquidos e seccos, como a agua, o vinho, o azeite, o leite, os licôres, — o trigo, a cevada, os outros grãos e legumes (ervilhas, favas, feijão), o carvão, etc. — A lei authorisa 13 medidas de capacidade: o *dobro* e a *metade* de cada multiplo e submultiplo do litro desde o hectolitro até ao centilitro. Por tanto, ha 4 medidas de maior capacidade, a saber: 10, 20, 50 e 100 litros; 3 de capacidade media: 1, 2 e 5 litros; 6 de menor capacidade: 1, 2 e 5 decilitros e 1, 2 e 5 centilitros. — A fórma das medidas de capacidade é sempre *cylindrica*, mas as suas dimensões variam: em geral, a altura é igual ao diametro da base do cylindro nas medidas de maior capacidade para os liquidos e seccos, assim como nas de menor capacidade para a venda do azeite e do leite, que são de lata. Mas, a contar do *duplo-litro* até ao *centilitro*, as medidas em uso para os liquidos são de estanho, e a altura do cylindro é dupla do diametro da sua base. As medidas de maior capacidade podem ser de cobre, ou de folha de ferro, mas de ordinario as que servem para a medida das materias seccas são de pau.

2. Convém que os professores mostrem aos discipulos os modêlos legaes; mas não tendo uma collecção de medidas de capacidade poderão facilmente supprir esta falta, construindo-as de cartão por suas proprias mãos. Este trabalho poderá ser feito, quando a necessidade o exigir, diante dos alumnos, o que será uma boa lição de economia e de industria privada. Construí primeiro um decimetro cubico; para o que traçai sobre um cartão seis quadrados iguaes de um decimetro de lado, formando cruz; de modo que haja quatro quadrados sobre uma mesma linha e dous quadrados formando o travessão da cruz. Depois, pelos traços marcados, com a

ponta do canivete cortai o cartão até meia espessura, de modo que os seis quadrados fiquem unidos; e assim preparada esta cruz, voltai-a, dobrando os quadrados em volta dos seus lados para formar a caixa cubica. Fazei operação analoga para o *centimetro cubico*, o qual é indispensavel para dar uma idéa exacta do gramma. Para construir um litro cylindrico, cuja altura seja dupla do diametro da base (litro usual), toma-se um disco circular de pau de $0^m,086$ de diametro, cuja espessura seja de um a dous centimetros; depois, corta-se um rectangulo de cartão que tenha $0^m,270$ de comprimento sobre $0^m,172$ de largura, havendo o cuidado de addicionar ao comprimento uma pequena borda igual á espessura do disco, para se poder collar este rectangulo sobre a circumferencia do disco. Tres ou quatro tiras de papel colladas em volta consolidarão o cylindro, como os arcos de ferro consolidam as medidas de pau. Para um litro cuja altura iguale o diametro da base, toma-se um disco de $0^m,108$ de diametro e um rectangulo de $0^m,341$ sobre $0^m,108$ de altura. Para construir as outras medidas de capacidade, calcular-se-ha as dimensões de cada uma, conforme o methodo indicado no artigo *semelhança*.

3. Os exercicios, tanto de calculo oral como escripto, sobre a comparação das medidas de capacidade entre si, fazem-se procedendo do mesmo modo que para o *gramma*. (Veja esta palavra). — Dando-se a fórma em esquadria a todas as medidas de capacidade, vê-se que o *decalitro* seria um parallelipipedo rectangulo equivalente a 10 decimetros cubicos, isto é, um barrote esquadrado de um metro de comprimento com um decimetro de esquadria; o *hectolitro* (dez volumes como o precedente) formaria uma caixa em esquadria de um metro quadrado de base com um decimetro de altura; o *kilolitro* (se fosse em uso) conteria dez dos volumes precedentes, isto é, seria uma caixa em esquadria de um metro quadrado de base e 10 decimetros, ou um metro de altura (metro cubico). O *decilitro* (decima parte do litro) formaria uma caixa em esquadria de um decimetro quadrado de base e um centimetro de altura. O *centilitro* (decima parte do decilitro) formaria uma pequena caixa de um decimetro de altura e um centimetro de esquadria. Finalmente, o *millimetro* (se fosse em uso) seria um cubo de um centimetro de lado: *centimetro cubico*.

Esta correspondencia dá ensejo para propôr muitas e variadas questões sobre a comparação das medidas de *capacidade* com as de *volume;* questões que terão uma applicação usual á determinação do valor do grão ou farinha, da cerveja ou vinho, contidos n'uma tulha ou arca, n'um porão de navio, cujas dimensões sejam conhecidas. Por exemplo: calcular o preço do trigo contido n'uma tulha de 3 metros de comprimento sobre 3 metros de largura e $1^m,05$ de altura, a $23^{fr.},50$ cada hectolitro. Cubação da tulha $= 3^m \times 2^m \times 1^m,50 = 9$ metros cubicos ou 91 kilolitros, ou ainda 90 hectolitros, ou 900 decalitros, ou 9000 litros, etc.; e visto que é dado o preço do hectolitro, exprime-se o volume em hectolitros, cuja expressão se achou ser 90, e o valor d'este trigo será pois $23^{fr.},50 \times 90 = 2115$ francos. Tudo se reduz, por tanto, a saber determinar immediatamente o numero de hectolitros, decalitros, centilitros, etc., contidos n'um dado volume. Ha um meio mui facil. Sejam 4373 metros cubicos, 837932 millionesimos do metro cubico. Exprime-se primeiro em litros, ou em decimetros cubicos; ora na quantidade dada ha 4373 metros cubicos ou 4373000 decimetros cubicos, mais 837 decimetros cubicos, numero formado pelos tres primeiros algarismos decimaes do numero dado; teremos pois $4373837^{litros},932$. Obtida esta expressão da quantidade, passa-se sem difficuldade para a sua expressão em hectolitros, decalitros, centilitros, etc., lendo em numero inteiro até á ordem da unidade indicada, e ajuntando como decimaes o numero formado pelos algarismos seguintes.

LITTERATURA. «Sendo a litteratura o producto variavel e fluctuante de cada sociedade, está por isso sujeita ás mudanças sociaes, e ás revoluções do espirito humano, cujas evoluções segue, reflectindo as idéas e paixões que agitam os homens, e quinhoando de suas preoccupações. Pelo que aquella proposição vaga e geral de que a *litteratura é a expressão da sociedade*, tem rigoroso e lucido entendimento; por outras palavras, as litteraturas e artes de uma nação exprimem sua vida moral e intellectual, isto é, denotam as necessidades mais prevalecentes de sua indole. Aquelle que disse ser o fastio o propulsor das bellas-artes, disse bem, entreviu uma profunda verdade; porém, se em vez de se dar por contente de haver feito um epigramma, cavasse mais pelo fundo, teria descoberto o segredo das bellas-artes que, de feito, se allia aos intimos mysterios da natureza humana. Este fastio d'onde procede senão de que tudo n'este mundo é insufficiente ao homem? E d'ahi a sêde inapagavel do melhor, do perfeito, em summa, do *ideal*. E esta ancia de nos furtarmos ao mundo real é a que nos leva aos attractivos do theatro... O rico, extenuado de facilimos gozos, e o burguez cançado dos seus lavores, vão pedir ao theatro os sentimentos que mais altos cabem na natureza humana, o heroismo, o devotamento, a ternura, o amor acrisolado, a valentia de animo. São por isso muito censuraveis os authores que em vez de aproveitarem taes disposições para fins moraes, o que fazem é manchar as almas com o desvergonhamento de suas pinturas corruptoras.» (Artaud). — «O prazer das letras sente-se como necessidade que os homens de todos os seculos e paizes tem almejado satisfazer, ou communicando na escriptá seus pensamentos, ou inspirando-a na leitura de pensamentos estranhos. Este desejo de gloria, e enthusiasmo, a todos os povos commum, tem variado, já no principio d'onde deriva, já pela fórma que o reproduz. D'ahi, as duas escólas litterarias: classica e romantica. Estas duas grandes escólas subdividiram-se em outras escólas particulares, consoante a direcção dada pelos mestres: diz-se *escóla de Schiller*, de *Gœthe*, de *Corneille*, de *Racine*, etc.

«A necessidade de seguir alguma escóla é inevitavel: menosprezar doutrinas, methodo e systema, conforme usam, affectar escriptores pretenciosos, equivale a saber tudo sem haver aprendido nada. Por tanta maneira ha sido explorado o pensamento, e tão diversamente repetidas as fórmas d'elle, que hoje em dia idéa inteiramente nova seria completamente inintelligivel. Que se está dando hoje ahi? Que, a titulo de obedecer sómente á inspiração, desprezam alguns o estudarem authores que nos precederam, e com esforçado alento inventaram o que já cem vezes se havia dito e cem vezes se havia esquecido; de sorte que, em vez de andarmos, retrocedemos... O bom talento colhe nos authores antepassados o que lhe quadra, ou o que o acaso e as pesquizas lhe dão em primeira mão da natureza; mas bem sabe elle que não é o primeiro a vêr taes cousas; dissimula a rapsodia, e apresenta-a em fórmas peculiarmente suas, individualisa-as, e funda escóla, por fim. Segue-se logo o imitarem-no, porque talento e genio levam sempre muito papagaio depós elles...» (Viollet Le Duc).

LIVROS. Ha muitas pessoas que estimam os livros como moveis mais para ornato da casa, que do espirito. — A eleição de um bom livro não é menos difficultosa, que agradavel a sua leitura. — O melhor livro é o que mais convém á nossa profissão. — Uma grande livraria é um vergonhoso adorno de um gabinete, quando só nos livros é que se acha a sciencia do seu proprietario. — De todos os livros que ha no mundo não ha livro melhor que o mesmo mundo, porém ha poucos que o saibam lêr, e menos ainda tirar todo o fructo, que podiam. — Todos applaudem um livro util, ninguem o compra; ninguem approva o inutil, todos o compram. — Os peores livros ordinariamente se imprimem mui-

to mais vezes que os melhores. — Ha muitos livros em tudo completos, que lhes não falta mais que não enfastiar a quem os lê. — O livro que lido encaminha para as virtudes é perfeitamente bom, o livro que lido conduz para os vicios, é completamente mau.

LIVROS SAGRADOS. (Veja BIBLIA).

LOANDA (S. Paulo de Assumpção de). (Veja GUINÉ).

LOBEIRA (Vasco de). «Poucas memorias nos restam ácerca de Vasco de Lobeira. Sabe-se que foi natural do Porto, e armado cavalleiro por D. João I antes de começar a batalha de Aljubarrota. Viveu a maior parte da sua vida em Elvas, e morreu em 1403.

«Escripto muito antes da invenção da imprensa, o *Amadis* correu manuscripto até o tempo de D. João V; porque os nossos antepassados nunca tiveram a curiosidade de o imprimir. Foram assim escaceando as copias d'elle, e nos ultimos tempos se havia tornado tão raro que apenas se lhes conhecia um ou dous exemplares. O conde da Ericeira, testemunha acima de toda a excepção, o viu, e o abbade Barbosa diz que o proprio original estava na livraria dos duques de Aveiro. O fatal terremoto de 1755 fez desapparecer este monumento precioso da nossa litteratura, e tudo nos incita hoje a crêr que se perdeu para sempre.

«Mas, se já não existe o original, existem as versões d'elle, ainda que alteradas pelos traductores. Trasladado em hespanhol se publicou em Sevilha em 1510. Vimos esta traducção, de que ha um exemplar na bibliotheca publica da cidade do Porto: e bem sentimos não ter tomado d'ella varias notas, que de grande utilidade nos foram para o que vamos dizer. Lêmos ultimamente a edição de Garciordonez de Montalvo, impressa tambem em Sevilha, em 1526, da qual nenhum bibliographo, que nós conheçamos, faz menção. Segundo o abbade Barbosa as edições do *Amadis*, vertido em hespanhol, se repetiram em 1539, 1576, e 1588.

«Esta novella tambem appareceu em 1540, traduzida em francez e acrescentada por Nicolau de Herberay: em 1583 a publicaram os allemães na sua lingua; e Bernardo Tasso, pai do grande Tasso, a reduziu a italiano quasi por esse mesmo tempo, fazendo um poema riquissimo de versos pomposos, e... de dormideiras. Esta aceitação unanime das diversas nações é o maior elogio que se podia fazer á obra do nosso Lobeira.

«O *Amadis*, como hoje o conhecemos, na antiga versão hespanhola, consta de quatro livros: o ultimo dos quaes foi grandemente alterado por Garciordonez, segundo elle mesmo diz: «Corrigi (são palavras do prologo) estes tres livros do *Amadis*, que por culpa dos maus escriptores ou compositores mui corruptos e viciados se liam, e *trasladei* e emendei o livro IV.» Estes quatro livros, traduzidos tambem em francez, foram continuados por diversos authores, constando hoje a obra de vinte e quatro.

«Sendo impossivel dar uma idéa do *Amadis de Gaula*, têa immensa de aventuras, que ao modo das do Ariosto formam um labyrintho inextricavel, buscaremos ao menos dar a conhecer o tempo e o lugar da acção, e o seu principal actor.

«A época escolhida pelos romancistas de cavallaria para n'ella collocarem os seus heroes fabulosos é indeterminada em todas as novellas. A do *Amadis*, ainda que bastante incerta, é menos vaga. O heroe viveu muito antes do celebre Arthur ou Artus, rei de Inglaterra; mas já quando este paiz e o de França eram christãos. Segundo isto, que se lê no primeiro capitulo do *Amadis*, este guerreiro floresceu no VI ou VII seculo; e como a maior parte dos romances de cavallaria, que ainda existem, versam sobre a vida dos seus imaginarios descendentes, podemos tambem para elles estabelecer, ainda que imperfeitamente, uma especie de chronologia.

«O theatro em que se passam as

aventuras de *Amadis de Gaula*, é um theatro quasi tamanho como o mundo conhecido no tempo de D. João I. O heroe e os mais cavalleiros seus contemporaneos cruzavam mares extensos, peregrinavam centenares de leguas, com a mesma rapidez e facilidade com que nós fazemos visitas dentro de Lisboa: esta commodidade aproveitaram-na todos os novelleiros que vieram depois de Lobeira; e para as distancias que seria incrivel fazer correr em curtissimo prazo a um cavalleiro, lá estavam as magas e os encantadores, especie de espada de Alexandre, que o escriptor sempre tinha á mão para cortar todos os nós gordios que embaraçavam as suas narrações.» (A. H.)

LOCKE (1632-1704). Philosopho inglez. Escreveu duas obras notaveis: *A educação das crianças*, e o *Regimento civil*. O primeiro, bem que inferior ao *Emilio* de Rousseau quanto á locução, é preferivel, em parte, quanto á substancia. Pelo que é da educação physica estão de accordo os dous escriptores: condemnam o systema de apertar demasiadamente as crianças nas faxas e vestidos; consideram indispensavel ao desenvolvimento e saude d'ellas a liberdade dos membros, nutrição singela e cama dura. Pelo que toca á educação moral, que abrange o conhecimento e pratica do dever, e a instrucção, não se harmonisam. Quer Rousseau que o conhecimento e pratica do dever proceda da necessidade produzida por circumstancias fortuitas ou assim julgadas pelo menino, e d'essa necessidade tambem lhe promane a instrucção e o desejo de adquiril-a. Semelhante processo é tão baldo quanto inexequivel. Locke, respectivamente á educação que entende com os deveres, quer que os meninos aprendam e pratiquem como obrigatorios, por temor de Deus, por consideração e respeito aos paes, e por estimulos de honra e medo de opprobrio. Isto casa-se mais com a natureza e com a experiencia. É pena que Locke não haja applicado á instrucção as mesmas regras, e queira que ella advenha em fórma de passatempo.

LOCOMOBIL e **LOCOMOTIVA**. (Veja MACHINAS).

LOGARITHMO (de *logos*, razão, proporção, e *arithmos*, numero). A invenção dos logarithmos, que Neper publicou em 1614, consiste n'este facto fundamental:

Tomando duas progressões, uma geometrica começando por 1, por ex.: ÷÷ 1: 10: 100: 1000: 10000: . . ., a outra arithmetica começando por 0, por exemplo: ÷ 0. 1. 2. 3. 4. . . ., e escrevendo-as uma por baixo da outra de modo que os termos se correspondam, a *somma* de dous ou mais termos da progressão arithmetica tem por correspondente na geometrica o *producto* dos termos d'esta, que são correspondentes dos termos de arithmetica que se addicionaram; os quaes se chamam *logarithmos* d'aquelles numeros. Por exemplo: addicionando 1 a 3, que são respectivamente os logarithmos de 10 e 1000, obtem-se 4, que é o logarithmo de 10000 $= 10 \times 1000$. Porém, para que esta idéa realise a grande utilidade pratica que n'ella se contém, é necessario que a progressão geometrica contenha como termos todos os numeros inteiros; o que se consegue, se não exactamente, pelo menos com uma aproximação tão grande quanto se quizer, inserindo muitos meios geometricos por igual entre os termos consecutivos, 1 e 10, 10 e 100, etc., e igual numero de meios arithmeticos entre os termos consecutivos da segunda progressão: entre 0 e 1, 1 e 2, etc.; as duas progressões terão os termos primitivos na mesma correspondencia, e cada dous termos consecutivos da progressão geometrica poderão differir entre si tão pouco quanto se quizer; de sorte que cada termo da arithmetica exprimirá com uma certa aproximação o logarithmo d'esse numero inteiro, que sem poder fazer parte da progressão, está comtudo entre dous de seus termos consecutivos. Foi o que fez Briggs e depois

Vlacq para a construcção das grandes taboas de que ainda hoje se faz uso, as quaes tanta impulsão deram á astronomia, abreviando prodigiosamente os calculos. — O logarithmo de um numero, que não é a unidade, considerado isoladamente, fica sendo inteiramente arbitrario; para o determinar é necessario dar o systema das duas progressões escolhido para o definir. Ora qualquer que seja o systema ha de ter a unidade e zero em correspondencia; e por isso basta para o estabelecer dar outros dous termos em correspondencia. Para esse fim, escolhe-se, como mais notavel, o termo na progressão geometrica correspondente ao termo 1 da progressão arithmetica: é este numero que se chama *base* do systema de logarithmos. Nos logarithmos de Briggs, a base é 10 pois que foi tomada a unidade para logarithmo d'este numero; mas no de Neper, a base é 2,7182818..., e o logarithmo de 10 é 2,30258509. Os logarithmos que naturalmente se offereceram ao inventor, são tambem chamados *hyperbolicos*. Os logarithmos hyperbolicos estão para os logarithmos *vulgares*, ou de Briggs, como 2,30258509... está para 1; assim, basta multiplicar os logarithmos de Briggs por 2,3025... para obter os logarithmos de Neper; e reciprocamente, convertem-se os logarithmos de Neper em logarithmos vulgares, dividindo-os por 2,3025..., ou, o que é o mesmo, multiplicando-os por $\frac{1}{2,3025...} = 0,4342944...$ Este numero constante chama-se *módulo*.

Do facto fundamental, indicado ao principio d'este artigo, deduzem-se todas as outras propriedades dos logarithmos, a saber: o logarithmo de uma potencia de um numero é igual ao producto do logarithmo d'esse numero pelo grau da potencia; o logarithmo de um quociente é igual á differença entre o logarithmo do dividendo e o logarithmo do divisor; o logarithmo da raiz de um grau qualquer de um numero é igual ao logarithmo d'esse numero dividido pelo grau da raiz.

Vê-se pois que pelo emprego transitorio dos logarithmos evita-se o calculo das duas operações mais laboriosas e complicadas da arithmetica: a elevação a potencias e a extracção das raizes de um grau qualquer. — Os logarithmos dos numeros ou são inteiros, ou fraccionarios, ou incommensuraveis, calculados sempre em decimaes. A parte inteira do logarithmo, chama-se *caracteristica;* a parte decimal, denomina-se *mantissa*. As taboas dão esta ultima; em quanto á primeira, todo o numero comprehendido entre 1 e 10 tem o seu logarithmo entre 0 e 1, e por tanto a sua caracteristica é 0; os numeros que estão entre 10 e 100 teem os seus logarithmos entre 1 e 2, a sua caracteristica é pois 1; os que estão entre 100 e 1000 teem os seus logarithmos entre 2 e 3, a sua caracteristica é 2; etc., isto é: a caracteristica do logarithmo de um numero tem tantas unidades menos uma quantos os algarismos da *parte inteira* d'esse numero. Esta relação que determina de um modo tão simples a caracteristica do logarithmo de um numero, é peculiar ao systema de Briggs: é esta uma das suas vantagens. Outra não menos importante é: que a deslocação da virgula no numero não altera a mantissa do logarithmo d'esse numero, havendo apenas a modificação na sua caracteristica, que augmenta ou diminue de tantas unidades quantos os lugares percorridos pela virgula para a direita ou para a esquerda do numero. — As taboas só dão os logarithmos dos numeros inteiros; os logarithmos dos numeros fraccionarios obtem-se considerando esta fórma de numeros como um quociente e applicando-lhe a respectiva propriedade logarithmica. Se o numero fraccionario é menor que a unidade, o logarithmo é negativo; porém, se a fracção está representada em decimaes, póde-se obter o logarithmo negativo debaixo de outra fórma mais conveniente para o calculo. Tomemos um exemplo. Seja determinar o logarithmo de

$\frac{3}{4}$. Este logarithmo tem por valor a differença log. 3 — log. 4 = — 0,12494; ora, a fracção representada em decimaes, é 0,75; e agora o logarithmo tem por expressão log. 75 — log. 100 = 1,87506 — 2 = 0,87506 — 1; differença realmente negativa, mas que não a effectuando se lhe póde dar a fórma dos logarithmos positivos, escrevendo-a assim: $\overline{1}$,87506. Estes logarithmos de *caracteristica negativa* são os que se empregam no calculo. Mas não é necessario converter a fracção em dizima para os obter; póde-se passar da fórma negativa para a de caracteristica negativa pela regra seguinte, que facilmente se demonstra: Fórma-se a caracteristica ajuntando uma unidade á caracteristica do logarithmo negativo e mudando o signal ao resultado; e fórma-se a mantissa tomando o complemento da mantissa do logarithmo negativo para a unidade, isto é, subtrahindo o primeiro algarismo significativo da direita de 10 e todos os outros de 9.

A determinação da caracteristica negativa do logarithmo de um numero decimal menor que a unidade formula-se n'uma regra simples, que se deduz raciocinando por modo analogo ao que se fez para a fracção 0,75, que acima tomamos para exemplo. Eis a regra: A caracteristica negativa do logarithmo de um numero decimal menor que a unidade, contém tantas unidades quantos os lugares, a partir da virgula, até o primeiro algarismo significativo do numero inclusivè. Inversamente, determina-se o numero correspondente a um logarithmo de caracteristica negativa, abstrahindo da caracteristica, e pondo a virgula no numero determinado de modo que o primeiro algarismo significativo da esquerda fique n'um lugar cuja ordem seja igual ao numero de unidades da caracteristica negativa. As regras de calculo para as operações que se tem de effectuar com os logarithmos de caracteristica negativa, as quaes só podem ser multiplicação e divisão por um numero inteiro, addição, deduzem-se facilmente tendo em vista que um logarithmo de caracteristica negativa é a expressão abreviada de um binomio da fórma $(-c+m)$, onde $-c$ representa a caracteristica e m a mantissa.

A addição não carece de explicação. Exemplo:

$$\begin{array}{r} 2{,}53148 \\ \overline{1}{,}54407 \\ \overline{4}{,}55023 \\ \hline \overline{2}{,}62578 \end{array}$$

Para multiplicar o logarithmo de caracteristica negativa por um numero inteiro, multiplica-se separadamente a parte decimal e a caracteristica pelo multiplicador, e faz-se a reducção. Exemplo:

$$\begin{array}{r} \overline{4}{,}55023 \\ 3 \\ \hline 1{,}65069 \\ -12 \\ \hline \overline{11}{,}65069 \end{array}$$

Para dividir por um numero inteiro, é necessario distinguir dous casos, a saber: 1.º caracteristica multipla do divisor; 2.º caracteristica não divisivel pelo divisor. No primeiro caso, divide-se a caracteristica, e continua-se a divisão na mantissa. Exemplo:

$$\overline{6}{,}45243 : 3 = \overline{2}{,}15081$$

No segundo caso, para que o quociente venha debaixo da mesma fórma do dividendo, divide-se a caracteristica pelo divisor calculando o quociente *por excesso*, e ajunta-se o resto d'esta divisão á mantissa. Exemplo:

$$\overline{5}{,}45242 : 3$$

O dividendo significa $(-5+0{,}45242)$;

e como o menor multiplo de 3 superior a 5 é 6, ajuntando 1 a ambos os termos da differença, o que não muda o seu valor, póde-se escrever o dividendo debaixo da fórma $(-6+1,45242)=\bar{6},(14)5242$, e cahimos no primeiro caso. O quociente é $\bar{2},48414$.

As taboas mais usuaes são as de Lalande, Hoüel, Callet e Dupuis. Todas dão as explicações necessarias para a resolução dos dous problemas tabulares: Dado um numero buscar o logarithmo; Dado o logarithmo buscar o numero.

Os logarithmos são de uso frequente em astronomia, na geometria e algebra, na navegação e geographia, na estatistica, nas questões de juros compostos e annuidades. O seu emprego tem sempre por fim simplificar a pratica dos calculos; mas algumas vezes a sua intervenção é indispensavel á solução dos problemas; por exemplo: nas questões de juros compostos onde a incognita é o tempo.

LOGICA. É conjunctamente a *sciencia* da legitimidade, dos caracteres e condições do *conhecimento*, e a *arte* de dirigir nossas faculdades intellectuaes na obtenção das diversas sciencias. Sendo o fim da logica scientifica investigar se o conhecimento humano é legitimo, e os signaes com que se lhe reconhece a legitimidade, necessariamente abrange tres series de problemas: um, relativo á *legitimidade* do conhecimento; outro aos *caracteres* do conhecimento legitimo; o terceiro ás *leis necessarias*, pelas quaes a nossa intelligencia funcciona. — Considerada arte de pensar, a logica contém os preceitos communs dos diversos methodos, pois que abraça tantos methodos quantas são as faculdades intellectuaes e applicações possiveis d'estas faculdades. Definir *idéas*, dividil-as, comparal-as, classifical-as; adquirir conhecimentos novos, quer directamente por observação e inducção, quer indirectamente recorrendo ao testemunho; tirar d'um principio as consequencias conteúdas n'elle; construir theorias partindo de hypotheses; fazer da linguagem instrumento de analyse e synthese: todas estas operações requerem e presuppõem regras de igual caracter e dependentes de principios analogos. Finalmente, logo que se expozerem os expedientes de conhecer a *verdade*, podemos procurar as causas do *erro*, e indicar-lhes remedio. (Veja ERRO, VERDADE, SYNTHESE, ANALYSE, HYPOTHESE, INDUCÇÃO, METHODOS, IDÉAS, CONHECIMENTOS, SYLLOGISMO).

«Tem sido impugnada muitas vezes a utilidade dos estudos logicos. Perguntam que influencia podem ter no adiantamento da intelligencia, e se a pretenção de ensinar o homem a pensar, não é tão extravagante como a de o ensinar a viver. — É certo que a razão antecede os principios da logica, e que nós raciocinamos muito antes de sabermos que os philosophos escreveram ácerca das leis do raciocinamento. Tambem a poesia precedeu a arte poetica, e a eloquencia a rhetorica. E deveremos inferir d'isso que os dons naturaes devam ser descultivados, e que o uso que fazemos d'elles não será melhor se fôr bem dirigido?» (Jourdain).

LONDRES. (Veja INGLATERRA).

LONGINO. Nasceu em Athenas, e floresceu no fim do seculo III da nossa era. Foi o mais celebrado homem de seu tempo quanto ao bem discernir sobre eloquencia. O *Tratado* que subsiste ainda lhe basta á justificação do renome. São juizo, estylo energico, eloquencia competente, são predicados que realçam n'esse livrinho brilhantemente traduzido por Francisco Manoel do Nascimento.

LOPES (Fernão). «Escaças são as noticas que chegaram até nós ácerca de Fernão Lopes. A época do seu nascimento ignora-se; mas parece que devia ser na da gloriosa revolução de 1380, ou alguns annos antes. O abbade Barbosa e outros dizem que fô-

ra secretario d'el-rei D. Duarte, quando infante, e de seu irmão D. Fernando, e cavalleiro da casa do infante D. Henrique. Em 1418 foi encarregado por D. João I da guarda do real archivo, cargo que até então andára unido a um emprego da fazenda publica.

«Por trinta e seis annos serviu Fernão Lopes de guarda dos archivos, e de todo este tempo existem varias certidões, passadas por elle, *das escripturas da torre do castello da cidade de Lisboa*. Depois de tão largo periodo foi substituido por Gomes Eannnes d'Azurara, que D. Affonso V nomeou em lugar de Fernão Lopes, *por este ser já tão velho e fraco, que por si não podia bem servir o dito officio*, dando-o a outrem, *por seu prazimento, e por fazer a elle mercê, como é razão de se dar aos bons servidores*, segundo diz a carta de nomeação d'Azurara. A época da morte do chronista ignora-se absolutamente; mas sabe-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de ter sido exonerado do cargo de guarda do archivo.

«Quando D. Duarte subiu ao throno (em 1434) deu *carrego a Fernão Lopes, seu escrivão, de pôr em chronica as historias dos reis, que antigamente em Portugal foram; esso mesmo os grandes feitos e altos do mui virtuoso, e de grandes virtudes, el-rei seu senhor e padre* (D. João I) dando-lhe por isto 14:000 libras cada anno, mercê que foi confirmada em nome do moço principe, por influencia do infante D. Pedro, tão sabio, quanto infeliz, pai e protector das letras.

«Foi, com effeito, Fernão Lopes o primeiro que poz em *chronica*, isto é, em ordem, as *historias* da primeira dynastia dos reis portuguezes, e fez a bella chronica de D. João I. Até ahi havia apenas algumas memorias espalhadas, alguns breves compendios dos successos publicos: n'este numero deve entrar um manuscripto que existia em Santa Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do seculo XIV, em que mui de leve se mencionam os acontecimentos mais notaveis dos tres primeiros reinados, e d'elle talvez se houvessem de contar as antigas chronicas, que Duarte Nunes reformou, ou estragou, e que muito desconfiamos sejam as mesmas que *colligiu* Acenheiro no principio do seculo XVI, e que serviram de fundamento a Ruy de Pina e Galvão; sobre tudo o que pesam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma cousa havia escripta antes de Fernão Lopes; porque alguma cousa eram essas *historias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que n'esse documento se distinguem claramente dos *feitos* de D. João I.

«De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe, conhecido e impresso, é a chronica de D. Pedro I, a de D. Fernando, e a de D. João I. Comtudo, por averiguado se tem que elle escrevera a dos outros reis anteriores, e até Damião de Goes lhe attribue uma de D. Duarte. Seja o que fôr, é certo que para a gloria de Fernão Lopes são monumentos sobejos as tres chronicas que d'elle existem.

«O nosso celebre critico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado engenho, que Portugal tem tido, para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a historia: com razão o diz, e poderia acrescentar que poucos homens teem *nascido* historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos, e mais civilisados, houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia; ha poesia, e drama; ha a idade media com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. N'isto se parece com o quasi

contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopêa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.» (A. Herculano).

LOPES DE MENDONÇA (Antonio Pedro). Nasceu em 14 de novembro de 1826 o creador do folhetim humoristico em Portugal. Desde 1846 a 1857, Lopes de Mendonça, na *Revolução de Setembro* não teve competidor n'esse genero de litteratura tão ligeira quanto difficil ás vocações mediocremente inspiradas. Escreveu nos principaes periodicos do seu tempo, e publicou livros de somenos valia que os folhetins. Lopes de Mendonça, negligentemente educado pelo que respeita a carreira litteraria, esforçou-se, já adulto, por adquirir no estudo conhecimentos de que sentiu a falta, já nas lutas da imprensa politica, já no parlamento. Nos *Annaes das sciencias e letras* revelou o estudioso academico o grande poder de quem quer, e mais ainda o muito longe onde poderia leval-o o impulso da aspiração. Na *Questão financeira* mostrou a incongruencia do estylista das *Memorias de um doudo*, com as aridas theses do mais agro da admiração publica. Nas *Recordações de Italia*, obra em dous tomos, que elle de antemão hypothecou á mesquinha quantia que lhe permittiu viajar, transluz mais a necessidade que o prazer de revelar suas impressões. No emtanto, em todo escripto de Lopes de Mendonça brilha talento, rara espontaneidade, e o ardor que lá dentro, flammejando-lhe o cerebro, prognosticava a consumpção rapida de tão poderosas faculdades.

Em 1860 foi nomeado professor da cadeira de litteratura moderna no curso superior de letras. E, n'esse mesmo anno, em dezembro, depois de aturado estudo, com o intento de exercitar dignamente o magisterio, endoudeceu. Assim agonisou cinco annos no hospital de alienados, até que o tumulo lhe deu o repouso eterno em 8 de outubro de 1865. Foi muito deplorada a sua morte. Os seus companheiros na espinhosa carreira das letras militantes nunca poderam esquecer tão valente camarada. Ninguem pelejou tão corajosamente contra a pobreza, contra os invejosos, e contra a indifferença dos que não offendem tão pungentemente como os que sabem medir o tamanho da sua victima. Vão decorridos vinte e seis annos depois que Lopes de Mendonça primou no folhetim. Sem desaire dos que lhe succederam no melindroso encargo de noticiar com elegante graça e escalpello com ponta diamantina, ainda ninguem lhe levou vantagem. O seu discipulo mais aproveitado, e ás vezes rival do mestre, é Julio Cesar Machado.

LOUVORES. De ordinario não louvamos de boa vontade senão aquelles que nos louvam. — A vergonha de ser louvado sem fundamento dá muitas vezes occasião a fazer o que nunca sem ella se faria. — Ninguem gosta de louvar, nem jámais se louva alguem sem interesse. — O louvor é uma occulta e delicada vaidade, que differentemente satisfaz o que o dá, e o que o recebe; este o toma como recompensa do seu merecimento, aquelle o dá para fazer admirar a sua equidade. — Ha uns louvores envenenados que pelo contrario fazem vêr nos que louvamos defeitos, que de outra sorte nos não atreveriamos a descobrir. — De ordinario só se louva para ser louvado. — Poucas pessoas ha tão sagazes, que saibam preferir o vituperio que lhes é util ao louvor, que lhes é nocivo. — Ha reprehensões que louvam, e louvores que reprehendem. — O desprezo dos louvores é um desejo de ser louvado duas vezes. — O desejo de merecer os louvores que se dão fortifica a virtude. — O louvor que se dá ao juizo, valor e formosura contribue para os augmentar. — A modestia que parece desprezar louvores realmente não é mais que um desejo de adquirir os mais delicados.

LUA. 1. A lua, satellite da terra, é, depois do sol, o mais notavel de todos os astros. Descreve no espaço uma ellipse, n'um dos focos da qual está situada a terra; a extremidade do eixo maior d'esta ellipse, mais visinha da terra, denomina-se *perigeo* (do grego *peri*, ao redor, e *gé*, terra); a extremidade opposta denomina-se *apogeo* (do grego *apo*, longe, e *gé*, terra). Além do movimento diurno, commum a todos os astros, a lua tem movimento proprio, que se executa em sentido contrario áquelle, e cuja velocidade angular media é 13°10′34″,89 por dia; d'onde resulta que completa a sua revolução sideral em 27 dias, 7 horas e 43 minutos, ou em 27 dias e um terço do dia aproximadamente. — As diversas apparencias da sua luz durante este lapso de tempo tomam o nome de *phases*. A sua luz vem-lhe do sol; a metade da sua superficie é sempre illuminada, a outra metade está na obscuridade. Ora, as porções d'estes dous hemispherios, visiveis por nós, variam continuamente durante que a lua executa o seu movimento de revolução ao redor da terra. Quando a lua se acha situada entre o sol e a terra, sobre a linha que une os centros da terra e do sol, o seu hemispherio illuminado está completamente encoberto, e a lua volta para nós o seu hemispherio obscuro: é a época da *lua nova*, ou *neoménia*. Mas, em seguida, a lua avança de oeste para éste: então vai sendo visivel para nós uma porção do seu hemispherio illuminado, o qual primeiro se mostra debaixo da fórma de um crescente mui delgado, cujos cornos estão voltados para éste; depois este crescente vai engrossando cada vez mais, e no quarto do mez lunar, vê-se metade do disco luminoso, a que está voltada para oeste, região aonde se acha o sol. A lua está então no seu *primeiro quarto*. Continuando o seu movimento para éste, a porção illuminada visivel vai sendo cada vez maior, e na metade do mez lunar, quando a terra está situada entre o sol e a lua sobre a linha que une os centros d'estes dous astros, apparece o satellite debaixo da fórma de disco: o seu hemispherio illuminado está completamente visivel. É a epoca da *lua cheia*. A lua, que até esta phase se foi successivamente afastando do sol, vai agora no seu movimento para oeste aproximando-se d'este astro; o seu disco luminoso chanfra-se cada vez mais do lado de oeste, e nos tres quartos do seu curso, a lua só nos mostra a metade da sua face illuminada, a que está voltada para éste, região onde se acha o sol: a lua está no seu *ultimo quarto*. — As *syzygias* são as duas posições da lua em que este satellite se acha em *conjuncção* com o sol e em *opposição* com este astro, ou, por outra maneira, nas épocas de lua nova e de lua cheia. Em ambos os casos, o sol, a terra e a lua teem os seus centros aproximadamente situados sobre uma mesma recta. As *quadraturas* são as duas posições da lua, na época do seu primeiro e ultimo quarto: então as rectas que unem o centro da terra aos da lua e do sol formam aproximadamente um angulo recto.

2. A distancia media da lua á terra é 380:000 kilometros, isto é, 400 vezes menor que a do sol; o seu diametro é aproximadamente o quarto do da terra; a sua superficie e o seu volume são respectivamente 14 e 50 vezes menores que a superficie e o volume do nosso globo.

A lua é dotada de um movimento de rotação sobre si mesma, que é em duração igual ao seu movimento de revolução; de que resulta voltar para a terra sempre a mesma face. Comtudo, em consequencia de ser uniforme o movimento de rotação e não o ser o de translação da lua ao redor da terra, deixa-se vêr, uma vez de uma banda outra vez da outra, uma parte do seu hemispherio opposto, como que se a lua fosse dotada de um ligeiro movimento de balanceamento sobre o seu eixo: é este phenomeno que se chama *libração*. — As manchas da lua são principalmente devidas aos accidentes da sua superficie. Está com effeito coberta de montanhas, distribuidas irregularmente, e apresentan-

do a fórma das nossas montanhas vulcanicas; de sorte que a superficie e o interior do nosso satellite parecem ter sido actuados pelo fogo em época remota e provavelmente originaria, pois que na actualidade este satellite está privado de ar, em estado sensivel, e de agua. É pela existencia de vulcões na lua que Laplace procurava explicar a queda dos *aerolithos*. — A lua não tem atmosphera sensivel; não se lhe observa nenhuma mudança que produz a vegetação, mesmo sem cultura. É inutil dizer que não existe agua na lua, aliás a agua produziria uma atmosphera de vapores que occasionaria os phenomenos de refracção, cuja ausencia as observações confirmam. Todavia, tinha-se dado a denominação de *mares* a vastas planicies de côr sombria que a superficie do satellite apresenta; mas observam-se *pregas* e pequenas cavidades que não permittem suppôr em estado de fluidez a materia que formam estes pretendidos mares. Ha, porém, vastas planicies, interpostas entre os grupos de montanhas, que teem toda a apparencia de terrenos estratificados, isto é, depositados pelas aguas. A lua conserva pois os indicios communs da presença outr'ora da agua na sua superficie, e do fogo no seu interior. Perdendo a atmosphera, ficou privada da propriedade de accumular o calor solar, e reduziu-se ao calor dos espaços planetarios (60° abaixo de zero): não póde pois manter nem a vida vegetativa, nem a vida animal; seus mares passaram ao estado de planicies de gelo, e seus vulcões extinctos não se atearão mais. — A lua não offerece variedade de estações; pois que, tendo o seu eixo quasi perpendicular á ecliptica, o sol não sahe fóra do equador lunar; e, como faz uma só rotação durante o seu movimento de revolução, cada um dos seus dias e das suas noites teem 15 vezes 24 de nossas horas; um dos seus hemispherios é illuminado pela terra durante a ausencia do sol, e não tem noite, emquanto que o outro tem uma noite de 15 dias. — Os *eclipses* da lua teem por effeito a momentanea perda de luz no todo ou em parte, do disco lunar: este phenomeno só tem lugar na época da lua cheia. Eis as principaes circumstancias que apresenta um eclipse de lua: Em primeiro lugar, manifesta-se uma pequena chanfradura no bordo oriental, a qual se vai estendendo progressivamente, passando ao norte, ao sul, e finalmente ao oeste do disco, onde termina. Esta chanfradura não se manifesta por uma obscuridade completa; apresenta um grande enfraquecimento de luz, que toma uma côr avermelhada. Todo o eclipse total de lua é precedido e seguido de um eclipse parcial. A duração completa do phenomeno não póde exceder quatro horas, sendo quasi metade d'este tempo a duração do eclipse total; porém a duração do eclipse total e do parcial póde reduzir-se a uma fracção de tempo mui diminuta. Os eclipses da lua tem por causa a penetração d'este satellite no cone de sombra projectado pela terra, quando esta se interpõe entre o sol e a lua; então o satellite fica privado, pela interposição do nosso globo, da totalidade ou de parte dos raios solares. Eis a razão por que este phenomeno só se póde realisar nas épocas da lua cheia. (Veja Sol, Estrellas).

3. Não se póde duvidar da influencia que a lua exerce sobre o nosso planeta; as leis da attracção dão a explicação de phenomenos cuja causa era outr'ora desconhecida. É certo no estado actual da sciencia que a altura das *marés* (veja esta palavra) depende das posições angulares relativas do sol e da lua, das declinações d'estes dous astros, das suas distancias rectilineas á terra. Por isso, as marés das syzygias são mais altas que as marés das quadraturas; e de todas as marés desiguaes das syzygias, a *maxima* observa-se quando a lua está no *perigeo*, isto é, á menor distancia da terra; e a *minima* tem lugar quando o astro attinge o *apogeo*, isto é, a posição mais afastada da terra. — Em quanto ás variações meteorologicas attribuidas ás *phases* da lua, á sua acção sobre a natureza organica e a certas doenças, é uma questão pendente que

reclama observação dilatada e amplo exame. Não acontece o mesmo com a *lua ruiva*, que a sciencia sufficientemente explicou. Os jardineiros chamam *ruiva* a lua que, começando em abril, se torna cheia no correr de maio. Segundo elles, a luz d'esta lua *queima* os gomos expostos a ella. Este phenomeno poderia inculcar que a luz do nosso satellite é dotado de virtude frigorifica sensivel; porém não se dá isso, e outra é a explicação do phenomeno, como Arago muito bem mostrou. No tempo da *lua ruiva* a temperatura é ordinariamente de 4, 5 ou 6 graus acima de zero, e sabe-se que os vegetaes, durante a noite, perdem por *irradiação* (veja CALOR) uma parte do calor recebido durante o dia; esta perda póde ir até a 8 graus, quando não ha nuvens para suster a irradiação; d'onde resulta que a temperatura dos vegetaes, a qual era de 4 ou 5 graus durante o dia, poderá descer alguns graus abaixo de zero, e por isso os vegetaes gelarão; e como o tempo deve ser perfeitamente sereno para que se dê a irradiação do calorico, attribue-se erradamente á lua uma influencia que lhe não era devida.

LUCANO. Annœus-Marcus nasceu em Cordova, cerca do anno 35. Seu pai foi Annœus Mela, cavalleiro romano, irmão de Seneca philosopho. Precocemente lhe sorriu a gloria, e precocemente o arrebatou a morte. Nero, quando ainda preludiava as abominações de sua negra vida, foi actor, musico e poeta. Como tal, recebeu em graça o talento de Lucano. Perigoso rival é um tyranno, se é mau poeta. Lucano, mais poeta que palaciano, decahiu da graça de Nero, prevalecendo-lhe nos dons da poesia laureada, em concorrencia. Nero era envenenador, parricida, e infamissimo quando Pisão com muitos romanos illustres se conjuraram em matal-o. Lucano entrou fervorosamente no conluio. Foi a conspiração descoberta. Muitos conjurados, postos a tormentos, confessaram tudo, sem por isso serem perdoados. A Lucano foi dado a escolha da morte. Optou pelo rompimento das veias. Nas ultimas agonias, recitou versos cantando um joven guerreiro, que, mordido por uma serpente, golfa o sangue e a vida por todos os póros. Tinha 27 annos.

LUCRECIO. «Lucrecio, transplantando para Roma a philosophia materialista da Grecia, teve em favor da sua obra a audacia de um talento admiravel e a fórma de uma poesia primorosa. O livro de Lucrecio cahindo sobre o mundo romano n'aquella confusão dos espiritos semelhou-se a um incendio. Ao arrefecimento religioso acresceu o picante do escandalo n'uma sociedade em que se achavam as crenças immensamente abaladas.

«Foi um grito de guerra o livro. Os homens de letras cobriram-o successivamente de elogios. Cicero escreveu d'elle que: «além de brilhar pela fórma, lançava torrentes de luz;» Estacio chamou-lhe o furor douto e sublime; Ovidio louvou-lhe o fogo da inspiração e a sublimidade do genio; Virgilio immortalisou-o no verso admiravel em que lhe chama feliz por ter podido descobrir a origem de todas as cousas.

«Aos contemporaneos do sceptico respondeu dezoito seculos depois uma voz authorisada na materia, que exclamou cheia de enthusiasmo: «Só se eu não poder é que deixarei de traduzir o canto admiravel de Lucrecio.» Era o echo dos seculos que respondia pela bocca de Voltaire.

«Lucrecio tinha pois escripto uma d'aquellas obras que revolucionam, para a litteratura lhe erguer altar tão esplendido. E assim foi. Os deuses, o homem, os astros, os espiritos, as sensações, a natureza produzindo tudo, eis-ahi a obra do sceptico romano, que principiava no atomo e acabava no suicidio. O author legando ao imperio a *Natureza das cousas*, legava-se a si proprio. O imperio ia ser Lucrecio.

«O que intentava Lucrecio realisar com a sua obra? Queria nada menos

do que romanisar o systema de Epicuro. Assim o declara na invocação do livro: «D'antes quando se viam os homens arrastar vida de vergonha diante da superstição, um grego, um simples mortal, se atreveu a resistir-lhe face a face. Não o demoveu a fama dos deuses, nem o raio dos céos. Realisou o intento pelo seu genio infatigavel. Percorreu o infinito com o pensamento, venceu, veio ensinar-nos d'onde provém que o poder dos corpos seja limitado e que haja para todos um termo irremediavel. D'este modo ficou abatida a superstição, e o destroço d'ella igualou-nos aos deuses.

«Pintando assim Epicuro, que doutrina expoz Lucrecio?

«Que disse elle dos deuses á sociedade romana?

«Que não se lhes devia imputar cousa alguma, pois que não influiam nas acções humanas.

«Que lhe disse do universo? Que bastava presenciar o mecanismo celeste para affirmar sem receio, e para provar sem contestação, que a natureza não podia ser obra de mão divina.

«Que lhe disse da alma? Por todos os modos pretendia mostrar que era mortal.

«Proclamadas estas idéas, o suicidio apparecia como resultado immediato. Eis porque em todo o livro III não faz Lucrecio senão demonstrar a justiça do suicidio, quando o homem o julgue conveniente. Rousseau na *Nova Heloisa*, Alfredo do Vigny no *Chatterton*, Goethe no *Werther*, apresentaram o suicidio por uma face individual apenas. Lucrecio fez mais, aconselhou-o para todas as idades, estados, classes, e depois de o elevar a principio universal, pergunta ao homem se ainda hesita em morrer.

«Lucrecio sellou o seu livro com o exemplo. Aos quarenta e quatro annos de idade, o iniciador do epicurismo romano poz fim aos seus dias.

«A obra de Lucrecio proclamava pois directamente o atheismo, a guerra ao principio religioso, a materialidade da alma, o direito do suicidio, o nada, sempre o nada. Estes principios eram, segundo elle, um progresso na ordem moral e na civilisação social. «Penso que o universo está na sua primavera... o systema do mundo é um descobrimento recente, e na época actual só eu o soube introduzir na linguagem dos nossos paes.» O introductor do *nada* não deixava a sua gloria por mãos alheias.

«O poema de Lucrecio, realisando o seu pensamento quando todos os elementos que estamos estudando concorriam para desacreditar o polytheismo, apparecia como o evangelho da materia. Entre a antiga magestade do polytheismo e a indifferença do segundo seculo, entre Numa Pompilio e Luciano, carecia-se do combate religioso, que desarreigasse a crença nos deuses pagãos para estrear a incredulidade. O seculo de Augusto assistiu áquella transição, e foi o epicurismo que a realisou, concorrendo assim poderosamente para o aniquilamento da religião official e para a revolução que havia de aluir o imperio.» (D. Antonio da Costa, *Tres Mundos*).

LUIZ VII e LUIZ IX. (Veja CRUZADAS).

LUIZ XI. «A superstição grosseira e vil a que este principe se havia entregue, em vez de modificar seus perjurios, crueldades e suspeitas, ainda os tornava mais abominaveis. A sua devoção aos numerosos santos do paraiso, a quem rendia uma especie de culto, semelhava a prodigalidade louca de um mordomo subalterno, que busca esconder ou attenuar o odioso das fraudes que pratica, presenteando as pessoas encarregadas de observar-lhe o procedimento, ao mesmo passo que, com um systema de dolo bem sustentado, se esforça em subornar os homens mais incorruptiveis. Nem de outro modo podemos considerar a resolução que o rei Luiz tomou de dar á *Virgem Maria* o titulo de condessa e o posto de coronel de suas guardas, e o artificio com que só concedia a uma ou duas for-

mulas particulares de juramento o valor que negava a todas as outras, occultando cuidadosamente o seu pensamento — maneira de jurar que elle considerava verdadeiramente como obrigatoria, e como o mais precioso de seus mysterios de governo.

«A uma falta absoluta de escrupulo, ou talvez de todo o sentimento de obrigação moral, Luiz XI ajuntava grande firmeza natural e extrema sagacidade de caracter; creou e seguiu um systema politico tão subtil, attenta a época em que viveu, que algumas vezes se illudia a si mesmo, esforçando-se em acreditar as decisões que tal systema lhe havia feito adoptar.

«Com tudo, não ha ahi retrato tão negro em que não se descubram algumas sombras menos carregadas. Luiz conhecia os interesses da França, e os mantinha com firmeza e constancia. Preservou o paiz da crise perigosa da guerra denominada «guerra do bem publico;» pôde conseguil-o rompendo a vasta e perigosa alliança dos altos donatarios da corôa contra o soberano; — empresa em que um rei menos prudente, e menos contemporisador, mais corajoso, mais audaz e menos astuto que Luiz XI, teria provavelmente naufragado. Possuia tambem algumas qualidades pessoaes, não incompativeis com o seu caracter publico. Jovial e engenhoso na sociedade, sabia, como o gato, afagar a sua victima, e até lisonjeal-a no momento em que se preparava a descarregar-lhe o golpe mais profundo; não havia ninguem que melhor sustentasse e fizesse valer a superioridade de razões toscas e grosseiras, com que buscava supprir motivos mais nobres, que seus antecessores teriam exhaurido com um eminente espirito de cavallaria.

«De feito, este systema cavalleiroso era já velho; e no seu maior grau de perfeição tinha o quer que era tão exagerado e caprichoso, que já começava a ser tornado em objecto de mofa, e a cahir em descredito como outras modas antigas: podia ser combatido com as armas da zombaria sem excitar desgosto nem horror; sentimentos com que, em época mais remota, seria repellido qualquer ataque d'este genero, como uma especie de blasphemia. O seculo XV vira alevantar-se uma seita de mofadores que pretendia supprir com outros meios os recursos da cavallaria, e cobrir de apodos os preceitos extravagantes e exclusivos de honradez e de virtude. Se um mancebo, dotado de sentimentos elevados e ingenuos, se propunha de tomar por norma os principios de honra seguidos por seu pai, ficava exposto ás apupadas do mundo, como se se apresentasse no campo de batalha com a espada de dous gumes de algum bom cavalleiro vetusto, arma ridicula por seu fabrico e fórma antiga, posto que a folha fosse de boa tempera, e os ornatos de ouro puro.

«Foi assim que largando de mão os principios de cavallaria, eram estes suppridos por estimulos mais vulgares. Ao nobre ardor, que impellia todo o homem á defensa da sua patria, Luiz XI substituiu os esforços de uma soldadesca mercenaria, prompta sempre a vender-se; e persuadiu seus vassallos, entre os quaes a classe mercantil começava de figurar, a que era melhor deixar a homens mercenarios as fadigas e os riscos da guerra, e ajudar a corôa a pagar-lhes, do que aventurarem-se elles mesmos aos perigos para a defensão de seus proprios haveres. Este discurso convenceu facilmente os negociantes. Todavia não era ainda chegado o tempo em que os nobres e os possuidores dos bens da corôa fossem igualmente excluidos dos postos do exercito; mas o despotico Luiz XI começou a introduzir este systema, que, imitado e seguido por seus successores, acabou por depositar nas mãos do soberano todas as forças militares do estado.

«Este principe era tambem levado a alterar os principios que ordinariamente regulam as relações entre os dous sexos. Nas doutrinas da cavallaria acha-se estabelecido — ao menos em theoria — um systema segundo o qual a belleza era a divindade que imperava e premiava; o valor era

seu escravo. O cavalleiro enchia-se de brios a um lanço de olhos da sua bella, e dava a vida pelo mais leve favor que d'ella obtinha. Verdade é que este systema, tanto n'esta como em muitas outras circumstancias, era levado ao excesso, e até frequentes vezes ao escandalo. Estes casos eram em geral aquelles de que *Burk* faz menção, e nos quaes os motivos d'estas fraquezas lhes attenuavam singularmente a culpabilidade. Tudo era ao revez segundo os habitos de Luiz. Este principe, voluptuoso trivial, buscava os prazeres sem o menor sentimento delicado, e tinha em despreso o sexo onde os procurava: as suas mancebas eram tão pouco dignas de ser comparadas com Ignez Sorel, cujo procedimento em nada se compadecia com a elevação do seu caracter, como o mesmo Luiz XI era pouco merecedor de ser comparado com seu pai Carlos VII, que livrou a França do jugo de Inglaterra. Escolhendo ministros e validos da classe mais infima do povo, Luiz mostrou que em nada avaliava a distincção do cargo ou do nascimento; e dado que sob certas relações esta escolha fosse desculpavel, e até meritoria, quando a vontade do monarcha elevava um talento que existia na obscuridade, ou fazia sobresahir o merito modesto, acontecia absolutamente o contrario quando adoptava por validos homens taes como Tristão o Eremita, chefe dos prebostes ou da policia. Era desde logo evidente que um tal soberano não podia ser, como Francisco I se designou mais tarde a si mesmo, «o primeiro galan do seu reino.»

«Nos discursos e acções de Luiz XI, tanto em particular como em publico, nada havia que lhe fizesse perdoar um modo de proceder que tão pouco se ajustava com o caracter de um homem honrado. A sua palavra, o mais sagrado testemunho dos sentimentos nobres, cuja violação imprime um ferrete indelevel em quem d'ella se torna culpado, e que é considerada como crime capital em vista do codigo da honra, era por elle calcada aos pés sem o minimo escrupulo, e muitas vezes seguida do complemento dos mais enormes crimes. Transgredia a sua propria fé jurada, e não observava mais religiosamente a fé publica. A missão que enviou a Eduardo III por um domestico disfarçado em arauto, n'essa época em que os arautos eram tidos como depositarios sagrados da fé nacional e publica, foi um lanço audaz de que nenhum principe, exceplo Luiz, se quizera tornar responsavel.

«Em summa, os costumes, sentimentos, e acções de Luiz XI eram incompatíveis com as maximas da cavallaria; e a sua indole mordaz pendia de sobejo para ridicularisar um systema fundado no que elle considerava como a mais absurda de todas as bases, pois consistia em consagrar seu trabalho, talentos e tempo a objectos de que, segundo a natureza das cousas, não se podia tirar vantagem alguma pessoal. É mais que provavel que renunciando d'est'arte quasi abertamente os laços da honra, da religião e da moral, tão poderosos entre os homens, Luiz buscava obter grandes vantagens em suas negociações com pessoas, que poderiam julgar-se ligadas, em quanto a este respeito elle gozava de liberdade plena. Chegado ao fim da carreira, elle sem duvida estremecia, como o corredor que se descarrega do peso, sob que seus rivaes ainda vergam, e se prepara para agarrar o preço da corrida. Mas a Providencia parece comprazer-se de cercar de alguns perigos quem assim se rodêa de cautelas. Uma personagem collocada em lugar eminente é tanto mais criminosa faltando á sua palavra, quanto essa personagem dá mais nos olhos; e os homens chegam por fim a contar, não com o que diz o seu antagonista, mas com o que elle está no caso de fazer. D'alli provém uma desconfiança que tende a frustrar os enredos de um caracter perfido, e que lhe é mais desvantajosa do que se elle não houvera sacudido o jugo dos escrupulos de consciencia. O exemplo de Luiz XI produziu entre os outros povos da Europa asco e aversão em vez do de-

sejo de imital-o; e a fraude de que usou com muitos de seus contemporaneos, resolveu os outros a conservarem-se precatados. O espirito de cavallaria, com quanto mui desfalcado de forças, sobreviveu ao reinado d'este mau principe, que se esmerou em amortecer-lhe o lustre; e muito tempo depois da morte de Luiz XI, elle inspirou o cavalleiro sem medo e sem reproche, e o galante monarcha Francisco I.

«Com effeito, ainda que o reinado de Luiz haja sido, sob o ponto de vista politico, tão prospero quanto este soberano o podia desejar, o espectaculo da sua agonia póde servir de antidoto contra a seducção de o imitar. Desconfiado de toda a gente, mas em particular de seu filho, encerrou-se no castello de *Plessis*, confiando exclusivamente a sua pessoa da fé duvidosa de escocezes mercenarios. Jámais sahia do seu aposento, onde não admittia pessoa alguma, e fatigava o céo e os santos com supplicas — não para alcançar perdão de seus peccados, mas para implorar prolongação da vida. De uma fraqueza de engenho que talvez pareça incompativel com sua astuciosa destreza, importunava os medicos a ponto de ser insultado e roubado por elles. Pelo extremo desejo que tinha de viver, mandou buscar á Italia reliquias de imaginaria virtude, e, o que ainda é mais pasmoso, um rustico ignorante e estupido, que sem duvida por mandriice se encerrára em uma caverna, e se abstivera de carne, peixe, ovos e de toda a especie de lacticinios.—Este homem, absolutamente falto de letras, foi recebido de Luiz como se fôra o proprio papa — e até fundou dous mosteiros para adquirir a sua benevolencia.

«No meio, porém, d'estas superstições, quanto não era extravagante o modo com que elle considerava a saude corporal e a felicidade terrestre, que pareciam o unico objecto de seus votos! Quando se fallava na sua saude, Luiz prohibia expressamente que se fizesse menção de seus peccados; e um dia que, por ordem sua, um padre orava a Santo Eutropio pedindo para o rei saude corporal e espiritual, Luiz determinou-lhe que supprimisse as duas palavras ultimas, dizendo que não era prudente importunar os bemaventurados santos com duas supplicas ao mesmo tempo. Cuidava talvez que guardando silencio ácerca de seus crimes, conseguiria occultal-os aos seus advogados celestes, cujo auxilio invocava para o corpo.

«Os merecidos tormentos que este cruel tyranno soffreu na hora da morte foram tamanhos, que Philippe de Comines faz uma comparação methodica entre elles e as numerosas crueldades que por sua ordem foram praticadas contra outros; e considerando tudo junto exprime a final a opinião de que os martyrios e agonias de Luiz foram taes que podiam compensar os crimes de que se tornou réo; e que depois de haver feito uma boa quarentena no purgatorio, poderia obter perdão nas regiões superiores.» (*Quintino Durward*, Walter Scott).

LUIZ XII. (Veja DEZESEIS (seculo).

LUIZ XIII e **LUIZ XIV.** (Veja DEZESETE (seculo).

LUIZ XV e **LUIZ XVI.** (Veja DEZOITO (seculo).

LUSITANO (Francisco Vieira). Pintor historico da casa real. Foi discipulo de Trevisani, na academia de S. Lucas, em Roma. Nasceu em Lisboa a 4 de outubro de 1699, e morreu aos 13 de agosto de 1783. Muitos dos seus quadros se perderam no terremoto de 1755, outros existem, e alguns sahiram das casas nobres do reino para compradores estrangeiros. Em apontamentos que temos do principio d'este seculo, encontramos que na igreja do convento do Menino Deus em Lisboa ha ou houve alguns quadros de Vieira Lusitano, e bem assim o de Santo Agostinho no convento da Graça, o de S. Pedro e S. Paulo na casa dos condes de Povolide, alguns na igreja de S. Fran-

cisco de Paulo e na dos Paulistas em Lisboa.

Francisco Vieira Lusitano tambem poetava; mas por maneira, segundo inferimos do seu livro intitulado *O insigne pintor e leal esposo*, que, se lhe concedemos como plausivel o epitheto de *insigne* com que se decorou, apenas lhe cabe o de *obscuro* como poeta.

LUTHERO. (Veja DEZESEIS (seculo).

LUTO. «Quer dizer afflicção intima, pena, desgosto. Refere-se tanto á dôr como ao apparato da dôr; á reunião das pessoas que seguem a pompa funebre; aos vestidos e insignias que as distinguem; e ao regulamento do ceremonial lutuoso.

«As côres do luto tem variado segundo os povos e segundo os tempos.

«Na antiguidade, para os egypcios a côr do luto era amarella, e para os ethiopes cinzenta. Em Roma e Sparta as mulheres trajavam de branco, mas só as mulheres. Na idade média, e até o principio do seculo XVI, o branco era tambem nas Hespanhas a côr do luto para as mulheres. Na China e em Sião o branco é ainda a côr funebre. Na Turquia é o azul e violaceo. Na maior parte das nações européas a côr preta prevaleceu; é igualmente a côr do luto dos gregos e romanos, de cujos antigos usos participam em grande parte as nações mais civilisadas.

«Taes differenças não são effeito do capricho.

«Cada povo, cada seculo alliava uma idéa particular á côr com que buscava interpretar os seus dolorosos sentimentos. Viam uns no amarello, côr da folha que sécca, a imagem da decomposição dos corpos; os outros, no azul, a imagem da celeste morada que deve habitar a alma do justo; o cinzento recordava a terra d'onde o homem sahia e para onde ia; o violaceo, côr sombria que tambem participa do azul, expressava para alguns a esperança e a dôr; o branco, para os chinezes, que honravam nas almas dos antepassados os genios protectores, era symbolo de pureza e de immortalidade. Entre os gregos e romanos, para os quaes morrer era cahir *em a noite eterna*,

Loca nocte silentia latè,

o preto lembrava esta idéa lugubre.

«De todas as côres usadas é, sem duvida, a que mais convem ao luto. O aspecto de uma côr póde revelar a dolorosa recordação que a ella se alliou; mas o preto desperta para logo um triste sentimento. A côr negra, pois, por sua natureza, é o proprio luto.

«Os orientaes cortavam os cabellos em signal de luto. Este uso era tambem seguido pelos gregos. O primeiro acto de piedade filial com que Orestes assignalou o seu regresso a Argos, foi cortar os cabellos sobre o tumulo de Agamemnon. Os romanos, pelo contrario, deixavam crescer a barba e os cabellos.

«A differença d'estes usos não mostrará que cada povo procura indicar o luto pelas praticas mais oppostas aos seus habitos? Ora os gregos usavam os cabellos e a barba compridos; e os romanos tinham os cabellos mui curtos e barba quasi sempre rapada.

«As demonstrações de luto entre os judeus ainda eram mais notaveis. Quando occorria a morte dos paes não só arrancavam os cabellos, mas despedaçavam os vestidos e mettiam-se em especie de saccos, ou cilicios, roupas de estofos grosseiros, que necessariamente incommodavam, e de côres cinzento-escuro ou preto. Além d'isso, quando quebravam o jejum obrigatorio n'essas occasiões, tomavam a refeição na terra, e ahi procuravam conciliar o somno. Andavam, em fim, com os pés descalços, não se aqueciam, nem cuidavam das barbas nem das unhas, e até se cohibiam do uso dos banhos, tão geral entre elles. Os judeus, que só viam na desgraça a punição do crime, davam ao luto o caracter de penitencia.

«A natureza não podia tolerar por muito tempo semelhantes austeridades; e por isso que o uso as exagerava, a lei limitava-as. A duração do luto dos judeus não excedia sete dias.

Luctus mortui septem dies. E achando este periodo ainda longo, encurtaram-no mais.

«Os lutos de Saul, de Judith e de Herodes foram apenas de sete dias; os de Moysés e Aaron foram de trinta. Era então para os judeus a maior duração do luto. «Devia bastar, diz Flavio Joseph nas suas *Antiguidades judaicas*, aos mais esclarecidos tanto na morte dos parentes proximos, como na dos amigos estimados.»

«Não o entendiam assim os romanos. O luto entre elles durou até dez mezes. N'esse lapso de tempo, as viuvas não podiam casar-se novamente sem infamia. Não tomavam luto por um filho fallecido até aos tres annos; mas pelos que morriam entre os tres e dez annos usavam-no tantos mezes quantos annos contava a criança.

«A duração do luto foi por vezes limitada em Roma pela politica do senado. Depois da batalha de Canas foi prescripto por trinta dias. A republica desejava ardentemente que desapparecesse em pouco tempo um testemunho de tantas dôres particulares, que recordava tamanha desgraça publica.

«Lycurgo fixou a duração do luto em onze dias, e, segundo refere Plutarco, por que não podia vêr nada inutil nem frivolo.

«O luto em Roma, pelo obito de um imperador, ainda era mais curto. Decorridos sete dias depois da morte, fazia-se a sua apotheose no campo de Marte, e seria impio o que manifestasse pezar de um acontecimento que elevava os imperadores á categoria dos deuses.

«Entre nós, a duração do luto é mais longa que entre os romanos, e existe regulada desde 1749, com pequenas alterações, d'este modo: seis mezes pelas pessoas reaes, por marido ou mulher, paes, filhos, avós, bisavós, netos ou bisnetos; quatro mezes pelos sogros, sogras, genros, noras, irmãos ou cunhados; dous mezes por tios, sobrinhos ou primos co-irmãos; e quinze dias por outros parentes em grau mais afastado.

«Os chamados lutos publicos, isto é, aos que a nação é obrigada quando se fina a pessoa reinante, tem igualmente variado, pois que, sendo de dous annos o luto pelo rei D. João v, por occasião do fallecimento de outros reis, em épocas posteriores, durou um anno, e desde 1834 não tem excedido a seis mezes. Note-se, porém, que o tempo do luto é sempre contado metade *pesado* e metade *alliviado*.

«Nos lutos particulares, muitas familias não seguem rigorosamente os preceitos da pragmatica, pois temos visto usar pelos paes ou maridos um anno ou seis mezes *pesados;* e algumas viuvas levam a demonstração do seu sentimento pela morte do esposo até o ponto de usarem vestidos de côr preta ou violacea no resto da vida, quando não passam a segundas nupcias.

«Até á morte de D. Philippa, tia de el-rei D. Manoel, em que se prescreveu a côr preta, as vestes de luto em Portugal eram de burel branco.

«Na Gran-Bretanha, pela relação do pomposo saimento da rainha Maria, em 1694, sabe-se que já alli era usada a côr preta como indicativa de luto.

«Na maior parte das tribus africanas, quando morre algum parente, não se accende fogo na casa do defunto; as mulheres usam por uma semana o rosto coberto com véo preto, e os homens durante um mez não fazem a barba.

«Os indigenas da America do Norte, n'essas occasiões dolorosas, fazem desapparecer logo os objectos que pertenceram ao finado, e deixam de pronunciar para sempre, nas conversações, os nomes dos que se partiram da terra.

«Em França, onde a côr preta para o luto foi introduzida, se não erramos, nos fins do seculo XVI ou começo do XVII, usou-se uma côr viva, como o encarnado ou purpura, por determinação de Luiz XI, quando falleceu o seu antecessor.» (*Archivo Pittoresco*).

LUXO. O luxo, propriamente dito, tanto em cada nação como em cada individuo é a preferencia dada ás su-

perfluidades, aos prazeres brilhantes, com menos preço das necessidades e dos prazeres singelos e naturaes. — «Quanto maior é o ajuntamento de homens mais vãos se tornam, e mais sentem nascer-lhes a cubiça de se distinguirem e sobrelevarem uns aos outros com bagatellas. Se o numero é tamanho que mal entre si se conheçam, recresce a emulação de se estremarem porque mais estimulante é a esperança da distincção. O luxo é que abre a vereda á esperança; cada qual toma como figurino a condição que vai na vanguarda da sua. Porém, á força de se quererem differençar, a final são todos o mesmo, e não ha destrinçal-os; pois como toda a gente se quer fazer notar, já não se nota ninguem.» (Montesquieu).—«Semelhantes áquelles ventos ardentes do sul que, juncando os ervaçaes de insectos vorazes, levam a fome e a morte a todos os pontos que infestam, o luxo, em qualquer estado, maior ou menor que seja, por nutrir multidão de peraltas, e de miseraveis de sua lavra, arruina e avexa o agricultor e o cidadão. A titulo de alimentar pobres, que elle não devêra ter feito, empobrece os restantes, e despovoa o estado, cedo ou tarde. O luxo corrompe tudo, tanto o opulento que se deleita com elle, como o pobre que o cubiça.» (J. J. Rousseau). — «O luxo é um crime de lesa humanidade, em quanto houver um homem que soffra, e se saiba que soffre.» (D'Alembert).—«O luxo deslumbra os parvos, e não produz um só prazer verdadeiro.» M.me de Genlis). Se estudamos os progressos e decadencia dos imperios, observamos que o luxo cresce á proporção que os bons costumes se deterioram, e as nações fraquejam, declinam e cahem. Tira o luxo os povos de sua inercia e obscuridade: dá-lhes vigor, riqueza, artes, industria e commercio; depois chega o momento da madureza. Chegados ao topo da escaleira, é forçoso descerem: é lei natural, é a historia das nações e dos individuos. O luxo desordenado a si mesmo se dilacera, exhaurindo e seccando as fontes que o aviventam. O luxo bem ordenado, proporcionalmente repartido pelas classes sociaes, contribue para a magnificencia e pujança das nações. — Se os ricos despendessem na consolação de infelizes o que desbaratam em demasias, o numero dos desgraçados seria menos de ametade; mas o costume de pompear abafa a caridade, e torna os ricos insensiveis. Já os não commove esta formosa maxima de S. Paulo: «Que o nosso superfluo suppra a indigencia dos outros, para assim restabelecermos a igualdade.»

LUZ. «É a luz mais benigna que o sol, porque o sol não só alumia, mas abrasa: a luz alumia e não offende. Quereis vêr a differença da luz ao sol? Olhai para o mesmo sol e para a mesma luz, de que elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céo, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia dos ares, a vida e alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada. O céo accende-se, os campos seccam-se, as flôres murcham-se, as aves emmudecem, os animaes buscam as covas, os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol com a entreposição da noite, fervêra e abrasára-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Faetonte. A razão natural d'esta differença é porque o sol (como dizem os philosophos) ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui semelhante ao fogo; elemento terrivel, bravo, indomito, abrasador, executivo, e consumidor de tudo. Pelo contrario a luz, em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, em fim creada para companheira e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são, em toda a organisação do corpo humano, a parte mais humana, mais delicada, e mais mimosa.» (Vieira, *Sermões*).

LUZ ELECTRICA. «*A luz artificial antes de 1800*. Muitas artes estão

ainda na infancia, e uma d'ellas é a arte de alumiar, diz mr. de Saint-Mesmin.

«E tão certo é que esta arte sahe agora da sua infancia, que poucas linhas bastarão para commemorar os differentes modos de alumiar usados até hoje.

«Comecemos pela sua origem.

«Os homens empregaram primeiramente a lenha resinosa das vastas florestas que povoavam a superficie da terra, para com ella se alumiarem. Os proprios deuses do paganismo não tiveram outra lembrança. Quando Plutão roubou Proserpina, Ceres, tendo jurado que havia de ir recuperar sua filha, para que a noite não a impedisse de continuar a busca, accendeu duas *pinhas* na cratéra do Etna.

«Mas será necessario remontar a tão longe, e romper as sombras do Olympo para descobrir o rasto d'esta illuminação primitiva? Não. Ha a um canto do mundo certa ilha, cujos habitantes vivem em choças como os texugos, e não conhecem outra luz mais que a das maravalhas de pinho. É a infeliz Islandia!

«Os bosques resinosos foram, pois, os primeiros que ministraram a luz artificial ao homem. Os egypcios inventaram depois as *lampadas* que se usaram em todo o oriente desde os tempos mais remotos. Consistiam simplesmente n'um vaso cheio de alguma substancia gordurenta, onde se mergulhava uma *torcida* de fios grossos. Este vaso oblongo, com bico por onde sahia a torcida accêsa, pendurava-se por correntes a uma especie de candelabros chamados *lampadarios*. D'este modo se alumiavam os templos pagãos. Acha-se em todos os museus grande numero d'estas lampadas antigas. Depois voltou-se outra vez á resina, mas feita em *velas*. Era com este triste lumiar que o lavrador das *Georgicas* de Virgilio repousava das penosas tarefas do dia. E ainda hoje, não vêmos nós as camponezas fiar nas suas rocas, á luz vacillante da cepa que arde na lareira?

«Quantos annos não passaram antes que a cêra viesse desalojar a resina!

«Cheguemos ao mundo christão: os primeiros *cirios* dissiparam as trevas das catacumbas, onde os fieis celebravam os mysterios da nossa religião. Quantas pessoas ignoram, entrando nas igrejas, que todas essas luzes que alli ardem de dia, commemoram os tempos barbaros da perseguição do christianismo!

«Mas a vela de *cêra* era muito cara para os pobres; inventou-se então, por economia, a vela de *sebo*.

«Temos dado um passo de gigante na historia para chegar ao seculo XIV. E, parece incrivel, até aos ultimos dias do seculo passado, não se conhecia illuminação mais brilhante que a de um lustre carregado de *velas*. E não se comparem estas velas ás dos nossos dias, porque a vela de *stearina* foi inventada em 1825 por Gay-Lussac e Chevreul.

«Podem-se resumir em poucas palavras todos os processos de illuminação usados até aqui: a resina nauseante, a torcida fumarenta, a cêra custosa, o sebo hediondo, a stearina cara. Tal é a obra de cincoenta seculos!

«*Luz artificial depois de 1800*. Era este o estado da arte de alumiar, quando entrou o anno de 1800.

«Foi então que principiaram as tentativas da sciencia. Os descobrimentos dignos de attenção não tem ainda sessenta annos; e se não são irmãos, são pelo menos contemporaneos.

«Quando se diz que o seculo XIX é o seculo das luzes, não sómente se enuncia uma verdade, mas faz-se um jogo de palavras.

«Tres nomes se ligam aos trabalhos modernos: Argand, Lebon e Davy.

«Argand, notando que a combustão era activada pela rapida subtracção dos seus productos, imaginou fazer um *candieiro com corrente de ar*, chaminé de vidro e torcida circular. Como é que este candieiro tomou o nome de um certo mr. Quinquet? Ignora-se. Quinquet era apenas um operario do medico de Genova; este era

a cabeça, o outro a mão. Mas o publico é ás vezes tão cego como agora! Reparemos, pois, a injustiça de nossos paes, a quem o candieiro de Argand prestou bons serviços, e digamos com mr. Babinet, que este Quinquet foi o Americo Vespucio do Christovão Colombo da illuminação.

«Na época em que Argand construia o candieiro de corrente de ar, um engenheiro francez, Philippe Lebon, sonhava já em dotar as grandes cidades com fontes de luz tão inesgotaveis como as da agua nativa. Em 1801 annunciou elle que se podia obter *gaz* inflammavel pela distillação da madeira e das materias gordurentas. A França de então foi ingrata: Philippe Lebon não conseguiu fazer-se ouvir na patria, e quando em Inglaterra, as officinas do famoso Watt eram alumiadas a gaz desde 1805, a primeira fabrica para a illuminação publica estabelecida em França, ou foi aberta em 1818. Philippe Lebon já não existia!

«Em summa, como se todos os grandes engenhos tivessem dado palavra para se juntarem no começo d'este seculo, em 1801, no mesmo anno em que Philippe Lebon publicava a sua memoria sobre a illuminação de gaz, um physico inglez preparava a primeira experiencia da *luz electrica*.

«*Primeiro ensaio da luz electrica*. O physico inglez de que acima fallamos é Humphry David, afamado por muitos descobrimentos notaveis, mas cujo nome ficou principalmente immortalisado pelos seus trabalhos sobre a electricidade.

«É curioso saber-se como Davy chegou a alcançar o conhecimento da luz electrica.

«Tinham-se acabado as disputações entre Galvani e Volta; mas o fogo jazia ainda debaixo das cinzas, apesar de haverem já decorrido doze annos sobre a famosa experiencia de Bolonha. A victoria, muito tempo indecisa, tinha-se declarado a favor de Volta, o qual para derribar a theoria do seu adversario inventára a pilha.

«Deu brado por todo o mundo a noticia dos maravilhosos effeitos do novo apparelho. A agua acabava de ser decomposta por Carlisle e Nicholson; tinham-se feito escandescentes os fios metallicos; haviam-se obtido raios luminosos, cujo fulgor só podia ser comparado ao do sol!

«A' vista d'isto, julgou-se que Davy seria immolado ao idolo d'aquelle momento.

«Mas a escandescencia dos fios metallicos, produzida pela pilha, o tinha admirado sobre tudo; mais de uma vez tinha inquirido, comsigo mesmo, se não haveria meio de prolongar esta escandecencia. O que se opporá á combustão, dizia elle? Farei a experiencia no vacuo.

«Esta idéa lhe sorria tanto mais, que na producção da faisca que saltava continuamente entre os reophoros, tinha elle notado a resistencia que oppunha o ar á passagem da corrente. Tratou logo de fazer um apparelho.

«Mas, antes de tudo, convinha saber qual era o corpo que se tornava escandescente? Seria o fio metallico?

«Davy tinha muitas vezes verificado que o poder luminoso da faisca augmentava grandemente quando se juntavam as extremidades dos fios conductores ao centro das substancias susceptiveis de se desaggregarem. Era como uma reminiscencia d'este facto — que as chammas tanto mais brilhantes são, quanto maior é o numero das moléculas materiaes aquecidas.

«Resolveu pois adaptar cones de carvão ás extremidades dos reophoros ou polos. Viu que elles operavam no vacuo, e tambem que os cones de carvão é que escandesciam, e não os fios metallicos. A experiencia definitiva não se fez esperar muito tempo. Effectuou-se em 1801.

«Vejamos agora o apparelho de que se serviu Davy, e façamol-o nós mesmos trabalhar.

«Figurai um globo de vidro communicando com um pé cylindrico de cobre, que se possa parafusar a uma machina pneumatica, e vedar com uma torneira.

«Aos lados do globo ha dous fios metallicos presos por olhaes, forrados de couro, de modo que se possam aproximar quando fôr mister. Á extremidade d'estes fios se adaptam uns pequenos cones de carvão vegetal, que devem ter sido primeiramente apagados em banho de mercurio, o que lhes augmenta a conductibilidade, porque os globulos d'este metal tem-lhe penetrado nos poros.

«Proximo a este apparelho estará uma bateria galvanica, de muitas pilhas, reunindo 2000 elementos de 4 a 5 decimetros quadrados. Esta bateria, construida pela sociedade real de Londres, serviu depois para décompôr a potassa e a soda.

«Ponde em contacto as duas pontas dos cones de carvão, depois communicai um dos fios com o polo positivo da pilha, e o outro com o polo negativo. Logo se estabelecerá a corrente, que atravessando o fio conductor, fará brilhar os pontos de contacto dos dous cones de carvão com um clarão vivissimo. A pouco e pouco os pontos luminosos se irão propagando, e d'este modo tereis uma luz tão viva, que os olhos não a poderão supportar.

«Ainda mais; se afastardes os dous cones um do outro, a luz não se extinguirá por isso, antes se communicará entre elles como uma fita de fogo.

«O que ha de mais notavel na experiencia de Davy, é que a luz mais radiante tinha-se manifestado sem que houvesse combustão, se definirmos a combustão á maneira de Lavoisier.

«Effectivamente os cones de carvão, collocados no vacuo, não podiam ser alterados na sua substancia; a sua fórma não tinha mudado; não ardiam, volatilisavam-se; havia o transporte das moléculas do carvão positivo para o carvão negativo, mas não se operava nenhuma acção chimica. D'isto se concluiu «que o calôr e a luz não são mais que modificações da electricidade.»

«Tal foi a primeira experiencia de Davy a respeito da luz electrica.

«Dado esse passo, ficou aberta a carreira aos numerosos campeões que desceram á arena, onde tantas lutas tem havido até hoje, para dar ás cidades a illuminação electrica, em vez da do gaz.» (*Archivo Pittoresco*).

LUZERNA. (Veja LEGUMINOSAS).

LYCURGO. (Veja SOLON).

LYSANDRO. (Veja QUINTO SECULO).

M

MACACOS. «Os *quadromanos* são de todos os animaes os que mais se aproximam do homem, já pela sua intelligencia, já pela sua organisação physica; como o homem, tem elles os olhos dirigidos para diante; os orgãos mammarinos no peito; tres ordens de dentes; quatro membros, dous inferiores, sobre os quaes marcha aos pulos, e dous anteriores que ás vezes tambem servem para a marcha, mas com que ordinariamente imitam qualquer accionado feito em sua presença; estes quatro membros são limitados por mãos. Dotados de um instincto admiravel (o que se manifesta por muitos factos historicos) os quadromanos são animaes astutos, habeis, e de uma agilidade incontestavel; a sua residencia ordinaria é nos bosques, e nutrem-se de fructos.

«Conhecem-se hoje muitos generos de quadromanos, mas todos reduzidos a 2 grupos: *macacos* e *lemures*.

«Os *macacos do antigo continente* tem os olhos dirigidos para diante, ventas separadas, dez molares em cada maxilla, calos nas nadegas, e as especies mais notaveis são os *jochós*, e os *orangos-tangos*.

«Os *macacos do novo continente* ou *americanos* tem doze molares em cada maxilla, olhos obliquos, não tem calos, mas possuem uma cauda longa, que lhes serve de 5.ª mão. Por exemplo os *sataias*, os *saguins*, etc.

«Os *lemures* tem incisivos na maxilla inferior, molares agudos e proc-

minentes, o corpo coberto de um pello lansudo e longo, um focinho de raposa, cauda comprida: habitam muito a ilha de Madagascar, são animaes nocturnos, e de uma indole feroz, tudo indica n'esta especie ao naturalista, ser ella o ponto de transição dos quadromanos para os carniceiros.» (Silva Junior, *Lições de zoologia elementar*).

MACAU. «Nas costas da China, e no golfo onde se lança o rio Tigre, surge do seio do mar uma ilha montanhosa, chamada pelos chins Negao-Men. Tem dez leguas de comprimento. Na extremidade oriental d'esta ilha está edificada a cidade de Macau.

«A historia d'esta nossa possessão é tão honrosa para Portugal, que a adquiriu, como para o imperio da China, que lhe cedeu esse territorio. Da parte dos portuguezes significa um serviço importante de leaes amigos prestado á China em occasião de apuro. Da parte dos chins representa um acto de gratidão nacional por esse serviço.

«Na primeira metade do seculo XVI, estando recentes as nossas primeiras relações com o celeste imperio, foram as costas d'este paiz infestadas por piratas, que commettendo roubos e horriveis carnificinas, espalhavam o terror por todos os mares e portos do imperio. O numero e a audacia dos piratas zombaram do poder do imperador Khang-Hi, tornando-lhe inuteis todos os seus esforços. O mal cresceu a ponto, que ameaçou acabar inteiramente com o commercio maritimo da China.

«Foi n'estas criticas circumstancias, que os portuguezes se resolveram a perseguir os piratas; e com tal denodo o fizeram, que em pouco tempo os aniquilaram completamente.

«Em recompensa d'este immenso serviço concedeu-lhes o imperador Khang-Hi uma porção de territorio na ilha Negao-Men para ahi estabelecerem uma feitoria. Era isto o que os portuguezes muito desejavam, e em vão tinham solicitado, não tendo obtido até então mais que a permissão de negociarem e residirem nos portos chinezes de Liampo, Chincheo, e Lampação.

«N'esta concessão, porém, não se esqueceram os chins da sua proverbial astucia e desconfiança, regulando as cousas de modo que os portuguezes não podessem para o futuro estender o seu dominio além dos terrenos concedidos.

«Designando-lhe para a sua feitoria uma estreita orla de terra na ilha de Negao-Men, deram-lhes um ponto de importancia para um estabelecimento commercial pela situação geographica da ilha, collocado na desembocadura de um dos maiores e mais importantes rios do imperio, e no qual está a cidade de Cantão, que era e foi por muito tempo a unica porta da China para o commercio maritimo com a Europa. Separando aquella orla de terra do resto da ilha com uma alta muralha de pedra, prohibindo os portuguezes com graves penas a passagem d'essa linha divisoria, e vigiando com numerosas forças e olhos d'Argos o cumprimento d'essa prohibição, precaveram-se contra quaesquer projectos de futuras invasões.

«Se este presente nos fôra dado hoje, ficaria, talvez, para sempre o que primitivamente era, uma estreita lingua de terra, meia eriçada de rochedos, meia coberta de areias. Porém n'aquella época era tal o esforço dos portuguezes, tão firme, tão energica e perseverante a sua vontade, que apesar de todos os estorvos e difficuldades conseguiram transformar os inhospitos rochedos e esteril praia em uma cidade bella, populosa, e rica.

«Em breves annos se estendeu pela praia longa fileira de casas e armazens de agradavel aspecto, sobresahindo alguns formosos edificios publicos; e fez-se rosto ao mar com um extenso caes de cantaria. Coroaram-se os montes sobranceiros com alguns conventos e fortes. Arborisaram-se as encostas, e plantaram-se hortas e jardins em derredor da povoação. D'est'arte ao aceno do genio portuguez se ergueu quasi de improviso d'entre rochas e areias a cidade

do Santo Nome de Deus de Macau, que teve começo pelos annos de 1557.

«Como fosse um estabelecimento puramente commercial, no seu principio era governado á vontade dos moradores, que escolhiam d'entre si um chefe com o titulo de capitão-mór.

«Sendo elevada a nascente povoação á categoria de cidade no anno de 1583 ou 85, foi então creado o senado da camara, que ficou regendo a colonia, sujeito ao governo da India.

«As frotas de Lisboa, de Goa, e de Malaca, e as relações commerciaes com a China, fizeram rapidamente populosa e florescente a cidade de Macau.

«Cresceu e durou esta prosperidade em quanto Portugal se conservou independente e respeitado na Europa, e poderoso e influente na Asia. Mas logo que immerecido infortunio lhe fez dobrar a cerviz ao jugo de Castella, derrocou-se instantaneamente o imperio portuguez asiatico.

«Despojado do predominio dos mares, em breve perdeu a sua supremacia na India. Os inglezes e hollandezes, desaffrontados de tão terrivel competidor, apresentaram-se potentes n'aquellas regiões, onde o ciume dos portuguezes os havia já combatido, e d'onde tinha conseguido expulsal-os. A cidade de Cantão abriu em fim as suas portas aos novos hospedes. O commercio da China mudou de rumo, e Macau foi cahindo em progressivo abatimento.

«Varias tentativas feitas pelos hollandezes para se apoderarem da cidade fizeram conhecer a necessidade de se estabelecer n'ella um governo militar. Foi então enviado de Goa para a defender D. Francisco Carrasco; ao qual se succedeu D. Francisco Mascarenhas, o primeiro que para alli foi com o cargo de governador e capitão general.

«Em junho de 1622 surgiu em frente de Macau uma esquadra hollandeza de quinze naus, disposta a tentar um desembarque contra a cidade, e no dia 20 lançou em terra oitocentos homens bem armados. A guarnição da cidade constava apenas de duzentos soldados, mas houve-se com tal bravura, que o ataque foi victoriosamente repellido, e o inimigo mal póde recolher ás naus uns duzentos homens, deixando o resto morto no campo, ou prisioneiro de guerra.

«Esta grande victoria foi causa, sem duvida, de que ficassem escarmentados os que nos cubiçavam aquella colonia. O que é certo é que não tornou a ser affrontada pelo inimigo.

«D'este ataque veio-nos comtudo um proveito. O governo chim, vendo o perigo, que a cidade correu, e considerando nos inconvenientes, que podiam resultar para o imperio se os hollandezes conseguissem apossar-se de Macau, consentiu em que se fortificasse a cidade. D'ahi datam pois as primeiras obras de defensa. Porém a sua decadencia foi por diante, e com ella lhe sobreveio um novo opprobrio e vexação, o poder dos mandarins estabelecido em Macau.

«Os fundadores de Macau tinham sabido crear pela sua actividade e energia uma situação prospera para a colonia. Mas os seus descendentes, amollecidos pelo clima e pelos gozos da riqueza, foram trocando os habitos activos da Europa pela indolencia e apathia das raças asiaticas. Achando nos chins bons operarios, habeis corretores, e caixeiros intelligentes, foram pouco a pouco descançando n'elles, encarregando-os de quasi tudo quanto era trabalho. A remuneração liberal d'esses serviços foi attrahindo á cidade, primeiramente a classe laboriosa da parte chineza da ilha, e mesmo do continente; depois innumeraveis vadios e malfeitores.

«D'este modo a população chineza de Macau em pouco tempo excedeu muito a portugueza. Em quanto o nosso pavilhão fluctuou triumphante no oriente; em quanto Portugal se fez respeitar em suas possessões ultramarinas por meio das tropas regulares, que lhes enviava, e n'ellas mantinha, houve socego em Macau. Os ricos mandavam á sua vontade. Os operarios trabalhavam satisfeitos, mas com sujeição. Os proletarios faziam o me-

nor mal possivel, porque temiam a espada da justiça.

«Porém logo que a decadencia da mãi patria se fez sentir nas colonias, desataram-se todos aquelles laços, e rebentaram na cidade graves desordens entre os chins e os portuguezes. O mais leve pretexto servia de signal de revolta, que ao principio era reprimida a custo, e depois, pela continuação de taes actos, desconceituada e sem força a authoridade, crescia e rompia em todo o genero de excessos e violencias. N'estas crises as pessoas abastadas e principaes da terra viam-se obrigadas a refugiar-se nos fortes para salvarem a vida, deixando as suas casas e estabelecimentos entregues á pilhagem.

«Foi no meio dos progressos d'este flagello, que as authoridades e população portuguezas de Macau invocaram o auxilio das authoridades chinezas contra os chins rebellados. Assim se estabeleceram n'aquella cidade a intervenção, e mais tarde a influencia e supremacia dos mandarins.

«Tão longe foi o abuso d'esta intervenção, que a cidade de Macau ficou portugueza apenas no nome, e n'um simulacro de authoridades nacionaes. Não se fazia alli cousa alguma sem a annuencia dos mandarins. A seu bel prazer lançavam e cobravam tributos; concediam ou negavam licença para se edificar ou reconstruir qualquer casa; fechavam o porto, quando lhes parecia; e obrigavam o governador da cidade a expulsar d'ella os estrangeiros com quem estavam em guerra, como succedeu com os inglezes em agosto de 1839, logo que começou a luta da Inglaterra com a China por causa da questão do opio.

«Este estado precario e humilhante melhorou consideravelmente depois d'aquella guerra. Os chins, em parte pelo abatimento moral em que os deixaram os triumphos dos inglezes, e as arduas condições da paz, em parte por benevolencia com os visinhos, que nunca os incommodaram, prestaram-se a fazer varias concessões exigidas pelos governadores de Macau.

«Para tratar d'este negocio veio á cidade um mandarim enviado pelo alto commissario de Cantão, o celebre Lyn. Ajustou-se, pois, e levou-se a effeito um tratado pelo qual augmentaram as immunidades de Macau, e se coarctaram as intervenções chinezas.

«O commercio d'esta nossa possessão, que tivera um grande desenvolvimento durante a luta da Inglaterra com a China, cahiu na maior prostração assim que pelas condições do tratado de paz foram abertos cinco portos d'este imperio ao commercio de todas as nações. Para obviar a este mal foram tomadas varias providencias, sendo a mais importante a que declarou porto franco a cidade de Macau.

«A nomeação e chegada a Macau do novo governador Ferreira do Amaral, no anno de 1844, assignalaram o começo de uma nova época para esta cidade. As importantes reformas, que concebeu, e poz em pratica, e a posição resoluta e energica que tomou em presença dos chins, acabaram de emancipar a colonia da vergonhosa tutela das authoridades chinezas.

«Principiando por collocar o porto militar de Macau em um pé respeitavel, acabou com os impostos lançados em proveito do governo chinez, e despojou as suas authoridades da influencia e jurisdicção, que exerciam na cidade. Estas medidas excitaram grande agitação, e longa resistencia da parte dos chins. Porém a coragem e perseverança do governador venceram todas as difficuldades, consolidando as reformas, e tranquillisando a povoação.

«Por infelicidade, quando esta nossa possessão assim se ia levantando do extraordinario abatimento moral a que chegou; quando começava a restaurar-se economicamente por effeito da franquia do seu porto, e de outras providencias illustradas; sobrevieram dous attentados, um após outro, que encheram a cidade de consternação, expondo-a a perder todos esses beneficios tão custosamente adquiridos.

«O primeiro d'aquelles attentados foi a violação flagrante e escandalosa do seu territorio, e o menoscabo da authoridade por parte da guarnição de uma fragata ingleza, que se achava surta no porto, e que desembarcando armada accommetteu a cadêa publica, e á viva força tirou d'ella, e levou para bordo um seu patricio e companheiro, que fôra preso por se não querer descobrir, sendo advertido, diante do Santissimo Sacramento na occasião de passar a procissão do Corpo de Deus.

«Succedeu este escandalo em 1849. No mesmo anno aconteceu o segundo attentado, que se seguiu de perto ao primeiro, e que foi, talvez, um triste resultado d'este.

«No dia 22 de agosto, tendo sahido a passeio, a cavallo, o governador Amaral, foi barbaramente assassinado por alguns chins junto á porta da muralha, que separa o territorio portuguez do da China, e na presença de um posto militar d'esta ultima nação. Este facto augmentou de gravidade pelos justos motivos que houve para se suppor, que as proprias authoridades de Cantão não eram estranhas á perpetração de semelhante crime.

«Viu-se então a cidade exposta a grandes perigos. A população chineza, que é a principal, assumiu um aspecto ameaçador; e a portugueza, incomparavelmente menor, possuiu-se de um terror panico desmedido. Todavia, graças ao estado de defensa em que o fallecido governador deixara a cidade, e á disciplina que introduzira na tropa; e graças tambem ao apoio prestado por alguns navios de guerra britannicos alli estacionados, livrou-se Macau da anarchia e da invasão chineza, que lhes estiveram propinquas nos primeiros dias, que se seguiram áquella catastrophe. Depois acudiram alli embarcações de guerra e tropas regulares enviadas de Goa, com que ficaram asseguradas a paz e tranquillidade da colonia.

«O novo governador, tendo a cidade bem guarnecida de tropa, e defendida, além da artilheria dos fortes, por uma fragata e duas corvetas de guerra portuguezas, exigiu das authoridades chinezas de Cantão uma reparação do insulto por meio da entrega dos criminosos. Ao cabo de muitas delongas, e tergiversações do mandarim de Cantão, foi-nos dada uma satisfação, se não completa, comtudo aceitavel. Os criminosos, ou pelo menos uns miseraveis indigitados pelo mandarim como authores do delicto, foram justiçados na cidade de Cantão.

«Posteriormente restabeleceu-se a boa harmonia entre os governos chinez e portuguez, e do mesmo modo entre os subditos das duas nações residentes em Macau.

«As guerras em que a Grã-Bretanha e a França, entraram como alliadas contra a China nos annos de 1854 e 1860, serviram de tornar mais firme aquella harmonia, e de proporcionar a Portugal, em virtude de um recente tratado, iguaes favores aos que o celeste imperio concedeu obrigado pelas armas aos francezes e inglezes.

«O movimento commercial, que houve em Macau durante aquellas duas guerras, posto que transitorio, benefico e importante em resultados; e além d'isso aquelles favores concedidos, e uma melhor administração economica na colonia, teem melhorado muito a sorte de Macau, e promettem-lhe um futuro prospero.

«A cidade de Macau tem por brasão as armas reaes em escudo de prata, e em volta o seguinte letreiro: *Cidade do Nome de Deus, não ha outra mais leal.*

«A etymologia do nome de Macau vem de duas palavras chinezas, *Ama* e *Cau*. A primeira designa o idolo de um pagode, que alli havia desde tempos remotos. A segunda quer dizer *porto*. Começando os portuguezes a chamar ao sitio *Amacau* logo que ahi se estabeleceram, deram depois á cidade com pouca differença o mesmo nome.

«Compõe-se a administração de Macau de um *governador* nomeado de tres em tres annos, e que actualmente é o senhor conselheiro Francisco Isidoro Guimarães, capitão de fragata; e de um *conselho de governo*, pre-

sidido pelo governador, e do qual são membros o juiz de direito, o official militar de maior patente, o escrivão de fazenda, o presidente da camara e o procurador da cidade.

«O governo de Macau é subordinado ao governador geral da India, mas tem por subalternos os governos de Solor e Timor.

«A repartição da justiça consta de uma *junta de justiça*, que tem por presidente o governador, e por vogaes o juiz de direito, o commandante do batalhão de artilheria, o presidente da camara, os dous juizes ordinarios, e o procurador da cidade. *O juizo de direito* é formado pelo juiz de direito, juiz substituto, e delegado do procurador da corôa e da fazenda. A instancia superior é a relação de Goa.

«Ha mais na cidade uma *junta de fazenda*, a *repartição de saude publica* com um cirurgião-mór, e um *capitão do porto*. *A camara municipal* goza seu antigo titulo de *leal senado de Macau*.

«A guarnição da cidade consta de um batalhão de artilheria, e de outro batalhão de infanteria.

«Macau está situada a vinte e dous graus e treze minutos de latitude norte, e a cento e treze graus e trinta e dous minutos de longitude éste. Dista cincoenta milhas, pouco mais ou menos, da foz do rio Tigre, umas oitenta da cidade de Cantão, e quarenta da ilha de Hong-Kong, onde os inglezes teem um importante estabelecimento. A sua distancia de Lisboa em linha recta é de 1400 leguas, e pelo Cabo da Boa Esperança 3200.

«O aspecto da cidade, visto do porto, é mui formoso e pittoresco. Está edificada em amphitheatro sobre uma extensa bahia. Parte d'ella, sentada á beira do mar, ostenta uma longa fileira de casas construidas ao uso da Europa, resplandecentes de alvura, e algumas com seus adornos architectonicos. Outra parte eleva-se sobre uma collina pedregosa, mediando entre ambas os palmares e mais arvores dos quintaes e jardins. Finalmente coroam-se os montes sobranceiros á cidade com fortalezas, conventos, e templos, que contrastam com as negras rochas graniticas, que lhes servem de base.

«Os trajos variados, e na maior parte de côres garridas, da população chineza, que percorre as ruas e anima os caes; a diversidade de embarcações, que estanceam no porto, muitas de fórmas singulares e exquisitas, empavezadas de flammulas e bandeiras multicôres; e em fim os resplendores do sol, e a pureza da atmosphera em dias claros, dando brilho e realce a tudo isto, completam um quadro, que surprehende e encanta os viajantes.

«A bahia, posto que não offereça ancoradouro perfeitamente seguro, pelo menos em certas épocas do anno, é ampla, e quasi que fechada pelos cabos escarpados das montanhosas ilhas Lantow e Lintin.

«O porto propriamente dito é muito abrigado; porém é tão pequeno que pouco mais poderá acommodar de vinte embarcações, e apenas tem duas braças e meia de profundidade á entrada. Porém a tres milhas da cidade para o lado do sul ha um bom ancoradouro chamado da Taipa, ou Typa, que fica entre duas pequenas ilhas, e no qual podem surgir e estacionar com segurança quaesquer navios de grande porte.

«É importante o commercio de cabotagem, que se faz de um lado até Chan-gai, e do outro até ao golfo de Sião e ás Molucas, em cuja navegação se empregam alguns barcos movidos a vapor, juncos, e lorchas. Estas ultimas occupam-se em Macau, ás vezes, quando andam piratas na costa, a comboyar os juncos, e n'esse caso são commandadas por portuguezes, esquipadas por chins, e armadas com uma ou mais peças de artilheria. Segundo um documento official, possuia o porto de Macau em 1859 tres vapores, cinco navios de alto bordo armados ao uso da Europa, e trinta e cinco lorchas, ao todo quarenta e tres embarcações com 5560 toneladas.

«Entre Macau, Cantão, e Hong-Kong, onde chegam as malas da Europa, ha carreiras regulares feitas por barcos a vapor, que fazem a viagem

em cinco horas, ou por lorchas, e outros barcos chinezes chamados Fast-boats.

«Defendem a bahia e o porto tres fortes, o principal é denominado S. Thiago da Barra. É guarnecido com trinta canhões. Tem uma fonte com boa nascente, e acommoda trezentos soldados. Para o lado de terra, mas dominando igualmente o mar, defendem a cidade outras tres fortalezas. A mais importante é a de *S. Paulo do Monte*. Tem assestadas quarenta peças de artilheria, e encerra quatro fontes de agua nativa, uma cisterna, casamatas e quarteis para mil soldados.

«Divide-se a cidade em duas partes distinctas; uma habitada pelos portuguezes e estrangeiros europeus; a outra em que reside a povoação chineza. Esta é a continuação d'aquella para o lado de noroeste.

«São tres as parochias: a *Sé*, que é a mais populosa, *S. Lourenço*, e *Santo Antonio*. A cathedral é um bom templo, porém de architectura pesada. Foi fundada por D. Belchior Carneiro, jesuita, nomeado bispo do Japão pelo papa Pio V, e fallecido em Macau no anno de 1583. O bispado de Macau foi erecto a instancias d'el-rei D. Sebastião pelo summo pontifice Gregorio XIII, por bulla de 10 de fevereiro de 1575, e foi D. Belchior o seu primeiro prelado.

«Os outros edificios religiosos são: a casa da misericordia, com um *recolhimento annexo de donzellas pobres;* o *convento de Santa Clara*, de freiras franciscanas; duas *ermidas*, sendo uma da invocação *de Nossa Senhora da Penha*, outr'ora fortaleza, e situada em lugar alto entre dous fortes; e os edificios dos extinctos *conventos de S. Domingos*, que pertenceu á ordem dos prégadores, *de Santo Agostinho*, que foi de eremitas do dito santo, e de *S. Francisco*, que era de frades franciscanos.

«Os jesuitas tiveram tambem alli um sumptuoso collegio da invocação de *S. Paulo*, edificado no anno de 1602 no mesmo sitio, onde tinham um hospicio formado em 1565, e incendiado annos depois. Pela extincção da companhia de Jesus ficou pertencendo o edificio do collegio de S. Paulo ao senado de Macau. Em 26 de janeiro de 1834, servindo então de quartel de tropa, foi destruido por um violento incendio. No recinto da incendiada igreja estabeleceu-se posteriormente o cemiterio publico.

«Além d'estes os principaes edificios são: *o palacio do governador*, na Praia Grande, em frente de um bello caes; a *alfandega ;* a *casa do senado;* a *casa da companhia ingleza das Indias orientaes ;* o *paço episcopal;* e dous pagodes chinezes.

«A casa da companhia das Indias está edificada sobre o caes. É um rico palacio coroado de balaustrada, sendo o corpo central ornado de quatro columnas, e um frontão.

«O paço episcopal occupa o convento de Nossa Senhora da Guia, situado dentro da fortaleza do mesmo nome, que se ergue sobre uma montanha alcantilada, dominando a cidade e a bahia. Goza-se d'alli um panorama admiravel, e a seu turno o paço acastellado dá realce á perspectiva de Macau.

«Ha em Macau quatro pagodes principaes, dous nas aldeias de Moha e Patane, outro no caminho que vai de Patane para a *Porta do Cêrco*, e o quarto proximo da fortaleza de S. Thiago da Barra. Os dous ultimos são os melhores, e sobre todos o da barra, que reune a uma construcção mais sumptuosa, a belleza do sitio, e o effeito pittoresco produzido pelas suas diversas capellas, dispostas com muita arte e bom gosto em amphitheatro por entre grandes penedos e frondosas arvores.

«Tem Macau tres hospitaes, dous civis, e um militar; e os seguintes estabelecimentos de instrucção publica: o *seminario de S. José*, antigo collegio de catechumenos chins, no qual se ensina theologia, philosophia, latim, e chinez, e é frequentado por uns trinta seminaristas; o *asylo de Santa Rosa*, onde são educadas umas cem meninas; *uma escóla de mathematica, das linguas latina, franceza e ingleza,*

de lêr e escrever, instituida em 1847 pelo senado, e cujo movimento regula por cento e cincoenta discipulos.

«Possue um museu de historia natural, que encerra tambem varios objectos curiosos relativos ás artes e sciencias d'aquelles paizes.

«Tambem tem uma typographia, e um jornal official, intitulado *Boletim do governo de Macau.*

«O *cemiterio catholico* é, como dissemos, no recinto da incendiada igreja de S. Paulo. Serve-lhe de frontaria e de entrada o frontispicio do templo, que as chammas pouparam, e se acha em bom estado de conservação. É uma fachada grandiosa pelas suas proporções, adornos e materiaes. Porém a sua archictetura é falta de gosto, e sobrecarregada de decorações. Compõe-se de quatro corpos de differentes ordens de archictetura. O primeiro é adornado de dez grandes columnas jonicas, entre as quaes se abrem tres portas, que dão entrada para o cemiterio. O segundo é decorado com outras dez columnas da ordem composita, e quatro estatuas mettidas em nichos. O terceiro tem por ornatos seis columnas corinthias, uma estatua de Nossa Senhora em um nicho cercado de figuras de anjos, quatro quadros com baixos relevos de figuras symbolicas, e ainda outras decorações. O quarto corpo é ornado de quatro columnas, tres estatuas, e diversos emblemas da paixão de Jesus Christo, tendo por corôa um frontão, em cujo tympano se vê representado o Espirito Santo.

«O templo de S. Paulo foi uma das mais ricas e notaveis construcções, que os jesuitas levantaram no oriente. Era o principal monumento de Macau, e tinha celebridade n'uma grande parte da Asia.

«Para a edificação do cemiterio demoliram-se as paredes lateraes da igreja até meia altura, e construiram-se junto d'ella dous lanços de galerias abobabadas, sustentados por pilares. A parte superior é um terrado, e serve de passeio; na parte inferior abriram-se catacumbas nas paredes, e sepulturas no pavimento. No lugar occupado outr'ora pela capella-mór edificou-se a capella do cemiterio. O que era recinto da antiga igreja está arruado e plantado de cedros.

«Este cemiterio é administrado, e foi feito pela confraria da misericordia no anno de 1837, sob a direcção do padre Joaquim José Leite, superior do collegio de S. José.

«O *cemiterio dos chins* é em sitio ermo. Os seus tumulos alvejam por entre latadas de flôres.

«As ruas da cidade são pela maior parte tortuosas, estreitas e pouco aceadas, principalmente as que ficam mais proximas ao mar, todavia em outro tempo foram muito mais immundas. As casas, construidas de pedra, e caiadas exteriormente, teem uma apparencia regular, e mostram aceio. Algumas, edificadas no gosto singelo e elegante da architectura ingleza, e pertencentes a subditos da Grã-Bretanha, são de mui agradavel aspecto. Onde se veem mais casas d'esta architectura é na Praia Grande, á beira-mar, sobre um caes extenso e magnifico, com desembarcadouros commodos. É o melhor e mais lindo sitio da cidade.

«Macau é perfeitamente abastecida não só dos mantimentos necessarios á vida, mas tambem de muitos de regalo. Acha-se sempre provida de excellentes carnes, de muita variedade de aves, peixes, hortaliças, legumes, e fructas. Recebe todas, ou quasi todas estas provisões do territorio chinez, circumstancia que obrigará em todos os tempos o governo e os moradores de Macau a procurarem viver em boa harmonia com o celeste imperio.

«Tem esta cidade bons mercados cobertos, e d'estes o melhor em edificio, e mais notavel pela variedade e valor das mercadorias, que expõe á venda é o *bazar chinez*. Os chins teem singular geito para fazerem exposição de productos de industria. Sabem dispol-os com verdadeiro gosto artistico, e de maneira a fazer realçar cada um dos objectos. Tanto no bazar como nas lojas observam á risca esta pratica.

«O commercio é a industria quasi exclusiva de Macau, pois que não tem fabricas, nem terrenos para lavoura. Todavia possue algumas pequenas industrias manufactoras muito aperfeiçoadas, posto que exercidas, em geral, pelos chins. Os trabalhos em que estes artistas mais sobresahem são os da ourivesaria, e os da esculptura em marfim, tartaruga, e madeira, de que fazem artefactos de pasmosa delicadeza.

«Os arrabaldes da cidade são limitadissimos, pois que todo o territorio, que ahi possuimos, mal chega a ter uma legua de comprimento, e meia na sua maior largura, acrescendo a isto a ingratidão do solo. Entretanto contam-se em volta da cidade varias hortas e jardins, e tres aldeias habitadas por chins.

«Ha em Macau uma curiosidade natural, e ao mesmo tempo sitio historico de mui subido apreço. É a *gruta de Camões*, onde o principe dos poetas portuguezes, inspirado pelo amor da patria, compoz alguns cantos, ou deu os ultimos traços no seu poema sublime, os Lusiadas, com que glorificou Portugal, e se immortalisou a si proprio.

«É formada esta gruta por grandes rochedos, com duas entradas divididas por um penedo de figura conica, no qual descança a parte superior da rocha. Sobre a gruta está um esbelto pavilhão ou mirante, d'onde se descobre em dilatado horisonte a bahia e a cidade de Macau, e parte do porto da Taipa, ou Typa, sempre animado por uma immensidade de navios europeus e barcos chinezes.

«Acha-se esta gruta em um quintal particular. O seu actual proprietario, o snr. Lourenço Marques, mandou ha pouco fazer em Lisboa um busto em bronze do grande poeta para ser collocado n'aquella celebre lapa. Esta obra está concluida, e brevemente partirá para o seu destino. Foi feito o modêlo pelo snr. Bordallo Pinheiro, e os trabalhos de fundição foram executados nas officinas do arsenal do exercito pelo snr. Felisberto José Pereira.

«Está feito o busto com bastante perfeição. Tem de peso 49 kilogrammas.

«A população de Macau tem tido muitas e grandes variações em resultado de alguns acontecimentos de Portugal, e ainda mais dos successos de que tem sido theatro a China desde o anno de 1842, em que a expedição ingleza, ao cabo d'uma curta luta, conseguiu fazer abrir aos europeus os portos do celeste imperio. A emigração dos chins do territorio do imperio para dentro da cidade, ou d'esta para outra qualquer parte, é que fórma aquellas grandes variações.

«Em certas épocas chegou Macau a não ter mais de dez mil moradores. Quando a guerra assolou Cantão em 1854, elevou-se aquelle numero a mais de sessenta mil. Presentemente poder-se-ha calcular em trinta e cinco mil almas a totalidade da população, sendo cinco a seis mil portuguezes, vinte e cinco a trinta mil chins, e quinhentos a seiscentos estrangeiros em grande parte inglezes, francezes, americanos, e hollandezes.

«A salubridade do clima, a bondade e variedade dos viveres, e tambem a belleza do sitio, attrahem a Macau em certa época do anno muitos negociantes inglezes de Hong-Kong, que a procuram como lugar de repouso e de recreio. Assim tambem serve muitas vezes de hospedaria ás legações européas na China. D'este trato tem colhido a cidade muitos proveitos, d'entre os quaes mencionaremos a edificação de lindas casas de campo, e a introducção de muitas commodidades e confortos da vida, hoje usados na Europa.» (Vilhena Barbosa).

MACEDO (Antonio de Sousa de). «Não tem sido modernamente muito elogiado, posto que demasiado conhecido entre nós, este insigne portuguez, que foi sem duvida um dos maiores ornamentos do seculo XVII, e um dos mais ferteis genios, que produziu a nossa patria, como poeta, moralista, jurisconsulto politico e diplomatico.

«Antonio de Sousa de Macedo era

de familia oriunda da nobre villa de Amarante, mas nasceu em 15 de dezembro de 1606 na cidade do Porto, e foi baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Victoria. Seus paes foram Gonçalo de Sousa de Macedo, fidalgo da casa real, desembargador dos aggravos na casa da supplicação, juiz da corôa e da fazenda, e contador-mór do reino, e D. Margarida Moreira, descendentes ambos de familias illustres.

«Contava poucos annos quando seu pai o trouxe para Lisboa e o mandou estudar no collegio de Santo Antão, onde aprendeu as humanidades; fazendo grandes progressos nas sciencias maiores. Em seguimento passou para a universidade de Coimbra, e alli se formou na faculdade de direito. Aos vinte e dous annos de idade publicou uma composição sua que intitulou — *Flores de Hespanha e excellencias de Portugal*. — Esta obra foi mui bem recebida pelos sabios coevos, é escripta em lingua castelhana e teve duas edições, uma em 1631 e outra em 1737.

«Pouco depois da sua formatura deixou a universidade, e veio para a côrte aonde exerceu um dos lugares de desembargador de aggravos na casa da supplicação. Distinguiu-se n'este lugar não só pelo seu saber, como pela rectidão, imparcialidade e justiça com que exerceu o nobre e difficil cargo de julgador.

«Tão versado na politica, como o era na jurisprudencia, foi nomeado secretario d'embaixada quando em 1641 D. Antão de Almada obteve a nomeação de embaixador junto á côrte de Inglaterra. Acabava por essas épocas Portugal de se emancipar da dominação dos Philippes, que haviam tornado este paiz uma mera colonia hespanhola, sem gozar sequer de nenhuma das vantagens que essas gozavam sob o dominio da mãi patria. Sessenta annos d'escravidão, de vituperio e affrontas nos custaram os erros e os delirios dos nossos governantes, e d'essa escravidão veio livrar-nos o feito de João Pinto Ribeiro, e da flôr da nobreza que o ajudou em um só dia a lavar esses sessenta annos de affrontas.

«As intrigas e insidias de Castella, que viu no 1.º de dezembro de 1640 cerceado o seu grande poderio, eram postas em movimento; e na Europa as grandes potencias não reconheciam ainda a dynastia de Bragança, chamada ao throno por esse feito sublimado que retumbára por toda a Europa. D. Antão de Almada, e Antonio de Sousa de Macedo, incançaveis na defesa do seu soberano, empregaram a penna e a voz; e a seus esforços em parte se deveu o reconhecimento pela Inglaterra dos direitos do duque de Bragança. Foi por essa occasião que Macedo publicou em latim as suas obras intituladas — *Lusitania liberata ab injusto castellanorum dominio, restituto legitimo principi serenissimo Joanni* IV. *Londini 1645* — e a carta ao papa Urbano VIII sobre o mesmo assumpto. Por essa época respondeu em lingua castelhana ao manifesto que a favor do rei de Castella publicára o seu chronista D. Joseph Pellizer. Assim n'aquelles tempos foi disputado pela penna, que não menos pela espada, o direito á corôa portugueza, cabendo a Macedo grande parte da gloria e denodo com que advogou a justiça da causa do seu soberano.

«Tão relevantes serviços foram premiados com a nomeação de embaixador aos estados da Hollanda, para onde partiu no anno de 1651. Esta melindrosa embaixada soube elle desempenhar zelando os interesses da monarchia, e oppondo-se sagazmente ás exagerações dos hollandezes.

«Pela morte de D. João IV foi Macedo restituido á patria com a gloria de ter concluido feliz e honrosamente as negociações de que fôra encarregado. Achou então no throno o malfadado Affonso VI, que por certo não merecêra o seu triste fim! Não é este o lugar proprio para examinar se elle foi com effeito mais desgraçado que vicioso, basta que memoremos o seu exemplo, que alto brada aos principes, e lhes amostra o peri-

go de se entregarem a validos, e de afastarem de si o amor do povo que governam.

«Affonso, apreciador dos talentos, inteireza e experiencia, que se reuniam na pessoa de Antonio de Sousa de Macedo, nomeou-o no anno de 1663 seu secretario d'estado, fazendo-lhe mercê das commendas de S. Thiago de Souzellas da ordem de Christo, e Santa Eufemia de Penella da ordem d'Aviz; concedeu-lhe além d'isso a alcaidaria-mór da villa de Freixo de Numão.

«Um dos nossos mais eruditos biographos fallando d'este insigne portuguez, diz: — «Que entre lugares tão honorificos Macedo sempre conservára o animo igualmente humano e benevolo para todos, princialmente para os maiores emulos da sua fortuna, admirando-se a imperturbavel serenidade do seu coração no fatal anno de 1668, em que com as revoluções da côrte foi tentada com rigoroso exame a sua constancia.» — Aqui allude o biographo á regencia de D. Pedro II, ao seu casamento, ao divorcio da princeza de Nemours, e ás outras occorrencias memoraveis d'essa época, nas quaes parece que Macedo não tomára parte.

«Falleceu no 1.º de novembro de 1682, quando contava 76 annos de idade. Jaz sepultado em um sumptuoso jazigo ornado pelos lados de varios emblemas, e disticos latinos, na igreja do convento de Nossa Senhora de Jesus, outr'ora dos religiosos terceiros de S. Francisco. O mesmo jazigo encerra tambem sua mulher D. Marianna Lamarier, que, segundo indica o epitaphio latino, morrera no dia 4 de dezembro de 1682, isto é, 33 dias depois da morte de seu marido.

«Seria quasi impossivel transcrever n'este lugar os elogios que a este grande varão fizeram muitos escriptores coevos; basta que digamos que na sua *Harmonia politica* mostrou-se estadista — foi historiador na *Vida de Santa Rosa* — poeta no *Ulyssipo* — genealogista na *Genealogia Regum Lusitaniæ* — philosopho no *Dominio sobre a fortuna* — jurisconsulto nas *Decisões*, e na *Lusitania Liberata;* e versado na historia antiga e na moderna nas *Flores de Hespanha* e na *Eva e Ave*.

«O catalogo de suas numerosas obras póde vêr-se nos bibliographos, devendo nós citar, além das que mencionamos, as que são menos conhecidas. — O seu manifesto ácerca da prisão do infante D. Duarte, impresso em Lisboa no anno de 1642. — A relação dos festejos que tiveram lugar em Lisboa, por occasião do casamento da infanta de Portugal D. Catharina, com Carlos II, rei da Grã-Bretanha, impressa em Lisboa em 1662. — Razão da guerra entre Portugal e as Provincias-Unidas dos Paizes Baixos com a noticia da causa de que procedeu, impressa em Lisboa em 1657 — e os opusculos que intitulou, Mercurios portuguezes, ou relações dos successos militares entre Portugal e Castella resumidos a cada mez desde o principio do anno de 1663 até o fim do anno de 1697.

«Abstemo-nos de mencionar o restante de suas numerosas obras, por não o comportar o genero d'esta publicação, podendo os curiosos consultar o summario da Bibliotheca Lusitana, aonde miudamente as encontrarão enumeradas.» (P. M.)

MACEDO (Fr. Francisco de Santo Agostinho de). Nasceu em 1596, no lugar do Botão, duas leguas distante de Coimbra. Começou a carreira ecclesiastica na companhia de Jesus, mudou-se para a ordem de S. Francisco, e depois para a observancia chamada de Portugal. Andou por embaixadas, solicitando o reconhecimento do rei de Portugal D. João IV. Estando em França prégou em lingua franceza. Manoel Fernandes Villa Real arguiu-o de ignorar a lingua em que prégava, com desdouro da patria, e tambem o malsinou de pedir dinheiro a todos os homens notaveis. Fr. Francisco de Santo Agostinho vingou-se usurariamente, accusando de judaismo o seu detractor, a ponto de o fazer morrer queimado em o

auto de fé celebrado em Lisboa a 10 de outubro de 1652. Estando em Roma contendeu com o papa, á conta de motivos futeis, e passou despeitado a Veneza, onde defendeu (1658 e 1667) conclusões magnas sobre tudo que era possivel questionar. Deu-lhe a republica titulos litterarios de grande honra, e uma cadeira de philosophia moral na universidade de Padua, onde morreu em 1681. Deixou numerosas obras em latim, e poucas em portuguez, que não abonam a correcção do escriptor. Aquelle pomposo nome que tanto estrondeou no seculo, chega hoje tão esmorecido até nós que apenas podemos entender as homenagens que recebeu. Outros escriptores, coevos d'este frade, tendo servido distinctamente a religião e as letras, são hoje obscuros.

MACEDO (Padre José Agostinho de). «Foi primeiramente eremita Augustiniano, e professou este instituto no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 15 de novembro de 1778, tomando o nome de fr. José de Santo Agostinho. Falto de vocação para a vida claustral, suas travessuras, relaxação de costumes e actos reprehensiveis praticados com escandalo publico, e infracção das regras monasticas, o trouxeram em continua luta com seus confrades, durante mais de doze annos, boa parte dos quaes passou em successivas reclusões nos carceres da ordem, e transferencias de uns para outros conventos, até que aos trinta annos d'idade foi solemnemente expulso por sentença conventual, confirmada pelo definitorio, segundo as constituições e usanças fradescas, sendo-lhe despido o habito em acto de communidade, e fechadas sobre elle as portas do convento da Graça a 18 de fevereiro de 1792. Os effeitos d'esta sentença caducaram comtudo, por effeito de recursos que o expellido interpoz, tanto para os tribunaes civis, como perante a sé apostolica, da qual obteve breve de secularisação para passar ao estado de presbytero secular, como effectivamente passou, mediante a sentença executorial do mesmo breve, dada pelo ordinario a 20 de março de 1794. Exerceu por longos annos em Lisboa o ministerio do pulpito, levando a primazia aos prégadores do seu tempo, e colhendo d'elle meios sufficientes para sustentação, sem que jámais solicitasse emprego, ou beneficio ecclesiastico, posto que se affirmou, e talvez com bom fundamento, que a sua ambição se elevava até o episcopado. Homem de innegavel talento, e de vasta erudição, escriptor fecundissimo, como bem se deixa vêr de tantas e tão variadas producções, seria talvez mais querido dos contemporaneos, e a sua memoria melhor apreciada da posteridade, se o temperamento atrabiliario que n'elle predominava, um amor proprio excessivo, ainda que justificavel até certo ponto pela reconhecida inferioridade dos seus competidores, e mais que tudo os odios suscitados pelas querelas politicas, em que tomou com a penna tão activa parte nos seus ultimos annos, lhe não alienassem as sympathias de muitos, impossibilitando-os de assentarem a seu respeito um juizo recto e imparcial. Foi prégador regio nomeado em 1802, censor do ordinario nos de 1824 a 1829, socio da arcadia de Roma, e da ephemera academia das bellas-letras de Lisboa, com o nome de Elmiro Tagideu; deputado substituto ás côrtes ordinarias de 1822 pelo circulo de Portalegre; e finalmente nomeado pelo snr. D. Miguel substituto chronista do reino em 21 de junho de 1830.—Nasceu na cidade de Beja a 11 de setembro de 1761, e foi baptisado na igreja parochial do Salvador no 1.º de outubro, data que alguns biographos tomaram erradamente pela do nascimento. Morreu em Pedrouços a 2 de outubro de 1831, e jaz na igreja do convento de Nossa Senhora dos Remedios de religiosas trinitarias, sito no largo do Rato.» (Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico*).

As suas numerosissimas obras, grande parte esquecidas, e outras ape-

nas manuseadas de raros, offerecem provas de inconstestavel talento. Do poema *A Meditação* disse o insuspeito Garrett: «Pedirei uma venia para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, a Meditação do snr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz de entendêl-a. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, copia de doutrina, phrase portugueza, e grandes idéas só lh'o negará a cegueira ou a paixão.» (*Historia da lingua e da poesia portugueza*).

MACHADO (Simão). Ignora-se quando nasceu, na villa de Torres Novas. Em 1632 ainda vivia, frade franciscano, com o nome de fr. Boaventura Machado. Escreveu *Comedias portuguezas*, de que ha tres edições. Ainda assim, são pouquissimo conhecidas d'aquelles mesmos que cultivam a litteratura dramatica. «Foi um genio eminentemente dramatico — diz Costa e Silva — igual a Gil Vicente na facilidade do dialogo, e muito superior a elle na contextura dos dramas, na variedade dos lances, e no desenho e desempenho dos caracteres.» A vida monastica, posterior ás suas lucubrações poeticas, desviou de tão bem estreada carreira aquelle insigne talento. Como frade escreveu em castelhano um livro de cousas espirituaes, concernentes á vida mystica do jesuita Pedro Dias, impresso em 1632. É uma especie de poema com variadissimos metros em que reçumbra, sob outro aspecto, o engenho do dramaturgo.

MACHADOS. Tres homens, irmãos, d'este appellido honraram as letras portuguezas no seculo passado: Diogo Barbosa, D. José Barbosa, e Ignacio Barbosa. O primeiro é o author da *Bibliotheca Lusitana*, ainda hoje tão apreciada e encarecida pelos bibliographos, posto que a maior valia tenha desmerecido com a publicação do *Diccionario bibliographico* do snr. Innocencio F. da Silva. São tambem d'aquelle erudito investigador as *Memorias para a historia de Portugal que comprehendem o governo d'el-rei D. Sebastião..., desde o anno de 1554 até o de 1561*, 4 tom. em 4.º gr. Estas são as obras ainda hoje consultadas. Nasceu em 1687; falleceu em 1772. Foi presbytero secular, e abbade de S. Adrião de Sever no bispado do Porto. — D. José Barbosa, theatino, chronista da casa de Bragança (1674-1750). Foi escriptor de maior tomo que seus irmãos, quanto á pureza e elegancia da lingua, conforme o parecer de D. fr. Manoel do Cenaculo e outros indeclinaveis juizes. Tem grande merito os seus sermões, e grande utilidade o *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das rainhas de Portugal e seus filhos*. As muitissimas outras obras que viram a estampa merecem apenas a consideração bem entendida dos classificadores bibliographicos. — Ignacio Barbosa, presbytero depois de magistrado e viuvo. (1686-1766). Escreveu relações historicas, e *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania*, etc. (1745). Todos os seus escriptos são vernaculamente esmerados, e, com raras excepções, proveitosos aos estudiosos da sciencia historica.

MACHINAS. 1. As machinas são mais ou menos complexas. Denominam-se *simples* aquellas a que é possivel reduzir todas as outras; e *compostas*, as que não são senão combinações de machinas simples. Á primeira classe pertencem as cordas, as roldanas, a alavanca, o torno e o plano inclinado. Entre as machinas compostas contam-se a cunha, as rodas dentadas, o macaco, o parafuso, o parafuso sem fim, o cadernal, e mil outras combinações. Distinguem-se machinas *hydraulicas*, machinas para calcular e para coser, machinas electricas e de compressão, machinas pneumaticas, e finalmente machinas *de vapor*, que se dividem em machinas fixas (para as officinas), machinas de navegação (barco de vapor), *locomotivas* para os caminhos de fer-

ro, e em *locomoveis* para a agricultura.

2. Pelos fins do seculo XVII as experiencias de Taricelli e de Pascal sobre a pressão atmospherica, e a invenção da machina pneumatica por Otto de Guericke, tinham feito esperar no emprego da pressão do ar como força motora. O illustre sabio francez Denis Papin resolveu empregar, como motor directo, uma machina pneumatica construida em grandes proporções, e destinada, dizia elle, «para transportar a distancia a força dos rios.» Fizeram-se experiencias em 1687, em presença da sociedade real de Londres. Posto que não fossem bem succedidas, não deixaram de iniciar o principio sobre que assentam os caminhos de ferro atmosphericos actuaes. — Depois d'este revés, Papin ensaiou, sem melhor fortuna, o emprego da polvora para fazer o vacuo nos tubos das bombas. Finalmente, teve a idéa, que deu a immortalidade ao seu nome, de utilisar o vapor d'agua para conseguir o que não tinha podido obter por meio da polvora. No seu apparelho, Papin combinou pela primeira vez a força elastica do vapor da agua com a propriedade de que goza o vapor de se reduzir a liquido pelo arrefecimento; mas este apparelho nunca foi executado em grande escala, e as suas experiencias foram sempre feitas com pequenos modêlos. — Quinze annos depois, em 1705, dous inglezes, Newcomen e Towley, conseguiram a condensação do vapor por meio da agua fria; e a machina de Papin assim aperfeiçoada, foi empregada com utilidade em muitas officinas; mas, em consequencia da lentidão com que o vapor arrefecia e perdia sua força elastica, a machina tinha movimentos mui pouco rapidos, o que era um grave inconveniente. O acaso auxiliou os inventores. N'um dia, uma machina começou a oscillar com maior rapidez que de costume. Depois de muitas investigações para explicar o facto, descobriu-se que o êmbolo estava roto; que a agua fria cahia no cylindro em fórma de chuva; e que atravessando o vapor produzia a sua prompta condensação. A lição foi fructifera: supprimiu-se o arrefecimento pelo exterior, e adoptou-se o *crivo de regador*, que derrama uma chuva de agua fria por toda a capacidade do cylindro no proprio momento indicado pelo descenso do êmbolo. A partir d'esta época, os movimentos de vaivem do êmbolo adquiriram a velocidade desejavel. — James Watt, joven mecanico, inventou logo depois o *condensador* e a *machina de duplo effeito*. N'esta ultima, é a pressão do vapor, e não a da atmosphera, que opéra o descenso do êmbolo no cylindro. O vapor da caldeira vai livremente actuar pela parte superior do êmbolo e impelle-o para a parte inferior sem encontrar obstaculo, pois que, ao mesmo tempo, a capacidade inferior do cylindro está em communicação com o condensador, cujo fim é attrahir a si todo o vapor pela *condensação*. No movimento contrario, depois de aberta uma torneira, o vapor proveniente da caldeira, como só póde ir actuar pela parte inferior do êmbolo, fal-o elevar, pois que o vapor contido na parte superior, e que tinha produzido o movimento de descenso, foi agora liquidificar-se no condensador, com que está alternativamente em communicação. No bom exito da machina *de condensador* de Watt só tem partilha a *machina de alta pressão* inventada no principio do seculo XIX pelo constructor americano Ewans. N'esta machina, o vapor proveniente da ebullição da agua dirige-se para um corpo de bomba no qual se move um êmbolo; injectando, alternativamente e sem cessar, uma corrente de vapor pela parte inferior e superior do êmbolo, e fazendo tambem alternativamente o vacuo de vapor na parte do cylindro opposta áquella em que o vapor exerce sua pressão sobre o êmbolo, obtem-se um movimento continuo de elevação e descenso d'este no corpo de bomba.

3. As machinas a vapor para a navegação não differem das que deixamos descriptas: são formadas dos mesmos orgãos, e o vapor funcciona

do mesmo modo. Fulton (veja INVENTORES) serviu-se da machina de duplo effeito com condensação, imaginada por Watt. Em cada barco assentam-se duas d'estas machinas, cada uma das quaes faz mover uma roda. Nos moinhos é a pressão da agua sobre as palhetas que faz mover a roda; pelo contrario, nos barcos de vapor a roda, movida pela força do vapor, encontra resistencia na agua e faz mover o barco. Nos barcos *de helice*, as rodas foram substituidas por uma especie de parafuso sem fim, collocado na ré do navio por baixo do leme, e completamente mergulhado. A machina de vapor está tambem assente na ré; a prôa, em consequencia d'isso, eleva-se um pouco, o que augmenta a velocidade, e o navio debaixo de um temporal não fica exposto a abrir-se pelo meio.

4. Se a invenção da machina de vapor *fixa* data de mais de um seculo, a da machina de vapor para os caminhos de ferro, a qual se denomina *locomotiva*, só data de 1830. A machina de vapor da locomotiva é, na essencia, a mesma que a machina fixa, e que a machina dos barcos de vapor. A sua fórma só differe pelo motivo da sua installação ser feita n'um vehiculo de pequenas dimensões, e sua força está em proporção da quantidade de vapor que a caldeira é capaz de produzir para a alimentação da machina. Foi pois para o aperfeiçoamento da caldeira que se dirigiu toda a attenção de quem emprehendeu crear a locomotiva moderna. O problema estava por tanto formulado assim: produzir uma massa enorme de vapor por meio de uma caldeira de dimensões restrictas. A invenção da *caldeira tubular*, que augmenta consideravelmente a extensão da superficie metallica exposta á acção do fogo, e a do *tubo de sôpro*, que lança o vapor na chaminé augmentando assim a actividade da combustão da fornalha, concorreram poderosamente para o feliz exito da machina denominada *the Rocket* (*o Foguete*), primeira locomotiva onde seu author Roberto Stephenson, resolvera o problema posto. As qualidades que fizeram alcançar o premio á machina *the Rocket*, proposto pela companhia de Liverpool a Manchester, eram ter rebocado um peso de 38 toneladas com uma velocidade de seis leguas por hora, e de ter depois, sem carga, realisado uma velocidade de quasi dez leguas. — Até 1851 a disposição das locomotivas não soffreu mudanças notaveis. Depois de ter assegurado a solidez, occuparam-se em as dotar de maiores velocidades nas vias ferreas; para o que não havia outro recurso senão augmentar o diametro da grande roda motora. Mas, como a caldeira de uma locomotiva estava assente por cima das rodas, o augmento de diametro d'estas dava á locomotiva uma altura que podia compromettter a estabilidade do seu equilibrio. Em 1851, quando se tinha perdido a esperança de exceder o maximo de velocidade até então obtido, um engenheiro inglez, Crampton, teve a idéa de collocar as rodas motoras por detraz da caldeira, de modo que se tornou possivel dar a estas rodas um diametro illimitado, e, conseguintemente, augmentar em proporção a velocidade do comboyo sem comprometter a segurança de sua marcha. Assim é que se consegue adquirir velocidades normaes de 25 a 30 leguas por hora, e que podem ser levadas sem inconveniente até 60 leguas por hora.

5. Foi tambem no mesmo anno de 1851 que, pela primeira vez, appareceu a machina a vapor destinada aos trabalhos agricolas, que se denominou *locomovel*. A locomovel, como o seu nome indica, é uma machina de vapor que se póde transportar, por meio de rodas sobre que assenta, para o lugar onde a sua acção se torna necessaria. Compõe-se de uma machina de alta pressão, na qual o vapor se espalha na atmosphera depois de ter produzido a sua acção sobre o êmbolo. Como é destinada a funccionar com intervallos de tempo, e ser posta em acção por pessoas pouco familiarisadas com a sciencia mecanica, a sua construcção devia apresentar a

maior simplicidade possivel. Reduz-se com effeito a um cylindro onde o êmbolo entra em movimento pelo vapor que se gera em uma caldeira; por meio de uma haste e de uma manivella, o êmbolo do cylindro imprime um movimento de rotação a uma arvore horisontal, collocada pelo meio da locomovel, e que faz mover um volante que lhe está fixo. Uma corrêa sem fim enrolada ao redor do volante, serve para transmittir o movimento ao mecanismo que se quizer; por exemplo, a uma machina de debulhar grãos, a uma bomba de esgoto ou de irrigação, a uma charrua para lavrar o solo, etc.

MACON. (Veja BOURGONHA).

MACROBIO. (Veja QUINTO SECULO).

MADAGASCAR. «A grande ILHA DE MADAGASCAR até ao seculo XIX estava dividida em muitos pequenos estados independentes: ha alguns annos está desigualmente dividida entre o reino de Madagascar, que comprehende a maior parte da ilha, e varios chefes, que dominam o resto.

«O *reino de Madagascar* é de nossos dias. Radama, chefe dos Ovas, submettendo á sua vassallagem os chefes de Bombetoc, dos Seclavas, dos Antavartes, dos Betimzaras, ao longo da costa, e os do interior da ilha, fundou este estado, que começou a policiar, como Mohammed-Ali fez ao Egypto, adoptando os usos, as artes, a sciencia militar e armas dos europeus; porém menos feliz que aquelle, morreu em 1828 envenenado pela rainha Ranavala-Manjoka, que ainda ha pouco governava o reino ameaçado de dissolução. Por isso descreveremos os lugares principaes da ilha, indicando os territorios dos povos mais notaveis de que se compunha o reino de Madagascar, quando morreu Radama.

«O PAIZ DOS OVAS fórma o caroço do reino; comprehende todo o interior da ilha entre o 16° e o 19° parallelos, pouco mais ou menos.

«É um plató levantado, mui bem povoado com os mais industriosos habitantes da ilha. No meio d'esta alta planicie fica TANANARIVE, capital do reino, que é um aggregado de pequenas povoações, com casas mesquinhas. Radama fez construir um *templo a Jankar* (o genio bom); este, os dous palacios de *Tranuvala* e de *Bessakane*, e o *mausoléo de Radama*, são os edificios mais notaveis d'esta cidade, onde tambem ha um collegio de missionarios inglezes e escólas de ambos os sexos. Parece que sua população sobe a 50:000 almas.

«Os outros territorios mais importantes ao longo das costas, começando pelo cabo de Santo André, na costa occidental, até ao paiz de Anossy na parte meridional da ilha, nos parece que são os seguintes: o *paiz dos Seclavas*, cuja capital é BOMBETOC com bastante commercio, e hoje independente dos Ovas: mais ao norte fica MUZANGAIA, cidade bem policiada, talvez com 30:000 almas; é a mais commerciante de toda a costa occidental, e seu porto visitado pelas mesmas nações, que vão a Bombetoc. Parece que no territorio d'este povo é que se encontra o excellente porto *Luquez*, onde os inglezes formaram um estabelecimento. O PAIZ DOS ANTAVARTES, que se estende ao longo da costa oriental e ao sul de Porto-Luquez, até á fronteira do paiz dos Betimzaras; ao reino de Madagascar pertence sómente a parte septentrional, onde está situada a bahia *Woemar* em que os francezes e outras nações fazem o negocio do arroz e da carne salgada; a parte meridional é independente, e n'ella fica a bahia de ANTON-GIL com o porto CHOISEUL, onde os francezes tem um estabelecimento; TINTINGUE, onde reside o chefe do territorio de *Pointe-a-Larrée*, que é alliado dos francezes. Defronte está o estabelecimento francez da ilha de *Santa-Maria*, com o forte *S. Luiz*. O PAIZ DOS BETIMZARAS, que se estende desde o territorio de Pointe-a-Larrée até ao de Tamatava, tem por capital *Fulpointe* pequena, porém commerciante. O PAIZ DOS BETANIMENES é o mais povoado e fertil de todos os territorios maritimos da ilha, abrange a costa

desde a fronteira dos Betimzaras até ao porto de Manuru, na foz do Tantamane. *Tamatave*, que parece hoje ser a praça de commercio mais importante da ilha, era em outro tempo a residencia do rei, que tambem governava como tutor de seu sobrinho o estado de Yvondru. Em 1829, Tamatave e Tintingue foram tomadas pelos francezes, e a primeira se póde com facilidade tornar um porto forte. O *paiz dos antacimes*, ao sul dos Betanimenes, onde ficam MANANZARI e MALATANE, portos commerciantes onde os francezes fazem o trafico do arroz. ANDEVORANTE passava ha annos pela maior aldeia de toda a ilha.

«Dos que parecem de todo independentes do reino de Madagascar apontaremos os seguintes paizes: o *paiz de Anossy*, repartido entre muitos pequenos chefes, onde ficam o PORTO DE SANTA-LUZIA, e as ruinas de PORTO-DELFIM, primeiros estabelecimentos dos francezes, que ainda alli commerceiam. Desde o cabo de *Santa Maria* até ao cabo de *Santo André*, não é conhecido o páiz, cujos habitantes passam por inhospitaleiros.

«GRUPO DAS ILHAS COMORES. Este grupo está situado na entrada septentrional do canal de Moçambique, comprehende a ilha de *Comor*, de *Anjoannes*, *Mayotta* e *Mehilla*. Os piratas seclavas, antavartes, betimzaras e betanimenes, têm arruinado estas ilhas em outro tempo florescentes. Parece que estão hoje divididas entre quatro chefes principaes. *Anjoannes*, ainda que muito decahida, parece ser a principal e mais povoada; o seu sultão reside em MACHADU, pequena, mas forte, com uma bahia, e pouco mais ou menos 3:000 habitantes. *Comor*, chamada tambem *Gran-Comor*, é a maior; tem um pico muito elevado. *Mehilla* é a mais pequena.» (Balbi).

MADEIRA (Ilha da). «As bellezas naturaes da ilha da Madeira, e a salubridade do seu clima, contribuem tanto ou mais que o seu commercio de generosos vinhos, para a fazerem celebre e para ser frequentes vezes visitada. Os inglezes, principalmente, abandonando os nevoeiros da atmosphera de seu paiz natal, comprazem-se em vir á Madeira desfructar as delicias de paisagem e a benigna temperatura d'esta filha gentil do atlantico. O successor de Walter Scott, e rival de Cooper, que hoje leva a palma aos escriptores de *romances* na Grã-Bretanha, o capitão Marryatt, que tem viajado muito como observador e como litterato, exprime-se da seguinte maneira: «Eu não conheço no mundo um lugar, que tanta admiração cause e tanto satisfaça logo á primeira chegada, como a ilha da Madeira. O passageiro embarca, e vai, segundo toda a probabilidade, padecendo a terrivel prostração do enjôo: talvez que largassé a Inglaterra no sombrio termo do outono, ou no frigido auge de um inverno britannico. Dentro de uma semana de novo avista terra; que saudoso deixára, e em que desejaria pôr pé, posto que désse para isso metade de quanto possue. Mas quando salta na ilha, que mudança! O inverno fez-se verão: em vez das arvores despojadas, que ficaram na terra natal, aqui acha a mais frondosa e virente ramagem: cambiou-se o caramelo e a geada em tepida e esplendida atmosphera; e a paisagem da zona temperada na profusão e magnificencia dos tropicos. O céo crystallino, o astro da luz scintillante, o mar azul e sem limites, os outeiros entapizados de vinhas, a novidade do trajo caracteristico dos campinos — tudo concorre para recrear os olhos, exactamente no momento em que o haver desembarcado n'uma ilha escalvada seria mui apreciavel delicia.»

«Depois de muitos livros, que são outros tantos elogios dos estrangeiros, ainda a Madeira, no meado do anno que findou, mereceu um novo padrão. Publicou-se em Londres uma collecção de primorosas estampas, *Madeira illustrated*, por André Picken, com uma descripção da ilha pelo dr. James Macaulay, o mesmo que já tinha inserido no *Novo jornal philosophico d'Edimburgo*, caderno de outubro de 1840, uma memoria so-

bre a geographia physica, geologia, e clima da Madeira, de que para o diante nos aproveitaremos. No volume citado lêmos o seguinte:

«A extrema grandeza e magestade dos districtos montanhosos da ilha é principalmente resultado do caracter geologico do paiz. As rochas de que todo o solo se compõe são de origem volcanica. Poucas formações maritimas ha (calcareo terciario em *S. Vicente* e lignites em *S. Jorge*, na costa do norte): e estas formam uma porção mui tenue da superficie. As montanhas, de quasi 6:000 pés d'altura, são compostas de basaltos e outras rochas de semelhante formação: apresentam por conseguinte toda a fragosidade selvatica que se póde esperar da ruina e confusão de recente acção volcanica; e mesmo assim estão no grau da magnificencia alpina. Acresce que ainda permanecem restos da antiga vegetação da ilha, estando as serras vestidas de florestas de loureiro, vinhatico, til e outras arvores indigenas de verdura perenne. Muitos viajantes dão testemunho de que nenhuma região póde blazonar de combinações de objectos naturaes tão pittorescos e causadores d'impressão.»

«N'outra passagem se dá idéa da differença entre a costa do norte e a meridional. Ao norte, em vez de descer a terra com pendor gradual como no sul, as cordilheiras de montanhas mantem-se em grande elevação até que terminam n'uma linha de mui altos penhascos ingremes guarnecendo a costa: a vegetação é tambem diversa; são raros os cactos ou figueiras da cochonilha, as bananeiras, e outras plantas tropicaes; abundam porém as arvores mais robustas e as plantas das latitudes elevadas; o aspecto geral do solo é de caracter aspero e grandioso: o mar tem alli uma correspondente sublimidade de apparencia. — Caminhando ao longo da praia, e ao nascente dos gigantes penedos e ribas maritimas de S. Vicente, entre as rochas e a praia, acha-se uma nesga de chão em partes cultivado. A cada passo se revelam novas scenas de grandeza. O fraguedo é precipitoso, e só de espaço a espaço ha grandes cortaduras, barrancos, ou algares profundos, por onde abriram caminho as torrentes impetuosas, que descahem das serranias: as summidades e parte dos lados d'essas moles de pedra se revestem com a escura folhagem dos arbustos indigenas: n'alguns lugares saltam as aguas formando cascatas naturaes de maravilhosa apparencia: ás vezes offerece-se uma serie d'ellas, com a altura de alguns centenares de pés de queda perpendicular: julgue-se quão magestoso será o effeito: n'outros sitios, onde o apice do rochedo parece fugir do centro de gravidade, e dependurar-se além da sua base, salta o jorro d'agua, arqueando-se; mas como vai bater em pontas e rupturas desigualmente formadas, parte-se, divide-se, resalta, de fórma que o volume das aguas, visto de longe, finge uma nuvem aquosa, carreada pelos ventos sobre a superficie da penedia. Com tal prospecto de bravia magnificencia de um lado, e do outro quebrando as ondas immensas e retumbantes na costa escabrosa do atlantico, alli sempre turbulento e impetuoso, reconhecemos que a solemne magestade do lugar é superior a quanto pinta a poesia ou concebe a phantasia respectivo á sublimidade dos quadros da natureza.

«Depois de com vigor e enthusiasmo ter o author descripto as vistas pittorescas que mais lhe arrebataram a attenção, não quiz deixar no silencio uma das mais distinctas feições da Madeira: os algares com suas torrentes que, partindo do centro da ilha para a costa, são pela industria dos habitantes desviadas para a irrigação, mediante as levadas ou pequenos canaes, que em varias direcções interceptam o territorio. A notavel obra d'este genero no Rabaçal é um dos mais estupendos sitios da paisagem occidental da ilha.

«O dr. Macaulay, inculcando o verdadeiro modo de gozar residencia na capital da Madeira, observa que de todos os divertimentos e prazeres da estada no Funchal, os que mais viva-

mente agradam, e que o estrangeiro não esquecerá, são as excursões terra dentro: em todas as direcções e a todas as distancias ha mui deliciosas scenas para taes expedições: e raras são as interrupções occasionadas pelas vicissitudes do tempo... Meramente com a ascensão ás serras se póde experimentar mui grande variedade de temperatura e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono, para o inverno rigido nas summidades das montanhas toucadas de neve... Os que não quizerem alongar-se das abrigadas praias da bahia do Funchal, podem d'ahi, onde atura immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar sobre as alturas, a cavalleiro da cidade, a reapparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera: assim, no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol do verão pouco tem diminuido, as imminencias do paiz apresentam a variegada tintura e a folhagem murcha do outono... O ar da ilha é tão refrigerante e balsamico que o simples acto de respirar é um gozo desconhecido em climas menos favorecidos. — O author espraia-se em elogios sobre a excellencia d'esta atmosphera sobre os attractivos dos passeios na ilha; e descreve os modos por que de ordinario se fazem, já em brilhante cavalgada, que poderemos chamar o modo europeu, ou em maca ou rêde, que chamaremos o americano, ou em palanquim, que faz lembrar o luxo asiatico. O fragoso terreno do interior não admitte carruagens ou identicos transportes: causa muitas vezes admiração o vêr como os homens de trabalho trepam e descem sendas abruptas e quasi impervias, carregados com cestos d'uvas, e outros pesos; e o fazem com agilidade e desembaraço, que só lhes podiam dar a sua creação n'esses lugares, e a poderosa força do habito.

«O mesmo dr. Macaulay, n'uma correspondencia inserta no *Atheneu*, tinha descripto uma obra publica, que por conta do governo se fazia na Madeira, e tal que não duvída chamar-lhe *grande obra, e que faria honra a qualquer seculo e a qualquer nação.* Já fallamos nas aguas que naturalmente derivam das serranias, e que se applicam ás regas artificiaes; indicamos o sitio do Rabaçal. A este se refere o que vamos transcrever da carta do escriptor inglez: «Na testada de um barranco estreito e fundo, que fórma o começo do valle da Ribeira da Janella, levanta-se uma rocha perpendicular com 1:000 pés d'altura: grande copia d'aguas mana d'esta penha; parte em abundante cascata, sacudidas da summidade do rochedo, e parte em fios innumeraveis que rebentam das fendas na sua superficie vertical, gotejando por entre arbustos, que a revestem. Todo este cabedal de aguas era perdido, precipitando-se n'um fojo, como abysmo, d'onde corriam infructuosamente para o mar. Observou-se que se as interceptassem na descida, e por arte as desviassem da carreira que lhes assignára a natureza, seria incalculavel o proveito, destinando-as ao regadio de chão agricultado. Parece que semelhante tentativa se fizera em data remota, do que não ha vestigios. O governador da ilha em 1823 teve a mesma lembrança; porém só em 1836 se deu principio á obra.» (Macaulay).

MADRID. (Veja Hespanha).

MAGNESIUM. (Veja Metaes).

MAGNETISMO. «Entende-se por magnetismo animal uma reunião de phenomenos nervosos particulares, produzidos pela influencia de um individuo sobre outro. Os principaes d'estes phenomenos são: a modorra, o somno, a suspensão completa do exercicio dos sentidos, a faculdade de fallar durante este estado, o que na expressão da arte chama-se *somnambulismo artificial.* Contestado por grande numero de sabios como uma miseravel charlataneria, sustentado por outros com firme convicção, o magnetismo animal deve ser estudado; pois que no meio dos abusos que

o acompanham, e independentemente do charlatanismo que o explora, existem factos reaes, mui curiosos e assás importantes.

«Quando se magnetisa alguma pessoa, logo se reconhece que ella experimenta um peso na cabeça e nas palpebras, arripios nos membros, bocejos, ás vezes nauseas; d'ahi a pouco esta pessoa fecha os olhos e pega no somno. É raro que fique somnambula da primeira vez; mas depois de algumas sessões o somnambulismo declara-se de ordinario, bem que todos os individuos não sejam susceptiveis d'elle. De todos os phenomenos magneticos, o que mais facilmente se póde obter é o seguinte: Se se quer tolher o movimento a um membro, dous ou tres gestos o põem em completa immobilidade; é absolutamente impossivel á pessoa magnetisada mexêl-o de maneira alguma, e é preciso tirar-lhe a paralysia para que possa servir-se d'elle. Para isso é mister fazer outros gestos. Não se julgue entretanto que esta immobilidade seja o resultado dos gestos magneticos, e que o somnambulo, vendo estes gestos, entenda o que se deseja obter d'elle: a vontade unica do magnetisador, a intenção de paralysar um membro, a lingua ou um sentido, basta para produzir este effeito. A lingua paralysa-se com maior facilidade, e se se fizer alguma pergunta o somnambulo ha de fazer esforços extraordinarios para responder, o rosto ha de corar e inchar; a dôr mostrar-se-ha na face; mas nenhuma palavra poderá ser proferida.

«Alguns somnambulos asseguram que vêem no interior do seu corpo; mas suas descripções são ou falsas, ou pelo menos erroneas. Quanto ás molestias de que se dizem affectados, não tem senão opiniões chimericas; estas opiniões consistem sempre na exposição fiel de seus preconceitos e das idéas que lhe foram communicadas.

«A sua vontade é quasi nenhuma, e é de tal modo submettida á do magnetisador, que não parece ser outra cousa senão seu instrumento: obram só por elle, e este póde influir em seus desejos, e até em seus pensamentos. Tivemos a prova d'isto nas paralysias dos sentidos e movimentos, que sempre se produzem, querendo. Alguns magnetisadores asseguram até que podem mudar para os seus somnambulos a agua em vinho, leite ou qualquer outro liquido, e que lhes basta para isso magnetisar, sem dizer palavra, a agua com uma intenção dada: os somnambulos julgam beber leite, vinho, etc., e é agua que bebem. Os somnambulos são affectuosos, reconhecidos; tomam affeição a seu magnetisador de uma maneira extraordinaria, não o querem nunca deixar; obedecem-lhe de uma maneira passiva, e até no estado de vigilia.

«Muitos somnambulos são completamente insensiveis; póde-se-lhes beliscar a pelle, introduzir no corpo alfinetes sem que sintam dôr alguma. Uma das doentes (segundo o relator da commissão designada pela academia de medicina de Paris, em 1831, para observar os effeitos magneticos), depois de magnetisada, foi insensivel a uma das operações mais dolorosas da cirurgia, a extirpação de um seio canceroso.

«Tudo o que deixei referido póde ser testemunhado a cada momento por qualquer pessoa; mas existe uma segunda ordem de factos que não tem a mesma certeza. Estes factos são a vista sem o soccorro dos olhos, a vista pelo ventre, ponta dos dedos, testa, nuca, a prophetisação, a adivinhação, determinação da séde, da natureza e do tratamento das molestias por individuos que não estudaram medicina. Estes milagres magneticos foram mal observados, e faltam-lhes as provas que temos o direito de exigir em semelhante materia.

«*Maneira de produzir os phenomenos magneticos.* — Para se obterem effeitos magneticos, são indispensaveis certas condições da parte da pessoa que magnetisa, e da que é magnetisada. O magnetismo é produzido pela força da vontade: convém, por conseguinte, que o magnetisador tenha uma vontade firme, um desejo vivo

de produzir effeitos, e a convicção intima de que produzirá esses effeitos. É preciso que não tenha nada de repugnante, que goze boa saude, que esteja no vigor da idade, que seja grave e ao mesmo tempo affectuoso, que seja superior quanto fôr possivel á pessoa magnetisada, ou por sua dignidade, sua idade, suas qualidades intellectuaes, ou por qualquer outra maneira. Da parte do magnetisado, releva que este se queira submetter, que deseje e creia. Se fôr doente, enfraquecido, de uma constituição sensivel, affectado de alguma molestia do systema nervoso, achar-se-ha nas condições favoraveis. É claro que convém se queira submetter, pois que, sem esta vontade, a superficie do seu corpo fica, por assim dizer, fechada para o agente que se lhe envia. Cumpre, entretanto, dizer que, depois de algumas sessões, já não é necessario que o magnetisado *queira* adormecer; pega no somno sem querer; ha tambem pessoas que adormecem, bem que no momento de se submetterem á experiencia, não saibam o que se vai fazer d'ellas; ha em fim outras nas quaes se produz o mesmo phenomeno, embora queiram resistir aos effeitos magneticos.

«Foram descriptos de muitas maneiras os processos de magnetisação. Cada magnetisador tem seu methodo proprio. A uns basta pôr a mão sobre a testa da pessoa que se magnetisa, immediatamente ou em pequena distancia. Outros contentam-se com dizer á pessoa magnetisada: *adormeça, quero que adormeçaes*, e logo ella pega no somno, sem poder subtrahir-se a esta ordem. Ás vezes basta ter esta vontade sem manifestal-a; mas só gradualmente se chega a influencia tão grande. Nas primeiras sessões, eis-aqui como se deve proceder:

«Faz-se sentar a pessoa que se quer magnetisar: o magnetisador senta-se em frente d'ella, de maneira que lhe toque com os joelhos e as pontas dos pés; toma-lhe, com as mãos, o dedo pollegar, que conserva até que se tenha posto em equilibrio com sua temperatura. Põe depois as mãos sobre os hombros, e assim fica por espaço de um minuto; corre-as lentamente, por uma sorte de leve fricção, ao longo dos braços até á extremidade dos dedos. Estes movimentos devem ser repetidos muitas vezes; depois d'isto, applica as mãos por alguns instantes na bocca do estomago e as faz descer aos joelhos e até aos pés; leva depois as mãos á cabeça do individuo que magnetisa, tendo o cuidado de afastal-as quando sobem, e as faz descer ainda ao longo dos braços, mesmo até os pés. Depois de feitas muitas vezes estas fricções, percebem-se alguns movimentos magneticos. A pessoa magnetisada experimenta arripios nos membros, embaraço na cabeça, peso nas palpebras. No fim de algumas sessões, pega completamente no somno.

«O magnetisador, em quanto opéra, não deve pensar em outra cousa; sua attenção deve estar concentrada toda inteira no magnetismo; qualquer distracção é contraria ao bom exito da operação. A expressão do rosto favorece poderosamente a acção magnetica. O olhar, a physionomia grave do magnetisador, concorrem para o mesmo fim.

«*Explicação do magnetismo.* — Não ha nada de maravilhoso no magnetismo, diz o dr. Rostan. É um phenomeno natural, ainda não percebido, ignorado de muitos, e eis tudo. Este medico pensa que todos esses phenomenos pertencem ao systema nervoso, e que devem ser attribuidos a uma modificação, a uma extensão d'este systema e de suas propriedades. No estado actual da sciencia, tudo faz considerar o cerebro como orgão que segrega um agente particular que tem a propriedade particular de transmittir o sentimento e a vontade. Mas este agente, chamado fluido nervoso, não pára na pelle; arremessa-se ainda para fóra, com certa energia, e fórma assim uma verdadeira atmosphera nervosa. Então tudo parece susceptivel de uma explicação. A atmosphera nervosa activa do magnetisador mistura-se com a atmosphera nervosa passiva da pessoa magnetisada, e d'es-

ta communicação resultam os effeitos magneticos que deixei expostos.

«*Effeitos do magnetismo no tratamento das molestias.* A influencia do cerebro sobre todo o organismo é inquestionavel; não existe uma molecula do nosso corpo que não seja penetrada por algumas das suas ramificações; não se póde, por conseguinte, negar que, modificando-se este orgão como se faz pelo magnetismo, possam sobrevir mudanças notaveis na nossa economia. A philanthropia, o desejo de ser util a seus semelhantes, foi causa sem duvida de ser exagerada a potencia do magnetismo. O charlatanismo, paixão tão vil quanto a outra é louvavel, tem, com outro fim, exagerado essa potencia; mas ella existe, é indubitavel. A influencia directa d'este novo agente sobre o systema nervoso deixa crêr que sua acção deve exercer-se efficazmente nas molestias nervosas. O hysterismo, a hypochondria, podem receber, e tem com effeito recebido do magnetismo, as influencias mais salutares. Os espasmos de todas as especies, as convulsões, grande numero de dôres, os rheumatismos, as gotas serenas, certas paralysias, devem experimentar pelo magnetismo uma modificação qualquer. Tal é a opinião do dr. Rostan: não duvido que as esperanças que este sabio expõe não se possam realisar em alguns casos; direi sómente que as tentativas que fiz sobre um epileptico, se bem que fossem seguidas de symptomas magneticos, não produziram vantagem alguma. Novas e multiplicadas experiencias deveriam ser feitas com prudencia e discernimento por medicos instruidos, a fim de se determinar o grau de utilidade a que o magnetismo póde chegar.

«*Vista de olhos sobre a historia do magnetismo.* É difficil dizer em que época se originou o magnetismo. Parece que foi conhecido e praticado na mais remota antiguidade. O que se conta dos mysterios das sibyllas, dos milagres, da magia, deve ser attribuido ao magnetismo animal. Pelo menos, os effeitos do magnetismo tem muita analogia com a maior parte d'estes phenomenos. Mas esses factos foram considerados como fabulas, e pouco a pouco cahiram em esquecimento.

«No meio do decimo-oitavo seculo, os sabios occupavam-se muito das virtudes do iman (*magnes* em latim), e alguns d'elles attribuiam-lhe grandes virtudes no tratamento das molestias. Um jesuita, chamado Hell, contando a Antonio Mesmer que se havia curado de um rheumatismo por este meio, e que o tinha empregado tambem com bom exito em outros doentes, inflammou a imaginação d'este ultimo. Mesmer resolveu experimentar, e estabeleceu uma casa de saude; tratou os doentes gratuitamente, enviou por toda a Allemanha anneis e laminas tocadas com iman, e obteve ou julgou obter curas que fez propagar pelos jornaes do seu paiz. No curso de suas experiencias, observou que o iman não era necessario para produzir os effeitos que elle obtinha; attribuiu-os a um agente distincto do iman, que rege, por assim dizer, o universo. A descoberta do magnetismo animal deve datar d'essa época. Eis aqui como Mesmer expôz o seu systema em uma memoria que publicou: «O magnetismo animal é um fluido universalmente espalhado, constitue o meio de uma influencia mutua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados. A acção e a virtude do magnetismo animal podem ser communicadas de um a outros corpos animados. O magnetismo animal póde curar immediatamente as affecções dos nervos, e mediatamente as outras molestias; por meio d'elle, o medico conhece o estado de saude de cada individuo, e julga com certeza da origem, natureza e progressos das molestias mais complicadas, impede o seu augmento e obtem a sua cura, sem nunca expôr o doente a effeitos perigosos, qualquer que seja a sua idade, temperamento e sexo.» Todos os sabios tacharam de charlatanismo as asserções de Mesmer. A academia de Berlim declarou-o illudido. Mesmer não se deu por vencido, respondeu a todas as cri-

ticas, fez novas experiencias; deixou depois Vienna, e veio a Paris em 1778.

«Eis aqui como Mesmer e seus discipulos operavam o magnetismo. Punham no meio de uma vasta sala uma pequena tina tapada. Na tampa havia um certo numero de buracos, d'onde sahiam braços de ferro moveis. Os doentes eram collocados á roda d'esta tina, e cada um pegava n'um d'estes braços de ferro; uma corda posta ao redor do corpo ligava-os uns aos outros; ás vezes formava-se outra cadeia que se communicava á primeira pelas mãos. Um piano era collocado n'um canto da sala, e tocavam-se n'elle differentes arias; cantavam-se tambem varias melodias. Todos os que magnetisavam tinham na mão uma varinha de ferro de dez a doze pollegadas de comprimento, que foi considerada como conductor do magnetismo. O som, segundo o principio de Mesmer, era tambem conductor do magnetismo, e para communicar o fluido ao piano bastava aproximar-lhe a varinha. Os doentes recebiam o magnetismo por todos estes meios, pelos braços de ferro que sahiam da tina, pela corda que lhes cingia o corpo, pela união das mãos, pelo som do piano e pelas vozes agradaveis do canto. Eram igualmente magnetisados directamente mediante o dedo e a varinha de ferro dirigida ao rosto, acima ou atraz da cabeça e ás regiões doentes: obrava-se tambem fixando n'elles os olhos; mas eram sobretudo magnetisados pela applicação das mãos, e pela pressão dos dedos sobre o ventre.

«Eis aqui o que experimentavam os doentes submettidos á acção d'este apparelho. Alguns ficavam tranquillos, outros tossiam, escarravam, sentiam um calor local ou universal, e tinham suores frios; outros eram agitados de convulsões. Viam-se doentes buscarem-se exclusivamente, precipitarem-se uns sobre os outros, rirem e fallarem com affeição. Nada era mais pasmoso do que este espectaculo: estas agitações, estes accidentes variados, as sympathias que se estabeleciam entre todos estes individuos, maravilhavam extraordinariamente. «Não é possivel, diziam os commissarios encarregados pelo rei de examinar o magnetismo, deixar de reconhecer n'estes effeitos constantes um grande poder que agita os doentes, e cujo deposito parece ser o magnetisador.» Os mesmos commissarios, que eram membros da academia das sciencias e da sociedade real de medicina, concluiram todavia que não existe fluido algum particular que mereça o nome de *fluido magnetico;* que todos aquelles effeitos não eram mais que o resultado da imaginação; pois que, segundo suas experiencias, eram obtidos os effeitos magneticos sem o iman quando os doentes sabiam que eram magnetisados, ao passo que não existiam estes effeitos quando os doentes eram magnetisados sem o saberem; acrescentaram que as crises produzidas nos tratamentos magneticos podiam ser perigosas, e nunca uteis. Entretanto, o grande botanico Jussieu, recusou assignar o relatorio de seus collegas; foi mais assiduo do que os outros nas experiencias, e fez um relatorio particular, no qual admittia effluvios que sahiam do corpo humano e obravam sobre outros individuos.

«O relatorio dos commissarios foi debatido e sustentado com muito calor de parte a parte, e os magnetisadores continuaram os seus trabalhos. No meio d'essas pesquizas, o marquez de Puiségur descobriu o somnambulismo magnetico, phenomeno dos mais curiosos, e que já tinha sido observado nas curas de Mesmer. Os processos foram simplificados; a tina e todos os outros apparelhos foram desprezados, e o magnetismo foi praticado tal qual o deixei descripto no primeiro paragrapho.

«Em 1831, o dr. Husson, em nome da commissão encarregada pela academia de Paris de assistir ás experiencias magneticas do snr. Foissac, leu o seu relatorio, do qual passo a transcrever algumas conclusões.

«1.º Os meios exteriores e visiveis nem sempre são necessarios para operarem os effeitos magneticos, pois

que em muitas occasiões a vontade, a fixidade dos olhos, foram bastantes para produzirem estes phenomenos, até sem que os magnetisados o soubessem.

«2.º O tempo necessario para se transmittir e fazer experimentar a acção magnetica, varía desde um minuto até meia hora.

«3.º Os effeitos produzidos pelo magnetismo são mui variados: agita a uns, acalma a outros; as mais das vezes occasiona a acceleração momentanea da circulação, movimentos convulsivos, entorpecimento mais ou menos profundo, somnolencia, e, em um pequeno numero de casos, o somnambulismo.

«4.º Como entre os effeitos attribuidos ao somnambulismo alguns ha que podem ser simulados, o mesmo somnambulismo póde ás vezes ser simulado, e favorecer o dolo do charlatanismo.

«5.º Alguns dos doentes magnetisados não experimentaram vantagem alguma, outros sentiram um allivio mais ou menos sensivel; isto é, uma suspensão das dôres habituaes; outro, a volta das forças, outro, uma demora de muitos mezes no reapparecimento dos accessos de gota coral, outro, em fim, a cura completa de uma paralysia grave e antiga.

«Pela exposição das precedentes conclusões, vê-se quanto differe a fé magnetica dos commissarios nomeados em 1784 da dos que o foram em 1831. Desde esta ultima época, muitas obras novas se tem publicado ácerca d'este objecto. Infelizmente, muitos d'estes escriptos são desfigurados por um enthusiasmo ou uma credulidade illimitada. Talvez não esteja mui longe o momento de ser este estado particular do systema nervoso menos rejeitado com desdem por uns, e menos inconsideradamente admirado por outros, e de vir em fim a occupar o seu lugar entre os phenomenos naturaes.» (Chernoviz).

«Quando o *Observatorio do Infante D. Luiz* adquiriu a sua collecção de instrumentos auto-registadores, foi a Inglaterra, por ordem superior, o snr. João Carlos de Brito Capello, para assistir á comparação d'estes instrumentos com os padrões do observatorio de Kew, e para a determinação das constantes.

«Tendo concluido os seus trabalhos, na Inglaterra, recolheu a Lisboa o snr. Capello, depois de haver combinado com o snr. Balfour Steward, director do observatorio de Kew, um plano de observações simultaneas.

«No principio do anno de 1863 chegaram os instrumentos a Lisboa, e em julho estavam collocados na casa que para elles fôra construida com todas as condições convenientes.

«Obtido regularmente o registo photographico das observações, começaram os trabalhos de comparação, e dos primeiros resultados deram conta os snrs. Stewart e Capello, em uma interessante memoria, que foi publicada em Londres por conta da *real sociedade britannica.*

«N'esta memoria, os dous intelligentes observadores, escolhendo certo numero de curvas que lhes pareceram mais dignas de attenção, compararam primeiramente as de Kew em diversos dias, depois as de Lisboa, e finalmente as simultaneas de Lisboa e Kew. D'estas operações foram deduzidas as consequencias seguintes:

«1.ª Comparadas as curvas de Kew, relativas a diversos dias, acha-se que as elevações e depressões das curvas, que representam a componente horisontal da força magnetica do globo, conservam relação constante com as da força vertical, sendo esta relação a mesma que já se havia notado em anteriores comparações.

«As pequenas elevações e depressões, na curva da declinação, não conservam relação invariavel com as dos outros dous elementos, apresentando, todavia, alterações diarias, grandes nas horas da manhã, e pequenas depois do meio dia.

«Para todos os elementos são sempre no mesmo sentido as pequenas elevações e depressões.

«2.ª Comparadas as curvas de Lisboa, nota-se que as elevações na curva da declinação correspondem sem-

pre a depressões na curva da força, e *vice-versa*, existindo quasi sempre uma relação constante entre as ordenadas das duas curvas. Quando o pólo norte da barra do declinometro se dirige para oeste, isto é, quando a declinação augmenta, o pólo norte do magnetographo da força vertical eleva-se, a força vertical diminue.

«A curva da força horisontal não manifesta notavel semelhança com as outras duas.

«As pequenas elevações e depressões são geralmente simultaneas nas tres curvas. A direcção d'estas elevações e depressões é a mesma nas curvas da força horisontal e da declinação, e opposta na curva da força vertical. A relação entre a grandeza das elevações e depressões, comparadas nas curvas da força horisontal e da declinação, é geralmente variavel, sendo constante sempre quando se compara a curva da força vertical com a curva da declinação.

«3.ª Comparadas as curvas de Lisboa com as de Kew, nota-se que existe grande semelhança entre as da força horisontal, occorrendo no mesmo momento, em tempo absoluto, os pontos correspondentes das curvas nos dous observatorios.

«É menor, mas ainda assim notavel, a semelhança entre as curvas que representam variações na declinação, e pequenissima a que parece existir entre as curvas da força vertical.

«As ondas de perturbação, na força horisontal e na declinação, são maiores em Kew.

«As pequenas elevações e depressões são produzidas simultaneamente, em Kew e em Lisboa, nas curvas dos tres elementos, mas sempre com dimensões menores nas curvas de Lisboa. A direcção é invertida no caso de força vertical. Sempre a um augmento da força vertical em Kew corresponde uma diminuição em Lisboa, e *vice-versa*.

«Foram cautelosos e prudentissimos os illustrados authores da memoria, na exposição, ou antes na singela indicação da theoria a que os factos observados dão apparentemente algumas probabilidades. Das poucas palavras que disseram sobre este ponto, deduz-se que lhes parece possivel a influencia de duas forças perturbadoras, independentes, que simultaneamente actuam sobre a agulha em Lisboa, determinando uma d'ellas as perturbações da força vertical e da declinação, e a outra as perturbações da força horisontal.

«Da relação entre as perturbações da força vertical e da declinação (1:1,6) concluem os authores da memoria que a primeira força perturbadora actua no plano leste-oeste magnetico, inclinada para o lado de leste, em direcção que faz angulo de 29° a 36° com o horisonte.

«Da falta de concordancia no tempo, e da variada direcção das ondas da curva da força horisontal, comparada com as dos outros dous elementos, concluem os dous observadores que a segunda força deve actuar geralmente na direcção do meridiano magnetico, sendo quasi sempre horisontal.

«Os authores da memoria, não apresentando ainda opiniões definitivas, mostram-se inclinados a crêr, com o general Sabine, que existem, pelo menos, em cada local, duas forças perturbadoras, independentes e sobrepostas, as quaes simultaneamente actuam, dando origem ás perturbações que os instrumentos registam.

«Quando muitas causas podem mais ou menos influir nos phenomenos, todas as precauções são uteis, e é muito para louvar a prudencia dos observadores cautelosos, que vão colhendo factos, para que sobre elles depois a theoria se estabeleça com a segurança possivel.

«O estado de adiantamento, em que se acham os observatorios de Kew e de Lisboa, facilita os estudos d'esta natureza. Os snrs. Stewart e Capello tencionam continuar as suas comparações. É quanto basta para que se deva esperar um trabalho consciencioso e util, como são todos quantos devemos ao digno e intelligente director do observatorio de Kew, e ao nosso illustre compatriota o snr. Capel-

lo, observador infatigavel e consciencioso, digno dos maiores louvores pelo seu trabalho constante, e pela sua modestia exemplar.» (Fradesso da Silveira).

MAHOMET. (Veja SETIMO SECULO).

MÃI. 1. Esta palavra tão harmoniosa, mãi, tem um encanto tão poderoso que resume em si tudo o que o amor tem de mais puro, a ternura de mais santo, a dedicação de mais sublime; e em fim todas as affinidades castas e inexplicaveis. — «Um coração de mãi, é a obra prima da natureza.» (Grétry). — «Para uma mãi, a mais dôce recompensa de sua virtude é poder servir de modêlo a sua filha.» (M.me de Genlis). — «Aquelles que querem ter filhos estimaveis devem procurar mãi digna de lhes dar a vida.» (Plutarque). — «Aquelle que desde o berço teve continuamente em redor de si pessoas virtuosas e razoaveis, habitua-se a praticar o que é bom e util.» (Julien). — «O mais essencial, pensai bem n'isto, jovens mães, é que vosso filho vos prefira a tudo; que seus mais dôces sorrisos, seus mais vivos desvelos sejam unicamente para vós, e de vosso lado não hajam preferencias acima d'elles. A natureza manda-vos criar vosso filho: não o abandoneis a mãos estranhas. E ha ahi creatura que possa substituir uma mãi? Sois vós que deveis desenvolver n'elle os germens do amor, do reconhecimento, e da confiança. Não procureis em outra parte gozos mais dôces! O primeiro de vossos deveres é saber saborear as alegrias supremas.» (Pestalozzi). — «É muito melhor que uma menina se acostume pouco a pouco ao mundo junto de sua mãi piedosa e discreta, que não lhe mostra senão o que convém que ella veja, que lhe descobre os defeitos nas occasiões, dando-lhe o exemplo da moderação. Aprecio muito a educação dos bons conventos mas ainda dou mais pela d'uma boa mãi quando esta póde livremente entregar-se a isso.» (Fenelon, *Conselhos a uma senhora*). — «Uma mulher que não sacrifica seu tempo e saude a inuteis vigilias, que póde levantar-se cedo e empregar com fructo as longas horas da manhã, será a mestra de sua filha. Por que deixaria a outras esse cuidado? Entre o seu coração e o da criança não consentirá alma estranha, no momento em que a dôce intelligencia da razão prepara a esses brandos corações uma união mais intima... Não ha casa de educação, por mais bem administrada que seja, não ha collegio, por mais sabiamente organisado, não ha convento, por mais piedosa que seja a sua regra, que possa dar educação comparavel áquella que uma menina recebe de sua mãi, quando esta é instruida, e a sua mais dôce occupação e verdadeira gloria é o ensinamento de suas filhas.» (M.me Campan, *Educ.*, liv. V, c. I). (Veja AUTHORIDADE, MULHER, CRIANÇA, EDUCAÇÃO, ENSINO, etc.)

2. Quando a criancinha começa a ter uso de razão, e as feições se lhe vão desenvolvendo, devem evitar-se as comparações entre esta e as irmãs ou irmãos mais velhos; é mau dizer-se que será mais bonito ou engraçado que os outros, podendo isto ser ouvido por uns ou outros. Esta mania de comparar as vantagens physicas das crianças é tão vulgar que não ha pessoa que d'isto não tenha mil exemplos. Respeito ás faculdades intellectuaes dá-se sempre a mesma indiscrição. Aquelle, diz muitas vezes a mãi, apontando um filho, tem mais memoria que os outros; minha filha mais velha mostra gosto pelo estudo, em quanto a mais nova nem estuda, nem quer aprender. Ainda que esta seja a verdade guardai-a comvosco. É util conhecer a aptidão das crianças para empregar o melhor meio de dirigir caracteres diversos. Escondei porém quaesquer defeitos da criança dos estranhos, e muito mais aos irmãos.» (*Educ.*, liv. I, c. VI). — Muitas vezes acontece chorarem as crianças por capricho ou teima, e n'este caso o melhor meio de os calar é distrahil-os com qualquer objecto agradavel que lhes faça esquecer o choro. A maior parte das amas são conhece-

doras d'esta arte, entretendo as crianças, o que porém se deve procurar é que a criança não conheça a intenção, e esqueça as lagrimas sem imaginar que se pensa n'ella... Deve attender-se a tudo o que a criança pede, principalmente ao motivo que a levou ao pedido. Concedei-lhe tudo o que fôr possivel e possa dar-lhe prazer; recusai-lhe tudo o que pedir por phantasia ou para simular authoridade.» (Rousseau). — «Imponde a vossos filhos poucos preceitos, mas se foram estabelecidos, tende cuidado que se cumpram.» (Locke). — «O habito faz tudo. As crianças a quem se toleraram os caprichos no berço, tornam-se homens colericos, altivos e opiniativos; querem, ás vezes, mas muito tarde, vencer-se, mas por mais esforços que façam não conseguem apagar o fogo impetuoso de suas paixões e senhorear-se d'ellas.» (Julien).

MAIAS. «Dizem, e assim parece, que das floraes nos ficou o costume de engrinaldar as portas e janellas no 1.º de maio. Vai isso cahindo em desuso, mas não de todo. Nas aldeias (e na classe humilde do Porto) faziam grinaldas e ramilhetes de flôres diversas, em que predominavam *infallivelmente* as *maias* (flôr da giesta) e as punham nas portas e janellas. Os menos primorosos mettiam apenas um ramo de giesta florida nas portas. Em pequena perguntava eu o que isto significava, e me diziam as velhas: É para não entrar o maio em casa. Hoje só dizem os que ainda conservam essa usança: é costume.

«Não sei se este reflexo das floraes ainda apparece em todo o reino.

«Para desarraigar os povos do paganismo, e os affeiçoar á religião christã, dedicou a igreja o mez de maio á Virgem Maria, e mudou em festejos religiosos os folguedos mythologicos. No primeiro domingo de maio, ha, em algumas igrejas, em que se festeja Nossa Senhora, o costume de distribuir pelo povo raminhos de flôres, e em quanto se distribuem, lançam dous meninos folhas de rosas sobre o povo. A esta festa se chama a *festa da rosa.*

«Os adornos floridos, ou *maias* (que assim lhes chamam) com que o povo enfeita as suas moradas no 1.º de maio, creio que foram olhados como cousa de pouca monta, ou ficou sendo como um festejo á Rosa de Jericó. E tambem muitas rosas de Jericó se entrelaçam nas *maias.*» (D. M. P. de Sousa).

MAIO. *Jardins.* Semeiam-se cravos, martyrios, e flôres do outomno. Plantam-se valverdes e perpetuas.

Hortas e campos. Devem regar-se com regularidade. Atam-se os tomateiros, feijoeiros e plantas trepadeiras. — Capam-se as plantas de pevide, semeadas em fevereiro, dando-lhe ao mesmo tempo uma sacha. Semeiam-se coentros, pimpinella, rabanos, rabanetes, beldroegas e alcaxofras. — Planta-se segurelha, repolho, e cebolinho. Semeiam-se pepinos, melões, melancias, aboboras e cabaças. Monda-se e escardeia-se o trigo e mais cereaes. Semeia-se igualmente linho, canhamo, milho, feijões, e cevada da primavera: tudo em terras de regadio. Principia-se a cortar o feno.

Pomares e vinhas. Limpam-se as arvores dos ramos seccos. Plantam-se limoeiros e laranjeiras. Enxertam-se de escudo as figueiras, de borbulha as laranjeiras, e de garfo os castanheiros. No minguante dá-se ás vinhas a segunda cava.

MAL. Se Deus é o principio e personificação do bem absoluto; se a felicidade suprema é unirmo-nos com elle, centro e foco do amor legitimo; se a mais temerosa desgraça é ser expulso da sua esphera de actividade e influencia: qual é a dôce e consolativa segurança que o céo nos dá se nos recolher para sempre ao abrigo dos assaltos do mal, d'este grande inimigo de Deus e nosso? O contraste do que se passa no theatro tão agitado e incerto d'este mundo nos dá mais vivo prazer de havermos fugido a tamanhos perigos, para não mais tragar-

mos angustias semelhantes. Lá se ficam as tempestades. Estamos no porto quieto. Os peregrinos morosos que lá ficam, esses lutam ainda com a violencia dos tufões.

Que tristes eram, n'este mundo, aquelles espectaculos que turbavam o coração, e incutiam na alma decepções amargas! D'um lado era a justiça carregada de opprobrio, a virtude desprezada, a verdade coberta de affrontas; do outro lado era a iniquidade triumphante, a injustiça governando absoluta, o vicio laureado e glorificado; tudo o que se ama, respeita e reverenceia indignamente ultrajado, perdida já a esperança de remedio, a familia offendida nos seus mais sagrados titulos, as sociedades lesadas nos seus mais inviolaveis direitos, os povos torturados na consciencia, na religião e na liberdade, despenhados violentamente no erro, arrastados sem resistencia aos abysmos, tyrannias assás poderosas para abafarem os gemidos das queixas.

Que triste era contemplar, espectador impotente, as melhores causas trahidas e esmagadas, um scelerado habil triumphar com a audacia e violencia!

Que triste era, vêr o homem honrado abandonar seus direitos, sahir vencido d'onde devia entrar victorioso, deixar-se aterrar e abater lá mesmo onde deviam estar por elle a força e a justiça!

Que triste era, vêr as iniquidades perpetuarem-se de geração em geração, durante as vidas dos povos, nações generosas sujeitas a interminavel servidão, os oppressores escarnecendo infortunios de que elles tiravam proveito, os nobres esforços das victimas só lhes serviam de mais lhes apertarem as algemas nos pulsos! E depois o maior soffrimento do individuo mesclando-se ao soffrimento e mal da humanidade, crianças avassalladas pelo vicio, logo ao nascer sugando com o leite a corrupção, respirando um ar pestilencial no seu primeiro anhelito, e o mal a fazer-se n'ellas segunda natureza; tantas donzellas sujeitas a provações maiores que suas forças; tantos moços appa-rentemente privados da liberdade do bem; tantos homens arrastados, a seu pesar, ás superstições e crimes, por causa da situação de seu paiz, pela pressão dos governos, pela força das localidades e das cousas; a degradação moral invadindo como vaga irresistivel, e atirando com os individuos uns depós outros a voragens em cuja superficie não fluctua resto de esperança!

Em fim, o mais deploravel ainda era vêr direitos e injustiças, virtudes e crimes, tyrannias e pusillanimidades amalgamarem-se de tal sorte que muitas vezes não se podia estimar uma causa sem repellir os que a defendiam, ou deplorar um desgraçado sem criminar-lhe os vicios.

Fatal condição da humanidade! Envolto em trevas, o bem, não se podia distinguir através das nuvens se uma estrella propicia ou um astro funesto brilhava no céo. Era então o transbordar a alma fel d'angustia e perplexidade, e o invocar a brados a suprema justiça, e a retribuição futura.

O homem tremia, quando Deus assim se occultava; profunda commoção lhe agitava a alma; a virtude oscillava; hesitava a fé; preces ardentes se desafogavam em Deus, clamando: apparecei e vingai vossa gloria.

Depois, quando o homem repellia a justiça, acaso tinha elle a certeza de sua innocencia? Se hoje era bom, tinha elle a certeza de o ser ámanhã? Dominava elle sua alma? Acaso se julgava a salvo do naufragio, e firme como a rocha? Ai! vascolejado de vaga em vaga, cuspido d'um recife contra outro, não se temia elle a cada hora despedaçar-se contra as restingas de seu egoismo, alancear-se nas armas de sua liberdade, cahir nas ciladas das proprias paixões, e dobrar ás seducções do coração?

Eis aqui o Deus que elle ardentemente invocára. Apparece, triumpha e reina a justiça que elle chamou das profundezas de sua alma. Chegou o imperio do bem; eis o céo, eis a so-

berana retribuição e o concerto universal.

Oh! é felicidade immensa, é o jubilo maior da bemaventurança infinita assistir á victoria definitiva da rectidão, vêr restaurada a ordem para sempre, entrar n'aquelle augusto reino d'onde foram para sempre expulsos os escandalos e as vilezas!

É o mais puro dos gozos contemplar aquella magnifica harmonia em que tudo se discerne, julga e classifica com tão simples quanto admiravel clareza. Reconhecem e conclamam todas as intelligencias do objecto do universal amor, o bem. Cada idéa tem significação propria, cada acto seu valor, cada merito sua recompensa. De Deus, typo do bem absoluto, ultimo fusil da cadeia, descem anneis que representam, na exacta proporção de preço, os diversos degraus de virtude e justiça. Aqui já não ha hesitações, nem incertezas, nem quedas. O coração já não é o ludibrio de sentimentos oppostos; attracção ha uma só, Deus, que concentra as affeições todas e absorve todas as divergencias. Seguros estamos de jámais praticarmos mal que nos aparte de Deus, de jámais commettermos peccado que nos diminua o amor divino.

Acabou o combate; vencido para sempre foi o mal. Serenou a ventania das paixões; paira a virtude em região de inalteravel serenidade. Ao homem possuidor da felicidade restalhe sómente a memoria da luta, as alegrias da victoria, e as reminiscencias do bemfazejo soccorro que lhe foi auxilio no triumpho.

Oh! como Deus então se justifica perante nós que tão injustamente o accusamos! Como agora o nosso espirito que tudo comprehende, complacentemente repousa sobre aquelles mesmos actos que lhe pareceram incompativeis com a bondade e sabedoria divinas!

Que opulenta retribuição Deus dá aos oppressos de longos supplicios, aos desgraçados que verteram lagrimas e sangue. Como a dôr dos que pareciam os mais desamparados, se tornou agora ineffavel dita! Que esplendor e triumpho n'aquella reparação, que todas as feridas guarece, todas as penas resgata e sobre-compensa tanto os sacrificios que já agora as victimas agradecem aos algozes terlhes dado meritos a tamanha gloria!

Á vista d'esta immensa renovação harmoniosa, tudo se explica. Já não ha receios nem gemidos: é tudo amor e admiração. Da confusa amalgama de bem e mal, de justos e precitos, sahe mais radiosa a gloria divina. Proclamam-se incomparaveis sua justiça, bondade e misericordia. Successos e grandezas, derrotas e aviltamentos, riqueza e pobreza, entram como admissiveis compensações na soberana ordem da sabedoria e concorrem ao fim eternamente predestinado: a gloria, e a nossa elevação até ella.

A grandeza d'este plano occulto a este mundo, manifestado no céo em toda a sua luz, a um tempo nos surprehende e rejubila. Realisado em nós, é principio e elemento de nossa propria bemaventurança: identifica, no seio de Deus santissimo e amorosissimo, o soberano bem á felicidade soberana.

MALDADE. 1. «Toda a maldade procede de fraqueza; a criança, porque é fraca, é má; dai-lhe forças, tornal-a-heis boa.» (Rousseau).—«O mau esquadrinhará o crime nas profundidades do seu coração, e Deus surgirá contra elle... Não invejeis a prosperidade dos maus, nem emuleis os que praticam o mal. Porque em breve, fenecerão qual ferro, e cahirão como os ervaçaes das campinas.» (Ps. 63 e 36). — «Vêr e ouvir os maus é já um começar maldades.» (Confucio). — «Não póde estar de boas avenças com Deus quem socia com os maus.» (Mézerai). — «Mil modos ha de consolar o homem probo e dulcificar-lhe as penas; mas não ha um só de consolar um perverso... São os maus como moscas que percorrem o corpo d'um homem e só se quedam nas pustulas.» (La Bruyère). — «O mau é de si proprio algoz.» (De Maistre).

2. É essencial que o menino perceba que mui de seu natural reverte

sobre elle o mal que fizer a outrem. De feito, o mau, a pouco e pouco, deixa de amar o seu proximo; em tudo, emprega odio, e retrincada alma, no conseguimento de seu proposito. Como ha de ser presado quem todo pulso envida em mal fazer? E se nada ahi ha que o captive de amor, como ha de achar tal homem felicidade n'esta vida? — Haja muito zelo em pôr cobro e remedio nas *causas*. A maldade de uma criança advem-lhe de exemplos e fallazes observações que o induzem a não apreciar no que valem a brandura, a bem-crença e a bondade. Empenhem-se as mães e os educadores em lhe incutir o alto quilate d'estas virtudes. Se as maldades que o menino fez são de pouca monta, o medo da correcção por um lado, e o prazer que deixa a pratica do bem pelo outro, bastarão a corrigil-o de prompto.

MALEDICENCIA. 1. «Eu defini d'esta arte a maledicencia: um secreto pendor da alma a julgar maus todos os homens, manifestando-se por palavras.» (Theophrasto). — «A maledicencia é de espiritos mesquinhos ou de corações retrincados; gera-se na inveja, ou n'outra paixão d'esta natureza; e é prova de ignorancia ou malicia. Mal dizer a troche-moche é bestidade; maldizer reflectidamente é protervia. O mau que escolha: ou demente ou patife.» (Duclos). — «Uma das causas capitaes da maledicencia é a inveja — causa vergonhosa que não se confessa, mas que transpira do modo de proceder... Sob qualquer aspecto que a maledicencia se mostre, temei-a como serpente.» (Bossuet). — «Circula no mundo uma inveja velocipede que vive de intriguinhas: chama-se *maledicencia*. Diz estouvadamente o mal de que não tem certeza, e occulta o bem de que tem evidencia.» (Rivarol). — «Quem mal diz em segredo é como a vibora que morde sem estrondo.» (*Eccl.* x, 11). — «A maledicencia é o mais infame dos vicios.» (Fléchier).

MALVA. (Veja DICOTYLEDONIAS).

MAMMIFEROS (ou *mammaes*). «Os animaes que se assemelham mais ao homem, em cuja classe elle mesmo deve entrar, são os *mammaes*, ou *quadrupedes viviparos;* unicos que produzem, como o homem, filhos vivos nutridos no *utero*, pela placenta, e depois do nascimento, pelo leite separado nas mammas, differindo sómente pelo numero das partes mais pequenas, e proporções das mais consideraveis.

«Seu coração, pulmões, e diaphragma são organisados como os nossos; e o seu larynx differe só por algumas circumstancias accessorias.

«Estes animaes tem sempre, como nós, sete vertebras cervicaes; porém as dorsaes, e lombares variam de numero; o seu coccyx se prolonga o mais das vezes em uma verdadeira cauda; nenhum d'elles é organisado de modo, que possa andar em pé sem grande constrangimento. Os proprios macacos, que são os mais parecidos com o homem, tem o focinho mais alongado, e a articulação da cabeça mais posterior, o que os priva do equilibrio: esta disposição, ainda mais consideravel nos outros mammaes, é corrigida pelo *ligamento cervical*, que lhes ajuda a suster a cabeça, e falta no homem: sua bacia é tambem mais estreita, do que a nossa: seus calcanhares não assentam sobre uma tuberosidade; e o maior numero caminham com as plantas dos pés, e palmas das mãos mais elevadas, assentando sómente as extremidades dos dedos: as claviculas são completas unicamente nos animaes, que empregam as mãos para manejar objéctos, ou para qualquer outro uso, que demanda força; nos outros não ha mais do que rudimentos d'estes ossos; e faltam inteiramente n'aquelles que tem as unhas em fórma de cascos. Acham-se mammaes, cujos braços, e dedos são alongados em fórma de azas; outros, cujo tronco é tão comprido, e os membros tão curtos, que só podem nadar; e entre estes alguns não tem extremidades posteriores.

«Muitos mammaes tem cinco dedos como nós; e d'estes, uns tem o polle-

gar dos pés, e mão separados; outros sómente o dos pés; a maior parte o tem junto aos outros dedos; havendo com tudo especies, que o tem inteiramente escondido debaixo da pelle; e o mesmo acontece com o dedo minimo em um pequeno numero de animaes.

«Os ruminantes tem sómente dous dedos bem distinctos, cujos ossos do *metacarpo* e *metatarso* são unidos em um só, chamado canella. Os *solipedes* tem unicamente um dedo completo.

«Estas duas ultimas ordens, e os chamados pachydermes, tem toda a parte dos dedos, que assenta no chão envolvida em um *casco* de corno: as outras tem sómente unhas, umas vezes chatas, outras agudas, e cortantes. O sentido do tacto é tanto mais fino nos animaes, quanto suas mãos se assemelham ás nossas na divisão, e finura dos tegumentos; porém todo o seu corpo é menos sensivel, do que o nosso ás impressões do ar; por causa do pello, lã, espinhos, ou escamas de que é coberto. Seus olhos differem pouco dos nossos; e seus ouvidos tem de ordinario uma concha em fórma de buzina movivel, que ajunta os sons vantajosamente. A prolongação do seu focinho, e achatamento do craneo dando maior extensão ás ventas, e lingua lhes augmentam a força do gosto, e olfato, mas diminuem o volume do seu cerebro e a sua intelligencia.

«Os musculos da bocca dos mammaes são em geral mais fortes, do que os nossos; e os seus dentes differem muito em numero, fórma, e situação, havendo alguns, que de todo os não tem, e outros aos quaes falta uma, ou outra sorte d'estes ossos. Os carnivoros tem os caninos mui compridos, e os molares cortantes, e guarnecidos de pontas; e os herbivoros tem estes ultimos chatos, etc. O canal intestinal varía muito em comprimento, e circonvoluções; por quanto nos carnivoros é curto, não tem cego, ou se o tem é muito pequeno; e as glandulas do mesenterio se acham reunidas em uma grande massa, chamada *pancreas d'Aselio;* nos herbivoros é, pelo contrario, este canal muito comprido, e o cego assás extenso; nos ruminantes ha quatro estomagos; e nos outros herbivoros ha pelo menos algumas constricções em um só estomago.

«Os rins, bexiga, e orgãos de geração dos mammaes assemelham-se muito aos nossos; com tudo o maior numero tem o genital ligado ao ventre por um prepucio, e reforçado por um osso no seu interior; a madre é quasi geralmente dividida, desde a sua entrada, em dous grandes cornos mais largos inferiormente: a fórma da bacia dos mammaes lhes torna o parto mais facil, do que na mulher: o numero de suas mammas é commummente proporcionado ao dos filhos, que podem ter em um parto, e se acham situadas no peito, ventre, ou entre as coxas: o numero dos filhos está de ordinario na razão inversa da grandeza da especie; com tudo o porco é uma notavel excepção d'esta regra.

«Os habitos dos mammaes, suas habitações, utilidades, e damnos, que occasionam, variam infinitamente; comtudo podem distinguir-se em terrestres, voadores, amphibios, e aquaticos. Estes ultimos são os *cetaceos*, os quaes muito tempo se confundiram com os peixes; e de facto habitam na agua, posto que toda a sua organisação se assemelhe á dos mammaes ordinarios.

«Para tratar d'estes animaes com ordem, examinaremos os que mais se nos assemelham em o todo da sua organisação, e passaremos aos outros á proporção, que se afastarem d'este primeiro typo, servindo-nos de guia para este fim a importancia dos orgãos semelhantes, segundo o que fica dito, principiando por aquelles que se nos assemelham, até nas partes mais exteriores, e seguindo gradualmente toda a classe, até aos que não tem de commum com o homem, senão os orgãos mais importantes, como coração, pulmões, geração vivipara, etc., etc.» (Cuvier, *Historia natural*).

MANASSÉS. (Veja SETIMO SECULO).

MANDRÁGORA. (Veja SOLANEAS).

MANGANESE. (Veja METAES).

MANGERONA. (Veja LABIADOS).

MANIPULO. (Veja ORNAMENTOS).

MAPPA. (Veja CARTAS GEOGRAPHICAS).

MAR. «...Reconheço, e adoro, ó grande Deus, a poderosa mão, com que desafogando a terra das aguas, que a cobriam, as encostastes nos confins do mar, com preceito que quebrassem seu impeto nas brandas areias sem passarem adiante. Vós, Senhor, com elemento tão fluido, e facil de navegar abreviastes os caminhos, alliviastes o peso das cargas: communicaes os reinos, e gentes distantes umas com outras não sómente em mercadorias temporaes, mas principalmente nas espirituaes, levando por esta via vossa fé, e conhecimento verdadeiro a terras barbaras, e cegas com o culto de falsos deuses! D'este elemento levantaes ao ar materia de chuvas assazoadas, que abrangem, e regam regiões estereis, onde não brotam fontes, nem correm rios. N'elle debuxaes vosso furor, e ira, quando com ventos rijos, e tempestuosos levantaes suas ondas, empolaes suas aguas; pelo contrario daes vista de vossa mansidão, e brandura, quando amainando os ventos, fica mar leite, e com vossa branda mão, como criança de berço o estaes embalando de uma praia para a outra, sem vestigio do furor passado.

. . . .

«Não se limita por este meio a providencia divina ao elemento do ar, e ventos: tambem abrange ao elemento do mar: o qual ainda que como fera presa com coleira, parece sempre estar forcejando, e bramindo por se soltar, com tudo, senhoreado do céo, em especial do planeta da lua, se meneia a seu aceno, e licença com tal sujeição, que conforme ao que ella alarga, ou aperta a prisão, já com furia de aguas vivas entra pela terra, já com aguas mortas se retira, já com marés ordinarias enche a vasa, o que tudo é necessario para navegações, e conservação do proprio elemento, que sem estes movimentos encharcado se corrompera a si, e a todos os viventes que n'elle se criam, e privara de mantimento os mais que d'elle se sustentam.» (P.e Diogo Monteiro).

«O mar! Ai, que eu não conheço peor amigo para desgraçados do que o mar!

«Gemem sobre elle as almas magoadas, estalam-lhes lá dentro as dôres, fibra a fibra?

«Maiores, e mais revoltas, e mais temerosas, são as torturas com que elle responde aos echos de cima, no ranger suffocado das profundezas dos seus abysmos!

«Da amurada do navio dá-lhe o expatriado uma lagrima, pedindo-lhe cá de cima que lh'a troque no fundo pelo reflexo de uma estrella?

«Voltou a rugir de colera, e pareceu dizer, com amargura infernal, que de lagrimas era elle feito, e que quem lagrimas lhe dava apenas lhe matava a esperança de acabar um dia o seu fadario, que era chorar eternamente!

«Sim, senhores! quem sabe se haverá ainda ámanhã uma nova mythologia que nos prove serem os oceanos a somma posthuma de todos os martyrios chorados, tantas são as dôres desde que mundo houve, e tantissimas as lagrimas d'essas dôres desde que o Senhor quiz que berços e tumulos se adornassem com ellas, o principio e o fim da vida!

«Ai, o mar!

«O mar é apenas digno do expatriado, por ser immenso como as suas dôres, profundo como as suas cogitações, irrequieto como a sua alma, longo como a sua saudade, e humido até como as suas lagrimas!

«Ha tambem algumas parecenças sublimes entre a alma dos tristes e o fundo dos mares. Uma e outro negros são; em ambos o revolutear mysterioso de muitas coleras, e taes, e tantas, que o Senhor bem sentiu que era pre-

ciso mandar-lhes lá um céo todo inteiro para lh'as abrandar! E' por isso que no fundo das aguas estão sempre vigiando as estrellas, como pharóes postos alli pelo archanjo dos navegantes! E' por isso tambem que por entre a cerração das almas de todo fechadas á esperança, e de todo abertas á dôr, quiz Deus que luzissem as suas estrellas, escondidas n'aquella suave e deliciosissima imagem da mãi, do irmão, e da amante, que lá lhes ficaram na praia, e cujo ultimo aceno de lenços brancos se vê eternamente reproduzido n'aquelle pedacinho suspenso de nuvem branca que lá n'aquelles horisontes não se apaga nunca.» (Vieira de Castro, *Discurso sobre a Caridade*).

MARAVILHAS. *Maravilha* é uma cousa extraordinaria, pasmosa, incomprehensivel, ás vezes, desacostumada á vista do homem, posto que as obras de Deus sejam maravilhas quotidianas e innumeraveis. — Uma pedra que cahe, um sino que tange, agua que deriva, que gela e se evapora, um raio luminoso de vivacissimas côres, o raio que sulca a nuvem, o vento que sibila, o trovão que ribomba, o mar que se balanceia, as abelhas que vivem em republica, o bicho da sêda que tece o seu cazúlo, os passaros de arribação que voejam, as estações que se encadeam, a lua tão variada de aspectos — são outros tantos phenomenos que a cada momento se produzem á nossa vista, e dos quaes o habito nos esfriou a admiração. E todavia, cada um d'aquelles factos é revelação das grandes leis com que Deus concilia e pauta a harmonia do universo. O bom mestre, e bom pai não desaproveitem o lanço de affazer os meninos á admiração das maravilhas da natureza, e a subir de factos apparentes ás causas verdadeiras, sempre que vier de molde. — Os factos inexplicaveis ou difficeis de explicar são *maravilhas*, que podemos admirar com aquelle immenso prazer que vai de envolta no sentimento do mysterio e do infinito: a electricidade, os aérolithos, as auroras boreaes, as trombas marinhas, os furacões, os cometas errantes. (Veja METEOROS). — Assignalaremos de passagem, a vida extraordinaria de alguns animaes. Uns alveneis de Gothia, fendendo uma rocha, acharam dentro um sapo vivo. Quando teria elle entrado no seio d'aquella rocha? Em 1719, na base de um olmo de sanissimo tronco, achou-se, acima da raiz e no meio da massa lignea um sapo não grande que fugiu logo que o madeiro foi cortado. O mesmo succedeu em um grosso carvalho. Em Hespanha encontraram-se dous vermes vivos dentro de um pedaço de marmore. Achou-se um escaravelho vivo n'um pedaço de pão procedente do porão de um navio. Uma serpente enroscada em nove roscas appareceu viva em um pedaço de pedra de nove metros de diametro. Observe-se que estas pedras e arvores não eram esboracadas nem fendidas. Quem lê semelhantes factos, espanta-se e difficilmente crê. E, em verdade, como se explica existirem animaes encerrados em substancias mais duras, sem comer nem respirar? (Veja MONUMENTOS).

2. Se denominamos *Sete maravilhas do mundo* uns monumentos antigos que sobrepujam a grandeza dos outros, e a belleza, e magnificencia foi porque n'esse tempo eram desconhecidos á antiga Europa os prodigiosos monumentos da India e China; foi por que ainda não haviam irrompido do solo christão as nossas graves e elegantes cathedraes, já mouriscas, já gothicas. Depois do reinado de Alexandre é que pontualmente se designaram como *sete maravilhas*—1.º, os muros—jardins de Babylonia, obras de Semiramis; 2.º, as pyramides do Egypto; 3.º, o pharol de Alexandria; 4.º, a estatua de Jupiter Olympico, de marfim e ouro, com vinte metros de altura, obra de Phidias, perfeita em summo grau; 5.º, o colosso de Rhodes, cujo dedo pollegar a custo era cingido pelos braços de um homem; 6.º, o templo de Diana em Epheso, queimado por Erostrato; 7.º, o tumulo de Mausoleo, em Caria. O templo de Jerusa-

lem, tão admiravel na descripção biblica, foi por alguem substituido a uma das sete maravilhas do mundo.

MARCIAL. Nasceu em Bilbilis, em Hespanha, no anno 40. Manejou tão destramente o louvor como a satyra, graças á flexibilidade de sua indole. Tiveram grande voga os seus poemas, pelos quaes adquiriu muitos amigos, e graça na mais selecta sociedade. Sterninius, homem de alta estirpe, tanto lhe quiz que adornou sua bibliotheca—(honra não concedida senão raramente aos vivos) com o retrato ou busto de Marcial. Foi intimo amigo de Quintiliano, Frontino, Juvenal, Valerio-Flacco, Silio Italico, e de todos os escriptores distinctos seus contemporaneos. Diz Plinio o Moço, tambem amigo seu, que Marcial foi um espirito arguto, delicado, mordente, e sabia a primor salgar os seus escriptos, sem desaire de sua probidade.

MARCIANNO. (Veja Quinto seculo):

MARCO-AURELIO. (Veja Segundo seculo).

MARÇO. A vinte d'este mez principia a primavera.

Jardins. Semeiam-se balsaminas, melindres, margaridas, goivos e cravos. — Planta-se alfazema, verbena, lilás, jasmineiros, ortencias, novelleiros, violetas e margaridas.

Hortas e campos. Principia-se a armar em canteiros a terra, para as culturas d'irrigação.—Sacham-se as hortas, e semeia-se feijão, ervilhas, acelgas, aipo, tomates, broculos, alfaces, cenouras, coentros, couve, repolho, couve murciana, lombarda, beterraba, malagueta, pimpinella, abobora, beringellas, chicorea, salsa e segurelha. — Findam as sementeiras de nabos, rabanos, e rabanetes. — Planta-se a couve semeada em novembro, e a alface e chicorea, semeadas em fevereiro.—Começam-se a semear melões, melancias e pepinos. — Semeiam-se tambem favas, batatas, trigo tremez, cevada, centeio, avêa, arroz, milho, painço, linho, canhamo, alpiste. — Semeia-se igualmente trevo, luzerna, samfeno, azevem. — Dá-se uma gradagem aos prados naturaes.

Pomares e florestas. Fazem-se enxertos, em romeiras, pecegueiros, e pereiras. — Plantam-se estacas de figueira, laranjeira, e arbustos, que temem o frio. — Trasfegam-se os vinhos. — Conclue-se a limpeza das arvores.

MARÉ. 1. As marés são movimentos regulares e periodicos de elevação e de descenso alternativos das aguas do mar, as quaes sobem e descem duas vezes no intervallo de duas passagens consecutivas da lua pelo meridiano do lugar da observação. O *fluxo*, a *maré enchente*, é o estado do mar quando as suas aguas se elevam; o *refluxo*, a *maré vasante*, é o estado do mar quando as suas aguas descem. Quando o nivel das aguas do mar attingiu a sua maxima grandeza, diz-se que ha *preamar;* e *baixa-mar* quando o nivel attingiu o minimo de grandeza. — Em virtude da reciprocidade de acção entre dous corpos que se attrahem, a lua e a terra attrahem-se com uma energia proporcional á sua massa, na razão de 1 para 81; e cahiriam um para o outro com velocidades reciprocamente proporcionaes ás suas massas, se estes dous corpos não fossem dotados de movimentos de translação. As velocidades de translação da terra e da lua não impedem de obedecer á sua mutua attracção, mas sustenta-as a uma distancia quasi constante. — Se a terra fosse liquida, tomaria, pela presença da lua a fórma de um ellipsoide de revolução alongado, cujo eixo maior estaria dirigido para o satellite; e esta fórma seria permanente se a terra apresentasse sempre o mesmo hemispherio para a lua, como Lagrange o demonstrou para este corpo, que volta sempre a mesma face para a terra. A terra não é liquida senão nos tres quartos da sua superficie, e em profundezas mui pequenas relativamen-

te a seu raio; além de que, em virtude da sua rotação diurna, a sua face voltada para a lua muda continuamente. Por esta dupla razão, o alongamento do ellipsoide no sentido do eixo dirigido para a lua é excessivamente pequeno, e o menisco formado pela fórma espherica e ellipsoidal desloca-se continuamente sobre a superficie da terra. Suppondo a lua no plano do equador terrestre, o menisco de que se trata tende a formar-se ao redor de dous pontos do equador diametralmente oppostos, um no pé da vertical passante pela lua, o outro no antipoda: para estes pontos aflue a agua do mar em todas as direcções. Ha pois elevação de nivel ao redor d'estes dous pontos até dous circulos limites, cujos são pólos estes pontos; e depressão de nivel na zona comprehendida entre estes dous circulos. Mas, pela rotação da terra, os dous pólos de elevação de nivel deslocam-se de éste para oéste, e fazem o giro inteiro do equador em um dia lunar, que é termo medio igual a 24 horas e 51 minutos de tempo solar medio: ha pois em todos os lugares do equador duas elevações e duas depressões, isto é, dous fluxos e dous refluxos. Para outro qualquer lugar da terra, que não seja equatorial, os mesmos phenomenos se produzem, com a unica differença que estas marés diminuem de grandeza á medida que o lugar está mais visinho de um ou de outro pólo terrestre, onde ellas são nullas, isto é, a superficie do mar está alli completamente immovel.

2. Tudo o que fica dito a respeito da attracção lunar applica-se tambem á attracção solar. Ha pois marés solares como as ha lunares; mas, em consequencia da distancia do sol á terra ser 400 vezes maior que a da lua ao nosso globo, a maré solar é mais fraca que a lunar, apesar da massa, e por consequencia a potencia d'attracção do sol, ser 28 milhões de vezes maior que a da lua. As alturas d'estas duas marés estão, aproximadamente, entre si como 2 está para 5.

Como o sol e a lua actuam simultaneamente sobre o mar, as marés effectivas são o resultado da combinação das marés que cada um d'estes astros produziria se actuasse isoladamente; combinação que umas vezes ajunta os effeitos devidos a cada um dos dous astros, outras vezes os contraria. Nas syzygias ou na época da lua nova e cheia, as duas marés se ajuntam, aproximadamente; em quanto que nas quadraturas, isto é, na época do primeiro e segundo quarto, as duas marés subtrahem-se uma da outra. A acção do sol não domina nunca a da lua: por isso as marés serão reguladas pelo curso do satellite, e o seu periodo será a metáde do dia lunar, o qual é de 24 horas e 51 minutos, ou 51 minutos mais longo que o dia solar. Pelo que o atrazo das marés será de 51 minutos por dia; isto é: que se a primeira maré de um dia tem lugar ás 8 horas da manhã, a primeira maré do dia seguinte terá lugar ás 8 horas e 51 minutos da manhã. As marés variam com as distancias da lua e do sol á terra. (Veja LUA). Os ventos e a configuração das costas teem uma influencia consideravel nas marés, quer para augmentar ou diminuir a sua altura, quer para retardar ou avançar a sua época. As vagas das marés, no seu embate contra as costas, produzem correntes que se encontram e se chocam, produzindo novos effeitos. Nas costas da Hollanda, duas correntes encontram-se em sentidos contrarios: uma vem do sul, pela Mancha, a outra do norte, contornando a Escocia; d'aqui resultam redomoinhos d'agua, e o singular phenomeno do *fluxo* e *semi-refluxo* observados simultaneamente a pequena distancia um do outro. Nas Orcadas o fluxo dura tres horas, e o refluxo nove; no Havre, o mar conserva-se em preamar bastante tempo antes que o refluxo principie, e é em parte a esta circumstancia que este porto commercial deve sua grandeza. — No Baltico, Mediterraneo, mar Negro, mar Caspio, não ha fluxo e refluxo. Comprehende-se facilmente a razão d'isso: n'um mar estreito, onde a força attractiva dos astros não abraça um espaço consi-

deravel a elevação das aguas deve ser pouco sensivel.

MARICÁ (Marquez de), (Marianno José Pereira da Fonseca). Nasceu no Rio de Janeiro em 1773 e morreu em 1848. É cognominado devidamente o «*La Rochefoucault* brazileiro.» Funda-se a merecida fama d'este illustre estadista no livro intitulado *Maximas, pensamentos e reflexões* que, em 1850, sahiram em nova edição completissima, e, já em 1860, dos prelos de Paris sahiu outra edição bella e primorosamente impressa dos snrs. Laemmert, editores residentes no Rio de Janeiro. É notavel até certo ponto o epitaphio que o marquez de Maricá redigiu para si mesmo:

Aqui jaz o corpo apenas
Do marquez de Maricá;
Quem quizer saber-lhe da alma,
Nos seus livros a achará.

Foi, sem duvida, philosopho moralista de grande alcance; mas não se recommendou como poeta.

MARINHA. «Na antiguidade os navios eram tão frageis, e os navegadores tão inexperientes que só os arriscavam no verão, recolhendo-os no inverno, como refere Horacio no livro 1.º:

Solvitur acris hyems grata vice veris et favoni:
Trahunt que siccas machinæ carinas.

«A este respeito diz *M. Saverien*: «A fragilidade d'estes navios era tal que não ousavam deital-os ao mar senão na bella estação. No fim do estio arrastavam-os para terra, e cobriam-nos até á primavera, com tanto cuidado quasi como nós conservamos as nossas laranjeiras na estação chuvosa.»

«Assim procediam os antigos. Mas que dirás [1] se, depois de tantos seculos, tantos progressos nas sciencias, tanta communicabilidade entre os povos, a navegação estiver ainda reduzida aos mesmos termos, em algumas partes, e sobre tudo, n'aquelle ponto do globo, que parece ter sido o primeiro a civilisar-se, e que apresenta monumentos da mais remota industria, e poder social dos seus habitantes?! Que dirás, sabendo que, no Indostão, e mesmo nas costas da Arabia, Sino Persico, mares Roxo e da China, os navios se recolhem no inverno, e as viagens se fazem nas monções convenientes? Que dirás, sabendo que os juncos do Celeste Imperio, ainda são de tal modo construidos que não viram por d'avante, e se recolhem no primeiro porto de abrigo em conjuncções de lua? Sabendo que os patamarins, sibares, manguerins, pallas, almandias, paráos, terradas e mais embarcações da costa do Malabar, de Coromandel, e das ilhas asiaticas se espalmam em terra quando vem as chuvas, e as cobrem de bambus e folhas de palmeira?! Dize, meu amigo, como foi que os europeus, e mais do que elles todos, nós os portuguezes desprezando quanto a imaginação apoiada em factos, criára de mais medonho sobre as ondas, rompemos essas pêas que circumscreviam toda a nautica a uma rachitica cabotagem, e nos aventuramos a descobrir novos mares, novos céos, novas estrellas e novos mundos?! O que fomos em relação aos outros povos civilisados, n'essa quadra de prodigios sociaes em que tivemos tão avultado quinhão, e o que somos em relação ao actual desenvolvimento dos conhecimentos humanos?! Como operamos tantas maravilhas?! Tu bem o sabes, mas deixa-me ter o gosto de repetir-te algumas das mil razões que para isso dão, eruditos e notaveis escriptores estrangeiros, porque trazendo-t'as á memoria, folgará commigo o teu coração portuguez.

«Diz *Malte-Brun* no tom. 1.º, liv. XXI, pag. 478: «Os portuguezes conseguindo expulsar os mouros do seu paiz, perseguiram até ás praias d'Africa estes inimigos do nome christão.

[1] Dirige-se o author do artigo ao snr. visconde de Castilho, que traduziu magnificamente os *Fastos* de Ovidio. Este artigo é uma das *Notas* condignas d'aquelle preciosissimo trabalho do principe da lyra portugueza.

Quizeram exterminar a sua religião, mas quizeram sobretudo apoderar-se das suas riquezas. Cada nova victoria, arrastava uma nova expedição. Viram-se correr a Portugal todos esses a quem animava o gosto das empresas, todos esses a quem atormentava a necessidade de gloria. Ao lado dos italianos e dos castelhanos, viram-se os flamengos e os allemães rivalisar de audacia com os portuguezes. Um cavalheiro dinamarquez fez admirar o seu valor, como Martim de Bohemia a sua sciencia. As damas de Lisboa, concorreram poderosamente para exaltar este enthusiasmo universal: ellas recusavam a sua mão áquelles que não faziam as suas provas de valentia nas margens africanas. Em fim a bussola, invenção de incerta origem, permittiu aos maritimos afastar-se das costas, e percorrer o alto mar. Todavia, foi principalmente aos successos brilhantes obtidos em frente de Ceuta, e á louvavel curiosidade do infante D. Henrique, que a geographia deveu a renovação da navegação á roda da Africa, a descoberta dos paizes que se estendem desde o cabo Nunes até ao cabo Guardafui, e em fim o conhecimento mais exacto do Indostão, e das regiões meridionaes da Asia desde Ceylão á Nova Guiné, até essa época envoltas nas trevas da fabula.»

«Meu Castilho, repara que um dos *poderosos incentivos* que despertavam o valor portuguez, era tornar-se elle tão aceito ao bello sexo nacional: quem deixaria de obrar façanhas! Escuta ainda o que sobre as empresas dos portuguezes se lê na *Encyclopedie Nouvelle*, tom. III, pag. 676: «O principio d'este movimento d'expansão, em virtude do qual a Europa abrindo a si mesma uma carreira politica infinitamente maior do que a das nações mais conquistadoras dos tempos antigos, lançando-se no espaço d'um seculo, como soberana nas duas Indias, deriva talvez menos do genio de Christovam Colombo, do que, do magnanimo principe Henrique de Portugal. Foi elle que, desde o decimo-quinto seculo, deu o signal da proxima grandeza das potencias navaes. Nascido ás bordas do Atlantico, os olhos incessantemente virados para este vasto mar, pela posição desesperada do throno, concebeu o audaz projecto de o dominar e tornal-o a base da prosperidade do seu paiz; pondo de parte os processos ordinarios da concorrencia politica, fechado no seu gabinete do cabo de S. Vicente, no meio d'um conselho de astronomos e navegadores, indagou a maneira de submetter á marinha de Portugal, o littoral ainda não explorado do continente africano, e como, conduzindo as suas expedições até á India rodeando esta longa peninsula, poderia só pela unica superioridade de um novo caminho, tirar em proveito de Portugal e da Europa inteira, aos orgulhosos costeiros de Genova e de Veneza, o sceptro faustoso do commercio oriental. Foi elle que, por suas instigações e recompensas animou pouco a pouco os maritimos, a aventurar-se sobre os desertos muito tempo temidos do immenso oceano; foi elle que despertou o zelo da geographia, a ambição das descobertas, a paixão das viagens longinquas, as quaes desafiam o espirito ao aperfeiçoamento da arte nautica; foi elle que fez sahir do seio do seu instituto naval a preciosa invenção do astrolabio, e que juntando á bussola, já usada havia muito pelos venezianos e genovezes, este complemento indispensavel, estabeleceu os fundamentos da navegação do alto mar. Colombo foi um discipulo da escóla d'este grande principe: sahido de Genova, chegou á côrte de Portugal, e foi ahi que se instruiu; foi ahi, no meio dos geographos convocados de todos os pontos da Europa, pelo rei de Portugal, que elle se iniciou nas novas aspirações da sciencia; foi ahi, com as costas voltadas para as columnas d'Hercules, que se familiarisou com o oceano, e deixou pouco a pouco apoderar-se da sua alma, o desejo ardente, de navegar na India. Tirai Colombo de Portugal, lançai-o com todo o seu genio e o seu animo em Tyro, ou Alexandria, e não sómente a idéa, de ir

á India pelo caminho que faz o sol, nunca lhe lembrará, senão mesmo quando o acaso lh'a traga á cabeça, elle não será tão louco que a ella se entregue, sabendo que isolado no meio do immenso oceano, sem guia, e sem linhas de costas para se dirigir, ficará tão cego e mais abandonado do que Ulysses nas suas fabulosas veredas.»

«Ouviste? Ouve agora o que se diz no mesmo livro, do cantor d'esta, e de outras preeminencias portuguezas: «Vê-se que este grande poeta não se julgava com direito de mal dizer de Deus, porque tinha sido do agrado de Deus, fazel-o pobre e desterrado como tantos outros de seus irmãos. Quando os entes que lhe eram mais caros sahiram d'esta vida e o deixaram só, elle gemeu, porém não deixou que as lagrimas lhe cegassem muito tempo os olhos; e porque era miseravel, obscuro, e desconhecido, não se apressou a concluir que era preciso desesperar para sempre da salvação da sua patria e da fortuna do mundo. A vida de Camões, bem sentida e fielmente pintada, seria um bello estudo de psychologia moral para se offerecer á admiração da mocidade do nosso tempo, por momentos tão molle e tão esmorecida. Um dos nossos mais celebres contemporaneos disse com uma grande felicidade de expressão: «O verdadeiro homem de bem é um artista ao seu modo, que representa na sua nobre vida a parte mais admiravel do bello.» Tal foi Camões: o seu poema dos *Lusiadas* é bello; mas a sua vida foi ainda mais bella que o seu poema.»

«Castilho, quem sentir como MM. Leroux e J. Reynaud para apreciar o que elles dizem na *Encyclopedie Moderne*, não póde deixar de admirar e amar Camões, honrando-se de ter a mesma patria que alimentou um tão sublime genio e tão grande coração.

«Vamos porém aos navios, e não estranhes que alguns relampagos do fogo celeste que nos anima em honra da patria, me desviem por instantes da empresa começada, pois tendo sido a navegação um dos meios de engrandecer o nosso nome e de alcançarmos gloriosa fama, é natural que tratando d'ella, tenha na lembrança o seu resultado, ainda que procedesse de causas diversas.

«Tem-se por obras portentosas do genio e arte, essas soberbas naus inglezas e francezas de tres e quatro mil toneladas, essas fragatas *Merrimak*, e *Niagara* dos Estados-Unidos, e esquecem que, ha trezentos annos as *carracas* portuguezas eram quasi das mesmas dimensões, tendo até seis e sete cobertas! Queres ouvir, meu Castilho, a descripção que vem no *Dictionnaire historique de Marine*, de um d'estes vasos? Diz-se alli: «Nome que os portuguezes davam ás naus que enviavam n'outro tempo ao Brazil e ás Indias Orientaes. Eram grandes navios de guerra redondos, mais esguios em cima do que em baixo, que tinham sete e oito cobertas, nas quaes podiam alojar-se até dous mil homens, e que podiam carregar dous milhões de libras.»

«Que nos importa agora, ou que faz á nossa questão, que os navios dos seculos de Pericles ou de Cesar, fossem consagrados aos deuses, tendo as suas imagens pintadas nas pôpas, e elles mesmos ostentando variegadas pinturas e côres brilhantes, segundo consta do teu original no livro 4.º?

At bona posteritas puppim formavid in œre,
Hospitis adventum testificata Dei

E mais

................Picta coloribus ustis
Cœlestem matrem concava puppis habet.

«Que nos importa este uso, inda que d'ahi viesse aquelle de os baptisarem, até hoje seguido? Que faz ao nosso caso que, na antiguidade houvesse uma especie de navios chamados *liburnos*, de uma admiravel marcha a remos, excellentes para os combates, e para o corso, ideados na Liburnia que então fazia parte da Iliria, dos quaes os habitantes se serviam para as suas rapinas no mar, e devasta-

ções nas costas visinhas, que Horacio menciona dizendo:

Ibis Liburnis inter alta navium
. . . . Amice propuguacula.

«Que faz isto, e o mais que escreveram doutas pennas, á questão do dia, de termos ou não constructores habeis, capazes de riscar e levantar navios, para encommendarmos a sua factura á industria ingleza que nos encampou um barco a vapor mercante por corveta *Bartholomeu Dias*, e outro até ronceiro por corveta *Stephania*, que nos vendeu um pequeno hiate a que os presumidos innovadores e reformadores chamam *palhabote*, pelo duplo do que importaria feito em Portugal?! Esta é a questão palpitante, e de interesse patrio, que tenho presente, sem me poder desviar do seu assumpto, praguejando a fatalidade que arrasta os homens mais bem intencionados a seguirem semelhantes erros.

«A marinha antiga da Grecia ou Roma, era monstruosa, e mesmo a de Carthago, d'onde a esta ultima vieram os melhores modêlos, armando-lhe as prôas de *rostruns* inventados por Piseu como diz Plinio, e que Virgilio menciona no livro decimo da *Eneida:*

Quot pius æratæ steterant ad littora puppes.

«Com aquellas ordens de remos e os seus toletes (*scalmos*), e conforme o numero d'ellas *unirémes*, *birémes*, e *trirémes;* aquelles mastros curtissimos, coroados de uma especie de castellinhos d'onde os combatentes lançavam armas de arremesso, etc. Semelhantes embarcações pouco mais eram do que jangadas, ou embora grandes lanchas, porém pesadissimas para os remos, fazendo só uso das velas quando tinham o vento da perpendicular para ré, como se depreheude de alguns desenhos, e dos relevos da torre inclinada de Pisa que, poucos, dignos são de credito, como a maior parte d'estas imagens infielmente reproduzidas por pintores ignorantes, e estranhos á marinha, dos *bornes-fontaines* de Paris, do pedestal da estatua colossal de Nantes, do sello da cidade de Douvres, analysados por M. Jal. Mas assim mesmo tinham suas bellezas para os coévos que mereciam ser cantadas pelos melhores poetas, e nos foram transmittidas de idade em idade para nos inculcarem, não só o merecimento dos taes navios, senão o genio dos seus apologistas.

«Toda a gente instruida nas cousas do mar, tem indagado a maneira por que os antigos collocavam a segunda e terceira ordem de remos nos seus navios, e o problema ainda não teve uma solução convincente: M. Jal, o investigador mais constante e perspicaz das archeologias nauticas, não pôde no fim de doze annos de aturadissimo estudo, fazer juizo seguro da sobreposição dos remos das galeras antigas, e apenas discorre hypotheticamente para concluir alguma cousa. Quanto á figura e estructura d'ellas, não ha um só desenho ou imagem dignos de acreditar-se, porque, nos relevos dos mais antigos monumentos rostraes, apparecem por exemplo, algumas prôas, ou pôpas e mesmo algumas figuras de navios tão desproporcionadas e disformes em relação a tres ou quatro cabeças e meios corpos dos seus tripulantes, e ao numero de remos que lhe sahem da borda sem intervallos para os remeiros, que não inspiram a menor confiança por absurdos. Os desenhos mais antigos de navios que parecem represental-os um pouco fielmente, são os das caravelas hespanholas confiadas a Colombo para a sua viagem de exploração em 1492. Antes d'isso, não ha risco, pintura, ou relevo de navio que o menos intelligente homem do mar supponha ter tido original.

«Havia caravelas, dógres, bergantins, balancinas, lugres, galeaças, yoles, mahonas, pramas, faluas, polacras, chalupas, canhoneiras, lanchas, bombardeiras, carracas, charruas, em fim galeras, *chenues* como o provam cinco estrophes onde estes nomes estão juntos.»

«Pois bem ainda nada d'isto é as-

sim. Tudo que podia haver eram charruas, faluas e polacras, entre os navios de transporte; mas caravelas, nada. A caravela que teve a honra de levar Colombo em busca de uma nova terra, ha muito tempo que não está em uso. O dógre existe, mas não é turco. Ha em França bergantins ou pequenos brigues, em Inglaterra ha pequenos brigues; mas o bergantim não tem vela latina, como diz M. Hugo para a rima — Actualmente — é um navio quadrado (nós portuguezes chamar-lhe-hiamos *redondo*). A balancina ou *paranzello*, assim lhe chamam os napolitanos, é uma embarcação ponteaguda nos dous extremos, apparelhada á latina, propria para a pesca, propria para pequenas navegações e explorações costeiras, mas que não póde ter lugar nem n'uma armada nem n'um comboy de navios de transporte. Nós temos duas balancinas armadas, na Calla para protecção da pesca do coral. O sultão não tinha lugres, o lugre (*lugger*, angl.) é um navio do norte que raras vezes vai ao Mediterraneo. Este pequeno navio de guerra é muito elegante, e não sei a razão porque M. Hugo o deshonrou com o epitheto de *disforme;* salvo se foi para rimar com enorme: *galeaças enormes.* As galeaças acabaram antes das galeras. Ainda menos yoles como navios de guerra, e hiates. As yoles são canôas ou escaleres muito finos e ligeiros de que usam os commandantes francezes e inglezes. As mahonas foram abandonadas pelo meio do seculo decimo-setimo. Não havia pramas em Navarino. Quanto ás faluas e polacras, se as havia, as primeiras não eram de seis remos, o que as faria muito pequenas para figurar entre os navios de transporte; as outras não eram de dous mastros, etc., etc.»

«E M. Jal conclue assim: «Insisto sobre este ponto para mostrar com que desconfiança é preciso lêr os poetas quando fallam de marinha. Virgilio e Wace são a excepção que tenho gosto de notar. Aprendi a desconfiar por um longo exame dos textos antigos e dos monumentos onde se acham figuras navaes, e convenci-me que a grande maioria dos historiadores — e dos mais estimados — são tão diguos de fé quando relatam factos maritimos, como MM. Hugo, Alfredo de Vigny e Eugenio Sue.»

«Pelo que acabas de ouvir, e por outros exemplos do mesmo author, demonstrativos da impossibilidade da existencia de certos navios com as fórmas que dizem tinham, foi que eu avancei igualmente que não se podia fazer idéa perfeita d'elles, até á época das nossas descobertas, e da expedição de Colombo, porque dos nossos e dos hespanhoes ha desenhos, que não chocam o bom senso; e imperfeitos que fossem aquelles typos comparados com os modernos, podiam navegar dentro dos rumos e quartas distinctivas da navegação larga até á rigorosa bolina, prestando-se a todas as manobras navaes e recursos mecanicos do mais habil marinheiro. No entretanto vê-se que, no meio das mesmas imperfeições, as pessoas competentes olhavam com igual interesse e exactidão para as suas qualidades nauticas, procurando dotal-os das que hoje se julgam mais vantajosas, pelo que d'elles disse Seneca: «Um bom navio, é aquelle que tem mais estabilidade, e da maior solidez; cujos exteriores estão bem juntos e unidos, bem calafetados; que resiste ao choque continuo das vagas, e ao impulso da agua que elle divide; que obedece á acção do leme; que aguenta a vela altivamente, e que é de uma grande velocidade.»

«No Prefacio do tomo I da *Histoire de la Navigation* traduzida do inglez e impressa em Paris, vem o seguinte: «O publico verá a historia d'aquelles que principiaram as viagens, que lhe abriram o caminho, e deram os meios de as fazer. Elle louvará a sua curiosidade; admirará a sua resolução, o seu valor, a sua constancia; lamentará os seus sacrificios, e seus trabalhos, e lhe dará os agradecimentos dos bens que as suas descobertas lhes procuraram. — Se estas viagens só fossem por terra, não se teria ido muito longe, e pouco teriamos avançado. As

ilhas teriam ficado incognitas, e era preciso contentarmo-nos com o que conhecemos no nosso hemispherio. O outro nos teria ficado escondido, como esteve durante tantos seculos. Mas em fim Deus não quiz que ignorassemos por mais tempo, que havia uma grande parte do genero humano, ainda que barbara a encontrassemos, que era filha de Adão como nós, e deviamos olhal-a como nossos irmãos e irmãs. Os vastos mares que nos separavam, o medo de nos entregarmos a elles, os meios que não sabiamos para tentar a passagem, nos tinham n'essa ignorancia. Foi pela navegação que a bondade divina proveio, e ella nos inspirou a arte, e nos levou á pratica e nos dirigiu dando-nos o conhecimento da bussola, sem a qual a navegação teria ficado pouco segura, difficil, e muito limitada.»

«Todos aquelles que tem contribuido para estas grandes e santas empresas, merecem sem duvida a sua recompensa diante de Deus, e diante dos homens; mas póde dizer-se que os portuguezes e os hespanhoes a merecem com mais justo titulo, por serem os seus primeiros authores, ainda que estes ultimos prevaricassem na sua conducta no Perú e no Mexico, pela avareza e crueldade havida com os indios; e d'elles se póde dizer o que disse um poeta ácerca da missão dos apostolos: *Seclera ista nefasque, hac mercedeplacent* porque o Evangelho foi prégado, e recebido.»

«A pag. 67, depois de contar quaes, e como foram feitas as viagens ao norte da Europa continua dizendo: «Eis aqui as mais consideraveis descobertas que se fizeram ao nordeste; mas póde concluir-se que não foram felizes, pois que não preencheram o seu fim principal, que era achar uma passagem por este lado para as Indias Orientaes.»

«Deixemos pois esses climas medonhos, e estereis, onde tanta gente pereceu, sem achar o que buscava. Não fallemos tambem mais d'esses mares sempre gelados, d'esses cachópos, d'esses nevoeiros, d'essas trevas, nem de tantos outros obstaculos que se oppozeram ás empresas de tantos homens de merito, os quaes não deixaram quasi outro fructo das suas fadigas, senão o commercio da Russia; em quanto porém o grande objecto era o commercio do reino de Cathay, e a descoberta d'uma passagem pelo norte para a China, e Japão, e todos os outros paizes orientaes. Não fallemos, digo, de tudo que tentaram do lado do norte; e vamos no entretanto áquellas que se fizeram mais felizmente do lado do Meio Dia, e do sueste: primeiramente do lado da Africa, e depois da Asia, que mais se frequentou, porque d'ahi vinha maior proveito.»

«A primeira d'estas descobertas foi feita por um inglez, chamado Mecham; se todavia o facto é bem authentico, este Mecham tendo raptado uma dama em 1344, fugiu com ella a bordo d'um navio, etc. (Vem o romance ou historia da descoberta da Madeira, e das Canarias, e continua): «Isto não é ainda senão o preludio das descobertas que os portuguezes fizeram depois sem interrupção. Póde mesmo dizer-se que a primeira por elles feita, foi o verdadeiro começo de todas que se lhe seguiram. Mas é conveniente notar, em que occasião os portuguezes as principiaram. O rei João de Portugal, etc.» (Falla d'el-rei D. João II e do infante D. Henrique muito detalhadamente, concluindo a relação das viagens por nós feitas, e passa áquellas dos outros povos assim):

«Até aqui não tenho dito nada do que os mais povos da Europa fizeram na Africa e nas Indias Orientaes, porque elles não fizeram se não seguir as pisadas dos portuguezes, e isso mesmo foi feito muito tempo depois, e passado o anno de 1542.»

«A pag. 354 diz: «Desde o principio do mundo até á descoberta das Indias Orientaes, nenhum homem que eu saiba, concebeu o projecto de fazer uma viagem á roda da terra. Como estas sortes de viagens são espantosas pelo atrevimento do designio, e singulares nas suas especies, reservei-lhe aqui um lugar. Mas antes de

as referir, notarei de passagem, que ainda que tenham tentado tudo para descobrir novas vias para fazer o circuito do mundo, não encontraram ainda outro nenhum caminho, senão aquelle que primeiro foi indicado por quem teve um tão nobre pensamento; isto succedeu no anno de 1519, em que Fernando de Magalhães que nós chamamos Magellan por corrupção da palavra, portuguez de nascença, gentil-homem de herança, soldado e marinheiro de profissão; tendo muito tempo servido o seu principe, tanto na Africa como nas Indias, e não recebendo paga equivalente aos seus serviços, renunciou a patria, desnaturalisando-se como era costume então. Elle foi offerecer o seu prestimo ao imperador Carlos V, que era tambem rei de Hespanha. Havia já muito que Magalhães se persuadira decididamente que podiam ir ás Indias e sobre tudo ás Molucas, sem carecer passar pelo cabo da Boa Esperança, como então se fazia. Elle propoz por tanto a cousa ao imperador com tamanha segurança, que este principe lhe fez dar cinco navios e duzentos e cincoenta homens para a emprehender.»

«Do mesmo audaz navegador, tambem o Chevalier de Langeac faz menção honrosa, lamentando-o na sua obra *Colomb dans les Ters*, dizendo a pag. 139: «Magalhães, que se immortalisou pela ousadia da sua navegação, pediu debalde a Manoel, rei de Portugal, a recompensa que mereciam os seus serviços, e não obteve senão recusas.» D'este maritimo, ainda Robertson para exaltar Drake, diz no 1.º volume *The Naval Chronicle:* «Aquelle atrevido navegador, invejoso da gloria que Magalhães tinha adquirido rodeando o globo, emprehendeu uma viagem, que a Europa inteira tinha admirado durante sessenta annos, sem com tudo seguir o descobridor portuguez na sua aventurosa derrota.»

«Ora eis aqui os portuguezes considerados, por notaveis historiadores estranhos, como os primeiros e mais audazes navegantes dos seculos modernos, e Magalhães o primeiro que se lembrou de emprehender e executar uma viagem á roda do mundo, e o facto é exactissimo. Todos sabem os successos maravilhosos por nós praticados, que serviram de factores á multiplicação das relações sociaes do genero humano, porém parece que não lembram; e quem os repete é tido por lunatico, e mal avisado em recorrer a taes anachronismos para defender o direito que este paiz tem á sua hierarchia de nação das mais civilisadas. Hoje, quem lê, escreve, ou falla *portuguez*, é meio barbaro; mas embora lh'o chamem, o certo é que no meio d'este apregoado barbarismo, aqui ha uma imprensa livre; proscreveu-se a pena de morte nos crimes politicos: ha tolerancia nas crenças religiosas, permittindo-se-lhe até frequentarem os seus respectivos templos; comprimenta-se o rei por affecto e respeito á sua pessoa, e não por medo do castigo de tão brutal grosseria; e a opinião publica, tem tanta força, que derruba e levanta ministerios, sem precisar correr á praça vozeando!

«Honra pois aos portuguezes, meu amigo, honra á nossa gente que, cercada dos vicios e maus habitos dos maiores povos da Europa, n'este seculo de transição, nutre idéas generosas, e procede maciamente, sem ser a isso instigada por emprestados brios e alheios exemplos: quando elles fossem mister, para despertar em nós principios de actividade e honra, esquecidos pela corrupção e contacto dos mais interessados individuos no nosso aniquilamento, bastaria lembrarmo-nos do que fomos e fizemos, confessado por escriptores philosophos, e juizes insuspeitos de quanto praticamos de sublime. E como o seu testemunho deve ser grato a quem presa este paiz, aproveitarei a occasião de repetir um que de nós deu o distincto Raynal. Diz elle no tom. 1.º pag. 121-22:

«A instituição da cavallaria, uma d'aquellas que mais elevaram a natureza humana, este amor de gloria substituido ao da patria; este espirito apurado das fezes dos seculos bar-

baros, nascida mesmo dos vicios do governo feudal: a cavallaria reappareceu então nas margens do Tejo com todo o brilhantismo que tivera á nascença em Inglaterra e França. Os reis procuraram conserval-a e estendel-a pelo estabelecimento de diversas ordens formuladas sobre o modêlo das antigas, e cujo espirito era o mesmo; quer dizer uma mistura de heroismo, galanteria e devoção.»

«Os reis elevaram ainda o espirito nacional, pela sorte de igualdade com que tratavam a nobreza, e pelos limites que elles mesmos davam á sua authoridade. Convocavam muitas vezes os estados-geraes, sem os quaes não ha propriamente nação. D'estes estados foi que Affonso recebeu o sceptro depois da tomada de Lisboa. Foi com elles que os seus successores deram muito tempo leis. Diversas d'estas leis eram proprias a inspirar o animo de cousas grandiosas. A nobreza era concedida aos serviços distinctos: áquelle que matava ou aprisionava um general inimigo ou seu escudeiro; áquelle que sendo prisioneiro dos mouros, recusava resgatar a liberdade pelos sacrificios da sua religião. Tiravam a nobreza a quem quer, insultavam uma mulher, dava um falso testemunho, faltava á fidelidade, ou *escondia a verdade ao rei*. Se este uso cessou, é por culpa dos subditos que não ousaram dizer a verdade aos soberanos, ou á falta dos soberanos, que não a quizeram ouvir?

«... Os portuguezes eram pois cavalleiros armados para defenderem suas mulheres, seus filhos, e os seus reis cavalleiros como elles. Eram ainda cruzados que defendiam o christianismo combatendo pela patria. Ajuntai que era uma nação pequena, uma potencia limitada: ora não é senão nos pequenos estados muitas vezes em perigo, que se sente pela patria um enthusiasmo, que não conhecem nunca os grandes povos, que gozam de mais segurança.»

«Os principios de actividade, de força, de elevação, de grandeza, que estavam remidos juntamente n'esta nação, não se perderam depois da expulsão dos mouros. Estes inimigos da fé e do estado, foram perseguidos até na Africa... Elles (os portuguezes) partiram em quantidade para se irem enriquecer, servir o estado, e fazer conversões. Pareceram na India, mais do que homens, até á morte de Albuquerque. Então as riquezas, que eram o objecto, e o fructo das suas conquistas, corromperam tudo. As paixões nobres, foram substituidas pelo luxo e gozos, que não deixam nunca de enervar as forças do corpo e as virtudes da alma. A fraqueza dos successores do grande Manoel, os homens mediocres que elle mesmo escolheu para vice-reis das Indias, fizeram degenerar os portuguezes pouco a pouco.»

«Do estado do nosso exercito que tambem calumniam, disse em 24 de fevereiro de 1824, o ferido das nossas balas, e nosso justo apreciador general Foy: «Vem depois um reino do qual parece que os nossos ministros esqueceram a existencia. Sereis todavia forçados a reconhecer que além da revolução d'Hespanha, ha ainda a combater tres milhões de portuguezes, que estão mais perto de Madrid que nós; que estes portuguezes tem um exercito veterano fortemente constituido, e que elles sabem muito bem quaes são os seus inimigos, e onde é o seu campo de batalha.» (Tom. II, pag. 221).

«Tinhamos em 1824, um exercito *veterano, fortemente constituido, e sabiamos onde era o nosso campo de batalha!* E ainda hoje os conhecemos, e sabemos onde devemos combater. O illustre orador concluiu assim: «Velho soldado, não posso deixar de fazer votos pela honra das nossas armas quando o emprego d'essas mesmas é contrario ao sentimento nacional. Cidadão, chorarei sobre uma guerra onde são forçados a mentir ao seu destino, os meus antigos companheiros de combate, e esta nobre e joven geração que, nutrida no amor da liberdade, era tão digna de pelejar um dia, contra os verdadeiros inimigos da França.» O exercito portuguez igualmente tão digno de comba-

ter os inimigos da liberdade, e de Portugal, foi constrangido a mentir aos seus generosos instinctos, apoiando n'esse tempo o absolutismo fóra, e no proprio paiz que acabára de emancipar!

«Meu amigo, preguem os francezes, inglezes, e americanos do norte quantas doutrinas philosophicas os seus nacionaes codificaram, que os portuguezes menos fartos de letras fundidas, e menos expansivos em palavras, tem-n'as levado á pratica sem programmas, nem ostentação vaidosa. Embora meia duzia de organisações dotadas de mais ou menos intelligencia, modeladas á estrangeira, ou corrompidas na sua origem por causas accidentaes; embora esses visitantes dos paizes mais especulativos em artes e sciencias, subsidiados ás mãos cheias para importarem aperfeiçoamentos, e civilisação já velhos e sabidos em Portugal, desdenhem do que é nosso, e dos bens que o paiz possue, e queiram ennodoar o quadro da nossa vida politica; são pontos tão raros, que mal se distinguem no meio da multidão de bellezas que o tornam admiravel.

«Mas tu queres marinha, e estas divagações cada vez te hão de satisfazer menos, apesar de me persuadir que, mesmo julgando-me tu fóra do *rumo* que indicaste, lá ha de a vigia dos vaus, vêr branquejar a areia na praia, ou pelo menos perceber por entre as nuvens a *arrumação* da terra, concluindo que a *variação da agulha* não me afastou do *caminho*. Por que: assim como a marinha póde chegar, e chega com effeito a toda a parte do globo sulcando o fluido em que nada, e banha e cerca a terra, assim ella, proxima ou remotamente, póde abordar este e aquelle ponto de um assumpto, pois a todos é applicavel pela influencia que tem tido e continua a ter nas relações e meios de communicações dos povos, que põe em contacto, por mais separados que os considerem. Porém, querendo fallar-te só da figura e fórma dos navios, teria e terei de buscar objectos com que os compare, sendo como são diversissimos em porte, apparelho, arte, e construcção, e d'elles se não faça idéa sem os ter presentes. Além de que o marinheiro poucas vezes é entendido d'aquelles que não seguem a mesma vida, por ser a sua linguagem differente da usada em terra; e ninguem conhece as cousas relativas ao mar, senão dedicando-se ao seu aturado estudo, ou no fim de longa experiencia: podendo afiançar-te que, mesmo a gente embarcadiça, que não vigia quarto, não apanha aguaceiros, não observa o sol e o horisonte, não olha a grandeza e direcção da vaga, não aprendeu construcção, apparelho, manobra, nautica, e o serviço dos navios, ignora o que elles são, nem póde ter voto na materia, embora assista a bordo muitos annos. Ácerca da incomprehensibilidade dos objectos e partes componentes que esta vida do mar abrange, diz M. Charles Rome no *Dictionnaire de la Marine Française:*

«Considerando tambem quantos objectos a marinha abrange que são pouco ou nada conhecidos das pessoas que vivem longe dos portos, e quanto é difficil dar-lhe uma idéa satisfactoria d'ella pela descripção a mais bem feita, sem lhe apresentar a imagem debaixo dos olhos, conformei-me com a opinião de Horacio:

Segnius irritant animos demissa per aurem,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus;

«E na verdade, meu amigo, que meio ha, de fazer entender a qualquer, alheio ao mar o que é, por exemplo uma *caverna?* Caverna, diz o nosso velho Moraes: «*S. f. lugar concavo, profundo, soterraneo, de notavel extensão, na terra, rochedo, monte.*

«*Peças que assentam sobre a quilha para lhe formar o fundo.*

«Que terá de commum este objecto com aquelle para lhe darem o mesmo nome? e assim de milhares de outros? Se lhe chamassem costellas, e á quilha espinha dorsal não havia repugnancia na analogia, por que um navio em osso, tem uma grande semelhança com o esqueleto do corpo

humano; porém caverna ao madeiro collocado transversalmente sobre a quilha, ninguem lhe adivinhará a etymologia. Mas o certo é que, apesar de taes nomes parecerem disparatados, algumas vezes se apropriam metaphoricamente com grande aceitação, como foi quando o general Foy disse que Portugal andava atrelado á Inglaterra, como uma lancha a *reboque* de um navio. D'alli por diante, a tribuna dos deputados toda era *remorque*, applicando-se a palavra mais ou menos felizmente nas discussões. (*France Maritime.* Tom. 3.º, pag. 82).

«Ha na marinha (diz M. Rome) palavras curtas, d'estas sobre tudo destinadas a ordens, isto é, vozes do commando relativas a movimentos rapidos, ou para exprimir affecções instantaneas. Ha termos abstractos como nas sciencias philosophicas, que são destinados a exprimir só as propriedades dos corpos, seus movimentos, sua posição, suas relações geraes e particulares, assim como certas causas, certos effeitos, certas variações, etc.

«Notemos em fim, que, entre estes termos que não foram inventados senão por homens do mar occupados da sua arte, já muitos tem sido transportados para a lingua commum para exprimir idéas particulares com mais precisão e laconismo, que não podia permittir o estado actual d'ella; taes são as palavras, abordar, bordejar, amarrar, encalhar, embarcar, afundar-se, governar, pôr em nado, arriar, caçar, calafetar, alastrar, manobrar, forçar de véla, governar, pilotar, dar costado, reunir, fazer escala, rebocar, sondar, etc. Ha na verdade muitas palavras de marinha, que me parecem dever ainda enriquecer o vocabulario commum; porém deixo aos grammaticos, o cuidado da sua escolha, de as indicar, e depois pertencerá aos grandes oradores, e aos authores celebres mostrar a conveniencia da sua adopção, pelos successos que obtiverem usando d'ellas.»

«Nos dous volumes dos discursos do general Foy, vê-se, como já notei, quanto a phraseologia maritima era seguida na tribuna franceza, tanto por elle, como pelos outros deputados, e até pelos ministros que não queriam *bordejar*, chegando a dizer Luiz XVIII n'um discurso d'abertura: a minha verdadeira *bussola*, etc. Mas tudo isto, no meu entender, prova a difficuldade que ha em fallar de navios e dos seus accessorios e relações, com quem não é do officio. Que idéa fará uma pessoa alheia ao mar da embarcação chamada *redonda?* Julgará que a fórma do vaso tem esta figura? Dizemos geralmente: *Um navio redondo*, *panno redondo*, *mareado pelo redondo;* e o navio não é redondo, nem o panno, nem a posição das velas indicam partes do circulo. O navio chama-se redondo em relação ao seu arvoredo, e não ao casco; redondo, quando as vergas das suas velas, estão suspensas ou içadas pelo meio (a que tambem chamamos *terço* da verga) perpendicularmente e horisontalmente nos mesmos mastros e mastaréos: chamamos panno redondo áquelle que n'ellas se enverga, o qual nunca foi redondo, e é ordinariamente um quadrilatero terminando por linhas curvas nas *testas* ou extremos lateraes, menos a parte superior chamada *gurutil*, cheia de ilhozes para por ellas cingir-se á verga: dizemos mareado pelo *redondo*, ou braceado pelo *redondo*, quando as velas fazem angulo recto com a quilha, que é o mesmo que, navegar á pôpa. Como ha de entender quem não fôr da profissão esta voz de commando: *mette a gavea dentro.* Onde se mette ella? como se faz, ou que significa esta operação? Poderá entender que estas tres palavras resumem a idéa de lhe largar as escôtas, carregar os estingues, briões e sergideiras, subir a gente á verga, pegar no panno, dobral-o e mettel-o debaixo da gacheta?! Não por certo. Como ha de pois a pessoa estranha á vida maritima, entender uma palavra que exprime a successão de diversos actos, e mesmo aquella que designa a qualidade do navio, *redondo*, quando nem ao navio se refere, mas sómente ao seu arvoredo?

«E queres tu meu amigo, que te falle das *galeras*, *galeaças*, *carracas*, *caravêlas*, *naus*, *fragatas*, *etc.*, e das differenças que distinguiam estes navios uns dos outros? Quando e como o hei de fazer, se não cabe n'uma nota, nem nos vinte e cinco dias que me déste para tratar da materia, o seu mais pequeno exame? Ainda que muito summariamente o pretendesse esboçar, encheria volumes, e só o trabalho calligraphico me levaria todo o tempo que preciso para coordenar as idéas. Que te hei de dizer dos navios antigos que tu não saibas, escripto pelos authores latinos mais teus conhecidos que de mim, homem breado e de pouco estudo? Descer ás especialidades até certa época é quasi impossivel, pois nenhuma explicação dada a este respeito por elles, satisfaz o marinheiro. Agora quanto ás *caravélas*, e vasos coévos, ou d'ahi por diante alguma cousa se póde conjecturar, pelas pinturas que d'ellas apparecem n'algumas cartas maritimas, que mostram as suas salientes e altas pôpas, os seus agudos e longos beques, seus quatro mastros latinos, tendo o de prôa uma véla redonda á qual poderiamos chamar velacho, e á envergada na antenna inclinada, traquete latino.

«A proposito de *traquete*, quaes serão aquelles de que falla Camões no VI canto dos *Lusiadas*: «E os *traquetes* das gaveas tomar manda?» Traquetes, no plural, é cousa que não ha na marinha, pois em cada navio, apenas ha só um, d'onde se conclue que, a palavra *traquete*, não significava o mesmo que hoje significa; isto é, uma véla, porém partes das mesmas. Diz elle:

LXX

Mas n'este passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os *traquetes* das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai, que o vento crece
D'aquella nuvem negra que apparece.

LXXI

Não eram os *traquetes* bem tomados
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, *amaina* a grande véla!
Não esperam os ventos indignados
Que *amainassem*; mas juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem, c'um ruido
Que o mundo pareceu ser destruido.

«Não se póde attribuir a ignorancia de um marinheiro tão douto e experiente como era Camões, o tomar a palavra *traquetes*, n'uma accepção differente d'aquella que se lhe dava a bordo, e por aqui se prova cada vez mais, a difficuldade de entrar no exame da fórma, e apparelho dos navios antigos, vendo-se que as mesmas palavras exprimem cousas diversas conforme a época e o objecto a que se referem. Tenho ouvido dizer dos nossos moinhos de vento (que são de origem arabe, porque os vi iguaes no Egypto; assim como as machinas de irrigação das margens do Nilo e do canal de Atfé, vulgarmente chamadas *noras mouriscas*) tomar os *traquetes*; isto é, enrolar o panno duas vezes na vara, sendo a primeira volta, meia véla, e a segunda *traquete*; e d'aqui vem o dizer-se que, tal moinho anda a *traquetes*. Assim, *carregar* um punho, ou *tomar* um riz, quereria então significar a palavra *tomar os traquetes*: e tambem se conclue da outra voz de commando: *Amaina* a grande véla, ser esta latina porque de outra sorte, não se arriára, visto que arriar, é o mesmo que *amainar*; e a véla grande n'um navio de gavea não se arria. E tanto mais assim é de suppor, que a expressão não é forçada pela rima, nem por outra elegancia poetica, vendo-se ser ella genuina e propria da manobra e da arte d'esse tempo.

« Ora não sendo a linguagem naval do seculo de Camões, a mesma que a de hoje, como saberemos avaliar a significação dos seus termos, nos primeiros seculos do christianismo e nos anteriores? E o mais é que, faltando certos exemplares dos navios antigos, e mesmo do começo do seculo actual, pouco juizo se ficará fazendo da sua

construcção, arvoredo, apparelho e mais accessorios pelo que d'elles se disser. Por exemplo: lêmos na Antistrophe 2, da ode a Vasco da Gama, do nosso pindarico Diniz:

> Do negro mar na foz alçou fervendo
> Vivas, vadantes ilhas,
> Que a morte intimam, com fragor horrendo,
> De longe ás curvas quilhas:
> ....

«Onde é que na Europa havia, ou ha navios com quilhas curvas? Sempre tomei este adjectivo por uma ficção poetica, pois nunca vira senão quilhas direitas rectilineas e bem galgadas; mas lá me parecia que o judicioso author, não introduzira aquelle termo sem necessidade na sua poesia, e simplesmente para metrificar o verso, pois teria a mesma medição dizendo *longas*, como *curvas* quilhas; e então que de algures lhe viera a idéa. Finalmente achei que dizia a verdade pois vi *quilhas curvas* na India e na China, por occasião de se espalmarem os navios arabes e indios de qualquer denominação, até pallas de tres mastros; e no isthmo da Areia Secca de Macau, vi uma lorcha e um táo lançados á praia pela força do tufão, com as quilhas curvas. Mas se aquelles povos da Asia por effeito do maior contacto com os europeus, e pela inquestionavel superioridade dos seus navios, adoptarem as construcções occidentaes, desprezando as primitivas do Oriente, quem fará idéa de tal curvatura das quilhas, no fim de alguns seculos? Quem nos póde dizer hoje, se os vasos phenicios, gregos, ou carthaginezes tinham esta conformação? Quem nos transmittiu um typo digno de fé passados tantos mil annos, quando d'um seculo para outro, os navios e os nomes das suas partes componentes são diversos?

«Chamava-se á verga da véla do mastro de ré, verga da *mezena*, e era na verdade uma verga, hoje chama-se-lhe *carangueja da mezena*, e n'ella se envergam juntamente a *véla ré*, e a *gala*, ou *drayva*. A razão é porque a verga da mezena servia para esta véla que occupava a parte superior da verga, chamada penol, e a outra metade chamada carro, era para a *rebeca*. A verga era das dimensões da do traquete, suspendia-se pelo terço (meio) ao calcez ficando a bóça abaixo da roman, com uma inclinação parallela ao estáe grande; para a parte do penol, como disse, ficava a *mezena* que ia caçar na grinalda, e na parte inferior que apontava para a tolda, envergava-se a *rebeca*. Hoje não é assim, porque esta ultima, tem o seu estáe especial, e a mezena enverga-se em uma antenna mais delgada do que a antiga verga, a qual encaixa n'uma bocca de lobo que abraça metade do mastro, e sóbe e desce por elle como convém á mareação do navio. A *véla ré*, ou *gala*, ou *drayva* (á ingleza) é uma véla de brim, propria para bom tempo, que se enverga na mesma antenna, e vai caçar no extremo da *retranca* fóra da grinalda, e não n'esta, como a véla de lona que serve para capa, ou vento duro, que apenas consente as vélas *mestras*. Nos navios antigos redondos, não se usava pau nem véla de *giba*, e havia então verga e véla da *secadeira*, hoje não ha nem esta véla, nem esta verga, e ha *giba* e *pau da giba*. Nas antigas embarcações miudas, havia *toletes* a que os latinos davam o nome de *scalmos;* hoje proscreveu-se essa armadilha, dos escaleres dos navios de guerra, e mesmo dos mercantes, sendo substituida pelas *toleteiras*. Os navios de alto bordo, naus e fragatas, eram de pôço, e castellos de pôpa e prôa; hoje, se bem ainda se chame castello á parte do ultimo pavimento dos referidos navios que vai do mastro do traquete á *roda*, é pela usança de outros tempos, pois a tolda, desde a grinalda á prôa não tem interrupção alguma. Hoje, o segundo pavimento de um brigue, corveta, ou fragata, e o terceiro ou quarto das naus de duas e tres baterias, chama-se convés; e n'outro tempo dava-se este nome, só á parte d'elle comprehendida entre o mastro grande e o do traquete: *Converso* (diz M. Saverien) «Parti du tillac ou pont d'en haut, qui est entre le grand mât et le

mât de misaine. C'est le lieu óu l'on se visite les uns les autres, et ou l'on fait la conversation; d'ou lui vient le nom *de converso*, qui est Portugais.»

«A palavra *convés* é pois de origem portugueza, e foi adoptada pelos francezes, d'onde se vê que, elles tiveram navios de coberta e *convés* depois de nós, ou que davam a esta parte dos mesmos, outra denominação menos apropriada. O certo é que, nem o convés é hoje o lugar nobre para as visitas que se recebem na *tolda* propriamente dita, nem haveria alli espaço para reuniões, porque está empachado com as antennas, lancha, escaleres, e marinhagem. N'uma palavra, são tantas as differenças existentes nas construcções e arvoredos de navios do seculo passado e d'este meio seculo anterior, e as actuaes, que a sua explicação me tomára mais tempo do que preciso para concluir esta nota, até ao fim do mez como queres.

«Assim, meu amigo, ahi vai o que pude rabiscar ao correr da penna, sem grande exame, pedindo-te que supprimas d'este montão de palavras, e noticias extrahidas avulsamente de varios authores, aquellas que te parecerem deslocadas, e não prestem para esclarecer a materia. Bem sabes quanto o amor proprio nos illude, e quanto aferro temos ao nosso trabalho, podendo por esta causa agradar-me o que a outros fará fastio. Se estivesse preparado ha mais tempo, creio que expurgaria este de repetencias e citações ociosas, dando ás partes da oração uma ordem chronologica mais conveniente; porém fui arrumando em pilha tudo que acaso lembrava sem escolha, e só apresentando factos que estarão entre si como o capitel de uma columna posto na base do fuste, e o pedestal perto da architrave.

«Tens pois carta branca para cortar tudo que julgues desprezivel, até mesmo reprovando a obra do principio ao fim, devolvendo-m'a então para a seu tempo me servir de repertorio. Do resto não me enfeitei com alheias galas, dando por original o que vem de outras fontes, declarando sempre a quem pedi emprestado aquillo que não é meu.» (Celestino Soares).

MARIO. (Veja SEGUNDO SECULO).

MARIZ (Pedro de). Presbytero, bacharel em canones, etc. Nasceu em Coimbra, filho de Antonio de Mariz, typographo. Vivia ainda em 1615. São muito conhecidos os seus *Dialogos de varia historia*, treze vezes imprimidos. Escreveu a biographia do bemaventurado S. João de Sahagun, e a *Historia admiravel do santissimo Milagre de Santarem*. E' tambem d'elle o prologo anteposto aos *Commentarios dos Lusiadas* por Manoel Corrêa. Em tudo que escreveu denota a sciencia de bem escrever, e critica não despecienda, pelo que respeita a historia.

MARMORE. (Veja CALCAREOS).

MARROCOS. (Veja BARBARIA).

MARSEILLE. (Veja PROVENCE).

MARTYRES. Segundo as tradições dos apostolos, uma multidão immensa de martyres sahidos de todas as condições da sociedade, de ambos os sexos, moços e velhos partilharam com elles o dom de conhecer todas as linguas, o poder de curar todas as molestias e expulsar os demonios, e fortes com sua consciencia e a virtude que lhe ensinaram a praticar, sustentaram com heroica firmeza os tormentos mais crueis defendendo como os apostolos a doutrina evangelica; e seu sangue vertido por confessarem o nome de Jesus Christo tornou-se a semente fecunda de novos christãos.

Quem poderia numerar a quantidade de martyres que foi immolada nas diversas perseguições suscitadas ou toleradas pelos imperadores romanos, bem como todos os generos de tormentos que lhe fizeram soffrer?

Os cilicios, as tenazes, os ferros em braza, o chumbo derretido, o azeite a ferver; os corpos atirados ao fogo; os animaes ferozes, as cruzes e as

fogueiras; os desgraçados sepultados em vida, ou cozidos em saccos com escorpiões, ou untados de mel para ser comidos pelas moscas: taes eram os supplicios inventados pela engenhosa ferocidade dos perseguidores.

Diz Tacito, fallando das torturas que Nero fez padecer aos christãos: «Vestiam alguns com pelles de animaes, para os fazer devorar pelos cães; outros foram presos á cruz; tambem morreram alguns queimados, tendo-os embreado primeiro para lhe servir de archotes durante as trevas da noite.»

Domiciano, que succedeu a seu pai Tito, no anno 84 depois de Jesus Christo, fez morrer seus proprios parentes por serem christãos; e mandou atirar S. João Evangelista em uma caldeira de azeite a ferver.

Santo Ignacio, discipulo de S. João, e bispo de Antiochia foi levado á presença do imperador Trajano, e este ordenou que o conduzissem a Roma para ser devorado pelas feras, servindo de espectaculo ao povo.

O santo foi lançado ao circo e dous leões atirando-se sobre elle o devoraram n'um instante.

Adriano, successor de Trajano, fez comparecer diante de si a Symphoroso com seus sete filhos, todos christãos, ordenando-lhe que os sacrificasse aos deuses. Symphoroso recusa, e o imperador o condemna á morte com as sete crianças.

No reinado de Antonino, grande numero de christãos foram degolados, e entre estes uma dama romana chamada Felicidade com seus sete filhos, que o prefeito de Roma, chamado Publius fez morrer nos mais terriveis tormentos.

No tempo de Marco Aurelio, S. Policarpo, bispo de Smyrna, foi lançado ao fogo, que nem de leve o offendeu; e então o proconsul, vendo o milagre, fez apunhalar o santo, cujo sangue golfou em tanta quantidade que apagou as chammas. Marco Aurelio deu tregoas aos christãos por causa do milagre da *legião fulminante*, formada de soldados christãos, que, por meio de suas orações, salvaram o exercito romano sitiado de inimigos, fazendo chover sobre elles uma saraivada estrondeada de trovões. Mas d'ahi a pouco o impelliu o demonio a perseguir novamente os christãos; e a cidade de Lyão, nas Gallias, foi inundada de sangue dos martyres. Succedeu então que S. Pothino, bispo d'aquella cidade, foi aferrolhado em angustioso carcere, onde expirou dous dias depois, e são do mesmo tempo os martyrios de Mauro e Santus, os quaes depois de terem sido postos em espectaculo ao povo e em pasto ás feras, foram mettidos em uma gaiola de ferro candente, e ahi degolados.

Imperando Septimo-Severo, houve um edito de proscripção, e o sangue espadanou por todo o imperio. E' d'este tempo Santa Perpetua, oriunda de familia nobre, que morreu aos vinte e dous annos de idade, apesar das supplicas de seu pai, que era pagão.

No governo de Decio morreram Pionius de Smyrna, padre e discipulo de S. Policarpo, condemnado a ser queimado vivo, e que expirou depois de ter orado, sem que o fogo lhe crestasse as barbas nem os cabellos; e tambem um mancebo chamado Cyrillo, o qual subindo á fogueira, convidava os assistentes a psalmear canticos para se rejubilar; e Santa Agatha, de illustre linhagem, herdeira de grandes bens da fortuna, e que a tudo renunciou para salvar sua fé.

Em tempo de Valeriano outras illustres victimas pereceram: o papa Sixto II que disse a S. Lourenço:

«Seguir-me-has dentro em tres dias»; e S. Lourenço que foi deitado sobre uma grelha de ferro posta sobre um brazeiro, e ahi expirou suavemente como sobre um leito ordinario, orando pela conservação de Roma; e S. Cypriano, que depois de ter soccorrido os pagãos empestados, foi preso e condemnado á decapitação.

Finalmente, sob Diocleciano, morreu a legião thebana, composta de cerca de dez mil christãos, que Maximiano fez morrer por se terem recusado a idolatrar.

As dez perseguições mencionadas na historia ecclesiastica, e que duraram trezentos annos, correram sob os dez citados imperadores.

MARTYRES (Fr. Bartholomeu dos). «D'este inclito prelado, natural de Lisboa, ornamento da religião dominicana, honra singular de Braga, e de toda a nação portugueza, basta escrever ou pronunciar o nome. Obras de escriptores nacionaes e estrangeiros estão cheias de seus louvores, e das gloriosas acções da sua vida. Depois de Deus, diligencias humanas um pouco efficazes seriam bastantes, para ser venerado sobre os altares. — Com a maior repugnancia, ditada pela sua humildade, e só por obedecer ao preceito do seu provincial fr. Luiz de Granada, é que aceitou o arcebispado de Braga, para o qual em 1559 o nomeou prelado a rainha D. Catharina, regente do reino na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião.— Foi confirmado pelo papa Paulo IV, que tambem lhe concedeu o pallio: o qual recebeu da mão do arcebispo de Lisboa, depois de o ter sagrado, na igreja de S. Domingos da mesma cidade a 3 de setembro do sobredito anno. — Passados poucos dias, partiu para Braga; na qual fez a sua entrada publica a 4 do seguinte mez de outubro. — Logo nos principios do anno seguinte começou a primeira visita do arcebispado, sem n'ella omittir os lugares mais inaccessiveis pela sua distancia, ou aspereza. — Deu principio ás fundações, na cidade, do collegio de S. Paulo para casa de jesuitas (é hoje habitado por freiras ursulinas); em Vianna, do convento de Santa Cruz para religiosos da sua ordem dominicana. — Publicada a continuação do concilio de Trento, e intimada aos prelados de Portugal, partiu o arcebispo para aquella cidade por terra a 24 de março do anno seguinte; e chegou alli a 18 de maio do mesmo anno, fazendo em 56 dias 332 leguas. — No concilio foi um dos padres mais respeitaveis pela sabedoria e liberdade, com que fallava. — Havendo de voltar ao reino, foi a Roma despedir-se do papa, do qual recebeu os mais distinctos obsequios; e recolheu-se a Braga coberto de merecimentos e de gloria, em sabbado da Paixão de 1564. — Cuidou logo na obra do seminario de S. Pedro. — Emprehendeu nova visita, sem exceptuar d'ella o seu cabido, e as igrejas das ordens militares, em conformidade do que acabava de decretar-se no concilio. — Em 1566 convocou synodo provincial: a elle concorreram os bispos suffraganeos, etc. Durou o concilio sete mezes, tendo sido na sé a 8 de setembro a sua primeira sessão. Foi approvado pela sé apostolica, e corre impresso em varias edições. — Em 1569 se declarou peste na cidade (d'ella ha memoria em uma inscripção lapidar, que se lê no cruzeiro da ponte de Guimarães). Teve o arcebispo noticia d'esta calamidade no anno seguinte, andando em visita: não pôde conter-se: voou a Braga; e n'ella fez prodigios de caridade christã, administrando sacramentos, procurando preservativos aos sãos, remedios aos apestados, etc. — Seguiu-se a fome em 1574: não foi menos solicito, como bom pastor, em prover ás necessidades corporaes de suas ovelhas.— Não pôde impedir a resolução d'el-rei de levar a guerra aos campos d'Africa. Seguiu-se a lamentavel perda, que muito bem previa. Retirou-se a Tuy, para evitar as collisões dos partidos. Recolheu-se a Braga, quando as cousas tinham já tomado assento.—Philippe II, de Hespanha, que por força se tinha apoderado do reino de Portugal, convidou com instancias o arcebispo para assistir ás côrtes convocadas para Thomar: não pôde resistir: foi com violencia; mas com a cruz primacial arvorada; e d'este modo fallou a el-rei, e andou sempre diante de todos os prelados. — Obteve então beneplacito regio para demittir o arcebispado; e mesmo que o dito rei se empenhasse com Gregorio XIII para que este approvasse a renuncia: o que com effeito se conseguiu, apesar de muita repugnancia dos cardeaes: n'ella não quiz para si de reserva mais do que 400$000 reis. — Na visi-

ta de Barroso, em que se achava, teve noticia de que a bulla tinha sido expedida a 20 de fevereiro de 1582. D'ahi mesmo partiu immediatamente para o seu convento de Vianna; no qual viveu até á morte como simples religioso, na mais rigorosa e perfeita observancia, sem admittir a mais pequena distincção, occupado sempre em ensinar a doutrina christã aos meninos, e em prégar aos rusticos pelas aldeias a evangelica e divina palavra. — O seu feliz transito aconteceu a 16 de julho de 1590. — O venerando cadaver foi sepultado no presbyterio, ao lado da epistola, da igreja do sobredito convento, entre lagrimas de ternura, e acclamações de santo, de infinito povo, que concorreu devoto ás suas exequias. — Em 24 de maio de 1609 foi trasladado para um tumulo alto, que se lhe fez, mettido na parede da parte do Evangelho do mesmo presbyterio.» (P.e José Corrêa, *Serie chronologica dos prelados da igreja de Braga*).

MATERIAS ORGANICAS. Nas funcções dos seres viventes entram actos, parte mecanicos e parte chimicos; distincção tão sómente fundamentada na imperfeição dos nossos orgãos e meios de observação. Em a natureza inorganica, os phenomenos dependem de affinidades chimicas e disposição molecular. Damos na natureza organica nome de forças vitaes ás que produzem os phenomenos que só podemos explicar pela affinidade ou estructura, forças de todo desconhecidas, e que só servem de disfarce á nossa ignorancia. Nos seres viventes distinguimos partes organisadas e partes simplesmente organicas, sendo estas ultimas produzidas pelos orgãos, devendo servir ao desenvolvimento d'esses orgãos ou ser excretadas. As partes organisadas são necessariamente solidas, e as organicas são fluidas.

— Os corpos organicos compõem-se de oxygenio, hydrogenio, carbone e azote, tomados dous a dous, tres a tres, ou todos juntos, e combinados com mais ou menos cilicia, alumina, sal marinho, enxofre, phosphoro, phosphato de cal, carbonato de cal e alguns oxydos metallicos. — As substancias existentes nos corpos organisados em estado de combinação definida chamam-se *materias immediatas*. A separação d'estas substancias é difficultosa; para a conseguirmos, empregam-se alguns dissolventes, taes como agua, alcool, ether, e algumas vezes alcalis e acidos, por que não alteram as combinações que tentamos examinar; por quanto logo que as materias organicas se decompõem, é impossivel recompôl-as, pois que, tirante o carbone, os elementos da natureza organica são gazozos, e se queremos operar a união d'estes gazes com o carvão, seria preciso tomal-os no estado nascente, o que, no estado actual da sciencia demandaria o emprego de poderosos agentes, cuja presença bastaria a destruir a combinação. No acto da vegetação e nutrição, gera a natureza todos os productos organicos, cuja differença das partes constituintes está unicamente nas proporções: póde ser que a chimica logre um dia imital-os; mas absurda cousa é suppor que ella jámais vingue formar corpos organisados.

MATTOS (João Xavier de). Não lhe faltou capacidade para luzidamente professar as boas letras; minguou-lhe estudo, applicação e vida socegada para de espaço reflectir e escrever. Pertenceu á deploravel tribu de uns versejadores que se laureavam nos outeiros, atroando os seus contemporaneos com ovações da plebe gritadas nos adros dos conventos, e comiam á tripa fôrra, nos banquetes dos fidalgos, os sobejos das mesas, onde concorriam a prostituir o talento. João Xavier de Mattos trocou a magistratura judiciaria por aquella abjecta popularidade, da qual foi punido com o menospreço aliás injusto, que lhe vai delindo a memoria. Nas suas poesias, colligidas em tres tomos, ha relanços notavelmente benemeritos de lembrança. Estudou muito a phrase camoniana, e por vezes logrou dar á phrase o boleio e suavidade de

tão insigne mestre. Morreu em 3 de novembro de 1788, no Além-Tejo. Foi sepultado á custa de um amigo. E' um exemplo da queda do talento, quando o pé resvala na ladeira da indiguidade. Hoje em dia, são rarissimos estes exemplos, visto que a poesia está tão em descredito e desapreço como os Mecenas que, em outros tempos lhe davam o ephemero capitolio de alguns jantares, cantados em sonetos natalicios. N'estes baixos naufragou tambem Bocage, e d'elles sahiu Tolentino triumphante á custa de humiliações. (Veja estes nomes).

MATTOS GUERRA (Gregorio de). Nasceu na Bahia, aos 7 de abril de 1623. Era oriundo de Portugal, por seu pai, tambem Gregorio de Mattos, natural dos Arcos de Valdevez. Frequentou leis em Coimbra, onde lhe madrugou a musa mais satyrica d'aquelle tempo. Serviu o infante D. Pedro na obra immoral da desthronisação do irmão e consorcio com a cunhada. O seu parecer de jurisconsulto era de tal porte que Pegas nas notas ás Ordenações do Reino lhe cita como modêlos de sciencia as suas sentenças, diz o snr. Pereira da Silva na biographia do poeta. Em paga dos serviços prestados, D. Pedro 2.º prometteu-lhe lugar na casa da supplicação; mas, em quanto não vagava, mandou-o em commissão ao Rio de Janeiro devassar dos actos do governo de Salvador Corrêa de Sá.

«Havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora o seu espirito e a sua musa estivessem sempre promptos para censurar e ridicularisar cousas e homens. Excessivas lhe pareciam as perseguições do governo contra Salvador Corrêa, encerrado em uma prisão, e sujeito já a um processo rigoroso. Não aceitou por isso a commissão, que lhe fôra incumbida.

«Mostrou-se o principe descontente com a recusa de Gregorio de Mattos. Findaram as suas relações. Cahiram em olvido os seus serviços. Perdeu então Gregorio de Mattos as suas esperanças que nutríra, e cujo resultado lhe fôra afiançado. Deliberou-se a abandonar Lisboa, a côrte e Portugal, e recolher-se para a sua patria. Chegou á Bahia, no anno de 1679, depois de uma ausencia de quasi quarenta annos.»

Prosegue o author dos varões illustres:

«Não se esqueceu o poeta satyrico de empregar as suas armas na feitura dos arrazoados e libellos. Incommodavam-se as partes com os epigrammas. Consideravam-se os juizes offendidos com a critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado. Guardavam-lhe má vontade os escrivães, procuradores, e toda a gente do fôro, porque a ninguem poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exagerava, e ridicularisava tudo.

«A tão crescido numero dos seus inimigos uniu-se o governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, exasperado pelas suas satyras. Tomou Gregorio de Mattos assustado a deliberação de deixar a cidade, e retirar-se para uma das villas do reconcavo, até que, em 1694, apossando-se do governo D. João de Alencastre, pôde voltar de novo para a Bahia.

«Se preferisse abandonar a veia poetica que o arrastava, e tantos inimigos lhe attrahia; com a estima que por seus talentos lhe patenteou D. João de Alencastre; e a reputação de saber de que gozava; risonha de certo lhe correria a vida. Podia porém reter as redeas do seu engenho? Estava nas suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada e imprudente carreira? Bastava a sua vontade para lhe impôr silencio?

«O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no fim da sua existencia. Mandou-o D. João de Alencastre prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

«Governava felizmente em Angola Pedro Jacques de Magalhães, que, condoído da sua sorte miseranda, enthusiasmado pelos seus talentos elevados, e obrigado mesmo por alguns serviços, que Gregorio de Mattos lhe

prestára, permittiu-lhe voltasse para a sua patria em um navio, que seguia para Pernambuco.

«Acabava a capitania de Pernambuco de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro. Alli desembarcou Gregorio de Mattos, velho, quebrantado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, e esmolando para poder sustentar-se!

«Conhecêra-o rico o governador, poderoso, e respeitado em Lisboa. De tão alto o precipitára o destino! Fêl-o Caetano de Mello e Castro recolher para uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para poder subsistir.

«Já era porém tarde! Tinha-se-lhe evaporado a vida no exilio, que, em tão avançada idade, o atirára nas resicadas areias e pestilentas plagas africanas. Poucos mezes de existencia lhe sobravam. No mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos capuchinhos francezes.»

MECANICA. E' uma sciencia que tem uma immensidade de applicações; todo aquelle que a possue póde seguir um grande numero de profissões. — A força em seus effeitos, as propriedades geometricas dos corpos — extensão e figura — suas propriedades physicas — mobilidade, massa, impenetrabilidade, inercia, o tempo — são objectos da mecanica. — Divide-se esta sciencia em estatica, cujo objecto é o equilibrio dos corpos, em dynamica que trata do seu movimento, em hydraulica, que comprehende a hydrostatica e a hydrodynamica. — Todas as forças, desde as que levantam pesadas massas até áquellas que apenas deslocam leves corpos; todas as machinas pelo intermedio das quaes as forças obram, desde a mais simples até á mais complexa; todas as ferramentas e instrumentos por mais simples ou compostos que sejam; todos os trabalhos de que carecemos; todos os movimentos desejaveis são do dominio da mecanica. Só com muitos estudos se póde adquirir esta sciencia; só com muito trabalho, paciencia e habilidade se podem fazer numerosas e felizes applicações; só com muito genio se podem obter prodigios. O mecanico precisa de ter intelligencia e imaginação, de ser laborioso e tenaz; conhecer as mathematicas, a physica e a chimica; ter conhecimento do que se ha inventado antes d'elle; ser industrioso e prudente nos seus ensaios: não os fazer em grande escala senão quando se tiver assegurado do bom resultado d'elles e não tiver desprezado nenhuma economia. Tudo lhe deve passar pelas mãos, se quizer evitar a ruina que a inaptidão, a incuria, ou a má vontade dos seus empregados lhe póde causar. Deve contrahir o habito do maneio dos instrumentos mecanicos; ter boa vista e firmeza nas mãos para que haja precisão nos movimentos e grande sensibilidade. Não deve abarcar todas as industrias, mas sim dedicar-se com zelo á que mais lhe convenha e lhe possa dar uma fortuna honesta como premio dos seus trabalhos e canceiras. (Veja EQUILIBRIO, MOVIMENTO, ROLDANAS, etc.)

MECA. (Veja ARABIA).

MECENAS. (Veja AMIZADE).

MEDAS. (Veja SETIMO SECULO).

MEDICINA. O medico deve conhecer a mathematica, physica, chimica, mineralogia, geologia, botanica, zoologia, anatomia, physiologia, hygiene, e todas as minuciosidades da pathologia tanto interna como externa; anatomia pathologica, pharmacia, therapeutica, a sciencia dos apparelhos e instrumentos proprios, e em fim tudo o que tem ligação com a sua arte, bem como as doenças especiaes, quer sejam proprias da idade ou sexo do doente, ou de particular especie.

Deve saber regularmente a historia, geographia, ser versado em quasi todas as sciencias; ter noções de desenho e musica; ter viajado, ser

dotado do espirito da observação; ser prudente, não applicar remedios senão depois de ter perfeito conhecimento da molestia e dos symptomas que apresenta; ser discreto respeito á sua clinica, abster-se de fazer prognosticos sobre o futuro, tomar nota do andamento da doença e do effeito dos remedios, ser bom conversador, e possuir um exterior impassivel que o torne impenetravel; «ter discernimento solido, juizo seguro, caracter affavel e resoluto» (Hippocrates); ser honesto, honrado, polido e caridoso; receitar gratuitamente aos pobres e pagar-lhes os remedios; informar-se da moralidade, da bondade e geito dos enfermeiros, do valor e preço dos remedios e da probidade dos pharmaceuticos.

A medicina é uma sciencia como a economia rural; demanda grandes conhecimentos e talento. O medico deve ter todos os sentidos perfeitos; muita intelligencia, boa memoria, e grande destreza nas operações cirurgicas.

Se fôr muito sensivel, póde sahir-se mal; se fôr de alma dura, será pouco caritativo na acção. Nunca deve temer o resultado. Sua vida é de uma constante agitação, o que lhe evita a obesidade que ameaça o advogado; não ha hora para elle de repouso; deve presar a gloria porque raras vezes consegue fazer grandes interesses que o indemnisem de seu trabalho. Quantos medicos abandonam a medicina! e quão poucos se dariam a este modo de vida, se lhe conhecessem bem todas as fadigas, desgostos e alternativas! Não se consegue ser bom medico senão á força de estudo, de observação e saber; e o bom medico é algumas vezes muito estimado e respeitado, mas raras vezes é bem retribuido.

MEDIDA. (Veja SYSTEMA METRICO).

MEDINA. (Veja ARABIA).

MEDITERRANEO. (Veja OCEANO).

MEGALONIX. (Veja DESDENTADOS).

MEGATHERIUM. (Veja DESDENTADOS).

MEIMENDRO. (Veja SOLANEAS).

MELANCIA. (Veja CUCURBITACEAS).

MELANESIA. 1. A *Nova-Hollanda*, a que chamam algumas vezes *Australia* ou *Continente Austral* é a maior ilha da Oceania. Póde avaliar-se o seu tamanho como tendo quatro ou cinco partes da Europa. O interior d'esta vasta região é inteiramente desconhecido, só as costas tem sido exploradas: estas são cortadas de enseadas e praias, ladeadas de recifes de coraes, e ilhas.

A costa oriental chamada *Nova-Galle meridional* é a mais frequentada. O clima da Nova-Hollanda é extremamente variado: para o norte calores ardentes e continuos; na parte media clima mais temperado; ao sul a temperatura offerece as mesmas variantes de calor e frio como nas terras europêas. Quanto aos indigenas da Nova-Hollanda distinguem-se geralmente por sua fealdade, vivendo em um embrutecimento quasi completo; a côr d'elles é mais amarellada que negra. Muito crendeiros em superstições, não teem, por assim dizer, conhecimento algum de Deus; não obedecem a nenhuma lei, vivem na independencia, e na maior miseria. Os esforços dos missionarios e colonos para os civilisar tem sido infructiferos.

2. A *Nova-Guiné*, ao norte da Australia é uma grande ilha onde o clima é excessivamente quente por causa da proximidade do equador. Os naturaes são pouco membrudos, mas menos feios que os outros negros da Oceania. Possuem grande tendencia para a navegação. São os unicos negros do mundo maritimo que teem templos e idolos. Nas montanhas vivem os arjakis ou endaménes, mais gentios ainda, e todavia repartem-se entre a agricultura e a caça. Os chinezes visitam-lhe a costa á cata das tartarugas, das pennas da ave do paraiso, e dos escravos.

3. A terra de *Diemen* ou *Tasmania*

ao sul da Austria pertence aos inglezes. Os habitantes são os negros mais estupidos, e menos civilisados do globo. A *Nova-Caledonia* é um solo esteril e habitado por anthropophagos.

MELHARUCO. (Veja PASSAROS).

MELLO (D. Francisco Manoel de). Fidalgo muito illustre com preclaro talento e vida muito golpeada de desventuras. Nasceu em 1611, e falleceu em 1666. Honrou a milicia portugueza no Brazil, na Mancha e na Catalunha, onde foi preso em 1640 como suspeito partidario do acclamado duque de Bragança. Esteve depois encarcerado em Portugal doze annos por motivos cuja minudenciosa narrativa é descabida em livro devotado á educação da mocidade. Os curiosos podem lêl-a na edição da *Carta de Guia de casados*, publicada no Porto em 1873. Os biographos d'este escriptor, incluindo o que prefaciou a ultima edição referida, dizem que Luiz XIII solicitára de D. João IV a liberdade de D. Francisco Manoel. E' impossivel. Luiz XIII morreu em 1643, e D. Manoel foi preso n'esse mesmo anno, e deportado em 1655. De certo foi Luiz XIV o empenhado na liberdade do grande escriptor e historiador de primeira ordem, na *Historia de los movimientos e separacion de Cataluña*, nas *Epanaphoras;* argutissimo theologo-moralista nos livros asceticos, gracioso observador na *Carta de Guia de casados*, humorista e desenfadado nos *Apologos dialogaes*, em tudo que escreveu em prosa estylista de irreprehensivel primor, e até no verso, em que menos é lido, um dos melhores de seu tempo. As suas *Cartas* são ainda menos lidas, e conteem todavia subsidios historicos muito dignos de aproveitamento.

MELLO (Paschoal José de). (1738-1798). Com referencia a este insignissimo jurisconsulto escreveu Garção Stockler um *Elogio historico*, do qual trasladamos esta breve e conceituosa apreciação:

«Portugal viu pela primeira vez a sua vasta e complicada legislação reduzida a um systema scientifico, breve e intelligivel. Cinco pequenos volumes de quarto, onde resplandecem igualmente a critica, a philosophia, e a vastissima erudição de seu author, conteem essencialmente tudo quanto se acha comprehendido no amplissimo corpo das nossas ordenações, e na copiosissima collecção de nossas leis extravagantes: e encerram além d'isso uma grande parte dos principios mais sãos da jurisprudencia universal, que a perspicacia dos espiritos mais capazes de remontar á primitiva origem dos deveres dos homens, e aos verdadeiros principios das sociedades civis, soube derivar d'estas purissimas fontes, em beneficio da humanidade. Esta obra, especialmente a parte que trata da nossa legislação criminal, constitue um monumento indelevel, que levará até á mais remota posteridade o nome do seu author, e fará que elle seja contado pelos vindouros no pequeno numero dos jurisconsultos philosophos, que ousaram aclarar a legislação da sua patria, sem sacrificar os direitos de todos os homens ao temor de incorrer no desagrado de alguns.»

MELÕES. (Veja CUCURBITACEAS).

MELRO. (Veja PASSAROS).

MELUN. (Veja FRANÇA).

MEMENIUS. (Veja QUINTO SECULO).

MEMORIA. «Dá-se o nome de *memoria* á faculdade especial da intelligencia, que nos conserva ou recorda as lembranças das percepções passadas e dos objectos ausentes. E' tambem susceptivel de duas fórmas, *espontanea* e *voluntaria*, segundo as lembranças se despertam natural ou advertidamente. A segunda depende da attenção, e toma o nome de *reminiscencia*.

«O phenomeno da lembrança, aliás inexplicavel em si mesmo, suppõe como condições indispensaveis 1.º — a percepção anterior de um facto ou

objecto ; 2.º—a consciencia da identidade e duração da nossa pessoa; 3.º—a concepção racional de tempo, em um momento do qual existiu o facto ou objecto lembrado.

«E' um resultado particular da memoria a *associação das idéas*, e consiste na propriedade que teem certas percepções, idéas ou lembranças de se attrahirem e excitarem mutuamente, em virtude das relações que as unem. Estas relações podem ser ou naturaes, como as de *effeito* e *causa*, *meio* e *fim*, *principio* e *consequencia*, etc.; ou accidentaes, como as que se fundam sómente na *contiguidade do lugar* ou do *tempo* em que foram adquiridas, na *opposição* e *contraste*, *analogia*, ou qualquer outra circumstancia meramente accidental.

«A tenacidade ou *retentiva* da memoria varía de homem a homem, e ainda no mesmo individuo, segundo as diversas disposições physicas ou moraes, procedentes da organisação, temperamento, idade, alimento, habitos, etc. Fortifica-se e aperfeiçoa-se pelo exercicio, e pela boa ordem e disposição das idéas; enfraquece-se e deteriora-se pela distracção, desuso e habitos viciosos. A sua cultura é indispensavel tanto para descobrir como para demonstrar a verdade, e todos os actos da intelligencia seriam inuteis, sem o auxilio d'esta faculdade verdadeiramente admiravel.» (Almeida e Azevedo).

MENDES DE BARBUDA E VASCONCELLOS (Manoel). (1607-1670). Author do poema *Virginidos, ou vida da Virgem, Senhora Nossa*, impresso em 1667. Foi um dos mais selectos sectarios da escóla hespanhola. Costa e Silva, no *Ensaio biographico* nos dá incentivo a que não desprezemos a leitura do esquecido poema. Exprime-se assim o athor do *Passeio*, em muitos casos, respeitavel apreciador:

«Se rica e ardente imaginação, invenção fertil, muita facilidade de compôr, linguagem elegante e correcta, muito saber, e versificação facil, corrente e harmoniosa bastassem para formar um grande poeta epico, o dr. Barbuda teria sido um dos primeiros epicos, não só de Portugal, mas da Europa. Faltou-lhe porém aquelle tacto fino e delicado, que nos dirige na escolha dos objectos, nos ministra o sentimento do verdadeiro bello, nos ensina a bem dispôr e coordenar as differentes partes de um todo, e sobre tudo a dizer só o que se ha de dizer, e do modo mais proprio e conveniente. Este dote, tão raro e tão essencial, chamado *bom gosto*, é o que falta inteiramente a Manoel Mendes de Barbuda; e por isso o seu poema, que ao sahir á luz foi geralmente admirado e applaudido por doutos e indoutos, veio a cahir em um total esquecimento, aliás immerecido, porque abunda em bellezas parciaes, que podem tornar de grande interesse para os poetas a sua leitura.»

MENDES PINTO (Fernão). «Nasceu Fernão Mendes em Montemór-o-Velho, no anno de 1509: ignora-se de que familia, mas suppomos que escura e pobre, pois nunca d'ella falla, senão uma vez, tratando da *miseria e estreiteza da pobre casa de seu pai;* e apenas consta que, quando se resolveu em Gôa a dispôr de todos seus bens, mandára para Portugal dinheiro para os seus *parentes pobres;* sem que a isto obste a circumstancia mencionada na dedicatoria da edição de 1614, em que se chama ao nosso author *nobre, e criado dos reis d'estes reinos.*

«Posto por um tio em casa de uma senhora illustre em Lisboa, e tendo sahido d'ella para salvar a vida, fugiu n'uma caravela, que um corsario apresou. Voltando a Setubal, foi dous annos moço da camara do duque de Aveiro; e querendo tentar fortuna, embarcou-se para a India em 1537 n'uma armada commandada pelo filho de Vasco da Gama.

«Vinte e um annos duraram as peregrinações d'este homem, pela China, pela Tartaria, Pegú, Martavão, e muitos outros reinos e senhorios das partes orientaes, tendo, por varios accidentes de trabalhos que lhe succederam, atravessado muita parte

desconhecida da Asia, conservando quasi sempre um genio alegre e folgazão, como lh'o disse o sobrinho de el-rei do Bungo, o Nautaquim de Tanixumá e sendo de tão branda disposição e taes virtudes domesticas, que os seus escravos a quem quiz forrar, lhe pediram, com vozes e lagrimas, que de tão bom senhor os não separasse.

«Regressando a Lisboa em 1558, e não podendo alcançar remuneração dos seus serviços, apesar das certidões que trazia, transferiu-se para a villa de Almada, onde casou, e de idade de 71 annos falleceu, e se affirma ter sido enterrado na igreja parochial de S. Thiago, d'aquella villa.

«Tal é o homem cuja vida aventurosa e extraordinaria, cujo caracter audacioso e tenaz, cuja sorte vária e intelligencia singular, tem desde então, sido espanto universal. Pouco mais d'elle sabemos do que o que consta do seu livro; porém esse livro não nos revela só um primoroso escriptor, mas tambem as alternativas a que o destino sujeita ainda os mais resolutos.

«A peregrinação de Fernão Mendes Pinto é um dos livros de mais popular e aprazivel lição que jámais se escreveram em idioma algum. Percorre todos os estylos, abraça todas as situações, tem lagrimas para todos os olhos, sorriso para todos os labios, terror para todos os espiritos, pasto para todas as imaginações, consolação para todas as dôres, allivio para todas as tribulações.

«Protheu habilissimo, sabe sempre vestir a fórma que na conjunctura se requer.

«Apraz-vos a epopéa, o poema completo, quarteado de episodios palpitantes, mas concentrado constantemente, nunca diminuido interesse no principal heroe?

«A descripção de remotas, desconhecidas regiões, de outros usos, de outras religiões, de outra natureza?

«O estudo da sciencia do governo, no estudo de maximas puras e sãs, lançadas a esmo, sem affectação nem pretenção?

«O conhecimento de terras, ainda gentias, e onde, com grande proveito da moral universal, da civilisação, e dos interesses materiaes, teem ainda os seculos vindouros muito terreno baldio que explorar?

«A variedade, a concisão, o pittoresco de um estylo singelo, insinuante, que não teve modêlo, nem depois imitador?

«Tudo isso achareis profusamente na peregrinação de Fernão Mendes Pinto, e só uma consideração vos encherá de espanto, a saber: como homem tal, e tão grande, teve a natureza, desajudada de todo o auxilio de instrucção, força para o crear!

«O maior elogio que ao nosso author póde dirigir-se é dizer que houve bons espiritos que duvidaram totalmente da authenticidade das suas viagens, e até alguns da propria existencia do viajante!

«Houve quem tivesse a sua peregrinação por manifestamente romance, tecido das diversas noticias que se tinham das diversas cousas da China, com o fim de, por este meio allegorico, narrar os excessos com que os portuguezes por aquellas partes contrabalançavam as sementes de civilisação que alli lançaram, dirigir contra excessos taes severas e opportunas reprehensões, e finalmente elevar aos ouvidos dos grandes algumas advertencias politicas que aquella amena fórma tornasse mais faceis de tragar.

«Tambem se pensou que o individuo Fernão Mendes mais não fosse do que isso a que hoje chamam um mytho, como Theseu, Hercules, Antenor, Anacharsis, etc.

«Sim, Fernão Mendes Pinto existiu. A sua vida foi, pelo menos nos pontos capitaes, tal qual elle a narrou. Hoje soldado, ámanhã mercador, depois marinheiro, aqui medico, acolá missionario, n'outra parte embaixador, ora livre e dominando, ora preso e captivo, n'uma parte galardoado com as ultimas honras, n'outra amarrado, açoutado e escapando milagrosamente ao já levantado cadafalso... e toda esta existencia de contrastes decorrida em outro cabo do mundo,

n'essas regiões, algumas das quaes nunca antes d'elle haviam sido pisadas por pé europeu!» (Castilho, *Livraria classica*).

MENDES DE VASCONCELLOS (Luiz). Classico de relevante utilidade para quem desejar colher subsidios da melhor linguagem e mais adiantada sciencia militar do seu tempo. Não se sabe quando nasceu nem quando falleceu. Lisboa foi sua patria, ou Evora, segundo menos acertadas opiniões. Foi governador de Angola entre 1617 e 1620. O seu livro do *Sitio de Lisboa* é muito estimado, e não menos apreciada a sua rara *Arte militar*.

MENDICIDADE. «Chama-se mendigo ao homem que estende a mão, ao que solicíta como donativo o que não lhe é devido como salario.

«Esta especie, que vive á custa d'aquelles que importuna, é para a sociedade o que o verme é para o individuo. Infesta as cidades, devasta os campos na provincia onde, depois de ter desapparecido por algum tempo, se manifesta mais numeroso que nunca.

«E não deve surprehender isto. A mendicidade é como planta parasita, que lança de si novas raizes e se multiplica logo que nos descuidamos por um instante de destruil-a.

«Os mendigos operam com certa habilidade. Nas cidades, dividem entre si os postos pelos bairros e freguezias; emboscados como as aranhas, esperam que a presa se lhes enrede nas teias, ora á porta da casa de jogo, ora á porta da igreja, ora á porta do theatro.

«O mendigo especula menos sobre o numero dos transeuntes do que sobre as suas disposições. Está, por isso, convencido de que tem mais a ganhar á porta d'um lugar de divertimento que á porta d'um lugar de oração. A sensibilidade e a liberalidade nem sempre marcham juntas com a devoção. Mais d'um santo varão julga que tem satisfeito a caridade respondendo seccamente: *Deus o favoreça*, ou *tenha paciencia, irmão!*

«O homem dado aos prazeres é talvez mais susceptivel de piedade. Concedamos que não seja caridoso por principio; é-o, quando menos, por sentimento; e esta fonte, acaso menos pura que a outra, é muitas vezes mais copiosa. O aspecto da miseria sensibilisará sempre uma alma que só procura sensações agradaveis. Para fazer cessar o proprio mal, apressa-se em diminuir o mal de outrem.

«Na Inglaterra é capturado qualquer homem que mendiga, e é porque alli não conhecem o termo medio entre ganhar e roubar.

«Encontram-se em Londres, a pouca distancia uns dos outros, homens que estendem o chapéo aos transeuntes; mas vêem-se armados de uma vassoura com que tem limpado o caminho. Não é já esmola o que pedem, mas uma gratificação, um salario, o preço do serviço que prestaram.

«A força e a intelligencia do individuo são valores que a sociedade interessa em não deixar perder, e que terá sempre occasião de empregar. Dar trabalho e trocar pão por serviços; é comprar, é vender, é ganhar.

«O principio da verdadeira philanthropia é, por tanto, destruir a ociosidade.

«Os legisladores de todos os tempos conheceram a necessidade de tratar dos mendigos. No Egypto, diz Herodoto, não se toleravam os ociosos, nem os vagabundos. Os habitantes de todas as comarcas eram obrigados, por lei de Amasis, a comparecer ante os juizes a fim de declararem os meios de subsistencia. Os que fossem convencidos de ociosidade eram punidos como individuos não só inuteis, mas prejudiciaes. Era justo, porque só se estimavam os que ganhavam a vida trabalhando, e o indigente não encontrava nunca falta de trabalho.

«Foi com as mãos dos miseraveis que se construiram as monstruosas pyramides; e essas massas gigantes representam-se-nos realmente uteis, quando pensamos que se levantaram

antes para acudir ás necessidades do povo que para satisfazer o orgulho dos principes. Confessamos, todavia, que os canaes que recebem e distribuem as aguas do Nilo, e que foram tambem abertos pelos indigentes, são monumentos ainda mais admiraveis, porque eram então duplicadamente uteis.

«Lycurgo, destruindo a opulencia de Sparta, destruiu a miseria. Os homens inuteis não podiam existir em um estado onde as leis condemnavam á morte as crianças desfiguradas.

«Entre os romanos, os mendigos capturados em flagrante eram levados perante o censor, que os condemnava ao trabalho das minas.

«Mais previdente era, de certo, uma instituição que, segundo consta, existiu na Hollanda. O mendigo alli era lançado em um fosso onde a agua entrava por modo que podia afogal-o, se, para se livrar d'este perigo, não pozesse uma bomba em actividade continua. Era engenhoso este castigo, porque ao mesmo tempo servia para mostrar ao homem inimigo do trabalho que só o trabalho o podia salvar.

«A mendicidade reappareceu com o christianismo. Não é, todavia, a consequencia do Evangelho, mas do modo como são cumpridos os preceitos do Evangelho. As esmolas que se fazem sem criterio, em vez de soccorrerem a miseria, alimentam a ociosidade. E tal não podia ser a intenção do Divino Legislador.

«Um preceito mal ideado contribuiu para desenvolver a mendicidade entre os christãos. Julgou-se que rezar era trabalhar, e, por consequencia, mendigou-se para tornar mais extensa a oração, e assim se despendeu o tempo que devia ser empregado no trabalho. É porque estes pobres homens não sabiam, ou não queriam que se acreditasse, que trabalhar era rezar.

«Assim o pensou S. Bruno. Pelo seu instituto, que reunia a vida activa á vida contemplativa, os cartuxos eram menos uteis ao mundo separando-se inteiramente d'elle; por isso fecundavam os desertos que habitavam, e a sua penitencia desenvolvia as conquistas da agricultura.

«S. Francisco d'Assis procedeu de outro modo. Este bom varão adoptou a pobreza para ganhar a santidade. Ordenou aos discipulos que vivessem das esmolas dos devotos, e por isso tornou-os não só inuteis, mas pesados no mundo. No fim de tempos vieram até a perder as virtudes que o fundador quizera dar-lhes; enriquecidos pelo voto de pobreza, chegaram a viver em abundancia escandalosissima. O pobre, para lhes arranjar o superfluo, tirava muitas vezes ao necessario, e dividia o fructo do trabalho assiduo com individuos que não trabalhavam cousa alguma. Pretendia-se, pois, que o fundador dos Capuchinhos fosse ainda mais poderoso que o proprio Christo.

«Se o filho de Deus, diziam, alimentou uma vez na vida cinco mil homens com dous pães, e cinco peixes, o inventor da saccola tem alimentado, durante não sabemos quantos seculos, um numero incalculavel de milhares de homens com dous covados de burel.»

«Quando a mendicidade tem sido honrada por tão santos varões, não devemos admirar-nos de que não pareça indigna aos olhos do vulgo.

«É por certo boa profissão para quem não tenha intelligencia, nem animo, nem vergonha.

«Tal pedinte — é triste dizel-o — ganha mais apresentando a saccola ou psalmodiando a *Ave Maria* á porta das igrejas, ou na esquina das ruas, que o operario probo a trabalhar na sua officina.

«Ha ainda quem se lembre em Lisboa de um pobre que percorria as ruas da baixa de loja em loja, e ao qual muitas vezes se ouvia dizer, que não recolhia a casa senão quando tinha *certa continha*. Se ás horas a que era costume vêr-se o não encontrassem nos sitios determinados, era sabido que elle se recolhera á possilga levando já ganho o dia.

«Tem-se tambem visto miseraveis choramigadores recusarem o pão ou a comida que se lhes quer dar, sob

pretexto de que lhes mataram a fome; porém vão recebendo com avidez os cobres que lhes atiram. E porque?

«Pois não ouviram nunca que tal mendigo, que soube infundir compaixão em algum de nós com as suas lamurias, ou com a tristissima apparencia de sua miseria, amontoou *no pé da meia*, como diz o povo, e deixou á familia, sommas de que nos maravilhamos?

«Que serviço prestaria esse mendigo á sociedade que o enriqueceu?

«Os mendigos seriam menos numerosos se a caridade se fizesse com prudencia. A esmola é, sem duvida, obra meritoria, assim perante a Divindade como perante a humanidade; mas, dando-se irreflectidamente, póde ter consequencias perniciosas, e alimentar os vicios em vez de minorar a miseria. Tem-se prégado milhares de occasiões ácerca da caridade, mas devia-se tambem pensar em prégar algumas vezes sobre o modo de pratical-a. Seria isso utilissimo.

«Onde ha mendicidade ha má administração. Em uma sociedade bem governada não deve notar-se a indigencia. É uma ferida que se deve occultar com o apparelho que a cura. Invalido, o pobre deve encontrar um asylo; válido, deve encontrar trabalho.

«Onde a mendicidade existir, as esmolas, os soccorros, não podem faltar; mas, para que aproveitem, é mister que sejam bem distribuidos.

«Dá-se isto em toda a parte onde o homem tenha mais interesse mendigando que trabalhando — é o effeito da esmola de individuo para individuo.

«A sociedade não deve nada ao homem que nada faz, se elle tem occasião para fazer alguma cousa.» (B. A.)

MENTIRA. «É a mentira um vicio ignobil que toda a gente abomina, e que não deve perdoar-se ao mais infimo escravo.» (Plutarco). — «A mentira revela alma vil, espirito apoucadissimo e caracter viciado.» (Bacon). — «A mentira é caminho rapido para quem o trilha; mas, lá ao cabo, está o barranco onde o mentiroso cahe.» (Amyot). — «Quem se deixa escravisar da mentira, perde toda a authoridade de suas palavras, e torna-se igualmente odioso a Deus e aos homens.» (S. Ephrem). — «A mentira esculpe no homem sello de ignominia; e conspurca sempre a lingua do malvado.» (*Eccl.* XX, 21). — «O pão da mentira é grato ao homem; porém, converte-se-lhe em saibro na bocca.» (*Prov.* XX, 17). — «A só palavra do homem de bem deve ter a validade do juramento.» (Necker). — «Entre pessoas honradas a simples palavra vale um contracto.» (La Roche). — «Quem se présa de virtuoso deve ser tão pontual em seus compromissos, como a sua palavra singela deve sobrepujar os juramentos alheios.» (Isocrates). — «Os falsos promettimentos são mais irritantes que a recusa. Quem muito promette pouca confiança inspira.» (Horacio).—«Quando reina a boa fé, basta a palavra; e quando ella não impera, baldado é jurar.» (Raynal). (Veja VERDADE).

«Quanto menos timidos forem vossos filhos, mais sinceros hão de ser; que se faz mister grande valor e basta virtude para que alguem de moto proprio se submetta ao castigo. Basta só o modo como a criança é interrogada para lhe suggerir a mentira. «Fez isto? — perguntam-lhe com tal carranca que o pequeno, prevendo a severidade, responde logo *não* para se esquivar ao perigo.» (M.elle Sauvan, *Curso normal*). — «A mentira é filha primogenita do ocio. Vêde como se fórma dentro de vós mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso não tem mais que fazer que pôr-se a imaginar: da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, e da suspeita a mentira. Quem trabalha trata da sua vida; quem está ocioso trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade, porque diz as cousas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente; porque diz o que imagina.» (Vieira, *Sermões*).

MERCURIO. (Veja Metallurgia).

MESQUITA. (Veja Turquia e Asia).

MESTRES. «Cuidam os mestres que basta saber lêr e escrever praticamente para tambem o poder ensinar; quando é certo que quem sabe lêr e escrever bem, póde não o saber ensinar. Se ha algum conhecimento humano que seja um invento puro da arte é este. A reflexão só lhe deu origem, e esta mesma é quem a conserva e aperfeiçoa. Raro é o mestre que saiba por principios esta arte; e nenhum ha que a saiba em toda a sua extensão e perfeição. Todos ensinam, mas sem saber o que ensinam. Para saber ensinar a lêr é necessario saber analysar os sons da nossa lingua, tanto simplices, como compostos, e os caracteres litteraes que o uso escolheu para os figurar aos olhos; e para ensinar a escrever bem, é necessario saber fazer a mesma analyse dos caracteres distinguindo pelas pennadas as suas partes essenciaes e caracteristicas das que são arbitrarias e de mero capricho. Para tudo isto é indispensavel o conhecimento das duas partes da grammatica portugueza, a orthoepia ou verdadeira pronunciação, e a orthographia ou a verdadeira representação litteral dos mesmos sons. Da primeira nada entendem, e da segunda pouco, e isto mesmo muito poucos. No estado presente das cousas não acho outro remedio a este mal do que o mandar ordenar uma arte exacta de lêr e escrever, em que se exponham clara, breve e simplesmente os verdadeiros principios da leitura e escriptura portugueza, ensinando-se na primeira parte a distinguir e determinar bem todos os sons simplices da nossa lingua quer inarticulados, quer articulados e as letras tanto vogaes, como consoantes com que o uso os representou, subindo depois aos sons compostos da mesma, quer sejam diphthongos quer syllabas: e sobre estes principios certos, lançando os abecedarios e syllabarios bem completos e ordenados da nossa lingua, e ensinando aos rapazes o modo facil e genuino de soletrar, que não é certamente o que até agora usaram e usam nas nossas escólas de Portugal, etc.

«Pelo que pertence ás escólas de lêr, escrever e contar, estas ainda se acham em maior falta de bons abecedarios, e syllabarios, de livros de leitura, de taboadas, e regras de conta, de traslados para escrever, e de catecismos da religião e civilidade para os aprenderem. Estas escólas são as mais numerosas, e compostas quasi todas de crianças pobres, desprovidas de manuscriptos, de livros, de papel, tinta, pennas, e de tudo o mais que é indispensavel para a sua instrucção. Os paes, que pela maior parte são jornaleiros, recusam-se a todas as representações que sobre isto lhes fazem os mestres, e não querem despender nada n'estas mesmas bagatellas.

«Os mestres não estão obrigados, nem podem, nem querem supprir a todas estas necessidades, e alguns mais zelosos, precisados a suppril-as de algum modo, dando tudo isto de propria mão a seus discipulos, o fazem muito perfunctoriamente em bocados de papel, com muita pressa e com mil defeitos, nascidos já não só da sua ignorancia, mas ainda da necessidade em que se vêem de acudir com tudo isto da propria mão a escólas numerosissimas.

«Muitos mestres teem recorrido por vezes ao exc.^{mo} bispo d'esta diocese para lhe mandar dar por esmola catecismos para o uso das suas escólas, por onde os meninos possam aprender ao mesmo tempo a lêr, e a doutrina christã; e sua exc.ª tem deferido as suas supplicas. Porém este soccorro, nem é geral, nem perpetuo, nem sufficiente.

«É um espectaculo bem terno, e ao mesmo tempo bem lastimoso, vêr nas visinhanças das escólas as crianças e as suas mães sahir das casas e dos seus trabalhos ás estradas publicas, e cercarem os viajeiros para lhes pedirem a esmola de uma carta, ou outro qualquer papel escripto para poderem aprender.

«Em quanto pois se não ordena uma nova escóla, segundo o plano, que acima disse; deve-se formar logo uma breve, escolhendo das que existem a melhor, e imprimil-a; e para as crianças a não estragarem toda ao mesmo tempo, repartil-a em quatro cadernos: o primeiro dos quaes contenha os abecedarios, syllabarios, e os primeiros ensaios da leitura; o segundo um pequeno catecismo de doutrina christã e os primeiros principios da civilidade, para por elles se exercitarem na leitura, e juntamente irem aprendendo o que mais importa. O terceiro os principios da calligraphia, ou arte de escrever bem, com os traslados sufficientes de talha-dôce, e as regras geraes da orthographia ou arte de escrever certo, communs a ambas as orthographias tanto da pronunciação, como da etymologia, quaes são só as das letras iniciaes maiores, as da pontuação, e as da divisão das palavras. O quarto, as taboadas, e as quatro operações vulgares da arithmetica pelo methodo mais simples e pratico. Tudo isto não deve levar mais de seis folhas de papel impresso, para ficar o menos despendioso que poder ser. Esta pequena obra, mas utilissima e necessaria, deve-se imprimir na typographia da universidade, e em beneficio da pobreza, vender-se pelo mesmo custo da impressão, que deve ser pelo menos de cinco mil exemplares.» (Soares Barbosa, *Escóla popular*).

«*Encargos moraes dos mestres.* — A maioria dos mestres d'escóla tem para si que o estado que abraça é meramente um modo de vida. Não seria reprehensivel esta maneira de considerar uma profissão tão respeitavel, se a vocação, a habilidade e a diligencia se manifestassem na pessoa do mestre, porque é muito louvavel e até honroso consagrar um homem as suas vigilias, e todo o seu trabalho a um mister, que é de constante exercicio, que não offerece gloriosas perspectivas para o futuro, e que tem mui parca recompensa. Fazer do encargo de ensinar a mocidade degrau para melhor assentar a mandriice, é culpa de consequencias irreparaveis. Quanto ás habilitações para mestres sabemos nós que ha rigor nos exames e informações; mas se todos os providos terão coragem para arrostar com a quasi mendicidade, a que os reduzem os seus diminutos salarios, não o sabemos, e aos poderes do estado cumpre pagar bem aos educadores da mocidade em beneficio da geração futura; porque a actual ha de ir correndo seu caminho com as reliquias do passado, e com a boa ou má creação do presente.

«O mestre é um homem, em quem a sociedade delega o mais nobre de seus attributos: compete á sociedade crear os seus filhos para futuros destinos, em que a sirvam; e este ponderoso encargo da educação commette-se a homens especialmente dedicados a esse ministerio. Bem sabemos que a moralidade dos tenros alumnos deriva principalmente das lições e exemplos das proprias familias: mas não serve esta razão de desculpa para os mestres negligentes, que olham com indifferença para as acções de seus discipulos. Pensam muitos que tendo applicado seus cuidados á leitura corrente, á escripta elegante, á contabilidade desembaraçada, tem cumprido seus deveres; enganam-se, a sua missão é tambem paternal: e quantos discipulos, com pessimos exemplos caseiros, não tem cobrado brios e sentimentos de homens honrados, porque seus preceptores lh'os souberam inspirar? — Os jornaleiros não tem momentos que possam dispensar para vigiar os filhos; as mães são indulgentes e tambem sobrecarregadas de encargos; quem fica, principalmente nos campos, que zele os interesses moraes da mocidade, senão o mestre?...

«É necessario que para bem preencher o seu lugar tenha o professor de primeiras letras perfeito conhecimento da authoridade paterna e dos seus limites; nem ha de ser o aio, nem o tyranno das crianças. A authoridade adquire-se por certos modos graves e respeitosos sem affectação; que naturalmente induzem os meninos a certo acatamento para com a

pessoa que os dirige. Não se consegue nem pelas cãs, nem pela estatura, e semblante carregado: póde o mestre ser moço e jovial; tudo depende de possuir caracter firme, sempre igual e justo, de ser moderado no fallar e obrar, e de nunca ceder a caprichos momentaneos ou aos impetos da cólera. Dirão muitos, difficil será achar um homem d'esses; mas os que o dizem nunca ensinaram; dai-me um homem honrado, de alma bemfazeja e sincera, com a sufficiente capacidade intellectual, e em poucos mezes de pratica eu vos darei um mestre de escóla consummado. Na depravação do seculo ainda se encontram pessoas com taes qualidades; e ainda mal que a miseria publica constrange alguns a aceitarem os diminutos lucros da profissão honrosa, a que vulgarmente chamam de *mestres de meninos*. N'estas palavras ha um certo pensamento, que revela *indifferentismo;* não se faz o devido caso das pessoas a quem as familias commettem o que tem de mais precioso no mundo, o penhor da sua successão, os seus filhos! Em tudo ha excepções, mas quizeramos vêr mais respeitados pelos paes os mestres, para que a tenra prole tambem melhor os respeitasse, não por temor e habito, mas por amor e obrigação. Quizeramos que se constrangessem, por providencias de lei geral ou municipaes, os paes a mandarem seus filhos á escóla: não ha desculpa razoavel que os defenda do culpavel desleixo de não os mandarem; aulas publicas e particulares tem havido por toda a parte, e n'esta capital a benefica instituição das casas d'asylo da infancia desvalida tem facilitado ás classes mais indigentes a instrucção necessaria para seus filhos. No imperio austriaco ha uma lei, vigente no archiducado, que prohibe aos parochos casarem mancebos que não saibam lêr e escrever. Esta determinação é util: é um meio coercitivo, mas é um estimulo, e tanto mais poderoso quanto mais vai bater nas molas intimas do coração humano. É lamentavel o descuido dos paes em muitas partes d'este nosso reino; querem deixar os filhos na classe dos brutos: habitual-os á preguiça e mendicidade importunando os passageiros com seus pedidos: e pôl-os na forçosa necessidade de confiar a estranhos seus segredos, quando a fortuna os favorece; tudo pelo desmazelo de lhe não ministrarem com pouco ou nenhum custo o saudavel alimento da instrucção primaria, tão precioso e indispensavel como o pão quotidiano.

«É porém essencialissimo que os professores sejam escolhidos, que saibam manter e empregar devidamente a sua authoridade para o aproveitamento moral dos alumnos; para o que parece que lhes serão uteis as regras seguintes: 1.ª Não usar da authoridade sem muita reflexão, nem para cousas que não valem a pena.— 2.ª Fazer executar á risca o que uma vez foi ordenado justamente. — 3.ª Conservar firmeza, não concedendo o que houve razão de recusar, não tendo mudado as circumstancias. — 4.ª Não fazer ameaças levianamente, cumprir porém as que se fizerem, não tendo havido emenda. — 5.ª Ser igual sempre e invariavel na direcção e boa ordem da escóla, para que os discipulos se persuadam da bondade d'essas disposições e aprendam a não infringir a lei.—6.ª Ser imparcial; porque aquelles a quem se mostra predilecção fazem-se atrevidos e altivos, e os outros menos favorecidos fazem-se invejosos, esquivos e maldizentes: não exclue por modo algum este preceito os signaes de satisfação, os elogios e os premios, rectamente distribuidos aos bons, nem as demonstrações de descontentamento e os castigos prudentemente applicados aos que forem maus. Queremos tão sómente dizer que o mestre ha de ser tão imparcial como o devem ser os legisladores e executores da lei. — 7.ª Deve mostrar bom modo, mas não familiarisar-se com as crianças, que por seu natural inquieto são mui faceis em tomar liberdades com quem lh'as tolera. — 8.ª Não dar a qualquer das cousas que se dizem aos meninos senão a sua rigorosa importancia, sem acrescentamentos ociosos, e sem falha

do que é necessario que elles saibam: isto é, fallar-lhes sempre clara, verdadeira e concisamente. — 9.ª Fugir de prégar longos sermões; ser breve quando prescrever qualquer cousa, e pôr todo o cuidado em que o não illudam e em que de prompto lhe obedeçam. — 10.ª Estudar a capacidade e o caracter de cada discipulo para distribuir com justiça o trabalho, a tarefa, o ensino, sem frouxidão, mas sem nimia exigencia.

«Estamos persuadidos de que o professor que adoptar esta norma de procedimento no regimen da sua aula ha de ser respeitado e não aborrecido dos que ensina, desempenhará o seu importante cargo, e será bemquisto dos seus compatriotas.» (*Panorama*).

Como exemplo de respeito aos mestres, copiamos de André de Rezende, na *Vida do infante D. Duarte*, uma sublime pagina que tanto lustra a memoria do discipulo como a do benemerito pedagogo:

«Não consentia o infante D. Duarte, que eu estivesse esperando para entrarmos á lição; mas ordenou que eu não viesse da minha pousada até não ser chamado, dizendo: que não era razão que eu perdesse meu tempo em esperar, podendo-o gastar, e empregar melhor em meus estudos. E por isso, mandou a Carransa, seu aposentador, que junto das casas onde S. A. pousava (que eram sobre o chafariz do Rocio) me aposentasse á minha vontade; e as pousadas custassem quanto seus donos quizessem: porque estando assim perto, sendo chegada a hora da lição, e sendo chamado, prestesmente, com pouco trabalho meu, e sem perda de tempo, poderia acudir. Se algumas vezes queria ir fóra folgar e caçar, mandava-me recado: «Vai dizer a meu mestre, se me dá licença para ir.» Quando estavamos á lição, fazia-me assentar tão chegado a si, que eu me afrontava, e corria; e dizia-lhe: «Senhor, deixeme V. A. estar mais arredado, que anda o Rocio cheio de fidalgos que passeiam; e como estas janellas estão todas abertas vêem-nos estar, e julgar-me-hão por mal ensinado, e descomedido.» A isto me respondeu: «Assim quero eu que nos vejam, e entendam como devem de tratar seus mestres; por amor d'isso chegai-vos mais para cá.»

MESTRES DA LINGUA. «E' necessario que haja em cada nação um juiz arbitro das controversias que se podem excitar sobre a sua lingua; um juiz permanente, um juiz que se possa consultar a toda a hora.

E quem póde ser esse juiz? Sel-o-ha algum particular? Mas essa authoridade não a arrogaria a si nem um Vieira, no tempo em que a nação o não tinha escolhido para arbitro das suas palavras: quanto mais que nem sempre é facil achar um homem d'esta marca. Sel-o-ha alguma sociedade de homens de letras? Mas essa sociedade não deve sentenciar de seu moto proprio, mas segundo certas leis. E quem ha de prescrever essas leis?

«Direis que as controversias sobre uma lingua as deve decidir o uso dos eruditos, conforme os preceitos de Horacio e Quintiliano. E eu ainda insisto: E quem são esses eruditos, cujo voto quereis que decida a final todas essas controversias? Serão os grandes theologos, os grandes philosophos, os grandes mathematicos, os grandes jurisconsultos, os grandes medicos?

«Mas estes só podem ter voto decisivo nos vocabulos proprios da sua profissão, nos vocabulos technicos, e as controversias mais frequentes são sobre as palavras do uso geral, do uso domestico, do uso quotidiano, que são as que formam o maior e o mais consideravel numero dos nossos termos patrios.

«Não podereis logo evadir a força da minha instancia, senão confessando que os eruditos, ao uso dos quaes constitue Quintiliano arbitro supremo das palavras familiares de uma lingua, são só os versados na lição dos seus authores classicos, e que por elles decidem o que é fallar bem ou fallar mal.

«Isto concedido, prosigo eu agora. Os authores classicos da lingua portu-

gueza, considerados assim por alto, são os seguintes:

«João de Barros — Damião de Goes — Francisco de Andrade — Diogo de Couto — Affonso de Albuquerque — Francisco de Sá de Miranda — Luiz de Camões — Diogo Bernardes — Antonio Ferreira — Francisco Rodrigues Lobo — Duarte Nunes de Leão — D. fr. Amador Arraes — D. fr. Marcos de Lisboa — Jorge de Monte Maior — Gaspar Barreiros — Fernão Mendes Pinto — Fernão Alvares do Oriente — Fr. Heitor Pinto — Fr. Bernardo de Brito — Fr. Luiz de Sousa — P. João de Lucena — D. Francisco Manoel — Os dous Brandões, chronistas-mores — Fr. Manoel da Esperança — D. Rodrigo da Cunha — Jacintho Freire de Andrade — Duarte Ribeiro de Macedo — P. Antonio Vieira — P. Bartholomeu do Quental — P. Manoel Rodrigues Leitão — P. Manoel Bernardes. — E depois d'estes, os que até á nossa idade se esforçaram por imitar os melhores, entre os quaes mettera eu ao P. Francisco de Santa Maria, ao P. Francisco de Sousa, ao P. Diogo Curado, e a D. José Barbosa.

«Logo, estes são os authores por onde os eruditos da lingua devem julgar e decidir o que é fallar bem ou fallar mal em portuguez. Estes os que devem ser imitados, com as precauções que deixo apontadas.» (A. Pereira de Figueiredo).

«Se queremos achar abertas veias,
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encotadas
Pelos nossos antigos escriptores,
No Lacio e Achaia, que ainda nos convidam
C'o largo aberto seio a ser ricassos.
E se a ruim preguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O producto das minas já cavado
Limpo de fezes, crisolado e puro,
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abobadas longas e intrincadas,
Labyrinthos reconcavos e escusos
De conceitos agudos predicaveis,
De bastardo saber, de engenho vesgo,
Ha por cantos escuros, por desvios
De sermões requintados do Vieira,
Desprezados torrões de ouro encoberto,
Que enriquecer mil paginas poderam
Por artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capitulos tão cheios
De lusa preciosissima abastança,
Em phrase e termos escolhida e nobre!...

Em seu fluido estylo vai Bernardes
Serpeando manso e manso até que mana
Dos ouvidos nas intimas entranhas,
Qual vai claro ribeiro crystallino
Debruçando-se puro e saudoso
Debaixo de inquietas avelleiras,
Por entre hervosos valles sempre verdes;
Té que ao largo se estende em lisa mesa
Espelho e ás vezes banho das serranas.

De Barros que direi? que os estrangeiros
Não digam mais do que eu? que d'elle fallam
Com mór respeito que fallar usamos.

Ferreira, Brito, Sousa, Arraes e Pinto
Só lhes faltou nascer em terra estranha
Para altamente serem conhecidos,
E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua lusa,
O mui diserto Freire, ultima c'rôa
Das nossas litterarias conquistas;
Fiel historiador, sempre eloquente,
Sempre Plinio, e mil vezes com vantagens.
Quanto não ganharia a patria honrada,
Não ganharia a lingua portugueza,
E os egregios heroes, se cada Cesar,
Cada Fabricio, Regulo ou Camillo,
Que deu a lusa terra, conseguisse
Um Freire que lhes désse alto renome
Por obras, por virtudes conquistado?
Tem senões! — E que author é d'elles limpo?
Não dormitou Homero? O bom Virgilio,
Indignado das maculas da Eneida,
Não mandava de novo queimar Troia?
Se ás musas não vedára o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apollo as saudades?
Pollião não imputa a maravilha,
Que iam além de Roma, curiosas,
As gentes vêr, defeito patavino.»

(Francisco Manoel do Nascimento).

METAES. «Era principio de religião dos povos antigos, como é dos modernos, que os homens não podem realisar obras perfeitas sem auxilio da Divindade.

«Operam duas especies de forças na execução de todas as obras; as forças physicas e as intellectuaes, que se coadjuvam.

«A proporção em que entram estas forças nas artes constitue a differença entre as artes mecanicas, artes liberaes e bellas-artes.

«As forças physicas auxiliadas pelas intellectuaes prevalecem na execução das artes mecanicas, nas artes liberaes necessita-se d'ambas igualmente; e nas bellas-artes as intellectuaes são predominantes, carecendo-se menos das forças physicas.

«Os povos antigos acreditavam que Vulcano dirigia os habeis artifices na execução de suas obras, e Minerva lhes inspirava a invenção, o gosto, a imaginação, e o bom desenho d'ellas.

«Na infancia dos povos quasi que as forças physicas bastariam para as obras de suas primeiras necessidades; mas ao passo que se desenvolveram, e a civilisação progrediu, foi-lhes necessario para aperfeiçoar e ornamentar as obras de sua primitiva industria o emprego das forças intellectuaes.

«Gloriavam-se os egypcios de terem sido os primeiros que edificaram templos, e elevaram estatuas aos deuses, e que gravaram em pedra figuras de animaes; mas é natural que recebessem o conhecimento d'estas obras dos povos do oriente, visto que na China data de tempo immemorial, o exercicio de todas as artes. Os gregos, quando toda a Europa estava envolvida nas trevas da ignorancia, recebendo as artes das nações que os precederam na civilisação as cultivaram e elevaram ao grau de perfeição, que depois se não pôde jámais attingir.

«Na Grecia as idéas elevadas da religião, o amor da patria, a liberdade e a gloria dirigindo a mão do artista, fizeram-lhe produzir maravilhas artisticas; assim como a perda da liberdade, a ambição do lucro, e a depravação dos costumes, acceleraram a decadencia das bellas-artes.

«Nos tempos heroicos os artifices que se empregaram nas artes mecanicas foram muito estimados, e os principes se presavam de as exercer.

«Depois, na Grecia e em Roma parece fabuloso o valor que se deu ás estatuas, pinturas, e obras cinzeladas. Plinio menciona grande numero d'ellas e os subidos preços por que foram vendidas; um facto sobre tudo revela bem o apreço que se dava ás obras dos grandes artistas.

«Demetrio deixou de incendiar a parte de Rhodes por onde unicamente podia ser tomada, receando que se perdesse um quadro de Protogenes, que existia n'esta parte da cidade, preferindo a perda da victoria, á da pintura.

«Os gregos conduzidos a Roma nunca poderam executar obras artisticas com o primor que livres exerceram na sua patria, nem os romanos poderam alcançar que os seus escravos, não obstante as grandes despezas que com elles faziam na educação e ensino, igualassem nas bellas-artes, as producções insignes da Grecia.

«No gosto e phantasia dos artefactos muito influe a idéa do bello, ou do util, que predomina nos diversos paizes, imprimindo-lhes caracteres bem distinctos; assim n'algumas nações o valor das obras depende do trabalho artistico, e do bom gosto, e em pouca consideração é tido o valor da materia, ainda que sejam feitas de metaes preciosos; n'outras o valor intrinseco da materia influe principalmente no preço que se lhe arbitra.

«As artes tem passado por diversas vicissitudes; a narração das causas que tem influido no seu desenvolvimento e elevação, ou na sua decadencia, constitue a historia das nações. A noticia, ainda que succinta, dos seus progressos no nosso seculo muito excederia os limites d'esta nota; restringir-nos-hemos unicamente á comparação ligeira d'alguns dos processos que os antigos empregavam nas artes que exerceram com tanto primor, comparados com os de nós outros, que não obstanté os progressos da chimica, e da mecanica, a divisão adoptada no trabalho, e as engenhosas machinas que tanto nos auxiliam, ainda não podemos excedel-os, nem em algumas igualal-os.

«As mais antigas obras de metal para adornar os templos e palacios

como estatuas, tripodes e cratéras foram feitas de ouro, prata, cobre e bronze estendido em chapas ao martello, e depois curvadas e levantadas, e ligadas as diversas peças por pregadura. Suppõe-se que assim foram feitas as obras que Homero attribue a Vulcano, e muitas estatuas colossaes como a de Rhodes.

«Os phenicios, cananeus e babylonios construiam estatuas pregando as chapas sobre madeira, ou pedra. Executaram vasos de fôrmas muito elegantes, e posto que não ignorassem o processo de fundição em fôrmas de barro, não consta que fundissem estatuas.

«Muito concorreu para o desenvolvimento das bellas-artes o invento de vasar o metal fundido em fôrmas, que se attribue, ou pelo menos o grande aperfeiçoamento d'esta arte, a Rhoecus de Samos, e a seu filho Theodoro, 700 annos antes de Jesus Christo; assim como o invento de soldar os metaes, devido a Glauco de Chio, que tambem possuia o processo de amaciar, e endurecer o ferro. Attribuem-se a este artista obras de ferro admiraveis, sendo uma d'ellas a base da taça que Alyate, rei da Lydia, offertou ao templo de Delphos; esta base tinha a fórma de torre com lavores de folhas abertas, com pequenos animaes, brincando por entre ellas. Causou esta obra a maior admiração aos gregos pela falta de pregadura, porque ignoravam o processo de soldar os metaes. Theodoro afamadissimo pelos trabalhos do labyrintho de Lemnos muito se distinguiu na fabricação das cratéras, e outros vasos, e attribuem-se-lhe tambem algumas estatuas de ferro fundido.

«Posto que os antigos conhecessem o ferro em estado de fusão, tão liquido como a agua, suppõem muitos escriptores que a fundição de ferro seja industria exercida de poucos seculos para cá, e que as estatuas e cratéras de ferro antigas fossem de ferro malleavel.

«A fundição de estatuas d'um só jacto em moldes a *cêra perdida*, com macho de argilla secca ao fogo, foi exercida pelos gregos; deram porém preferencia á moldação em areia por peças destacadas, as quaes depois se ligavam por malhetes e soldadura.

«Fundiam as peças com tão pouca grossura, e soldavam-nas com perfeição tal, que não obstante os progressos que teem feito as artes, ainda não poderam ser igualados.

«A fundição d'estatuas d'um só jacto em moldes a *cêra perdida*, como a executaram os gregos, reviveu na renascença; assim foram fundidas as estatuas equestres de Luiz XIV, Luiz XV, e a nossa de D. José I.

«As estatuas assim fundidas poucas vezes sahiam completas, como aconteceu com a de Luiz XV; careciam de grandes reparações, e de serem retocadas por habeis lavrantes, e continham grande quantidade de metal, o que tudo contribuia para que o seu custo fosse muito elevado.

«Actualmente os bons fundidores tambem fundem as estatuas por peças em moldes de areia secca na estufa; d'esta maneira fica o metal muito homogeneo e liso, e os retoques de que carecem quasi se reduzem aos córtes dos gitos e respiradouros, e não se corre o risco da perda d'uma estatua inteira, do que resulta ficarem assim fundidas por um preço incomparavelmente menor.

«Posto que da mais remota antiguidade fosse conhecido o ferro e o aço, davam os antigos preferencia ao bronze para as armas e instrumentos, que fabricavam muito duros e resistentes. George Pearson analysando um *lituo* romano, alabardas, e instrumentos de córte dos antigos celtas, encontrou que a liga era de cobre e estanho entrando este em 10 a 14 por cento; observa que esta quantidade de estanho, é sufficiente para dar aos instrumentos o grau de dureza necessario aos usos a que eram destinados. Dussaussoy, pelas analyses a que procedeu do bronze das armas antigas, encontrou 100 partes de cobre e 14 de estanho, e affirma que os instrumentos feitos com igual liga bem afiados teem um córte igual ao dos que são feitos d'algumas qualida-

des de aço. Kielm encontrou no bronze d'um punhal 83,875 de cobre e 16,125 d'estanho. Klaproth e Monge attribuem a dureza do bronze dos antigos ao estanho que ligavam ao cobre, e ao arrefecimento ao ar, e não á tempera, como succede com o aço.

«Encontra-se sempre o estanho no bronze antigo, e frequentemente o zinco e o chumbo. Klaproth encontrou medalhas romanas compostas de 45 partes de cobre, uma de zinco, e uma pequena fracção de estanho e chumbo.

«Fundiam as medalhas em moldes de argilla cosida; encontraram-se em Lyão alguns moldes de moedas romanas, feitos de argilla branca cosida, tendo impressões que representavam as cabeças de Septimio Severo, de Julia Pia, e de Antonino seu filho, denominado Caracálla; estes moldes estavam tão bem conservados, que não obstante o terem decorrido mais de 1400 annos podiam receber o metal muitas vezes.

«O systema da moldação romana pouca differença tinha do da nossa, a não ser a excellente qualidade de areia que empregavam na confecção dos moldes.

«Um nosso artista, Manoel José das Neves, natural de villa do Conde, habil fundidor da fabrica de Crestumes, pertencente á companhia dos vinhos do Alto Douro, muito conhecedor dos progressos que as artes faziam nos outros paizes, talvez excitado pelas observações que Mahudel fez ácerca da fundição romana, executou moldes com areia muito fina, obtida pela trituração de quartzito, que se encontra em abundancia nas proximidades d'aquella fabrica; observamol-os depois de terem decorrido mais de quatorze annos, e não obstante não estarem resguardados, tão perfeitos estavam, que poderiam servir optimamente.

«Parece-nos que estes moldes, pelo que respeita á sua composição, muito se assemelhariam aos dos romanos; muito conveniente seria que se não perdessem inteiramente todos os ensaios que se fizeram para imitar a moldação dos antigos, podendo auxiliar-nos com uteis esclarecimentos o seu genro e companheiro n'estes trabalhos, o nosso particular amigo Jeronymo Aleixo de Paiva e Freixo, proprietario da fundição de Murça, proximo de Crestumes.

«Aquelle habil artista tambem inventou a fabricação dos arcos de ferro para pipas, empregando laminador de ferro coado, e inventou os cylindros lavrados para laminar barras de ferro ornamentadas.

«Esta industria exercida em Portugal ha mais de vinte e cinco annos é considerada agora moderna invenção franceza, e posta em exploração na fabrica dos snrs. Montgolfier e Camille Bernard em Chamond.

«Suppõe-se que alguns artistas gregos tiveram meios para obterem bronze artistico com as propriedades de encher bem os moldes, e de ser lavrado e cinzelado com facilidade, e adquirir côres que realçavam as suas obras; mas geralmente pela má construcção dos fornos, ou por causas que ignoramos, sendo talvez uma d'ellas a falta de pureza dos metaes que empregavam, não póde duvidar-se de que o bronze artistico era obtido mais pelo acaso do que por combinações definidas.

«Este bronze deve satisfazer ás condições seguintes: ter boa côr, sendo a melhor a do amarello-cobreado, e muita fluidez para encher bem os moldes; limar-se bem, lavrar-se facilmente, apresentando sem estalar a dureza que é precisa ao bom trabalho do buril; e tomar pelos mordentes, *patina* dos italianos, e *oerugo* dos romanos, a bella côr do verde-bronze antigo, ou a de bronze florentino.

«As ligas binarias de cobre e estanho não apresentam muita homogeneidade; prestam-se mal ao trabalho do buril, e não adquirem boa côr de verde-bronze antigo.

«As de cobre e zinco, se tem bastante tenacidade, não tem a fluidez indispensavel para encher bem os moldes, e se tem esta fluidez, são de má côr, e muito duras para serem lavradas, ou retocadas. Uma pequena

quantidade de chumbo, que se junte ás primeiras, e de estanho ás segundas, tanto as melhora que podem ser martelladas, limadas, e torneadas facilmente.

«As ligas em que entram estes quatro metaes nas devidas proporções, são as que a experiencia tem mostrado darem melhores resultados.

«As bellas estatuas de Versailles, fundidas pelos irmãos Keller, pelas analyses de D'Arcet dão a media composição de

Cobre............	91,40
Estanho..........	1,70
Zinco............	5,53
Chumbo..........	1,37
	100,00

«Esta liga adquire ao ar a bella côr de verde-bronze antigo.

«Nas condições estabelecidas para a fundição da columna de julho estipulou-se que a liga fosse feita como fica indicado.

«As ligas de cobre, estanho e zinco pelas suas muito variadas applicações nas artes, tem adquirido muita importancia, e tem sido por isto muito estudadas e experimentadas. Temos actualmente meios para as obter com as qualidades, que se requerem, para satisfazer ás exigencias da industria.

«O bronze de Corintho foi o mais estimado na antiguidade: um acaso o produziu no incendio que se seguiu á tomada d'esta cidade. Suppõe-se que os artistas, para evitar a oxydação, juntavam ao bronze uma pequena porção de ouro, ou de prata, para fundirem estatuetas, taças, vasos e outros objectos muito mais estimados pelo trabalho artistico do que pelo valor do metal. Os vasos de Corintho eram temperados na agua da fonte Pirene, do que lhes provinha tambem muito valor.

«Designa Plinio quatro variedades de bronze de Corintho: 1.ª o branco e brilhante pela prata que continha; 2.ª o amarello devido á porção de ouro que se lhe juntava; 3.ª o bronze em que os tres metaes entravam com igualdade de partes; e a 4.ª o bronze muito estimado para as estatuas pela côr de figado que adquiria; affirmando que este bronze estatuario só se podia obter por acaso, ou fortuna.

«Estas côres do bronze poderiam ser devidas á quantidade do estanho e zinco que se ligava ao cobre.

«Puymaurin pelas investigações e experiencias a que procedeu, conheceu que a liga de cem partes de cobre com sete a onze de estanho resistia por muito tempo á oxydação do ar humido; e a addição de duas ou tres por cento de zinco faz tomar ao bronze uma boa côr de verde-bronze antigo, ou a côr do bronze florentino, conforme o mordente que se empregar; processos muito conhecidos dos nossos artifices.

«Parece-nos que se não deverá tomar por fabuloso o valor que adquiriam os vasos de Corintho pela tempera em agua fria; sabe-se que o bronze duro e fragil adquire pela tempera malleabilidade; e por consequencia podendo ser facilmente cinzelado, é proprio para os usos domesticos, ou para serviço nos templos, por poder depois da tempera resistir muito bem a grandes choques.

«Os cymbalos, ou pratos de musica de antiguidade desconhecida, são feitos de bronze muito fragil e duro; observa-se porém que tinham sido martellados, o que causava admiração, até que D'Arcet, pelas experiencias a que procedeu, veio no conhecimento, de que, sendo o bronze arrefecido lentamente, tomava muita dureza, bom som e fragilidade; sendo levado ao calor rubro, e temperado em agua fria, como se pratíca com o aço, adquiria a malleabilidade e podia ser martellado e desempenado; o bronze temperado levado ao calor rubro, por um esfriamento mais ou menos lento, recupera maior ou menor dureza, som mais, ou menos agudo; inteiramente o contrario ao que acontece com o aço.

«Depois do descobrimento de D'Arcet teem-se fundido cymbalos de bronze iguaes aos que se importam

da China e da Turquia; deve-se porém notar, que não obstante os esforços de D'Arcet, e de Maillarde, chefe da fundição da escóla de Chalons, não se poderam obter com som tão bom nem tão leves como os da Turquia; e isto mesmo tem acontecido na Allemanha, attribuindo Karmarsh esta differença a causa desconhecida.

«D'estas propriedades que adquire o bronze se tem tirado grande utilidade na industria; assim cunhos de bronze aquecidos ao calor rubro recebem pelo choque a impressão de medalhas de bronze, ou de matrizes d'aço, e esfriados lentamente podem cunhar medalhas de bronze amollecidas pela tempera. As experiencias feitas por Monge, Reboul e de Christiam Saver para cunhar o bronze dos sinos podem ser de grande utilidade para a nossa industria.

«Pelo que fica exposto não deveremos. duvidar de que os gregos, romanos e outros povos mais antigos conhecessem o processo de dar ao bronze de suas armas, e dos instrumentos que empregavam nas artes, a dureza conveniente.

«Os egypcios davam a côr preta a algumas estatuas; os gregos empregavam oxydos metallicos para darem ao bronze das estatuas as côres que mostrassem melhor as affecções que queriam representar.

«O artista Aristonides deu a côr rubra com oxydo de ferro ao rosto da estatua de Athamas para exprimir a vergonha e arrependimento de ter morto seu filho Learcho; estatua que existia ainda em Thebas no tempo de Plinio.

«Silamon, com a oxydação da prata representou no rosto de Athamas a pallidez da morte.

«Davam a côr azul ás estatuas dos heroes maritimos; com o chumbo obtinham a côr de purpura e empregaram tambem o colorido variegado *tunicam picturis variegatam*.

«Recentemente Olivier Mathey tem obtido pela electricidade a precipitação d'oxydos metallicos sobre peças metallicas convenientemente preparadas, o que lhes produz lindas e brilhantes côres.

«Plinio descreve-nos as bellas côres do arco iris que appareciam nas taças de *electrum natural* dos antigos, ou platina dos modernos, quando tinham contido bebidas venenosas. Vogel no novo processo de colorir os metaes, precipitando o ferro sobre platina, obtem pelo calor as mais bellas e brilhantes côres do arco iris, e lembra a conveniencia de empregar o seu processo nos objectos de luxo feitos de platina para adornos.

«Por que processos obteriam os antigos o colorido dos metaes pelos oxydos metallicos, que agora obtemos pela electricidade?

«As obras de ourivesaria, de esculptura, e de gravura em pedras duras, dos povos antigos, que enriquecem os museus da Europa, causam a maior admiração tanto pela sua perfeição inimitavel, como pela pouca ferramenta e processos difficeis que possuiam os seus artifices, sendo esta perfeição obtida á força de trabalho, de intelligencia e destreza.

«Se com os processos que actualmente se empregam, se com as centenas de machinas que auxiliam o trabalho, e supprem a habilidade dos operarios, não podemos igualar na perfeição os objectos que possuimos dos povos antigos, em compensação anda já ao alcance de pequenas fortunas, o que sómente as grandes podiam possuir.

«Tambem em compensação a industria moderna, tende a alliviar os homens pobres de duros, e aviltantes trabalhos, e a proporcionar-lhes commodidades de que sómente os ricos podiam gozar.

«Em 1553 estabeleceu-se no Sena, em Paris, um laminador, movido por uma roda hydraulica, para a fabricação da moeda; este invento é attribuido a Antonio Brulier ou Brucher; como todas as cousas de grande interesse publico, teve grande opposição. Por vezes foi esta machina deixada e readmittida. Sem este engenho, da mais incontestavel utilidade,

não poderiamos obter por tão modico preço chapas, carris, ferro de fórmas especiaes, como de cantoneiras, de simples e de duplo T, de cruz, etc., para caldeiras de vapor, navios de chapa, pontes metallicas, caminhos de ferro, armações e travejamentos de ferro, e para milhares d'outros objectos empregados nas construcções civis, e n'outras industriaes.

«Tem-se encontrado alguns objectos antigos de casquinha, e tem-se notado que a casquinha era feita soldando a chapa de ouro ou de prata estendida a martello, a uma chapa de cobre; processo muito trabalhoso, e difficil, principalmente em grandes peças.

«Com os laminadores obtem-se a casquinha com grande facilidade, juntando as duas chapas bem limpas, e ao calor rubro, e laminando-as, ou tres chapas se se pretende que o cobre seja coberto de prata ou de ouro de ambas as faces.

«Depois de ser levada a chapa assim composta á grossura que se deseja, os metaes conservam as grossuras sempre na mesma relação; assim se obtem casquinha a $\frac{1}{10}$ a $\frac{1}{20}$, conforme se querem objectos de maior ou menor valor, e duração.

«Para objectos de grande consummo como colheres, garfos, tiras lavradas para pulseiras, grilhões, etc., cinzelam-se cylindros laminadores convenientemente, e pela laminação obtem-se estes objectos quasi perfeitos.

«Os objectos antigos de chapa de metal eram levantados a martello, e cinzelados como ainda se usa em algumas partes, empregando-se para isso muitas especies de ferros denominados orgãos, plainetes, cercadores, pontos, fios, meias-canas, foscos, esconços, buris, etc., tendo cada especie muitas variedades dependendo o nome d'estas da sua fórma, e sómente habeis lavrantes as podiam executar com perfeição, empregando muito tempo n'este trabalho, do que resultava ficarem muito caras. Ha tambem difficuldade em obter peças bem iguaes, exigindo igual trabalho e tempo cada uma.

«O processo de Biennais, consiste na applicação de um pequeno macaco, ao qual se fixa uma peça de chumbo ou de cobre, que por successivas pancadas se faz ajustar perfeitamente a um cunho ou matriz de aço, de bronze, ou de ferro coado, a formar o contra-molde. Em muitas officinas se emprega o *balancé* para estampar objectos de chapa, mas não se podendo regular tão bem as pancadas, estala algumas vezes a chapa, por isso é preferivel o macaco.

«Para levantar ou estampar grandes chapas, muitas machinas, mais ou menos engenhosas, se tem inventado de poucos annos para cá: o processo de Karcher & Vesterman parece-nos muito vantajoso.

«Para estampar ornamentos em objectos de chapa que tem gargalo estreito, como frascos, o emprego da prensa hydraulica é muito conveniente; a pressão da agua faz ajustar a chapa do frasco ao molde lavrado que o envolve, e receber perfeitamente a fórma e os relevos d'este.

«As pedras duras apresentavam grande difficuldade para serem lavradas por machinas; a applicação do diamante preto, como instrumento de córte resolveu-a: torneam-se vasos e balaustres de granito, e d'outras pedras duras com facilidade; com a engenhosa machina de Dutel, aperfeiçoada por Valet, reproduzem-se estatuas, podendo-se augmentar ou diminuir, como fôr preciso, proporcionalmente, as suas dimensões.

«Nas officinas bem providas de machinas, podem executar-se obras bem feitas, e com economia, ainda empregando artifices ordinarios, a que se não poderia chegar sem as machinas, a não haver artifices muito habeis, sem muita despeza, e sem grande demora.

«Se as boas machinas supprem a falta de muito bons operarios, tem o inconveniente de não obrigar os artifices a desenvolver tanto a sua intelligencia, como sendo obrigados pelos seus proprios recursos, a vencer

as difficuldades que desapparecem com o emprego das machinas.

«Tambem a extrema divisão do trabalho, como se adopta em algumas officinas, produz grande economia de mão d'obra, porém embrutece os operarios, endurece-lhes o coração, e fal-os viciosos, se por outros meios se não evitam estes males.

«Os artistas antigos exerciam muitos officios e artes, desenhavam os objectos que queriam executar, moldavam-n'os depois, fundiam-n'os, e finalmente davam-lhes o acabamento: o pensamento que se exprimia no desenho, se exprimia no modêlo e nos retoques.

«A experiencia tem mostrado, que sendo a educação industrial bem dirigida, e seguindo-se a vocação dos aprendizes, exercitando-os em diversos officios, se desenvolve n'elles o talento, e se fazem habeis operarios.

«O trabalho excessivo, e aviltante ou repugnante, que se exige dos aprendizes, obrigando-os a ser servo dos servos da officina, deteriora-lhes a saude, deforma-os, tira-lhes o brio, a dignidade, o gosto do estudo e do trabalho, desprezando os aperfeiçoamentos da sua arte.

«Se compararmos esta educação com a que davam os antigos aos seus artifices, e a consideração que lhes concediam: se compararmos o systema adoptado de trabalhar muito e depressa, com o cuidado que aquelles tinham, para que suas obras sahissem perfeitas, poderemos encontrar as causas por que os artifices modernos não podem igualar na perfeição de suas obras os antigos.» (José Victorino Damazio).

METALLOIDES. 1. Esta palavra designa os corpos simples, não metallicos, isto é, que não tem as propriedades dos metaes. Contam-se 14 metalloides, distribuidos em quatro grupos, distinctos por suas affinidades com o hydrogenio: 1.º iode, bromio, chloro, fluor; 2.º tellurio, selenio, enxofre, oxygenio; 3.º azote, phosphoro, arsenico; 4.º carbone, borio, silicio. — Os corpos do primeiro grupo formam com o hydrogenio acidos gazosos energicos; os do 2.º são compostos neutros ou poucamente acidos; os do terceiro são compostos com propriedade de bases; dos do quarto nenhum ainda se combinou com o hydrogenio, excepto o carbone, cujo composto tambem serve de base.

2. O *iode*, descoberto em 1811 por Courtois, está unido ao sodium nas plantas marinhas. Extrahe-se d'ellas, abarrelando-se cinzas de *fucus* (sargaço maritimo) e ferve-se esta agua, chamada de *varech*, com um acrescento de acido sulfurico; soltam-se vaporações rôxas, que são o iode, o qual se depura com agua, contendo alguma potassa. É remedio para a papeira e outras enfermidades escrofulosas. — O *bromio*, descoberto em 1826 por Balard, existe no estado de bromureto de magnesium nas aguas do mar. É um liquido vermelho-escuro, de sabor fortissimo e cheiro penetrante. Emprega-se na preparação das placas *daguerrianas*, por ser activissimo. — O *fluor*, que ainda se não pôde desaggregar, acha-se combinado ao calcium. O *acido fluorico*, liquido branco de cheiro activissimo, e incomportavel sabor, é o mais corrosivo dos corpos. É aproveitado pelo predicado de corroer o vidro com o seu vapor — meio de lhe abrir gravuras. O *tellurio* é brilhantemente solido, muito fragil, lamelloso e branco; volatilisa-se, bem que seja menos fusivel que o chumbo. O *selenium* é solido, de aspecto plumbeo, e derrete-se acima de 100º. Amollece-se ao lume com cêra, e distende-se em longos fios. O *arsenico* é pardo e fragil; sublima-se, sem se derreter, e crystallisa em tetraedros. É veneno subtilissimo, como todos os seus compostos. — O *borio* é solido, sem sabor nem cheiro, esverdeado-escuro, pulverulento, infusivel. Extrahe-se calcinando o acido borico misturado ao potassium. — O *silicium*, pulverulento, infusivel, obtem-se por calcinação de potassium e fluorureto em dobro. Combinado com o oxygenio produz o quartzo, muito abundante na natureza. (Veja ARGIL-

la, Enxofre, Ar, Phosphoro, Carbone, e Quartzo).

METALLURGIA. (Veja Metaes).

METAPHORA. (Veja Figuras).

METEOROS. 1. Designam-se pelo nome de *meteoros* os phenomenos que se passam no seio da nossa atmosphera; e a sciencia que trata d'estes phenomenos denomina-se *meteorologia*. Classificam-se os meteoros do modo seguinte: *aereos* — ventos, trombas, tufão; *aquosos* — chuva, nuvens, nevoeiro, orvalho, neve, saraiva, geada; *igneos* — trovão, fogo de Santo Elmo, estrellas cadentes, aerolithos, fogo fatuo; *luminosos* — arco-iris, halo, parhelio, aurora boreal, paraselene. (Pelo que respeita a ventos, orvalho, trovão, estrellas cadentes, aerolithos, aurora boreal, veja Ar, Calor, Electricidade, Planetas e Suecia).

2. As trombas consistem ou em uma massa de vapor, ou em uma columna de agua levantada por turbilhões de vento, e girando sobre si propria com grande velocidade. Manifestam-se em toda a parte, e sua intensidade é algumas vezes tão grande que arrancam grossas arvores, transportando-as a grandes distancias; podem destruir habitações, matar homens e animaes, arrebatar fructos, sapos, rãs, peixes; o que dá explicação das chuvas de laranjas, de sapos, etc. — Chama-se *tufão* as trombas maritimas e estas violentas tempestades que causam a mais terrivel assolação, principalmente nos mares da China. — O *nevoeiro* resulta da primeira condensação de vapores atmosphericos; então as gotas são imperceptiveis e o seu conjuncto apresenta o aspecto de fumo. — As *nuvens* procedem de um nevoeiro cujas gotas tomaram dimensões sensiveis; estas gotas são arrastadas pelas correntes de ar a alturas mais ou menos consideraveis na atmosphera. Certos authores pretendem que estas gotas são ôcas, da fórma de envoltorios esphericos analogos ás bolas de sabão; porém, maciças ou ôcas, facilmente se explica por que se susteem por tanto tempo no ar. Quando, pelo seu mutuo encontro, as gotas que constituem uma nuvem adquirem dimensões consideraveis, cahem em fórma de *chuva*. — A *neve* procede do vapor atmospherico, que primeiro se liquidifica pelo frio, e depois se congela em pequenos crystaes em fórma de agulhas formando estrellas de tres ou seis raios. Estas estrellas, agrupando-se, formam as *folhecas* que cahem sobre a superficie da terra. — A *saraiva* não é mais do que a chuva congelada, que cahe em pedaços ordinariamente da grossura de uma avellã; e tem-se visto pesarem até 200 grammas. Volta admitte que os raios solares, incidindo sobre a superficie superior d'uma nuvem mui densa, são absorvidos quasi totalmente; e que d'ahi resulta uma mui rapida evaporação, a qual produz um abaixamento sufficiente de temperatura para congelar a agua. A saraiva, como as trombas, é sempre acompanhada de phenomenos electricos. — O *fogo de Santo Elmo* apresenta-se em fórma de chammas ou de vapores luminosos, volteando nas extremidades das vergas, e mastros dos navios. Julga-se ser um effeito de electricidade, porque o phenomeno manifesta-se geralmente em occasião de tempestade e em noites escuras. — O *fogo fatuo* é uma chamma errante e ligeira produzida pelas emanações de gaz hydrogenio phosphorado exhaladas dos lugares paludosos, dos lugares onde estão em decomposição materias animaes e vegetaes, taes como os cemiterios, ou depositos das immundicies, e que se inflammam a uma pequena distancia do lugar em que são exhaladas. Estas chammas errantes são na opinião popular accendidas por duendes com o fim de desencaminhar o viajante. — O *arco-iris* resulta da refracção e reflexão dos raios solares, combinadas conjunctamente nas gotas d'agua e d'uma nuvem opposta ao sol. Póde-se imitar este phenomeno por meio d'uma garrafa cheia d'agua collocada n'uma janella, de modo que não receba senão

alguns raios solares; o arco-iris desenha-se no pavimento da sala. Escolhendo posição conveniente, póde-se tambem observal-o nos jactos d'agua e nas cascatas. — O *halo* é o circulo luminoso que parece rodear as estrellas, o sol e principalmente a lua, quando a atmosphera contém leves vapores d'agua. — O *parhelio* (do grego *para*, ao pé de, e *helios*, sol) é um phenomeno raro, que consiste na apparição simultanea de muitos soes. Suppõe-se que este phenomeno é o effeito da reflexão do sol n'uma nuvem, ou n'uma massa vaporosa espalhada na atmosphera. — O *paraselene* (do grego *para*, e *selene*, lua) faz apparecer a imagem da lua duas ou muitas vezes sobre as nuvens: é um effeito de *miragem*, assim como o parhelio.

METHODO DE ENSINO. 1. «O principal merito de um methodo libra na simplicidade; a complicação enfada, sobre tudo nos introitos. Deve o methodo, desde o começo, abrir vereda de conhecimentos mais faceis, partindo de mundo sensivel, que impressiona as crianças, e remontar-se ao mundo intellectivo e moral. O espirito progride, passando do *cognito* ao *incognito*, abordoando-se ao que sabe para chegar ao que ignora. Pelo tanto, os exercicios precedentes retornam nos seguintes; gravam-se mais fundos na memoria: e os esforços que do alumno se exigem lhe afiançam por tal meio verdadeira e solida possessão de idéas; que os resultados colhidos pela reflexão propria difficilmente se obliteram; mas, se esquecerem, a intelligencia logra readquiril-os por meio das naturaes associações de idéas que serviram á formação d'elles.» (*Da educação publica*, por Naville). (Veja Associação de idéas). «Urge que o methodo não vá por avanços descompassados; que multiplique sufficientemente os intermeios, os pontos de repouso; que não superabunde em miudezas muito complicadas; é mister que lhe prestem auxilio todas as circumstancias que podem captar a attenção do espirito. Seja, pois, moroso e soffrido. A' semelhança do carreiro que conduz ao pinaculo da serra, deverá seguir, a revezes, tortuosidades e rodeios, a fim de levar o espirito a cumiadas que por muito alcantiladas não se escalam de afogadilho.» (De Gerando, *Curso normal*). — O homem methodico encara logo o seu objecto no mais alto ponto, depois desce ás cousas somenos, e por fim ás minudencias. Generalisa as perguntas; e, se um menino, por exemplo, lhe pergunta o que seja a *Europa*, ou o que é um *animal*, responderá que a terra está dividida em cinco partes (as quaes nomeará, differençando-as) e que o conjuncto dos seres se divide em tres reinos (cujos caracteres estabelecerá). Vezado assim ás divisões geraes, o alumno acostuma-se á referencia das partes ao todo, e poucas palavras lhe suggerem muitas idéas). (Veja Ensino).

2. *Regras geraes.* Observem-se as disposições e indoles dos alumnos. (Veja Indole, Conhecimentos). Trace o professor o maximo dos estudos que tem delineado, e o ideal de ordem e regimen que quer estabelecer. (Veja Disciplina, etc.). Gizar quotidianamente o plano de trabalho. Marcar horas, e a distribuição das materias. (Veja Trabalho). — Saber tudo que se ensina, sem dependencia de livro. Faça-se o mestre entender facilmente. Linguagem ao alcance dos discipulos: não basta que dous ou tres mais adiantados entendam o mestre. Ensino mais apontado á intelligencia que á memoria. Que as primeiras noções, por mais simples que sejam, luzam, em precisão e pureza. Nada de carregar a memoria com cousas despercebidas. Ir devagar para chegar sem cansaço, mas ir sempre. Retroceder e recapitular a miudo. Que a lição da escóla se coadune com os deveres da vida. Mostre-se que as cousas ensinadas são uteis a um fim qualquer, e demonstre-se a applicação. — Logo que ensineis utilmente, facil será o aprender; nem vos será fatigante, nem tedioso aos discipulos. (Veja Professor).

METONYMIA. (Veja Figuras).

METRO, é a unidade de medida de comprimento, é a unidade fundamental do systema metrico. Dada a definição de metro, o professor mostrará aos discipulos um *metro*, e lhes fará notar que se dividiu este comprimento em 10 decimetros, 100 centimetros e 1,000 millimetros. Dará conjunctamente uma idéa do que exprime a palavra fracção, e do uso da terminação *ὄρος*.

Ensinará depois aos meninos que se faz uso das medidas de comprimento para medir as mesas, barrotes, traves, taboas, portas, janellas, panno, muros, cadêas, etc.; e fazendo-lhes medir varios objectos, haverá o cuidado de mandar *escrever* e *lêr* os resultados obtidos; o que será uma introducção á nomenclatura geral do systema metrico. (Veja SYSTEMA).

Depois de ter familiarisado os discipulos com os multiplos e sub-multiplos do metro, observar-se-lhes-ha que a lei só authorisa oito medidas effectivas de comprimento, a saber: 1.º duas medidas maiores — *decametro* e seu *duplo*, isto é, 10 e 20 metros; 2.º tres medidas medias — o *metro*, o *duplo metro* e o *meio decametro*, isto é, 1 metro, 2 metros e 5 metros; 3.º tres medidas menores — o *decimetro*, o *duplo decimetro* e o *meio metro*, isto é, 1, 2 e 5 decimetros. — Fazer traçar á vista na pedra uma recta dada, por exemplo, de 8 decimetros, 5 centimetros, etc., e fazer a verificação com o duplo decimetro ou com o metro.

N'uma segunda lição, dar-se-ha a explicação da origem do metro. Por meio de uma bola de pau atravessada por um arame, dar-se-ha a noção da fórma da terra, do seu eixo, dos meridianos e do equador; dar-se-hão tambem estas noções sobre mappamundi. Diz depois aos discipulos que se mediu o quarto de um d'estes meridianos, e que se chamou *metro* (do grego *metron*, medida) a decima-millionesima parte d'este quadrante do meridiano; d'onde resulta ter a terra 40000000 de metros de circumferencia. E de passagem não é inutil observar que o metro é, na sua origem, um *arco*, visto ser uma parte do meridiano. — Para comparar as medias entre si, façam-se as perguntas seguintes: Quantos metros, decimetros, centimetros, millimetros tem o decametro? Façam-se perguntas analogas para cada multiplo, comparando-o com todas as medidas inferiores; por exemplo: Quantos hectometros, decametros, etc., tem 4 kilometros? Quantos decametros, decimetros, centimetros, etc., ha em 16 hectometros, 20 kilometros, 7 myriametros, etc.? — Faça-se escrever e lêr por muitos modos um numero que exprima um comprimento; por exemplo: $4343^{m},503 = 434^{dm},3503 = 43^{hm},43503 = 4^{mm},343503 = 43435^{dm},03 = 434350^{cm},3 = 4343503$ millimetros. = Muitos exemplos analogos acompanhados de explicações minuciosas farão fixar bem a relação entre as medidas de comprimento.

MEXICO. É o Mexico escacissimo de aguas, salvo no norte; mas superabunda em lagôas. Encrespam-se empinadas serranias, continuadas das cordilheiras da America do sul, ligadas pelo norte com as montanhas penhascosas. Tem riquissimos veios de ouro e maiormente de prata. Quanto á fertilidade da terra, faz differença: á beira dos dous mares, e até á altura de 300 metros, a terra produz toda a vegetação tropical; mas é clima insaluberrimo, e ardentissimo; cerca de 2:000 metros o paiz é ainda calido, fertilissimo, em plena primavera, com um céo annuveado sempre; em fim, no vasto plató que abrange o centro do Mexico, o clima é frio, e as terras menos ferteis que nas outras regiões.

Criam os mexicanos grandes rebanhos de toda a casta, e muito gado cavallar, que tambem lá divaga selvaticamente.

O Mexico, conquistado no seculo XVI por Fernando Costa, foi de Hespanha até 1810, época em que se insurgiu contra seus dominadores; proclamando sua independencia. Desde então, luta sempre anarchicamente.

MILAGRES. 1. «Deus póde fazer

milagres — isto é — póde Deus derogar as leis que estabeleceu? Esta pergunta, feita com seriedade, seria impia, a não ser absurda. Quem respondesse negativamente devêra ser recolhido á casa dos orates: castigal-o seria dar-lhe demasiada importancia.» (J. J. Rousseau, *Cartas da Montanha*). — «Objecta-se, no em tanto, que são perfeitas as leis que regem o universo; e não ha razão para que Deus mude tão admiravel ordem. Ora, um milagre não muda a ordem estabelecida; é uma excepção, e nada mais. O perdão que um rei concede ao criminoso não deroga a lei que pune o crime, de igual theor que a resurreição de um morto não impede que todos os homens estejam sujeitos á necessidade de morrerem; e por que um homem uma vez foi de passo por sobre a agua, a lei da gravidade dos corpos não soffreu alguma quebra... Dir-se-ha que os milagres nada provam, porque todas as religiões, falsas ou verdadeiras, os allegam? — é como se nos dissessem que, para não admittir mentiras, é preciso rejeitar todas as verdades. Provem as demais religiões seus milagres tão á evidencia como o christianismo provou os seus, e nós crêl-os-hemos; mas, pelo em quanto, reputal-os-hemos embustes, cuja falsidade não póde damnificar a verdade dos prodigios que crêmos, nem a authoridade da religião que professamos.» (P.e Bandeville). — «Suetonio (*in Nerone*, cap. 16) denomina os christãos *seita de magicos* ou *feiticeiros*; isto, ao menos, demonstra o caracter maravilhoso que o historiador forçadamente reconhecia nas operações dos sectarios de Jesus Christo. Com que fundamento, minimo que seja, se negam os milagres de Jesus e seus discipulos, ao passo que os judeus e pagãos, para lhes neutralisar a publicidade, recorrem a argumentar que elles eram operados por magia ou influencia diabolica? É assim é que — diz um author inglez — em seguida aos apostolos e evangelistas, as testemunhas mais irreprehensiveis da triumphante evidencia d'aquella verdade, são Celso, Juliano, e os outros adversarios antigos da religião christã, os quaes, como não podessem impugnar nem negar a authenticidade dos milagres, viram-se restringidos a phantasiar causas tão absurdas quanto ridiculas.» (Littelton).

2. Moysés e Jesus Christo são os dous personagens que nos dão o admiravel todo da religião christã.

Quem se furta ao assombro dos caracteres da santidade e verdade das escripturas sagradas? Moysés é author coevo que falla á sua nação de factos occorridos no passado e no presente d'ella, sob seus olhos, — factos publicos, sensiveis e permanentes.

A sahida do Egypto, através de tantos prodigios, cujos o Egypto é victima, apesar da grande arte de seus magicos, — prodigios a que o poder diabolico curva o collo; a passagem do mar Vermelho, não feita á ourela das ribas, nem na vasante da maré, mas pelo cheio das aguas, cujas ondas se apartavam; o monte Synai a arder, a voz estridente do Altissimo, sahindo do borborinho das labaredas, e d'entre o afuzilar dos coriscos; a terra fendida aos pés de Coré, de Dathan e de Abiron; a rocha tocada pela vara de Moysés, golfando corrente d'agua em favor de um povo ingrato e prestes sempre á rebeldia; os prodigios do deserto, todos os dias, renovados, durante 40 annos, e o maná que por tão largo espaço alimentou os hebreus, cujas vestes se conservaram tantos annos; a columna nublosa que os precedia durante o dia a guial-os, e a columna luminosa durante a noite: estes são, na verdade, espantosos milagres que provam a missão divina de quem os operou em nome de Deus omnipotente, do Deus da verdade.

3. Tudo, porém, attinge a Jesus Christo. As mais luminosas maravilhas redundam em prova da santidade de seus costumes, acrescendo ao brilho de sua doutrina; e, com o concurso de todos os seculos que lhe prepararam a vinda, e prophecias que o prenunciaram, taes maravilhas demonstram a divindade de sua pessoa.

Senhor da natureza, Jesus Christo aplaca as tempestades; prescreve leis

aos elementos; multiplica cinco pães, e nutre cinco mil homens.

Abre os olhos a cegos de nascimento, desata a lingua dos mudos, dá audição a surdos, cura doenças com a sua palavra, expelle demonios, e força-os a prestar-lhe homenagem á sua divindade; natureza, morte e inferno obedecem á sua voz.

Resuscita o filho da viuva de Naim, cujo sahimento o povo acompanhava, e a filha do chefe da synagoga, cuja morte chorava a chusma dos judeus, e Lazaro já enterrado de dias.

Prediz sua morte e resurreição, e annuncia tudo que depois se realisou da mais convincente maneira — a prégação evangelica, a fundação da igreja, o castigo dos judeus, e a destruição de Jerusalem.

É entregue aos inimigos porque o quiz ser; Judas o trahe, mas a vergonha e a desesperação seguem o crime, e o campo comprado com o dinheiro da perfidia é destinado a pregoar a todo o mundo a traição e o remorso.

Jesus Christo, depois de ter supportado com a mais egregia coragem humilhantissimos opprobrios, morre pela reparação do peccado e salvação do genero humano.

E a natureza se desconcerta e perturba quando elle expira, com prodigios attestados pelos pagãos. É que a natureza reconhece o seu Creador.

Morre crucificado; e, consoante o promettido aos apostolos, aquella cruz volve-se instrumento, e o mais esplendoroso labaro do seu triumpho.

Que jubilo para verdadeiros christãos abranger de um lance de vista todo o processo de sua religião e todos os fundamentos de sua fé! Em meio dos assaltos que lhe dão á crença, que dôce consolação vêr como, e com que evidencia de provas sempre actuaes, se ascende através dos seculos, e de nomes conhecidos, a successão de pontifices na igreja romana, até aos dias primordiaes do christianismo!

E, como por outra serie de pontifices, igualmente constante, subimos até Arão, até Moysés, e desde Moysés até aos primeiros dias do mundo, mediante um pequeno numero de patriarchas!

MILCIADES. (Veja Quinto seculo).

MILHAFRE. (Veja Rapinantes).

MILHO. (Veja Gramineas).

MILTON. «Nasceu em Londres aos 9 de dezembro de 1608. Desde tenra idade deu mostras de grande intelligencia, que depois cultivou por todos os meios proprios para a desenvolver, taes como o estudo regular, a leitura e as viagens.

«Depois de haver cursado os estudos em Inglaterra, passou a viajar pela França e pela Italia, adquirindo grandes cabedaes de instrucção, e um cabal conhecimento da lingua e litteratura italiana.

«Em lhe constando que havia em Inglaterra um começo de perturbações politicas, deu-se pressa em voltar á patria, e sem hesitação se declarou pelo partido que defendia a liberdade e combatia as tendencias absolutistas da realeza.

«Depois do supplicio de Carlos I, foi Milton escolhido pelos republicanos para justificar o sangrento drama, em que tão tragicamente figurára o infeliz monarcha. Milton propoz-se a demonstrar que um tyranno—no throno — é responsavel para com os seus subditos, e que estes o podem processar, julgar e condemnar á morte. Ao fallar determinadamente do desditoso Carlos I, dizia com a mais acerba vehemencia do fanatismo politico: «Esse rei, perseguidor da religião, postergador das leis, foi vencido, depois de uma longa tyrannia, com as armas na mão, pelo seu povo: foi depois conduzido á prisão; e por quanto, nem por factos, nem por palavras, inspirava esperança de melhor procedimento, foi condemnado pelo soberano conselho do reino á pena capital. Por fim cahiu sobre sua cabeça o machado, na frente das portas do seu proprio palacio... Nunca soberano algum, assentado em mais

alto throno, ostentou maior magestade do que o povo inglez, quando, ao sacudir a superstição antiga, se assenhoreou d'esse rei, ou antes d'esse inimigo, que revindicava para si, por direito divino, a impunidade. O povo inglez o enlaçou nas suas proprias leis, o opprimiu com o julgamento, e, achando-o culpado, não receou entregal-o ao supplicio, que elle tinha em reserva para todos.»

«Por esse tempo, e em quanto durou a republica, não cessou Milton de inflammar os seus compatriotas com repetidos escriptos, tendentes todos a glorificar a revolução, a exaltar a liberdade, e a estygmatisar a intolerancia e a prepotencia do despotismo. Mais de uma vez a eloquencia brilhava nos periodos sabiamente tecidos da sua controversia apaixonada. Em um d'esses tão numerosos escriptos exalta elle a revolução, e o seu louvor, para me servir de uma expressão de M. Taine, parece o troar de trombeta que sahe de um peito de bronze.

«Olhai agora (dizia elle) para esta vasta cidade, cidade de refugio, casa patrimonial da liberdade, cingida e circumdada pela protecção de Deus... Parece-me vêr uma nobre e poderosa nação erguer-se como um homem forte, á hora em que, acordando do somno, sacode as invenciveis madeixas. Parece-me vêl-a como uma aguia que se reveste de poderosa juventude, fita sem se deslumbrar os scintillantes raios do sol, arranca as escamas de suas palpebras, banha os olhos, por tanto tempo desvairados, na propria fonte do esplendor celeste, ao passo que o bando das medrosas e chiadoras aves, e ainda as que se comprazem no crepusculo, descrevem giros em torno d'ella; e, espantadas do que intenta fazer, e grasnando invejosas, predizem um anno de seitas e de scismas.»

«As imagens, as comparações de que Milton se serve, mal podem ser traduzidas; é necessario lêl-as no original para bem se perceber a energia que a imaginação do poeta ou do *vidente* soube dar-lhes. É, porém, justo ponderar que nem sempre o bom gosto e a naturalidade caracterisam as suas expressões.

«Milton arremessa-se á arena da revolução. Preparado com a forte armadura de uma vasta erudição; dotado de uma phantasia poderosa, e vehementemente excitado pelo estimulo da polemica, não cessa de escrever sobre as cousas da politica e da religião, ou já como secretario de Cromwell e do parlamento, ou já como partidario e sectario.

«O excesso do trabalho roubou-lhe a luz dos olhos, lastimoso infortunio que elle pranteou de um modo verdadeiramente poetico:

«Voltam as estações e os annos, mas não volta para mim a luz. Já não vem trazer-me consolações as risonhas côres da tarde e da manhã; já não vejo os botões da primavera, nem as rosas do verão; já os meus olhos não vêem a belleza do semblante do homem, onde o Creador imprimiu os traços divinos da sua semelhança. Ah! espessas nuvens me rodeiam; circumda-me uma noite sem fim!»

«Quando veio a restauração, refugiou-se Milton no retiro da sua morada, e, aproveitando as suas sabias reminiscencias, ditou a suas filhas e a raros amigos o poema encantado que o mundo admira sob o titulo de *Paraiso perdido.*

«Graças aos breves traços que ahi ficam lançados, facil nos será comprehender a explicação do genio de Milton, tal como a apresenta um critico illustre:

«Por esta fórma se ia preparando o Homero das crenças christãs. Era assim que aquella alma tempestuosa e sublime, que se alimentára com o fogo das facções, e fôra provada por todos os fanatismos da religião, da liberdade e da poesia; era assim que a alma de Milton, á hora em que houvesse de perder o espectaculo do mundo, poderia estar preparada para encontrar nas suas reminiscencias o modêlo das paixões do inferno, e para reproduzir — lá do fundo da sua phantasia, que a realidade não mais perturbava — duas creações, igualmente ideaes, igualmente inesperadas n'a-

quelle seculo rude e feroz, *a felicidade do céo e a innocencia da terra.*»

«Ao poema epico *O Paraiso perdido* allude o douto critico.

«É verdadeiramente singular a historia da composição da sublime epopéa.

«Tinha Milton chegado á idade de cincoenta e seis annos, quando se refugiou no remanso da vida intima da familia, dizendo adeus para sempre á agitação febril das lidas e controversias politicas e religiosas.

«A cegueira, a doença, a perda das illusões que o haviam embalado... tudo accumulava em torno d'elle amargos pezares e uma tristeza profunda, que por certo roubariam o entendimento e opprimiriam a vontade do homem mais animoso.

«Mas possuia Milton um genio elevado; e tanto bastou para que da mais angustiosa das situações brotasse uma producção litteraria, que a posteridade mais remota não deixará jámais de admirar e encarecer.

«O espirito de Milton estava povoado das reminiscencias da poesia biblica e da poesia homerica; de sorte que a recitação das bellissimas paginas, na fonte original, avivava as imagens que já estavam gravadas na sua alma de fogo.

«Separado da terra pela perda da luz e pelo odio dos homens, pertencia Milton ao mundo mysterioso, do qual projectára cantar as maravilhas. — «Ó musa! dizia elle; dá olhos á minha alma!» E, com effeito, era *vidente* no campo das suas recordações e pensamentos.

«Vivamente impressionado pelos extraordinarios dramas politicos e religiosos, de que fôra testemunha ou actor, e preparado pela lição e pelo estudo, traçou d'antemão o poema que havia de immortalisar o seu nome. Quando já o espectaculo do mundo mais não podia perturbar as suas cogitações, concentrou toda a energia das suas faculdades no empenho de realisar a sua concepção, e sem esforço, mas com enthusiasmo, foi dictando os versos que meditára, compondo assim, pouco e pouco, o maravilhoso poema.» (J. Silvestre Ribeiro).

MINAS. «A gazeta de Leipzig estabelece como principio que o ferro e o carvão são hoje em dia os primeiros agentes da moderna civilisação. Com effeito, se notarmos que estes mineraes são a alavanca principal da industria, e que o desenvolvimento d'ella produz o da intelligencia do homem, pela necessidade em que o colloca do estudo das principaes sciencias, e das suas applicações; não poderemos deixar de concluir, que o principio estabelecido é incontestavel, e deve tomar-se como um axioma.

«Por maiores que sejam os desejos de implantar ou desenvolver a industria fabril em um paiz aonde faltem estas materias; por mais efficaz que pareça a protecção officialmente concedida; a industria viverá vida mesquinha, rachitica, e enfesada — vida emprestada — e a sua duração será ephemera, quaesquer que sejam os sacrificios feitos para lh'a conservar.

«Procurar, por tanto, o carvão e o ferro, não é menos necessario á prosperidade de uma nação, do que promover a instrucção do povo, dotar o paiz com boas communicações, ou quaesquer outras cousas de reconhecida utilidade.

«Sem communicações faceis não ha commercio que mereça este nome; sem ferro e carvão não póde haver industria que prospere.

«O mesmo jornal estranha que a Hespanha, tão rica em jazigos de ferro e carvão, se conserve ainda hoje tributaria ao estrangeiro de não poucos milhões de reales annuaes, pela acquisição de materias, que podia obter de si propria, se a lavra das minas tivesse alli tomado o devido incremento; comtudo, ainda que o reparo é justo, e verdadeiro o desfalque da riqueza nacional, a emancipação da industria póde de um momento para outro realisar-se n'aquelle paiz, porque se os jazigos que occultam semelhantes materias não estão explorados, ao menos não se ignora a existencia d'elles.

«Na Europa ha unicamente um estado aonde se não lavra o ferro. Em todos os mais as minas de ferro e de carvão, são procuradas com extrema avidez. As sciencias naturaes e economicas, e com especialidade a physica, a chimica, e a mecanica, como que disputam entre si á porfia, sobre qual ha de prestar maior somma dos seus innumeraveis recursos, e resolver os mais complicados problemas sobre o tratamento do ferro em todos os periodos da sua laboração. Os gazes, o calorico, até ha pouco perdido, nos altos fornos o emprego do ar quente, tudo é aproveitado, e recebe a mais admiravel e intelligente applicação no beneficio do ferro. D'est'arte se diminuiu o trabalho e a despeza, e o que se reputava inutil, ou de pouco proveito, tornou-se um novo e poderoso agente, e mais um elemento productor de grande riqueza.

«Ao progresso das sciencias se deve, que paizes aonde se não fabricava o ferro, tenham hoje em actividade altos fornos, e forjas: que outros, aonde esta industria ameaçava de succumbir, ou de se amesquinhar, pela falta do combustivel vegetal, recobrassem, e até desenvolvessem a energia primitiva, alargando o seu campo d'acção industrial. Effeito maravilhoso dos novos agentes de calorico, que a physica e a chimica descobriram, e que a intelligencia humana tão vantajosamente soube aproveitar, supprindo assim uma falta, que a principio parecia irreparavel.

«No estado de adiantamento em que actualmente se acha este ramo da industria, póde-se, sem grave offensa, appellidar de semi-barbaro o povo, que não possuir ao menos um alto forno, ou uma forja de beneficio do ferro.

«Por vergonha nossa (com profunda magoa o dizemos) o unico paiz da Europa aonde se não beneficia um gramma de ferro, é Portugal! E Portugal tem minas de ferro em quasi todas as suas provincias!

«O viajante que percorrer este paiz em todas as direcções, encontrará repetidas localidades com a denominação de *ferrarias*, aonde achará patentes os vestigios que a justificam, denunciando que n'esses lugares houve outr'ora trabalhos de mineração e fabrico de ferro. Ainda não teem decorrido muitos annos desde que foi abandonada a lavra das minas de Chapa Cunha, de Thomar, e Machuca. A fabrica da foz d'Alge, aonde se tratava o ferro das minas das proximidades de Figueiró dos Vinhos, Pedrogão, Maçãs de D. Maria, Portella do Braz, e outros lugares, fechou-se em 1833.

«Vê-se pois que as gerações passadas não descuidaram a mineração e fabrico do ferro, e se as suas modestas forjas não tinham o apparato nem as vantagens dos estabelecimentos modernos, ao menos provavam que os portuguezes de então acompanhavam, quando não precediam, os outros povos na carreira da civilisação.

«Assim se obtinha então não só o ferro metallico para satisfazer as necessidades da industria agricola, e para todos os usos da vida, como tambem para o fabrico dos canhões, e projectis que se empregavam nas guerras. Estava comtudo reservado para os portuguezes d'este seculo, não terem sequer uma forja de beneficio do ferro!

«Se outros factos não attestassem o nosso atrazo, este, só por si, bastaria para o provar.

«Talvez se diga que a falta do carvão mineral é, entre nós, a causa unica de se não poder continuar o fabrico do ferro; porém, se, até certo ponto, esta falta é bastantemente sensivel, ella não é todavia a verdadeira causa da interrupção d'aquelle fabrico, e se o paiz tivesse um bom systema de faceis vias de communicação, se se tivesse tratado de crear novas florestas, e conservar as que existiam, e estabelecido convenientemente a policia d'ellas, não teriamos passado pelo desar de vêr interrompida a mais util e principal base de toda a industria.

«Na Hungria, na Corinthia, em muitos dos estados da Allemanha, na França (e na propria Inglaterra, ain-

da ha bem poucos annos) fabrica-se muito ferro com o carvão vegetal, e hoje, mais do que nunca, se ventila a conveniencia do emprego de ambas as especies de combustivel no tratamento do ferro, preferindo uma ou outra segundo os diversos periodos do seu fabrico, ou a applicação a que é destinado.

«Se os governos se compenetrassem da utilidade de promover a todo o trance o progressivo, porém rapido, incremento da industria; se os diversos partidos depozessem antigos odios, e volvessem a sua attenção para os verdadeiros interesses do estado; se se comprehendesse que sem industria não ha civilisação digna d'este nome, porque a industria não é outra cousa mais do que a sciencia, e a intelligencia em acção — a nobilitação do homem; se o egoismo vil désse lugar á razão, e se não protegessem ignorantes, especuladores abjectos e charlatães, por considerações indignas de gente honrada, a industria do fabrico do ferro havia de em breves annos chegar em Portugal ao grau de prosperidade que tem attingido entre os outros povos, e com ella medrariam todas as mais industrias, e floresceria o commercio interior e exterior.

«O carvão fossil é, sem duvida, o combustivel mais economico que se póde empregar no fabrico do ferro, quando os dous mineraes se acham simultaneamente em condições vantajosas, e é por este motivo que elle tem tão grande applicação n'aquelle fabrico; porém este combustivel tem mais vasto emprego, e todos sabem que o paiz que possue minas abundantes d'este precioso agente, tem em si o germen de uma verdadeira riqueza.

«Em Portugal ignora-se ainda se o solo abunda ou não em combustiveis fosseis, nem mesmo se podem formar quaesquer conjecturas, porque não está geologicamente estudado.

«As unicas minas de carvão que existem em lavra, são: a de S. Pedro da Cova, duas leguas ao nascente da cidade do Porto, e a do Cabo Mondego. A primeira produz apenas quatro mil toneladas annuaes, pouco mais ou menos, de anthracite, que se consome nas cosinhas d'aquella cidade, sendo impossivel abrir maior campo de lavra para augmentar a extracção, porque não passa de um insignificante retalho deixado pela denudação. A segunda acha-se em uma formação secundaria, mas a sua importancia é puramente local, porque os pontos accessiveis offerecem uma frente de ataque mui limitada, e o deposito é pouco extenso.

«Ultimamente verificou-se a existencia de uma outra formação carbonifera nas proximidades de Alcobaça e districto de Leiria, tambem do periodo secundario, e que apresenta indicações muito lisonjeiras sobre a sua extensão e riqueza. Crêmos que a lavra não tardará em demonstrarnos se as esperanças concebidas são ou não bem fundadas.

«Afóra estas não ha entre o Tejo e o Douro outras indicações proximas da existencia do carvão mineral, do verdadeiro periodo carbonifero—*terrain houiller*.

«No districto de Coimbra ha uma formação do *terrain houiller*, porém as indicações da existencia do carvão são mui remotas, e para se evidenciarem seria necessario despender alguns capitaes.

«Em outras localidades, as inducções geologicas levam a suspeitar a presença do carvão; mas estas presumpções são insufficientes para decidir o emprego dos capitaes na pesquiza d'elle.

«Póde portanto dizer-se, que Portugal não tem, por ora, minas de carvão, e que é obrigado a importar todo o combustivel que a sua nascente industria consome, o que lhe faz despender avultadas quantias.

«A espectativa sobre a futura descoberta de ricos depositos de carvão, que o emancipem da dependencia em que se acha a sua industria, não é destituida de fundamento; é porém necessario emprehender, sem demora, o estudo geologico do paiz, mas um estudo proveitoso, feito por ho-

mens de sciencia, e não por impostores, que só tenham em vista sugar o thesouro publico, e a quem falte a capacidade e honradez, que tão ardua e importante commissão reclama; para que em lugar de se colher escandalos, se alcance credito e utilidade para esta nação, tão digna de melhor sorte que a que lhe tem cabido.

«Tal é o estado da industria mineira, e metallurgica em Portugal; estado verdadeiramente lastimoso, e que só administrações eminentemente patrioticas poderão fazer cessar.» (Carlos Ribeiro).

MINERAES. «A crusta da terra compõe-se de massas crystallinas não estratificadas e de massas terrosas estratificadas, compostas de mineraes de differente especie. Nós vamos expôr estas principaes especies segundo o methodo de Bendant:

«As massas crystallinas são formadas das seguintes especies, a saber: o quartzo, o feldspatho, a mica, o talco, a amphibole e o pyroxene; as massas terrosas são formadas do calcareo e da pedra gypsosa.

«O *quartzo.* Esta especie comprehende diversos mineraes; os principaes são: o *quartzo hyalino* ou crystal da rocha, a *agatha*, o *jaspe* e a *opala;* compostos de uma mesma substancia — a *silica;* são infusiveis, riscam o vidro, produzem centelhas quando se percutem com o fusil e resistem á acção dos acidos.

«O *quartzo hyalino* ou crystal da rocha é um mineral, que consta unicamente de silica, algumas vezes perfeitamente transparente, incolor ou com varias côres; crystallisa-se sob a fórma de prismas hexagonaes terminados por pyramides de seis faces. Tem a refracção dupla, a fractura vitrea, e dá um cheiro particular quando se friccionam dous fragmentos um contra o outro.

«Quando compacto, constituindo uma massa de aspecto leitoso, apenas translucida, toma então o nome de *quartzo commum.*

«A *agatha.* Reunem-se sob este nome todas as variedades do quartzo, que são semi-transparentes, diversamente coradas e que tem uma fractura irregularmente conchoide. Estas variedades são muito numerosas e apresentam-se geralmente sob a fórma nodular e sob a fórma de massas mamillares: as principaes são: a *agatha fina* ou *calcedonia*, ligeiramente corada; a *coralina* que é vermelha; a *sardonia* que é amarella com bandas alaranjadas; a *seraphina* que é azul celeste; o *silex pyromaco*, conhecido vulgarmente pelo nome de pederneira.

O *jaspe.* O jaspe é uma mistura de agatha e de materias estranhas, com diversas côres. E' opaco, na maior parte dos casos é incolor, susceptivel de tomar um bello polido e serve ao fabrico de diversos objectos.

«A *opala.* A opala é um quartzo hydratado com um brilho igual ao das resinas. A opala é fragil e a fractura apresenta fragmentos lamellares.

«*Feldspatho.* O feldspatho é um silicato duplo de alumina, ou de uma base alcalina variavel, a potassa, a soda, e a cal; ou de pequenas porções de outras bases isomorphas. Esta substancia é dura, ligeiramente branca, fusivel ao maçarico, produzindo um esmalte branco. O feldspatho toma differentes nomes segundo a natureza das suas bases. Assim diz-se *albite* o feldspatho que tem por base a soda, e tem uma côr branca ou avermelhada. *Orthose*, o feldspatho que tem por base a potassa; *labradorite*, o que tem por base a soda e a cal; *pretrosilex*, o feldspatho compacto e *kaolim* ou terra de porcelana, o feldspatho decomposto, que tem perdido uma parte da sua base alcalina e silica.

«*Mica.* As micas são silicatos de alumina e potassa, nos quaes esta base póde ser substituida por compostos isomorphos, especialmente pelos oxydos de ferro e manganez; são fusiveis, macias ao tacto e podem ser riscadas com a unha. Apresentam-se sob a fórma de pequenas massas lamellares, facilmente divisiveis em laminas finissimas, brilhantes, flexiveis com varias côres e algumas vezes com brilho metallico.

«*Talco.* O talco é um silicato de magnesia: é menos duro que a mica, macio ao tacto, unctuoso e fusivel. O talco é conhecido pelo nome de *giz dos alfaiates.*

«*Amphibole.* Este mineral é um silicato de magnesia, de cal ou de oxydo de ferro. Distinguem-se tres variedades, a saber: 1.ª a *tremolite* que é branca, de crystaes prismaticos ou massas compostas de fibras sedosas; esta especie de filamentos são conhecidos pelo nome de amianto: 2.ª a *actinote* é verde com fibras que irradiam d'um centro: 3.ª a *horneblenda* é de côr verde-negra e fórma massas lamellares.

«*Pyroxene.* Esta especie comprehende muitos mineraes que se assemelham pela sua composição aos de amphibole: distinguem-se d'estes pelo seu brilho menos vivo, pelo aspecto vitreo e pela clivagem. Em geral o pyroxene é negro, ou verde-escuro e fusivel. Constitue tres variedades principaes que são: 1.ª a *diopside*, a 2.ª a *hedenbergite* e a 3.ª a *augite.* A primeira é transparente ou translucida no estado puro; a segunda é de côr verde mais ou menos escura, e a terceira é opaca e negra.

«*Calcareo.* O calcareo ou carbonato de cal é a substancia mais abundantemente espalhada na natureza; distingue-se facilmente pelas suas propriedades chimicas, pois que sendo tratada pelos acidos produz uma viva effervescencia, e se reduz a cal viva pela acção do fogo desenvolvendo acido carbonico. Suas fórmas crystallinas são muito numerosas e todas pertencem ao systema rhomboedrico.

«As principaes variedades de calcareo são: 1.º o *calcareo rhomboedrico* ou spatho d'Islandia crystallisado em massas rhomboedricas, limpidas, transparentes, produzindo o phenomeno da dupla refracção; 2.º o *calcareo saccharoide*, marmore branco ou marmore estatuario de Carrara que fórma massas brilhantes de côr branca; 3.º o *calcareo compacto fino*, que tem diversas côres e que constitue todos os marmores brancos; 4.º o *calcareo oolithico* composto de globulos compactos formando camadas concentricas; 5.º a *cré*, materia terrosa compacta, friavel e quasi branca; 6.º o *calcareo grosseiro* ou pedra calcarea d'alvenaria: esta substancia não é susceptivel de ser polida, contém terra e conchas fosseis; 7.º o *calcareo silicoso* mais duro que o calcareo commum; 8.º o *calcareo argilloso* ou a marne calcarea, que é uma mistura terrosa, quer dizer, mistura de silica, d'alumina e de calcareo.

«*Pedra gypsosa.* A pedra gypsosa ou sulfato de cal hydratado é uma materia mui tenra, susceptivel de dividir-se em laminas mui delgadas quando está crystallisado: sujeita á acção do fogo perde toda a sua agua de crystallisação e se converte em gesso, substancia que tem variadissimas applicações.

«O *alabastro* é uma variedade da pedra gypsosa, notavel pela sua extrema alvura e pela finura do seu grão; emprega-se para fabricar objectos de ornato.» (Marques Lobo).

MIRANDA. Na parte mais meridional da provincia de Traz-os-Montes, onde o Douro a separa do reino de Leão, ergue-se a cidade de Miranda, sentada sobre fragas, em lugar montuoso, na margem direita d'aquelle rio.

Apesar da antiguidade e diversos nomes romanos, que o author da *Corographia Portugueza* attribue a esta povoação, parece com melhor fundamento, que teve principio no governo de D. Affonso Henriques, sendo simplesmente infante. E ha quem date a fundação do anno de 1136. O que é provavel, attendendo ás guerras, que o moço D. Affonso Henriques sustentou com seu primo, rei de Leão, é que edificasse n'aquelle anno o castello de Miranda, como atalaia e guarda d'aquella fronteira contra as invasões dos leonezes; e que depois, conforme o costume, e necessidades d'esses tempos, os moradores dos campos fossem procurando o abrigo da nova fortaleza, e construindo casas em volta de suas muralhas.

Crescendo a povoação, levantou-se em torno d'ella para sua defeza uma cerca de muros com suas torres e portas. Porém todas estas fortificações, por mal construidas, ou pelo effeito natural das guerras, achavam-se em grande ruina no fim de seculo e meio. El-rei D. Diniz começou a reconstruil-as no anno de 1294, e no de 1297 fez a Miranda villa, dando-lhe foral com muitos privilegios.

Na porfiosa luta da restauração da nossa independencia, no seculo XVII, padeceu a cidade de Miranda como todas as povoações da raia. Por essa occasião fizeram-se-lhe algumas obras de fortificação, e apropriou-se o antigo castello ao uso da artilheria, para o que se derrubaram as quatro torres, que se erguiam nos seus quatro angulos, até ficarem na altura dos lanços de muro que as unia.

Na guerra da successão de Hespanha, travada entre esta nação e a França d'uma banda, e a Inglaterra, Portugal, Hollanda, e o imperio d'Allemanha da outra, foi a cidade de Miranda tomada por traição no dia 8 de julho de 1710. O sargento-mór Pimentel entregou a praça ao marquez de Bay por seis mil dobrões que recebeu, ficando a guarnição prisioneira de guerra. Porém no anno seguinte foi esta affronta vingada por D. João Manoel, conde da Atalaia, que, depois d'um curto mas rigoroso cêrco, tomadas as obras de defeza exteriores, e aberta a brecha na muralha, fez render a praça por capitulação aos 15 d'abril, entregando-se a guarnição prisioneira de guerra.

Na grande luta que Portugal sustentou no começo d'este seculo contra o poder da Hespanha e da França, que pretendiam unidas avassallal-o e dividil-o, Miranda e toda a provincia de Traz-os-Montes foram victimas de invasões assoladoras, e tambem glorioso theatro do heroico esforço, que, secundando o grito de independencia levantado em outras terras do reino, tanto contribuiu para libertar o paiz dos seus oppressores.

Dos muitos e diversos prejuizos que a cidade teve em meio de tantas vicissitudes e desgraças não a tem resarcido o tempo, antes pelo contrario, porque nas variadissimas adversidades porque tem passado Portugal desde a paz geral, de 1815, até hoje, Miranda com toda a provincia de Traz-os-Montes, é a parte mais queixosa do reino.

Em quanto que no resto do paiz se operam melhoramentos que o vão transformando, dando-lhe seguras condições de prosperidade, aquella provincia jaz como desligada do reino á falta de communicações faceis, e jaz tambem em grande torpôr e decadencia á mingoa de industria e movimento. Ainda agora é que o progresso começa a bater ás portas d'esta provincia.

Miranda ainda conserva o seu velho castello e cêrca de muralhas com tres portas, tudo em estado de mais ou menos ruina. A sua posição é mais defensavel por natureza que por arte, pois que além d'aquellas antigas fortificações, a sua principal defensa consiste em um forte construido junto á cidade na época da restauração de 1640.

O clima é tão frio e aspero no inverno, e tão ardente no verão que ha alli um rifão que diz: *Em Miranda ha nove mezes de inverno e tres de inferno.*

N'esta ultima estação seccam-se de ordinario as ribeiras dos seus suburbios, e desapparece ou definha-se a vegetação.

O rio Douro corre mui perto da cidade, apertado e violento, e tem alli um pequeno porto. Tambem na sua visinhança passa o rio Fresno, que desagua no Douro, e tem uma ponte de pedra, e junto d'ella uma fonte, que é alimentada por um aqueducto, que vem sobre arcos desde o sitio de Villarinho.

Apesar de ser bastante pedregoso, o termo produz muitos cereaes, legumes, vinho, fructas, e gado.

Conta a cidade uns quatrocentos e tantos fogos.

MISSISSIPI. (Veja ESTADOS-UNIDOS).

MISTURA E LIGA (Regra de). 1. Uma liga é o resultado da combinação de muitos metaes fundidos juntamente.

Distinguem-se entre as ligas, as seguintes: o *bronze*, formado de cobre e estanho; o *latão*, formado de cobre e zinco; a *solda* dos latoeiros, formada de chumbo e estanho; os *typos* de imprensa, formados de antimonio e chumbo; e as ligas de ouro e de prata com o cobre, onde a quantidade de ouro ou de prata pura fica indicada pelo *toque* ou *titulo*. (Veja PRATA).

Assim, dizendo-se que o titulo de uma baixella de prata é 0,950, e o de uma d'ouro é 0,920, isto significa: que em 1000 partes da liga ha 950 de prata pura; e em 1000 partes da outra liga ha 920 de ouro puro. Por tanto, se as baixellas pesam 52 kilogrammas, por exemplo, o peso de prata pura contido no primeiro é $\frac{950}{1000} \times 52^{\text{kil.}} = \frac{95 \times 52^{\text{ kil.}}}{100} = 49,^{\text{kil.}}40$, pois que cada unidade de peso, que aqui é o kilogramma, contém $\frac{950}{1000}$ de prata pura; no segundo peso de ouro puro é $\frac{920}{1000} \times 52^{\text{ kil.}} = \frac{92 \times 52^{\text{kil.}}}{100} = 47,^{\text{kil.}}84$. — Em quanto ás misturas, a chimica distingue com razão as *misturas* de materias em que cada uma conserva, na massa constituida por ellas, as propriedades caracteristicas, e as *combinações*, cujo resultado é a formação de um corpo homogeneo até ás suas moleculas, manifestando propriedades diversas das dos seus principios constituintes. — A regra de liga ou de mistura tem por objecto resolver as questões seguintes: 1.ª buscar o valor da unidade da mistura ou liga de varias substancias, conhecendo o numero das unidades dos simples e o seu valor; 2.ª achar em que proporção se devem misturar varias substancias, sabendo o valor da unidade de cada simples, para que cada unidade da mistura ou liga tenha um valor determinado.

No primeiro caso a regra de liga é *directa*; no segundo é *inversa*.

2. A regra de liga no primeiro caso, que tambem se chama *regra de valor medio, de preço medio*, não offerece difficuldade: reduz-se a multiplicar o numero de unidades de cada simples pelo valor respectivo, e dividir a *somma* d'estes resultados pela *somma* das quantidades dos simples. — Exemplo. Um taberneiro misturou 53 litros de vinho de 90 reis o litro com 33 litros de 130 reis o litro e 184 litros de 260 reis o litro. Pergunta-se o preço da mistura.

Dá-se ao calculo a disposição seguinte:

53 l. de 90 rs. . . .	53 × 90 rs. =	4$770 reis
33 l. de 130 rs. . . .	33 × 130 rs. =	4$290 reis
184 l. de 260 rs. . . .	184 × 260 rs. =	47$840 reis

Uma mistura de 270 litros custa pois. . . . . 56$900 reis
e *um* litro d'esta mistura. . . . . $\frac{56\$900 \text{ reis}}{270} = 210$ reis.

Outro exemplo. — Um ourives fundiu n'um cadinho $2^{\text{kil.}},35$ de ouro ao titulo de 0,900 com $3^{\text{kil.}},8$ de ouro ao titulo de 0,710. Pergunta-se o quilate da liga.

$2^{kil.},35$ do titulo de 0,900 . . . $2^{kil.},35 \times 0,9 = 2^{kil.},115$ de ouro puro.
$3^{kil.},8$ » 0,710 . . . $3^{kil.},8 \times 0,71 = 2^{kil.},698$ »

Logo $6^{kil.},15$ d'esta liga tem . . . . $4^{kil.},813$ de ouro puro.
e *um* kilogramma terá. . . . . $\dfrac{4^{kil.},813}{6,15} = 0,783$

O titulo da liga é pois 0,783.

Os discipulos menos intelligentes podem comprehender este genero de questões; e o professor terá o cuidado de exercital-os propondo-lhes problemas analogos: para o que se reduz o trabalho a augmentar ou diminuir o numero dos simples de mistura ou liga, a operar com ouro, prata, bronze, etc., ou com vinhos, trigo, farinhas, etc.; o que dá variedade aos exercicios, e faz conhecer e conservar de memoria a composição das ligas e misturas que pela sua importancia frequentemente se empregam no commercio e na industria.

3. A regra de liga e de mistura no segundo caso apresenta mais alguma difficuldade. Tomemos exemplos.

Em que proporção se deve misturar vinho de 280 reis o litro com vinho de 90 reis o litro para que se possa reputar por 160 reis cada litro de mistura? Em que proporção se deve ligar ouro ao titulo de 0,920 a ouro ao titulo de 0,750 para que fique sendo 0,840 o titulo da liga?

Dispõe-se assim o calculo:

Mistura...	280 rs.	160 rs.	.... 120 rs.	 70	 7
	90 rs.		.... 70 rs.	 120	 12
Liga.......	0,920	0,840	 0,080	 0,090	 9
	0,750		 0,090	 0,080	 8

No vinho de 280 reis vendido por 160 reis, perde-se 120 reis em litro, e portanto, representando por x numero de litros d'este vinho, haverá $120 \times x$ reis de perda; no vinho de 90 reis vendido por 160 reis, ganha-se 70 reis em litro, e portanto, designando por y um numero de litros d'este vinho, montará o ganho a $70 \times y$ reis. A condição de que haja compensação, traduzir-se-ha pois pela igualdade.

$$120 \times x = 70 \times y,$$

ou

$$x : y :: 70 : 120,$$

ou ainda

$$x : y :: 7 : 12.$$

Logo a mistura deve ser feita na razão de 7 para 12. Agora querendo obter 120 litros de mistura, por exemplo, toma-se $\dfrac{7}{12 \times 7} = \dfrac{7}{19}$ de 120 litros de vinho da primeira qualidade, isto é: $\dfrac{7}{19} \times 120^{l.} = 44^{l.},21...$; e $\dfrac{12}{19}$ de 120 litros de vinho da segunda qualidade, isto é: $\dfrac{12}{19} \times 120^{l.} = 75^{l.},78...$ Dispõe-se pois o calculo como n'este exemplo, e depois de calculado o *ganho* e a *perda* relativos aos simples, a razão pedida será formada por estes dous numeros escriptos em ordem inversa. — O raciocinio é analogo para o problema de liga, onde a noção de titulo substitue a de preço.

Se são mais do que dous os simples póde-se misturar um d'elles com cada um dos outros, e combinem-se depois as misturas parciaes.

Exemplo. Em que porção se deve misturar vinhos de 75 reis, de 55, de

45 e de 40, o litro, para vender a mistura a 60 reis o litro?

Misturado o vinho de 75 reis com o de 55, teremos:

Preço medio 60 rs. { 75 differença 15 rs... 5... 1
55 » 5 rs... 15... 3;

misturando depois o vinho de 75 reis com o de 45, teremos tambem:

Preço medio 60 rs. { 75 differença 15 rs... 15... 1
45 » 15 rs... 15... 1;

e, finalmente, misturando o vinho de 75 reis com o de 40, teremos:

Preço medio 60 rs. { 75 differença 15 rs.... 20... 4
40 » 20 rs.... 15... 3

Consequentemente, combinando as tres misturas parciaes, acharemos que a mistura pedida deve ser formada de 6 litros de vinho da primeira qualidade, com 3 da segunda, com 1 da terceira, e com 3 da quarta; isto é: para cada 13 litros ($6^{l.} + 3^{l.} + 1^{l.} + 3^{l.}$) do vinho de mistura, deve entrar $6^{l.}$ do da primeira especie, $3^{l.}$ do da segunda, $1^{l.}$ do da terceira, e $3^{l.}$ do da quarta. Faz-se a prova do modo seguinte:

60 rs. × 13 = 780 rs.... 75 rs. × 6 = 450 reis
55 rs. × 3 = 165 reis
45 rs. × 1 = 45 reis
40 rs. × 3 = 120 reis

$13^{l.}$ por 780 reis.

Agora, querendo n'estas condições compôr 228 litros, por exemplo, toma-se do da primeira qualidade,

$$228^{l.} \times \frac{6}{13} = \frac{228^{l.} \times 6}{13}$$; do da segunda,

$$228^{l.} \times \frac{3}{13} = \frac{228^{l.} \times 3}{13}$$; do da terceira,

$$228^{l.} \times \frac{1}{13} = \frac{228^{l.} \times 1}{13}$$; do da quarta,

$$228^{l.} \times \frac{3}{13} = \frac{228^{l.} \times 3}{13}.$$

MITRA. (Veja ORNAMENTOS).

MOÇAMBIQUE (S. Sebastião de). «A mais rica das nossas possessões ultramarinas é a vasta provincia de Moçambique. Infelizmente tambem é a mais desprezada.

«Occupa uma grande superficie de terreno na parte oriental da Africa. Na costa estende-se pelo espaço de 400 leguas, desde a bahia de Lourenço Marques até Cabo Delgado.

«E' tambem mui grande a sua extensão para o interior, e posto que não estejam bem assignalados os seus limites, deve-se suppôr, attendendo á distancia que vai de Quilimane a Tete, que não é menor de 200 leguas.

«A superficie total do territorio sujeito á corôa de Portugal é calculada

em vinte e quatro mil leguas quadradas maritimas, com uma população de trezentos mil habitantes, parte d'elles subditos portuguezes, parte apenas tributarios. Conforme um recenseamento official feito em 1849, os estabelecimentos portuguezes situados na costa tinham uma população de 68:000 almas, entrando n'este numero 42:000 escravos, e tão sómente 2:000 brancos europeus, ou descendentes d'estes, e mouros, e banianos, que são oriundos da Asia.

«Compõe-se a provincia de Moçambique, além da capital, de seis districtos administrativos, que são Ibo, Quilimane, Senna, Sofalla, Tete, e Inhambane, e de sete districtos militares, que são os seis referidos e o presidio de Lourenço Marques.

«A ilha de Moçambique, que dá nome a toda a provincia, dista da costa uma legua, ou alguma cousa menos, formando o canal tambem chamado de Moçambique. E' pois n'esta pequena ilha, cuja circumferencia não excede a uma legua, que está edificada a cidade de Moçambique, capital dos dominios portuguezes na Africa oriental.

«O primeiro portuguez que visitou a costa oriental da Africa e a ilha de Moçambique foi João Peres da Covilhã, que em companhia de Affonso de Paiva percorreu o Egypto, a Abyssinia, e a India, por terra, e por ordem d'el-rei D. João II no anno de 1487.

«Tendo dobrado D. Vasco da Gama o cabo da Boa Esperança, no dia 8 de julho de 1497, na sua derrota para a descoberta da India, aportou a Moçambique no 1.º de março do seguinte anno. Era então governada esta região por um regulo mouro. A terra firme era habitada quasi exclusivamente pelos negros, naturaes do paiz. A ilha de Moçambique era povoada de mouros, que faziam d'ella um lugar de escala nas suas viagens e relações commerciaes entre a cidade de Quiloa, de Mina, e de Sofalla.

«Ao cabo de alguns dias, depois de ter communicado com os mouros, presenteando o seu regulo, e recebendo provisões, continuou D. Vasco da Gama a sua viagem para a India. Porém antes de partir collocou n'uma ilhota proxima da ilha de Moçambique um padrão consagrado a S. Jorge, do qual a ilha veio a tomar o nome.

«A 20 de julho de 1501 surgiu diante de Moçambique a segunda armada portugueza, que sulcou aquelles mares. Era capitaneada por Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brazil. Todas as outras armadas portuguezas, que se lhe seguiram, em demanda da India, alli foram lançar ferro para se repararem os damnos causados pelas iras do mar, e para se proverem de mantimentos.

«Reconhecendo-se por conseguinte a importancia d'aquella ilha como ponto de escala para a navegação da India, e tendo dado os mouros, que n'ella dominavam, sobejas provas do seu odio contra os portuguezes, foi occupada pelos nossos em 1506. Depois encarregou el-rei D. Manoel de levantar alli uma fortaleza a Duarte de Mello, que partiu de Lisboa no anno de 1507 já com o cargo de capitão de Moçambique.

«Duarte de Mello chegou á ilha de Moçambique em uma armada destinada para a India, mas que se demorou ahi o tempo necessario para ajudar e proteger a edificação da fortaleza. Foi esta fundada na ponta da ilha á entrada da barra, com quarteis para tropa, uma igreja dedicada a S. Gabriel e um hospital.

«Impoz-se respeito por este modo aos mouros, que viviam na ilha de Moçambique; porém os do visinho continente cada vez mais zelosos e irritados da preponderancia, que os portuguezes iam adquirindo n'aquellas regiões, faziam-lhes toda a sorte de vexames e de hostilidades, que as circumstancias permittiam. Eram então os portuguezes muito poderosos, senão pelo numero pela sua audacia e valor, para supportarem por muito tempo um estado de cousas, que os contrariava e humilhava. Começando pois por expulsar os mouros da ilha, não tardaram em levar-lhes a guerra ao continente.

«Apoderaram-se as nossas armas em breves annos de tantas cidades, e de tão grande extensão de territorio, que Portugal chegou a ter sob o seu dominio quasi toda a costa oriental da Africa.

«As mesmas causas, que produziram a sua decadencia na Asia, o fizeram decadente na Africa. Os inglezes e os hollandezes, aproveitando-se do seu enfraquecimento, disputaram-lhe as suas conquistas, tanto n'uma como n'outra parte. Arrebataram-lhe muitas; fizeram-lhe perder não poucas em proveito dos soberanos indigenas, com quem se alliaram contra nós; e se não nos despojaram de todas as nossas possessões foi porque nunca o valor e a coragem abandonaram os portuguezes, mesmo no maior auge das desditas de Portugal.

«Correndo pois o anno de 1607 foi Moçambique acommettida pelos hollandezes, que a entraram e saquearam, não podendo impedil-o as poucas forças, que então a defendiam, as quaes se acolheram á fortaleza, que sustentou um assedio com repetidos e violentos ataques durante dous mezes. Porém os nossos por tal modo se houveram, que foi repellido e vencido o inimigo. A alliança que os portuguezes fizeram por essa occasião com o imperador de Monomotapá contribuiu muito para afugentar d'alli os hollandezes, e assegurar aquella possessão á corôa de Portugal.

«No mesmo anno de 1607 fez doação aquelle soberano ao rei de Portugal de varias minas muito importantes dos seus estados, o que deu occasião a fundarem-se alguns estabelecimentos no interior da provincia. Começou então a desenvolver-se o commercio interno, e alguns d'esses estabelecimentos, á sombra de fortalezas, que se erigiram para os defender, chegaram a adquirir certa importancia. Com este movimento commercial prosperou Sofalla, primeira capital da provincia, e a pequena povoação da ilha de Moçambique, graças á excellencia do seu porto, sentiu ainda mais os seus beneficos effeitos, crescendo a ponto de obter ao diante as honras de villa, e mais tarde as de cidade e de cabeça da Africa oriental portugueza.

«Sacudiu Portugal o jugo de Castella em dezembro de 1640, e Moçambique apressou-se a secundar o patriotico esforço da metropole apenas lhe chegou a noticia.

«Acabada a luta da nossa independencia, e expulsos os hollandezes das terras do Brazil, tratou-se de dar grande impulso á colonisação d'este paiz. Como as necessidades da agricultura demandavam não só muitos braços, de que Portugal não tinha sobras, mas tambem homens que podessem supportar o trabalho sob o sol dos tropicos, recorreu-se á Africa e assim se deu principio ao trafico da escravatura em larga escala.

«No commercio de Moçambique operou-se em pouco tempo uma completa transformação. Os immensos lucros, que offerecia o trafico da escravatura, foram distrahindo as attenções e os capitaes das industrias, que iam tornando florescente a provincia.

«Aquelle trafico trouxe, não ha duvida, grande copia de dinheiro á cidade de Moçambique, e durante bastantes annos lhe deu um aspecto de apparente prosperidade; porém foi a origem da maior parte dos males, que tem affligido aquella nossa possessão, e a causa efficiente da miseria a que ella chegou.

«Não houve só a lamentar a quasi extincção do commercio interno, a ruina de alguns estabelecimentos do interior, o definhamento da agricultura, o abandono em fim de todos os ramos da industria, que podem dar a um paiz a verdadeira e duradoura prosperidade.

«Peor ainda que tudo isto foram as outras consequencias d'aquelle barbaro trafico: a relaxação inoculada nos costumes, a corrupção introduzida nos empregados do governo, e a despovoação da provincia pelas carregações de escravos enviados para a America, e pela emigração de muitos pretos para longe das fronteiras portuguezas. A tal ponto chega-

ram a cubiça e a immoralidade dos negreiros e de algumas authoridades, que avultado numero de pretos, subditos d'el-rei de Portugal, foram vendidos como escravos, e transportados para o Brazil.

«Os rendimentos publicos, declinando de anno para anno, não bastavam para as necessidades da provincia, nem sequer chegavam para a sustentação do governo e da força armada. A divida publica sempre crescendo, e os meios de segurança a diminuirem; os empregados procurando nas extorsões e na veniaga o modo de preencherem os seus ordenados, ou de locupletarem a sua cubiça; a authoridade sem força nem prestigio; a pouca tropa, que estava guarnecendo os presidios sem disciplina; o desleixo e a desordem lavrando em todos os ramos da administração; e por toda a parte a desmoralisação a campear, levaram a provincia de Moçambique a uma situação da maior gravidade.

«Aproveitando-se d'este estado de enfraquecimento, ou diremos melhor de dissolução, os cafres, e outras hordas selvagens dos paizes circumvisinhos, romperam em hostilidades contra a provincia; e os proprios povos tributarios e alliados da corôa de Portugal começaram a levantar o estandarte da rebellião. A historia de Moçambique n'estes ultimos trinta annos tem sido uma guerra quasi continua n'um ou n'outro ponto da provincia.

«Em 1835 os negros landianos exerceram uma horrivel carnificina nos habitantes de Inhambane.

«Em 1842, houve uma revolução no presidio da bahia de Lourenço Marques. Os amotinados, commettendo todo o genero de violencias contra os portuguezes, e contra as suas propriedades, assassinaram o governador.

«Mais tarde, correndo o anno de 1856, rebentou outra insurreição nas margens do Zambeze. Os revoltosos unidos com os cafres assolaram o paiz, e cortando as communicações do interior com o litoral, entre as povoações de Tete, Senna, e Quilimane, obrigaram alguns estabelecimentos portuguezes a comprarem a segurança e a paz á custa de oneroso resgate.

«Em 1858 repetiram-se quasi as mesmas scenas, tambem nas immediações do Zambeze. Os insurgentes apoderaram-se de importantes carregações de marfim, que iam caminho de Quilimane.

«Ainda no anno passado, de 1861, o flagello da guerra affligiu a provincia de Moçambique. As ultimas noticias vindas d'esta nossa possessão em fevereiro do corrente anno de 1862 participam uma importante victoria ganha pelas tropas portuguezas contra os negros.

«Não ha duvida que em toda esta prolongada luta as armas portuguezas teem obtido a final triumpho contra os indigenas, com mais ou menos sacrificio. Entretanto os males, que d'ahi teem resultado para a provincia são tão grandes, que se lhes não acudirem com prompto remedio, arriscamo-nos a vêr cahir da corôa de Portugal aquella joia, que n'outras mãos seria já de um valor inestimavel, como fonte de immensos recursos. Crêmos, porém, que se aproxima a época da regeneração das nossas provincias ultramarinas por meio de um impulso civilisador. Crêmol-o assim, porque já todos em Portugal reconhecem essa grande necessidade, e a opinião publica ha de seguramente obrigar o governo a applicar toda a sua attenção, empenho, e esforços na resolução d'aquella importantissima questão. O que se tem feito ultimamente em favor d'essas provincias é na verdade mui pouco; porém mostra que se está entrando no bom caminho. E será impossivel a qualquer ministerio recuar ou parar n'elle.

«Relativamente a Moçambique foi o porto da cidade franqueado ao commercio de todas as nações no anno de 1853; estabeleceram-se varias alfandegas provinciaes; reformou-se a pauta dos direitos; e nos dous ultimos annos enviou-lhe a metropole tres embarcações movidas a vapor, a *In-*

fanta D. Maria Anna, e *Barão de Lazarim*, que actualmente cruzam na costa, dando força ás authoridades e impondo respeito aos negros, e o *Zambeze* para navegar no rio d'este nome, e proteger os estabelecimentos do interior.

«A povoação de Moçambique foi elevada á categoria de villa por el-rei D. José I, no anno de 1761, recebendo o nome de *S. Sebastião de Moçambique*, que era o da invocação da sua primeira fortaleza. Em 1818 foi creada cidade, obtendo as honras de capital da Africa oriental portugueza, por decreto de 18 de setembro, do principe regente D. João. Até então era Sofalla a séde do governo de toda a provincia.

«Ergue-se a cidade de Moçambique em uma ponta da ilha do mesmo nome, em 15° 2′ de lat. sudoeste, e 38° 27′ 45″ de long. este. Dista de Lisboa 980 leguas em linha recta, e 1:980 em viagem em volta do cabo da Boa Esperança.

«A cidade de S. Sebastião de Moçambique é séde de um governador geral, nomeado de tres em tres annos, de um juiz de direito, de um prelado, que tem a jurisdicção ecclesiastica de toda a provincia, além de outras authoridades subalternas.

«O brasão d'armas de S. Sebastião de Moçambique compõe-se de cinco setas verdes, atadas com uma fita vermelha, e por baixo duas palmas verdes, tudo no meio de um escudo de prata. Desnecessario seria dizer-se que este brasão é allusivo ao martyrio do patrono da cidade.

«A organisação do governo e administração publica são iguaes ás que referimos das outras provincias ultramarinas. A repartição de justiça é subordinada á relação de Goa, e assim tambem a prelazia de Moçambique está sujeita ao arcebispo primaz do oriente. Foi creada esta prelazia a instancias d'el-rei D. João III pelo papa Paulo III, concedendo-se ao prelado as honras episcopaes com o titulo de bispo de Pentacomea, ou de Olba.

«A guarnição da cidade e fortalezas é feita por um batalhão de infanteria, com 300 homens, e duas companhias de artilheria com uns 150 soldados.

«Não apresenta esta cidade uma bonita perspectiva a quem a observa do porto, porque o seu assento em terreno baixo não deixa vêr do mar os seus melhores edificios, nem mesmo ajuizar da grandeza da povoação. Estende-se por um espaço de terreno, que tem perto de duas milhas.

«Divide-se a cidade em sete bairros, denominados *de S. Domingos*, *de S. Gabriel*, *da Sé*, *do Concelho*, *da Misanga*, *da Marangonha*, *e da Ponta da Ilha*.

«As parochias são duas: a matriz ou sé, dedicada *a Nossa Senhora da Purificação e do Livramento*, e a outra consagrada a *S. Sebastião*. A sé, é um templo bem construido, de uma só nave, mas que se acha muito damnificado. Está situado proximo do mar, e quasi no centro da cidade. É a principal freguezia, não só pela sua jerarchia, mas porque abrange a todos os moradores da cidade, menos os que habitam na praça e fortaleza de S. Sebastião, na qual está erecta a parochia da mesma invocação.

«O templo d'esta ultima acha-se em ruinas, e inteiramente descoberto. O parocho administra os sacramentos na capella do palacio de S. Paulo, residencia do governador da provincia. N'essa igreja arruinada de S. Sebastião está sepultado João da Silva Tello de Menezes, 1.° conde d'Aveiras, vice-rei da India, fallecido em Moçambique no anno de 1651, quando voltava pela segunda vez a Goa com o mesmo cargo de vice-rei.

«Os outros edificios religiosos e estabelecimentos pios são os seguintes: *A igreja da misericordia*, fundada nos principios do seculo XVII, é o templo da cidade que possue melhores paramentos e alfaias. *O hospital militar e civil de S. João de Deus*, occupa o convento da mesma invocação, que pertenceu á ordem dos hospitaleiros. Foi edificado em 1681, e reconstruido em 1703. A antiga igreja do convento serve de capella do hospital. *O asylo*

da infancia desvalida foi instituido em 1856, e occupa o edificio do extincto convento de S. Domingos. *A igreja de S. Francisco Xavier*, que pertenceu aos jesuitas, é actualmente capella do palacio do governador. Na capella-mór, do lado da epistola, está uma lapide embebida na parede com este letreiro: *Aqui jaz D. Estevão d'Athaide, castellão que foi d'esta praça, que a defendeu de dous cercos dos hollandezes, general das conquistas das minas de prata: falleceu em 1633, e a companhia o recebeu n'este collegio.* No pavimento da mesma capella-mór está sepultado o marquez de Aracaty, governador de Moçambique, cargo de que tomou posse em 1837. *A capella de Nossa Senhora da Saude*, outr'ora igreja do hospicio dos frades capuchos, é hoje administrada pela camara municipal, e serve de capella do cemiterio publico, que lhe fica contiguo. *A capella de Nossa Senhora do Baluarte*, está dentro da fortaleza de S. Sebastião. N'ella se celebra a ceremonia da entrega do bastão aos governadores de Moçambique no acto de tomarem posse d'este cargo. Estão ahi sepultadas algumas pessoas notaveis. *A capella de Santo Antonio*, está edificada em uma pequena ponta da ilha. Os dominicos tiveram n'esta cidade um convento, cuja igreja, dedicada a Nossa Senhora do Rosario, se acha em completa ruina.

«Os outros edificios principaes são o *palacio de S. Paulo*, residencia do governador; a *casa da junta da fazenda;* a *alfandega;* o *arsenal da marinha*, a *imprensa nacional*, que occupa a antiga casa do ouvidor; a casa chamada *do Bispo*, que é a residencia do prelado; e a *casa da camara municipal.* Esta ultima passa por ser o melhor palacio municipal das nossas possessões ultramarinas, á excepção do de Macau. Encerra um *theatro*, e tem contigua a cadêa publica. O caes e ponte da alfandega, com 122 metros de comprimento, é uma bella obra.

«As ruas da cidade são em geral estreitas, e mal gradadas. As melhores praças e largos são os seguintes: de *S. Paulo*, em frente do palacio do governo, e da alfandega, é arborisado, e guarnecido de alegretes de flôres; da *União*, tambem chamado do Pelourinho, com sua fileira de acacias, e no centro uma columna de oito metros de altura, coroada pela esphera armillar; da *Saude*, tambem arborisado, e com um obelisco no meio, de nove metros de elevação, terminando em uma corôa real, fundado em 1826, em commemoração de haver el-rei D. João VI assumido o poder absoluto.

«As casas pela maior parte são mal construidas, mas encontram-se bastantes bem edificadas, caiadas, e com seus terrados.

«Ha na cidade tres mercados, dous chamados *bazares*, onde se vendem hortaliças, frutas, e mais generos de consummo diario, e o terceiro denominado *banca do peixe*.

«Não ha na cidade fonte alguma. A agua de que se abastecem os moradores é de cisternas, que são muitas, e de alguns poços. Vem-lhes tambem de fóra, de uma fonte situada na bahia de Titangone, a umas tres leguas de distancia de Moçambique. Por esta falta, e pela natureza do solo calcareo de que é formada, a ilha de Moçambique é arida e esteril. Todavia em torno da cidade apparecem algumas palmeiras, e outras arvores. Todos os generos para o consummo dos habitantes, incluindo hortaliças e frutas, veem da terra firme.

«Defendem a cidade e o porto tres fortalezas, denominadas de *S. Sebastião*, de *S. Lourenço*, e de *Santo Antonio*. A primeira é a principal. Está bem artilhada, e em bom estado de conservação. Tem quatro baluartes, dous para o mar, e dous para o lado de terra, que dominam toda a ilha. O vasto *campo de S. Gabriel* separa a fortaleza da cidade.

«O forte de S. Lourenço está edificado sobre um rochedo ao sul da ilha, e afastado d'ella uns cem passos. É pequeno, e tem poucos canhões.

«O forte de Santo Antonio acha-se situado quasi no meio do litoral da ilha, e apenas o guarnecem duas peças.

«O porto é formado pelas tres ilhas de Moçambique, de S. Jorge, e de S. Thiago, e pela costa do continente. Tem mais de duas leguas de circumferencia, e offerece commodo e seguro ancoradouro aos navios de maior lotação, inclusivè naus. A barra é de facil entrada.

«Limitam-se os estabelecimentos de instrucção publica na cidade, a uma escóla de latim e de primeiras letras. Tem uma typographia, e um jornal *Boletim do Governo de Moçambique.*

«O clima da cidade de Moçambique é muito insalubre, por ser a ilha terra baixa e alagadiça. Se não fôra a excellencia do porto, as vantagens d'esta situação geographica para o commercio, e navegação da India, e ao mesmo tempo a segurança da capital, sem duvida teria sido mudada ha muito a séde do governo, para algum ponto do continente mais sádio e ameno.

«A insalubridade da ilha foi causa de que se povoasse na terra firme, no fundo da bahia, um sitio chamado *Mossuril*, de clima benefico, e de terrenos fertilissimos. Crescendo pelas muitas condições favoraveis da sua posição, Mossuril tornou-se um suburbio delicioso da capital, e lugar de refugio durante a quadra das febres endemicas. A sua população é hoje maior que a da cidade, que apenas conta uns tres mil habitantes, na maxima parte negros, ou banianos, oriundos da India.

«Ha em Mossuril um palacio dos governadores de Moçambique, e muitas casas de campo dos moradores mais abastados da cidade. No outono, ordinariamente, faz-se em Mossuril uma feira annual, denominada *dos mujáos*, porque alli concorrem os pretos d'este nome em grandes caràvanas, compostas de tres mil individuos, e mais, trazendo do interior d'Africa marfim, gomma copal, pelles de animaes, e outros productos, que trocam por generos e mercadorias da Europa. Antigamente tambem era feira de escravos.

«Em torno da povoação de Mossuril veem-se muitas hortas e pomares de laranja, e de outras frutas, de que se abastece a cidade de Moçambique.

«Apesar da sua decadencia, ainda esta cidade é a praça mais commercial da costa oriental da Africa. Importa da India algumas variedades de tecidos de algodão, principalmente os *zuartes* de Gôa, de côr azul; e da Europa tambem muitas fazendas de algodão, e outras diversidades de mercadorias e utensilios, que convém ao commercio de permutação de generos que se faz com os pretos do interior, e de todo o litoral africano.

«Mercado central d'esta parte da Africa, exporta marfim, pontas de abada, ou rhinoceronte, pelles de animaes, e pennas de aves, cêra, gomma copal, resina, ambar, balsamo, malachites, tapioca, arrow root, sagú, café, anil, oleo de ricino, gersolim, urzella, salsaparrilha, varias drogas medicinaes, cocos, crystal de rocha e outras producções.

«Entretanto este movimento commercial é feito em pequena escala, em consequencia do atrazo em que se acha a provincia, e pelas outras razões acima expostas.

«Quando a civilisação e a industria fizerem sentir o seu poder n'esta rica provincia, não só ha de augmentar extraordinariamente a exportação de todos aquelles generos, mas hão de concorrer ao mercado da cidade de Moçambique ainda muitos outros productos do sólo africano, tanto ou mais valiosos que os que deixamos mencionados.

«Possue minas de ferro, de cobre, de carvão de pedra, de ouro, e de prata. Alguns rios trazem abundancia de ouro nas suas areias. O districto de Sofalla, principalmente, sempre teve nomeada a este respeito, desde a mais remota antiguidade.

«Em pedras preciosas não é menos rico aquelle territorio. Encontram-se n'elle, em muitas partes, bellas esmeraldas, e outras pedras; e na costa abundam as perolas. Os bosques do interior podem fornecer uma infinita variedade de madeiras excel-

lentes para construcção, e das mais apreciaveis para marcenaria. O ebano, por exemplo, é alli vulgar. As arvores da quina, e de todo o genero de especiaria, crescem em densas florestas pelo sertão de Moçambique.

«Além d'isto prestam-se aquelles terrenos e aquelle clima a todas as mais culturas em que actualmente se occupa a industria agricola na provincia de Angola. Dão-se alli perfeitamente a cana do assucar, o café, o cacau, o tabaco, e o algodão. Os cereaes tambem offerecem boa producção, e chegaram a dar emprego a grande numero de braços, antes do trafico da escravatura despovoar aquellas regiões, pelos milhares de escravos que enviava annualmente para a America, e pelas tribus inteiras que afugentava para longe das nossas possessões.

«Nas margens dos differentes rios, que atravessam a provincia, até se lançarem no mar, em territorio portuguez, sobre tudo nas margens do Zambeze, ha extensissimos prados, sempre cobertos de optimas pastagens, em que se cria algum gado, mas onde este ramo da industria podia ser elevado a um subido ponto de importancia, e de aperfeiçoamento.

«A zoologia é um outro elemento de immensa riqueza para aquella provincia. São infinitas a diversidade e quantidade de animaes, que povoam os mattos, e cujos despojos o commercio paga a peso de ouro. Os elephantes e os hyppopotamos ou cavallos marinhos, de dentes de marfim, especialmente os primeiros, cahem aos milhares, em cada anno, sob o fuzil do caçador. Os tigres, onças, pantheras, leopardos, girafas, zebras, e muitos outros animaes de pelles formosissimas, não teem conta.

«As aves de plumagem variegada, de côres vivas e brilhantes, e de canto harmonioso, tambem são innumeraveis.

«Abundam os mattos em muitas especies de caça grossa e miuda, rasteira e do ar. Nos rios e ao longo da costa ha bastante variedade de peixes.

«A tantas e taes condições de prosperidade, que tem a provincia de Moçambique, ainda acrescem as magnificas bahias, e os portos commodos e seguros, que se abrem na sua extensa costa; e os rios, que a cortam, navegaveis por grande distancia.

«A bahia de Lourenço Marques, é o melhor porto de toda a costa. Podem n'elle fundear em perfeita segurança as maiores naus. Tem esta bahia seis a sete leguas de largura, e n'ella veem desaguar os rios navegaveis de Maputo, Manina, e do Espirito Santo.

«No porto de Inhambane vem lançar-se o rio do mesmo nome, e no de Sofalla o rio Sofalla Grande.

«No districto de Quilimane estão as differentes bôcas por onde o rio Zambeze mistura as suas aguas com as do mar. O porto de Quilimane não é accessivel aos navios de grande lotação, porém o rio ou braço de mar, em cujas margens está situada a villa de Quilimane, que lhe dá o nome, não tem menos de meia legua de largura na sua foz. O porto de Mocambo, proximo do de Moçambique, é como este uma bella posição commercial. Desembocam n'elle tres rios, um dos quaes, chamado Conducia, é de longo curso, e se lhe suppõe a origem nos grandes lagos do interior. O porto de Ibo é tambem, como o antecedente, um ponto que se póde tornar importante para o commercio. Ibo é uma ilha, que juntamente com outras, formam o districto de Cabo Delgado, o ultimo das possessões portuguezas ao norte de Moçambique. É uma ilha de rica e variada producção, onde se cultivam cereaes, e abundam o algodão, o café, o tabaco, as madeiras de construcção, o ambar, a gomma copal, e a urzella. A povoação de S. João de Ibo, defendida por tres fortes, é a capital da ilha, e do districto.

«O Zambeze será uma importantissima arteria de riqueza e de civilisação, quando fôr animada pelo commercio.

«Este caudaloso rio não é sómente o principal da provincia de Moçambi-

que, é tambem um dos mais consideraveis de toda a Africa. Tem a sua origem nas serranias do centro de Africa, e recebe todos os grandes mananciaes, que brotam das faldas orientaes d'aquellas cordilheiras. Corre principalmente de éste para oeste; depois dirige-se do norte para o sul, e a final toma outra vez a direcção de éste. Em todo o seu extenso curso veem muitos rios engrossar-lhe a corrente. Os principaes são o Liba e o Chobé. O primeiro, oriundo do paiz dos Balondas, traz-lhe o seu tributo pelo lado do norte; e o segundo, que se julga ter principio nas serras de Bihé com nome de Cubango, lança-se-lhe pela parte do sul.

«A trinta leguas da costa divide-se o Zambeze em dous braços, e depois ainda se reparte em mais dous. Entra portanto no mar, no canal de Moçambique, por quatro bôcas distantes umas das outras, deixando entre si bons terrenos para a agricultura, aos quaes, leis especiaes, deram a natureza de prasos transmissiveis unicamente ás femeas, com o fim de promoverem os casamentos d'estas com os portuguezes idos da Europa, e assim augmentarem e melhorarem a colonisação.

«O mais consideravel d'aquelles quatro braços do Zambeze toma o nome de rio de Quilimane, que tem de largura na sua foz, como acima dissemos, meia legua.

«Durante a estação invernosa trasborda o Zambeze tres ou quatro vezes por anno, causando grandes inundações na sua margem direita, de que resulta serem doentios muitos sitios d'ella. Todavia passa por outros territorios, que por se acharem mais elevados, são sadios, e tambem ferteis, e além d'isso mais povoados.

«Ha varias povoações e estabelecimentos portuguezes nas margens d'este caudaloso rio. A primeira é a villa de Quilimane, a sete leguas da sua barra, sentada em terreno baixo e humido, e por essa razão pouco saudavel.

«A segunda é a villa de Senna, cabeça do districto de Rios de Senna, e distante de Quilimane sessenta leguas. Foi outr'ora populosa e rica, mas actualmente acha-se em grande decadencia, tanto por causa da insalubridade do clima, como pelas continuadas aggressões dos pretos *landins*.

«A terceira é a villa de Tete, capital do districto do mesmo nome. Está edificada em lugar elevado e sadio, na margem direita do Zambeze, em distancia de outras sessenta leguas da villa de Senna.» (Vilhena Barbosa).

MOCIDADE. 1. «Parece ser molestia pegadiça o entojo que todos os meninos tem á subordinação, tanto em familia como nos collegios. O desejo da liberdade, excitado por exemplos maus, grassa tanto no nosso ambiente que até nos mais tenros corações se insinua. Virão sempre curtos os esforços empregados em coarctar aquellas propensões. Ao governo, mais desvelado que a familia, incumbe dar efficaz remedio, multiplicando estabelecimentos publicos, alentando os particulares, e providenciando a que uns e outros sejam confiados a sujeitos que reunam á mais consummada moralidade a indispensavel aptidão. — Aos dezoito annos, e ainda aos dezeseis — idade em que todas as paixões refervem, e sobrepujam a vontade — é que o pai aparta de si o filho que estremece e tanto desvelou, á custa de tantos e tamanhos sacrificios. — Pobre mancebo, vai malbaratar tua innocencia nas grandes cidades; vai ceifar harta colheita de idéas irreligiosas e subversivas, e atira como pabulo de appetites indomitos a flôr dos teus mais candidos annos! Debalde quererás, talvez, vendar os olhos, cerrar o coração, enfrear desejos; que as paixões te hão de arrancar a venda, os desejos recrescerão, e o seio se dilatará para abranger desregrados e fallazes prazeres. Esquecerás o passado, irás a rôjo dos attractivos; e, em tua obcecação, nunca mais teus annos innocentes virão orvalhar-te a alma adusta; e os jubilos infantis e singelos gostos te não hão de rebater saudades no coração!

— A precoce liberdade, concedida aos moços, o desafogo de acções que se dá na porção mais apaixonada e intelligente da sociedade, é mal de raiz, e obstaculo rijo ao bem; é fonte empeçonhada, e ensino funesto contraposto ao dos nossos collegios: iniquamente, pois, se ha imputado á educação collegial a responsabilidade dos males que lavram nas entranhas da França.» (Malgras, *Da educação e instrucção publicas*).

2. «A juventude é o periodo do crescimento e florescencia das faculdades; succede á adolescencia que conduz á perfeita puberdade, entre 15 e 16 annos, quando o corpo perfez seu desenvolvimento em altura. Seguidamente, a organisação desfere todo seu viço n'essa radiosa idade, com razão comparada á primavera, á manhã da vida, como no florir dos vegetaes. A juventude é tambem o periodo das bellas-artes, e a mais affectiva estação dos encantos da eloquencia e poesia. Ditosa lhe será a sorte se então predispõe gozos sólidos e duradouros para idade sazonada; se, parcimoniando vida e saude, conserva o sangue calido e vivaz para supportar vigorosamente as frialdades da velhice e manter alma intemerata e inflexa nos recontros dos males da existencia. O moço, avesso á dissimulação e impostura, é extremo no mal e no bem. Rico do longo futurar que lhe doura as tentativas, é umas mãos rotas dos bens que já possue. Inchado de aspirações, crê que tudo sabe; e, á mingoa de razão esperta, dá-se ares dogmatistas, e resolve *ex cathedra* sem pejo nem temor de adversarios.» (J. I. Virey).—«Os meninos são como as plantas: dos primeiros fructos inferem-se os porvindouros.» (Demophilo). — «A alma da mocidade, arrancando vôo, liba em todas as flôres, experimenta todas as sensações, saboreia de todas as taças, quer dôces quer amargas, e, só á custa de experimentar, saberá o que é a vida.» (Chateaubriand).

MODA. É o dominio em que funcciona a phantasia das senhoras, com absoluto imperio. Não ha pois razão de nos maravilharmos das frequentes mudanças que lá vão n'essas regiões. Os parvos inventam as modas; e as pessoas ajuizadas seguem e adoptam a invenção dos parvos. Ha *moda* para vestidos, para estofos, para palavriado, para systemas, para poetas, e em fim para oradores. As modas novas são quasi sempre velharias renovadas. — «O imperio da moda é um mero imperio de imitação. Na sociedade, a chamada *moda*, resurte da necessidade que todos temos de obedecer ao instincto de imitação.» (Alibert). — «A mudança de moda, é o imposto que a industria do pobre lança á vaidade do rico.» (Chamfort). — «É apoucadissimo, não tem idéa sua, o espirito de um homem que se deixa subornar dos caprichos da moda.» (Lady Pennington).

MODESTIA. «É a modestia em ordem ao merecimento o que as sombras são no painel em ordem ás figuras: dá-lhe força e resalto... Certos individuos, bem pagos de suas pessoas, e gloriosos de acção ou feito que tiraram a limpo, como ouvissem dizer que a modestia frisa a ponto com os varões illustres, ousam ser modestos, remedando simpleza e ingenuidade: são como as pessoas de meã estatura que se abaixam ao entrar nas portas, com medo de baterem na padieira.» (La Bruyère). — «A feição caracteristica da virtude é a modestia.» (M.me de Genlis).—«A modestia é o unico resplendor permittido á gloria.» (Duclos). — «A modestia augmenta o merito e indulta a mediocridade.» (La Rochefoucauld).

MOEDAS. «Havia apenas dous annos que D. Fernando subira ao throno quando rebentou a guerra entre Portugal e Castella (1369). As razões e successos d'esta guerra não vem ao nosso proposito: baste saber que n'ella foi infeliz o moço rei, e que não só com os movimentos militares, mas com as allianças de familia, que buscou e depois rejeitou, em Aragão, consumiu avultados cabedaes. No meio do estrondo das armas D. Fer-

nando, falto de recursos, alterou a moeda sem consentimento nem consulta dos povos. As dobras de D. Pedro eram, como dissemos, de bom ouro, e cincoenta d'ellas faziam um marco, devendo por isso valer hoje, se corressem, 2$400 reis: as libras, segundo a mudança feita no dinheiro de prata por D. Affonso IV, valeriam actualmente pouco menos de 550, vindo assim a representar a dobra aproximadamente quatro libras. D. Fernando modificou, porém, esta proporção fazendo cunhar novas dobras, que suppomos iguaes ás de D. Pedro, e que se chamaram *pé-terra*, mas augmentou-lhe um terço de valor, isto é, deu-lhe o de seis libras. A moeda, todavia, que mais frequentemente mandou cunhar foram os gentis, de que successivamente houve quatro especies. Os primeiros eram os gentis chamados de um ponto que valiam quatro libras e meia: seguiram-se-lhes os de dous pontos, cujo valor era o de quatro libras; após estes finalmente vieram duas outras especies de gentis, uns que valiam tres libras e meia, outros tres e cinco soldos. D. Antonio Caetano de Sousa apenas fez representar na sua collecção de moedas, no tomo IV da *Historia genealogica* uma de ouro de D. Fernando, que suppomos ser a dobra pé-terra, e não alguns dos diversos gentis, não só pela falta dos pontos que deviam apparecer no fundo do reverso, entre a lenda e a cruz, mas porque essa que ahi se encontra estampada tem a figura d'el-rei em pé, d'onde suspeitamos lhe viria o nome de *pé-terra*, para a distinguir das dobras ou maravedis antigos, nos quaes, como no que nos resta de D. Sancho, a effigie do rei é representada a cavallo, ou como nas de D. Pedro, em que o vulto está assentado, segundo diz Faria e Sousa.

«Foi, porém, no dinheiro de prata cunhado de novo, que mais soltamente se abusou a favor do fisco do direito de bater moeda. Appareceram então as barbudas, os graves, e os pilartes. Ás barbudas deu-se a valia de vinte soldos, apesar de serem de prata de tres dinheiros, e de entrarem no marco cincoenta e tres d'estas moedas. O marco antigo do toque de onze dinheiros tinha já n'este tempo subido (segundo se vê da chronica de D. Fernando por F. Lopes) de 14 libras a 18. Os moedeiros offereciam então por elle 27 libras, e os mercadores, que suppunham ganhar um terço mais, corriam a entregar toda a prata de onze dinheiros que possuiam, amoedada ou não. De feito recebiam as 27 libras, mas em moedas novas ou barbudas. Assim o marco de onze dinheiros, reduzido ao toque de tres, produzia 195 barbudas, das quaes deduzidas as 27 que se tinham dado pela boa prata, lucrava o thesouro a differença enorme de 168, ou quasi 700 por cento. Para facilitar mais a extracção d'este pessimo numerario, trocavam-se na casa da moeda 21 soldos de dinheiro miudo por uma barbuda, isto é, levava-se apenas um soldo de premio, e os que tinham que transportar grossas sommas para os lugares mais remotos do reino corriam a fazer este escambo ruinoso, movidos pela idéa do facil transporte, não reparando, diz F. Lopes, na perda que se lhes d'ahi seguia.

«Os graves eram tambem do toque de tres dinheiros. Deu-se-lhes o valor de 15 soldos, e usou-se a respeito d'elles do mesmo systema para produzirem um lucro avultado. Cada marco de prata de onze dinheiros, augmentada a liga, dava metal para um numero de graves que equivaliam pelo seu valor nominal a 307 libras ou barbudas, mas que na realidade não valiam mais de 27 das libras antigas que custava o marco de prata, e o custo do metal da liga. No marco (de 3 dinheiros) havia 120 graves Parece que d'esta moeda se lavraram tres especies um pouco diversas no tamanho, e ainda no cunho: duas que se acham na *Historia genealogica*, numeradas 10, e 15, e uma terceira de que falla Lopes, o qual diz ter o grave o escudo das quinas sobre uma cruz, o que não se vê n'esta, nem no n.º 15 das estampas da *Historia genealogica*.

«Os pilartes eram da lei de dous di-

nheiros, e faziam-se de um marco 198 pilartes, cada um dos quaes representava cinco soldos. N'esta moeda um marco de prata de lei de 11 dinheiros vinha a produzir um valor nominal de 203 libras, obtendo assim o fisco um lucro de 176 libras, tendo comprado o marco de lei por 27. Não copiamos aqui o pilarte por não termos certeza do seu cunho, posto que nos pareça ser o n.º 9 nas estampas da *Historia genealogica*, onde os curiosos o poderão examinar.

«A origem das denominações d'estas tres novas moedas é assás extravagante para que não hajamos de a apontar aqui. Quando começaram as guerras de D. Fernando contra elrei de Castella veio um grande numero de cavalleiros francezes servir contra Portugal. O corpo composto por aquelles mercenarios chamava-se a *companha branca*. Entre as suas armas defensivas usavam de elmos batidos com viseiras, e de gorjaes de malha de ferro ou camal: estas peças da armadura denominavam-se então barbudas. Das suas armas defensivas a principal era a lança, a que, como ás dos modernos lanceiros, andava preso um pequeno pendão, e a estas lanças chamavam graves. Os pagens que seguiam os homens d'armas da companha branca conheciam-se pelo nome de pilartes. Não é facil atinar com a razão que houve para dar taes nomes áquellas moedas, salvo se imaginarmos que foram denominações attribuidas a ellas pelo povo, como um epigramma pelo estrago que esse dinheiro, falsificado legalmente, fazia no paiz, estrago semelhante ao que na guerra lhe fazia a companha branca.

«Varias outras moedas se cunharam no principio d'este reinado, com mais ou menos liga, mais ou menos desproporção relativamente á moeda antiga de boa lei. Tanto n'estas como nas antecedentemente mencionadas acrescia a circumstancia de variar em si a mesma moeda em liga e tamanho, segundo tinha sido cunhada em Samora, Tuy e Corunha, quando D. Fernando entrou por Hespanha, ou em Valença, Porto ou Lisboa. É assim hoje de summa difficuldade dizer, quando vêmos uma moeda d'aquella época, e não ha no seu typo ou lenda alguma circumstancia especial que a singularisa, qual seja com certeza. Muitas moedas nos restam de D. Fernando — mais ainda talvez foram as que elle mandou fabricar: conhecemos pelo nome os reaes, cujo valor primitivo não sabemos ao certo, mas que devia ser entre dez e vinte soldos: os fortes e meios fortes de vinte e de dez soldos: tornezes de oito soldos, e outros chamados *petits*, etc.

«Depois de feita a paz com Castella (1371) ajuntaram-se côrtes em Lisboa. O primeiro artigo que os procuradores do povo apresentaram a elrei foi sobre a guerra, e principalmente sobre a moeda. Requeriam que não fizesse guerra, nem batesse moeda, nem praticasse acto algum de governo de que podesse vir damno ao paiz, sem consultar primeiramente a vontade dos cidadãos: que pelo que tocava á moeda guardasse o que fôra outorgado e promettido pelos seus antecessores: que as moedas por elle mandadas cunhar tinham sido só em proveito proprio e em damno e aggravo do povo, e que assim como elle tivera o lucro tivesse a perda, não tornando a fazer mais semelhante dinheiro, e remediando o damno commum com receber as ditas moedas pelo preço por que as fizera aceitar ao povo, pagando a sua importancia com dinheiro antigo: finalmente que se queria bater moeda, fosse na conformidade do que os reis passados em tal materia haviam praticado. A estas energicas representações respondeu el-rei que queria concertar-se com o povo sobre isto. Convieram então, ao que parece, não em recolher aquella moeda, o que, talvez, não seria possivel, devendo ser paga em dinheiro antigo, mas em reduzir o seu preço a um valor mais proximo do verdadeiro. Assim se ordenou ficassem reduzidos, as barbudas de 20 a 14 soldos antigos, os graves de 15 a 7, os pilartes de 5 a 3 $^1/_2$, e os reaes ficassem em 8 soldos. Não se deram por satisfeitos os povos, e com razão; porque

ainda em algumas moedas o preço era exorbitante. Fez-se nova reducção, e esta prova bem quanto a moeda de prata fôra viciada: as barbudas desceram de golpe a 2 soldos e 4 dinheiros, o grave a 14 dinheiros, o pilarte a 7, e o forte a 10 soldos. As moedas cunhadas em Hespanha por occasião da entrada n'aquelle paiz eram ainda de mais baixo valor que as suas analogas cunhadas em Portugal, e por isso estas desceram á valia unicamente de mealhas ou meios dinheiros. Desde então não nos consta de novas mudanças na moeda durante este reinado.» (A. Herculano, *Panorama*).

MOEDAS LEGAES PORTUGUEZAS. (Veja Systema monetario portuguez).

MOLDURAGEM. (Veja Architectura).

MOLIÈRE. Luiz XIV perguntou um dia a Boileau qual era o primeiro escriptor do seu tempo. Este sem hesitar, respondeu: «Senhor, é Molière.» — Não o pensava — replicou Luiz XIV — mas está julgado por juiz competente.

As comedias de Molière, disse La Harpe, supprem a experiencia porque pintam, não os ridiculos que passam, mas o homem que é sempre o mesmo... Que primor d'arte não é o *Avarento!* Cada scena é uma situação; e tanto que um avaro sincero ouvindo-o disse, que havia n'esta composição excellentes principios de economia que se deviam aproveitar. De todos os escriptores passados, foi Molière o que melhor descreveu o homem, sem parecer que o observava; e adivinhando-o talvez mais que pelo estudo. Em todas as suas obras a descripção dos costumes visa a uma these philosophica; e reveste a comedia da moralidade do apologo.

As melhores composições de Molière estão hoje trasladadas liberrimamente em linguagem portugueza, a melhor que se escreve em Portugal, e que nunca poderá ser excedida. O snr. visconde de Castilho logrou a gloria de levar ao palco portuguez as comedias de Molière, que só assim nacionalisadas, vingariam os repetidos applausos que as demoraram em scena. Judiciosamente expungiu o snr. visconde das scenas que paraphraseava as locuções e lances de equivoca honestidade; por maneira que o *Tartufo*, *Sabichonas*, *Medico á força*, e *Misanthropo*, além de boa critica, boa ethica, e boa comedia, são, por de sobra a tantas excellencias, o que nós conhecemos mais bem acabado em belleza de rima e terso de linguagem. Fiamos que a mocidade melhormente que nas chronicas aprenderá em livros recreativos, como estas versões de Molière, a conhecer as riquezas do idioma portuguez.

MOLLUSCOS. «Os animaes de sangue branco não tem caracteres communs, como os de sangue vermelho; e parece que elles os tem sómente negativos, como a falta de uma columna vertebral, de um esqueleto interior articulado, etc. Portanto devemos consideral-os successivamente, e indicar as diversas gradações, pelas quaes passa a sua organisação, assim como as principaes divisões, que d'estas resultam.

«Os animaes de sangue branco mais bem providos de orgãos tem: 1.º Um coração muscular, ao qual vem o licôr nutritivo pelas vêas, e sahe pelas arterias; 2.º Orgãos mui semelhantes ás guelras dos peixes, nos quaes o dito licôr é exposto á influencia do elemento ambiente; 3.º Glandulas, que deitam no canal alimentar differentes licôres digestivos; 4.º Finalmente um cerebro, nervos, e alguns orgãos dos sentidos; porém acham-se mais variações a este respeito, do que em todo o resto.

«Seu corpo, ou pelo menos seus membros, não tem ossos por dentro; porém muitos são envolvidos em estojos mui solidos, e até petrosos, chamados *conchas* (*testa*), e a estes em particular se dá o nome de *testaceos:* nós os comprehenderemos juntamente, com aquelles que são de todo nús,

debaixo do nome commum de *molluscos*.

«Os animaes, a que se ha dado o nome de *insectos*, por terem o corpo repartido por especies de constricções, são tambem de sangue branco, e não tem partes duras no interior, nem coração muscular. Suppõe-se, mas sem provas, que as suas funcções são em parte suppridas por um vaso, que existe ao longo do dorso, e no qual se descobre um licôr em movimento.

«Os insectos não tem cerebro propriamente tal, mas sómente uma medulla espinhal engrossada de espaço em espaço por nós, ou tuberculos, dos quaes partem os nervos. O ar necessario para a sua vida penetra no corpo por vasos chamados *tracheas*, abertos aos seus lados, e ramificando-se pelo interior. Cada uma de suas articulações é encerrada em um estojo de substancia cornea, o qual fórma um ginglimo com os das articulações visinhas.

«Porém, o que os insectos tem de mais particular, é, que aquelles, nos quaes deve haver azas, não as tem no principio, e são obrigados a passar previamente por duas fórmas, de ordinario, bem differentes do seu estado perfeito, das quaes a primeira se chama *larva*, e a segunda *nympha*: os insectos não geram antes de chegar ao seu estado perfeito. Os caranguejos, e alguns generos proximos, são os unicos insectos perfeitos, que tem um coração muscular, e que respiram por meio de guelras, como os molluscos.

«Tambem existem animaes de corpo articulado, e de medulla espinhal nodosa, ou em uma palavra mui semelhantes ás larvas dos insectos, os quaes não mudam de figura nem jámais adquirem membros articulados, e geram desde o seu primeiro estado. Nós reservamos para estes o nome de *vermes*.

«Finalmente daremos o nome de *zoophytos* aos animaes, que não tem coração, nem cerebro, e em os quaes todos os pontos do corpo parecem dotados da faculdade de sentir, e receber immediatamente sua nutrição, pelos orgãos digestivos, ou contacto com as materias nutritivas. Acham-se ainda muitos graus differentes de perfeição entre os *zoophytos*: os ultimos d'estes parece não serem mais do que uma polpa animada, ou atomos moviveis.

«Portanto dividem-se os animaes de sangue branco do modo seguinte:

«1.º *Molluscos*, de coração muscular; e sem medulla espinhal nodosa.

«2.º *Insectos*, e *vermes*, que tem um vaso dorsal longitudinal, e medulla espinhal nodosa, ou pelo menos uma d'estas cousas.

«3.º *Zoophytos*, que não tem coração, nervos, nem cerebro.

«Os molluscos tem os musculos brancos, muito irritaveis, e a vida mui duradoura, conservando o movimento, ainda depois de feitos pedaços; e reproduzindo partes mui consideraveis do seu corpo, quando tem sido perdidas: sua pelle está sempre humida, reçuma o mais das vezes um humor viscoso, é por extremo sensivel, e dotada de orgãos susceptiveis de mais, ou menos alongamento, que servem para melhor apalpar, os quaes se chamam *tentaculos*. Não se conhecem orgãos do cheiro n'estes animaes; porém muitos tem olhos, e alguns até ouvidos.

«O seu corpo é de ordinario envolvido, ou pelo menos coberto em parte, por uma *capa* membranosa e muitos tem além d'isto um involucro petroso, chamado *concha*, composto de uma, ou muitas peças, ou *valvas*: producto d'um succo calcareo, que reçuma da capa, cujo crescimento se faz por novas camadas, que se pegam na superficie interna das primeiras, e que as trasbordam sempre. O corpo do animal se acha ligado a este involucro por musculos, que servem para o encerrar dentro, ou para aproximar as valvas: estes musculos mudam realmente de lugar, obliterando-se de um lado, e crescendo pelo outro; mas conservam sempre a mesma situação relativamente ás partes da concha, apesar do seu crescimento desigual.

«O maior numero dos molluscos

habita nas aguas do mar, havendo-os tambem nas aguas dôces, e alguns inteiramente terrestres.

«Podem dividir-se os molluscos segundo a sua fórma, sejam quaes forem os involucros, que os revestem. Uns tem a capa em fórma de sacco, do qual sahe uma cabeça armada de grandes tentaculos, que lhes servem para se arrastarem; e a estes chamaremos *cephalopodes*.

«Outros tem uma cabeça livre, e saliente; e se arrastam sobre o ventre viscoso, com a fórma de um disco chato, aos quaes daremos o nome de *gasteropodes*.

«Finalmente existem alguns, cuja cabeça consiste unicamente em uma bocca escondida debaixo da capa; e estes serão chamados *acephalos*.

«Cada uma d'estas tres ordens contém generos nús, e generos revestidos de conchas.» (Cuvier, *Historia natural*).

MONOCOTYLEDONEAS. «Contam-se n'este quadro os vegetaes dotados de verdadeiros orgãos sexuaes, mas que tem um só cotyledone no embryão. São plantas herbaceas ou lenhosas, de caule simples, sem distincção de lenho e casca; com folhas geralmente alternas, simplices e de nervuras parallelas; perianlho representado só pelo calice, que toma ás vezes a apparencia de corolla, dividido em 3 ou n'um multiplo de 3 divisões.

«Os botanicos modernos fazem d'este quatro 4 ordens, fundadas na presença ou falta de perisperma (albumen) e do perianlho, a saber:

«1.ª ordem. Plantas sem perisperma, vegetando ordinariamente na agua, são chamadas *fluviaes*.

«2.ª ordem. Plantas com perisperma, inflorescencia em espadice, contida n'uma espatha, *espathidéas*.

«3.ª ordem. Plantas com perisperma farinhoso, perianlho substituido por bracteas (glumas) que cobrem immediatamente os orgãos sexuaes, *glumaceas*.

«4.ª ordem. Plantas com perisperma, flôr perianthéa, *perianthéas*.

«As familias comprehendidas n'estas quatro ordens são:

Familias

1.ª ORDEM	2.ª ORDEM	3.ª ORDEM
Nayadas.	Aroideas.	Cyperaceas.
Lemnaceas.	Typhaceas.	Gramineas.
Alismaceas.	Pandaneas.	
Butomeas.	Cyclantheas.	
Hydrocharideas.		

4.ª ORDEM

Palmeiras.	Liliaceas.	Burmaniaceas.
Junceas.	Bromeliaceas.	Taccaceas.
Restiaceas.	Dioscoreas.	Musaceas.
Commelineas.	Narciseas.	Scitamineas.
Pontedereaceas.	Irideas.	Orchideas.
Melanthaceas.	Hemodoraceas.	Apostasiaceas.

«A mais importante de todas as familias das monocotyledoneas, por fornecer um rico manancial de subsistencias, tanto para o homem, como para os gados, é a das *gramineas;* aqui se encontram os cereaes, taes como: o trigo, — centeio, — cevada, — milho, aveia, arroz, milho miudo, etc., e excellentes pastos taes como: azevens, painço, milhãs, capins, gramas, festucas, etc.; e finalmente algumas plantas industriaes taes como:

a canna d'assucar, o bracejo, o esparto, etc.

«As *gramineas* são pelo geral herbaceas, annuaes ou vivazes; de colmo nodoso, fistuloso, ou medulloso; com folhas envaginantes de bainha fendida; flôres compostas de *espiguilhas* cercadas de duas bracteas chamadas *glumas*, e cada flôr da espiguilha envolvida em outras duas bracteas ditas *glumellas*. As flôres são pela maior parte hermaphroditas, algumas monoicas, de estames hypoginios e pelo geral triandros. Tem o ovario simples, livre, unilocular, monospermo e coroado por dous estigmas plumosos. O fructo é um cariopso; o embryão é discoide, tendo por cima um perisperma farinaceo. Esta familia contém 11 tribus, 80 generos e mais de 3:000 especies.

«Na familia das *palmeiras* encontram-se a tamareira — o coqueiro — sagueiro, etc. Nas *musaceas* as bananeiras. Nas *orchideas*, ao lado da abelhinha e outras lindas flôres de recreio, estão o salepo e a baunilha. Nas *liliaceas* a par das tulipas e jacinthos estão os alhos, cebolas, echalotas e o linho da Nova Zelandia. Nas *irideas*, os lirios e o açafrão. Nas *narciseas*, os junquilhos, narcisos e a piteira. Nas *bromeleaceas*, o ananaz. Nas *discoreas* o inhame, planta equatorial já acclimatada na Europa, cujo rhizoma carnudo e alimentar póde substituir a batata.» (Ferreira Lapa).

MONOMIO. (Veja ALGEBRA).

MONTAIGNE (Michel, senhor de). Celebre moralista, nascido em 1533, no Perigord. Falleceu em 1592. Escreveu os notorios *Essais* (*Ensaios* ou *Tentativas*) em que se revelou homem de extraordinaria memoria, de grande sciencia do coração humano, e philosophia estoica temperada com as luzes de sua elevada razão. O que falta n'este profundo pensador é correcção e copia de linguagem; mas captiva pela candura um tanto maliciosa, e ás vezes prenunciadora das salgadas ironias de Voltaire, seu discipulo, que o considerou um dos primeiros escriptores da França.

MONTE ALVERNE (Fr. Francisco de). Frade franciscano, nascido e fallecido no Rio de Janeiro (1790-1836). O mais eloquente dos oradores sagrados, e considerado mestre dos que ainda hoje sustentam escóla de tão virtuoso como douto ministro da religião. Ácerca de frei Francisco de Monte Alverne, cujos sermões são muito conhecidos em Portugal, e por ventura muito imitados, leia-se a biographia escripta pelo snr. visconde de Castilho, na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*.

MONTE-MÓR (Jorge de). De *Montemayor* lhe chamam os castelhanos. Nasceu em Monte-mór, e morreu no Piemonte em 1561, de morte violenta. Posto que não escrevesse em portuguez, a sua *Diana*, novella das mais estimadas d'aquelle seculo, é monumento com que se honram as nossas letras. A censura inquisitorial mutilou as primeiras edições, e no *Indice dos livros prohibidos* (1581) é anathematisado todo o livro. O *Cancioneiro* de Jorge de Monte-mór é muito raro. Tambem escreveu *Obras de devocion*, impressas em 1554, em Anvers.

MONTES. «Os geographos, que das terras e seus sitios nos deixaram noticia, dizem que para os effeitos que acima dissemos, a natureza fabricou ao universo-mundo um espinhaço de montes, cujo principal tronco é o monte Tauro. O qual dividindo o mundo com os braços, que de si lança para todas as partes, tem diversos nomes, segundo as linguagens são das gentes em que apparecem. Onde aparta as provincias de Pamphilia, e Cilicia da Armenia menor, que é onde mais que em outra parte alguma se levanta, é Tauro. Em uma parte da India se chama Caucaso; em outra, Paraponisso. Os ramos que lança, uns se chamam Caspios, outros Phypheos, outros Hyperboreos. Em Africa é Atlante. Onde divide a Germania da Italia, são Alpes. Onde entra a Italia

são Apenninos. Onde divide a França da Hespanha, são Pyrenéos. D'estes Pyrenéos sahem por toda Hespanha muitos braços, ou ramos, que tambem tomam diversos nomes por as terras onde se descobrem. Porque em umas partes são Idubedas, em outras Orospedas, que com seus retorcidos caminhos que fazem, cercam, e cortam toda Hespanha, dos quaes sahem outros esgalhos, que correndo por partes de Galliza, entram n'este reino pela villa de Chaves. Outros dividem a terra d'entre Douro e Minho, tomando um pedaço do reino de Leão, que se agora inclue no reino de Portugal, que era parte da Galliza antiga, que chamamos Traz-os-Montes.

«Outro ramo, que procede dos montes Idubedas, se mette em Portugal, não longe da cidade da Guarda; que é o que os antigos chamaram Herminio. Ao longo d'este monte Herminio, e á sua sombra estão muitos lugares de que alguns são grandes, e nobres, como são a cidade de Portalegre, as villas d'Arronches, Marvão, Alegrete, Covilhã. A parte do monte Herminio, que vulgarmente chamam da Estrella, é a mais alta, e a mais celebre parte d'elle, e serra altissima em que continuamente ha neve; a qual quando no verão se derrete, faz grandes e formosos pastos para muita creação d'ovelhas, que n'aquella serra e seus contornos ha, a que tambem os d'entre Tejo e Guadiana veem pastar seus gados. E esta serra é a mãi de muitas fontes e rios, de que ao diante faremos menção. Em a parte, que d'esta serra se levanta mais, ha um monte feito á maneira de méda, ou pyramide, a que os da terra chamam serra do Cantaro, que tem no contorno da raiz algumas milhas, e é de notavel altura. No cume d'este monte ha uma grande lagôa d'agua estanque, que tem de circuito muitos passos; de tal natureza, que quando ha tempestade no mar, a agua d'ella se move, e embravece como o mesmo mar, estando aquella lagôa afastada d'elle algumas leguas. Na qual dizem os da terra, que se veem pedaços de navios; do que conjecturam, que aquella agua tem alguma communicação com o mar, posto que a agua é dôce, e não salgada... A razão por que alguns dizem que se deu a esta serra o nome que tem, foi porque uma ponta d'ella ao longe mostra semelhança d'uma estrella.» (Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*).

MONTESQUIEU. (Veja Dezoito (seculo).

MONTEVIDEU. (Veja Plata).

MORAL. Sciencia dos *costumes*, sob ponto de vista de obrigação moral. Distingue-se em duas partes: geral e especial. A primeira, introito da segunda, é a mais importante das duas, porque examina as maximas questões do *dever* em geral e por conseguinte as obrigatorias, do *bem* e *mal*, dos motivos de nossos actos, da lei suprema que os rege, da *consciencia* em ordem á *razão;* e finalmente da *virtude* que é, na vida do homem, a mais pura expressão da moral. A segunda parte d'esta sciencia — a parte especial, é a applicação dos principios geraes estatuidos pela primeira: é a theoria dos deveres. Pelo commum, dividem-na em tres secções: a primeira abrange os deveres do homem comsigo; segunda, os deveres com o proximo; terceira, os deveres para com Deus. Por tanto, a primeira respeita essencialmente á *philosophia*, a segunda á *politica*, e a terceira á *religião;* e claro é tambem que toda a parte geral d'esta sciencia, toda a doutrina do dever, prende á philosophia.

MORTE. 1. O homem que, após longa vida se extingue, morre, digamol-o assim, a pedaços. Umas depós outras lhe vão fallecendo as funcções externas, e todos os sentidos se lhe vão successivamente obliterando; por maneira que as causas ordinarias das sensações já passam por elle sem impressional-o. Bichat admitte dous generos de vida: *animal* e *organica:* quando a primeira cessa, póde ainda subsistir a segunda; ainda então ha

possibilidade de recuperar a vida; porém, quando a dos orgãos se extinguiu, a morte é real. O doutor Richerand descreveu d'esta arte a desorganisação do corpo humano:

«Eis aqui a ordem na qual cessam e se descompõem as faculdades intellectuaes. A razão, este attributo do qual pretende o homem ser o possuidor exclusivo, é a primeira que o abandona. Primeiramente perde o poder de associar diversos juizos; e logo depois o de comparar, reunir, combinar e ajuntar muitas idéas para pronunciar ácerca das suas relações. Dizem então que o doente perde a cabeça, que desarrazoa, que delira. O delirio versa ordinariamente sobre as idéas mais familiares ao individuo; a paixão dominante deixa-se conhecer facilmente: o avarento falla da maneira mais indiscreta dos seus thesouros sepultados; outro morre rodeado de terrores religiosos. Recordação deliciosa da patria ausente, então te apresentas com todos os teus attractivos, e com toda a tua energia!

«Depois do raciocinio e do juizo, recebe o golpe da destruição successiva a faculdade de associar idéas; e isto acontece no estado conhecido com o nome de *desfallecimento*, como eu o tenho experimentado em mim mesmo. Eu estava a conversar com um amigo meu quando senti uma difficuldade insuperavel de unir duas idéas sobre cuja semelhança queria formar um juizo; sem embargo a syncope não era completa, eu conservava ainda a memoria e a faculdade de sentir; ouvia claramente as pessoas que me rodeavam quando diziam *elle desfallece*, e como se agitavam para me tirar d'aquelle estado, *que não deixava de ter alguma doçura*.

«A memoria extingue-se logo depois. O doente que, no seu delirio, reconhecia ainda aquelles que estavam ao pé d'elle, desconhece a final seus parentes, depois aquelles com quem vivia em a maior intimidade. Finalmente, cessa de sentir; porém os sentidos extinguem-se n'uma ordem successiva e determinada; o gosto e o olfato já não dão signaes da sua existencia; os olhos cobrem-se com uma nuvem tenue, e tomam uma expressão sinistra; o ouvido é ainda sensivel aos sons e ao ruido. É porque sem duvida os antigos, para maior segurança da realidade da morte, costumavam dar grandes gritos ao ouvido do defunto. O moribundo nem cheira, nem tem gosto, nem vê, nem ouve; só lhe fica a sensação do tacto; agita-se no seu leito, passa os braços por fóra, muda a cada instante de postura; faz, como já o temos dito, certos movimentos analogos aos do feto que se move no seio de sua mãi. A morte que vai descarregar seu golpe não póde inspirar-lhe nenhum espanto, porque já não tem idéas, e acaba de viver como elle começou, sem o saber.» (Richerand, *Novos elementos de physiologia*).

Eis aqui o homem em presença não já da idéa, mas no acto mesmo da morte. Aqui se resumem todas as tendencias, actos e planos de sua vida. Foi justo, adheriu ao bem, á immortalidade. Deixou-se sempre á vontade de Deus: aceita-lhe os decretos. Confiou, quando o assediavam duvidas, dulcificou padecimentos, acalmou tempestades, foi corajoso nos perigos. Agora, submette-se em coração e espirito á vontade divina. Se se arreceia do juiz, confia ainda mais no pai. É fraco; mas pelejou; dobrou algumas vezes, mas levantou-se. Leva comsigo suas frouxezas, seus peccados; mas tambem suas virtudes e meritos. Morre tranquillo e imperterrito como viveu. E' como viajante que, passados os perigos do longo caminho toca a extrema de sua peregrinação; é como navegador fatigado das ondas, que salta alfim no porto. Se cumpriu sua missão viveu para a immortalidade. Como sua vida foi um continuado pensar na morte, achou-se destemido e prevenido nos braços d'ella: é o acto essencial de sua existencia terrestre que se effectua. A morte conclue o que elle preparou; viu-a avisinharse, e deu-lhe a mão. Rompe a morte o vinculo derradeiro, quando o homem já estava, por esperanças, vir-

tudes, e imitações de Deus, do outro lado da campa. Repousa em quem lhe prometteu felicidade; conta com a soberana recompensa. Póde dizer: «Vejo aberto o céo, e Deus que me espera.»

O homem simples, na candura de sua fé, entrega-se com tocante firmeza, sem hesitar, nem duvidar. E o homem intelligente que não crê menos, e todavia entende e receia mais, leva, com sua submissão, confiança mais reflexiva, e, por isso, ainda mais admiravel.

Com esta serenidade do justo, e intimas consolações do christão, coragem, resignação, e esperança convicta de certeza, chega o homem á immortalidade. Não se lhe faria necessaria outra prova. Tanto animo e placidez na morte, tanta confiança em crise assim terrivel, incutem convicções que só da verdade podem vir.

Nada ha ahi bello, nada grandioso, nada fecundo em ensinamentos como a morte do christão justo. Vê com toda evidencia que vem de trilhar o verdadeiro caminho. A luz, que engrandeceu sua vida, expande-se cada vez mais. Vão rarefeitas as ultimas nuvens. Faz-se em sua alma dilatada e purificada suprema paz. As provações que passou, as borrascas que soffreu, as lutas em que venceu, os sacrificios em que se immolou, lembram-lhe como festiva memoria de perigos que já lá vão, do combate findo, da victoria que subsiste, como consolação do passado enlaçada na esperança do futuro. Bens, honras, contentamentos que deixa não lhe captivam a alma nem conturbam o coração. Domina o mundo e as creaturas. Presenceia tranquillo a ruina de seu corpo, a destruição de sua mortalidade. Desaggregado da terra, já de antemão é pertença do céo. Se tem saudades de quem deixa, não se afflige como os desesperançados, não se carpe como se temesse não mais vêr quem lhe cá fica. Submette-se resignado; adora cheio de confiança. O amor que lhe é unico dissabor, ao mesmo tempo lhe é seu grande lenitivo: sabe que é Deus o pai dos que deixa, como d'outros a quem vai unir-se. Amando em Deus o bemfeitor seu e de seus irmãos, dirige-lhe sua derradeira oração, e exclama com Bossuet: «Salvador meu, escutando vossas santas palavras, muito hei desejado vêr-vos e ouvil-as de vós mesmo; é chegada a hora; vêr-vos-hei como juiz, é certo, mas ser-me-heis juiz salvador... Adeus, meus irmãos mortaes, adeus, igreja santa... Adeus vos digo sobre a terra, mas vou vêr vosso principio e fim: vêr-nos-hemos no céo.»

Vós que haveis baixado ás realidades da vida, e tendes visto fartas vezes separações e angustias, encarai esta mulher admiravel, singular em espirito e coração.

As angustias da molestia são menos fortes que sua serenidade. Meiga, affectuosa, amante na vida como na morte, de Deus como da humanidade, caminha ao bem; chega, e as prisões mortaes são-lhe azas com que se ala radiosa á eternidade.

Que esperanças luminosas de certeza leva comsigo esse mancebo, professor de erudição e eloquencia, já sazonado pela morte antes de o ser pela vida! Renuncia gloria, diadema de pureza e honra, familia que o estremece. Mas não ha quebrantar-se-lhe alma. O Deus, que serviu, tanto está além como áquem da sepultura. Bem, virtude, o pai que o chama para si é seu derradeiro pensamento e acto.

O morrer do justo é testemunho de suas esperanças, tão indestructiveis como a verdade e a vida.

Em quanto ao reprobo, nunca elle póde familiarisar-se com a morte; repelliu-a sempre como punição ou terror; surprehende-o, e o esmaga logo.

Inquieto em pensamentos, tem que optar entre a desgraça e o nada. Aos soffrimentos physicos da agonia recrescem as agonias moraes. A verdade persegue-o, e aperta-o. Cahe o véo diante de seus olhos. Prejuizos e paixões, que lhe escureciam a vista, desapparecem. Está só diante da morte. Este seu pavor argue a immortalidade tanto quanto a serenidade do homem de bem a proclama. A lição de

sua hora extrema, se os exemplos dos mortos servissem aos que ficam, não devia ser inutil para os que, á imitação d'aquelle, rejeitam a crença da vida futura.

Mas não consideremos já no ponto de vista de pureza de vida e moral o homem, a cujo leito se encosta a morte: vejamol-o sómente em ordem aos resultados da sua descrença, e escolham entre o que repelliu e o que aceitou a immortalidade!

Um vagamundeou nos desvios da vida sem conductor. Quantos caminhos escolheu foram dar todos ao abysmo. Se cogitou no futuro, representou-se-lhe futuro de horrores. As faculdades intellectivas, á hora final, conspiram a ennegrecer-lhe o quadro. Interrogou céo e terra: não houve resposta alguma. Estabeleceu problemas, que lhe não sahiram resolvidos. Esterilisou o ingente lavor de dias sobre dias. Após o passado em que tudo fica perdido, ahi vem o futuro que lhe não dá nada. Chega á final hora: sobre sua fronte, a noite; a seus pés, o cháos. É lutar horrendissimo da vida com a morte, do ser contra o nada, luta em que o ser e a vida tem a certeza de succumbirem. Diz elle de si para si que nada ficará que seu seja, nenhuma idéa, affeição nenhuma, cousa minima alguma da sua personalidade. Rolará á voragem, e sumir-se-ha como se nunca tivesse existido.

Ao revez, o crente da immortalidade, durante o decurso de sua vida, caminhou direito e firme á luz que o horisonte lhe fulgurava. Sentiu a razão de seus actos. Trabalhou, mas anteviu o premio; padeceu, mas anteviu o triumpho. Chegou confiado á extrema e descançou. Restitue a alma a quem lh'a deu. Está consummada a sua missão: falta-lhe dar contas.

Entre os dous effeitos de crêr e não crêr, devemos optar.

Será errado o affirmar quando a affirmação é tão plausivel, salutar e consoladora?

Póde ser razoavel o negar, se a negação produz tão funestas e desanimadoras consequencias?

Uma é regra, explicação, luzeiro da vida; outra é contradicção dos instinctos e sentimentos da humanidade. Ambas havemos de julgal-as pelos effeitos.

O homem, convicto de não desapparecer inteiramente, póde, pois, fechar em paz seus olhos e dormir repousado. Vejamos qual seja o seu despertar. A immortalidade o tutelou energicamente na vida. Vejamos que resultados ella produz além da morte.

MOTORES HYDRAULICOS. — 1. Quando se quer utilisar uma corrente d'agua como força motora, estabelece-se n'ella um açude que divide a corrente em duas partes, uma do lado do nascente do rio, a outra do lado da sua foz. O effeito do açude é elevar o nivel da agua na primeira parte, e abaixal-o na segunda. Regulando então a abertura da comporta de modo que os dous niveis fiquem sensivelmente constantes, ter-se-ha a certeza que sahe pelo orificio, em um dado tempo, um volume d'agua precisamente igual ao que passa no mesmo tempo por uma qualquer secção transversal da corrente. — O peso p do volume d'agua, que se escôa n'um dado tempo, multiplicado pela altura da *queda*, isto é, pela differença de nivel a das duas *calhas*, situadas uma por cima e a outra por baixo do açude, é o que se chama *potencia absoluta da queda*. É um certo numero de kilogrammetros, unidade adoptada para a avaliação do trabalho das forças e que exprime o trabalho necessario para elevar um peso de um kilogramma a um metro de altura; dividindo esse numero por 75, obtem-se a força absoluta da corrente expressa em outra unidade, que é o *cavallo-vapor*. Por exemplo: sendo a despeza do escoamento 800 litros e a queda $2^{m},50$, o peso p será 800 kilogrammas, e a potencia absoluta da queda será $800^{kil.} \times 2^{m},50 = 2000$ kilogrammetros, que se escreve: 2000^{km} o que representa $26\frac{2}{3}$ cavallos-vapor. — Quando em vez de escoar por uma comporta, a agua escôa em cas-

cata, regula-se a altura da queda de agua, ou por meio de *falsas adufas* sobrepostas, ou por meio d'uma comporta que se faz mergulhar, e por debaixo da qual a agua corre, de modo que os dous niveis fiquem constantes. A differença de nivel exprimirá ainda a altura da queda. — Denomina-se em geral *motor* ou *receptor hydraulico* toda a machina que serve para receber a acção da corrente e transmittil-a aos diversos orgãos de movimento empregados na officina. O melhor receptor é aquelle em que a agua entra com o menor choque possivel, sahe com a menor velocidade, e deixa escapar a menor quantidade sem exercer acção sobre elle. No estado actual da hydraulica, os melhores receptores não transmittem senão os 80 centesimos da potencia absoluta da queda; e é já vantajoso o receptor que utilisa os 60 centesimos. Para cada receptor ha uma velocidade a que corresponde o maximo effeito, o que facilmente se concebe. Com effeito, se o receptor tivesse uma velocidade nulla, não haveria transmissão de trabalho; pelo contrario, se o receptor désse a propria velocidade da corrente d'agua que actua sobre elle, não haveria tambem nenhuma acção d'agua sobre a machina: haverá pois, entre estes dous estados limites de velocidade, uma velocidade que corresponda ao maximo trabalho transmittido. E para que o receptor transmitta o maximo trabalho possivel, torna-se necessario regular as resistencias; por exemplo, tratando-se de um moinho, deve-se determinar o numero de pares de mós que devem ser movidas, ou, tratando-se de uma fabrica de fiação, o numero de fusos, etc., de modo que o receptor tome a velocidade correspondente ao maximo effeito util. — Os receptores hydraulicos que ordinariamente se empregam, são rodas a que a agua imprime um movimento de rotação ao redor do seu eixo, o qual tem uma posição ora horisontal, ora vertical: estes motores chamam-se *rodas hydraulicas*.

A primeira classe (rodas de eixo horisontal) subdivide-se ordinariamente em *rodas movidas por baixo*, *rodas movidas por cima* e *rodas movidas pelo lado*, segundo a agua entra na roda pela sua parte superior, ou inferior, ou por um outro ponto do seu contorno.

2. Os principios de hydrostatica que precedentemente foram estabelecidos teem applicação immediata em muitos casos. Citaremos apenas um apparelho muito engenhoso, inventado por Pascal, fundado no principio das pressões em vasos communicantes: é a *prensa hydraulica*. Eis a theoria succintamente exposta. Compõe-se essencialmente de dous cylindros de ferro fundido cujas paredes são muito espessas, um de grande diametro, o outro de diametro mui pequeno. Em cada cylindro move-se um êmbolo que se adapta com muita precisão ao seu interior; os dous cylindros communicam por um tubo de ferro fundido, e estão completamente cheios d'agua. Supponhamos os niveis da agua no mesmo plano horisontal, e consequentemente o liquido em equilibrio: se sobre o menor êmbolo se exerce uma pressão, por exemplo, de 10 kilogrammas, será transmittida em toda a massa liquida, e de modo que em cada porção da superficie do êmbolo maior, igual em área ao do menor, actuará uma pressão de baixo para cima igual a 10 kilogrammas. Por consequencia, se a superficie do êmbolo maior é cem vezes maior que a do menor, a pressão total exercida sobre aquelle será 10 kilogrammas multiplicado por 100, ou 1000 kilogrammas. É facil, por o que fica dito, conceber os effeitos enormes que esta machina póde produzir com uma força dada. Um pedaço de pau collocado entre a placa movel e a armadura da machina é esmagado n'um momento. — A prensa hydraulica, cuja descripção minuciosa não fizemos, nem indicamos os seus aperfeiçoamentos, é empregada na fabricação da polvora, na estamparia, para a compressão dos grãos oleosos, das argillas para os tijolos, nas substancias que servem para a fabricação do papel; é ainda empregada na fa-

bricação das vélas de stearina, na da aletria, etc.; em geral, quando se precise de uma mui forte pressão.

MOUSINHO (ou **MAUSINHO**) **DE QUEVEDO** (Vasco). Ignoram-se as datas do nascimento e morte d'este illustre poeta. Nasceu em Setubal, que tão eminentes escriptores tem produzido, e tão decorosamente lhes perpetua a memoria em marmore e bronze. *Affonso Africano* é poema de tal merito que não poucos apreciadores o confrontaram com os *Lusiadas* e lhe deram vantagem. Mousinho de Quevedo já não escreveu no periodo da idade aurea da lingua portugueza; mas, ainda assim, está longe de semelhar-se em gongorismo aos escriptores do meado do seculo XVII.

MOVIMENTO. Um corpo que está em repouso não póde de per si entrar em movimento. Um corpo que está em movimento não póde modificar de per si o movimento que tem. É n'isto que consiste a *inercia da materia.* Se vêmos os homens e os animaes moverem-se, não pertence esta propriedade á materia de que são formados, mas sim ao principio da vida; se a vida se extingue, seus corpos ficam tão immoveis, tão inertes como as pedras. Lançando uma bala, qualquer que seja sua velocidade inicial, vêmol-a cahir alguns instantes depois; mas não é isso devido a acção propria: é a resistencia do ar, do sólo e a gravidade que lhe fazem desapparecer o movimento communicado. — É pois necessaria uma causa qualquer para que um corpo entre em movimento, ou para que tome um movimento differente do que tem. Esta causa, qualquer que seja a sua essencia, denomina-se *força.* Toda a força que actua sobre uma machina para a dotar de movimento, é uma *força motora*, ou simplesmente *motor.* Toda a força que actua em sentido contrario a um dado movimento, e que attenua ou o suspende, é uma *força resistente*, ou simplesmente *resistencia.* — O movimento é *simples* quando é produzido pela acção de uma unica força, quer seja um choque instantaneo, quer seja uma força actuando durante a duração do movimento. O movimento simples tem sempre lugar em linha recta, pois que em virtude da inercia da materia não ha razão para que o corpo se desvie da direcção do elemento rectineo, descripto no primeiro instante, mais para um lado que para outro. O movimento é composto quando é produzido pela acção de muitas forças. O movimento do corpo é então geralmente feito em trajectorias curvilineas mais ou menos complexas. Sabendo-se a energia e a direcção das forças que actuam sobre o corpo em todos os instantes do seu movimento, as leis da dynamica permittem determinar a curva que elle descreve; e reciprocamente, o conhecimento da curva descripta por um corpo póde conduzir á determinação das forças que actuam sobre elle; como, por exemplo, aconteceu para as curvas descriptas pela *Terra*, *Sol*, e *Planetas.* — Uma força applicada a um corpo produz um movimento que geralmente se transmitte a todas as outras partes; mas esta transmissão não é instantanea. Quando uma bala projectada pela polvora atravessa um vidro, os pontos de contacto são tão rapidamente arrancados que não chega a transmittir-se o seu movimento ao outro. Os corpos são constituidos por um numero immenso de moleculas, aggregadas pelas suas acções mutuas, deixando entre si intersticios ou póros. Quando uma força actua sobre algumas d'estas moleculas, entram em movimento, afastando-se ou aproximando-se das moleculas visinhas que transmittem o movimento gradualmente a todas as moleculas do corpo. Uma bala lançada pela mão produzirá no vidro muitas fendas radiantes do orificio que abriu e pelo qual passou. — Quando um vehiculo qualquer, uma sege ou wagon, entra em movimento, está animado a cada instante de uma quantidade de *velocidade adquirida* que é o resultado do trabalho executado nos momentos anteriores pelos cavallos ou pela machina. Observa-se com effeito que um trem con-

tinua a mover-se para a estação, posto que a locomotiva deixasse de funccionar. Os homens e os fardos que estão n'um vehiculo em movimento, participam da mesma velocidade proporcionalmente á sua massa: se pois um viajante salta para fóra do vehiculo, quando a sua velocidade é rapida, cahe com a velocidade que lhe foi communicada pelo movel, e é projectado para baixo do cavallo com uma força que lhe póde causar a morte. Todo aquelle que quizesse deter um cavallo na carreira, lançando mão do freio, quebraria o freio ou seria derrubado pelo choque. Para amarrar um barco que tem um movimento rapido, deve-se largar a amarra pouco e pouco para que o esforço se vença gradualmente; sem esta precaução haveria risco de estalar a corda.

MOYSÉS. (Veja Creação). Ao proposito d'este nome, o mais convisinho do paraiso terreal como chronista das cousas do mundo primitivo, divagaremos algum pouco ácerca da sua historia da creação, e eremos removendo de passagem os impeços com que a veridicidade da sua cosmogonia ha sido contradictada.

Cosmogonia é a sciencia que tem por objecto a formação do universo. O estudo das differentes partes, que o compõe, chama-se cosmographia. A sciencia que determina as leis geraes, que o regem, é a cosmologia. Já se vê que as duas ultimas consideram-se na applicação, posteriores á primeira sciencia, que trata do universo durante a sua formação.

A solução do problema da origem das cousas pende de questões distinctas.

As metaphysicas são estas:

Ha uma causa estranha ao mundo que lhe désse existencia?

Esta causa é creadora, ou operou sobre uma materia que já existia?

A revelação responde que Deus creou, sem materia preexistente, tirando a existencia do nada, e dando fórma ao pensamento da sua vontade omnipotente.

As questões physicas são estas:

Qual é a origem do mundo actual?

Em que ordem, e por que leis se effectuaram as transformações, que trouxeram o globo ao estado em que o vêmos?

E' possivel dos phenomenos actuaes rastrear vestigios da marcha, que a natureza tem seguido?

Cumpre interrogar primeiro a antiguidade sobre a solução d'estes problemas. Depois mencionar as conjecturas dos philosophos, que mais avultaram na opinião. Ultimamente avaliar os principaes systemas, que uniformisam a moderna sciencia com a cosmogonia revelada por Moysés.

O Genesis indica-nos tres principaes acontecimentos na formação do mundo:

O acto creador, pelo qual Deus tira do nada os elementos do universo:

O cháos anterior ao universo, que conhecemos:

As phases d'esta organisação no espaço de seis dias.

A maravilhosa simplicidade da descripção que Moysés nos dá, em vão a escrutaremos nas tradições dos outros povos da antiguidade.

Não obstante a ignorancia e a corrupção, predominantes nas tradições dos povos rebeldes á divindade, encontraremos vestigios mais ou menos desfigurados, e por elles chegaremos ao ponto da primitiva revelação, d'onde todos partiram, como de um foco de luz, cujo reflexo, mais ou menos pallido, illumina as tradições communs.

As antigas cosmogonias, decoradas de maravilhosas imaginações, e emblemas divinos, carecem de ser purgadas d'esse phantastico, natural em tudo que pertence a homens, quando a razão não basta, e depois darão de si uma grandiosa idéa, pelas verdades preciosissimas, que contém.

E' sabido o uso frequente de symbolos, que os antigos faziam na denominação dos phenomenos da natureza. Debaixo de nomes allegoricos e personagens celebres designavam elles as propriedades dos elementos, e as transformações dos entes.

A escriptura primitiva era tambem

symbolica. Os symbolos, filhos d'uma geração, forçosamente deveriam ser estranhos á geração immediata, se a tradição oral os não acompanhasse.

Todavia, essa mesma tradição, sujeita a homens varios em seus juizos, deveria adulterar os factos, como de feito os adulterou, confundindo-os, falsificando-os, e expondo-os, fóra do santuario da verdade, para que os adivinhos da philosophia se divertissem creando maravilhas.

E' o que vêmos n'esse cháos de cosmogonias confundidas com Deus, com a theologia, com a physica, e a astronomia.

Os livros sagrados da India fallam do «universo» existindo no pensamento d'uma maneira imperceptivel, indefinivel, e incapaz de ser elaborada pelo entendimento, como se o pensamento, mergulhado no somno, estivesse envolto em nuvens densas. Depois, o poder creador, existente de per si, creou o mundo visivel com os cinco elementos, e os diversos principios das cousas, dilatou a sua idéa, e dissipou as trevas. As aguas chamadas *espirito de Deus*, foram a materia sobre que o primeiro movimento se exerceu.

Entre os chinezes depara-se a tradição do cháos primitivo. A materia primordial, onde os entes se revolviam confundidos, não é outra cousa. O sol e a lua e os corpos, constituintes do universo, levantaram-se d'ahi: primeiro o céo, depois a terra, ultimamente o homem.

O systema neptuniano dominava a cosmogonia egypciaca. No principio, a natureza do céo e da terra estavam uma na outra confundidas, apresentando o mesmo aspecto. Depois separam-se os corpos, e organisou-se este mundo, que vêmos. O ar, continuamente agitado, elevou-se em fogo para as regiões superiores, e transfigurou-se nos astros. Mas nem todo o ar era fogo. Uma parte era lodosa, em virtude das partes humidas que a diluiam. Esta rolava, por causa do seu peso, sobre si mesma, e no mesmo local.

Em consequencia d'esta rotação, destacaram-se as partes humidas, e formaram o mar. A parte sólida constituiu a terra.

Os persas e os etruscos diziam que o mundo fôra creado em seis mil annos: tradição que recorda os seis dias do Genesis. A divisão do tempo em periodo de sete dias era tradição commum na maior parte dos povos.

Brahma produz e reproduz este universo visivel em uma ordem perpetuamente invariavel. Divide o mundo em épocas na sua formação. O diluvio constitue a quarta, antes da era actual 4927 annos, 57 annos antes do diluvio mencionado no texto samaritano.

Os birmans fallavam em diversas destruições do mundo por agua e fogo. Belus, legislador assyrio, adoptára essa doutrina. «Ha creações e destruições sem numero. O Ente Supremo faz e desfaz com a facilidade d'um jogo. Creou, e cria ainda tudo para felicidade do genero humano.»

Se buscamos contacto entre as recordações tradicionaes do paganismo e a revelação moisaica, achamos duas faces que se adaptam cabalmente: o estado molecular do globo, o cháos primitivo, e a acção da intelligencia suprema, organisadora das differentes partes do universo.

Vejamos as hypotheses dos philosophos.

Os precursores da moderna theoria neptuniana suppunham que tudo nascia da humanidade. Thales deu á agua a importancia de materia elementar de todos os corpos. Os sabios da antiguidade encostaram-se a essa opinião, e não é preciso, para crêl-o, lêr os hymnos de Lucrecio, Virgilio, e Ovidio, consagrados á agua.

Heraclito sustentava a theoria do fogo elementar, asseverando que o fogo fizera tudo, e tudo era capaz de desfazer. O fogo, alma do mundo, é o agente universal, a vida, o movimento dos entes organisados; a terra é o sedimento mais espêsso do fogo; a agua é a terra dissolvida pelo fogo; e o ar é a agua evaporada.

Todos os philosophos da antiguidade, excepto Zoroastro, suppozeram uma materia preexistente, coeterna

com Deus, ou substituiram ao dogma da creação a doutrina da emanação. Anaximandro, partindo do principio «de nada, nada se faz» considerou o infinito como principio das cousas, mas um infinito material, immenso, immutavel, posto entre a terra e a agua.

Outros philosophos deram ao ar a natureza do infinito de Anaximandro, e explicaram a formação de todas as cousas pela condensação e rarefacção d'aquelle elemento: Franklin parece ter-se inspirado d'esta hypothese. Segundo elle, a materia dos corpos existiu no estado de fluido semelhante ao ar; a gravitação attrahiu as moleculas para o centro, e formou globulos d'ar. As camadas superiores condensaram-se, e resultou d'ahi a crusta solida da terra.

Anaxagoras foi o distincto philosopho que elevou a comprehensão a uma intelligencia suprema, sem condições materiaes. Admittiu um cháos primitivo, contendo os elementos simples, indivisiveis, e eternos de tudo. O movimento transmittido á materia pela intelligencia suprema reune ou separa os principios elementares, e assim se explica a formação ou destruição dos corpos.

O mecanismo da natureza, explicado pelo systema dos átomos, invenção de Leucippo, foi com mais perfeição ensinado por Epicuro, e poetisado por Lucrecio. Os átomos são os elementos constituintes, indivisiveis e eternos dos corpos. É infinito o seu numero. Da variedade de suas figuras, e posições, resulta a diversidade de suas combinações. As propriedades dos corpos compostos são o resultado da aggregação dos seus elementos, e as alterações que os corpos experimentam são mudanças, que o movimento introduz n'este modo de coordenação. Não prolongaremos uma analyse fastienta aos systemas peripateticos, que concedem ao cháos o principio gerador do mundo, e a força motriz dos cinco elementos constituintes.

Descartes, o primeiro philosopho das modernas theorias, para organisar o mundo, não quer mais que materia e movimento. O mundo organisa-se por si mesmo da maneira em que o vêmos, logo que Deus preencha o espaço de corpusculos de tal fórma unidos, que não haja o mais pequeno vacuo.

Descartes não avança uma asserção no seu systema, sem que lhe admittam o espaço incommensuravel cheio de pequenos corpos, ahi lançados por Deus. O postulado abona a sua philosophia, e allivia-o de ametade da imputação de seus graves erros.

Concebem-se as razões que teve Descartes para pedir o espaço cheio de moleculas. E' que não existindo vacuo em parte alguma, uma molecula não póde mover-se sem deslocar a outra, que, movendo-se circularmente, virá tomar o lugar da primeira. Todos os elementos, estorvando-se mutuamente no seu movimento, obrigam-se a caminhar em linha circular á roda de differentes centros. Esta rotação, toda mecanica, é feita em turbilhões. Cada elemento tende a seguir em linha recta, e a apartar-se, por consequencia, do centro; quanto maior, mais se apartará, por isso que maior é a sua força. Mas o choque contínuo das parcellas da materia entre si, quebra-lhes os angulos, e arredonda-as pela fricção. Como é natural, resulta d'esta fricção um pó finissimo, que Descartes denomina o *primeiro elemento.*

Este pó, que tambem caminha circularmente, é repellido do centro para a circumferencia, entre os globulos arredondados, que formam o *segundo elemento.* Estas bolas, ou globulos, rodam sobre si, ao mesmo tempo, que rodam circularmente com o turbilhão. O phenomeno da luz resulta da acção do primeiro elemento sobre os globulos, que o cercam. Descartes não tem duvida em afiançar-nos, que da tarefa do pó e dos globulos resulta o sol, no centro d'esse giro de turbilhões. E assim conjectura, que cada turbilhão deverá tomar a fórma d'um espheroide achatado nos pólos e sobresahindo para o seu equador. O proprio equador converter-se-ha n'uma

ellipse, em consequencia da pressão, que os turbilhões exercem uns sobre os outros. Ao mesmo tempo que a materia do primeiro elemento foge do astro central para a circumferencia; uma igual quantidade deve apartar-se para os pólos, por isso que a primeira veio deslocar a segunda. As partes d'esta materia, que não poderam entrar no astro, condensam-se, tornam-se espêssas, e crustaceas na sua superficie: eis-aqui o *terceiro elemento.*

A estrella crustacea torna-se planeta. Os cometas, esses erram de turbilhão em turbilhão, até que podem equilibrar-se com a materia que os compõe.

Com quanto este enredado complexo de phenomenos phantasiados, segundo parece, como um devaneio pelas regiões profundas do ar, não convide uma analyse laboriosa, é certo que d'esse todo colhe-se, ao menos, a idéa grandiosa de um philosopho, que tentou, pela primeira vez, explicar os phenomenos naturaes pelo simples desenvolvimento das leis mecanicas.

A celebre hypothese de Buffon, na parte do seu systema relativa á origem dos planetas, imagina que d'antes tudo eram sóes. Depois, um d'elles, visinho do nosso, soffreu um dia, ha 96,000 annos, uma explosão terrivel, e os estilhaços formaram quinhentos sóes pequeninos, vinte e oito mil vezes mais densos que a terra. Estes sóes perderam, pouco e pouco, o seu resplendor, e conservaram apenas uma cauda mais longa, e tornaram-se cometas. Um d'estes, vinte e oito mil vezes mais denso que a terra, e cento e doze mil vezes mais denso que o sol, cahiu obliquamente sobre este astro, achatou-lhe a superficie, sulcou-o de leve, mas tirou-lhe a sexcentesima quinquagesima parte.

Este abalo não foi tão pequeno que não fizesse espirrar da face do sol uma torrente de materia, que, derramada pelo espaço, se condensou pelo arrefecimento, agrupou-se em globulos de diversos tamanhos, e a distancias desiguaes. Estas massas condensadas formaram a terra e os outros planetas. Os satellites são salpicaduras do sol, forçadas a voltear em torno dos seus respectivos planetas. Buffon, melhor avisado pelas experiencias, admittiu mais tarde, que os satellites são oriundos dos planetas. A terra, por exemplo, repellindo de si as partes menos densas do seu equador, estas partes, aggregadas pela attracção, formaram a lua a 85,000 leguas de distancia. Os astronomos, mais propensos ao maravilhoso, declararam romance o systema de Buffon. Nós, apenas iniciados nos rudimentos d'astronomia, não teriamos lido o segundo romance, se o primeiro, que lêmos, assim fosse imaginado.

Dissera Laplace, que uma theoria cosmogonica, para ser completa, deve explicar os cinco seguintes phenomenos: «O movimento dos planetas no mesmo sentido, e quasi no mesmo plano; o movimento dos satellites no mesmo sentido dos planetas; o movimento de rotação d'estes differentes corpos e do sol no mesmo sentido que seu movimento de projecção e em planos pouco differentes, a pouca excentricidade das orbitas dos planetas e de seus satellites; finalmente a grande excentricidade das orbitas dos cometas, posto que as suas inclinações fossem abandonadas ao acaso.»

Laplace, para dar a razão d'estes factos, suppõe que, no principio, o sol era o nucleo central d'uma immensa *nublosa*, elevada a uma alta temperatura, e movendo-se em rotação do occidente para o oriente. Condensado e arrefecido o astro na sua superficie, augmentou o movimento de rotação: as moleculas situadas nos limites successivos da atmosphera, separam-se das camadas visinhas em differentes épocas, e distancias desiguaes do centro. Estas moleculas formaram uma serie d'anneis concentricos de vapores, circulando em volta do sol, quasi no mesmo plano, e com velocidades diversas, rodando cada zona com a sua ligeireza primitiva. Mas, por causa da pouca regularidade que presidiu á formação e ar-

refecimento dos anneis, estes romperam-se e dividiram-se em muitas massas que se moveram. Por isso que eram fluidos, tornaram-se espheroidaes, que assim deviam tornar-se mecanicamente obrigados pelo seu movimento de rotação. Os mesmos phenomenos se passaram nos planetas em estado vaporoso. As excentricidades das orbitas, e os desvios dos movimentos planetarios do plano do equador, conjectura Laplace que são devidos ás innumeras variedades que devem ter succedido na temperatura e densidade dos planetas na época da sua formação. Considera elle que os cometas são *nublosas* errantes de systemas em systemas solares, forçadas a descrever orbitas ellipticas ou parabolicas, quando tocam na parte do espaço onde predomina a influencia attractiva do sol.

Esboçámos as mais notaveis cosmogonias. Resta-nos vêr que objecções ahi buscou a philosophia para declarar Moysés um grande imaginador, um mau geologo, um pessimo physico, e até um charlatão em cosmogonia. E' desnecessario chamar authoridades para documentar o libello. Aquelles epithetos não são as exclamações delirantes d'um doudo que passou fugitivamente através de uma geração que o applaudiu. Foram accusações formuladas pela sciencia, advogadas nos tribunaes da opinião publica, e hoje miseravelmente recebidas como materia corrente nas escólas da impiedade.

E' verdade que Moysés não falla em turbilhões, como Descartes, nem conta os estilhaços do sol, como Buffon, nem viu as *nublosas* e os anneis fluidos de Laplace. O que elle disse é, que Deus creou o mundo, sem perguntar a Deus o mecanismo da creação.

Mas tambem é certo, que o silencio de Moysés sobre a successão de phenomenos, que organisaram o mundo, qual se nos mostra, não adopta nem reprova as hypotheses d'aquelles philosophos.

«Antes de atacar Moysés, em nome da sciencia -- diz um mathematico celebre em França — conviria examinar se a contradicção é real, se não provém de fazer-se dizer a Moysés o contrario do que elle disse, e de encontrar-se em sua cosmogonia o que elle não quiz escrever n'ella.»

Segundo Laplace, a terra resulta da condensação da atmosphera que cercava primitivamente o sol; e Moysés parece dizer claramente, que a organisação da terra é anterior á creação do sol. Eis-aqui uma palpavel contradicção; mas é opinião recebida por sabios interpretes, anteriores e posteriores a Laplace, que a obra do quarto dia, segundo Moysés, relata a organisação dos corpos celestes nas suas relações com a terra — isto é — o acto pelo qual Deus os tornou visiveis, dissipando as nevoas, que enturvavam este planeta, e embaraçavam os raios de tocar-lhe a superficie, ou tornando o sol e as estrellas proprias a pôr em acção o fluido luminoso. Segundo outros, no quarto dia é que o sol recebeu a atmosphera luminosa de que está cercado. Nenhuma d'estas opiniões foram reprovadas pela igreja.

Existia até uma irremediavel contradicção entre Moysés e os philosophos. Por ventura está escripta a ultima palavra da sciencia? Laplace apresenta as suas conjecturas sobre a formação do systema solar «com a desconfiança, que deve inspirar tudo aquillo que não é resultado do systema de calculo e de observação.»

MUDANÇA D'ESTADO DOS CORPOS. 1. A accumulação do calor nos corpos fal-os geralmente passar do estado solido ao estado liquido, o que constitue o phenomeno da liquefacção ou fusão. Reciprocamente, o arrefecimento dos liquidos fal-os voltar ao estado solido, o que constitue o phenomeno da solidificação. Esta dupla mudança de estado realisa-se tambem sem variação de temperatura, e pelo unico effeito do contacto ou da separação de dous corpos. Por exemplo, o assucar liquidifica-se na agua em todas as temperaturas, e solidifica-se novamente pela evaporação d'es-

te liquido. A chimica apresenta muitos exemplos de phenomenos analogos, que se denominam *dissolução*, *precipitação*, *crystallização*, etc.

A medida como o liquido se vai arrefecendo, seu volume diminue, sua densidade augmenta; e algumas vezes a solidificação vem surprehender o liquido antes que acabasse a condensação; outras vezes, o volume do liquido diminue até uma certa temperatura, e dilata-se em temperaturas inferiores antes do termo da solidificação. Assim, a agua condensa-se pelo arrefecimento até 4,1 graus centigrados, e depois augmenta de volume desde esta temperatura até zero, que é a do gelo; por isso se diz que o maximo de densidade da agua tem lugar a 4,1 graus. Este maximo de densidade, antes da passagem para o estado solido, tem certamente lugar para muitos outros corpos, pois que se vêem fluctuar no estado solido em parte da mesma materia no estado fluido; mas este phenomeno não tem sido bem estudado senão para a agua.

2. A passagem dos liquidos ao estado de vapor exige muito calor, que se torna latente e só se manifesta de novo no momento da liquefacção. Para avaliar este calor, a tensão do vapor d'agua, faz-se passar uma corrente de vapor de agua, por exemplo á temperatura de 100 graus, na agua á temperatura de zero, e mede-se a elevação de temperatura do liquido depois da liquefacção relativamente a um determinado peso de vapor. Acha-se d'este modo que o vapor aquoso, reduzindo-se a liquido, desenvolve a quantidade de calor necessaria para elevar a 550 graus a temperatura de igual peso de agua no estado liquido, ou o que é o mesmo, para elevar de zero a 100 graus um peso de agua cinco vezes e meio maior. Assim, 1 kilogramma de vapor a 100 graus, reduzido a liquido por meio de agua a zero no peso de 5 kilogrammas e meio, dá 6 kilogrammas e meio de agua a 100 graus de temperatura. Por consequencia, em vista das temperaturas d'estas misturas, deve-se reputar o vapor de agua a 100 graus como sendo agua no estado liquido a 650 graus. A *condensação*, ou passagem do vapor ao estado liquido, opéra-se, como dissemos, quer por um excesso de pressão exterior, quer por um mui consideravel arrefecimento, quer finalmente pelo concurso d'estas duas causas.

A distillação é uma operação dupla, pela qual se reduz uma materia, solida ou liquida, ao estado de vapor, para se operar de novo a passagem d'este vapor ao seu estado primitivo de solido ou liquido, mas em lugar differente. O seu fim é separar esta materia das outras com que se achava misturada ou combinada chimicamente. O apparelho que serve para a distillação chama-se *alambique*. Compõe-se de duas partes: uma em que se produz a evaporação da materia por meio do calor applicado externamente; a outra onde o vapor, que assim se desenvolve, vem condensar-se, quer á temperatura do ar ambiente, quer por meio de um refrigerante artificialmente produzido pela parte externa. Estas duas partes do alambique estão algumas vezes immediatamente sobrepostas uma á outra, mas de ordinario communicam por meio de um longo collo ou tubo levemente inclinado.

MULHER. «A infancia das mulheres é, a um tempo, mais suave e precoce que a dos homens: dir-se-ha que, porque não tem de ir tão longe, chegam mais depressa. A adolescencia da mulher é radiosa de encantos. A donzella, cujo coração desabrocha em sentimento, todo o emprega em sua familia; respeita e acaricia seu pai, cuja voz se adoça quando lhe falla; ama desveladamente seus irmãosinhos; mas nada excede o seu amor á mãi, e a confiança plena que põe no seu affecto e experiencia da vida. Não ha ahi mais bello sentir que o enlevo da mãi que é boa, com a sua filhinha, que a ama: para ambas corre então a época mais feliz, e passageira como todas as felicidades. O desejo de agradar, o attractivo do prazer, vão agitar essa vida tão pura

e serena. Feliz aquella que bem educada por exemplos se defendeu das primeiras tentações da vaidade! — O amor maternal, ou tão sómente o amor á infancia, é, na mulher, instinctivo sentimento que as vanglorias das pompas, e a propria depravação podem afrouxar, mas não apagar de todo. Áquelle primeiro amor, que a natureza influe até nos irracionaes, succedem cuidados e precauções, cuja intelligencia e assiduidade são essencial superintendencia das mulheres. Encarregadas de crear e acarinhar a infancia, de lhes assistir nas doenças, e consolar magoas, é tambem de sua alçada aplacar iras, apasiguar discordias, amaciar agruras de costumes. N'este ultimo attributo, a *educação*, que lhe dilata grandemente a influencia, a *instrucção* que desenvolve e affirma o espirito, e os talentos que realçam as qualidades agradaveis, são os seus poderes coadjuvantes. Pule-se a rudeza e aperfeiçoa-se a sociabilidade onde quer que o espirito das senhoras é cultivado por modo que ellas assumam posição no mundo intelligente e espiritual. — As disposições affectivas e enthusiastas das mulheres facilmente as remontam a idéas religiosas e contemplativas. O devotarem-se parece producção espontanea de sua alma. E a honra, que o raciocinio disseca e oblitera, é tambem vivissima nas mulheres, cujo sentimento sobreleva ao raciocinio.» (M.me de Maussion).

MULTIPLICAÇÃO. 1. Começa-se fazendo multiplicações mecanicas; para o que se dispõe sobre a mesa de estudo um certo numero de varinhas ou de grãos, distribuidos em pequenos pacotes de 2, de 3, de 4, etc.; e depois faz notar aos meninos que se obtem o numero total d'estes objectos dizendo: 2 e 2 e 2, ou 3 e 3 e 3, etc., ou dizendo 3 vezes 2, 3 vezes 3, etc., que, em ambos os modos de operar, se faz uma addição, mas que o segundo é uma addição simplificada. Executam-se numerosos exercicios semelhantes a estes, seguindo a ordem da taboada, que os meninos estudarão depois sem repugnancia, principalmente fazendo-lh'a aprender em fórma de simples problemas praticos, taes como estes: custando 2 reis cada pera, quanto custam 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 peras? As mesmas questões, sendo 3 reis o custo de cada pera. As respostas estão na segunda e na terceira linha vertical ou horisontal da taboada: 2 vezes 2 = 4, etc., 3 vezes 3 = 9, etc. — Quanto custam 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 limões, custando cada um 4 reis ou 5 reis? As respostas encontram-se na quarta ou quinta linha vertical ou horisontal da taboada: 2 vezes 4 = 8, etc., 2 vezes 5 = 10, etc. — Quanto valem 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 barrotes de castanho, custando cada um 6 tostões, ou 7 tostões? As respostas estão nas linhas sexta ou setima, verticaes ou horisontaes, da taboada. — Quanto custam 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 centos d'ovos, valendo cada cento 8 tostões ou 9 tostões? As respostas encontram-se nas linhas oitava ou nona da taboada. Estes exercicios de calculo mental, que se podem indefinitamente variar, desenvolvem a intelligencia dos discipulos, e lhes vão formando o gosto do calculo pratico. De mais, decompondo d'este modo a taboada em pequenas taboas, que se fazem copiar e aprender de cór successivamente, dá-se variedade e agrado a um estudo que por si é bastante monotono e ingrato. — Para ter a certeza que os meninos possuem perfeitamente a taboada, é indispensavel variar as questões, tomando successivamente os numeros 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, que se multiplicarão um e um pelos algarismos pares 2, 4, 6, 8, e pelos impares 1, 3, 5, 7, 9, o que altera a ordem da taboada. Por exemplo, tomando-se o algarismo 2, dir-se-ha: Quantos são 2 vezes 2, 2 vezes 4, 2 vezes 6, 2 vezes 8; 2 vezes 1, 2 vezes 3, 2 vezes 5, 2 vezes 7, 2 vezes 9? As mesmas questões tomando os outros numeros até 10, enunciadas com a fórma de simples problemas. — Poderá ainda perguntar-se: quaes são os dous numeros cujo producto é 15, 24, 56, 81, etc., ou então por que numero se deve

multiplicar 7 para obter 42, 8 para obter 72, 3 para obter 24, etc.? — Para fazer sentir a utilidade e o uso d'esta operação, propôr-se-ha aos discipulos muitas questões oraes e escriptas pela fórma seguinte: 1.ª Sabendo o preço de *um* pão, de *um* kilogramma de queijo ou de carne; de *um* litro de vinho, de *um* hectolitro de trigo, de milho, etc., achar o preço de *muitas* d'estas cousas; 2.ª Sabendo as dimensões, calcular a área de um quadrado, de um rectangulo, de um triangulo; cubação de uma trave, de um maciço de muro, de uma tulha; 3.ª Determinar o numero de mezes em muitos annos, o numero de dias em muitos mezes, o numero de horas, de minutos ou de segundos em muitos dias. — Os meninos sabendo bem de cór a taboada de multiplicar não encontrarão difficuldade em executar a operação da multiplicação quando o multiplicador tem um unico algarismo. Observa-se-lhes depois que o caso geral d'esta operação se reduz a este primeiro, pois que o producto parcial de cada algarismo do multiplicador é o mesmo que se esse algarismo exprimisse unidades simples, com tanto que fique o próducto referido ás unidades do algarismo multiplicador: assim, multiplicando pelo algarismo das dezenas do multiplicador, obtem-se um producto referido a dezenas; multiplicando pelo algarismo das centenas, vem o producto referido a centenas; etc.; d'onde resulta que para dar o valor de posição que convém a cada producto parcial basta escrever o seu primeiro algarismo da esquerda debaixo do respectivo algarismo do multiplicador.

2. Depois da pratica, vem a theoria. Antes porém d'ir mais adiante, deve-se observar que a multiplicação tem por fim compôr, ou achar um numero denominado *producto*, que seja a respeito de um numero dado, chamado *multiplicando*, o mesmo que um outro numero tambem dado, chamado *multiplicador*, é a respeito da unidade. Assim, multiplicar 80 por 6 é achar um numero que se forme de 80, como 6 se fórma da unidade; ora, 6 é a unidade repetida 6 vezes, o numero pedido é pois 80 repetido 6 vezes ou addicionado 6 vezes. Resulta que a multiplicação dos numeros *inteiros* póde definir-se: uma operação que tem por fim repetir o multiplicando tantas vezes quantas as unidades do multiplicador. Porém a definição debaixo d'esta fórma não convinha ao caso geral de o multiplicador ser um numero fraccionario; em quanto que, pela primeira definição, se o multiplicador é uma fracção, por exemplo $\frac{3}{4}$, o producto fórma-se dos $\frac{3}{4}$ do multiplicando, isto é: dividindo-o em 4 partes e tomando depois 3 d'essas partes, pois que assim é que da unidade se fórma o multiplicador $\frac{3}{4}$. — D'esta definição geral, deduz-se a regra da multiplicação das *fracções decimaes*, que é um caso particular da multiplicação das fracções. Por exemplo: quer-se determinar o custo de uma peça de panno de linho de 32 metros, cujo metro tem o preço de $4^{\text{tostões}}$,55. Este custo é expresso pelo producto de 32 vezes $4^{\text{tostões}}$,55; e como este segundo numero, que é o multiplicando, referido a centesimos do tostão ou reis, vale 455 reis ou centesimos do tostão, o producto fórma-se de 32 vezes 455 reis; e consequentemente, querendo-o obter expresso em tostões, deve-se separar dous algarismos decimaes da direita do producto. Exemplifiquemos outro caso: quer-se achar o custo de $43^{\text{hl.}}$,53 de trigo, cujo hectolitro tem o preço de $59^{\text{tostões}}$,45. Esta quantidade de trigo vale $59^{\text{tostões}},45 \times 43,53$; e significa que se deve repetir 4353 vezes o centesimo de $59^{\text{tostões}}$,45. Ora, o centesimo de $59^{\text{tostões}}$,45 é $0^{\text{tostões}}$,5945; o producto exprimirá pois decimas-millesimas, e, para o referir a tostões, deve-se separar da sua direita 4 algarismos decimaes. Póde-se pois formular a seguinte regra: Para multiplicar um por outro dous numeros decimaes, fórma-se o producto como se os numeros fossem inteiros, e separam-se depois da direita do producto

tantos algarismos decimaes quantos teem os dous factores. (Veja OPERAÇÕES).

3. A multiplicação algebrica funda-se em quatro regras relativas aos *signaes*, *coefficientes*, *expoentes* e ás *letras*. 1.ª O producto de dous termos é positivo ou negativo, conforme estes dous termos teem o mesmo signal ou signal contrario; 2.ª O coefficiente do producto de dous termos é o producto dos coefficientes d'esses termos; 3.ª Quando a mesma letra entra no multiplicando e no multiplicador, escreve-se no producto com um expoente igual á somma dos seus expoentes nos factores; 4.ª As letras não communs aos dous factores, escrevem-se no producto. Exemplo d'uma multiplicação de dous polynomios:

$$\begin{array}{l} 4a^3 - 5a^2b - 8ab^2 + 2b^3 \\ 2a^2 - 3ab - 4b^2 \\ \hline 8a^5 - 10a^4b - 16a^3b^2 + 4a^2b^3 \\ \quad - 12a^4b + 15a^3b^2 + 24a^2b^3 - 6ab^4 \\ \quad\quad - 16a^3b^2 + 20a^2b^3 + 32ab^4 - 8b^5 \\ \hline 8a^5 - 22a^4b - 17a^3b^2 + 48a^2b^3 + 26ab^4 - 8b^5 \end{array}$$

Depois de ter disposto os polynomios um debaixo do outro, multiplica-se cada um dos termos do primeiro pelo termo $2a^2$ do segundo, o que dá o primeiro producto parcial, polynomio cujos signaes são os mesmos que os do multiplicando; passa-se em seguida ao termo $3ab$ do multiplicador e multiplica-se cada um dos termos do multiplicando por elle; mas como este termo está affectado do signal —, deve haver o cuidado de dar a cada producto o signal contrario ao do termo correspondente do multiplicando: obtem-se assim o segundo producto parcial; repete-se a mesma operação relativamente ao termo $4b^2$, que é tambem negativo, e obtem-se o terceiro producto parcial. Faz-se depois a *reducção* dos termos semelhantes (veja ADDIÇÃO), e obtem-se finalmente a expressão do producto total, que acima se achou. (Veja ALGEBRA, SUBTRACÇÃO, DIVISÃO, EQUAÇÃO, etc.)

MUSICA. «Censorino, depois de haver tratado das relações numericas mysteriosas, que tanto deram que fazer aos philosophos da antiguidade, e de applicar aquellas cabalisticas theorias ás relações que julgava descobrir entre tres determinadas épocas da gestação do feto humano, e as tres consonancias musicaes de quarta, quinta, e oitava, passando em seguida ao elogio da musica, dá-nos a conhecer quaes eram as funcções, o modo de vida, e os privilegios dos flautistas, e que entre esses privilegios, se comprehendia este de andarem vagueando pela cidade, vestidos como quizessem, mascarados e ebrios, n'estas festas de Minerva. Duas eram as festas d'esta deusa, chamadas Quinquatrias, as grandes, que começavam em 19 de março, e duravam cinco dias, e as pequenas, que são estas de que falla Ovidio, que se celebravam em 13 de junho, e só duravam um dia.

Frequente e havido em honra era o frauteiro
nas eras que lá vão. . . . .

Não sabemos que fundamento teve o poeta para dizer que os flautistas (muitas vezes nome generico de musicos), fossem em tempo algum considerados ou honrados em Roma. Não faltam pelo contrario documentos para provar que os musicos sempre alli foram tratados com desprezo, posto que algumas vezes remunerados generosamente; porém a recompensa pecuniaria póde enriquecer, mas não honrar.

Acresceu que um Edil fixou por termo
aos sahimentos funebres dez musicos.

«A limitação do numero dos flautistas já tinha sido prescripta, juntamente com outras restricções sumptuarias, para pôr côbro ás demasias do luxo dos funeraes, na x das xii taboas da lei, compiladas e decretadas pelo governo dos *Duumviri*, no anno de Roma (U. C.) 302. Tinham porém cahido em desuso estas prescripções, e em 441, durante a censura de Ap. Claudio, e C. Plautio, que Tito Livio distingue com o epitheto de illustre (clara), estes magistrados, persuadidos de que tinham sido os musicos que haviam introduzido e propagado em Roma o gosto immoderado dos prazeres, a mollicie e a relaxação dos costumes, trataram de os reprimir, e com esse intuito, prohibiram-lhes o uso em que estavam de banquetear no templo de Jupiter, e Ap. Claudio, sendo logo depois edil, ajuntou a esta defesa a renovação das determinações da lei antiga. Os musicos, irritados de se verem assim esbulhados do direito de cantar e de viver lautamente (*cantendi apulandique jus*), abalaram todos juntos da cidade, e foram refugiar-se em Tibur. Tito Livio e Valerio Maximo referem este acontecimento, e o regresso dos musicos a Roma, de um modo differente, e o primeiro, caracterisando o facto de cousa em si insignificante, declara que não faria menção d'elle, a não ser a sua connexão com a religião. Valerio Maximo tambem merece ser citado, porque a sua narração confirma a impressão que causou geralmente em Roma a deserção de todos os musicos em massa, e a angustia em que ficou o senado vendo assim por aquelle facto interrompida a celebração dos sacrificios e de todas as ceremonias religiosas, de que os musicos eram parte integrante e indispensavel. Foi por isso que o senado mandou uma embaixada a Tibur, a qual nada conseguiu da pertinacia dos musicos, sendo necessario para os trazer á cidade empregar um estratagema apropriado para aquella qualidade de gente, *consilio haud abhorrente ab ingeniis hominum*, como diz Tito Livio, que consistiu em lhes dar lauta mesa, e os embriagar com bons vinhos, conduzindo-os depois como mortos para o Forum, em um carro, onde sómente deram por si com o romper da aurora. Não consentiram elles todavia ficar em Roma sem lhes serem restituidos e ampliados os seus privilegios. Observa Tito Livio (l. c.) que isto se passava durante os preparativos de duas grandes guerras; o que bem prova a importancia que se déra a este negocio religioso.

Em pena da sacrilega arrogancia
o deus o pendurou, despiu-lhe a pelle.

«Este infeliz satyro foi Marsyas, celebre tocador de flauta de Celenes na Phrygia, de cujas lagrimas e sangue se formou o rio conhecido pelo seu nome.

«Diremos agora alguma cousa a respeito da musica dos romanos, e da musica antiga, limitando-nos a breves e incompletas noções, unicas a que o espaço e a mingoa de conhecimentos nos authorisa.

«Dos etruscos receberam os romanos os primeiros rudimentos da architectura, das artes, e especialmente da musica e da mimica. Durante a peste que assolou Roma no anno 390 U. C., os romanos, para aplacar a cólera celeste, celebraram, pela terceira vez depois da fundação da cidade, um *lectisternium*, ou banquete dos deuses. Por esta occasião se compozeram novos hymnos, que o povo, afeito só aos espectaculos do circo celebrados pela primeira vez por Romulo para festejar o roubo das sabinas, escutou com interesse; e a mocidade, sempre atreita á folgança (*jocobunda*) ajuntou a estas poesias, gesticulações grosseiras, e danças rusticas. Como porém a peste continuasse, mandaram-se vir da Etruria alguns farçantes (*ludiones*) os quaes, sem versos nem tregeitos, executaram danças, balançando-se graciosamente ao som da flauta. Esta novidade agradou muito aos romanos; e como na lingua toscana o nome de farçante era *hister*, d'ahi veio chamarem-se depois *histriões* os acto-

res indigenas, os quaes abandonaram as antigas toscas farças, improvisadas sem arte, e começaram a representar d'alli em diante satyras harmoniosas, acompanhadas de canto, regulado pelas modulações da flauta, com o accionado apropriado. Tal foi a origem da comedia entre os romanos.

«No tempo de Servio Tullio parece que não havia ainda em Roma outros musicos além dos corneteiros e trombeteiros, unicos mencionados no recenseamento, creado e mandado executar por aquelle principe no anno 197 de Roma, os quaes formavam duas centurias da quinta e ultima classe dos cidadãos, a mais numerosa de todas, a que era aggregada uma centuria do resto do vulgo, isento do serviço militar. D'aqui resulta que, ou não eram então ainda conhecidos em Roma senão aquelles instrumentos bellicos, ou que se havia outros, não mereciam sequer os seus tangedores de ser mencionados no registro censual, que assim os igualava aos escravos, que tambem n'elle não figuravam. Houve depois um grande numero de instrumentos chamados flautas (*tibiæ*) que formavam um genero, composto de muitas especies ou variedades. Notaremos de passagem que alguns etymologistas pretendem derivar de tibia (flauta) o nome da canella da perna; o que tenderia a fazer crêr que já havia flautas antes de haver canellas, opinião que me parece algum tanto arrevezada. N'esta não cahiu o nosso curioso etymologista Constancio, que derivou o termo anatomico de tibia, de *tibs*, que no idioma egypcio significaria *calcanhar!* Voltando ao nosso assumpto, diremos que Plinio, tratando das invenções e dos inventores, menciona quatro especies de flautas: a charamella (*fistula*), a flauta simples (*monaulum*), a flauta obliqua (*tibia obliqua*), e as flautas duplas (*geminas tibias*); e Terencio, nos titulos das suas comedias, falla das flautas iguaes dextras e sinistras (*modos fecit Flaccus Claudii* (*filius*) *tibiis paribus dextris et sinistris*), de flautas desiguaes (*tibiæ impares*), e de flautas serranas ou tyrianas. As qualificações de *tibiæ pares*, *tibiæ impares*, *tibiæ dextræ et sinistræ*, referiam-se sem duvida ás flautas duplas, com uma só palheta ou embocadura commum, ou com duas separadas, mas que se podiam embocar ao mesmo tempo, sendo as duas flautas iguaes, ou differentes uma da outra em diametro, ou em comprimento, e ficando necessariamente uma d'ellas á direita, e a outra á esquerda. A flauta obliqua era semelhante á nossa flauta travessa, e Plinio diz ter ella sido inventada por Midas da Phrygia, entretanto que os egypcios attribuem a sua invenção ao seu rei Osiris. A flauta, simples a principio, e limitada a tres ou quatro notas, já no tempo de Horacio rivalisava com a trombeta.

«Os instrumentos de cordas foram usados mais tarde, e a primeira menção que encontramos do nome generico de tocador d'elles (*fidicen*), foi em Valerio Maximo, e Tito Livio. Valerio Maximo conta que C. Duilio, que foi o primeiro que alcançou uma victoria naval dos carthaginezes, e que por ella triumphou, sempre que depois de jantar se recolhia para casa, costumava ir acompanhado de um homem com uma tocha accesa, e precedido de um flautista e de um guitarrista (*praceunte tibicine et fidicine*), e Tito Livio, que nos indica a data da celebração d'este triumpho (493 de Roma) acrescenta que os cidadãos tinham tolerado (*tulitque civitas*) que C. Duilio, não satisfeito com esta honra (*honore isto non contentus*) se arrogasse aquell'outra sem exemplo, de triumphar todos os dias! Tito Livio n'esta critica, inspirado pelo instincto previdente e prophetico, presentia no futuro o deploravel e funesto resultado do abuso das distincções honorificas. E com effeito o triumpho diario de C. Duilio, foi o preludio dos triumphos do baixo imperio, que deram cabo da significação e do valor d'aquellas honrarias; como o esbanjar que por ahi vai de titulos e ordens, depreciando cada vez mais esta preciosa recompensa moral amea-

ça de a reduzir brevemente a servir mais de vergonha que de ufania.

«Mr. Fetis é de opinião que os instrumentos de cordas rectas são originarios do occidente, e os de cordas obliquas do oriente; e Juvenal parece corroborar esta opinião nos versos da sua satyra terceira:

Jam pridem Syrus in Tiberim de fluxit Orontes,
Et linguam et mores, et cum tibicine chordas
Obliquas, nec non gentilia tympana secum
Vexit.

«Os gregos porém, sempre vaidosos, nunca reconheceram (injustamente como depois mostraremos) estas origens orientaes, e attribuiram todas estas invenções aos seus deuses e aos seus heroes. Por muito tempo resistiram elles, com boa razão, ao augmento de cordas na lyra, e ao emprego na sua musica dos instrumentos de muitas cordas e de grande extensão de notas, que lhes vieram do oriente, sobretudo depois das guerras de Alexandre. Os romanos tambem não usaram d'estes instrumentos senão depois das guerras d'Asia, que começaram no anno da fundação da cidade 562.

«Os romanos nunca tiveram musica propriamente sua. Povo essencialmente guerreiro e conquistador, as suas idéas não propendiam para a cultura das artes que só florescem á sombra da paz e da tranquillidade. A sua riqueza porém, e o luxo que com ella nasce e se desenvolve, bem depressa despertaram o appetite e a necessidade dos divertimentos e passatempos sensuaes, e a musica não podia deixar de ser um d'elles. Abandonaram todavia os romanos a cultura e o exercicio d'esta arte aos gregos que sempre a prezaram, que a consideravam como o primeiro e mais essencial elemento da educação, proprio para desbravar e amenisar a rudeza natural do homem, e habilital-o para a vida publica e social, e que tinham formado uma escóla particular sua da musica. Foi por tanto a musica dos romanos essencialmente grega; gregos eram os musicos theoricos e praticos, e mesmo os fabricantes de instrumentos em Roma. Todas as obras de musica que escaparam ás devastações dos barbaros e ás erupções do Vesuvio, e mesmo as que foram escriptas já na era christã, eram em grego, e segundo os principios da musica grega. Esta musica porém tambem não era inteiramente original, e levando mais longe as pesquizas, não póde deixar de se reconhecer que a musica, grande parte dos instrumentos musicaes, bem como os primeiros elementos das outras artes, das sciencias, e da civilisação, nos vieram do oriente, berço do genero humano. Quanto á musica especialmente, as antiguidades do Egypto nos dão a conhecer n'aquelle paiz a existencia de um systema instrumental numeroso, rico e variado; entretanto que os monumentos da Grecia nos offerecem apenas pobres lyras de seis ou sete cordas, sem braço nem pontos para variar as entoações, e flautas tão imperfeitas que era necessario mudar de instrumento para passar de um a outro tom. Tudo para nós raiou do oriente, como d'alli raia sempre o sol, emblema da luz e da claridade. Praza ao céo que a repercussão do extremo occidente nos não venha de envolta com as trevas e a confusão.

«Com a multiplicação dos instrumentos de cordas, maior extensão das notas da escala, e augmento excessivo do instrumental, viram-se os cantores obrigados a violentar a voz para se fazerem ouvir por cima de tão formidavel acompanhamento, isto é, a berrar em vez de cantar! *Nihil sub sole novum.* Outro tanto acontece agora pelo mesmo motivo; e assim degenerou, então como agora, a musica, estragando e depravando o gosto de maneira tal, que os ouvintes applaudem com frenetico enthusiasmo os berreiros mais descompassados! Os romanos nunca conheceram a musica dos prodigios, que tambem desappareceu da Grecia com este progresso, ou mais exactamente com esta deploravel transformação da arte. Platão dava tanta importancia á mu-

sica que julgava que toda a alteração ou mudança n'ella importava uma revolução no estado; porém Cicero, não obstante o elogio que a musica lhe merece, já não sentia com a mesma força os temores do grande philosopho grego. Em outro lugar Cicero, observando o pernicioso effeito do mau exemplo dos grandes sobre os costumes do povo, reputa as suas reflexões a este respeito mais bem fundadas que as de Platão. Já se vê que Cicero assim pensava porque já não conhecia a musica antiga, e as suas idéas se achavam modificadas pela musica do seu tempo. Que musica seria aquella primitiva dos egypcios, dos phenicios, dos hebreus, e dos gregos, que operava tantos prodigios cantados pelos poetas, e celebrados pelos mais insignes philosophos e escriptores da antiguidade?

«Fraca idéa podemos fazer da musica antiga pelo que d'ella nos resta. Com effeito o padre jesuita Menestrier pretende que o modo por que se lê e se canta nas igrejas vem da maneira por que os antigos liam e cantavam publicamente. Mr. de Chateaubriand diz, que segundo uma antiga tradição, o canto dos mortos (provavelmente o *Libera me Domine*), é o mesmo que se cantava nas pompas funebres dos athenienses no tempo de Pericles. Pretendem alguns que o celebre hymno de S. João, *Ut queant laxis*, do tempo de Carlos Magno, fôra originariamente composto no tempo da famosa poetisa Sapho, adaptado depois a varias odes de Horacio, e passado finalmente d'estas para aquelle hymno. Voltaire diz finalmente que a Melopêa, que Aristoteles na sua *Poetica* considera como uma parte essencial da tragedia, era um canto singelo e simples como o do prefacio da missa, que é uma verdadeira Melopêa. Na supposição pois de que estas tradições sejam bem fundadas, devemos forçosamente crêr que o modo de cantar estas musicas antigas differia essencialmente do canto-chão, que lhes corresponde, das nossas igrejas; especie de berreiro monotono, sem inflexão nem sentimento algum analogo aos textos sagrados, e que em vez de commoção terna, elevada e devota, só póde suscitar impacientes desejos de que se acabe. Não podemos por tanto ajuizar, por estes fragmentos assim executados, do que era a musica antiga, como já observamos. Ainda está por fazer uma analyse completa e uma apreciação esthetica, que haja de nos esclarecer, e de nos fazer conhecer cabalmente aquella musica, e a razão dos seus prodigios. Sobre este interessante assumpto aventuraremos algumas idéas, sem todavia presumirmos dar-lhes a menor importancia. Começaremos por estabelecer alguns principios.

«1.º A musica, segundo J. J. Rousseau, é *a arte de combinar os sons de uma maneira agradavel ao ouvido*. Segundo mr. Charles Soullier, *a musica é a arte de combinar os sons de maneira propria para commover a alma e fallar ao coração*. A primeira é uma definição puramente sensual; a segunda inteiramente espiritual ou sentimental: ambas por tanto deficientes. Mr. Fétis remediou este defeito definindo a musica, *o resultado da combinação dos sons, cujo objecto é commover a alma de differentes maneiras, e agradar ao ouvido*. A segunda definição conviria mais á musica primitiva, e a primeira á musica que se seguiu, e mais ainda á musica actual.

«2.º O poder, algumas vezes incomparavel, da musica, tem a sua razão na essencia mesmo do som, e no privilegio que lhe pertence exclusivamente, de despertar no fundo d'alma e do coração os sentimentos intimos e latentes, que alli se acham dormentes, dando-lhes vida e movimento.

«3.º O som e o estrondo tem por causa primaria o movimento vibratorio particular, excitado nos corpos sonoros ou elasticos, e manifesta-se por essas vibrações, que communicando-se ao ar, os transmittem ao ouvido.

«4.º O orgão auditivo do homem é privado da faculdade de distinguir e apreciar os sons, cujas vibrações por

segundo são menos de 32, ou mais de 8200.

«5.º Uma escala de oitava dentro d'estes limites contém todos os sons da natureza apreciaveis pelo orgão auditivo do homem, e é um typo de comparação pelo qual se podem aferir e classificar quaesquer sons dados.

«6.º As oitavas ascendentes ou descendentes podem considerar-se infinitas em numero; porém fóra dos limites indicados (4.º), o som grave produzido por menos de 32 vibrações por segundo, transforma-se para o nosso orgão auditivo, em estrondo confuso e inapreciavel; e o som agudo de mais de 8200, converte-se em um tinir ou chilrar estridente e indeterminado.

«7.º O orgão auditivo do homem tambem não póde seguir nem ouvir distinctamente nota por nota, uma successão d'ellas cuja rapidez excede os limites da velocidade perceptiva do mesmo orgão; ou por outra, quando as notas correm mais que o ouvido.

«Apreciada segundo estes principios, reconhece-se que a musica antiga não se afastava das regras que poderiam estheticamente deduzir-se dos mesmos principios, fundados nas leis da natureza. Já fizemos vêr, e os ultimos textos de Cicero a que nos referimos corroboram, a resistencia que encontraram todas as mudanças, todas as alterações na musica primitiva. O augmento das cordas nos instrumentos, e das notas nos *modos* ou toadilhas d'aquella musica, foi viva e longamente impugnado; porém a final prevaleceu a tyrannia da moda, ou cedeu a resistencia á lei fatal da humanidade, que lhe não consente permanecer em um estado de immobilidade fixo e inalteravel por melhor que elle seja. Conservaram todavia por muito tempo os antigos, e especialmente os gregos, a sua musica dentro dos limites traçados pela natureza. O seu systema musical que comprehendia a principio apenas quatro notas (*o tetrachordium*), passou depois ao intervallo de setima (*heptachordium*), que foi lentamente crescendo, e que nos primeiros tempos da era christã, já abrangia uma escala de tres oitavas e uma segunda contando desde o *lá* grave do baixo, até ao *si* agudo da voz de soprano; extensão ainda razoavel, uma vez que o baixo não transpozesse os limites naturaes da sua voz esforçando-se para attingir as notas do tenor, nem o tenor para attingir as notas do soprano, nem finalmente o soprano para chegar violentamente ás notas fóra do alcance natural da sua voz. Assim o systema da musica antiga comprehendia sómente os sons medios e naturaes, tanto da voz humana como dos instrumentos, e evitava no canto os sons agudos de qualquer especie de voz, que não se produzem sem um esforço violento que os transforma mais ou menos em um estridor ou grito, destruindo a suavidade que o canto exige para ser canto; e nos instrumentos os sons indeterminados graves e agudos, isto é, os estrondos e os guinchos que ferem o ouvido.

«Simples em summo grau, não usava aquella musica de outras consonancias além da oitava, ou quando muito tambem de terceira como alguns pretendem deduzir dos versos de Horacio:

> Sonante mixtis tibiis carmen lyra,
> Hac Dorium, illis Barbarum?

«Não conheciam em todo o caso os antigos o que nós chamamos harmonia, e empregavam esta palavra para designar uma cantilena ou successão de notas. Os seus concertos de muitas vozes ou instrumentos eram, segundo a opinião mais acreditada, e o que Seneca diz clara e formalmente, unisonos, a que chamavam *Homophonia*, ou em oitavas, a que chamavam *Antiphonia*, que hoje tem renovado os compositores modernos, como fez Bellini no famoso dueto dos *Puritanos* e Donizeti e Verdi em differentes coros e peças das suas operas.

«Não conhecendo a harmonia, não era o canto dos antigos acompanhado por um instrumental harmonico, que sempre encobre, e algumas ve-

zes torna difficil, ou impossivel, a sua perfeita discriminação e audição. Assim é que um arabe que gostava muito de ouvir a Marselhesa, tocada no piano simplesmente com a mão direita, quando o pianista queria acompanhar a cantilena com a mão esquerda, o interrompia agarrando-lhe n'esta mão, e dizendo-lhe: esta não, sómente a outra; tomando por outra peça, acompanhamento, que o impedia de ouvir e distinguir a primeira.

«Era tambem a musica antiga de andamentos graves e lentos, e a sua influencia n'este ponto ainda por muito tempo se sentiu e conservou na musica moderna, nas notas chamadas longas e breves, que d'ella desappareceram, e foram substituidas pelas semi-colchêas, fusas, semi-fusas, e outras notações ainda mais aceleradas, contemporaneas das novas indicações de presto, prestissimo, etc. N. P. Os effeitos prodigiosos da musica primitiva, da musica dos *Orpheus*, procediam provavelmente da sua mesma nimia simplicidade; da restricção da escala a um diminuto numero de notas; da essencia e pureza do som; da expressão ou accentuação inspirada da execução; e por ventura tambem do estado physico e moral da humanidade, a qual mais perto que nós da creação, ainda se acharia mais tenra, mais virginal, mais impressivel, menos embotada e callejada pela multiplicidade sempre crescente das sensações, pelo choque das impressões, e conseguintemente mais apta para sentir e para produzir energicamente quaesquer commoções physicas e moraes. Esta parece-nos ser uma explicação plausivel das maravilhas que se contam da musica primitiva, que pouco a pouco se foram desvanecendo com os progressos d'ella e da humanidade.

«Já dissemos quanto basta relativamente á simplicidade proveniente da restricção da escala. Pelo que respeita á essencia e pureza do som (§. 2.º dos principios), observaremos a differença immensa que existe entre a sensação causada por uma voz pura e argentina, soando com expressão uma simples nota, e a d'essa mesma nota, identica pelo numero das vibrações, produzida pela marcha lenta e preguiçosa de um d'esses monumentos de uma civilisação extincta, ou de uma civilisação na infancia, por uma nora, ou por um carro de bois, que entre nós ainda existem como para symbolisar, e nos lançar em rosto o estado da nossa civilisação actual.

«Agora pelo que toca á expressão ou accentuação da musica, exporemos uma observação que muitas vezes temos feito, e que todos podem fazer e verificar. Uma peça de musica cuja execução é inspirada e dirigida pelos sentimentos d'alma, communica aos ouvintes dotados de senso musical uma sensação analoga áquelles sentimentos. Nós costumamos dizer n'este caso; que a musica nos enleva, nos arrebata, nos electrisa; o que os francezes exprimem por *fait venir la chair de poule;* ao mesmo tempo que para explicar este *mysterioso não sei que* do executante, dizem: *il a le diable au corps*, ou *il est possédé du feu sacré*. Ora essa mesma peça de musica, executada por um imitador não inspirado, deixa frios e impassiveis os ouvintes. Qual será a causa d'este notavel phenomeno, que frequentes vezes se manifesta? Será por ventura o ente humano dotado de alguma especie de apparelho electro-magnetico, cujo fio conductor seja o som, ou a palavra, quando d'elle dimanam?

> Vejam agora os sabios da escriptura
> Que segredos são estes da natura.

«Já demos a entender que esta nossa observação é igualmente applicavel á poesia, á eloquencia, e á declamação.

«É de crêr que a expressão da musica antiga, que na opinião de Theophrasto consistia, como diz Censorino «*in voce, et corporis motu, et præterea in animi motu*» tivesse uma grande parte nas maravilhas produzidas por aquella musica.

«A musica dos romanos nos tempos do baixo imperio, tinha inteira-

mente degenerado em estrondo e arruido. Conta um dos escriptores da *Historia Augusta*, que no reinado de Carino e de Numeriano, entre os espectaculos inventados por estes imperantes, se dera um concerto no qual se ouviram tocar ao mesmo tempo cem trombeteiros, cem flautistas, cem tocadores de outra especie de flautas (pythaulas), e cantar ou berrar cem coristas! Se attendermos que este concerto monstro havia de ser unisono ou em oitavas, poderemos imaginar a que estado de empedernido endurecimento era necessario que tivesse chegado o orgão auditivo dos assistentes para poder supportar incolume aquella estrondosa e atroadora symphonia! Não podemos admirar-nos d'esta especie de surdez particular, quando agora mesmo os factos nos estão provando que o nosso orgão auditivo se póde endurecer e callejar a ponto de ser surdo e insensivel ás musicas verdadeiramente euphonicas, suaves e delicadas. Afeito ás sensações produzidas pelo forte e volumoso estrondo das orchestras reforçadas pela nova e numerosa familia dos instrumentos metallicos, e pelo deploravel abuso dos instrumentos de percussão, o orgão auditivo acha insipidas e desenxabidas as musicas sem berros e sem atroadoras sonoridades. É notavel a analogia que existe entre este estado actual da musica moderna, e o da musica romana do baixo imperio; porém a musica actual excede aquella nos defeitos comprehendidos nos principios 4.º, 6.º e 7.º; para exemplo do que bastará citar o piano de oito oitavas, e os prestidigitadores pianistas. Em abono porém da musica moderna devemos dizer que o seu estado actual é sómente uma deploravel aberração das regras do bom gosto e da boa razão, que sempre devem presidir ás concepções e producções das bellas-artes. No fim do seculo passado e principios do actual a musica moderna tinha-se elevado a um sublime grau de perfeição, e tambem então se mostrou capaz de produzir maravilhas. A reacção a favor da boa musica classica já começou, e progride com grande força em França, e como de lá tudo nos vem, e nos chegará em breve o *alamiré*, esperemos que não tarde muito em nos chegar tambem de Paris a moda da musica suave e amena, e o resgate dos nossos ouvidos do intoleravel captiveiro das algazarras musicaes.» (Visconde da Carreira).

Musicos portuguezes mais celebrados. — «*El-rei D. João* iv. — Foi não só apaixonado amador de musica, mas tambem insigne compositor de musica sacra, chamada *Canto da Palestina*, a qual sómente se usava na patriarchal, e presentemente se canta ainda na capella Sixtina.

«*O imperador e rei D. Pedro* iv. — Foi grande amador e compositor de musica, tanto sagrada como profana.

«*A serenissima infanta senhora D. Isabel Maria*. — É grande tocadora de piano; possue muitos conhecimentos de contraponto, e acompanha a piano em todos os systemas.

«*Affonso Vaz da Costa*. — Foi mestre de capella em Avila. Escreveu varias obras, que se conservavam na copiosa bibliotheca de musica de el-rei D. João iv. Falleceu em 1599.

«*André da Costa*. — Religioso trinitario, harpista dos reis D. Affonso iv e D. Pedro ii. Compôz varias peças de musica ecclesiastica. Falleceu em 1685.

«*André de Escovar*. — Vivia no tempo do cardeal rei, tocava *charamelinha*, e compôz uma arte de tocar este instrumento.

«*Antonio Fernandes*. — Natural de Souzel, presbytero, mestre de capella na parochia de Santa Catharina de Lisboa. Escreveu algumas obras theoricas sobre a musica, e entre ellas a *Arte da musica de canto de orgão*, e a theorica do *manicordio*, e sua explicação. Falleceu antes de 1625.

«*Antonio Leal Moreira*. — Ignora-se a sua naturalidade. Foi mestre de musica no seminario patriarchal, grande professor da arte, bom tocador de piano, e distincto compositor de musica sagrada.

«*Antonio Marques Lesbio*. — Era mestre da capella real em 1698, e

compôz varias musicas de igreja, que se imprimiram entre os annos 1660 e 1708. Foi celebre na sua arte.

«*O padre Antonio Pereira de Figueiredo.* — Natural da villa de Mação, da comarca de Thomar, congregado do oratorio de S. Philippe Nery, nasceu em 14 de fevereiro de 1725, e falleceu em 14 de agosto de 1797. Não cabe aqui o elogio d'este varão sabio e virtuoso, que tantos e tão relevantes serviços fez á patria, ás sciencias e ás letras durante a sua vida. Diremos sómente, que desde os seus tenros annos se apaixonou pela musica, e se applicou a ella com desvelo, chegando a compôr muitas obras d'esta bella, e nobre arte, e entre ellas todas as que se cantavam nas funcções da semana santa na casa de Nossa Senhora das Necessidades, a cujos ensaios elle mesmo presidia. Os autographos das suas composições musicaes passaram da mão do reverendo senhor Antonio de Castro ás de um distincto sabio, que escreveu a vida, e analysou os escriptos de Pereira, e que ha pouco mais de um anno nos foi roubado pela morte.

«*Antonio Teixeira.* — Natural de Lisboa, nascido em 1707. Foi cantor da patriarchal, e examinador synodal de canto-chão. Compôz um *Te-Deum* a vinte vozes com instrumental, outro a tres coros, e alguns psalmos, lamentações, etc. Ainda vivia em 1759.

«*Balthazar Telles.* — Foi lente da cadeira de musica na universidade de Coimbra por provisão de 2 de novembro de 1549.

«*Diogo Dias Melgaço.* — Natural de Cuba, mestre de capella em Evora. Compôz musicas de igreja. Falleceu antes de 1649.

«*Fr. Domingos de S. José Varella.* — Natural de Guimarães, insigne organista, e o melhor, que teve a congregação benedictina de Portugal n'estes nossos tempos. Tinha amplissima instrucção e conhecimento da musica antiga e moderna, e dos seus varios systemas: conhecia perfeitamente o mecanismo do orgão, e tocava este bello instrumento com admiravel perfeição, e apurado gosto. Presumo que ao presente é fallecido. Compôz e imprimiu uma *Arte da musica*, em que se acham observações, e experiencias mui curiosas sobre os phenomenos da harmonia, e sua applicação aos instrumentos musicos, e á sua afinação. Esta obra foi impressa (segundo a minha lembrança) na cidade do Porto em 4.º

«*Duarte Lobo.* — Natural de Lisboa, conego e mestre de capella na sé metropolitana de Lisboa. Foi celebre na sua arte, e compôz varias obras, algumas das quaes se imprimiram. Ainda vivia em 1625.

«*Estevão de Brito.* — Foi beneficiado e mestre de capella nas sés de Badajoz, e Malaga. Escreveu um *Tratado de musica.*

«*Eleuterio Franchi Leal.* — Foi mestre de musica no seminario patriarchal, nos reinados da senhora D. Maria I, e de el-rei o senhor D. João VI. Está presentemente aposentado.

«*Fr. Francisco de S. Jeronymo.* — Natural de Evora, religioso de S. Jeronymo, e mestre do côro em Belem. Compôz obras de musica, que tiveram grande estimação. Nasceu em 1692 e ainda vivia em 1747.

«*Francisco da Rocha.* — Religioso trinitario, natural de Lisboa. Compôz grande numero de obras, que existiam na *bibliotheca de musica* de João da Silva de Moraes, de que adiante fallaremos. Falleceu em 1720.

«*Gregorio Franchi.* — Distincto tocador de piano, e compositor de varias musicas para o mesmo instrumento.

«*Gallão (o padre).* — Foi natural da provincia do Alemtejo, mestre da real capella de Villa-Viçosa, e compositor de musica sagrada.

«*D. Heliodoro de Paiva.* — Conego regular de Santa Cruz de Coimbra. Foi instruido, na bella arte da musica, e deixou composições suas, que se conservavam no mosteiro de Santa Cruz.

«*Henrique Carlos Corrêa.* — Natural de Lisboa, nascido em 1680. Foi mestre de capella na sé de Coimbra: vivia ainda em 1747, e deixou varias obras de sua composição.

«*João Alvares Frovo.* — Natural de Lisboa, aonde nasceu em 1608. Foi capellão e bibliothecario da musica de el-rei D. João IV. Compôz muitas obras, entre as quaes mereceram particular estimação os seus *Responsorios do Natal* a oito vozes.

«*João Chrysostomo da Cruz.* — Natural de Villa-Franca, nasceu em 1707 e vivia em 1731 no estado de presbytero. Compôz *Methodo breve e claro, em que se exprimem os necessarios principios*, etc., com um *Appendice dialogico.* Lisboa 1743 em 4.º

«*João Domingos Bomtempo.* — É natural de Lisboa, mestre de sua magestade fidelissima a senhora D. Maria II, e da senhora infanta D. Isabel Maria, e director do conservatorio na arte da musica. Grande compositor de musica sagrada no estylo de Handel e de Haydn. Compõe tambem musica de piano, e é um dos mais excellentes tocadores d'este instrumento, tendo merecido os applausos de differentes côrtes da Europa, aonde fez mostra de seus distinctos talentos.

«*João Evangelista Turriani.* — Natural de Lisboa, distincto mathematico, e insigne tocador de piano, em que mostrava particular gosto e expressão.

«*João Cordeiro.* — Natural de Lisboa: foi grande organista, e compositor de musica sagrada e profana. Foi mestre das pessoas reaes, e viveu nos reinados de el-rei D. José I e de sua filha a rainha senhora D. Maria I.

«*João Fernandes Formoso.* — Natural de Lisboa, capellão de el-rei D. João III. Compôz em musica *Passionario da semana santa*, que se imprimiu em Lisboa em 1542 em folio.

«*D. João de Santa Maria.* — Conego regular de S. Vicente de Fóra, natural de Terena, fallecido em 1654. Compôz *Tres livros de contraponto.*

«*Fr. João Rodrigues.* — De quem não temos outra noticia senão que compozera uma *Arte de canto-chão*, ms. pelos annos de 1560.

«*João Jordani.* — Natural de Lisboa: professor de instrumentos de corda, e mui distincto em violeta, rabecão grande e pequeno. Ha composições suas. É presentemente mestre de instrumentos de corda no conservatorio.

«*João da Silva de Moraes.* — Nasceu em Lisboa em 1689, e foi mestre da capella na cathedral d'esta cidade. Compôz grande numero de obras de musica, e possuia uma copiosa bibliotheca d'esta arte. Ainda vivia em 1727.

«*João Soares Rebello.* — Natural da villa de Caminha na provincia do Minho. Foi mestre de musica de el-rei D. João IV, e deixou obras impressas, e manuscriptas, que tiveram grande celebridade n'aquelle tempo. Falleceu em 1661.

«*João de Sousa Carvalho.* — Natural do Alemtejo. Foi um dos mais insignes mestres de musica do seminario patriarchal, e o que deu luzes aos compositores portuguezes para conhecerem o mecanismo de *instrumentar* a musica vocal, sagrada e profana.

«El-rei D. José o mandou a Italia com Jeronymo Francisco de Lima, e Camillo Cabral, para alli se instruirem n'aquella sciencia, então não muito cultivada em Portugal, aonde apenas se distinguia José Joaquim dos Santos, natural de Obidos, que com o celebre David Peres tinha aprendido o contraponto.

«Quando os quatro artistas voltaram a Portugal, foram empregados no seminario; mas João de Sousa mostrou superior habilidade, pelo que fallecendo David Peres, foi nomeado em lugar d'elle para mestre de musica das pessoas reaes.

«Teve por discipulos os dous insignes musicos Antonio Leal Moreira, e Marcos Antonio Portugal, bem conhecidos entre nós.

«*José Antonio Carlos de Seixas.* — Natural de Coimbra, nascido em 1704. Foi nomeado organista da patriarchal, tendo apenas 16 annos de idade. Compôz um *Te-Deum* a quatro coros, muitas *sonatas* de cravo, e algumas *missas* a instrumental. Falleceu em 1742.

«*José Avelino Cannogia.* — Mestre de instrumentos de palheta no conservatorio. É insigne tocador de clarineta, conhecido em varias côrtes da Europa, que visitou.

«*Fr. José Marques.* — Nascido na provincia do Alemtejo. Foi profundo conhecedor da arte em todos os ramos, grande tocador de piano, e o mais distincto acompanhador de orgão em todos os systemas de acompanhar. Foi tambem insigne compositor, tanto de capella, como de instrumental, e deixou muitas peças de sua composição, que mostram o seu grande merecimento. Viveu no reinado do senhor D. João VI, e foi mestre da sua capella da Bemposta.

«*Manoel Elias.* — Religioso paulista, compositor de musica sacra, e organista.

«*Manoel Innocencio dos Santos.* — Natural de Lisboa, distincto compositor de musica sagrada e profana, e um dos maiores acompanhadores, tanto de orgão, como de piano, de que é insigne tocador. É da sua composição a opera *Ignez de Castro*, executada no theatro de S. Carlos, no anno passado de 1839, com geral applauso do publico e dos amadores de musica.

«*Manoel Mendes.* — Natural da cidade de Evora, em cuja sé foi mestre de capella. Floreceu no tempo do cardeal rei D. Henrique e compôz uma *Arte de canto-chão*, e algumas peças de musica de igreja. Falleceu em 1605.

«*Manoel Nunes da Silva.* — Natural de Lisboa, foi mestre da capella da Conceição Velha d'esta cidade. Compôz uma obra de musica que intitulou *Arte minima*, impressa em Lisboa em 1685, e reimpressa em 1704 em 4.º

«*Fr. Manoel Pousão.*—Religioso augustiniano, natural da villa do Alandroal. Escreveu *Liber Passionum*, impresso em Leão de França em 1576, e varias outras obras de musica. Falleceu em 1683.

«*O padre Manoel Rodrigues Coelho.* — Natural de Elvas, organista da capella real. Compôz *Flores de musica*, obra que sahiu á luz da imprensa em Lisboa, 1620, em folio.

«*Fr. Manoel dos Santos.* — Natural de Lisboa, religioso da congregação de S. Paulo, primeiro eremita e compositor de musica da capella real. Deixou varias obras d'esta arte, e falleceu em 1737.

«*Marcos Portugal.* — Natural de Lisboa. Foi insigne compositor de musica, tanto sagrada como profana. Deixou-nos muitas peças do melhor gosto em ambos os estylos, e rivalisou nas suas composições com os primeiros compositores da Europa do seu tempo. Era tambem optimo mestre de canto, e cantava elle mesmo com excellente estylo em voz de tenor. Ainda hoje se executam as suas peças sagradas e profanas com tanta aceitação como as de Haydn, Mozart e Zingarelli.

«*Mathias de Aranda.* — Foi mestre de capella na sé de Coimbra, e lente de musica na universidade, nomeado por provisão de 26 de julho de 1544.

«*Nicolau Dias Velasco.* — Foi musico de D. Philippe IV, rei de Castella, e imprimiu *Nuevo modo para toñer la guitarra.* Napoles, 1640.

«*Nicolau Tavares.*— Natural de Portalegre: foi mestre de capella nas sés de Cadix e Cuenca. Escreveu varias obras.

«*Pedro Alvares de Moura.* — Natural de Lisboa, foi conego na sé de Lamego, depois na de Coimbra. Imprimiu algumas obras de musica em Roma: falleceu antes de 1594.

«*Pedro do Porto.* — Natural da cidade, de que tomou o appellido. Vivia em tempo de el-rei D. João III, e floreceu em Evora e Sevilha. É celebre o motete *Clamabat autem Jesus*, etc., que pôz em musica, e que João de Barros qualificava como *o principe dos motetes.*

«*Pedro Talesio.* — Natural de Lerma, no reino de Castella, foi lente de musica na universidade de Coimbra, por provisão de 22 de novembro de 1613, e *um dos primeiros que deu ordem á musica de Portugal a coros.* Foi medico do cardeal Alberto, e mestre

de capella do hospital real de Todos os Santos de Lisboa.

«*Pedro Vaz Rego.* — Nasceu em Campo Maior em 1670. Foi mestre de capella em Evora, e compôz uma celebre *Missa ad omnem tonum* e outras obras que se conservavam em Evora.

«*Rodrigo Ferreira da Costa.* — Socio da academia real das sciencias de Lisboa, fallecido ha poucos annos. Escreveu: *Principios de musica, ou exposição methodica das doutrinas da sua composição, e execução*, 2 vol. de 4.º, com estampas, impressos pela mesma academia em 1823.

«*Thomaz Pereira.*— Jesuita, natural de Barcellos. Publicou na China, e em lingua chineza, um *Tratado de musica especulativa e pratica.* Nasceu em 1645, mas ignoramos o anno do seu fallecimento.

«*Tristão da Silva.* — Floreceu no seculo xv, e foi mestre de musica de el-rei D. Affonso v.

«*Vicente*... — Natural de Olivença. Floreceu em Padua e Viterbo no seculo xvi, e falleceu antes do anno de 1561, em que imprimiu em Veneza *Introduzione felicissima di canto fermo* etc.» (Fr. Francisco de S. Luiz).

MYSTERIO. 1. «O sentimento de admiração é d'onde promana o instincto do maravilhoso que os homens de todas as épocas sentiram. A natureza nos mostra gradualmente a luz, o desabrochar da flôr, a formação do fruto. Conduz nossos prazeres através de longa concatenação de harmonia; trata-nos como homens, isto é, como cousas frageis e de facil desconcerto: vela-nos a Divindade, a fim de que possamos fitar-lhe de longe os resplendores... Eis aqui a razão de haver no mysterio tantas seducções. Os quadros mais alumiados, as estradas em linha recta, as rosas mais desabotoadas não são as mais agradaveis cousas. Os valles sombrios, as flôres que se entre-abrem, excitamnos mais suaves e duradouras impressões. Por tanto, não é a admiração um percebimento do espirito; senão um sentir de alma que se sublima, por não sabemos qual instincto da Divindade, em presença do extraordinario, e do mysterio que o envolve. D'ahi vem admirarmos o que é raro. Um dos encantos da religião é o mysterio. Os que a desejam geometricamente demonstrada, não conhecem as leis da natureza nem as necessidades do coração humano.» (Bernardin de S. Pierre). — «Nas assembléas dos primitivos christãos, observa-se inquebrantavel o preceito do Salvador de não dar aos cães as cousas santas nem lançar perolas a porcos. Procedeu d'ahi denominarem-se *sacramentos* (do grego *musterion*), cousa occulta, e sobre elles havia segredo inviolavel. Assim os occultavam dos catechumenos como dos fieis. Esta disciplina durou largos annos, muitos seculos depois da liberdade da igreja. Além de que, não era estranho verem os pagãos segredos na religião, outro tanto corria nas suas ceremonias profanas. Os iniciados nos mysterios de Isis, Osiris e Ceres, etc., eram obrigados a occultal-os sob pena de execração, e eram tidos em nota de impios e scelerados se os revelavam. Apuleio nos deixou d'isso exemplo; e Herodoto, escrevendo da religião egypciaca e de outras, disse: A razão bem na sei eu; mas não a digo.» (Fleury).—«A religião christã, por mais fundos que sejam seus mysterio, só por desatino poderá ser duvidada.» (Pascal). — «Para se esquivarem a incomprehensiveis mysterios, os incredulos abraçam incomprehensiveis absurdos.» (Bossuet).

2. «As mais vulgares cousas que topamos a cada passo, tem faces escuras que a mais penetrante vista não póde dilucidar. E a theologia natural, tão predilecta dos deistas, acaso está isenta de tropêços? Sabem elles o que seja a passagem do *nada* ao *ser*? Como Deus cria as cousas com a só omnipotencia da sua vontade? Como é que, sendo Deus espirito, actua sobre a materia? Como é presente em tudo, não occupando espaço? Como póde perscrutar a deliberação de um ente livre? A idéa da eternidade como trazêl-a á luz d'entre tantos abysmos de trevas?

«Não obstante, transcuram-se as difficuldades, e preciso é; por quanto logo que a toda a luz se nos mostra que tal cousa deve ser, a maneira como é não nos enreda em embaraços. A vista da alma tem área limitada como a do corpo; e pois que tudo que demora além de certa distancia não nos fere a pupilla, senão confusamente, assim, na esphera das espiritualidades, não queiramos tudo submetter á nossa penetração. Ao passo que espiritos levianos e futeis imaginam que nada lhes sobranceia as suas luzes, vêmos os verdadeiros philosophos reverenciarem modestamente o que não comprehendem. Logo que ascendemos ás causas finaes, e queremos palpar o infinito, quem não experimentou confundir-se-lhe a alma, ao avisinhar-se da tremenda escuridade que nos retém, como se a um mortal fosse defeso penetrar na essencia e origem das cousas — no santuario do Altissimo! E pois que a natureza está repleta de mysterios, e todas as sciencias os tem, espanta-nos que os haja na theologia christã? E, no acervo das escurezas que nos envolvem, estranham que a revelação nos falle da essencia divina que nos ultrapassa o entendimento! Mais espantoso seria que tudo fosse facil e correntio em assumpto de si mysteriosissimo e tão sublimado.» (Locke).

MYSTICISMO. «Muito importa estremar o mysticismo religioso, ou philosophico, das doutrinas das revelações sagradas e do *prophetismo.* O prophetismo, que é uma das faces da revelação sagrada, não tem que vêr com um certo mysticismo ambicioso que pretende estar em communicação intima com o Ente Supremo quando lhe praz, e obrigal-o, para assim dizer, em que lhe peze, a revelar-lhes seus mysterios. A *revelação*, longe de confundir-se com o mysticismo, reprova-o. O que ella ensina são dogmas e factos positivos. O mysticismo, procedente de simuladas communicações com os genios celestiaes de extasis e visões, é perigoso por todas as fórmas: seduz os fortes com o orgulho, os fracos com a vaidade, e todos com a felicidade real ou imaginaria das illusões que dá ou arrebatamentos que promette. Em sã philosophia é uma das aberrações mais deploraveis, e ao mesmo tempo respeitaveis; *deploraveis*, porque ao uso legitimo das faculdades intelligentes substitue o mais irracional abuso d'ellas; *respeitaveis*, porque frequentemente lhe andam de harmonia excellentes virtudes.» (Matter). — A escóla de Alexandria foi simultaneamente escóla mystica e eclectica. (Veja Eclectismo). Reuniu as duas doutrinas mais competentes a uma escóla destinada a marcar periodo importante na historia. Ao espirito humano, exhauridos os mysterios, e a braços com a duvida, restam-lhe os enthusiasmos da fé e as verdades de mera intuição; vem depois o eclectismo, signal de civilisação no extremo do seu cyclo, e completa ausencia de originalidade. O eclectismo alexandrino não só aspirou a reconciliar todos os systemas da Grecia, cuja civilisação ia acabar, senão que alliançou o espirito grego ao oriental e a philosophia ás religiões. O fundador da escóla de Alexandria (3.º seculo depois de Jesus Christo) foi Ammonius Saccas, cujos discipulos foram Plotino, que escreveu as *Enneadas,* o mais bello padrão do mysticismo alexandrino; Porphiro, erudito, sagacissimo e moderado; Jamblico, que tendia a obter a sciencia do absoluto, mais por esconjuros que pela força do raciocinio; em fim o imperador Juliano e Longino, supposto author do *Tratado do sublime.* (Veja Scepticismo, Racionalismo, Philosophia, Platão, Aristoteles).

MYTHOLOGIA. «Que religião era esta que os poetas, os philosophos, os legisladores, os theologos, podiam impunemente achincalhar e desmentir? Seria ella um laço sómente para o povo? criam n'ella os philosophos e escriptores notaveis? podiam-se atacar tradições religiosas, sem offender as divindades? não é verdade que esses escriptores antigos teem tanto em desabono, e mesmo em desprezo de

alguns deuses, que d'ahi se póde inferir que esses deuses não eram inviolaveis? não eram singularmente separados, e como estranhos, o principio da moral publica e da crença religiosa? Eis ahi outras tantas questões, que ousariamos agitar, se o espaço nos não comprimisse; e afigura-se-nos que o resultado seria uma nova e plena demonstração da superioridade, verdade, infallibilidade da religião christã.

«Uma observação importante a apresentar sobre a crença dos romanos, é que a maxima parte dos artigos, ainda dos essenciaes, da sua religião, não podia ter caracter dogmatico, e de immobilidade, porque não havia codigo algum de religião, que se suppozesse pela divindade inspirado, e no qual nada fosse licito augmentar, diminuir, ou de qualquer sorte alterar. Quasi todos os deuses foram mortaes que, por façanhas militares, descobrimentos uteis, sabias leis, ou serviços relevantes, alcançaram, em quanto vivos, o respeito e veneração dos homens, que foi crescendo depois da morte, e convertendo-se em apotheose. Chegou-se ao extremo de se nomearem deuses por decreto! e tambem, como na revolução franceza, de se arrancarem aos nichos gloriosos para serem arremessados aos canos de despejos. Mas tudo isto foi já na decadencia; confessemos que, nos bons dias de Roma, o quadro era mui outro.

«A religião é o fundamento da sociedade civil. A religião é o fundamento de todo ser espiritual do homem. Os romanos (diz monsieur Rollin) desde a origem de Roma, estabeleceram por principio fundamental da sua politica o temor dos deuses, e o respeito pela religião. D'este respeito e temor nasce essa multidão de templos, altares e sacrificios; d'elles nasceram os agouros, e os auspicios, e tantas diversidades de adivinhações: d'elles provieram esses votos tão frequentes, formados nas occasiões de maior necessidade. Este é o cumprimento leal que lhe davam os romanos, os quaes se enganavam no objecto, mas discorriam exactamente no principio. Persuadidos, pelo bom raciocinio, ou mais depressa por um instincto de religião natural (que não póde riscar-se dos corações dos homens) que a divindade predomina a todas as disposições do universo; que ella é quem distribue (como lhe parece) o premio aos homens, o espirito, a razão, a prudencia, a firmeza da alma, o valor, e todas as outras qualidades, das quaes dependem os successos das empresas; julgaram conveniente implorar o poder celeste, d'onde emanaram tódos estes dons, e que, por consultações religiosas, procurassem descobrir as vontades dos deuses, para lhes merecerem a protecção. Felizes elles, se a estas disposições juntassem o conhecimento do verdadeiro Deus! Não é crivel quanto essa convicção da divindade, gravada profundamente na alma ainda tenra da infancia pela educação, instrucção, e discursos dos paes, e mais que tudo pela assistencia das ceremonias publicas, fazia depois uma viva impressão sobre os espiritos. A santidade dos juramentos, feitos debaixo dos olhos da divindade, em nenhuma parte foi tão respeitada como em Roma; os soldados, por mais descontentes que estivessem, se não atreviam a desamparar os seus generaes, porque se tinham obrigado a não os desamparar, pelo juramento. Por tantos seculos nunca se atreveu alguem a dar ao censor uma falsa declaração dos seus bens. A religião apagava o fogo das maiores paixões, fazia os homens mais doceis, e mais obedientes á authoridade legitima; era um laço que unia os cidadãos da mesma cidade e os subditos do mesmo estado; em uma palavra, era o mais poderoso incentivo, que se podia empregar para inspirar valor nos combates, e nos perigos.

«O ser o paganismo uma religião hoje morta, não basta para que deixe de interessar. Independentemente de que uma imaginação, como a de Ovidio, aviventa todas as cousas por onde passa, podemos dizer que o culto mythologico, com que nos criámos

nas escólas, conserva ainda, para nós, um germen de verdade e de vida. Muitos dos que, se fossem poetas, não ousariam já hoje fallar em Dryadas e Nayadas, e não perdoam aos que, por um resto ainda do antigo impulso, algumas vezes se permittem taes ornatos, todavia, se bem se espreitarem, acharão em si algum resto de paganismo, que a seu mau grado se revela, quando as scenas sublimes, fortes, ou formosas, da natureza os excitam. Quem ha tão philosopho (ou tão completamente christianisado) que, em dias de mocidade, a um bello luar de estio, sentindo arfar-lhe o peito, e absorvido n'um vago pensamento, se não recorde, com certas saudades que são amor, e com certo amor que é crença, d'aquellas tradições, que povoavam todo o universo de divindades amorosas e beneficas? Isto, pelo menos, se póde dizer, e dar e tomar por verdadeiro: que por isso mesmo que de todo morreu a mythologia, não póde deixar de ser recordada com affecto: e por isso mesmo que foi, e se n'ella havia de certo modo transformado uma parte da antiga e perdida historia, d'isso que ella d'ahi tirava de real, parece se lhe fadou realidade e permanencia.» (J. F. de Castilho).

N

NAÇÕES. «A religião e os costumes são a fonte da prosperidade, para as nações e os homens.» (De Lévis). — «Os germens funestos que são depositados n'uma nação, não se desenvolvem todos com a mesma força; muitas vezes não conseguem senão ir corrompendo lentamente uma a uma as consciencias, até que o corpo social, que conserva ainda todas as apparencias de vida, seja inteiramente gangrenado por dentro, e acabe por cahir n'uma espantosa dissolução.» (Mgr. Affre). — «Do centro das nações eleva-se até Deus que as governa, ou o perfume da virtude que attrahe o seu olhar benevolente e o orvalho de suas bençãos fecundas, ou uma exhalação de iniquidade que lhe faz carregar o sobr'olho, apertando em suas mãos o raio com que vai fulminal-as?» (M.me Pavy). — «A innocencia da alegria sincera não é senão do povo.» (Massillon). — «Occupai-vos muito das virtudes do povo, alguma cousa das suas necessidades e interesses, pouco pelos seus divertimentos.» (De Bonald). — «O povo é um soberano que não pede senão de comer: sua magestade está tranquilla quando digere.» (Rivarol). — «O sentimento é a razão e a sciencia do povo.» (Ferrand). — «O povo sempre arrebatado não julga senão por suas proprias sensações.» (Lemontey). — «O povo tem uma tal mobilidade, que qualquer successo o faz vergar, como o tufão do vento pender as espigas.» (Goldoni).

NANKIN. (Veja CHINA).

NANTES. (Veja BRETANHA).

NAPHTA. (Veja CARBONE).

NARRAÇÃO. Nas escólas chamam *narração* o exercicio que consiste em narrar factos por algum modo importantes. Em rhetorica é a exposição definida dos factos. Não ha genero em que a narração não possa ter cabimento: n'uns casos domina e é substancial (genero historico); em outros é accidental (genero oratorio e poesia). As regras da narração dependem do assumpto, do intento do narrador, das conveniencias e occasião; mas o que importa é instruir e interessar. *Clareza*, *verdade*, *verosimilhança* e *interesse* são os predicados que a caracterisam. — A narração é *clara* se o narrador estrema lucidamente as cousas, pessoas, os tempos, lugares, e motivos das acções; se os factos estão naturalmente postos e ordenados; se a expressão é luminosa e competente aos objectos que descreve. A *verdade* ou *verosimilhança* está em expôr as cousas quaes são na natureza, em observar as conveniencias relativas ao caracter, aos costumes e qualidades

das pessoas, e ás circumstancias de tempo e lugar. Quanto ao *interesse*, esse promana do facto mesmo em si e no modo de o narrar. O *dialogo* é a imagem da conversação entre duas ou mais pessoas. Ou o dialogo está consubstanciado na narração, ou em separado, isto é, nem precedido nem seguido da narração. No primeiro caso, o dialogo é uma obra accessoria, que frequentemente se apresenta sob fórma indirecta, é pouco demorado, e cumpre que se use rapidamente. A *descripção* é uma representação dos objectos; seja natural e viva para que nol-os torne sensiveis o mais que ser possa.

NATAÇÃO. «O corpo humano, no estado ordinario de saude, com os bofes cheios de ar, é mais leve do que a agua.

«Esta verdade que todos deviam saber, salvaria mais gente de afogar-se, se fosse universalmente sabida, do que todos os outros meios que se usam para prevenir semelhantes desgraças.

«O corpo humano, com o peito cheio de ar, fluctua naturalmente, com quasi ametade da cabeça fóra da agua, e tem tanto a qualidade de afundar-se como um bocado de pau. A cousa, pois, que unicamente se precisa para se poder respirar e viver, é ser o homem assás senhor de si para que a parte que fica fóra da agua seja a cara.

«A' maior parte das pessoas que ordinariamente se afogam, acontecelhes isto pelos seguintes motivos:

«1.º Porque imaginam que um continuo movimento é necessario para embaraçar que o corpo vá ao fundo; o que os move a estender-se, como quem quer nadar, na qual postura a cara fica para baixo, e seria preciso ter a cabeça toda fóra da agua para poder respirar. Como se não póde estar n'esta postura sem mexer continuamente, n'um instante se esgotam as forças de qualquer, ainda que seja bom nadador, e não o sendo, isto só lhe servirá de tomar mais tres ou quatro vezes a respiração. O corpo, que com algum esforço se ergueu por instantes acima do nivel da agua, mergulha-se outro tanto para baixo quando este esforço cessa: as pessoas que não sabem nadar, pensando que vão ao fundo, ficam assim desorientadas, e mais depressa são victimas do seu desventurado caso.

«2.º Porque se teme que entrando pelos ouvidos, a agua afogue a gente, como se entrasse pelo nariz ou pela bocca, e para obstar a isso gastam-se desasisadamente as forças; o caso é que não póde a agua entrar além do tympano, e por consequencia nenhum mal póde fazer. Todos os que sabem mergulhar ou nadar deixam, sem risco, encherem-se-lhe as orelhas de agua.

«3.º Porque, quando um homem não sabe nadar, vê que vai afogar-se, trabalha por conservar as mãos de fóra, crendo que as tem presas, se as conserva debaixo da agua; mas esta tentativa é muito nociva, porque qualquer parte do corpo que se tenha de fóra junto com o rosto, que realmente carece de estar acima da superficie da agua, exige muito maior trabalho para se poder sobrelevar, o que então se torna impossivel.

«4.º Porque não se attende a que, quando o corpo humano fluctua n'uma posição perpendicular, tendo só uma pequena porção acima da superficie, se a agua está agitada (como acontece no mar) ao passar qualquer vaga, a cabeça fica por um momento coberta, mas está desembaraçada d'ahi a um instante. O nadador habil aguarda essa occasião para respirar.

«5.º Porque não se conhece a importancia de ter os bofes cheios de ar o mais que se poder, o que vem a dar no mesmo que ter uma bexiga cheia de vento dependurada ao pescoço, o que bastaria para suster quasi toda a cabeça de fóra. Tanto que os pulmões ficam vazios, se a cara está debaixo da agua, não sé póde já respirar, e então o corpo vai ao fundo, porque especialmente é mais pesado do que a agua.» (*Panorama*).

«*Utilidade da natação na arte da guerra.* «A agua, no seu estado livre, nos seus movimentos naturaes, isto é ·

ou profunda, ou rapida, ou tranquilla, ou agitada, é um adversario formidavel, que é preciso combater, e vencer sob pena de morte. A luta com este elemento é a natação. O nadar não é faculdade natural ao homem, que não recebeu do Creador o dom de nadar, como recebeu o de andar, e as aves o de voarem. Além d'isto, a estructura e constituição do homem parece que o impedem de nadar, porque para este fim necessita tomar attitudes e posturas, que lhe são pouco naturaes: só com os auxilios da arte consegue elle, assim elevar-se aos ares, como guiar-se no meio das aguas.»

«Tal é o preambulo de uma obra recente, publicada pelo visconde de Courtivron. O author emprehendeu a tarefa de mostrar a utilidade da natação; por quanto, depois da caça fôra a primeira precisão dos homens primitivos. Privados do soccorro das pontes, ignorando a construcção de barcos, não conheciam outros meios de passar os rios caudaes senão atravessando-os a nado. De necessidade deviam recorrer a este unico expediente, por causa das frequentes inundações a que eram expostos certos paizes; pela pesca de que viviam algumas nações, e que então se fazia, colhendo o peixe á mão dentro da agua; e tambem pelo uso universal de se banharem. Por isso vêmos o exercicio da natação honrado entre os povos mais antigos, principalmente os que habitam á beira dos rios ou das praias do mar.

«Todavia o fim principal do excellente livro de mr. de Courtivron é provar a utilidade da natação applicada á arte militar; e para este effeito recopila grande numero de factos curiosos, entre os quaes escolhemos o seguinte: «O bloqueio de Genova foi, pela sua importancia e pelas circumstancias que o acompanharam, um dos episodios mais interessantes das guerras da revolução. É inexplicavel a extremidade a que a cidade se viu reduzida em maio de 1800. De 60 barcas mandadas a França a buscar bastimentos, nem uma póde escapar á vigilancia do cruzeiro. Todavia os officiaes, successivamente enviados para dar noticia da posição do exercito, não receavam affrontar os perigos da jornada para trazer as respostas de Bonaparte, aos avisos dos soccorros, tantas vezes promettidos, e com tanta impaciencia esperados. Entre elles sobrêsahe a intrepidez e ousadia do chefe d'esquadrão, Franceschi, que depois veio a ser um general benemerito. A 25 de maio, tendo embarcado n'um batel só com tres remeiros, atravessou, com o auxilio da noite, o cruzeiro inglez, e chegou á linha de chalupas, mais proxima da praça, quando rompia o dia. Achou-se no meio da bahia, a uma legua da praia, exposto ao fogo cruzado das embarcações. Um dos remeiros foi morto, outro ferido, e não podia aquelle official evitar de ser aprisionado dentro do batel. N'esta extremidade, amarrou com um lenço os officios ao pescoço, despiu-se, e deitou-se a nado para a praia, mas lembrando-se que abandonára as suas armas, que seriam um trophéo em poder do inimigo, voltou a bordo, e de novo se deitou a nado com a espada segura nos dentes: teve que vencer um grande espaço, lutando teimosamente contra as vagas, mas conseguiu chegar salvo á praia, ainda que já quasi esgotado de forças.» D'este modo salvou a missão de que era incumbido, a sua liberdade, e a sua honra.

«Mr. de Courtivron não se limita só a expender factos, mas querendo desenvolver praticamente o seu pensamento, construiu um modêlo de jangada para o transporte d'artilheria em campanha, conduzida por soldados nadadores. Até o presente quando se tem usado de jangadas para este fim, são encaminhadas por homens com remos e pás, e nunca sem muita fadiga, e bulha. Ora o meio certo de evitar o estrondo é substituir com soldados nadadores os homens dos remos. Seis soldados, quatro aos angulos da jangada, e dous á frente, a conduzirão com facilidade, e em silencio, á margem que fôr designada segundo a opportunidade: dizemos *com facilidade*,

porque é incrivel quão pouca força se precisa para dar impulso n'agua aos corpos mais onerosos. A simples pressão do dedo do nadador basta para imprimir um leve movimento na viga mais pesada.

«A jangada proposta pelo author é composta de quatro traves entalhadas pelas pontas umas nas outras formando um quadrilongo; o espaço intermedio cobre-se com pranchões fortes; e collocam-se na parte inferior dos angulos d'este quadrilongo toneis ou pipas vazias cintadas com cortiça. Estas vasilhas sustentam a jangada, que póde assim carregar enormes pesos. Por esta fórma, os seis nadadores, que a farão mover por impulso manual, levam decidida vantagem a homens que é necessario collocar nas jangadas ordinarias; e os remos, e mais apparelho são inteiramente inuteis.

«Mr. de Courtivron acaba assim: «Officiaes engenheiros, a quem mostrei o meu modêlo, lembraram-se de que certa quantidade de bexigas, postas á roda da machina, a pouca distancia umas das outras, lhe prestariam força prodigiosa para supportar grandes pesos. Adopto a sua opinião, e persuado-me que este methodo seria muito economico. Deixo aos engenheiros o cuidado de applicar as minhas idéas ás machinas, que será possivel fazerem-se para o transporte d'artilheria. Procurei desempenhar a minha tarefa como nadador, offerecendo-lhe o meio de transportar as jangadas com mais segurança, e com tanta promptidão como pelo modo até agora em pratica.»

NATURALISMO. Uns philosophos, estudando as leis que regem o mundo, proclamaram a natureza como primeiro principio de todas as cousas. Perguntados se prescindiam de Deus no seu systema, responderam que Deus existia, mas não intervinha nas theorias do mundo.

Outros philosophos, estudando individualmente a natureza no homem, admittiram um destino sobrenatural, mas negaram a graça, porque esse destino consegue-o naturalmente o homem, por força da sua condição.

O primeiro systema exclue Deus, porque, privando-o d'acção, importa o mesmo que negal-o.

O segundo nega a necessidade da graça.

Pelo que, o naturalismo, representado por qualquer d'esses dous systemas, implica a negação de uma verdade de primeira ordem, ou a subordinação d'um elemento principal, a um elemento secundario. Logo, o naturalismo é systema integralmente falso.

O pantheismo, o atheismo, a heresia pelagiana, o racionalismo são uma fórma do naturalismo.

São duas as mais salientes physionomias; uma é o systema philosophico; a outra é a heresia.

Diderot definiu naturalistas os que admittem uma só substancia, dotada de attributos diversos, em virtude dos quaes tudo no universo necessariamente se executa.

E acrescenta, depois, que a sua doutrina é identica á dos atheus, dos materialistas, e dos spinosistas.

O naturalismo foi a religião e a philosophia da antiguidade.

A natureza-materia e a grande alma do systema dos induos, attribuido a Kapila, exclue a idéa de Deus. É o naturalismo.

A philosophia de Kánada fundamenta a theoria do mundo nos principios do materalismo, dignos de Epicuro. É o naturalismo.

O buddhismo é a emanação do ente infinito nos entes finitos, onde o deus-natureza encarna identificando-os. É o naturalismo.

E os cultos de Mithra na Persia, e o de Osiris no Egypto são o naturalismo, mais ou menos materialisado por fórmas exteriormente religiosas.

O naturalismo, á chegada do Evangelho, mudou de caracter.

O dogma catholico da creação explica, quanto é possivel a homens, a origem das cousas. Deus imprime um impulso de vida aos seres, cuja possibilidade de existencia estava n'elle, desde toda a eternidade.

A doutrina da creação foi aceite por todos os philosophos, e todas as escólas, afóra a de Alexandria.

O naturalismo — diz um sabio — não fôra destruido, mas mudára de terreno. Considerou-se o homem em relação com a graça, proclamada pelo christianismo.

A palavra «graça» tomada no sentido que lhe dá a theologia catholica, contém, na idéa que exprime, uma noção dupla. A graça está appensa á natureza humana, mas é independente d'ella.

A graça eleva-nos onde a natureza não sobe.

Negar alguma d'estas noções é negar a graça.

NAVEGAÇÃO. «Quando o viajante moderno se recosta mollemente nos fôfos coxins de uma dourada camara, diante de uma mesa esmaltada de manjares opiparos, licôres preciosos, porcelanas e crystaes, correndo sobre as vagas de uma e outra extremidade do mundo, por impulso do helice ou das rodas de possante *steamer*, e compára o sybaritico transporte em um barco de apurada construcção dos nossos dias com os incommodos e privações da passagem em um navio de outras eras; a quasi certeza do tempo que gastará na viagem em veloz embarcação movida pela força do vapor, com o cansaço de um trajecto longo e incerto em ronceiro bergantim, sujeito aos caprichos do vento e das correntes das aguas, abençôa os progressos da industria, e reconhece mais uma vez que a civilisação não é uma palavra vã.

«Desde as informes jangadas egypcias destinadas á navegação fluvial, primeiras embarcações de que temos noticia, quantos passos deu a arte de navegar e a construcção naval até attingir a perfeição de um *cliper*, a solidez de uma moderna nau de linha, a velocidade de um barco de systema mixto, a grandeza da *Britannia*, do *Hymalaia*, do *Presidente*, do *Leviathan!*

«Embora os aferrados a velhas crenças, com os livros de Herodoto, Plinio e Atheneu na mão, nos fallem das viagens dos egypcios e phenicios á roda da Africa, em sentido opposto á de Pero d'Alemquer, e especifiquem as quarenta ordens de remos, os quatro mil galeotes, e todas as dimensões da famosa galé de Ptolomeu Philopator; responder-lhes-hemos: Fabula!...

«Polybio, Ptolomeu, e outros escriptores, que viveram muito tempo depois d'aquellas imaginarias viagens, até ignoravam a configuração da parte austral da Africa!... E quem moveria os remos da tolda da celebre galé de Philopator, se cada um d'elles, segundo diz Atheneu, tinha cincoenta e sete pés de comprimento?!

«A origem da navegação perde-se na noite dos tempos, e nenhuma arte teve tão dilatada infancia como a construcção naval. Por muitos seculos o Nilo e o Euphrates, foram apenas sulcados por imperfeitas jangadas, que serviram de modêlo ao *coracle* dos antigos bretões: o remo, e depois a vela, começaram mais tarde a impellir sobre as vagas a ligeira canôa, cavada no tronco de uma arvore, ou formada de varias peças de madeira. Os phenicios aperfeiçoaram bastante estas embarcações, e crearam a marinha de guerra; os persas e os gregos deram a primeira batalha naval de que ha noticia, nas aguas de Salamina; e os romanos pouco adiantaram na arte de navegar e construir navios, posto que alcançassem assignaladas victorias maritimas com as suas galés e torres fluctuantes.

«Se hoje é difficil designar as verdadeiras dimensões de um *holker* escandinavo, de um *drakar*, ou de um *snekar* dos piratas normandos do nosso seculo, de uma *selandra* da meia idade, e ainda descrever com exactidão as partes de uma *caravela*, de uma *galeaça*, ou mesmo de um *patacho* ou de uma *fragata* do seculo XVI; quem se lembraria de querer reconstruir o baixel que transportou Cybele das praias da Phrygia ás margens do Tibre?... Só a imaginação de um poeta.» (Francisco Maria Bordallo).

NAVEGADORES PORTUGUEZES [1]. «Direi primeiro quaes foram as causas que determinaram os descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, para depois narrar esses descobrimentos, e por ultimo tratar das consequencias mais notaveis que d'elles resultaram.

«Gomes Eannes de Azurara, escrevendo a sua *Chronica de Guiné*, diz que foram cinco as causas que determinaram o snr. infante D. Henrique a emprehender as navegações, e a mandar navios portuguezes aos descobrimentos da costa africana.

«Era a primeira causa ignorar-se ao certo quaes paizes e quaes habitantes existiam para além do cabo Bojador, visto que nada de verdadeiro se podera averiguar da fallada viagem de S. Brandão, no seculo VI; e porque nenhum outro principe trabalhava n'isto, se decidira a fazel-o o snr. D. Henrique, por honra de Deus e d'el-rei.

«A segunda consideração foi toda commercial, attendendo-se aos proveitos que haviam de seguir-se para este reino de se achar n'aquellas terras alguma povoação de christãos, ou alguns portos onde se podesse sem perigo fazer bom mercado.

«Importava a terceira razão ao conhecimento, que instava obter, de qual era, e até onde chegava, o poderio dos mouros, que se dizia muito maior do que commummente se pensava.

«Assentava o quarto fundamento no desejo de encontrar algum principe catholico, que, por amor de Christo, o ajudasse contra os inimigos da fé, na guerra que lhes movêra durante trinta e um annos, sem auxilio de rei nem de senhor de fóra de Portugal.

«Era, finalmente, o quinto motivo o grande desejo que havia de dilatar a santa fé e trazer a ella todas as almas que se quizessem salvar, chamando-as ao gremio da igreja, e dando-lhes ingresso na religião christã.

«Não podemos deixar de acrescentar a estas cinco algumas outras razões, não indicadas pelo erudito chronista, mas que certamente se apresentaram ao espirito do sabio infante, e que, se não foram as deliberativas, deviam contribuir efficazmente para o decidir em seus tão porfiados como aventurosos commettimentos.

«É claro que o illustrado principe havia de ter noticia das navegações dos antigos povos, navegações mais ou menos fabulosas, mais ou menos longinquas, como foram as do carthaginez Hannon, de Sataspes, de Polybio, de Meneláo, de Necháo, de Eudoxo, e ainda outras cuja descripção tem chegado até aos nossos dias. N'algumas d'estas navegações se dizia haver sido costeado todo o continente de Africa, sahindo de Alexandria, passando as columnas de Hercules, dobrando a grande fronteira de Africa, entrando no mar Erythreo e ancorando em Suez. Ao Ophir de Salomão, á viagem de Marco Polo ao Cathayo no seculo XIII, devemos juntar as antigas navegações dos portuguezes, que já em tempos do snr. rei D. Affonso IV chegavam ás ilhas Canarias, ou antigas Fortunadas, navegações de que especialmente o estudioso infante devia ter cabal conhecimento, e que muito influiram de certo para apressar os primeiros passos em tão arriscada empresa.

«Chegára o infante D. Pedro de Veneza, onde residira por muito tempo. Era então, no seculo XV, Veneza, a nação que distribuia por todos os portos do Mediterraneo os productos da Asia. Tinha Veneza as mais estreitas relações com o Egypto e com a Persia. Os venezianos devassavam aquelles riquissimos emporios, e conheciam, como nenhum outro povo, a grandeza do Oriente. Eram elles quem melhor podia informar ácerca do tão celebrado reino do Preste João, principe que se dizia pertencer ao gremio do catholicismo, possuir vastos dominios, numerosos subditos e grandes thesouros. Presumimos, por-

[1] Solicitamos e obtivemos do versadissimo author d'este perfeito compendio dos descobrimentos feitos por portuguezes, licença para o trasladar integralmente.

tanto, que traria o infante D. Pedro basta colheita de taes noticias, que mais deviam estimular os aventurosos desejos de seu irmão; de seu irmão, que, dotado de esclarecido entendimento, não podia forrar-se ao desgosto de vêr que Portugal, tendo repellido os mouros para fóra d'esta terra, jámais conseguiria alargar os seus limites territoriaes, avançando as fronteiras cercadas já por principes catholicos, senhores de poderosos exercitos. O mar, porém, banhando Portugal em toda a sua extensão, vindo beijar as suas praias e morrer debatendo-se contra os seus rochedos, estava como que convidando o nobre infante a buscar n'elle, e por elle, os dominios que a terra da Europa lhe recusava.

«Apropriada era a occasião. A espada do mestre de Aviz ganhára a corôa de D. João I; e se o heroico valor do condestavel alcançára em Aljubarrota firmar o solio do monarcha, a marinha portugueza não ficára ociosa, nem deixára de contribuir efficazmente para a independencia da patria. Foram os navios portuguezes que, indo ao Porto, á sempre leal cidade do Porto, buscar os reforços de que necessitavam os oppressores sitiados em Lisboa, conseguiram, a despeito das balas da armada castelhana, com a qual travaram rijo combate, e da sentida morte do valente commandante Ruy Pereira, desembarcar os soccorros tão opportunos, que obrigando o monarcha hespanhol a levantar o cêrco de Lisboa, o predispozeram para as tregoas celebradas em 1411 entre as duas corôas.

«Chegára, pois, o momento. De Lisboa sahiram logo em 1412 os primeiros navios, mandados pelo talentoso infante com ordem para costear a terra de Africa, e, dobrando o cabo de Nam, passarem ávante.

«Mas nem bastavam ainda as cautelas tomadas, nem as relações obtidas, nem as concebidas esperanças. Faltava ainda, antes de proseguir no emprehendimento, assegurar a partida e a chegada tranquilla dos modernos navegantes. Urgia alcançar um ponto que, servindo de base ás futuras operações, fosse o centro d'onde podessem velejar, e aonde acolher-se do rigor dos temporaes os navios que sahiam a descobrir. Mais ainda instava que esse ponto fosse situado por modo asado a impedir as depredações e a estorvar as piratarias dos corsarios barbarescos, os quaes, desembocando do estreito, cahiriam de certo sobre os pacificos mercadores, e, roubando-os e levando-os ao captiveiro, lançariam tal desanimo, que, escarmentados, fugiriam os mais audazes de aventurar-se a tão triste fim, qual era o de escapar á luta dos ventos e dos mares para ir morrer, carregado de ferros, nos calabouços dos infieis, ou vergado ao mais rude e violento trabalho, sem que os olhos podessem fitar a cruz de Christo, sem que os labios podessem recitar uma oração á Virgem, sem que os braços podessem estreitar um amigo. Regar com o suor do rosto e as lagrimas do coração a terra dos mouros, morrer morte affrontosa sem escutar as palavras do sacerdote christão, era mais do que morrer. Por isso instava e urgia desde logo evitar previdentemente as consequencias, que viriam tão certas como funestas.

«Ceuta, possuida pelos agarenos, satisfazia a todos os intuitos, aguçava todas as cubiças; Ceuta era necessaria ao illustre infante D. Henrique; Ceuta cahiu, pois, em poder dos portuguezes no anno de 1415. Se D. Henrique commandava as forças, o rei D. João, como passageiro e combatente, arvorava o balsão da ordem de Christo na muralha mahomentana, abrindo brecha a golpes da rija espada por entre a multidão dos islamistas.

«Mal reconhecem os mouros a perda que acabam de padecer, quando prestes se ajuntam, pondo em apertado sitio as dezenas de portuguezes que bem defendem a nova perola engastada na corôa dos nossos reis. Vôa alli o heroico principe, como ferida leôa a quem pretendem roubar o filho querido das suas entranhas; e se a novidade do seu apparecimento es-

palha o terror pelos inimigos, não lhes deixando sentir mais uma vez a tempera da sua adaga, os sitiados, sob o mando do illustre conde de Vianna, irrompem e desbaratam os sitiantes, provando-lhes que até na propria Africa os cavalleiros da cruz não cedem aos adoradores do crescente um palmo de terra, ainda que para resgatal-o não baste todo o sangue de um heroe, nem toda a vida de um martyr.

«Levantado o cêrco, por tres mezes se demora o talentoso infante indagando e perscrutando dos viajantes e dos mais instruidos noticias que ambiciona recolher d'esse vasto continente tão desconhecido e tão differentemente julgado. Volta a Portugal o esforçado principe, e mais instantes e mais repetidas são as viagens e navegações sem fructo. O temor prende os nautas ante o formidavel cabo a que chamam Bojador, pelo muito que *boja* para o mar. As correntes parecem-lhes tão impetuosas e difficeis de vencer, que receiam ser arrebatados e envolvidos por ellas. A effervescencia (rebentação) que observam junto d'elle inspira tal receio, que os mais audazes não se atrevem a porfiar para montal-o.

«Nem por isso deixam de continuar as tentativas. Em 1418, Bartholomeu Perestrello, um d'estes navegadores, levado por uma tempestade para o sudoeste, quando espera encontrar a morte nas ondas, eis que descobre terra, para ella se dirige, e a que dá o nome de *Porto Santo*, pelo abrigo e repouso que alli encontra. Vem trazer esta alegre nova ao magnanimo Henrique, e logo no seguinte anno volta á ilha de Porto Santo, acompanhado por dous navios commandados por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, levando os primeiros elementos da futura colonisação. Perestrello regressa a Portugal; Zarco e Tristão Vaz, descortinando ao mesmo rumo no horisonte um ponto escuro e permanente, para elle se dirigem, e abordam á ilha da Madeira.

«Estes primeiros fructos não desviam a attenção do perseverante principe do seu principal intuito. Tem elle a satisfação de fazer dobrar em 1429 o cabo Bojador. Gil Eannes, natural de Lagos, conseguiu a façanha. E façanha foi esta para época em que a sciencia de navegar era em demasiado atrazo para se oppôr não só aos perigos visiveis, que estes eram os menos de temer, mas, e particularmente, aos perigos fabulosos que a tradição conservára e o vulgo repetia a medo; tão tenebrosos se afiguravam.

«Registam as chronicas e as historias maritimas os preconceitos, não só do vulgo, ou dos menos instruidos, mas ainda de estudiosos e pensadores, de que, passando para o sul de certa latitude, a raça caucasica se tornava negra como a ethiope; de que o mar era tão baixo, que nenhum navio o podia navegar, formando apenas um vasto parcel; não faltando tambem a affirmativa de que o ardor do sol se tornava tão intenso, que ninguem podia viver em taes latitudes. Finalmente, ainda se juntava a este desanimador quadro de receios o boato de visões e phantasmas, com todos os correspondentes attributos do sobrenatural, e com todas as imaginações mais do que sufficientes para intimidar então os mais esforçados. Foi, pois, uma façanha este conseguimento de Gil Eannes, e façanha igualada aos trabalhos de Hercules.

«Em 1431 sahe do Tejo Gonçalo Velho Cabral a descobrir terras para oeste. Chega ás Formigas, e com esta novidade vem para Lisboa. Volta no anno seguinte áquellas paragens, e aporta á ilha que denomina de Santa Maria. Agita-se o povo de Lisboa sobre a conveniencia dos descobrimentos, oppondo razões de peso e gravidade áquellas que lhe apresentam de seductora vantagem. Peleja-se a infausta batalha de Tanger. E por estas razões, ou por se entregar unicamente a Deus e a essa religião que se chama amor da patria, o duque de Vizeu sequestra-se ao bulicio do mundo, deixa a capital, e vai fundar no *Sacro Promontorio*, a primeira escóla de nautica e o primeiro

observatorio, primeiros não só de Portugal, como dizem escriptores portuguezes, primeiros da Europa, como accordes testemunham em quasi unanimidade os historiadores estrangeiros.

«Levantada a Villa Nova do Infante, reunidos em Sagres os mais esclarecidos varões, alli se discutem as theorias mais adiantadas, e se lançam os primeiros fundamentos do mais vasto imperio colonial; e d'alli partem ousados Antão Gonçalves, Diniz Fernandes e Nuno Tristão. Descobrem o Senegal, passam Cabo Verde, e chegam ao Gambia. Tambem d'alli sahe Luiz Cadamosto, veneziano ao serviço de Portugal, que aporta ás Canarias, e chega ás ilhas de Cabo Verde. Gonçalo de Cintra deixa o seu nome á bahia onde deixa a vida pelejando em traiçoeiro e desigual combate com os indigenas. Soeiro Mendes levanta o castello de Arguim.

«Somos chegados a uma época fatal. O excelso infante D. Henrique baixa á sepultura. *Mas não morre, porque homens como D. Henrique não morrem.* D'além da campa continua a vigiar, proteger e guiar os portuguezes. E se a morte — em captiveiro — de seu irmão, o infante santo, devia de ser nuvem negra a escurecer-lhe os derradeiros momentos, as ilhas da Madeira, dos Açores, e dezoito graus da terra africana, seriam outros tantos astros a illuminar-lhe o caminho da eternidade, e apontar-lhe a futura grandeza de Portugal. Repousa o inclito varão. Sirva-lhe de funebre distico o *moto* predilecto; e *talent de bien faire* seja o epitaphio do immoral infante D. Henrique.

«Proseguem os descobrimentos. Pedro de Cintra chega ao cabo de Santa Maria. Pedro Escobar e João de Santarem vão á Mina. Deixa Lopo Gonçalves o seu nome ao cabo que avista. Fernando Pó descobre as ilhas de S. Thomé, do Principe, de Anno Bom, e a Formosa, que depois tomou o seu nome. Manda el-rei D. João II a Diogo de Azambuja que levante o castello de S. Jorge da Mina, e expede Diogo Cam para proseguir no reconhecimento da costa. Em 1484 acerta Diogo Cam com o rio Zaire, desembarca na margem do sul, e, tomando conta das terras adjacentes em nome do rei de Portugal, alli assenta um padrão em signal da sua passagem, e para assegurar no futuro a posse que hoje nos pretendem contestar. Ainda em 1859, passados 375 annos, tivemos o gosto de vêr e tocar o pouco que existia de tão valiosa reliquia. Seguiu Diogo Cam para o sul, e no cabo Negro levantou padrão igual ao que deixára no Zaire ou Congo.

«Mas el-rei D. João II havia comprehendido o previdente intuito do infante D. Henrique; conhecêra toda a vantagem e medira todo o alcance do emprehendimento d'aquelle glorioso principe. Ambicionava elle chegar á India. Á India, ao paiz das maravilhas. Á India, tão fabulosamente descripta. Á India, sem passar por terras do arabe ou do persa, e sem necessitar dos navios de Veneza. Rasgado se offerecia já então o horisonte. Devassados os mares até ao cabo Negro, eram vasto campo para largas experiencias e pleitos de ardidez. Se os navios sulcam as aguas em porfiosa procura do extremo ponto de Africa, embaixadores mais ou menos officiosos são mandados por terra com apertadas instrucções e direcção indicada em busca das terras do Preste João das Indias. Archiva a historia os nomes de Pero da Covilhã, ou João Peres da Covilhã, e de Affonso de Paiva, como dous d'estes devotados emissarios.

«Somos chegados ao anno de 1486. Bartholomeu Dias, Pedro Dias (seu irmão) e João Infante sahem de Lisboa em tres navios; demandam o rio Zaire; seguem para o sul; assentam o padrão de S. Thiago na Serra Parda ou Rosto de Pedra; surgem na angra que denominam *das Voltas*, pelos muitos bordos que fazem infructiferamente para montar a ponta do sul, a qual guarda ainda hoje o primitivo nome — *cabo das Voltas*. Correm d'alli para o sul, e quando, passados treze dias, governam a léste, alguns mais

dias se passam sem darem vista da terra. Navegam então para o norte e ferram a bahia dos Vaqueiros. Costeiam a terra, e avistando um ilhéo, n'elle deixam o padrão que lhe dá o nome da *Cruz*. Consegue Bartholomeu Dias, contra a mór parte dos votos, continuar para o norte, e, entrando primeiro o navio *S. Pantaleão* n'um rio, alli fundeiam. *De João Infante* se fica chamando este rio, nome do commandante do *S. Pantaleão*, e não, como diz um author estrangeiro, por ser o nome do infante D. João, que, segundo o mesmo author, ia n'esta viagem.

«Quer Bartholomeu Dias levar por diante a empresa, proseguindo a navegação ao longo da costa; não lh'o consentem, porém, os seus companheiros, e, unanimes em seus votos, obrigam o intrepido descobridor a dar as velas ao vento em direcção á patria. Alguns dias depois avista um formidavel cabo, e, pelas tormentas que o assaltam proximo a elle, chama-lhe *cabo Tormentoso*. Assente n'aquellas immediações o padrão de S. Philippe, e tocando em differentes pontos, vem finalmente largar ancora no Tejo.

«Bartholomeu Dias dobrára o extremo de Africa. Conseguira vencer a empresa de 75 annos de trabalho. El-rei D. João II avisadamente substitue o nome de *Tormentoso*, dado pelo ousado navegador ao temivel cabo, pelo de *Boa Esperança*. Providente signal de quantas esperanças lhe surgiam na mente e no coração. Previdente resolução para despertar arrojos e afugentar temores. Mas, assim como o cabo da Boa Esperança havia de fazer esquecer o das Tormentas, e Vasco da Gama sobrepujar a gloria de Bartholomeu Dias, assim tambem ao snr. D. João II não pertencia mais do que dizer á Europa que havia outro caminho para a India. Ao rei *venturoso* cumpria aproveitar os aprestos, proseguir no emprehendimento e receber os feudos do Oriente.

«No sempre memoravel dia 8 de julho de 1497 sahem do Tejo, do ancoradouro do Restello, quatro navios: o *S. Gabriel*, de 120 toneladas, commandado por Vasco da Gama; o *S. Raphael*, de 100 toneladas, commandado por Paulo da Gama; o *Berrio*, de 50 toneladas, commandado por Nicolau Coelho; e uma nau de 200 toneladas, commandada por Gonçalo Nunes.

«Se o rei, em Monte-mór, recebe um juramento de Vasco da Gama ao entregar-lhe a bandeira da ordem de Christo, se os freires da mesma ordem são conforto na despedida e rogadores pela prosperidade da viagem, no céo, junto ao throno do Creador, ainda mais valiosa supplica se ergueu. Os filhos de D. João I oravam de certo pelos nautas que iam rota batida procurar o Preste João e o rei de Calecut.

«Mas sigamos a esteira d'aquelles navios. Vai n'elles todo o futuro de um reino. N'elles não, vai n'um sómente, porque sómente a um homem podia confiar-se o futuro da patria, e esse homem havia de ser Vasco da Gama. Sigamos a esteira d'aquelles navios; nem pareça menos util nem menos digno da maior altura, narrar e memorar ainda as menores particularidades em factos que são fastos, em descripções que se tornam por si mesmas, sem galas nem atavios, sem pompas nem louçanias de linguagem, verdadeiras epopéas, epopéas que exaltam a coragem de um povo, que avivam memorias gloriosas, que fazem pulsar apressado o coração, enthusiasmar o pensamento, expandir venturosa a alma, reverdecer e florir a arvore santa do amor patrio. Sigamos pois a esteira d'aquelles navios.

«Dão elles as velas ao vento, avistam as Canarias, e, passando ávante, vão ancorar na ilha de S. Thiago. Refeita a aguada, navegam ousadamente para o sul, e durante tres mezes só vêem céo e mar. Governam para a costa, e, descortinando a terra, ferram n'uma grande bahia, que chamam de *Santa Helena*. É ahi ferido o capitão-mór, por causa de Velloso encontrar *aquelle celebre outeiro mais facil de descer que de subir;* corregem os navios, e, velejando novamente, pas-

sam o cabo de Boa Esperança em 22 de novembro á pôpa arrasada. Entram na angra de S. Braz, desmancham a nau dos mantimentos; e proseguindo ávante, lutando com a impetuosidade dos ventos e das correntes, denominam do *Natal* a terra que costeiam; visitam aquella que chamam da *Boa Gente*, para depois entrarem no rio dos *Bons Signaes*. Aportam a Moçambique, e, livres das traições dos seus naturaes e dos de Mombaça, surgem em Melinde, onde com bom gasalhado recebem pilotos do paiz. Novamente desferindo as velas, vão ancorar em Calecut aos 20 de maio de 1498. Portugal tinha lançado uma ponte para a India!

«Recebidas as amostras do Oriente, tomados alguns indigenas, supportada a perfidia do Samorim, oppondo sinceridade á traição, attenções e benevolencias aos desdens, lealdade á aleivosia, paz á guerra, o Gama, trajando luto pelo irmão e companheiro, Paulo da Gama, fallecido na ilha Terceira, vem entrar no Tejo a 29 de agosto de 1499 [1], e entregou a el-rei D. Manoel as primicias da India, para receber em paga o titulo de *dom*.

«Alvoroçam-se o reino e a Europa com tal nova. Calculam-se e pesam-se os proventos que podem derivar do extraordinario descobrimento. Ás opposições de longo tempo enraizadas contra as longinquas navegações succedem o afão e delirio com que á porfia pretendem todos visitar as riquissimas paragens d'onde receberam as preciosas amostras conduzidas pelo Gama. Importa, por outro lado, não tanto mandar á India os productos do solo portuguez, mas patentear alli o nosso poderio, para secundar a demonstração que deramos da nossa ousadia. E isto importava não só com respeito ao Oriente, senão, e ainda mais, por interesse da Europa.

«Mal descança o rei no palacio da Alcaçova. Á Ribeira o prendem de continuo os aprestos e vigilias para novos e mais largos apercebimentos. Começam a levantar-se os paços da Ribeira com o rapido construir das naus e galeões.

«Não ha mingoa de ardimentos onde sobram as virtudes cavalheirescas; não faltam ousadias onde abunda a fé; não esmorecem o valor e coragem onde o amor da patria campeia altivo por sobre todos os outros sentimentos de um povo.

«Treze navios, sob o mando de Pedro Alvares Cabral, largam do Tejo, e, ou para se desviarem das calmarias do golfão de Guiné, ou levados pela impetuosidade do vento, ou por suspeita de que podem encontrar nova terra, ou ainda outro caminho para a India, tanto se afastam da costa de Africa que aos 43 dias de viagem descortinam um monte, a que chamam *Paschoal*, da paschoa, cuja festividade então era. Navegam ao longo da costa procurando um surgidouro, e tão bom e tão abrigado o encontram, que, ferrando n'elle toda a armada, lhe dão o nome de *Porto Seguro*.

«Constroe-se e levanta-se na praia uma grande cruz, celebra-se a pri-

[1] «Nicolau Coelho chegou a Lisboa a 10 de julho de 1499, e Vasco da Gama a 29 de agosto.» — João de Barros, *Dec.* I, liv. IV, cap. XI, pag, 370.

«A 29 de julho (alguns dizem de agosto) entrou Vasco da Gama no Tejo, aonde já o esperava Nicolau Coelho, que tinha chegado a 10 de julho.» — *Indice chronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portuguezes.*

«Vasco da Gama chegou a Lisboa a 29 de agosto, segundo Goes, ou nos principios de setembro, segundo Castanheda, tendo sido precedido, em 10 de julho, por Nicolau Coelho, etc.» — *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497*, por A. Herculano e o barão de Castello de Paiva, prologo da 1.ª edição.

«A 29 de agosto chegou Vasco da Gama ao patrio Tejo; e sem entrar na cidade, esteve nove dias no mosteiro de Belem, etc.» — *Historia de Portugal*, por Henrique Schœffer.

«D'esta ilha (Terceira) partiu Vasco da Gama para Lisboa, aonde chegou a 29 de agosto, sendo recebido d'el-rei e de toda a côrte com as maiores honras, festas publicas e demonstrações de alegria.» — *Annaes da marinha portugueza*, por Ignacio da Costa Quintella.

«Da ilha (Terceira) foram muitos navios em companhia das naus, que todos chegaram juntos a Lisboa, que foi em dezoito dias de setembro do anno de 499.» — *Lendas da India*, por Gaspar Corrêa, publicadas pela academia das sciencias, sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, liv. I, cap. XXI, pag. 137 e 138.

meira missa n'aquellas regiões, e pelo nome de *Vera* ou de *Santa Cruz* é designada a nova terra abordada por Cabral.

«Ficam alli dous homens e uma cruz. São decorridos 364 annos, e a cruz domina e protege aquelle vasto imperio. Á sombra da cruz de Cabral repousaram os homens de 1500—a cruz de Christo tem defendido durante mais de tres seculos a terra de Cabral. E se trocaram pelo de Brazil o primitivo nome, não poderam trocar por outra a primeira edificação que alli fizemos, o primeiro monumento que alli levantámos e o primeiro signal que alli deixámos. É bello meditar como através dos seculos se afigura ainda hoje pairar sob o céo brazileiro o symbolo de paz e fraternidade deixado por Pedro Alvares. Possa o emblema da redempção guardar e ser o eterno defensor dos nossos irmãos na terra de Santa Cruz!

«Destacado Gaspar de Lemos para o reino com tão fausta nova, veleja a armada a 2 de maio, soltando rumo para o temeroso cabo da Boa Esperança. Alli, em desastrosa tempestade, perece Bartholomeu Dias; e assim pôde o tormentoso cabo *tomar de quem o descobriu summa vingança*. Prosegue Cabral, e, visitando a costa da Arabia e da Persia, vai a Calecut, a Cochim e Cananor, d'onde regressa a Portugal trazendo embaixadores a el-rei.

«João da Nova sahe de Lisboa, e caminho da India encontra a ilha da Ascensão, avista a ilhota ou baixio que recebe o seu nome, e ao voltar a Portugal aporta á celebrada ilha de Santa Helena, que dos nossos dias occupa tão larga pagina em a historia da casa real de França e na da politica geral da Europa.

«D. Manoel é bastante prudente para pensar em tudo, para a tudo attender; não despreza nem olvida o descobrimento de Cabral, e para aquellas terra envia o florentino Americo Vespucio, que, reconhecendo-as, visita a costa, chega ao Rio da Prata, segue para o sul, e se torna ao Tejo para novamente ir áquellas regiões e adquirir a gloria de deixar o seu nome ao novo continente, primeiro avistado e visitado por outros navegadores.

«Entretanto reclama a India a mais séria attenção. Os mouros, surprehendidos no trato exclusivo d'aquelle vasto emporio, ousam tudo, desde a perfidia até á guerra, para prohibir o commercio aos portuguezes. Incitam os naturaes, e, por mil industrias, armam ciladas, movem contestações e provocam combates taes que fazem perigar o nosso estabelecimento n'aquellas apartadas regiões. Levaramos á India a paz, e pediamos em troca da nossa ousadia e esforço a liberdade de commerciarmos; tornaram-nos a traição e a guerra em troca d'aquelle pacifico intuito. Urgia mostrar que, se os navios recebiam especiarias, tambem jogavam possante artilheria; que os recem-chegados negociantes eram mais experimentados ainda nos botes e estocadas, nas lides e nas pelejas, do que no trafego das quintaladas; que, finalmente, se a cruz de Christo arvorada nas bandeiras, e exposta nas velas das naus e galeões, não dizia guerra, não podia tambem servir de manosprezo nem de symbolo de affronta e irrisão para quem a buscára por egide e trophéo.

«Predissera o illustre Gama que daria o Samorim trabalhos e perda de fazendas e de vidas. Ao Gama incumbe D. Manoel de voltar á India, para castigar o senhor de Calecut, assentar paz e duradouro trato com aquelles povos, que bem o merecerem, deixando alli navios para guardar e proteger os portuguezes e seus alliados. Vai D. Vasco, confiado na propicia estrella que lhe fôra guia e pharol; vai segunda vez á India aquelle que depois inspira confiança aos assustados companheiros, bradando-lhes: —«Coragem! o mar estremece afflicto debaixo dos meus pés; assim se mostra timido o vencido ante o vencedor.»

«Tres divisões, compostas de naus, caravelas e galeões, capitaneadas pelo Gama, dão as velas ao vento e singram para o Oriente.

«Tributa o rei de Quilôa, contracta paz e amizade em Cochim e Cananor, inflige severissimo castigo ao rei e cidade de Calecut, recebe embaixadas de diversos principes, e coberto de gloria, vem entrar no Tejo, entregando a el-rei o ouro de Quilôa, que fabricado em monumental custodia, é offerecido pelo venturoso monarcha ao mosteiro de Santa Maria de Belem.

«Contempla a Europa em extatica admiração o espectaculo que offerece um tão pequeno povo; pequeno contado o numero de individuos que o compõem, grande pelo valor e audacia que provam nos arrojados commettimentos.

«Só o turco sobresaltado padece desde logo as terriveis consequencias de tal descobrimento. Só a senhoria de Veneza experimenta o golpe profundo que lhe descarregamos no seu commercio. Por isso a Turquia e Veneza, dando as mãos mais uma vez, ligam-se agora contra os portuguezes na India. Iam estes alargando as relações com estender o conhecimento, com ganhar a affeição dos naturaes, e com desempenhar lealmente os compromissos contrahidos. Mas, se alcançáramos o respeito que impõe a força estacionada n'aquellas paragens, faltava ainda, e faltava sensivelmente alli, a força que deriva da authoridade, a força que partindo de um centro, se irradia para todos os pontos, e a todos os pontos alcança, illumina e dirige.

«Vale muito o braço que fere, mais vale ainda a cabeça que dirige. É essencial mandar, á India não, mas para a India, um homem que por todos pense e a todos governe. Medita o rei na melindrosa escolha d'aquelle que deve ser delegado seu e seu representante. Entre milhares de guerreiros, entre centenas de heroes, mal se compadece preferencia que não venha do acaso. Entretanto o rei medita, e, fitando a vista em D. Francisco de Almeida, designa-o e elege-o para tão ardua missão, e com o titulo de vice-rei o envia á India. É D. Francisco o astro ao qual volvemos admirados o pensamento; é o astro que admiramos cercado pela brilhante auréola formada por todos os nobres portuguezes, que cada dia mais se nobilitam no Oriente.

«Seguido por vinte e uma velas, navega para a India o nobre Almeida, e, mal tem passado o cabo da Boa Esperança, em Quilôa e Mombaça, substituindo o rei, recebendo pareas e levantando fortalezas, assignala a sua chegada ao Oriente, aonde o antecede a fama bem merecida dos seus feitos e victorias. Companheiro e mais que amigo, o bravo D. Lourenço, filho estremecido do vice-rei, é o Hercules portuguez, cujo nome a historia guarda e conserva a tradição em honrada memoria.

«Chegam á India, constroem fortaleza em Cochim, Angediva e Cananor. D. Lourenço descobre Ceylão, acompanha e comboya as naus de Cochim, e, quando descançado repousa no rio de Chaul, é improvisamente acommettido pelas forças combinadas do turco e dos reis de Cambaya e Calecut. E de força são taes navios, que cuidam os illudidos portuguezes vêr n'elles as naus do reino esperadas n'essa monção.

«Não vale, porém, muito aos infieis a surpreza com que os nossos foram colhidos. Responde ao atrevimento dos infieis o valor portuguez, e resgata a heroicidade na peleja o descuidado nos apercebimentos para a luta. Desigual pela inferioridade numerica dos nossos combatentes, dos nossos canhões e dos nossos navios, ainda assim conquista a espada portugueza louros, que bem depressa hão de trocar-se em cyprestes. Esgotam-se as munições no combate, que por traição ou receio, deixou de travar-se braço a braço. Apresados alguns navios do inimigo, vinda a noite, concertam-se os nossos para a pugna no seguinte dia.

«Apesar de novos soccorros e reforços, mais não ousam os contrarios do que esperar pelo combate. Não se fez esperar; que, mal sopra o vento de feição, os nossos, desferindo as velas, manobram procurando abor-

dar a esquadra de Mir-Hocem. A nau de D. Lourenço, mentindo a virar, é levada pela forte corrente de vasante para sobre uma estacada, contra a qual se encontra e ameaça de soçobrar. Instam com o capitão-mór para passar a outro navio. Não o conseguem, porque D. Lourenço quer ser o ultimo a deixar a nau, e não ha bateis nem esquifes para conduzir toda a tripulação. Os outros navios, havendo antes seguido o capitão-mór, quando chegam a surgir é em tal distancia d'elle, que não podem vencer a impetuosidade da corrente para d'elle se acercarem, nem com os navios, nem com os bateis.

«Posto em tão grande aperto, a nau de D. Lourenço é rijamente acommettida. Crivada de balas, completamente alagada e assente no fundo, continua ainda a vomitar a destruição dos inimigos, que se succedem e substituem mais promptamente do que a morte os colhe e arrebata no furor da luta. E a bandeira do capitão-mór só desce da gavea quando uma bala, levando as duas pernas a D. Lourenço, deixa a nau acommettida de toda a força da armada inimiga, defendida apenas por 24 portuguezes — por 24 heroes! Entregam-se elles a Melequiaz, que não aos rumes, e, quando os inimigos entram no destroçado navio, só encontram restos de christãos. Cada gavea é tão acanhada sepultura para os mortos alli accumulados, como a nau é vasto cemiterio. Á entrada do rio se demora a nossa armada, mas não se atrevem os contrarios a investil-a, tão pouco se julgam vencedores, tanto se arreceiam d'aquelles a quem só a força do destino fez que deixassem de vencer.

«Quem levará a triste nova ao vice-rei? Urge dar-lhe prestemente noticia do infausto successo. A sorte, designando a Camacho, o obriga a navegar para Cochim. Entretanto adivinhára presago o coração de D. Francisco a morte de seu filho quando viu voltarem sem elle as naus de Cochim e Cananor. Sereno espera a caravela que já se avista. Chega Camacho, e como a occasião é de lutos e tristezas, não de alegrias e festas, passa a fortaleza sem a saudar, e, desembarcando, vai ante o vice-rei, que o recebe grave, mas tranquillo. Estremece Camacho ao aspecto venerando de D. Francisco, o qual, recalcando no peito as ancias de pai extremoso para só deixar apparecer o vice-rei da India, mais severo que urbano, lhe pergunta: «Porque não salvastes á fortaleza, que não é do pai do morto, mas d'el-rei de Portugal?» Debulhado em prantos, pretende Camacho justificar-se com sentidos lamentos, que sirvam de conforto ao pai que forceja por não parecel-o. «Ora vos ide a descançar, e mandai á caravela que faça sua costumada salva, e eu mandarei na igreja fazer signal pelo defunto; e o mais deixai, porque quem o frangão comeu ha de comer o gallo ou pagal-o.» Isto responde o nobre Almeida, e nobremente cumpre tal promessa. Só ella o retem na India.

«Espera as naus do reino, e, mal que chegam, veleja para onde a vingança o impelle e a gloria o aguarda. De caminho para Diu, entra em Dabul, espalha a desolação e terror, entregando ao fogo o que se livra da espada; chega a Bombaim, e d'alli, por seguro portador, envia o leal D. Francisco uma carta a Melequiaz, governador de Diu, prevenindo-o de que o vai atacar. Não quer o illustre Almeida que digam mouros que o vice-rei vencera por surpreza. Despreza tal soccorro, e, fundeando ante a forte e opulenta cidade, prestes se prepara para um combate que deve decidir do nosso futuro n'aquelles mares.

«Ajudado de todo o mauritano poder no Oriente, sahe Mir-Hocem de Diu, e, fazendo pomposo alardo das suas forças, larga ancora toda a armada bem junto á terra.

«Confiados na superioridade que dá o numero, estão os mouros descançados, e passam em gritas e prazeres a noite que antecede o combate, e que para a mór parte d'elles é vespera da eternidade.

«A pique esperam os nossos pela viração. Tão depressa ella enruga as vagas, como afanosamente é aprovei-

tada nos traquetes, e as naus vão dar fortemente sobre os mouros.

«Trava-se rija a peleja, disputa-se enfurecido o combate. Não é luta, mas encontro de furor, que alli se vê na sanha com que obstinadamente se perseguem os contrarios. De um e outro lado comprehendem que vai ser decisivo este duello. De um e outro lado succedera á inimizade o odio, e ao odio o rancor.

«Celebre nos fastos da historia maritima, foi esta a primeira batalha naval dos tempos modernos, dada segundo as regras de um bem formado plano de tactica, e servirá de dourada pagina em que as futuras gerações leiam a historia de um grande heroe e de um grande povo.

«Suppre a coragem, o esforço, a ousadia, o atrevimento, a ardidez, onde rareia o numero. Acossados por toda a parte, mas por toda a parte multiplicando-se, como que subdividindo-se, e a toda a parte acudindo, cede, recúa, foge e é desbaratado o inimigo, que para salvar-se procura a terra. Com o seu chefe, internam-se e desapparecem os contrarios, para não mais voltarem á India, deixando a armada em despojo e testemunho da victoria solemne alcançada pelo vice-rei D. Francisco de Almeida no sempre memoravel dia 3 de fevereiro de 1508.

«Entrega Melequiaz os 24 captivos que recolhera da nau de D. Lourenço; mais entrega, com largas indemnisações de guerra, os mouros que se encontram na cidade, e alli offerece ao vice-rei que levante fortaleza. Mas D. Francisco entende, como Themistocles entendia e repetia aos gregos, que para ser grande em terra mais preciso era ser grande no mar. Volta Almeida a Cochim, depõe o governo da India, e ao regressar á patria, venerado pelos amigos, temido e admirado pelos contrarios, entra na aguada do Saldanha para morrer morte ingloria e mesquinha em miseravel contenda. E assim, e ás mãos de um selvagem negro, morre um dos mais esclarecidos varões que floresceram no seculo XVI.

«Diogo Lopes de Sequeira, levando comsigo Fernão de Magalhães, chegára a Sumatra e a Malaca, onde assentou feitoria.

«Descobrira Tristão da Cunha as ilhas que ainda guardam o seu nome, fôra a Socotorá, desembarcára com Ruy Coutinho na ilha de Madagascar, a quem chamou de S. Lourenço, e que simultaneamente visitára Fernão Soares.

«Havia então em Portugal abundancia de verdades, espadas largas e portuguezes de ouro, que se expediam successivamente para a India. Nem mais verdade, nem espada mais larga, nem portuguez mais de ouro, alli enviamos do que Affonso de Albuquerque.

«Albuquerque, Napoleão portuguez, foi o primeiro que depois de Alexandre passou á India como conquistador, e, mais do que Alexandre, como civilisador.

«O braço de Albuquerque rende a forte Ormuz. Ormuz, á qual chamava a pedra do annel formado pela India! Ormuz, onde recebe embaixadores do xeque Ismael, que lhe pedem pareas como tributario, e a quem manda entregar pelouros e lanças, dizendo-lhes que é aquella a moeda com que el-rei de Portugal paga tributo aos reis da India.

«Ormuz é pouco, fecha apenas o golfo persico. Como o estreito arabico é guardado por Socotorá e Camaram, mais é preciso assentar fortaleza e dominio em Goa e Malaca. Cahem, pois, em poder do illustre Albuquerque a dourada Goa e a riquissima Malaca. Expede embaixadores e descobridores para Sião, Duarte Fernandes e Ruy da Cunha ao Pegú, e a Moluco Antonio de Abreu.

«Assim consegue o esclarecido Affonso dominar da pequena ilha de Goa todo o Oriente, fechar nas mãos do rei de Portugal aquelle vastissimo emporio, aproveitar e governar o commercio do mundo!

«Das lides do cêrco descança Albuquerque na fadiga da conquista, repousando depois na luta dos temporaes, para em fim se entregar ao du-

ro encargo de reger e administrar tão dilatados dominios, tão extenso commercio, tão variados interesses, tão diversos e numerosos subalternos.

«Não ha lugar para admiração: os acontecimentos succedem-se com incrivel rapidez durante o governo de Albuquerque. Havemos de admirar o genio, o esforço, a ousadia do governador, ou a negrura e perfidia dos invejosos? Nunca tão baixos sentimentos sacrificaram mais nobre victima. Albuquerque, levantando a sua patria ao apogeu do esplendor, ao cumulo da opulencia, recebe em troca de taes serviços a mais negra ingratidão; e, quando o desprezo da côrte pretende affrontar o nobre Albuquerque, elle, ralado pelo desgosto, consumido pela febre que o devora, definha e fallece, acolhendo-se á igreja *mal com o rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-rei.*

«Indigno do nome portuguez fôra eu, se tratando dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, das causas que os determinaram e dos resultados que derivaram d'esses descobrimentos, deixasse de pronunciar os venerandos nomes do illustre Almeida e do grande Albuquerque. Lamento que me falte o tempo, e que, pronunciando apenas os nomes d'aquelles immortaes varões, tenha de passar em silencio os bravos feitos do intrepido Duarte Pacheco e de outros heroes que levantaram á altura das primeiras marinhas dos passados seculos a marinha portugueza no decimo sexto seculo.

«Não posso fazel-o, porque é pouco o tempo que me resta para ainda tratar de tantas e tão grandes acções, de tantos e tão nobres feitos, e para satisfazer á terceira parte do meu ponto. Resumirei, pois, quanto podér, nos mais estrictos limites de uma resenha, e não de larga narrativa, os acontecimentos que se succedem. Outro tanto não devia nem podia fazel-o com os anteriores factos. Foi d'elles, e do systema seguido para o seu conseguimento, que se obtiveram os resultados espantosos que passarei a expôr. Não podia, pois, deixar de consagrar alguns minutos á memoria de portuguezes que logram occupar largas e brilhantes paginas de todos os sinceros historiadores, de todos os philosophos que hão registado o progressivo caminhar dos povos na senda da civilisação, na estrada do progresso.

«Cruzam-se nos mares as rótas dos galeões portuguezes. A caravela desfralda altiva a bandeira da ordem de Christo, guardando do estrangeiro accesso a costa africana.

«A galé sulca, e secunda nas paragens do Oriente os esforços dos nossos contra a traição dos naturaes.

«Levantado o véo, exposto o Oriente a todas as vistas, tornam-se habituaes os portuguezes na manobra dos navios, no conhecimento dos tempos e das costas, e, arrojadamente curiosos, tudo devassam, tudo visitam, tudo observam, buscando os terminos do mundo.

«É assim que ao perpassar das naus se apresentam as ilhas de Pedro Mascarenhas; é assim que Duarte Coelho vai á Cochinchina, Andrade desembarca na China, Jorge Mascarenhas em Lequeos, Antonio Corrêa no Pegú; é assim que a Asia insular é reconhecida, e que a terra depois chamada Nova Hollanda é expugnada; é assim que o Japão se depara á admiração dos capitães e ao zelo fervoroso dos missionarios. As feridas da espada conquistadora eram curadas com o balsamo da religião. Onde apparecia a espada brilhava a cruz. Quando o soldado bradava «Guerra!», o sacerdote solicitava paz e misericordia. Foi assim que nós conquistamos, foi assim que nós civilisamos... Esqueçamos os desvios de quem por vezes deixou de imitar o padre por excellencia, o missionario por dedicação, o martyr voluntario, o apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, em fim.

«Morrêra D. Francisco de Almeida ás mãos dos negros, finára-se Albuquerque ralado pelos desgostos, fallecera el-rei D. Manoel seguindo de perto o seu mais valente capitão, expirára o nobre Gama na India que descobrira. Tão apressados em cami-

nhar para o tumulo como o foram de se immortalisar, presagio devia ser do negro futuro que aguardava a sua patria. Rei venturoso, feliz de ti, que ao legar tantos reinos, tantas glorias e tanto ouro, soubeste escrever em douradas paginas a historia do teu reinado de vinte e seis annos, tão povoada de heroicidades, tão abundante de nobres feitos, que bem vale por si sómente toda a historia de um povo. E se quiz Deus que uma fosse negra entre tantas paginas de ouro, foi de certo para provar ás futuras gerações que existiu em verdade o reino que aliás tomariam por fabuloso, e que o rei d'esse reino foi um homem, D. Manoel, e não um Deus.

«Taes homens não morrem, vivem sempre na memoria. E vivem para guardar o que conquistaram, e vivem para dar exemplo dos seus feitos, e vivem para incitar novos commettimentos, e vivem bem de pé, encostados ao leme do galeão, segurando a penna ou empunhando a espada, em quanto vive o derradeiro que os conheceu. Foi a estes homens que governou D. João III. Estavam os céos serenos e limpidos á hora em que os reis d'armas bradaram «Arraval!», por elle, turvos e carregados os deixou ao soarem os dobres pedindo orações para a sua alma. Foi com a seiva do reinado de D. Manoel que vegetou o de D. João III — seiva que bem podia sustentar ainda a opulenta e pesada corôa que mais tarde havia de despedaçar-se no solo africano, de encontro ás lanças do infiel. Se já não ascendia a estrella que brilhava no céo, essa estrella brilhava comtudo, e ainda não descendia. O occaso... era, portanto, imprevisto.

«Começam as lutas contra quem começa a disputar-nos os proveitos resultantes de emprehendimentos que não foram disputados, e em que sós, e bem sós, nos achamos. Começam a revelar-se as tendencias mercantis para sobrepujar os commettimentos da heroicidade. E estas lutas sustenta-as el-rei D. João III contra a Inglaterra e contra a França, que pretendem frequentar os nossos dominios maritimos. Mas começára a época do commercio, repetimos, e se as espadas de Nuno da Cunha e D. João de Castro ceifam louros immarcessiveis, se Antonio da Silveira e João de Mascarenhas se immortalisam defendendo Cambaya, nem por isso as tendencias se revelam menos em preferir o negocio que produz riquezas ás estocadas que dão morte, ainda que com gloria. É n'este reinado que Martim Affonso de Sousa vai á terra de Santa Cruz, e alli começa a estabelecer colonos, que depois hão de tornar-se n'um grande povo. É tambem n'este reinado que Thomé de Sousa desembarca na bahia de Todos os Santos, onde lança os fundamentos de uma grande cidade.

«Mas o tempo insta, e falta-me fallar de tres prestantissimos varões.

«São elles Côrte-Real, Fernão de Magalhães e Christovão Colombo.

«Nem pelos ter preposto a outros esclarecidos navegadores n'esta brevissima resenha, deixam elles de occupar privilegiados, se não principaes lugares, entre os mais illustres e nobilissimos navegadores e descobridores.

«Fallarei primeiro dos Côrte-Reaes.

«Governava este reino o filho de D. João I. Affonso V acolhia e estimava as arriscadas empresas a que serviam de incitamento o aturado e porfioso estudar da escóla de Sagres. Deviam alli ter achado as antigas noticias dos descobrimentos e navegações do povo scandinavo além da Islandia e Groenlandia, ás terras denominadas Markland, Vinkland, etc., actualmente esquecidas por quem primeiro as encontrára, ou destruidas e submergidas com os infelizes christãos que n'ellas se achavam, ou estes completamente aniquilados e desapparecidos sob formidaveis moles de gelo.

«Quando em Sagres convergiam toda a luz da intelligencia, toda a força da vontade audaciosa de um povo soccorrido com as luzes e os esforços dos mais esclarecidos e dos mais aventurosos genios de todos os paizes, é claro que não podiam mingoar noticias de acontecimentos tão notaveis e

tão sabidos poucos decennios antes. A estas noticias, e ao pensamento primordial que presidia então a todas as nossas navegações, — descobrir um caminho, uma passagem para a India, — devemos attribuir o arrojo com que João Vaz Côrte-Real, fidalgo da casa do infante D. Fernando, se arriscou a navegar para o noroeste em demanda das terras anteriormente visitadas, ou a fim de passar o mar até encontrar a India.

«Sabemos que em 1462 João Vaz Côrte-Real, com Alvaro Martins Homem, chegára á Terra Nova ou do Bacalhau. Não se encontram, porém, vestigios de terem proseguido estas navegações desde então até ao fim do seculo. Foi em 1500 que o nobre Gaspar Côrte-Real, auxiliado por el-rei D. Manoel, conseguiu sahir do Tejo com dous navios, e, tocando na ilha Terceira, visitar os seus amigos e parentes para depois seguir a derrota de seu pai. Chega á terra que denomina *Labrador*, visita o porto das Malvas, a Terra Verde, o rio Nevado, a ilha do Caramelo ou dos Demonios, e o que hoje se diz *Canadá*. Denominou-se *Canada*, e não *Cá nada*, como se cuida que foram as palavras dos primeiros portuguezes que entraram esse rio: *Canada*, por não ser largo o caminho, que, como desejavam e esperavam, désse passagem para a India; e não *Cá nada*, por deixarem de encontrar o ouro, *porque o ouro que então procuravamos era a India*. Volta Côrte-Real a Lisboa, e, partindo novamente para aquellas paragens no anno seguinte, nunca mais se recebem noticias d'elle. Miguel Côrte-Real, seu irmão, dirige-se para a terra do Labrador, e tambem d'alli não volta.

«Quer Vasco Eannes Côrte-Real velejar para as regiões onde lhe desappareceram os dous irmãos queridos; não consente, porém, el-rei, antes manda a outros que vão na infructifera procura dos Côrte-Reaes! E o que resta de tanto esforço e ousadia, de tanta coragem e dedicação? A gloria de contarmos entre os Gamas e Albuquerques, Almeidas e Castros, os nobres Côrte-Reaes, cuja memoria será tão duradoura como a terra que descobriram e onde pereceram! E' o que resta dos Côrte-Reaes!

«Navegára, e tornára-se distincto na sciencia do mar e da guerra o nosso compatricio Fernão de Magalhães. Seguira para a India na frota de Diogo Lopes de Sequeira, quando aquelle capitão fôra ás ilhas de Madagascar e de Malaca. Na volta de Goa para o reino, naufragando as naus, deveu-se á intelligente energia e ao dedicado serviço de Fernão de Magalhães, com a salvação das vidas, o não se perder toda a fazenda real. Em galardão d'estes trabalhos, pediu Magalhães a el-rei o acrescentamento de duzentos ou de cem reis mensaes na sua moradia; mas D. Manoel, ou por causa de um processo em que fôra envolvido o illustre navegador, ou porque lhe não houvesse ganhado affeição, indeferiu o pedido.

«Este indeferimento valeu uma grandissima gloria á Hespanha. Fernão de Magalhães, estudando e meditando, recebendo copiosas informações das Molucas e de todo o Oriente, presentiu que havia ainda outro caminho para a India além d'aquelle que fôra descoberto pelo Gama. Crente n'esta esperança, deixa Portugal, e vai offerecer á corôa hespanhola o roubar-nos o exclusivo do commercio oriental, patenteando um outro caminho para alli — sem passar pelos dominios portuguezes. Mais offerece provar que as Molucas pertencem á demarcação de Hespanha, quer pela bulla do papa Alexandre VI, quer pelo tratado de Tordesilhas.

«Consegue Fernão de Magalhães a necessaria licença de Carlos V, e no dia 1.º de agosto de 1519 sahe de Sevilha no navio *Trindade*, seguido por outros quatros navios, *Victoria*, *Santo Antonio*, *Conceição* e *S. Thiago*, sendo o maior d'elles do porte de 130 toneladas. Vão ancorar em Tenerife, e alli, refazendo-se de agua e mantimentos, recebe Magalhães o conselho de se acautelar dos companheiros, que mais são inimigos promptos a rebellar-se contra elle, do que auxiliares que o ajudem na primeira diffi-

culdade que se deparar. Veleja para a terra de Santa Cruz, entra no Rio de Janeiro, navega depois para o sul, chama *Monte Videu* ao morro situado á entrada do Rio da Prata, e n'este rio surgem todos. Examinam o Rio da Prata para vêr se dá a desejada passagem para o mar do poente, mar avistado por Balboa quatros annos antes, e com este intuito exploram a costa, visitam as enseadas, reconhecem as bahias que descortinam, e ferram n'aquella que denominam de *S. Julião*.

«Foi alli onde Magalhães teve de supportar, com os trabalhos e perigos da tormenta, os desgostos da rebeldia dos companheiros. Foi alli onde Magalhães se mostrou energico e severo, como não podia deixar de ser capitão que tanto ousava, capitão que taes feitos emprehendia. Sahindo de S. Julião, entra no rio de Santa Cruz, e, novamente desferindo as velas, continúa a navegar para o sul até descobrir o cabo que chamou *das Virgens*, e, descortinando outro cabo ainda mais para o sul, manda fazer grandes festas, porque, pelas fortes marés e outros signaes, presente que terá chegado ao tão desejado estreito que lhe dê passagem para o outro mar. Entra o famoso estreito, denomina *do Fogo* a terra do sul, e, apesar de abandonado pelo navio *Santo Antonio*, continúa a navegar, e chama *Desejado* ao cabo que pelo sul termina esse estreito. E assim, a 26 de novembro, desemboca com tres navios no mar que denomina *Pacifico*.

«Segue governando a differentes rumos, alcança a ilha de S. Paulo ou Desaventurada, depois a dos Ladrões, e por ultimo as Philippinas. D'alli, guiado por praticos do paiz, vai aonde a sorte mesquinha quer que seja o ultimo dia de vida de tão infeliz quanto ousado e esclarecido navegador. Chega á ilha de Zebut, e, combatendo contra os naturaes com espantosa desigualdade em numero, contra a perfidia e traição dos indigenas, que, reconciliados, lhe preparam tão infame ingratidão, e contra a falta de polvora, quando os companheiros afflictos buscam salvar-se nas lanchas, Fernão de Magalhães, *o portuguez*, cobre e defende a retirada até ao ultimo, e, guardando-se para derradeiro é morto alli!

«Um só navio, o *Victoria*, consegue tocar em Timor, e, commandado por Sebastião d'el Cano, seguir derrota pelo cabo da Boa Esperança, refazer-se de aguada em S. Thiago de Cabo Verde, e entrar a 7 de setembro de 1522 no rio d'onde partira quasi tres annos antes, tendo feito uma volta completa em roda da terra.

«De Magalhães resta a gloria, e, em quanto o estreito que conserva o nome do famoso portuguez unir o Pacifico ao Atlantico, não morrerá nem esquecerá o illustre Fernão de Magalhães.

«Não posso concluir esta abreviada synopse sem dizer que, se a Hespanha se gloría de ter acolhido o pensamento e prestado navios a Christovão Colombo, se Genova se ufana de ser patria de tal heroe, se á Inglaterra peza de haver desdenhado as offertas do grande homem, Portugal, com o sentimento de não aceitar os serviços do esclarecido navegador, póde jactar-se e ensoberbecer-se por ter sido a escóla e o guia, senão o pharol e a derrota, que levou o illustre descobridor ao novo mundo, a que chamaram *America*, quando deveram nomeal-o *Colombia*.

«Devo dizer agora quaes foram as consequencias mais notaveis que resultaram d'estes descobrimentos.

«Ardua tarefa! Difficil é esta parte do ponto.

«Os resultados que derivam dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, ou exigem largos dias para se exporem, e grossos volumes para se escreverem, ou então se exprimem e, por assim dizer, se symbolisam em poucas palavras.

«É realmente grandissimo o horisonte, alegre e risonho o quadro. Sente-se dilatar o peito e bater o coração, podendo dizer-se — sou portuguez — ao relatar quanto deve a humanidade aos portuguezes dos seculos XV e XVI!

«Resultaram dos descobrimentos dos portuguezes os mais grandiosos successos desde o findar da idade média até hoje.

«Resultaram, com as maiores revoluções, os maiores beneficios para a humanidade! Foram revoluções capitaes; revoluções que fizeram desapparecer alguns nomes do pequeno catalogo dos estados livres e independentes; revoluções que fizeram elevar pequenos estados ao apogeu do poderio e da gloria; revoluções que transformaram completamente a ordem de importancia relativa de todos esses estados!

«Resultaram os vastissimos campos, ou ignorados ou esquecidos, e só então amplamente franqueados a todas as sciencias. A todas, porque a todas dissemos: — Ide aprender!

«As quilhas dos galeões, sulcando mares nunca d'antes navegados, patentearam com os novos mares novos climas, novos céos e novos astros, um riquissimo thesouro de novissimos tratados, quaes nunca melhores poderam homens escrever. Tratados foram estes de todas as sciencias, escriptos indelevelmente pela mão do Creador, archivados na grande bibliotheca do universo, folheados pelos portuguezes antes de outro algum povo!

«A astronomia e a navegação produzem a hydrographia — completa-se e instrue-se a geographia. A medicina corre ávida em procura dos meios que os novos paizes lhe offerecem como á mais proficua das sciencias, a physica, a chimica... todas as sciencias, em fim, correm a frequentar a vasta escóla aberta pela navegação portugueza.

«O commercio transforma-se, desenvolve-se e engrandece. Effectua-se a liga das nações pelos laços do commum interesse, e, com tal confraternisar, civilisam-se os povos!

«Mas volvamos os olhos para a Europa. Vejamos o que faziam a Inglaterra e a Allemanha, a França e a Italia. Lutava uma pela liberdade, a outra pela religião; a França combatia na Italia, e esta destruia-se lutando contra si mesma na escolha de quem havia de a governar.

«O turco, tomada Constantinopla, era affronta constante e permanente ameaça aos dominios do christão. E se antes tal conseguira, e se os povos congregados á voz dos reis, e os reis congregados ao grito de Roma, não poderam oppor-se á invasão dos mahometanos, que seria de Roma e da Europa, quando a Europa nem se quer já escutava o bradar de Roma afflicta?

«Que seria, em taes lances, o rapido e successivo acommetter de hordas sem fim, de innumeros guerreiros, de exercitos de fanaticos, contando-se ás centenas de milhares, guiados pela rapacidade, animados pelo furor religioso? Quem havia de oppôr-se a tal invasão?

«Veneza e Genova, unicas potencias maritimas da época, se foram muitas vezes atalaia e escudo da igreja catholica, não poucas transigiram com os inimigos do christianismo em proveito de interesses menos nobres. A França esquecia S. Luiz, e presenciava tranquilla e folgazã os torneios e caçadas em que a fidalguia ostentava a sua vaidosa nobreza.

«A Inglaterra desmanchára os navios em que embarcára Ricardo para a conquista de Jerusalem.

«A Hespanha e Portugal, lutando braço a braço com o inimigo da fé, conquistando cada dia um palmo de terra, assentando hoje o arraial no campo onde hontem ainda se entrincheiravam os contrarios, aquecendo-se agora á fogueira que ha pouco era almenára mourisca, levantando a cruz por sobre o crescente, transformando a mesquita em templo christão, e regando o solo com o sangue dos seus mais predilectos filhos, Portugal e a Hespanha lutavam, e lutavam sós contra todo o immenso poder dos islamistas.

«Se estes dous reinos, pela sua posição no extremo occidental da Europa, ficavam como que apartados da communhão das nações nos proventos e utilidades do commercio, bem certos eram na frente dos combates

quando se requeria o valor e o esforço.

«Ultimos estados pela situação geographica, eram tambem os ultimos a embainhar a espada em defesa da cruz.

«Sangue ardente, provada coragem, dilatada intelligencia, animo audaz, transpõem os mares conhecidos, e, dando mundos novos de presente ao velho mundo, fazem a surpreza e o espanto de quem ouve as modernas maravilhas.

«Portugal fecha os golfos Persico e Arabico, apodera-se de Malaca: e assim cortados ficam os infindos soccorros que d'alli e por alli vem ao turco. Limitado, apertado n'um determinado territorio, ruge o leão mahometano. Acode Veneza, ferida do mesmo golpe que enraivecera o turco; apresta navios, que, por terra conduzidos ao Suez, no mar Vermelho naufragam ou são destroçados pelas balas portuguezas.

«Constantinopla e Alexandria bem sentem o prompto decrescer, o rapido definhar do seu commercio. Veneza estremece ao reconhecer que nunca mais os seus navios transportarão para todos os portos do Mediterraneo os riquissimos thesouros do Oriente.

«Que importa o alongado caminho? Se o mar dá a morte, a terra do turco dá a escravidão, impõe a apostasia, e com a tortura moral a agonia lenta e de todos os instantes, muito peor do que a morte.

«Franqueado o novo caminho para a India, quem mais passará por terras inimigas do nome christão?

«A Europa, commovida, fita o attento olhar no horisonte. Deixa a cidade de Constantino, abandona Alexandria, esquece Veneza e o Mediterraneo, e vem saudar o Tejo!

«Era tempo de que a Europa toda viesse aqui pagar reconhecido preito e sincera homenagem á portugueza heroicidade. Aprestam-se navios, imitam-se os modêlos lusitanos, corremse mais ousadamente as costas, visitam-se com frequencia os differentes portos, robustecem-se os estados, e o turco empobrecido, definhando a olhos vistos, sustenta com mão tremula o alfange que por toda a parte cede aos botes da espada portugueza. E tres navios e 160 homens obtiveram, ou antes Vasco da Gama obteve, o que não conseguira toda a Europa caminhando unida em concertados laços, guiada pela palavra de Pedro e animada por Godofredo. Nem S. Luiz, nem Ricardo, nem Alexandre VI, nem Sobieski, nem todos estes heroes feriram tão certeiro golpe no coração do imperio mauritano como n'elle abriu a quilha do *S. Gabriel!*

«Eis as consequencias que resultaram dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI; eis o motivo por que, do ultimo lugar em que era contada esta nação, passou a occupar, se não o primeiro, o mais distincto, o mais glorioso, o mais invejado lugar no decimo sexto seculo.

«Eis as consequencias que resultaram para nós. Entendo que não devo descer a minucias, nem citar este ou aquelle provento colhido com os descobrimentos que fizemos. Limitar-me-hei a acrescentar que foram taes as consequencias, que ainda hoje, decorrido tão grande lapso de tempo, são-nos honra e gloria para oppôr aos desdens e affrontas, que se tornam villanias de quem as emprega contra aquelles que ensinaram a todos os povos o caminho do mundo.

«E seja-me permittido referir-me novamente ao padrão assentado no rio Zaire em 1859, e repetir hoje aqui algumas palavras que então disse ao deixar na praia africana aquelle memoravel symbolo:

«Os resultados dos descobrimentos dos portuguezes foram taes que ainda agora podêmos exclamar bem alto: — Disputam-nos hoje alguns palmos da terra que aos graus de 20 leguas descobrimos e conquistamos, em troca de muito ouro, muito sacrificio e muita vida, menosprezados pelos povos a quem ensinámos o que podiam alguns milhares de homens animados pelo acrisolado amor da patria. Bem pouco valemos já. Percorram, porém, os areiaes da Africa, visitem os palmares da Asia, admi-

rem as florestas da America, ou naveguem por entre as ilhas da Oceania, que em toda a parte, ou seja no padrão de pedra, na cruz do templo, na muralha da fortaleza, no nome do descobridor ou na linguagem do povo, por toda a parte hão de encontrar vestigios da passagem dos nossos avós, dizendo — honra ao nome portuguez!»

«Foi esta herança que nos legaram, que ninguem póde roubar-nos, e que eu considero como a mais gloriosa das consequencias dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI.» (A. F. Marx de Sori).

NECESSIDADE. «A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que despoticamente domina sobre todos os que vivem. Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima, e inviolavel lei da necessidade. A necessidade é a que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde vendo cahir uns a ferro, e voar outros a fogo, avança com tudo, e não desmaia. A necessidade é a que engolfa o marinheiro nas ondas do oceano: ellas com os naufragos á vista, e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas se atreve a pelejar não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas que tem sobre si caiam, e o sepultem, elle lhes vai cavando as raizes, e sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario, e geral desprezo das vidas e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o cegador as calmas do estio, nem o pastor os dentes do lobo, e do urso, e em muitas partes as unhas do leão, e do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros tantas vezes perecem em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre, e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé d'ella lhe perguntam quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire d'este grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei.» (Vieira, *Sermões*).

NEGOCIANTE. O commercio é a civilisação dos homens. Azas e caduceu lhe figurou a antiguidade; dão-lhe os modernos vias-ferreas, vapor, electricidade, por meio do que, o commercio exsolve os odios velhos das nações e estabelece a grande fraternidade humana. De tudo se occupa, tudo dirige e tudo governa. Preparam-se as grandes nações para a nova era que reponta. E que fazes tu, mancebo? que prestimo será o teu n'essa refundição universal? Exercita-te, zeloso e devotado, em occupações de commum utilidade; abre mão de ninharias, embora brilhantes. Ninguem prevê o porvir; e, se os tempos se emborrascarem, toda a tua salvação librará na honestidade e prestame.—Ao negociante corre obrigação de conhecer os processos da sua arte, as necessidades do productor, do consummidor e do mercador; o estado progressivo ou estacionario da industria que lhe alimenta o commercio, o preço das vastas mercadorias que lhe podem servir, suas boas e más qualidades, os lugares que as produzem, os valores por que póde cambial-as, os meios, riscos e taxa dos transportes, as diversas especies de moeda e seu relativo valor, o processo da contabilidade, relações com banqueiros, o curso da bolsa e o codigo commercial. Deve conquistar efficacissimamente reputação de ver-

dade, probo e discreto; cuidar do bom amanho de seus armazens, do bom proceder dos seus caixeiros, da boa ordem dos seus registros, e de seu balanço annual.

«Difficil é marcar os annos precisos para levar a termo uma boa educação commercial, dependendo isso, até certo ponto, da maior ou menor disposição e vontade do alumno. Todavia, na hypothese de que os estudos preparatorios se hajam feito, devem bastar cinco annos de trabalho no escriptorio. N'aquelles estudos preparatorios, incluimos como essenciaes a arithmetica, os cambios, uma ou duas linguas estrangeiras, direito commercial, elementos de correspondencia, contabilidade e escripturação: o que envolve tres annos de lida, e uma despeza annual de cerca 120$000 a 160$000 rs., afóra despezas de alimentos, vestir e casa, etc. — Pelo que é do ordenado a esperar logo que o caixeiro se torne util ao balcão, pouco é. Cumpre-lhe dar tempo, o qual se prolonga mais ou menos, consoante a liberalidade do patrão, e mais ou menos prestimo do caixeiro. Estatuindo a hypothese mais favoravel, o ordenado poderá ser de 240$000 rs. no fim do primeiro anno, e augmentará entre 40 e 60$000 rs. cada anno subsequente; de maneira que, ao cabo de cinco annos, quando o caixeiro tomar parte na generalidade da lida commercial, prestará serviço já valioso que lhe deva ser pago entre 360$000 rs. e 440$000 rs. o maximo; e se presiste, se todo seu sonho de ambição cifra em se adiantar na escala, poderá, ao fim de vinte annos, auferir um ordenado annual de 800$000 rs. a 1:200$000 rs. Porém, se esta posição subalterna foi sómente aceite provisoriamente; se, depois de experiente nos negocios o caixeiro quer trabalhar por sua conta, expressamente lhe recommendamos que não principie sem capital bastante, calculado na proporção do genero de operações a que se dedica. Cem contos pelo menos, se as operações são bancarias; outro tanto para commercio de carregação maritima, o qual impende de descobrimentos importantes e honrosos. Trinta a quarenta contos para negocio de commissões ou mercadoria por grosso. Cinco a seis contos, o minimo, para commercio a retalho de casa pouco importante em cidade grande. — No tomar socio, seja a escolha muito reflectida. É excessivamente raro toparem-se dous genios tão identicos em si que, a seu pesar, questões de interesse não discriminem; e que ha ahi mais afflictivo e funesto que a discordia entre socios?» (*Guia da escolha de posição*).

O professor póde dictar esta lição aos que se destinam a commercio, commental-a, e fazel-a reduzir epistolarmente como de um amigo aconselhando outro.

NEPOTE (Cornelio). Escriptor latino do primeiro seculo, antes de Jesus Christo. Foi amigo de Catullo, Cicero e Attico. Compôz muitas obras historicas, estimadissimas dos antigos. Chegaram até nós as *Vidas dos capitães illustres da antiguidade*, opusculo que se nos figura ser um resumo da obra primitiva de Cornelio.

NERO. (Veja Suetonio).

NERVOS. (Veja Systema nervoso).

NEUTROS. (Materias animaes). 1. *Albumina.* Acha-se principalmente na clara do ôvo e no sangue. Coagula-se a 75º e não se dissolve jámais; mas, evaporada abaixo d'aquella temperatura, dá substancia gomosa e transparente, que se redissolve em agua. O alcool tambem coalha a albumina; e o mesmo o ether e a essencia de therebentina. Tirante o acido phosphorico ordinario e o acetico, os acidos, principalmente o azotico, precipitam a albumina. Os alcalis formam com ella combinações soluveis; mas a baryta, a estronciana, a cal, e quasi todos os oxydos metallicos precipitam a albumina: é um reactivo fortissimo para o sublimado corrosivo.

Observada com o microscopio, a albumina é uma substancia cellulosa

que contém um liquido soluvel; mas este liquido, se se evapora, deixa crystallizar, além d'outros saes, o ammoniaco. Portanto, a albumina é substancia complicadissima, que não póde ser estudada sómente com os processos chimicos. Contém os quatro elementos das substancias animaes. As outras materias animaes são a fibrina, que se extrahe do sangue; o *caseum*, que é o coagulo que o acido sulfurico produz no leite desnatado; a *gelatina*, que se extrahe das pelles fazendo-as ferver longo tempo, escumando-as, clarificando-as, e deseccando-as depois de concentradas.

2. *Fermentação*. «Decomposição que se manifesta n'um grande numero de substancias organicas, como no sangue, ourina, nos liquidos que contém assucar, quando são expostos á acção da agua, do ar ou de um calor temperado. A fermentação tem nomes particulares, segundo a natureza dos productos a que dá lugar: assim distingue-se a *fermentação saccharina*, aquella em que se produz assucar, como na acção da cevada germinada sobre a fecula; a *fermentação vinosa*, *espirituosa* ou *alcoolica*, as em que o assucar se converte em espirito de vinho e em acido carbonico, como na fermentação de vinho, da cerveja, e em geral na dos liquidos assucarados; a *fermentação acida*, aquella em que o espirito se converte em vinagre; a *fermentação putrida* ou *putefracção*, a em que a decomposição das materias organicas desenvolve gazes infectos, taes como acido sulphydrico e ammoniaco.

«Póde impedir-se a fermentação dos corpos organicos preservando-os da acção da humidade e da do ar. Os succos vegetaes conservam-se perfeitamente ao abrigo do contacto do ar, como tambem as carnes e os legumes, encerrando-os em vasos hermeticamente fechados, depois de aquecidos até á ebullição da agua, a fim de que sejam despidos do ar que contém. N'este principio é fundado o methodo de Appert para a conservação das substancias alimentarias.» (Chernoviz).

NEVE. «A meteorologia é a sciencia que trata dos phenomenos que tem lugar na atmosphera, descreve-os com todas suas circumstancias concomitantes, e investiga as causas que as produzem. Além do gelo, geada, saraiva, e neve, ella abrange: o vento, a chuva, as nuvens e nevoas, o trovão, os furacões, os redemoinhos, as trombas, os fogos errantes, as estrellas cadentes, a aurora boreal, e finalmente as mesmas mudanças da atmosphera em gravidade especifica, rarefacção, calor, e humidade.

«A cabal intelligencia d'um qualquer phenomeno do dominio d'esta sciencia, exige amplos conhecimentos de physica; tentaremos todavia, uma explicação familiar dos quatro phenomenos que tomamos para nosso thema. E para começarmos com uma resumida enunciação do mesmo transcreveremos uma mui adequada passagem a nosso proposito, que encontramos nos *Synonymos* do snr. D. fr. Francisco de S. Luiz, tomo I, pag. 233:

«*Gêlo*, *geada*, *saraiva*, *neve*. Cada um d'estes vocabulos exprime uma das differentes fórmas, em que se observa o phenomeno da agua *congelada*, isto é, privada do calorico, que entretinha a mobilidade de suas particulas:

«Quando uma porção de agua se reduz a estado solido, e fórma uma como massa vitrificada, chama-se *gêlo*.

«Quando a agua cahe da atmosphera em orvalho, isto é, em miudissimas gotas, e estas se congelam sobre a terra, por causa do esfriamento da mesma terra, chama-se *geada*.

«Quando a agua se congela na atmosphera em gotas mais grossas e graudas, e cahe n'esta fórma sobre a terra, como chuva, chama-se *saraiva*.

«Finalmente, quando a agua se congela na atmosphera, e cahe sobre a terra em flocos, separados uns dos outros e de uma alvura que deslumbra os olhos, chama-se *neve*.»

«Desenvolvamos estas idéas com mais alguma miudeza do que permittia o plano do erudito philologo que citamos.

«A congelação da agua, isto é, a sua passagem do estado de liquido para o de solido, depende da ausencia do calorico, indicada em nossos thermometros pelo grau de zero. Mas esta mudança não se effectua rapida e instantaneamente; e não é difficil em occasiões convenientes acompanhar o phenomeno em todo o processo gradual de sua realisação. Começa-se por perceber na agua umas pequenas laminas triangulares, que sempre apresentam uma de suas arestas á superficie do liquido. Á medida que estas laminas se vão multiplicando, vão-se entrelaçando, e em os espaços intermedios novas laminas se vão formando, que acabam finalmente por reduzir a um solido liso e diaphano toda a camada superior do liquido. Se a temperatura continúa de gêlo, vai-se este solido engrossando pela parte inferior e reunindo a si novas porções do liquido. N'esta operação adquiriu a agua congelada um mui notavel augmento de volume, ao qual se devem muitos dos funestos effeitos do gêlo na fenda de rochedos, edificios, etc. É escusado dizer quão prejudicial é o gêlo á vegetação; a solidificação dos liquidos, de seiva ou sangue, deve produzir grande transtorno em toda a economia da natureza organisada. Em partes habitadas da Russia e Suecia ha occasiões em que o gêlo entra pela terra 9 ou 10 pés, e congela a agua até igual profundidade. Nas visinhanças dos polos da terra tudo é gêlo e neve.

«A geada, que branqueia nossos campos nas frias manhãs do inverno não é outra cousa mais do que o orvalho congelado pelo excessivo esfriamento da atmosphera junto á superficie da terra durante a noite. O mesmo orvalho é o resultado da precipitação dos vapores aquosos suspensos na atmosphera, e esta precipitação é devida ao esfriamento que quasi todos os corpos na superficie da terra experimentam, pelas perdas do calorico radiante que soffrem durante a noite, perda que reduz sua temperatura a grau muito inferior ao do ar ambiente. A geada não differe da neve senão pela região em que é formada; a primeira teve origem junto á superficie da terra, a segunda nas elevadas regiões atmosphericas.

«A saraiva é tambem formada n'estas altas regiões, e resulta da congelação da agua, contida nas nuvens e atmosphera, em massas mais consideraveis do que aquellas que dão lugar á neve. Uma vez decidida a congelação pelo esfriamento da temperatura, a agglomeração das particulas aquosas umas ás outras, (promovida por phenomenos electricos que movem a estas particulas em varios sentidos e com muita rapidez) produz o augmento de volume dos pequenos solidos assim formados, que ainda na sua queda para a terra vão reunindo a seu nucleo as moleculas aquosas que vão encontrando. Tem cahido pedra de saraiva da circumferencia de dous palmos. A parte que a electricidade toma na formação da saraiva explica a causa por que no verão as saraivadas são tão frequentes e destructivas.

«A neve é formada d'uma maneira analoga, mas, por assim dizer, mais tranquilla. Em circumstancias de nenhum desenvolvimento electrico, as moleculas congeladas tem tempo para se crystallizarem, e, uma vez formadas, não são impellidas entre si para adquirirem augmento de volume; apenas na sua descida para a terra, crystal se vai reunindo a crystal para formar flocos ou folheca. É muito curiosa a inspecção da neve e da geada pelo microscopio. Ellas apresentam crystaes da grandeza de $\frac{1}{35}$ até $\frac{1}{3}$ de pollegada, de fórmas mui variadas, regulares, e elegantes. A neve apparece muitas vezes impregnada de varias côres, — o que depende de principios mineraes e vegetaes n'ella encorporados.

«O povo erra quando usualmente diz — cahiu *neve* esta noite. — Devera dizer — cahiu *geada*. — A ultima é um phenomeno trivial no nosso paiz; a *neve* é no Porto, ao menos, muito rara, e n'estes ultimos annos não se

viu senão em 1826 e 1836. Da mesma fórma é pouco exacta a denominação de *neve*, que damos aos *sorvetes* que tanto estimamos no verão. O liquido que os fórma é-nos apresentado na fórma de incipiente *gêlo*, e tanto os francezes como os inglezes e os hespanhoes são mais correctos do que nós a este respeito, quando dão a estas bebidas o nome de *gêlos*: é com tudo a denominação de *gelados*, applicada a frutas, perfeitamente exacta. A substancia frigorifica de que usamos é, umas vezes, neve solidificada pela pressão e reduzida a massa gelada; outras, fragmentos de gelo obtidos pela exposição d'agua em lugares convenientes. A mistura de sal commum augmenta muito o frio, e um movimento circular communicado aos liquidos accelera grandemente a congelação. Uma producção de frio artificial muito abaixo do grau de gêlo é experiencia trivial em chimica; e ha paizes onde a agua gelada é muito vulgar producção, ainda que a natureza nunca a apresentou n'esses climas. Assim acontece na India Oriental.» (*Museu Portuense*).

NEWTON. «Este homem, cujo nome é pronunciado com respeito em toda a parte onde as sciencias são verdadeiramente cultivadas, nasceu em Wolstrope, a 25 de dezembro de 1642. Seu pai, João Newton, baronete, senhor de Wolstrope, falleceu poucos annos depois do nascimento de seu filho; e sua mãi contrahiu segundas nupcias, logo que elle attingiu a idade propria para entrar no collegio de Grandham, onde o seu gosto pelas mathematicas se revelou d'um modo bastante auspicioso. O *Tractado d'Euclides* era então o unico livro adoptado para o ensino da mocidade em toda a Gran-Bretanha. Newton, muito novo ainda, mas destinado já a elevar um dia ao mais alto grau as sciencias mathematicas e suas applicações, não lia cousa alguma das demonstrações d'Euclides, advinhando-as sómente pelo enunciado do theorema a demonstrar: finalmente, os livros de Descartes e de Kepler desenvolveram-lhe o espirito de maneira mais proficua. Contava apenas 16 annos e já meditava profundamente sobre as admiraveis descobertas d'aquelles dous grandes sabios. N'esta idade, porém, sua mãi fel-o voltar para junto de si, a fim de que elle tomasse a administração do seu patrimonio, para que, chegado á época de maior idade, se achasse em estado de gerir convenientemente os seus negocios. Os livros e os estudos fizeram que elle não correspondesse n'esta parte aos desejos de sua mãi, e dous annos depois foi reenviado, não a Grandham, mas a Cambridge.

«Newton tinha, por consequencia, 18 annos: a sua carteira achava-se repleta de *Memorias* sobre questões de mathematicas transcendentes, de mecanica celeste, de physica, etc.; estas *Memorias* estavam destinadas a verem a luz da publicidade, só muito tarde, porque o modesto sabio não se julgava á altura de apresentar ao publico obras dignas de sua attenção. Newton foi repetidas vezes instado para que arrancasse á obscuridade aquelles de seus escriptos em que se achavam soluções mais geraes e mais completas do que as que outros geometras se davam pressa em publicar.

«O honrado Barrow, professor de mathematica no collegio da Trindade, em Cambridge, exerceu, por mais de uma vez, sobre o joven alumno, esta especie de violencia; e para o obrigar mais seguramente a prestar ao mundo scientifico todos os recursos da sua vasta intelligencia, demittiu-se da cadeira que regia, com a condição de que teria por successor a Newton, que já contava então 26 annos de idade.

«Sabe-se que dous annos antes de Barrow abandonar o professorado, já Newton tinha feito grandes descobertas; que os *Principios mathematicos de philosophia natural*, a *Optica* e o *Tractado do calculo differencial*, podiam ter apparecido em 1666; e com tudo não foi senão em 1687 que se fez a primeira edição do livro dos *Principios*.

«A Inglaterra, depois da publicação

d'esta obra, orgulhava-se do impulso que ella havia dado ao mundo scientifico. A nação britannica, os amigos das sciencias e até mesmo aquelles que não tinham o menor interesse na sua publicação, sentiram verdadeiro enthusiasmo pelo erudito escriptor.

«Em 1705, foi nomeado cavalleiro pela rainha Anna, e, no reinado seguinte, a princeza de Galles, dava-se os parabens por ser contemporanea de tão sabio mathematico. Desejavam todos vêl-o e ouvil-o; e os convites, aos quaes se não podia recusar, levavam-no muitas vezes a lugares pouco frequentados pelos sabios. Sem ambição, Newton, jámais foi cortezão, apesar mesmo de ser muito obsequiado. No fim de um jantar dado por elle a alguns sabios seus amigos, um dos convivas propoz um brinde em honra da familia real. — «Prefiramos, disse o eminente professor, prestar antes esta homenagem aos homens da sciencia, de todas as nações; porque todos tendem ao mesmo fim, — o *bom* e o *verdadeiro*.» — Este pensamento foi o de toda a sua vida: e assim exprimiu com uma imponente solemnidade, depois de ter indicado que era ainda falsa a theoria da *luz:* «Se conseguimos aperfeiçoar as sciencias, disse elle, podemos ainda ter esperança de chegarmos, por esta via, ao aperfeiçoamento da moral, sem o que, o *saber* é uma palavra sem significação.»

«Em 1703, a sociedade real de Londres escolheu Newton para seu presidente, conservando-lhe esta honrosa deferencia até ao fim de sua carreira, «exemplo unico, diz Fontenelle, mas do qual se não podia temer um mau resultado.»

«A vida d'este homem admiravel é o modêlo da mais perfeita bondade, virtude esta que tão justamente foi apreciada. Uma extrema simplicidade de costumes, reunida a um sentimento fino e delicado de todas as conveniencias, uma agradavel disposição para reconhecer o merito dos outros, mesmo em detrimento do seu, o modo de fazer apparecer cada um sob o aspecto, o mais favoravel, as virtudes do homem publico e as do simples particular, e uma constante benevolencia para com todos, eis as distinctissimas qualidades que formaram o caracter de Newton. Póde dizer-se que, durante a sua longa vida, poucas vezes foi affectado de molestias graves. Viveu em completo celibato, e o seu confessor affirmava, diz Voltaire, que, semelhante a um puro espirito, o philosopho geometra, jámais teve relações intimas com mulher alguma. O seu património e a avultada fortuna que os empregos lhe tinham proporcionado, eram por elle applicados, não só a um certo fausto, que a sua posição lhe impunha, mas tambem a experiencias de utilidade publica; a soccorrer os infelizes, e a animar e proteger aquelles em quem reconhecia talento. Newton, cuja vida foi tão util ás sciencias e á humanidade, morreu a 20 de março de 1727.» (Ferry).

«Longo seria o particularisar os trabalhos scientificos de Newton: mas como em nosso idioma temos um poema em louvor d'este assombroso engenho, tambem seria omissão culposa se não transcrevessemos aqui alguns versos que podem completar o elogio do insigne philosopho. O seguinte extracto dará alguma idéa da homenagem da poesia tributada á sciencia:

Newton, foste mortal; mas quasi eu creio,
(Qual é crença de extatico poeta)
Que d'um astro immortal vieste ao mundo
Mostrar prodigios, aos mortaes ignótos.
Tu, c'o prisma na mão marcaste a fonte
Da septiforme côr, que a luz encerra,
Qual seja a essencia sua, e qual a vida.

. . . .

Bastava, ó Newton immortal, bastava
A dar-te um nome eterno, a luz e as côres;
Mas tu, da clara luz transpondo o imperio,
Foste os astros seguir no eterno móto.
A pestilente inveja em vão contrasta
A teu nome immortal memoria, e honra.
Da geometria nas valentes azas,
Nunca tentado despregaste um vôo,
E d'uma esphera n'outra esphera foste
Viver entre mil soes sem deslumbrar-te:
Lá tu foste encontrar, de lá revelas
Lei que a um centro commum chama os planetas,

E a lei com que do centro os astros fogem.
O móto desigual da argentea lua
A teus profundos calculos sujeitas.
Tu no móto annual, tu no diurno,
Vaes passo a passo acompanhando a terra.
Tu do grande phenomeno espantoso,
Exposto á nossa vista, e sempre ignóto,
Com que ora sobem na arenosa praia,
Ora descem na praia as turvas ondas,
A verosimil causa, ou certa apontas.
E teu profundo espirito em repouso,
Assombroso mortal, jámais deixaste.
Se, os tubos astronomicos depondo,
Deixas de ir vêr os céos, correndo os astros,
Não satisfeito de rasgar o obscuro,
Denso véo que encobria a natureza,
Pelos sombrios penetraes entrando
Com luminoso facho, e nunca extincto,
Tu, nascido a dar luz, rasgas as sombras
Talvez mais densas, que no seio envolvem
Marcado já periodo dos tempos,
Vai correndo teu fio, e apenas páras
No momento em que á voz do Eterno o mundo
Surge do cháos, se organisa, brilha.
Tu, da impostura oriental mofando,
E do fallaz mysterioso Egypto,
Só da verdade oraculos respeitas.
Petavio, Usserio te contemplam mudos,
Quando outras luzes contemplando mostras
Da natureza na observada marcha
Tão remoto não ser da terra o berço,
A base, as progressões, a gloria, a quéda
De imperios vastos que ambição formára:
Interprete das leis dos céos, dos astros,
Quizeste ser legislador dos tempos.
Quem póde a gloria recusar, ó Newton,
De dar ao mundo a luz que elle não tinha?
A transcendente geometria elevas
Ao ponto além do qual finda o preceito.
Da natureza sacerdote, aclaras
Mysterios que ignorára a Grecia, o Lacio.
Pelas sombras da historia a luz derramas,
Quando a base maior, chronologia,
Tu deixas em teus calculos segura.

(Padre J. Ag. de Macedo, *Newton*, cant. 3.º)

NEW-YORK. (Veja Estados-Unidos).

NIGRICIA. (Veja Sahará).

NIVELAMENTO. 1. Nivelar um terreno é determinar as distancias dos seus pontos mais notaveis a um mesmo plano horisontal, que se suppõe tirado por um certo ponto do terreno. Ha para isso differentes instrumentos, cuja precisão deve ser tanto maior quanto mais aproximado se quizer o resultado da operação. — O mais commum é o que se chama *nivel de agua:* consiste em um tubo cylindrico de lata, de 4 centimetros pouco mais ou menos de diametro, de $1^{m},50$ de comprimento, e recurvado em angulo recto nas suas extremidades, formando dous ramos de 5 centimetros aproximadamente de altura. O tubo é montado n'um tripé, para poder armar-se onde se queira. Deita-se agua n'esta especie de siphão de dous ramos, até que ella suba nos tubos de vidro, que estão adaptados aos ramos do instrumento, quasi a enchel-os completamente. O plano ou o raio visual determinado pelas duas superficies do liquido é necessariamente horisontal, e visando estas superficies, o olho marca os planos de nivel por meio de uma mira posta a distancia, á qual se referem os pontos circumvisinhos, cuja elevação ou depressão relativamente á mira se mede facilmente. — O *nivel de bolha d'ar* offerece mais precisão, e emprega-se nas operações que exigem maior exactidão, taes como a construcção de aqueductos, canaes, caminhos de ferro, etc. Este nivel está montado sobre um oculo, para augmentar o alcance da vista, accessorio que póde igualmente dar-se a outra qualquer especie de nivel. Este oculo, que dá imagens invertidas, tem no seu fóco, para maior precisão de mira, uma cruzeta de fios que se estampa sobre a imagem dos objectos vistos por meio d'elle. A parte principal do instrumento é um tubo de vidro, inteiramente fechado nas extremidades, com uma ligeira curvatura em fórma de arco de circulo: a maior parte é cheia de um liquido bem movel, tal como a agua, o alcool ou o ether; e o resto do tubo, que é uma pequena porção, é cheio com uma bolha d'ar ou de vapor, que corre ao longo do tubo quando se inclina. São preferiveis o ether e o alcool para este fim, por que não gelam durante os grandes frios de inverno, e porque, molhando melhor o vidro, movem-se dentro do tubo com maior facilidade; assim como é mais conveniente a bolha de vapor á de ar em virtude da sua maior mobilidade.

2. Supponhamos que se quer determinar a differença de nivel de dous pontos A e B. Depois de collocado o nivel em um ponto intermedio C, manda-se cravar verticalmente a mira em A, e faz-se mover o alvo até que o ponto de mira se ache sobre o raio visual do nivel. Toma-se nota da altura do alvo, e transporta-se a mira para B, onde se faz a mesma operação. A differença das duas alturas é a differença de niveis. Se $A = 0^m,88$ e $B = 2^m,35$, a differença de nivel é $1^m,47$; e se a distancia de A a B fosse 147 metros, em declive aproximadamentre rectilineo, é evidente que este intervallo teria um declive de 1 centimetro por metro. Em geral, obtem-se a differença de nivel de dous pontos referido á unidade de distancia, dividindo a differença de nivel d'estes dous pontos pela distancia que os separa. Quando se opéra com o nivel, chama-se *cóta anterior* a altura que dá a mira situada do lado que serviu de ponto de partida á operação, e *cóta posterior* a altura que dá a mira collocada do lado para onde nos dirigimos. Se o nivelamento tem por fim determinar a differença de nivel de dous pontos dados, e se a operação exige muitas estações intermedias, deve haver o cuidado de escrever n'uma columna as cótas de nivel anteriores, e n'outra as posteriores; faz-se a somma d'estas duas columnas e subtrahe-se a menor da maior: o resto será a differença de nivel entre os dous pontos dados, sendo mais elevado dos dous aquelle que corresponde á menor somma. — Para representar n'uma folha de papel o relevo do terreno, traça-se uma recta qualquer A B, marcam-se sobre ella, mediante uma escala de reducção (veja ESCALA), distancias successivas, proporcionaes ás que separam as differentes estações; por todos os pontos de divisão, levantam-se á recta A B perpendiculares proporcionaes ás alturas observadas, e unem-se as extremidades d'estas perpendiculares por meio de uma curva continua, que representará as inflexões do terreno, com tanta maior aproximação quanto mais proximas umas das outras tiverem sido feitas as estações e as operações excutadas com mais cuidado.» (Veja DESENHO, LEVANTAMENTO DE PLANTAS, ANGULOS, TRIANGULOS, etc.)

NOÉ. Finge-se que o patriarcha Noé ao plantar a vinha, a regou com o sangue de quatro animaes, que escolheu da arca para este effeito: a saber, bugio, leão, cochino, e cordeiro. Porque em alguma d'estas quatro cousas costuma dar a destemperança no beber: ou em fazer esgares, e momos como bugio; ou em cóleras, e pendencias como leão; ou em immundicias, fealdades, e somnolencias, como cochino; ou finalmente em simplicidade, devoção, e mansidão exterior, como cordeiro. E assim quando nos banquetes não houvera mais excessos, que o beber, provocando-se uns a outros, já não havia poucos vicios.» (Bernardes, *Floresta*).

NOME. «Na natureza não ha senão duas cousas que possam ser objecto de nossos discursos, que são *substancias* e *qualidades*. As primeiras subsistem per si sem dependencia das segundas, e estas dependem das primeiras para poderem subsistir. Um *corpo*, por exemplo, póde subsistir sem ser *redondo*, porém a *redondeza* não póde existir sem ser em um corpo. Se as linguas fossem simples representações dos objectos da natureza, deveriam exprimir sempre as *substancias* por meio de nomes substantivos, e as *qualidades* por meio de nomes adjectivos.

«Mas como ellas são uns *instrumentos analyticos* dados aos homens, não só para exprimirem e communicarem suas idéas, mas ainda mais para poderem discorrer sobre ellas, e o não poderiam fazer a seu arbitrio sem ter um meio de considerar os objectos por todos os lados possiveis, para os combinar de todos os modos, fazendo dos mesmos, já o sujeito, já o attributo dos seus juizos e comparações; e por outra parte, não podendo ser sujeito de uma proposição senão uma idéa qualquer, considerada

como per si subsistente, nem attributo senão outra idéa considerada como accessoria, e dependente de um sujeito para subsistir: d'aqui vem a necessidade em que se acharam as linguas como instrumentos de raciocinio, de substantivar, quando lhes fosse preciso, as mesmas substancias, fazendo por exemplo de *espirito espiritual*, de *corpo corporeo*, de *céo celestial*, e de *terra terrestre*, etc.

«D'aqui se vê que a definição do nome substantivo e adjectivo não se deve tirar, nem da differente natureza das substancias e qualidades physicas, nem da differença de um poder estar só na oração e outro não, mas sim do differente ministerio que cada um exercita na enunciação analytica do pensamento.

«O substantivo pois *é um nome que exprime qualquer cousa como subsistente por si mesma, para poder ser sujeito da oração sem dependencia de outra*.

«E o adjectivo *é um nome que exprime uma cousa como accessoria de outra, para ser sempre o attributo de um sujeito claro ou occulto, sem o qual não póde subsistir*.

«Todo o *nome substantivo* ou é *proprio* ou *commum*, chamado tambem *appellativo*. Nome proprio é aquelle que convém só a uma pessoa ou cousa, como *Homero*, *Camões*, *Céo*, *Terra*, *Portugal*, *Lisboa*.

«Se a cada individuo ou cousa se désse um nome proprio, sendo os individuos infinitos, e mais que as areias do mar, seria preciso uma infinidade de nomes, a qual mesmo de nada aproveitaria, assim por ser incomprehensivel, como porque nada adiantaria os nossos conhecimentos. Pois dependendo estes da analyse e comparação dos objectos, os nomes proprios seriam os mais improprios para isso, por presentar só individuos em relações communs e geraes, que são os mananciaes dos conhecimentos humanos.

«Estes nomes por tanto não pertencem propriamente ás linguas, consideradas como methodos vulgares analyticos, e por isso não costumam ter lugar nos vocabularios das mesmas: mas só nos diccionarios historicos e das artes, aos quaes pertencem. Nos das linguas entram só os nomes appellativos, os adjectivos, os verbos e mais partes da oração, que são as unicas que servem para decompôr os seres individuaes e compostos em as suas idéas simples, a fim de se poderem comparar e recompôr depois.

«Póde-se ainda dizer que todos os nomes proprios não foram na sua origem senão nomes appellativos e communs, como se vê em quasi todos os nomes proprios hebraicos, gregos e romanos, e ainda nos nossos, que sendo communs a muitas pessoas e cousas, somos obrigados a individual-os com os sobrenomes, appellidos e outros caracteres que os especifiquem, como *D. João primeiro, segundo*, etc. *Vianna do Minho, Vianna do Alemtejo*, etc. *Substantivo commum* ou *appellativo*, é aquelle que exprime uma idéa geral e abstracta que convém a muitos individuos, ou sejam pessoas ou cousas. Digo, *uma idéa geral e abstracta*, porque ella não existe na natureza, como a dos individuos significados pelos nomes proprios, mas só no entendimento humano e na palavra a que se alligou.

«Estes *nomes communs*, ou são *universaes* e analogicos, ou *parciaes* e modaes. Os *universaes* exprimem uma noção ou ajuntamento de qualidades communs a muitas substancias que existem realmente na natureza. São nomes de classes que coordenam os individuos debaixo de certos generos e especies. Se elles classificam os seres segundo suas qualidades essenciaes e constantes, chamam-se *appellativos physicos*, como, por exemplo: *corpo*, *homem*, *bruto:* e se os classificam segundo as suas qualidades accidentaes e variaveis, chamam-se *appellativos moraes*, como *rei*, *magistrado*, *sacerdote*, etc.

«Os appellativos *parciaes* ou *modas* exprimem uma qualidade só, porém commum a muitos individuos, a qual qualidade, assim considerada, não existe senão no entendimento, e são

de dous modos, ou *abstractos*, quando exprimem as qualidades abstrahidas das substancias, como subsistentes por si mesmas, v. gr. *brancura*, *belleza*, *probidade*; ou *concretos*, quando exprimem as mesmas qualidades como subsistentes em um sujeito, porém vago e indeterminado. Taes são os adjectivos substantivados por meio do artigo, como quando dizemos: o *elevado*, *o sublime dos pensamentos*, *o justo*, *o honesto*, *o bello*; e os nomes verbaes ou infinitos impessoaes dos verbos que exprimem, indefinidamente, a coexistencia de uma qualidade ou acção em um sujeito qualquer, como *louvar*, *entender*, *ouvir*, etc.

«A distincção que acabamos de fazer de varias especies de appellativos, abre caminho ás observações seguintes:

«1.ª Que não tendo elles por si caracter algum individual, por que se possam considerar como substancias, á maneira dos nomes proprios, nunca se podem empregar como sujeitos da oração sem serem precedidos do artigo, ou de outro qualquer adjectivo determinativo, claro ou occulto, que lhes dê aquelle caracter. Assim, dizendo nós *Pedro é mortal*, já não diremos *homem é mortal*, mas sim *o homem é mortal*.

«2.ª Que como os appellativos analogicos e universaes, exprimem a somma total das qualidades communs a muitos individuos, e são nomes de classes equivalentes a todos os adjectivos, pelos quaes poderiamos significar separadamente cada uma d'aquellas qualidades, elles se podem empregar adjectivamente como attributos da proposição, porém sem artigo, o qual lhes tiraria esta qualidade. A differença que ha entre um attributo enunciado por um adjectivo ou por um appellativo, como n'estas proposições: *Pedro é justo*, *Pedro é homem*, consiste só em se affirmar na primeira que a idéa de justiça se inclue na idéa de Pedro, e na segunda que a idéa de Pedro se inclue na da classe humana. Porém se ajuntamos o artigo ao nome appellativo quando é attributo, então fica substantivado, e faz a proposição identica e convertivel em seus termos. Assim, tanto importa dizer: *D. João é o principe regente*, como *o principe regente é D. João*.

«3.ª Que por esta grande analogia entre os appellativos universaes e os adjectivos, succede duvidar-se se alguns appellativos moraes pertencem á classe d'aquelles ou á d'estes: como os nomes *rei*, *philosopho*, *letrado*, *soldado*, *pintor*, *poeta*, *cidadão*, *irmão*, *fidalgo*, *peão*, e outros muitos de que teremos melhor occasião de fallar quando tratarmos dos adjectivos.

«4.ª Que por esta mesma analogia entre os appellativos e adjectivos, se costumam aquelles substituir muitas vezes em lugar d'estes, com lhes ajuntar a preposição *de* sem artigo, como *homem de probidade*, *de prudencia*, *de letras*, *de saber*, em lugar de *homem probo*, *prudente*, *letrado*, *sabio*, etc.

«Ainda que estas fórmas pertençam tambem em parte aos nomes adjectivos, ellas com tudo são mais proprias aos substantivos e por isso as collocamos n'este lugar.

«Em respeito a ellas se dividem os nomes em duas classes geraes. Os que não nascem de outros da nossa lingua, posto que tenham origem da latina, chamam-se *primitivos*, como *terra*, *mar*, *pedra*, etc., e os que nascem dos primitivos, chamam-se *derivados*, como de *terra terrestre*, *terraqueo*, *terreal*, *terreno*, *terrenho*, *terrão*, etc.; de *mar maré*, *marezia*, *marujo*, *marisco*, etc.; de *pedra pedreiro*, *pedreira*, *pedraria*, *pedrado* ou *apedrado*, *pedral*, *pedregal*, *pedrez*, *pedroso*, ou *pedregoso*, *pedrouço*, *pedregulho*, *pedraca*, *pedranceira*, *apedrejar*, *empedrar*, *desempedrar*, *empedernecer*, *empedernido*, etc.

«Os derivados, ou o são de nomes proprios ou de nomes communs. Dos proprios se derivam os *gentilicos* ou *nacionaes* que declaram de que gente, nação ou patria cada um é, como de *Portugal portuguez*, do *Algarve algarvio*, do *Alemtejo alemtejão*, da *Beira beirão*, do *Minho minhoto*, de *Traz-os-Montes transmontano*, de *Lisboa lisbonense*, *lisbonêz*, *lisboêta*, de

Bragança bragançāo, ou *bragancêz*, de *Coimbra coimbrão* ou *conimbricense*, etc., e os *patronymicos*, que ao principio eram uns nomes adjectivos que só designavam filiação, como *Alvares* que queria dizer filho ou filha de *Alvaro*, *Sanches* de *Sancho*, *Fernandes* de *Fernando*, *Bernardes* de *Bernardo*, *Marques* de *Marco*, *Peres* de *Pero* ou *Pedro*, *Soares* de *Soeiro*, *Vasques* de *Vasco*, etc. Depois passaram a ser appellidos hereditarios e proprios de certas familias.

«Os *substantivos communs* derivados são, ou *augmentativos*, ou *diminutivos*, ou *collectivos*, ou *verbaes*, ou *compostos*.

«Os *augmentativos* são os que com mudança na sua terminação augmentam a significação de seus primitivos, ou quanto á sua quantidade ou quanto á sua qualidade. Uns augmentam mais, outros menos. Os que augmentam mais, acabam ordinariamente em *ão*, como de *homem homemzarrão*, de *mulher mulherão*, de *moço mocetão*, de *rapaz rapagão*. Os que augmentam menos, acabam os masculinos em *az* ou *aço*, como *beberraz*, *belliguinaz*, *ladravaz*, *linguaraz*, *velhacaz*, *mestraço*, *ministraço*, *ricaço*, *soberbaço*, e aos femininos em *ona*, como *mocetona*, *mulherona*, etc.

«Os *diminutivos* são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais ou menos a significação. Os que diminuem menos acabam, ordinariamente, os masculinos em *éte*, *óte*, *ôto*, como *doudête*, *escudête*, *mocête*, *panête*, *pequenête*, *pistolête*, *pobrête*, *bacorête*, *camaróte*, *perdigôto*, e os femininos em *êta*, *óta*, *agem*, *ilha*, como *ilhêta*, *mocêta*, *villêta*, *ilhóta*, *galeota*, *villota*, *villagem*, *camilha*, etc.

«Os que diminuem mais acabam ou em *inho*, *inha*, quando os primitivos terminam em vogal consoante, como *filhinho*, *filhinha*, *mulherinha*, *rapazinho*; ou em *zinho*, *zinha*, quando os primitivos terminam em diphthongo, como *homemzinho*, *leãozinho*, *paizinho*, *mãizinha*. O *z* euphonico faz-se necessario na derivação d'estes diminutivos para evitar o hiato nascido do concurso de tres vogaes. Porém, quando o mesmo *z* se emprega sem esta necessidade nos que não acabam em diphthongo, parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como se vê n'estes dous *mulherinha*, *mulherzinha*.

«Seja como fôr, o que é certo é que a nossa lingua é mui rica n'este genero de derivação, a qual faz com que a significação de um primitivo tome um augmento enorme, e d'elle vá descendo gradualmente até o extremo contrario da pequenez, como se póde vêr nos derivados d'estes tres, *velhaco*, *mulher*, *sobêrbo*, derivando-se d'elles *velhacão*, *velhacaz*, *velhaquete*; *velhaquinho*, *velhaquito*; *mulherão*, *mulherona*, *mulherinha*, *mulherzinha*; *soberbão*, *soberbaço*, *soberbête*, *soberbinho*.

«Quanto ao uso d'estes augmentativos e diminutivos, geralmente se póde dizer que elles se não empregam senão no estylo familiar e chulo, e raras vezes nos discursos graves e serios. Servimo-nos dos augmentativos em vituperio para engrandecer a enormidade e desproporção, ou do corpo ou do vicio, como *mulherão*, *soberbão*, *sabichão*; mas tambem ás vezes para louvar, como a proposito se serviu Vieira dos augmentativos *valentão*, *ministraço*.

«Servimo-nos outrosim dos diminutivos ordinariamente para ridiculisar, como se serviu Garcia de Rezende na sua *Miscellanea* contra a extravagancia dos trajos do seu tempo, dizendo a fol. 163, col. 3:

> Agora vêmos *capinhas*,
> Muito curtos *pellotinhos*,
> *Golpinhos* e *sapatinhos*,
> Fundas pequenas, *mulinhas*,
> *Gibõeszinhos*, *barretinhos*,
> Estreitas *cabeçadinhas*,
> Pequenas *nominaszinhas*,
> *Estreitinhas* guarnições,
> E muitas mais invenções;
> Pois que tudo são *couzinhas*.

«Com tudo, estes mesmos diminutivos fazem ás vezes um bom effeito quando se trata de objectos de carinho, e se pretende excitar com elles

a ternura e compaixão, do qual uso temos exemplo em Camões, *Lusiadas*, est. III, cant. 127.

«A estas *creancinhas* tem respeito, cant. IV, est. 28. Aos peitos os *filhinhos* apertaram.

«Chamam-se *nomes collectivos* os que no singular significam multidão, quer de pessoas quer de cousas. Elles são ou *geraes* ou *partitivos*. Os geraes são, ou *indeterminados*, como: *nação. cidade, povo, exercito, gente, concelho, congresso, arvoredo, rebanho*, etc., ou *determinados*, como: uma *novena, dezena, onzena, duzia, vintena, quarentena, centena, milhar*, ou *milheiro, milhão*, etc. Os primitivos são, ou *distributivos*, como: a *metade*, o *terço*, o *quarto*, o *quinto*, o *oitavo*, o *dizimo*, etc., ou *proporcionaes*, como: o *dobro*, o *tresdobro*, o *quadruplo*, o *centuplo*, etc.

«Os appellativos *verbaes* derivados são os que se formam dos verbaes primitivos e fórmas infinitivas dos verbos em *ar*, *er*, *ir*, e em *do*, como de *andar*, se derivam *andarejo, andarengo, andarilho, andejo;* e de *andando* se derivam *andada, andadeiro, andador, andadura, andança*, etc. Os acabados em *or*, como: *amador, ledor, ouvidor* e outros semelhantes, é duvidoso se são substantivos ou adjectivos. Quando d'elles tratarmos diremos a que classe pertencem.

«Finalmente, os appellativos derivados *compostos*, são os que se compõe de duas ou tres palavras portuguezas, ou inteiras ou alteradas com alguma mudança. Compõem-se elles:

«Ou de dous substantivos, como *archibanco, ferropêa, mestresala, nortesul, pontapé, varapau, usofructo*, etc.

«Ou de substantivo e adjectivo como *boquiróto, cantochão, lugartenente, malfeitor, maniroto*, etc.

«Ou de adjectivo e substantivo, como *altibaixo, centopêa, gentilhomem, machafemea, meiodia, menoridade, salvoconducto*, etc.

«Ou de verbo e nome, como *baixamar, beijamão, botafogo, catasol, esfolagato, fincapé, passatempo, pintaróxo, pintasilgo, sacabuxa, sacatrapo, talhamar, torcicollo, gyrasol, valhacouto*, ou de verbo e adverbio, como *passavante, puxavante*.

«Ou de preposição e nome, como *antemanhã, contramestre, contratempo, entrecasco, parabem, parapeito, semrazão, sobresalto, traspé;* ou de dous verbos, como *ganhaperde, mordefuge, vaivem*, etc.

«Finalmente alguns ha compostos de tres palavras, como *capaemcollo, fidalgo, malmequer, vent'apôpa*, etc.» (Soares Barbosa).

«São variaveis o nome substantivo appellativo que varía nos numeros; o nome adjectivo que varía nos numeros e na terminação acommodada ao genero; o verbo que varía nos tempos, modos, pessoas e numeros.

«Nota 1.ª — Para formação do singular e plural dos nomes substantivos e adjectivos, bem como para as inflexões dos verbos, recorra-se ás grammaticas ordinarias, visto como nosso fim não é compôr uma grammatica, mas auxiliar unicamente, na analyse das proposições e periodos grammaticaes, aos principiantes que já tiveram o preciso conhecimento das partes da oração.

«Nota 2.ª — Suppondo bem conhecidas as variações dos nomes, e dos verbos, só nos occuparemos aqui com os nomes adjectivos em relação ás classes a que pertencem, e ás subdivisões d'estas, porque a sua differente natureza muito influe na analyse que nos propomos.

« — Os nomes adjectivos dividem-se em duas grandes classes: em adjectivos determinativos, e adjectivos qualificativos.

«*Adjectivos determinativos*. Pertencem á classe dos adjectivos determinativos os que determinam o genero, a especie, a posição, o numero, a ordem, a quantidade.

«Taes são entre outros: o artigo definido *o*, *a*, para o singular, *os*, *as*, para o plural; o artigo definido *um*, *uma*, para o singular; *uns*, *umas*, para o plural (este artigo distingue-se do numeral cardinal *um*, *uma*, porque tem plural); os adjectivos demonstrativos *este*, *esta*, *isso*, *esse*, *essa*, *isso*, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, *o mesmo*, *a*

mesma; os adjectivos partitivos *outro, outra, al* (terminação antiquada), *est'outro, ess'outro, aquell'outro, algum, alguma, algo* (terminação antiquada), os adjectivos distributivos partitivos, *cada, cada um, cada qual, qualquer, qualquer que, quem quer que, todo aquelle que, todo, toda,* (anteposto ao nome appellativo), *nenhum, nenhuma* (negativo), os adjectivos numeraes cardinaes *um, dous, tres,* etc.; os adjectivos numeraes ordinaes *primeiro, segundo, terceiro,* etc.; o adjectivo quantitativo ou collectivo universal, *todo, toda* (posto ao nome appellativo); os adjectivos quantitativos indeterminados e partitivos, *muito, muita, pouco, pouca, mais, menos, tanto, tanta, quanto, quanta, um tanto, outro tanto, algum tanto.*

«Á classe dos determinativos pertencem tambem o adjectivo conjunctivo, e o adjectivo interrogativo.» (Sotero dos Reis).

NOMENCLATURA. (Veja CHIMICA).

NONO SECULO, antes de J. Christo. *Carthago, Achab, Athalia* e *Sardanapalo.* 1. Achab, rei de Israel, é um famoso impio. Instigado por sua mulher Jesabel, erigiu templo a Baal, perseguiu cruelmente os prophetas, e só recorreu a Deus verdadeiro quando se viu cercado na Samaria por Benbadab, rei da Syria.

Tentou o propheta Elias desviar Achab e Jesabel da idolatria, punindo-os com esterilidade triennal na sua nação. Querendo seduzir o rei mediante um prodigio, sacrificou ao Deus verdadeiro, ao mesmo passo que os falsos prophetas sacrificavam a Baal. Por deprecação de Elias, baixou fogo celeste a consummir as suas victimas, em quanto que as supplicas dos sacerdotes de Baal nada alcançaram. Elias, perseguido por Achab, em odio d'aquelle prodigio, refugiou-se no deserto de Horeb, onde se alimentou milagrosamente.

Tempo depois, Achab, que vertera o sangue innocente de Naboth, ouviu a seguinte prophecia de Elias: «Os cães comerão Jesabel no campo de Naboth; e se Achab morrer no campo, será devorado pelas aves do espaço.» De feito, Achab morreu pouco depois em combate, traspassado de uma frecha, e Jesabel, precipitada de uma torre, foi sovada pelas patas dos cavallos.

2. Athalia, rainha celebrada por seus crimes, filha de Achab e Jesabel, esposou Joram, rei de Judá, e houve d'elle Ochosias. Perdendo esposo e filho, que morreu ás mãos de Jehu fez morrer tudo que existia da raça de David, e asenhoreou-se do throno; porém Joas, o mais novo dos filhos de Ochosias, como escapasse ao morticinio, e se conservasse no templo sob resguardo do pontifice, foi acclamado rei aos seis annos, e excitou um motim, em que Athalia perdeu a vida. Toda a gente reconheceu de boa vontade Joas, herdeiro de David e de Josaphat.

3. Em quanto o pontifice Joiada viveu, João fez observar a lei de Moysés; mas depois da morte do santo sacerdote, idolatrou corrompido por lisonjas dos seus cortezãos. Quiz reprehendel-o o pontifice Zacharias, filho de Joiada; e Joas sem lembrar-se do que lhe devia ao pai, mandou-o apedrejar.

Cedo chegou a vindicta. No anno seguinte, Joas, batido pelos syrios e cahido desprezivelmente, foi assassinado pelos seus; e Amasias, filho melhor que seu pai, subiu ao throno.

4. Sardanapalo, ultimo soberano do primeiro imperio assyrio, viveu na affeminação das pompas, descurando o governo. Arbaces, principe méda, e Belesis, sacerdote caldêo, excitaram contra elle os médas, persas e babylonios. Cercado em Ninive, lançou-se ao seio das chammas com suas mulheres e riquezas.

Por esse tempo, Dido, princeza de Tyro, irmã de Pygmalião, que então reinava, e esposa de Sichen, foi obrigada a expatriar-se por causa das cruezas de seu irmão, e fugiu para Africa, onde fundou Carthago (870).

NONO SECULO, depois de J. Christo. (Veja INVASÕES E FEUDALISMO).

NORMANDIA. Um dos antigos estados da França de que *Rouen* era a capital. Fórma hoje os departamentos de *Calvados* e da *Mancha*, uma parte do de *l'Eure*, do *Sena-inferior*, de *l'Orne*, e de *l'Eure-et-Loir*.

NORUEGA. (Veja SUECIA).

NOSTRADAMUS. (Veja ASTROLOGIA).

NOVA-ORLEANS. (Veja ESTADOS-UNIDOS).

NOVA-ZELANDIA. (Veja POLYNESIA).

NOVEMBRO. *Jardins*. N'este mez já são poucas as flôres, e quem quizer tel-as precisa recorrer ás estufas. Mettem-se na terra cebolas e raizes de rainunculos, borboletas, peonias e angelicas. Plantam-se estacas de roseiras, murta, alecrim, alfazema.

Hortas e campos. Semeiam-se ervilhas, couve, repôlho, broculos, salsa, coêntros e erva dôce, feijões carrapatos e outras qualidades trepadeiras; conclue-se a sementeira dos rabanos, rabanetes e nabos. Colhem-se os espinafres, semeados em setembro. Plantam-se couves, e a chicorea semeada no mez anterior. Abrem-se regos, nas terras alagadiças, para as desaguar. Continua a sementeira dos cereaes. Limpam-se os prados.

Pomares, vinhas, mattas. Plantam-se arvores de fruta, e, não havendo geadas, podem começar-se as podas. Principia-se a apanha da laranja de exportação, nas provincias do sul. Desfolham-se as vinhas. Principia-se o córte da madeira e lenhas. Continua-se a apanha das folhas seccas, e roçam-se os mattos.

NUMA. (Veja OITAVO SECULO).

NUMERAÇÃO (do latim *numerare*, numerar, formar os numeros). É a arte de *lêr* e *escrever* os numeros. Se cada numero fosse representado por uma *palavra* ou uma *figura* particular, percebe-se que esta immensa nomenclatura se tornaria inutil, por não poder ser contido na memoria. Tornou-se pois necessario estabelecer um systema que, por meio de um pequeno numero de palavras e de figuras, combinados segundo uma lei simples e uniforme, permittisse representar, não diremos todos os numeros, pois que a sua serie é indefinita, mas os que podem ser objecto de nossas especulações.—Ajuntando successivamente a unidade a si mesma e ao numero precedente, formam-se todos os numeros possiveis. Os nove primeiros numeros tem individualmente um nome particular. Ajuntando outra unidade a *nove*, forma-se o numero *dez*, que se considera como uma nova especie de unidade chamada *dezena;* isto é, conta-se por dezenas como se contou por unidades: uma *dezena* ou *dez*, duas dezenas ou *vinte*, etc. Para enunciar numeros successivos entre *dez* e *vinte*, *vinte* e *trinta*, etc., ajunta-se a estas expressões os nomes dos *nove primeiros* numeros e obtem-se: vinte e um, vinte e dous..., trinta e um, trinta e dous, etc. Observemos que entre *dez* e *vinte* ha uma irregularidade na numeração oral consagrada pelo uso: diz-se *onze*, *doze*, *treze*, *quatorze*, *quinze*, em vez de se dizer: dez e um, dez e dous, dez e tres, dez e quatro, dez e cinco; mas a nomenclatura torna-se regular em *dezeseis*, *dezesete*, *dezoito*, *dezenove*. — D'este modo conta-se até noventa e nove, que exprime uma collecção de nove dezenas e de nove unidades. Ajuntando uma unidade a este numero, obtem-se dez dezenas, ao qual se deu o nome de *cem* ou de *centena;* e contando por centenas como se contou por dezenas, tendo o cuidado de enunciar entre cada duas centenas consecutivas os noventa e nove primeiros numeros, obtem-se os nomes de todos os numeros até *novecentos noventa e nove*. Ajuntando ainda uma unidade, obtem-se dez centenas, ou *mil*, unidade de quarta ordem a que se dá o nome de *milhar*.

Agora, formam-se os milhares, não como as centenas e as dezenas, mas como as unidades simples; de sorte

que se formam dezenas e centenas de mil do mesmo modo que se formaram dezenas e centenas de unidades. E contando com os *milhares* como se contou com as unidades, chega-se até *novecentos noventa e nove mil novecentos noventa e nove unidades*. —Mil milhares formam uma nova unidade, a que se dá o nome de *milhão;* mil milhões dão tambem um *billião;* e seguindo a mesma lei, obtem-se successivamente: *trillião*, *quatrillião*, *quintillião*, *sextillião*, *septillião*, *octillião*, *nonillião*, *decillião*, etc., e assim por diante, indefinitamente por consideravel que seja o numero. Mil decilliões seria a expressão de um numero maior que o dos grãos de areia da terra e dos mares.

Tal é o systema da *numeração oral* ou *fallada*.

2. O systema da *numeração escripta* ou *figurada* é ainda mais admiravel pela sua simplicidade. Dez caracteres, que se denominam *algarismos*, podem exprimir todos os numeros imaginaveis. Os algarismos que representam os nove primeiros numeros, são chamados *algarismos significativos*, e teem dous valores, um *absoluto* ou de *figura* e outro *relativo* ou de *posição*. Assim, 2 em valor absoluto representa sempre *dous;* mas tanto póde exprimir duas unidades, como duas dezenas, duas centenas, etc., conforme a sua posição ou lugar em o numero de que é parte.

O ultimo algarismo, ou *zero* não tem valor algum, mas serve para modificar o dos outros algarismos em virtude da seguinte convenção fundamental, que é a base da numeração escripta: *Todo algarismo collocado á esquerda de outro designa uma collecção de unidades dez vezes maiores que as do outro algarismo.*

No systema da numeração, todos os numeros se dividem em unidades, dezenas, centenas; unidades, dezenas, centenas de mil; unidades, dezenas, centenas de milhão, etc.: percebe-se por tanto a utilidade do zero; pois que querendo representar um numero que não contém senão dezenas, quarenta, por exemplo, escrever-se-ha: 40 onde o zero dá ao algarismo 4 o seu valor de posição; do mesmo modo, quatrocentos, dous mil e sete, escrever-se-hão: 400, 2007. — Para facilitar a leitura de um numero escripto, divide-se o numero em *classes de tres algarismos*, começando pela direita, e lê-se depois, começando pela esquerda, cada classe como se estivesse só, pronunciando após cada enunciação a palavra que exprime a unidade ternaria correspondente á classe, a saber: mil, milhão, billião, trillião, etc., conforme fôr segunda, terceira, quarta, quinta etc., classe. Assim o numero 83385729 lêr-se-ha: 83 milhões, 385 mil, 729 unidades; 7003048073 lêr-se-ha: 7 billiões, 3 milhões, 48 mil, 73 unidades. Vê-se pois que tudo se reduz a ter *cada algarismo* em cada classe, depois de ter examinado a ordem da classe e se este algarismo exprime unidades, dezenas ou centenas n'esta classe. Em quanto ao zero, não se lê, mas indica como devem ser lidos os outros algarismos. — Não é mais difficil escrever um numero dado qualquer, pois que tudo se reduz a escrever separadamente cada classe, pondo os zeros necessarios para dar a cada algarismo significativo o valor de posição que lhe é proprio. Assim 83 milhões, 503 francos, será formado de tres classes, pois que os milhões occupam a terceira; é agora necessario escrever cada classe, pondo zeros onde faltam unidades; e como n'este exemplo não ha unidades de mil nem dezenas de unidades simples, escrever-se-ha 83000503 francos. — Para a leitura e escripta dos numeros decimaes e fraccionarios, veja Fracção, Metro, Gramma, etc. — A harmonia que existe entre a numeração *fallada* e a numeração *escripta* resulta de que, em ambas, se considera sempre *dez* unidades de uma qualquer ordem como formando uma unidade da ordem immediatamente superior. Este numero *dez* é o que se chama a *base* do systema, o qual se denomina *decimal* ou *decennario*, para o distinguir dos outros. Com effeito, ter-se-hia podido tomar outro qualquer numero in-

teiro para base, e formar um systema *binario, ternario, quaternario, oitenario, duodecimal*, etc., o que exigiria o emprego de maior ou menor numero de algarismos, conforme a base fosse maior ou menor que *dez;* pois note-se que um systema qualquer exige tantos algarismos, incluindo o zero, quantas as unidades da sua base. Mas a numeração decimal foi adoptada por todos os povos civilisados, sem duvida por ter sido suggerida pelo numero de dedos das duas mãos, que são os instrumentos naturaes de contar.

Direcção e exercicios. 1. Para fazer comprehender a formação dos numeros de um modo palpavel, deve materialisar-se o mecanismo da numeração por meio de pequenas varinhas, com que se formarão feixes de *dezenas*, de *centenas*, etc., os quaes servirão para contar como foi indicado. Os grãos de feijão, de ervilha, etc., podem ser tambem empregados, mas não são tão convenientes. — Com 10 pequenas varinhas um decurião ensina as crianças de mais tenra idade, a contar, primeiro até 5, depois até 10, fazendo-lhe pegar successivamente em uma varinha. Quando já sabem contar até 10, o professor faz as questões seguintes: Quantas varinhas tenho eu na mão? (toma 2, 4, 6 ou 8, etc., o que obriga o menino a comprehender o valor e a significação de cada numero). — Tomai 4, 6, 9, etc., varinhas; exercicio agradavel que occupa, a um tempo, a intelligencia e as mãos. — Qual preferis, 2 ou 3 libras, 7 ou 5 libras, etc.? (Exercicio de juizo). — Preferis 4 libras a 6? 7 libras a 9, etc.? Questões que habituam a não julgar precipitadamente, e a comprehender a ironia. — A mamã achou 2 ovos em um ninho, 4 em outro; 6 maçãs debaixo de uma macieira e 5 debaixo de outra: quantos ovos e maçãs achou ella? Questões que farão convencer a criança de que o que aprende tem utilidade pratica. — Quanto são 3 e 4, 5 e 2, 3 e 5? A criança toma 3 varinhas, depois 4, e conta quantas tomou; e assim por diante: exercicio que lhe facilitará a solução rapida de simples problemas mentaes cuja utilidade conhece.

2. As crianças, sabendo contar de 1 até 10 podem contar de 10 até 100 com feixes de dezenas, como contaram com as unidades. Far-se-lhes-ha notar que: 1 dezena se representa por 10, 2 dezenas por 20, 3 dezenas por 30, etc. Depois, dá-se-lhes estes exercicios: Quanto são 10 e 10, 20 e 20, 30 e 30, etc. Com os feixes de dezenas na mão, a criança vê que 1 dezena e 1 dezena, ou 10 e 10, são 2 dezenas e 2 dezenas, ou 20; que 2 dezenas e 2 dezenas, ou 20 e 20 são 4 dezenas, ou 40, etc. — Tomai 2, 4, 6 dezenas, etc., e dizei o numero que ellas representam? Exercicio que facilita a leitura e a escripta de um numero qualquer de 10 até 100, fazendo-lhes achar immediatamente o numero de dezenas contidas em estes numeros. — Tomai 30, 40, 60, etc.; 52, 47, 36, etc., e dizei quantas dezenas e unidades precisaes? Exercicio de juizo. — Quanto são 30 e 20, ou 3 dezenas e 2 dezenas; 40 e 30, ou 4 dezenas e 3 dezenas? Questões que servem para mostrar que as dezenas se ajuntam tão facilmente como as unidades. A mamã tinha 8 vintens; gastou em compras 3 vintens, quanto tem ainda? 2 vintens, 3 vintens, 5 vintens, etc., subtrahidos a 8 vintens, 7 vintens, 6 vintens, etc., quanto resta? 30 reis, 20 reis, 50 reis, etc., subtrahidos a 80 reis, 70 reis, etc., quanto resta? Exercicios praticos que dão interesse á lição, e preparam para o calculo escripto.

3. Os meninos sabendo agora contar de 10 em 10 até 100, facilmente retiram os nomes dos numeros intermedios, e verão com prazer que para contar até 100, basta pôr entre 20 e 30, 30 e 40, etc., os numeros 1, 2, 3, etc., até 9. — Para que os meninos contem por si proprios de 20 a 100, o professor tomará 2 dezenas, que os discipulos representarão por 20, e ajuntará 1, 2, 3, etc., varinhas: depois perguntará qual é o numero formado. O menino vê de um lado 20, e do outro 1, 2, 3, etc., varinhas, e naturalmente diz: 20 e 1, 20 e 2, etc., ou 21, 22,

etc. Façam-se os mesmos exercicios com 3 dezenas, 4 dezenas, etc. —Far-se-ha depois contar de 10 a 20, observando-lhes que as palavras: onze, doze, treze..., quinze, se substituem ás da nomenclatura regular: dez e um, dez e dous, dez e tres,.., dez e cinco. Depois façam-se os exercicios seguintes: Tomai 4, 6, 8 dezenas e 3, 5, 7 unidades, etc., e enunciai o numero formado. —Tomai 32, 53, 67, etc., e dizei quantas dezenas e unidades contém. — Quantos são 13 e 12, 23 e 35, etc.? Obtem-se a somma tomando separadamente as dezenas e as unidades dos dous numeros. —Quantos são 19 e 1, 29 e 1, 49 e 1, etc.? Para que os meninos achem a resposta, põe-se de um lado 1 dezena e do outro fórma-se outra dezena, o que vale 2 dezenas ou 20. Separando d'este modo as duas partes, vê-se quantas são as dezenas ao todo. Assim, 30 e 9 e 1 fazem 40 e 10, ou 40, etc.

4. Os meninos exercitados assim a contar até 100 podem, n'uma lição, aprender a contar até 1000. Para o que, se tomará de um lado 1 centena em varinhas, e do outro successivamente 1 a 99 varinhas. A criança conta tudo o que está presente a seus olhos: 100 e 1, 100 e 2, etc., até 100 e 99. Faz-se-lhes notar que chegando a este ponto, ajuntando 1 a 99, obtem-se 100, de um e de outro lado; d'onde se lhe faz deduzir que 100 e 99 e 1 fazem 200. A mesma observação para 299, 399, 499, etc. Chegando a 999, põe-se de um lado 9 centenas, do outro 99 varinhas, e faz-se-lhes notar que ajuntando 1 a 99, obtem de um lado 9 centos e do outro 1 cento, ao todo 10 centos, que se denominam 1 milhar. —Com 10 feixes de centenas, 10 de dezenas e 10 varinhas simples, faz-se contar de 200 a 300, de 300 a 400, etc., notando-lhes quanto fazem 199 e 1, 299 e 1, 399 e 1, etc., e quantas são as centenas, dezenas e unidades em cada numero; depois manda-se contar sem o auxilio das varinhas. Em quanto á numeração escripta, tudo se reduz a fazer comprehender á criança que cada algarismo representa um dos numeros que elle conhece, e que exprime unidades maiores ou menores, conforme o lugar que o algarismo occupa. Para este fim, escreve-se na pedra ou em folhas de papel, dispondo-os em columnas e em quadro, os nove primeiros algarismos isolados, depois seguidos, cada um d'elles, de dous zeros, seguindo primeiramente a ordem natural, e depois ao acaso.

Faz-se o mesmo para os numeros de 1 até 99, de 100 até 200, de 200 até 300, etc. Em fim, manda-se lêr, escrever, copiar e enunciar oralmente ou por escripto todos estes numeros, até que os meninos se tenham familiarisado com a leitura e a escripta de um numero qualquer de tres algarismos. É então que se póde começar com a *addição* escripta (veja esta palavra), e mais tarde continuar com as explicações da numeração como ficou exposto nas lições 1 e 2.

NUTRIÇÃO DAS PLANTAS. «A materia que entra na composição de uma planta consiste principalmente: em carvão que fórma a estructura lenhosa, em alguns mineraes que lhe prestam consistencia, e nos elementos constitutivos de agua e do ar, que completam os simples meios da variadissima producção vegetal.

«Os orgãos principaes das plantas, ou os seus apparelhos mais perceptiveis, são: a raiz, a haste, e as folhas para o crescimento e conservação; a flôr e o fruto para a reproducção.

«As raizes prendem a planta ao solo, e absorvem ou chupam as substancias achadas n'elle, especialmente quando lhes são uteis, sempre que estejam dissolvidas em agua. Assim se fórma a *seiva* ou succo vegetal. Por isso a humidade é indispensavel, e faz um papel importante em agricultura.

«A haste ou tronco sustenta os ramos, e compõe-se de casca, alburno, madeira e medulla: é o que estabelece a communicação da seiva das raizes ás folhas.

«As folhas foram chamadas *raizes aereas* das plantas, por certa seme-

lhança nas suas funcções. Solicitam e attrahem a seiva que sobe das raizes, ao mesmo tempo que absorvem a agua e o acido carbonico suspensos no ar atmospherico: isto é, chupam ou aspiram, decompõem e modificam umas e outras substancias, e reteem a parte util, despedindo a sobeja; d'onde se vê que tambem expiram ou exhalam. Este duplo exercicio continuo comparou-se ao da respiração.

«A agua carregada de substancias alimenticias, chupada ou absorvida pelas raizes, sobe em estado de *seiva ascendente* ou *lympha*, pelo tecido lenhoso do tronco, até chegar ás folhas. N'este movimento ha evaporação de agua, e mais nas folhas que elaboram e modificam a seiva; de modo que esta se condensa na parte superior. Cada porção da planta escolhe, e se apropria e assimila, as substancias que mais lhe conveem, cujo apartamento consegue por meio d'uma depuração que lhe é peculiar. A seiva, empobrecida d'esta sorte, chega acima, estende-se pelas folhas, n'ellas se reforça de carvão procedente do acido carbonico tomado do ar, e emprehende o movimento descendente em estado de *seiva aerea* ou de *succos proprios*, voltando pelo interior da casca até ás raizes, sem se interromper a alimentação; e assim successivamente a subida e descida.

«D'onde, se a uma planta se tirar um pedaço de casca, mal se resente; mas se se lhe fizer um córte em volta ou um annel que descubra a madeira, morre, porque se lhe intercepta o movimento descendente da seiva.

«Differe a seiva, segundo as plantas, em consistencia ou espessura, assim como em outros accidentes. Move-se em virtude de uma excitação ou força vital que nos admira; e unicamente se aproxima á paralysação, já pelos frios que a contrahem no inverno, já em ponto menor pela alta temperatura que a evapora no verão. Por isso precisam as plantas de determinados graus de calor, e por isso se cortam no inverno as arvores, e se lhes tiram as estacas ou renovos, em quanto que a seiva está meio amortecida.

«Nem todas as plantas se nutrem na mesma proporção; do que, e da sua varia organisação e natureza intima, resultam as differenças que offerecem em figura, cheiro, côr e sabor. D'ahi as diversas condições que pede o terreno para produzir cada planta, em adubo, calor e humidade.

«As substancias alimenticias que as raizes appetecem, encontram-se ás vezes nos terrenos; quando não, subministram-se-lhes nos bons estercos. Por essa razão é que se adubam os campos; mas se a uma planta se applicam em excesso, arrebata-se pelo calor da fermentação, e chega o caso de morrer. Todos os extremos são viciosos.

«Além do alimento que em varias proporções convém á generalidade das plantas, ha algumas que requerem substancias especiaes; sem cujo concurso não prosperam. Assim, em tanto que a batata-carvalha e a vide precisam de abundancia de materia carbonica, commum a todos os vegetaes, as gramineas gostam do principio cilicio e do calcareo; as leguminosas do gredoso; a barrilha quer sal commum; as plantas litoraes, iodo e soda; e a borragem é avida de salitre. Onde encontram a substancia favorita, absorvem-n'a com predilecção, em tanto que outras plantas alli semeadas pouco ou nada a aproveitam. Com o tempo chegarão a saber-se e fixar-se todas estas affeições e preferencias, e será um grande passo dado pela agricultura no caminho da certeza.

«A aspiração ou absorpção das plantas pelas folhas, realisa-se por meio do ar e da luz, produzindo a decomposição da seiva das raizes e a do gaz acido carbonico do ar. Esta faculdade reside principalmente no envez das folhas, que é a face inferior ou tecido tenro, excepto na planta da batata-carvalha e em algumas outras: tambem gozam d'ella as partes verdes do tronco e ramos, e até as folhas de outras côres. A expiração da agua e a exhalação do oxigeneo fazem-se

por ambas as faces da folha: a do acido carbonico, sempre pela superior, ou mais lisa.

«É tão necessaria a luz á decomposição do acido carbonico, pelas folhas, que só se effectua esta operação durante o dia. O acido carbonico é uma combinação de carbone e oxigeneo: á luz introduz-se o carbone no organismo da planta, desprendendo-se o oxigeneo, gaz respiravel e sadio; em tanto que, ao contrario, na obscuridade perdem as plantas e desmerecem, porque largam, despedem ou exhalam parte da sua substancia em fórma de acido carbonico, gaz irrespiravel e nocivo. Por isso é tão proveitoso ao homem e aos animaes aspirar o ar do campo pela manhã, e tão exposto o passar a noite em aposento fechado com muitas hervas ou flôres. Por isso tambem são tão essenciaes ás plantas luz e ventilação: se uma ou outra lhes faltam, se debilitam, descoram, enfermam e fallecem.

«A alimentação por meio das folhas tem sido posta em duvida, e até contradicta por alguns observadores. Não devem ter razão. Á excepção da maior parte das substancias mineraes, podem as plantas receber, e recebem, da atmosphera todas as outras de que precisam. O que é certo, é que isto basta e satisfaz, na falta de outra cousa, a certos vegetaes de lento crescimento, mas não aos que nós costumamos cultivar annualmente, e que em poucos mezes teem de chegar ao termo da sua producção, com auxilio de adubos ao terreno.

«Outro serviço prestam as folhas, recolhendo frequentemente da atmosphera, envolto em vapor ou em orvalho, o ammoniaco, indispensavel ás plantas, e attrahindo e fixando algumas substancias que não chegam a decompôr, para que distillem pelos ramos e troncos, e desçam até ás raizes que as chupam. Que promovem a subida da seiva, se infere de que a agua absorvida pelas raizes está em relação com a superficie folhosa das plantas. Por outra parte, é evidente que cobrem e abrigam o terreno, tanto mais, quanto maior seja o seu tamanho, impedindo a perda de calor, a evaporação de humidade, e a de alguma parte essencial dos adubos. Por tudo isso soffrem tanto as plantas, quando se lhes tiram as folhas, ou ainda quando se deixam cobrir de palha das eiras, ou de pó das estradas.

«Voltando ás raizes, observe-se que umas são de dilatações tuberosas ou tuberculosas como a batata-carvalha; outras fusiformes, em figura de fuso; e outras ramificadas á maneira de cabellos, de fios, ou de ramagem. D'ahi vem que umas profundam mais que outras, e as que ficam superficiaes não chegam aos alimentos das camadas inferiores, em tanto que as que chegam abaixo não utilisam todos os da parte superior: o que explica o bom exito das colheitas simultaneas e alternadas, misturando-se plantas de raiz comprida e curta.

«Ainda mais. A seiva descendente suppõe-se que leva comsigo toda a substancia inutil, que as raizes lançam como residuo rejeitado pela planta, de nenhum proveito para as da mesma familia, ou quando menos da mesma especie. É um facto que parece comprovado, ainda que só parcialmente.

«D'estas considerações, e da fundamental de que, ainda a igual profundidade de raizes, umas plantas se nutrem sem fazerem caso de substancias que conveem a outras, se deduz que em geral não se deve continuar a cultura de uma planta no mesmo campo sem intermissão.» (*Manual de agricultura*).

NUVENS. (Veja METEOROS). «Oh! que vista tão aprazivel fazem as nuvens em dias serenos, ora armando o ar com volantes de tela branca, ora ornando o poente com bordados ricos, tecidos de fino ouro; já com carmezins abrazados de côr fina, a que nem chegam tintas, nem esmaltes da terra. Mas o que o author da natureza quer que com maior attenção consideremos, é o arco das nuvens! *Vide arcum, et benedic eum, qui fecit illum,*

valde speciosus est in decore suo. Gyravit cœlum in circuitu gloriœ sua, manus excelsi aperuerunt illum. Como se dissesse: Levanta, homem, os olhos para o arco celeste, e louva ao grande Deus, que o fez: olha como é formoso, e bello, a variedade das côres com que sahe, abrazada, dourada, azul, mas principalmente amarella, verde, e vermelha; só a poderosa mão de Deus o póde lançar tão certo, e direito no semi-circulo que faz tão vario, e aprazivel, nas tintas com que vem illuminado, e dá graciosa, e aprazivel vista de si ao mundo.» (Diogo Monteiro).

O

OBSTINAÇÃO. É um defeito que assenta na persistencia despropositada e detençosa de resolução censuravel. Se a resolução é plausivel, tambem a persistencia é louvavel, e então chama-se *constancia.* A obstinação não afrouxa, antes mais se endurece e irrita se a molestam. As pessoas não educadas nem esclarecidas são mais atreitas a esta doença de espirito. Como lhes fallecem termos de comparação que as elucidem, qualquer idéa falsa, ajustada ás suas paixões, se lhes enraiza no animo e lh'o captivam. Os camponezes são os mais testudos, pois que de todo vivem sequestrados da esphera dos factos e em quasi absoluta paralysia de pensamento.

OCEANIA. Chama-se Oceania ou mundo maritimo o conjuncto das numerosas ilhas situadas no Grande Oceano, entre Asia e America. No seculo XVII sómente successivos descobrimentos revelaram á Europa as diversas regiões do mundo maritimo. O navegador Dumont-Durville dividiu geralmente a Oceania em quatro partes principaes: *Malesia*, a oeste, *Melanesia*, a sul, *Polynesia*, a éste, *Micronesia*, ao norte.

Dos 20 milhões de habitantes, que formam a população da Oceania, o maximo numero é musulmano ou idolatra; o christianismo, porém, chegou onde quer que os europeus se tem estabelecido.

O aspecto geral e clima da Oceania são grandemente variados. Por sobre todo o lado septentrional da Nova-Hollanda o calor é continuo e insupportavel; a parte central é mais temperada; na parte meridional observam-se quatro estações, mas em ordem inversa das nossas: o inverno, pouco rigoroso, é assignalado por ventanias tempestuosas e amiudadas, e chuveiros. O clima da Nova-Zelandia é bastantemente temperado, porém humido e exposto a violentos furacões. Nas partes atravessadas pelo equador, o ar é quasi sempre refrigerado pela briza maritima.

Os habitantes da Oceania pertencem a duas raças distinctissimas: malaios, que deram nome a Malesia, e a dos negros que principalmente povoam a Melanesia. Os negros oceanicos são os mais grosseiros e estupidos da especie humana; os malaios, pelo contrario, são em geral affaveis, sociaes, intelligentes e activos. O pintalgarem-se, ou o uso de cobrirem os corpos de pinturas de todo o feitio, commum a todos os povos da Oceania, attingiu, entre alguns d'esses povos, um admiravel grau de aperfeiçoamento.

OCEANO. «O mar é, sem contestação, o espectaculo mais grandioso que a natureza nos offerece. Esse horisonte sem limites em que a vista se perde, essas linhas distantes, cuja tranquillidade nenhum accidente interrompe, são, para o espirito pensador, como a imagem do infinito. A imaginação povôa de mysterios os abysmos transparentes em que os olhos se fixam com receio, e dos quaes ninguem pôde ainda contemplar a immensa profundidade. Porém, quando as vagas se levantam como montanhas para desfazer em poeira o granito das penedias, o coração, sentindo melhor a propria fraqueza, enche-se de terror á vista da omni-

potencia de Deus. Quer o sol se apague no seio de um mar socegado, quer converta em perolas de fogo as gotas d'agua sacudidas pela tempestade, quer as ondas, por uma noite dos tropicos se tornem rubras, e façam desmaiar o clarão da lua, quer se mudem em grutas de crystal, entre os eternos gêlos dos pólos, a scena é sempre magnifica e cheia de magestade, e nenhum homem póde consideral-a com indifferença. Desperta sempre um enthusiasmo santo, tanto na alma do poeta, como na do nauta; e o mais rude marinheiro, não póde, sem curvar o joelho, vêr o pôr do sol nas solidões do mar alto. O homem abre cavernas profundas, deixa até algumas vezes o vestigio dos seus passos na neve eterna das montanhas; por toda a parte a terra conserva signaes do seu genio; mas quando os seus navios percorrem a extensão do oceano, basta uma só vaga para lhe apagar a esteira; o mar esconde depressa esse signal passageiro de escravidão, e torna-se a mostrar tal qual foi nos primeiros dias da creação. Alli parece acabar o dominio do homem; nunca é sem perigo que elle procura estendêl-o á custa do mar, e as ruinas, por cima das quaes os barcos passam, nos mostram que em parte nenhuma cede dos seus direitos.

«O oceano cinge por todos os lados esses pequenissimos pontos de terra que nos pertencem, e que as marés parece quererem submergir a todos os minutos. As aguas occupam mais das tres quartas partes do globo, e quando se pensa em que os terrenos mais elevados dos continentes apenas excedem a sua superficie, admira que tenha havido quem negue a possibilidade do diluvio, de que os livros sagrados nos conservam a tradição. Pelo que nos diz respeito, quando vêmos na carta as pequenas porções de terra que apparecem, e a immensa quantidade de agua, debaixo da qual todo o resto se acha submergido, succede-nos ás vezes comparar o homem com esses insectos apenas visiveis, que, nos dias amenos do estio, edificam, nas margens de um charcosinho, pequenas casas de argilla: não vivem mais do que um dia, e trabalham sem descançar amontoando provisões para a velhice, creando os filhinhos, e vivendo, segundo parece, muito felizes aos raios quentes do sol. Muitas vezes as gerações nascem e morrem, sem que nada perturbe a sua existencia tranquilla. Mas se uma nuvem passa, ou se uma criança lança brincando uma pedra no meio do charco, o oceano excede os seus limites; ai dos frageis edificios, o diluvio arrasta populações inteiras, cujos cadaveres amontôa em formidaveis abysmos da largura de um dedo. Bastaria inquestionavelmente qualquer leve transtorno na ordem immensa da creação, para que um cataclysmo semelhante viesse destruir a terra, e aniquilar a raça humana! A sciencia descobre nos terrenos os assustadores vestigios do diluvio dos tempos passados.

«As profundidades inexploradas do mar, excitaram sempre a imaginação dos homens, e as investigações da sciencia, porque nada encanta tanto como o que é mysterioso. Ha muito tempo sabemos que não são solidões sombrias, cujas areias movediças engolem para sempre, como tumulos abertos, os destroços dos naufragios, e em que a morte reina como unica soberana. A natureza, sempre tão fecunda, que leva o movimento e a vida até mesmo ás terras austraes, não abandonou os valles sub-marinhos ás trevas e ao silencio. A luz penetra até ao fundo d'esses valles, plantas magnificas guarnecem as encostas, animaes de todas as fórmas podem viajar a grandes profundidades. Alli se vê um mundo todo de creaturas phantasticas, recordando, pela sua construcção, os primeiros habitantes do globo, cujos restos se encontram hoje mesmo nos cumes das montanhas. Poderia dizer-se que o mar, menos sujeito á influencia do homem, conserva ainda alguma cousa do mundo primitivo. Sustenta ao mesmo tempo

entes, cuja grandeza nos assusta, e outros tão pequenos, que escapam á nossa vista; a baleia e o narval, os polypos e os cyclidos.

«Posto que as mais altas montanhas não excedam em altura em relação á terra, as asperezas que se observam na casca de uma laranja, o homem é uma cousa tão pequena, que nem assim póde chegar ao cume de todas. Á vista d'isto, como é que uma creatura tão debil, que precisa respirar dez vezes no breve espaço de um minuto, poderia, sem tomar o fôlego, descer á profundidade de mais de duas leguas?

«O ar, que nos rodeia, opprime-nos com um peso igual ao que teriamos que soffrer, se nos achassemos no fundo de um lago, cujas aguas tivessem dez metros de profundidade. Á proporção que subimos uma montanha, ou, melhor ainda, á medida que nos elevamos n'um balão, a pressão de que se trata, necessaria para conter o sangue que circula nas veias, diminue de intensidade. O ar, mais rarefeito, obriga-nos a respirar muito mais depressa; experimentamos exteriormente uma inchação dolorosa, dentro em pouco turva-se a vista, um estado vertiginoso se manifesta. Na altura de 7:000 metros, que é a maior a que um homem póde chegar, um frio vivissimo gela os membros; o ar mal póde já transmittir o som, e perde-se mesmo o sentido do ouvido. Depois o sangue, que uma pressão externa já não comprime, salta exteriormente pelos póros da pelle, o coração pára; é preciso descer... ainda um instante, e alguns metros mais acima, já não seria tempo. Por aqui vereis, meu caro leitor, que abandonar por uma hora a superficie do nosso globo, é ir affrontar os maiores perigos. Uma fraqueza assim, seria muito humilhante para nós, se as nossas almas não tivessem ao mesmo tempo o poder de se elevar até Deus.

«Se queremos mergulhar nas aguas, o perigo chega ainda mais depressa. A 20 metros de profundidade os nossos orgãos são já comprimidos por um peso tres vezes maior que o da nossa atmosphera; além d'este termo (fizemos nós mesmos essa experiencia) é perigoso affrontar maior pressão. A quatro atmospheras, o sangue muito comprimido nos membros, concentra-se nos orgãos profundos; a pelle torna-se livida; o coração abafado bate com muito custo, e o entorpecimento, precursor da morte, adverte-nos de que seria perigoso prolongar semelhante estado por mais alguns minutos. Além d'isso, debaixo d'agua, só com muita difficuldade se póde passar um minuto sem tomar a respiração. Apenas em Ceylão, onde os pescadores de perolas se habituam desde crianças, é que se encontra ás vezes um ou outro mais robusto, que póde conservar-se tres minutos no fundo. É verdade que no sino mergulhador se leva uma pequena provisão de ar, que por meio de um mecanismo engenhoso, se póde renovar de espaço a espaço; mas, posto que notavel, aquelle apparelho, por meio do qual um homem póde demorar-se sem perigo duas ou tres horas no fundo do mar, não evita que a pressão atmospherica augmente; o ar comprime-se n'elle da mesma maneira á proporção que se desce. Com o sino podem-se concertar os diques dos portos, trabalhando sem inconveniente na profundidade de 120 pés; mas não seria possivel ir mais abaixo. Não temos, por consequencia, maneira alguma de penetrar nas ultimas profundidades do oceano; mas a astronomia ensina-nos a calcular-lhes os limites, e a sonda traz-nos as suas producções.

«Não era realmente cousa muito facil chegar a conhecimentos positivos ácerca do fundo do mar. Reduzidos a recursos d'analogias mal estudados, e ás poucas experiencias dos mergulhadores, que podem, quando muito, descer alguns pés abaixo da superficie das aguas, os antigos tinham os mais estranhos systemas relativamente á geographia sub-marina. Nenhum assumpto ha, que servisse de mina tão fecunda á imaginação dos escriptores.

«O inferno era para elles o unico limite do oceano; os abysmos insondaveis, povoados de creaturas chimericas, os tritões, as sereias, os famigerados dragões, faziam, por cima das sombras, um céo digno do reino da morte. Suppoz-se depois, que a natureza tinha lá em cavernas immensas os seus laboratorios, nos quaes trabalhavam constantemente para formar os entes, que apenas nascidos, sahiam dos abysmos profundissimos para vir povoar a terra. Os sabios da idade média suppunham que a maior parte dos animaes extraordinarios tinham bebido a vida no fundo do oceano. Presentemente, as leis da materia, melhor estudadas, deixam-nos chegar a conjecturas mais razoaveis; e podemos asseverar que poucos phenomenos sub-marinos ficam hoje no dominio das theorias hypotheticas.

«Avaliamos a profundidade do mar, graças aos auxilios que mutuamente prestam as sciencias. Sempre longe da terra, que não é para elle mais do que um ponto, o astronomo mede a marcha dos planetas, e parece estranho a tudo o que se passa no nosso pobre globo. Todavia, para calcular com exactidão a distancia dos astros, era preciso que soubesse primeiro as dimensões do ponto em que se acha. É por esse motivo que conhecemos a fórma da terra, e que foi necessario medir a profundidade dos mares. Observando a intensidade d'acção exercida nos movimentos do nosso planeta pelo sol e pela lua, a influencia attractiva d'estes astros sobre as marés, e a elevação das aguas em diversas paragens, o geometra Laplace, author da mecanica celeste, demonstrou rigorosamente que as maiores profundidades dos valles sub-marinos não passam de 8:000 metros.

«A sonda chega, porém, poucas vezes no mar alto a tão grandes profundidades. No meio do intervallo comprehendido entre o Spitzberg e a Groenlandia, toca na terra á distancia de 3:000 metros. A 185 leguas do cabo Horn, e a 140 das terras mais proximas, a expedição da Venus, largou, por um tempo de calma, uma linha á profundidade de 4:000 metros, e quando, depois de uma operação executada por 60 marinheiros, e que durou mais de duas horas, se trouxe o chumbo á superficie viu-se que não havia tocado no fundo; mas n'uma experiencia posterior, feita pelos mesmos sabios no oceano Pacifico, a 230 leguas da terra, a sonda tocou em areia a um fundo de 3:790 metros. Muitas outras experiencias feitas com sondas nauticas da maior perfeição, confirmam perfeitamente os calculos de Laplace, e nos demonstram que se um dia o oceano seccasse, veriamos no seu leito regiões vastissimas, grandes valles, abysmos immensos tão inferiores á superficie geral dos continentes, quão superiores lhes são os mais elevados cumes dos Alpes. Quantas theorias maravilhosas destruiu a solução d'este grande problema! Quantas illusões se perderam! Já não é possivel suppôr o oceano a ferver sobre as materias em fusão no centro da terra! A imaginação, que gostava de prolongar os seus abysmos ao infinito, tem de se contentar com a modesta distancia de duas leguas. O mar é, relativamente ao globo, uma pellicula sem grossura: é quasi como a camada de orvalho que a noite deposita n'um fruto. Comtudo, para nós, que somos tão pequenos, uma massa d'agua capaz de engulir a mais alta montanha das Cordilheiras, deixando, quando muito, de fóra o que baste para formar um recife, ou amarrar um barco é ainda alguma cousa!

«É um mundo immenso e curioso para se estudar; um mundo cheio de mysterios, de maravilhas magnificas, e cuja geographia completa, tarde nos será dada pela sonda dos maritimos. O fundo do mar, desigual como a superficie dos continentes, apresenta cadêas de montanhas, de que as ilhas são os verdadeiros cumes. Este mundo tem, como o nosso, valles riquissimos, planicies ferteis, e desertos incultos; mas com florestas, com animaes, e com um céo que lhe é particular. Alli se vêem immensas cra-

teras, brazeiros constantemente ardentes, d'onde sahem lavas e rochas inflammadas, que sobem até á superficie onde vem levantar as massas liquidas das vagas. As Antilhas, as Maldivas, e muitas outras ilhas d'origem volcanica são formadas pelo resfriamento d'estas materias. Depois, muitas vezes, longe da terra, os viajantes encontram columnas enormes d'agua dôce e quentissima, que fervem com medonho estrondo na superficie do oceano, tendo atravessado, sem se confundirem com ellas, camadas espessas d'agua salgada. Um d'estes singulares repuxos eleva-se no meio do golfo de Sperzia. Na bahia de Xagua, a duas ou tres milhas da terra, ha nascentes d'agua dôce que saltam com tanta força do mar, que os barcos não podem sem perigo aproximár-se d'ellas. Sujeito, em fim, ás mesmas revoluções, que a superficie da terra, o leito do mar estremece muitas vezes, ergue-se em ilhas novas, ou sepulta as antigas, e a natureza, sempre activa e laboriosa, poderia alli offerecer aos nossos olhos cataclysmos tão terriveis como os que vem frequentemente destruir algumas partes dos continentes.

«Quantas cousas interessantissimas descobririamos no fundo do mar, se nos fosse possivel viajar por elle á nossa vontade! Veriamos desertos immensos d'areias, onde vão depositar-se os destroços de todos os naufragios, os restos ignorados das gerações mortaes, e os mais curiosos testemunhos da industria humana. Poderiamos ir seguindo estreitos valles, que são como as arterias d'este novo mundo, e por onde passam as correntes que, desde o pólo até ao equador, misturam as aguas de todos os mares para lhes equilibrar a temperatura. Veriamos grandes linhas de rochedos despidos, mostrando-nos as arestas polidas de jaspe, de granito, de ruivas prateadas, crystallisações metallicas, cujas mil faces reflectem todas as côres do arco iris, e formam em muitos lugares como grutas encantadas. Passariamos por vastas planicies de madre-perola, de coral vermelho, de arbustos de fórmas estranhas, cujos ramos petrificados são despidos de folhas. Teriamos, em fim, que atravessar prados verdejantes, cobertos de plantas singulares, e de florestas immensas, de *florideas*, que vem respirar o ar á superficie, posto que ferrem as raizes a 500 pés de profundidade.

«Teriamos por cima da cabeça um céo liquido cem vezes mais azul do que o nosso, cortado em todas as direcções por animaes phantasticos; onde baleias enormes nadam com a mesma facilidade com que as aguias vôam nos ares, e descançam como estas nos rochedos a prumo das mais altas montanhas. Quem sabe a que espectaculo a natureza nos faria assistir sob uma pressão de oitocentas atmospheras, onde um globo de ferro de um palmo de diametro e de tres dedos de espessura rebentaria como uma bola de sabão, e a força poderosissima da polvora não seria capaz de fazer sahir uma bomba d'um morteiro! Quem sabe se debaixo de um peso tão enorme a agua penetrará nos póros da pedra e do marmore, fazendo-as transparentes como vidro? Talvez então podessemos vêr como se operam as crystallisações das substancias mineraes, e as diversas combinações dos seus elementos!» (*Revista estrangeira*).

OCIOSIDADE. «A ociosidade é o inimigo maior e o mais perigoso dos estados. Em Athenas condemnaram os ociosos com pena de morte; o imperador Valente com a perda da liberdade. Sallustio aconselhou como primeira necessidade do governo buscar em que occupar os homens. Cicero affirmava que durou a gloria de Roma em quanto se observavam as leis contra a ociosidade. Marco Antonio mandava que todos os homens trouxessem sobre si um signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir nas obras publicas. Nação houve entre a qual se não dava de cear aos moços que não mostrassem o trabalho, em que haviam occupado aquelle dia.

Entre os egypcios houve lei que obrigava a cada um dos homens a mostrar aos magistrados o de que vivêra e em que se occupára aquelle anno.

«Passou da antiguidade aos nossos tempos a ser tão approvado este modo de governo que Philippe II condemnou os ociosos ás galés. Os chins não consentem um só ocioso, e buscam occupação até para aquelles homens a quem as enfermidades podiam isentar legitimamente do trabalho; porque os que não tem mãos trabalham com os pés, e os que não tem pés trabalham com as mãos; até os cegos trabalham, e de sete annos de idade buscam em que exercitar os meninos. A esta imitação ha em Paris um hospital em que recolhem os mendigos, e a todos dão occupação. Em Amsterdam são suspeitas como deshonestas as mulheres ociosas de qualquer qualidade que sejam. Este é o vicio da ociosidade; e é para admirar que não tenha entre nós pena especial. Bem considero que ha entre nós muitos ociosos porque não teem em que trabalhar, especialmente as mulheres na maior parte do reino, e que a quem lhes condemnar a ociosidade podem responder como o obreiro do Evangelho: *nemo nos conduxit* (ninguem nos dá que fazer). Com a introducção das artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a republica dando occupação aos vassallos tem direito para castigar a ociosidade d'elles... Os portuguezes é a nação mais habil para as artes mecanicas que tem a Hespanha; e os estrangeiros confessam que são os que melhor e mais facilmente os imitam. No reino não faltam officiaes d'aquellas artes cujas obras se não recebem dos estrangeiros, como são pedreiros e carpinteiros, e outros de que ha tanta quantidade, que um grande numero d'elles possa trabalhar e ganhar sua vida em outros paizes, e especialmente em Castella. Da mesma sorte haverá abundancia de officiaes e obreiros em todas as artes que de novo se introduzirem, e se occuparão n'ellas todos aquelles que a necessidade ou falta de emprego faz sahir da sua patria.» (Duarte Ribeiro de Macedo).

ŒDIPO. (Veja DOZE (seculo).

OFFENSA. «Quando o sabio nos offender, satisfaça-nos o seu infallivel arrependimento; se é um parvo quem nos offende, é mais parvo quem se vinga.» (Seneca). — «Está no espirito do homem odiar as pessoas que offende.» (Tacito). — «Vingarmo-nos de quem nos offende é nivelarmo-nos com o inimigo; perdoar-lhe é sublimarmo-nos muito ao de cima d'elle.» (La Rochefoucauld).

OITAVO SECULO, antes de J. C. — *Reis da Assyria; Ezechias e Romulo.* — Depois da morte de Sardanapalo (veja SETIMO SECULO) foi desmembrado o imperio da Asia. Tres novos reinos se formaram: Media, Babylonia e Ninive. Phul, seu filho, reinou em Ninive, com o nome de Sardanapalo II. Dizem que fizera penitencia, com todo o seu povo, quando Jonas prégou. Theglathphalasar, seu successor, e fundador do segundo imperio assyrio, reduziu a extremos o reino de Israel, e destruiu completamente o de Syria, e ao mesmo tempo desolou o de Judá que lhe pedira soccorro. Por onde os reis da Assyria souberam o caminho da Terra-Santa, e resolveram conquistal-a.

Salmanasar, successor d'aquelle ultimo, destruiu o reino de Israel, reinando Oseas, seu ultimo rei. As dez tribus em que o culto de Deus se extinguira, foram transferidas a Ninive; e dispersas entre os gentios, ahi se dispersaram por tal modo que não houve mais descobrir-lhes vestigios.

Ezechias, o mais justo e piedoso dos reis depois de David, governava então o reino de Judá. Restabeleceu o culto de Deus verdadeiro, guerreou os philisteus, e tentou remir Judêa do tributo que pagava aos assyrios. Senacherib, successor de Salmanasar, ia apoderar-se de Jerusalem, quando um anjo exterminador lhe matou 185:000 homens de seu exercito.

«No anno do mundo 3228, antes

da era christã 776, foi coroado como vencedor nos jogos olympicos Corébo. D'este successo começaram os gregos a contar as suas cousas pela época das olympiadas, cada uma das quaes continha o espaço de quatro annos. E aqui, segundo deixou observado Varrão, e com elle Censorino, e Eusebio, acabam os tempos fabulosos da Grecia, e começam os historicos, ou verdadeiros. Reinava então na Judéa Osias.

«Na anno do mundo 3256, antes da era christã 748 (segundo o computo de Fabio Pintor, que é o mais antigo dos historiadores romanos), foi fundada a grande Roma, que tomou o nome de seu fundador Romulo. Reinava então na Judéa Acaz, pai de Ezequias.

«Segundo o computo de Marco Varrão (que é todavia o mais seguido dos modernos), foi Roma fundada cinco annos antes; isto é, no anno 753, antes da era christã.

«*Serie dos reis de Roma:* Romulo, Tarquinio, Prisco, Numa Pompilio, Servio, Tullio, Tullo Hostilio, Tarquinio Soberbo, Anco Marcio.» (A. P. de Figueiredo).

OITAVO SECULO, depois de J. C. Desde o Indo até ao coração de Hespanha, que foi arrebatada aos visigodos nos primeiros annos d'este seculo, vinte povos succumbiram ás armas sarracenas. Tanta robustez ganhou o imperio musulmano, que apenas se entibiou por occasião dos sanguinosos tumultos travados entre a famillia dos ommiadas e a dos abbassidas. Os primeiros avassallaram a Hespanha, que não vingaram atabafar a reacção dos reis asturianos. Oviedo é o berço das poderosas dynastias christãs.

Os anglo-saxonios dilaceram-se em guerra intestina. A supremacia é dos inglezes, durante o reinado de Offa.

Os lombardos realçam brilhantemente governados pelos monarchas Luitprand, Astolpho e Didier. E, logo que lhes não basta guerrear os gregos, e se armam contra os pontifices romanos, postos á frente da Italia orthodoxa e da republica romana contra os imperadores iconoclastas; aquelles principes são assoberbados pelas armas de Pepin-le-Bref e de Charlemagne que realisam o ultimo pensamento de Charles Martel.

«Em 718 os montanhezes das Asturias, commandados por D. Pelayo, se travaram com os arabes ao pé das montanhas de Auseba, e no valle de Olalles, e os derrotaram. Os estados do novo rei se dilataram.

«As armas musulmanas passaram depois além dos Pyreneus, e entraram nas provincias meridionaes da Gallia.

«Os naturaes de Hespanha cobraram novas forças n'este intervallo: e a ferocidade dos conquistadores se adoçou na prosperidade, e ocio.

«737 — D. Favilla, filho de D. Pelayo, succedeu. O curto espaço de seu reinado mal pôde dar a conhecer a indole d'este principe. Morreu nas garras de um urso, que perseguia na caça.

«739 — D. Affonso I, *o catholico*, cunhado de D. Favilla, succedeu. Depois de muitas batalhas, pelas quaes dilatou os seus estados, desceu das montanhas, e estabeleceu a sua côrte em Astorga.

«Abderrahman, principe da dynastia dos *ommiadas*, se erigiu em califa independente dos da Asia em Hespanha (755).

«757 — D. Froila I, filho de D. Affonso, succedeu. Reprimiu as desenvolturas do clero, e combateu duas vezes com as tropas musulmanas. Apunhalou a seu irmão Bimaro, por desconfiar que o pretendêra depôr. Edificou Oviedo, a qual fez capital de seus estados. Tambem morreu apunhalado, e não mereceu os pezares de uma nação, que defendera com gloria.

«768 — D. Aurelio, primo de D. Froila, succedeu. Desconcertou, e puniu uma conspiração de escravos musulmanos.

«774 — D. Silo, sarraceno de origem, succedeu. Mostrou-se digno do throno, e fez a ventura de seus estados sem interrupção de paz.

«783 — D. Maurogato, filho bastar-

do de D. Affonso, *o catholico*, usurpou o throno. Viveu cercado de uma guarda de musulmanos para preserverar-se do odio dos povos. Obrigou-se a pagar ao califa o tributo annual de cem donzellas. A sua morte foi havida como um bem do estado.

«788—D. Bermudes I, *o diacono*, irmão de D. Aurelio, foi tirado do claustro, e subiu ao throno. Partilhou o governo com D. Affonso, a quem D. Maurogato o usurpára. Marcharam ambos contra Abderrahman II, e o desbarataram. Depois d'esta batalha abdicou.

«791 — D. Affonso II, *o casto*, filho de D. Froila, occupou o throno. Deu batalha aos musulmanos em Burgos, Biscaya, e Lucos. Foi deposto por conspiração, e encerrado no castello de Abalia, mas logo restituido por Theudes, e perdoou aos rebeldes. Levantou o tributo das cem donzellas. Mudou a côrte para Oviedo. Em seu tempo começaram a rebellar-se os condes de Castella. Sendo de idade avançada abdicou.» (Craveiro).

OLARIA. Esta industria abrange o fabrico de toda a especie de vasilhame e utensilios feitos de argilla e outras materias somenos. É um dos ramos de maior importancia e mais remotamente cultivados da arte ceramica (do grego *ceramos*).

«A summa perfeição e extraordinario esplendor a que chegaram as artes na antiga Grecia foram o resultado da organisação social d'aquelle povo, da educação homerica dos cidadãos, e do seu culto a essas divindades mythologicas que a historia fabulosa nos pinta animadas de todas as paixões que agitam e exaltam o coração humano.

«A liberdade que os gregos então desfructavam; o caracter de grandeza que ella imprimia nas suas idéas; a nobre audacia que excitava nas suas acções; o amor da gloria, despertado em todos os peitos pelas façanhas attribuidas aos heroes da mythologia, e radicado e incitado pelos premios nos jogos publicos; todos estes e outros poderosos estimulos, desenvolvendo no povo o bom gosto, fazendo-lhe comprehender e apreciar o bello em todas as suas sublimes manifestações, dispozeram naturalmente os espiritos e encaminharam os esforços da nação para o amor e cultura das artes.

«As riquezas de Athenas, vindo em auxilio d'este empenho, abriram vastissimo campo diante dos artistas, ao mesmo passo que as honras, a emulação e as recompensas pecuniarias os impelliam para o templo da immortalidade. A architectura e a esculptura enchiam a Grecia de monumentos sumptuosos e verdadeiramente admiraveis; e toda a nação, como que electrisada por um fogo divino, apressava-se a tecer corôas para os artistas e a tomar parte nos seus triumphos.

«D'esta fórma se popularisaram as artes até ao ponto de se consubstanciarem nos costumes publicos. Assim se converteram em uma necessidade da vida social.

«Não eram sómente as povoações que porfiavam em qual se adornaria com mais esplendidos edificios, e qual possuiria nos seus templos mais perfeitas estatuas dos deuses do Olympo. Porfiavam tambem os habitantes entre si proprios qual ornaria a sua habitação com mais primorosas obras de arte.

«Eram tantos e tão fecundos os esculptores, que não faltavam aos cidadãos ricos bellas estatuas, baixos relêvos, vasos e outras esculpturas em marmore ou bronze para decoração interior das suas habitações. Era tão creador o genio dos artistas, que soube inventar um genero de arte, que, admittindo todos os primores da esculptura e da pintura, acommodava-se á bolsa dos menos favorecidos da fortuna. Tal foi a origem da ceramica.

«Os productos de barro cozido appareceram então no mercado como um esbôço abreviado das grandiosas producções da estatuaria grega. Uns eram copias fieis, não no tamanho, mas nas bellezas, das obras mais excellentes de marmore e de bronze. Outros, reproduzindo as fórmas mais

esbeltas das urnas e vasos que o cinzel esculpira no bronze e no marmore, suppriam a pobreza da esculptura com as as galas da pintura. E não se julgue, que por ser mesquinha a materia, era exercida a arte com menor perfeição que nos materiaes preciosos. Os variadissimos productos da ceramica grega, que existem em differentes museus da Europa, no melhor estado possivel de conservação, mostram, no que diz respeito á estatuaria, a mesma correcção de desenho, a mesma graça, nobreza e simplicidade, que distinguem as mais afamadas estatuas em pedra ou metal feitas n'essa época gloriosa da antiga Grecia. Em quanto ás reproducções de outras obras de esculptura, não se esquivaram os artistas a imitar no barro os primores e delicadezas feitas no marmore e nos metaes pelo cinzel dos grandes mestres.

«A Grecia foi, por tanto, a mãi das bellas-artes, e a sua mais eximia cultora. Todos os povos, nos seus tirocinios artisticos, a tomaram por modêlo. Porém, apesar de quaesquer esforços, nenhum até hoje tem conseguido igualal-a.

«Os romanos foram os que melhor a imitaram, pela razão, sem duvida, de serem testemunhas presenciaes d'aquelle brilhante desenvolvimento, de admittirem como mestres artistas gregos, e por participarem, até certo ponto, da organisação, das crenças, e costumes d'aquelle grande povo. Assim se fizeram tambem celebres na esculptura em marmore, bronze, prata e ouro, e na ceramica.

«Nas collecções da antiguidade, que enriquecem as principaes cidades da Europa, figura grande numero de estatuetas, baixos relêvos, vasos e outros objectos de barro cozido, da arte grega e tambem da arte romana, sendo estes copiados d'aquelles, em geral, com bastante esmero.

«Entre as reliquias da antiguidade que nos restam, os vasos de barro cozido, ornados de pinturas, occupam um lugar muito distincto. Ao merecimento artistico que encerram, pela elegancia das fórmas, e muitos tambem pelo primor da pintura; e ao apreço que se lhes deve dar como objectos archeologicos de tão remotas eras, vem juntar-se um alto interesse para a historia, pelos importantes subsidios que n'elles se encontram para esclarecimento de muitos pontos historicos escuros ou duvidosos, e tambem para explicação dos povos que os fabricaram.

«Pelo que acabamos de expender, poder-se-ha ajuizar da variedade de assumptos tratados nos referidos vasos pelos pintores gregos e romanos. A mythologia era o campo mais commummente explorado por estes artistas. As innumeraveis divindades do Olympo e suas maravilhosas aventuras forneciam materia variadissima para se exercerem a seu bel-prazer a poesia e delicadeza do pincel grego, principalmente, e depois d'elle o romano.

«Os actos e habitos da vida d'esses dous povos, que tanto resplandeceram em quasi todas as glorias que a humanidade póde ambicionar, e que tão alto subiram na escala da civilisação, foram igualmente para aquelle ramo da arte inesgotavel fonte de recursos. Nos vasos mencionados figuram os jogos olympicos, floraes, circenses, e outras solemnidades publicas; os sacrificios e mais ceremonias religiosas; as danças e outras festas populares; caçadas, pescarias, trabalhos de lavoura, e todo o genero de occupações da vida ordinaria do povo.

«São os funeraes, talvez, a unica ceremonia que os artistas evitavam representar. Nos periodos da maior florescencia da ceramica, os quaes correspondem ao apogeu da gloria, da grandeza e do desenvolvimento artistico da Grecia e de Roma, as pinturas dos proprios vasos destinados a receber as cinzas dos mortos representavam, em geral, scenas mythologicas apropriadas ao uso dos mesmos vasos, taes como o embarque dos finados na barca de Charonte, a sua passagem na lagôa Styge, e a sua entrada ou divagação nos campos Elyseos. Foi na decadencia d'aquellas nações e nos ultimos periodos da arte

ceramica que principiaram a figurar nos vasos as ceremonias então usadas nos funeraes. Assim pôde servir esta circumstancia para determinar a época em que foram fabricados.

«Tambem aos fastos militares de aquelles paizes iam os pintores buscar assumptos para ornamento dos vasos. Por esta razão, em muitos d'estes vêem-se quadros de batalhas campaes, assedios e assaltos de cidades e castellos, pelejas parciaes, expedições maritimas, combates navaes e triumphos de guerreiros, representando todos esses quadros factos historicos. E muitas vezes, para maior clareza, acrescentavam inscripções que explicavam a composição do quadro, declarando ao mesmo tempo os nomes dos personagens que ahi figuravam, e ás vezes os dos artistas que tinham feito o vaso e executado a pintura.

«Variavam pouco estes vasos quanto a côres, pois que as figuras eram quasi geralmente pintadas com tinta vermelha sobre fundo branco ou preto, ou com tinta negra ou branca sobre fundo vermelho.

«Tinham estes vasos diversos usos, e, segundo o uso, differente nome e feitio. Eram empregados como adorno, e tambem em outros variados misteres, nas festas nacionaes e particulares. Serviam de premios nos jogos publicos, e nos templos faziam uso d'elles para certas ceremonias religiosas. Outros, e d'estes em grande numero, eram destinados, como acima dissemos, para guardar as cinzas dos finados.

«Os gregos e os romanos, como é sabido, queimavam os cadaveres em grandes fogueiras, e com mais ou menos apparato, conforme a fortuna e posição social do individuo. Depois de consummido o corpo e apagado o fogo, incumbia ao parente mais proximo do finado borrifar as cinzas com vinho, ajuntal-as com os ossos que as chammas tivessem poupado, aspergil-as com perfumes preciosos, e com as proprias lagrimas, encerral-as em um dos referidos vasos, e finalmente, leval-as a depositar ao lugar que lhes estava destinado no jazigo de familia, ou no sepulchro que lhes fôra preparado, ou em outro lugar de deposito provisorio, em quanto não se construia o mausoléo. Algumas vezes serviam-se de dous vasos para guardar essas reliquias funerarias, lançando em um as cinzas e no outro os ossos.

«Os productos da ceramica antiga, descobertos em excavações feitas n'este seculo e nos dous antecedentes, elevam-se a um numero tão alto, que alguns escriptores o fazem subir a oitenta mil aproximadamente.

«Não se tem restringido estes descobrimentos aos territorios onde floresceu com mais brilho a civilisação grega e romana. As explorações archeologicas tem dado resultados fecundos em todos os paizes onde chegou o dominio ou a influencia d'aquellas duas grandes nações.

«Ha pouco mais de dous seculos que se descobriram na Toscana os primeiros vasos de barro cozido, ornados de pinturas, de que tiveram conhecimento as idades modernas. A descoberta excitou o zêlo dos archeologos, que, proseguindo com ardor nas suas pesquizas, desentranharam em poucos annos do seio da terra prodigiosa quantidade dos ditos vasos.

«Como a Toscana era conhecida n'esses remotos tempos com o nome de *Etruria*, começaram os descobridores a dar áquelles vasos a denominação de *etruscos*, que lhes ficou, e pela qual ainda hoje são geralmente designados. É certo, porém, que lhes não convem semelhante denominação, pois que tem servido mais para estabelecer e propagar um erro ácerca da origem da maior parte dos mesmos vasos, que para indicar o territorio onde foram achados. Quasi todos aquelles vasos mostram a sua procedencia da Grecia, não só nos assumptos das pinturas que os ornam, mas até nas suas inscripções em lingua grega.

«D'este erro foram culpados os archeologos que presidiram ás primeiras excavações, ou que examinaram

os primeiros vasos n'ellas encontrados. Porém os archeologos modernos, por effeito de estudos mais conscienciosos ou melhor dirigidos, e tambem por terem nas collecções existentes d'esses objectos uma área mais larga para as suas investigações, e por conseguinte, mais seguro fundamento para os seus juizos, tem demonstrado que a maior parte d'esses vasos denominados *etruscos* é producto da arte grega.» (I. de Vilhena Barbosa).

OLEOS. (Veja Nutrição e Sabão).

OLMO. (Veja Ulmaceas).

OPERAÇÕES. 1. As operações mathematicas são processos pelos quaes os calculadores buscam a determinação *termo*, trabalhando com numeros e grandezas em combinações diversas. Vimos (artigo Addição) que as operações da arithmetica teem por fim o *augmento* e a *diminuição* dos numeros, e que a operação mais simples de composição dos numeros origina varios outros por uma especialisação successiva. O mesmo acontece ás operações de decomposição dos numeros, a mais simples das quaes é a subtracção.

Todos os numeros imaginaveis (veja Numeração) se formam ajuntando *um*, mais *um*, mais *um*, etc.: logo para diminuir decompor um numero 6, por exemplo, diremos, operando em sentido opposto: 6 — 1, 5 — 1, 4 — 1, 3 — 1, 2 — 1, 1 — 1 = 0. Succederia o mesmo com outro qualquer numero. Mas, ha meios mais expeditos: são a *subtracção*, a *divisão*, a *extracção das raizes*.

Esta ultima operação não é mais que uma variedade da divisão; a qual se reduz a subtracções successivas; e a subtracção, a seu turno, é um modo mais que o da diminuição reiterada da unidade. Assim, em vez de dizer 6 — 1, 5 — 1, 4 — 1 = 3, diz-se abreviadamente: 6 — 3 = 3.

Uma divisão qualquer poderia tambem fazer-se subtrahindo o divisor do dividendo tantas quantas fosse possivel.

Do que deixamos dito, resulta que as operações devem ser ensinadas na seguinte ordem: numeração, addição, multiplicação, subtracção, divisão. — As melhores provas da exactidão de uma operação qualquer, é revêl-a duas ou tres vezes, quando se trata de um calculo importante. Só depois d'esta verificação devemos lançar mão das provas conhecidas na arithmetica. Indicamos (artigos Juro, Formulas e Calculo) o meio de o discipulo fazer por si proprio a prova de um qualquer problema que lhe tenha sido proposto.

É um principio importante, pois que permitte ao professor de formular muitos problemas, cujas respostas se encontram em uma mesma formula, o que o isenta da sujeição de recorrer continuamente a uma acanhada arithmetica, cujos problemas, geralmente pouco praticos contém as soluções.

2. Se applicarmos este principio nos exercicios sobre as quatro primeiras operações, teremos um guia que nos dará facilmente as respostas a uma grande variedade de operações. Por exemplo: uma multiplicação *verificada* póde dar duas divisões e muitas outras multiplicações, cuja resposta será conhecida, e que cada uma dará igualmente duas divisões. Seja: $95836 \times 1789 = 171450604$. Fazendo dividir successivamente o producto por cada um dos factores, teremos:

$$\frac{171450604}{1780} = 95836, \text{ e } \frac{171450604}{95836}$$

$= 1789$. Apartando um, dous, etc., algarismos para dizimo nos dous factores, teremos novos productos com tantas decimaes quantas as dos dous factores reunidas. Por exemplo: $958{,}36 \times 178{,}9 = 171450{,}604$; o que dá as duas divisões seguintes:

$$\frac{171450{,}604}{178{,}9} = 958{,}36 \text{ e } \frac{171450{,}604}{958{,}36}$$

$= 178{,}9$. Outro exemplo: $9{,}5836 \times 0{,}1789 = 1{,}71450604$, d'onde se podem tirar duas divisões com

suas respostas, etc. Ajuntando aos dous factores, um, dous, etc., teremos uma nova série de multiplicações e de divisões.

Bastam estes exemplos para mostrar a utilidade e fecundidade d'este principio de *deducção*.

— Para exercitar os discipulos nas quatro operações dos numeros decimaes e fraccionarios, o professor proporá formulas como as seguintes:

$$\frac{7 \times 98 + 46 - 73}{37 \times 4 - 6};$$

$$\frac{15,60 \times 43 + 0,50 - 8,25}{16,42 \times 6 - 12 + 4};$$

$$\frac{\frac{3}{6} \times \frac{7}{80} + \frac{7}{3} - 2}{\frac{46}{78} + 9 - \frac{6}{5}}$$

É inutil dizer-se que estas formulas podem variar indefinitamente, e que são um excellente meio de habituar os discipulos na intelligencia dos signaes, assim como na pratica dos numeros. Será sempre possivel aproprial-os ás forças dos alumnos, e mandal-os resolver juntamente com os problemas praticos de cada dia. A experiencia tem mostrado que estes exercicios simultaneos de formulas e de problemas são o unico meio de apressar os progressos em arithmetica.

OPIO. (Veja CRUCIFERAS).

OPTICA. 1. A optica é a parte da physica que trata da luz. Ha dous modos de conceber a luz. No systema da *emissão*, admitte-se que os corpos luminosos emittem moleculas de luz que se movem com immensa rapidez. No systema das *ondulações*, hoje geralmente adoptado, suppõe-se que o universo está cheio de uma materia infinitamente subtil e elastica, denominada *ether*, que entrando em vibração, origina os phenomenos da luz.— Quando a luz incide sobre os corpos, é por estes absorvida ou reflectida, em maior ou menor escala, conforme o polido de suas superficies; o raio incidente e o raio reflexo resultante, estão em um mesmo plano, passante pela perpendicular á superficie reflectidora; e o *angulo de reflexão*, que é formado pelo raio reflexo e o perpendicular á superficie no ponto de incidencia, é igual ao *angulo de incidencia*, que é formado pelo raio incidente e a referida perpendicular. — Um ponto luminoso collocado diante de um espelho plano, é visto como se estivesse situado sobre a perpendicular baixada d'este ponto sobre o espelho e posteriormente a este á mesma distancia. Todos os pontos de um corpo collocado diante de um espelho são reproduzidos conforme a mesma lei. Um espelho espherico concavo reflecte a imagem invertida em um ponto chamado *fóco*, onde se cruzam todos os raios; se o espelho é convexo, não se formam fócos reaes, e os raios são reflectidos como se viessem de pontos situados posteriormente ao espelho. Os objectos são vistos nas suas dimensões naturaes, pela reflexão nos espelhos planos; nos espelhos convexos a imagem dos objectos apresenta-se em dimensões reduzidas; e nos concavos, a imagem póde ser menor, igual ou maior que o objecto, conforme a posição d'este relativamente ao fóco principal e ao centro de curvatura do espelho.

2. Quando um raio luminoso incide na superficie de um corpo *diáphano*, parte da luz é reflectida e parte penetra no interior do corpo seguindo uma direcção que faz, com a perpendicular á superficie, um *angulo de refracção* differente do *angulo de incidencia*. O effeito da refracção é quebrar os raios de luz na sua entrada em um novo meio. É devido a isso que o pau mergulhado em parte na agua, parece decomposto em duas porções formando angulo; e é tambem pela refracção que os astros apparecem acima do horisonte, quando ainda se acham abai-

xo d'este plano. — Outro effeito da refracção, o mais notavel de todos é a decomposição da luz branca em raios de luz de diversas côres. Quando se faz passar um feixe de luz branca através d'uma garrafa de crystal cheia d'agua, ou de um prisma de vidro triangular, vê-se o feixe de luz sahir dilatado em um sentido e composto de diversas côres. Recebendo em uma folha de papel branco os raios refractados e decompostos d'este modo, e, para mais nitidez, fazendo a experiencia dentro de uma camara escura tendo apenas um orificio por onde passa um feixe de luz solar, vêr-se-ha sobre a folha de papel o que se chama *espectro solar*, o qual é a imitação do arco-iris. No espectro, reconhecem-se sete côres principaes, na seguinte ordem: *vermelho, alanrajado, amarello, verde, azul, anilado, roxo*.

3. Os effeitos das *lentes* são igualmente devidos á refracção. As lentes são *convergentes* se teem maior espessura no centro do que nas bordas, e *divergentes* se a espessura é maior nas bordas do que no centro. Umas servem para fazer convergir os raios de luz que partem de um ponto para outro, que é o fóco ou imagem do primeiro, em quanto que as outras só fazem divergir os raios que as atravessam. As lunetas, os microscopios e outros instrumentos de optica compõem-se quasi sempre de muitas lentes, umas das quaes formam o que se chama o *objectivo* (voltado para o objecto), e as outras constituem o *ocular* (voltado para o olho do observador); e é da combinação de todas estas lentes, tanto divergentes como convergentes, que resultam as imagens mais ou menos amplificadas, mais ou menos nitidas, dos objectos observados por estes instrumentos. — Os instrumentos que servem para amplificar os objectos de dimensões diminutas sujeitos á nossa observação, denominam-se *lentes* ou *miscroscopios*, conforme são formados por uma ou muitas lentes. Para vêr um objecto por meio da lente, colloca-se esse objecto no fóco principal da lente; então a imagem vai-se formar do outro lado da lente, a uma mui grande distancia, e apresenta-se immediatamente amplificada. — O telescopio mais simples compõe-se de um espelho metallico situado no fundo do tubo, tendo a sua concavidade voltada para os objectos que se quer amplificar. Para não interceptar os raios que dos objectos veem incidir no espelho, Newton propoz receber a imagem em um pequeno plano metallico inclinado de 45 graus sobre o eixo do tubo, o qual reflecte os raios perpendicularmente a este eixo.

ORADOR. (Veja ELOQUENCIA).

ORANGOTANGO. (Veja MACACOS).

ORDEM. «A ordem é a primeira lei do céo.» (Pope). — «A ordem é a sabedoria de Deus que reune, pesa, numéra, e mede.» (Bergasse). — «A ordem accende o facho e o facho alumia a vereda.» (Bacon). — «Todas as cousas estão em ordem, quando submettidas ás causas superiores que as devem subordinar por sua condição natural.» (Bossuet).

Ordem do mundo. «Entre as bellezas, que encerra o nosso mundo, e que alguem chamaria enormidades sociaes, deve contar-se com especialidade o empenho com que cada classe deseja o mal das outras, pondo o seu interesse em contradicção com o interesse geral. O *advogado* deseja que haja discordias e contendas entre as familias e pessoas ricas, e que d'ahi resultem grandes, complicados, e interminaveis processos. O *medico* deseja aos seus amados concidadãos febres malignas e perigosas, catarrhos impertinentes e pertinazes: elle se julgaria arruinado, se todo o mundo tivesse a felicidade de morrer sem doença; assim como o advogado, se as demandas se terminassem por arbitros. O *militar* deseja uma boa guerra, em que sejam mortos, ao menos, ametade dos seus camaradas, com tanto que elle fique vivo para promover o seu adiantamento nos postos. O *parocho* é interessado em

que a morte se não entregue á ociosidade, e que haja bons enterros *a côche*. O *juiz* deseja que a estatistica dos tribunaes nos forneça ao menos dez mil crimes cada anno; porque se nenhum se commettesse, seria necessario fechar aquelles santuarios da justiça. O *monopolista* e o *atravessador* de cereaes quer que haja uma boa fome, que levante ao duplo ou triplo o preço dos pães. O *mercador de vinhos* deseja boas geadas, que destruam os gomos, e boas saraivadas, que estraguem as vindimas. O *architecto, pedreiro* e *carpinteiro* desejam um grande incendio, que abrase e consumma cem ou mais casas. Em fim, a nossa civilisação por toda a parte nos apresenta o ridiculo mecanismo das fracções de um todo, obrando contra esse todo, e desejando-lhe todo o mal possivel.

«Mas ainda não pára aqui. A lei religiosa que nós professamos é uma lei de benevolencia universal, de igualdade, de fraternidade, de caridade, de abnegação. Com tudo o rico soberbo e orgulhoso despreza e opprime o pobre desvalido: o pobre inerte, e madraço tem inveja ao rico, e trabalha por despojal-o, e trocar as sortes. O branco reduz a barbara escravidão o negro, e o compra, e o vende como a um animal irracional. O povo estupido vai assistir e applaudir o supplicio dos seus irmãos criminosos. Quando meia cidade está entregue aos espectaculos, ao jogo, aos bailes, aos banquetes, aos serões, está outra meia supportando em triste silencio e abandono todas as penalidades da doença, da fome, da miseria. Por toda a parte vêmos relaxados os vinculos, que deveriam ligar os homens uns aos outros: por toda a parte se observam mutuos receios, temores, desconfianças, odios, animosidades, vinganças: por toda a parte reina a discordia, a luta, o antagonismo, a anarchia, e a hostilidade, na politica, entre o poder e a liberdade; nas sciencias entre as muitas e desvairadas seitas e opiniões; na moral entre a libertinagem e o fanatismo; nas bellas-artes entre o rigor das regras classicas, e a soltura do romanticismo indefinido; na linguagem entre o archeologismo superisticioso, e o neogolismo insensato, etc., etc.

«Que bello mundo é este, em que vivemos!

«Tudo no mundo está em continua mudança; e n'este movimento universal o genero humano é sujeito á duplicada influencia do tempo, e da sua propria actividade: mas poderá acaso dizer-se que a sua marcha é progressiva? poderá dizer-se que elle se adianta para um termo certo, de maneira que se possa esperar algum melhoramento em seus destinos sobre a terra? ou deverá ter-se por mais provavel, que elle não faz mais que girar de continuo n'um circulo voltando sempre ao ponto d'onde partiu, para elle outra vez se apartar, e outra vez tornar ao mesmo ponto?

«Para resolvermos esta questão cumpre examinar as nossas faculdades, os nossos diversos trabalhos, e os seus resultados.

«Primeiramente observa-se, não sem grande admiração, que a imaginação do homem tão viva, e tão fecunda, é com tudo entre as faculdades do nosso espirito a unica, cujas producções se acham circumscriptas dentro dos mais estreitos limites.

«A poesia, as bellas-artes, filhas da imaginação, nascem, prosperam, declinam e acabam em um povo; e renascem em outro, offerecendo-nos sempre os mesmos phenomenos: e não se póde dizer que nos paizes, em que ellas actualmente florecem, os poetas e os artistas obtenham alguma decisiva e evidente superioridade sobre os seus predecessores.

«Alguns escriptores tem seguido, e desenvolvido com muito talento a opinião contraria, pretendendo que a litteratura moderna excede a litteratura antiga; mas estes escriptores seduzidos por um systema engenhoso, me parecem mais solicitos de o fazerem agradavel, e lisonjeiro do que de darem testemunho á verdade.

«A poesia percorrendo a Grecia, a Italia, a Hespanha, a França, tem os-

tentado n'estas diversas nações riquezas quasi iguaes. Podem tomar-se indistinctamente versos de Euripides, de Virgilio, de Tasso, de Camões, ou de Racine para mostrar até que ponto de perfeição póde elevar-se o genio n'esta divina arte. O gosto particular de um povo, algumas circumstancias da sua situação, a differença dos tempos, dos costumes, das instituições póde fazer que um povo, uma nação prefira as obras dos seus poetas ás de todos os outros povos: mas se considerarmos este objecto em geral, e com imparcialidade, facilmente veremos, que os gregos (por exemplo) ainda não foram excedidos na arte de excitar nos espectadores dos seus theatros vivos e nobres affectos e commoções. Póde compôr-se differentemente, sem compôr melhor. Não: a litteratura não segue uma marcha progressiva: descreve um circulo. O povo que succede a outro na posse da gloria litteraria não continúa a obra dos seus predecessores; começa-a de novo pisando o mesmo caminho que lhe deixaram traçado.

«Trabalhos mais graves e mais importantes do espirito humano apresentam bem differente phenomeno. O poder que o homem tem de recolher factos, de os comparar, de tirar d'elles consequencias, de crear por este modo sciencias fecundas em uteis applicações: este poder, digo, exercita-se sobre um amplissimo terreno, sobre um dominio immenso, a que é impossivel assignar limites. Accresce que nas letras os trabalhos são individuaes, nas sciencias porém são communs. As riquezas scientificas colligidas entre todos os povos, e em todas as idades formam um thesouro, que os nossos contemporaneos augmentam com o producto das suas vigilias, e meditações, e que os nossos vindouros continuarão a augmentar. Logo a marcha das sciencias é progressiva; nós partimos do ponto a que chegaram nossos predecessores, e podemos ir mais longe que elles.

«Sem duvida que muitos descobrimentos, muitas artes, muitos inventos se tem perdido. Factos, e processos conhecidos em seculos remotos são ignorados nos nossos dias. Mas, por uma parte, estas perdas são provavelmente de pouco valor: e por outra parte, não se podem temer outras semelhantes no futuro.

«O genio achou os meios de dar perpetuidade ás suas obras. A imprensa, e a gravura transmittirão aos seculos vindouros indefinidamente as mais preciosas e uteis invenções. Nem o furor dos conquistadores, nem as revoluções intestinas que devoram os povos, nem os esforços dos mais cegos e barbaros tyrannos podem d'ora ávante aniquilar as luzes, privar-nos dos seus effeitos. Em todas as partes do mundo existem archivos, onde estão depositados todos os humanos conhecimentos. Um só paiz civilisado que escapasse aos estragos da barbaridade seria para todos os outros a arca de salvação. Já não cabe no poder do homem destruir a obra do homem: só uma revolução physica, que abalasse e transtornasse o globo até aos seus fundamentos, é que poderia hoje em dia aniquilar as sciencias, e os seus felizes resultados.

«Um ser limitado nas suas forças e nos seus meios de acção não póde produzir senão effeitos limitados: e d'este principio se segue evidentemente que os progressos das sciencias, e das artes industriaes não podem ser *infinitos:* mas tudo annuncia, que o espirito humano se irá exercitando, melhorando, adiantando por uma longa serie de seculos antes de tocar os limites que a sabedoria do Creador lhe prescreveu, e que o homem não póde traspassar.

«Quem faz conjecturas sobre os progressos possiveis das sciencias, expõe-se ao dobrado perigo ou de ficar muito áquem da verdade, ou de passar por um sonhador. Com tudo póde presumir-se que os nossos vindouros se elevarão a descobrimentos tão fecundos em resultados, e tão poderosos para adiantar a civilisação, como foram o da imprensa, e o da bussola. Que influencia se não póde esperar dos balões aerostaticos! da pilha magnetica de Volta! que vantagens se

não tem já tirado e se não podem ainda tirar da navegação em barcos movidos por vapor! Simples aperfeiçoamentos, simples applicações do que já existia, por exemplo, a lithographia, o telegrapho, terão acaso um dia incalculaveis resultados.

«Nas sciencias moraes e politicas os progressos são mais difficeis e menos evidentes que os das sciencias physicas e mathematicas. Estas trabalham sobre a materia inerte: o campo das suas observações é vastissimo, mas estavel, e permanente. A experiencia verifica facilmente a utilidade dos seus descobrimentos, e para fazer applicações certas, basta calcular com exacção. As sciencias porém que tratam do homem e da sociedade trabalham sobre objectos, que estão em perpetua mobilidade, que se sujeitam mais ao pensamento que aos sentidos: os dados que se requerem para a justa solução dos seus problemas são numerosos, variados, complicados, difficeis de aprender. Os factos que se vão recolhendo de seculo em seculo para servir de base a estas sciencias, são sujeitos a intèrpretações differentes: as theorias, que sobre elles se levantam, nem sempre persuadem igualmente todos os espiritos; e ainda quando parecem demonstradas, occorrem muitas circumstancias que as vem modificar, contrariar, ou fazer duvidosas as suas applicações. Em fim uma mysteriosa lei da natureza quer que os homens nascidos para derramar novas luzes entre os seus semelhantes sejam quasi sempre perseguidos por elles. Os homens superiores offendem o amor proprio dos que não podem igualal-os: encontram os interesses de muitos: os interesses e o amor proprio trabalham por vingar-se, e fazem para este fim torpes allianças.

«Se algumas verdades mathematicas tem causado perseguições aos seus descobridores, muito mais imminente é o perigo quando se trata de verdades, que além de serem de si mesmas menos evidentes, vão tocar em mais extensos e mais graves interesses. Assim, muitos observadores pacificos, temendo a animosidade dos partidos, não ousam aventurar as suas idéas; abandonam a penna a mãos venaes ou facciosas; e o mundo fica privado de obras que seriam preciosas, porque seriam escriptas de boa fé. Todas estas causas reunidas explicam sufficientemente a razão por que os progressos das sciencias moraes e politicas são menos rapidos. Com tudo para estas sciencias, assim como para as outras é evidente que as gerações successivas podem aproveitar-se das luzes, e até dos erros das que lhe tem precedido; que podem consequentemente illustrar-se cada vez mais, e multiplicar os resultados praticos dos descobrimentos uteis.

«É pois (ao que parece) demonstrado pelo raciocinio que a especie humana é susceptivel de progressivo melhoramento. Mas acaso observamos nós n'ella effectivos e verdadeiros progressos? acaso confirma a experiencia esta theoria tão fecunda em bellas esperanças?» (D. fr. Francisco de S. Luiz).

ORDENS DE ARCHITECTURA. 1. Chama-se ordem d'architectura ao systema de varias partes cujas fórmas e proporções foram modeladas pelos bellos edificios da antiguidade. Distinguem-se: a ordem *toscana*, pela sua simplicidade, pois é destituida de ornatos; a *dorica*, pelos triglyphos que ornam seu friso; a *jonica*, pelas volutas de seu capitel; a *corinthia*, pelas folhas de acantho que ornam seu capitel; e a *compósita*, pelo capitel corinthio reunido ás volutas da jonica. — Cada ordem divide-se em tres partes essenciaes, cada uma das quaes se subdivide em outras tres, a saber: o *pedestal* (base, socco, cornija); a *columna* (base, fuste, capitel); *cimalha* (architrave, friso, cornija). — Em todas as ordens, a cimalha tem por altura o *quarto* da altura da columna, e o pedestal o *terço* da mesma altura. — A altura da columna toscana é 7 vezes o seu diametro inferior; a da dorica é 8 vezes; a da jonica é 9 vezes; a da corinthia e a da composita é de 10 vezes. — O *modulo* é um com-

primento igual á metade do diametro inferior da columna; e divide-se em 12 *minutos* para as ordens toscana e dorica, e em 18 para as outras.—A ordem toscana, que é a mais solida das ordens d'architectura, deve a sua origem a antigos povos da Lydia que vieram povoar a Toscana. Emprega-se nas construcções das prisões, casernas, arsenaes, praças de mercado, etc. — A ordem dorica, empregada na construcção dos templos, dos tribunaes, do palacio das camaras, etc., tem um caracter de virilidade que lhe fez dar o nome de ordem dos heroes. — A ordem jonica, empregada na construcção das casas de recreio, dos paços ou pequenos palacios, no interior dos theatros, etc., em razão da sua elegancia, tira o seu nome de Ion, chefe de uma colonia atheniense mandada para Asia, e que fundou em Epheso tres templos n'este estylo. — A ordem corinthia, cuja riqueza de ornatos mui variados limita o seu emprego aos grandes edificios publicos, torna-se notavel pela fórma e decoração graciosa de seu capitel. Esta fórma foi inspirada ao esculptor Callimaco por um grupo de folhas de acantho que cresciam ao redor de um cesto coberto com uma telha. — A ordem composita foi inventada pelos romanos, por occasião de um arco triumphal erecto em honra do imperador Tito, depois da conquista de Jerusalem. Foi formada da jonica e da corinthia, cujos caracteres ella reune.

2. Para construir uma ordem de uma dada altura, divide-se essa altura em 19 partes iguaes, dando 4 ao pedestal, 12 á columna e 3 á cimalha. São estas as proporções que Vignole descobriu depois de escrupulosas observações nos mais bellos munumentos antigos. Feita esta operação, a altura da columna fica determinada; resta determinar o *diametro inferior*. Se é a ordem toscana que se pretende construir, divide-se a altura da columna em 7 partes; se é a dorica, em 8; se é a jonica, em 9; se é a corinthia ou a composita, em 10. Cada uma d'estas partes será o diametro da columna que se quer construir. O *modulo* da escala, pela qual serão determinadas as outras partes da ordem, deve ser, como foi dito, igual á metade do diametro. — Para construir uma ordem de uma altura dada, ainda se póde determinar o modulo dividindo a altura dada pelo numero de modulos que a ordem exige. Por exemplo: supponhamos que se quer construir uma ordem toscana de $0^{m},665$ de altura; divida-se esta quantidade por 22 modulos e 2 minutos, altura propria da ordem, e o quociente $0^{m},03$ obtido será o comprimento do modulo da escala de construcção. Por meio das seguintes indicações, onde se dá a expressão architectonica da altura de cada ordem, e a de cada uma das suas tres partes essenciaes (columna, pedestal, cimalha), póde-se facilmente construir uma qualquer ordem.

Toscana: col. $= 14^{mod.}$; ped. $= 4^{mod.}8^{min.}$; cim. $= 3^{mod.}6^{min.}$; total $= 22^{mod.}2^{min.}$

Dorica: col. $= 16^{mod.}$; ped. $= 5^{mod.}4^{min.}$; cim. $= 4^{mod.}$; total $= 25^{mod.}4^{min.}$

Jonica: col. $= 16^{mod.}$; ped. $= 6^{mod.}$; cim. $= 4^{mod.}9^{min.}$; total $= 28^{mod.}9^{min.}$

Corinthia: col. $= 20^{mod.}$ ped. $= 6^{mod.}12^{min.}$; cim. $= 5^{mod.}$; total $= 31^{mod.}11^{min.}$

Composita: col. $= 20^{mod.}$; ped. $= 6^{mod.}12^{min.}$; cim. $= 5^{mod.}$; total $= 31^{mod.}12^{min.}$ (Veja ARCHITECTURA).

ORGANISMO. «Tomamos para typo da nossa descripção o organismo do homem, por ser de todos o mais complicado, e por entendermos que, estudando o mais, se comprehende o menos contido n'esse mais. É verdade que com isto nos afastamos do systema adoptado por quasi todos os zoologistas, porque estes começam ordinariamente por apresentar idéas geraes sobre a organisação animal, e depois fazem a applicação d'estas idéas a cada um dos seres, segundo a ordem, por que se acham classificados; mas, como nos pareça impossivel, ou pelo menos de uma grande difficuldade, dar idéas geraes sobre a organisação animal, sem que a cada passo se desça a uma applicação, a

uma descripção exacta d'este ou d'aquelle orgão, a um exemplo mais ou menos esclarecedor da materia, preferimos tomar já como typo o primeiro animal da creação, isto é, o homem; e depois á proporção que formos enumerando os outros animaes, mencionarmos as alterações, que se lhes encontram, com relação a certa e determinada funcção, a este ou áquelle orgão descripto. D'este modo parece-nos evitar uma repetição, que sendo de pouca ou nenhuma utilidade, prejudica, a nosso vêr, a simplicidade indispensavel n'este ramo de sciencia.

«Conhecer préviamente a natureza dos diversos tecidos, que compõem o organismo animal, é uma condição, sem a qual o estudo anatomico jámais póde ser perfeito.

«Enumerar e descrever estes tecidos é por consequencia um preliminar indispensavel em zoologia.

«Todos ou quasi todos os tratadistas de anatomia descriptiva, Cloquet, Jamain, Bichat, todos ou quasi todos os que tem escripto com mais ou menos desenvolvimento sobre organismo animal, começam por nos apresentar uma descripção ampla ou restricta, conforme o fim, de todos os tecidos animaes. A razão é facil conhecer-se, e em parte já vai comprehendida na nossa primeira these.

«Certo orgão diz-se de natureza *fibrosa*, *nervosa*, *ossea*, etc., e sem mais explicação a este respeito, começa a ser definido quanto á sua posição, fórma, e relação com os outros orgãos. Ora, se não tivermos antecipadamente uma idéa clara sobre as diversas naturezas, que um orgão qualquer póde ter, isto é, se não comprehendermos já, qual é a fórma do tecido, que o compõe, e a qual dos tecidos corresponde aquella natureza, que se lhe attribuiu, o orgão ficará por certo ignorado na sua parte mais importante, que é a composição elementar.

«O numero dos tecidos animaes é grande, e varía, segundo as opiniões dos anatomistas; comtudo costumam geralmente admittir-se seis, como principaes ou fundamentaes do organismo, a saber: *tecido cellular*, *tecido fibroso*, *tecido cartilaginoso*, *tecido osseo*, *tecido nervoso*, e *tecido muscular*.

«O *tecido cellular*, que tambem se chama *areolar*, é de todos os tecidos o mais vulgar, e espalhado na economia animal. Formado de fibras e laminas brancas delgadas e transparentes, que urdindo-se e cruzando-se em diversas direcções, deixam entre si, á semelhança de uma rêde de malha apertada, pequenos vacuos, cellulas, ou intervallos, apparece em todas as partes do corpo, cérca todos os orgãos, umas vezes separando-os, outras unindo-os; mais ou menos transparente, mais ou menos permeavel aos liquidos, mais ou menos esponjoso, com maior ou menor propriedade de se contrahir; domina todos os outros tecidos, a quem serve de base, e estende-se, qual fina cambraia, sobre a pelle, preenchendo os vasios, nivelando saliencias, que podem por ventura affectar a belleza e fórma da organisação geral.

«Mais tarde veremos, que é n'estes intervallos, ou cellulas, formados pelo cruzamento das fibras, que o *tecido adiposo*, ou gordura, se vem depositar.

«O *tecido fibroso*, que é uma simples modificação do *cellular*, é formado por fibras brancas, muito resistentes e sem transparencia, cuja reunião produz umas vezes tendões, outras vezes membranas envolvedouras, ou d'involucro, que na economia se conhecem pelo nome de *aponevroses*.

«A *dura-mater*, que protege o *cerebro* e *cerebello*, as membranas suspensas nos intestinos, são d'esta natureza, isto é, são formadas pelo tecido de que acabamos de fallar.

«O *tecido cartilaginoso*, que se apresenta ordinariamente com o aspecto de uma lamina branca, translucida e elastica, menos pesada, menos compacta, menos dura que o osso, é formado pela reunião de pequenas porções esphericas, de materia branca, que, prendendo-se umas ás outras, affectam o caracter, de que fallamos, e servem umas vezes de prolongamentos aos ossos, como se observa

entre as *costellas*, e *esterno*, outras vezes de protecção contra os choques exteriores aos mesmos ossos, como se vê em todas as articulações moveis; outras vezes entram mesmo na formação dos orgãos, como acontece na *larynge* e *nariz*.

«O *tecido osseo*, que fórma a parte innegavelmente mais dura, mais compacta, mais pesada e mais resistente do corpo, é constituido por uma substancia branca e pedregosa, tendo em sua superficie pequenos pontos negros, aos quaes se deu o nome de *corpusculos osseos*.

«Esta substancia, sendo chimicamente estudada por Berselius, deu em resultado, e nas seguintes proporções:

Materia animal cozida pela digestão......	32,17
Idem, idem insoluvel................	1,13
Phosphato de cal....................	51,04
Carbonato de cal....................	11,30
Phosphato de magnesia...............	1,16
Soda e chlorureto de soda............	1,20
Fluato de cal.......................	2,00
	100,00

«São pois estes elementos que, reunidos em massas mais ou menos volumosas, formam o *tecido osseo*, e com elle essas alavancas do movimento, que se chamam *ossos*, *apparelho locomotor*, ou *esqueleto animal*.

«O *tecido nervoso* apresenta-se na economia animal com a fórma de uma substancia molle, branca, e ás vezes parda, a qual tira a sua organisação de fibras extremamente delgadas, ao lado umas das outras, e ligadas pelo *tecido cellular*. Além d'estas, a massa do tecido nervoso é formada por granulações, ou pontos microscopicos, que preenchem, por assim dizer, todos os vacuos ou intervallos, que as diversas fibras deixam entre si.

«Encontra-se esta substancia do tecido nervoso, umas vezes em grande quantidade e volume, como no *cerebro*, *cerebello* e *medulla*, sédes da intelligencia animal; outras vezes apparece como cordões brancos e molles, que em communicação com o *cerebello* e *cerebro* parecem servir uns á transmissão das impressões exteriores, e chamam-se *nervos sensitivos*; outros á determinação das contracções musculares, e são chamados *nervos motores*.

«O *tecido muscular*, que vulgarmente chamamos carne dos animaes, é formado por fibras ordinariamente vermelhas com a propriedade de se contrahirem muito.

«Este tecido é considerado como agente principal de todos os movimentos; as fibras, que o compõem, reunidas em grandes quantidades, e urdidas com o tecido fibroso e cellular, formam os musculos, ou orgãos activos do movimento.

«Podiamos formar uma idéa clara a respeito do *tecido muscular*, se, arrancando a pelle exterior, que protege o corpo de um animal, observassemos as camadas de carne dura que lhe cobrem o esqueleto, e que se acham em toda a parte, onde o movimento é conhecido.

«Temos d'este modo dado uma idéa geral sobre os tecidos fundamentaes do organismo. Quando por consequencia descrevermos um orgão, tendo-lhe antecipadamente attribuido uma natureza qualquer, a *nervosa* por exemplo, devemos entender que n'esse orgão domina o tecido nervoso, e que a sua fórma é como a que fica já definida.

«Algumas vezes dous tecidos diversos concorrem ao mesmo tempo para a formação dos orgães, por exemplo, a *pharynge*, que, sendo uma parte do *apparelho digestivo*, é formada pelo *tecido muscular*, e pelo *tecido membranoso*, em que não fallamos, por ser muito especial.

«Já se vê, que devemos ligar as expressões *musculo-membranosa*, porque só assim podemos indicar a natureza do orgão, e a sua composição pelos dous tecidos.

«Se aos tecidos, que acabamos de enumerar, juntarmos o sangue com todos os seus elementos constitutivos, gordura, fibrina, etc., e estes combinados em proporções diversas, teremos a base material de todo o organismo.» (Peixoto Silva Junior).

ORGULHO. Com referencia a esta ruim paixão, ainda mal, trivialissima na mocidade que imagina fazer da penna vara de Moysés, ou columna luminosa por onde o genero humano deve guiar a sua inexperta ignorancia, são dignas de meditação duas paginas do snr. conselheiro José Feliciano de Castilho, relativas ao orgulho do poeta Bocage:

«Sedento de louvores, por todo o preço os comprava.

«Quiz applausos! e para isso o mais sincero dos crentes, cahindo como Lucifer das regiões supremas, renegou Deus e combateu-o!

«Quiz applausos! e a musa que por sublime e candida, devera ser casta, atascou-se no lodo e prostituiu-se!

«Quiz applausos! e a nobre penna, defraudando a fama de outros benemeritos das letras, molhou-se vergosamente em fel!

«Quiz applausos! e a alma justa, caridosa e grata polluiu-se ridiculisando seus bemfeitores!

«Quiz applausos, e de que modo? Não como animação, mas como tributo; não como honrado salario do genio, mas como fim, sanctificador de todos os meios, por mais baixos e ignobeis.

«Mal se satisfariam pois estas despoticas exigencias do orgulho com o mero apreço dos homens de instrucção e gosto, sempre em minoria, e sempre adversos ás ostentações e ao estrepito com que se decreta uma opinião. Mais grato e saboroso lhe era promover o irracional enthusiasmo das turbas, — das turbas tão faceis em deixar-se arrastar para o mal, ou em victoriar a expressão eloquente e subjugadora dos vicios que as deleitam: enthusiasmo contagioso é esse, que, ainda quando ficticio, se propaga electricamente e se converte em delirio. Deslembra-se o vaidoso, n'esses extasis de fraudulenta victoria, de que ha applausos que nobilitam, e applausos que desdouram; — cantos de anjo ou sereia, que ora guiam pelo caminho da gloria, ora desvairam pelo da infamia; — jardins derramando os mais inebriantes perfumes, ou charco exhalando os mais deleterios miasmas; — raptos que exaltam aos céos, ou turbilhões que arrastam aos abysmos.

«Se jámais houve periodo em que se devesse invocar a attenção da mocidade para os perigos d'esta gloria fallaz, é o que hoje pesa sobre as letras em Portugal. Um quarto de seculo esperdiçado em theorias politicas, e a suppressão de muitas fontes de instrucção, teem retardado para longos annos os progressos da intelligencia. Oh! na geração que se eleva achareis a indole, o fogo, o genio de nossos paes e avós... que sangue e céo não se haviam de desmentir. Mas, por estrella fatal, inda nas faxas da infancia envolvido o genio, luta por hombrear já com o saber custoso e a experiencia longa. Já os lustros se não revolvem sobre os lustros antes de ousar-se esclarecer os outros. A penna com que se apreuderam os primeiros traços, audaz se espraia pelos mais reconditos mysterios da humana comprehensão: prostra as millenarias sociedades, para lhes alçar sobre as ruinas utopias de escandecida imaginação; ou se entranha pelo coração do homem para explorar direitos novos; ou se remonta além dos astros para averiguar a existencia do Eterno! E (o que mais e peor é) todas essas temerarias e pueris tentativas acham logo, para acoroçoal-as, o enxame de vorazes admiradores, outorgando, ao pobre Icaro, os fóros de immortal: que muito que o amor-proprio se deleite com estes triumphinhos? que muito que o perfido persuada ser ouro o ouropel? Só resta lastimar os corollarios: quem enceta por onde os outros acabam, quem de tão comezinho modo ascendeu a immortal, para logo menospreza sendas *só trilhadas pela mediocridade*, posterga estudo, crê-se perfeito... e taes vêmos com frequencia e dôr estioladas e perdidas plantas que a natureza houvera creado giganteas e viçosas, fadado a altos não realisados destinos.

«Creia-nos a juventude! Resguarde-se de intempestivas, traiçoeiras acclamações: accorde-se de que a na-

tureza a cada fruto deu sua estação de madurez; de que, antes de instruir, é mister instruir-se; de que *scribendi recte sapere est et principium et fons;* de que a experiencia é mestra que importa consultar; de que as aspirações á gloria, faltando base, são miragens da imaginação, Junos dos Ixions; de que em fim a modestia centuplica o verdadeiro merito; e de que os bravos de má roda são a mais acerba das condemnações.»

ORNAMENTOS. Os ornamentos do padre celebrando a missa, são: o amicto, alva, cingulo, manipulo, estola e casula. — O amicto é um véo branco que o padre passa sobre a cabeça e lhe cobre os hombros. Significa a modestia das palavras e o cuidado que devemos ter em cortar todas as conversações futeis quando estamos na igreja. A alva é uma tunica branca, larga e que desce até aos pés; é o symbolo da pureza que o sacerdote deve levar ao altar e os assistentes ao santo sacrificio. O cingulo é o cinto que aperta a alva: recorda as cadêas que carregaram o Senhor no tempo da sua paixão, assim como o desligamento da vida sensual. O manipulo é um ornamento que o padre traz no braço esquerdo indicando o trabalho das boas acções e a recompensa que o espera. A estola é passada em volta do pescoço, e cruza sobre o peito: symbolisa a sua dignidade e poder, e convida-nos ao respeito que devemos aos sacerdotes. A casula é um manto aberto sobre as costas: significa a caridade que deve reinar em nossas obras e orações. Os ornamentos do diacono, são: 1.º a estola lançada sobre o hombro esquerdo e presa debaixo do braço direito; 2.º a dalmatica quadrada com uma especie de mangas curtas para não constranger os movimentos. A tunica, ornamento do sub-diacono, era a vestimenta usual dos servidores romanos: dando-a a seus ministros, a igreja conservou uma lembrança da mais remota antiguidade ensinando a humildade áquelles que a usam.

Os ornamentos dos bispos, quando officiam solemnemente, são: o calçado, a cruz, a tunica, a dalmatica, as luvas, anel, mitra, baculo, pallio se é arcebispo, e o gremial.

ORTHOGRAPHIA. «1. O orgão geral da voz humana consta da cavidade da bocca e suas partes correspondentes, desde as fauces até aos beiços e das fossas nasaes.

«2. Na cavidade da bocca cumpre distinguir, como orgãos especiaes da pronuncia, as fauces, a lingua, o paladar, o queixo superior, os dentes e os beiços.

«3. Os sons, em cuja formação nenhum dos orgãos especiaes da bocca exerce uma particular influencia, chamam-se *vogaes.*

«4. Aquelles, para cuja formação algum dos ditos orgãos concorre d'um modo particular, chamam-se *consoantes.*

«5. Na lingua portugueza, segundo a pronuncia predominante na capital do estado, distinguem-se seis sons vogaes denominados simples e puros, que se denotam ordinariamente pelas letras: a, e, i, o, u.

«6. Além d'estas, ha cinco vogaes, para cuja formação não concorrem as fossas nasaes, por isso que, ao pronuncial-as, se comprime o meato, por onde aquellas fossas communicam com a bocca; e denotam-se com os seguintes caracteres: am, an, ã em, en, im, in, om, on, õ, um, un. Por antiphrase, deu-se a estes sons o epitheto de *nasaes.*

«7. As vogaes são susceptiveis, umas de dous, outras de tres tons, segundo os quaes se distinguem em *agudas, graves* e *mudas.*

«8. As agudas denotam-se com o accento agudo (´); e as graves com o accento circumflexo (^); nas mudas não se põe accento algum.

«9. Admittem os dous accentos as vogaes, a, e; todas as outras admittem só accento agudo.

«10. Ao concurso de duas vogaes, sendo a primeira accentuada e a outra muda, dá-se-lhe o nome de *diphthongo.* Na lingua portugueza ha doze diphthongos que se representam pela

seguinte fórma: 1.º áe, ái—2.º áo, áu —3.º êi—4.º éo, êu—5.º êo—6.º ío, —7.º íu—8.º óe—9.º ui—10.º ôi—11.º ãe, ãi, ein, em—12.º õe. Exemplos: 1.º Pae, Ai!—2.º Pao, Paulo—3.º Feio —4.º Céo,—5.º Mêu; Deu—6.º Martyrio—7.º Cobriu—8.º Sóe—9.º Fui —10.º Foi—11.º Mãe; Cãibra; Vinteins; Vintem—12.º Põe.

«11. As consoantes dividem-se em sete classes, que se distinguem entre si pelo orgão que mais notavelmente contribue para a formação de cada um d'aquelles sons, a saber: 1.º Gutturaes, linguaes, maxillares, dentaes, labiaes e labio-dentaes.

«12. As letras que denotam estas diversas sortes de consoantes são as seguintes: gutturaes c, k, qu, g—linguaes: j, g, ch, x, s, ss, c, ç, e, z—palatinas: lh, nh—maxillares: n, l, r—dentaes: d, t—labiaes: p, b, m —labio-dentaes: v, f.

«13. É usual dar-se a m, n, l, r, o nome de *liquidas;* e a todas as outras consoantes o de *mudas*.

«14. Qualquer dos sons ou letras mencionados nos artigos antecedentes, bem como qualquer complexo de dous ou mais que, proferidos ou escriptos, significam alguma cousa, constituem uma *palavra*.

«15. Qualquer consoante, bem como a reunião d'uma consoante muda e outra liquida, que fôr seguida d'uma vogal ou d'um diphthongo, constitue uma *syllaba*.

«16. Tambem constitue uma syllaba o concurso d'uma vogal seguida d'uma consoante, se depois d'esta se não segue outra vogal na mesma palavra.

«17. Posto que a cada um dos sons acima mencionados corresponda de ordinario uma letra, como havemos indicado, alguns são representados por outros das ditas letras: e vem assim a haver letras que representam varios sons.

«18. O som ordinariamente representado por *i* é-o muitas vezes por um *e: ex* no principio das palavras, umas vezes pronuncia-se como *eis*, outras vezes como *is*.

«19. O som representado commummente por *u*, é-o frequentemente por um *o*.

«20. O som que nós designamos por *ó*, é denotado as mais das vezes por *ou*.

«21. O som que dissemos corresponder a *ei*, é muitas vezes representado por *e* ou *é*.

«22. O som que dissemos corresponder a *ein*, é quasi sempre representado por *em*.

«23. *C*, antes de *e*, *i*, *em*, *im*, pronuncia-se como *ç*.

«24. *G*, antes d'aquellas quatro vogaes, tem o valor de *j*.

«25. *S*, entre duas vogaes, tem o valor de *z:* entre uma vogal e uma consoante tem um som sibillante, privativo da lingua portugueza; exemplo: *Escripto*.

«26. N'esta incerteza, eis-aqui as regras que convem seguir:

«1.º Nas palavras que toda a gente escreve d'um determinado modo, deve-se seguir esse uso geral.

«2.º Nas que uns escrevem de um modo, e outro, deve-se seguir a analogia; escrevendo-as, como por uso geral se escreverem algumas outras, que se acharem no mesmo caso.

«3.º Se nem para as palavras duvidosas, nem para as que lhe são analogas houver uso geral, escrever-se-ha segundo fôr a sua etymologia.

«27. Assim a primeira regra que se deve seguir, é o *uso geral*, se o houver. Não o havendo, tem lugar a segunda regra, isto é, a *analogia* das palavras que, estando no mesmo caso, todos escrevem de um determinado modo. Se nenhuma d'aquellas duas regras fôr applicavel, adoptar-se-ha a terceira, escrevendo-se a palavra, como ella se escrever na lingua d'onde é derivada.

«28. É uso geral dar a cada uma das letras os valores que lhes assignamos nos artigos 5, 10 e 12, menos nos casos que vamos expender nos artigos seguintes, que ou são excepções geralmente adoptadas, e devem ser seguidas, em quanto esse *uso* fôr *geral;* ou se escreve variamente, e então recorrer-se-ha á regra da *analogia* ou, na falla d'esta, á da *etymologia*.

«29. Comecemos pelas excepções admittidas pelo uso geral.

«§. 1.º A conjução copulativa *e* denota-se por um *e;* posto que tenha o som de *i*.

«§. 2.º O som *u* mudo no fim das palavras é sempre representado por um *o;* menos nos dipthongos *eu*, e *iu*, que uns escrevem assim e outros *eo, io*.

«§. 3.º O som de *ó* exprime-se sempre por *o* quando se lhe seguem uma vogal ou duas consoantes. Nos outros casos, ora se representa por *o*, ora por *ó*, ora por *ou*.

«§. 4.º Uns escrevem *tão*, outros *tam*. Mas o uso geral é de se escrever *tambem;* pede a regra segunda (da analogia) que se prefira escrever *tam*.

«§. 5.º Posto que não haja differença de som entre *ão* e *âu;* o primeiro é geralmente empregado no fim das palavras, e o segundo no principio ou no meio.

«§. 6.º O diphthongo nasal *ein*, é sempre representado por *em* quando elle só constitue a desinencia da palavra.

«§. 7.º Posto que a *etymologia* nos levasse a escrever *quaderno* e *enquadernar;* como o *uso geral* tem adoptado *encadernar*, assim é que se deve escrever; e como uns escrevem *caderno*, outros *quaderno;* pede a regra da analogia que escrevamos *caderno*.

«§. 8.º Uns escrevem *epocha*, outros *época;* mas como todos escrevem monarca e não *monarcha* segundo a etymologia; pede a nossa segunda regra que por analogia, se escreva *época*.

«§. 9.º Segundo a etymologia dever-se-hia escrever *majestade:* mas oppõe-se o uso geral, e segundo elle, escrevemos *magestade*.

«§. 10.º Sendo uso geral escrever *xarope*, xadrez, não é acertado escrever *charope*, chadrez.

«§. 11.º A letra *ç* é preferida pelo uso geral ás suas equivalentes *ss* e *s* nos derivados do hespanhol, onde se acha *z;* e nas terminações que correspondem ás latinas dos nomes *cio* e *tio*.

«§. 12.º O som de *z* no principio das palavras é sempre representado por aquella letra; e no meio d'ellas, bem como na syllaba final, quando na raiz, d'onde a palavra é derivada, lhe corresponde *z*, *ç*, ou *ss*. Fóra d'esses casos escreve-se *s*.

«§. 13.º Ha na nação repugnancia ao uso dos accentos; mas cumpre empregal-os, sempre que da sua falta poder resultar equivoco. Tal é o caso da distincção entre *e* conjuncção e *é* terceira pessoa do presente do indicativo do verbo ser; das terminações *amos* dos presentes e dos preteritos; e bem assim as terminações em *arão* e *erão* dos preteritos e dos futuros; e em fim o das palavras esdruxulas, onde, a bem dos menos instruidos, é conveniente accentuar a antepenultima syllaba.» (Silvestre Pinheiro Ferreira).

«Por muito tempo a alteração das vozes latinas appareceu traduzida no modo de escrever dos tempos, e já depois mesmo que a cultura classica chegára ao seu maior esplendor, com a dictadura litteraria dos quinhentistas, o romano menos escrupuloso não absolveria os peccados orthographicos, que ficaram eternisados nas paginas das edições impressas d'aquelle tempo. Um classico não escrupulisava de chamar a Virgilio, um *Romão* (queria dizer um romano) nem julgava peccar contra a santidade das regras dos Petiscos ou Calepinos d'aquellas eras, commettendo a notavel indiscrição de soletrar com um *l* só o veneravel cognome de *Tulio*, ou de escrever *chã* e cruamente *aver*, decapitando sem ceremonia, e despojando do seu *h* o verbo *haber* dos latinos.

«O remodelamento classico da lingua portugueza não produziu pois immediatamente a orthographia etymologica, mas indirectamente a apressou, trazendo a necessidade de reflectir no parentesco das duas linguas, na sua identidade em muitos pontos, e a necessidade pedantesca de dar á linguagem um colorido de erudição e de classicismo, vestindo as antigas corruptelas romanas com as vestes emprestadas d'uma orthographia genuinamente classica.

«D'aqui resultou que mais e mais se foi a escripta afastando da prosodia geralmente recebida, e a lingua portugueza, quasi unica e indivisa, apresentando o phenomeno singular de não ter um só dialecto provincial bem caracterisado e distincto; ao passo que mantinha na palavra oral a sua unidade admiravel, dividiu-se pela orthographia em dialectos barbaros e absurdos, não de provincia a provincia e de aldeia para aldeia, senão de individuo para individuo; não de sabio para ignorante, não de letrado para idiota, senão de sectario d'esta escóla para enthusiasta d'aquell'outra dentro do proprio circulo dos sabedores e litteratos.

«Da exageração luxuosa da orthographia portugueza nasceu a sua miserrima anarchia. Quizeram dar ás palavras nacionaes, pobres palavras, colhidas e truncadas aqui e acolá no lexicon romano, todo o polimento, todo o culto archeologico de palavras scientificamente derivadas, e tiveram em resultado a confusão e a desordem orthographica. Quizeram vestir as palavras barbaras com a louçania das antigas palavras romanas, e obtiveram por fruto de todas estas estereis lucubrações a desharmonia mais injustificavel e irracional entre o som, que é a essencia da palavra, e o signal phonico que o deve textualmente representar na escripta.

«A nossa lingua, rica de palavras herdadas naturalmente de Roma, opulentada com termos numerosos colhidos aqui e acolá no espolio das litteraturas mortas, acrescentada com vocabulos, prudentemente nacionalisados pelos fundadores da litteratura quinhentista, copiosa de phrases e modos de dizer elegantes e singelos, racional na construcção, melodiosa na prosodia, igualmente propria e experimentada para todo o genero de estylos, desde o regrado da epopéa até aos arrojos da lyrica, desde a narração conceituosa e concisa até á declamação luxuaria e asiatica, o idioma nacional, que seria uma das mais cultas, das mais populares, das mais universaes linguas da Europa, se na Europa tivessemos mais influencia e poderio, e se mais territorio dominassemos na Europa, a lingua portugueza está dando, e deu sempre ao mundo litterario um documento unico e inaudito, a ausencia completa de uma orthographia, geralmente consentida, universalmente sanccionada em todo o paiz.

«Variações radicaes, profundas no modo de escrever tem-n'as tido, tiveram-n'as sempre as linguas mais artisticamente construidas, mais affectuosamente cultivadas. Com os tempos a pronuncia varia em vozes identicas; o tempo vai polindo e aperfeiçoando as palavras e a alteração da orthographia vai seguindo de perto as variações forçadas da prosodia. As inscripções romanas das primeiras idades da republica, a lapide de Duilius, ou o primeiro tratado de Roma com os carthaginezes, não tiveram certamente a mesma orthographia que distingue a lingua do Lacio na idade florentissima em que a musa romana cantou livre e desassombrada de todas as pêas dos tempos barbaros. Froissard e Commines, Montaigne e Rabelais não escreveram como Bossuet e Fenelon, e Bossuet e Fenelon acharam Voltaire para lhes corrigir, ou ao menos alterar a orthographia. O saxonio de Chaucer não é nem nas vozes, nem na escripta o inglez alatinado de Pope, nem a orthographia dos primeiros monumentos litterarios da lingua ingleza igual á de Byron ou de Lhomas Moore.» (Latino Coelho).

OSORIO (Jeronymo). «Dous portuguezes de eminente e reconhecida litteratura couberam por parochos á igreja de Santa Maria das Chãs, no concelho de Tavares: o primeiro, Jeronymo Osorio, que depois foi bispo do Algarve; o segundo Jacintho Freire de Andrade, que recusou o bispado de Vizeu, que lhe offerecia el-rei D. João IV. A concorrencia de taes sujeitos no mesmo lugar e encargo, posto que em diversos tempos, tenho por uma das curiosidades d'este bispado; que estimula a inquirir bem os successos e considerar attentamente

as obras de um e outro. O exame, por varias razões, não póde ser profundo: mas assim mesmo superficial, talvez que adiante uma ou outra especie, e que emende algum erro dos biographos e faça avaliar mais ao justo as suas reflexões; e em todo o caso me dará mais conhecimento de homens, que ainda não pertencendo de algum modo a este bispado, e não sendo nossos naturaes, mereceriam ser bem conhecidos.

«Jeronymo Osorio, natural de Lisboa, foi filho de João Osorio da Fonseca e de Francisca Gil de Gouvêa, e neto, por seu pai, de Alvaro Osorio da Fonseca, senhor das villas de Figueiró da Granja e Santa Eufemia, e por sua mãi, de Affonso Gil de Gouvêa, creado do infante D. Fernando, pai d'el-rei D. Manoel, e ouvidor das terras do mesmo infante. Nasceu em 1506, e em 1519 sua mãi, a cujo cargo ficára, porque seu pai partiu para a India por ouvidor geral d'aquelle estado, o mandou estudar em Salamanca.

«Em 1521 voltou a Portugal, porque seu pai recolhera da India; mas este lhe deu ordem para tornar a Salamanca e entrar no estudo de direito civil: ordem, que compriu com pouco gosto, porque preferia, dizem, a profissão militar e desejava entrar na religião de Malta. Não viveu muito tempo depois João Osorio, e seu filho passou em 1525 a estudar philosophia em Paris: e por esta occasião conheceu e tratou o fundador dos jesuitas, d'onde procedeu contribuir muito para a entrada do seu instituto n'este reino.

«Voltou de Paris a Portugal, e d'aqui passou a Bolonha a estudar theologia: onde se acreditou de modo, que el-rei D. João III, fundando a universidade de Coimbra, o mandou vir para mestre da Sagrada Escriptura. Expoz em Coimbra Izaias e a epistola de S. Paulo aos romanos; mas cuido que teve n'esta cidade pouca demora, e que quasi logo se recolheu a Lisboa. O infante D. Luiz, a quem, como principe muito estudioso e entendido, foi bem aceito, e a quem dedicou os livros *de Nobilitate*, impressos pela primeira vez em Lisboa em 1542, o fez seu secretario, o encarregou do ensino de seu filho o prior do Crato, e lhe deu as igrejas de Santa Maria do Castello e S. Salvador de Travanca, no concelho de Tavares, bispado de Vizeu.

«Continuou em secretario do infante até sua morte em 27 de novembro de 1555. Fallecido porém o infante, Jeronymo Osorio, pouco affeiçoado á côrte, em que se requeria genio mais flexivel e menos isento do que era o seu, retirou-se, contra o gosto e o voto dos seus amigos, para as igrejas, de que o infante lhe fez mercê. Em 1560, com tudo, nomeando-o arcediago da sé de Evora, o arrancou do concelho de Tavares o cardeal infante, que tambem o tinha em muita conta, e depois o nomeou por parte d'el-rei D. Sebastião bispo de Silves em 1564; ao que se prestou, não tanto por inclinação, como por submissão.

«Congregaram-se os tres estados em 1568 e tomou as redeas do governo el-rei D. Sebastião. Desejava o cardeal Henrique que o bispo de Silves ficasse em Lisboa tomando parte nos negocios publicos; mas escusou-se com o motivo das suas obrigações pastoraes, e mais provavelmente pelo pouco gosto que tinha da côrte, e pelos fundados receios de maiores inquietações na do novo rei. Deu porém a vêr o seu zelo da patria nas duas cartas, que escreveu ao monarcha: uma desde Villa Nova de Portimão, em que o dissuadia de partir para Africa antes de casar, e outra, durante a primeira jornada de Africa, em que lhe persuadia que se recolhesse ao reino.

«Não foram bem interpretadas estas duas cartas, e o bispo de Silves entendeu que lhe convinha sahir de Portugal. Sahiu, com effeito, pretextando visita *ad Limina Apostolorum*, e de Sevilha é que escreveu pedindo licença. Em 1576 tocou Parma, onde a duqueza D. Maria, neta d'el-rei D. Manoel, o recebeu muito honradamente; e de Parma passou a Roma,

que governava o summo pontifice Gregorio XIII, e em que pelas primeiras personagens, entrando o summo pontifice, foi tratado com a merecida distincção. Os seus escrupulos, porém, no tocante á residencia, e instancias repetidas que lhe foram do reino, o determinaram a voltar promptamente á sua diocese; cuja cathedral se transferiu de Silves para Faro em 1577.

«Em 1580, suscitando-se em Tavira tumultos por occasião das questões sobre a successão do reino, partiu de Faro na intenção de os socegar: mas a chaga, que padecia em uma perna, e se aggravou com a jornada em tempo calmoso, o obrigou a recolher-se no convento de S. Francisco de Tavira, onde depois de vinte dias de ardente febre falleceu a 20 de agosto, e foi sepultado, segundo a sua disposição, na capella-mór, para ser d'alli transferido á sua cathedral.

«O bispo Osorio foi um homem de grande talento e rara penetração. Applicou-se com ardor aos bons estudos e grangeou grande doutrina de generos varios. Pouco cubiçoso, senão de gloria, não se aproveitou do favor do infante D. Luiz e do trato da côrte para os seus adiantamentos. Muito tarde chegou a ser bispo, sem embargo de ser um ecclesiastico de alto e geralmente reconhecido merecimento, familiar e aceito aos principes do reino. Dizem que não se encarregou do episcopado com inteira vontade, e é de crêr, supposto o seu caracter e idade: mas consta que desempenhou o encargo com a fiel pontualidade, que requeria a sua grande religião e o seu entendimento tão ponderado. Do seu amor da patria são testemunhas mais que bastantes o tratado da educação e doutrina de um rei, dirigido a el-rei D. Sebastião, as duas cartas ao mesmo principe sobre a sua primeira jornada de Africa, e a carta á rainha D. Catharina, quando esta senhora deliberou deixar o reino. Acrescentam, que a perda do rei em Alcacerquivir desbaratou a sua saude e foi a origem de sua morte: o que tenho, ao menos, por muito verosimil.

«Ou no estado ecclesiastico ou na republica das letras, não vejo outro portuguez que possa ser preferido a Jeronymo Osorio; na união de uma e outra cousa, não vejo portuguez que lhe possa ser igualado. Prelado gravissimo, exemplar, zeloso; litterato altamente erudito, profundo e critico; escriptor copioso, esplendido, elegantissimo: n'este ultimo artigo basta dizer, que em abundancia de estylo, em numero e graças d'elle, na escolha dos assumptos, no ar e tom com que os tratou, não ha copias mais parecidas com os originaes de Cicero, do que são os escriptos de Osorio, e sobretudo os philosophicos e polemicos. Entre os muitos e felizes imitadores do orador romano, depois que a lingua latina acabou de ser lingua viva, a palma deve ser, e é, dada a Osorio: o que já fôra muito, se fosse só no tocante á linguagem; quanto mais no tocante á escolha e modo de tratar os objectos. Baconio trata o seu estylo de luxuriante e pouco nervoso; mas elle copía de tal sorte o seu modêlo, que para lhe caber esta reprehensão é necessario accusar Cicero dos mesmos defeitos.

«Compôz Jeronymo Osorio muitas obras; quasi todas em latim. As de que temos noticia são impressas e manuscriptas. Impressas são, no genero escripturistico, *Exposições ás Parabolas e livro da Sabedoria*, a *Izaias, Oseas e Zacharias, ao Evangelho de S. João* e *Epistola de S. Paulo aos Romanos*, e *Paraphrases do livro de Job e dos Psalmos*. Pertencem á theologia theoretica e pratica os *Tratados da Justiça Christã, da verdadeira Sabedoria, da Nobreza Christã*, a *Epistola á Rainha Isabel de Inglaterra* e a *Repulsa contra Gualtero Haddon*, da mesma nação. Os *Tratados da Nobreza Civil, da Educação e doutrina de um Rei e a Defeza do seu nome* tocam á moral e politica. No genero historico imprimiu-se a *Relação do Reinado d'el-rei D. Manoel:* no genero oratorio uma *Oração em louvor de Santa Catharina:* no poetico um

poemeto ao *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo:* e por ultimo varias *Epistolas.* Tudo isto se acha colligido em uma edição de Roma de 1592, em quatro tomos de folio, que publicou seu sobrinho, chamado tambem Jeronymo Osorio, e em cuja frente pôz um epitome da vida do author.

«As obras manuscriptas, que se conhecem, são *Commentario Latino ao Psalmo Miserere;* traducção em portuguez dos *Decretos do Concilio Tridentino; Tratado do Reino do Algarve; Oração nas Exequias d'El-rei D. João* III, em Coimbra; duas *Epistolas Latinas*, uma a Jeronymo Cardoso, que é a decima entre as d'este escriptor impressas, e outra escripta desde Bolonha ao conde de Vimioso; e seis *Cartas* em portuguez, a saber, uma á rainha D. Catharina, duas a el-rei D. Sebastião sobre a primeira jornada de Africa, outras duas ao mesmo principe sobre pontos de jurisdicção ecclesiastica, contra Maximo Dias de Lemos, juiz dos feitos da corôa, e uma ao cardeal D. Henrique ácerca da successão do reino.» (*Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo).

Avalie-se da inteireza e independencia de tão insigne prelado, lendo dous trechos da sua obra *Vida e feitos de D. Manoel.*

Um diz respeito á matança que os hebreus soffreram em Lisboa, no anno de 1506.

«Tambem em Lisboa se amotinou por esse tempo o vulgacho; e tal foi o desatino e furia alli erguida, que a pique estiveram os judeus todos, recentemente como dissemos, convertidos, de indignamente perecerem. O caso succedeu assim. Tinham pouco antes chegado a Lisboa muitos navios mercantes da Belgica franceza e da Allemanha, e a cidade se achava mui nua de burguezes, por se terem d'ella retirado em razão do contagio; muitos dos que todavia tinham ficado, se juntaram em 19 de abril na igreja de S. Domingos para os officios divinos. Ha na igreja da parte esquerda uma capella com a invocação do Senhor Jesus, mui devota, e mui frequentada pelo entranhavel acatamento dos fieis. Assenta sobre o respaldo do altar um crucifixo, em cuja chaga do lado engasta um crystal, que a cobre: e ora como pozessem n'ella os olhos muitas pessoas, e com elles a imaginação, e vissem sahir d'ella um luzeiro, entraram a bradar: *Grande milagre!* pois que a divindade celeste se representava alli com tão pasmosos signaes. Um d'aquelles hebreus, que pouco havia se alistaram nas bandeiras do baptismo, negava a altos gritos haver milagre; que nem n'um lenho secco cabia poder fazel-o; e bem que muita gente duvidasse do milagre, nunca convinha em tal occasião, nem a tal sujeito empregar suas palavras e afinco em desmaginar um judeu a gente, que tão encarnado tinha nos sentidos semelhante illusão. A multidão, que naturalmente é dessisuda e assomada, eivada agora com vislumbres de religião, entrou a bramar de ouvir um christão denegar credito a um milagre. Tratam-no de aleivoso, e malvado judeu, traidor á fé, cruel e deshonrado inimigo, dignissimo de todos os tormentos e da morte. Foram crescendo sobre elle os vituperios de toda a parte; e tanto se escandece a colera n'aquella mó de povo, que arremettem com o homem, travam-lhe dos cabellos, levam-no de rastos, e atormentando-o até o rocio, que espairece o convento, e alli cruelissimamente morto, o despedaçam: erguem subito uma fogueira, onde arremessam os troços do cadaver. Accorreu a tal motim toda a gentalha, á qual um frade fez uma prégação acommodada a despertar vinganças da religião. Com a mui azeda exhortatoria, a multidão que de seu natural toma subito furor, disparou em vehemente feridade. Tinham já dous frades alçado um crucifixo, e empuxado a plebe com altos gritos a matanças; e alternando como em choro, bradavam: «*Heresia, heresia.* Dai cabo d'ella, que é maldita. Extingui esta gente abominavel.» Pojam em terra, vindos das naus, francezes e allemães, e se entremeam com os lusitanos já cevados na despiedosa chacina. Consta

que computavam a 500 homens os que emprehenderam o facinorosissimo destroço. Atravessados de ruindade e desatino, se arremessam a investir ferina e brutamente com os miseros judeus, degolam, apunhalam, e ainda palpitantes e com vida os arrojam nas labaredas. Que n'aquelle mesmo rocio, em que o primeiro ardera pelo aggravo, que sentira o povo d'elle, roncavam já para taes cruezas amiudados incendios, por quanto com muito regosijo e pressa escravos, e gente do mais vil jaez acarretavam lenhas, a que não desfallecem chammas para a perfeição de tamanho desmandamento. Quebrariam corações de bravias gentes os prantos lamentosos das mulheres, as magoadissimas supplicas dos homens, e os maviosissimos clamores tão geraes. Mas tão despidos andavam de humano os enfrascados n'aquelle morticinio, que sem perdoar nem a idade, nem a sexo, com antolhos para taes resguardos, algozavam por maneira, que n'aquelle dia foram mortos e queimados além de 500 pessoas dos hebreus. E como o boato d'aquella carnificina se espalhasse no dia seguinte pelas aldeias do termo, vieram d'ellas mais de mil facinorosos verdugos aggregar-se ao bando dos malfeitores da cidade: com o que refrescou a morte e justiças. E em razão de toda a familia judaica se ter de temerosos escondido em casa, lhes arrombavam portas, e entravam dentro a degolar, como carniceiros, homens e mulheres e as donzellas mesmas, esmigalhando contra as paredes as criancinhas, tirando pelos pés uns mortos, outros expirando, para os lançarem nas fogueiras, e muitos mesmo cortados sómente de feridas, consumiam n'ellas vivos. Tal embaçamento se apoderou então d'aquella miserrima gente e de seus sentidos, que nem lamentar seus mortos conseguiam, nem deplorar seus infortunios. Os homisiados nem soltar ousavam uma só voz, despedir um só gemido, ao vêr arrebatar-se-lhes os filhos, os parentes para o supplicio. Tanto os desmaiára o susto, que dos mortos dessemelhavam os vivos! Saqueavam-lhes em tanto as casas os desalmados, e punham em montes ouro, prata, e preciosos moveis; e se n'aquelle dia não morreram mór quantidade, foi pela ancia que se davam os francezes em roubar e acarretar a presa para os seus navios. Chegou a tal ponto a furia d'aquelles sacrilegos, que devassavam os templos sem respeito algum a Deus, e d'elles arrancavam os velhos, os meninos, e donzellas, que aos altares se acolheram, que com as imagens dos santos se abraçavam, e que piedosamente imploravam o amparo de Jesus Christo: logo alli brutamente lhes davam morte, ou vivos ao fogo os arrojavam. Muitos, que só pela cara, ou qualquer outra parecença gizavam pelo judaismo, correram risco de morte, e outros a padeceram por esse unico presupposto: e ainda varios ante de lhes averiguarem se tinham com os hebreus connexão alguma, foram com pancadas, e com golpes desfigurados. Muitos encontrando com inimigos seus, e appellidando-os de judeus, em seu sangue ensopavam as ferinas espadas, sem lhes dar azo a refutarem o falso aleive. Não tinham os magistrados afouteza tal, que ousassem atalhar o furor da multidão. Houve com tudo honestos cidadãos, que abrigaram, que defenderam os judeus, que a elles se amparavam, subtrahindo-os a mortes cruelissimas, e pondo-os em seguro. Morreram todavia além de mil em tal estrago: e já tornavam no dia seguinte os malfeitores desatinados a renovar a carniceria; mas não achavam a quem matassem; que quasi quantos tocavam á gente hebrea, se tinham posto em cobro, fugidos uns, e encobertos outros em casa de pessoas piedosas. Fizeram com tudo algumas justiças das costumadas: em tudo morreram nos tres dias ao redor de dous mil judeus. Sobre tarde entraram na cidade acompanhados de soldadesca dous fidalgos mui illustres, Ayres da Silva, e Alvaro de Castro, regedores da casa da supplicação e desembargo, e com sua vinda acalmou o des-

troço. Por quanto francezes e allemães com sobejo saque se recolheram logo a seus bordos; e dando á véla, fugiram para suas terras a todo o curso. Logo que D. Manoel ouviu a nova de tão insignes desaccordos, ateou-se-lhe tão violenta colera, que despachou subito a Diogo de Almeida, e a Diogo Lobo com suprema alçada a Lisboa, e que dessem a execrandos feitos exemplar castigo. Grão numero de culpados pagaram com as vidas a pena de seu desatino e crueldade; e os frades, que arvoraram o crucifixo, e encommendaram taes ferezas, degredados antes com muita solemnidade de suas ordens, pois eram sacerdotes, os enforcaram e queimaram. Os que foram lentos em comprimir a furia popular, foram uns multados em dinheiro, outros em honras: e a cidade desfalcada em muitas prerogativas.»

O outro censura acremente a barbaridade do grande Affonso de Albuquerque n'estes termos:

«Nem se passava dia que Albuquerque não fizesse ás ameias todo o damno possivel com as bombardas; parecendo-lhe porém lenta esta feição de guerra, escogitou outra, com que molestasse mais no vivo os inimigos; e foi mandar atalhar mui miudamente todo o comestivo, que por mar podesse vir de qualquer parte a Ormuz, e encarregou d'esta incumbencia a Manoel Telles, a Barreto, a Antonio de Campo, e a Affonso Lopes da Costa; que bem mau grado seu cumpriram com ella, trazendo-lhes algumas embarcações captivas. Na gente d'ellas exerceu Affonso de Albuquerque uma barbaridade, indigna de seus preclaros feitos, mandando cortar mãos, orelhas, e narizes a quantos marinheiros e besteiros n'ellas vinham, e aos outros meio pé ainda além das orelhas e narizes; e leval-os depois a terra com recado a Coje-Atar, que o mesmo tinha de fazer a quem lidasse por trazer mantimentos á cidade.»

OTHÃO. (Veja DECIMO SECULO).

OURO. «É este um dos metaes, que se acha sómente nativo; e n'este estado com facilidade se descobre pela côr, malleabilidade, etc.; acha-se crystallisado, filamentoso, e espalhado em terrenos alluviaes na fórma de massas redondas de diversos tamanhos. Os geologistas consideram o ouro como o mais antigo de todos os metaes, por isso que é invariavelmente achado em rochas primitivas. A sua matriz é quartzo, spatho calcareo, feldspatho, carbonato de cal, e sulfato de barytes. Africa e America, como é bem sabido, são os paizes em que este metal mais abunda. Na Africa apparece sempre nos leitos dos rios, e nos terrenos alluviaes das planicies ou em pequenos grãos, ou em massas de differentes dimensões. Os lugares mais ricos d'este precioso metal estão situados na parte occidental da Africa ao sul do grande deserto de Zara, e entre Darfur e Abyssinia; tambem as areias do Gambia, Niger e Senegal são todas auriferas. Suppõem-se que Ophir, lugar d'onde Salomão obtivera muito ouro, era um paiz situado ao sueste da costa d'Africa. As riquezas do Perú, Mexico e Brazil são bem conhecidas: o ouro ahi existe pela maior parte nos leitos dos rios; ainda que algumas veias se tem trabalhado com bastante successo. A Asia não se póde hoje reputar rica n'este metal, apesar que se tem achado em Ceylão, Borneo, Sumatra, e algumas das ilhas do archipelago. Quanto á abundancia d'ouro que, se diz, houvera no Pactolo, não temos hoje provas algumas. Nem tão pouco é a Europa mui fertil n'esta preciosidade. Segundo Diodoro Siculo e Plinio, os phenicios e os romanos extrahiram grande porção d'ouro da Hespanha: em Portugal se tem achado em pequena porção em differentes partes da serra da Estrella, Guarda; em França no departamento do Isere, no Rheno perto de Strasburgo, no Garumna perto de Tolosa; no Piemonte nas planices ao pé do monte Rosa, e do Simplon; e tambem nos pequenos ribeiros que atravessam o alluvião vermelho perto de Chivas-

so: porém as unicas importantes minas d'ouro na Europa são as da Hungria. O processo metallurgico para extrahir o ouro das suas veias é simples bastante; estas são pisadas em um moinho, e lavadas a fim de por este modo se poderem separar as partes mais leves e terreas; ellas são então expostas á acção do azougue, o qual dissolve o ouro, que é depois obtido por meio de distillação. A gravidade especifica d'este metal é 19: derrete-se em calor vermelho mesmo nas mais elevadas temperaturas; o oxygenio quasi que não tem acção alguma sobre elle; o fluido electrico tem a virtude de o queimar, e reduzir a um pó côr de purpura, que é uma oxydo d'ouro. Chlorine tem uma acção instantanea sobre o ouro, e fórma por meio da agua um muriato: assim o ouro, ainda que insoluvel nos acidos nitrico e muriatico separadamente, não o é com tudo na mistura dos dous acidos. O producto d'esta solução é o muriato d'ouro, que é assás distinguido de outro qualquer sal pela propriedade de apresentar uma côr de purpura sendo exposto aos raios do sol em um pedaço de papel; por ministrar com a potassa um precipitado amarellado; e com a ammonia um precipitado detonante. O sulfato de ferro tem a virtude de decompôr este sal, fazendo precipitar o ouro em pó mui fino, e por este motivo se emprega para dourar a porcelana: tambem se misturarmos o muriato d'ouro com o muriato de estanho, se obtem um lindo precipitado purpureo chamado o pó purpureo de cassio que é igualmente muito usado para pintar a porcelana. Será desnecessario mencionar os numerosos fins para que o ouro é empregado, já pela sua belleza, já por sua permanencia, e grande extensibilidade; attributos estes, que concorrem muito para contrabalançar o seu grande preço.» (*O Investigador portuguez*).

OUTUBRO. *Jardins.* Plantam-se rainunculos, roseiras, tulipas, anemonas, junquilhos, flôres de liz, jacinthos, narcisos, cebolas, e raizes bulbosas. Alporcam-se e transplantam-se craveiros. Aparam-se as murtas e os buxos.

Hortas e campos. Semeiam-se cenouras, chicorea, coentro, ervilhas, couve, murciana, fruncho e hortelã, alface, rabanos, rabanetes, broculos, nabos, cebolas e tremoços. Plantam-se as chicoreas e alfaces, semeadas no mez anterior; e toda a qualidade de hortaliças. Continua-se a colheita do milho e feijões. Continuam tambem as sementeiras do centeio, e cevada para verde; e principiam as do trigo, arroz d'inverno, e linho.

Pomares, vinhas, olivaes, florestas. Abrem-se covas para arvores, que tenham de ser plantadas em janeiro e fevereiro. Conclue-se a colheita das nozes, e principia-se a dos marmelos, maçãs, peras, e outras frutas. Plantam-se cerejeiras, ginjeiras, macieiras, etc. Enxertam-se laranjeiras. Acabam-se as vindimas. Plantam-se bacêllos, e mergulham-se vides. Apanha-se a azeitona, ripando-a dos ramos. Plantam-se oliveiras. Apanha-se a folha, que cahe das arvores; e formam-se estrumeiras.

Principia-se a colheita da castanha. Plantam-se alamos, salgueiros, e castanheiros, em terras seccas.

OVAL. (Veja ECLIPSES).

OVIDIO. «Na familiaridade do imperador Octavio, acclamado Augusto, vivera Ovidio com todos os grandes poetas seus predecessores e seus coetaneos, mais do que nenhum talvez, por desgraça d'elle. Dias houve, em que, sob as grinaldas dos festins, o glorioso despota bem podera dizer ao vate seu commensal o que depois disse Carlos IX a Ronsard:

Tous deux egalement nous portons des couronnes!

«E com mais e melhor razão o faria, que já por aquelles tempos era o cantor de Sulmona o herdeiro afamado de Tibulo e Propercio, de quem pouco antes fôra rival, e por direito lhe tocára o sceptro lyrico depois de Horacio, — pouco mais ou menos co-

mo, ao cabo de dezoito seculos, veio tambem a empunhal-o Delille depois de Boileau. A elegia polida, aperfeiçoada, esmerada com rara selecção por tantos cultores e tantos mestres, ia fechar com elle o periodo brilhante da virilidade litteraria de Roma. D'aquelles grandes nomes fadados á immortalidade era Ovidio o ultimo na ordem chronologica, bem que um dos primeiros na eminencia dos meritos.

«Parece porém que ao declinar da vida, Octavio, como Luiz XIV, penitenciava com a austeridade dos escrupulos as fragilidades da juventude. Livia-Maintenon exacerbava-lhe interesseiramente a tendencia para os rigores expiatorios. A bella Corinna, continuando a dynastia amorosa das Delias, das Neéras, e das Cynthias, foi menos feliz do que as suas antecessoras. Ou por muito conhecida, ou por demasiado voluptuaria, assustou a contricção recente do imperial e idoso arrependido. Sabia-se o que podiam as iras d'aquelle Jupiter terrestre. Ovidio quiz naturalmente amercear a divindade, e aplacar a tormenta que no horisonte se escurecia.

«As corôas que lhe cingiram foram tão bem grangeadas e logradas por este presentimento da musa desditosa, como pelas risonhas imagens dos annos prosperos.

«Singulares corôas são as dos poetas! Sempre corôas de martyres, mesmo quando lhes celebram triumphos!

«E muito mais singulares as corôas dos poetas modernos. Deu-as o capitolio a Petrarcha desterrado e ao Tasso morto. Deu-as o féretro ao Dante prófugo e proscripto. Deu-as a posteridade a Camões agonisante n'um hospital; a Cervantes extenuado de miseria; a Milton, que para viver mais dous dias mal pôde obter dez libras pelo *Paraiso perdido*, a magnifica Iliada christã, a gloria poetica da opulenta Inglaterra, a epopéa da luz, concebida nas trevas como a de Homero.

«Que são estas corôas senão ironias impias, irrisões sacrilegas, sarcasmos entre tumulos?

«Regosijai-vos, pensadores inspirados, exultai, eleitos da Providencia, felicitai-vos largamente, vós todos, que do melhor dos vossos corações, do mais puro dos vossos espiritos, do mais trabalhado da vossa vida, apuraes e acrisolaes os raios que alumiam a vossa terra, as harmonias que levam o seu nome ao longe pelos povos e pelas gerações! Tendes estas palmas e estas corôas. Que importa que ellas sejam um requinte de supplicio, como a cana verde e o diadema de espinhos?

«A sociedade é justa; é principalmente governada e cautelosa. Tem tudo em conta corrente. Agenciaes eleições? equilibraes orçamentos? primaes no acrobatismo politico, ou espaireceis o tedio aos magnatas? Não. Apenas conservaes illesas as memorias da patria acima das revoluções, das tempestades, e dos seculos. Quem vol-o encommendou? Nas serenas e espirituaes regiões da arte levantaes esses padrões superiores, diante dos quaes mal se percebem as ambições arrogantes, e passam para nunca mais lembrarem as lutas ephemeras, as grandezas pygmeas, as paixões sem horisonte. Que valor tem isso no mercado? Daes a immortalidade ás nações? Bella empresa, na verdade! Quem toma acções da immortalidade? Quem as cota e negoceia? A immortalidade! Vivei d'ella.

«N'esta conclusão epigrammatica está tudo epilogado e resumido. Ha de o poeta ser mais do que um homem, e os ecónomos, os fiscaes vigilantes d'esta sociedade, cheia de precauções e de simplezas, não lhe darão nem um minimo do que ella se deixa candidamente extorquir pela exploração *habil*. O poeta, que o mine e devore a chamma interior, e morra d'isso. É a sua sina. Quem o mandou adoptar um modo de vida menos rendoso do que o de contractador de senhas?

«Tenha elle a ousadia incrivel de tentar um dia colher lugar no banquete commum, e vereis como lhe tomam a rol os bocados, como lh'os contam, como lh'os amargam, ao pobre faminto, os convivas repletos!

vereis como lhe regateiam as migalhas para alimento dos ocios! vereis como lh'as disputam para regalo da adulação! vereis como lh'as invejam para a avidez parasita! vereis em fim com que amena complacencia se accumulam as prebendas á importunidade dobradiça, e com que apertada parcimonia se medem os soccorros ao engenho creador.

«Para o industrial... de qualquer industria... ha uma indulgencia inexhaurivel; a elasticidade dos seus algarismos não assusta os prudentes. Para as mais altas funcções intellectuaes ha uma pauta estreita, severa, implacavel, que faz as delicias dos calculistas eméritos. Não faltará quem vos prove com a arithmetica nas mãos que um grande poeta, com o dizimo da retribuição ordinaria de um tenor sem voz, deve passar folgadamente e ajuntar para a velhice. Ha gente para tudo!

«Dão ao poeta a realeza e impõe-lhe a penuria ou a sordicia. Ha de ter a fronte no céo para meditar as verbas dos gastos domesticos. Rodêam-n'o d'estas delicias e magnificencias, e exigem-lhe o esplendor e a magestade!

«Atroz zombaria!...

«Pois tem elle realmente a audacia de querer viver? Para que? Não se diz que dispõe da immortalidade? A immortalidade não tem nada com a vida terrena, essencialmente material e finita. É ser contradictorio.

«Esse sim, que é o poderoso, o concludente, o invencivel argumento. Que merece a immortalidade dos monumentos litterarios, isto é, a fidalguia d'uma lingua; isto é, a gloria de um povo; isto é, a independencia de uma nação? Se fosse o juro d'uma vaidade!...

«Como pretende pois o insensato que lhe contem esse trabalho como um trabalho, se é todo para dentro, e todo para o futuro?

«A futilidade, a nullidade dos direitos do poeta á vida dos outros homens fica assim exuberantemente demonstrada. Diga comsigo o triste: «*não é d'este mundo o meu reino*», e deixe-se ir resignado. Toleram-lhe isso. Para o animar n'estas boas disposições a logica humana não cessa de bradar-lhe com seriedade inalteravel: *morre e verás!*

«É com effeito indispensavel que morra para vêr...

«Para vêr o que? Para vêr petrificado, fundido, erecto em estatuas e monumentos, accumulado em manifestações, em subscripções, em ostentações, dez, cem, mil vezes mais ouro do que a parca somma, que lhe teria prolongado a vida, desobscurecendo-a de cuidados, alliviando-a de fadigas, depurando-a de ignobeis tarefas, tornando-a menos agra e procellosa.

«Tudo isto é de hoje!

«Se os progressos da civilisação offerecem algumas excepções... são excepções! E' um melhoramento; mas vagaroso e incompleto. Não está extincto o mal.

«Acreditaes acaso a cabal sinceridade de tantas glorificações da intelligencia? Triste illusão! Olhai para as mais proximas e esclarecidas idades, para os mais adiantados e potentes paizes. Não é só a Italia dividida, não é só a Hespanha fanatisada, não é só o pequeno Portugal, que dão o funesto exemplo do talento em desamparo, tardiamente aferido, quando não ludibriado pela gloria posthuma. No seculo XVIII, tão jactancioso das suas philosophias, a culta França deixa morrer Gilbert alienado de penuria, e Malfilâtre devorado de fome. É já d'este o miserando fim de Aloysio Bertrand, recolhido a um hospicio pelo estatuario David. O suicidio de Nerval é de hontem.

«Na poderosa Grã-Bretanha, Chatterton acaba desesperado, e mais de um engenho notavel, para se não finar jejuando os louros, calleja em rudes profissões a mão que sustenta uma lyra. Que o digam Allan Cunningham, o poeta pedreiro, Bloomfield, o poeta proletario, Burns, o poeta lavrador, e Hogg, o poeta pegureiro!

«As mesmas prosperidades de muitos — da maior parte — que são tam-

bem senão confirmações tristissimas d'essa triste incuria ou indifferença? Se querem provar de longe a vida da sua natureza, tão facil aos privilegiados da fortuna, que fazem esses? Exploram a curiosidade, lisonjeam a multidão, sacrificam a consciencia, fazem da arte um officio; ou então, se o deus interno é imperioso e não transige, convertem-se em forçados, e n'essas galés, que o mundo ignora, abreviam os dias queimando-os ao novo lume da Vesta infatigavel.

«Tudo no seculo segue o impulso do movimento accelerado. O improviso é uma lei da actualidade. As faculdades reflexivas são anachronicas. A elaboração lenta, que se faz na contemplação, na soledade, na meditação, nem quasi se entende. Este elemento germinador, este principio vital das obras primas, das obras que ficam, das obras que adiantam, das obras que ensinam, chega a parecer extravagancia. Ou especular ou succumbir. Os levitas da arte teem de cahir martyres d'ella!

«Profanado o templo, são raros n'elle os sacerdotes, e quasi não vão ahi senão para carpir saudades do culto esquecido!

«A musa fez-se commercial onde ha ganancia e mercancia. Aqui, nem isso. Vagabundeia pelas ruas ás injurias do tempo e da plebe, com as vestes candidas salpicadas e polluidas, ociosa e desnorteada, a lêr e relêr cartazes e annuncios pelas esquinas, a pasmar diante das taboletas, de diversas taboletas, de infinitas taboletas.

«Se algum devoto pouco vulgar a recolhe, a agasalha e aninha com o mimo e estimação devida, é por pouco tempo, que não póde com as despezas da hospedagem. Se algum antigo predilecto lhe conserva em casa um canto recatado, seu casto refugio e seu santuario, tem esse a heroicidade da abnegação e a vocação do sacrificio. E nem póde dar-se por mal pago, porque lhe não pagam bem nem mal.

«A musa em Portugal é supranumeraria: lá fóra é corretora.

«Não era assim em Roma, que a iam procurar e festejar aonde estava sem necessidade de empenhos. Não era assim no seculo de Augusto, nem será assim quando cada paiz tiver cabal consciencia do que lhe convém. Não são communs os Mecenas. Um povo livre dispensa-os porém, por que é elle o seu proprio Mecenas. Se exerce o poder, cabe-lhe a acção e a iniciativa.

«Em Roma, os verdadeiros poetas, ainda que tivessem nascido plebeus e necessitados, podiam á vontade pensar, limar e aperfeiçoar as suas obras, para as tornar dignas da patria e da posteridade. Verdade é que, em compensação, não medravam os ignorantes.

«Horacio, filho de um liberto, e Virgilio, filho de um fazendeiro, ambos na infancia espoliados dos seus tenues patrimonios pelas ultimas convulsões da republica, viveram honrados, e trabalharam livres das preoccupações vulgares da vida. Não os deixavam os principes, representando o estado, distrahir as altas cogitações nas lidas triviaes de um grangeio precario: punham estes o seu cuidado e gloria em lhes guardar bonançosas as elevadas espheras onde a poesia desfere os vôos para a luz e para o céo. Assim se instigam e preparam os monumentos que o tempo não gasta. Assim se fundam as reputações, que perpetuam a memoria e o espirito de um povo!

«A nossa orgulhosa civilisação ainda não fez mais nem melhor.

«De taes e tão preciosas condições vem talvez a admiravel perfeição dos mestres da antiguidade, laboriosa perfeição de conceito, de locução, de harmonia, que em Ovidio parecia dom natural, e nos *Fastos* se acha zelada com particular esmero. No conjuncto d'estes primores está o segredo de eterna juvenilidade, que dá ás obras eminentes do espirito o reinado dos seculos. N'essa transmissão de admirações, sempre reflorescentes, está tambem o contraste e legitimação das primazias.

«A muitos se tem attribuido o prin-

cipado e o sceptro; mas nem a todos com iguaes titulos e direitos. Tambem n'esses dominios, como se fôra risco inseparavel das soberanias, tem havido usurpações de authoridade e de imperio. São porém reinados ephemeros, esses. Instauram-n'os os embaimentos da moda, de sua indole fugitivos e inconstantes, e só duram quanto dura essa morredoura influencia, transitoria como as graças convencionaes das Climenes e dos Celadons. Os instaveis monarchas, acclamados em semelhantes revoltas, que o são muitas vezes contra o senso commum, não assentam dynastia. Reinaram assim Racân, d'Urfé, e Luiz de Gôngora. Quem levantaria hoje a sua bandeira?

«Se ha magestade que venha do direito divino, é a do engenho que subjuga as eras. O testemunho d'ellas afere os quilates á realeza exercida, e só se confirmam as honras supremas áquelles a quem os tempos vão successivamente alteando o estrado e o solio. A posteridade é um consistorio permanente onde estas preeminencias se julgam e se fixam. Ahi está a ultima instancia da gloria.

«A posteridade, tão constantemente funesta aos intrusos, ainda não interrompeu os applausos ao cantor das *Metamorphoses* e dos *Fastos*. Ovidio quinhoa com Horacio e Virgilio essa popularidade universal, que abrange o mundo civilisado. É o privilegio do bello, porque ha n'elle uma verdade que não morre — a verdade da razão e da humanidade! Convulsionam-se as sociedades, variam os influxos, progridem as civilisações; e os monumentos do bello verdadeiro, do bello absoluto, do bello perenne e indelevel, esses ficam, inabalaveis pharoes, alumiando do alto as gerações.» (Mendes Leal Junior).

OVIDIO E CAMÕES. «Allude aqui Ovidio ás bem conhecidas façanhas de Baccho na India, que é inutil referir, porque tem servido de assumpto aos poetas, e se encontram narradas em todos os diccionarios mythologicos.

«D'estas decantadas façanhas de Baccho na Asia tomou partido com a sua habitual habilidade e engenho o nosso Camões para o antagonismo do Deus contra os portuguezes, que vão escurecer os seus antigos feitos, pelos seus descobrimentos e conquistas n'aquellas apartadas regiões; antagonismo este que se revela logo no principio do poema na despeitosa falla que lhe põe na bocca, no concilio dos deuses, e que pelo decurso do poema constitue o seu principal enredo.

«O nosso Camões era grande admirador do poeta latino, e mais de uma vez se encontraram os dous poetas, nas mesmas idéas, pensamentos, e affectos, principalmente nas *Metamorphoses* e nos *Tristes*. No 1.º livro dos *Fastos* ha um lugar notavel quando nos apresenta Jupiter abrangendo com a vista o orbe, e esse todo romano.

Jupiter, arce sua totum cum spectet in orbem,
Nil nisi Romanum, quod tueatur, habet.

«Quão acanhado porém era esse orbe romano que regia o Jupiter de Ovidio, do qual se póde dizer que era uma extremidade o sitio onde o poeta escrevia, em comparação d'aquella vastidão de imperio que o Deus verdadeiro entregou aos nossos portuguezes para n'elle arvorarem a cruz e semearem á sua sombra a civilisação, e que o nosso poeta, com o mesmo pensamento, descreve na est. 8.ª do 1.º canto dos *Lusiadas:*

Vós poderoso rei, cujo alto imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio
E quando desce o deixa derradeiro.

«Mas não é sómente na semelhança de pensamentos e affectos, mas ainda na do infortunio, que se encontra paridade entre os dous grandes poetas: fallo no desterro por amores palacianos; paridade a que o poeta se refere na sua elegia 3.ª que começa:

O Sulmonense Ovidio desterrado.

«É curioso interrogar o coração dos

dous poetas em tão dolorosas circumstancias da vida, e comparar as situações relativas. Não admira que ao poeta latino, em paiz arido, entre barbaros, lembrassem a mulher, os filhos, os penates e a patria, e que rompesse nas mais affectuosas expressões de sentimento. A dôr porém do nosso poeta, não era menos violenta, por ventura mais, por quanto deportado em um sitio cercado de todos os encantos da natureza, onde parece que os amigos lhe vinham fazer companhia, nada podia mitigar-lhe a saudade que tão poeticamente traslada na já citada elegia; a companhia era para elle a solidão e todos os encantos locaes se convertiam em ermo escabroso, solitario e aborrecido:

Não vejo senão montes pedregosos
E os campos sem graça e seccos vejo.

«Tanto póde o amor, que povôa quando feliz, com um sopro creador, o deserto, e torna, quando infeliz, erma a companhia, taciturna a mesma hilaridade. Pedi emprestada a penna a Milton, e pintai-nos um paraiso, porém tirai-lhe a companheira da vida, a mulher, e guardai o vosso paraiso que ninguem o trocará pelo dôce purgatorio do amor. O poeta porém em geral, n'esta amargurada situação da vida, leva vantagem a qualquer outro; tem sempre quem lhe faça companhia, quem lhe mitigue as dôres do coração chagado; é a sua musa:

Só sua dôce musa o acompanha
Nos versos saudosos que escrevia.

«E isto acontecia aos nossos dous grandes poetas. Quando o latino escrevia as suas *Tristezas*, ou o nosso especialmente as suas primeiras elegias, e algumas das suas inimitaveis canções, deviam sentir um grande allivio á sua dôr.» (Visconde de Juromenha).

OVOIDE. (Veja Ellipse).

OXYDOS. Em geral chamam-se *oxydos* as combinações do oxygenio com os corpos simples, e se dividem em tres categorias: *acidos*, *bases* e *corpos neutros*. — *Acidos*, são as combinações de um metalloide com o oxygenio ou com o hydrogenio, e tem as seguintes propriedades: unirem-se ás bases para formarem *saes* (veja esta palavra); de avermelhar a tintura do girasol; de serem mais ou menos agros e corrosivos. Os acidos que resultam da combinação do *metalloide* (veja esta palavra) são *oxacidos*; e os que provéem da união do metalloide com o hydrogenio, chamam-se *hydracidos*. As bases são combinações de um metal com o oxygenio (oxydos metallicos), que teem as seguintes propriedades: unir-se aos acidos para formarem saes; não alterar a tintura do girasol, e voltal-a ao azul quando tiver sido avermelhado por um acido; de terem ás vezes sabor contrario ao dos acidos, e de passarem ao pólo negativo da pilha voltaica, sendo assim o elemento positivo do composto salino.

OXYGENIO. (Veja Ar).

P

PACHYDERMES. (De *pakhys*, grosso, e *derma*, pelle). 1. Esta ordem de mamiferos assim chamados pela dureza da pelle, abrange os maiores quadrupedes conhecidos que vivem nos lugares humidos e pantanosos, nutrindo-se de plantas, folhas, raizes, e raras vezes de carne. Taes são o hyppopotamo, rhinoceronte e elephante (veja Madagascar e India), o cavallo e o porco, dos quaes fallaremos detidamente.

2. D'entre todos os animaes o mais util aos homens é o cavallo. Dotado d'uma robusta e bella construcção, com um ar nobre e fero, arrosta o perigo, e se acostuma ao ruido das armas. Os cavallos mais estimados são os arabes; depois d'estes os inglezes e andaluzes: em França o Limosin

produz bons cavallos de sella; a Normandia, os de guerra e para carroças; o Franco-Condado e o Bolonhado, bons para tiro. Seu talhe ordinario é de cinco pés; seu alimento principal é a aveia, o feno, e a palha; vive de 25 a 30 annos, começa a trabalhar na idade de 4 ou 5. O cavallo relincha; sua principal e mais perigosa enfermidade é o mormo; quando se lhe quebra alguma perna não é possivel restabelecer-se. O cavallo é o unico animal que communica pela geração suas boas ou más qualidades: a egoa não concebe senão um potro de cada vez, anda prenhe doze mezes, e não produz senão até á idade de 15 ou 18 annos quando muito. Os cavallos selvagens vivem em manadas, guiadas por algum dos machos mais valoroso e forte.

3. A femea do porco é dos animaes mais fecundos que se conhecem; faz duas creações por anno, e algumas vezes tem de dez a quatorze bacorinhos. Produz até á idade dos 15 annos, e é necessario vigial-a, quando tem filhos pequenos, para que os não coma; gosta muito de raizes, fossa, e revolve a terra com a tromba para as buscar; o que faz grande prejuizo nas terras cultivadas.

PACIENCIA. «A paciencia é a coragem que sabe soffrer e esperar.» (Descuret). — «Engana-se estupidamente quem pensa que póde chamar á paciencia a *força dos fracos*, porque é preciso ser forte e muito moderado para ser paciente em todas as occasiões.» (Descuret). — «A paciencia é uma prova de sabedoria...» (*Prov.*, XIX, 2). — «A paciencia, que o insensato reputa effeito da cobardia, é para o sabio a pedra de toque da alma verdadeiramente grande.» (Oxenstirn). — «A mais rara e mais necessaria coragem e que supporta todos os dias, sem testemunhas e sem o incitamento de elogios as contrariedades da vida, é a paciencia. Sustenta-se não pela opinião dos outros, ou ainda pelo impulso de nossas paixões; mas pela vontade de Deus.» (Bernardin). — «A paciencia dá a paz, fortifica a fé, auxilia a caridade, insinua a modestia, rege as acções, conserva o espirito, reprime a lingua, retem as mãos, vence as tentações, aniquila os escandalos, aperfeiçoa o martyr, consola os pobres, diminue os males, regosija os fieis, torna recommendaveis os famulos a seus senhores, é amavel nas crianças, louvavel nos adultos, veneravel nos velhos, é em fim admiravel em todas as condições, em ambos os sexos, e em todas as idades.» (Tertuliano). — «A paciencia e a esperança são as duas filhas da caridade.» (Santo Ephrem). — «A paciencia é preferivel ao valor; o homem que sabe vencer-se é superior aos conquistadores.» (*Prov.*, XVI, 32). — «Não ha nada comparavel á paciencia nas afflicções. Esta virtude é a primeira entre todas.» (S. João Chrysostomo). — «É preciso que a paciencia do christão não se cance nem se assombre de nada.» (S. Vicente de Paula).

PAGODE. (Veja INDIA).

PAI. «Um bom pai é uma providencia para a familia.» (Picard). — «O homem que educa seu filho trabalha para si; as virtudes do filho honram o pai.» (*Eccl.*, XXX, 19). — «Catão, o censor, que governou Roma com tanta gloria, creou seu filho desde o berço, e com tanto cuidado que deixava tudo para estar presente quando a ama o lavava e vestia... Augusto, senhor do reino que tinha conquistado e governava de per si, ensinava a seus netos a escrever, a nadar, e os elementos de todas as sciencias... e... tinha-os constantemente ao pé de si.» (J. J. Rousseau, *Emilio*, liv. I). — «Um pai de espirito recto, e respeitavel, e querido da sua familia, tem grande influencia na educação de seu filho. De um lance d'olhos vê se elle está bem cuidado, se é alegre, e não é exigente. Cumpridas estas condições, tudo vai bem; o pai e a mãi concordam nos pontos essenciaes á sua educação, estudando a marcha que ha de seguir. Se o pai depois dos quinze ou dezoito mezes que seguem

ao nascimento, durante os quaes só a mãi tem direito a dirigir e governar a criancinha, reconhece na esposa capacidade para a dirigir, nada o constrange para que a mãi conserve as prerogativas do ensino. Dizem que é preciso corrigir as crianças, que a natureza humana é sujeita á corrupção. Sem duvida, mas deve-se corrigir com justiça e caridade. Em todos os paizes onde os paes são bem morigerados, os filhos sahem a elles. Sabeis onde póde levar a aspereza do castigo? Os filhos serão desconfiados e tristes na vossa presença. Um bello dia vossa filha abandona a casa paterna e deshonra a sua familia. Mais tarde é vosso filho que se resolve tambem a deixar-vos, mergulhando-vos no desespero. E com tudo, dizeis, demos-lhes bons mestres; foram castigados severamente quando o mereceram. Loucos! esquecestes o ponto principal, que era fazer-vos amar e respeitar.» (J. J. Rousseau). (Veja DEVERES DOS PAES).

PAIXÕES. «As paixões do coração humano, como as divide e numéra Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes, amor e odio. E estes dous affectos cegos são os dous pólos, em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas, elles são os que enfeitam, ou descompõem, elles os que fazem, ou aniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco, se com odio, o cysne é negro; se com amor, o demonio é formoso, se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeu é gigante, se com odio, o gigante é pygmeu; se com amor, o que não é, tem ser; se com odio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidades abatidas; os talentos ociosos, e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada, e a sciencia sem honra; a fraqueza com bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto; os milagres accusados, e os milagrosos réos. Póde haver mais violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos; cegos quando se fecham, e cegos quando se abrem; cegos quando amam, e cegos quando aborrecem; cegos quando approvam, e cegos quando condemnam; cegos quando não vêem, e quando vêem, muito mais cegos.» (Vieira, *Sermões*).

«*Refrear as paixões é o mais util preceito da moral.* — Tudo o que é pernicioso no seu progresso, é mau na sua origem. Todas as paixões, que chegam a demasiado grau de força, tornam-se ruinosas: por tanto, se as agrilhoarmos no seu começo, nada poderão sobre o nosso espirito; sendo certo que a maneira mais efficaz de nos premunirmos contra o aspecto seductor do prazer, e os seus funestos resultados, é trabalhar com assidua e infatigavel applicação por dominar as nossas paixões. Pelo contrario, no momento em que deixarmos de prestar ouvidos aos dictames da razão, as paixões ganharão energia, e uma vez perdido o imperio, que sobre ellas devemos ter, seremos vencidos e levados da torrente das propensões e dos habitos: infelizmente a fraqueza humana encontra prazer em não resistir, e cada uma condescendencia é nova acquisição, novo triumpho do vicio: mas nem por isso deixa de ser certo que, quando o homem se abandona ao prazer sem exame e sem medida, torna-se igualmente culpavel para comsigo mesmo, porque se converte em inimigo da sua propria conservação, e da sua felicidade. Domai o corpo (dizia Cicero) de tal sorte que elle não resista ás determinações da razão, e que se-

ja capaz de supportar os trabalhos.—«As paixões violentas (que Plutarcho bem compára aos prismas que reflectem côres, por onde a luz passa, mas consideravelmente modificada e differente d'aquella, que reflectem os objectos, captivando todas as potencias da alma ou illudindo o exercicio da razão) são os inimigos mais poderosos contra o homem: só a moderação nas paixões é o principio salutar e seguro de que derivamos a perfeita sabedoria, e a probidade. — A historia nos apresenta homens entregues a vida desregrada, que se despenharam nos maiores excessos. Não vêmos Nero, Tiberio, Domiciano, Commodo, Heliogabalo, e tantos tyrannos (porque estes são os mais notaveis) menearem sceptro de ferro, custando cada um milhares de vidas pelos seus criminosos appetites, só rodeados de maldições, tacitas no seu tempo, solemnes na posteridade? Não sentiu igualmente Roma os estragos, e perdas irreparaveis, occasionadas pelo truculento despotismo d'um Caligula, d'esse monstro, que praticou excessos taes, que não seriam reputados verosimeis, se não soubessemos que um despota envolvido nos vórtices dos seus delirios está disposto a emprehender tudo, assim como que um povo escravo, que perde o brio nacional, e que deixa forjar insensivelmente os grilhões da sua escravidão, está apto para tudo supportar? Não vêmos, pelo testemunho historico, Alexandre, o grande, esse phenomeno militar dos tempos antigos, assassinar no meio d'um festim publico o seu proprio amigo Clito? Por tanto para nos prevenirmos contra o perigoso ascendente das proprias paixões, cumpre que a razão conserve sempre essencialmente o seu imperio; que trabalhemos por nos illustrar em todos os elementos da vida moral e social, e em reformar os habitos viciosos, empregando a maior solicitude para conter no seu começo a acção impetuosa e irreflectida, que póde arrastar-nos. Socrates manifestou a prova indestructivel de quanto póde o habito de reflectir e combater as paixões violentas; tinha caracter violento e colerico; porém a philosophia o tornou mais brando e tratavel: chegou a desprezar as maiores injustiças, as de inimigos atrozes que lhe roubaram a vida e a liberdade; e hoje o nome de Socrates diz mais que muitos commentarios dos moralistas.» (R.)

É cousa muito rara que a razão cure paixões; uma paixão cura-se com outra, a razão muitas vezes põe-se da parte mais forte. —Não ha paixão violenta que não tenha sua razão para se authorisar. — A duração das nossas paixões não depende mais de nós que a da nossa vida.—Muitas vezes a paixão faz de um discreto louco.—As paixões são os unicos oradores que sempre persuadem.—A mais simples compaixão persuade melhor que sem esta o mais eloquente.—São as paixões uma como arte da natureza, cujas regras são infalliveis.—As paixões tem uma injustiça, e interesse proprio, que faz perigoso o seguil-os.—É bem conveniente a desconfiança das paixões, ainda quando parecem as mais razoaveis.—Ha no coração do homem uma geração perpetua de paixões, de sorte que a ruina de uma é quasi sempre o estabelecimento da outra.—As paixões ás vezes geram outras contrarias; a avareza produz muitas vezes a prodigalidade, e tambem esta a avareza.—Por mais cuidado que haja em encobrir as paixões com apparencias de honra, ou piedade, sempre se deixam entrever por estes véos. — Se resistirmos ás nossas paixões é mais para sua fraqueza, que para nossa força.—A ausencia diminue as paixões mediocres, e augmenta as grandes, como o vento que apaga as luzes, e ateia os incendios. De todas as paixões violentas, a que menos mal está ás mulheres é o amor. —Nas primeiras paixões amam as mulheres os seus amantes, nos outros o mesmo amor.—Quando o coração se conserva ainda ferido de alguma paixão, está mais perto de outra nova, que quando d'ella está inteiramente curado.—Todas as nossas paixões não são outra cousa mais que os diversos

graus de calor, ou frialdade do nosso sangue.—As paixões, que no principio são fracas, como progresso fortificam; é mais facil resistir-lhes quando nascem que reprimil-as depois que crescem.—As paixões são como as plantas que no outono resistem á mão que as dobra na primavera.—Não ha maior inimigo que cada um de si mesmo, quando não é senhor da sua paixão.—A razão distingue o homem do bruto, a paixão confunde o bruto com o homem.—As paixões, que mais nos lisonjeam, são as que menos descobrimos.—A paixão nos induz a errar, porque prende de tal fórma o nosso entendimento a uma só parte da duvida sobre que argumentamos, que não a deixa perceber com toda a extensão, e por todas as faces.—As nossas paixões são a causa de pensarmos por diversos modos sobre uma mesma cousa.

PALAVRA. 1. «O homem julga o coração pelas palavras, e Deus julga as palavras pelo coração.» (*Proverbios*).—«Sereis justificado por vossas palavras, mas tambem por ellas sereis condemnados.» (S. Matheus, XII, 37).—«Cada um se compára em seus discursos, mas não se deve estimar senão a palavra dita a proposito.» (*Prov.*, XV, 23).—«Feliz o christão cujas palavras estão em harmonia com as obras, cujas obras não desmentem as palavras.» (Santo Ephrem).—«A palavra mostra o homem; a lingua tem a raiz no coração. Quereis conhecer se um homem é probo e honrado? reparai e estudai as suas palavras: que por mais dissimulado que elle seja, haveis de conhecel-o.» (S. Francisco de Salles). «Uma palavra causa ás vezes muitas desgraças; e muitas vezes tem perdido aquelle que a proferiu. Cala-te ou dize cousa que valha mais que o teu silencio.» (Menandro).—«A palavra foi dada ao homem para communhão de pensamentos: é ir contra a instituição da natureza fazel-a servir á cumplicidade e á mentira.» (Abbade Blanchard).—«Quanto mais sobrio se é da palavra, menos necedades se dizem.» (De la Bouisse).—«Uma grande pobreza de acções encontra-se muitas vezes junta á opulencia das palavras.» (Confucius).—Um tal a quem offenderam por palavras, vinga-se muitas vezes pelos effeitos.» (Isocrates).—«Uma palavra dita a tempo vale mais que um longo discurso tardio.» (Denis).—«Quem sente muito, é avaro da palavra.» (Ozerot).—«A licença das palavras leva á licença das acções.» (De la Bouisse).

2. «Ha o fallar bem, facilmente, com precisão e a proposito.» (La Bruyère).—«Fallar muito e bem é o privilegio do espirito; fallar pouco e bem é o caracter do sabio: fallar muito e mal é o vicio do presumido; fallar pouco e mal é o defeito do tolo.» (Terrasson).—«É proprio dos grandes espiritos dizer muito em poucas palavras; pelo contrario, os nescios tem o dom de fallar muito sem dizer nada.» (Richardson).—«Saber calar a proposito é um talento preferivel ao de bem fallar.» (Plutarcho).—«Antes de fallar meditai, não aconteça proferirdes palavra de que vos arrependaes.» (S. Paulo).—«Não falleis nunca aos homens senão em cousas que os interessem, e que possam entender.» (Vauvenargues).—«Se quereis ao mesmo tempo agradar e instruir-vos, fallai a cada um do que elle sabe melhor.» (De Levis).—«Fallar de si é uma cousa não menos difficil do que andar sobre uma corda; é necessario ter grande firmeza nos pés para não cahir, e maravilhosa circumspeção para não ficar mal.» (S. Francisco de Salles).—«Não se deve fallar de si nem em bem nem em mal.» (A rainha Christina)

PALLADIUM. (Veja METAES).

PALLIO. (Veja ORNAMENTOS).

PALMEIRA. (Veja MONOCOTYLEDONEAS).

PALMIPEDES. «Estas aves tem as pernas e côxas muito curtas, escondidas na plumagem, e situadas mais posteriormente do que as das outras aves; posição tão favoravel para a

nadadura, quanto contraria para andar: seus tarsos são curtos, e de ordinario comprimidos pelos lados, para cortarem mais facilmente a agua: as membranas situadas entre os seus dedos formam remos largos; e tem a plumagem mais espessa, unida, e mais pennugenta. A glandula, que todas as aves tem no uropigio, destinada a fornecer o succo oleoso, que defende as pennas da humidade, é mais consideravel nas aves nadadoras; e tambem a sua plumagem é mais lustrosa, e impenetravel pela agua: nutrem-se de peixes, e outras producções aquaticas; e finalmente differem muito umas das outras pela conformação e vôo.

«O *pelicano* é uma ave maior do que o cysne, de vôo muito extenso, com a plumagem branca: frequenta o mar, e aguas dôces, servindo-lhe o sacco para conter o peixe, ou conservar a agua.

«O *corvo marinho* é da estatura do ganso, de um preto uniforme, com a pelle amarella na calva da cabeça: pesca sómente nas bordas do mar.

«A *fragata* ou *raboforcado* é d'um negro uniforme, com a pelle da cabeça azul, e vermelha: esta ave é de todas as do mar, a que vôa mais, tendo até quatorze pés de uma ponta da aza á outra, e atravessa o oceano em todas as direcções.

«O *grande ganso patóla*, ou *grande alcatraz branco;* é todo branco, com as pennas das azas pretas, a pelle azul na calva da cabeça, e o bico esverdeado.

«Os RABIJUNCOS. Tem o bico delgado, agudo, comprimido verticalmente, e apenas denteado; as azas mui compridas, e cruzando-se sobre a cauda, a qual tem as pennas do meio delgadas, e tão compridas como todo o corpo; por maneira que ao longe representam um junco. Os rabijuncos são do tamanho de um pombo, com a plumagem branca, e muito conhecidos dos navegantes; por quanto lhes annunciam a entrada na zona torrida, da qual elles não sabem; e tambem lhes chamam as *aves do tropico;* acoutam-se principalmente nas ilhas do oceano.

«AS ANHINGAS DO BRAZIL. São umas aves dos paizes quentes, de pescoço muito comprido, e delgado, cabeça pequena, e bico comprido, e agudo, com bordas denteadas posteriormente: sua cauda longa, e rija é semelhante á do corvo marinho, do qual se distinguem, assim como tambem das *sulas patólas*, por não terem curvatura na ponta do bico: sua plumagem é obscura; e a sua estatura consideravel.

«AS ANDORINHAS DO MAR. Tem o bico direito, agudo, delgado, liso, e sem dentilhões; as ventas compridas, e estreitas; os pés curtos, e meio palmados; as azas mui compridas, e a cauda de ordinario forcada: seu vôo é semelhante ao das andorinhas: apanham os pequenos peixes, passando rente da agua, e vôam em grandes bandos, atroando os ares com os seus gritos agudos; e algumas vezes se conduzem aos lagos, e rios.

«A *andorinha ordinaria do mar* tem a cauda forcada, a plumagem cinzenta, azulada por cima, e branca por baixo, com a cabeça, e pennas das azas pretas, o bico, e pés vermelhos: é muito commum em as nossas costas americanas.

«A *andorinha fusca do mar do Pará* tem a cauda igual, a plumagem preta, e o alto da cabeça esbranquiçado: esta ave habita nos mares da zona torrida; e é mui conhecida dos navegantes, pela singular confiança, com que vem pousar nos navios, e se deixa apanhar sem resistencia pelos marinheiros.

«Os ALCATRAZES e GAIVOTAS. São umas aves cobardes, e vorazes, que abundam nas praias do mar, nutrindo-se de toda a especie de peixes, carne de cadaveres, etc.: tem o bico comprimido pelos lados, a mandibula superior convexa, a inferior com um angulo saliente por baixo, a cauda igual, os pés altos, os tres dedos anteriores inteiramente palmados, o pollegar curto, e as azas muito compridas: sua arribação para terra é um presagio de mau tempo.

«O *alcatraz*, ou *gaivotão de azas negras;* é branco, com as costas, e

azas negras, o bico, e pés amarellos.

«O *alcatraz*, ou *gaivotão de azas pardas;* é branco, com as costas, e azas pardas; e o bico amarello, com a ponta vermelha: esta ave é mui commum nos mares do norte.

«A *gaivota branca de azas cinzentas* é branca, com o dorso, e azas de um cinzento claro, as pennas pretas com as extremidades brancas; e o bico, e pés vermelhos: esta ave é mui commum nas costas dos nossos mares.

«A *gaivota longicauda do norte* é toda de um trigueiro escuro, com a garganta branca, e as pennas da cauda muito mais compridas do que as outras. Esta especie persegue as outras gaivotas, e á força de picadellas as obriga a largar a presa, da qual se apodera.

«A TAYATAYA DE CAYANA. Tem o bico direito, inteiramente achatado pelos lados, com a mandibula superior muito mais curta do que a inferior, tendo esta um só gume, recebido entre os dous da superior: esta singular conformação a obriga a andar rente da agua para apanhar os pequenos peixes, que nadam á superficie; e por isso alguns navegantes lhe dão o nome de *talha mar*. Vive nos mares da America, e é uma ave mediocre, negra por cima, branca por baixo, com um risco branco sobre a aza; e o bico, e pés vermelhos.

«AS PROCELLARIAS, OU AVES DAS TORMENTAS. Tem o bico curvado na ponta, cuja extremidade parece ser uma peça articulada ao resto; as ventas formando um canudo, posto sobre o dorso da mandibula superior; e em lugar de pollegar uma unha implantada no calcanhar: estas aves são, entre as nadadoras, as que mais se afastam da terra; andam sobre a agua, apoiando-se nas azas; fazem os seus ninhos nos buracos dos rochedos; e entornam sobre os individuos, que as atacam, um succo oleoso, o qual parece encher sempre o seu estomago.

«A *procellaria do cabo da Boa Esperança* tem o ventre branco, e o resto da plumagem negra, malhada de branco: alguns navegantes lhe dão o nome de pintado; e habita nos mares austraes.

«A *procellaria negra do norte* é do tamanho de um tentilhão, e a mais pequena, não sómente d'este genero, mas de todas as palmipedes: tem a côr preta, o uropigio branco, e os tarsos altos. Quando acode em bandos aos navios, buscando n'estes abrigo, é um indicio certo de tempestade, por mais sereno que o tempo pareça; e o mesmo se póde dizer de todas as procellarias.

«O ALBATROZ DOS MARES AUSTRAES. É a mais maciça das aves aquaticas: tem o bico grande, forte, e cortante, com suturas bem assignaladas, e um grande gancho na ponta, que parece articulado; as ventas situadas aos lados do bico em fórma de um cylindro: seus pés não tem pollegar, nem mesmo a unha, que se observa nas procellarias: habita nos mares austraes; e os navegantes lhe tem dado o nome de *carneiro do cabo:* nutre-se de peixe miudo, molluscos, etc. A sua plumagem é esbranquiçada em uns, e mais, ou menos parda em outros.

«OS PATOS. Tem-se generalisado este nome a todos os palmipedes de bico largo, coberto de pelle molle, cujas mandibulas tem por toda a circumferencia interna uma fileira de pequenas laminas verticaes parallelas umas ás outras: sua lingua é larga, e carnosa, com a borda cartilaginosa, e franjada.

«O *cysne*. A serenidade dos movimentos, a elegancia da fórma, a alvura da plumagem constituem esta ave o emblema da belleza, e da innocencia: elles embellecem os nossos tanques, e canaes. Os cysnes bravos acoutam-se em o norte: sua plumagem é cinzenta; e o bico todo preto, o qual nos cysnes domesticos é amarello, com a ponta e tuberculo da base pretos: nutre-se de peixes e vegetaes. O que se diz do seu canto em agonia é uma pura fabula.

«O *ganso bravo*, ou *manso, o lavanco bravo;* é menor do que o cysne, de pescoço mais curto, e bico sem tuberculo: tem a plumagem cinzenta, e de um pardo anegrado no dor-

so, variando de côres no estado de domestiqueza, no qual a bondade da sua carne, a utilidade de suas pennas, e pennugem, e a facilidade de se alimentar, promovem muito a sua creação: sustenta-se de hervas, e grãos. Os gansos bravos acoutam-se em o norte, e vem no inverno em grandes bandos para os nossos climas.

«O *ganso de Guiné, e do norte da Asia;* tem a mediania entre o ganso, e o cysne, a plumagem cinzenta, o pescoço mui comprido, sobre tudo o macho, e o bico negro, sobrepujado por um tuberculo grosso na base. Os machos idosos tem na garganta uma especie de bócio, ou papada: esta especie tambem se cria em as nossas capoeiras, mistura-se com os gansos, e a sua carne é de muita estimação.

«O *ganso berniola*, ou *arborigeno dos credulos;* é cinzento por cima, com o pescoço negro, fronte, faces, e ventre brancos: esta especie de ganso, do mar do norte, frequenta os nossos mares no inverno, devendo a sua celebridade á fabula, de que nascia de uma arvore.

«O *ganso froxeleiro do norte* é tambem outra especie de ganso do norte, que fornece a melhor pennugem. O macho tem o pescoço, e dorso brancos, a cabeça, ventre, pennas, e uropigio negros; e a femea é toda parda.

«O *pato*, e a *adem brava*, ou *mansa ordinaria;* todos conhecem esta ave de capoeira pela sua utilidade: o macho tem a cabeça, uma malha na aza, e o uropigio de um verde carregado, e brilhante, o peito ruivo, e todo o resto cinzento, ou pardo: distingue-se além d'isto por dous pequenos ganchos de pennas, que tem na cauda: as côres da femea são obscuras. Os patos bravos vem para os nossos climas no inverno em grandes bandos, do mesmo modo que os gansos, voando em triangulo.

«O *pato almiscarado do Brazil* é maior do que o pato commum, e distingue-se principalmente por um espaço calvo, e vermelho, que tem nos lados da cabeça: faz-se recommendavel pela sua grandeza, e facilidade com que se cria: a plumagem do macho é de um negro esverdeado, e a da femea tem alguma mistura de branco. Esta ave, que se julga originaria da America, exhala um cheiro forte de almiscar.

«O *pato assobiador* tem a cabeça ruiva, o dorso cinzento raiado de preto, o peito castanho-claro, e as azas variadas de branco, e preto.

«Este pato bravo é notavel pela voz aguda semelhante ao som de um pifano.

«A *adem tadorna* é um soberbo pato de côres vivas e bem separadas: tem a cabeça de um verde carregado, o pescoço, o dorso, a cauda, e a parte superior da aza de um bello branco, uma colleira verde, e alourada na parte inferior do pescoço, e o ventre pardo: a femea põe os ovos em buracos, que faz na areia das praias.

«O *pato poupudo* é preto, com o ventre branco, e tem um risco branco sobre a aza, e uma pequena poupa na parte posterior da cabeça.

«O *pato negro* é um grande pato, com um tuberculo vermelho sobre a base do bico: nada em bandos nas costas dos nossos mares; e a sua carne é negra, e secca.

«A *cerceta*, ou *marreco das aguas do norte;* é um pato mui pequeno, variado de cinzento e pardo, com a sobrancelha branca, e uma malha verde sobre a aza.

«A *cerceta*, ou *marreco da China;* é um pequeno pato mui bonito, que os chins criam, por causa da belleza da sua plumagem, e que elles gostam muito de pintar nos papeis, porcelanas, etc. Esta ave é notavel por duas cristas, que tem nas costas, formadas por pennas grandes das azas, que se levantam perpendicularmente, as quaes são alaranjadas, assim como tambem os lados da cabeça. O resto da plumagem consta de differentes côres variadas agradavelmente; e tem uma poupa de um negro violete.

«Os MERGANSOS. Estas aves tem o bico mais estreito, e um pouco mais agudo, do que os patos, e as mandibulas guarnecidas de uma fileira de pequenos dentes pontudos, dirigidos para traz, semelhantes aos dentes de

serra: nutrem-se de peixe e fazem muito estrago nos tanques.

«O *merganso topetudo* é uma ave da estatura de um pato, com o bico, e pés vermelhos; o macho d'esta especie tem a cabeça de um verde carregado, e no alto d'esta uma especie de topete formado por pennas alevantadas; o dorso de um pardo anegrado; uma grande malha branca sobre a aza; o pescoço, e toda a parte anterior do corpo de côr branca, com um ligeiro sombreado côr de rosa: a femea é cinzenta, com a cabeça ruiva.

«O *merganso branco poupudo* é do tamanho de uma cerceta, e de um bello branco, variado agradavelmente de grandes malhas pretas: tem uma nodoa verde na face, uma poupa da mesma côr no toutiço, e o bico, e pés azues: a femea é cinzenta com a cabeça ruiva.

«Os mergansos, assim como muitas especies de patos, tem na bifurcação da trachêa uma consideravel dilatação, a qual fórma uma especie de tambor em parte osseo, e em parte membranoso; porém isto se observa sómente nos machos.

«Os MERGULHÕES. Tem o bico direito, pontudo, e comprimido pelos lados; e posto que suas azas sejam curtas, são com tudo mais proprias para o vôo: não tem cauda apparente, e seus pés estão situados tão posteriormente, que se não podem ter em pé, senão em uma situação vertical; por cujo motivo passam a sua vida em a superficie da agua; e mais que tudo da agua dôce: póde dividir-se este genero em duas pequenas familias.

«O *mergulhão de poupa e colleira negras;* distingue-se por uma poupa, que se divide posteriormente em duas pequenas pontas; e tem a parte superior do pescoço cercada de uma especie de juba negra, e ruiva; o dorso anegrado misturado de branco junto á aza: esta ave frequenta os rios, e os grandes lagos de toda a Europa.

«O *mergulhão pequeno dos rios* é um dos menores palmipedes, com o dorso de um trigueiro uniforme, e o ventre prateado: acha-se no inverno por toda a parte, onde ha agua.

«O *mergulhão grande denegrido do norte* é quasi do tamanho de um ganso, de um pardo escuro por cima, esbranquiçado por baixo; e frequenta os lagos da Suissa.

«AS ALCAS. Tem o bico comprimido pelos lados em fórma de lamina delgada, e sulcado transversalmente, os pés inteiramente palmados, e sem pollegar, as azas mais curtas, do que os mergulhões, e as pernas situadas tambem posteriormente. Estas aves estupidas, que habitam nos mares do norte, podem dividir-se em tres pequenas familias.

«O *troile*, ou *mergulhão patão dos mares do norte;* é maior do que um pato; de côr anegrada, com o ventre branco: acouta-se em as nossas costas maritimas, e deixa matar-se ás pauladas quando se surprehende em terra.

«A *lunda mergulheira do norte* é anegrada, com as faces, peito, e ventre brancos; e o bico azul e vermelho: esta ave, assim como os troiles, vôa sómente ao lume da agua, e nutre-se de insectos marinhos.

«A *torda mergulheira do norte* é negra por cima, branca por baixo, com um risco branco sobre a aza, uma linha da mesma côr, do bico ao olho; e quatro regos sobre o bico.

«A *grande alca do norte* é preta por cima, branca por baixo, com uma malha branca adiante do olho; e seis regos no bico.

«Os COTETES. São menos alados, se é possivel, do que as tordas mergulheiras: suas azas não passam de simplices cotos mui curtos, nos quaes se não vê cousa alguma, que se pareça com pennas: differem mais das tordas pelo bico cylindrico, direito, e pontudo, cuja mandibula inferior é algumas vezes troncada; por uma unha, que tem, em lugar de poliegar; e pela plumagem com apparencia de pello: acham-se nos mares austraes, adiantando-se até aos gelos d'estes, como as tordas fazem nos mares do norte: acoutam-se em buracos, que excavam nas praias.

«*O colete*, ou *mangote grande dos mares austraes* é cinzento por cima, branco por baixo, com a cabeça negra; e tem uma gravata amarella na garganta, e uma risca preta ao lado do pescoço.» (Cuvier).

PANIFICAÇÃO. 1. A analyse das farinhas deve fazer-se com o microscopio, mas é preciso conhecer a organisação do grão do trigo, e ter estudado este producto vegetal em todas as phases do seu desenvolvimento. A farinha, depois da moagem e limpa, contém ainda fragmentos infinitamente pequenos d'atomos do grão e principalmente os grãos da fécula de fórma espherica, como o tecido gelatinoso que reparte esses grãos que o moinho desfaz, e ficam á tona da agua, desligando a farinha. A adulteração das farinhas é facil de conhecer no microscopio, quando se tem feito um estudo especial n'este genero. Assim, logo que adiccionaram á farinha a fécula da batata, reconhece-se esta pela grossura e fórma ovoide. Pondo-se porém de parte a fórma e a grossura, as féculas da batata e do trigo são identicas na composição. O gluten fórma nos cereaes a superficie interna das cellulas onde estão encerrados os grãos da fécula. Inertes e frageis em certos grãos, estas cellulas são elasticas e escorregadias em outros cereaes. N'este caso chama-se gluten. Encontra-se este principalmente no trigo. Fica entre os dedos logo que se mette a farinha debaixo d'um fio d'agua que arrasta a fécula. Como todas as substancias organisadas, esta é de sua natureza complexa. Acresce ainda que o gluten é uma das causas mais efficazes para a fermentação.

PANTHEISMO. Tão antigo, mas muito mais derramado que o materialismo, o pantheismo offerece uma das mais contradictorias doutrinas com o verdadeiro principio da immortalidade.

Systema de rigoroso aspecto, these apparentemente grandiosa, seduziu em todas as épocas certos espiritos, a um tempo, fracos e temerarios; e ainda hoje em dia se faz sentir sua influencia sobre intelligencias mescladas de pusillanimidade e ousadia. A imponente magnitude da natureza, o mysterio insondavel da creação, o quadro das leis immudaveis e irresistiveis do universo, nas quaes, ou vivo ou morto, parece desapparecer o homem, todos estes véos sombrios que nos envolvem, escondendo a certos philosophos dos antigos tempos, a muitas nações orientaes, a alguns sophistas modernos, a vista da causa soberana, unica, e independente e infinitamente sabia, os engolfaram na voragem fatal do pantheismo.

Renovada em diversas épocas, a doutrina pantheista, desde os tempos primitivos, muitas vezes se transformou. Mas ou ella seja professada debaixo do nome de alma do mundo ou se chame spinosismo, philosophia da identidade ou da natureza, permanece o mesmo principio sempre, com mais ou menos habilidade desenvolvida em suas exposições e consequencias.

N'este systema, tudo é Deus; Deus é extensão e pensamento, espirito e materia, causa e effeito. Uma só substancia que em si contém seu principio e fim, abraça os tempos e os espaços, contém os modos e os attributos, encerra e possue as pessoas e as cousas. Tudo existe por ella; é ella a causa immanente de tudo que existe. O universo é a sua manifestação infinitamente variada. O corpo do homem é um fragmento da extensão, o espirito é uma porção do pensamento divino. No seio d'esta unidade absoluta e soberana, a fatalidade domina as vocações, as vontades, os movimentos e os actos. A necessidade na ordem material, na ordem espiritual, na ordem moral, produz e governa tudo, assim a natureza bruta como os seres organisados, assim as sociedades como os individuos, assim as leis como os costumes.

Ha mais ainda. A unidade que tudo contém, a uniformidade em que tudo se confunde, no entender d'alguns, chega a estabelecer identidade

absoluta entre cousas contrarias, a tal ponto que, infinito e finito, o ser e o nada, o numero e o zero, a vida e a morte, são uma só cousa; são partes d'uma mesma totalidade indistincta e indivisa.

Segunda esta doutrina levada assim ao apogeu do nivelamento e absorpção, sob o effeito d'esta lei geral que reina soberanamente, o homem está sujeito á mesma necessidade, e envolvido nas mesmas evoluções do mineral e do vegetal. Logo por tanto ficam destruidas as bases da consciencia, e, pelo conseguinte, da vida futura. O livre arbitrio desapparece com a vontade individual onde reside. Regra moral não ha nenhuma; ninguem fez a lei, ninguem a recebe. Legislador e subdito é tudo o mesmo, confundidos n'um todo, não ha ahi subordinação nem responsabilidade. O dominio e a soberania é o fatalismo. O oceano que os une e absorve, não tem fundo nem praias.

Tambem nos não pertencem, nem a vida, nem o destino. Formamos uma parte inseparavel da vida divina. Como quer que a totalidade mais absoluta seja Deus, somos nós por tanto os pensamentos da sua intelligencia, os movimentos do seu corpo, os phenomenos da sua vida. O que em realidade suppunhamos ser nosso, como existencia, pessoa, destino e consciencia, não é mais que fórma emprestada, com apparente valor.

Apertado assim n'um circulo de ferro que me comprime, attributo necessario d'um ser que não tem sobre mim poder algum, nem eu sobre elle, não podendo adoral-o por que nada póde, nem servil-o por que não tem jus a isso, sendo eu mesmo um Deus, senão de gloria e felicidade, pelo menos de miseria e dôr, que tenho eu que esperar se acima de mim nada ha? A quem chamarei, se eu sou o fim de mim mesmo? Quem me arrancará da morte, se o morrer é uma fórma tão boa e essencial como a vida? Quem me restituirá a minha personalidade, se o mundo, descuidado dos individuos, dos actos, crenças e deveres, continúa e continuará eternamente a sua evolução irresistivel? Que direito finalmente tenho eu de queixar-me, se na vida universal apenas sou um animal que morre, pedra que se desfaz, arvore que se decompõe, e que, pelo mesmo titulo, pedra e animal e arvore, juntamente commigo, fazemos parte da substancia divina?

Mas — diz o pantheista — transforma-se tudo, nada morre no mundo, nenhum átomo se extingue. Logo o homem é eterno, e não poderá desapparecer. Sim, effectivamente o corpo não morre todo. Suas partes divididas reunem-se aos elementos que entram na recomposição geral das cousas da natureza. Mas, chamaes vida áquella propriedade que o cadaver tem de decompôr-se e formar novos seres? É isto mesmo que os homens denominam morte. Que nos importam palavras e o sentido que lhes dão? Que nos importa a nós que novas plantas germinem com os despojos de nosso corpo, que novos mineraes se organisem e que uma nova ordem de cousas ou pessoas recomece? O mesmo se dá com a alma. O pantheismo a declara immortal da mesma maneira e com as mesmas condições! Se, ao separar-se do corpo, ella se embebe na substancia immensa e universal, se ella se abysma na essencia divina sem consciencia de vida, do sentimento de sua identidade, da memoria de seus actos e de si mesma, isto não é sobreviver, é exactamente morrer. Debalde redarguis, que ella conserva ainda não sei que de substancia abstracta que não sabeis explicar nem definir. Como quereis que possa permanecer aquella especie de substancia indeterminada? Pois se é uma só a substancia universal, isto, é, Deus, ao reunirmos-lhe nossa substancia particular, é perdel-a para sempre. E ainda isto não é ajuntar alguma cousa ao ser divino que em si é unico: é o absorvimento de uma fórma contingente na substancia absoluta; é uma mudança de modo na essencia infinita, sem que ella ganhe ou perca. Pelo que, esta vida para a alma é a morte, tal fusão é aniquilamento. Depois do que, nada mais ha,

nem consciencia da pena ou do prazer, nem idéa de castigo ou recompensa.

E de mais, que nos faz a nós que a substancia universal seja inerte ou activa, que pense e viva por nós? O grande caso é que nós em corpo e alma desapparecemos, e se a natureza nada perdeu, nós perdemos tudo. Na collectividade das cousas nada morreu, mas para o individuo acabou tudo; porque a vida é o *eu*, e o *eu* deixou de existir.

Esta consequencia salta da definição que dá o pantheismo á alma. Segundo elle, a alma humana é a *idéa* do corpo humano. Quando o corpo humano morre e se decompõe, com elle se vai fatalmente a sua idéa. A esta conclusão é forçado o chefe do pantheismo, quando diz: «A existencia presente da alma, e sua potencia imaginativa acabam, tão depressa a alma deixa de affirmar a existencia presente do corpo.»

Illusão e sophisma é o que o pantheismo nos dá. Muda o sentido ás palavras, transfigura todas as noções, menospreza a experiencia, razão e bom senso.

Intimamente sentimos nossa imperfeição e fraqueza; vem um pantheista, e assevera-nos que somos parte de um todo perfeito e omnipotente. Somos soffrimento e angustia, bem que pertençamos a um todo feliz e harmonico. Praticamos o mal mas somos partes integrantes do supremo bem. Morremos, mas entramos n'um todo immortal a que os nossos elementos vão reunir-se, bem que desconhecidos e inuteis para nós. Desapparece a nossa vida, mas a quantidade geral da vida não diminue. O Deus, cujos membros somos, sem o sentir nem o saber, é ao mesmo tempo prazer e dôr, verdade e erro, força e fraqueza, formosura, justiça, suprema virtude, e ao mesmo tempo um complexo de todas as fealdades, vicios, monstruosidades e crimes.

N'este chaos, não ha idéas, regras nem principios. Nem Deus nem o homem é livre, porque em uma substancia unica não podem co-existir duas liberdades differentes, e o producto de duas vontades necessariamente se aniquila. Personalidade espiritual ou corporal toda se esvae, por quanto, se os modos são diversos, o ser é um só, e tudo que subsiste no pensamento e na materia, no mundo sensivel e no sobrenatural, não é senão aspecto da soberana existencia, fragmento da vida divina. O homem, particularmente, não póde pretender a considerar-se um ser ou causa, porque não é mais que uma successão de phenomenos.

E' supprimida a lei, porque não ha quem mande nem quem obedeça. Naturezas iguaes não podem admittir primazias entre si, nem imposições de deveres.

Cessa finalmente, e torna-se impossivel a moralidade, porque não ha bem nem mal, e todo o acto e pensamento é a modificação da essencia divina. As desordens, as villanias e infamias, postas fóra de qualquer castigo, a justiça e virtude exautoradas de seus meritos e glorias e recompensas, uns e outros são o fatal e illimitado desenvolvimento da substancia unica, sem diversificarem dos movimentos da nossa esphera e dos phenomenos da universalidade dos mundos.

Justissimamente os homens qualificaram de impio, e confundiram com atheismo este systema. E' certo que, para dar tudo a Deus, tudo lhe tiram.

Para lhe dar universal poder, impõe-lhe uma radical impotencia. Supprime-o: isto é que é o real. Impossibilita-o até ao extremo de lhe não deixar uma só qualidade, nem um sentido adequado ao seu nome.

O mesmo acontece com a humanidade: tira-lhe tudo de que pendiam a honra e direitos d'ella. Espessa as nuvens que a rodeam e obscurece-lhe os mysterios. Justifica todas as inclinações, destruindo a razão da luta.

Tira os motivos ao soffrimento, identificando-o com a natureza divina. Deixando porém entregue o homem á realidade do combate e da dôr, supprime-lhe a esperança e a recompensa. Para fazel-o Deus, se-

questra-lhe tudo que póde elleval-o, sustental-o, e consolal-o como homem: consciencia, vida moral, religião, e immortalidade. Em uma palavra, annulla-lhe a acção n'esta vida para lhe destruir a personalidade na outra.

Um espiritualista moderno resumia n'estas palavras a essencia do pantheismo: «A immortalidade que nutre as esperanças do genero humano, a que a alma religiosa pede á bondade divina; a immortalidade que levanta o fraco e o desgraçado irradiando sobre sua miseria actual o reflexo consolador d'um melhor destino, é a immortalidade da pessoa; que o genero humano não conhece duas especies de immortalidade d'alma. Para elle, a morte da consciencia é a morte de tudo.»

O unico ensinamento fecundo que o pantheismo deixa, é fazer vêr á luz de suas contradicções e absurdos, que se Deus livre é a melhor explicação do phenomeno da creação, a vida futura é o desenlace mais plausivel dos problemas da vida presente; e que na magnifica e grandiosa collecção de verdades a que o bom senso e a experiencia do genero humano presta culto, o principio melhor fundado em suas premissas, e o mais logico em suas conclusões é ainda aquelle que proclama Deus creador, e o homem, immortal.

PANTHERA. (Veja CARNIVOROS).

PANTOMÉTRO. (Veja INSTRUMENTOS).

PAU. Nomes de arvores; suas applicações e procedencias:

Abuta	Marcenaria	America.
Acajuirana	»	»
Acapú	Varaes	»
Aderno branco	Construcção	»
Aderno pardo	»	»
Ahepetema	Queimar	»
Almecega	Dá gomma	»
Amarello	Marcenaria	»
Amoreira brava	Muitas obras	»
Andiroba	Dá oleo dôce	»
Angeli	Diversas obras	»
Angeli pedra	Construcção	»
Angeli rosa	Marcenaria	»
Angico	»	»
Angola do matto	Queimar	»
Araça	Dá fruta	»
Araça-miri	»	»
Araçarana	Queimar	»
Araçari	Dá fruta brava	»
Aracori	Medicinal	»
Arara acanga	Construcção	»
Arco pardo	»	»
Arco verde	»	»
Bacori	Torneiro	»
Bacori-pari	»	»
Balsamo	Oleo medicinal	»
Bambú	Varias obras	Asia.
Barbatimão	Construcção	America.
Barbosano	Marcenaria	Ilhas.
Betula branca	Saltos de sapatos	Europa.
Birindibá	Marcenaria	America.
Bordão de velha	Queimar	»

Brazil	Tinturaria	Pernambuco.
Broeira	Marcenaria	America.
Buchú	Torneiro	»
Buranhem	Varetas	»
Buxo	Varias obras	Europa.
Ca-aroba	Queimar	America.
Cacau	Fava para chocolate	»
Cajá	Fruta brava	»
Cajú	Fruta	Asia.
Caibé	Fruta brava	America.
Camaçari	Para remos	»
Camboatá	Construcção	»
Campeche	Tinturaria	Flórida.
Camphora	Droga medicinal	Asia.
Canella de veado	Torneiro	America.
Canafistula	Droga medicinal	»
Canella do brejo	Marcenaria	»
Canella-maracanaiba	Droga medicinal	»
Canella preta	Forro de navios	»
Caraipé	Cinza para louça e barro	»
Carvalho	Aduellas	Europa.
Carvalho	»	America septentrional.
Carvoeiro	Varias obras	Africa.
Carrapateiro	Oleo para luz	America.
Carrasqueiro	Raios de rodas	Europa.
Casca preciosa	Droga medicinal	America.
Castanheiro	Fruta	Europa.
Castanheiro	»	America.
Cedro	Para figuras	»
Choupo	Caixas de seges	Europa.
Chririobeira	Forro de casas	America.
Cobra	Varias obras	»
Cortiça	Para rolhas	»
Cravo	Especiaria	»
Cucão	Queimar	»
Cumanduasú	»	»
Cumarú	Construcção	»
Cupací	Torneiro	»
Cupaúba	Oleo medicinal	»
Cuticaem	Marcenaria	»
Desbota-machado	Poleame	»
Embaubá	Queimar	»
Encerado	Marcenaria	»
Engá	Fruta brava	»
Envira branca	A casca para cordas	»
Envira preta	»	»
Espinheiro	Varias obras	»
Espinheiro bravo	Construcção	»
Faya	Queimar	Europa.
Faya	Para remos	America.
Fedorento	Construcção	»
Ferro	Poleame	»
Figueira brava	Queimar	Europa.
Freixo	Torneiro	America septentrional.
Fustete	Tinturaria	Pernambuco.

Gandarú preto..........	Marcenaria	Rio de Janeiro.
Gandarú rosa	»	America.
Gateado...............	Varias obras..........	»
Gateado bravo..........	»	Indias hespanholas.
Gayaco................	Poleame..............	S. Domingos.
Gayaco bravo..........	»	America.
Gameleira..............	Para gamelas..........	»
Giesteira brava	Marcenaria	»
Gitaí..................	Varias obras..........	»
Gonçalo Alves..........	Marcenaria	»
Goyaba...............	Fruta................	»
Goyaba brava	»	»
Graupupunha	Palmeira.............	»
Guabiroba de gomos....	Fruta................	»
Guaraça...............	Poleame..............	»
Guaraça-porí..........	Torneiro.............	»
Guarassi	Queimar	America septentrional.
Heckri................	Para espeques.........	America.
Hoiti..................	Construcção...........	»
Huanani...............	Queimar	»
Humeri................	Construcção...........	»
Iabatipupunha..........	Coquilho..............	»
Ibiriba................	Construcção...........	»
Inhaiba................	Marcenaria	»
Iriba..................	»	»
Itaí..................	»	»
Jacapucaya	Torneiro.............	»
Jacarandá de riscas.....	Varias obras..........	»
Jacarandá pardo........	A casca para cordas....	»
Jacarandá preto........	Marcenaria	»
Jaraná................	Para vergas...........	»
Jataypeba..............	Marcenaria	»
Jiriquitim	Construcção...........	»
Jutaí..................	Marcenaria	»
Jutairana..............	»	»
Jutaívia...............	Queimar	»
Laca..................	Dá gomma-laca........	»
Laranjeira.............	Fruta................	»
Limoeiro..............	»	»
Louro amarello.........	Varias obras..........	»
Louro barruga.........	»	»
Louro branco	Vergas...............	»
Louro canella..........	Forro de navios........	»
Louro de cheiro........	Marcenaria	Ilhas.
Louro regio............	Corôa dos imperadores.	Jamaica.
Magno.................	Varias obras..........	»
Magno preto...........	»	America.
Mamoeira..............	Fruta................	Pernambuco.
Mangle d'agua..........	Queimar.............	Maranhão.
Mangle branco..........	Torneiro.............	Rio de Janeiro.
Mangle vermelho........	Para rego e fusos......	America.
Maotimba..............	Queimar..............	»
Marajuba..............	Construcção...........	»
Marapauba amarella.....	Forro de casas........	»
Marapauba branca......	»	»

Masaranduba	Construcção	America.
Matazana	Marcenaria	»
Mingú	Poleame	»
Miolo decrir	Varias obras	»
Mumurana	Queimar	»
Monde	»	»
Moruxí	Remos	»
Mucujé	Fruta	»
Murta brava	Varias obras	»
Mututí	Torneiro	Europa.
Nogueira branca	Muitas obras	Ilhas.
Nogueira parda	»	America.
Oiticíca	Torneiro	»
Olandim carvalho	Varias obras	»
Oleo	Mastros	»
Oleo caboraiba	Medicinal, oleo	»
Oleo vermelho	Mastaréos	»
Palmeira branca	Marcenaria	»
Palmeira de macaco	Queimar	»
Palmeira vermelha	Marcenaria	»
Paricarana	»	»
Paroba	Construcção	»
Paroba amarga	»	»
Patajuba	Marcenaria	»
Pequeá	Varias obras	»
Pequearana	Construcção	»
Pequim	»	Europa.
Pereira	Fruta	»
Pernalvilheiro	Torneiro	»
Pinho da terra	Varias obras	»
Pinho de Flandres	»	America.
Piricoim	Marcenaria	»
Pomba	Varas de justiça	»
Pororoca	Varias obras	Asia.
Puna	Mastros	America.
Pupunha	Flechas	»
Pututumujú	Marcenaria	»
Queri	Queimar	»
Rabuge	Varias obras	»
Rabuge branca	»	»
Roxo garabo	Construcção	»
Roxo gurubú	»	»
Rosa	Varias obras	Bengala.
Sal	Construcção	America.
Sangue de boi	Marcenaria	»
Sapequeteaba	»	»
Sapucaya	Construcção	»
Sapucaya de pilão	»	Rio de Janeiro.
Sassafraz	Medicinal	America septentrional.
Sassafraz	»	Santa Catharina.
Sassafraz	»	Macau.
Sebastena	Varias obras	America.
Sebastião d'Arruda	»	Rio de Janeiro.
Sebastião d'Arruda	»	America.
Seringa	Gomma elastica	»

Siruagi	Marcenaria	America.
Sobro	»	»
Sobro	Rodas de sege	Europa.
Sucuabá	Marcenaria	America.
Sumahuma	Lã como sêda	»
Supopira-asu	Construcção	»
Supopira-miri	»	»
Tajuba vermelha	Varias obras	»
Taperiba	Marcenaria	»
Tapinhoan	Forro de navios	»
Taporoроса	Marcenaria	Santa Catharina.
Tatajuba	Tinturaria	Bahia.
Tatajuba brava	Construcção	America.
Teixo	Varias obras	Ilhas.
Theca	Construcção	Asia.
Tingasuiba	»	America.
Tojo	Marcenaria	»
Tucaem	»	»
Viñatico	»	»
Vinhatico	»	Ilhas.
Violete	Varias obras	America.
Zebra	»	»

PÃO. «A maior pensão, com que Deus creou o homem, é o comer. Lançai os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a bocca. Que faz o lavrador na terra cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, lutando com as ondas, e com os ventos? Busca pão. O mercador nas casas de contractação, passando letras, ajustando contas, formando companhias? O estudante nas universidades tomando apostillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho, os ricos dão pelo pão a fazenda, os d'espiritos generosos dão pelo pão a vida, os d'espiritos baixos dão pelo pão a honra, os de nenhum espirito dão pelo pão a alma, e nenhum ha, que não dê pelo pão, e ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos, que tenho dito muito? Pois ainda não está discorrido tudo. Tirai o pensamento dos homens, e lançai-o por todas as outras cousas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florecem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os frutos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo, a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas aguas; em fim, tudo o que nasce, e vive n'este mundo, a este fim vive, e nasce. Que digo eu, o que vive, e o que nasce? Os elementos não são viventes, e a este mesmo fim cançamos, e fazemos trabalhar os proprios elementos. O fogo nas forjas, e nas fornalhas; a agua nas levadas, e nas azenhas; o ar nas velas, e nos moinhos; a terra nas vinhas, e nas searas; e até o sol, e a lua, e as estrellas não deixamos estar ociosas d'esta pensão: porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descançar, é produzir, e temperar com suas influencias o que ha

de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do céo acima até ao mesmo Deus, e achareis que elle é o que mais occupado está que todos em nosso sustento; porque todas as outras cousas cada uma trabalha em si, e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas. De maneira que, a occupação do céo, e da terra, e de todo este mundo; a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens é buscar pão para a bocca.» (Vieira, *Sermões*).

PAPAGAIO. (Veja TREPADORES).

PAPEL. (Veja ESCRIPTA).

PAPYRO. (Veja ESCRIPTA).

PARABOLA. (Veja ELLIPSE).

PARACELSO. (Veja CHIMICO).

PARALLELIPIPEDOS. (Veja PRISMAS).

PARAMENTOS. (Veja ORNAMENTOS).

PARASELENE. (Veja METEOROS).

PARELIO. (Veja METEOROS).

PARIETARIA. (Veja URTICACEAS).

PAROCHO. «Ha um homem em cada parochia que de ordinario não tem familia, mas que tem relações com todas as familias: é chamado como testemunha, como conselheiro, ou como agente, em todos os actos mais solemnes da vida civil; recebe o infante dos braços da mãi e acompanha o homem até o tumulo: abençôa o berço, a união conjugal, o leito do moribundo, e a sepultura: é um homem, que as crianças respeitam; a quem todos appellidam *padre*, que é palavra velha, traduzida hoje pela palavra *pai;* aos pés d'elle vão os christãos depôr as mais intimas confissões, o secreto peso da consciencia; é por officio o consolador de todas as miserias do corpo e da alma, e obrigado a ser o medianeiro da riqueza e da indigencia; batem á sua porta ora o rico ora o pobre, este para receber a esmola sem vergonha, aquelle para a depositar sem fausto: está ligado com todas as classes da sociedade; com as inferiores, pela vida modesta e parca, e muitas vezes por humildade de nascimento; com as superiores, pela educação, pela sciencia e pela sublimidade de sentimentos que inspira uma religião philanthropica: é um homem em fim que deve saber muito, que tem jus para dizer tudo, e cuja palavra se entranha nos corações e intelligencias com a authoridade de uma divina missão, e o imperio da fé completa. Este homem, em summa, é o cura ou parocho; e ninguem ha que possa fazer mais mal ou mais bem do que elle, conforme ou desempenha, ou desconhece o seu elevado encargo social. — É o ministro da religião de Christo, incumbido de conservar os dogmas, propagar a moral, e diffundir os beneficios d'aquella pura crença pelo rebanho, que lhe foi confiado. — D'estes tres ministerios principaes do sacerdocio nascem as tres qualificações do parocho, que analysaremos; isto é, como sacerdote, como moralista, e como administrador espiritual.

«Como sacerdote, ou conservador do dogma christão, não nos compete examinar os seus deveres; o dogma é por sua natureza mysterioso e divino, imposto pela revelação e aceito pela fé, e o padre, como todos os fieis, n'esta materia se reporta á sua consciencia, e á doutrina da igreja: porém assim mesmo póde o ecclesiastico influir utilmente na pratica da religião entre o povo que ensina. Algumas credulidades triviaes, algumas superstições populares, se confundiram em tempos de ignorancia com as sublimes crenças do dogma christão puro: superstição é o abuso da fé; e por tanto é da obrigação do ministro da religião remover as sombras, que offuscarem e desfearem a santidade do christianismo, que é por essencia a civilisação pratica, e se não confunde com pias industrias, ou grosseiras

credulidades de cultos erroneos e de decepção. O dever do parocho é cortar todos os abusos da fé, reduzir a crença do povo á grave e mysteriosa simplicidade do dogma christão.

«Considerado no mister de theologo moral, ainda o exercicio pastoral do cura é mais digno de attenção. O christianismo é uma philosophia divina, escripta por dous modos; como historia, na vida e morte do Redemptor; como preceito, nos documentos sublimes que elle espalhou pelo mundo: o preceito e o exemplo estão reunidos em o Novo Testamento; livro divino, que o parocho ha de ter á vista, e penetrar-se da santidade das suas expressões, a fim de o explicar continuadamente, como cumpre, porque n'elle se encerra um sentido pratico e social, que illumina e vivifica o procedimento do homem na terra. Não ha verdade moral ou civil que não appareça nos paragraphos do Evangelho: todas as philosophias modernas fabricaram codigos moraes a seu modo, que porém decahiram logo e esqueceram; porque a philanthropia nasce tão sómente do primeiro e unico preceito, a caridade dictada pela lei divina: a par da philanthropia caminha a liberdade, e não ha escravidão affrontosa que se atreva a subsistir em presença do clarão d'aquella virtude: a igualdade politica derivou do reconhecimento da nossa igualdade e confraternidade perante o Eterno: suavisaram-se as leis, aboliram-se os costumes deshumanos: estalaram os grilhões; a mulher reconquistou o respeito, e o lugar que lhe era devido no coração do homem: á proporção que as palavras do christianismo foram soando pelo meio dos seculos, desabaram ou erros ou tyrannias; e se algumas passageiras maculas velavam por tempos o seu esplendor, prestes resurgia mais radiante; podemos dizer que todo o mundo actual, com suas leis, usos, instituições e esperanças, não é senão o resultado do verbo evangelico mais ou menos encarnado na civilisação moderna. Mas a sua obra não está inteiramente cumprida: a lei do progresso ou do aperfeiçoamento, que é a idéa activa e poderosa da razão humana, tambem póde e deve firmar-se na fé evangelica: aquelle divino livro manda que não paremos no caminho do bem, e nos instiga para subirmos á perfeição de que fórmos susceptiveis, prohibe-nos desesperar do melhoramento da humanidade; e quanto mais abrirmos os olhos mais promessas se nos revelam em seus mysterios, mais verdade em seus preceitos, melhor futuro em nossos destinos! — Tem por isso o parocho n'esse livro toda a razão, toda a moral, todos os elementos de civilisação: abra e espalhe com mão larga o thesouro de luz e de perfectibilidade, cuja chave lhe foi entregue pela Providencia. Mas seja como o de Christo, o seu ensino, por palavra e por exemplo; a sua vida deve ser, quanto é compativel com a humana essencia, uma explicação sensivel da doutrina que persuade, isto é, uma palavra viva, que convença os seus freguezes. A igreja o collocou n'aquelle posto mais como exemplo do que como oraculo: a palavra que todos entendem é o bom viver, não ha linguagem tão eloquente e tão persuasiva, como o exercicio da virtude.

«O parocho é o administrador espiritual dos sacramentos, e tambem dos beneficios da caridade; porque nas freguezias bem organisadas, e onde o pastor tem credito merecido, é uma especie de esmoler das pessoas abastadas; é pelo menos consultado em todos os actos de beneficencia, e na sua probidade descançam os que se compadecem da miseria dos indigentes. Lida o parocho n'estas circumstancias com os homens de todas as jerarchias; deve conhecel-os; vê-se em contacto com as paixões humanas; ha de ser compassado, prudente, e brando. Vem cahir-lhe debaixo das suas attribuições os erros, os arrependimentos, as miserias, as precisões da mesquinha humanidade, que tanto flagellam ricos, como pobres, posto que em variados graus; e o parocho ha de remediar se póde, precisando sempre de solicitar os le-

nitivos do mal; e quando remedios não valem ha de espargir o balsamo da consolação. Precisa ter o coração bem cheio de tolerancia, de misericordia, de mansidão e de caridade! E se estas virtudes lhe não inundarem a alma, não será digno parocho. Quão difficultoso é este encargo nas provincias em povoações pobres, afastadas por longas distancias, e incommodas pelos rigores da temperatura! Ah quanta escolha deve haver nos sacerdotes enviados a tão santo ministerio! Quanta diligencia no governo para lhes ministrar a subsistencia!

«Os direitos e deveres civis do cura d'almas cifram-se n'estas palavras: —eu sou christão:—lá estão os Evangelhos, que são o seu codigo, e as leis da sociedade os não contradizem. Todos devem desempenhar o sentido d'esta phrase: — eu sou christão: — mas o parocho ha de profundar, anatomisar esta idéa: deve ser esse o seu pensamento unico:—por quanto, que distancia vai da ovelha ao pegureiro? Que differença do mestre ao discipulo?...

«Os deveres do parocho para com o governo são de sua natureza simples; são os de qualquer outro cidadão; a obediencia nas cousas justas. Nem se ha de apaixonar pelas fórmas ou pelos cabeças dos governos; as fórmas modificam-se, os poderes mudam de nome e de mãos; são cousas humanas, transitorias, instaveis por sua natureza: mas a religião, governo eterno de Deus sobre a consciencia, está acima d'essas vicissitudes politicas. O parocho é o unico cidadão, que tem jus e dever de ficar neutro nas contendas e rumores de partidos que dividem entre si os homens e as opiniões, porque não póde prégar senão amor, e paz; e para elle, mais que para todos, os homens são irmãos; é o representante de quem rejeitou que se vertesse uma gota de sangue em sua defeza, dizendo a Pedro que embainhasse a espada.

«Nas suas relações com as authoridades territoriaes, não se esquecerá o parocho da brandura e conciliação; e de que é elle o homem de Deus ao pé do seu altar, na cadeira da verdade, á porta do miseravel e do enfermo, á cabeceira do moribundo; mas que em todas as occasiões mundanas é um dos homens mais humildosos e menos influentes. A sua authoridade só intervem para a pacificação, e esta só póde alcançal-a por meios suaves. Qualquer tempestade politica que levante ou assopre é um escandalo para o seu rebanho, para o clero, e para a patria.—Precisa manter-se com decencia proporcional ao seu estado; mas os seus rendimentos só podem provir ou de estipendio pago pelo governo, ou de quotas contribuidas pelos freguezes. Em as nossas presentes circumstancias administrativas não podemos decidir-nos exclusivamente por qualquer d'estes meios: e qualquer d'elles offerece inconvenientes; se pelo estado precaria será de certo actualmente a subsistencia do parocho; se por derrama lançada entre os freguezes, sobejas contestações mostram a inefficacia d'essa medida. A mais alta sabedoria está reservada a solução do problema, que desejamos vêr quanto antes resolvido. Póde ser que ambas as fontes, encaminhadas ao mesmo ponto, supprissem; mas ainda assim muito havia que attender á divisão ecclesiastica do reino, á topographia das parochias, e aos recursos de cada uma: taes haverá em que o pastor espiritual deva ser mantido á custa dos cofres publicos; e outras em que dispense qualquer subsidio com o rendoso *pé d'altar*. Lembramos porém que não é conveniente pôr os parochos dependentes d'esse provento casual chamado *pé d'altar*, estimulo será para a cubiça; ainda que em algumas partes desculpavel seja esta pitança pela imperiosa lei da necessidade. Nunca nos pareceu bem que os ministros da religião, encarregados de cura d'almas, estivessem dependentes unicamente dos tenues, incertos, e voluntarios auxilios dos seus parochianos, para subsistirem. Quizeramos poder dizer-lhes: —«Esquecei-vos d'esses proventos adventicios; recebei-os embora dos ricos que insistem em vol-os

offertar, mas não olheis para as mãos dos pobres que se envergonham por não os poderem dar. Não tenham preço material vossas bençãos e orações.»—Mas lastimosamente em muitas povoações provincianas nos veremos obrigados a dizer aos fieis: —Os proventos do altar são insufficientes; fazei alguns sacrificios para obterdes o pasto espiritual das vossas almas. — Confiamos que o futuro remediará tão graves inconvenientes; não seremos dos que se antecipam ou se precipitam em planos de reformas, e queremos antes aguardar pelas lições da experiencia.

«Contemplemos agora o parocho digno d'este nome no extremo da sua carreira: alvejaram-lhe as cãs, já as mãos trémulas mal podem erguer o calix, a voz sumida já não faz echo no santuario, mas ainda sôa nos corações do seu rebanho querido; morre em fim, e uma lousa, talvez sem nome, ou alguns punhados de terra lhe cobrem os ossos no cemiterio vulgar. Mas esse homem, que foi repousar na eternidade, terá em lagrimas sinceras a recompensa do desempenho do seu ministerio sagrado. Continuou elle o ensino d'um dogma immortal, serviu de annel a uma serie infinita de virtude e de fé, e propagou para as gerações futuras, como seu unico legado, uma crença indestructivel, uma lei immutavel, e a lembrança e a veneração d'um Deus de plena misericordia e de toda a consolação.» (H.)

PARTICIPIO. (*Proposição*). «A nossa proposição participio está sempre na ordem inversa, e tem o seu sujeito ordinariamente expresso, quer seja formada com participio presente, quer com participio preterito, ao contrario do que se observa na proposição participio franceza, que vai para a ordem directa, e ainda na latina, que se colloca n'uma ou n'outra ordem.

«Exemplos da proposição participio formada com participio presente:

«Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias, cujas noticias são hoje no Oriente, de paes a filhos, um livro successivo, *conservando-se a fama de suas obras sempre viva;* e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado, porque duram as memorias menos nas tradições, que nos escriptos.» (Jacintho Freire). — «Entrou o anno de 1522 com tamanho aperto de fome, nascido da secca do anno atraz por toda a Africa, que, *estando o rio de Azamor cheio de caravelas* que deviam ir buscar a carga dos saveis, que alli se pescam, trocaram o desenho; e carregavam de infinitos mouros, moços, e moças de bom parecer, para levarem a Lisboa e a Sevilha.» (Frei Luiz de Sousa).—«*Estando o santo prégando,* havia na igreja um doudo, que inquietava o auditorio; lançou-lhe o santo o seu cordão ao pescoço, e no mesmo ponto recuperou o entendimento, e ficou sisudo.» (Padre Antonio Vieira). — «Os indios, assim tupinambás, como poquigaras, se pozeram todos nas aldeias mais visinhas á cidade, para melhor serviço da republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dous mil indios escravos e livres: mas nem por isso ficaram, nem ficarão jámais satisfeitos seus moradores, por que, *sendo os rios d'esta terra os maiores do mundo,* a sêde é maior que os rios.» (Padre Antonio Vieira).

«Exemplos da proposição participio formada com participio preterito:

«*Recebida por Martim Affonso, a carta, e ouvidos os embaixadores do Hidalcão,* entendeu d'elles que pela pessoa de Meale offerecia cento e cincoenta mil pardáos, e as terras firmes de Bardez e Salsete, importantes ao estado pelos rendimentos, e visinhança de Goa.» (Jacintho Freire).—«*Embarcado o conde,* ficou a terra em aperto, porque se diminuiu a gente de cavallo, assim pela que elle trouxe sua, como por alguns moradores que o foram acompanhando, para terem favor em seus requerimentos.» (Frei Luiz de Sousa).—«*Resoluta a necessidade de justificação da guerra por voto de todos as pessoas ecclesiasticas e seculares,* com quem vossa magestade a

mandou consultar, foi de parecer o padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo, em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça d'ella, se offerecesse primeiro a paz aos nheengaibas, sem soldados, nem estrondo de armas, que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal de Negreiros tinha succedido.» (Padre Antonio Vieira). — «Esta regra geral rarissimas vezes tem excepção nos bons authores portuguezes; e a excepção observa-se mais no verso em razão da difficuldade do metro que a desculpa, que na prosa que a repelle por contraria á indole da lingua, seja qual fôr a authoridade do prosador.

«Exemplos da proposição participio na ordem directa:

> «Porém já cinco sóes eram passados
> Que d'alli nos partiramos, cortando
> Os mares nunca d'outrem navegados,
> *Prosperamente os ventos assoprando;*
> Quando uma noite estando descuidados,
> Na cortadora próa vigiando,
> Uma nuvem que os ares escurece,
> Sobre nossas cabeças apparece.»
>
> (Camões).

«Porém *Antonio Moniz Barreto mettendo-se em uma galeota*, que acaso achou na praia, os de terra o viram mil vezes sossobrado; mas como era embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sustinha.» (Jacintho Freire). (*Postillas de grammatica geral*, de Sotero dos Reis).

PARVOS. «Ha parvos sabios e parvos ignorantes. Os parvos mais parvos são os parvos sabios, segundo Molière, que diz:

> Un sot savant est sot plus qu'un sot ignorant.

«Segundo Jony ha tres especies de parvos; os parvos que não sabem inteiramente nada, os parvos que sabem mal, e os parvos que sabem tudo menos o que deviam saber. Esta ultima classe é hoje a mais numerosa.

«O parvo tem admiradores e enthusiastas nos mais parvos que elle, como se vê n'esta sentença de Boileau:

> Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.

«Ha parvos mudos e parvos fallantes. Os parvos mudos são os que nunca deram provas do seu saber, mas que soltam alguns monosyllabos mysteriosos, e baixinho, n'uma roda de outros mais parvos que os contemplam sem os contrariar. Os parvos fallantes são os mequetrefes que se entremettem a decidir aquillo de que nada entendem.

«O parvo enche o mundo de suas façanhas, porque não falla senão de si. Se é militar, julga das campanhas de Alexandre, de Cesar e de Bonaparte, e nota-lhes os erros, mas nunca soube commandar um destacamento: condemna ao mesmo tempo a rapidez dos movimentos de Napoleão e a morosidade dos de Fabio.

«Se é juiz, o parvo clama contra a administração da justiça, e nunca proferiu sentença que não fosse annullada ou por contraria á lei, ou por falta de solemnidade essencial no processo.

«Se é medico ou cirurgião, o parvo discorre sobre todas as doenças, censura todo o tratamento, mas não ha noticia de enfermo que lhe não morresse nas mãos.

«Se é advogado, o parvo nunca falla senão na letra e no espirito da lei, mas o escriptorio está deserto como as ruas de Sião, porque o parvo não advoga causa que não perca.

«Se é industrial, o parvo explica com admiravel verbosidade todos os segredos e todos os processos da industria, mas falham-lhe sempre na pratica todos os calculos.

«Se é candidato em algumas eleições, o parvo tem sempre a seu favor o voto de todos os eleitores, mas consultada a urna só se lhe encontra no fundo um voto a seu favor, que é o d'elle.

«Se é jornalista, o parvo não expõe opiniões, profere oraculos, canta a victoria dos seus correligionarios

em vespera da sua derrota, annuncia a morte dos seus adversarios na vespera do seu triumpho, pregoa a estabilidade do ministerio que apoia duas horas antes da sua demissão; exonera os ministros que combate quando o seu poder está mais seguro; afiança a paz quando está para romper a guerra; prognostica uma conflagração geral quando as nações desarmam e licenceam os seus exercitos.

«O parvo antigo era o que não sabia nada, nem de que freguezia era; o parvo moderno não é só o que não sabe, é o que pensa que só elle sabe tudo.

«O parvo antigo estragava o que fazia, o parvo moderno arrebenta se não estraga o que os outros fazem melhor do que elle.

«O summo curião designava aos parvos antigos a sua vez depois de todos os outros; o parvo moderno toma hoje a dianteira a todo o mundo. Não sabe de que freguezia é, não sabe onde tem a cara, mas a deusa *Fornax* compadece-se da sua situação e fornece-o de pão que nem é queimado nem cru, mas cozido, segundo todas as conveniencias do estomago.

«José Daniel construiu o *barco da carreira dos tolos*, fez-se arraes d'elle, quiz transportal-os para a ilha Anticyra, mas depois da duodecima viagem quiz repousar das suas gloriosas fadigas para não se arriscar (disse elle) a perder a gloria adquirida.

«A *estupidez* que veio entre nós estabelecer o seu imperio, teve tambem o seu Homero. Se o parvo não tem sido ha muito adorado, é porque elevando-se todos a idolos, não ficou um só para adorador.

«Crêmos piamente que a raça dos parvos não acabará nunca.» (Antonio Rodrigues Sampaio).

PASCAL. Um dos maiores nomes na sciencia, na philosophia e na litteratura da França. Nasceu em 19 de junho de 1623.

Bem que desde a infancia revelasse precoce intelligencia, não se creiam todas as maravilhas que se lhe attribuem. Referem os livros que elle, tendo doze annos escrevera um tratadinho sobre a theoria do som, e logo depois o imaginam a traçar figuras geometricas, e a definir a seu modo a relação d'essas figuras entre si. O que é certo é que Blaise Pascal aos dezeseis annos escreveu o *Tratado das secções conicas*. Isto deu que admirar aos sabios, que o escutavam com assombro nas eruditas conferencias que se faziam em casa de seu pai. Fez descobrimentos, inventou machinas, resolveu problemas, tocando de passagem o das probabilidades, e chegando ao mais difficil de todos, a cycloide. Tão curta foi sua carreira que apenas deixou duas obras, as *Provinciaes* e os *Pensamentos*, ás quaes deve a sua immensa gloria de escriptor. Morreu em 1662.

PASSAROS. «Os orgãos vitaes das aves tem muita relação com os dos mamaes: o seu coração é igualmente composto de dous ventriculos, e duas auriculas, tendo um systema arterial, e venoso, para a respiração, igual ao que serve de nutrir todo o corpo; por maneira que o sangue passa tambem por uma dobrada circulação: os bofes são simplices, inteiros, e fortemente ligados ás costellas, e espinha dorsal; e em lugar de serem envolvidos na pleura, são pelo contrario, penetrados de buracos, pelos quaes o ar se distribue a todas as partes do corpo, e até mesmo ás cavidades dos ossos; porém muito principalmente aos grandes saccos situados no peito, e ventre; por meio dos quaes a ave se póde inchar consideravelmente, o que facilita o seu vôo, e lhe dá a grande extensão de voz que nos admira em muitas especies. Os anneis da trachêa são inteiros: o *larynx superior* não tem epiglotte, e a glotte, por ser ossea, não tem dilatação, nem contracção: os bronchios tem, pelo contrario, os anneis membranosos pelo lado interno; e os primeiros d'estes anneis tem configurações, e musculos muito variados, segundo as especies, formando o que se chama *larynx inferior*, o qual con-

tribue outro tanto, ou mais, do que o superior, para as modificações da voz. As aves não tem diaphragma; porém as costellas tem uma articulação no meio, pela qual se curvam, e estendem, fazendo variar a capacidade do peito. Todo o esqueleto das aves é evidentemente apropriado para o vôo: a espinha do dorso é immovivel, e o pescoço é, pelo contrario, muito comprido, e flexivel: a cabeça é pequena, e pontuada, para melhor fender o ar: o sternon tem a fórma de um grande escudo, e no meio uma lamina longitudinal, que representa a quilha de um barco, fornecendo com esta estructura largas superficies, para o ataque dos musculos das azas, as quaes são formadas de ossos analogos aos dos braços dos mamaes: entre as claviculas se acha um osso particular em fórma de V, chamado forquilha, que mantém, pela sua elasticidade, as espaduas apartadas: a mão é alongada, e tem sómente tres dedos, contando-se o pollegar, o qual é visivel, e tem algumas pennas, chamadas *aza bastarda:* outras pennas muito maiores se acham arranjadas por todo o comprimento do antebraço, e da mão até á extremidade do dedo grande; e d'estas pennas as do antebraço, que variam em numero, se chamam *pennas secundarias*, e as outras, em numero de dez, chamam-se *pennas primarias:* o dedo minimo é só visivel no esqueleto. A parte superior da bacia fórma outro grande escudo, e não é fechada pela parte inferior: o coccyx composto de vertebras largas, e achatadas, tem na sua extremidade as pennas da cauda, cujo numero é de doze, até dezoito, e servem, abrindo-se, para suster a ave no seu vôo. As pernas das aves são compostas de um femur, e de uma tibia, sobre a borda externa da qual ha o rudimento de um peroneo: o calcanhar, e cotovelo do pé são formados de um só osso comprido chamado *tarso*, acabando inferiormente em tantas polés, quantos são os dedos. Os dedos são ordinariamente quatro, tres adiante, e um atraz chamado pollegar. Todos os quatro dedos se acham dirigidos para diante, nos gaivões: dous para diante, e dous para traz, em as aves trepadoras: tres para diante, e nenhum para traz, em algumas; e dous sómente no abestruz: acham-se tambem reunidos por membranas, em as aves nadadoras, e em outras ligados só em parte. Todos os dedos são armados de unhas mais, ou menos fortes; e o numero de suas articulações augmenta sempre desde o pollegar, que tem duas, até ao minimo, que tem cinco. A plumagem, que veste o corpo das aves, é, como as pennas, composta de uma hastea ôca na base, e de barbas, as quaes tem outras menores, differindo muito entre si pela fórma total, força, ou tecido de suas barbas. O orgão do tacto deve ser fraco em todas as partes cobertas de pennas; e sendo o bico de substancia cornea, e insensivel; e os dedos revestidos de escamas por cima, e de pelle callosa por baixo, deve este sentido ser precisamente pouco activo nas aves. O sentido do gosto tambem não póde ser muito perfeito; porquanto a lingua encerra um osso, e é ordinariamente revestida de pelle muito dura, e a bocca quasi toda callosa; mas em recompensa d'isto, tem os outros tres sentidos muito apurados. Seus olhos são grandes, e providos das mesmas partes, que os dos mamaes, tendo além d'isto, uma membrana em fórma rhomboidal, de um negro carregado, encrespada, e semelhante a um pente, cujo uso se ignora, a qual vai da entrada do nervo optico ao crystallino. O globo do olho é reforçado anteriormente por um circulo de peças osseas; e além das duas palpebras ordinarias, tem uma terceira semi-transparente, que abriga o olho da grande claridade da luz. O seu ouvido não tem concha externa, e em lugar dos ossinhos tem uma placa, sustida por um pequeno pediculo, e fechando a janella oval: o caracol é substituido por um orgão com duas cavidades, simplesmente conico, um pouco arqueado, e não espiral: a caixa do tympano communica com cellulas, que se estendem por toda a espessura do craneo. O orgão do olfato acha-se si-

tuado na base do bico; e as ventas são umas vezes nuas, outras vezes cobertas de pennas, de uma pequena escama, ou de uma tapadoura carnosa. O cerebro das aves é grande em proporção do seu corpo, e não tem corpo calloso, abobada dos tres pillares, nem tuberculos quadrigeminos. As aves não tem beiços nem dentes; mas um bico corneo, cujas mandibulas são moviveis, e variam infinitamente de fórma, segundo a especie de nutrição, que apanha cada uma: o estomago da maior parte é duplicado, a saber, tem um *papo* cujas paredes são semeadas de uma multidão de glandulas, que filtram um licôr para humedecer os alimentos; e uma *moela* dotada de musculos muito espessos, e fortes, forrada de uma membrana coriacea, e avelludada: esta moela exercita sobre os alimentos uma grande acção mecanica; com tudo as aves, que se nutrem de carne, peixe, ou vermes, tem unicamente um sacco membranoso analogo ao estomago dos mamaes: os intestinos são mais, ou menos compridos, e de ordinario tem dous cegos situados um defronte do outro: o figado é sómente dividido em dous lobos: o pancreas é muito volumoso, e tem conductos, que se inserem em pontos distinctos: o baço é globoso, mui pequeno, e se acha situado no centro do mesenterio, o qual não tem glandulas: os ureteres vão em direitura ao anus; por quanto as aves não tem bexiga. Os testiculos dos machos acham-se no interior do ventre sobre os rins, e no mesmo lugar estão situados os ovarios das femeas, onde os ovos se desenvolvem até certo ponto, e depois descem ao longo de um canal tortuoso, chamado *oviducto,* no cimo do qual são envolvidos pela clara; porque a casca só vem a formar-se na parte baixa d'este canal. Depois dos ovos postos, precisam ser chocados por um certo tempo, a fim de que o calor suave, que produz esta acção, desenvolva o embryão, o qual se nutre, absorvendo a gemma pelas vêas umbilicaes; e acabado o choco, rompe a casca do ovo, por meio de um tuberculo, que tem na ponta do bico, e que lhe cahe poucos dias depois do seu nascimento. Todos conhecem a arte, com que as aves fabricam os seus ninhos, e o cuidado que empregam na creação dos filhos, até elles poderem voar. As aves são difficeis de caracterisar; por causa das grandes differenças, que a idade, e o sexo produzem na sua plumagem: tambem não é facil dividil-as em ordens, e generos com caracteres bem determinados; por quanto as suas fórmas passam mui gradualmente de umas a outras; com tudo podem-se conhecer bem certas familias como: 1. As *aves nadadoras,* as quaes tem os dedos dos pés reunidos por membranas, ou largos, e chatos em fórma de remos; e passam a sua vida sobre as aguas. 2. As *aves ribeirinhas,* que tem os tarsos altos, as pernas nuas inferiormente; e os dous dedos externos reunidos na base por uma membrana; e posto que não nadem entram na agua, e nos pantanos para pescar. 3. As *aves de rapina,* as quaes tem o bico curvo, com a ponta aguda, e recurvada para baixo, os pés curtos, e os dedos armados de unhas mui fortes. 4. As *gallinaceas,* ou aves pesadas, as quaes tem o bico convexo por cima em razão da mandibula superior ser abobadada; e os dedos de diante reunidos por uma membrana na sua base. Estas aves voam pouco, e vivem principalmente de grãos. 5. As *aves trepadoras,* cujos pés tem dous dedos para diante, e dous para traz; trepam de vagar pelos troncos das arvores em busca de frutos, e insectos. 6. Depois de havermos separado estas cinco familias, ainda restam muitas aves de tres dedos para diante, e um só para traz, dos quaes os externos são unidos sómente pelas primeiras phalanges, ou algumas vezes por todo o seu comprimento: e posto que suas fórmas, e principalmente as do bico, sejam muito variadas, não se póde estabelecer entre ellas algum limite determinado: pelo que nós as metteremos todas em uma só ordem, diligenciando com tudo re-

partil-as em certas subdivisões. Estas aves são os nossos *passaros*. Este nome abrange, não sómente os pequenos passaros cantores, e outros; mas tambem todos os que tem um só dedo para traz, sem unha curva, e não tem membrana alguma entre os dedos de diante, tendo a maior parte os dous dedos externos unidos até á primeira articulação e alguns até á extremidade. Estes passaros, tendo a fórma, e costumes mui differentes, dão lugar a repartirem-se em muitas familias.

PASSIVA (Voz). (Veja CONJUGAÇÃO).

PASTAGEM. «A estabulação, ou a nutrição e creação dos animaes agricolas no curral sómente, é apenas conhecida entre nós, ao mesmo passo que este methodo é seguido actualmente na Inglaterra, e na Allemanha, e a elle devem estas nações, principalmente a ultima, o adiantamento prodigioso de sua prosperidade agricola. Mesmo entre nós na provincia do Minho, onde a creação dos gados se conserva melhor, é onde a agricultura melhor floresce. Independentemente das circumstancias locaes immutaveis, produzidas pelo clima, e natureza do solo, avesso ás boas pastagens, é certo que a deambulação dos gados e rebanhos procede de costumes nomados, barbaros, e accommodados á indole e habitos dos povos antigos. Mr. Romey na parte já publicada de sua *Historia de Hespanha* mostrou como essas famosas peregrinações dos gados lanigeros, ainda hoje praticadas n'aquelle reino, e a famosa instituição da mesta lhes veio dos arabes e sarracenos que dominaram na peninsula desde o VIII seculo. Estes ferozes guerreiros trouxeram da Arabia, e d'uma parte da Africa occidental, d'essas aridas campinas de areia, onde não ha nem verdura, nem gota d'agua para moderar os ardores do sol, o costume de trazerem seus gados n'uma perpetua deambulação sem repouso, nem lugar fixo. Estabelecidos na Hespanha, na Andaluzia particularmente, onde o clima tinha alguns pontos de contacto e semelhança com o seu, importaram as raças lanigeras d'Africa para o seu novo dominio, e com ellas o costume e pratica antiga da creação e alimentação dos animaes. Desde então se viram successiva e constantemente praticadas e repetidas todos os annos em periodos fixos e determinados essas celebradas transmigrações de milhares e milhares de carneiros e ovelhas das planicies da Estremadura e Andaluzia para as montanhas d'Aragão, e vice-versa segundo as estações. Entre nós se imitou isso pelo mesmo principio, e duas vezes no anno passam e repassam o Tejo os rebanhos do Alemtejo para a serra da Estrella.

«Nós não negamos até certo ponto a necessidade e conveniencia d'este costume, mas condemnamos o abuso e exageração d'elle, e mais que tudo lamentamos o exemplo e influencia que este procedimento feito em ponto grande e em certas localidades tem produzido nos pontos pequenos ou menores generalisando-o. Os arabes, ou sarracenos, a que commummente chamam mouros, eram por costume e por vida os companheiros de seus animaes domesticos. Ainda hoje o são arabes e beduinos; viajam perpetuamente de comarca em comarca com seus camêlos, e outros gados, de quem são cohabitadores, e quasi commensaes; d'elles tiram o sustento, o vestido, e os meios de transporte; são toda a sua riqueza. Ora, ide vêr suas habitações, seus campos, sua agricultura, e sua policia? Nada. A terra, mãi commum do genero humano, não presta seu alimento, seus frutos senão aos que a cultivam e a amam, e para a amar e cultivar é preciso ser mais estavel e constante do que vagabundo e viajante.

«Um escriptor moderno de grande talento disse, que o espirito actual das viagens matava a nacionalidade; que um individuo que passava sua vida a percorrer o mundo tinha tanta patria como o dono d'uma casa tinha d'ella a propriedade se passasse o seu tempo visitando todos os quartos e

camaras d'ella sem morar em nenhuma. Os nossos camponezes habituados á largueza e liberdade do campo para ahi conduzem naturalmente os seus gados, a pastar muitas vezes uma misera e secca pennugem de más hervas, e em compensação abalando as arvores e arbustos, e roendo as vides e enxertos. Mas que fazer, se estes pobres lavradores não tem pastos? Aqui é onde queriamos chegar para lhes respondermos: — se não os tendes, procurai tel-os; semeai, cultavai *prados naturaes* ou *artificiaes;* não deixeis vossas terras incultas, escalvadas metade do anno; fazei de modo que estejam sempre cobertas de sementeiras ou de frutos; applicai metade de vossa cultura para entretenimento e alimentação de vossos gados; e ficai certos que a outra metade, preparada por fortes e vigorosos animaes, adubada com mais e muito melhores estrumes, produzidos por aquelles, será igual, senão superior, á totalidade de vossas searas.

«Voltemos porém ao assumpto. A estabulação é vantajosa sempre que se possa satisfazer ás condições que ella demanda: as razões sobre que se funda este principio são as seguintes:

«1.ª A mesma quantidade d'alimento dado á manjadoura permitte o entreter e nutrir uma maior quantidade de gado do que fóra do curral: e dada uma quantidade igual de cabeças de gado, produz esta uma porção d'estrume muito maior do que com o systema das pastagens no campo.

«2.ª Pois que a estabulação produz mais estrumes, e torna precisa a cultura em grande das plantas para forragens, que alimpam e preparam o terreno, é claro que por este lado póde e deve ser considerada como um primeiro passo para a suppressão dos pousios que não servem de proveito algum.

«3.ª Na distribuição do pasto á manjadoura póde o lavrador calcular ao justo seus recursos, e fornecer a seus gados a abundancia e boa qualidade d'alimentos necessaria para o maior provento possivel; ou seja para com os animaes proprios para o serviço da lavoura, ou para com aquelles que são destinados para a feira, ou para o talho. Quanto a estes, a hygiene veterinaria nos tem ensinado ha muito que a escuridade, o repouso, a limpeza, e escolha e boa distribuição dos alimentos são os meios poderosos e efficazes para engordar os animaes submettidos a este regimen. Pelo contrario o systema das pastagens nos apresenta exigencias oppostas; em lugar d'um alimento fresco, appetitoso e apropriado aos periodos da nutrição, quantas vezes não vão os pobres animaes encontrar no campo uma herva secca, ou pisada, ou deturpada e repugnante pelos excrementos! Em lugar do silencio e do repouso, o ardor do sol, a picada dos insectos, e as travessuras dos cães e dos rapazes! Temos considerado as vantagens; enumeremos agora as difficuldades:

«1.º É indispensavel augmentar o serviço com uma ou mais pessoas proporcionalmente á quantidade de rezes, o que não deixa de occasionar despeza correspondente.

«2.º O gasto do transporte do pasto do campo para o estabulo, tanto mais dispendioso quanto fôr mais distante a localidade dos prados.

«3.º Os *avanços* dos fundos indispensaveis para a construcção das córtes, manjadouras, assim para accommodar um maior numero de rezes, como para a regularidade do serviço.

«4.º A impossibilidade de crear e *entreter* prados artificiaes de luzerna, trevo, esparzeta, ferrã ou outros, segundo a natureza do solo; o que com tudo se póde supprir e remediar avançando ou recuando as searas de centeio ou cevada que se destinam para verde, e procurando obter maior quantidade de outras hervas e raizes de inverno, como os nabos, os rabanos, e outras que muito engordam a maior parte dos gados, os bois principalmente.

«Lembraremos por ultimo que ajudados pelo systema da estabulação, os suissos e outros povos da baixa Allemanha fornecem com grande lu-

cro á França todos os annos muitos milhares de bois e vitellas para o talho, d'onde tiram avultadas quantias de dinheiro.» (*Panorama*).

PATAGONIA. (Veja Chili).

PATO. (Veja Palmipedes).

PAUPERISMO. «Uma das mais graves questões que nos nossos dias occupam as meditações e especulações dos sabios e agitam penosamente a solicitude e previsão dos governos é a questão dos pobres. O pauperismo tem existido em todas as épocas, *pauperes enim semper habebitis vobiscum;* mas nos nossos tempos se ha tornado mais complicado, augmenta com prodigiosa e temivel rapidez, e põe em grande risco a segurança das sociedades. As nações mais opulentas e industriosas se não isentam d'esta lepra que parece propagar-se na razão directa dos maiores e mais vastos meios que pareciam dever extirpal-a, quaes são o emprego de braços e da intelligencia, o trabalho. A Inglaterra com todo seu dilatado campo d'occupações uteis, sua enorme marinha, sua agricultura aperfeiçoada, sua industria quasi sem rival, seu commercio e feitorias espalhadas em todos os pontos do globo habitado, é a que se apresenta mais fortemente atacada d'esta terrivel enfermidade, que ameaça invadir o mais intimo de sua constituição social, e atirar a primeira pedra ao colosso de sua grandeza. Ahi como em todos os demais paizes em que existe um systema seguido para pôr um dique a este mal, tem o pauperismo continuado a estender-se, a desenvolver-se mau grado das instituições destinadas a suspendel-o e a extinguil-o. Em o anno de 1831 as cousas haviam chegado a ponto na Inglaterra que a taxa ou subvenção para soccorro dos pobres parecia querer absorver o budget do estado e mudar a sorte dos seus habitadores, convertendo os indigentes em rendeiros, e os rendeiros em indigentes.

«A presumida vaidade dos chamados progressistas de nossos dias tem tratado esta grande questão como se fosse materia nova, concepção brilhante da sciencia moderna da economia politica. Só a nomenclatura é invento novo, porque a materia e os esforços em tratal-a é cousa antiga. Lycurgo parece ter tido horror aos ricos, porque fez todos os cidadãos pobres: constituiu o territorio inteiro propriedade do estado, e este foi encarregado de nutrir e sustentar a todos pelo producto d'aquelle grande fundo: mas este exemplo nos não serve, porque uma pequena republica, composta d'alguns milhares d'habitantes em tempos dissemelhantes dos nossos não póde servir de norma; nem as maximas da philosophia christã soffrem haver ao lado d'uns poucos d'homens occupados nas palestras do gymnasio uma misera cohorte de escravos ilotas, encarregados de volver a terra em proveito de tyrannos orgulhosos. Carlos Magno, o maior legislador da meia idade, ordenou que os *pobres* fossem alimentados pelo seu respectivo municipio; mas logo ahi fixou qual era a pobreza digna do soccorro communal: *pobres* (dizia o capitular) *são os velhos incapazes de trabalhar, os orphãos menores de 12 annos, os idiotas sem familia, e em geral as pessoas invalidas completamente.* Todo o mendicante válido era classificado no numero dos malfeitores, e punido como tal: — quem não trabalhar, não comerá — dizia o artigo do capitular respectivo. El-rei D. Fernando entre nós seguiu pouco mais ou menos esta vereda; mas foi mais providente: o monarcha francez suppoz que todos os braços tem trabalho prompto, que todo o homem tem á mão uma occupação util; supposição gratuita, que ainda hoje torna defeituosos e falliveis os calculos dos economistas. O soberano portuguez apontou algum remedio contra a falta do trabalho; mandou que seus corregedores e mais justiças distribuissem pelos proprietarios das herdades os homens de serviço a fim de que não carecessem de trabalho: esta providencia foi depois muitas vezes repetida e abraçada pelos reis que se lhe

seguiram, e os povos em côrtes não se esqueciam de reclamal-a.

«Esta e outras providencias analogas são com effeito muito boas, porém não dissolvem a difficuldade; porque ficam sempre de fóra d'ella aquelles a quem ou a sorte ou a condição accidental tornou incapazes de serviço, taes como os que Carlos Magno punha a cargo das obrigações communaes. Que fazer pois dos miseraveis indigentes, dos verdadeiros pobres que não podem trabalhar, ou se o podem é sómente em estabelecimentos especiaes? Que fazer dos chamados *proletarios*, dos braços *desoccupados*, aos quaes não se facilita emprego util? O trabalho em massa nas grandes manufacturas; o uso das machinas que multiplica os motores e torna inuteis grande numero de braços; a diminuição das exportações para as colonias; o augmento do producto em presença d'um consummo estacionario, e muitas outras causas em fim contribuem a augmentar o numero dos pobres. Esta phalange ameaçadora é já demasiado forte para occupar os governos, e os homens pensadores mal sabem designar o preservativo á continuação do mal, e o remedio para acudir de prompto á molestia actual. Do centro d'estas meditações tem sahido duas escólas famosas que propõem remedios oppostos, nascidos de systemas contradictorios. É d'estes dous systemas que nos propômos dar aqui uma idéa, deixando á sabedoria illustrada e ao amor da humanidade escolher o que parecer melhor, ou substituir o mais excellente. Estes dous systemas tomaram o nome dos chefes das duas escólas, dos quaes um é Godwin e outro o celebre Malthus. Os economistas de todas as nações se tem bandeado com um d'estes dous systemas que representam a *beneficencia protestante*, severa, dura e cheia de rigores calculados; e a *caridade dôce e benevola*, a esmola religiosa e illimitada do catholicismo.

«Com effeito Malthus parece dizer aos pobres — não devieis commetter a loucura de nascer, por quanto não havia para vós lugar em o banquete da vida.

«Do outro lado a caridade christã responde-lhe:—pobres, pois que nascestes, justo é que tenhaes tambem vosso lugar; e se o não ha, façamos-lh'o.

«Segundo a adopção que os governos tem feito de um ou outro systema, os temos visto ou publicar leis e ordenanças draconianas contra os pobres, ou estender-lhes uma mão amiga e bemfeitora; formar-lhes asylos, ou fechar-lh'os; abandonar os expostos, ou recolhel-os.

«Na Inglaterra causas particulares aggravaram o mal, e o pauperismo se tem augmentado d'uma maneira ameaçadora: a concentração da propriedade territorial, o emprego das machinas, os productos absorvidos pelo capital tem atirado á rua com um grande numero de operarios desempregados. Estes homens clamaram, reuniram-se, tumultuaram, e a Inglaterra fiel ao seu genio e ao seu espirito industrial imaginou contestar seus clamores dizendo-lhes: — nós não vos devemos o alimento, mas sómente emprego e trabalho, aqui o tendes com estas condições: — mas as condições eram duras e oppressoras.

«Um acto do parlamento de 1834 retirou ás parochias o direito de dispôr da taxa para os pobres, e concentrou-a n'uma junta que ficou sendo a unica reguladora do pauperismo. Abriram-se então 583 casas de trabalho (Work-houses); e é ahi desde então que o pobre recebe sua subsistencia em troca d'um trabalho regulado, *tarifado* pela authoridade publica. Por este methodo se suppoz viria a separar-se o pobre voluntario do indigente forçado, e chegar assim com o tempo a uma diminuição progressiva de despezas.

«Isto seria excellente se os pobres ahi fossem classificados com certa regularidade nas diversas profissões que ahi estão abertas; porém não é assim; ordinariamente são empregados de mistura em os mais rudes e penosos trabalhos, como nos primeiros

tempos da sociedade. Em verdade que as despezas tem diminuido, porque grande parte dos subsidiados, descontentes tem largado a instituição; mas com isso que se tem ganhado! Muitos tem voltado a seus antigos habitos, e os mais d'elles tem ido engrossar os bandos cartistas que inquietam fortemente a tranquillidade e segurança publica. Em despeito d'este systema malthusiano, e apesar d'estes palliativos mais ou menos heroicos, o mal subsiste, porque parece haver-se esquecido a maxima do sabio Droz: — *Os productos são feitos para os homens, e não os homens para os productos.*» (J. da C. N. C.)

PAZ. «Que descanço, ou que contentamento póde haver no reino, ou republica, onde não ha paz? Por isso, assim como o fim do bom piloto é fazer prospera a viagem, e do medico dar saude, e do capitão alcançar victoria; assim do bom principe é conservar a vida e descanço de seus vassallos; a qual cousa, em tempo de guerra não póde ser. Alegre parece a guerra de fóra; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos d'uma, e os bens da outra; por que assim como na doença se conhece o bem da saude, e na tormenta do mar o bem da terra, assim não ha tempo em que melhor se julgue, e entenda o da paz, que quando se carece d'ella. Se a um homem, que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia d'ellas, subitamente fosse mostrado o apparato de dous grandes exercitos, por mar, e por terra, ordenados para se darem batalha, e visse os famosos pennachos, as armas reluzentes, a multidão dos cavallos, a ordenança da gente de pé, toda bem disposta, e prestes para pelejar; as bandeiras, os esquadrões em seu concerto; d'outra parte visse no mar muitas naus, e galeões, com muita gente bem armada, cobertas de formosas bandeiras, rodeadas de pavezes, e cercadas de toda a artilheria, sem duvida, quem quer que isto visse, não sabendo mais nada, não cuido eu que receasse de se metter entre elles, e lhe pareceria que via a mais formosa cousa do mundo; mas se depois de travada, e mui cruamente ferida a batalha, este mesmo sentisse, e visse com seus olhos o grande ruido e estrondo das armas, a grita da gente, os golpes e tiros d'artilheria, a multidão dos mortos, corpos espedaçados, ais e gemidos dos feridos, outros serem pisados dos cavallos; a confusão, o medo, e o espanto da morte presente; e assim visse no mar as naus e galeões arrombados de tiros de fogo, umas d'ellas irem-se ao fundo; outras arderem em fogo, e chammas d'alcatrão; as ondas vermelhas com sangue, o fumo da polvora; os homens lançarem-se ao mar, e afogarem-se: quem isto tudo bem visse, bem creio eu, que escolhesse antes a paz, que a guerra; e que tomasse antes por partido viver em descançada e segura paz, debaixo da obediencia d'um principe justo, que não quer arriscar-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano d'olhos, e esperança incerta de victoria.» (Barros, *Panegyrico d'el-rei D. João* III).

«É a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez n'um momento sorve os reinos, e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que ou se não padeça, ou se não tema; nem bem, que seja proprio e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro. Esta é a maior desconsolação que póde haver para um povo; mas se a guerra é civil sobem de ponto todos estes males, acrescendo um maior que todos; que é não haver certeza de quem são os inimigos. O sangue, a amizade, e o

amor da patria, que nas outras guerras formam grossas muralhas contra os ataques do inimigo, não tem força muitas vezes para impedir a divisão que rebenta no seio das familias; d'onde nascem estragos irremediaveis na honra e no credito, e onde se forjam muitas vezes as cadêas, com que a liberdade da patria vem por fim a ser agrilhoada.» (Vieira, *Sermões*).

PECCADO. «O peccado é o aguilhão da morte.» (*Cor.*, XV, 56).—«Fugi do peccado como se foge da serpente; se vos aproximaes cahis-lhe nas fauces.» (*Eccles.*, XXI, 2).—«Seus dentes são como os do leão: tiram a vida.» (*Ibid.*, 3).—«É preciso que o peccado morra inteiramente em nós: não é bastante que seja aniquilado em parte, assim como essa casa que a Escriptura mandava demolir por infeccionada da lepra; é necessario deitar abaixo e reduzir a cinzas até as mesmas pedras, para que o demonio não torne a reedificar esse monumento de impiedade.» (Origenes).

PECEGUEIRO. (Veja ROSACEAS).

PEDANTE, PEDANTISMO. O pedante é um homem soberbo, sem raciocinio e que possue uma falsa erudição, ostentando grande saber e citando a todo o proposito algum author grego ou latino. Ha tambem mulheres pedantes á maneira dos mestres de collegio; assim como ha pedantes em todas as condições e estados: estes são os doutos ignorantes. «O pedantismo contribue para a fatuidade.» (Duclos).—«O fatuo está entre o tolo e o impertinente: compõe-se de ambos.» (La Bruyère).—«Pedante é o homem cujo fundo principal é a vaidade; que não faz nada por gosto e só por ostentação, e que, aspirando elevar-se ao de cima dos outros, desce abaixo de si mesmo. É homem de espirito para os nescios que o admiram; e um nescio para a gente sensata que o evita.» (Desmahis).

PEDRAS PRECIOSAS. Chamam-se assim as pedras de que se faz uso em ourivesaria. Ha dez especies principaes que por seu valor seguem esta ordem: diamante, rubim, saphira, topasio, esmeralda, chrysolitha, amethista, granada, hyacintho e agua marinha. Em seguida temos a turqueza, a cornalina, peridoto, zirconium, etc. O diamante é não só um objecto de luxo, mas de proveito na relojoaria para montar o eixo principal; os vidraceiros tambem fazem uso d'elle para cortar o vidro. O peso do diamante avalia-se em quilates; o quilate pesa 212 milligrammas. Quando ainda estão por lapidar sabe-se o valor d'elles, multiplicando o numero dos quilates pelo seu numero, e o producto d'este por 48: de maneira que um diamante em bruto de 4 quilates vale 768 francos, ou 138$240. Um diamante lapidado com o mesmo peso, vale quatro vezes o dobro d'esta quantia. Todavia acima de 7 ou 8 quilates, o valor do diamante já não tem preço fixo. De ordinario a côr do diamante é branca, mas tambem os ha negros e amarellos, chamados *hyacinthos*, e vêrdes e côr de rosa, que são muito procurados. A aluminia, um dos elementos da argilla que se encontra isolada na natureza, fórma um mineral chamado *coridon* que risca todas as pedras, excepto o diamante. As pedras preciosas chamadas *rubis* (vermelho), *saphira* (azul), *topasio* (amarello), *esmeralda* (verde), *agua-marinha* (azul esverdeado), *peridoto* (verde amarellado), *amethista* (violeta esvahido), são as variedades do *coridon*. Quanto á calcedonia e á sardonica que servem para fazer as chapas dos braceletes, e a pedra de toque são simples variedades de quartzo. (Veja QUARTZO).

A industria tem chegado a imitar o diamante e as pedras preciosas, de maneira que illudem á primeira vista, introduzindo na fabricação do vidro certas substancias particulares, que lhe dão o colorido das pedras verdadeiras: dá-se a estas pedras o nome de *strass*.

PÊGA. (Veja PASSAROS).

PEIXES. «Os peixes respiram a agua no seu estado natural; ou esta opere sobre o seu sangue decompondo-se, ou sómente abandonando-lhe o ar, que ella contém em dissolução, ou em simples mistura.

«O coração recebe na sua auricula o sangue conduzido de todas as partes do corpo, pelas veias; e tem um só ventriculo, do qual nasce uma unica arteria, que se distribue toda no orgão da respiração chamado *guelras:* d'este orgão vai o sangue pelas veias guelraes a um tronco commum, situado debaixo do espinhaço, o qual assumindo um tecido arterial, o conduz a todas as partes.

«As guelras são compostas de folhas situadas a par umas das outras, e revestidas de membranas, nas quaes os vasos se ramificam infinitamente: acham-se situadas aos lados da cabeça, havendo entre as folhas d'estas uma passagem livre para a agua, que o peixe recebe na bocca, e sahe por umas aberturas externas chamadas *ouvidos*. As folhas das guelras são formadas de filamentos dispostos á maneira dos dentes de um pente, e ligadas pelo lado da bocca a ossinhos articulados por uma extremidade ao craneo, e pela outra a um osso, que sustem a lingua: a sua borda opposta acha-se ligada, em alguns peixes, á superficie interna da pelle; e então ha tantos buracos particulares para a sahida da agua, quantos são os intervallos das folhas; porém esta borda é inteiramente solta no maior numero dos peixes; e a agua sahe então por uma abertura commum simples em alguns, e coberta na maior parte por uma peça escamosa chamada *operculo*, ou *tapadoura*, a qual se póde abrir, e fechar; para o que tem, na sua parte inferior, uma membrana, que se dobra, como o couro de um folle, sustida por alguns raios osseos, chamada *membrana branchiostega* ou dos ouvidos.

«Os orgãos do movimento, nos peixes, são apropriados ao elemento em que habitam: sua cabeça e tronco, formam uma massa continuada sem pescoço distincto, e terminam por uma cauda tão espessa como o corpo; porque, sendo esta cauda o principal instrumento da nadadura, é dotada de musculos mui consideraveis, e tem na sua extremidade uma barbatana vertical.

«Os peixes teem por membros quatro *barbatanas*, ou membranas sustidas por numerosas espinhas: estas barbatanas são duas *peitoraes* em lugar de braços, algumas vezes tamanhas, que servem para voar, e duas *ventraes* em lugar de pés, situadas umas vezes para traz das peitoraes, junto á cauda nos peixes *abdominaes;* outras vezes debaixo das peitoraes em os *thoracicos;* e outras finalmente muito adiante junto á garganta em os *jugulares*, faltando inteiramente nos *apodes*. A maior parte dos peixes tem costellas delgadas que se chamam *espinhas;* nome que tambem se dá ás apophyses espinhosas, e compridas das vertebras: muitos peixes não tem umas, nem outras; e seus esqueletos são ordinariamente cartilaginosos.

«Além das barbatanas, que supprem os membros, e d'aquella em que termina a cauda, ha outras sobre o dorso chamadas *dorsaes*, e debaixo da cauda chamadas *anaes*, situadas verticalmente, e sustidas por espinhas articuladas entre as apophyses espinhosas das vertebras.

«Muitos peixes tem no abdomen junto ao espinhaço uma bexiga cheia de ar, que serve para os manter em equilibrio, e fazel-os subir e profundar na agua, segundo os diversos graus de compressão, de que é susceptivel: esta bexiga communica-se com o esophago, ou estomago, por meio de um canal particular.

«Os olhos dos peixes são grandes, e destituidos de palpebras: não tem processo ciliar, e o crystallino é quasi globoso.

«O orgão do ouvido acha-se inteiramente contido na espessura do craneo, ou mesmo na cavidade, que encerra os miolos, e consiste em tres canaes membranosos, e um sacco tambem membranoso, que encerra pequenos corpos, umas vezes petrosos, e outras quebradiços. Suas ventas são

duas pequenas fossas, cavadas sobre o focinho, e alcatifadas de uma membrana mucilaginosa. O sentido do gosto deve ser nos peixes muito imperfeito; por quanto sua lingua é de natureza ossea, e se acha presa no fundo da bocca. A pelle é umas vezes nua, outras guarnecida de papillas, mais ou menos asperas; e na maior parte dos peixes, coberta de escamas, que variam em grandeza e figura. Os peixes teem o cerebro pequeno, e bem distinctamente separado em diversos tuberculos; e ha um certo numero que teem á roda da bocca palpos, ou barbilhões molles e compridos, que podem servir ao sentido do tacto.

«Os dous queixos dos peixes são moviveis, cobertos de uma pelle sensivel, e algumas vezes de beiços: seus dentes variam não só na figura, sendo uns pontudos, outros rombos, e outros cortantes, mas tambem na situação, achando-se implantados nos queixos, na lingua, no paladar ou na goela. Muitos peixes teem numerosos intestinos cegos em torno do pyloro; alguns um pancreas, e todos um figado, e um baço: sua bexiga se descarrega em o anus, e quasi todos se nutrem de peixes menores, ou de outros animaes aquaticos.

«A maior parte dos peixes não tem mais orgãos de geração, do que as vesiculas seminaes nos machos, e os ovarios nas femeas, as quaes põem os ovos, e o macho os borrifa com o seu *leite*. Os peixes de guelras fixas, são os unicos que têem *oviductos*, e utero, sendo-lhes necessario o couto para produzirem; e não põem os ovos antes de um certo desenvolvimento. Tambem se acham entre os peixes ordinarios algumas especies viviparas, que devem por consequencia ter uma especie de copula antes de produzir.

«Muitos peixes vivem sempre na agua salgada, outros sobem aos rios em certas épocas, e alguns habitam de continuo em agua dôce. O homem costuma ter estes ultimos em tanques ou viveiros, para quando os precisa; e apanha os outros, empregando uma grande quantidade de meios, os quaes constituem a *arte da pesca*.» (Cuvier).

PEIXOTO (Ignacio José de Alvarenga). Formado em canones pela universidade de Coimbra, e natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1748. Depois de ter exercido o lugar de juiz de fóra na villa de Cintra, foi despachado ouvidor para a comarca de Rio das Mortes, na provincia de Minas-Geraes, e partiu para o seu destino em 1776. Casou-se depois em S. João d'El-Rei, e deixando a magistratura retirou-se a uma fazenda que sua esposa trouxera em dote, occupando-se ahi nos trabalhos da mineração. Era coronel de cavallaria, e em 1709 foi preso como implicado na conjuração de Minas com Cladio Manoel da Costa, Gonzaga, e outros. Sendo-lhe commutada em degredo perpetuo para o presidio de Ambaca a pena de morte a que fôra sentenciado, alli morreu em 1793.

As pòesias de Ignacio Peixoto que eram, segundo parece, numerosas, não chegaram a ser colligidas.

PEKIN. (Veja China).

PELAGIO. (Veja Primeiros seculos).

PELICANO. (Veja Palmipedes).

PENAFIEL. «Está situada a cidade de Penafiel na encosta de um monte a seis leguas do Porto, dominando um formoso valle de duas leguas de extensão. Fazia parte outr'ora da antiga provincia d'Entre Douro e Minho. Pela divisão do reino decretada em 1834 ficou pertencendo á provincia do Douro, e pela moderna divisão administrativa pertence ao districto do Porto, e é cabeça de comarca.

«Conta-se que no anno de 850, achando-se o nosso paiz sob o dominio dos mouros, um cavalleiro christão chamado D. Faião Soares, descendente dos godos, e tronco da illustre familia dos Sousas, fundára, com beneplacito dos dominadores, uma povoação a pouca distancia do rio Sousa, á qual deu o nome de *Arrifana de Sousa*.

«Este lugar veio mais tarde a ser cabeça do concelho de Penafiel. Erigiu-o em villa el-rei D. João V no anno de 1741. Seu filho, el-rei D. José, elevou-a á categoria de cidade em 1770, mudando-lhe o nome no de Penafiel, ao mesmo tempo que alcançou do papa Clemente XIV a creação de um novo bispado, cuja séde collocou em a nova cidade. Por morte d'este illustrado soberano, os odios, que perseguiram o grande marquez de Pombal, e que pretenderam annullar a maior parte dos actos do seu governo, não pouparam o bispado de Penafiel. O seu primeiro e unico bispo, que era confessor da rainha D. Maria I, e que governára o bispado durante oito annos, renunciou a sua mitra. e esta diocese foi outra vez encorporada no bispado do Porto por bulla do papa Pio VI, de dezembro de 1778.

«Penafiel é uma pequena cidade de tres mil almas, quasi toda edificada ao longo de uma comprida rua, por onde passa a bella estrada macdamisada, que do Porto conduz a Amarante, á Regoa, e Villa Real.

«A industria dos seus habitantes, a fertilidade dos terrenos, que a cercam, lutaram debalde por muito tempo contra os estorvos, que ao seu desenvolvimento oppunha a falta de boas estradas. Hoje, porém, que se acha em faceis communicações com uma parte da provincia de Traz-os-Montes, com a principal povoação e porto do paiz vinhateiro do Douro, e, em fim, com o grande centro commercial da cidade do Porto, póde considerar-se em caminho de prosperidade.

«Tem esta cidade uma só parochia, dedicada a S. Martinho. É um templo de tres naves, edificado no meio da povoação no anno de 1570. A igreja da Misericordia, fundada no Rocio das Chãs pelo abbade de Ermello, Amaro Moreira, é um bom templo de tres naves. Serviu de sé durante os oito annos, que a cidade logrou a preeminencia de séde episcopal.

«D'entre as diversas ermidas, que possue Penafiel, citaremos a do Senhor do Hospital, e a de Nossa Senhora da Piedade. A primeira porque n'ella teve principio em 1509 a humanitaria confraria da Misericordia d'aquella terra; e porque se venera no seu altar um crucifixo, que um chamado João Corrêa trouxe de Inglaterra, quando Henrique VIII, tendo mudado a religião do estado, perseguia os catholicos, e mandava queimar as imagens dos santos: a segunda porque a imagem de Nossa Senhora da Piedade tem a mesma procedencia.

«Havia dous conventos, hoje ambos extinctos, um de frades capuchos, fundado em 1666, e o outro de recolhidas, intitulado de Nossa Senhora da Conceição, o qual se construiu no Rocio das Chãs no começo do seculo passado. N'este mesmo Rocio está a casa das audiencias do juiz de direito, e cartorios dos escrivães. É o principal edificio publico. Tem esta cidade um hospital, soffriveis hospedarias, e algumas casas particulares de boa apparencia.

«Os arrabaldes são muito agradaveis, e bem cultivados, principalmente o delicioso valle por onde corre o rio Sousa, que passa a uma legua da cidade, e vai entrar no Douro, duas leguas acima do Porto. Existem n'elles dous monumentos de antigas eras, dignos de menção, e de serem vistos. Um é o celebre *convento de Paço de Sousa*, distante de Penafiel uma legua. O outro é conhecido pelo nome popular de *Marmoiral*.

«O convento está situado junto ao rio Sousa em lugar baixo. Fundou-o D. Truicrozendo Guedes pelos annos de 956, e augmentou-o seu neto, Egas Moniz, o dedicado aio de D. Affonso Henriques. De tão remota época parece que apenas existe o tumulo d'este heroe. Todavia a igreja é um curioso specimen da architectura gothica. Pertenceu este mosteiro á ordem benedictina.

«O *Marmoiral* ergue-se em uma bouça ao norte da estrada, que vai do lugar da *Ermida* para o da *Cadeada*. É um arco de quinze palmos d'altura, de fórma ogival, elevado sobre qua-

tro degraus, e coroado de uma cimalha com seus lavores, a qual se acha um pouco arruinada. Consta de um documento de 1152, que é o tumulo de um cavalleiro, chamado D. Souzino Alvares. O nome que o vulgo dá a este monumento é provavelmente corrupção da palavra *memorial*. Ao que parece houve alli, proximo d'este mausoléo, um castello denominado de *Bugefa*, do qual D. Souzino talvez seria o alcaide, ou senhor.

«Em distancia de uma pequena legua de Penafiel para o norte vê-se tambem o edificio do antiquissimo mosteiro de S. Miguel de Bustello, que foi igualmente de benedictinos.

«As principaes producções do termo são: milho grosso e miudo, trigo, cevada, centeio, azeite, vinho verde, linho, castanha, e outras frutas. Cria-se n'elle muito gado de diversas especies, e caça.

«A 11 de novembro começa a feira annual de Penafiel, que é uma das mais concorridas do nosso paiz, tanto de gente, como de productos agricolas, e de industria. Faz-se alli muito commercio em gado, principalmente cavallar.

«Tem esta cidade por armas um escudo com corôa, e n'elle duas espadas e uma aguia coroada. Dizem que este brazão lhe foi dado pelo seu primeiro fundador.

«Penafiel está ligada com o Porto, Amarante, e Regoa, por meio de carreiras regulares de diligencias. A rainha D. Maria I erigiu esta cidade em condado no anno de 1798, em favor de Manoel José da Matta de Sousa Coutinho. Ao presente é segunda condessa sua filha, a exc.ma snr.a D. Maria d'Assumpção.

«Esta terra, finalmente, serviu de berço a muitos homens distinctos nas armas, na magistratura, e no magisterio da universidade de Coimbra.» (Vilhena Barbosa).

PENDÃO E CALDEIRA. «O pendão e a caldeira eram as insignias e distinctivos dos ricos-homens desde o tempo dos godos até o seculo XV, em que de todo se extinguiu este titulo da antiga nobreza, substituido por outros, que actualmente veneramos. Pelo pendão se mostrava o poder e authoridade de alistarem os seus vassallos, para a guerra; pela caldeira, que no mesmo pendão ou estandartes estava pintada, queriam dizer que tinham muitos bens, munições de bocca e dinheiros para lhes pagar e os manter. E d'aqui a phrase *guisar caldeira*, por dar mantimento aos soldados. Em as historias de Hespanha e Portugal lêmos, que os reis instituiam os ricos-homens dando-lhes o *pendão* e a *caldeira;* o que parece denota não pintura, mas realidade d'esta mysteriosa e honrada insignia. Na celebre igreja, e antiquissima, de Santa Maria de Saboroso, que hoje se acha na freguezia de Barcos, para onde o titulo se mudou já nos fins do seculo XIII, se encontram notaveis campas com insignias militares, e algumas nos mostram caldeiras penduradas, e suspensas de lanças, que nas ditas campas se acham esculpidas.» (Viterbo).

PENDULA. (Veja RELOGIO).

PENSAMENTO. (Veja ALMA, INTELLIGENCIA, RAZÃO, ESPIRITO, etc.). — «Um pensamento é um livro resumido na mais simples expressão.» (Massias). — «Os pensamentos são as imagens das cousas, assim como as palavras são as imagens dos pensamentos.» — (O padre Bonhours). — «Certas plantas não podem crescer senão em bom terreno, assim como os bons pensamentos só podem germinar em um bom coração.» — (De Levis). — «Os grandes pensamentos vem do coração.» (Vauvenargues).

PEONIA. (Veja RAINUNCULACEAS).

PEPINOS. (Veja CUCURBITACEAS).

PERDÃO. «Honra-se a si proprio quem esquece as offensas dos outros.» (*Prov.*, XIX, 11). — «A vingança é de escravo; o perdão é de rei.» (Pettacus). — «Perdôa muitas vezes aos ou-

tros; nunca a ti mesmo.» (S. Syrus). — «Perdoai ao proximo, todas as queixas que tiverdes d'elle, para que as vossas faltas sejam remidas.» (Eccl., XXVIII, 2). — «Se não sabeis perdoar, Nosso Pai Celestial tambem vos não perdoará.» (S. Marcos, I, 26). — «Se te lembrares de quanto deves ao Senhor não esperarás que teu inimigo te peça perdão; mas antes com a melhor vontade lhe perdoarás para que Deus te faça o mesmo.» (S. João Chrysostomo, Hom.) — «Perdoai aos que vos odeiam, pagai-lhe o bem pelo mal, mostrai-lhe as suas injustiças provando vossas virtudes; forçando-os á admiração e ao reconhecimento, e conseguireis o maior triumpho que uma alma generosa possa desejar.» (C.[te] de Ségur). — «O perdão de Jesus Christo é o verdadeiro perdão christão.» «Perdoai-lhe meu Deus; que elles não sabem o que fazem.» «Ha n'estas tocantes palavras a desculpa dos offensores, e a consolação do offendido.» (M.[me] de Duras). — «Os inimigos tem alguma utilidade: mostram-nos as faltas e dizem-nos as verdades.» (Plutarcho). — «Amai e fazei o bem que poderdes a vossos inimigos, orai por aquelles que vos perseguem e vos calumniam.» (S. Matheus, 44).

PERDÃO DAS INJURIAS. «*Amar os inimigos e perdoar os aggravos ou injurias*, são sentimentos e virtudes, que á primeira vista, e na ponderação vulgar, parecem repugnantes, ou muito superiores á natureza do homem. — Se porém fizermos alguma reflexão acharemos que não só são sentimentos proprios d'um verdadeiro christão, mas é o proceder digno de um espirito elevado, de um coração nobre, generoso, e bem formado pela educação.

«Com effeito, o exemplo, e a doutrina de Jesus Christo bastariam para persuadir o christão a *amar os inimigos, e a perdoar as injurias*, mas o nosso entendimento póde ao mesmo tempo convencer-se pelos seguintes motivos, e raciocinios.

«Nós amamos os homens porque são nossos semelhantes, e como-irmãos. Elles assim como nós teem defeitos, e necessidade de indulgencia. Todos somos sujeitos a sermos enganados com apparencias, e a padecermos uns paroxismos, ou accessos de molestia mental, que á maneira da febre do corpo, nos encobrem por algum tempo a luz da razão, e da verdade. No caso de inimizade, ou quebra d'aquella harmonia fraternal, que deve reinar sempre entre os homens, de duas uma; ou o meu adversario tem motivo, e razão sufficiente para se resentir do meu procedimento a seu respeito, e n'esse caso eu devo apressar-me a pedir-lhe perdão, e reparar o meu aggravo; ou elle não tem razão, e então está no erro, na illusão, ou no accesso da febre ou no paroxismo da paixão, que o induz a commetter uma injustiça. Em todo o caso o seu erro, ou injustiça não me authorisa para seguir o seu exemplo, e eu devo procurar por meios prudentes trazel-o á razão, ou conciliação, ao restabelecimento da ordem, e reunião de dous irmãos e amigos, que com pena se achavam separados, e agora com muito prazer se tornam a abraçar. — Taes sentimentos, e tal proceder são bem dignos de espiritos elevados, d'almas nobres, e de corações generosos. Tal é a verdadeira philanthropia, e a caridade christã!

Perdoar as injurias é esquecer, ou apagar algum aggravo, e renunciar a toda a idéa de resentimento, castigo, ou vingança. — A primeira consideração, que a isso nos deve mover, é que se cada um fosse o aggressor havia desejar ser perdoado; e além d'isso é possivel, e por ventura provavel, que não haja mais do que uma apparencia de injuria, e não uma intenção, ou vontade certa de injuriar, ou offender, pois a nossa propria experiencia nos mostra frequentemente que cada um, ou não tinha uma determinada vontade de injuriar, ou se a teve por um momento, logo se arrependeu; e essa mesma disposição devemos nós presumir, por motivos d'analogia, n'aquelle de quem estamos offendidos.

«Ora dar mal por mal, isto é, injuriar, ou offender, a quem nos injuriou ou offendeu, é um procedimento injusto, grosseiro, e vulgar, por quanto, o erro commettido por um nosso irmão, ou amigo, não nos authorisa a fazer outro tanto, e até mesmo seria uma contradicção da nossa parte fazer aquillo mesmo que reprovamos. — Pelo contrario aquelle que perdôa mostra uma alma nobre, um coração generoso, uma delicadeza de sentimentos que lhe faz achar prazer, e satisfação em libertar o seu irmão, e amigo d'aquella sorte de captiveiro, e vexame em que o havia posto o seu erro. —Tal é o verdadeiro amor do proximo, e a verdadeira fraternidade.

«A clemencia, e o perdão dos aggravos, e offensas ennobrece a natureza do homem, e por assim dizer, o elevam e aproximam á divindade. Aquelles verdadeiros heroes que souberam perdoar, e esquecer aggravos e injurias, nos offerecem admiraveis exemplos de grandeza d'alma, exemplos que não podemos contemplar sem sentirmos uma sorte de enternecimento, e de inveja, e que com razão fizeram dizer a um poeta:

Si vaincre est d'un heros, pardonner est d'un Dieu.

«Todavia motivos mais elevados, e dignos do christão nos devem decidir a perdoar as offensas ou injurias; taes são o exemplo, e a doutrina de Jesus Christo. Elle perdoou áquelles inimigos, que o crucificaram, e pediu a seu Eterno Pai que tambem lhes perdoasse, attribuindo a ignorancia o mal, que lhe haviam feito. A todos os aggravos, e affrontas oppoz brandura e paciencia, mansidão e humildade. Recommendou a seus discipulos que se amassem, e perdoassem, pois é certo que onde ha sensibilidade, e amor, sempre ha disposição para perdoar. Na formula da oração, que o divino mestre deixou aos seus discipulos, nos ensina elle a pedirmos perdão para as nossas dividas, ou offensas, *assim como nós perdoamos*, fazendo assim dependente o nosso perdão do requisito, e condição de concedermos igual perdão aos nossos semelhantes. — Portanto é evidente que nós necessitamos, e queremos, assim por motivos de religião christã, como de razão e de boa philosophia, *amar os nossos inimigos*, suppondo-os dispostos para a reconciliação, e promovendo-a nós mesmos quanto de nós depender; e outro sim é evidente, justo, digno d'um discipulo, e filho adoptivo de Jesus Christo, perdoar aos nossos offensores os aggravos, injurias, e offensas considerando estas como filhas d'um erro passageiro, ou molestia d'alma cuja cura nós podemos, e devemos promover, e esperar.

«Nós não podemos deixar este assumpto sem referirmos um facto interessante, que encontramos na historia de França.

«Luiz XII, successor de Carlos VIII, marcou com o signal da cruz os nomes de todos aquelles, que no reinado antecedente lhe haviam feito offensas, ou mau serviço. Logo que isto constou na côrte os suspeitos começavam a ausentar-se; mas o rei chamou-os, e disse-lhes: porque vos ausentaes? A cruz com que eu marquei os vossos nomes não significa supplicio, assim como a do nosso Salvador, significa esquecimento, e perdão das injurias.

«Eis aqui o que é ser não só um rei magnanimo, mas um discipulo, e imitador de Jesus Christo.» (Filippe Ferreira d'Araujo e Castro).

PERDIZ. (Veja GALLINACEAS).

PEREIRA. (Veja ROSACEAS).

PERICLES. (Veja QUINTO SECULO).

PERIDOTO. (Veja PEDRAS).

PERLASSE. (Veja POTASSA).

PERORAÇÃO. (Veja RHETORICA).

PERSAS. (Veja QUARTO e SEXTO SECULO).

PERSEGUIÇÕES. (Veja MARTYRES).

PERSEO. (Veja QUINTO SECULO).

PERSIA. O clima da Persia é muito variavel: ao norte, pelo mar Caspio, o solo é humido e a temperatura regular, e ao centro ha um plaino elevado onde os invernos são rigorosissimos; e ao sul o calor ardente dos tropicos. O terreno é muito fertil; e a industria que em tempos foi muito activa acha-se hoje um pouco estagnada.

O europeu quando chega á Persia recebe uma impressão desagradabilissima. Alli não vê as largas ruas e magnificas casas das nossas cidades; lá só acha ruas immundas e cabanas miseraveis, sem janellas, construidas de tijolo e cercadas de muros muito altos que lhe encobrem a frontaria.

Os persas são altos, corpulentos e bem proporcionados; tem a côr escura e as feições d'uma grande regularidade. Rapam a testa a toda a largura, de maneira que só tem cabello nas fontes. Em quanto moços usam adiante e atraz das orelhas duas mechas de cabellos annelados que lhe cahem sobre os hombros. Chegados aos quarenta annos já não cuidam senão da barba de que fazem seu principal adorno. Quando casam, em lugar de receber dote dão-n'o aos parentes da noiva, pelos cuidados que tiveram da sua educação.

A maneira por que um persa entra n'uma sociedade é muito curiosa.

Por mais numerosa que seja a reunião, elle vê logo o lugar que lhe convém, e deixando as chinellas á porta vai até ao lugar escolhido sem dar palavra nem olhar para ninguem. Chegando ao tapete junta os pés endireitando-se, cruza a comprida tunica, deixa-se cahir de joelhos e senta-se sobre os calcanhares. Só então levanta os olhos e sauda a sociedade, fazendo á direita e esquerda grandes cortezias.

As persas são sem contradicção as mais formosas mulheres do mundo, sem exceptuar mesmo as georgianas e circassianas. Tomam grande cuidado com o cabello a que dão o maior apreço. Geralmente tem todas o ar de nobreza e dignidade que se nota em quasi todas as mulheres do Oriente.

«Aquecida ao sol do Oriente, cujas civilisações estacionarias immobilisam os povos de origem asiatica, a Persia tem, com tudo, um passado historico, cinge-a uma corôa brilhante de poetas e de historiadores, como é facil vêr nas obras dos orientalistas mais notaveis, o espirito dos seus filhos é vivo e subtil, a actividade da raça que a compõe immensa, derivando d'estas circumstancias a existencia de uma civilisação relativamente adiantada, embora destituida dos caracteres de progresso incessante e de iniciativa creadora que distinguem a civilisação européa.

«Isolada até hoje da corrente de idéas e de aperfeiçoamentos que impelle a humanidade para novos destinos, a Persia ha de obedecer ás leis da attracção geral, tão necessarias e infalliveis nas relações moraes e politicas dos povos como nos phenomenos physicos do universo.

«Para se operar essa revolução nas condições da sua existencia tradicional bastam apenas o contagio do vapor e da electricidade, e o contacto dos interesses, que trazem comsigo a troca dos productos, a frequencia das relações commerciaes.

«Nem se diga que esboçamos apenas uma utopia, quando vêmos a Europa e a America cobertas de vias acceleradas, e aproximando-se debaixo dos mares pelos cabos dos fios electricos, rasgado o isthmo de Suez, perfurado o Monte Cenis, estudado com a quasi certeza de bom resultado o projecto de ligar a França com a Inglaterra por um tunnel submarino. Na presença de prodigios que se repetem cada vez mais agigantados e assombrosos, quem não prevê o dia proximo em que a Persia e todo o Oriente, despedaçadas as cadêas da rotina e do fanatismo, e ligada á Europa pelos laços multiplos da electricidade e do vapor, ha de fundir-se na nossa civilisação e girar na orbita da actividade moderna?

«Quando dizemos que o Oriente ha de fundir-se na nossa civilisação, não queremos significar senão que elle ha de aproveitar, por uma assimila-

ção voluntaria e consciente, os resultados do nosso trabalho e os fructos da nossa experiencia, mas apropriando-os ao seu genio particular, fundindo-os com o resultado do seu proprio trabalho, de sua propria experiencia, creando assim um novo fundo, de que hão de resultar a par e como que distinctos na harmonia de ambos o caracter asiatico e o caracter europeu.

«Operada a transformação, caberá á Persia a missão de alumiar como um grande foco de luz os povos espalhados pela sua área civilisadora, como o Turkestan, a Tartaria, o Afghanistan, do mesmo modo que naturalmente incumbe á Turquia no futuro a missão de educar e polir as familias humanas que habitam as margens do mar Vermelho, a Australia, e as regiões que se estendem de um e do outro lado do Euphrates.» (*Commercio do Porto*).

PERSPECTIVA. 1. É a arte de representar n'uma superficie plana quaesquer objectos taes como se apresentam, vistos a uma certa distancia e n'uma dada posição. Quando ella se limita aos processos rigorosos da geometria, e por isso não emprega senão linhas, toma o nome de *perspectiva linear;* mas se é fundada na modificação da luz e das sombras, devidas á massa de ar que se interpõe ao desenhador e objecto que elle representa, denomina-se então *perspectiva aerea.* — Observando, de cima de uma varanda, um jardim que está directamente por baixo, a vista cahe perpendicularmente sobre os alegretes ou sobre os canteiros de flôres que estão no centro, e são vistos exactamente na sua verdadeira fórma, isto é: que os quadrados vêem-se quadrados e que os circulos apparecem redondos como sobre o plano *geometrico.* Descendo agora ao jardim, e observando-o a uma certa distancia, as figuras não são vistas com as mesmas fórmas: os quadrados não se mostram em quadrados e os circulos parecem ovaes; é o effeito do plano *perspectivo.*—Em uma rua traçada ao cordel, as casas, em vez de serem vistas pelo espectador em linhas parallelas, parece que se aproximam entre si á medida como se vão afastando do espectador, e que formam linhas dirigidas para um certo ponto, vertice de um angulo. Os corpos que apresentam poucas ou nenhumas linhas rectas, seguem a mesma lei, posto que o effeito seja menos sensivel; as arvores d'uma avenida ou as d'uma alameda dão d'isso prova. Este ponto de que se falla, e para o qual se dirigem as linhas que fogem diante de nós, chama-se *ponto de vista.* Está directamente em face do espectador á altura dos seus olhos, a uma distancia indefinida; sobe ou desce com os olhos. Segue-se que as linhas convergentes para este ponto mudam de direcção tantas vezes quantas o ponto muda de situação. — As principaes operações da perspectiva baseam-se no *ponto de vista.* A experiencia estabeleceu como principio, que a vista fixa não póde abraçar um objecto, qualquer que seja, senão quando o olho está, pelo menos, a uma distancia tres vezes maior que a maxima dimensão d'este objecto. Se quizermos representar, por exemplo, um lago de 30 metros de comprimento, devemo-nos collocar á distancia de 90 metros da beira. — N'um trabalho regular, é bom que o *ponto de vista* esteja no centro do quadro, pois que é natural collocarmo-nos directamente em face de um objecto para o observar. Todavia, como a natureza se póde apresentar debaixo de todos os diversos aspectos, colloca-se algumas vezes n'outra parte, mas sempre no quadro e sobre a linha de horisonte.

2. Na pratica, suppõe-se que o objecto está collocado sobre um plano horisontal, e que, perpendicularmente a este plano, está levantado outro diaphano, que se chama *quadro*, situado entre o objecto e o olho. Se do olho do espectador e por todos os pontos das arestas visiveis do objecto dirigirmos raios visuaes, as suas intersecções com o quadro determinam uma serie de linhas, cada uma das

quaes é a perspectiva da aresta correspondente. O conjuncto d'estas linhas produz no olho do espectador uma sensação analoga á do corpo, pois que os raios luminosos partem d'este contorno na mesma direcção que os que veem das arestas do corpo. Dando pois a esta imagem côres semelhantes ás que tem o objecto, poderá substituil-o quando elle não esteja presente. É á perspectiva auxiliada pelo prestigio das côres que se devem as illusões da pintura.

Chama-se *linha de terra* á intersecção do quadro com o plano geometrico. — A *linha de horisonte* é uma horisontal traçada no quadro á altura do olho do espectador. — Os *pontos de distancia* são dous pontos tomados sobre a linha de horisonte, um á esquerda e o outro á direita do ponto de vista, a uma distancia igual á do espectador ao quadro. — O ponto de vista e os pontos de distancia gozam de duas propriedades, que servem de base á theoria da perspectiva, a saber: 1.ª Todas as linhas perpendiculares ao plano do quadro, ou, o que é o mesmo, todas as linhas cujas projecções horisontaes são perpendiculares á linha de terra, vão concorrer no ponto de vista. 2.ª Todas as linhas parallelas entre si, e cujas projecções horisontaes fazem um angulo de 45 graus com a linha de terra, vão concorrer em um dos dous pontos de distancia. — Os differentes grupos de linhas horisontaes parallelas entre si, que não são perpendiculares á linha de terra, e que não fazem, com esta linha, angulos de 45 graus, vão concorrer a outros tantos pontos particulares da linha de horisonte, denominados pontos *accidentaes*. — Em fim, suppõe-se que o plano geometrico gira ao redor da linha de terra até coincidir com o prolongamento do quadro; de sorte que as projecções necessarias, como dados dos problemas, construem-se anteriormente a essa linha.

PERÚ. O Perú é atravessado em sua parte occidental pelos Andes e estes fecham de perto a costa n'uma extensão de 2:000 kilometros, formando duas cadêas parallelas entre as quaes se acha uma extensão de terreno chamado *a Sierra;* arido, escalvado, e da altura de 3:400 metros acima do mar, ou mais. Está este local sujeito a enormes variações de temperatura, e é muito doentio. Pelo contrario, ao longo da costa o clima é igual e temperado.

As minas de ouro do Baixo-Perú são as mais ricas que se conhecem, assim como as de prata.

O Perú foi habitado antigamente pelos quichuas ou peruvianos, e alguns outros povos; formando no XII até ao XVI seculo o vasto imperio dos incas, que comprehendia o territorio actual do Equador e talvez uma parte da Nova Granada e do Brazil. Seus edificios, igrejas, e soberbas estradas de 1:600 a 2:000 kilometros através dos Andes, os canaes, navios, vestuarios, armas e ornamentos, suas instituições politicas e religiosas provam o grau de civilisação a que tinham chegado.

Em 1531 estava dependente da Hespanha, e em 1821 constituiu-se em republica.

Os peruvianos ou incas, antigos habitantes do Perú, tinham como os outros povos antigos seus prejuizos, costumes, e usos. Acreditavam que o sol estava de mal com elles quando as nuvens o escureciam, e toda a nação n'estas occasiões temia as terriveis desgraças. Tambem acreditavam na doença da lua, quando havia eclipse; e se este era total imaginavam que ella estava morta ou nos ultimos paroxismos e o seu maior temor era de a verem cahir no universo, e esmagar o mundo. Então gemiam, choravam, e faziam sahir os cães constrangendo-os a ladrar á força de chicote, por que tinham a crença de que a lua amava particularmente estes animaes. De um cabo ao outro do mundo encontram-se os mesmos prejuizos nascidos da mesma ignorancia.

Antes da chegada dos hespanhoes os peruvianos não tinham conhecimento da arte da escripta. Entretanto tinham achado o meio de conservar

as suas memorias antigas e de formar uma especie de historia que comprehendia todos os factos notaveis de seu reino. Primeiramente os paes eram obrigados a transmittir aos filhos tudo o que tinham ouvido aos seus, e estas narrações renovavam-se todos os dias. Em segundo lugar suppriam a falta das letras por pinturas muito mal feitas, como as dos mexicanos, e a que davam o nome de *quippos:* eram muitas cordas de differentes grossuras, onde pela diversidade dos nós e das côres elles exprimiam uma variedade surprehendente de factos.

PERUM. (Veja GALLINACEAS).

PETROLEO. «Petroleo quer dizer *oleo de pedra*, e designa toda a substancia bituminosa liquida que mana d'entre pedras, de rochedos, ou de varios lugares na superficie da terra. É de muitas castas, que se distinguem pelo peso, calor, consistencia, e inflammabilidade. Chama-se geralmente *naphta* ao petroleo mais leve, mais transparente, e inflammavel; *petroleo*, propriamente dito, a um bitume liquido de côr pardo escuro; e *pêz*, ou *resina mineral* a um bitume negro, denso, pouco liquido, tenaz, e pegajoso. Todas estas substancias se acham em diversos lugares.

«A especie mais pura existe em grande quantidade na Persia, na costa do nordeste do mar Caspio. A terra n'estas paragens é *marna* argillosa, repassada de naphta. Os naturaes cavam poços de trinta pés de fundo, onde o oleo de naphta se ajunta pouco a pouco, e assim lhes fica facil extrahil-o. No paiz serve em vez d'azeite para as luzes; e até mesmo de lenha, que alli é rarissima, para os misteres da cozinha. Para este fim deitam nas fornalhas alguns punhados de terra, e os humedecem com o tal oleo de naphta, e largando-lhe o fogo, com a cautela de irem mexendo, e atiçando este mixto, conseguem cozer a comida tão prestes como com a lenha. É verdade que esta combustão exhala denso, e copioso fumo, de cheiro mui desagradavel, mas os tartaros já lhe estão afeitos.

«Perto d'estes mananciaes, que indicamos, jaz um territorio, de cuja superficie sahe o oleo de petroleo em quantidade immensa, e arde constantemente n'um espaço de quasi quarto de legua em redondo. Está a curta distancia do porto de Bakou (*Albanopolis*) sobre o Caspio; é o lugar da romagem dos parsios, ou guebros, e a Meca d'estes idolatras adoradores do fogo. Todos os que na India seguem a religião dos antigos Magos, ou de Zoroastro, vem a esta paragem, se podem, ao menos uma vez na vida, praticar os seus exercicios de devoção, e obter a remissão dos peccados. Aqui acreditam elles que existe o fogo perpetuo, ateado com a chamma primitiva communicada pelo céo a Zoroastro. Os peregrinos, que chegam, se acommodam em varios templos de pedra, muito antigos, que não passam d'umas pequenas abobadas; e estão cercados com uma muralha baixa, e servem tanto de capellas como de hospedarias aos devotos, sendo a mais central, que é a maior, especialmente destinada ao culto religioso. Em todas estas casas se obtem lume pela ignição do gaz, que surge do terreno, conduzido a alguma altura do nivel do chão por meio de certos tubos, ou funis encravados n'este. Produz-se a combustão applicando alguma substancia inflammavel á extremidade dos tubos. Na capella central arde constantemente o chamado fogo perpetuo dos parsios. A flamma é parecida com a do espirito de vinho; desmaiada, mas clara; sem fumo, porém acompanhada d'um vapor sulfureo, que impede a respiração a quem se lhe aproxima. Quando se extingue, ouve-se um som baixo, applicando-se o ouvido ao orificio dos tubos, e é muito perceptivel a subita queda da columna d'ar frio.

«Em outras partes da mesma provincia de Schirvan brotam mananciaes, mais ou menos copiosos, da naphta branca, e preta, de que tira o governo consideravel rendimento. A naphta branca é mais rara que a pre-

ta, de mais tenue consistencia, e de maior valor no commercio. Os russos, persas, e indios fazem subido conceito das virtudes cordiaes, e medicas d'esta substancia, e a applicam internamente para uma longa lista d'enfermidades, e como medicamento externo na cura das affecções escorbuticas, e das rheumaticas. Fornece tambem um verniz bello, e duradouro; empregam-n'a em tirar nodoas das sêdas, e estofos de lã, e dissolve perfeitamente a gomma elastica. Esta naphta fluctua na superficie de certas fontes, ou pequenos lagos, principalmente na peninsula de Apcheron, e a apanham, e guardam em jarras. A preta é um betume, ou pez mineral, a que não attribuem tantas virtudes, mas é de grande utilidade nos usos da vida, para os povos d'aquellas visinhanças do Caspio, onde é o combustivel essencial da gente pobre.

«Na Europa, em varias paragens da França, e principalmente da Italia, se acha o petroleo, e a naphta. O mais puro vem de Monte-Ciaro, perto de Placencia. Na Sicilia ha um pequeno lago encostado a uma collina, onde se divisam restos das ruinas da antiga cidade de Palica. De inverno os pequenos tanques ou caldeiras d'agua, de que se compõe, formam um só, e ainda então não excede 120 pés de diametro. De verão está repartido em cinco ou seis d'aquelles pegos. Assim, com as aguas baixas, são visiveis muitas fendas, e buracos, por onde rompem constantemente correntes de ar impuro, porém quando estão cobertas d'agua produzem pela evasão d'esse ar pequenos repuxos mui galantes. Os vapores, que de continuo passam por esta superficie são em extremo insalubres, e evidentemente de origem volcanica. Os pastores da visinhança teem a cautela de nunca apascentarem as suas ovelhas, senão em a margem para onde o vento, que sopra, não carreia os vapores do lago.

«Em Coalbrookdale, em Inglaterra, existe um manancial de petroleo, que nasce d'uma mina de carvão mineral. Estes oleos vem muitas vezes, nas paragens onde abundam, á superficie das aguas, e por isso se podem facilmente colligir. Nas alturas das ilhas de Cabo Verde já se tem encontrado grandes massas de petroleo sobrenadando no mar. Quasi sempre se acha nos lugares onde os volcões activos estão collocados nas immediações de camadas de carvão mineral; e d'este petroleo por distillação se obtem uma naphta mais artificial. Porém os chimicos do nosso tempo obtiveram outra em resultado de suas experiencias. O carvão elaborado para a formação do gaz de illuminação, deixava um liquido de cheiro mui desagradavel, chamado *alcatrão de carvão*, e que de principio foi empregado, como o alcatrão ordinario, para cobrir madeiras expostas ao rigor do tempo, etc.; porém, além do seu mau cheiro, gastava muito tempo a enxugar, pelo que cahiu em desuso. Depois se descobriu um methodo, pelo qual as mais volateis partes se separam por distillação, e resulta uma naphta artificial muito pura, em fórma de um fluido perfeitamente descorado. Começaram empregando-o, em vez de azeite, em candieiros de construcção particular, e dava uma boa luz, e clara; porém a sua mais valiosa propriedade é a de dissolver a gomma elastica, que secca, e endurece exposta ao ar; e serve a uma infinidade d'outros destinos, sendo mais um exemplo da applicação dos descobrimentos chimicos ás artes uteis da vida.

«A maior parte dos naturalistas, e dos chimicos attribuem a formação dos petroleos á decomposição dos betumes solidos, que esconde a terra, effectuada pelos fogos subterraneos. A naphta parece ser o oleo mais leve, que o fogo desembaraça primeiro: o que lhe succede, adquirindo densidade, fórma as diversas castas de petroleo. Em fim este ultimo, unido a algumas substancias estranhas, toma o caracter do *pêz mineral*, que se chama asphalto, e pissasphalto, conforme a consistencia mais ou menos forte: o que confirma esta opinião é que todas as especies de petroleos desde a *naphta* mais leve até o *pêz* ou *resi-*

na mineral, se acham frequentemente no mesmo lugar.

«O asphalto e pissasphalto abundam no Mar-Morto, na Palestina, chamada tambem Lago Asphaltite, porque encerra abundantes mananciaes de betume. Sobrenada á superficie: primeiro é liquido e viscoso, mas condensa-se a pouco e pouco, e faz-se tão duro, como resina secca. O cheiro fetido e agudo, que exhala aquelle mar, é mui nocivo á vida. Affirmam alguns que nem sustenta peixes, nem as aves o podem cruzar; porém os viajantes modernos não dão o facto por provado, e ultimamente mr. Lamartine, que diz: «A obra de alguns centos de passos do Mar-Morto disparei a espingarda e matei alguns passaros semelhantes a patos bravos, que se levantaram das margens apaúladas do Jordão. Se o ar do mar lhes fosse mortifero, não viriam tão perto arrostar os vapores mephiticos.» Este mar tem sido visto, mas não explorado, porque ainda se não tentou a sua circumnavegação. Dizem que os seus betumes serviram outr'ora para a construcção dos famigerados muros de Babylonia. Os egypcios tambem untavam com asphalto as faxas em que enrolavam os cadaveres, e reduzido a pó, misturado com o de plantas aromaticas, enchiam e tapavam com esta massa as cavidades internas das mumias, onde se tem achado perfeitamente conservado.» (*O Panorama*).

PHEDRO. Celebre fabulista latino, natural da Thracia. São desconhecidas as circumstancias de sua escravidão. Levado ainda moço a Roma, foi liberto e tratado benevolamente por Augusto; porém não teve igual consideração do successor d'aquelle principe; porque os homens de letras lhe eram odiosos. Sejano o perseguiu, ou porque se julgou indirectamente satyrisado nos elogios que Phedro teceu á virtude, ou porque de feito algumas fabulas, taes como as *rãs pedindo um rei*, ou as *nupcias do sol* hajam sido maliciosas referencias á velhice de Tiberio, ao projecto de casamento entre Libia e Sejano, etc. Ameaçado, já depois da morte de seu perseguidor, por outros poderosos inimigos, não se afoutou a divulgar suas fabulas; e assim se explica o silencio dos contemporaneos, nomeadamente de Seneca, o qual diz que Roma não tinha ainda tido fabulistas. Merecem ser lidas as conceituosas fabulas d'este poeta pela abundancia de maximas que constituem um bom tratado de philosophia moral. Temol-as traduzidas em verso portuguez por Manoel de Moraes Soares; em prosa interpretou litteralmente algumas o snr. Manoel Simões Dias Cardoso.

PHIDIAS. (Veja QUINTO SECULO).

PHILIPPE AUGUSTO. (Veja CRUZADAS).

PHILOLOGIA. «As linguas constam de phrases, estas de palavras, as palavras de syllabas, e as syllabas de sons a que correspondem na escripta certas letras.

«Seria bom que a cada som correspondesse uma só letra, e que a cada letra não correspondesse senão um unico som.

«Não acontece porém assim em nenhuma das linguas que conhecemos.

«Além d'isso ha muitos mais sons do que letras; e, mesmo nas mais pequenas nações, a pronuncia de cada palavra varía quasi tanto como n'ellas ha não só de provincias ou de comarcas, mas de bairros e de classes de cidadãos em uma mesma cidade.

«Os sons de que se compõe a falla humana distinguem-se pelos orgãos da voz que concorrem para a sua formação.

«São estes orgãos — a garganta, o paladar, as gengivas ou maxillas, os dentes, os beiços ou labios, e, combinando-se com cada um d'elles, a lingua.

«O complexo de todos estes orgãos parciaes constitue o *orgão geral* da falla.

«Aos sons que provém do orgão geral, sem um concurso especial de ne-

nhum dos orgãos parciaes, dá-se-lhes o epitheto de *vogaes*.

«Aquelles, em cuja producção se faz sentir a acção especial d'algum dos orgãos particulares, dá-se-lhes o epitheto de *consoantes*.

«Aos *sons vogaes* correspondem as *letras vogaes* a, e, i, o, u, y, *ou* ô.

«Quando, ao emittir um som vogal comprimimos as fossas nasaes, de modo que o ar expellido só passe pela bocca e não pelo nariz, dá-se-lhes o epitheto de *nasaes*, taes são, am, an, ã, em, en, im, in, om, on, õ, um, un, ym, yn.

«Aos *sons consoantes* correspondem as *letras consoantes* —

«g, c, k, q *guturaes;* porque o primeiro orgão parcial, a garganta, concorre especialmente para a sua producção.

lh, nh
ch, j, x
z, s, c, *ou* ç } *Palatinas:* orgão especial o paladar.

n, l, r, rh *ou* rr
d, t } *Maxillares:* orgão especial as gengivas.

«p, m, b — *Labiaes:* orgão especial os labios.

«f, v — *Labio-dentaes:* orgãos especiaes os labios e os dentes.

«O som vogal póde ser mais ou menos agudo, mais ou menos mudo.

«Dá-se pois o nome de *diphthongo* ao som composto de dous sons vogaes, um agudo e o outro mudo, taes são:

ae, ai, ao, au, ay
ei, eo, eu, ey
iu
oe, oi, oy
ui, uy
ãe, ãi, ão, am
eim, ein, em
õe, õi.

«Os diphthongos distinguem-se em *perfeitos* e *imperfeitos*.

«São *perfeitos* aquelles em que o som *vogal agudo* se destaca fortemente do outro som *vogal mudo:* exemplos: *subiu, riu, rio, andárão*.

«São *imperfeitos* aquelles em que o primeiro som é quasi tão mudo como o segundo: exemplos: *dubio, atrio, andaram*.

«Podem, além d'isto, ser os sons compostos de dous ou mais sons consoantes com um som vogal simples ou diphthongo, taes como:

bda, bde & cl... dr, fl, gl, mn
bl cn fr, gn
br cr gr
ct
ns, pl sc tl
pn tr
pr

«Chama-se syllaba a todo o som vogal só, bem como o que é seguido, precedido, ou seguido e precedido de sons consoantes, simples ou compostos. N'uma palavra composta de mais de um som vogal simples ou diphthongo, ha tantas syllabas, quantas são as suas vogaes, e cada syllaba consta da sua vogal, da consoante simples ou composta que a precede; e tambem da que se lhe segue, se não houver depois outra vogal; porque, havendo-a, pertence-lhe a consoante que a precede.» (Silvestre Pinheiro Ferreira).

PHILOSOPHIA. «Segundo a etymologia da palavra (*philos* e *sophia*), quer dizer *amor da sabedoria;* e tem effectivamente o seu fundamento nas tendencias naturaes do homem para a verdade e para o bem, cuja posse constitue para elle a sabedoria e a felicidade.

«Mas a satisfação d'essas tendencias naturaes depende essencialmente da intervenção da actividade humana, convenientemente dirigida, sem a qual nem ellas passariam de disposições estereis, nem a philosophia poderia constituir-se como sciencia.

«Póde pois definir-se a philosophia, considerada na sua mais lata accepção: O *diligente e bem dirigido esforço do espirito humano, procurando conhecer evidentemente, em tudo que está ao seu alcance, a natureza das cousas e explical-a por seus principios e por suas causas*.

«Costumam alguns definil-a, mais precisamente, a *sciencia dos principios* ou *das causas primeiras;* e com razão, porque ella remonta effectivamente ao exame das idéas elementares, das verdades primeiras e razões supremas

de tudo quanto existe, e da propria intelligencia que o conhece.

«Tomada n'esta accepção, póde a philosophia dizer-se a sciencia universal, comprehendendo na sua esphera todos os ramos dos conhecimentos humanos, nenhum dos quaes poderia constituir-se e assumir o caracter de sciencia, senão mediante o seu auxilio e direcção. Tal foi tambem o sentido em que a tomaram os antigos philosophos, antes da divisão das sciencias.

«Mas como ás investigações do philosopho se offerecem duas classes de objectos essencialmente distinctas, uma que constitue o mundo material ou corporeo, e se faz conhecer pela observação dos sentidos, outra o mundo incorporeo e espiritual, cujo conhecimento é do dominio exclusivo da consciencia, da reflexão e da razão, d'aqui nasceu a divisão da philosophia geral em dous grandes ramos ou secções, designando-se a primeira pelos nomes de *philosophia natural*, *physica* e *cosmologia*, e a segunda pelo de *philosophia racional e moral*, ou *philosophia* propriamente dita.

«A primeira tem por objecto o estudo da natureza dos corpos, suas propriedades, relações e leis, abrangendo no seu complexo todas as sciencias denominadas *naturaes* ou *cosmologicas*, como a *geographia*, a *physica*, a *chimica*, a *historia natural* e seus diversos ramos, etc. A segunda occupase exclusivamente do estudo da natureza dos espiritos ou causas primeiras propriamente ditas (*o homem e Deus*), e serve de fundamento ás sciencias chamadas *philosophicas* e *moraes*, como a *metaphysica*, a *moral*, a *jurisprudencia*, a *politica*, etc.» (Almeida e Azevedo).

PHILOSOPHOS ANTIGOS. «Um dos variados pontos para que os antigos sabios mais dirigiam as suas observações, era o estudo especulativo e pratico da moral.

«Existindo em épocas que não admittiam, como hoje, na palavra a ausencia da acção; em que a voz eloquente da virtude attrahia o povo aos porticos, e colhia proselytos, os philosophos da antiguidade esforçavamse por domar ás leis da theoria, da razão e da justiça, todas as paixões naturaes que, em momentos d'excitação, atacam e devoram pela raiz o raciocinio, desviam o homem do caminho da honra, e o precipitam, muitas vezes, no abysmo da ferocidade.

«Viver litteralmente ligados ás leis que prégavam, mostrar que sciencia e pratica não são cousas incompativeis, foi como um segundo problema que elles resolveram com o proprio exemplo.

«Lucrava muito a sociedade com taes estudos, mas muito mais com taes homens, porque a lição theorica pouco aproveita ao vulgo, tendente sempre a classificar os preceitos moraes dos philosophos como sobrenaturaes, malicioso subterfugio que, por fim, se aceita sinceramente como axioma, como expressão da verdade, se ninguem pratíca esses preceitos.

«Effectivamente a palavra despida d'acção, obra á semelhança d'uma bala atirada contra grossa lamina d'aço, que, resvalando, fere e mata o proprio que a despediu: o preceito e o author cahem no ridiculo, e semelhante ridiculo traz comsigo uma consequencia mais funesta ainda, qual é a desmoralisação publica.

«Na verdade quem se reputa moralmente obrigado a observar leis que seus proprios authores são os primeiros a postergar? Para o ignorante, sobre todos, que não comprehende, ou não sabe deduzir a razão e utilidade do preceito moral, que fé lhe inspirará, ou que proveito poderá reconhecer-lhe, quando desacompanhada da demonstração que todos entendem, que a todos fere, que a todos compenetra, isto é, da acção, da pratica, do exemplo? Como poderá o povo acreditar na utilidade de uma conducta, de um certo systema de vida, não observado por os que o aconselham, e nos quaes suppõem intelligencia de mais para não se enganarem em seus interesses physicos e moraes, que melhor convem á vida intima e social?

«A palavra, porém, demonstrada pela acção, é como o sol que alumia a todos: seus intensos, indestructiveis e infinitos raios penetram desde o estimulo do mais humilde cidadão, até aos estimulos difficeis dos mais opulentos e engrandecidos da terra: porque ninguem deixa de nutrir desejos, com mais ou menos vehemencia, de se pôr ao nivel d'aquelles que o publico admira, mormente quando, para ganhar esse nivel, bastam apenas vontade e resolução, habilitações que, na verdade, todos teem, ou podem adquirir sem dependencia exterior.

«O systema que os antigos philosophos seguiam de ensinar a moral pela palavra fallada e publica, não era menos rico de vantagens para a illustração e moralisação publica.

«A imprensa, que nos tempos modernos o substitue com superiores e infinitas vantagens em todos os outros pontos, não é tão util ou fecunda em fructos na especialidade das sciencias moraes, como se pensa e apregoa, nem o será em quanto o povo todo não lêr e souber lêr, isto é, em quanto o povo todo, além de conhecer as letras, as syllabas, as palavras e a pontuação, não conquistar toda a sciencia que habilita a comprehender a origem das razões, sua deducção relativa e absoluta, a sentir a força d'um argumento e de uma imagem; não souber, em fim, ou não poder, lendo, tornar-se tão senhor da materia, tão convicto e eloquente, como o author do livro estava quando o concebeu e escreveu.

«Ainda assim saber lêr d'este modo não predomina tão efficazmente sobre nós com aquella energia que faz do discurso o melhor despertador da convicção e do enthusiasmo, e do companheiro e amigo virtuoso e illustrado, o medicamento heroico, e menos amargo, contra os vicios de nossa alma e coração.

«O orador e o amigo arrebatam e convencem mais, e sempre, por uma razão dupla e intimamente ligada, qual é a da tendencia natural que nós todos temos em seguir os movimentos e impressões, de nos possuirmos do calor e persuasão de quem nos exhorta, de quem nos chama para si, de quem nos falla directamente á alma e ao coração.

«De todas estas circumstancias, por tanto, e da frequencia contínua e estavel das lições, brotava a sympathia dos discipulos e ouvintes para com os philosophos, a familiarisação com a doutrina e com a pratica.

«Um meio de mais aproximadamente achar a verdade, e que o livro não póde offerecer, usavam os philosophos, abrindo palestras, depois de haverem exposto, explicado e demonstrado as suas theorias.

«O discipulo ou ouvinte que as não tinha comprehendido bem, ou lhe pareciam deficientes ou erroneas, apresentava as suas duvidas, a que os philosophos respondiam.

«Com estes argumentos exercitava-se a memoria, a imaginação e a razão dos interlocutores, que assim aprendiam a fallar, discutir, e serem sagazes; solidificava-se mais a doutrina, e cada um sahia convicto e firme no seu juizo, succulentos fructos que o leitor não colhe.

«Foi talvez, pelas causas expostas, que os philosophos da antiguidade oravam e praticavam mais do que escreviam, e que, quando escreviam, preferiam antes expôr os exemplos de virtudes, colhidos nas acções dos seus collegas, amigos, e outros personagens, como armas que melhor ferem o desmoralisado, que certeiramente apontam ao estimulo, ao amor proprio, ao orgulho, e não dão tregoas e replica alguma, que todos vêem pelo mesmo prisma, do que divagar pelo abstracto das theorias, onde o raciocinio muitas vezes se perde, e cada um vasa a sua hypothese ou interpretação.

«Unico modo, unica logica, unica theoria de escrever moral!

«Quem seria tão louco, tão inconsequente, que se atrevesse a rir ou oppôr duvidas, a classificar de sobrenatural, ou, ironicamente, de *lindas theorias*, este periodo de Plutarco, no seu escripto intitulado — *Como se deve reprimir a colera?*

«Porque o primeiro meio de que nos devemos servir para vencer a colera, que, desgraçadamente, tão grande, tão absoluto imperio exerce sobre a alma, é resistir corajosamente ás suas primeiras impressões. Sê surdo á sua voz. Quando ella pretender fazer-vos desatar em choros, em gritos, em murmurios, enfurecer-vos até ao ponto, muitas vezes, de vos ferirdes, emmudecei. Nenhum d'estes falsos desafogos serve senão para atear o fogo d'aquella tyrannica paixão.»

«Se este conselho, se esta lei moral, não é mais do que a traducção, em palavras, d'um facto, d'um exemplo d'um homem; se este periodo é precedido d'est'outro:

«Quando Socrates apercebia sua alma agitada por alguma emoção extraordinaria e prestes a romper contra alguns dos seus amigos, é que, por meio d'um generoso esforço, abrandava mais o tom de sua voz, dando ao rosto um ar festivo e risonho. Eis como o sublime philosopho reprimia os primeiros movimentos da imperiosa paixão que pretendia dominal-o.»

«Não seria muito para desejar que nos tempos modernos apparecessem philosophos da tempera dos antigos a preleccionar e a praticar publicamente a moral, ou que, pelo menos, nos livros que sobre esta se escrevessem, se adoptasse o systema de formular a doutrina sobre os exemplos, e não de crear doutrinas para despertar exemplos, o que, parece-nos, jámais fará?

«Dir-nos-hão que por este systema é hoje impossivel escrever um livro de moral, porque não haveria com que encher uma pagina?» (Silencio).

PHOSPHORO (do grego *phôs*, luz e *phorós*, que contém). O phosphoro foi descoberto por Brandt em 1669, extrahido primeiro da ourina e depois dos ossos. No estado de pureza é solido, mas muito flexivel, odorifero como o alho e o arsenico, transparente, translucido ou negro, conforme se vai consolidando na agua, lenta ou rapidamente. A propriedade mais caracteristica do phosphoro é de espargir claridade logo que é exposto ao ar, onde se consome lentamente. Aquecido ou simplesmente friccionado encendeia-se e queima, espalhando uma luz clara, obscurecida logo por um vapor esbranquiçado e espesso, que é o acido phosphorico. Para o extrahir dos ossos, onde elle se acha no estado de phosphato de cal, reduzem-se os ossos a um pó que se trata pelo acido sulphurico; o phosphoro, acido de cal, que d'aqui resulta, é fortemente calcinado com os pós de carvão em uma retorta de barro; o vapor do phosphoro proveniente do excesso do acido phosphorico despega-se e consolida-se debaixo da agua. Esta operação é difficil e exige muitas precauções que se não podem aqui particularisar bem. — O *acido phosphorico* é solido, e incolor, amollece, depois volatisa-se com o calor, e tem grande affinidade com a agua. O carboneo o decompõe, a temperatura elevada, d'onde resulta o gaz acido carbonico, ou o gaz oxydo de carboneo e do phosphoro. O potassium e o sodium depois de o ter decomposto combinam-se no estado de oxydo com o phosphoro. O acido phosphorico obtem-se, seja queimando o phosphoro no ar ou decompondo o phosphato de ammoniaco pelo fogo, ou o phosphato de baryta pelo acido nitrico.

PHOTOGRAPHIA. «A arte de produzir as imagens dos objectos pela acção da luz, diz-se *photographia*; palavra que deriva de duas gregas *luz* e *escrevo*. O apparelho que se emprega para fixar sobre substancias sensiveis á luz, as imagens dos objectos, chama-se *daguerréotypo:* por ter sido Daguerre o inventor da photographia. A descoberta da photographia pertence a uma das muitas maravilhas que as sciencias naturaes tem presenciado no seculo actual. O estudo d'esta parte da optica é interessantissimo debaixo de muitos e variados pontos de vista; não foi só a physica quem aproveitou com a descoberta da photographia, foi a historia natural, a archeologia, etc., etc., como melhor se

poderá perceber um pouco mais tarde, depois de termos dado idéa dos processos photographicos. Vê-se pois que todos os individuos illustrados devem ter conhecimentos, mais ou menos profundos, d'este ponto sobre o qual existe um grande numero de escriptos.

«O nosso fim vem a ser apresentar em resumo o estado actual da sciencia photographica; a tarefa é ardua: que procuraremos desempenhar do melhor modo que nos fôr possivel.

«*Historia.* — A idéa de obter imagens por meio da luz é idéa antiga, assim a camara escura descoberta ha dous seculos servia para descobrir os objectos cuja imagem vinha projetar-se sobre um alvo. *Porta*, o author da camara escura, pensava que qualquer individuo, mesmo ignorante de desenho, podia copiar um objecto qualquer com a camara, bastando para isso seguir com o lapis, os contornos da imagem que se desenhava sobre o papel. As previsões de Porta não se realisaram, só os verdadeiros artistas poderam tirar algum partido da camara escura.

«Ao vêr a perfeição com que os contornos, as fórmas, e côr dos objectos, appareciam nas imagens, todos se lembraram da utilidade que teria a descoberta d'um meio, pelo qual essas imagens se podessem fixar.

«Foi porém só em 1802 que o inglez Wedgwood, apresentou uma memoria em que dizia poderem copiar-se gravuras, etc. por meio de papeis molhados em chlorureto, ou nitrato de prata; porém, diz elle, que as imagens da camara ainda são muito fracas para poderem produzir effeito sobre o nitrato de prata. (The images formed by means of a camera obscura, have been found to be too faint to produce, in any moderate time, an effect upon the nitrate of silver).

«Dary, o commentador de Wedgwood, pouco mais adiantou, conseguiu copiar alguns objectos muito pequenos ao microscopio solar.

«Vê-se pois que alguem poderia querer attribuir a descoberta da photographia aos authores inglezes, porém o papel ennegrecia todo, logo que se tirava da camara, e por tanto as imagens que n'elle se tinham formado desappareciam, só podendo conservar-se na obscuridade. Por tanto o problema estava ainda sem ter sido resolvido.

«Em 1765 nasceu José Nicephoro Niepce em Chalon do Saone; José, e Claudio Niepce, seu irmão, eram artistas e já inventavam machinas, já aperfeiçoavam outras. Por esse tempo começára a lithographia a estabelecer-se em França: a attenção de Niepce (José) desviou-se toda para este novo campo, e foi dos ensaios lithographicos que veio a nascer a photographia, procurando lithographar em laminas metallicas.

«Foi em 1814 que tiveram lugar os primeiros ensaios de Niepce, cujo ponto de partida foi a acção da luz sobre o betume de Judéa, o qual se faz branco na parte sobre que actua aquelle agente. Niepce tomava uma estampa, envernisava-a pela parte posterior, a fim de a fazer mais transparente, e applicava-a sobre uma lamina de estanho, que estava coberta de betume de Judéa. As partes escuras da estampa não deixavam passar a luz e por isso a camada subjacente ficava com a côr negra que lhe é natural; porém as partes transparentes deixavam-se passar pela luz, e os raios indo cahir sobre o betume o faziam branco. Vê-se pois que se póde obter facilmente a reproducção de qualquer desenho, do modo que fica dito, e a imagem fica com as sombras e claros na sua situação natural. Se depois expozesse tudo á luz; as sombras desappareceriam, porque todo o betume se faria branco; era necessario ter algum meio para evitar isto. Niepce descobriu que a essencia de alfazema tinha a propriedade de dissolver todo o betume, que não tinha sido impressionado.

«Em 1824 Niepce levando á camara escura, uma chapa de cobre, coberta de uma lamina de prata, sobre a qual havia uma camada de betume de Judéa, e deixando-a ahi por muitas horas, lavando-a depois, do mes-

mo modo, que para o primeiro caso, conseguiu o grande fim de poder ter as imagens por meio da luz. Foi pois Niepce o verdadeiro descobridor da photographia.

«Como o fim dos trabalhos de Niepce era obter gravuras, com facilidade tinha resolvido a questão cujo estudo inventára, pois tratando as chapas pelos acidos, conseguia que ellas fossem atacadas só na parte descoberta, servindo a camada de betume de proteger o resto, isto é, os claros.

«O processo que acabamos de descrever, era ainda muito imperfeito, por ser necessario muito tempo para que a substancia sensivel se impressionasse, e d'ahi resultava que as sombras indo-se deslocando em conseqnencia das differentes posições da luz, a imagem ficava confusa. Era impossivel applicar-se o novo processo á tiragem dos retratos.

«Por esta época Daguerre, o author do diorama, pintor acreditado, pelo partido que tirava da luz para illuminar seus quadros, alguns dos quaes eram admiraveis; occupava-se tambem de photographia, mas debaixo d'um outro ponto de vista, elle pretendia fixar as imagens da camara escura. Em 1825 sabendo Daguerre por M. Chevalier, o celebre constructor de instrumentos opticos, que na provincia havia alguem que trabalhava em sentido analogo, estabeleceu relações com M. Niepce. Alguns annos depois, em 1829, associaram-se os dous artistas, e então Niepce declarou a Daguerre tudo que sabia de photographia.

«O unico merecimento de Daguerre em relação á descoberta da sciencia photographica, foi o pretender sempre conservar a imagem sobre a chapa, e não servir-se d'ella para a gravura. O acaso, como veremos, lhe revelou a utilidade da applicação dos vapores do iode, o que foi um grande passo para o aperfeiçoamento da sciencia. O problema ainda estava incompletamente resolvido em 1833, época da morte de Niepce. Depois Daguerre continuou a trabalhar, e foi o primeiro que descobriu os agentes reveladores, isto é, que as imagens sendo invisiveis ao sahir a chapa da camara escura, se tornam visiveis pela exposição aos vapores mercuriaes, descoberta a mais importante, depois da da applicação do iode.

«Para concluirmos a historia da photographia em chapa, diremos que a 7 de janeiro de 1839 M. Arago annunciou á academia das sciencias a descoberta de Daguerre. O processo foi secreto até o governo o comprar. A 15 de junho o governo concedeu a Daguerre 6:000 francos de pensão e ao filho de Niepce 4:000; a differença da somma dada a cada um proveio de Daguerre declarar tambem o segredo do diorama.» (A. J. da Silva).

«*Novo processo photographico.* — Na revista scientifica da «France» encontramos a seguinte noticia: «O snr. L. Vidal, secretario da sociedade photographica de Marselha, communicou á academia um processo de photographia a côres, sem auxilio do crayão nem do pincel, e por meios puramente photographicos. A photographia não tem dado até hoje, como é sabido, senão imagens monochromas, quer negras, quer de côres diversas, graças á vulgarisação em grande escala do processo dito a carvão, o qual permittia obter imagens azues, vermelhas, verdes, de qualquer côr emfim.

«O snr. Vidal, usando d'esta faculdade e depois de laboriosas investigações, applicou-a á producção de provas polychromas por meios puramente photographicos, como dissemos, mas analogos no seu emprego ao modo conhecido de impressões a côres, processo que elle denominou polychromia lithographica.

«Attento o dominio já tão vasto da sciencia photographica, a invenção do snr. Vidal trará ás bellas-artes e á industria novos e excellentes recursos.»

PHRENOLOGIA. (Veja Psychologia).

PHYSICA. Primitivamente a physica abrangia o estudo de toda a na-

tureza, a descripção dos seres e dos corpos, o conhecimento de suas diversas propriedades e acções reciprocas, em fim o estudo de todos os phenomenos que os seres offerecem á percepção de nossos sentidos; mas logo depois a accumulação dos conhecimentos fez necessaria a divisão. Primeiramente extremou-se o estudo dos phenomenos inorganicos do estudo dos seres organisados; isto é, a *zoologia* e a *botanica*, as quaes classificam os animaes e as plantas segundo os seus caracteres externos; a *anatomia*, que as estuda e compara em sua estructura intima; e a physiologia, que explica os diversos phenomenos que se produzem nos orgãos. Da physica geral, assim reduzida aos phenomenos da materia inerte, separou-se a *astronomia*, ou estudo dos phenomenos celestes.

Feita esta segunda subtracção, ficou a physica limitada ao estudo dos phenomenos inorganicos terrestres, e foi depois dividida em tres sciencias distinctas: a zoologia, especie de anatomia inorganica, a qual, subsidiada pela mineralogia, disseca, por assim dizer, o globo terrestre, a fim de estudar as diversas camadas que o constituem; a *chimica*, que decompõe, que combina os corpos da natureza, estudando-lhe os elementos simples, e investigando-lhes as leis que os regem nas suas acções reciprocas; e finalmente a *physica*, que attende especialmente aos phenomenos naturaes de que não resulta alteração permanente nos corpos que lhe são subordinados.

PHYSIOLOGIA. (Veja PSYCHOLOGIA).

PINHEIRO. (Veja CANIFERAS).

PINHEL. «Esta pequena cidade acha-se situada no cimo e falda meridional de um pouco elevado monte, na provincia da Beira Baixa, districto administrativo da Guarda, cinco leguas ao nordeste da cidade d'este nome, quasi outras tantas a éste da villa de Trancoso, e quatro da fronteira do reino de Leão. Proximo dos seus muros, pelo lado de éste, corre a ribeira de Riba-Pinhel, que a uma legua d'ahi entra no rio Côa.

«Não ha noticia certa da sua fundação, que todavia alguns authores attribuem aos turdulos, quinhentos annos antes da era vulgar. É igualmente desconhecida a sua historia até ao principio da monarchia, em que el-rei D. Affonso Henriques a levantou das ruinas em que jazia, fazendo-a povoar, e dando-lhe foral. D. Sancho I, querendo premiar os grandes serviços prestados pelos moradores de Pinhel nas guerras contra os mouros, deu-lhe novo foral em 1189, concedendo-lhe entre outros privilegios, não serem obrigados a trabalhar em quaesquer obras de fortificação; não pagarem colheita a el-rei; e serem isentos do tributo de portagem em todo o reino.

«El-rei D. Diniz, que muito cuidou na segurança do paiz, fortificando os lugares da fronteira, que mais se prestavam para a defensa, mandou edificar em Pinhel um castello de cantaria, com duas mui altas torres, pelos annos de 1312.

«El-rei D. José obteve do papa Clemente XIV a creação do bispado de Pinhel em 1770 (hoje supprimido), e por esta occasião concedeu a esta antiga villa o titulo de cidade. Tinha voto em côrtes com assento no nono banco. O seu brasão d'armas, conforme está na Torre do Tombo, é um pinheiro verde em campo de prata. Entretanto na casa da camara d'aquella cidade vê-se um escudo, tendo de um lado as armas reaes, e do outro um pinheiro verde, com um falcão em cima, intitulando-se *Pinhel Falcão, guarda-mór de Portugal*. Dizem que o falcão é uma memoria de um que se tomou a el-rei D. João I, de Castella, na batalha d'Aljubarrota. A alcaidaria-mór d'esta cidade andava na casa dos condes d'Alvor.

«Pinhel é cercada de muros, com seis torres, e seis portas, chamadas da *Villa*, de *Santiago*, de *S. João*, de *Marrocos*, de *Alvacar*, e de *Marialva*.

«Parte da povoação está dentro dos

muros, com as parochias de Santa Maria do Castello, e de S. Martinho; parte está fóra, com a igreja, que serviu de cathedral, e mais tres parochias, que são: Santo André, o Salvador, e a Santissima Trindade.

«Tem casa da misericordia, fundada pelo doutor João de Videira, natural de Pinhel; hospital, diversas ermidas, e um convento de freiras franciscanas, da invocação de S. Luiz, que fundou pelos annos de 1600 Luiz de Figueiredo Falcão, secretario de Philippe III, de Hespanha. Em 1620 um filho do fundador trouxe de Roma para a igreja d'este convento o corpo de S. Caio, papa, e martyr, o qual lhe foi dado pelo summo pontifice Paulo V.

«A povoação é abastecida d'agua por tres fontes, a do Passareiro e de Marrocos, no recinto das muralhas, e a do Bispo, fóra d'elle. D'esta fonte até á ribeira de Riba-Pinhel, que é o espaço de meia legua, estende-se um delicioso valle, cheio d'hortas, regadas por innumeraveis nascentes de excellente agua.

«Consiste a principal cultura do termo em cereaes, vinho, azeite, legumes, e frutas. Ha n'elle creação de gado, e caça.

«Pinhel conta apenas uns dous mil habitantes.» (Vilhena Barbosa).

PINTURA. «Signaes caracteristicos para conhecer as oito differentes escólas de pintura:

«Seculo XIII. — *Escóla senence.* — Foi estabelecida por Guido de Sena, nascido em 1191 e fallecido em 1280. Os professores d'esta escóla tiveram particularmente um estylo energico na invenção, graciosas physionomias, um colorido vistoso, e um bom desenho. Mas a parte em que mais se mostraram grandiosos foi na composição; seguiram pouco o antigo e o bello ideal; e usaram, excepto alguns, de côres algum tanto vivas, e oppostas a uma suave harmonia.

«Seculo XIII. — *Escóla florentina.* — Estabelecida por João Cimabue, que nasceu em 1240, e morreu em 1300. Os caracteres que distinguem esta escóla, são um estro poetico, um pincel livre e correcto, e um estylo nobre e grandioso. Nos seus quadros, porém, pouco gosto se acha do bello antigo, e as mais das vezes falta no colorido, ou por muito desfallecido, ou por demasiadamente forte.

«Seculo XIV. — *Escóla flamenga.* — Foi erecta por João Van-Eyk, nascido em 1370, e fallecido em 1441. Este famoso artista foi quem inventou a pintura a oleo. As qualidades distinctas d'esta escóla são uma perfeita intelligencia de claro-escuro, um bem acabado sem seccura, um pincel gracioso, e uma douta união de tintas locaes.

«Em quanto pois aos seus defeitos, imitou quasi sempre a natureza servilmente, tal qual em si mostra, e não qual deveria ser. É bastante numerosa esta escóla, porque comprehende tambem a hollandeza e allemã. Mas a maior parte das suas pinturas só representam bambochatas, banquetes, paizes, frutas, flôres.

«Seculo XV. — *Escóla veneziana.* — Foi fundada por Gentil Bellini, que nasceu em 1419, e morreu em 1501. Os professores d'esta escóla teem um douto colorido, uma summa intelligencia do claro-escuro; toques cheios de graça, uma fiel imitação da natureza; e pelo contrario um desenho pouco correcto, e pouco conveniente á historia e ao bello antigo, são geralmente os caracteres pelos quaes se distinguem as obras d'esta escóla.

«Seculo XV. — *Escóla lombarda.* — Foi estabelecida por A. André Montegna, nascido em 1451, e fallecido em 1517. Foi elle o inventor de abrir as estampas a buril.

«Os caracteres que distinguem esta escóla são um bom gosto de desenho, formado sobre a bella natureza, se bem inteiramente moderno: graça e colorido que surprehende, disposição magnifica, expressão engraçada com transparentes contornos, são os distinctivos typos d'esta escóla, á qual é unida tambem a genoveza; mas ambas ellas falham na pouca intelligencia da historia e do antigo, bem como

igualmente a veneziana, de quem esta se originou.

«SECULO XV. — *Escóla romana.* — Foi erecta por Raphael Sanzio de Urbino, que nasceu em 1483 e morreu em 1520; o qual, apesar de ter vivido sómente 37 annos, excedeu os outros em tudo aquillo que a arte póde ter de mais sublime. Os seus distinctivos caracteres são um gosto formado sobre o antigo, um desenho exactissimo, uma expressão erudita, um estro cheio de imaginação, e enriquecido de tudo aquillo que uma fervida phantasia póde inventar de mais bello e de mais pathetico. A maior parte dos professores d'esta escóla usaram comtudo uma composição caprichosa, se bem elegante, e careceram tambem d'aquelle attractivo colorido da escóla veneziana e flamenga; defeito commum de todos que desenharam correctamente. Esta escóla traz a sua origem de florentina.

«SECULO XVI. — *Escóla franceza.* — Foi fundada por Francisco Primaticcio, nascido em 1490, e fallecido em 1570. É cousa bem difficultosa assignar a esta escóla caracteres distinctivos; porque cada um em particular dos seus artistas escolheu e estudou d'aquellas obras que mais lhe agradaram, e segundo ellas regulou a sua maneira. Porém, fallando geralmente, póde dizer-se que os pintores francezes se tem feito admirar no genero do historico, mas ordinariamente são amaneirados, de pouco bom colorido, e bem longe estão da belleza do antigo.

«SECULO XVI. — *Escóla bolonheza.* — Foi estabelecida por Ludovico Caracci, que nasceu em 1555, e morreu em 1619. Os caracteres distinctivos d'esta escóla são grande gosto de desenho formando sobre o antigo, e sobre a bella natureza; côres muito naturaes; contornos fluidos; e uma rica disposição com um toque judicioso, nobre, e engraçado. Soube formar um composto do bom e do bello das outras escólas, e é-lhe devedora a pintura por ter-se opposto ao gosto amaneirado, que n'aquelles tempos dominava na Italia. Deduz sua origem da escóla lombarda.» (A. C.)

«PINTORES, DESENHADORES, E MINIATORES PORTUGUEZES. — *Affonso Sanchez Coelho.* — Foi discipulo de Raphael em Roma, e de Antonio Moro em Hespanha, e seguiu a escóla do primeiro, segundo Palomino.

«Foi pintor de D. Philippe II, a quem muitas vezes retratou, e teve grandes estimações d'este principe, e de sua irmã a princeza D. Joanna, mãi d'el-rei D. Sebastião.

«O papa Gregorio XIII, Xisto V, os duques de Florença e Saboya o estimaram e honraram em grande maneira. A sua casa era frequentada pelo cardeal Grambellas, pelos arcebispos de Toledo e Sevilha, por D. João de Austria, pelo principe D. Carlos, etc. D. Philippe II lhe chamava o *Ticiano portuguez*, e passava muitas vezes por um transito reservado para o vêr pintar.

«Lope de Vega o elogiou e celebrou no seu *Laurel de Apollo.* Falleceu pelos annos de 1600.

«Ha d'elle no Escurial, em differentes lugares, e capellas da igreja:

«*S. Gregorio e S. Ambrosio.*

«*S. Basilio M., e S. Athanasio.*

«*S. Jeronymo, e Santo Agostinho.*

«*S. Paulo, e S. Antão, abbade.*

«*S. Lourenço, e Santo Estevão, martyres.*

«*S. Vicente, e S. Jorge, martyres.*

«*Santa Clara, e Santa Escolastica.*

«*Santa Paula, e Santa Monica.*

«*Santa Catharina, e Santa Ignez.*

«*S. Bento, e S. Bernardo.*

«Veja-se Volkmar Machado a pag. 66, e Ponz, *Viagem em Hespanha.*

«No folheto intituládo *Distribucion de los Premios...* pela real academia de S. Fernando, 1781, pag. 67, referindo que Philippe II appellidára este artista o *Ticiano portuguez*, acrescenta, que elle era merecedor d'este nome pelo *exacto desenho*, e *bello colorido*, que brilha em seus retratos. *Jámais* (diz este escriptor) *artista algum se viu tão favorecido da fortuna como Sanchez Coelho.*

«*Alvaro Mourato.* — Era *pintor*, e com este titulo o acho nomeado em

documento da Batalha do anno 1592.

«*Alvaro de Pedro* (*Peres*). — O *Diccion. de Architect.*, etc. por C. F. Roland le Virloys, de que fallamos em outros lugares, faz menção de Alvaro de Pedro, pintor portuguez, que vivia em 1450, e teve reputação.

«*André Gonçalves.* — Pintor, discipulo de D. Julio Cesar de Femine, bom pintor genovez, que por muito tempo morou em Lisboa. Adquiriu tanta franqueza, e liberdade na pintura, que fez infinito numero de obras para a côrte e para as igrejas em estylo tão bello, e correcto, que se tivesse feito estudos em Italia, teria excedido todos os pintores da sua nação. Teve iguaes talentos para a figura dos homens, e para a dos animaes, que perfeitamente imitava ao natural. Tal é o juizo do *Diccion.* acima citado. Veja-se o que diz de André Gonçalves e de suas obras Volkmar a pag. 88. Falleceu em 1762 com 70 annos e meio de idade.

«*Antonio Maciel.* — É qualificado como *pintor de fama* por fr. Luiz de Sousa na *Vida do Arceb.*, liv. v, cap. v., e diz que por ordem do arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus tirára o retrato do veneravel D. fr. Bartholomeu dos Martyres, pouco antes do fallecimento d'este grande prelado.

«*Avellar.* — Veja-se em seus logares — José de Avellar Rebello, e Braz de Avellar.

«*Antonio Campello.* — Veja adiante Campello, Manoel.

«*Bento Coelho.* — D'este pintor portuguez falla o douto litterato Francisco Dias Gomes, nas suas poesias, na Elegia 1.ª, ás Musas, not. 11, aondediz: «Bento Coelho, que floreceu no principio do seculo XVIII teve mui viva imaginação: não se conhece pintor, que tanto pintasse como elle, o que foi causa de se descuidar algum tanto da correcção. A maior parte das igrejas antigas de Lisboa estão cheias de pinturas d'este grande mestre, do qual existem quadros de grande numero de figuras, todas com expressão propria do assumpto, fazendo partes interessantes d'aquelle todo, no que mostra ter possuido a poetica da sua arte em grau sublime. E se a nação portugueza fôra mais cuidadosa em celebrar os grandes homens, que em Portugal tem illustrado as artes, este notavel artifice seria conhecido de todas as nações cultas.» Veja Volkmar a pag. 83 e seg.

«O *Diccion.* de Roland le Virloys diz que Bento Coelho vivia em 1680, e falla da grande facilidade com que pintava, e da grande multidão d'obras que fez, e logo continua: «Apesar da velocidade, com que pintava os seus quadros, acha-se n'elle um não sei quê de agradavel, e um colorido fresco e bello. Alguns da sua primeira maneira até são estimados como bons pelos conhecedores e professores, etc.»

«*Bartholomeu de Cardenas.* — Foi portuguez, segundo Palomino. Fez muitas obras, que se acham em Valladolid, e trabalhou até o anno 1606 em que falleceu aos 59 de idade. Veja Volkmar, pag. 70, e Ponz, *Viagem de Hespanha*, tom. II, cart. 3.

«*D. Bernarda Ferreira de Lacerda.* — Celebre escriptora portugueza, bem conhecida por suas poesias, e outras obras. D'ella diz Rebello, na *Descripção do Porto*, que ninguem no seu tempo a igualára nas artes do *debuxo*, e *miniatura*.

«*Braz de Avellar.* — Fr. José Pereira de Santa Anna, na *Chronica do Carmo*, tom. I, pag. 580, diz que no retabolo da capella-mór do Carmo de Lisboa eram apainelados os vãos entre as columnas, e se viam cobertos *de admiraveis pinturas de um famoso pintor, que então existia* (refere-se aos annos de 1548-1551) *chamado Braz de Avellar.* Estes paineis ainda existiam em 1745 na sacristia do convento, ornando a parede do nascente, e representavam a Purificação de Nossa Senhora, a fugida para o Egypto, e a Annunciação.

«*Braz Pereira.* — Filho de Fernan Brandão, guarda-roupa do infante D. Fernando. Veja-se a respeito d'este artista o art. *Francisco de Hollanda*, que em seu lugar havemos de escrever, e tambem Volkmar a pag. 63.

«*Campello* (*Antonio*). — Pintor por-

tuguez, que floreceu em tempo d'el-rei D. João III. Foi discipulo de Miguel Angelo Buonarota, em Roma, e seguiu o seu estylo na força do desenho, mostrando mais intelligencia no colorido, como disse Felix da Costa, citado por Volkmar a pag. 56 e seg. D'onde vem dizer este artista escriptor, que se póde applicar a Campello o que de Tibaldi disse Luiz Carache, isto é, que soubera modificar a *fereza do desenho* do grande mestre, e tornal-o mais agradavel, sem prejudicar a sublimidade da sua maneira.

«D. Francisco Manoel, no *Hospital das letras*, nomeando os portuguezes, que se distinguiram nas sciencias e artes, põe Camões em poesia, Rezende em antiguidades, e Campello em pintura. (Veja a obra, pag. 456).

«O *Diccion.* de Roland le Virloys tambem diz que pintou com bom desenho e grande estylo, segundo a maneira de seu mestre.

«Foi obra de Campello a rua da Amargura, na escada de Belem, que bastava (diz Volkmar) para prova da sua primazia. Este artista lhe attribue a *Coroação de espinhos*, e a *Resurreição*, no claustro de Belem, etc.

«*Claudio Coelho.* — Portuguez, pintor celebre, falleceu em Madrid em 1693.

«Foi discipulo de Francisco Ricci, pintor d'el-rei D. Philippe IV (3.º de Portugal), e veio a ser um dos melhores pintores de Hespanha, tanto a oleo, como a fresco.

«Uma das suas mais excellentes obras é o quadro, que está no altar da sacristia do convento do Escurial, representando Carlos II com os senhores da sua comitiva, ajoelhado diante do Santissimo Sacramento, que o prior do convento tem nas mãos, em acção de desaggravo da profanação da sagrada hostia, que tinha sido lacerada por um impio. (*Tableau de l'Espagne moderne*, par Mr. Bourgoing. Paris, 1803, tom. I, pag. 227).

«Ponz, na *Viagem de Hespanha*, fallando do mesmo quadro, diz: «Está alli Carlos II ajoelhado; o celebrante com a custodia na mão, cuja capa, e as dalmaticas do diácono e subdiácono parecem de verdadeiro brocado. Todos os senhores da côrte, que assistiram, estão retratados, bem como el-rei, os religiosos, e os mais concorrentes. Em summa, o quadro é a mais perfeita imitação do successo. O seu campo é a perspectiva da abobada, e parte da propria sacristia, interrompido de algumas figuras allegoricas, de virtudes, e anjos, com certa cortina, que enriquece a composição. Se as pinturas (conclue Ponz) que mais se aproximam á verdade dos objectos, são as melhores, poucas creio que se acharão, que mais mereçam do que esta.»

«O illustre gravador Francisco Bartolozzi, de que fallamos em seu lugar, gravou este quadro a pedido de Antonio d'Araujo d'Azevedo, ministro que foi de Portugal em Hollanda, Russia, e França, e depois ministro e secretario d'estado em Portugal, conde da Barca, grande amador das bellas-artes, natural de Ponte do Lima, minha patria.

«Claudio Coelho foi pintor do rei, e do cabido de Toledo, e ha paineis seus em muitas igrejas da Hespanha.

«Em Saragoça, no collegio dos padres Agostinhos, de S. Thomaz de Villa Nova, valeu-se o arcebispo D. fr. Francisco de Gamia, de Claudio Coelho, fazendo-o ir da côrte para executar uma das melhores obras que fez a *fresco*, pelos annos de 1685. Pintou na cupula a Santissima Trindade, com gloria de anjos: encheu as paredes de ornatos varios, e nas dos arcos, que formam o cruzeiro, representou os SS. Simplicio, Fulgencio, Alipio, e Patricio. Ao lado da epistola se retratou Coelho a si mesmo. (Ponz, *Viag.* etc., tom. XV, etc.)

«As pinturas que Ponz attribue a Claudio Coelho, são as seguintes:

«1. Nas Agostinhas descalças de Santa Isabel o *quadro de S. Philippe.*

«2. Nos Trinitarios calçados algumas *pinturas da cupula.*

«3. Na igreja real de Santo Isidro as *pinturas da cupula.*

«4. Na mesma igreja *algumas das pinturas a fresco* da capella de Santo

Ignacio, e outras tambem a *fresco* na abobada e porta da sacristia.

«5. Na parochia de Santo André as *pinturas do retabolo de S. Roque.*

«6. Na casa chamada da Panadaria, na Praça Maior, ha *um salão*, e *uma ante-camara* pintada por Claudio Coelho, e Donozo.

«7. Na parochia de S. Nicolau um *S. João*, e o *quadro da Apresentação de Nossa Senhora*, na sacristia.

«8. Na igreja dos Premonstratenses *varias pinturas.*

«9. Na igreja do Rosario, dos padres Dominicos, um *quadro grande de Nossa Senhora, e a seus pés S. Domingos*, ao lado do presbyterio. E no altar de S. Domingos os *quadros de S. Jacintho*, e *Santa Catharina.*

«10. Na parochia de S. Gines os quadros collateraes da *Annunciação*, e da *Adoração dos pastores.*

«11. Na parochia do mosteiro de S. Martinho as *pinturas dos retabolos collateraes.*

«12. Na igreja das Franciscanas, do cavalleiro de graça, a *Sacra Familia, S. João Evangelista, S. João Baptista, S. Francisco, Santo Antonio, S. Bernardino.*

«13. Nos Carmelitas descalços uma *cabeça do Salvador.*

«14. Na casa dos beijamãos do palacio uma *Nossa Senhora*, e *S. Fernando* de joelhos diante d'ella.

«15. Em Salamanca, na igreja de Santo Estevão dos padres Dominicanos, um bom quadro do martyrio do Santo, etc.

«*Cyrillo Volkmar Machado.* — Veja-se a sua obra, que tantas vezes temos citado, intitulada: *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e esculptores, architectos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiveram em Portugal, recolhidas e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado, pintor ao serviço de sua magestade o snr. D. João* VI. Lisboa, na imprensa de Victorino Rodrigues da Silva, anno de 1823, em 4.º

«Esta obra, que o author deixou ms. e recommendada para a impressão ao muito reverendo conego da insigne collegiada de Santa Maria, Luiz Duarte Villela da Silva, grande amador das bellas-artes, e muito amigo do mesmo author, sahiu á luz pelos cuidados d'este douto ecclesiastico, que lhe fez alguns additamentos.

«A pag. 302 e seg. vêem as memorias do author, que nos dispensam de as repetir aqui.

«*Christovão Lopez.* — Veja-se Volkmar, a pag. 67.

«O *Diccion.* de Virloys, que temos citado, diz que era de Lisboa, que fallecera pelos annos de 1600, e que fôra discipulo de Affonso Sanchez Coelho, o que tambem diz Palomino, que fôra artista illustre, e que obtivera d'el-rei D. João III a ordem da cavallaria.

«Pintou (diz ainda o mesmo *Diccion.*) muitos objectos da historia sagrada para as igrejas do reino, e de Hespanha; e posto que no seu tempo ainda dominava a *maneira sêcca*, elle se desviou d'ella, e operou com mais mimo (*morbidez*) do que os seus contemporaneos. Pintou muitas vezes o retrato d'el-rei, que foi applaudido de toda a côrte.

«Achamos que se lhe attribuem os paineis da capella-mór de Belem, etc.

«*Domingos Antonio de Sequeira.* — Deve vêr-se a memoria d'este illustre artista em Volkmar, a pag. 148, que nos dispensa de fazer longo este artigo, repetindo o que já se acha escripto.

«Vi em casa de Sequeira, no anno de 1821, o panorama de Lisboa, em que andava trabalhando.

«Sequeira sahiu de Portugal em 1823, quando foi abolido e perseguido o systema constitucional, e dirigiu-se a França. «Ahi, diz um author estrangeiro, immortalisou o seu nome e o da sua nação com o magnifico quadro que no anno de 1824 expoz no Louvre, representando a scena dos ultimos momentos da vida de Camões.»

«De França passou o nosso artista a Italia, aonde, entre outras obras, pintou quatro quadros, representando o nascimento, a morte, a resurreição, e a ascensão do Senhor, os quaes lhe deram grande nome.

«Falleceu em Roma a 8 de março de 1839.

«*Diogo Pereira Pintor.* — Falla d'este artista Volkmar a pag. 75. Foi estimadissimo na representação de fogos, incendios, torres queimadas, purgatorios, inferno, e outros semelhantes assumptos. Tambem pintava com magisterio homens do campo, illuminados pela lua, ou pela fraca luz de uma candêa: e finalmente, frutos, flôres, bambochatas, e paizagens, ornadas de pequenas figuras, de excellente gosto.

«As suas obras são procuradas em França, Inglaterra e Italia, e ha, ou havia muitas em Lisboa. Falleceu septuagenario, depois do anno de 1658.

«*Domingos da Cunha.* — Nasceu em Lisboa no anno de 1598, sendo seus paes Gregorio Antunes, e Margarida Pereira, os quaes vendo o filho inclinado á pintura, lhe deram mestre, com quem aprendeu os primeiros rudimentos d'esta arte.

«Passou depois a Madrid, aonde se aperfeiçoou nos primores da arte com Eugenio Cajêz, pintor de D. Filippe II, observando ao mesmo tempo, e estudando as obras de outros artistas, que não faltavam então n'aquella côrte.

«Voltou a Portugal, com grande aproveitamento, e foi em seu tempo o pintor de melhor nome, sendo vulgarmente conhecido pelo appellido de *Cabrinha,* nome que lhe deram pela sua figura. Teve pensamentos de discorrer pela Europa para communicar com os melhores pintores; mas os seus amigos lhe desvaneceram esta idéa.

«Suas obras eram muito estimadas e desejadas: retratava com muita naturalidade: os fidalgos procuravam á porfia ter obras de Domingos da Cunha nas suas salas e galerias, distinguindo-se entre elles D. Francisco de Castro, inquisidor geral, D. Manoel da Cunha, capellão-mór, o conde camareiro-mór, etc.

«Em o noviciado dos jesuitas de Lisboa havia mais de cincoenta paineis da sua mão, a vida de Santo Ignacio, a de Santo Xavier, a de Nossa Senhora, os da igreja e claustro, etc.

«Retratou muito ao natural el-rei D. João IV. Foi celebre a pintura que fez de S. Francisco de Assis, a qual em occasião de concurso obteve preferencia a todas as mais. O mesmo succedeu com a de S. Francisco Xavier.

«Em 30 de março de 1632, tendo 34 annos de idade, tomou o habito de irmão na companhia de Jesus, e falleceu a 11 de maio de 1644. (Veja a *Imagem da Virtude em o Noviciado da companhia de Jesus.* Lisboa, pelo P. Franco, pag. 485, e o *Agiologio lusitano,* ahi citado).

«Na *Historia da apparição, e milagres da Lapa,* pelo P. Antonio Leite, 1639, em 16.º, se faz menção de um religioso da companhia, que vivia pelos annos de 1635, *celebre pintor,* author de vinte e quatro paineis, que se viam n'aquella ermida da Lapa, nos quaes se admirava (diz o author) «o temperar das tintas, o menear do pincel, o acommodar das côres, a propriedade das roupas, a viveza dos rostos, o natural das figuras, o talho dos corpos, a symetria dos membros, a graça dos semblantes, a elegancia dos cabellos, as linhas da perspectiva. Louva-se em particular a viveza e propriedade do painel da pastorinha Joanna, com a cestinha das maçarocas, etc.»

«Conjecturamos que este pintor seria o Domingos da Cunha, de que aqui tratamos.

«*Domingos Rodrigues* (*Fr.*) — Ponz, na sua *Viagem de Hespanha,* tom. XII, cart. VII, §. 61, diz que o claustro dos padres Agostinhos calçados de Salamanca está adornado de uma porção de quadros, que representam martyrios, e tem a firma *Fr. Dominicus Rodriguez Lusitanus,* anno 1682.

«*Domingos Vieira Serrão.* — Desenhou o desembarque de D. Philippe II em Lisboa, gravado por João Schorkens, de que fallamos no catalogo dos *gravadores.* (D. Philippe II deve entender-se 2.º do nome em Portugal, que era o Philippe III de Castella).

«*Duarte D'armas.* — Veja-se Volkmar Machado a pag. 55.

«Damião de Goes, na *Chron. d'el-rei D. Manoel*, pag. 2, cap. 27, caracterisa a Duarte D'armas de *grande pintor*, e diz que traçára e debuxára as entradas dos rios, e situações das terras de Azamor, Çalé, e Larache em Africa, no anno de 1507.

«Esta mesma noticia é repetida por Faria e Sousa, na *Afr. Portug.*, cap. VII, n.º 31, aonde diz, que pelos annos de 1507, querendo el-rei D. Manoel guerrear os reis de Fez, Mequinez, e Marrocos, enviára lá D. João de Menezes, com quatro navios, para sondar as barras de Azamor, Mamora, Çalé, e Larache, acompanhado de alguns cavalleiros, com os quaes ia Duarte D'armas, grande desenhador.

«O mesmo Damião de Goes, na *Chron. do principe D. João*, cap. IX, refere, que desejando el-rei D. Manoel ter a imagem da celebre *estatua equestre*, que se achou na ilha do Corvo, ao tempo do seu descobrimento, mandára um seu criado, debuxador, que se chamava Duarte D'armas, que a fosse tirar pelo natural, e que vendo el-rei o debuxo, mandára um homem engenhoso, com apparelhos para desmontar e trazer a Portugal aquella notavel antigualha.

«No real archivo da Torre do Tombo, no armario 15, da *casa da corôa*, se conserva um livro em pergaminho, com 139 folhas numeradas, além das 4, que tem no principio, sem numeração, e entrando nas 139, tres, que tem no fim, em branco. O titulo d'este livro é o seguinte:

«*Este livro* he das fortalezas, que «sam situadas no estremo de portu-«gall e castella, feyto por *duarte d'ar-«mas*, escudeyro da caza do muyto «alto, e poderoso, e serenissymo Rey «e senhor dom emanuell ho prymey-«ro, Rey de portugall, e dos algarues «daquem e dallem maar em afryca, «senhor de gujnee e da conquista e «navegaçaaom, e comercyo de Ahio-«pia, arabya, persia, e da India, «etc.»

«Segue-se o indice, e logo o desenho de 60 fortalezas, que occupam 120 folhas, porque cada uma d'ellas vem em dous mappas, e com duas vistas, umas do norte e do sul, e outras do nascente e poente.

«Na folha 120 verso diz:

«d'aqui se começa a *prata-fórma* «das fortalezas atrás debuxadas, com «suas alturas e larguras de muros, e «barreyras, etc.»

«Segue-se a *Tavoada* das mesmas fortalezas em *prata-fórma*, isto é, a *planta-baixa* d'ellas, que corre desde folhas 121 até folhas 132.

«Todos os desenhos d'esta obra são feitos com a maior exacção, desempenho, e aceio, e mostram bem a grande pericia do artista. Alguns d'elles, cujos originaes ainda existem nas fortalezas do reino, provam a exacção e fidelidade do desenhador.

«Deve ainda advertir-se que posto que no titulo da obra pareça limitar-se o artista a desenhar as fortalezas da fronteira, por onde visinhamos com terras de Castella, se acha com tudo alli o desenho de todas as mais, que circumdam Portugal, incluindo as maritimas, que áquelle tempo existiam. O que tudo faz esta obra digna de singular apreço, ou se considere com relação á historia, ou com respeito á arte.

«Os desenhos são todos feitos á penna.

«*Fr. Eusebio de Mattos.* — Entrou na religião da companhia de Jesus, em 1644, e depois passou para a Carmelitana. Foi caprichoso pintor, maiormente no desenho, diz o beneficiado João Baptista de Castro, mappa de Portugal, tomo 2.º, edição de 1763, pag. 361.

«*Fr. Philippe das Chagas.* — Dominicano. Na obra intitulada = *Prendas da Adolescencia* = impressa em 1748 em fol., se lê que este religioso escrevera um livro de pintura, symetria, e perspectiva.

«*D. fr. Fernando de Tavora.* — Foi religioso dominicano, confessor d'el-rei D. Sebastião, e bispo nomeado para o Funchal. Foi insigne pintor, e havia obras suas no convento de Bemfica. (Veja Sousa, *Historia de S. Domingos*, pag. 2.ª, liv. 2.º, cap. 12, e adiante o artigo = *D. fr. Henrique de S. Jeronymo*).

«*Fernam Gomes.* — Foi discipulo de Miguel Angelo. *Memor. histor. do minist. do pulpito*, pag. 135.

«Vem nomeado entre os bons pintores portuguezes no *Discurso sobre a utilidade do desenho*, impresso em 1788, em 4.º Veja-se Volkmar, pag. 68.

«Vivia em 1580, e fez de bom estylo differentes obras nas igrejas de Lisboa, e em outras terras do reino.

«*Francisco de Hollanda.* — Floreceu no tempo d'el-rei D. João III, e de el-rei D. Sebastião, e foi filho de Antonio de Hollanda. O appellido de *Hollanda* nos indica, que estes dous artistas tinham acaso vinculos de parentesco com o famoso pintor Lucas de Hollanda, natural de Leyde, cidade capital da Rheinlandia.

«A expensas, e de mandado d'el-rei D. João III, passou Francisco de Hollanda a Italia, aonde, das antigualhas que viu, tirou muitos desenhos, como logo diremos. O nosso fr. Heitor Pinto o compára de algum modo a Miguel Angelo no *Dial. da vida solitaria.*

«Existem na bibliotheca real de Madrid dous livros *da pintura antiga* d'este artista, ambos dedicados a el-rei D. João III. O primeiro é dividido em 44 capitulos, o derradeiro dos quaes trata de *todos os generos e modos de pintar.* O segundo, escripto em fórma de dialogo, consta de quatro partes, nas quaes se trata da nobreza e excellencia da profissão de pintor; do valor e serviços da pintura, assim na paz, como na guerra; e da estimação, em que as nações tem esta arte e as suas obras. Segue-se a relação dos pintores, que então eram modernos, outra dos famosos illuminadores; outra dos famosos esculptores em marmore; outra dos architectos; outra dos entalhadores em laminas de cobre; e outra finalmente dos corniolas. Acaba com os proverbios que ha na pintura.

«O primeiro d'estes livros tem no fim: «acabei-o de escrever hoje dia de S. Lucas Evangelista em Lisboa, era 1548.»

«O segundo: «acabei-o de escrever, sem emendar, em Santarem, hoje quinta-feira, tres dias do mez de janeiro, na era de Nosso Senhor Jesus Christo de 1549.»

«Ha mais na dita bibliotheca real de Madrid composto pelo nosso artista o «Dialogo sobre o tirar polo natural, tido no Porto entre Francisco de Hollanda, e Braz Pereira, que foi filho de Fernam Brandão, guarda-roupa do infante D. Fernando.»

«D'estas duas obras, de que acabamos de fallar, ha uma copia na academia real das sciencias de Lisboa, aonde a examinei por ordem da academia, e votei pela sua impressão, sendo eu então director da classe das sciencias moraes, e bellas letras. No archivo da academia deve estar o meu parecer. A copia creio que foi tirada em Madrid, quando lá foi em serviço da academia o snr. monsenhor Ferreira Gordo. A copia, que parece ter sido tirada por escrevente castelhano, tem bastantes erros, alguns já emendados por letra do snr. Gordo, outros faceis de se emendarem, sem alterar o texto.

«Compoz mais o nosso Francisco de Hollanda um *livro de debuxos*, que se conserva na livraria do real mosteiro do Escurial, e tem como titulo: *Reinando em Portugal el-rei D. João* III, *Francisco de Hollanda passou a Italia, e das antigualhas, que viu, retratou com sua mão todos os desenhos d'este livro.*

«Começa pelos retratos do S. P. Paulo III, e de Miguel Angelo, illuminados. Vem depois os melhores pedaços de antiguidades de Roma, o amphitheatro de Vespasiano, as columnas Trajana e Antoniana, os tropheos de Mario, o templo de Jano, o de Baccho, o de Antonino e Faustina, e o da Paz; os baixos relevos de Marco Aurelio, o Septizonio de Septimio Severo, e outros muitos monumentos, e partes de ruinas, como cornijas, frizos, capiteis, etc. Ha mais no mesmo livro vistas de Veneza e de Napoles, debuxadas com grande perfeição, alguns sepulchros da Via-Appia, o amphitheatro de Narbona, estatuas antigas, etc.

«O proprio author, no livro 2.º da pintura antiga, se jacta de algum modo d'estes seus estudos e trabalhos, quando diz= «Que fortalezas, ou cidades estrangeiras não tenho eu ainda no meu livro? que edificios perpetuos, e que estatuas pesadas tem inda esta cidade (Roma) que lhe eu já não tenha roubado? e leve sem carretos, nem navios em leves folhas? que pintura de estuque, ou brutesco se descobre por estas grutas, e antigualhas assim de Roma, como de Puzol, e de Bajas, que se não ache o mais raro d'ellas pelos meus cadernos riscados, etc.»

«Existe ainda mais, ou existia, na real bibliotheca de sua magestade fidelissima um manuscripto em 4.º d'este celebre artista, intitulado *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, o qual passou á bibliotheca real da do conde do Redondo, aonde o vira o beneficiado João Baptista de Castro, que d'elle faz menção no *Roteiro terrestre de Portugal*, edição de 1767, pag. 4.

«Não sabemos se é este mesmo ms. ou se é outro como elle, o que se acha na academia real das sciencias em 4.º; o que porém podemos affirmar é que o da academia parece original, pois tem as licenças para se imprimir, datadas de 1576, e mostra ser escripto em 1571.

«Tambem por ordem da mesma academia o examinamos, e ácerca d'elle demos o nosso parecer. N'este se acham muitos desenhos feitos pelo author *á penna*.

«Na primeira obra de Francisco de Hollanda, de que acima fallamos, pareceu-nos digno de notar-se:

«1.º Que fallando elle dos *famosos illuminadores da Europa*, nomeia no primeiro lugar a seu pai Antonio de Hollanda, como superior a todos (os então modernos) n'aquella bella arte.

«2.º Referindo o juizo de Carlos V, que preferia o seu retrato feito por Antonio de Hollanda, ao que em Bolonha tinha feito Ticiano, nomeia testemunhas, que assim o ouviram ao imperador, acrescentando comtudo, que Ticiano excedia a seu pai Antonio de Hollanda.

3.º Diz de si mesmo, que sendo ainda moço dava lições de desenho aos infantes, filhos d'el-rei D. Manoel.

4.º Na relação dos famosos pintores, então modernos, nomeia mestre Jacome, italiano, pintor d'el-rei D. João, de boa memoria, isto é, d'el-rei D. João I.

«5.º Ahi mesmo nomeia tambem o pintor portuguez, que pintou o altar de S. Vicente de Lisboa, e em outro lugar diz: «Quero fazer menção de um pintor portuguez, que merece memoria, pois em tempo meio barbaro quiz imitar n'alguma maneira o cuidado e a discrição dos antigos italianos pintores; e este foi Nuno Gonçalves, pintor d'el-rei D. Affonso, que pintou na sé de Lisboa o altar de S. Vicente, e creio que tambem é da sua mão um Senhor atado á columna, que dous homens estão açoutando, em uma capella do mosteiro da Trindade, etc., etc.» Veja-se Volkmar, pag. 61.

«*Francisco Vieira.* — Denominado o *Vieira Lusitano*. Nada podemos acrescentar ao que diz Volkmar ácerca d'este grande artista portuguez, a pag. 99 da sua *Collecção de memorias* etc., tantas vezes citada.

«Nasceu em Lisboa a 4 de outubro de 1699, e parece que falleceu em 1783.

«Antes de ir a Roma, desenhou: *a Oração do Horto, S. Pedro chorando a culpa, a Magdalena penitente, S. Thiago a cavallo perseguindo os agarenos.*

«Volkmar menciona o seu famoso quadro da tomada de Lisboa aos mouros que estava no templo dos Martyres, e se queimou pelo terremoto de 1755.

«Na mesma catastrophe arderam tambem:

«O retrato do primeiro patriarcha de Lisboa.

«Os retratos da familia real.

«O magnifico quadro de Perseo, que estava no palacio do conde das Galvêas.

«Pintou tambem:

«O quadro da Assumpção de Nossa Senhora, e de seu Filho sahindo a re-

cebel-a na gloria, assumpto dado por el-rei, e cujo desempenho mereceu grandes louvores d'este principe.

«O Eterno ordenando a Moysés que fosse acabar a vida sobre o monte Nebo, e Moysés no fundo do monte, despedindo-se de Eleazar, de Josué, e do povo, para começar a subida.

«A côrte de Plutão e Proserpina: e ahi Orpheo, pretendendo commover os monarchas infernaes a lhe entregarem a sua Euridice, etc.

«Eu possuo o desenho do celebre quadro da Adoração dos Reis, esboço, em lapis vermelho, d'este grande mestre.

«Deve vêr-se a obra intitulada: *O pintor insigne, e leal amante*, escripta por elle mesmo, e impressa em Lisboa, em 1780, em 12.º, aonde se vêem com individuação, e fidelidade notavel os successos da sua vida, dos seus progressos nas artes, das suas obras, etc.

«*Estevão Gonçalves.* — Volkmar falla d'elle a pag. 46 e lhe dá o nome de Estevão Gonçalves Neto.

«Foi este ecclesiastico abbade de Serêm, e depois conego na sé de Vizeu.

«Desenhou e pintou em miniatura o *lindissimo missal*, que ficou do padre Mayne, religioso da terceira ordem de S. Francisco, e se conservava no gabinete da livraria dos padres terceiros (do convento de Jesus), administrada pela academia real das sciencias de Lisboa.

«Foi começada esta admiravel obra em 1610, sendo o seu author abbade de Serêm: foi por elle mesmo continuada, quando já era conego de Vizeu, e acabada em 1622, como consta das subscripções, que n'ella se lêem em differentes lugares.

«O author a offereceu a D. João Manoel, da casa de Tancos, bispo de Vizeu, depois de Coimbra, e ultimamente arcebispo de Lisboa, o qual como fundador e padroeiro do convento de Jesus, a deu para a igreja do mesmo convento, aonde tem o seu jazigo.

«Eu vi esta obra em 14 de junho de 1837, e me pareceu, que era superior a tudo o que tenho visto do mesmo genero, tanto pelo bello desenho das figuras, como pela viveza, harmonia, e suavidade das côres, junta com a mais fecunda e notavel variedade de ornamentos.

«*D. Filippa.* — Foi filha do illustre e infeliz infante D. Pedro, duque de Coimbra.

«São conhecidas as composições litterarias d'esta senhora; e acho em memoria particular, que deixára por sua morte ás religiosas do mosteiro de Odivellas um ms. seu, que continha as homilias aos evangelhos de todo o anno, com varias imagens e figuras por ella debuxadas, com a perfeição que era propria da sua habilidade e pericia na arte.

«*Francisco Vieira.*— É denominado o *Vieira Portuense*, por ser natural da cidade do Porto, e para o distinguir do *Vieira Lusitano*, de que ha pouco fallamos.

«Deve vêr-se o que a respeito d'este excellente artista escreve Volkmar a pag. 139. Falleceu em 1805 de 39 ou 40 annos de idade.

«*Francisco Taca.* — Acho este nome acompanhado do titulo de *pintor* em documento do real mosteiro da Batalha do anno 1566.

«*Garcia de Rezende.* — É muito conhecido entre nós este litterato, que foi criado d'el-rei D. João II, e escreveu a sua vida, e outras obras.

«Debuxava muito bem, como elle mesmo diz de si na dita obra da vida d'aquelle principe, aonde refere que el-rei lhe mandava fazer muitos debuxos, e ás vezes o fazia trabalhar em sua presença, louvando-lhe esta prenda, e dizendo, que a desejava ter como a tinha e estimava seu primo o imperador Maximiliano, etc. (Vide a vida d'el-rei D. João II, cap. 200).

«Por ordem d'el-rei, fez o desenho para o forte de Belem (a torre de Belem) que depois fez executar el-rei D. Manoel. (Ibid. cap. 180).

«*Gaspar Dias.* — Pintor portuguez, que vivia nos principios do seculo 16.

«Foi mandado a Roma por el-rei D. Manoel, e foi discipulo de Miguel Angelo (*Memor. do minister. do pulp.*,

pag. 135), em cuja escóla fez grandes progressos.

«O celebre philologo e critico Francisco Dias Gomes, que já outra vez citamos na elegia 1.ª ás Musas, nota 11, diz que Gaspar Dias fôra contemporaneo do gran Vasco, discipulo de Raphael e de Miguel Angelo; que tivera grande correcção de desenho; que fôra notavel na expressão das paixões; e que tivera suavidade de pincel, pelo que (acrescenta) é reputado o Raphael portuguez.

«São seus os dous grandes paineis do Senhor resuscitado, e do Senhor crucificado no claustro de Belem. O da vinda do Espirito Santo na tribuna da igreja da Misericordia, que se diz feito em 1534, e restaurado por Guarenti em 1734, é uma das suas mais bellas obras.

«Na igreja parochial de S. Pedro da villa de Celorico da Beira, no altar do Menino Deus, ha um painel antigo da *Circumcisão*, obra de Gaspar Dias. «Este painel (diz o snr. conego Villela) é um milagre da arte; tem suavidade de pincel, e todas as figuras mostram viveza de expressão. O colorido é admiravel; e em todas as suas perfeições mostra que o author possuia a poetica da arte em grau sublime: qualidades, pelas quaes Gaspar Dias merece o nome de Raphael portuguez, e que o fazem sobresahir muito a Vasco, Pero Perugino, Reinoso, Avellar, e outros grandes artistas, que no dourado governo de D. Manoel, e D. João III tanto acreditaram a nação.»

«*Henrique José da Silva.* — Engenhoso e egregio pintor do nosso tempo, que adornou as collecções da academia real das sciencias de Lisboa com duas estampas de quadros da sua invenção, e abertas pelo famoso Bartolozzi: uma das quaes representa lord Wellington, conde do Vimeiro, cercada de varias figuras allegoricas, e a outra o retrato do conde de Trancoso (lord Beresford), marechal e commandante em chefe do exercito portuguez, sobre um pedestal, em que se vê pintado um dos acontecimentos mais memoraveis da sua gloriosa carreira militar em Portugal. (*Memor. da acad. real das scienc. de Lisboa*, tom. III, part. 2.ª, pag. 11. Lisboa, 1814).

«*D. Heliodoro de Paiva.* — Foi collaço d'el-rei D. João III, conego regular de Santa Cruz de Coimbra, e sabio distincto. Teve grande pericia na arte da pintura. (*Mappa de Portugal*, tom. II, pag. 362). Vivia em março de 1550.

«Parece ser o mesmo de que fallam as *Memorias historicas do ministerio do pulpito*, pag. 135, aonde se lhe dá (por equivocação, ao que parece, ou por erro typographico) o nome de D. Hilario de Paiva.

«Foi tambem instruido na bella arte da musica, e deixou composições suas que se conservavam no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Acho que fôra natural de Lisboa.

«*Fr. Henrique de S. Jeronymo.* — Religioso dominicano, natural de Santarem, irmão de D. fr. Fernando de Tavora, de que já fallamos, e ambos discipulos do veneravel D. frei Bartholomeu dos Martyres. Foi mui perito na pintura, de que se conservavam mostras no seu convento de Evora, assim como de seu irmão em Bemfica. Entre as de fr. Henrique, se distinguiam a Transfiguração, N. Senhora, o Baptista no altar-mór, e o *Ecce Homo* no capitulo, das quaes todas, sómente são obra sua os rostos das figuras, porque o mais é obra de Morales, pintor de fama, que então vivia em Badajoz. (*Hist. de S. Dom.*, pag. 2.ª, liv. 2.º, cap. 12). Veja-se o *Diccion. de Roland le Virloys*, aonde se diz que este religioso pintor vivia em 1530. Este respeitavel padre foi depois bispo de Cochim, e arcebispo de Gôa.

«*Jeronymo Côrte Real.* — Este celebre poeta portuguez foi tambem perito na arte da pintura. Elle mesmo, dedicando a el-rei D. Sebastião o seu poema do *Segundo cerco de Diu*, impresso em 1574, diz assim:

«E porque a leitura he grande, *de-* «*buxei de minha mão* os combates, os «soccorros, e tudo o mais, que no de- «curso deste trabalhoso cerco succe-

«deo, para que a *invenção da pintura* «satisfaça á rudeza do verso, etc.»

«N'essa mesma obra se lê um epigramma de Luiz Alvarez Pereira, em louvor do poeta, no qual se diz:

«De Apelles victorioso ouve a corôa.»

«Outro epigramma de D. Jorge de Menezes attribue ao poeta:

«O que em Lino, em Apelles nos espanta.»

«Um soneto de Bernardes, numerando os dotes do author diz:

«Orpheu a voz lhe deu, Apollo a lyra,
«Amor a branda penna, Marte a lança,
«E o seu proprio pincel a natureza.»

«Finalmente o Ferreira, em outro epigramma, que vem nas suas obras, feito em louvor de Côrte Real, diz:

«No pincel vences natureza e arte.»

«*D. Ignacia Pimenta Cardote.* —No museu de pinturas do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães, existia um bello quadro, que representava a *Familia Sagrada*, notado com o numero 258, o qual tinha a subscripção=*D. Ignacia Pimenta Cardote a fez an.* 1717.=

«*João de Abreu Gorjão.* — Nas *Memor. de Malta*, impressas em 1734, vem o mappa geographico de Malta delineado por este artista, como consta da subscripção, em que elle se qualifica de *geographo de sua magestade.*

«*João André Chiape.* — Ainda em 1818 vivia e trabalhava na cidade do Porto; e parece ter sido discipulo de João Glamma, de que logo fallaremos. Seguiu a escóla romana, e é da sua mão o quadro da *Senhora das Dôres*, que estava no museu de Tibães, numero 257.

«*João Glamma Stroberle.* — Darei a respeito d'este artista a cópia das informações originaes, que pude obter, escriptas por João André Chiape, de que ha pouco fallei, amigo de João Glamma, e creio que seu discipulo. Dizem assim:

«João Glamma Stroberle, lusitano, pintor da escóla romana, nasceu em Lisboa em 1708.

«Nos seus primeiros annos foi applicado ao estudo das letras, tempo que elle repartia na cultura do desenho, a que era muito inclinado.

«A sua propensão para a pintura fez com que fosse pensionado pela côrte, e enviado a Roma, onde em mui breve tempo fez progressos tão grandes, que excedeu os seus companheiros de estudo na academia de S. Lucas d'aquella capital, e alcançou o premio que n'ella se concede áquelles alumnos que se distinguem sobre os seus concorrentes.

«Copiou com assidua diligencia as obras de Raphael, e tudo o que Roma conserva de preciosidades gregas, a que os pintores chamam vulgarmente o *estudo do antigo.*

«Para se aperfeiçoar na pratica da arte, teve por conductor e mestre a Marcos Benefial, pintor classico, e bem conhecido pelas excellentes obras que d'elle existem, tanto na basilica de S. Pedro, como em outras igrejas de Roma.

«Foi associado na Arcadia Romana, e eleito pelos academicos d'ella, debaixo do nome de *Pastor Talarco Alesiano*, que lhe cahiu por sorte.

«Depois de uma residencia de 18 ou 20 annos n'aquella cidade, voltou para Lisboa (não sei se por ordem da côrte) onde mostrou com admiração o seu raro talento, e genio superior, na decoração do theatro real, em que foi empregado. Veio depois ao Porto visitar o bispo D. fr. José Maria da Fonseca e Evora, seu Mecenas em Roma, no tempo dos seus estudos, e ficou hospedado no paço. Em quanto aqui se demorou, fez varias obras, que foram muito applaudidas.

«Por fallecimento do bispo, acontecido em 1751, ou 52, não sei se embarcou d'aqui para Londres, ou se voltou a Lisboa. O certo é, que no anno do terremoto de 1755 lá se achava (em Lisboa) e que depois d'essa época tornou para esta cidade (do Porto) com a sua familia, e aqui viveu largos annos até o seu fallecimento que foi no de 1792.

«Este illustre artista, que faz honra á sua nação pelos raros talentos, de que era dotado, possuia todas aquellas qualidades, que formam um perfeito pintor, e que difficilmente se acham reunidas em um só sujeito: porque era um grande desenhador (parte a mais essencial da pintura) mui correcto e judicioso nas suas composições, instruido na historia, tanto sagrada, como profana, na poesia, fabula, mythologia, allegoria, architectura, perspectiva, expressão, anatomia, etc. Além d'estes e outros attributos, tambem possuia o dom da presteza, e por isso na sua longa carreira produziu muitas obras em todos os generos, porque em todos era feliz, e principalmente no retrato, em que foi eminente; pois só n'esta cidade, me disse elle um dia, tinha feito uns seiscentos e tantos. Entre elles, são para notar os das pessoas ecclesiasticas, que ou fosse por sympathia, ou gosto particular, exprimia com tal verdade, que á primeira vista fazem illusão. Os seus desenhos em lapis vermelho são preciosos, especialmente os que representam assumptos historicos, ou fabulosos. Não deixou discipulos, porque não era do seu genio admittil-os.

«*Memoria de algumas obras de João Glamma:* «O talento d'este sabio pintor foi pouco conhecido, ou aproveitado nas decorações publicas n'esta cidade (do Porto), onde viveu largos annos, talvez pelo pouco gosto, que n'ella se encontra em materia de pintura: e só alguns particulares curiosos occuparam o seu pincel em obras avulsas, ou retratos, de que o publico não goza. Comtudo em algumas igrejas se acham quadros seus, ainda que em pequeno numero, entre os quaes merece attenção o do altar-mór de S. Nicolau, allusivo ao Santissimo Sacramento, porque foi pintado nos bellos dias do author. Os de S. João Novo, e Senhora da Victoria são igualmente de grande estimação para quem tem conhecimento e gosto. Tambem havia outro na igreja do Carmo, que merecia bem a pena de ser visto, mas foi substituido por outro de differente assumpto, e de mão que não conheço, não sei por qual motivo. Eu conservo o esboço, ou pensamento do que desappareceu, pintado a oleo pelo mesmo Glamma.

«São tambem da sua mão os quadros, que decoram os altares lateraes da sé de Braga, entre os quaes ha alguns mais especialisados, taes como o de S. João Baptista, Santa Barbara, S. Sebastião, etc.

«O seu famoso quadro do terremoto de Lisboa, acontecido no 1.º de novembro de 1755, póde ser considerado como uma das suas melhores producções, tanto pela riqueza da sua composição, e arranjamento, como pela variedade, e multiplicidade dos objectos que contém. É quadro original, ou singular no seu genero, porque o author dizia, lhe não constava, que houvesse entre os pintores antigos, ou modernos, quem tivesse tratado semelhante assumpto, ao mesmo tempo que se acham obras excellentes, representando outras calamidades, taes como diluvio, guerras, pestes, etc., mas de terremoto não consta haver exemplo.

«Elle foi espectador da triste scena que o quadro representa, segundo dizia, porque, na occasião d'aquelle funesto acontecimento, se achava ouvindo missa na igreja das Chagas, da qual fugiu logo que presentiu o tremor, e se refugiou, ao través do aperto, em sitio largo, d'onde pôde observar tudo o que em tal conflicto aconteceu de mais lamentavel n'aquelle bairro. De tudo o que presenceou, fez memoria e apontamentos para organisar a sua composição, de que dava cópia fiel a todas as pessoas do seu conhecimento, que desejavam vêr esta obra interessante, a qual o author não pôde de todo terminar, por lhe faltar a vida; mas assim mesmo se póde considerar como acabada.

«Os inglezes d'aquelle tempo, que eram muito seus apaixonados, e sabiam apreciar o seu merecimento pelo muito que o occupavam, quizeram rifar-lhe o quadro no estado em que se achava, ao que elle não assentiu, menos que o não terminasse. A sua

familia é a que o possue presentemente, e o conserva em bom estado esperando a occasião favoravel de o passar com alguma reputação.

«Outras mais obras de grande merito poderia referir, d'essas poucas que lhe vi pintar, e de que tenho noticia, se ellas podessem ser vistas com facilidade: mas como são possuidas por particulares, podem-se considerar como thesouros escondidos.

«Até aqui as informações de Chiape. Depois que éllas me vieram á mão, constou-me que a familia de Glamma, provavelmente obrigada da necessidade, fez com effeito rifa de varias pinturas d'elle, entrando n'ellas o quadro do terremoto, no valor (se bem me lembro) de seiscentos mil reis. Eu entrei n'esta rifa, mas não sei a quem cahiu aquella pintura.

«No museu do mosteiro de Tibães, eram de Glamma o quadro de Santa Maria Magdalena, n.º 67, e o que representava um navio, numero 246. Veja Volkmar, pag. 135.

«*Joaquim Raphael.* — Os paineis do museu de Tibães n.º 31, que representa a Senhora da Soledade, e o n.º 57, que representa uma paizagem, são d'este artista, bem como o Genio de pintura, que está no meio do tecto da primeira sala, e que eu lhe vi pintar, quando elle foi do Porto ordenar as pinturas do museu que então se estabelecia de novo.

«Joaquim Raphael veio depois para Lisboa, aonde está n'este anno de 1839, com o titulo de *primeiro pintor de sua magestade*, membro e lente da academia das bellas-artes, etc.

«*Josepha de Ayala* ou *Josepha de Obidos.* — Veja-se o que d'ella e das suas obras diz Volkmar, a pag. 77. Nós já a nomeamos entre os gravadores, e achamos em memoria que fôra eminente na pintura de flôres, frutos, cordeirinhos, etc.

«*José Teixeira Barreto.* — Já d'elle dissemos alguma cousa na lista dos gravadores. Veja Volkmar a pag. 298.

«*José de Avellar.* — Veja Volkmar, pag. 76. O *Diccion. de Roland le Virloys* diz: *Avellar* (*José de*). Pintor portuguez, que vivia pelos annos de 1640, pintava figuras a oleo, recebia encommendas de todas as terras de Portugal, e fez muitas pinturas para a *bibliotheca patriarchal.* As suas obras o fizeram tão rico, que comprou, e fez edificar muitas casas em Lisboa, as quaes occupavam uma rua inteira chamada a *rua d'Avellar.* A este pintor parece dever-se referir o que diz o *Diccion. histor.*, ediç. de 1804, art. *Avellar*, etc.

«*D. Isabel Broun.* — Foi filha de Duarte Pequerim e mulher do doutor Pedro Broun, natural da cidade do Porto. Viveu no seculo XVIII, e foi delicadissima em pintar a oleo, e singular em retratos. As suas pinturas são mui procuradas por seu excellente gosto. (Veja Rebello, *Descripção do Porto,* pag. 370).

«*D. Isabel de Castro.* — Foi filha do primeiro marquez de Fronteira, e condessa de Açumar. Teve grande erudição, e pintava e escrevia perfeitamente com applauso das pessoas intelligentes n'estas artes. Falleceu em 1724.

«*D. Isabel Maria Rita.* — Natural da cidade do Porto, filha de Francisco Pequerim e de Joanna Pequerim. Passou a Hespanha no seculo XVIII, e lá se distinguiu, entre os melhores professores, nas artes da pintura, risco e debuxo, sendo singular na miniatura. (Rebello, *Descrip. do Porto,* pag. 370).

«*Joseph Caetano de Pinho.* — Cladera, nas *Investigaciones historicas sobre los principales descobrimientos de los Españoles,* etc., impressas em Madrid, 1794, em 4.º, diz que o retrato do duque de Alcudia, com que ornou a sua obra: *se ha debuxado por el original de Joseph Cayetano de Piño y Silva, natural de la ciudade de Oporto.*

«*Isidoro de Faria.* — A capella-mór da collegiada igreja matriz da villa de Celorico da Beira foi apainelada em quadros por este artista.

«Trabalhou tambem na igreja parochial de S. Pedro da mesma villa, como refere o douto amador das artes o conego Luiz Duarte Villela da Silva no seu *Compendio historico da villa de Celorico da Beira*, aonde diz

que alli *mostrou o celebre artista Isidoro de Faria o seu grande genio; pois o painel de S. Pedro, que fica no meio d'este lindo edificio, entre vistosas e delicadas tarjas, é tão bem acabado, que a meu vêr não tem preço: e se este famoso pintor tivesse mais correcção de desenho, teria dado tanta gloria á villa de Trancoso, sua patria*, quanta lhe resulta de ter dado o berço ao grande historiador o P. João de Lucena.

«*D. Luiza de Faria.* — Filha do douto escriptor Manoel de Faria e Sousa, teve entre outras muitas prendas a da pintura. D'ella é o retrato de seu pai que vem gravado na obra: *Retrato de Manoel de Faria y Sosa*, mui parecido com o original. (Veja a dita obra, §. 16).

«*Luiz Alvares de Andrade.* — Foi homem de vida exemplar, filho espiritual do veneravel fr. Luiz de Granada, e qualificado como *pintor celebre* no *Agiolog. Lusit.* not. ao dia 3 de abril. (Volkmar, pag. 72).

«*Fr. Luiz de Bastos.* — Religioso carmelitano, do qual diz fr. José Pereira de Santa Anna (*Chron.*, tom. I, pag. 584) que fôra na pintura o mais insigne de quantos este reino conheceu no seu tempo. *E posto* (diz) *que começou a mover os pinceis por curiosidade, ou por força de inclinação, veio depois a constituir-se tão senhor d'elles, que não sahiu da sua mão pintura alguma, que aos melhores artifices não sirva ou de admiração, ou de modêlo.*

«*Luiz da Costa.* — Nasceu em Lisboa em 1509, foi pintor e discipulo de Sebastião Ribeiro. Traduziu do italiano, de Alberto Dureiro quatro livros da symetria do corpo humano, com o quinto de Paulo Galario Saludiano: ms. em folha. (É a noticia que nos dá o *Summario da biblio. lusit.* de Barbosa).

«*Luiz da Cruz Moreira.* — Dá noticia d'este artista Rebello, na *Descrip. do Porto*, pag. 340, dizendo que fôra natural d'aquella cidade, que n'ella fôra professor de primeiras letras, nascido em 1707, e *distincto na arte do debuxo.*

«*Manoel de Castro.*—Ponz, na *Viagem de Hespanha*, falla algumas vezes d'este artista portuguez. Copiaremos aqui as clausulas, que apontamos:

«No hospital de Antão Martins, em Madrid, ha dous quadros grandes, que representam assumptos da Paixão, firmados por Manoel de Castro, professor portuguez. Do mesmo são as pinturas a fresco da cupula e lunetos.

«Nos trinitarios calçados, os dous grandes quadros do cruzeiro, que representam: um a Nossa Senhora com os anjos, e outro o ministerio da redempção de captivos, e N. Senhora em gloria — são de Manoel de Castro, portuguez. Os quadros da nave sobre os arcos das capellas se julgam *pensados pelo dito Manoel de Castro.*

«Nos mercenarios calçados — a primeira capella da igreja, á mão esquerda, é de N. Senhora dos Remedios, e a abobada foi pintada pelo portuguez Manoel de Castro. É do mesmo uma pintura que está no refeitorio e representa um milagre de N. Senhora a certo religioso.

«Na igreja dos padres do oratorio, que foi casa dos jesuitas, ha na primeira capella, á direita, a cupula, pintada por Manoel de Castro.

«*O P. Manoel Alvares.* — Foi religioso da companhia de Jesus. O P. Francisco de Sousa, no *Orient. conquistado*, part. 1.ª, pag. 185, lhe chama *pintor insigne*, e diz que deixou muitas memorias do seu pincel, e entre ellas o painel da conversão de S. Paulo, que estava no retabulo da igreja do collegio velho da companhia, em Gôa.

«*Manoel Campello.* — Foi discipulo de Miguel Angelo. (*Memor. histor. do minist. do pulpito*, pag. 135).

«D. Francisco Manoel, no *Hospital das letras*, numerando os homens, que em Portugal se distinguiram nas sciencias e artes, põe Campello em pintura, ao pé de Camões em poesia, Barros em historia, Rezende em antiguidades, etc. (Veja a obra a pag. 456).

«Volkmar a pag. 56 e seguintes falla d'este grande artista, dando-lhe o nome de Antonio Campello. Deve lêrse. Nós achamos Manoel Campello, que é, sem questão, o mesmo de Vol-

kmar, e de D. Francisco Manoel. Veja-se acima o artigo *Campello Antonio*.

«*Manoel de Faria e Sousa*. — Veja acima no titulo *Arte de escrever — Desenho á penna*.

«*Marcos da Cruz*. — Floreceu no tempo d'el-rei D. João III. (*Memor. histor. do minister. do pulpito*, pag. 135). Veja-se Volkmar, pag. 79.

«*Maria Thereza da Conceição Borges*. — Em 1819 morava esta estimavel portugueza no bairro de Belem, suburbio de Lisboa, e era de idade de 66 para 67 annos. Acabava então de bordar primorosamente a ponto de agulha em retroz (sem ter aprendido o desenho) a grande estampa da cêa do Senhor, que o eximio Morghen copiou e gravou do famoso quadro de Leonardo de Vinci. A difficuldade de retratar e pintar tantas figuras com a agulha, o bem proporcionado desenho, o mimo das côres, o claro escuro, a luz, etc. e até a imitação das madeiras, que fingem estar o painel encaixilhado, tudo isto mostra os grandes talentos da authora, e faz uma obra acabada de bordadura. A authora já fez os retratos de suas magestades, do mesmo artificio. Os artistas lhe têem tributado admiração e elogios. (*Gazeta de Lisboa*, janeiro de 1819, n.º 20).

«*Mestre Pedro*. — Em um documento do cartorio do real mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgo da Batalha, achei nomeado mestre Pedro, pintor do senhor infante D. Henrique.

«*Peregrino Parodi*. — Faremos aqui breve menção de Parodi, avô, filho e neto, segundo o *Diccion. de Roland le Virloys*.

«Filippe Parodi foi um dos mais excellentes pintores de Genova, e em Genova falleceu de 60 annos de idade, em 1703. Na igreja de S. Carlos d'aquella cidade ha uma bellissima estatua da Santissima Virgem, e na de Carignan outra de S. João Baptista, ambas d'este artista. Fez muitas estatuas para a igreja do Loreto de Lisboa.

«Domingos Parodi foi filho de Filippe, e com elle aprendeu o desenho, etc. Trabalhava em 1698. Pellegrin Parodi, filho de Domingos, e natural de Genova, aprendeu com seu pai os elementos da pintura, e pintou bons retratos. Deixando a casa paterna, abriu escóla sua, aonde concorriam muitos a aprender, e muitos a se fazerem retratar. Grande parte dos seus retratos passaram a Hespanha, Inglaterra e Allemanha. No anno de 1741 retratou o doge Spinola, quadro que depois foi gravado em Florença.

«Este Pellegrin Parodi é o que esteve em Lisboa, e aqui falleceu pelos annos de 1785. D'elle e de suas obras falla Volkmar a pag. 107. Veja-se tambem n'esta nossa lista o artigo *Carpinetti* no titulo dos *gravadores e entalhadores*.

«*Pedro Alexandrino de Carvalho*. — Veja Volkmar, pag. 120, a que nada podemos acrescentar.

«*Pimenta Corrêa*. — Tres illustres senhoras portuenses d'este appellido mandaram á academia das bellas-artes tres pequenos quadros historicos, bordados a cabello, e algumas outras obras de matiz, e um lenço bordado de branco em relevo, tudo primorosamente acabado. (*Director* de 23 de julho de 1838, n.º 163).

«*Reinozo*. — Acho nas *Memor. histor. do minister. do pulpito*, pag. 135, menção de Reinozo, pintor, que floreceu no seculo d'el-rei D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.

«Volkmar a pag. 74 falla de um Reinozo, a que dá o nome de André, mas diz que vivia em 1641, e isto me faz duvidar se seria ou não o que floreceu em tempo de D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.

«Ahi mesmo diz Volkmar que sempre ouvira dar a Reinozo o nome de Diogo, mas que esta tradição era errada; porque dos livros da irmandade de S. Lucas se via chamar-se André, etc.

«Eu conjecturo que houve dous artistas do mesmo appellido de Reinozo: um mais antigo, que seria o Diogo, e outro mais moderno, que seria o André. Isto porém não passa de mera conjectura.

«*Vanegas*. — Vem mencionado nas *Memor. do pulpito*, pag. 135, como

pintor do tempo d'el-rei D. João III. Veja a respeito d'elle Volkmar, pag. 60.

«*Vasco.* — Chamado entre nós o *Gran-Vasco.* Nada podemos acrescentar ao que d'elle diz Volkmar, pag. 49.

«Veja-se tambem *Memor. histor. do pulpito*, pag. 135, aonde se diz que floreceu em tempo de D. João III, e que foi da escóla de Pedro Perugino.

«Dias Gomes, na elegia 1.ª ás *Musas*, nota 11, diz d'elle que teve muita elevação nos pensamentos, e muita viveza de expressão, que foi admiravel no colorido, e que se não tivera alguma cousa do gotico, seria um consummado artifice. Este juizo me parece bem exacto.

«O *Diccion. de Roland le Virloys*, que muitas vezes temos citado, reflecte que os quadros de Vasco são ornados de bellas fabricas de architectura; e que o seu gosto o inclinava sempre a pintar objectos da historia santa.

«*Vasco Pereira.* — Ainda que portuguez (diz Volkmar, pag. 69), estabeleceu-se em Sevilha, e em 1594 concertou o famoso painel da rua da Amargura, de Luiz de Vargas, e fez outras obras no principio do seculo seguinte.

«Ponz, na *Viagem de España*, tomo 8.º, quasi no fim, diz que na livraria da Cartuxa de Nossa Senhora das Covas, junto a Sevilha, ha quatro doutores de um tal Pereira, famoso pintor portuguez, do tempo de Filippe II. Este é sem duvida o nosso Vasco Pereira.» (Lista de alguns artistas portuguezes).

PISISTRATO. (Veja SEXTO SECULO).

PLANETAS. «Os planetas são corpos opacos dotados de um movimento de rotação ao redor de um eixo que passa pelo seu centro, e que fica parallelo a si mesmo, em quanto que o planeta effectua o seu outro movimento de translação, o qual se executa em orbitas ellipticas, quasi circulares, aonde o sol occupa um dos fócos. Estas orbitas, em que os planetas se movem de oriente para occidente, estão todas em planos que passam pelo centro do sol, e cortam-se todos segundo linhas que passam por este ponto, formando estes planos angulos entre si mui pequenos. A recta de intersecção de cada um d'estes diversos planos com o da orbita terrestre, que tambem se chama *plano da ecliptica*, tomou para cada um dos planetas a denominação de *linha dos nódos;* designação que se refere a uma de suas propriedades astronomicas.

«Como a terra, circulando ao redor do sol, e, como ella, girando ao redor d'um eixo, os planetas têem dias e annos como o nosso globo. Têem tambem estações como elle; e apresentam directamente aos raios do sol diversas linhas de sua superficie, conforme a posição que os planetas occupam em suas orbitas. Ha pois completa semelhança entre estes astros e a terra. A semelhança torna-se ainda mais intima para alguns dos planetas, pois que teem como a terra um ou muitos satellites que giram ao redor d'elles, como a lua ao redor de nós, reflectindo a luz do sol em suas superficies. Em vista de todas estas analogias, é natural suppôr que os planetas são habitados; e, sem se poder nada affirmar sobre este ponto, ainda menos sobre a organisação de que sejam dotados estes seres desconhecidos, a existencia provada de atmospheras gazosas envolvendo alguns dos planetas induz á idéa das suas condições de vitalidade não serem differentes das que são proprias aos seres organisados que povoam o nosso globo. — Relativamente ás suas distancias ao sol acham-se distribuidas na ordem seguinte: Mercurio é o que tem menor orbita; depois seguem-se Venus, a Terra, Marte; os numerosos pequenos planetas, taes como Céres, Pallas, etc.; Jupiter, Saturno, e Urano, tão longe do sol e de nós, que por muito tempo girou incognito em sua ellipse immensa; e finalmente Neptuno. A duração das revoluções completas de cada planeta ao redor do sol, ou o que se chama o *anno planetario*, sem ser proporcional á dis-

tancia ao sol, varía no mesmo sentido d'este elemento. Assim, exprimindo os annos planetarios em dias e annos terrestres, acham aproximadamente os numeros seguintes: para Mercurio, 87 dias; para Venus, 224; para Marte, 2 annos; para Jupiter, 12; para Saturno, 30; para Urano, 84; para Neptuno, 164.

«Tycho-Brahe, um dos mais habeis observadores, apesar de não admittir o movimento da terra, reduzia o systema dos antigos a uma maior simplicidade. Deu a todos os movimentos planetarios o sol para centro; mas muitos phenomenos eram ainda inexplicaveis; e foi só quando Copernico, renovando as idéas de Pythagoras, mostrou que era mais racional suppôr a terra movel ao redor do sol, do que o sol movel ao redor d'ella; só depois de Kepler descobrir as leis dos movimentos planetarios, que todas as complicações apparentes desappareceram e todos os phenomenos foram completamente explicados. A leis de Kepler conduziram Newton ao descobrimento da *attracção universal*, e lhe permittiram formular a theoria dos movimentos celestes.» (L. Vauthier).

2. As *estrellas cadentes* são consideradas geralmente como pequenas massas planetarias que, penetrando na nossa atmosphera com rapida velocidade, inflammam-se na sua passagem através d'ella. Durante as noites de 10 a 13 de novembro de 1799, 1832, 1833, 1834, estas estrellas cahiram aos milhares; e o mesmo aconteceu em 10 de agosto. Por muito tempo se julgou que este phenomeno era periodico; mas depois verificou-se, que durante estas noites privilegiadas, não se observavam mais estrellas cadentes do que durante as outras noites da mesma estação. — As prodigiosas differenças que se observam na altura d'estes meteoros, na sua rapidez, direcção, épocas de seu regresso, permittem sempre obter series de observações em conformidade com a hypothese que se quizer estabelecer. Esta variedade de manifestações dá lugar a mui divergentes opiniões: uns, incluindo os *aerolithos* na classe de estrellas cadentes, fazem-as proceder das explosões volcanicas do globo terrestre; outros, consideram-as como globos inflammados devidos a substancias que os volcões da lua projectam; outros ainda, pretendem que as estrellas cadentes sejam fragmentos de um grande planeta que uma explosão fez pedaços, etc. — «As difficuldades, diz Galloway, que se encontram nas differentes hypotheses emittidas até hoje, mostram quão pouco nos é conhecida a natureza das estrellas cadentes. É certo, porém, que apparecem a uma grande altura acima do solo; que se movem com prodigiosa velocidade; mas tudo o mais envolve-se em profundo mysterio.» — A origem dos *aerolithos* tem ficado até hoje igualmente desconhecida. A queda d'estas pedras, que cahem do céo acompanhadas de um largo rasto de fogo e de detonações, semelhante ás de uma peça de grosso calibre, foi por muito tempo posta em duvida. Mas, hoje numerosos exemplos revestidos de todos os caracteres de authenticidade, não deixam duvidar da sua realidade. (Veja ELLIPSE).

PLANTAÇÃO. (Veja FLORESTAS).

PLATA E URUGUAY. O paiz de la Plata descoberto em 1515 pelo hespanhol Diaz de Solis, foi primeiro incluido no vice-reinado do Perú. Em 1718, formou com a Bolivia, Paraguay e Uruguay, o novo vice-reinado de Buenos-Ayres. Proclamou-se independente em 1810. Desde 1828 que as mudanças politicas, rapidamente succedidas, e a guerra civil e estrangeira lhe alteraram por tal fórma o governo que já se póde dizer que nenhum tem. É n'este paiz que se encontram as vastas planicies chamadas *pampas*, que se prolongam entre o Rio de la Plata e Andes, desde Buenos-Ayres a Mendoza, por espaço de 350 a 400 leguas. Aimard descreve assim o *pampa:*

«A campanha em torno de mim (diz G. Aimard) estava deserta e placida como no dia da creação.

«Os cães, vigilantes sentinellas, que durante a noite nos haviam velado o repouso, levantaram-se ao vêr-me, e vieram festejar-me com latidos alegres.

«O aspecto do pampa é dos mais pitorescos, ao nascer do sol.

«Silencio fundo paira por sobre o deserto; dir-se-hia que a natureza se recolhe e recupera as forças, ao desabrochar do dia que enceta.

«Tremúla docemente a fresca brisa matinal, por entre os altos macegaes que ella inclina em ondeados e leves movimentos.

«Por aqui, por alli, erguem os veados as cabeças, tomados de espanto, e circumvagam olhares temerosos.

«Os passarinhos, encolhidos de frio sob as ramagens, preludiam por algumas notas tímidas o seu matutino hosanna.

«Sobre os monticulos de areias, formados pelas tocas das vigonhas, pousam curujinhas indolentes e immoveis, como sentinellas; em sua meia somnolencia, deslumbradas pelos raios do astro do dia, escondem as redondas cabeças na plumagem do pescoço.

«Lá pelas alturas, urubús e caracarás bordejam em circulos alongados, librando-se negligentemente, á feição do vento, á espera da prêsa sobre que hajam de cahir de subito, com a celeridade do raio.

«Assemelha-se o pampa n'este momento a mar de verdes e calmas ondas, cujas margens se occultem lá por detraz das dobras do horisonte.»

Estas immensas planicies teem pouquissimos habitantes, cuja riqueza se cifra em rebanhos de bois e cavallos. *Gaúcho* é o nome do habitante de origem hespanhola, vigorosamente descripto n'estes periodos do snr. João Franckil da Silveira Tavora, insigne escriptor pernambucano:

«Comprehendo o gaúcho assim: organisação destemida, vasada nos moldes dos guaycurús ou dos patagões, que são os primeiros cavalleiros do mundo.

«O rebenque e as chilenas castigam e subjugam os impetos do cavallo indomito.

«Ha em sua physionomia illuminada de um esplendor insano, em seu animo insoffrido, o entumecimento e as palpitações precipites do arrojo semi-barbaro.

«Finalmente vejo no gaúcho alguma cousa que se pareça com Osorio ou Zeno Cabral—no espirito, fontes inexgotaveis dos maiores heroismos, — no sentimento a exaltação e a decisão, que póde inspirar a calida ventania das savanas, — nas acções, nos gestos, uma resolução firme, implacavel — n'uma palavra, a integra personalisação da virilidade continental.

«O cavallo o completa; é o seu appendice ou antes o seu epilogo; representa o papel de seu escravo, antes que o de seu amigo, e melhor o de victima que o de escravo: o gaúcho é mais o tyranno do cavallo do que senhor d'elle.

«Não sei, meu amigo, se já lêste uma interessante historia, intitulada — *O Guarany* — por Gustave Aimard? Ahi póde estudar-se o gaúcho com proveito. Encontra-se o typo exacto e não a fabula rachitica. O historiador francez estudou em pessoa os costumes da vida nomada do pampa. Escreveu como quem viu, e não como quem idêa.

«Por isso os personagens, n'essa veridica historia, são de uma vitalidade eloquente; teem toda a efflorescencia da vida; e não são pallidas visões, creaturas disformes, descoradas. confusas e em contraposição á verdade natural e ethnographica.

«E o cavallo do pampa? Comprehendo-o d'este modo: susceptivel, vertiginoso, estremecendo de mil inquietações a qualquer leve rumor do deserto, arredio do homem em quem adivinha, por instincto e por lição, um inimigo encarniçado de sua independencia; um animal que, ao vêr o gaúcho, dispara a correr, com medo de sua crueza, por banhados e coxilhas, impellido pela exaltação, pela investida, pelo desencadeamento dos panicos brutaes; um animal que só possam domar a temeraria audacia e a classica pericia do gaúcho, e a que fôra licito applicar, sem risco de im-

propriedade, o nome expressivo de *desespero* ou *furacão*.» (D. J. d'Alencar).

PLATÃO. «Platão foi discipulo de Socrates. Este ultimo não chamava áquelle senão o *cysne da academia*.

«A academia era um local cercado de arvores, e situado n'um dos suburbios de Athenas, assim chamado do nome *Academus*, ou *Ecademus*, cidadão de Athenas, que era o seu proprietario.

«Era n'este lugar que Platão, e seus discipulos tinham as suas assembléas para conversarem sobre materias philosophicas: origem do nome de academicos dado aos philosophos que seguiam a doutrina de Socrates e Platão.

«Esta doutrina, e a de Aristoteles foram de alguma sorte duas religiões que os homens professaram, até que uma luz mais pura os veio esclarecer.

«Platão não desprezou nenhum dos meios de augmentar os seus conhecimentos. Viajou pelo Egypto para se aproveitar das luzes dos sacerdotes d'aquelle paiz e dos homens illustres em todas as materias que elle então produzia.

«Percorreu a grande Grecia para conversar com os tres mais famosos pythagoricos d'aquelle tempo, e passou á Sicilia para vêr as maravilhas d'esta ilha, especialmente o Etna.

«Platão não se envolveu com os negocios publicos; porém nem por isso deixou de ser util ás sociedades politicas, formando para ellas magistrados sabios e virtuosos.

«Dion, Pithon e Heraclido, que haviam aprendido na sua escóla a detestar a tyrannia, libertaram o primeiro a Sicilia, e os outros dous a Thracia.

«Denis, tyranno de Syracusa, chamou-o á sua côrte, e Platão foi ahi na esperança de contribuir á felicidade dos syracusanos; porém a adulação oppoz-se ao progresso da philosophia, e Platão voltou para a Grecia com a tristeza de não ter podido fazer um homem de um tyranno, e a alegria de não viver com cobardes lisongeiros que d'aquelle faziam um monstro.

«Á sua volta passou por Olympia para vêr os jogos. Encontrou-se alojado com estrangeiros de distincção. Comeu á sua mesa, passou com elles dias inteiros, e viveu de uma maneira mui simples, sem nunca lhes fallar nem de Socrates, nem da academia, nem lhes fazer conhecer de si proprio outra cousa senão simplesmente que se chamava Platão.

«Estes estrangeiros acharam-se felizes em ter encontrado um homem tão affavel e de tão boa sociedade; mas como elle não lhes fallasse senão de cousas muito triviaes, não julgaram que fosse aquelle philosopho, cuja reputação tanto se espalhára já.

«Acabados os jogos foram com elle para Athenas, onde os hospedou. Apenas chegaram pediram ao seu hospede que lhes fizesse travar conhecimento com aquelle famoso philosopho que tinha o mesmo nome que elle, e era discipulo de Socrates. O philosopho lhe respondeu rindo: «*eil-o aqui*.» Os estrangeiros, suspensos, reprehenderam-se secretamente de não terem podido discernir todo o merito d'este grande homem, através do véo da simplicidade e da modestia com que se cobria, e ainda mais o admiraram.

«Este philosopho não podia soffrer a venalidade das magistraturas. «É, disse elle, como se em um navio se nomeasse alguem para piloto por causa do dinheiro que tem. Será possivel que a regra seja má em todos os empregos da vida humana, e que sómente seja boa no governo de uma republica!»

«Os homens, continua Platão, não conhecerão felicidade em quanto os philosophos não reinarem, ou aquelles que reinam privados de uma especie de inspiração divina, não forem philosophos.»

«A virtude do homem politico, segundo Platão, consiste em dirigir os pensamentos e as acções para a felicidade da republica.

«Elle distingue duas especies de

paixões; as paixões selvagens e ferozes, e as paixões dôces. A voluptuosidade, a dôr, a commiseração entram em o numero d'estas: são da natureza do homem. Não começam a ser viciosas senão quando são excessivas. As paixões selvagens e ferozes não estão em a natureza; nascem de alguma depravação particular, tal como a misanthropia.

«Dai tudo ao homem excepto a virtude, e nada tereis feito para a sua felicidade, dizia elle.»

«Definia a amizade uma benevolencia reciproca que torna dous entes igualmente cuidadosos um do outro: igualdade que se estabelece, e se conserva pela conformidade dos costumes.

«Platão gozou de uma perfeita saude, e longa vida, recompensa da sua frugalidade. O persa Mithridates levantou-lhe uma estatua: Aristoteles um altar. Consagrou-se com solemnidades o dia do seu nascimento, e cunharam-se moedas com a sua effigie.

«Mesmo ainda vivo se rendeu homenagem ao seu saber. O poeta Antimachus tendo reunido um dia algumas pessoas para lhes lêr uma poesia que compozera, e vendo que o seu auditorio o abandonára á excepção de Platão: «Não deixarei, disse elle, de continuar a minha leitura, pois só Platão vale um auditorio.»

«Platão foi cognominado o *Homero* dos philosophos. Nos assumptos elevados de que trata, possue o enthusiasmo d'este poeta epico. Algumas vezes tambem se compára a Anacreonte, pela maneira com que tratou o amor. Os estudiosos conhecem os versos apaixonados que elle dirigiu a Agathis.

«Thimoteo, general atheniense, foi convidado a ceiar em casa de Platão. A comida foi frugal, mas delicada. Uma dôce alegria animava os convivas; e trataram-se muitos pontos de moral bastante interessante. Thimoteo estava encantado. A satisfação secreta que elle experimentava era bem superior á alegria estrepitosa que reinava nos grandes banquetes que muitas vezes dava aos seus officiaes. Um delicioso concerto terminou o festim. O general sahiu d'alli cheio de um contentamento interno tal como nunca sentira. Aquella comida frugal attrahiu-lhe um somno ligeiro e tranquillo. De manhã levantou-se fresco e alegre. O dôce sentimento do prazer da vespera affectava ainda deliciosamente seu coração, e por acaso encontrou Platão: «Os vossos banquetes, lhe disse elle, não sómente são agradaveis no momento; tambem o são ainda no dia seguinte.»

«Cicero tinha tão boa opinião dos sentimentos de Platão, que dizia: «Estimarei antes enganar-me com Platão, do que encontrar a verdade com os outros philosophos.» (C.)

PLATANO. (Veja ULMACEAS).

PLATINA. (Veja PRATA e METALLURGIA).

PLAUTO. Nascido em Sarsina n'um arrabalde de Ombria, posto que de familia obscura, devia um dia encher a Italia com a sua fama e realçar-lhe a gloria litteraria, alegrando os festejos triumphaes dos Marcellos e Scipiões. —Marcus Accius Plautus foi attrahido a Roma pelo mesmo motivo que Nevius Statius — o desejo de adquirir nome e riquezas. Poeta e actor, representava as suas comedias como geralmente era de uso. Trazia comsigo a companhia, e vendia as suas comedias aos directores ou empresarios. Este modo de vida enriqueceu-o, posto que n'aquelle tempo o subsidio dos theatros nacionaes em Roma não fosse muito consideravel. Não se sabe porque capricho ou desgosto deixou algum tempo depois esta carreira, voltando-se para os azares do commercio. Ahi arruinou-se. As perdas foram taes, que se viu obrigado a assoldadar-se em casa d'um moleiro, fazendo girar o moinho. Assevera-se que mesmo n'esse tempo em que servia, escreveu no moinho tres comedias. Mas a riqueza do seu espirito reparou as desgraças causadas pela imprudencia, tendo o bom senso de

nunca mais trahir a sua vocação. Grande numero de peças estabeleceram seu renome. Contavam-se e attribuiam-lhe até cento e vinte, mas não lhe pertenciam todas. Varrão não dava senão vinte e tres como certas e authenticas. A morte roubou-o ao theatro no anno 570 de Roma. A persistencia com que se representaram as comedias de Plauto por um privilegio unico no theatro de Roma, induz-nos a consideral-as notavelmente. Era preciso que em verdade tivessem vida e merecimento para se sustentarem sempre em scena durante tantos seculos depois da morte de seu author. Esta força que resiste á velhice e ás revoluções do gosto e da moral, só um talento superior póde dál-a.

PLINIOS (Os). «Cheio de fogo, vigor e energia, rapido, caudaloso, e ás vezes sublime, animado do genio que penetra os objectos em toda a sua profundeza e vigorosamente os pinta em todas as particularidades, Plinio, o Antigo, mereceu servir de molde a muitissimos escriptores illustres, entre os quaes realça Buffon.

«Plinio, desgraçadamente, escreveu em um seculo em que a pureza do bom gosto declinava á corrupção, o seu dizer é por vezes duro, forçado, tortuoso e obscuro, signaes de toda a litteratura em decadencia. Os seus trechos mais sublimes são exagerados de emphase, de subtilezas, e hyperboles, e de todos os vicios proprios da má declamação.» (Dussaut). «Plinio, o moço, diz o mesmo critico, foi grande admirador de Cicero; e d'ahi a analogia das suas cartas com as do celebre orador romano.» (Veja POMPEA).

PLUTARCHO. Biographo e moralista, nascido em Cheronea na Beocia, 48 annos depois de Jesus Christo. Professou a philosophia em Roma, com grande exito, e já em verdes annos exercia o magisterio na sua patria. Foi archonte e sacerdote de Apollo. Suppõe-se que morreu velhissimo. Possuimos d'elle as *Vidas dos varões illustres*, de Grecia e Roma, e muitos tratados de politica, historia e moral, entre os quaes se notam os intitulados: *Da origem da alma;* do *Engenho de Socrates;* do *Silencio dos oraculos; Questões da mesa; Contradicções dos stoicos;* da *Fortuna dos romanos;* da *Maneira de lêr os poetas;* da *Educação;* o *Banquete*. Reluz em seus escriptos, afóra facil e variada instrucção, bondade e moral tão suave que é aprazivel lêl-os. Esta excellencia avantaja-se na *Vida dos varões illustres*, por tal arte, que o author nos faz viver com os homens cujas vidas conta. Pena foi que o tempo nos privasse de muitas biographias que já não alcançamos. Comparando romanos e gregos parece que o seu intuito foi mostrar que os segundos não cediam aos primeiros.

PNEUMATICA. (Veja BOMBAS).

PÓ. (Veja POTASSA).

POBREZA. «*A pobreza não é mal natural.* — Ha certa especie de males, que affligem a sociedade e contribuem para fazer os homens desgraçados, independentemente das molestias e damnos physicos: são d'essa classe, são d'essa qualidade a pobreza esqualida e desamparada, os vicios lamentaveis e hediondos, os crimes horrorosos, e a guerra civil. É uso dizer-se que todos estes accidentes são inevitaveis, que derivam da natureza do genero humano a sua origem e tambem das leis que o necessitaram a viver em sociedade.—Quem assim pensa reflecte mui pouco. O mundo é naturalmente formoso; mas o que Deus quiz que fosse o paraiso da especie humana, nós o convertemos com frequencia em deserto árido, por nossos vicios e delictos. A natureza e a revelação demonstram que o Creador quiz que fossemos felizes, mas a ignorancia, a obstinação e os criminosos excessos tem destruido a nossa ventura e amesquinhado as condições da nossa existencia racional. — Ainda até agora ninguem pôde provar que deva *necessariamente existir* (entenda-se

bem o rigor d'esta phrase) a pobreza, que é origem de muitos males: apresenta-se um exemplo notavel da falta d'ella n'uma classe numerosa, qual é a dos quakers ou *sociedade dos amigos* na Inglaterra e União americana. Com algumas especialidades de pouquissima importancia na linguagem e vestidos, esta numerosa corporação de individuos obra sobre o principio uniforme de reprimir as paixões; combatem os impulsos ignobeis da natureza; e n'isto póde-se dizer que está a base da verdadeira moral; e assim é que os quakers praticam habitualmente o que as mais classes olham simplesmente como theorias. — A consequencia d'este dominio sobre os proprios pensamentos e acções é que, apesar de haver muitos milhares de quakers na Inglaterra e muitos mais nos Estados-Unidos, nem n'um nem n'outro paiz se vê um quaker mendigando, nem embriagado pelas ruas, nem um d'elles apparece citado perante os tribunaes criminaes: todavia, assim como as outras pessoas que se empregam nas usuaes occupações da vida, os quakers são commerciantes, officiaes mecanicos, maritimos, em uma palavra exercitam toda a classe de artes e misteres honestos; por consequencia estão sujeitos ás mesmas tentações e perversidade que todos os mais; mas evitam tudo isso mediante um singular grau de prudencia pratica. — Eis aqui pois uma clara demonstração de que ainda sem o auxilio do poder civil, e só pela influencia da moral, ha uma classe de homens, no meio da sociedade, que evitam a pobreza, e estão pelo geral isentos de vicios e crimes.» (*O Panorama*).

POESIA. «Vêmos cada dia pessoas discretas, e mesmo atiladas em bom gosto enthusiasmadas quando moços pela poesia, cuja lição lhes era delicia, desgostarem-se d'ella idosos, e até confessarem ingenuamente, que versos, nem podem lêr. Resfriou-lhes esse appetite a idade? ou a poesia? Ha ahi prova, que com os annos attingimos a maior raciocinio? ou a maior insensibilidade? Galante questão me trocaram os versistas. E quem é que a faz? Um geómetra, que ignora que uma das intenções da poesia é lisonjear o ouvido; e que em orgãos já gastos, e em fibras endurecidas, ha de ella obrar menor effeito. N'isso estamos. Mas porque esses mesmos ouvidos, que envelhecendo, se enfastiam de versos, não tomam fastio á musica? Prazer que tambem, e unicamente depende d'esses orgãos? Digamos mais, e digamos verdade. Ninguem accusará esta era nossa, de fria, quanto á musica, a não ser ácerca do canto-chão das nossas operas antigas: e é sabido o agasalho que se faz á alluvião de versos, com que nos vêmos alagados. Não tocamos nos nossos bons poetas que ora vivem, distinctos pela voz publica, e por ella exceptuados. Mas em razão do cardume que lhes vem na cóla, passou a ser tão perigosa essa carreira, que descahiram já de moda successivamente bastantes generos de poesia. Teme já de se assoalhar o soneto, a ecloga desmaia já, e ainda a ode, a ode tão altaneira, começa a desvaler. Quem dissera que a satyra, com tantos fóros que tem a ser bem vinda, se ella é longa e se ella em verso vem, quanto é enfadosa? Eil-a á sua vontade, depois que lhe permittimos espanejar-se em prosa. Tanto receiamos nós desacoroçoar talento de tal lote!

«Os appellidados *versinhos* são hoje portentosamente desvalidos; e a não trazerem abono de excellentes, ninguem se resolve a lêl-os. Por testemunhas tomo quantos escriptores periodicos aporfiam em recolher, ou em enterrar *peças fugitivas*, e que a titulo tal devem cada mez pagar ao publico, metrifico tributo. E quanta vez não desdenha esse mesmo publico pôr olhos n'esse tal tributo?

«O metrificante povo magoado vê o progresso do desvalimento em que descahe. Desforra-se com attribuil-o (e que barbaro lh'o estranharia?) a esse *espirito philosophico* já tão assoberbado de muito mais graves nequicias. Que tambem no espirito philosophico deve este aggravo recahir.

«Talvez que mereça esta nossa era muito menos do que se cuida a honra, ou a injuria, que lhe pretendem fazer, em lhe chamar por antonomasia. ou por motejo, *era philosophica*. Philosophica, ou não, facil será insinuar aos poetas que não tem que se queixar d'ella.

«Se inspira a philosophia amor de lêr cousas uteis, qual maior merito se lhe abona, que o de adunar ao util o deleitoso? O que dá ao nosso prazer mais realidade, e mais dura. Quando nas obras philosophicas vem conjunctas essas duas qualidades, adquirem ellas mais aptidão a manterem o bom gosto, no que se escreve, e nos dão toque do quanto idéas por si nobres e grandes, ataviadas á singela, e como ellas á puridade, preferiveis são, a agradaveis e frivolos nónadas.

«Com severidade tal obras de poesia examina o philosopho, e as julga. Que toma elle por merito principal, e indispensavel, em todo e qualquer author o merito do conceito. A esse merito ajunta a poesia o merito da vencida difficuldade em conquistar a expressão adequada ao conceito. Estimavel merito, quando não é pueril esforço, estragado em futeis ninharias. Dizem, que muitos parabens se dava um dos nossos mais abonados versejadores, da poetica descripção que da sua cabelleira fez. Dissera-lhe eu: que tão baldada poesia n'uma cabelleira! A que fim aviltas a *lingua dos deuses*, prostituindo-a em assumptos tão pouco dignos d'ella?

«A genuina poesia, a unica que nome tal merece, não só populares e baixas idéas desdenha, mas até as agradaveis e risonhas, quando ellas triviaes e repisadas são. Em nada brilha mais o verdadeiro; e o fino que na poesia antiga; e nada é hoje mais surrado, que as taes ficções. Quem primeiro pintou o amor em figura de alado infante, com facho, e settas, muita invenção mostrou; mas a que fim tirar-lhe cópias? Com razão nos agrada Anacreonte, porque nol-o dão por creador d'esse genero de poesia: mas n'um pequeno genero como o seu, no qual o que o inventa esgota o assumpto, o original é tudo, as imitações são nada.

«Visto que é arte de imitação a poesia, não ha já poesia, em quem se acanha em imitar a imaginação alheia. Concordam os nossos melhores escriptores, que as phrases, ou formulas poeticas são insipidas na prosa. E porque? Porque inventada essa linguagem ha perto de tres mil annos, com o generoso que ella encerra, passou a ser fastidiosa. D'ella já nenhum uso fazem os vates de alto engenho: verdade é que ás claras o não condemnam, em seus versos, não se atrevendo a affrontar-se com a posse immemorial em que ella está de dominar nos poemas: mas, na prosa já lhe não vale essa prescripção; com justiça a impugnam debaixo d'outro nome.

«O mesmo tem acontecido a outros generos de poesia. Sirva-nos de exemplo o genero pastoril, que dado nos agrade ainda no theatro, mórmente, quando traz por comitiva a decoração das scenas, a musica, e as danças; apenas o despojaes de todos esses enfeites, e o reduzis ao que elle é simplesmente, eil-o resfriado e ensôsso quando escripto e nú. Theocrito, Virgilio, e Fontenelle exhauriram quanto dizer-se póde ácerca de florestas, de rebanhos, regatos, veigas, e vertentes. Ternos, singelos, naturaes affectos, que seguros são de interessarnos onde quer que com elles deparemos, não precisam para augmentar seu effeito, de virem ao entremeio de um idyllio: tem de sobras, para encherem, e penetrarem a alma, virem expressados do natural, quaes elles são: prados, rebanhos, bosques não lhes acrescem nem mais graça, nem mais effeito. Confessemos pois que esses atavios rusticos, desbotados já por si mesmos, trazem comsigo muita vez o inconveniente de desmentir do assumpto, e darem riso, pelo mal-assentes. De quantas Virgilio compoz, a melhor ecloga, não tanto como ecloga, quanto como composição poetica, é a de Corydon e Alexis; e por certo que ninguem dirá que o assumpto d'ella é pastoril.

«Porque razão porém enfastiado já

de eclogas o nosso seculo, começa elle a se desaborear da ode, genero o mais opposto ao da bucólica? O desabrimento com que agasalha idéas, e hypotyposes triviaes, produz esses dous effeitos contrarios. Quem dá caracter á poesia lyrica, são os grandiosos, e elevados pensamentos: sem essa condição não pretende nenhuma ode grangear applausos merecidos.

«E ora os sublimes pensamentos raros são, e não os suppre a magnificencia da locução (e é tão pobre essa magnificencia, quando lhe falha o sublime dos pensamentos!) nem a *bella desordem*, a que inda até agora não deram cabal definição; nem as corriqueiras invocações ás musas, etc. que porfiam em se dar por surdas; nem por um estro, alli á mão, que dá fumos d'um tropel de idéas, e que nem dá de si uma unica.

«N'uma palavra, eil-a a rigorosa, mas justa lei, que aos vates impõe esta era em que vivemos. Reconhecer unicamente por bom em verso, o que ella daria por excellente em prosa. Não que ella diga, que versos approsados, (inda os de melhor conceito) lhe mereçam approvação. Que é mais por luxo o homem atilado no bom gosto, ácerca do trajar os pensamentos em verso, que ácerca de os trajar em prosa. N'esta se dá por contente, com que o estylo corrente seja e natural, sem baixeza nem dissabor; requer de mais, nobre, e estremada locução em verso, não exquisita, constante e facil melodia, que ares não dê de constrangida; e quer por fim que o poeta dê ao justo, mas não descarnado o conceito seu; que o dê natural, e á vontade, não frio, nem deslavado; com viveza e concisão, sem cahir em escuridade. Nega ao versejador que preencheu todas essas condições, o titulo de poeta, se as não preencheu mais vezes do que as violou: e tal author ha ahi que sobrepujou e que bem pensamenteou em prosa, que teria dobrado em fama, se houvera dado ao fogo os tres quartos das suas poesias, sem d'ellas mais conservar que alguns fragmentos. Discreto houve entre nós, que pretendeu, que versos, só no sentido d'elles, na sua clareza, no seu exacto se devia attentar; que cheias essas condições, havia com que se consolar quanto ás falhas na harmonia d'elles. Facil é responder-lhe com o exemplo dos mestres, que souberam adunar formosura de pensamento com formosura de harmonia. Lêmos versos; mas com que fito? Com o de desfructar um prazer de mais, que no lêr prosa: e versos duros, versos fracos nos anojam, e por conseguinte nos desfalcam d'esse prazer.

«Se me afouto a dar conta aqui da disposição de animo dos meus socios, assento que assim pensará a academia quando julgar as poesias que lhe vierem a concurso. Em quanto ella propoz e fixou os assumptos, se de algo se póde arguir em suas decisões, não a dirão excessiva em seu rigor; antes acorçoou alguma vez o botão d'esse talento, que o talento mesmo; e o vulgacho dos criticos, que alambazadamente folga em dilacerar as obras coroadas pela academia, e que nem conseguiria o premio da satyra (quando para ella houvera um) desenganado fique, sem susto da sobeja boa opinião que da academia tenha; que póde ella dar valor a certas obras em verso, ao mesmo tempo, que muito arredadas as cria da perfeição. Que, nada menos, para se empossar do jus de ser mais severa para o futuro, se inclinou, d'alguns annos a esta parte, a deixar aos poetas a eleição dos assumptos. Com pesar olha, todavia, que á medida da liberdade que ella assim aos authores deu, e do rigor do exame, denunciam negligencia os seus poemas. Não que deixasse a academia de vislumbrar em algumas obras, talento, e centelhas de engenho; mas não assentam bem os premios n'alguns poucos versos despegados, e como boiantes á ventura: só bem assentam na formosa constructura da obra. Eil-o, que sem designio, sem objecto se perde um em continuados desvios, e abafa n'um cumulo de destroços alguns taes quaes felizes pensamentos. Eil-o outro que leva fito, e leva delineado o plano (e quasi que

todo o merecimento seu ahi pára) que em versos frios, ou opilados dilue idéas corriqueiras. N'uma palavra, nenhum d'esses poemetos o julgou a academia capaz de produzir na sessão publica aquelles toques de prazer quaes tem o auditorio jus de os esperar d'uma obra coroada por accordo de homens litteratos. Justa a respeito de seus émulos acha essa severidade cada um dos concorrentes; mas bem vezes iniqua e barbara, ácerca do que a elle toca. D'esses momentos descontentes alguns ahi ha, que esperam pelo dia d'essa sessão para atirarem contra a academia, algum epigramma, que lhe passa por alto: outros se fazem panegyricar pelos jornalistas (que jornalistas ha que fallam, ou que se calam conforme pagos são) e em caso tal se dá por satisfeito o seu amor proprio, ou se imagina pelo menos bem vingado. Mas eis que alguns annos decorrido hajam, tem-se afrouxado a amor do pai da criança; foi-se apaziguando a offendida presumpção; torna-se a lêr a obrinha com olhos menos amorosos, e acha-se que tiveram os juizes razão.

«Até parece que o prudente espirito que presidiu á formatura da nossa lingua, presidiu tambem ás regras da nossa poesia franceza. Capacitamonos que, sendo a poesia arte de dar agrado, lhe cercêa prazer, quem lhe consente multiplicadas licenças, como nas linguas estrangeiras acontece. Olhai-me esses italianos, e esses inglezes com versos sem consoantes, com frequentes inversões de toda a especie, multiplicadas ellipses; que já vos estiram, que já vos agorentam as palavras, segundo lh'o requer a versifica bitola; que vos relaxam a grammatica, e que de estreita e teza que lhes era para a prosa, a amanham para a poesia mui larga e bamba. Entre nós tão rigorosa é para os poetas, como para os prosistas, a grammatica; raro lhes é permittida alguma inversão; que por pouco que extraordinaria, ou forçada seja, nos dissaborêa incontinente: e nunca tinha lido versos, ou os tinha lido ruins, quem nos disse que o caracter da poesia franceza consistia na inversão. Assentamos por fim, que aos nossos versos é necessario o consoante, e ás nossas tragedias necessario o verso. Ou que razão ahi haja, ou preconceito, o unico meio (se tal é) de forrar d'essa escravidão os nossos vates, seria o de comporem tragedias em prosa, e versos sem consoantes, mas versos de tão cabal merecimento, que authorisem licença tal. Até que vejamos esse prodigio, baldados são quantos argumentos pró e contra se fizerem, tanto dos que se imaginam fundados em boa razão, como dos que reclamam pelo uso e costume, ante quem á razão se cala.

«O que tem de acontecer aos versos não rimados ignoro-o eu: mas no caso que elles se estabeleçam, não perco as esperanças, que pelos versos lyricos a quem cabe ser cantados, principiem. Quanto lhes são necessarios o metro, e a cadencia, tanto lhes é menos necessaria a rima: que lh'a faz deslembrar o compassado lento canto; e quasi que lhe destrue o effeito. Afoutar-nos-hemos nós a concluir que se póde compôr mui boa musica sobre prosa franceza, com tanto que essa prosa tenha boa cadencia, boa harmonia? Acuda-nos Deus aos gritos, que atroassem ao mal-estreado, que a tal novidade se atrevesse! Parece-me que estou ouvindo a paulina, que de todos os lados pronunciada lhe vem; e mais refinada ainda pelos entendedores, com alcunha de *gente apurada no avaliar* (por antonomasia os *apurados*) que nada compõem, e que de tudo, a esmo, sentenceiam; e que em tudo o que dá gosto, punem pelo uso inveterado. Infelizmente, que esses apurados, mais rijos declamadores contra o que novamente propômos, não dão fé que todos os dias ouvem semi-barbara prosa latina, no concerto espiritual, e que os seus delicados ouvidos se não dão por arranhados.

«Como quer que aconteça, quanto menos adoçarmos o rigor das nossas leis poeticas, maior gloria redundará a quem as vença. Francamente lhes asseguro, que com maior merecimen-

to se depára em dez versos francezes bons, que em trinta versos italianos, ou inglezes. E ora esses que a natureza impelle, e como que força a poetisar, tem de nos comprazer, em despeito de quantos grilhões lhes pômos. Queixem-se embora os mais, que ainda quando os alliviassemos de taes pêas, não dariam melhores passadas.

«Resfriamos com a idade ácerca de versos, não porque desprezemos a poesia, mas porque mais perfeição lhe desejamos; mas outrosim porque não aturamos mediocre, depois que pelas reflexões sentimos, e pela experiencia conhecemos, quanta distancia corre entre o mediocre, e o excellente. Cotejo é este, em que avanços grangêa o excellente: quanto os mediocres nos enfadam, tanto os que o verdadeiro talento produz, nos dão agrado. Quem muito perde n'esse resfriamento, são os versos baldos de engenho; pequena perda!

«Nasce d'esse mesmo motivo, que, reconhecido o quanto merece imaginosa (como lhe chamam os italianos) dado que, quando moços, nos abale com a novidade o animo, e a toda e qualquer outra a prefiramos; damos, em nossos annos avançados, a primazia a versos que exprimem paixões da alma, ou cadenceiam nobremente uteis verdades. O poeta que pinta dá versos para infantes; quando o poeta philosopho os dá para homens feitos.

«Esta a razão, porque sem fazer resenha de quantos possuimos grandes poetas, agradaram sempre em toda a quadra da vida, e em todo o tempo, Racine, e La Fontaine. Um para o coração poetisou, e para o espirito e para a razão o outro. E mórmente o La Fontaine, que mal appellidam poeta dos infantes (que pouco o comprendem) tem maior jus a ser o poeta, que ainda mais que a Racine os velhos amam. Entre muitos motivos, que acarretar podera, e com que facil se depara, darei o seguinte que ao juizo submetto dos mestres, que me escutam.

«Requer o espirito, que sempre o poeta agrade; e nada menos, quer repousos; e esses repousos acha-os elle em La Fontaine, que com o seu mesmo desleixamento encanta, e tanto mais, que assim lhe pedia o assumpto. Em Racine, pelo contrario, fôra defeito a negligencia: e todavia a apurada elegancia d'esse poeta, por uniforme, e continuada, cança o leitor, por fim; como lhe chama certo discreto: monotonia da perfeição.

«Por esse mesmo motivo, se póde (se eu não me engano) explicar o como é quasi geralmente impossivel, lêr compridos poemas, d'um tiro, e sem enfadamento. Com effeito, compete ás longas obras assemelharem-se á conversação, que para ser agradavel e não cançada, ha de ter lances de animada e viva: e ora n'um assumpto, que nobre seja, desleixai um tanto os versos; eil-os que descontentam: continuai n'elles a perfeição, e essa mesma perfeição embota o nosso prazer.

«Postos estes principios, e ouvido o que geralmente depõem os litteratos, que admirador tão porfiado ha ahi de Homero, ou de Virgilio, que sem quebra, e sem fastio, leve a leitura ao fim? Verdade é que além do metro, outra causa alli produz o nosso resfriamento; e essa vem do pouco que n'esses compridos poemas interessamos. Diga-o a impossibilidade de os lêrmos nas traducções. Um só épico (perdôe Boileau) nos interessa; esse é o Tasso, que tem o grande defeito de ser muitos seculos mais moderno do que Homero, e que Virgilio. Talvez que tenhamos poema épico, que sem cansaço, e sem enojo se leia d'um tiro: mas tem o author maior defeito ainda que o Tasso, que é ser francez, e viver ainda.» (Versão de F. M. do Nascimento).

PÓLOS. É sabido que o movimento de rotação da terra se effectua sempre ao redor de um mesmo diametro, como se fosse atravessado n'esta direcção por um eixo material. Os pontos em que este diametro encontra a superficie da terra, são denominados *pólos*. Privados de luz durante seis mezes no anno, não tendo o sol senão a uma pequena altura, e por isso incidindo os seus raios muito obli-

quamente, os pólos devem necessariamente ter sempre uma mui baixa temperatura. Assim é que o accesso para elles é vedado por immensos mares de gelo, e que só a uma consideravel distancia se começam a observar vestigios de vegetação e de vida.

Os dous pólos da terra distinguem-se por denominações particulares: o pólo que mais se aproxima de nós, chama-se *pólo arctico*, e, por opposição, o outro é denominado *pólo antarctico*. Dá-se tambem muitas vezes ao primeiro a denominação de *pólo boreal* (de *Boreas*, vento do norte), e a de *pólo austral* (de *Austro*, vento do sul), ao segundo.

Aos pólos da terra correspondem dous pontos notaveis na esphera celeste, ao redor dos quaes ella parece effectuar cada dia seu movimento de rotação. Estes dous pontos são os *pólos celestes*; foram estes os que primeiramente se chamaram *pólos*, e unicos que tiveram esta denominação em quanto a terra se reputou immovel. Estes dous pontos celestes, em virtude da correspondencia que teem com os da terra, podem servir para a determinação da latitude do lugar em que nos achamos.

A palavra pólo vem do grego *polein*, girar; porque, na hypothese da immobilidade da terra, os pólos parecem girar.

POLYBIO. Um dos maiores escriptores da antiguidade, modêlo dos historiographos modernos, foi Polybio, de Megálopolis, estadista, formado por seu pai Lycordas; militar instruido por Philopemen, exerceu distincta parte na historia da sua patria como embaixador aos generaes romanos, e como chefe da cavallaria da Achaia. Publicou varios escriptos historicos, já agora perdidos, menos a sua *Historia geral* em quarenta livros, dos quaes temos uma parte; que comprehende o periodo de 53 annos, desde o principio da segunda guerra punica (535 de Roma) até á submissão de Macedonia pelos romanos, em 587.

POLYEDROS. (Do grego *polys*, muitos, e *edra*, base). 1. É assim chamado, em geometria, todo o solido terminado em todos os sentidos por superficies planas que se cortam duas a duas. Estes planos por suas intersecções respectivas formam: 1.º polygonos rectilineos que são as *faces* do polyedro; 2.º linhas rectas que são as *arestas* do solido; 3.º um certo numero de angulos diedros e angulos solidos, cujo numero e disposição determinam a fórma do polyedro.—Distinguem-se os polyedros pelo numero de suas faces. Assim, o que tem quatro faces, é o *tetraédro* ou pyramide triangular; o que tem cinco, *pentaédro*; o que tem seis, *hexaédro*; o que tem oito, *octaédro*; o que tem doze, *dodecaédro*; o que tem vinte, *icosaédro*. São estes os unicos nomes particulares em uso; e, em geral, diz-se um polyedro de 10, 15, 30, 100 faces, etc. — O polyedro é *regular*, quando suas faces são polygonos regulares iguaes, e seus angulos polyedros são iguaes entre si. O numero dos polyedros regulares não é, como o dos polygonos regulares, illimitado. Demonstra-se que não podem existir senão cinco, a saber: tres, cujas faces são triangulos equilateros (tetraédro, octaédro, icosaédro, regulares); um formado por quadrados (hexaédro regular ou cubo); e um terminado por pentagonos regulares (dodecaédro regular). Nos polyedros, notam-se em particular os dous generos principaes: *prismas*, de que os *parallelipipedos* são um caso particular, e *pyramides*. (Veja PRISMA e PYRAMIDE).

2. Os polyedros regulares, como os polygonos regulares, teem *centro*, isto é, um ponto interior equidistante de todos os vertices e de todas as faces do polyedro. A distancia do centro a um dos vertices, chama-se *raio* do polyedro regular, e a distancia do mesmo ponto a uma das faces, denomina-se *apothema*. Percebe-se facilmente que tirando todos os raios em um polyedro regular, o solido fica decomposto em tantas pyramides iguaes quantas as faces, tendo o centro por vertice commum e por altura o apo-

thema do polyedro. É pois evidente que, para collocar o volume de um polyedro regular, basta conhecer o comprimento de seu apothema e a área de uma de suas faces; ora, em todos os polyedros regulares, exceptuando o tetraédro, as faces são parallelas duas a duas: póde-se pois medir externamente a sua distancia, e a metade d'ella será o apothema. — O volume de um polyedro regular obtem-se multiplicando a superficie de uma de suas faces pelo numero d'ellas, e pelo terço do apothema do polyedro. — Esta decomposição do polyedro em pyramides e em tetraédros não se applica só aos polyedros regulares, é geral; e é mesmo por este modo que se avalia o volume dos polyedros quaesquer. Com effeito dado um qualquer polyedro, imaginam-se planos conduzidos por um de seus vertices e pelas arestas, que não concorrem n'esse vertice, os quaes dividem o polyedro em pyramides; e calculam-se os volumes das pyramides componentes.

O professor exercitará os discipulos mandando-lhes cubar pedaços de pedra de fórma irregular.

POLYGONACÉAS. (Veja Dycoteledoneas).

POLYGONO. (Do grego *polys*, muitos, e *gonia*, angulo). 1. Denomina-se *figura rectilinea* ou *polygono* uma porção de plano limitado em todos os sentidos por linhas rectas. Em todo o polygono se consideram tres cousas, a saber: os *lados*, os *angulos* e a *superficie*. O *triangulo* é o mais simples dos polygonos; pois que duas rectas que se cortam deixam um espaço indefinido, o qual para ser limitado é necessario uma terceira recta, pelo menos, que limite as duas primeiras. Distinguem-se os polygonos pelo numero de seus lados: *triangulo* (tres lados), *quadrilatero* (quatro lados) (veja estas duas palavras), *pentagono* (cinco lados), *hexagono* (seis lados), *heptagono* (sete lados), *octogono* (oito lados), *decagono* (dez lados), *undecagono* (onze lados), *dodecagono* (doze lados), *pentedecagono* (quinze lados), *icosigono* (vinte lados). Todas estas palavras teem a terminação grega *gonia*, angulo, e significam, por conseguinte, 3 angulos, 4 angulos, 5 angulos, etc.; mas, na pratica, consideram-se os lados, cujo numero é sempre igual ao dos angulos. A primeira parte d'estas palavras é derivada tambem do grego: *trio*, tres, *penta*, cinco, *hexa*, seis, *hepta*, sete, *octo*, oito, *deka*, dez, *endeka*, onze, *dodeka*, doze, *pentedeka*, quinze, *eikosi*, vinte. *Quadrilatero* vem do latim *quadri*, quadruplo, e *latus*, *lateris*, lado. — Os outros polygonos, cujo numero é illimitado, designam-se pelo numero de seus lados.

2. O valor dos angulos e o comprimento dos lados podem ser indefinidamente variaveis; d'aqui diversas denominações: *polygonos equilateros*, o que tem lados iguaes; *equiangulo*, o que tem angulos iguaes; *regular*, o que tem lados e angulos iguaes entre si; *irregular*, o que tem lados e angulos desiguaes.

Um polygono diz-se *inscripto* em um circulo, quando os vertices de seus angulos estão sobre a circumferencia, e cujos lados são, por consequencia, cordas; e *circumscripto* ao circulo, quando os lados são tangentes. — O *centro* de um polygono regular é o ponto que é ao mesmo tempo o centro do circulo inscripto e o do circumscripto. O seu *raio* é o do circulo circumscripto, e o seu *apothema* a perpendicular baixada do centro sobre um dos lados, isto é, o raio do circulo inscripto. — Como todo o polygono regular se póde decompôr em um certo numero de triangulos iguaes, tantos quantos o numero de seus lados, cujo vertice commum é o centro, percebe-se que, para se avaliar a *superficie*, basta multiplicar o seu *perimetro* ou o contorno pela metade do apothema, que é a altura commum. — Para se obter a avaliação da superficie dos polygonos irregulares, dividem-se em triangulos só, ou em triangulos e trapezios rectangulos, cuja avaliação se faz separadamente, e depois se sommam os resultados. (Veja Agrimensura, Are).

3. Os polygonos gozam de propriedades communs que permittem estudal-os juntamente. — Todo o polygono, em geral, é divisivel, por meio de diagonaes, em tantos triangulos quantos os seus lados menos dous. — A somma dos angulos interiores de qualquer polygono é igual a tantas vezes dous angulos rectos quantos os lados menos dous. — O circulo póde considerar-se um polygono regular de uma infinidade de lados. — Póde-se sempre achar o centro de um polygono regular: basta levantar duas perpendiculares pelo meio de dous lados adjacentes e a sua intersecção será o centro do polygono. E póde-se mesmo achar o centro de uma circumferencia ou de um qualquer arco de circulo, conhecendo-se apenas tres de seus pontos, pois que o triangulo é sempre inscriptivel. Unem-se estes tres pontos *dados* (quando não sejam, tomam-se á vontade) por meio de duas rectas, que podem ser consideradas como dous lados de um triangulo, e procede-se como acima se indicou.

4. Um polygono regular é sempre inscriptivel n'um circulo; e esta propriedade permitte construil-o, qualquer que seja o numero de seus lados; basta dividir a circumferencia em tantas partes iguaes quantos o numero de lados do polygono. Os pontos de divisão da circumferencia são os vertices dos angulos do polygono, e, por consequencia, as cordas que elles determinam formarão o polygono. — Falta indicar os meios de dividir a circumferencia em um numero qualquer de partes iguaes.

1.º Divida-se 360 *graus* pelo *numero*, e o quociente representa os graus do arco que subtende cada lado do polygono inscripto; basta portanto, com auxilio do transferidor, marcar os pontos de divisão sobre a circumferencia e unil-os por meio de rectas; 2.º podem-se ainda, por meio do compasso e pelo processo de tentativas, obter os pontos de divisão. No fim da primeira volta sobre a circumferencia, deve-se tomar conta do sentido do erro commettido; dividil-o á vista em tantas partes quantos o numero de lados que o polygono deve ter, augmentar ou diminuir a abertura do compasso, segundo o erro fôr para menos ou para mais, e recomeçar a operação. Geralmente, no fim da terceira volta obtem-se a divisão da circumferencia; 4.º em fim, póde-se empregar o methodo graphico indicado em todas as geometrias. Por exemplo, por meio do raio, divide-se a circumferencia em seis partes, e, por consequencia, em tres não considerando senão os tres pontos intermedios. Cada arco dividido ao meio, dá a duodecima parte; e assim, dividindo a nova divisão em duas partes iguaes, póde-se dividir a circumferencia em 24, 48, etc., partes iguaes. —Dous diametros perpendiculares dividem a circumferencia em quatro partes iguaes, o que permitte inscrever um quadrado; subdividindo, póde-se decompôl-o em 8, 16, 32, 64, etc. partes iguaes. — Estas divisões permittem construir uma grande variedade de polygonos estrellados, que são frequentemente empregados nas artes.

POLYNESIA. «A Oceania oriental ou Polynesia é uma das quatro divisões em que os geographos repartem essa innumeravel multidão de ilhas, que cobrem o Oceano Pacifico, e que formam a quinta parte do mundo. Esta divisão comprehende os archipelagos Hawaii, Nouka-Hiva, Pomotou, Taiti, Hamoa, Tonga, as ilhas da nova Zelandia, as ilhas Chatam, e muitas outras derramadas por aquelles mares.

«Os habitantes d'estas ilhas teem communmmente uma estatura maior que a mediana, feições avultadas, nariz aquilino, cabello corredio, e a côr tirando a azeitonada; as mulheres são altas e grossas, sem serem desmesuradamente gordas.—Nota-se que n'estas ilhas as familias dos chefes e das pessoas principaes são as mais robustas de todas: e mui superiores ao povo commum pela regularidade das fórmas. Têem para si que quanto mais a côr da pelle tira a negro, maiores forças indica no individuo.

«Quanto ás suas faculdades mentaes pouco têem ainda sido desenvolvidas; mas parecem serem capazes de grandes progressos. As suas instituições systematicas, a eloquencia arrazoada, que mostram nas suas assembléas nacionaes, e a copia e pureza da sua linguagem, e a grande aptidão que teem para tudo quanto lhes ensinam, principalmente para o calculo, evidenceiam a sua natural agudeza. Grande numero de pessoas já adultas aprenderam a lêr o Novo Testamento em doze mezes, começando por aprender o alphabeto.

«No seu trato domestico são alegres, agasalhadores, e bem inclinados. São sobrios, e de pouco trabalho: deitam-se muito cedo e levantam-se antes de romper o dia. A duração commum da vida entre estes povos, regula pela duração da vida em outra qualquer nação.

«A povoação d'estas ilhas anda por 50:000 almas. Todavia, não só pelo testemunho dos naturaes, como pela prova mais decisiva, das ruinas de edificios, que se vêem em qualquer parte d'aquellas ilhas, é manifesto que a povoação foi muito maior do que é hoje: as crenças religiosas, as guerras, os infanticidios eram antes da chegada dos inglezes á Polynesia, a causa da diminuição d'aquella gente.

«As suas guerras eram frequentes e sanguinarias: pelejavam com cacheiras, virotes, zarguncho, e fundas. Ao começarem uma campanha, offereciam sacrificios humanos a *Oro*, deus da guerra, e invocavam o seu favor. Equipavam-se e reuniam-se então as canoas de guerra; puliam e aguçavam as armas, e enviavam mensageiros a requerer aos partidarios dos contendores, que se reunissem em certo tempo, no lugar para isso aprazado. Eram os sacerdotes pessoas importantissimas n'estas occasiões: praticavam-se varios ritos e ceremonias; e faziam-se sacrificios para tornar as divindades propicias. Ás vezes reuniam numerosos exercitos; quando o capitão Cook lá estava deu á vella uma frota de 170 canoas levando cada uma 40 homens, o que montava a mais de 6:000 combatentes.

«As mulheres acompanhavam ás vezes seus maridos a estas expedições sanguinolentas; mas commummente só pelejavam com as mãos e unhas. O vestuario dos guerreiros era magnifico: todos entravam em combate com os melhores trajos, que eram de certo panno muitissimo encorpado, que elles proprios fabricavam. Usavam uma especie de turbantes muito grandes, ou elmos do feitio, pouco mais ou menos, dos romanos, tecidos de verga, bastidos de panno, e ornados de pennachos verdes e vermelhos. Nas orelhas levavam bocados de madreperolas e de outras conchas, pendurados em feixes. Alguns usavam uma casta de armadura de malha, tão apertada ao corpo que apenas os deixava bulir, só com o fim de tomarem um aspecto terrivel.

«Quando os exercitos se encontravam, os guerreiros se assentavam no chão á roda dos seus chefes, usando da linguagem mais affrontosa uns contra os outros: então erguiam-se dous ou tres, e desafiavam igual numero de contrarios: a estes seguiam-se outros, até que a peleja se tornava geral. O primeiro prisioneiro que se apanhava era sacrificado vivo: o resto d'elles eram assassinados depois, ou conservados para escravos.

«Mas os horrores d'estas guerras de selvagens começavam propriamente quando o bando vencido era obrigado a fugir. Os vencedores separavam-se: um troço d'elles continuava a perseguir os fugitivos, e outro acommettia as povoações inimigas, e assassinava os habitantes sem compaixão, e sem distinguirem sexo nem idade. Todas as suas guerras eram de exterminio; e os vencedores se banqueteavam com os cadaveres dos inimigos mortos.

«A religião da Polynesia era uma religião de sangue. Os objectos do seu culto eram monstros de iniquidade, que presidiam a todos os phenomenos da natureza: e as cataractas, os desfiladeiros, as cavernas, consideravam-as como habitações d'estes entes

invisiveis. — Os idolos eram troncos informes de pau, ou pedras brutas, embrulhadas em pannos sagrados, e ás vezes esculpidas. N'estes troncos, ou pedras collocados nos *maraes* ou templos, criam elles que entravam os deuses quando eram invocados pelos sacerdotes. Alguns d'estes *maraes* eram edificios immensos. O capitão Wilson foi vêr um que tinha 270 pés de comprimento, 94 de largo, e 50 de alto, e com degraus por todos os lados, como uma pyramide do Egypto. Estas montanhas artificiaes eram rodeadas de bastos arvoredos.

«Os sacrificios consistiam em aves, feras, peixes e fructos; bem como nas melhores manufacturas, e em victimas humanas. Segundo affirmam os missionarios inglezes, os devotos devoravam a carne d'estas victimas.

«O infanticidio era um dos costumes mais vulgares entre estes barbaros, e a tal ponto estava arreigado, que havia alguns que confessavam terem morto por differentes vezes oito ou dez filhos. Esta depravada usança fôra posta em voga por certa sociedade chamada *Areois*, cujos membros sob color de inspirados commettiam quantas abominações podem caber na maldade humana.

«Os polynesios são os melhores nadadores do mundo, e excellentes caçadores. Para a pesca tambem teem grandissima habilidade, e recebendo a civilisação ingleza, virão a ser um dia uma das mais industriosas nações da Oceania.» (*O Panorama*).

POLYNOMO. (Veja ALGEBRA).

POLYPEIROS. (Veja ZOOPHYTOS).

POMPEIA. «Dezesete seculos decorreram sem que fosse possivel descobrir o menor vestigio do lugar onde existira Pompeia; — e só meado do seculo passado — no anno de 1748, reinando em Napoles Carlos III, grande amador das sciencias e das bellas-artes, um lavrador, fazendo uma plantação de vinhas, achou que debaixo de seus pés estava escondido o monumento mais curioso, que nos legou a antiguidade. — É na verdade para admirar, que esta tão interessante cidade estivesse por descobrir até uma época tão recente, e que as opiniões dos sabios e antiquarios tivessem por tanto tempo variado ácerca da sua verdadeira situação. — Em muitos lugares se tinham por vezes encontrado massas de ruinas, porções de theatros, templos e casas apenas a dous pés abaixo do terreno. — Os camponezes, cavando n'aquelles sitios, achavam a cada instante pedaços de marmore polido, e outros objectos antigos; em alguns sitios tinham mesmo deparado com os muros da cidade, e apesar de tudo isto, nunca se chegou a descobrir o que estava enterrado debaixo d'aquelle isolado montão de cinzas. — Ha ainda outra circumstancia, que augmenta a admiração de Pompeia ter permanecido por tanto tempo escondida no centro da terra. Um aqueducto subterraneo atravessa hoje a cidade passando por baixo do templo d'Isis, o qual se diz ter sido construido no meio do seculo decimoquinto para supprir com agua a cidade contigua de *Torre dell' Annunziata*. Ao abrir e limpar este canal, os trabalhadores passaram d'um lado ao outro por baixo de Pompeia, sem que descobrissem indicio algum da sua existencia.—Agora, porém, graças ao cuidado dos soberanos napolitanos que desde Carlos III tem proficuamente continuado as excavações, e sobre tudo ao curto governo dos francezes n'aquelle reino, a cidade de Pompeia está patente á vista, senão toda, ao menos a demarcação das suas muralhas e a parte mais interessante d'ella. — Já não permanece escondida debaixo d'uma abobada de cinzas e de vinhas, mas é alumiada por aquelle mesmo sol, que sobre ella brilhava um momento antes da terrivel explosão que levou a destruição a tantas riquezas reunidas.

«Esta mesma erupção do anno 79 fez desapparecer da face da terra a cidade d'Herculanum; — porém infelizmente para a republica das letras, como era situada mais proxima do Vesuvio, as cinzas e pedras abrazadas

que sobre ella cahiram, tendo-se misturado com as aguas quentes lançadas pelo volcão, formaram uma especie d'argamassa tão dura, que as excavações se tornam mui difficeis, e os objectos encontrados apparecem sobremaneira damnificados.—Porém as cinzas que cahiram sobre Pompeia como eram seccas e soltas causaram mui pequeno damno; podendo antes dizer-se que concorreram para a conservação dos edificios e seus ornamentos; como os pavimentos de mosaico, as pinturas, os utensilios e em geral tudo o que alli existia.—A maior parte dos edificios se encontraram inteiros, e sómente os tectos abateram em consequencia do peso que sobre elles carregou; o que prova que as materias da erupção cahiram em fórma de chuva, e não como torrentes sahindo do Vesuvio, o que teria destruido os edificios, arrancado as columnas, e queimado todas as materias combustiveis, que apenas estavam crestadas quando foram descobertas.

«Mas qual foi a sorte dos desgraçados pompeianos n'este dia de verdadeiro horror? — Dion nos diz, que elles se achavam no theatro no momento da catastrophe e que alli ficaram todos sepultados. — Uma multidão d'authores seguiu esta opinião sem se lembrar que ella é absolutamente contraria á natureza e acção dos volcões e particularmente do Vesuvio, cujas erupções são sempre precedidas d'indicios infalliveis que dão tempo a fugir. — Em todas as excavações apenas se acharam uns sessenta esqueletos e sómente um appareceu no theatro. — Além d'isto não se póde suppôr que os habitantes de Pompeia ficassem tão estupefactos que não lhes restassem forças para fugir á aproximação d'um perigo tão imminente; — sendo provavel que só perecessem aquelles, que estavam impossibilitados d'abandonar a cidade, ou que ficaram retidos pelo amor das riquezas, na esperança de vêr bem depressa cessar tão grande flagello. — Tem-se de mais observado que as cinzas volcanicas que cobriram Pompeia não ficaram em toda a parte igualmente dispostas, isto é, da maneira por que foram lançadas pelo Vesuvio, e conforme se acham na maior parte das excavações, o que deixa crêr que depois da erupção do anno 79 os desgraçados pompeianos procuraram descobrir suas casas para recobrar as preciosidades que n'ellas deixaram, bem como fizeram os habitantes de *Torre del Greco* depois da erupção de 1794.» (*Memoria sobre as ruinas de Pompeia*).

Ácerca da erupção do Vesuvio e desastroso perecimento de Plinio, o Velho, escreveu Plinio, o Moço a Tacito, a seguinte notabilissima carta:

«Vós me pedis os promenores da morte de meu tio, a fim de os transmittir á posteridade. Sou grato á vossa intenção. — Sem duvida a recordação eterna d'um flagello, causa da morte de meu tio, e da destruição de povoações inteiras promettia ao seu nome a immortalidade; já elle se podia lisonjear de que as suas obras lh'a asseguravam; mas uma linha de Tacito lh'a confirma indubitavelmente. Felizes aquelles a quem os deuses concederam a vantagem de praticar acções dignas de serem escriptas; ou de escrevel-as dignas de serem lidas! E mais feliz aquelle que obteve conjunctamente estes dous favores! —Tal foi a sorte de meu tio. Obedeço pois de tanto melhor grado aos vossos desejos, quanto elles são iguaes aos meus.

«Meu tio se achava em Micêno, onde commandava a frota.

«No dia 23 de agosto, pela uma hora depois do meio dia, estando elle recostado no seu leito, occupando-se em estudar, e tendo já, segundo o seu costume, dormido um momento ao sol e bebido agua fria, minha mãi subiu ao seu quarto e lhe annunciou que começava a elevar-se no céo uma nuvem d'uma grandeza e fórma extraordinaria. Meu tio levanta-se e examina o prodigio, sem com tudo poder conhecer, em razão da distancia, que esta nuvem sahia do Vesuvio; a qual se assemelhava a uma arvore e principalmente a um pinheiro, porque

depois de se ter elevado a uma grande altura em fórma de tronco se estendia para os lados imitando a ramagem. — Parecia que um vento subterraneo a impellia impetuosamente, sustentando-a nos ares; — ora se notava branca, ora negra, ora de diversas côres, segundo estava mais, ou menos carregada de pedras ou cinzas.

«Meu tio ficou attonito; e julgou o phenomeno digno de ser observado de perto. — Depressa uma galera! — exclama elle — e me convida a que o siga; eu preferi continuar no meu estudo; e elle sahiu só, e se embarcou.

«Depois de ter lido algum tempo, tomei um banho e deitei-me; mas não me foi possivel adormecer. — O terremoto que já ha muitos dias agitava todas as aldeias visinhas e mesmo as cidades, se augmentava a cada instante. Procuro levantar-me para ir acordar minha mãi, quando repentinamente ella entrou no meu quarto para me chamar.

«Descemos ao pateo e alli nos sentamos. Mandei buscar Tito Livio para não perder o tempo. — Comecei a lêr, meditei, e fiz alguns extractos, como se estivesse no meu quarto! Seria isto firmeza, ou imprudencia? Eu o ignoro; era então tão moço! — N'este momento chegou um amigo de meu tio que ha pouco tinha vindo da Hespanha para o vêr, o qual arguiu minha mãi da sua indifferença e tranquillidade, e a mim da minha audacia. — Nem sequer levantei os olhos fitos sobre o livro. — Entretanto as casas se abalavam a um tal ponto, que nós resolvemos deixar Micêno. O povo nos seguiu espavorido; pois que algumas vezes o medo imita os passos da prudencia.

«Paramos apenas tinhamos sahido da cidade: novos prodigios — novos terrores! — A praia, que se alargava sem cessar, já coberta de peixes que tinham ficado em secco, se agitava continuamente repellindo para mui longe o mar irritado, que de novo vinha cahir sobre ella; ao mesmo tempo que diante de nós se avança, dos limites do horisonte, uma nuvem negra, carregada de fogos sombrios, que incessantemente penetravam por entre ella, fazendo brilhar grandes relampagos.

«Voltou outra vez o amigo de meu tio a fazer junto de nós novas instancias. — Salvai-vos — nos diz elle — tal é a vontade de vosso tio, se ainda vive, e o seu voto, se já é morto. — Pois que? Se ignoramos a sorte do meu tio — respondi eu — poderemos inquietarnos da nossa! — A estas palavras o hespanhol partiu.

«No mesmo instante a nuvem cahindo dos céos sobre o mar o envolveu, subtrahindo á nossa vista a ilha de Caprea e o promontorio de Micêno. — Salva-te, meu querido filho — exclama minha mãi—cumpre fazel-o, e pódes ainda conseguil-o, porque és moço; mas eu, que tenho a lutar com o enorme peso do meu corpo e dos meus annos, morrerei contente, uma vez que não seja a causa da tua morte. — Minha mãi, jámais procurarei salvar-me senão comvosco. — Tomo-a pela mão, procuro apressal-a. — O meu filho — dizia ella chorando, — eu te retardo o passo!...

«A este tempo já as cinzas começavam a cahir. Volto a cabeça, — um espesso fumo, inundando a terra como uma torrente, se precipitava para o nosso lado. — Minha mãi, fujamos da estrada; n'ella seremos suffocados pela multidão no meio das trevas, que se aproximam. — Apenas tinhamos deixado a estrada quando se espalhou a noite, a noite mais escura! — Então não se ouviam senão as queixas das mulheres, os gemidos das crianças, e os gritos dos homens. — Através dos suspiros se ouvia exclamar com diversos accentos de dôr: — Meu pai! — Meu filho!... Minha esposa!... Sómente a voz podia dar-nos a conhecer. — Este deplorava o seu destino; aquelle a sorte dos seus parentes; uns faziam supplicas aos deuses; outros os renegavam; muitos chamavam pela morte contra a mesma morte. — Dizia-se que iamos ser sepultados com o mundo na ultima das noites, n'aquella que devia ser eterna! — E no meio de tudo isto, que narrações funestas! — Que terrores imaginarios!

— O pavor tudo encarecia, ao mesmo tempo que fazia acreditar tudo!...

«Repentinamente uma grande claridade penetra através das trevas; era o incendio que se augmentava, mas elle pára, — extingue-se, — redobra a escuridade, e com ella a chuva de pedras e de cinzas. — A cada instante eramos obrigados a sacudir os nossos vestidos. — Será crivel que no meio d'esta scena d'horror não me escapasse uma só queixa? — Consolava-me o morrer com este pensamento: — *O universo vai perecer!*

«Em fim este vapor espesso e negro se dissipa e desvanece pouco a pouco. — Resuscita o dia, apparece de novo o sol, porém amarellado e sem brilho, tal como se mostra ordinariamente n'um eclipse. — Que espectaculo se offereceu então a nossas vistas ainda incertas e perturbadas! — As cinzas tinham coberto toda a face da terra, bem como a neve no rigor do inverno. — Ninguem conhecia a direcção dos caminhos; procuramos a estrada de Micêno, e depois de a encontrarmos a tornamos a seguir, pois a tinhamos abandonado. — Bem depressa recebemos novas de meu tio. Ai de mim! tinhamos sobejos motivos para nos inquietarmos da sua sorte!

«Já vos disse que depois de nos ter deixado em Micêno, elle se tinha feito ao mar em uma galera, dirigindo o seu curso para Retina e outras aldeias ameaçadas. — No meio da confusão geral elle observava attentamente a nuvem, seguia todos os seus phenomenos, e ao mesmo passo ia dictando. — Porém já uma cinza espessa e abrazadora descia sobre a sua galera — já as pedras começavam a cahir em volta d'ella; parecendo montanhas as que já haviam cahido sobre as praias! Meu tio hesita se voltará para traz, ou se ganhará o mar largo. *A fortuna favorece a audacia* — exclama elle — *vamos ter com Pompeiano.* Estava elle em Stabia, onde meu tio o achou tremendo; abraça-o — anima-o — e para dar ao seu amigo um exemplo da segurança de que goza, pede um banho, depois do qual senta-se á mesa, e cêa de muito bom humor; — ou ao menos, o que provava igualmente o seu caracter, com todas as apparencias d'alegria.

«Entretanto o Vesuvio se inflammava de todas as partes na profundidade das trevas. — São as aldeias abandonadas que se incendeiam — dizia meu tio ao povo, procurando animal-o. Depois d'isto deitou-se e adormeceu. Já dormia com um profundo somno, quando o pateo da casa começou a encher-se de cinzas; todas as sahidas d'ella começavam a obstruir-se. — Levanta-se meu tio, vai ter com Pompeiano, e delibera com elle e com o seu sequito sobre o partido que deviam tomar. — Ficarão em casa? — Fugirão para o campo? — Se ficam como poderão escapar á terra que está prestes a abrir-se? — Se fogem como evitarão as pedras que cahem das nuvens? Lançam mão do ultimo partido; a multidão persuadida pelo temor; meu tio convencido pela razão.

«No mesmo instante sahem da cidade, tomando sómente a precaução de cobrir a cabeça com travesseiros. Tornava a apparecer o dia por toda a parte, mas alli reinava ainda a noite! — Noite horrivel! que só era alumiada por uma nuvem de fogo! — Meu tio quiz aproximar-se da praia, apesar do mar ainda estar muito agitado. — Encaminhou-se para ella, bebeu agua e fez estender um panno sobre o qual se deitou; de repente se vêem brilhar umas chammas ardentes, precedidas d'um cheiro a enxofre que obriga todos a fugirem. Meu tio, sustentado por dous escravos, procura levantar-se, mas de repente cahe suffocado pelo vapor: — e Plinio é morto!... Tres dias depois (quando de todo se tinham dissipado as trevas n'este sitio) foi achado no mesmo lugar o seu cadaver, inteiro, sem a menor lesão, e com os mesmos vestidos que trazia; tendo antes a apparecencia de uma pessoa entregue ao repouso, do que ao profundo somno da morte!»

PONTA DELGADA. «No anno de 1431 mandou o sabio infante D. Henrique a Gonçalo Velho Cabral, com-

mendador d'Almourol, descobrir novas terras nos mares de oeste. Depois de baldadas diligencias regressou o navegante, tendo apenas encontrado no meio do oceano uns rochedos, que por serem muitos e encarreirados, denominou os *baixos das Formigas*. Animado o infante com este achado, enviou-o no anno seguinte ás mesmas paragens, e d'esta vez descobriu, a cinco leguas d'aquelles rochedos, uma ilha, a que deu o nome de *Santa Maria*, por a ter descoberto em 15 d'agosto, dia consagrado á Assumpção da Virgem. E foi esta a primeira ilha que se descobriu do archipelago dos Açores.

«Passados doze annos, em 1444, o mesmo commendador d'Almourol fez a descoberta de uma outra ilha, a que chamou *S. Miguel*, por ter alli chegado a 8 de maio, dia da apparição do Archanjo. Ao diante foram-se descobrindo as outras sete, que com aquellas formam tres grupos distinctos na direcção de oes-noroeste e les-sueste. O grupo mais oriental é formado pelas ilhas de *Santa Maria*, de *S. Miguel*, e rochedos das *Formigas*. O occidental pelas das *Flôres*, e do *Corvo*. O central pelas *Terceira*, *S. Jorge*, *Fayal* e *Graciosa*. Estão situadas a 27°, 20′ de longitude occidental, e 37°, 40′ latitude norte. Dividem-se em dous districtos administrativos, Angra, e Ponta Delgada; e comprehendem vinte e um concelhos, cento e dezoito parochias, e cincoenta e quatro mil duzentos oitenta e dous fogos, com uma população de duzentos quarenta mil e novecentos habitantes.

«S. Miguel é a segunda ilha na ordem do descobrimento, e é a primeira pela sua grandeza, população, e importancia commercial. Tem dezoito leguas de comprimento, e pouco mais de tres a quatro de largura. A sua ponta de leste dista do cabo do Espichel, pouco mais ou menos, duzentas e doze leguas. Tem dous portos principaes, ambos do lado do sul, e desabrigados, o de Ponta Delgada, e o de Villa Franca. O solo é como o das outras ilhas d'este archipelago, de origem volcanica. O clima é temperado e saudavel. A sua população excede a noventa mil almas.

«É capital d'esta ilha a industriosa e rica cidade de Ponta Delgada, que se acha sentada em lugar plano, nas margens de uma enseada de tres leguas de largura, formada por dous cabos, chamados *Ponta da Galé*, e *Ponta Delgada*, que deu o nome á cidade. A esta ultima tambem chamam de *Santa Clara*, por causa de uma ermida d'esta invocação, que alli se edificou ha muitos annos.

«A perspectiva da cidade vista do mar é de muita belleza. A casaria resplandecente d'alvura, e coroada pelas torres de varias igrejas e conventos, estende-se em uma longa linha á borda do oceano; e pelo lado de terra, cercam-na, como o caixilho ao painel, verdejantes collinas, ligeiramente ondeadas, e cobertas em grande parte de pomares.

«Começou a povoar-se a ilha, por ordem e diligencias do infante D. Henrique, no anno de 1445; porém até ao de 1499 era Ponta Delgada um simples lugar, sujeito ao governo de Villa Franca, então a principal povoação. As vantagens da situação fizeram desenvolver-se e crescer tanto a primeira durante a ultima decada d'aquelle periodo, que, mal soffrendo a sujeição ás authoridades de Villa Franca, deu origem a disputas e rixas entre os moradores das duas povoações. Para obviar a este mal, e deferir á supplica dos habitantes de Ponta Delgada, erigiu el-rei D. Manoel este lugar em villa no anno de 1499.

«Em 1522 houve na ilha um grande terremoto, que sepultou a maior parte de Villa Franca debaixo dos montes do Rabaçal, e Louriçal. Morreram n'esta catastrophe perto de cinco mil pessoas. Ponta Delgada tambem padeceu muita ruina, mas tão depressa se reparou, e augmentou, que em 1546 el-rei D. João III a fez cidade e capital da ilha.

«Os volcões de *João Ramos*, e do *Paio*, que rebentaram em 1552, e o do *Pico do Sapateiro*, que rebentou

em 1563, e que por muitos dias vomitou torrentes de lavas abrasadoras, produziram abalos da terra, que damnificaram mais ou menos todas as povoações da ilha.

«Em julho de 1582 surgiu nas aguas de S. Miguel uma armada de sessenta navios, com oito mil soldados, quasi todos francezes. Trazia a seu bordo o pretendente á corôa de Portugal, D. Antonio, prior do Crato, que demandava a ilha Terceira. A 16 de julho desembarbaram tres mil homens no porto dos *Calhaus*, com o prior do Crato na sua frente, e em breve se assenhorearam, além d'outras povoações, de Ponta Delgada, excepto a fortaleza da cidade, que não quiz render-se, conservando-se por Filippe II de Castella. Dispunha-se D. Antonio para lhe dar assalto; porém avistando-se no dia 21 a esquadra hespanhola, que vinha a pannos largos em busca da do pretendente, recolheu-se tudo aos navios. No dia 24 travou-se o combate naval, que foi renhido e porfioso. Mortos o almirante portuguez, conde de Vimioso, e o general francez Filippe Estrosse, commandante das tropas de desembarque, decidiu-se a victoria pelos castelhanos, e os restos da armada contraria, com o prior do Crato, poderam ganhar o mar, e acolherem-se na Terceira, onde em vão os foi perseguir o almirante de Filippe II. Por occasião d'aquelle desembarque commetteram os francezes toda a sorte de roubos e estragos nos campos, nas povoações pequenas, e na propriedade, que pozeram a saque.

«Filippe II, como em indemnisação d'estas perdas, ou para recompensar o que elle chamava fidelidade, concedeu a Ponta Delgada no anno seguinte os mesmos fóros e privilegios de que gozava no continente a cidade do Porto. Mas, apesar de taes favores, assim que alli chegou a feliz nova da acclamação d'el-rei D. João IV em o 1.º de dezembro de 1640, Ponta Delgada, e toda a ilha de S. Miguel, sacudiram, cheias de enthusiasmo, o ominoso jugo de Castella.

«Em 1720 e 1755 sobrevieram dous grandes terremotos, que lançaram por terra muitos edificios. Em 1810 houve ao sul do *Pico dos Ginetes* uma pequena erupção, e em junho do anno seguinte rebentou no mar, junto á ponta da *Ferraria*, uma horrivel explosão submarina, de que resultou a formação de um ilhéo de trezentos pés de altura, com uma circumferencia aproximadamente de um quarto de legua, e rematando em uma enorme cratera.

«Em outubro desappareceu repentinamente esta pequena ilha, sem deixar mais vestigio que o susto e terror, que infundiu nos habitantes de S. Miguel, e os estragos, que causou particularmente nos navios, que se achavam surtos nos seus portos. Finalmente, em 1839 padeceu a cidade de Ponta Delgada um flagello de outro genero, mas não menos horroroso e devastador. O mar, agitando-se e crescendo de improviso, arremessou-se contra a cidade com tal furia, que derrubou o paredão, que abrigava o porto do areal de S. Francisco, e a praça da feira do gado; fez consideraveis estragos no castello de S. Braz, e n'outras fortificações, na alfandega e caes contiguo; arruinando tambem muitas casas e armazens particulares.

«Todavia, sem embargo de tantas e tão amiudadas calamidades, Ponta Delgada tem-se engrandecido, prosperando de anno para anno.

«Compõe-se o seu brazão de um portico sustentado por quatro columnas, tendo no centro as armas reaes. Sobre as duas columnas da parte interior avultam duas espheras armilares, e sobre as columnas exteriores duas tochas ardentes. Na volta do arco está no lugar superior a cruz da ordem de Christo, tendo de um lado o sol, significando a justiça, e do outro a lua, symbolisando Nossa Senhora da Conceição. Como remate do portico está uma corôa real, e por cima tres settas com uma palma atravessada. A cruz de Christo e as espheras são as divisas d'el-rei D. Manoel, que a fez villa. As settas e a palma

são o emblema do martyrio de S. Sebastião, padroeiro da cidade.

«No dia 1.º d'agosto de 1831 desembarcou em a ilha de S. Miguel, vindo da Terceira, á frente de uma força de mil e quinhentos homens, o conde de Villa Flôr, depois creado duque da Terceira, resolvido a plantar alli o estandarte da liberdade, e o governo legitimo da senhora D. Maria II. Sahindo-lhe ao encontro no dia seguinte as tropas realistas, que defendiam a ilha, em numero de tres mil homens, travou-se um mortifero combate nas alturas da *Ladeira da Velha*, que terminou com o triumpho da causa liberal. No dia 3 fez o conde de Villa Flôr a sua entrada na cidade no meio de grandes regosijos populares. Ha pouco mais d'um anno foi visitada Ponta Delgada por sua alteza real o infante D. Luiz, duque do Porto.

«O primeiro capitão donatario da ilha de S. Miguel foi o seu descobridor frei Gonçalo Velho Cabral. Seu sobrinho, e herdeiro, João Soares de Albergaria, vendeu esta capitania, por trinta e dous mil cruzados, em 1474, a Rui Gonçalves da Camara, filho de João Gonçalves Zarco, o descobridor da ilha da Madeira. Continuou o senhorio de S. Miguel nos descendentes de Rui Gonçalves da Camara, que mais tarde foram agraciados com o titulo de condes de Villa Franca, depois mudado no de Ribeira Grande, que ha poucos annos foi elevado a marquez.

«É a cidade de Ponta Delgada capital d'um districto administrativo, que comprehende toda a ilha de S. Miguel, e a de Santa Maria. É séde de um commando militar, e do tribunal da relação dos Açôres, creado por decreto de 16 de maio de 1832. Dividem-se os seus moradores pelas tres seguintes parochias: *S. Sebastião*, que é a matriz, templo vasto e de tres naves; *S. Pedro*, e *S. José*. A *igreja da misericordia* com o seu hospital annexo é um estabelecimento pio bem dotado e administrado.

«Os principaes edificios, além dos que ficam mencionados, são: o antigo *palacio dos capitães donatarios*, a *alfandega*, a *casa da camara*, os edificios de cinco extinctos conventos, tres de frades e dous de freiras, e os dous de religiosas, ainda habitados. Os dos frades eram: o *collegio dos jesuitas*, edificado em 1590, e cuja igreja se concluiu em 1666; o *convento dos eremitas de Santo Agostinho*, que teve a primeira fundação em 1606, e a segunda, com mudança de local, em 1680; e o *convento dos franciscanos*, tambem fundado primeiramente em 1525, e mudado em 1709 para o sitio em que ao presente se vê. Os quatro conventos de freiras eram: *Nossa Senhora da Esperança*, construido por D. Philippa Coutinho, mulher de Rui Gonçalves da Camara, segundo do nome, em 1541; o de *Santo André*, fundado em 1567; o de *S. João ante Portam Latinam*, edificado em 1602; e o de *Nossa Senhora da Conceição*, acabado em 1671. D'estes conventos foram supprimidos dous, passando as religiosas para os dous que ficaram, as quaes actualmente não são menos de cem. Ha na cidade umas oito ermidas.

«Apesar de ser edificada esta povoação em terreno plano, ou levemente inclinado, não tem nenhuma praça nem rua de traçado regular. Mas conta muitas casas de bom prospecto, com seus jardins e pomares. Tem theatro, e casa de assembléa. A guarnição da cidade, e defensa da ilha é feita por um dos regimentos de infanteria do continente, que para esse fim se revesam de dous em dous annos. O porto é defendido pela fortaleza de S. Braz, que encerra uma grande cisterna, e ha outras fortificações menores. Em 1851 entraram n'este porto trezentos oitenta e dous navios com trinta e quatro mil setecentas vinte e nove toneladas, e sahiram quatrocentos e treze com trinta e cinco mil setecentas quarenta e duas toneladas.

«Contém Ponta Delgada quatorze mil habitantes; mas se se incluir a parte dos arrabaldes, que fórma uma continuação, não interrompida, da cidade, n'este caso eleva-se a sua população a dezoito mil almás.

«Tem a cidade a melhor agua, que dizem haver em toda a ilha, não sendo tão boa a dos suburbios, que pela maior parte é salobra. Os mercados são abastecidos de muita variedade de excellentes hortaliças, e frutas, tanto da Europa como dos tropicos, de muita criação e caça, e de muita diversidade de pescado, em que abunda toda a costa da ilha.

«O seu commercio é importantissimo, sobretudo o de exportação. A ilha de S. Miguel exporta annualmente, termo medio, dez mil moios de cereaes e legumes para o reino, e Madeira, e cem mil caixas de laranja para Inglaterra. E além d'isso, entre outros productos, aguardente, e carnes salgadas. Este avultado trato commercial dá ao porto de Ponta Delgada um grande movimento annual de embarcações nacionaes e estrangeiras, augmentado ainda pelas que alli tocam simplesmente para receber provisões. A carreira de navios movidos a vapor, da companhia União Mercantil, que estabeleceu communicações regulares entre Lisboa e os portos de S. Miguel, Terceira, S. Jorge, e Fayal, deve influir poderosamente no desenvolvimento e prosperidade de Ponta Delgada, e de todo o archipelago açoriano.

«Os arrabaldes de Ponta Delgada são de singular belleza e amenidade. Vê-se por toda a parte uma vegetação pomposa e variada, entremeiando-se as arvores e plantas da Europa com muitas da America. Bonitas quintas de regalo, e uma infinidade de pomares de laranja, frondosos como bosques de arvores silvestres, povoam e sombream todos esses arredores, ora embalsamando o ar com o perfume de suas flôres, ora matizando com os seus fructos d'ouro, aquelle vastissimo manto de verdores.

«O termo, como todo o terreno da ilha, é de uma fertilidade prodigiosa, e as suas producções são variadissimas, com optimas pastagens em que se cria muito gado. Outr'ora floreceram n'elle a cultura da canna d'assucar, do pastel, e do tabaco. Infelizmente estes ramos da sua industria agricola, de que tanto proveito começou a tirar, acabaram inteiramente. O primeiro cessou por falta de lenhas para engenhos. O segundo, que produzia uma bella tinta d'anil mui procurada pelo commercio, finou-se sob o peso dos impostos, que lhe lançou el-rei D. João V. O terceiro foi victima das necessidades do thesouro publico, que o sacrificou aos interesses do monopolio.

«A pouca distancia do termo da cidade, que se estende a uma legua, está o *Pico das Camarinhas*, tambem chamado *Pico das Ferrarias*. Dizem que ha ahi minas de enxofre, de ferro, de salitre, e de marcasitas, ou pyrites angulosas.

«Apesar de ser um tanto afastado da cidade, não se deve deixar de fazer menção do *Valle das Furnas*, sitio de grande nomeada pelas curiosidades naturaes, que encerra, e de muita concorrencia por causa das suas aguas thermaes. Servir-nos-hemos para esta descripção de um extracto, que o *Panorama* publicou, da interessante obra do nosso sabio e fallecido compatriota Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, intitulada *Observações sobre a ilha de S. Miguel.*

«O *Valle das Furnas* é uma bacia cercada de montanhas elevadas, inferior em nivel a todos os terrenos adjacentes, á excepção sómente da estreita garganta, pela qual as aguas, que n'ella brotam ou se ajuntam, se despejam no mar na *Ribeira-Quente*. Existem aqui tres solfatáras (enxofreiras) acompanhadas de nascentes de aguas mineraes: os terrenos d'ellas consistem em lavas, terras argillosas, e destroços de cinzas e pomes atacados pelos vapores sulfurosos, que do solo se exhalam, e dos quaes uma parte crystalliza nas cavidades e fendas do terreno, e outra, acidificando-se com o contacto do ar e dos vapores aquosos, que cobrem a solfatára, provindos das nascentes d'aguas, que por todas ellas rebentam, ataca o terreno, essencialmente aluminoso, e fórma na sua superficie efflorescencias de supersulfato de alumina, de que as terras se acham impregnadas, bem co-

mo do sulfato de ferro unido áquelle, e proveniente da acção do acido sulfurico sobre o oxydo de ferro dos terrenos e das lavas, e sobre o que depõem as aguas ferruginosas, que alli correm copiosamente.

«Na solfatára maior, além das nascentes mais consideraveis de aguas quentes, por toda a parte borbulham pequenos olhos das mesmas. Apparecem alguns orificios, onde a agua não chega liquida á superficie do terreno; mas que só exhalam vapores aquosos e de enxofres sublimados, que crystalliza pelas bordas; em uns d'elles escuta-se o som das aguas debatendo-se com violencia nas cavidades subterraneas; em outros os vapores surgem sibilando, e repuxam com vigor para a atmosphera. Na bocca maior, com sete palmos de diametro, a emissão dos vapores é acompanhada de um som rouco e magestoso, que resôa a grande profundidade como o echo d'um zabumba tocado ao longe: é impossivel inclinar a cabeça sobre a abertura sem que a escalde cruelmente a columna de vapor quentissimo, que por ella se exhala. Nas aberturas mais pequenas os habitantes das visinhanças costumam estender as raizes dos inhames sobre camadas de fetos e matto, e assim obteem, sem despeza, cozer estas raizes, que são parte essencial do seu alimento. Na maior parte das caldeiras, ou nascentes abertas as aguas repuxam limpidas e claras; n'algumas porém em que embatem contra paredes argillosas sahem opacas e lodosas, mas filtradas mostram-se em tudo identicas ás primeiras. A mais notavel d'estas nascentes lodosas é a que no paiz chamam *Caldeira de Pedro Botelho:* o seu aspecto, espantoso e medonho, faz com que o povo ignorante e supersticioso a tenha por um respiradouro do inferno. Na escavação abre-se a bocca de uma caverna, no fundo da qual espadana continuamente com um som rouco e alternado um borbotão d'agua turva e lodosa, que, elevando-se ao ar cahe de novo no mesmo abysmo, sem nunca vencer a abertura da gruta, por onde se exhalam redomoinhos de fumo denso e quentissimo, combinados com o cheiro sulfureo dos vapores.

«O aspecto do *Valle das Furnas* do alto dos montes, que o povoam, é pitoresco e agradavel: este lugar é o mais fresco da ilha, e tão humido que qualquer objecto, que se abandone, ainda nas casas altas, embolorece immediatamente; e as chuvas são alli mais aturadas e copiosas.

«Proximo das caldeiras fundaram os habitantes os banhos, que são proficuos em muitas enfermidades.» (Vilhena Barbosa).

PONTIFICES PORTUGUEZES. «O nosso Portugal, tão fecundo em homens illustres, tambem deu á cadeira de S. Pedro dous naturaes seus, que a não deslustraram, dos quaes faremos aqui resumida menção. O primeiro foi S. Damaso, que floreceu no seculo IV, filho das visinhanças de Guimarães, e o 39.º na serie dos pontifices romanos. Muito pouco se sabe do começo de sua vida, e apenas consta que fôra a Roma em companhia de sua familia. O papa Liberio, seu antecessor, a quem foi muito aceito, o elevou successivamente ás dignidades ecclesiasticas. No anno de 366, ou de 367, segundo alguns escriptores, por fallecimento de Liberio, foi exaltado á cadeira pontificia, contando para mais de 60 annos de idade. Ursino, diacono, favorecido por sediciosos, tentou disputar-lhe a eleição, e conseguiu que Paulo, bispo de Tivoli, o sagrasse sacrilegamente bispo de Roma, na basilica de Liberio, hoje Santa Maria Maior, contra a regra da geral tradição, que requer tres bispos para esta sagração, e contra o costume da igreja de Roma, cujo bispo deve ser sagrado pelo de Ostia. As authoridades civis, para impedir o scisma, determinaram a prisão e desterro do anti-papa e de seus principaes sequazes: esta luta decidiu-se finalmente com armas na mão, segundo Ammiano Marcellino, e vencido o anti-papa foi confirmada a legitima eleição do nosso portuguez. Frustrados os planos de violencia, insidiou a ca-

lumnia para o perder; inculparam-no de adultero, porém um concilio de 44 bispos, reunido em Roma, tomando conhecimento da causa, absolveu Damaso, e condemnou os accusadores.

«Por estes tempos os arianos, os macedonios, os apolinaristas, e outros muitos hereges, dissidentes em seitas, mas todos concordes em atacarem a verdadeira igreja, inquietavam com suas doutrinas o orbe catholico: mas o santo pontifice, congregando concilios, condemnou e combateu os erros de tantos embusteiros e prevaricadores. Por seu influxo e sob a protecção do imperador Theodosio Magno se convocou o segundo concilio ecumenico ou geral, em Constantinopla, no anno de 381, ao qual assistiram 150 bispos.

«Entre as obras dignas de memoria, que mandou fazer, contam-se duas basilicas; a de S. Lourenço, junto do theatro de Pompeu, que foi depois chamada de S. Lourenço *in Damaso*, e onde hoje está a sua sepultura; e outra na estrada Ardeatina, fóra de Roma, no local da primeira sepultura dos bemaventurados apostolos, S. Pedro e S. Paulo, a qual é hoje intitulada de S. Sebastião: não dissimularemos que o cardeal Baronio duvida d'esta fundação. Mandou tambem concluir a basilica das Santas Rufina e Secunda, que Julio I não acabára. Varias obras mais se lhe attribuem; assim como, pelo que toca ao rito e disciplina ecclesiastica as seguintes disposições. — Ordenou que se cantasse o credo na missa, e que antes de a começar o celebrante fizesse a confissão geral; que n'ella se cantasse em todo o anno a alleluia, costume d'antes só praticado na Paschoa; e que os psalmos se entoassem alternadamente e no fim de cada um o *Gloria Patri*.

«S. Jeronymo, tão notavel por talentos como por virtudes, foi secretario do nosso pontifice, que lhe era muito affeiçoado, e dizem que por ordem d'este emprehendera a versão da Biblia, hoje adoptada pela igreja catholica, e conhecida pelo nome de *vulgata*. No mesmo tempo floreceram outros insignes padres da igreja, celebres igualmente pelos seus escriptos; Santo Ambrosio, arcebispo de Milão, e Santo Agostinho, bispo de Hypponia, na Africa, e no imperio do Oriente S. Basilio Magno, S. Cyrillo, bispo de Jerusalem, e S. Gregorio Nazianzeno; por maneira que se póde dizer que foi o tempo do pontificado do nosso S. Damaso uma era fecundissima em varões sabios e piedosos para lustre e exaltação da igreja de Deus.

«Escreveu S. Damaso alguns opusculos, e uns 40 epigrammas, inscripções, e epitaphios em verso, que recopilaram Baronio e Grutero: da sua erudição nos deixou testemunho S. Jeronymo, na primeira epistola a Pammachio, denominando-o: *Vir egregius et eruditus in Scripturis.*

«Passou a melhor vida, completando quasi 80 annos, aos 11 de dezembro de 384, dia em que d'elle reza a igreja lusitana, como se vê do calendario; e em que celebra a sua festa como patrono, Guimarães, sua patria, segundo noticía o padre Carvalho.

«Em setembro de 1276, subiu ao solio pontificio outro portuguez: foi este o mestre Pedro Hispano, natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, que tendo sido successivamente arcediago de Vermuim, D. prior de Guimarães e ultimamente arcebispo de Braga, fôra nomeado cardeal, ao mesmo tempo que S. Boaventura, pelo papa Gregorio X, no concilio geral de Leão em 1274. Succedeu a Adriano V, e tomou o nome de João XX, ou XXI como outros querem, procedendo esta differença de se contar, ou não, o antipapa João XVII, competidor de Gregorio V, no fim do seculo X.

«Por muito pouco tempo gozou o nosso patricio as honras do summo pontificado, porque tendo mandado construir uns paços sumptuosos em Viterbo, onde então os papas costumavam ter a côrte, aconteceu-lhe entrar n'um quarto acabado de fresco, e desabando ao mesmo tempo o edificio, sahiu d'alli tão maltratado que dentro em seis dias falleceu, em maio de 1277, contando apenas oito mezes

e poucos dias de governo da igreja universal. Está no templo de S. Lourenço em sepultura ordinaria com este simples epitaphio: =*Joanni Lusitani 21. Pontificatus max. sui mense 8. moritur 1277.*=

«Foi varão eximio nas letras sagradas e profanas, e cultivou as sciencias com applausos notorios. Escreveu muitas obras, nas quaes se intitula *Petrus Hispanus;* e as principaes versam sobre medicina, como o *Thesaurus pauperum,* e os *Canones Medicinæ:* compoz tambem *problemas* á maneira de Aristoteles; e as *Summulas da Logica,* que por muito tempo, debaixo do seu nome, serviram de thema nas aulas para as lições de philosophia.

«Foi este pontifice contemporaneo do nosso monarcha D. Affonso 3.º» (*O Panorama*).

PORCELANA. (Veja OLARIA).

PORTALEGRE. «Esta cidade está na provincia do Alemtejo, duas leguas ao sudoeste da praça de Marvão, tres da fronteira do reino de Leão, e nove ao norte da cidade d'Elvas. Campeia sobre um pequeno monte, que faz parte da serra tambem chamada de Portalegre, estendendo-se pela ladeira, que olha para o norte. De um lado desce o monte suavemente para um valle arborisado e regado de varias ribeiras. De outro lado precipita-se em barrancos e profundas quebradas, sombreadas aqui e alli por oliveiras e outras arvores. Da parte do norte, emfim, estende-se com suave declive por baixo de um continuado bosque de castanheiros e outras arvores fructiferas, com muitas vinhas e quintas, que, chegando ao valle, guarnecem as margens da ribeira de Niza. Portalegre é capital do districto administrativo do seu nome.

«Como povoação antiquissima a sua origem esconde-se por entre mil fabulas. No tempo dos romanos era uma cidade de alguma importancia. Por um cippo, obra romana, que se achou fóra dos muros da cidade, abrindo-se os alicerces da ermida do Espirito Santo, parece que se chamava então *Ammaia.* Este cippo, que sem duvida servia de base a alguma estatua, e se vê na referida ermida, tem a seguinte inscripção: *Imp. Cae. L. Aurelio Vero Aug. Divi Antonini F. Pont. Max. Cons. II. Trib. Pop. P. P. Municip. Ammaia.*

«Vertido em linguagem quer dizer: *O municipio de Ammaia erigiu esta memoria ao imperador Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, filho de Antonino, pontifice maximo, consul duas vezes, tribuno do povo, e pai da patria.*

«Padeceu provavelmente esta povoação completa ruina na invasão dos barbaros do norte, pois que não consta d'ella mais noticia.

«Conforme uma tradição popular, em tempos anteriores á monarchia, havia aqui umas vendas chamadas Portellos, e estavam junto ao lugar, onde mais tarde se edificou a ermida de S. Bartholomeu. D'estas vendas ficou o nome ao sitio. Aceitando pois a tradição, serviram estas vendas de nucleo á nova povoação, que em torno d'ellas se foi edificando com os materiaes da destruida cidade romana. Correndo porém o tempo, veio a ter a mesma sorte da antiga Ammaia. Nas guerras entre os campeões de Christo, e os sectarios de Mafoma, que devastaram durante seculos o bello solo da peninsula, foi aquella terra inteiramente arruinada e despovoada.

«Levantou-a das ruinas, e mandou-a novamente povoar el-rei D. Affonso III no anno de 1259, dando-lhe foral de villa com varios privilegios. Nas escripturas d'essa época, que eram escriptas em latim, dá-se-lhe o nome de *Portus Alacer,* Porto Alegre. Dizem que tomou a primeira parte d'elle de um sitio denominado *Porto,* que ahi fica entre a penha de S. Thomé, e Cabeça de Mouro, e a segunda do muito alegre, que é a sua posição, vindo ao diante a unir-se as duas partes em Portalegre.

«El-rei D. Diniz tratou de fortificar bem Portalegre, construindo-lhe um castello, e cercando-a com uma dupla muralha, guarnecida de doze tor-

res, e com oito portas denominadas: da *Deveza*, do *Postigo*, de *Alegrete*, d'*Elvas*, d'*Evora*, do *Espirito Santo*, de *S. Francisco*, e do *Bispo*. Quiz a sorte, que este mesmo soberano tivesse de experimentar contra si proprio a fortaleza d'aquellas muralhas.

«Tendo o infante D. Affonso, seu irmão, levantado o estandarte da rebellião, e seguindo Portalegre o partido do infante, a cujo senhorio pertencia, foi el-rei D. Diniz em pessoa sitiar a villa. Principiou o cêrco em maio de 1299, e durou até outubro, acabando a final por uma capitulação, que pôz a villa nas mãos d'el-rei. Vieram a fazer-se as pazes entre D. Diniz e D. Affonso, mas a torreada villa, que tão valente se mostrára na defensa, bem como Marvão, ficaram encorporadas na corôa, recebendo o infante em troca as villas de Cintra e Ourem. E para que não se désse alli outro caso semelhante, concedeu D. Diniz aos moradores de Portalegre o privilegio de que a sua villa se não desannexaria em tempo algum do patrimonio real. Este privilegio foi depois confirmado por el-rei D. Affonso V, e por D. João II.

«Passados annos intentou el-rei D. Manoel dar o senhorio de Portalegre a D. Diogo da Silva de Menezes, que fôra seu aio, e por quem tinha particular estima. Oppozeram, porém, os habitantes tal resistencia, que el-rei, depois de ter empregado para a vencer primeiro ameaças, e em seguida degredos e outras penas, viu-se obrigado a desistir, contentando-se com fazer mercê ao seu valido do titulo de conde de Portalegre, e da alcaidaria-mór d'esta terra.

«Tendo obtido el-rei D. João III a bulla de 2 de abril de 1550, que erigiu o bispado de Portalegre, desmembrando-o da diocese da Guarda, elevou n'esse mesmo anno aquella villa á categoria de cidade. O primeiro bispo da nova diocese foi D. Julião d'Alva, prelado muito aceito d'el-rei D. João III e da rainha D. Catharina.

«Durante a guerra da successão de Hespanha, reinando em Portugal D. Pedro II, foi Portalegre sitiada pelo exercito hespanhol de Philippe V, ao qual teve de render-se; mas em breve voltou ao dominio do seu soberano.

«No antigo regimen gozava da prerogativa de ter voto em côrtes, nas quaes os seus procuradores tinham assento no banco quarto. O seu brazão de armas é um escudo coroado, e n'elle duas torres, que dizem significar as duas que estão defronte da porta da *Deveza*.

«Portalegre é uma cidade industriosa. No meado do seculo XVII já possuia uma grande fabrica de pannos de lã, que empregava innumeraveis braços, e cujos productos exportava para as principaes terras do paiz. N'esta época os seus pannos tinham chegado a bastante perfeição, e vestia-se d'elles a maioria dos portuguezes. Tão importante trato fez rica e prospera esta cidade, que então contava tres mil fogos, como refere o chronista-mór frei Francisco Brandão, que escreveu isto pelos annos de 1649 ou 1650.

«A importação dos pannos inglezes, que ao principio fôra, e se conservára por muito tempo, limitada a Lisboa, onde esses productos apenas achavam consumidores nas classes mais abastadas, e principalmente entre as pessoas nobres, foi augmentando progressivamente na capital, e estendendo-se ao Porto, e outras terras. As fabricas nacionaes em breve se resentiram d'esta concorrencia. Ferido d'est'arte o principal ramo da industria manufactora de Portalegre, e um dos principaes do seu trato commercial, decahiu tanto a cidade, que em 1707 encerrava apenas mil e oitocentos fogos, os quaes em o anno de 1820 se achavam reduzidos a mil setecentos cincoenta e um.

«Felizmente teve um termo esta progressão decadente. Portalegre está em caminho de prosperidade pelo desenvolvimento da sua agricultura, e pelo grande impulso, que á sua fabrica de pannos teem dado os actuaes proprietarios, os senhores Larcher & Cunhado, que conseguiram elevar estes productos a muita perfeição. A is-

to acrescerá brevemente a immensa vantagem de lhe passar proximo a via ferrea, que ha de ligar Lisboa com Madrid, e as outras capitaes da Europa.

«Dividia-se a cidade em cinco parochias, que eram: a Sé, Santiago, S. Lourenço, S. Martinho, e Santa Maria Magdalena. Porém em 1857 as duas ultimas foram supprimidas, a fim de se estabelecer um mercado no local da igreja de S. Martinho, e construir-se um chafariz no da segunda.

«A Sé ergue-se no sitio mais alto da cidade. Foi fundada pelo primeiro bispo d'esta diocese, D. Julião d'Alva, no lugar onde estava a igreja parochial de Santa Maria do Castello. A capella-mór, porém, é obra do virtuoso prelado, e elegante escriptor, D. fr. Amador Arraes, terceiro bispo de Portalegre. Esta cathedral é o melhor edificio da cidade. Consta de tres naves, sustentadas por columnas gothicas, posto que revestidas de estuque com ornatos de mau gosto. A abobada é de laçaria. A fachada já não conserva a architectura primitiva. Tem duas torres, e ornam-lhe a porta duas columnas de marmore. No meio da capella-mór está a sepultura do bispo D. Julião. Para esta Sé bordou a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, umas alfaias, que ahi se devem conservar.

«A casa da misericordia, o hospital, umas dez ermidas, o paço episcopal, a casa da camara, os extinctos conventos, de S. Francisco, que foi de franciscanos, fundado em 1265, o de Santa Maria, de agostinhos descalços, edificado em 1683, o collegio de S. Sebastião, dos jesuitas, construido em 1605, e os dous mosteiros de freiras, ainda habitados, são os principaes edificios da cidade.

«Um d'estes é de religiosas da ordem de Santa Clara; o outro é de freiras de S. Bernardo, e foi fundação do bispo da Guarda, D. Jorge de Mello, na primeira metade do seculo XVI. Na capella de Nossa Senhora da Conceição, da igreja d'este mosteiro, repousa o fundador em um sumptuoso tumulo.

«As ruas de Portalegre são em geral estreitas, tortuosas, e com maior ou menor declive. Vêem-se todavia n'ellas muitas casas de boa construcção, e agradaveis á vista. Tem um grande campo, ou rocio, para o lado do norte, onde estava a antiga fabrica de pannos.

«Modernamente edificou-se n'esta cidade um bonito theatro, para representações de curiosos, ou de alguma companhia volante.

«A povoação é abastecida de excellente agua por diversos chafarizes.

«Os arrabaldes já dissemos, que são mui lindos e pitorescos. Os accidentes de terreno; os arvoredos frondosos, que os cobrem; as vinhas, hortas, e pomares, que descem pela collina até ao valle, e ahi se estendem ao longo das ribeiras, que o cortam e fertilisam; os mananciaes de purissimas aguas, que por todos os lados brotam, fazem com que os arredores de Portalegre offereçam ao viajante bellos panoramas, e alguns sitios deliciosos.

«O termo de Portalegre é de muita fertilidade em todo o genero de producções agricolas. Ha n'elle magnificas herdades, com grandes montados em que se cria muito gado suino. Cereaes, azeite, e vinho, constituem a sua cultura mais especial. Todavia produz grande copia de castanhas e outras frutas; tem criação de gados de diversas especies; e exporta muita madeira de castanho. É regado pelas ribeiras de Xever, de Xevera, de Xeverete, de Xola, e de Niza, que nascem na serra de Portalegre, e que fazem trabalhar muitas azenhas. Esta serra é ramo da da Estrella. Tem muita variedade de caça, e brotam d'ella grande quantidade de fontes, que fazem todos os seus valles mui frescos, risonhos, e productivos.

«A população da cidade de Portalegre passa de seis mil e trezentas almas. Como cabeça de districto e de comarca é séde de um governador civil, de um juiz de direito, e outras authoridades, de um lyceu, etc.

«A 13 de setembro tem a sua feira annual, que é muito concorrida de

gente das terras visinhas, de generos, e de gado.» (Villhena Barbosa).

PORTO. «A heroica cidade do Porto, celebre nos annaes portuguezes, é, sem contradicção, a segunda do nosso reino, quer pela população, pela nobreza dos edificios, e pelas vantagens e commodos da vida, quer pela amplitude e actividade do commercio e industria, e pela circulação de numerario que d'estes mananciaes dimana. Tamanha importancia deve, por uma parte, á situação, que a fez o emporio das provincias do norte, e por outra parte ás laboriosas propensões e assiduidade dos habitantes.

«Apresenta o magnifico prospecto d'um vasto amphitheatro, na margem septentrional, ou direita, do Douro. Sobre os dous montes da *Sé* e da *Victoria*, e pelos valles que estes separam, se dilata toda a povoação, contigua a extensos arrabaldes. Na margem opposta do rio está *Villa Nova de Gaya*. A antiga cerca da cidade era uma muralha de cantaria de tres mil passos de circumferencia e 30 pés d'altura, com muitas portas para serviço publico, sendo as maiores a *Porta Nova*, a dos *Banhos*, *Linguêta*, *Peixe*, e *Ribeira*, para a banda do rio; e para a parte da terra, as do *Sol*, *Cima de Villa*, *Carros*, *Santo Eloy*, *Olival*, e *Virtudes*. Em muitas havia corpos de guarda militar. Começava a muralha no sitio chamado a *Porta Nova*, onde fazia um angulo, que olhava para o poente, e d'onde seguia para o meio dia, quasi em linha recta, pela margem do Douro, formando um extenso e bello passeio guarnecido de boa casaria, chegava aos *Guindaes*, e subindo pelo nascente até á *Porta do Sol*, ia rematar na porta de *Cima de Villa*, e logo começava a descer pela ingreme calçada da Thereza até á *Porta dos Carros*, que era a mais frequentada, e foi aberta em 1521, reinando D. Manoel. D'esta porta continuava a muralha até á de *Santo Eloy* e ahi outra vez ia subindo até á porta do *Olival*, no largo da Cordoaria, descia á porta das *Virtudes*, á da *Esperança*, e concluia onde principiára, no local da *Porta Nova*. Foi esta cerca fundação dos reis D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, e a sua fabrica gastou quarenta annos. Outros, pela fórma da sua construcção, a attribuem, ao que parece com mais razão, aos tempos d'el-rei D. Manoel.

«Tem o Porto, entre muitas ruas de construcção antiga, outras excellentes, espaçosas, bem calçadas, com passeios commodos, notaveis pelo aceio, e illuminadas á noite. A rua das *Flôres*, rica por suas lojas, bem providas de toda a casta de fazendas, foi obra d'el-rei D. Manoel: a de *S. Nicolau* mandou abrir D. João I; a rua *Nova de S. João* foi aberta em 1765, e firmada sobre grossos arcos de cantaria; hoje, como todos sabem, se tem aformoseado a cidade com outras, que facilitam as communicações, e offerecem novos commodos aos habitantes. As casarias, especialmente as modernas, são bem construidas, muito aceiadas, interna e externamente, e gozam de bastante luz; entre ellas notam-se bastantes palacios de particulares, vastos, e edificados com formosa architectura, sendo o principal a casa chamada dos Carrancas.

«Dos edificios publicos mencionaremos brevemente os mais notaveis. A casa da relação é da fórma quasi triangular, de architectura regular, posto que de gosto pesado: ahi mesmo são as cadeias publicas, de grande capacidade, e mantidas com boa ordem e limpeza. A casa da camara é um bom edificio; porém o paço episcopal é obra vasta e grandiosa, onde se nota a escadaria mais magnifica que ha em todo o reino: foi inteiramente reedificado pelo bispo D. João Raphael de Mendonça, da casa de Val de Reis. É contiguo á Sé, em terreno desigual, pelo que os lados variam de andares para conservarem a igualdade de cornijas e remates. O frontispicio da entrada tem dous andares e lojas, e um portico, sobre o qual ha uma varanda com balaustrada de pedra. Pena é que o recentissimo cêrco damnificasse tanto este edificio, que actualmente serve de bibliotheca, e

residencia do exc.mo bispo actual. Porém de todas as obras publicas do Porto seria a mais grandiosa, e uma das principaes do reino, se acaso estivesse completa, o hospital chamado novo, que começou a edificar-se pelos annos de 1769; apenas estará feita a quinta parte, que comtudo presta asylo e soccorros aos doentes pobres da cidade, e por onde se póde julgar da grandeza do plano. O edificio devia ser quadrangular, correspondendo os quatro lados aos ventos cardinaes, e toda a circumferencia externa abrangêr 3:180 palmos: no centro devia erigir-se uma igreja com seu zimborio, de fabrica sumptuosa. A cargo d'este hospital, que corresponde ao de S. José n'esta capital, estão dous para entrevados e para lazaros.

«O aquartelamento de *Santo Ovidio*, susceptivel de recolher 3:000 homens; o edificio da casa pia; o da academia de marinha (hoje escóla polytechnica) que apesar de incompleto é de plano mui vasto; o theatro situado no ponto mais alto da cidade e construido com elegancia, são tambem merecedores de se mencionarem; e igualmente, com ser edificio particular, a casa da *feitoria ingleza*, começada em fevereiro de 1785.

«Entre os templos, a Sé tem a primazia. Ainda que a sua fundação date dos tempos de seu primeiro bispo, Constancio, que assistiu ao terceiro concilio toledano, e governou por espaço de dez annos, decorridos de 579 a 589; póde comtudo dizer-se obra do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, sua mulher, que a reedificaram completamente; segundo o padre Agostinho Rebello. — O conde, nobilissimo ascendente dos nossos monarchas, tomou posse da cidade em 1092, e aqui residiu por varias vezes: a rainha, sua esposa, erigiu um palacio adjacente á Sé, com interior communicação por uma escada, que a tradição largos annos denominou *escada da rainha*.

«A parte externa, virada para o norte, d'esta cathedral, é uma arcada de pedra bem lavrada, com varanda abalaustrada. O elevado frontispicio da parte do poente, campeia em grande altura sobre a cidade, com duas fortes torres de cantaria aos lados, onde estão os campanarios. Divide-se o templo em tres naves, que findam com o arco cruzeiro, onde pega o côro e capella-mór, que é das maiores e mais regulares das Hespanhas. O pavimento é de marmore branco e vermelho em xadrez, e d'estes e dos marmores preto e rôxo são os cunhaes e cornijas, actualmente empastados com estuques e douraduras, como a Sé de Lisboa. Na Sé repousam os restos mortaes do martyr S. Pantaleão, padroeiro da cidade, mandados trasladar da igreja de S. Pedro de Miragaya pelo bispo D. Diogo de Sousa, que regeu o bispado de 1495 a 1505.

«Outro templo grandioso é o do convento de S. Francisco, doado ha pouco á ordem terceira seraphica, salvo assim da furia dos demolidores, e que segundo nos consta se vai restaurar e conservar com toda a belleza primitiva. A igreja que foi dos benedictinos tambem é digna de menção; e na posteridade sel-o-ha tambem o templo de Nossa Senhora da Lapa, como deposito do coração magnanimo do snr. D. Pedro, de sempre saudosa memoria, pai da nossa augusta soberana.

«A torre da igreja dos Clerigos, que passa pela mais alta do reino, avista-se de mui longe, foi começada em 1732 e concluida em 1763, tem d'altura até o assento da bola 316 palmos e meio; é uma das mais notaveis construcções da cidade do Porto, fazendo grandissimo effeito, por isso que está collocada em posição muito eminente: foi obra de um architecto italiano, Nicolau Nazoni; e tendo soffrido por vezes estragos de raios, acha-se ao presente resguardada por *conductores*.

«A igreja de Cedofeita é credora de attenção só por sua veneranda antiguidade: celebraram-se alli sem interrupção os officios divinos, até no dominio dos mouros, mediante certo tributo que os conegos lhes pagavam.

«Os estabelecimentos de beneficencia, e de instrucção publica no Porto

são quaes convém a uma cidade tão populosa. Além das aulas d'ensino primario e outras, ha a escóla polytechnica, a academia medico-cirurgica, e a academia de bellas-artes.

«O banco commercial portuense, a caixa filial do banco de Lisboa, as companhias de seguros maritimos e contra fogos, e outras empresas comprovam o grande movimento commercial d'esta cidade. A associação mercantil, instituição de reconhecidas vantagens, foi fundada no anno de 1835. Muito antes porém existia (segundo o sabio J. P. Ribeiro nas *Reflexões historicas*) a chamada bolsa do commercio do Porto, anterior á guerra da acclamação de D. João I, e depois renovada. O seu fundo em uma quarta parte dos fretes se despendia nas precisões communs do commercio assim no reino como nas nações estrangeiras. Ella muitas vezes promoveu e obteve providencias vantajosas ao seu fim. Era tal a reputação e valia das duas principaes praças commerciantes do reino, n'aquelles tempos, que os mercantes de Lisboa e Porto concluiram com Eduardo III de Inglaterra o tratado de commercio de 20 d'outubro de 1353, em virtude do qual os nossos pescadores podiam ir fazer as suas pescarias ás costas da Inglaterra e da Bretanha.

«Innumeraveis navios de todas as nações cruzaram em todas as épocas posteriores a foz do Douro, alimentando o commercio activo da cidade do Porto, simultaneamente com o grande numero de embarcações nacionaes, já costeiras, já do mar alto, muitas proprias d'esta praça, outras dos diversos portos do reino.

«Os ramos d'industria cultivados n'esta cidade opulenta quotidianamente se aperfeiçoam, e alguns são já consideraveis; as excellentes manufacturas de sêdas, as obras de ourives bem desempenhadas, o fabrico de chapéos, tem adquirido reputação; e todos estes productos se exportam com vantagem notavel.

«N'uma provisão d'el-rei D. João II, datada d'Evora em o 1.º de junho de 1490, confirmada posteriormente por Philippe II em novembro de 1596, lê-se a respeito dos moradores do Porto: — «Outro sim queremos e nos praz que hajam e gozem de todas as graças, liberdades e privilegios, que são, e temos dado á nossa cidade de Lisboa, reservando que não possam andar em bestas muares; porque não havemos por nosso serviço, nem bem do reino andarem n'ellas.» Já D. João I anteriormente tinha favorecido muito esta cidade, dilatando-lhe o termo: e mandando abrir, como dissemos, a rua de S. Nicolau. Este monarcha cavalleiro recebeu-se no Porto a 2 de fevereiro de 1387 com D. Philippa, filha do duque de Lencastre, de Inglaterra, a qual senhora foi o iris da paz, que veio asserenar a tempestade das guerras entre esta corôa e a de Castella: o mesmo fundou em 1416 o convento de Santa Clara, de religiosas franciscanas, que fez trasladar para a nova casa, d'outra que habitavam d'antes no sitio de Entre-ambos-os-Rios junto ao Tamega. El-rei D. Manoel, que reedificou completamente a antiga muralha, segundo alguns affirmam, e a quem se deve a rua das Flores, fundou tambem o mosteiro da Ave-Maria, de benedictinas, em 1518, reunindo para este intento as religiosas dos quatro conventos de Tuias, Rio Tinto, Villa-Cova e Tarouquela. Em nossos dias escusado é referir a gloria que ao Porto resultou da residencia de S. M. I. o duque de Bragança.

«Uma antiga tradição tambem arroga para o Porto a honra de ter dado ao reino o nome que ora tem, derivando-o de Porto, e Cale, que dizem ser a mesma terra que é hoje Villa Nova de Gaya. Sisudos escriptores seguiram esta opinião. Antonio de Sousa de Macedo chama á cidade *gloriosa, illustre berço do reino de Portugal, a quem deu o nome, etc.*, e em o nosso Camões, *Lus.*, cant. VI, est. 52, lê-se:

> Lá na leal cidade, d'onde teve
> Origem (como é fama) o nome eterno
> De Portugal. . . . .

«Se consultarmos a nossa historia

litteraria, acharemos que foram naturaes do Porto muitos dos nossos escriptores. Para remate d'esta noticia citaremos alguns mais conhecidos. — Vasco da Lobeira foi o author do celebre romance de cavallarias, *Amadis de Gaula*. Frei Manoel da Esperança, distincto em varios estudos, escreveu a historia da religião *Seraphica*. O padre Simão de Vasconcellos nos deixou as *Noticias do Brazil*. Jeronymo de Mendonça, escapando da infausta batalha d'Alcacerquibir em Africa, escreveu a historia d'aquella desgraçada expedição. Pedro d'Andrade Caminha compoz muitas poesias que a nossa academia encorporou n'um grosso volume. D. Francisco de Sá e Menezes, um dos cinco governadores nomeados pelo cardeal-rei, distinguiu-se na poesia. D. Bernarda Ferreira de Lacerda, entre varias obras em hespanhol, escreveu o poema *Hespanha libertada*. O justamente celebre infante D. Henrique, que tanto impulso deu á navegação, nasceu no Porto a 4 de março de 1394. Antonio de Sousa de Macedo, magistrado, secretario d'estado, embaixador á Hollanda, foi escriptor de mui variada erudição. Todos estes filhos do Porto contam-se na lista dos benemeritos que com seus escriptos illustraram a patria; porém nos nossos dias tres homens muito insignes, oriundos da mesma cidade, deram novo realce á nossa litteratura, especialmente um d'elles póde dizer-se que creou um ramo novo de jurisprudencia em Portugal: fallamos dos sabios distinctos, Antonio Ribeiro dos Santos, ha tempos fallecido, e João Pedro Ribeiro, e José Ferreira Borges, cuja perda recente deploramos.

«Quer pela via terrestre cheguemos da deliciosa provincia da Beira ás margens do Douro, quer, deixando o oceano, vencidos os bancos de areia que obstruem a foz, remontemos breve espaço do curso do rio, summamente magestosa e pitoresca é a vista da cidade do Porto, a qual campeia sobre duas altas collinas, cobre com seus variados edificios todo o declive, até vir banhar quasi n'agua a extrema casaria. Por isso, contemplando-se do meio do Douro, vêem-se umas casas surgindo detraz d'outras até mais acima dos dous muros coroados pela Sé, o palacio do bispo, a porta do Sol, e a torre dos Clerigos que serve de baliza aos navegantes. Em certos lugares, onde mais ingreme é o declive, os edificios que se levantam a varias alturas uns acima dos outros parece formarem um corpo só, de proporções desmesuradas, de altura gigante. Junte-se a isto um rio caudal entalado nas margens e fundo, sulcado de navios e barcos de todas as nações, atravessado pela ponte pensil que liga a cidade á povoação de Villa Nova de Gaya; aggreguem-se-lhe as quintas espalhadas pelas encostas de ambas as margens em meio das mais excellentes e robustas arvores que ha no mundo; o convento da Serra que se eleva solitario á esquerda do Douro; o céo ora avivado pelos esplendores do sol meridional, ora offuscado pelos nevoeiros do oceano, os quaes quando não se condensam muito não tolhem a formosura das scenas da natureza, revestindo-as de tintas melancolicas; ora esfumando lentamente as ladeiras dos montes, ora afogando os pinheiraes solitarios, em parte occultando, em parte escurecendo apenas os objectos, multiplicam os paineis que a vista procura e em que se compraz a imaginação, principalmente quando pensamentos tristes e intimos, fructo de amargos desenganos e previsões sinistras, agitam a mente, e parece que a magoa se mitiga se acha correspondencia no melancolico aspecto da natureza.

«No capitulo VI em que o author mais especialmente trata do Porto, menciona as obras devidas ao zelo do benemerito provedor, Francisco d'Almada e Mendonça, que deixou no Porto pelos fins do seculo passado honrada e popular memoria, taes como, as ruas de S. João e Almada, a rua nova dos Inglezes, a praça de S. Roque, a cadeia da Relação, o passeio das Fontainhas, o bello chafariz que adorna a praça de D. Pedro, o theatro de S. João, os quarteis de Santo Ovidio.

«Não faltam ruas largas e regulares entre muitas estreitas e tortuosas; bella é a que vai da torre dos Clerigos á Batalha, e assás opulenta a rua das Flores; sufficientemente largas e direitas são as de Cedofeita, da Princeza, dos Quarteis, etc. Amena em muitos sitios é a margem do rio. Não faltam praças espaçosas e regulares; citarei as de D. Pedro, da Batalha, dos Ferradores, e tambem a vastissima da Lapa. As casas em certos bairros são altas e tão cortadas de portas e janellas, que apenas se vêem pequenos intervallos de parede solida. Os palacios são raros; o principal é o do bispo, construido no seculo passado; senhoreia a cidade toda, e d'alli se gozam dilatadas vistas. O exc.^{mo} D. Jeronymo da Costa Rebello, dignissimo bispo actual, melhorou e adornou a ampla escadaria. Dignas do nome de palacio são tambem a feitoria ingleza e a casa onde habitou D. Pedro na rua dos Quarteis. O banco e a bolsa, de construcção moderna, são casas elegantes, porém não palacios.

«O author censura as ruas dos bairros mais baixos, porque em ruas estreitas, tortuosas e ingremes não póde circular livremente o ar, e tendo feito algumas observações sobre a limpeza, que já hoje é muito maior, continúa dizendo: «O clima do Porto é temperado; os calôres raras vezes são intensos; o ar é humido; o céo com frequencia se cobre de nevoa até tres e quatro horas de sol fóra. Não faltam exemplos de extraordinaria longevidade. As doenças que predominaram no anno de 1845 foram as tysicas pulmonares, as hemoptyses, as bronchites e gastrites: a mortalidade, segundo a *Gazeta Medica* do Porto, foi de 2:086, a saber: 990 homens e 1:096 mulheres, comprehendidos em o numero total 208 expostos.

«Adornam o Porto muitos chafarizes; ao todo são 112 fontes, quasi todas construidas de pedra, 72 de agua potavel. A melhor agua é no passeio das Fontainhas, e brota de uma rocha sobre a ribeira do Douro; corre por quatro bicas; a da praça de D. Pedro tem cinco.

«O principal estabelecimento de beneficencia é a Santa Casa da Misericordia erecta em 1555 na rua das Flores, com uma bella igreja. O author louva, como é de justiça, a piedosa instituição das casas de misericordia. Antes do seculo XVI havia no Porto quinze hospitaes pequenos e mal administrados, reliquias da idade media; el-rei D. Manoel quiz que se construisse no Porto um hospital geral. Pelo mesmo tempo ignaes transformações succediam em França, na Italia e n'outros paizes; o mundo sahia dos apertados circulos e mesquinhezas da idade media, e avultava em proporções menos municipaes, porém mais nacionaes. Não tardou que se estabelecessem no Porto asylos e hospitaes além dos que já existiam. A santa casa administrava e ainda administra o hospital geral, que se chamava hospital real (na rua das Flores) e ora é o hospital novo de Santo Antonio na praça da Cordoaria; e mais sete hospitaes, isto é, dos expostos, e das velhas, dos entrevados, dos leprosos; e além d'isso dá dotes a orphãs, veste pobres, e soccorre os surdos-mudos.

«Outros hospicios valem aos desgraçados nas diversas miserias humanas. O collegio de Nossa Senhora da Esperança, fundado em 1724, sustenta orphãs desde os 8 até os 25 annos. O recolhimento da Madre de Deus, vulgarmente chamado do *Ferro*, asyla raparigas pobres que vivem do trabalho de suas proprias mãos e de esmolas. O recolhimento das meninas desamparadas, os de Nossa Senhora do Resgate, e da Senhora das Dôres, para mulheres idosas, completam o systema de beneficencia portuense no que respeita a bello sexo.

«O collegio dos meninos orphãos, o seminario dos meninos desamparados proveem ao sustento e educação de outras duas classes infelicissimas da pobreza. O dos orphãos foi fundado no anno de 1651 pelo veneravel sacerdote Balthasar Guedes, sob a invocação de collegio de Nossa Senhora da Graça, e com tão boa ordem se governava que d'elle sahiram muitos sa-

cerdotes e religiosos, muitos doutores e até um bispo.

«Passa o author a elogiar a bella e util instituição das casas d'asylo da infancia desvalida, de que dá resumida, mas exacta idéa, e depois de mencionar outros estabelecimentos trata dos monumentos sacros dignos de memoria.

«Comecemos pela Sé ou cathedral que campeia magestosamente coroando um monte. A fachada é um grande arco entre duas torres: o interior não é destituido de magestade. Querem que este templo fosse fundado pelo primeiro rei de Portugal, e sua esposa D. Mafalda de Saboya (que o author por engano chama D. Mathilde). Como n'estas comarcas foi o berço do reino de Portugal, não admira que em Braga, aqui, e em Coimbra se encontrem as primeiras provas da liberalidade de seus principes. Sabe-se que a capella-mór foi construida no seculo XVII.

«Outra igreja antiga é S. Francisco; a abside que é do seculo XV está muito bem conservada. A da Lapa é vasta e bella. Muitas outras igrejas, entre ellas a do Carmo e a dos Clerigos são agradaveis e ricas de douraduras, ornatos e pinturas de imagens; no que em Portugal como em Hespanha ha superabundancia. Mas são pequenas e não conteem cousas notaveis; todavia o aspecto exterior da dos Clerigos é monumental, especialmente em razão do lugar onde se eleva, e da elegantissima torre que a acompanha e serve, como dissemos, de baliza aos mareantes.

«A duas horas de caminho da cidada, na direcção de Braga, é digna de vêr-se a igreja de Leça do Balio, que dizem ter pertencido aos templarios, do que não ha vestigio, e veio depois ao poder da ordem de Malta. A igreja é de tres naves com grande abobada gothica sustentada por feixes de quatro columnas. O baptisterio é lindamente lavrado no estylo gothico; na capella lateral do altar-mór do lado do evangelho, se vê um tumulo com estatua jacente, e a inscripção que diz estar alli sepultado D. fr. João Coelho, prior do Crato, chanceller-mór de Rhodes, balio de Negroponte, do conselho d'el-rei, etc. 1514.

«A fachada d'esta igreja é um nobre e puro exemplar do bom estylo gothico; mas sobre tudo notavel é a grande e alta torre quadrada, com besteiras e ameias, e que antes da invenção da polvora devia servir de poderosa defeza.» (Luiz Cibrario).

PORTO RICO. (Veja ANTILHAS).

PORTUGAL. «Situado na parte mais occidental da Europa, Portugal tem por limites septentrionaes a Galliza, por limites meridionaes e occidentaes o mar oceano, e por limites orientaes as provincias hespanholas de Leão, Extremadura, e Andaluzia.

«Aproxima-se d'um quadrilongo na configuração, contendo 91:013 kilometros quadrados, com a população de 4:350:216 habitantes; contendo-se 3:986:558 habitantes na parte continental, e 363:658 habitantes na parte insular.

«Tem o maior comprimento entre Melgaço ao norte, e o cabo de Santa Maria ao sul; e a maior largura entre Campo Maior a leste, e o cabo da Roca a oeste.

«A denominação de Portugal provém da palavra *Cale*, dada a uma povoação da esquerda do Douro, junto á Foz, e da palavra *Portus*, dada igualmente a uma povoação da direita do mesmo rio, ambas fronteiras uma á outra. Desde o seculo V começa a apparecer generalisada a denominação de *Portucale*, como significativa do nosso paiz.

«Da antiga *Cale* resta hoje a memoria em *Gaya*, assim como de *Portus*, no *Porto*, com pequenas alterações.

«A palavra *Cale*, d'origem gaélica, e significativa de enseada e bahia, indica a procedencia celtica; do mesmo modo que a palavra *Dur* com a pronuncia *dour*, significativa de agua e corrente, dada ao rio Douro, é de procedencia bretã.

«Dos aborigenes, estanceados a principio em Portugal, escassa é a luz

que nos ministra a historia, durante os primeiros 10 seculos antes da era christã.

«Divididos em tribus ou nações independentes, viviam estes indigenas agrupados em povoações, assentadas d'ordinario ao pé das margens dos grandes rios, e degladiando-se com frequencia uns aos outros.

«Pelos annos de 1000, estavam estabelecidos na peninsula os phenicios, povos oriundos da Asia, e dados á navegação e ao commercio com o maior desvelo.

«Descendem de Canaan, filho de Cham, e neto de Noé; e estanceavam a principio nas planicies da Chaldêa.

«Quando os carthaginezes, da mesma origem phenicia e estanceados no norte da Africa, vieram ás nossas regiões, estava a peninsula extremamente povoada, especialmente nas proximidades littoraes.

«Aos phenicios e carthaginezes, assim como aos gregos que vieram á peninsula, devem os nossos indigenas os principaes progressos de civilisação.

«D'uns e outros d'estes povos, restam ainda pelo paiz não poucos vestigios das povoações que fundaram.

«Entre as tribus principaes do nosso paiz, eram as mais memoraveis as dos abobricences, amaiences, ancodeus, arevácos, astúres, belitanos, berões, bibalos, brácaros, callaicos, callenses, celerinos, celtas, cerenécos, colarnos, coréles, grayos, herminios, labricános, lanciences, límicos, lubénos, lusitanos, narbassos, nemetátes, ostidanienses, pésures, sárrios, seurbos, tamacános, transcudanos, turdetanos, túrdulos, turólos, tyrios, vacceos, e vetões.

«Governavam-se estas tribus, ou nações indigenas, por leis peculiares a cada uma d'ellas.

«Os turdetanos, que estanceavam ao sul do paiz, eram os indigenas mais civilisados e poderosos.

«Os callaicos, que estanceavam nos territorios de Braga, eram dos mais indomaveis; a ponto de Decio Junio Bruto adoptar o sobrenome de Callaico, pelos haver vencido, nas honras do triumpho em Roma.

«Depois de encarniçadas guerras, subjugaram os romanos os indigenas da peninsula, expulsando d'ella os carthaginezes, como estes haviam expulsado tambem os phenicios.

«Tiveram-na sujeita ao poder de Roma desde o meado do seculo II, antes da era christã, até aos principios do seculo 5.º depois de Christo.

«Expulsos os carthaginezes da peninsula, dividiram-na os romanos em 2 provincias, *Citerior* e *Ulterior*, limitadas entre si pelo rio Ebro, e assim denominadas em relação á situação de Roma. Teve lugar esta divisão no anno 557 da fundação de Roma.

«Octaviano Cesar Augusto dividiu-a depois em 3 provincias, *Tarraconense* na Citerior, e *Betica* e *Lusitania* na Ulterior. Deixou então ao senado a Betica, erigida na Andaluzia; e limitou entre o Douro e o Guadiana a Lusitania, provincia dilatada anteriormente até ao mar septentrional da Galliza e Asturias: assim como aggregou á Tarraconense os territorios de entre o Douro até ao mesmo mar. Teve lugar esta divisão no anno 727 da fundação de Roma, no 7.º anno do consulado do mesmo Octaviano, então imperador absoluto de Roma.

«Pelos annos de 334 da era christã, foi a peninsula dividida em 5 provincias, separando-se da Tarraconense a *Callaica* e a *Carthaginense;* e a esta divisão se acommodou depois a divisão ecclesiastica.

«Em tempo de Valentiniano Junior, eram 6 as provincias da peninsula, *Tarraconense*, *Callaica*, *Cartaginense*, *Betica*, *Lusitana*, e *Tingitana*. A Betica e a Lusitana eram consulares: as demais eram pretoriaes.

«Dava-se tambem o nome de provincia Transfretana á Tingitana, como se dava o nome de provincias presidiaes ás pretoriaes.

«Nos principios do seculo 5.º foram os romanos expulsos da peninsula pelos barbaros do norte — alános, wandalos, suevos, e godos.

«Os suevos tiveram a côrte em Braga por longo tempo.

«Pelos annos 711 foram os barbaros subjugados pelos sarracenos; re-

tirando-se então ás montanhas das Asturias D. Pelaio, parente do ultimo rei godo D. Rodrigo, que a tradição dá como fallecido nas visinhanças de Vizeu.

«As reliquias da monarchia goda, reunidas a D. Pelaio, augmentaram com o andar dos tempos, a ponto de retomarem successivamente aos mouros as terras que elles haviam conquistado: dando assim origem aos reinos de Leão e Castella, e depois ao reino de Portugal.

«Começou a nossa independencia nos tempos de D. Affonso 6.º de Leão e Castella, com o casamento de sua filha D. Thereza com o conde D. Henrique de Borgonha, que viera á Hespanha a fim de guerrear contra os mouros.

«Deu-lhe D. Affonso 6.º por dote o paiz situado ao sul da Galliza, com as mais terras que podesse conquistar aos mouros até ao rio Guadiana.

«Não assumiu o conde D. Henrique o titulo de rei: assumiu-o sómente seu filho D. Affonso Henriques, nascido em Guimarães, onde fôra baptisado na igreja de S. Miguel do Castello pelo arcebispo S. Geraldo, primeiro prelado de Braga com esta qualificação.

«Dividido Portugal a principio em 6 provincias, variou depois esta divisão geographica, baseada nos limites naturaes dos rios e montanhas.

«Eram estas 6 provincias — Entre-Douro e Minho, Traz-os-Montes, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

«A divisão geographica em 8 provincias, ordenada em 1846, consta das provincias do Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira-Alta, Beira-Baixa, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

«A provincia do Douro organisou-se com parte de Entre-Douro e Minho, de Traz-os-Montes, e da Beira.

«A estas 8 provincias continentaes, acrescem 2 provincias insulares, Madeira e Açores; sendo a ultima d'ellas subdividida em oriental, central e occidental.

«Acrescem ainda tambem 6 provincias ultramarinas, Cabo-Verde com a Costa de Guiné, Angola, S. Thomé e Principe, Moçambique, India, e Macau com Solôr e Timôr.

«As provincias insulares formam 4 districtos administrativos (Funchal, Ponta-Delgada, Angra, e Horta), formando 17 as provincias continentaes: 2 no Minho (Braga e Vianna), 2 em Traz-os-Montes (Villa Real, e Bragança), 3 no Douro (Porto, Aveiro e Coimbra), 1 na Beira-Alta (Vizeu), 2 na Beira-Baixa (Guarda, e Castello-Branco), 3 na Extremadura (Lisboa, Santarem, e Leiria), 3 no Alemtejo (Portalegre, Beja, e Evora), e 1 no Algarve (Faro).

«Ecclesiasticamente, divide-se o reino em 1 patriarchado (Lisboa), 2 arcebispados (Braga e Evora), e 16 bispados (Algarve, Angra, Aveiro, Beja, Bragança, Castello-Branco, Coimbra, Elvas, Funchal, Guarda, Lamego, Leiria, Pinhel, Portalegre, Porto, e Vizeu); além das dioceses do ultramar, de que é primaz o arcebispado de Goa.

«Judicialmente, divide-se em 5 relações judiciaes (Lisboa, Porto, Ponta-Delgada, Loanda, e Goa).

«Militarmente, divide-se em 10 divisões militares (Lisboa, Vizeu, Porto, Braga, Chaves, Castello-Branco, Extremoz, Tavira, Funchal, e Ponta-Delgada), individualisadas ordinalmente desde a 1.ª até á 10.ª

«O solo do paiz é geralmente montuoso.

«Não ha em Portugal região alguma, sem maiores ou menores accidentações. Nas costas maritimas, e no Alemtejo, é onde ha algumas planicies; e no interior, apenas ha planuras em Chaves, Villariça, Vizeu, Campo de Coimbra, Gollegã, e margem esquerda do Tejo.

«As principaes montanhas do Minho são—Suajo, Gerez, e Santa Luzia.

«Em Traz-os-Montes — Montesinhos, Marão, Alturas de Barrozo, e Nogueira.

«Na Beira-Alta — Caramulo, e Bussaco.

«Na Beira-Baixa — Estrella, Louzã, e Melrica.

«Na Extremadura — Monte-Junto, Minde, Cintra, e Arrabida.

«No Alemtejo — Ossa, Portalegre, e Marvão.

«No Algarve — Monchique, Monte-Gordo, e Monte-Figo.

«A serra de Suajo é a montanha mais alta do paiz; com quanto nos escriptos geographicos, quer nacionaes, quer estrangeiros, figure a serra da Estrella como a montanha de maior altitude.

«Eis a escala d'estas elevações em relação ao nivel do mar, avaliadas em metros:

Serra de Suajo	2415.
Serra da Estrella.	2350.
Serra de Montesinhos. . .	2285.
Serra do Gerez.	1567.
Serra do Marão	1436.
Serra de Monchique. . . .	1250.
Serra das Alturas	1233.
Serra de Nogueira.	1142.
Serra de Monte-Junto. . .	711.
Serra de Louzã	704.
Serra de Melrica.	688.
Serra de Santa Luzia. . .	685.
Serra de Monte-Gordo . .	665.
Serra de Minde.	658.
Serra de Cintra.	628.
Serra d'Ossa.	621.
Serra de Portalegre. . . .	612.
Serra de Monte-Figo. . .	612.
Serra do Caramulo. . . .	555.
Serra do Bussaco	539.
Serra de Marvão.	500.

«Dos rios principaes de Portugal, correm no Minho: o Douro, o Minho, o Lima, o Cavado, o Ave, o Neiva, o Leça, o Ancora, e o Vizella.

«Em Traz-os-Montes: o Tamega, o Tua, o Sabôr, o Côrgo, e o Pinhão.

«Nas Beiras: o Mondego, o Vouga, o Côa, o Tavora, o Paiva, e o Dão.

«Na Extremadura: o Tejo, o Sado, o Zezere, o Canha, o Soure, e o Liz.

«No Alemtejo: o Guadiana, o Ervedal, e o Devôr.

«No Algarve: o Val-Formoso, o Sequa, o Portimão, e o Odemira.

«Entre as povoações principaes, contam-se no Minho as cidades de Braga, Guimarães, e Vianna do Castello; e as villas de Arcos de Val-de-Vez, Barcellos, Caminha, Espozende, Fafe, Lixa, Melgaço, Monção, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Povoa de Lanhoso, Valença, Villa Nova da Cerveira, e Villa Nova de Famalicão.

«Em Traz-os-Montes, as cidades de Bragança, e Miranda do Douro; e as villas de Alfandega da Fé, Chaves, Favaios, Freixo d'Espada-á-Cinta, Mezão-Frio, Mirandella, Mogadouro, Moncorvo, Montalegre, Murça, Peso da Regoa, Ribeira de Pena, Villa Pouca d'Aguiar, e Villa Flôr.

«Na provincia do Douro, as cidades de Aveiro, Coimbra, Penafiel, e Porto; e as villas de Agueda, Amarante, Arganil, Arouca, Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Feira, Figueira da Foz, Ilhavo, Louzã, Mealhada, Monte-Mór-o-Velho, Oliveira d'Azemeis, Ovar, Povoa do Varzim, Soure, Tentugal, Santo Thyrso, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaya, e Vouga.

«Na Beira-Alta, as cidades de Lamego, e Vizeu; e as villas de Castro-Daire, Santa Comba-Dão, Mangualde, Moimenta da Beira, S. Pedro do Sul, Tondella, e Vouzella.

«Na Beira-Baixa, as cidades de Castello-Branco, Guarda, e Pinhel; e as villas de Almeida, Alpedrinha, Celorico da Beira, Certã, Covilhã, Fundão, Gouvêa, Idanha-a-Nova, S. João da Pesqueira, Manteigas, Marialva, Monsanto, Penamacôr, Sarzedas, Trancoso, e Villa Nova de Foscôa.

«Na Extremadura, as cidades de Leiria, Lisboa, e Thomar; e as villas de Abrantes, Alcacer do Sal, Alcobaça, Alemquer, Almada, Almeirim, Batalha, Benavente, Caldas da Rainha, Cascaes, Cintra, Constança, Ericeira, Mafra, Obidos, Oeiras, Palmella, Peniche, Pombal, Porto de Moz, Salvaterra, Santarem, Setubal, Sines, Torres Novas, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, e Villa Nova d'Ourem.

«No Alemtejo, as cidades de Beja, Elvas, Evora, e Portalegre; e as villas de Alegrete, Alter-do-Chão, Arraiolos, Aviz, Campo Maior, Castello de Vide, Castro Verde, Crato, Extremoz, Marvão, Mértola, Monsarás, Monte-Mór-o-Novo, Moura, Odemira, Serpa, Vianna do Alemtejo, e Villa Viçosa.

«No Algarve, as cidades de Faro, Lagos, Silves, e Tavira; e as villas de Albufeira, Alcoutim, Aljesur, Castro

Marim, Loulé, Monchique, Olhão, Villa Nova de Portimão, e Villa Real de Santo Antonio.

«Lisboa é a capital do reino.

«O clima do paiz é saluberrimo em geral: poucas são as localidades em excepção.

«As producções são abundantes em todos os generos de primeira necessidade.

«A fórma de governo é a monarchica representativa; e o rei tem o tratamento de magestade fidelissima.

«A religião é a catholica, apostolica, romana.

«Nas provincias ultramarinas ha subditos que não são catholicos: e são permittidas aos estrangeiros as suas religiões especiaes, sem fórmas exteriores de templos, e sem irreverencia para com a religião do paiz.» (*Almanach familiar*).

POSITIVISMO. O racionalismo, chegado a tal extremo (veja RACIONALISMO), transforma-se. Primeiramente, negára o sobrenatural: quizera do acume de sua critica arrogante, abalar as immudaveis crenças na Providencia e vida futura. Depois, variando as armas, nega o sobrenatural em pratica e acção. Não cura, sequer, de examinal-o: lança-o fóra do debate. Segue-se o formular these nova: agora denomina-se *positivismo* e *socialismo*. Já não reconhece cousa que não se veja, e sinta, e palpe, e saboreie.

Foi-se o ideal: desappareceu a poesia com o symbolo. A realidade desnudou-se: mostra-se em toda a franqueza de sua materia, e na mais grosseira figura.

Rejeita o positivismo tudo que se não conhece e prova, com o simples methodo empregado no dominio das sciencias physicas e naturaes, chamadas sciencias *positivas*. No positivismo, diz a escóla, a observação recolhe e verifica os factos, a inducção reconhece a lei que os rege; e, d'estas duas operações, d'este duplicado processo, resulta o grau de certeza que gera irresistivelmente o pleno consenso do homem razoavel. Fóra da natureza e suas leis, nada ha; nada ha que possa affirmar-se, nem o passado em que não estavamos, nem o futuro em que ainda não estamos, nem o sobrenatural, tão incoercivel aos nossos methodos como aos nossos sentidos. A metaphysica não tem regras differentes da physica e chimica, nem a ordem moral tem base que não seja da ordem material.

«O positivismo — diz um dos seus adeptos — elimina definitivamente todas as vontades sobrenaturaes, quer se chamem anjos ou deuses, quer demonios ou Providencia; demonstra que tudo obedece a leis naturaes, que se assim quizerem, podem denominar-se propriedades immanentes das cousas.»

Pelo que, a essencia dos seres, as causas finaes, as idéas geraes, a geometria das forças, explicam todos os phenomenos da humanidade. A historia, a litteratura, a civilisação dos povos fazem-nas ellas. É o clima, o sangue, a raça que produzem os grandes homens e grandes nações. Liberdade, justiça, esforço individual, responsabilidade moral, razão philosophica, não entram por cousa nenhuma. E um dos professores mais calorosos e authorisados d'esta escóla, reduzindo o homem a uma força organisada, a machina animal, fez resaltar do empuxamento dos musculos e vibração dos nervos, e energia do sangue, e da fatalidade e logica inflexivel dos factos, todas as qualidades moraes e litterarias d'um povo illustre.

O positivismo não nega a alma: despreza-a. Não nega a immortalidade: dispensa-se de a discutir. Não nega Deus; é cousa de que se não importa. Vai na dianteira do atheismo e do materialismo. Em seu pensar, o atheu ainda é uma especie de theologo que affirma alguma cousa: «explica a essencia dos seres a seu modo; sabe como principiaram; diz que o mundo se fez pela identificação dos atomos, ou por uma occulta potencia chamada natureza. A philosophia positiva ignora tudo isto. Não sabe d'atomos productores e de natureza creadora.» Atem-se unicamente aos factos e suas immediatas consequencias.

Está manifesto que esta doutrina é o racionalismo sobreposto ao materialismo, assim como a these da escóla critica era o racionalismo coadjuvando o scepticismo e o atheismo.

Phases novas de velhos absurdos! Fórmas raras, que ao través de suas vestes renovadas, deixam transparecer a falsidade dos antigos systemas. Esforços estereis para resuscitar o que os defensores da espiritualidade confundiram e refutaram tantas vezes e com tão convincentes provas.

Debalde intenta semelhante doutrina levantar-se superior á discussão: não póde subtrahir-se-lhe. Negar a causa primeira e ultima das cousas, não é impedil-as de existirem. Sombrear uma luz com um véo não é tolher-lhe o brilho. Fechar olhos diante de um abysmo não salva de lá cahir e morrer irremediavelmente.

«Quereis circumpôr á volta do homem um circulo apertado e restringir-lhe n'elle toda a sua vida! Porém se elle, com a razão e pensamento, vos foge á restricção, volve-se ao seu passado, e expande-se pelo futuro além. Então sente e reconhece que é mera creatura e imagem, e pergunta onde está seu creador e modêlo. Tem alma, e interroga o destino d'ella: quer lêr a futura sorte; as trevas confrangem-no: pede luz, e invoca a verdade. Se as sciencias exactas lhe dão certeza, as sciencias moraes devem dar-lh'a tambem. Não lhe basta o mundo material: se o quereis contentar, dai-lhe o que abaste á plenitude de seus desejos na terra. Além de riquezas, abundancia e gozos, dai-lhe a saude para os prazeres, longos dias, segurança para lhe perpetuar os jubilos. Aos dons preciosos do presente acrescentai a certeza d'um porvir defeso aos perigos e revezes; vem a dizer: attribui-lhe tudo o que elle não tem; fazei-lhe a segura promessa de tudo que lhe falta; transformai-lhe os instinctos; mudai todas as leis do seu ser; renovai-lhe a natureza.

«Funesta irrisão! A inconsequencia de vossos erros é uma ladeira para o absurdo, que conduz ás voragens do socialismo!

«Entretanto, o que a escóla philosophica do positivismo deixa entrevêr theoricamente, quer a escóla pratica do socialismo realisal-o, e o pede a todas as utopias, violencias e ruinas. Na sua ardente colica de felicidade material, nada o intimida nem suspende. Se as leis o repellem, muda-as; se são os costumes, destroe-os; se direitos adquiridos, viola-os; se laços sacratissimos, rompe-os; se a historia, falsifica-a. Quer reconstruir o homem, a sociedade, o mundo, sem dar tento de que seus esforços, funestos e estereis, o condemnam. Vai de frente contra a natureza das cousas e destinos evidentes do homem. Todos os seculos alternativamente conclamaram que n'este mundo não havemos procurar repouso, paz, felicidade, e o destino final. Os infortunios que vergam a humanidade desmentem os vossos dislates. Eis-aqui metade dos filhos dos homens que morrem antes de terem vivido, e somem-se sem ter tido o sentimento da existencia; e a outra metade, mais ou menos tempo, peleja contra a morte, sem a posse segura d'um dia. E entre os que vivem, não ha um que não soffra desgraças irremoviveis e imprevistas, torturas corporaes, pungimentos d'alma, trabalhos quebrantadores, perdas cruelissimas, decepções amargas. E entre os que a gente reputa felizes, ninguem se dá por tal, ninguem enche suas ambições, nem goza em paz sua alma.

Chamar-se-ha, pois, comprehender a vida o constituil-a derradeiro termo de suas esperanças e corôa da suprema felicidade? Dar ao homem por exclusivo destino uma existencia sem repouso aqui, nem consolação além, será comprehendel-o? Não será antes desconhecel-o, e mentir-lhe atrozmente, excitar-lhe paixões sem lh'as satisfazer, fazer-lhe reverberar aos olhos um thesouro que elle não póde tocar, mostrar-lhe nos seus esforços um premio que elle não póde conseguir?

A natureza póde mais que vós. Podem mais suas leis que as vossas arremettidas. Os males da terra sobreex-

cedem os vossos balsamos, assim como as esperanças do homem excedem vossas promessas e delicias. O exito de vossas theorias, a ser possivel, seria a formal condemnação e ultima ruina d'ellas.

Terror do homem honrado, jubilo do perverso, illusão do mentecapto, repulsão do homem de bom senso, o socialismo é um cartel atirado á razão, á sociedade e á natureza. Embora! as leis providenciaes seguem seu curso; a dôr e a morte continuam sua missão através do mundo, derribando aquelles que as negam: o que sempre temos de rosto ante nossos olhos é o nada do incredulo e a immortalidade do fiel.

POTASSA. «A potassa é um sal alcali fixo, que se extrahe das cinzas das madeiras queimadas. Fabrica-se em abundancia na Suecia, Polonia, Dinamarca, etc., e em todas as florestas da Allemanha.

«A boa potassa obtem-se deixando queimar as madeiras ao ar livre, afim de que a sua parte gorda e oleosa se dissipe; separam-se então das cinzas tanto quanto é possivel os carvões que vão misturados; e a agua fria que serviu a lavar estas cinzas, estando sufficientemente carregada d'este sal, filtra-se e evapora-se até á seccura; e logo que o sal estiver bem secco, aquece-se em um forno, onde se tem algum tempo n'este estado, sem lhe permittir que entre em fusão. Esta calcinação repete-se tanto quanto é necessario, o que fornece por este meio um sal alcali fixo, livre de todo o phlogistico.

«Na fabricação do salitre, a potassa é preferivel ás cinzas ordinarias de que vulgarmente se servem, por diversas razões. 1.ª As cinzas, sendo a maior parte o refugo das outras artes, contém muito pouco ou nenhum alcali fixo. 2.ª A cinza occupa um terço da capacidade das covas na qual se faz a lixivia; a quantidade de terra salitrosa é tanto menor, e d'ella resulta uma diminuição proporcionada na quantidade de salitre que se obtem; por outra parte, a cinza, que é um corpo poroso, retem em pura perda uma dissolução de salitre proporcionada á quantidade de agua que esta cinza é susceptivel de absorver. 3.ª As cinzas, commummente impregnadas de muitas particulas gordurentas, e extractivas de materias que só podem prejudicar á qualidade do salitre, empastam-no e impedem-no de bem se crystallizar.

«É pois necessario para a fabricação do salitre, não pôr no fundo das covas senão uma mui pequena porção de cinza para servir de filtro, e substituir o resto por uma addição de potassa; isto é, que depois de haver enchido as covas de terra, põe-se em cinza na abertura destinada a levar a agua a quantidade de potassa que se quer empregar, depois do que se faz a lixivia da maneira costumada, e então a agua dissolve a potassa, a qual, filtrando-se através da terra, encontra o nitro na base terrosa, e decompondo-o transforma-o em salitre; em ponto, que, se a quantidade de potassa foi bem proporcionada, a lixivia que correr não tem agua amargosa.

«Só as terras novas é que se tratam por meio da potassa, porque sendo lavadas successivamente por tres differentes aguas, nenhuma potassa restará sobre a terra que por ella foi tratada.» (G.)

POTSDAM. (Veja PRUSSIA).

PRADOS. «Prados naturaes são as hervagens naturaes, cuja herva, por basta e muito alta, se ceifa ordinariamente para feno, ou se corta para verde.

«Ceifam-se os fenos em estando floridos ou em principio de granação. Os fenos de prados seccos costumam ser ceifados entre nós em maio, e os dos prados humidos em junho, os rastolhos por fins de agosto. — Os fenos para as vaccas e ovelhas não perdem em ser ceifados no cedo; para os bois e cavallos deixam-se endurecer mais. — Ceifam-se os fenos com a fouce ou gadanha, conforme o numero e mestria dos ceifões, cortando-os bem ren-

tes e por tempo que não esteja humido ou chuvoso, para que não saiam deslavados e insipidos. — Depois de ceifados, os fenos se deixam espalhados pelo campo a seccar, amontoando-os durante a noite e tornando a estendel-os de dia. — Enxutos os fenos, empilham-se em medas, onde aquecem e suam o resto da agua que contém, acabando de seccar. — Quando bem seccos arrecadam-se os fenos em palheiros, ou formando medas bem acobertadas da chuva e dos nevoeiros. — N'alguns paizes é uso *salgar* os fenos, o que se pratíca, quando se emmedam ou empalheiram, joeirando o sal por sobre as diversas camadas dos mesmos. — A salga preserva o feno de arder ou tomar bafio, e lhe communica um sabor gratissimo.

«Hervagens artificiaes são campos de lavoura, onde alternadamente com as plantas alimentares do homem, e as industriaes, se cultivam forragens para sustento do gado, que ou em verde ou em feno se ceifam e se ministram nos estabulos. — As hervagens ou prados artificiaes dividem-se em *ferrejaes*, *prados de rotação*, e *prados permanentes*.

«Ferrejaes são prados artificiaes de mui limitada duração (3 a 4 mezes) e que teem os seguintes caracteres: 1.º Formam-se de plantas annuaes, de ordinario gramineas ou leguminosas. 2.º Constituem quasi sempre culturas de revolta, ou *intercalares* a outras arvenses, que se hão de fazer no mesmo anno e mesmo lugar. 3.º Seus productos, ditos ferrejos ou ferrãs, são sempre consummidos em verde nos estabulos e poucas vezes em pastura.

«Os ferrejaes mais usados são os de *centeio* e *cevada* que se semeiam no outomno, e se corta o primeiro no inverno para os bois, e o segundo em março ou abril, para os cavallos; e póde a terra d'um e outro ainda dar uma seara de milho, ou batatas, etc. — O de *milho*, que, semeado basto e em leiras com intervallos de quinze dias uns dos outros, a começar de março até junho, sem mais amanho do que alguma rega; presta pelo verão adiante um alimento fresco e muito substancial para as vaccas e bois. — O de *azevem* muito usado na Beira, semeando-o ahi sobre as searas de milho, que assim que colhidas, deixam ficar um prado ubertoso, (tambem chamado *lameiro*), que dá muitos córtes se é regado, e que dura até maio ou junho do anno seguinte; tempo em que se rompe este ferrejal para nova semeada de milho. — Em fim o de *serradella* muito usado no Minho, que prospera nas terras magras, e produz bastante se é regado; o de *ervilhaca* ou *sezirão* que se faz de mistura com o de cevada, ou de centeio; o de *trigo sarraceno* que semeado em maio, já em junho se póde colher, tão rapida é a sua vegetação; dá-se nas peores terras, e é muito appetecido pelas vaccas, carneiros e porcos.

«Chamam-se prados de rotação os que se estabelecem nas terras de lavoura durante o anno, ou annos que haviam de ficar de pousio. — Fazem-se ordinariamente com plantas leguminosas, porque não esgotam o torrão, antes o deixam adubado e preparado para as culturas futuras, e a mais preferida é o *trevo* que não dura mais de dous annos.

«O trevo que mais se costuma cultivar é o *trevo vermelho*, ou de *Hespanha*. Gosta das terras frescas, fundaveis e argillosas. Semeia-se quasi sempre misturado, com aveia, ou cevada, ou nas trigadas e centeaes do outomno. N'este ultimo caso lança-se á terra, quando a seara já está nascida, por tempo humido, sem precisão de se enterrar. No tempo competente colhem-se os cereaes e fica estabelecido o prado, que produz até quatro córtes. Nas immediações de Lisboa fazem-se prados de rotação, com a *anaphe;* igualmente se podem fazer com o *trevo branco*, ou *rasteiro*, que vinga em terrenos mais inferiores.

«Prados artificiaes permanentes são os prados que duram mais de dous annos, e que por isso são os mais productivos. Os melhores e mais usados são os feitos de luzerna, ditos *luzer-*

naes, e os de esparceto, ditos *esparcetaes*. — Assim como os prados de rotação, estes, tambem alternam com outras culturas; mas o giro do afolhamento, que n'aquelles é de dous annos, vai n'estes acima de sete.

«A luzerna apraz-se em terras fundas, frescas, bem estrumadas e fabricadas. Semeia-se ou no outomno, ou na primavera. Se o prado se arrelva de ervas más grada-se ou se esmonda; gessa-se de dous em dous annos; e estruma-se quando está em meio da sua duração, seja com estrume pulverulento, ou com o de ovelhas, amalhando-as ahi sobre o ultimo córte do anno de estrumagem. As regas o fazem pular, e multiplicam os córtes. O luzernal póde dar até cinco córtes no anno, e durar de 10 a 20 annos.

«O esparceto, peperigallo, ou sanfeno, é a forragem dos terrenos pobres e sequeiros. Cultiva-se como a luzerna. Póde durar 15 annos. Não rende tanta forragem, mas em compensação é mais sadio que a luzerna.

«Fazem-se prados artificiaes com o *azevem*, com a *herva de Guiné*, com as *festucas*, e outras gramineas; com a *esparguta*, *pimpinella*, *pastel*, *chicorea*, *almeirão*, *tremoços* e outras muitas.

«As vantagens que levam os prados artificiaes aos naturaes são:

«1.ª Os prados artificiaes produzem maior somma de forragem e em menor espaço de campo. Tem-se calculado, que um bom terreno cultivado de trevo ou de luzerna, rende cinco vezes tanta forragem como se ficasse de pasto natural.—2.ª Os prados artificiaes permittem que se escolham as plantas mais adequadas ao solo e ás qualidades dos animaes. — 3.ª Proporcionam verdura em toda a estação, e os gados estão menos arriscados a lazeiras com os rigores do frio, ou do calor. — 4.ª Facilitam os meios de estabular o gado, que é o regimen, senão o mais economico, pelo menos o mais rendoso em estrume e na boa feição do gado. — 5.ª Mantem a terra em constante actividade de producção, variando-lh'a, o que a restaura mais efficazmente que o descanço; porque a terra nunca cança de produzir, mas de produzir sempre a mesma cousa; assim como o homem se não aborrece de trabalhar, mas de trabalhar no mesmo objecto.» (Lapa).

PRATA. «A prata não só é achada nativa, mas tambem apparece em diversos estados de combinação; fornece por conseguinte um numero maior de veios, do que o ouro. A prata nativa se observa já crystallizada, ou em outras differentes fórmas, é malleavel, e possue quasi todas as propriedades do metal puro; contém de ordinario pequenas porções de antimonio, cobre, ou arsenico: e os seus veios principaes, á semelhança do ouro, estão situados nas rochas primitivas. Konsbergh em Noruega, Schlangenberg em Siberia, Andreasberg em Hartz são as minas, d'onde se tem extrahido grandes porções de prata nativa; tambem se ha achado em Escocia e Cornwall. Em 1666 achou-se em Noruega uma massa d'este metal, que pesava 560 arrateis; e em 1478 consta que Alberto, duque de Saxonia, jantára em uma das minas de Scheeberg sobre um pedaço de prata do peso de 20 toneladas; porém a porção de prata nativa que ha produzido, e produz a Europa é na verdade mui diminuta comparada com a que nos apresenta o novo mundo. Segundo as informações, que nos dão os viajantes mais modernos, a abundancia d'este metal é tanta, que causa admiração; e mesmo suppõem-se, que tão fecundos são os thesouros das minas da America, que a serem propriamente trabalhadas o seu producto seria tal, que causaria algum transtorno no systema commercial. Sabe-se que foi por uma mera casualidade, que as celebres minas do Potosi se descobriram em 1545, e que pouco depois tambem se acharam as não menos valiosas de Sacotecas.

«Além da prata nativa e da sua liga com o ouro, ha outros importantes veios, dos quaes os principaes são o antimonial, o arsenical, e sulfuretado. — O antimonial é branco, macio e divisivel; e quando está crystalliza-

do tem a fórma de prisma de quatro ou seis lados. Consta de 78 partes de prata e 22 de antimonio. Aquecido por meio do maçarico exhala oxydo de antimonio, e deixa ficar prata pura. O arsenical é mais escuro que o antecedente; mais duro; e algum tanto quebradiço. Os seus crystaes tem a fórma de pequenos prismas quadrilateros; aquecido com o maçarico exhala um cheiro semelhante ao do alho, e o residuo é prata impura. Uma amostra d'este veio, vinda de Andreasberg, foi analysada por Klaprotz e ministrou 35 partes de arsenico, 44 de ferro, 13 de prata, e 4 de antimonio: outra amostra do mesmo lugar produziu 30 de arsenico, 20 de ferro, 28 de prata, e 20 de antimonio. Os veios sulfuretados são numerosos e importantes; um dos mais bellos é o que se chama vermelho ou côr de rubi, que se crystalliza na fórma de prisma de seis lados. Consta de prata, antimonio, e enxofre; e é notavel por dar estalos quando é aquecido com o maçarico, exhalando antimonio e enxofre e deixando ficar um pequeno globo de prata pura; as suas partes componentes são 60 de prata, 20 de antimonio, e 20 de enxofre. As minas de Konsbergh, Schemnitz e Hartz tem produzido as mais exquisitas amostras d'este veio; o qual igualmente constitue grande parte da riqueza das minas do Mexico. Estes são os principaes veios, que observamos nos gabinetes dos mineralogistas, porém ainda que as mais prolificas não são com tudo as unicas fontes d'onde este metal é derivado; pois que grande porção d'elle é tambem extrahido de muitos outros veios, onde se acha em quantidades comparativamente mui pequenas.

«Para separar a prata dos veios com que está misturada, estes ou são derretidos com chumbo, e o metal refinado, que é o methodo moderno; ou são triturados com azougue, o qual fórma uma amalgama. Este ultimo é um processo mui antigo, e foi pela primeira vez posto em pratica nas minas do Mexico e Perú por Pedro Velasco no anno de 1566. Os veios menos puros podem ser aquecidos com sal commum, e depois lançados em tinas com mercurio, chapas de ferro, e agua. O resultado é muriato de ferro, e amalgama.

«O modo como se póde verificar a porção de prata, que qualquer veio contém, é mui facil de execução. O veio depois de bem pulverisado deve ser digerido em acido nitrico diluido; filtra-se a solução, e mistura-se com uma solução de sal commum; a isto segue-se um precipitado, que é o chloride de prata; o qual, estando secco, em cada 100 partes mostra ter 75 de metal: tambem podemos decompôr o chloride derretendo-o com tres partes de subcarbonato de soda.

«A gravidade especifica da prata é 105; derrete-se em calor vermelho; e combina-se só com uma unica porção de oxygenio. O acido nitrico é o mais poderoso dissolvente da prata; e quando se evapora esta solução, ficam crystaes, que, sendo derretidos e postos em pequenas fórmas, produzem o que se chama caustico lunar. Este sal tem propriedades singulares: é decomposto pela acção da luz e pelo phosphoro, hydrogenio, carvão puro, enxofre, e varios dos metaes; pelo mercurio é precipitado em uma fórma arborescente mui linda, formando o que os chimicos chamam *Arbor Dianæ*.

«Se em duas onças d'acido nitrico diluidas com outras tantas d'agua dissolvermos 40 grãos de prata, e aquecermos depois esta solução em duas onças de espirito de vinho, fórma-se um precipitado branco, que é a prata fulminante, que estoura sendo levemente aquecida ou triturada: a natureza da sua composição ainda não é perfeitamente conhecida.

«Todas as substancias, que contém chlorina, e por conseguinte todos os saes muriaticos, sendo misturados com os compostos soluveis d'este metal, produzem um chloride de prata insoluvel. D'aqui vem, que na chimica analytica a prata é um excellente reagente para se descobrir a existencia do acido muriatico, e vice-versa.

«A quantidade dos metaes preciosos, isto é, de ouro e prata, que an-

nualmente se extrahem das minas, anda pouco mais ou menos por cento e cinco milhões de cruzados; dos quaes vinte e cinco milhões é em ouro, e oitenta em prata.

«Do ouro, — vinte e tres milhões vem da America, e dous milhões da Europa, Asia, e Africa. Da prata, — setenta milhões é o producto da America, e o resto das outras partes do globo.

«No tempo de Herodoto e Platão, isto é, 450 e 400 annos antes da era christã, o valor relativo do ouro e prata na Persia e Grecia estava na razão de 13 e 12 por 1; em Roma, 189 annos antes de Christo ficou tão baixo como 10 para 1; e quando Cesar voltou das Gallias carregado de despojos tal era a abundancia d'ouro, que desceu até $7 \frac{1}{12}$ para 1. Um seculo depois subiu a $12 \frac{1}{2}$ para 1. No reinado de Constantino cahiu a $10 \frac{1}{2}$; e oitenta annos depois o achamos a 14-5 para 1. Assim nos tempos antigos vêmos, que o valor relativo mais baixo foi $7 \frac{1}{2}$ para 1; e o mais alto 14-5 para 1, que é pouco mais ou menos o que actualmente existe. A causa d'estas fluctuações é um objecto bem digno de investigação; porém elle pertence mais ao economista politico, do que ao philosopho chimico.» (*O Investigador portuguez*).

PRAZER. «*Contentamento, alegria, satisfação* (subst. m. e f.)—O 1.º respeita propriamente ao intimo do coração; é um sentimento, que torna tranquilla a alma. A *alegria* diz respeito particularmente á demonstração exterior, é uma expressão do coração que agita algumas vezes o espirito. A *satisfação* entende mais com as paixões; é voltar a um successo, de que resulta applauso; é uma sensação graciosa, cujas consequencias podem tornar-se ás vezes desagradaveis. É difficil, que um homem inquieto e turbulento, tenha jámais tido um verdadeiro *contentamento*. Só a plebe, e as gentes de um espirito limitado, é que se entregam a esta qualidade de alegria immoderada. A *satisfação* não se encontra com uma ambição desmesurada. É raro experimentar-se um prazer puro, que não se acompanhe com algum amargo azedume, de que veio o proverbio *não ha gosto sem desgosto*.— Em quanto ao termo *prazer* sua idéa é de uma vasta extensão, muito maior que a de *delicias*, e *voluptuosidade*, porque esta palavra tem maior relação com um maior numero de objectos, que as outras duas, o que se avista pelo lado do espirito, do coração, dos sentidos, do acaso, em fim de quanto é capaz de nos procurar prazer. A idéa de *delicias* encarece pela força do sentimento sobre a de *prazer;* limita-se propriamente á sensação, e diz respeito ao deleite sensual de golotonaria. A idéa da *voluptuosidade*, é toda sensual, e parece designar nos orgãos alguma cousa de delicadeza, que augmenta e refina o gosto.—Os verdadeiros philosophos procuram o *prazer* em todas as suas occupações, e de as preencher fazem d'isto um dever. É uma delicia para certas pessoas o beberem neve mesmo no pino do inverno, e para outras é cousa indifferente mesmo no coração do verão. As mulheres levam ordinariamente a sensibilidade ao ponto da *voluptuosidade*, mas estes momentos de sensação não duram; entre ellas é tão rapido tudo, quanto arrebatador. Quanto hei dito sómente respeita ás palavras, que no sentido denotam um sentimento, ou uma situação graciosa da alma. Todavia, no plural, tem um outro senso, segundo o qual exprimem o objecto, ou a causa d'este sentimento: como quando se diz de uma pessoa, que ella goza das delicias do campo, que se entrega de todo aos *prazeres*, e que se immerge em as *voluptuosidades*. Tomado o vocabulo assim tem como no outro sentido tomado suas differenças e delicadezas particulares. Então a palavra *prazeres* tem mais relação com a pratica pessoal, usos, e passatempo, taes como são os *prazeres* da mesa, do jogo, dos espectaculos, e galante-

rias. O de *delicias* respeita ás vantagens, que a natureza, arte, e a opulencia fornecem, bem como bellas habitações, commodidades procuradas, e companhias escolhidas. O vocabulo *voluptuosidades*, designa propriamente excessos que prendem na molleza, deboche, e libertinagem, procuradas por um gosto ultrajado, adubados com a ociosidade, e preparados pela despeza, taes como se dizem ter sido aquelles, a que Tiberio se abandonava na ilha de Caprea.» (A. M. do Couto).

PREGUIÇOSO. «*Indolente*, *vagaroso*, *preguiçoso*, *negligente*, differem em que o *indolente* por falta de sensibilidade é que pecca; o *vagoroso* por falta de ardor; o *preguiçoso* por falta de cuidado. Nada estimula o *indolente*, vive em tranquillidade, e fóra dos impulsos, que são as paixões fortes. É difficil animar o *vagaroso*, sempre no que faz vai tardo e lento. O amor do repouso enleva o *preguiçoso* sobre as vantagens que o trabalho procura. A falta de attenção é a partilha do negligente, tudo lhe escapa, e não se peja de incauto. A *indolencia* embota o gosto; a *lentura* teme a fadiga; a *preguiça* foge do trabalho, e a *negligencia* traz comsigo a desistencia, e faz faltar á occasião. Eu creio que de todas as paixões a mais propria para vencer a *indolencia* é o amor. Parece-me que se vence mais facilmente a *vagareza* pelo temor do mal, que pela esperança do bem. A *ambição* foi sempre a inimiga mortal da *preguiça;* e os interesses pessoaes não soffrem *negligencia*, mormente sendo consideraveis.» (A. M. do Couto).

PREMIOS. «Sabia eu vagamente que o benemerito barão de Montyon fundára em França os premios de virtude, e que a academia franceza os distribue annualmente; mas não tinha idéas claras sobre o processo que a tal respeito se segue, nem sobre a natureza dos factos e qualidades das pessoas que são objecto dos premios.

«Quiz a minha boa sorte que ha pouco se me proporcionasse a occasião de lêr uma obra de mr. Sainte-Beuve, e que ahi encontrasse um discurso de tão conspicuo litterato e academico, proferido perante a indicada academia na sessão publica annual de 3 de agosto de 1865, precisamente destinada á distribuição dos mencionados premios.

«N'esse discurso bebi as informações que desejava; e, por quanto as não quero só para mim, venho agora transmittir, em resumido quadro, a noticia que adquiri, e que julgo interessará a curiosidade de um ou outro leitor que necessite esclarecimentos n'este particular.

«Como é natural, não são as proprias pessoas virtuosas quem se inculca á academia: é, por assim dizer, a fama publica quem apresenta os candidatos. De ordinario, pessoas notaveis e authorisadas, scientes de que foram estabelecidos premios de virtude, e conhecedoras de individuos que estão no caso de os merecerem, incumbem-se de dirigir á academia as convenientes propostas, acompanhadas de memorias, de certidões, de attestados, como se se tratasse de formar um processo regular.

«Aqui começa o improbo e melindroso trabalho da academia, que consiste em examinar com o maior escrupulo e com o mais apurado criterio as propostas, as memorias, os documentos. Muitos mezes leva este exame, até que a final se apura a verdade, se caracterisam os factos, se designam as pessoas, se applicam na devida graduação os premios.

«Succede por vezes que á academia cabe coroar acções de grande lustre e extraordinariamente notaveis; mas n'outras occasiões, como succedeu em 1865, tem ella que premiar feitos mais modestos: existencias, vidas inteiras silenciosa e obscuramente dedicadas ao bem, e santamente empregadas no exercicio da virtude.

«O que mais desafiava a minha curiosidade era a noticia de alguns exemplos da escolha feita pela academia, não sómente para me deliciar na contemplação de primorosos rasgos na ordem moral, mas tambem pa-

ra me instruir sobre as preferencias praticas que a sabia corporação estabelece.

«N'este particular ficaram completamente satisfeitos os meus desejos.

«Entre oitenta e nove concorrentes deu a academia, em 1865, a primeira recompensa, o primeiro premio, a Rosalia Marion, solteira, mestra communal em Beaumont-Hague, no departamento da Mancha. Tendo nascido no anno de 1791, contava em 1865 setenta e quatro annos.

«Quaes circumstancias, quaes feitos a recommendaram á escolha honrosa da academia?

«Rosalia Marion entrou em Beaumont, como mestra, nos primeiros dias do mez de janeiro de 1816, e desde então, e por espaço de quasi meio seculo, foi n'aquella povoação, ao mesmo tempo, mestra de ensino primario, enfermeira e irmã da caridade, reunindo sem as confundir e desempenhando com admiravel actividade todas as funcções d'estes empregos. Para encarecer esta singularidade de Rosalia Marion só me parece apropriada aquella valente expressão do nosso Vieira: «De tal sorte acudiu a uma obrigação sem faltar a outras, que a todas satisfez adequadamente.»

«As horas da aula foram sempre para ella sagradas, e jámais as sacrificou ás das outras occupações; sendo muito notavel que ainda depois de passar umas poucas de noites á cabeceira de enfermos, tem bastantes forças e assás de energia para não faltar ao cumprimento dos deveres de mestra.

«Na povoação de Beaumont tem ella exercitado com tal assiduidade, desvelo e perseverança os misteres de irmã da caridade e de solicita enfermeira, que, apenas a morada dos pobres é visitada por qualquer infortunio, immediatamente se ouve alli o grito: «Vão depressa buscar a mestra!» A mestra corre pressurosa, e na companhia d'ella chegam o soccorro, o conforto e a consolação!

«Nem o asqueroso das chagas, nem o desaceio das casas dos enfermos, nem os ruins cheiros, nem o temor do contagio, nem o aterrador aspecto da morte... nada a detem, nada lhe embarga os passos no caminho da dedicação!

«Entre as muitas privações que presenceia nos albergues da pobreza enferma, é, sobre tudo, muito sensivel a falta de roupas. Lá vai a mestra solicitar donativos, promover subscripções, e consegue por fim estabelecer uma bem provida despensa de roupas de linho, de algodão e de lã, que administra com habilidade e todos os annos vai refazendo. É o armario permanente dos pobres!

«Muito e muito mais teriamos que apontar a respeito de Rosalia Marion; mas é necessario reservar espaço para revelar outros actos meritorios que merecem a contemplação da academia.

«O segundo premio foi concedido a mad. Navier.

«Felicidade Barilliet (que assim se chamava mad. Navier antes de casada) nasceu em Paris no anno de 1806. Teve a desgraça de perder seu pai muito cedo, e de lhe ficar enferma a mãi, rodeada de quatro infelizes criancinhas. Felicidade Barilliet, a mais velha de seus irmãosinhos, teve o admiravel instincto de se considerar desde logo o cabeça da sua desvalida familia; e de tal modo se houve n'este proposito, que na visinhança começou a ser conhecida pela honrosa designação de mãisinha (*petite mère*), dando occasião «a que todos se maravilhassem de vêr uma criança cuidar da educação de outras crianças, e improvisar-se mãi na idade em que apenas era menina.»

«A baroneza Pasquier, visinha de Felicidade, teve noticia da dedicação admiravel d'esta criança phenomenal, e a encarregou de tomar conta dos pobres que ella baroneza soccorria. Outras pessoas caritativas imitaram o exemplo da baroneza; de sorte que Felicidade, logo desde os doze annos naturalmente inclinada para a beneficencia, mais e mais se fortificou no gosto, no habito e na necessidade irresistivel de bemfazer.

«Velar á cabeceira de doentes, educar e recolher orphãos, prestar todo o genero de serviços aos infelizes... tem sido sempre a occupação mimosa da sua actividade. Nem sequer o casamento, que mais tarde contrahiu, a pôde desviar d'aquella senda abençoada; antes redobrou de zelo, porque tambem teve maior somma de recursos pessoaes, adquiridos por um pequeno ramo de negocio.

«Seria um nunca acabar, se houvessemos de particularisar o merecimento d'esta mulher. Um dia recebeu ella a visita do arcebispo mr. Morlot, o qual lhe disse: «Venho aqui para vos prohibir que veleis as noites. Deveis poupar-vos para os vossos e para os pobres.» E dizendo isto, entregou-lhe como premio uma medalha de prata.

«Mencionaremos a correr os nomes de duas pessoas ás quaes a academia concedeu uma medalha das oito de 1.ª classe.

«Paul Alabert, sargento irreprehensivel do regimento 61.º de linha, modêlo dos bons filhos.

«O padre Felix de Brandelet, cura de Laviron, dotado de uma vocação extraordinaria para crear estabelecimentos de caridade e de instrucção, e para promover construcções de igrejas. Durante quarenta annos tem consagrado a tão prestante empenho tudo quanto possue, e conseguido attrahir avultados donativos, com que tem satisfeito a sua louvavel paixão em beneficio da infancia, da religião e da patria.

«Agora poderia eu commentar extensamente o que deixo apenas esboçado; mas tenho para mim que vale muito mais que todos os commentarios a singeleza eloquente dos factos.

«Lá o disse S. Gregorio papa: «Não a rhetorica de palavras, senão a eloquencia de obras é a verdadeira prova da caridade.» (José Silvestre Ribeiro).

PREPOSIÇÃO. «A preposição é uma parte da oração invariavel que liga uma palavra a outra, exprimindo uma relação entre dous termos, dos quaes um é antecedente, outro consequente.

«As relações expressas pelas preposições são, ou *de lugar*, ou *de tempo*, ou *de ordem*, ou *de fim*, ou quaesquer outras.

«Ex. da preposição, exprimindo uma relação de lugar: «Sahiu *de* casa.»

«Ex. da preposição, exprimindo uma relação de tempo: «Chegou *antes de* mim.»

«Ex. da preposição, exprimindo uma relação de ordem: «Foi *ante* posto *a* mim.»

«Ex. da preposição, exprimindo uma relação de fim: «Preparou-se *para* fallar em publico.»

«Principaes preposições: — *a*, *em*, *com*, *de*, *desde*, *des*, *depois de*, *atraz de*, *diante de*, *além de*, *áquem de*, *após*, *para*, *sem*, *per*, *por*, *contra*, *para com*, *excepto*, *afóra* (antiquada), *fóra de*, *por cima de*, *por baixo de*, *sob*, *sobre*, *perante*, *traz* (antiquada), *ante* (antiquada), *segundo*, *conforme*, *entre*, *dentro de*.

«Quando a preposição é composta, como — *atraz de*, chama-se locução prepositiva.» (Sotero dos Reis).

PREVENÇÃO. É commummente certa preoccupação do espirito que nos não deixa apreciar as cousas como elles são ou julgal-as com imparcialidade; é a opinião favoravel ou desfavoravel que se apodera de nós antes do exame. Cumpre curar, remediar semelhante defeito sobre tudo nas meninas. É necessario, diz Fénelon, observar-lhes que conhecemos melhor do que ellas tudo o que ha bom e mau nas pessoas que amam. (Veja o livro d'este escriptor, intitulado *Educação das Meninas*, cap. v).

PRIESTLEY. (Veja CHIMICOS).

PRIMAVERA. «Mas não são menos admiraveis infinitos outros effeitos, que para comnosco a divina Providencia faz na terra, por meio da inclinação, e declinação que o sol tem, e na obliquidade do zodiaco faz a uma e outra parte do mundo. Vós vêdes como chegando-se para nós, traz com-

sigo a alegre primavera, com que parece que os campos, que até então estavam como mortos, de novo resuscitam, brotando flôres pintadas, sahindo com hervas odoriferas, cobrindo-se de verdura, folhando bosques sombrios, fertilisando-se com searas, e varios generos de fructos para a vida. Pelo contrario tornando-se o mesmo sol a afastar de nós, vêde como tornam os mesmos campos a morrer, perdendo a côr vêrde, e viva, cobrindo-se de amarello de morte, perdendo os bosques a folha, murchando-se os prados, e seccando-se as rosas, e açucenas dos jardins, ficando tudo esteril, e feio. Admiravel é sem duvida a força d'este grande planeta, pois a variedade de seus raios, já direitos, e fitos, já desviados, e obliquos, basta para fazer uma tão grande mudança, e variedade, quanta ha entre inverno, que tudo parece põe de luto, e verão que tudo parece põe de festa.» (Fr. Diogo Monteiro).

PRIMEIROS SECULOS. 1. Contam-se 4000 annos depois da creação até Jesus Christo. A *Biblia* refere em poucas linhas a historia dos primeiros seculos, e como o genero humano se foi multiplicando pouco a pouco.

O diluvio, que aconteceu 3300 annos ou 33 seculos antes de Jesus Christo é o successo mais extraordinario dos tempos primitivos. Noé, que viveu ainda 300 annos depois do diluvio, e seus filhos, que repovoaram a terra, enchem a historia dos seis seculos subsequentes, até que chegou a dispersão dos homens, e a fundação das colonias. (Veja ADÃO e DILUVIO).

2. *As primeiras cidades* — XXVI seculo antes de Jesus Christo.—Assur, filho de Sem, fundou Ninive, e Nemrod Babylonia. Foi n'essa época que os descendentes de Noé construiram uma torre enormissima para chegar ao céo. Já estava a uma altura prodigiosa, quando Deus, querendo punir-lhes a audacia, suscitou a confusão das linguas: e, desde esse momento, data a diversidade dos idiomas. O uso dos adobes crus de que Vitruvio nos descreve o fabrico, remonta a maior antiguidade. Encontram-se na maior parte dos monumentos gregos e romanos, nas ruinas egypciacas, nas de Babylonia e Ninive, o que prova que já eram usados quando se fundaram aquellas duas cidades, as mais antigas que se conhecem.

3. *Invenção da bussola* — XXV seculo antes de Jesus Christo. — Os chinezes começam a usar da bussola. Suppoz-se sem fundamento que esta invenção nos veio d'um veneziano: é certo com tudo que este instrumento não foi popularisado na Europa senão 1200 annos depois de Jesus Christo. Foi o napolitano Flavio Gioja que inventou n'essa época não propriamente a bussola, mas o meio de dispôr a agulha magnetica de maneira a satisfazer todas as necessidades da marinha.

4. *Os egypcios* — XXIV seculo antes de Jesus Christo. — Ménes, primeiro rei do Egypto, fundou Memphis. Fez parar o Nilo proximo d'esta cidade, formando um grande açude, e torcendo-lhe o seu curso, entre as montanhas por onde hoje corre.

A sciencia e a sabedoria dos egypcios foi celebre em todo o tempo. Davam ás crianças uma educação varonil e austera, nutriam-as de legumes e raizes, traziam-as descalças com a cabeça descoberta e rapada. Nenhuma profissão aviltava quem a exercia: cada um tinha o emprego que recebera de seu pai, e que transmittia a seus filhos. Este costume redundava que todas as profissões e cargos fossem bem desempenhados, sahindo-nos sempre bem das occupações a que estamos habituados. Os pastores e lavradores eram muito considerados, attendendo a que as riquezas do Egypto dependiam d'estas duas profissões. Os restos preciosos das soberbas obras que ainda hoje se admiram em todo o Egypto mostram até que ponto de perfeição esta nação celebre tinha levado a architectura, a esculptura, a pintura, e emfim todas as artes.

5. *Os hycsos* — XXIII seculo antes de Jesus Christo. — Os hycsos ou reis pastores, na maior parte arabes ou

phenicios, invadiram n'este tempo o Egypto. O primeiro dos reis hycsos viveu em Memphis onde reinou dezenove annos.

Seus successores tiveram de sustentar rudes ataques da parte dos Pharaós thebanos, mas apesar d'isso conservaram por muito tempo a sua authoridade sobre alguns cantões do Egypto e não conseguiram expulsal-os inteiramente senão ao cabo de cinco seculos.

6. *A antiga alliança* — XXII seculo antes de Jesus Christo. — Tharé, pai de Abrahão, vivia na cidade de Ur, na Chaldea, quando Deus, indignado do progresso da impiedade, se resolveu a eleger uma raça fiel. Escolhido Abrahão para pai do seu povo, fêl-o Deus sahir da Chaldea, a fim de o tirar dos lugares onde reinava a idolatria. Tharé deixou então a cidade de Ur a pedido do filho e foi até Harão, onde morreu. Por ordem de Deus sahiu Abrahão d'esta cidade com toda a sua familia e foi estabelecer-se em Sichem, onde a fome o obrigou a passar ao Egypto. Á sua volta fixou-se em Bethel, e mais tarde, obrigado a separar-se de Loth, seu sobrinho, retirou-se ao valle de Mambré. Ahi lhe appareceu de novo o Senhor, e fez alliança com elle e todos seus descendentes, ordenando-lhe a circumcisão. No seu tempo a arte de crear os rebanhos era muito conhecida, porque elle tinha-os em grande abundancia. Abrahão deu pão aos tres anjos; mandou a Rebecca brincos e braceletes de ouro, o que prova que a agricultura, e a arte de moer o trigo, e a ourivesaria, eram conhecidas. Fixa-se n'esta época a fabricação do azeite de oliveira e a invenção das fouces e das charruas.

7. *Os hebreus no Egypto* — XXI seculo antes de Jesus Christo. — Os hebreus estabeleceram-se no Egypto e ahi ficaram talvez 300 annos até á chegada de Moysés. Sabe-se os grandes serviços que José fez a Pharaó, explicando-lhe o terrivel sonho que tivera. José predisse-lhe sete annos de fome depois de sete annos de abundancia. Encantado Pharaó da sabedoria de José, nomeou-o seu primeiro ministro, encarregando-o de fazer provisões do superfluo dos primeiros annos para os tempos calamitosos. Quando esse tempo veio, Jacob, a quem faltava pão, enviou seus filhos ao Egypto para o comprar. Então José fez-se reconhecer dos irmãos; perdoou-lhes, chamou-os para o Egypto com seu pai, e fez com que Pharaó lhes désse a terra de Gessen. As artes da forja, e da liga dos metaes, fiar, tecer e coser, já eram conhecidas, e enviando José carros do Egypto para ir buscar Jacob, prova-se que n'esse tempo começavam os homens a apreciar as commodidades da vida.

8. *Semiramis e Inachus* — XX seculo. — Em quanto os hebreus se multiplicavam no Egypto, reinava Semiramis na Assyria. Á esta rainha se deve o aformoseamento e fortificação de Babylonia, a construcção de largos caes, cobertos de jardins magnificos, assim como a ponte sobre o Euphrates, uma galeria debaixo do leito da corrente, e um lago onde desembocavam as aguas superabundantes. Os assyrios adoravam Semiramis como uma deusa, e contavam que ella tinha sido creada pelas pombas.

Por esse tempo, Inachus, fundador do reino de Argos, depois de ter por algum tempo estacionado no Egypto, levantou-se á frente d'uma multidão de pastores egypcios e arabes, e estabeleceu-se ao sul da Grecia, na parte do Peloponeso, chamada depois Argolida.

9. *Os pelasgos e a cidade de Tyro* — XIX seculo antes de Jesus Christo. — Os pelasgos passam da Grecia á Italia que começam a povoar. Estes povos eram muito barbaros; todavia a metallurgia, a architectura, e a poesia, eram-lhes familiares. A construcção cyclopeana em pedra tosca ou em esquadria, caracterisa a época pelasgica: ainda restam d'ella enormes e soberbos vestigios na Grecia, e sobre tudo na Etruria.

A primeira Tyro que foi destruida por Nabuchodonosor, reedificou-se por este tempo. Tinha duas portas altissimas e fortes muralhas, formando

por muito tempo um estado em separado, que era o mais rico da Phenicia.

10. *Mœris e Atlas* — XVIII seculo antes de Jesus Christo. — Mœris, que reinava então no Egypto, é sobre tudo conhecido por ter feito abrir o lago que tem o seu nome. Este lago situado a alguma distancia do Nilo, e destinado a receber as aguas que alli desembocam, tinha 600 kilometros circularmente, segundo a maior parte dos geographos.

Por este tempo, Atlas, rei da Mauritania, foi, segundo a fabula, transformado em montanha por ter tomado o partido dos titans contra Jupiter, e obrigado a sustentar o céo sobre as espaduas. Esta fabula deriva na opinião d'uns, de que o rei Atlas era muito sabio em astronomia; e segundo outros, porque os antigos olhavam o monte Atlas como a mais alta montanha do globo, e receavam que ella tocasse no céo.

11. *Moysés, Cécrops, e Deucalião* — XVII seculo antes de Jesus Christo.— Recebeu Moysés do Senhor ordem de livrar os israelitas da oppressão dos egypcios, e foi intimar Pharaó para que deixasse seus concidadãos sahir livremente do Egypto. Recusaram-lh'o: então, para aterrar o rei, Moysés esmagou esse povo com dez terriveis flagellos, conhecidos debaixo do nome de *pragas do Egypto*, e Pharaó viu-se forçado a ceder, deixando-os partir. Á frente dos hebreus, Moysés sahiu do Egypto no anno de 1645, antes de Jesus Christo, faz-lhes atravessar a váo o mar Vermelho, ao mesmo tempo que faz morrer, no mesmo mar, Pharaó, que os perseguia; encaminha-os para o deserto, nutre-os com o maná cahido do céo, recebe sobre o monte Sinay a sagrada lei de Deus, triumpha de muitos povos que se oppunham á sua passagem, e chega em fim á terra promettida... Moysés é o author do *Pentateuco*, isto é, dos cinco primeiros livros do *Antigo testamento*, que encerram a historia sagrada, depois da creação do mundo até á entrada dos hebreus na terra da promissão, e um codigo das leis civis e religiosas.

12. Cousa de dous annos antes da sahida dos hebreus, Cécrops, oriundo de Sais, no Egypto, abordou á Attica com uma colonia e estabeleceu-se alli em doze povoações, de que Athenas devia ser um dia a capital. Estabeleceu o tribunal do Areopago, propagou o culto de Minerva e Jupiter, ensinou aos gregos a agricultura e introduziu entre elles os casamentos e as sepulturas.

13. Dizem os historiadores que reinava n'este tempo Deucalião, antigo rei da Thessalia. Durante o seu reinado houve uma grande inundação, que submergiu toda aquella região. Deucalião e Pyrrha, sua mulher, os unicos que escaparam, salvos pelas suas boas obras, refugiaram-se sobre o monte Parnasso e receberam do oraculo de Themis ordem de atirar para traz d'elles com os ossos de sua avó, a fim de repovoar o mundo. Comprehendendo que se tratava da terra, da qual os ossos são as pedras, juntaram muitas e atiraram-nas para traz de si. Aquellas que atirava Deucalião transformavam-se em homens, e as que atirava Pyrrha em mulheres. Esta fabula dá uma vaga idéa do diluvio de Noé.

PRIMEIRO SECULO (antes de Jesus Christo). — *Octavio Augusto e o imperio romano.* — Cahiu Roma nas mãos de Marco Antonio, de Lepido e do joven Octavio, sobrinho de Cesar e seu filho adoptivo.

Estudava Octavio na Grecia e não tinha mais de 18 annos quando Cesar foi assassinado. Logo que soube este successo correu a Roma para receber a herança de seu pai adoptivo, e apesar da sua mocidade, forçou Antonio a restituir-lhe uma parte dos seus bens, que já tinha desviado, marchando contra elle sobre Modena.

Todavia, conhecendo depois que os queriam perder a ambos, encarniçando-os um contra o outro, reconciliou-se com Antonio, e formou com elle e Lepido o celebre triumvirato (43). Começaram-no elles, exilando rigorosamente todos os seus inimigos; marchando depois contra as reliquias

do partido republicano, desafiando a Philippes, Brutus e Cassius, assassinos de Cesar. O imperio é depois repartido, ficando Octavio com a Italia; depois de ter arruinado o fraco Lepido, Antonio e Octavio declaram guerra entre si, e Octavio ganha uma victoria decisiva perto de Actium (31). As forças do Egypto e do Oriente, que Antonio levava comsigo, são dispersas; todos os seus amigos o abandonam, entrando n'este numero a rainha Cleópatra, por quem elle se tinha perdido.

Tudo cede á fortuna de Octavio: voga para o Egypto, toma Alexandria, força seu inimigo a matar-se, reduz o Egypto a provincia romana, e de volta a Roma recebe o titulo de *imperador* e de *Augusto* (28).

Serviu-se então de seu poder para crear sabias leis e pacificar o imperio. Virgilio e Horacio, que attrahiu á sua côrte, Ovidio e Tito-Livio, que admittiu á sua intimidade, Cicero, que Antonio fez morrer injustamente, e outros homens celebres illustraram esse seculo, que se chama *o grande seculo de Augusto.*

«Unico senhor do imperio, Augusto subjuga pelos Pyrenéos os asturianos revoltados, a Ethiopia solicita a paz; os parthos espavoridos enviam-lhe as bandeiras tomadas a Crassus, e todos os prisioneiros romanos; as Indias buscam a sua alliança; as suas armas fazem-se sentir aos rhetes, que as montanhas não podiam defender; a Pannonia reconhece-o; a Germania teme-o, e o Weser recebe as suas leis. Victorioso por mar e por terra, fecha o templo de Janus. O universo vive em paz á sombra do seu poder, e Jesus Christo surge na terra.»

Pouco depois do nascimento vimos os progressos do christianismo, a destruição de Jerusalem e a dispersão dos judeus; tres grandes successos que Jesus Christo tinha predicto: «O céo e a terra passarão, mas não passarão as minhas palavras.» (Veja CHRISTÃOS, e MARTYRES).

A republica romana durou 480 annos; o imperio romano devia durar mais de 500, mas pouco a pouco cahiu na decadencia, e foi invadido pelos barbaros.

Successivas adopções dão por successores a Augusto, principes que são todos funestos ou odiosos: Tiberio, Caligula, Claudio, Nero; a dynastia de Cesar cahe com o cruel Nero, e tres usurpadores: Galba, Olhan, e Vitellius, preparam o reinado da dynastia flaviana Vespasiano, Titus, e Domiciano (I seculo depois de Jesus Christo). Cinco principes dignos de reinar, Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, e Marco-Aurelio, sobem successivamente ao throno, tornando-se Trajano celebre por brilhantes e uteis conquistas (II seculo).

O imperio, posto em almoeda pelo exercito, definha-se, decahe durante a época da anarchia militar; e é depois de algum tempo restaurado por Aureliano, Tacito, Probus, etc. (III seculo).

Dioclecianno dá nova organisação ao imperio; e, a fim de melhor poder resistir aos barbaros, cria dous Augustos e dous Cesares. No tempo de Constantino, o christianismo triumpha e torna-se religião imperial. Os barbaros são muitas vezes repellidos; mas os godos, vencidos pelos hunos, estabelecem-se nas terras do imperio (IV seculo).

O imperio romano é definitivamente dividido em imperio do Oriente, e imperio do Occidente, depois da morte de Theodosio. Os barbaros victoriosos invadem o occidente. Alarico, rei dos visigodos, passa á Italia; os vandalos á Africa; os alanos e os suevos á Hespanha; os francos e os borgonhezes á Gallia, e os saxonios á Britannia; todas as provincias, menos a Italia, são successivamente abandonadas; por fim é conquistada a Italia, formando um reino sob o dominio de Odoacro, rei dos herulos, filho d'um ministro d'Attila (V seculo).

D'esta arte, sobre as ruinas do imperio romano se formaram as maiores monarchias européas.

PRIMEIRO SECULO (depois de Jesus Christo). — *Perseu*, *Seneca*, *Vespasiano*, *Tito*. (Veja PRIMEIRO SECULO ANTES DE JESUS CHRISTO).

1. *Perseu*, nascido na Toscana no reinado de Tiberio, é celebre não sómente pelas suas poesias, mas pela pureza de seus costumes, amenidade de caracter e nobreza de sentimentos.

2. *Seneca*, o philosopho, nasceu tão debil e delicado, que foram necessarios muitos cuidados para lhe conservar a vida. Era tal o seu afinco ao estudo que esteve em perigo e a ponto de morrer, tendo por costume não dormir senão quando as forças de todo exhaustas lh'o exigiam; mas uma alimentação frugal reparou os defeitos da natureza, e o excesso do trabalho. O cruel Nero, que tinha sido seu discipulo, o fez morrer, ordenando-lhe que se desangrasse.

3. *Vespasiano*, imperador romano. Creado por seu avô materno Tertulla, em uma pequena herdade na Toscana, o joven Vespasiano habituou-se a uma vida simples e frugal, que o tornaram bom soldado e um imperador sabio e economico. Os lugares em que passou a infancia foram-lhe sempre caros, e guardou fiel ternas memorias do pobre parente que guiou seus primeiros passos.

Vespasiano ganhou todos os corações pela facilidade com que se lhe aproximavam, e a affabilidade de suas maneiras.

Inimigo de tudo o que indicava a afeminação, despediu um joven official, que se lhe apresentava coberto de perfumes: «Antes quizera, lhe disse indignado, que me cheirasse ao alho.»

Um acto do reinado de Vespasiano, que não admitte apologia, é a rigorosa crueldade que usou com Eponina e Sabinus. Dizem que Vespasiano verteu muitas lagrimas pronunciando a sentença fatal; mas não quiz poupar um homem que tinha pretenções ao imperio, e se tinha revoltado contra elle. Já no fim da carreira, e apesar de sua extrema fraqueza, Vespasiano não interrompeu um instante suas habituaes occupações; geria os negocios, dava audiencia, e finalmente, sentindo-se desfallecer, fez um derradeiro esforço para se levantar, dizendo: «Um imperador deve morrer de pé.»

4. *Tito*, seu filho, nascido no anno 40 antes de Jesus Christo, fez-se amado desde os primeiros annos pela doçura de caracter, vivacidade de espirito, e em fim pelas graças exteriores que dão maior realce ás qualidades da alma... Ao principio cahiu em alguns desregramentos, mas Vespasiano arrancou-o á sociedade, adestrando-o nas armas, e, assim obedecendo, aprendeu Tito a mandar.

Depois de ter tomado Jerusalem de assalto, dizia Tito: «Foi debaixo do commando de Deus que fizemos a guerra; foi Deus que expulsou os judeus de suas fortalezas contra as quaes as forças humanas e as machinas de guerra nada valiam. Não fui eu que venci; pela minha parte não fiz mais que prestar-me á vingança divina.»

Lembrando-se uma noite que não tinha concedido graça alguma durante o dia, proferiu estas palavras tão conhecidas: «Ó meus amigos! perdi um dia!»

Tres grandes desastres assignalaram seu reinado. Uma terrivel erupção do Vesuvio submergiu a cidade de Herculanum, e as cinzas de que o volcão cobriu a Italia misturando-se com o ar, accenderam tão violenta peste que por muito tempo morriam em Roma dez mil pessoas por dia. N'esta occasião houve-se Tito como principe e como pai; não poupou cousa alguma para adoçar as desgraças que a Campania tinha soffrido, partindo elle proprio para essa assolada provincia.

Durante a sua viagem, um grande incendio apavorou Roma pelo espaço de tres dias e tres noites, ardendo entre outros edificios publicos, a bibliotheca de Augusto, o theatro de Pompeu, e o capitolio, que se acabava de reconstruir.

Segundo um calculo feito em Napoles em 1820, de 1696 manuscriptos tirados das excavações de Herculanum, 88 estavam já desenrolados e legiveis; 319 absolutamente estragados; e 24 tinham sido dados, a saber: 6 a Napoleão I, e 18 por duas vezes ao principe de Galles, 1265 ficavam ainda por ser examinados. O celebre Dawy

esperava ainda salvar grande numero d'estes, mediante uma operação chimica avaliada em 720.000 francos.

PRIMITIVOS (ou **PRIMARIOS**) **TERRENOS.** «Os terrenos primarios, chamados por alguns geologos *terrenos de transição* ou *palæozoicos* são os mais visinhos do solo primordial; são geralmente formados de schistos, de grés, de calcareos, de rochas metamorphicas, de filons metalliferos, de grandes massas combustiveis, como anthracite, carvão-pedra, etc. Estes terrenos são caracterisados por fosseis, pertencentes a uma flora e fauna inteiramente especial. Os fosseis vegetaes d'estes terrenos são grandes cryptogamicas vasculares de fórmas insolitas, como os fetos, e os lycopodiaceos gigantescos, certas phanerogamicas gymnospermes, e completa ausencia de monocotyledones, dicotyledones angiospermes. Os fosseis animaes são os polypeiros, os encrinos, as trilobites, os peixes, diversos molluscos e zoophytos, etc.

«Estes terrenos dividem-se em cinco grupos, que são, começando de baixo para cima:

«1.º *Terreno cambriano.* Este terreno tem por base os terrenos *azoicos*, que não teem representantes dos seres vivos. É composto de camadas alternadas de grés schistoso e de calcareo. Encontram-se n'elle um pequeno numero de fosseis, que representam uma organisação simples, taes como os *fucus*, os *polypos* e os *molluscos*.

«2.º *Terreno siluriano.* Este terreno, que fica immediatamente sobreposto ao cambriano, é composto de calcareo compacto, de grés quartzozo, de marmores, de ardosias e filons metalliferos. Os fosseis d'este terreno são as *trilobites*, os *productos*, os *polypeiros*, os *fucus* e os *fetos*.

«3.º *Terreno devoniano.* Este terreno assenta sobre o siluriano. É composto de grés vermelho, de *granwacke*, de anthracite, etc. Os fosseis d'este terreno são os peixes, *icthyodorulites*, *turgo*, etc., diversos molluscos, e zoophytos; os *fetos*, e *fucus*.

«4.º *Terreno carbonifero.* Acima do terreno devoniano fica o terreno carbonifero, caracterisado pela presença da hulha ou carvão-pedra. Divide-se em dous andares, o superior constitue o terreno hulheiro, propriamente dito, composto de grés, de schistos, e de grande abundancia de hulha: o andar inferior é formado de calcareo carbonifero. Os principaes fosseis d'este terreno são os *polypeiros*, as *gonialites*, varios molluscos, e peixes; os *fetos*, os *lycopados*, etc.

«Mr. Brongniart tem mostrado mais de 300 especies de plantas terrestres particulares a este terreno.» (Marques Lobo).

PRISMA. 1. Chama-se *prisma* um polyedro cujas faces lateraes são parallelogrammos que terminam em perimetros de dous polygonos iguaes e parallelos. Estes polygonos são as *bases* do prisma, e a distancia de seus planos parallelos é a sua *altura*. — Um prisma é *triangular*, *quadrangular*, *pentagonal*, etc., segundo a sua base fôr um polygono de 3, 4, 5 lados, etc. — Um prisma é *recto* quando as *arestas* lateraes são perpendiculares aos planos das bases: então as faces lateraes são rectangulos, e cada uma das arestas é igual á altura do solido. No caso contrario é *obliquo*. Em fim, o prisma diz-se *regular* quando é recto e suas bases são polygonos regulares. — Cortando as faces lateraes de um prisma por um plano obliquo ás bases, divide-se esse prisma em duas partes, cada uma das quaes se denomina *tronco de prisma* ou *prisma troncado*. — O prisma triangular, o mais simples de todos, é o *elemento* dos prismas, pois que um qualquer d'estes solidos póde-se decompôr em um certo numero de prismas triangulares. — Entre os prismas quadrangulares ha dous notaveis que receberam denominações particulares, são: o *parallelipipedo*, prisma cujas bases são parallelogrammas, e que é *rectangulo*, quando suas bases são rectangulos e as arestas lateraes perpendiculares ás bases; e o *cubo*, parallelipipedo rectangulo, cujas arestas todas

são iguaes entre si, ou solido formado por seis quadrados: é o *hexaedro regular*.

2. Dous prismas são iguaes, quando teem bases iguaes entre si, e uma face igual, de parte a parte, tendo iguaes inclinações sobre as bases e sendo igualmente dispostas. — Em todo o parallelipipedo, as faces oppostas são iguaes e parallelas. — Todo o plano diagonal divide um parallelipipedo recto em dous prismas triangulares iguaes. — Todo o prisma obliquo é equivalente a um prisma recto, tendo as mesmas arestas lateraes e cuja base é uma secção feita perpendicularmente ás arestas (á qual se chama *secção recta*). — Todo o prisma triangular é metade do parallelipipedo construido, prolongando as bases e tirando por dous vertices de uma d'ellas planos parallelos ás faces oppostas. — Todo o parallelipipedo póde ser transformado n'um parallelipipedo rectangulo equivalente, com a mesma altura e bases equivalentes.—Obtem-se a *área* da superficie lateral de um prisma *recto* qualquer, multiplicando sua altura pelo perimetro da base. Se o prisma é obliquo, obtem-se a área da superficie lateral multiplicando uma das arestas, pelo perimetro de uma secção feita perpendicularmente a esta aresta (secção recta). Querendo obter a área da superficie *total* de um prisma, ajunta-se aos productos precedentes as áreas das superficies dos dous polygonos que servem de bases. — Obtem-se o *volume* de um parallelipipedo, fazendo o producto das tres arestas de um dos seus angulos solidos. No cubo, como todas as arestas são iguaes, aquelle producto é a terceira potencia da sua aresta; d'aqui, a denominação de *cubo* dada a esta potencia. Em geral, obtem-se o volume de um prisma qualquer multiplicando sua base pela sua altura. — Faça-se cubar paus esquadrados, pedaços de pedra, fóssos, muros, aterros, etc.

PROBIDADE. É, no dizer de um moralista, o habito de proceder em harmonia com a lei moral que falla a todos os homens, seja qual fôr o culto que elles professem; é o vivaz sentimento de bem e mal no tráfego da vida, e a mais intima repugnancia com tudo que denuncia injustiça e deslealdade. «A *probidade* dá caução ao commercio, a inteireza solidifica-o, a honestidade torna-o salutar e suave. A probidade exclue a minima iniquidade; a inteireza exclue a corrupção; a honestidade é incompativel não só com o mal, mas até com os processos ruins de praticar o bem.» (Roubaud). «A probidade é a virtude dos pobres; a virtude é a probidade dos ricos... Quem tão sómente tiver a probidade que a lei impõe, não deixará de ser pessoa de muito equivoca honestidade.» (Duclos).

PROBLEMAS. (Veja PARTILHA, INTERESSE, FORMULAS, OPERAÇÃO, ADDIÇÃO, GRAMMA, CALCULO, etc.)

PRODIGALIDADE. A prodigalidade é um vicio que o não parece. — É vicio que da mesma culpa fica o vicioso vaidoso. Ha poucos que o condemnem, porque é proveitoso para muitos. — Não se compadece com um animo liberal dar a tal sorte o preciso, que se venha a pedir o necessario. — O prodigo é liberal por pouco tempo, o liberal póde ser generoso por muitos annos, e a virtude que não tem permanencia é tão feia como a culpa, que não tem arrependimento. — O prodigo não faz agradecidos com o que dá, só faz ingratos com o que desperdiça, porque não escolhe as pessoas para os beneficios, nem a occasião para as dadivas. — Pelo luxo dos agrigentinos disse d'elles Platão, que edificaram como se sempre houvessem de viver, e que comiam como se sempre houvessem de morrer. — Com ferraduras de ouro mandava ferrar as suas bestas a mulher de Nero, porque a prodigalidade não só empobrece de dinheiro, mas de juizo.

PRODUCÇÕES. «Além das producções de Portugal, ha muitas outras que não sendo d'este reino naturaes se tem por suas proprias; porque os

portuguezes as adquirem por sua industria e navegações, e as mandam as outras gentes da Europa buscar a Portugal. Estas são, as especearias de pimenta, cravo, canella, gengibre, massas, noz moscada, cardamomo, malagueta, galanga, e os muitos generos de riquissima pedraria de diamantes, rubins, esmeraldas, saphiras, amethystas, balaxes, jacinthos, topasios, chrysolithas, opalas ou girasóes, olhos de gato, turquezas, sardónicas, cornelinas, ágathas, camafeus, jaspes, pedras bazares, laquecas, e outras muitas de diversas côres e propriedades, a que nem os escriptores gregos nem latinos deram nome. Do mesmo oriente veem a Portugal as riquissimas perolas orientaes, pescadas em diversos mares, que são as mais celebradas e preciosas de todas. E a grande variedade de cheiros de ambar, almiscar, beijoim, algalia, estoraque, incenso, camphora, spica-nardi, excellente madeira odorifera de sandalos de varias côres, pau d'águila e calambuco, e outra de cedro, ebano, mangue, lenho áloe, Brazil, e pau de ferro; sahem tambem de Portugal as alcatifas da Persia, e as colchas lavradas de admiravel obra de Bengala, e de Canequim. Do mesmo reino sahem muitos assucares de diversas partes, e as frutas de mirabolanos, tamarindos, ananazes, e côcos, as muitas maneiras de preciosas conservas: das quaes as mais perfeitas de todas do universo, são as da ilha da Madeira. D'aqui mesmo se levam as riquissimas teias de sêda de differentes côres e feições da China, e os mais excellentes pannos de Bengala, Canequim, cassas, bofetás, e d'outros infindos nomes. D'este mesmo reino se levam as baixellas de porcelanas da China, que são os vasos da mais formosa vista de quantos os homens inventaram; de que as que são legitimas, são muito mais apraziveis á vista, que todos os vasos de prata, ou ouro, ou vidro crystallino. D'aqui sahem as tinturas de lacca, pastel, anil, e outras muitas côres. D'aqui os ricos leitos, catres, mesas, cadeiras, e escriptorios dourados da mesma China, e os ricos cobertores de sêdas bordados subtilissimamente d'ouro e prata, d'espantoso lavor, e quantas delicias se podem imaginar; e outras muitas cousas que seria impossivel numeral-as.» (D. N. de Leão, *Descripção de Portugal*).

PRODUCTOS (Origem dos). 1. A cana do assucar, oriunda da Asia, foi introduzida, na idade media, em as ilhas do Mediterraneo, em Hespanha, Italia e Grecia; depois, foi transportada a planta á Madeira e Canarias, e d'aqui passou, em 1506, á America, que hoje em dia fornece quasi todo o assucar de cana consummido na Europa.

A beterraba, que tambem produz assucar abundantemente, é artigo muito cultivado em alguns paizes da Europa, sobre tudo em Allemanha e França.

O café é oriundo da Africa oriental e Arabia; d'esta segunda região os hollandezes o introduziram na ilha de Java; d'ahi passaram as primeiras plantas ás Antilhas, ao começar o seculo XVIII. Propagou-se depois esta cultura em toda a America equinoxial, que actualmente fornece a maior quantidade de café consummido na Europa.

A bananeira abunda nos paizes quentes.

Canella, noz moscada, cravo, e pimenta são nomeadamente productos do meio-dia da Asia e Malesia.

O acajú é do Mexico e America central; os bambus são communs nos terrenos humidos dos paizes equinoxiaes.

Entre as plantas medicinaes, as de maior voga, quina e ipecacuanha dão-se na America meriodinal; jalapa e baunilha no Mexico; aloés na Africa; o camphoreiro na Malesia; a canafistula e sene no nordeste d'Africa; a gomma arabica (producto de uma acacia) no Saharà, Egypto e Senegambia; o rhuibarbo, ginsão, a éste da Asia; o ricino na Asia occidental.

O maná, producto de um freixo, e o alcaçuz são communs na Italia meriodinal.

Quanto a madeiras veja-se o artigo PAU.

As plantas oleosas mais importantes, além da oliveira, são o colsa, que se cultiva em quasi toda a Europa. A papoula, de que se extrahe oleo, é commum na Europa; o sesamo, cresce na India, Syria e Egypto.

O tabaco é originario das regiões equinoxiaes da America; mas já é cultivado por toda a parte.

2. Os camêlos são as mais uteis bestas de carga na Asia occidental e central, e norte d'Africa; alguns apparecem na Turquia europêa, e Grecia. Os lamas vivem nos Andes. As rennas, vulgares no norte da Europa, são particularmente uteis aos lapões.

A cabra, que se encontra em toda a Europa, e onde quer que estanceam europeus, é oriunda da Asia, onde as cabras de Cachemira, do Thibet e Angora, dão preciosissimas lãs.

Os elephantes habitam principalmente as Indias, Malesia e Africa central e meridional: o marfim, que procede dos elephantes da costa de Moçambique, é o mais afamado.

Os principaes animaes estimados por belleza de pelle são as marthas zibelinas, o arminho, a harda, mórmente no imperio russiano; as mufetas na America do norte; os castores na mesma região, e ao norte da Europa e Asia; os chincilhas na America meridional; os lymas na Russia; o lobo e urso preto na America; as raposas azuladas, pretas e brancas ao norte da Asia e da America; as lontras communs á Europa e America; a camurça que pasce nas mais empinadas serranias da Europa, e particularmente nos Alpes e Pyrenéos.

As phocas, cuja pelle é commercialmente artigo importante, pescam-se nos mares do norte, assim como os narvaes cujos dentes são procurados.

Os baleatos, cuja pescaria é importante á conta do espermacete que se lhes extrahe das cabeças, habitam a porção equatorial do grande oceano.

Baleias só se nos deparam no oceano glacial, ahi pela Groenlandia e Spitzberg, e nos mares austraes, designadamente nos arredores do cabo da Boa Esperança.

Os pavões procedem da India; os faisãos da Asia oriental e occidental; os perús da America septentrional; as pintadas da Africa, e já hoje vulgarisadas na Europa.

Cysnes e outras especies de linda pennugem são communs na Islandia, na Noruega e outras regiões mais boreaes da Europa.

A tartaruga, que fornece a melhor concha, habita a zona torrida e particularmente o sudoeste da Asia; a grega é menos estimada, e encontra-se na Grecia, Italia e Sardenha.

Os arenques demoram grande parte do anno nos mares do norte da Europa e America.

A sardinha e anchova acham-se abundantissimamente no Atlantico e Mediterraneo.

O bacalhau estancea particularmente no Atlantico, entre 40° e 60° de latitude norte. Na Terra-Nova se faz grande pescaria.

As melhores ostras da Europa são as das costas da Mancha, do golfo de Gasconha e da Belgica. As ostras das perolas pescam-se no golfo persico, nas ribas da ilha de Ceilão e no golfo da California.

As sanguesugas mais formosas são as de Hungria.

O bicho da sêda, oriundo da China, é hoje na Europa, maiormente nas regiões meridionaes, objecto de immensa industria.

O mais bello coral é o do Mediterraneo; ha d'elle importantes pescarias nas costas barbarescas.

As mais apreciadas esponjas pescam-se na parte oriental do Mediterraneo e nas ribas da America meridional.

3. São de Italia, de Allemanha, de Hespanha e Pyrenéos francezes e da Belgica os mais bellos marmores.

Os alabastros de maior fama são da Corsega, de Hespanha, de Sunria, de Malta e Egypto. Estimam-se superiormente as pedras lithographicas de Baviera.

PROFESSOR. «Lembrou-se alguem

de derivar a palavra mestre, em latim *magister*, d'estas duas: *magis — ter; mais tres vezes*. Só por si este achado salvaria os creditos das etymologias e dos etymologistas, perante este modo de vêr com que na actualidade se encara tudo progressivamente. A etymologia, com tal derivação, mostrou que tambem sabe olhar para traz e para diante ao mesmo tempo. *Respicit et prospicit*, como o Jano dos pagãos.

«E assim é; por quanto, mais que os outros tres vezes deve ser aquelle que se ennobrece com o titulo de mestre. As considerações todas que sobre a dignidade do magisterio se possam fazer, resumem-se n'esta trilogia de superioridade.

«Mais que os outros em robustez, saude e conhecimento dos meios de conserval-a. Dá-o a temperança, dá-o o contentamento, dão-no os bons costumes, assim como da saude nasce o contentamento que muito concorre para manter a pureza dos costumes. *Mens sana in corpore sano.*

«Mais que os outros em saber. Adquire-se pelo estudo aprimorado (no mestre deve haver mesmo luxo de estudo) das materias que tiver de ensinar, e pelo conhecimento de muitas outras que tem analogia com as que professa.

«Mais que os outros em moralidade. O estudo, a applicação, e um regimen de todo o ponto hygienico, ajudarão a perpetuar-lhe os bons sentimentos, e desenvolver-lhe, cada vez mais, os germens moraes, que a Providencia lhe tiver a elle, como a todos os homens, depositado no coração.

«Com a primeira superioridade sobrelevará na educação physica.

«Com a segunda, na intellectual.

«Com a terceira, na moral.

«Uma quarta superioridade tem de coroar as mais com que o mestre se distingue já. É a de ser mestre de si mesmo, quero dizer, superior, quanto humanamente possivel, ás proprias fraquezas, superior a pensamentos reprehensiveis, superior a omissões imperdoaveis.

«O mestre que souber dominar-se a si mesmo, dominará pelo exemplo, e dominará pela palavra.

«O dominio que tem de exercer, é o do coração, para tornar multiplicativa e fecunda a propria moralidade. É o dominio do espirito para dar authoridade ás boas doutrinas que mandar aos espiritos, cuja cultura lhe fôr confiada, e para depois os dirigir pelas vias da sã dialectica e do raciocinio. Este dominio, sobremaneira suave, mas nem por isso menos poderoso, é tambem o dominio dos sentidos; é o bom exemplo; é a demonstração permanente que a sua existencia deve estar dando, do quanto influe para a felicidade e para os gozos intimos, a conservação das forças physicas, a moderação que exclue e proscreve excessos, e a alegria resultante de todo este complexo de harmonias individuaes.

«E o pensamento do mestre se revelará nas suas palavras; as suas palavras retratarão fielmente o interior do seu coração; todo elle será, não o desmentimento, mas a traducção viva de quanto disser; e o que elle disser, será evangelho religioso e social, como o evangelho quer, e como a sociedade precisa que effectivamente seja.

«Depois do pensamento e da palavra de Deus, nada é maior que o pensamento e a palavra do homem!» disse em nossos dias um espirito altamente illustrado. A mais nobre manifestação do pensamento e da palavra do homem, dizemos nós, está cifrada no verdadeiro instituidor primario.

«Por tanto, não bastam os conhecimentos que se chamam instrumentaes como são os da grammatica, da arithmetica, dos processos didacticos, etc., para qualquer homem se chamar mestre.

«Não; o homem em quem a sociedade depositou tantas prerogativas, não é, nem tem direito de ser um homem vulgar. O homem a quem uma familia confia as suas esperanças, o seu esteio futuro, o herdeiro das suas virtudes, do seu bom nome e da sua benção, não poderia ser, nem teria direito de ser um homem commum.

«O seu ministerio é moral; missão de grave responsabilidade, o seu encargo; exerce uma funcção social, e o estado considera-o como um empregado civil, de quem espera cooperação efficaz no negocio dos negocios, qual é o de encaminhar o povo para a felicidade.

«Bem longe de pretendermos rebaixar as profissões mecanicas, entendemos que ha grande injustiça quando se não conceituam, com a consideração que merecem, a resignação, a laboriosidade, o esforço e a virtude mesmo que ellas demandam na sua pratica e exercicio; mas a profissão do magisterio, meio termo entre o sacerdocio e a magistratura, deve representar pelo trabalho as honradas fadigas do operario; pela sciencia e pela vocação, o primeiro elemento civilisador d'este seculo.

«É a escóla como o portico do templo, observou judiciosamente um dos mais distinctos pedagogos contemporaneos; e com razão o disse; por quanto o professor primario predispõe e prepara a infancia para a educação religiosa. A esphera da sua missão, não se circumscreve aos limites do lar domestico; ao mesmo tempo, sacerdote e pai de familias, o instituidor no seu ministerio providencial é a synthese d'aquellas duas authoridades, em que se concentram as relações da familia e dos povos.

«A abnegação, o desinteresse, o sacrificio mesmo que é mister fazer-se da vida inteira, para preencher condignamente este sacerdocio da civilisação, estão dando o mais claro testemunho do quanto aquelle desempenho se basêa na virtude. Mas as compensações? e o que ha n'este mundo que não as tenha? qual é a dôr para que a Providencia não compozesse um balsamo? qual é a tristeza para que a celestial solicitude não guardasse uma consolação?

«Modesto nas fallas, singelo no trajar; adorado pelos visinhos, destemido para as maledicencias, galvanisado para as invejas, robusto nas forças; nos contentamentos ainda tão moço, como na primavera da vida; na perseverança tão forte como nos dias de mais vigor; com a bocca cheia de riso, e o coração perfumado de esperança, não vêdes um ancião, a quem todos cedem o lugar nas festas da aldêa, a quem todas amam como ao pai de uma grande familia, a quem as criancinhas se achegam como para as caricias maternaes?

«É o mestre primario. Duas gerações se desentranham em reconhecimento á bondade com que lhes alumiou as escuridões da intelligencia. Juram nas suas palavras; e a sua palavra revive e florece, e fructifica tambem nas boas obras que fez produzir.

«Longe do tumultuar d'essa atmosphera de trovoadas, onde se agitam os grandes interesses, e se preparam as grandes ruinas, onde se jogam as reputações, em quanto a modestia se definha obscura e desprezada, elle, o desconhecido depositario dos futuros destinos da patria, vive feliz no asylo que a sua boa estrella lhe deparou.

«Toda a existencia d'aquelle espirito evangelisador foi um tecido de beneficios; tudo para elle, foram outras tantas occasiões de aperfeiçoar-se. Ter de ensinar, era-lhe estimulo para mais estudo; da applicação constante, lhe provinham novas forças, e valor para o cumprimento dos deveres; da obrigação invariavel de tornar melhores os filhos da sua adopção, lhe nasciam cada vez mais generosas tendencias para a perfeição e para a virtude.

«E depois, como se lhe apresentava o genero humano? Na sua phase mais angelica; na quadra da innocencia; e do regaço da pobreza, que tambem é outra innocencia, recebia elle essas almas candidas a fim de lh'as dotar e enriquecer. Constituido protector de tanta fragilidade, oraculo de tanta ignorancia ingenua, prevenia de longe muito precipicio, disseminava muita moralidade, soccorria muita penuria, aplanava muita aridez no estadio d'aquellas existencias, que fortalecia com a luz e calor do ensino, apenas entradas na aurora da vida.

«A dignidade das suas funcções, mede-se pela profundeza da sua res-

ponsabilidade. O merecimento dos serviços não se pesa pelos salarios; pelo contrario, está em razão directa do desinteresse. A publica estimação é moeda que se não concede arbitrariamente. A opinião publica é sempre justa; e que maior prova de estima, para o professor, do que a confiança que geralmente se lhe tributa?

«Mr. De Gerando, querendo tornar bem sensiveis os testemunhos de estimação que um grande numero de amigos da humanidade tem dado aos esforços do magisterio, exprime-se em termos taes, que seria imperdoavel alterar uma só das suas phrases, ou modificar de qualquer maneira a sua convicção.

«Todos os espiritos verdadeiramente humanitarios, diz elle, tem mostrado que consideram o magisterio como um dos meios mais poderosos de fazer bem aos homens. Desde o seculo passado, na Allemanha, foi o respeitavel conego de Rochow, o conde de Bucqoy, dotando a Saxonia e a Bohemia de generosas instituições para a educação primaria; foi o illustre Campe, que ao mesmo tempo trabalhava para a infancia e para os instituidores; foram os Zerrenner, os Willmser, e tantos mais, publicando tratados, instrucções e manuaes para os mestres de escólas elementares; foi o veneravel cura Demeter, criando um methodo para o ensino, e dando regras para a disciplina escolar; foi o zeloso Dinter, que de instituidor primario que era, se tornou, pelo plano de melhoramentos que fez para as escólas ruraes, o guia dos seus collegas. Foram na Inglaterra os doutores Bell e Lencaster, rivalisando em zelo, para simplificarem os processos do ensino, e tornarem a sua influencia benefica muito mais extensiva. Na Suissa, foi o excellente Pestalozzi, que dedicou a vida inteira ao nobre empenho de melhorar a educação em todas as classes, desde as primeiras instrucções ministradas pela mãi, até a essa que serve de introducção ás sciencias, e dá o maior desenvolvimento á intelligencia para os ulteriores exercicios e applicações; foi mr. de Fallemberge, esse amigo tão sincero da humanidade, que erigiu no meio dos vastos estabelecimentos de Hofwil uma escóla normal para os instituidores primarios, e uma escóla rural, para os filhos dos camponezes, cuja direcção tão acertadamente lhe imprimiu. Em França, foi, no fim do seculo XVIII, o respeitavel conego Lasalle que estabeleceu um instituto especial para a direcção das escólas primarias, que criou o methodo simultaneo, e que pelo espaço de vinte annos lutou contra todas as difficuldades e obstaculos, para fazer triumphar a santa causa da instrucção elementar. Em nossos dias, é o abbade Gaultier, essa boa alma, que passou toda a vida entre crianças, concentrando n'ellas tudo o que n'ella havia de affectuoso, sempre a ensinar, não se cançando, nem descançando nunca, voltando-se de todo o coração á amizade que consagrava aos professores, alumiando-os com o conselho, e exhortando-os com a propria benevolencia. É Liancourt, de saudosa memoria, cujo espirito comprehendia na sua vastidão e solicitude, todos os interesses da humanidade, as precisões do pobre, os padecimentos do enfermo, a consolação dos encarcerados, a propagação da vaccina, e o desenvolvimento da educação industrial, fundando a expensas proprias verdadeiras escólas-modêlos, e que, onde quer que se trate de promover os progressos d'estas instituições no solo francez, se encontrará sempre a tomar a parte mais decidida n'esses esforços. São os homens mais eminentes nas sciencias, que pelos seus escriptos e diligencias, preparam e favorecem taes progressos; são aquellas numerosas, e bemditas associações de bons cidadãos, que na Hollanda, na Inglaterra, na Escocia, na Irlanda, em todos os cantões da Suissa, em Florença e nos Estados-Unidos da America se tem formado para a diffusão das luzes, para a multiplicação dos incentivos do magisterio. Que suffragios! Que testemunhos, tributados á importancia de tão nobre missão!»

«Na peninsula, espiritos dos mais

illustrados, e corações da mais acrisolada philanthropia se tem dedicado generosamente a resolver as questões do ensino primario, a transformar em flôres e suavidade, muitas difficuldades e espinhos que as antigas praxes do ensino apresentavam.

«Mas, se é grato para o homem que abraçou esta vocação, saber que se acham ligados ao ministerio do ensino, nomes d'aquelles com que mais se ennobrecem os fastos litterarios de cada nação; se é gloriosa a aristocracia do magisterio primario; se para contentar ambições louvaveis, e excitar novos brios é efficaz a consideração do apreço em que os grandes homens tiveram em todo o tempo as lides do ensino elementar; ainda, acima de todas essas razões, que depõem pela dignidade do magisterio, está, segundo crêmos, uma que a todas as outras corrobora, e que por si só persuadiria, sem o auxilio de alheios exemplos: é a satisfação da consciencia, que jámais desampára aquelle que sacrificou a sua propria individualidade ao mais sagrado de todos os interesses sociaes, á educação publica.» (Luiz Filippe Leite).

PROGRESSÕES. 1. *Progressão arithmetica* ou *por differença* é uma serie de numeros taes, que a differença entre cada um e o seu precedente é constante; e *progressão geometrica* ou *por quociente*, é uma serie de numeros, na qual o quociente da divisão de cada um pelo seu precedente é constante. Estes numeros chamam-se *termos* da progressão; e o numero constante por meio do qual cada termo de uma progressão arithmetica ou geometria se deduz do precedente, é chamado *razão* da progressão. Uma progressão é *crescente*, se cada termo é maior que o precedente, e *decrescente*, se cada termo é menor que o precedente. — Assim, os numeros 4, 7, 10, 13, 16, etc.; formam uma progressão arithmetica crescente, cuja razão é 3; os numeros 200, 100, 50, 25, etc., formam uma progressão geometrica decrescente, cuja razão é $\frac{1}{2}$. Escrevem-se os numeros em linha recta pondo á esquerda do primeiro o signal ÷ ou ∺, e separando-os por um ou dous pontos, conforme formarem progressão arithmetica ou geometrica.

2. A theoria das progressões compõe-se dos seguintes principios, que servem para resolver um grande numero de mui uteis e interessantes problemas. 1.º Em toda a progressão arithmetica crescente, um termo qualquer é igual ao primeiro termo e mais tantas vezes a razão quantos os termos que o precedem; ou igual ao ultimo termo menos a razão tantas vezes quantos os termos que o seguem. Se a progressão é decrescente, escrevendo-a em sentido inverso, torna-se crescente, e entra-se na hypothese do principio antecedente. — 2.º N'uma progressão arithmetica, a somma de dous termos equidistantes dos extremos é igual á somma dos mesmos extremos.—3.º A somma dos termos de uma progressão arithmetica é igual á semi-somma dos termos extremos multiplicada pelo numero dos termos da progressão. — 4.º Em toda a progressão geometrica crescente, um termo qualquer é igual ao primeiro termo, multiplicado pela razão elevada á potencia, cujo grau é igual ao numero dos termos que o precedem; ou igual ao ultimo termo, dividido pela razão elevada á potencia, cujo grau é igual ao numero dos termos que o seguem. Se a progressão é decrescente, escrevendo-a em sentido inverso, torna-se crescente, e entra-se na hypothese d'este principio. — 5.º N'uma progressão geometrica, o producto de dous termos equidistantes dos extremos é igual ao producto dos mesmos termos extremos. — 6.º O producto dos termos de uma progressão geometrica é igual á raiz quadrada do producto do primeiro termo pelo ultimo, elevada á potencia cujo grau é igual ao numero dos termos. — 7.º Para obter a somma dos termos de uma progressão geometrica crescente, multiplica-se o ultimo termo pela razão, subtrahe-se do producto o primeiro termo, e divide-se o resto pela razão diminuida n'uma unidade. Se a pro-

gressão é decrescente, escrevendo-a em sentido inverso, torna-se a progressão crescente, e então para a somma opera-se como no caso precedente.

3. As progressões crescentes por quociente dão resultados que assombram a imaginação. *Exemplo:* Um cigano vende o seu cavallo que acabou de ferrar, dando-lhe 1 centimo pelo primeiro cravo, 2 pelo segundo, 4 pelo terceiro, e assim por diante, dobrando sempre para cada cravo até ao trigesimo segundo e ultimo. Quanto julgaes que pede pelo cavallo? 43:023$073,27. — *Outro exemplo:* Um principe da India perguntou a Sessa, inventor do jogo do xadrez, qual era a recompensa que desejava por tão notavel invento. Limitou-se este a pedir 1 grão de trigo pela primeira casa do xadrez, 2 pela segunda, 4 pela terceira, e assim successivamente a dobrar até á ultima das 64 casas. O principe, que primeiro se tinha rido do pedido, ficou, depois de feito o calculo, espantado com tão extraordinario valor: toda a terra cultivada só em 70 annos produziria o trigo pedido. Esse enorme numero de grãos é:

18446774073709551615.

Querendo verificar estes incriveis resultados, estabeleça-se a progressão:

÷ 1. 2. 4. 8. 16. 32. 64. 128. 256. 512. 1024. 2048. 4096. 8192. 16384,......;

(razão = 2) e calcule-se, por meio do principio 4.º, o termo 32 para o primeiro exemplo, e o termo 64 para o segundo; depois, obter-se-ha a somma de todos os termos, por meio do principio 7.º

PROJECÇÕES. 1. A representação dos corpos pelo desenho póde fazer-se por dous modos differentes: pela *perspectiva* (veja esta palavra) e pelas *projecções*. O fim das projecções é representar os corpos com suas dimensões reaes de modo que possam ser executadas. — Chamam-se *planos de projecção* dous planos perpendiculares entre si, um vertical e o outro horisontal, cuja intersecção fórma a linha de terra, como na perspectiva. — As *projecções horisontaes* são as que se acham traçadas no plano horisontal; e as *projecções verticaes* ou *alçadas* são as que se acham traçadas no plano vertical. — Querendo representar o interior de um objecto: uma machina, um edificio, etc., imagina-se cortado por um plano no qual se projecta a superficie da secção. Estas projecções denominam-se *secções*, *córtes*, e *perfis*. Designam-se pela denominação de *desenhos geometricos*, os planos, córtes, alçados, perfis, e em geral todas as projecções. — (Veja ESCALA e LEVANTAMENTO DE PLANTAS).

2. A projecção de um *ponto* sobre um plano é o pé da perpendicular baixada d'este ponto sobre o plano. — As principaes posições que póde occupar um ponto no espaço relativamente aos dous planos de projecção, são quatro, pois que o ponto póde achar-se situado: 1.º acima do plano horisontal e anteriormente ao plano vertical; 2.º sobre o plano horisontal e anteriormente ao plano vertical; 3.º sobre o plano vertical e acima do plano horisontal; 4.º n'um e n'outro dos dous planos de projecção, isto é sobre a linha de terra.—Resulta d'aqui os principios seguintes, que servem de base á theoria das projecções: 1.º as duas projecções de um mesmo ponto determinam uma recta perpendicular á linha de terra, depois de rebatido o plano vertical sobre o horisontal; 2.º a distancia de um ponto no espaço ao plano horisontal é representada sobre o plano vertical pela perpendicular baixada da projecção vertical sobre a linha da terra; 3.º a distancia de um ponto no espaço ao plano vertical é representada sobre o plano horisontal pela perpendicular baixada da projecção horisontal sobre a linha de terra.

3. Obtem-se as projecções de uma *recta*, situada no espaço n'uma posição qualquer, determinando as projecções de dous pontos d'esta linha. — Para ter as projecções de uma linha quebrada, determinam-se as projecções das rectas componentes. —

Para ter a projecção de uma linha curva, determinam-se as projecções de muitos de seus pontos, os quaes depois se unem por uma linha traçada á mão. — As principaes posições que póde occupar uma recta relativamente aos dous planos de projecção, são dez. Póde achar-se situada: no plano vertical, no plano horisontal, em ambos, parallela ao plano horisontal, parallela ao plano vertical, parallela a ambos, perpendicular ao plano vertical, ou ao plano horisontal, ou á linha de terra, obliqua a ambos os planos. — D'aqui resulta os principios seguintes: 1.º toda a recta situada sobre um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por uma recta que coincide com a linha de terra; 2.º toda a recta parallela a um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por uma recta igual em grandeza, e sobre o outro por uma recta parallela á linha de terra; 3.º toda a recta perpendicular a um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por um ponto, e sobre o outro por uma perpendicular á linha de terra; 4.º toda a recta obliqua a ambos os planos de projecção, projecta-se reduzida em grandeza sobre cada um d'estes planos.

4. Determinam-se as projecções de uma *superficie* plana, construindo as projecções das linhas que a limitam. — Uma superficie plana póde occupar oito posições differentes relativamente aos dous planos de projecção: no plano horisontal, no plano vertical, parallelo ao plano horisontal, parallelo ao plano vertical, perpendicular ao plano vertical, perpendicular ao plano horisontal, perpendicular a ambos os planos, obliqua a ambos. — D'aqui, os principios seguintes: 1.º toda a superficie plana, situada sobre um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por uma figura igual, e sobre o outro por uma recta que coincide com a linha de terra; 2.º toda a superficie plana, parallela a um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por uma figura igual, e sobre o outro por uma parallela á linha de terra; 3.º toda a superficie plana, obliqua a ambos os planos, projecta-se reduzida em grandeza sobre cada um d'estes planos; 4.º toda a superficie plana, perpendicular a um dos planos de projecção, projecta-se sobre este plano por uma linha recta; a sua projecção sobre o outro plano é uma linha recta, ou uma figura igual, ou uma figura reduzida, segundo esta superficie tiver uma posição perpendicular, ou parallela, ou obliqua relativamente ao segundo plano. — As projecções de um polyedro (cofre, mesa, armario, porta, muro, etc.), determinam-se construindo as projecções dos vertices, pois que estas projecções determinam as das arestas, por conseguinte, as das faces, e assim dão o meio de calcular todas as dimensões do polyedro.

5. Como frequentemente se torna necessario tirar a planta de casas, observaremos que esta planta não é outra cousa que um *córte horisontal*, a um metro do solo, isto é á altura das janellas, que haverá o cuidado de indicar. — Os muros representam-se por duas linhas que indicam a espessura d'elles, e cujo intervallo se cobre de traços, aproximados de modo a formarem sombra escura para as cavidades, e gradualmente menos carregada á medida como os córtes se referem a andares mais elevados. Porém, é hoje uso geralmente seguido, substituirem-se aquelles traços de sombra por uma aguada de nanquim bem carregado. Quando se faz a planta de uma casa que se quer reconstruir, dá-se côr vermelha no que representa a alvenaria, tanto no conservado como na de construcção, e côr amarella no que representa a parte demolida. — As portas e as janellas indicam-se por interrupções nos muros, cuja continuidade se figura por duas linhas parallelas; as latrinas, chaminés, escadas, fórnos, etc. representam-se pelas suas projecções horisontaes. — Depois de ter feito o esboço, no qual se cotou as diversas dimensões, passa-se o desenho a limpo, escolhendo uma escala proporcional

á grandeza que se quer dar ao desenho.

PRONOMES. «Os *determinativos pessoaes* são uns adjectivos que determinam os nomes a que se referem, pela qualidade do personagem ou papel que fazem no acto do discurso, ou da propriedade e posse, relativa ás mesmas personagens.

«Estes personagens ou papeis, por ordem á representação no discurso são tres, a saber; a *primeira pessoa*, que é aquella que falla no discurso; a *segunda*, que é aquella com quem se falla; e a *terceira*, que é aquella de quem se falla, ou seja pessoa ou cousa. Os *determinativos pessoaes* que modificam os nomes com estas tres relações por ordem ao acto ou representação da palavra, chamam-se *primitivos*. D'estes se formam os *pessoaes derivados*, que determinam os nomes pela qualidade de pertinencia ou posse, relativa a cada uma d'estas pessoas.

«A nossa lingua tem onze *determinativos pessoaes*, a saber, seis *primitivos* que são, dous da 1.ª pessoa *eu* para o singular e *nós* (com *ó* grande aberto) para o plural; dous da 2.ª pessoa *tu* para o singular e *vós* (com *ó* grande aberto) para o plural; um *directo* da 3.ª pessoa *elle*, *ella* para o singular, *elles*, *ellas*, para o plural; e outro *reciproco* ou *reflexo* da mesma terceira pessoa para o singular e para o plural, que é *se*.

Os *derivados* d'estes são cinco, a saber: dous da 1.ª pessoa fallando de uma só, *meu*, *minha* para o singular, e *meus*, *minhas* para o plural; e fallando de muitas, *nosso*, *nossa* para o singular, e *nossos*, *nossas* para o plural: outros dous da 2.ª pessoa a saber; fallando de uma só, *teu*, *tua* para o singular, e *teus*, *tuas* para o plural; e fallando de muitas, *vosso*, *vossa* para o singular, e *vossos*, *vossas* para o plural: e um em fim da 3.ª pessoa, fallando de uma só ou de muitas, *seu*, *sua* para o singular, e *seus*, *suas* para o plural. Tratemos por esta mesma ordem, primeiramente dos primitivos e depois dos derivados.

«Os *pessoaes primitivos*, *eu*, *tu*, *elle*, são os unicos nomes que na lingua portugueza tem declinação, e *casos* por consequencia. Para indicar estes não me servirei dos nomes latinos que tem suas accepções particulares, mas sim dos que os grammaticos das linguas modernas julgaram mais proprios para exprimir as differentes relações que um mesmo nome póde tomar, para se ligar com outra palavra no discurso, quer sejam significadas pelas suas differentes terminações ou casos dentro do mesmo numero, quer pelas differentes preposições que se lhe ajuntam em ambos os numeros para substituirem os mesmos casos.

«Assim dão elles o nome de *sujeito* á palavra que exprime o agente ou sujeito do verbo, e que corresponde ao *nominativo d'antes* dos latinos, e de *attributo* ao *nominativo depois*, que é o que exprime a cousa que se attribue ou affirma do sujeito. Chamam *complemento restrictivo* ao nome precedido da preposição *de*, que se põe immediatamente depois de um appellativo para lhe restringir a sua significação vaga, ao que os latinos chamavam *genitivo: complemento objectivo* ao nome, quando faz o objecto immediato da acção do verbo, e *terminativo* quando faz o termo da sua relação, e finalmente *circumstancial*, ou da *preposição*, quando o nome junto com ella explica alguma circumstancia da acção do verbo, os quaes tres complementos correspondem ao *accusativo*, *dativo* e *ablativo* dos latinos.

«Isto supposto, as terminações dos tres *pessoaes primitivos directos*, que servem de *sujeito* ou de *nominativo* nas orações, são as acima mencionadas: *eu* no singular, e *nós* no plural para todos os generos; *tu* no singular, e *vós* no plural tambem para os generos, e *elle*, *ella* no singular para o masculino e para o feminino, e *elles*, *ellas* no plural para os mesmos generos.

«Os *complementos objectivos* e ao mesmo tempo *terminativos*, chamados *accusativos* e *dativos* do pessoal *eu*, são, *me* para o singular e *nos* (ambos com *e* e *o* pequeno) para o plural; do

pessoal *tu*, são *te* para o singular e *vos* para o plural (ambos com *e* e *o* pequeno), e do pessoal reciproco da 3.ª pessoa *se* (tambem com *e* pequeno) para todos os numeros.

«O *pessoal directo* da 3.ª pessoa *élle élla, élles éllas* (com o *é* grande fechado na masculina e aberto na feminina), tem differentes palavras e terminações para estes dous casos, a saber: para o complemento objectivo ou accusativo, no singular *o* para o masculino e neutro, *a* para o feminino, e *os*, *as* no plural para os mesmos dous generos, todos com as suas vogaes pequenas. Differençam-se do artigo definito pelo seu differente ministerio, e pela sua mesma posição. O artigo serve só para individuar, e precede sempre ou suppõe depois de si um appellativo que determine. O complemento objectivo directo da 3.ª pessoa *o*, *a*, *os*, *as*, não determina os nomes a que se referem individuando-os, mas sim dando-lhes o caracter de uma 3.ª pessoa ou cousa, da qual se tem fallado e falla, e o seu lugar nunca é antes do nome, mas sim antes ou depois do verbo activo.

«Emfim, para o *complemento terminativo* ou *dativo*, tem presentemente o mesmo pessoal directo da 3.ª pessoa no singular *lhe* para ambos os generos e no plural *lhes* para os mesmos. Digo *presentemente*, porque os nossos bons escriptores, tanto prosadores como poetas, usavam frequentemente do *lhe* para ambos os numeros.

«Os *complementos circumstanciaes* ou da *preposição*, que correspondem aos ablativos dos latinos e aos genitivos dos gregos, são: do pessoal *eu* para o singular *mim*, junto com varias preposições, e *migo* só com a preposição *com*, e para o plural *nós* (com *ó* grande aberto como no nominativo) junto com varias preposições, e *nósco* (com o primeiro *ó* grande fechado) que se ajunta só com a preposição *com:* do pessoal *tu* é *complemento circumstancial* para o singular *ti* com varias preposições, e *tigo* só com a preposição *com;* e para o plural *vós* (com *ó* grande aberto como no nominativo) com varias preposições, e *vósco* (com o *ó* grande fechado) só com a preposição *com*. Em fim, do pessoal reciproco da 3.ª pessoa é *complemento circumstancial* para ambos os numeros a terminação *si*, que se construe com varias preposições, e *sigo*, que se construe só com a preposição *com*, o que tudo se vê representado na taboa seguinte:

Taboa da declinação dos pessoaes primitivos

Sujeito ou Nominativo			Complemento Objectivo	Complemento Terminativo	Complemento Circumstancial
da 1.ª pessoa..	S.	Êu	Mè	Mè	Mim, Migo
	Pl.	Nós	Nòs	Nòs	Nós, Nôsco
da 2.ª pessoa..	S.	Tú	Tè	Tè	Tí, Tígo
	Pl.	Vós	Vòs	Vòs	Vós, Vôsco
		M. F.	M. F. N.		
da 3.ª pessoa directo........	S.	Êlle, Élla	O, A, O,	Lhè	
	Pl.	Êlles, Éllas	Òs, Às	Lhès	
da 3.ª pessoa reciproco.....	S. Pl.		Sè	Sè	Si, Sigo

«Falta n'esta taboa o *complemento restrictivo*, ou caso de possessão correspondente ao *genitivo* latino. Mas este complemento, que aliás se faz com o nome e a preposição *de*, não se faz da mesma sorte nos pessoaes. Os derivados d'estes juntos com os nomes é que exprimem esta relação de possessão, e servem elles mesmos de complementos restrictivos.» (Soares Barbosa).

PROPENSÕES. As propensões corporeas nascem do temperamento e da diversa preponderancia dos orgãos. De nossas faculdades se impende aquella inclinação, se não invencivel, pelo menos habitual a que ellas, pelo ordinario, pendem, e desde a puericia se revela. Se alguma inclinação nos não fosse congenial, e todos nos igualassemos em aptidões, viveriamos sem determinação fixa. Por quanto as circumstancias da nossa formação nos imprimem estructura especial, assim nos influem propensões nativas. Um nasce idiota; outro com felicissima capacidade; um pende aos actos viciosos, outro luta energicamente contra estorvos a fim de cumprir uma especie de missão santa nas artes e sciencias, em quanto outro parece sahir do seio materno com a paixão das armas, etc. As propensões naturaes impellem-nos com certeza a um fito; mas sem determinarem fatalmente actos necessarios, como se dá no instincto dos irracionaes. Em verdade, póde um homem nascer com inclinações viciosas; mas, até certo ponto, póde corrigil-as. Confessava Socrates que se havia sentido com disposições aos vicios, consoante o prognostico de Zopiro; não obstante, subjugou-se. (Veja PAIXÕES).

PROPORÇÃO E COMPANHIA (Regra de). 1. A regra de companhia reduz-se á regra de proporção que ensina a dividir um numero ou quantidade em partes proporcionaes a numeros dados. Supponhamos que se quer dividir 730$000 reis entre tres crianças em partes proporcionaes a suas idades que são: 5, 6 e 7 annos. Póde-se discorrer pelo methodo de reducção á unidade, como se segue: Dando á primeira criança 5 reis, á segunda 6 reis, e á terceira 7 reis, a somma distribuida, $5+6+7=18$ reis, foi dividida em tres partes proporcionaes aos numeros 5, 6 e 7. Partindo d'este estado da questão, acha-se facilmente a solução do problema proposto pelo methodo da reducção á unidade. Com effeito, se a somma dada para dividir fosse 18 reis, as partes pedidas seriam 5 reis, 6 reis e 7 reis; se fosse *um* real, cada uma das partes seria 18 vezes menor, ou $\frac{5}{18}$, $\frac{6}{18}$, $\frac{7}{19}$; logo, sendo 730$000 reis a somma a dividir, cada uma das partes será 730000 vezes maior que a parte correspondente, obtida dividindo a *unidade* segundo as condições da questão. Portanto será a primeira $\frac{5\times730000}{18}$ reis; a segunda $\frac{6\times730000}{18}$ reis; a terceira $\frac{7\times730000}{18}$ reis. D'aqui se tira a regra seguinte: Para dividir um numero em partes proporcionaes a numeros dados, multiplica-se esse numero por cada um dos outros numeros dados, e dividem-se os productos pela somma d'estes numeros: os quocientes obtidos serão as partes proporcionaes respectivas aos numeros dados.

Quando os numeros, a que as partes devem ser proporcionaes, são *fraccionarios*, reduzem-se ao menor denominador commum, e faz-se a divisão proporcionalmente aos *numeradores:* o que reduz a questão ao primeiro caso. N'este caso, ha ainda uma simplificação a fazer, quando os numeros a que as partes devem ser proporcionaes não são *primos entre si;* e vem a ser: substituem-se estes numeros respectivamente pelo quociente de cada um dividido pelo maximo divisor commum de todos.

2. Quando muitas pessoas se asso-

ciam para uma empresa commum, cada socio contribue com um capital que se chama *entrada*. Não havendo convenções em contrario, o *lucro* ou a *perda* são divididos proporcionalmente ás entradas e ao tempo durante o qual os referidos capitaes estiveram em giro.

Nas grandes empresas commerciaes ou industriaes, como as dos caminhos de ferro e das minas, o capital social necessario é dividido em sommas iguaes que se chamam *acções*. A cada proprietario de acções chama-se *accionista;* e aos lucros obtidos, *dividendo*.

Se os capitaes dos socios forem iguaes, ou se fôr igual para todos o tempo da associação, os quinhões dos socios serão proporcionaes aos tempos, ou aos capitaes; e a regra de companhia será *simples*. Se os tempos e os capitaes forem differentes, os quinhões serão proporcionaes aos productos dos capitaes pelos tempos correspondentes; e a regra de companhia será *composta*. Em ambos os casos a regra de companhia é uma applicação da regra de proporção.

1.º *Caso*. Dous negociantes formaram uma sociedade que durou o mesmo tempo: o primeiro entrou com 400$000 reis, e o segundo com 500$000 reis; houve de lucro reis 360$000.

Obteriamos immediatamente o quinhão de cada socio, applicando a regra de proporção acima exposta. Mas querendo novamente discorrer, pelo methodo de reducção diremos assim: Se o lucro fosse 400$000 reis + 500$000 reis = 900$000 reis, o quinhão do primeiro socio seria 400$000 reis, e o do segundo 500$000 reis; se o lucro fosse *um* real sómente, o quinhão do primeiro seria $\frac{400\$000}{900\$000}$, e o do segundo $\frac{500\$000}{900\$000}$; mas montando o lucro a 360$000 reis, o quinhão do primeiro será

$$\frac{400\$000 \times 360\$000}{900\$000},$$

e o do segundo

$$\frac{500\$000 \times 360\$000}{900\$000};$$

d'onde se tira uma regra analoga á de proporção. O quinhão de cada socio obtem-se: multiplicando a entrada de cada um d'elles pelo lucro, e dividindo o producto pela somma das entradas.

2.º *Caso*. Se no problema, que serviu de exemplo ao primeiro caso, as entradas tivessem estado em sociedade durante tempos differentes, por exemplo, 6 mezes a do primeiro socio e 10 mezes a do segundo, reduziriamos os capitaes á unidade de tempo multiplicando as entradas pelos tempos respectivos. Assim, ao primeiro socio pertence tanto interesse como se tivesse entrado para a sociedade com
400$000 × 6 ou 2:400$000 reis por um mez; e ao segundo como se tivesse entrado com
500$000 × 10 ou 5:000$000 reis tambem por um mez.

Divide pois o lucro 360$000 reis como se as entradas fossem 2:400$000 reis e 5:000$000 reis, e o tempo fosse o mesmo (um mez); o que reduz a questão ao primeiro caso.

Para facilitar aos discipulos a solução d'estes problemas, qualquer que seja o numero dos associados, convem escrever os dados na pedra dispostos do modo seguinte:

1.º caso

Entradas	1.ª	925$000 reis	Lucro, 840$000 reis
	2.ª	740$000 »	
	3.ª	1:800$000 »	
	4.ª	350$000 »	

2.º caso

Entradas...	1.ª 1:800$000 reis.....	6 mezes		
	2.ª 940$000 »	3 »		
	3.ª 7:320$000 »	2 annos	Lucro, 2:900$000 reis.	
	4.ª 1:080$000 »	9 mezes		
	5.ª 9:120$000 »	7 »		

Esta disposição proporciona aos discipulos o meio de comporem de per si problemas semelhantes, variando os dados.

A prova d'estas questões consiste em reunir os quinhões obtidos; o total deve ser igual ao lucro.

PROPORÇÕES. 1. Chama-se *razão* de dous numeros ao resultado da comparação reciproca d'esses numeros. Assim, a *razão por differença* de 15 para 5 é 10, e a *razão por quociente* de 15 para 5 é 3. Os dous numeros 15 e 5 são os dous *termos* de cada razão; 15 é o *antecedente* e 5 o *consequente*. — A expressão da igualdade entre duas razões denomina-se *proporção*, a qual será *arithmetica* ou *geometrica* conforme se comparam razões por differença ou por quociente. Como as primeiras são pouco empregadas, não trataremos senão das proporções geometricas, assim chamadas pelo seu frequente emprego na geometria. — Em qualquer proporção, o primeiro e o ultimo termos tomam o nome de *extremos*; o segundo e o terceiro são os *meios*. — A propriedade fundamental, da qual resultam todos os outros principios relativos ás proporções, é a seguinte: Em toda a proporção o producto dos extremos é igual ao producto dos meios. Assim, na proporção $\frac{12}{4} = \frac{15}{5}$, que tambem se escreve 12 : 4 :: 15 : 5, e se lê: 12 está para 4 assim como 15 está para 5, reconhece-se praticamente a verdade do principio; o qual facilmente se demonstra, reduzindo as duas razões, que não são outra cousa que fracções, ao mesmo denominador, producto dos denominadores, o que não altera as razões e por consequencia a proporção. Operando pois esta reducção, teremos:

$$\frac{12 \times 5}{4 \times 5} = \frac{4 \times 15}{4 \times 5};$$

d'onde resulta necessariamente 12×5 (producto dos extremos) igual a 4×15 (producto dos meios). — Quando os meios são iguaes a proporção é *continua*; por exemplo: 12 : 6 :: 6 : 3, que se escreve ÷ 12 : 6 : 3, notação que faz lembrar as progressões geometricas (veja PROGRESSÕES) de que as proporções continuas são um caso particular. O termo 6, que é repetido, chama-se *meio proporcional* ou *geometrico* entre 12 e 3.

2. *Principios.* Se o producto de dous numeros é igual ao de outros dous, todos quatro formam uma proporção reciproca do principio fundamental. — Em toda a proporção podem-se: 1.º trocar os meios um pelo outro, ou os extremos; ao que se chama *alternar*; 2.º pôr os meios em extremos e estes em meios; ao que se chama *inverter*; 3.º trocar as razões; ao que se chama *transpôr*; pois que em todas estas transformações fica sempre o producto dos meios igual ao dos extremos. — Póde-se sempre achar o quarto termo de uma proporção, quando se conhecem os outros tres. Se é um extremo o termo desconhecido, o seu valor é igual ao producto dos meios dividido pelo outro extremo; e se é um meio, obtem-se o seu valor formando o producto dos extremos e dividindo-o pelo outro meio. — Um meio proporcional entre dous numeros é igual á raiz quadrada do producto d'esses dous numeros. — Quando duas proporções teem uma razão commum as outras duas razões são iguaes, e por conseguinte formam uma proporção;

se teem os mesmos consequentes, os antecedentes estão em proporção; se teem os mesmos antecedentes, os consequentes estão em proporção. — Em toda a proporção: a *somma* dos dous primeiros termos está para o segundo, como a somma dos dous ultimos está para o quarto; a somma dos dous primeiros está para o primeiro como a somma dos dous ultimos está para o terceiro; a *differença* dos dous primeiros está para o segundo como a differença dos dous ultimos está para o quarto; a differença dos dous primeiros está para o primeiro como a differença dos dous ultimos está para o terceiro. — Em toda a proporção: a *somma* dos antecedentes está para a somma dos consequentes, como um antecedente está para o seu consequente; a *differença* dos antecedentes está para a differença dos consequentes, como um antecedente está para o seu consequente; a somma dos antecedentes está para a somma dos consequentes, como a differença dos antecedentes está para a differença dos consequentes. — Em toda a serie de razões iguaes, a somma dos antecedentes está para a somma dos consequentes, como qualquer antecedente para o seu consequente. — Multiplicando ou dividindo ordenadamente, isto é termo a termo, muitas proporções, os resultados obtidos ficam em proporção. — As potencias ou as raizes de um mesmo grau dos quatro termos de uma proporção, formam tambem proporção.

3. Todos estes theoremas, cuja applicação é immediata em muitas demonstrações da geometria elementar, demonstram-se facilmente, escrevendo as razões das proporções debaixo da fórma de fracções ordinarias, e depois discorre-se empregando os axiomas relativos ás igualdades, o principio fundamental das proporções e suas consequencias immediatas. Mas, n'um primeiro estudo, podem-se substituir as demonstrações formaes por simples verificações da verdade de cada principio. N'este intuito, escrevem-se, debaixo da fórma de fracções ordinarias, as duas razões de proporção que traduz cada um dos principios, e effectuam-se as operações expressas em cada uma das razões: a igualdade dos dous resultados finaes dá a verificação do principio de que se trata. Póde-se tambem reduzir as duas fracções ao mesmo denominador: as duas fracções resultantes devem ser iguaes, sem o que a proporção não existiria, e o principio seria falso. Tomemos como exemplo: a somma dos antecedentes está para a dos conseqnentes, como um antecedente está para o seu consequente. Para verificar este principio, seja a proporção:

$20 : 12 :: 5 : 3$; affirma-se que $20 + 5 : 12 + 3 :: 5 : 3$ ou $:: 20 : 12$; isto é: $\frac{20+5}{12+3} = \frac{5}{3} = \frac{20}{12}$. Ora, a primeira razão dá $\frac{25}{15} = 1,666...6...$, a segunda dá tambem $\frac{5}{3} = 1,666...6...$ e a terceira $\frac{20}{12} = 1,666...6...$ Logo, etc. — Estas verificações teem a vantagem de darem occasião para exercitar os discipulos na idéa das razões, no calculo das fracções ordinarias e decimaes, fixando ao mesmo tempo principios que são uma preparação necessaria para as lições da geometria. (Veja SEMELHANÇA, aonde as proporções teem applicação a questões praticas).

PROVERBIOS, ADAGIOS. «Uma das muitas excellencias da lingua portugueza é a copia de adagios, tão claros, breves e sentenciosos, que podem ser uns como canones ou regras da vida economica, ethica e politica, ensinadas pela experiencia.

«Ajunto alguns poucos que me occorrem:

— «Cale o que deu; falle o que recebeu.

— «Em tempo e lugar, o perder é ganhar.

— «Mais vale um toma que dous te darei.

— «Por dar esmola não mingúa a bolsa.

— «O marido barca, a mulher arca.

— «De tal acha, tal racha.

— «Amor de menino, agua em cestinho.

— «Todos os tombos da anguia são para a agua.

— «Viuva rica, com um olho dobra, com outro repica.

— «Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.

— «Velho amador, inverno com flôr.

— «Não dá quem tem, senão quem quer bem.

— «Quem com cães se deita, com pulgas se levanta.

— «Onde irá o boi, que não lavre? e outros a milhares, com quem nenhuma comparação tem os dos gregos e latinos, nem no peso da doutrina nem na energia da significação, como se póde vêr no seu compilador Paulo Manucio.»

«Assim se exprime Bernardes.

«É, porém, certo que innumeraveis anexins, sabedoria das nações, nos são communs com outras muitas. Do proprio grego e latim sacamos quantidade d'elles; e outros, iguaes no pensamento, pouco differem na fórma. Da *Prosodia* de Bento Pereira se colhem numerosas provas d'essa communidade. Esse lexicógrapho sabio fez corresponder muitos adagios forçadamente, mas aqui apontaremos grão numero, ou indicados por esse author, ou que nos authores latinos encontramos nós mesmos, e que dão exactamente o mesmo sentido e com igual expressão nos dous idiomas. Facil fôra acrescentar largamente este trabalho, que aliás não deixaria de offerecer merito de curiosidade.

«Assim, quando Aulo Gellio (*Cecilio. Chrysio* VII. 17) diz: *Audibis male, si male dixis mihi*, ha grande differença do anexim: É manha do açougue; quem falla mal, mal ouve?

«Quando Petrónio diz (*Satyr.* LVIII): *Qualis dominus, talis et servus*, exprime-se como nós: Tal amo, tal criado.

«Quando o mesmo diz (XLIV): *Serva me, servabo te*, aproxima-se do: Uma mão lava a outra: e ainda mais a phrase do *Apokolokintose* de Séneca (IX): *Si quid volueris invicem faciam: manus manum lavat.*

«Vêr no olho do outro o argueiro e no seu não vêr o cavalleiro, alembra Persio (IV. 23):

Ut nemo in sese tentat descendere, nemo;
sed præcedenti spectatur mantica tergo!

«*Capita aut navim* de Macrobio é o nosso: Cruzes ou cunhos (porque o dinheiro romano representava a cabeça de Juno de um lado e a prôa de uma galera do outro).

«Não ter pés nem cabeça, era proverbio já citado por Cicero: *nec caput nec pedes.*

«Conheço-te por dentro e por fóra, é o *ego te intus et in cute novi*, de Persio (III. 30).

«Navio com duas ancoras não garra, é o verso de Propercio (II. XXII): *Nam melius duo defendund retinacula navem*; e Syro: *Bonum est, duabus ancoris niti ratem.*

«Tanto dá a agua na pedra até que a quebra, é o principio do verso de Ovidio (Pont. IV. X. 5):

Gutta cavat lapidem.

«Publio Syro tem muitas sentenças semelhantes ás nossas; por exemplo:

«Não faças aos outros o que não queres te façam — *Ab alio exspectes, alteri quod feceris.*

«Quem muito abraça pouco abarca — *Ad duo festinans neutrum bene peregeris.*

«Quem dá depressa, dá duas vezes — *Beneficium egenti bis dat, qui dat celeriter.*

«Quem tem mazella, tudo lhe dá n'ella — *Contingere est molestum, quæ cuiquam dolent.*

«Malhar em ferro frio — *Ferrum, dum in igni candet, cudendum est tibi.*

«A fortuna é como o vidro, tanto brilha como quebra — *Fortuna vitrea est; tum, quum splendet, frangitur.*

«Peor é a emenda que o soneto — *Graviora quædam sunt remedia periculis.*

«Arco muito atesado, é arco quebrado — *Intensus arcus nimium, facile rumpitur.*

«Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens — *Malus ipse fiet, qui convivet cum malis* — ou lé com lé, cré com cré.

«Pedra movediça não cria bolor; ou pedra que rola não apanha limo — *Musco lapis volutus haud obducitur.*

«Ninguem é juiz em causa propria — *Nemo esse judex in sua causa potest.*

«Quem não conhece a arte, não na estima — *Nisi ignorantes, ars osorem non habet.*

«Não ha fumaça sem fogo — *Nunquam, ubi diu fuit ignis, deficit vapor.*

«Onde me vai bem, ahi é a minha terra — *Patria tua est, ubicumque vixeris bene.*

«Para bom obreiro, não ha má ferramenta — *Probæ materiæ probus est adhibendus faber.*

«Deixar o certo pelo duvidoso — *Stultum est incerta si pro certis habueris.*

«O parvo calado, por douto é reputado — *Stultus tacebit? pro sapiente habebitur.*

«Louvor em bocca propria é vituperio — *Qui se ipsum laudat, cito derisorem invenit.*

«Bom saber é o calar, té ser tempo de fallar — *Tacere nescit idem, qui nescit loqui.*

«Leiamos ainda outros muitos:

— «Não caibo em mim de prazer. *Præ lætitia mihi non consto.*

— «A bom entendedor uma palavra basta. *Et satis, et super est verbum sapientibus unum.*

— «A cavallo novo cavalleiro velho. *Antiquus pullum scandere novit eques.*

— «Falta de amigo ha se de conhecer, e não de aborrecer. *Mores amici noveris, non oderis.*

— «A fiar e a tecer, ganha a mulher de comer. *Nendo et texendo victum sibi fœmina quærit.*

— «Não ha melhor mostarda que a fome. *Optimum condimentum fames.*

— «Agua e pão, comida de cão. *Vilis aqua et panis, potus et esca canis.*

— «A grande cão, grande osso. *Ossa decent fortes grandia quæque canes.*

— «A guerra e a ceia, começando se ateia. *Principium bello cœnæque incendia præstat.*

— «Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes o conselho. *Consilium a quocumque senex etiam accipe prudens.*

— «Lingua longa, mão curta. *Cui lingua est grandis, parvula dextra jacet.*

— «Alma namorada de pouco é assombrada. *Res est soliciti plena timoris amor.*

— «Quanta maior ventura, tanto menos segura. *Nemo infelicitati propinquior quàm nimis felix.*

— «Amigo de todos, e de nenhum, tudo é um. *Qui servit communi, servit nulli.*

— «Longe da vista, longe do coração. *Tam procul ex oculis, quam procul ex corde.*

— «Macaco velho não mette mão em combuca. *Annosa vulpes non capitur laqueo.*

— «Moça em se enfeitar, velha em beber, gastam todo seu haver. *Quantum deperdit se concinnando puella, tantum siccando pocula perdit anus.*

— «A mulher e o vidro sempre estão em perigo. *Et vitrum et mulier sunt in discrimine semper.*

— «Amor com amor se paga. *Amor amore compensatur.*

— «Amor de mulher e festa de cão só attentam para a mão. *Nil muliebris amor durat, risusve caninus; ni pascat pingui munera plena manus.*

— «Amor e reino não quer parceiro. *Amor et potestas impatiens consortis.*

— «Amor e senhoria não quer companhia. *Non bene conveniunt, nec in una sede morantur, majestas et amor.*

— «Amor faz muito, dinheiro tudo. *Plurima præstat amor, sed sacra pecunia cuncta.*

— «A mula velha cabeçadas novas. *Mula senex fulvis ornatur sæpe lupatis.*

— «O teu negocio anda na forja. *Ferrum tuum in igne est.*

— «Passar de cavallo a burro. *Ab equis ad asinos.*

— «Annel de ouro em focinho de porco. *Annulus aureus in nare suilla.*

— «A medico, letrado e abbade, a verdade. *Abbati, medico, patronoque intima pande.*

— «Onde força ha, direito se perde. *Omnia pugnaci jura sub ense cadunt.*

— «Onde ouro falla, tudo cala. *Auro loquente, nil pollet quævis oratio.*

— «Ao quinto dia verás que mez terás. *Quinta dies lunæ reliqui tibi nuncia mensis.*

— «Aquelles são ricos, que tem amigos. *Ubi amici, ibi opes.*

— «Resposta branda ira quebranta. *Responsio mollis frangit iram.*

— «As folosas querem dar nos grous. *Cornix aquilam provocat.*

— «Guardas do reino são amor e mel. *Custodes regni censentur amorque, timorque.*

— «Viuva rica, com um olho chora, com o outro repica. *Si vidua est locuples, lacrymoso lumine ridet.*

— «Bem canta Martha, depois de farta. *Cum satur est venter, cantat quicumque libenter.*

— «Bem jejua quem mal come. *Jejunat satis is, qui paucis vescitur escis.*

— «Bem se lambe o gato depois de farto. *Cum satur est felis, se totum lambere gaudet.*

— «Cada um em sua casa é rei. *Ædibus in nostris ego regem gessero sanè.*

— «Cahiu-lhe o coração aos pés. *Omnibus inque pedes animus mox decidit imos.*

— «Cahiu no laço que armou. *Incidit in foveam quam fecit.*

— «Caminhante cançado sobe em asno se não tem cavallo. *Si deficit equus, lassus conscendit asellum.*

— «Cão que muito lambe tira sangue. *Lambens assiduè eliciet canis orè cruorem.*

— «Carne de hontem, peixe de hoje, vinho de outro verão, fazem o homem são. *Carnem hesternam, panem hodiernum, annotina vina, sume libens dicto tempore, sanus eris.*

— «Carne que baste, vinho que falte, pão que sobeje. *Sufficiat caro, vinum desit, panis abundet.*

— «Cesteiro que faz um cesto faz um cento. *Semel artifex, millies artifex esse potest.*

— «Chegar a mostarda ao nariz. *In nare bilis.*

— «Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente. *Jus bibe, sublimisque habita, calidusque frequenter; incede, ut possis longævam ducere vitam.*

— «Come para viver, pois não vives para comer. *Edendum tibi est, ut vivas, et non vivendum ut edas.*

— «Com pão e vinho se anda caminho. *Cum pane et vino conficietur iter.*

— «Cuidam os namorados que todos tem olhos quebrados. *Credat cæca virum lumina cæcus amor.*

— «Nunca louvarei o capitão que diga: «Não cuidei!» *Sapientis non est dicere: non putabam.*

— «Da mão para a bocca se perde a sôpa. *Multa cadunt inter calicem supremaque labra.*

— «Dá-me dinheiro; não me dês conselho. *Quod peto da, Caii; non peto consilium.*

— «De bons propositos está o inferno cheio, e o céo de boas obras. *Propositum capiunt Tartara, facta Polus.*

— «De casa de gato não vai o rato farto. *E domo feliz discedit mus impransus.*

— «De doudo, pedrada ou má palavra. *Insanus lapides verbaque dura jacit.*

— «De pequenos grãos, se ajunta grande monte. *Pusillum pusillo si addas, fiet ingens acervus.*

— «Asinha se àpanha o rato, que só sabe um buraco. *Mus miser est, antro qui solo clauditur uno.*

— «De ruim panno nunca bom saio. *Non vili e panno splendida vestis erit.*

— «Devagar se vai ao longe. *Paulatim deambulando longum conficitur iter.*

— «Quanto tens e quanto vales. *In pretio pretium nunc est.*

— «Do contado come o lobo. *Lupus non curat numerum.*

—«Do mal o menos. *E duobus malis minus est eligendum.*

—«Dôr de mulher morta, dura até á porta. *Confestim fletus amissæ conjugis arent.*

—«Duro com duro não faz bom muro. *Mons cum monte non miscetur.*

—«Em terra de cegos quem tem um olho é rei. *Inter cæcos regnat strabo.*

—«Entende primeiro e falla derradeiro. *Festinus intellige, tardus loquere.*

—«Falla pouco e bem, ter-te-hão por alguem. *Dic bene, dic raro. Digito compesce labellum; doctorum ut possis esse aliquo in numero.*

—«Fazei-vos mel, comer-vos-hão as moscas. *Si dulcis fias ut mel, te musca vorabit.*

—«Fugir do fumo é cahir no fogo. *Incidit in flammam, cupiens vitare favillas.*

—«Gota e gota o mar se esgota. *Guttatim pelagi perfluit omnis aqua.*

—«Grão de milho em bocca de asno. *Sic mihi granum vasto ore natabit aselli.*

—«Guerra, caça e amores, por um prazer cem dôres. *Ex ovibus, canibus, bellis et rebus amoris, siquid dulce subest, massa doloris inest.*

—«Bemaventurado quem com o perigo alheio se faz precatado. *Felix quem faciunt aliena pericula cautum.*

—«É duas vezes tolo, quem faz o mal e o apregôa. *Qui peragit vitium, simul et se vulgat iniquum, dicitur ille duas prodere stultitias.*

—«Homem atrevido dura como vaso de vidro. *Audacem, vitreumque eadem vas terminat ætas.*

—«Homem honrado, antes morto que injuriado. *Nobilis, ut vitet probrum, dat pectora ferro.*

—«Hospede que jejua e não cêa, bemvindo seja. *Si mea non cœnes, gratior hospes eris.*

—«Uma andorinha não faz verão. *Una hirundo non facit ver.*

—«Uma mão lava a outra, e ambas o rosto. *Dextra fricat lævam, vultusque fricatur ab illis.*

—«Lá vão leis onde querem reis. *Quæ vult rex fieri, sanctæ sunt congrua legi.*

—«Mais depressa se apanha um mentiroso que um côxo. *Mendaci claudus non citius capitur.*

—«Mais faz quem quer do que quem póde. *Sæpe potestatem solita est superare voluntas.*

—«Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio. *Sua melius insanus curat, quam sapiens aliena.*

—«Mais vale saber que haver. *Sapientia longè præstat divitiis.*

—«Mais vêem dous olhos que um. *Aspiciunt oculi duo lumina clarius uno.*

—«Mal vai á casa, quando a roca manda á espada. *Illa domus labetur, ubi colus imperat ensi.*

—«Atraz de mim virá quem bom me fará. *Deterior pravum sanctificare solet.*

—«Mel nos beiços, fel no coração. *Aurea verba, cor ferreum.*

—«Filhos creados, trabalhos dobrados. *Grandævi nati, labores duplicati.*

—«Miguel, Miguel! não tens abelhas e vendes mel! *Unde tibi, quod cum non sint alvearia, habes mele!*

—«Muita palha, pouco grão. *Ex multis paleis parum fructus.*

—«Muito pede o sandeu; mais o é quem lhe dá o seu. *Multi petit stultus, stultior illa dabit.*

—«Muito póde o gallo no seu poleiro. *Plurimum valet gallus in ædibus suis.*

—«Arca aberta, justo pecca. *Oblata occasione, vel justus perit.*

—«Na barba do tolo, aprende o barbeiro novo. *A barba stolidi discunt tondere novelli.*

—«Nem amanses pôtro, nem tomes conselho de louco. *Consilium stulti, et pullum domitare recusa.*

—«Não ha casamento pobre nem mortalha rica. *Nemo nupsit inops, dives nec mortuus ullus.*

—«Não ha melhor espelho que o amigo velho. *Se gerit egregium speculum veteranus amicus.*

—«Não é fôrma do seu pé. *Calceus major pede.*

—«Não me pago de amigo, que

come o seu só e o meu commigo. *Absit, qui mea manducat mecum, et sua secum.*

— «Não morde a abelha senão a quem trata com ella. *Non nisi tangentem crudelis apicula pungit.*

— «Não põe Deus tempo em mudar tempo. *Tempore mutando dominus non tempora ponit.*

— «Não se arrancando a silveira, padece a videira. *Rubo neglecto, vitis impetitur.*

— «Roma não se fez n'um dia. *Haud facta est uno Martia Roma die.*

— «Nem rio sem vau nem geração sem mau. *Absque vado fluvius, nec stat sine pellice proles.*

— «Nem tudo o que luz é ouro. *Non est hoc aurum totum quod lucet ut aurum.*

— «Ninguem póde servir bem a dous senhores. *Utiliter servit nemo duobus heris.*

— «O bem fazer florece, e todo o mal perece. *Dum benefacta vigent, contraria quæque peribunt.*

— «O boi pela ponta, e o homem pela palavra. *Cornu bos capitur, voce ligatur homo.*

— «O cavallo engorda com a vista do seu dono. *Oculus domini saginat equum.*

— «O habito não faz o monge. *Vestimenta pium non faciunt monachum.*

— «Homem é fogo, mulher estopa; vem o diabo e assopra. *Dicitur ignis homo, sic fœmina stupa vocatur: insufflat dæmon; gignitur ergo focus.*

— «O homem propõe e Deus dispõe. *Vanus homo statuit; Deus optimus omnia condit.*

— «Ladrão, cuida que todos o são. *Esse sibi similes alios fur judicat omnes.*

— «Muito riso, pouco siso. *Magnus ubi risus, magna es ibi cordis egestas.*

— «Onde força ha, direito se perde. *Jus rationis abest, ubi sæva potentia regnat.*

— «O que ha de levar rato, dá-o ao gato. *Accipiat felis, quæ vellent rodere mures.*

— «O que te disser o espelho, não te dirão em conselho. *Quod monuit speculum, hoc supressit lingua senatûs.*

— «Ouro é o que ouro vale. *Hoc aurum scito, pretium quod par tenet auro.*

— «Barriga cheia, companhia desfeita. *Diffugiunt cadis cum fæce siccatis amici.*

— «Pede o guloso para o desejoso. *Cupidi partes agit lurco.*

— «Pedra muito bulida não cria bolor. *Mutatum saxum nequit ullum ducere muscum.*

— «Arrufo de namorados, são amores renovados. *Amantum iræ redintegratio amoris est.*

— «Brigam as comadres, descobrem-se as verdades. *Fœminarum jurgiis deteguntur vera.*

— «Pequeno machado derruba grande carvalho. *Parva securi prosternitur quercus.*

— «Perca-se tudo, fique a boa fama. *Omnia si perdas, famam servare memento.*

— «Porcos com frio, homens com vinho, fazem grão ruido. *Vina viros agitant, strepitantes frigora porcos.*

— «Por onde vás, assim como vires assim farás. *Cum fueris Romæ, romano vivito more.*

— «Pouco fel faz amargoso muito mel. *Paucum fellis disperdit multum mellis.*

— «Quando Deus não quer, santos não rogam. *Non poscunt sancti, quod negat ira dei.*

— «Quem as cousas muito apura, não vive vida segura. *Qui nimis inquirit, multa pericla subit.*

— «Quem dá e toma, nasce-lhe uma corcova. *Qui datum repetit, fit gibbosus.*

— «Quem dinheiro tiver, fará o que quizer. *Ille agit ad votum, cui multum suppetit æris.*

— «Quem diz o que quer, ouve o que não quer. *Qui quæ vult dicit, quæ non vult audit.*

— «Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre. *Illius occumbet dextrâ, cui dextra pepercit.*

— «Quem mente não vem de boa gente. *Non fallit bonos mendax.*

— «Quem torto nasce, tarde ou

nunca se endireita. *Lignum tortum haud unquam rectum.*

— «Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno. *Bis vestiri anno si vis, vilem indue pannum.*

— «Quem vier atraz feche a porta. *Qui postremus abit, redeuntibus ostia claudit.*

— «Remenda teu panno, chegar-te-ha ao anno. *Si vestem repares, longum durabit in annum.*

— «Se queres ter boa fama, não te tome o sol na cama. *Ut famam acquiras, festinus desere lectum.*

— «Tanto vai o cantarinho á fonte, até que quebra. *Cantharus assiduè gestatus perdidit ansam.*

— «Tirte lá ganho, não me dês perda. *Nil moror officium, quod me gravat.*

— «O que aos 20 não barba, aos 30 não sabe, aos 40 não tem, tarde barba, sabe ou tem. *Sera sunt barba post vigesimum; scientia post trigesimum; divitiæ post quadragesimum.*

— «Vende a desposado, e compra a enforcado. *Ducturo uxorem tua vende; et cautus ab illo, cui citus adstringit guttura funis, eme!*

— «Ventura te dê Deus, filho, que saber pouco te basta. *Fortuna extollit plus quam sapientia natos.*

— «Usa, serás mestre. *Fabricando, fabrilia disces.*

— «Zombai com o tolo em casa, zombará comvosco na praça. *Si stulto clam, illudet tibi palam.*

«Seria curioso estudo o das analogas phrases e sentenças, legadas ao nosso idioma pelos phenicios, carthaginezes, hebreus, godos, suevos, alanos, arabes e mouros. O *Glossario* de S. Luiz, entre outros hebraismos que se conservam no portuguez, aponta os seguintes:

— «Andar com todos os ventos.

— «Ter o coração ao pé da bocca.

— «Dôce como o favo de mel.

— «Lançar mão do alheio (*furtar*).

— «Lançar para traz das costas (*desprezar*).

— «Metter mão á empresa.

— «Metter mão em algum negocio.

— «Roubar o coração a alguem.

— «Fallar ao coração a alguem (*dizer-lhe cousas agradaveis*).

— «Ter mau olho (*mau caracter*).

— «Viver á sombra de alguem.

— «Homem de nome.

— «Andar com Deus (*succeder-lhe tudo bem*).

— «Cahir-lhe em sorte (*acontecer-lhe*).

— «Não lhe perdôo nem n'esta vida nem na outra.

— «Não se desviou para a direita, nem para a esquerda.

— «O homem põe, e Deus dispõe.

— «Pôr os olhos em alguem (*favorecel-o*).

— «Estimar como ás meninas dos olhos.

— «Olho d'agua.

— «Alma, por pessoa (*tantas mil almas*).

— «Fulano falla com fulana (*trato illicito*).

— «Andou dias e dias n'esta porfia.

— «Tormenta do diabo.

— «Muito muito rico; muito muito sabio.

— «Olha! faze o que te digo.

— «Levantar a mão contra alguem.

— «Cerrar com o inimigo, etc. etc.» (J. F. de Castilho, *Grinalda da arte de amar*).

PROVIDENCIA. «Onde primeiro triumpha a providencia divina, é no artificio, e industria com que animaes criam seus filhos, e multiplicando por esta via suas especies, enchem o mundo. Quem diz ás aves do ar, que começam a fabricar seus ninhos no mez, e dia que ao justo vem estar acabada toda a obra, e no tempo em que hão de sahir com o fructo de seus partos, que n'elle se ha de agasalhar? Onde aprendem a arte da architectura com que traçam a fórma, grandeza, e capacidade dos ninhos, como se soubessem quantos filhos hão de ter, e de que estatura hão de ser? Quem as ensina a fabricar os ninhos por dentro, tão macios, e mimosos, como se fossem colchões molles, e brandos para n'elles nascerem, e se criarem seus tenros filhos? Quem no mundo novo as ensina a pendurar nas arvores os

ninhos, e criar no ar seus filhos por não serem comidos das serpentes, que acima costumam subir? Quem para este effeito lhe dá fios delgados, e fortes; como sabem dar nó que sustente sem cahir o peso do leito, e filhos juntamente?

«Vós, sem duvida, ó grande Deus, sois o architecto maior, que traçaes, e acabaes estas, e semelhantes obras. Nas officinas de vossa divina providencia se formam os membros tenros, e delicados, se empennam as azas, e tingem as pennas pintadas dos passarinhos. Ella é a despenseira que distribue o mantimento a cada um d'elles, em quanto não podem voar, sem dar maior ração, nem mais vezes a um que a outro. Ella por sua mão está sustentando os pintãos dos corvos, de bichinhos que traz do ar, a suas boccas abertas, com que estão piando por mantimento, em quanto os paes os desconhecem, e deixam por não estarem vestidos de pennas da sua côr.

«Vós vêdes como geralmente as mães em nascendo os filhos lhe acodem com a brandura da lingua, com a qual amorosamente lambendo os estão purificando das fezes que trazem das entranhas, bafejando, e aquecendo os mesmos filhinhos; e quando sahem disformes, compondo e formando seus membros, e renovando sua figura. Que direi do amor com que esquecidas de si tem por delicias chegal-os a seus peitos, metter-lhe as tetas cheias de leite na bocca, e quando é tempo os destetar, buscar-lhe mantimento delicado, e proprio de crianças, com que se possam sustentar, até ganharem forças para o buscar. E quando feras carniceiras como leões, e lobos acommettem estes filhos em tenra idade, vós vêdes como os paes feitos em caracol fechado, os tomam dentro, e virando as pontas contra o inimigo, com estes agudos bicos os defendem. As lebrinhas depois de comporem camas de estrume brando, sobre elle estendem lençoes mais finos que de olanda, do pello macio que de seu proprio peito estão depennando, para assim conservarem, e criarem seus filhos com mais resguardo e mimo.

. . . .

«O cordeiro destetado da mãi, começando a sustentar-se das hervas do prado, sabe escolher por mantimento as salutiferas, e resguardar-se das nocivas; o mesmo, sem mais experiencia, não temendo o cão de guarda, teme, e foge do lobo que com elle se parece. O mesmo fazem avesinhas novas apparecendo no ar aves de rapina, cujas unhas nunca experimentaram, acolhendo-se ás azas da mãi; sendo assim que das outras aves, nem se temem, nem fogem. As andorinhas, e outras aves sujeitas ao frio, entrando o inverno, sabem demandar os cabos, ou promontorios mais visinhos, e terras quentes, esperar moção de ventos geraes, e com elles tomar o vôo todas juntas, passar o mar, e ganhar terra; da mesma maneira acabado o inverno, e repontando a primavera, tornar ás terras, que deixaram.

. . . .

«As aves que criam, de um modo chamam os filhos para lhe darem de comer; de outro os avisam para fugirem do inimigo; de outro para os ampararem, e aquentarem debaixo de suas azas. Entre milhares de cordeiros, cada um conhece sua mãi; entre milhares de mães cada uma conhece o balido do seu cordeirinho, por semelhantes que todos sejam entre si. O musico rouxinol em quanto a mãi está no ninho, occupada em tirar, e criar os filhos, está cantando para alliviar o trabalho da creação. Dos animaes que se sustentam dos insectos, alguns ha que lançando a lingua fóra, sustentam com a humidade as formigas, das quaes como a sentem cheia, as recolhem, e comem. O crocodillo com lagrimas, e gemidos fingidos, attrahe a si outros animaes compassivos, e em lugar de agradecimento os mata, e come.

. . . .

«Nas maravilhas do mundo novo se conta, como os bugios se pegam uns a outros, feitos em cadêa do alto da arvore, que está junta ao rio que que-

rem passar, e tanto tempo, e com tanta força se está embalançando no ar esta cadêa viva, até que o ultimo chega, e se pega da arvore mais visinha, que está da outra parte, e despegando-se então o outro que ficava da banda d'áquem, se acham todos passados da banda d'além.

....

«As andorinhas curam a cegueira dos filhos com que algumas vezes nascem, com a herva chamada *celidonia*, que em ellas começando de apparecer, começa a florecer, em desapparecendo murcha. As cegonhas novas, vendo seus paes decrepitos, e já de velhice perder a penna, e forças para voar, e buscar o necessario para a vida, os tomam debaixo de suas azas, e os amparam, aquentam, e sustentam abundantemente com o mesmo mantimento com que d'elles foram creadas; o que S. Basilio lança em rosto a filhos, que sendo mais ingratos que brutos animaes, desamparam a seus paes no tempo das enfermidades, e necessidades da vida.

....

«Não tereis menos motivo, discipulo meu, de louvar a Deus com o que vos direi dos bichinhos brosladores, que lavram a sêda; em que a primeira maravilha da divina providencia é, que de pequenas sementes, ou grãosinhos miudos, mettidos no seio, e fomentados com o calor do peito humano, em espaço de tres ou quatro dias, sahem vivos, e logo começam a comer com grande sofreguidão; achando-se fartos dormem somno quieto; despertando tornam outra vez a comer com tão grande estrondo, como se tiveram dentes, e bocca de javalis; interpolando isto tres vezes, achando-se cheios, e grandes começam a trabalhar, e tirar a sêda, que tiram das entranhas, fabricando sobre si mesmos uma casa, ou sepultura tecida de fio continuo, e travado, que vão lançando, tão fechado, e capellado, que nem uma gôta de agua o póde penetrar. Só uma porta, ou janella pequena deixam aberta, por onde depois de morrerem em tão deliciosa cama, e resguardada sepultura, sahem de novo resuscitados, e ligeiros com azas, de que d'antes careciam, pintados de côres, e circulos dourados, a esta luz, que logram com alegria, voando por flôres, e verdura do campo, onde se apascentam.

«D'esta cama onde o bichinho morre, destecida, e desfiada, se fiam, e tecem as camas, de que se enriquecem os leitos dos principes, e senhores da terra; e as armações com que se ornam suas salas e galerias, e fazem os vestidos brandos, e mimosos com que se vestem.» (Padre Diogo Monteiro).

PROPHECIAS. «Entre o berço e a sepultura, a ignorancia do que nos espera cega sempre o homem no seu caminho. Em vão eleva, ou dilata a vista da alma para transcender os limitados horisontes da terra; os esforços quebram-se impotentes; a luz enganosa apaga-se ao primeiro sopro; e nem o dia de hoje poderá dizer o dia de ámanhã.

«A esperança aponta para o céo, o coração saudoso do invisivel e do sobrenatural pulsa inquieto, a razão admira o poder sublime, creador do universo; mas do que o porvir encerra, do que está ainda para ser, não é permittido rastrear nem uma letra!

«Quer ousemos interrogar as estrellas, quer nos abalancemos a escutar a voz do abysmo, nem a revelação descerá de cima, nem dos antros sahirá senão a mentira. Oraculos, visões, sortes, astrologia, tudo, em presença da verdade confessa o nada das temeridades humanas. O futuro só Deus o vê.

«O desejo inquieto de todas as gerações, desde que o homem abriu os olhos, sempre tentou roubar ao céo o conhecimento do porvir. Alongar a vista pelo espaço incommensuravel, que abraça a successão das eras vindouras, e saudar como presentes os seculos e os acontecimentos, que ainda não nasceram, desde remotos povos, foi e ha-de ser a impaciencia de todas as eras. Chaldeus, egypcios, persas, gregos e romanos, attrahidos

pela illusão de lerem o mysterio do seu destino, todos curvaram o joelho ao altar, d'onde as theocracias dictavam os oraculos, ou com os olhos nas estrellas debalde tentaram soletrar os segredos do pensamento eterno nos astros esplendidos, de que se corôa a abobada celeste.

«Tecendo com tão admiraveis desenhos o poema dos *Fastos de Roma*, Ovidio não podia omittir este importante aspecto.

«A prophecia de Carmenta lisonjeava o orgulho do imperio. Fugindo com o filho a sibylla enxuga-lhe as lagrimas, e consola-o das saudades da patria, illuminando por momentos a noite profunda, que ainda esconde aos olhos de todos as prosperidades promettidas a Roma. Antes de surgir a rainha do Tibre, e de se assentar no throno do mundo, já ella a vê despontar e crescer. Vê-a grande na luta, e depois soberba e victoriosa, lançando algemas aos reinos conquistados.

«O poeta de nada se esqueceu para revestir esta scena grandiosa do seu verdadeiro caracter. Evandro entra no rio, que tantos successos tornaram famoso. Sobre uma e outra margem descobrem-se apenas algumas choupanas aninhadas no seio das solidões. É então que a sibylla com o rosto inflammado, e ardendo-lhe na vista o delirio da inspiração divina, desgrenhada e em sobresalto trava da mão ao piloto, e alongando o braço para a direita, tres vezes fere o convés com o pé impaciente.

«Cega, quasi louca de enthusiasmo, arremessar-se-hia por cima das aguas para mais cêdo beijar a terra, que avista, se o filho a não contivesse. Ainda de longe saúda as ribas hospitaleiras, que um dia serão o berço da predestinada cidade.

«A nobre figura da mãi de Evandro, avivada por Ovidio n'este bello trecho dos *Fastos*, não era nova, nem fabulosa para os romanos. Sempre viva na memoria ligava-se pelos vinculos religiosos desde remotos tempos á gloriosa historia da capital do mundo; porque a voz, que o poeta repetiu, promettendo aos futuros povoadores os prodigios de um destino sem igual, era nada menos que a voz admirada da sibylla Cumeia.

«Os eruditos pelejaram sobre o verdadeiro lugar do seu nascimento, e divergiram ácerca do nome e da stirpe da prophetisa; porém se o pleito ainda se não acabou de esclarecer, e se a sentença espera por novas investigações para se lavrar, não faltam a despeito d'isso authoridades, dignas de credito, que, representando-a com o cantor das *Metamorphoses* como a verdadeira nympha Carmenta, lhe derivem de *carmen* a poetica denominação, devida a sahirem-lhe sempre os oraculos fundidos em verso.

«Escriptores, orthodoxos e sinceros nas crenças, arrastados pelo natural pendor do espirito para o maravilhoso da antiguidade, não hesitaram em attribuir á prophetisa verdadeiros poderes de revelação, dando-a quasi como nuncia da nova lei de Christo. Illudidos pelas apparencias, ou mais exacto, pelos proprios preconceitos, quizeram que ella tivesse exaltado nos seus cantos o Deus Uno, creador e conservador do universo, e que além de o celebrar no seio do polytheismo, vaticinasse ainda o nascimento e a missão do Redemptor, adorado pelos magos do oriente na gruta de Bethlem.

«Sessenta e tres annos antes de se abrir a era christã, divulgou-se na séde do imperio outra prophecia, assegurando que estava para nascer um rei ao povo romano. Este vaticinio designaria o Messias, o promettido das nações segundo os hebreus? ou tirava a sua origem mesmo das trevas do culto pagão? Não parece facil decidir. Ambas as hypotheses foram defendidas, e nenhuma prevaleceu de modo que excluisse a duvida. Não se lisonjeava um dos cumplices de Catilina de ser elle o rei annunciado pelos oraculos, e de estar proxima a hora de receber a corôa das mãos dos conspiradores, seus socios?

«O que mais deve admirar-nos é que, apesar de separadas da communicação hebraica, algumas nações

orientaes nunca deixassem obliterar a memoria da queda do primeiro homem, e a crença no dogma da expiação. A vinda do filho de uma virgem eleito para reconciliar a terra com Deus, encontra-se prognosticada nas tradições dos brahmines, dos magos, e dos bonzos. Muito antes de Jesus habitar o mundo já a idéa da necessidade da redempção, dominando as antigas civilisações, tinham circulado por quasi todas as seitas, atravessando o Euphrates, o Indo, e os oceanos mais tempestuosos.

«Na extremidade da Asia oriental, Confucio declarava aos seus discipulos que o verdadeiro santo nasceria no occidente. Na Idumeia, Job, o modêlo das virtudes arabes, esperava com alegria pela presença do Salvador, affirmando que o não veria com os olhos da carne, mas só depois da resurreição, porque os tempos ainda estavam distantes.

«Os indús em um de seus poemas ensinam que ha de nascer um brahmine o qual fará reinar a verdade e a justiça, offerecendo o sacrificio. Finalmente Manchi, discipulo de Confucio, compára a espectação geral do mundo á impaciencia das plantas murchas, que suspiram pelo orvalho. Todos estes testemunhos o que provam, senão que o coração humano aspirava a novos destinos, e que, abraçando-se com as tradições quasi nascidas no berço da terra, procurava consolar-se da tristeza dos dias de tribulação e de obscuridade?

«Tacito, o severo analysta dos desvarios do imperio, tratando, no reinado de Vespasiano, da guerra que terminou com a ruina de Jerusalem, cita as vozes vagas, que annunciavam, conformes com os antigos escriptos sacerdotaes, que o oriente n'esta época havia de sobresahir, apoderando-se homens da Judéa da direcção das cousas.

«Suetonio, reproduz a mesma crença, dizendo que era opinião constante, que o destino tinha assignalado aquelle tempo para sahirem da Judéa os dominadores dos homens.

«Estes confusos vaticinios, que os dous escriptores não duvidaram repetir, e os prodigios narrados por Tacito n'esta occasião, procediam da astucia e má vontade dos inimigos do poder imperial? ou subiam mais longe, manando da mesma occulta fonte, de que em tão diversas e distantes partes encontramos os signaes?

«Mas aonde os admiradores do maravilhoso descobriram mina mais rica foi na quarta ecloga de Virgilio tantas vezes invocada. A terna imaginação do poeta, que mais recorda a suave melancolia moderna, descrevendo as aguas, as arvores frondosas, e as campinas douradas pelas searas, suspende-se no meio dos quadros pastoris, e afinando a lyra para sons mais altos, rompe o mysterioso canto, vestindo o pensamento com as magnificencias do metro:

Ultima Cummæi venit jam carminis ætas
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo:
. . . .
Jam nova progenies cœlo dimititur alto:
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo
Casta fave Lucina, tuus jam regnat Apollo.

«As difficuldades, que offerecem as allusões, em que Virgilio aponta para o berço auspicioso de um filho do céo, destinado a abrir as portas de ouro á idade nova, não se desatam, aceitando-se a explicação do imperador Constantino, e dos que intentaram applical-a ao nascimento do Messias. A visita de Herodes á capital do imperio, e a sua intimidade com os confidentes de Augusto, dariam certo peso ao voto dos authores, que se inclinam a vêr nos versos do cantor de Eneas a imagem das tradições hebraicas, se outros lugares não favorecessem igualmente a opinião dos que attribuem ao conhecimento dos oraculos da sibylla a revelação da missão divina.

«Estudando-o sem preoccupações, que ha de inspirado e de fatidico no poema, que tanto campo offereceu á critica? Idéas, figuras, e crenças, tudo verte as côres do polytheismo, e se acommoda sem esforço aos louvores de Augusto e do filho de Asinio Pol-

lião, segundo o parecer de commentadores judiciosos...

«A fé nos deuses, o temor da sua justiça, e a veneração do seu poder sobrenatural, eram sinceras na gentilidade, á qual as risonhas ficções de um culto mundano e sensual inspiraram tantos primores, modêlos e desesperação da arte moderna.

«Consultando Apollo em Delphos, Hammon no Egypto, e outros oraculos, obedecia-se apenas ao uso, pagando tributo á credulidade da plebe e enfreando-a pelo terror religioso? ou na realidade acreditava-se que um espirito superior baixava sobre a cabeça da pythonissa, ou sobre os altares, facil em descortinar o futuro á voz do sacerdote, e dos que vinham pedir-lhe a revelação dos segredos eternos?

«Os fragmentos que nos restam de Oenomaus, tão solto nas palavras, como sceptico nas razões, espantam pelo arrojo. O deus de Delphos, apodado de embusteiro, ouve em pleno paganismo as ironias mais crueis. Mas, quem sobre todos deve admirar-nos é o proprio Cicero. Investido nas maiores dignidades da republica, no seio de Roma, tão grave e positivo na applicação dos principios de politica e de governos, vêmol-o imitar nos seus livros as leviandades filhas da engenhosa agudeza de Athenas! A voz do grande orador flagellou tambem com motejos o que havia de mais santo e acatado na religião, e escarneceu dos auspicios. Constrangendo com instancias victoriosas os adversarios a replicarem, que no momento do sacrificio os deuses podiam mudar as entranhas das victimas, accusa-os depois de demolirem a arte dos aruspices. Apesar d'isto não se estranhou a impiedade publica. Os collegios dos sacerdotes ficaram mudos, e o riso feriu no rosto as crenças, sem que se levantasse um vingador.

«É que a capital do mundo n'aquelles dias quasi que nem já tinha religião, nem existencia propria. Imagem do cháos, copia de mil differentes usos, cifrava o sentido e o destino da vida na posse dos bens physicos, sahindo dos banhos para os amphitheatros, e dos sacrificios e festas dos templos para as torpezas do lupanar, e para os excessos da mais dispendiosa gula.

«O que era a virtude em Roma depois de Mario e de Sylla e pouco antes de Cesar? Por que laços divinos se elevava a creatura ao Creador? Por que esperanças tendia no céo? Adiante do tumulo cerravam-se as trevas do aniquilamento. Depois da morte o nada! Era a opinião dos doutos. No senado Cesar exclamava que espirito e corpo tudo era um dentro do sepulchro!

«Não se acreditava na religião. As irreverencias de Aristophanes contra os deuses nas suas comedias, e sobre tudo na das *Aves*, não assustavam a devoção da Grecia, nem a de Roma. Ás gerações dos tempos de Numa e dos Lucomons, á singeleza viril da republica, succedera uma época incredula, escrava sensual dos deleites. O antigo temor dos deuses convertera-se na indifferença, filha do scepticismo polido. Como não havia de ser assim se estava mesmo na indole do polytheismo o decahir na proporção dos progressos intellectuaes?

«Religião infamada pelas monstruosidades occultas de alguns de seus ritos offerecia no Olympo exemplos de todos os vicios. Como levantaria a cabeça para o céo depois de tão envilecida? Roma chegára á final desgraça de não se lembrar nem das virtudes dos seus maiores, nem do nome das suas divindades.

«A corrupção do sacerdocio acompanhava a perversão dos costumes. Os oraculos tornaram-se venaes. Dictavam-se de fóra as respostas, e doceis á voz dos interesses humanos, raro seria que não obedecessem. Demosthenes não se queixava sem motivo de que a Pythia *philippisava*. O rei de Macedonia tinha o segredo de a inclinar a seu favor. Alexandre arrancava no templo a Hammon a saudação, que deshonrando sua mãi, lhe deu o titulo de filho de Jupiter; e Augusto, separando Livia gravida dos braços do esposo para a receber no

seu leito, e consultando tambem os oraculos, não os achou menos lisonjeiros do que os seus cortezãos, porque se não envergonharam de coroar de bençãos um acto que merecia censuras.

«Os artificios, de que se valiam os padres tambem não eram ignorados. As pias fraudes na antiguidade entravam como base do systema theocratico. Para os oraculos buscavam-se as cavernas. A escuridão e o horror da noite, que as entenebrece, com os accessorios habilmente dispostos, concorriam para ferir a imaginação. Nos templos propheticos, aonde a natureza não proporcionava estes meios, a arte suppria-os. Os santuarios representavam especies de antros, em que a divindade se recatava dos profanos, e aonde só penetravam os sacerdotes. A Pythia em Delphos não subia á sua tripode senão em sitio obscuro, e separado do pequeno aposento, occupado pelos que a consultavam.

«Na descripção do templo de Serápis, Rufino aponta a circumstancia, commum a todos, de estar elle cruzado de caminhos subterraneos por onde os padres se introduziam, e jogando com as machinas, graduavam os effeitos theatraes que desejavam produzir. O que a Escriptura nos diz dos sacerdotes de Belus, que Daniel cobriu de confusão, avivando-lhes os passos na cinza, era vulgar em toda a parte, e desde remotas eras.» (Rebello da Silva).

Eis o que ensinava o seculo XVIII:

«Os judeus não são os unicos que se jactam de ter tido prophetas; os gregos, egypcios, e varias outras nações tambem tiveram seus oraculos, seus *nubins*, e videntes. Aruspices, agoureiros e prophetas tudo vem ao mesmo conto, e tanto caso devemos fazer das predicções d'uns, como das prophecias dos outros.»

Tal era a decisão do philosophismo. — Nega a possibilidade da predicção de acontecimentos futuros, e obstina-se a consideral-os, por mais extraordinarios que pareçam, um mero concurso de acasos felizes, ou acertos; como o resultado de uma delicadeza particular de facto, a que chama arte de conjecturar, ou aliás calculo de probabilidades; mas quem não vê que n'isso mesmo se está contradizendo? Affirma-nos que os prophetas eram a casta de gente mais vil que havia entre os judeus; que eram ao vivo parecidos com esses charlatães que divertem o povo nas praças das grandes cidades; como é possivel pois que semelhantes homens tivessem uma sciencia, tão incomprehensivel e transcendente, a arte de conjecturar, o calculo das probabilidades, sciencia de que os doutores da Europa, da Asia e da America todos juntos não nos poderiam dar nem a mais pequena amostra? Como é possivel tivessem os judeus conservado com a mais profunda veneração os escriptos de homens, que tinham em conta da mais vil especie que entre elles havia?

Já se vê o sophisma, já a mentira por si mesmo se condemna: não augmentemos mais a sua confusão, não insistamos mais; sejamos generosos. A escóla de Voltaire e suas vergonteas, os bellos dizidores do collegio de França desapprovam o sentido que damos á palavra prophecia, segundo a authoridade dos seculos; e por cima d'isto affirmam, que as taes predicções se não verificaram. Quando se lhes mostra o cumprimento d'ellas, respondem que foram escriptas depois do acontecimento, porque em seu entender não podia ser d'outro modo. Como é que uma determinação, que não tem ser, póde ser antevista e prognosticada? Certo que não sabemos que haja cambista, medico, professor de materialismo, gentil-homem de provincia, remendão, ou qualquer outra pessoa, que de improviso entre a clamar, que esta ou aquella cidade, hoje florescente, no cabo de certo numero d'annos tem de ser destruida por certo rei, nomeando-o por seu nome mais de dous seculos antes de seu nascimento; porém se um homem nos tempos passados, levantando a voz entre o povo, entrasse a reprehender os vicios dos pequenos, a divulgar as torpezas dos grandes; se a despeito da animadver-

são publica, das ameaças, e das perseguições houvesse prognosticado as desgraças que haviam de sobrevir a seu paiz natal; se predizendo até o supplicio a que elle mesmo havia de ser condemnado, continuasse todavia a annunciar a verdade; se sua predicção se tivesse verificado nas mais miudas particularidades, que conceito fariamos nós d'esse individuo? Que conceito fariamos da natureza de sua inspiração? Ora um e mais individuos semelhantes a este, assim pela pureza de suas almas, como pela simplicidade de sua fé, hão existido, e suas predicções foram justificadas pelos acontecimentos, como em breve passaremos a demonstrar.

Basta ter-se fé na Providencia para razoavelmente admittir-se a possibilidade da prophecia. Prophetisa o homem, como o pincel pinta, todas as vezes que uma força superior a isso o impelle. Consultai sobre este assumpto quantos pensadores d'alta esphera ahi houve desde Tertulliano até Newton; consultai até o proprio Machiavel, elle vos dirá: «Não direi a razão, mas é um facto attestado por todas as historias antigas e modernas, que todas as vezes que uma cidade ou provincia estava ameaçada d'alguma calamidade, esta havia sido prognosticada por adivinhos, ou annunciada por via de revoluções prodigiosas e outros signaes celestes. Seria muito para se desejar que o motivo d'isto fosse discutido por homens instruidos nas cousas naturaes e metaphysicas... Póde ser que nossa atmosphera sendo, como crêram varios philosophos (Pythagoras, Platão, S. Paulo, Plutarcho), povoada d'um sem numero d'espiritos que conhecem o porvir, pelas leis de sua propria natureza tenham essas intelligencias compaixão dos homens, e lhes dêem por meio de certos signaes aviso para se acautelarem. Como quer que seja, o facto é certo, e sempre depois de taes annuncios, vêem-se acontecer cousas novas e extraordinarias.» Os antigos livros chinezes ensinam que o *Tien* não descarrega sobre uma nação pesados golpes, sem primeiro avisal-a, e convidal-a á penitencia por algum signal sensivel. No *Chouking* se lê: «Quando uma familia se avisinha do throno por suas virtudes, e que outra está proxima a descer d'elle em castigo de seus crimes, o homem perfeito é d'isso instruido por signaes precursores.» Esta opinião é adoptada em geral por todos os letrados. Está posto em memoria que a presença dos hespanhoes na America causou aos americanos mais susto que admiração; porque geralmente tinham por fé que estava proxima uma grande calamidade, que lhes traria uma raça de conquistadores terriveis que deviam de vir das regiões do éste para assolar o paiz em que viviam. N'um discurso que Montezuma fez aos grandes do estado, trouxe-lhes á memoria as tradições e prophecias que de tempo immemoravel annunciavam a vinda d'uma nação, que devia apossar-se do supremo mando.»

Talvez que não tenha havido uma só catastrophe d'estas que são seguidas d'um imperio, e de derramamento de sangue de grande parte d'uma nação, que não tenha sido antecipadamente prevista. Citaremos exemplos caseiros, e diremos que as calamidades que arruinaram a França foram, assim dentro como fóra d'ella, annunciadas com particularidades e circumstancias superiores a toda a probabilidade humana. Mais de trinta annos antes que se cunhasse moeda na praça de *Grève*, o virtuoso Albert de Haller o tinha vaticinado na Allemanha. Treze annos antes da revolução de Paris, um padre, o abbade Beauregard, no meio de Paris, estando a prégar na Sé, salteado d'improviso d'uma inspiração divina, apartando-se do estylo do pulpito, fez, em lyricos accentos, uma exposição historica e succinta da futura catastrophe; vaticinou a destruição dos altares, e do throno, a abolição das festas, a espoliação das igrejas, os hymnos sanguinarios, e os cantos obscenos que deviam estrugir nas abobadas dos templos; a deusa da razão, a impudica Venus, representada em carne e osso, e posta em vida no taber-

naculo, recebendo o sacrilego incenso de seus abominaveis adoradores. Foi extrema no auditorio a agitação, porém fóra d'elle aquelle discurso prophetico foi taxado de demencia, e até alguns ecclesiasticos condemnaram aquelle parto d'um zelo que caracterisaram de imprudente. A gente que andava de carruagem, e o povo dos chamados bellos espiritos e espiritos fortes, se arrebanharam e entraram a bradar após o ministro do Senhor, como em outro tempo a miseravel rapaziada de Bethel após Eliseu: «Fóra calvo!» Chegou a final o tempo da divina justiça, e os incredulos acarretados para a praça de *Grève*, aonde com effeito n'essa occasião se cunhava moeda, talvez volvessem, pela derradeira vez, os olhos para a igreja que havia resoado com os avisos do ministro do Altissimo, quando os estavam atando á prancha fatal.

A calma da tormenta revolucionaria, a volta da familia foragida dos Borbões, depois da elevação de nosso imperio, e particularmente o desastre inaudito de Moscow, e a destruição do exercito mais poderoso que acalcanhou a terra desde que houveram nações, foram tambem annunciados determinadamente muitos annos antes do successo. Pelo mesmo theor, tambem foi vaticinada a ultima commoção politica, revolução sem exemplo, onde a mão da Providencia se mostrou tão visivel; revolução em que no mesmo dia, depois d'uma conquista admiravel pela promptidão com que foi effectuada (a tomada d'Alger), o vencedor se viu igualado ao vencido, e como elle obrigado a peregrinar por estranhas terras; em que no cabo de dous dias de mortaes angustias e terrores, de tres de heroismo, e de ferocidade, de fraternidade, e de morticinio, viu-se a Belgica, a Allemanha, a Polonia, a Italia, Portugal, a Suissa e a Inglaterra convulsarem-se, e os reis enfiarem em seus thronos, quebrarem-se sceptros, e ensopar-se em sangue a Europa. Estas commoções haviam sido vaticinadas com antecedencia em diversos lugares, ora na ordem de successão, ora na contemporaneidade, differenças de fórma, que em vez de implicar contradicção, delatam pelo contrario a veracidade da prophecia, e são de certo modo os fiadores que abonam a sua realisação.

Se estudarmos os antigos e seus costumes, depararemos nas historias com a existencia d'uma fé, d'uma crença universal nas predicções, e viremos a entender quão temerario seria, ainda quando o considerassemos como um ponto meramente scientifico, o rejeitar systematicamente a possibilidade das prophecias. Citaremos a este respeito algumas reflexões, feitas por um dos homens que foi mais ávante que qualquer outro em suas investigações sobre as inspirações propheticas. «Transportai-vos aos seculos passados, á época do nascimento do Redemptor; n'esse tempo, um alto e mysterioso brado que havia soado nas regiões do Oriente, estava dizendo: «O Oriente está proximo a triumphar; o vencedor ha de sahir da Judéa, um divino infante nos é dado; elle está para apparecer e desce dos altos céos...» O leitor deve saber o mais; elle trará comsigo a abundancia e a idade d'ouro. Estas idéas se tinham universalmente derramado, e como fossem por extremo favoraveis á poesia, o maior poeta latino se apoderou d'ellas, e revestiu-as com as mais brilhantes côres em Pollion, que foi ao depois trasladado em soberbos versos gregos, e n'esta lingua lidos no concilio de Nicéa por ordem do imperador Constantino. Certo que era bem proprio e digno da Providencia que este brado do genero humano soasse eternamente nos versos immortaes de Virgilio. Mas a incuravel incredulidade de nosso seculo, em vez de vêr n'estes versos o que n'elles está verdadeiramente encerrado, a saber, um monumento indestructivel do espirito prophetico que então se agitava no universo, toma por passatempo provar-nos eruditamente que Virgilio não era propheta, o que vale o mesmo que dizer-nos que uma flauta não sabe musica; e que na quarta ecloga d'este poeta não ha cousa que

extraordinaria seja; assim que se não encontrará uma só edição nova, ou traducção de Virgilio, onde se não observe algum nobre esforço de raciocinio e de erudição, encaminhado a embrulhar a cousa mais simples que dar-se póde.

O materialismo, que desfeia a philosophia do seculo em que vivemos, faz que ella se não advirta, que a doutrina dos espiritos, e em particular a do espirito prophetico, teve e tem por si a tradição a mais universal, e a mais respeitavel que dar-se póde. Como é possivel que todos os antigos tenham unicamente concordado em attribuir ao homem o dom particular de predizer o futuro? Jámais um ente, e com muito mais razão uma classe inteira d'entes, póde manifestar em geral, e invariavelmente uma inclinação contraria á sua natureza. Ora, como seja uma doença eterna do homem o desejar saber o futuro, esse desejo é uma prova evidente de que tem direitos sobre este futuro, e meios de conseguil-o, pelo menos em certas circumstancias.

«Os antigos oraculos tiveram origem n'este movimento interior do homem, que o adverte de sua natureza, e de seus direitos. Como quer que seja, o homem não teria recorrido aos oraculos, nem os poderia imaginar, se não fôra guiado por uma idéa primitiva, em virtude da qual os teve por possiveis e existentes. Acha-se o homem sujeito ao tempo, e todavia é-lhe estranho, e a ponto tal, que se á idéa d'uma felicidade eterna se ajuntasse a do tempo, esta reunião o atormentaria motivando-lhe sustos... Consulte-se cada um comsigo mesmo, e achará que a idéa d'uma felicidade successiva e sem termo é uma idéa terrivel: dir-se-hia que temos medo de nos *enojar*, se esta expressão não fosse impropria n'um assumpto tão grave; mas esta breve discussão nos conduz a uma reflexão que nos parece d'alguma ponderação.

O propheta gozando do privilegio de se subtrahir ás leis do tempo, e não se achando as suas idéas classificadas ou distribuidas na successão d'elle, põe-nas em contacto e confunde-as por effeito da analogia. O proprio Redemptor parece que tambem quiz sujeitar-se a este estado, quando, entregando-se voluntariamente ao espirito prophetico, as idéas analogas das grandes calamidades, separadas do tempo, o levaram a annunciar juntamente a destruição de Jerusalém, e a do mundo. Da mesma maneira el-rei David, passando da meditação de seus proprios padecimentos á da sorte do justo perseguido, de improviso se abstrahe do tempo, e presenceando o porvir, exclama: «*Elles traspassaram as minhas mãos e os meus pés, contaram-me os ossos, e repartiram entre si os meus vestidos, sobre os quaes lançaram sortes.*» (Psalmo XXXI, v. 17). Outro exemplo tambem notavel d'esta progressão ou andamento prophetico se encontra no magnifico psalmo LXXI. David, pegando na penna, tinha unicamente em memoria seu filho Salomão, mas logo depois a idéa do original confundindo-se em seu espirito com a da copia, apenas era chegado ao verseto V, eis que exclama: *Elle durará em quanto durarem os astros!* E seu enthusiasmo, subindo de ponto, nos deixou uma peça soberba, unica no fogo, rapidez, e movimento poetico. Poder-se-hiam ajuntar tambem outras muitas reflexões tiradas da astrologia judiciaria, dos oraculos, e das adivinhações, cujo abuso deshonra o genero humano, bem que tivessem raiz na verdade, como todas as demais crenças, que são geraes. O espirito prophetico é natural no homem, e ha de sempre manifestar-se no mundo. As tentativas que se hão feito em todos os tempos e em todos os paizes para penetrar no futuro, nos estão declarando, que o homem não foi feito para o tempo, porque *o tempo é uma cousa forçada, que o que quer é fugir*. D'ahi vem que nos sonhos nenhuma idéa temos do tempo, e que este estado é o mais favoravel para as communicações divinas...

Se nos perguntarem que cousa seja este espirito prophetico de que fallamos, responderemos que não hou-

ve nunca no mundo acontecimento extraordinario que não tivesse sido prognosticado d'esta ou d'aquella maneira... Porém tornando ao ponto de que tratavamos, perguntaremos se no tempo de Virgilio não havia tambem d'esses chamados bellos espiritos que mofavam *do grande anno, do seculo d'ouro, da casta Lucina, da augusta mãi, e do mysterioso infante?* E todavia, tudo isto era verdade, como se póde vêr em varios escriptos, e particularmente nas notas que Pope ajuntou á sua traducção em verso do Pollion, peça que poderia passar por uma versão de Isaias.

Ajuntaremos ao que fica dito as observações que estas idéas, sobre que se hão feito tão differentes juizos, suggeriram ha pouco tempo a um dos redactores da *Revista de Paris*, folha, cujo testemunho não deverá parecer suspeito, pois que o seu scepticismo é de notoriedade.

Não faltará quem se ria, diz elle, dos nobres esforços d'uma intelligencia superior que se afadiga por fazer descer dos céos alguns raios de luz sobre uma cousa que é de seu natural mysteriosa, e incomprehensivel; por isso que no mundo que hoje corre tudo o que se não póde comprehender, ou não existe, ou é feitura de grosseiros subterfugios. Tal é o meio de que nos servimos para contentar nossa razão, essa rainha ciosa de sua authoridade, que só de si quer depender, que só em si acredita, e que todavia bem vezes se paga de palavras vazias, e de apparencia vãs. Assim que está assentado que é melhor chamar a juizo uma tradição de seis mil annos, convencer de erro ou de mentira os mais celebres engenhos que illustraram a humanidade, do que deixar de rejeitar confusamente o grande numero de mysterios que excedem a alçada da razão. Porém que al conhecemos nós senão phenomenos? As cousas após as quaes a fio andamos, a fio nos escapam. Newton, e depois d'elle o illustre Laplace, sujeitaram a regras a marcha e as perturbações do mundo planetario. Attracção, gravitação, gravidade universal são por certo palavras grandes e pomposas; mas que significam ellas, se com isso que significam se não contenta o nosso espirito?

Newton, que não pronunciava nunca o nome de Deus sem tirar o chapéo, dizia altamente, que empregava a palavra «attracção» para exprimir o effeito apparente e phenomenal, porém que não entendia applical-a a uma causa mecanica, por isso que ignorava qual fosse a que fazia mover os planetas. Hoje em dia se perguntarmos a qualquer estudante porque razão os planetas se attrahem e se repulsam, responder-nos-ha com toda a seguridade, que em virtude das forças centripedas, e centrifugas. *Opium facit dormire, quia habet virtutem dormitivam.* Kepler, que descobriu as leis que intitulou de seu nome, era tão religioso como sabio, e aquelles que presentemente o diminuiram muito da estimação em que o tem, se soubessem os sonhos pythagoricos por que passou antes de effeituar os seus prodigiosos descobrimentos. E que significam os novos factos do somnambulismo que tão rapidamente se observam, e contra os quaes se rebellam os sabios materialistas, mas que, juntos com outras muitas causas, devem accelerar a revolução de que o velho mundo se acha ameaçado?

O desprezo em que jazem as futilidades, e a pobreza scientifica em que se fundavam os criticos do seculo passado, devêra fazer com que seus discipulos fossem mais modestos. MM. Letronne, Biot e Champollion, procedendo cada qual por differente via, reduziram ao justo valor a formidavel antiguidade dos monumentos egypcios que esmagava a da Biblia com o peso de seis mil annos, ao mesmo tempo que os immortaes trabalhos de Cuvier restabeleciam as épocas successivas da creação assignaladas no *Genesis.*

É na verdade singular que seja positivamente na época em que tanta gente se acha iscada da mania de predizer o futuro, em que não ha uma só pessoa que não esteja descontente do presente e que se não engolfe no

porvir, que se observa uma obstinação maior em negar o dom da visão prophetica, concedida nos tempos passados a certo numero d'homens! Em vão estamos vendo todos os antigos povos concordarem geralmente na crença da existencia dos oraculos, em vão frequentissimos cumprimentos dos sobreditos oraculos vieram dar a razão d'esta necessidade que de continuo experimenta o espirito humano, assentou-se de lhes não dar valor algum, e certo não é esta a menor de nossas inconsequencias. Com effeito todo o universo acredita na existencia d'um motor supremo de todas as cousas; todos consentem em que á sua voz sahiram do nada os numerosos astros que gravitam harmoniosamente no espaço, e hesita-se em conceder-lhe o poder de dar a um homem por certo espaço de tempo o conhecimento antecipado dos factos que hão de sobrevir? Singular extravagancia de nossa soberba! Quer se reconheça a possibilidade da predicção, quer d'ella se duvide, sua existencia não deixa de nos ser demonstrada. Não é cousa mui vulgar o surgirem do fundo do oceano novas ilhas, e submergirem-se outras, escondendo-se n'elle como os pintainhos debaixo das azas da mãi, o que não obsta que isto acontece algumas vezes: chamam os sabios a este accidente phenomenos terrestres. Em paridade igual estão as prophecias, não apparecem em dias assignalados, em prazos curtos ou longos, porém apparecem. São phenomenos humanos. Seria um objecto bem digno de nossas meditações o tratar de descobrir quaes sejam as causas d'esta faculdade divinatriz ou provisional adormecida e sopeada no homem, e que se não manifesta senão quando um motor sobrenatural a põe em movimento; mas de quantos mysterios impenetraveis não estamos de toda a parte rodeados! É certo e innegavel, que desde que houve historia no rigor d'esta palavra até á época de Moysés, todas as nações foram salteadas do desejo e da necessidade de se inquirir do porvir; e que encarregaram e pediram a certos homens de communicar-lhes os acontecimentos futuros, cujo conhecimento era privativo de Deus. Logo acreditaram que podia haver prophetas. Esta intuição sobrehumana, que arrebata a alma além do tempo actual, parecia-lhes superior, mas não contraria á nossa natureza. A prophecia não é mais difficil n'um tempo que n'outro: devemos porém observar que em nossos dias ella é menos para se esperar, menos authentica, que na antiga lei, por isso que é menos necessaria. Depois da vinda de Jesus Christo emmudeceram os oraculos, a prophecia deixou de ser com urgencia necessaria; o genero humano já não se preoccupava d'ella, por isso que ella não podia já ter correlação com a totalidade d'elle, e não abraçava mais que uma familia, cidade ou reino.

Este importante assumpto requeria um tratado especial: não cabe em nossas posses o emprehendel-o; porém das considerações precedentes já podemos deduzir, contra o sentir d'aquelles que se obstinam a não vêr nas leis por que são regidas as sociedades senão a parte physica e materia d'ellas, que não é tão fóra da razão como se imagina o admittirem-se causas intelligentes que se subtrahem á nossa analyse, cujos effeitos são por ventura causas das leis que conhecemos. A historia individual do homem, o estudo da humanidade collectiva, o universo em sua totalidade nos estão offerecendo, no pouco que podemos comprehender, grandezas incomprehensiveis e pequenhezes lastimaveis, e em todos os pontos e a cada passo deparamos com o incomprehensivel. Nossa vaidade experimenta grandissimos descontos e humilhações n'um estudo em que é mais que muito flagrante a disparidade das duas naturezas, mortal e celeste: hoje porém que a philosophia historica trata acerrimamente de descobrir nos factos da humanidade as leis superiores das vias da Providencia, hoje que as idéas de Giambatista Vico, de Hender, de Charles Bonnet, de Cesare hão conseguido amplas concessões, que a

douta e christã mocidade reconhece a acção immediata e constante do Creador sobre o destino dos imperios, quem ousaria sustentar que o dom de prophecia, com suas diversidades e fórmas por vezes pouco accessiveis á intelligencia do vulgo, e por isso mesmo mais parecidas com as grandes verdades, que de ordinario são a conquista do homem e a recompensa do trabalho a que está sujeito, se não coaduna com a razão?

Nem se devem tambem cegamente rejeitar com desdem esses presentimentos e avisos, que não procedem da observação do passado e da experiencia, mas que nascem como espontaneamente. Ponderemos que os melhores engenhos creram firmemente nas mesmas cousas que hoje taxamos de superstição. Todos os homens que foram instrumento particular de Deus, quer seja como bemfeitores, quer seja como flagellos da sociedade, tiveram um certo presentimento, se não o conhecimento intimo da missão a que eram enviados; criam no poder extraordinario que em suas mãos estava depositado. E supposto que o amor proprio e as demais paixões os arrastavam a consideral-o como de propria colheita, e lhes fizesse dar diversos nomes, chamando-o genio, estrella, destino, não é menos verdade que elles mesmos reconheceram que se achavam debaixo d'uma influencia fatidica ou providencial. D'ahi vem a invencivel seguridade de Nabuchodonosor, de Cyro expressamente nomeado, de Cambyses, d'Alexandre, que soube era assignalado nas prophecias dos hebreus, e honrou o pontifice de Jerusalem, e o Deus d'Israel. D'ahi vem o dito de Cesar ao barqueiro assustado com a tempestade: *Quid times? Cæsarem vehis.* D'ella vem tambem a indifferença de Attila, o flagello do céo, ácerca dos planos de campanha, e a resposta expressa que fez ao piloto, quando lhe perguntava que rumo seguiria: *Quò Deus impulerit!* a assombrosa tenacidade de Sylla, a inabalavel convicção de Mahomet de que o tempo da Arabia era chegado, as empresas colossaes de Carlos Magno, e as excursões triumphantes de Genghis-Khan; de lá procedia igualmente a orgulhosa confiança de Napoleão n'um instincto inexplicavel, que fazia que no meio da acção estivesse sereno e desassombrado, como se aguardasse que a victoria lhe inspirasse o quanto convinha que obrasse. Se ponderarmos bem no grande numero de factos d'este genero que existem; não nos animaremos a rejeitar com tanta promptidão todas as explicações que se não podem exprimir por algebra. Se nunca o futuro tivesse sido vaticinado, seria por ventura universal a fé que se ha tido nos prophetas? Quem ha ahi que se atreva a affirmal-o?

Conformidade das prophecias com o Evangelho. — Quadro da vida de Jesus Christo

PROPHECIAS

I

«Eis aqui o que diz o Senhor dos exercitos: Um pouco mais, e eu abalarei o céo e a terra, o mar e o universo inteiro. Abalarei todos os povos, e o desejado das nações virá.» (Aggeo. II. 7. 8).

«Consola-te, meu povo, consola-te! — diz o vosso Deus. Fallai ao coração de Jerusalem, e dizei-lhe que são fin-

SEU CUMPRIMENTO

I

«Mais de quatro mil annos eram passados na esperança do Redemptor do genero humano, quando o anjo Gabriel annunciou a Zacharias, que sua mulher, posto que esteril, e avançada em idade, teria um filho, ao qual daria o nome de João, que *caminharia diante do Senhor*, no espirito e na virtude de Elias, *para prepa-*

PROPHECIAS

dados seus males, que suas iniquidades lhe são perdoadas, e que ella recebeu da mão do Senhor penas duplicadas por todos os seus peccados. Ouvir-se-ha a voz d'aquelle que grita no deserto: *Preparai o caminho do Senhor; tornai planas na solidão as veredas do nosso Deus.*» (Isaias. XL. 1-3).

II

«Eu salvarei o meu rebanho, e não será mais exposto em presa, e sentenciarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei sobre ellas um unico pastor, que as apascente, meu servo David.» (Ezech. XXXIV. 23. 23).

«Sahirá uma vara do tronco de Jessé, e uma flôr nascerá de sua raiz. O espirito do Senhor repousará sobre elle o espirito de sabedoria e de intelligencia; o espirito de conselho e de fortaleza; o espirito de sciencia e de piedade.» (Isaias. XI. 1. 2).

«Pois por isso mesmo o Senhor vos dará o seguinte signal: *uma virgem conceberá e parirá um filho*, que será chamado Emmanuel.» (Id. VII. 14).

III

«Quando tudo repousava em grato silencio, e que a noite ia em meio do seu curso, *vossa palavra omnipotente veio do céo, do throno real, e derramou tudo d'um só golpe sobre esta terra* destinada á perdição.» (Sabedoria. XVIII. 14. 15).

«E vós, *Bethlem*, chamada *Ephata*, vós sois pequena entre as cidades de Judá; mas *é de vós que sahirá aquelle que deve reinar em Israel, cuja geração é desde o principio, desde a eternidade.*» (Micheas. 5. 2).

V

«Casa de Sião, estremece de jubilo, e bemdiz o Senhor, porque o Santo d'Israel fez brilhar sua grandeza no meio de ti.» (Isaias. XII. 6).

SEU CUMPRIMENTO

rar os arminhos do Senhor.» (S. Lucas. 1. 5 — 20).

II

Elisabeth, mulher de Zacharias, era gravida de seis mezes, quando o mesmo anjo appareceu a uma virgem da casa de David, chamada Maria, para annunciar-lhe, que sem cessar de ser virgem, e por virtude do Espirito Santo, conceberá e parirá um filho, que será chamado JESUS, que será grande, e se chamará o Filho do Altissimo. (Id. 1. 26 — 38).

III

Um edito de Cesar Augusto ordenára a estatistica dos habitantes do imperio: cada um ia fazer-se inscrever na sua cidade. Joseph partiu tambem de Nazareth á cidade de David, chamada *Bethlem*, porque era da casa e familia de David, para fazer-se registrar com Maria, sua esposa, que estava gravida. Em quanto lá estavam, aconteceu que o tempo em que devia alliviar-se fosse cumprido; e ella deu á luz seu filho primogenito, e tendo-o enfaixado, deitou-o n'um presepio, pois não havia para elles lugar na estalagem. (Lucas. II. 1—7).

V

Na mesma noite d'este nascimento, os pastores, que guardavam seus rebanhos, foram cercados d'uma luz brilhante, e um anjo se apresentou a

PROPHECIAS

«*Pois nos nasceu um pequenino,* e nos foi dado um filho: elle levará sobre seus hombros o Principado, e se chamará o Admiravel, o Conselheiro, Deus, o Forte, o Pai do seculo futuro, o Principe da paz. O seu imperio se estenderá cada vez mais e a paz não terá fim. Elle se assentará no throno de David, e possuirá o seu Reino, para o firmar e fortalecer na equidade e na justiça, desde então para sempre.» (Id. IX. 6-7).

VI

«*O povo que andava em trevas viu uma grande luz,* e aos que andavam á sombra da morte lhes nasceu o dia.» (Id. IX. 2).

«O Senhor fez conhecer a salvação, que nos reservava, e manifestou aos olhos das nações sua justiça. Lembrou-se da sua misericordia, e da verdade das promessas, que fizera á casa d'Israel.» (Ps. 91. v. 2. 3).

«Os reis de Tharse e das Ilhas offereceram-lhe presentes, os reis da Arabia e de Sabá trouxeram-lhe dadivas: — e todos os reis da terra o adorarão; todas as nações da terra lhe serão sujeitas.» (Ps. 71. v. 10. 11).

VII

«Eu sou o Senhor, que te chamei na justiça; que te tomei pela mão e te conservei; que te constitui reconciliador do povo, e *luz das gentes.*» (Isaias. XLII. 6).

«Nos ultimos tempos o monte sobre que se edificará a casa do Senhor, será fundado no alto dos montes, e se levantará sobre os outeiros, e a elle concorrerão todas as gente; e virão a elle muitos povos, dizendo: Vinde, subamos ao monte do Senhor, e á casa do Deus de Jacob; elle nos ensina-

SEU CUMPRIMENTO

elles, dizendo-lhes: «Não temaes, pois venho trazer-vos uma nova, que *será objecto de um grande* prazer: é que hoje, na cidade de David, *vos nasceu um Salvador, que é o Christo, o Senhor.*» Os pastores apressando-se em ir a Bethlem, encontraram Maria e Joseph, e o menino deitado n'um presepio: reconheceram a verdade do que lhes fôra dito a respeito d'este menino, e voltaram glorificando e louvando a Deus por todas as cousas que tinham visto e ouvido. (Lucas. 11—8 — 20).

VI

Uma nova estrella, symbolo da *luz* que Jesus Christo ia derramar sobre a terra, *foi vista no Oriente,* e conduz ao Libertador, inda em cueiros, as primicias do gentilismo convertido. Os *magos,* isto é, os philosophos, aos quaes seus creditos e riquezas faziam dar o nome de reis, seguiram esta estrella, e pararam onde ella parou. Encontraram alli o Homem-Deus, e, sem repararem no estado de humilhação em que o viam, prostraram-se perante elle: *adoram-n'o, e offerecem-lhe por presentes, ouro, incenso, e myrrha.* Pelo ouro, reconhecem-n'o como Rei; pelo incenso, prestam homenagem á sua divindade; pela myrrha, honram a sua humanidade. (Math. II. 1 — 12).

VII

Quarenta dias depois do parto miraculoso, Maria foi ao templo para purificar-se, e apresentar a Deus seu filho primogenito, segundo a ordenação de Moysés. Um santo velho toma em seus braços o divino menino, e declara que elle será não só a gloria de Israel, mas tambem *a luz das nações infieis.* Uma viuva idosa, reputada santa por sua piedade, e que tinha o dom da prophecia, veio igualmente prestar homenagem ao divino Libertador, e fallava d'elle a todos os que

PROPHECIAS

rá os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas; porque de Sião sahirá a Lei, e de Jerusalem a palavra do Senhor.» (Isaias. II. 2-3).

VIII

«Eis o que diz o Senhor: Ouviram-se no alto umas vozes de lamentação, luto, e chôro, e eram de Rachel, que chorava a seus filhos, e não quiz admittir consolação, porque já os não tem.» (Jeremias. XXXI. 15).

«... Amei Israel, quando elle ainda não era mais que um menino: e eu chamei do Egypto a meu filho.» (Oseas. XI. 1).

IX

«Porque elle subiu como um arbusto diante do Senhor, e como uma vergontea, que sahe d'uma terra secca: elle não tem belleza, nem formosura; vimol-o, e nada tinha que convidasse os olhos a vêl-o; assim nós o desconhecemos.» (Isaias. XIII. 2).

X

«Eu vou enviar-vos o meu anjo, que preparará meu caminho diante de minha face; e em breve o dominador que procuraes, e o anjo da alliança tão desejado por vós, virá ao seu templo. Eil-o ahi vem, diz o Senhor dos exercitos.» (Malachias. III. 1).

XI

«*O espirito do Senhor repousou sobre mim*, porque o Senhor me encheu da sua uncção, e me enviou a annunciar aos mansos, para curar os que tem o coração contrito, e para prégar indulgencia aos captivos, e soltura aos presos; para publicar o anno da

SEU CUMPRIMENTO

esperavam a redempção d'Israel. (Lucas. II. 25 — 39).

VIII

Herodes fez degolar todos os meninos de Bethlem, e suburbios; julgava envolver n'este morticinio aquelle, cujo nascimento os magos lhe haviam annunciado, e que elles consideravam rei dos judeus; mas Joseph, advertido por um anjo, refugiára-se no Egypto com Maria, e o divino filho, e, só depois da morte do tyranno, é que voltou. (Math. II. 13 — 23).

IX

Os primeiros trinta annos da vida de Jesus Christo foram passados na obscuridade e solidão: parecia elle preparar-se no silencio para a missão que tinha a cumprir no mundo. Mostrava-se submisso a seus parentes, e vivia uma vida pobre. (Luc. II. 51-52).

X

Pouco tempo antes que Jesus Christo prégasse o seu Evangelho, João Baptista, seu anjo, seu precursor, fez ouvir sua voz no deserto, onde elle vivera os seus primeiros annos, e chamou á penitencia os peccadores. Os israelitas, que não viam prophetas, ha quinhentos annos, consideraram-n'o esse novo Elias annunciado pelas Escripturas, e se mostravam dispostos a vêr n'elle o Salvador: tanto sua santidade era eminente! (Math. III. 1 — 12. — XVII. 10 — 13.

XI

O baptismo de João não purificava dos crimes; mas dispunha para aquelle do Messias. Jesus Christo digna-se recebel-o, apesar da opposição de seu santo precursor, e quando sahia da agua, e entrava em oração, o *Espirito Santo desceu sobre elle*, na figura de

PROPHECIAS

reconciliação do Senhor, e o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar os que choram.» (Isaias. LXI. 1-2).

«... Reinai entre vossos inimigos. Possuireis o principado e o imperio no dia do vosso poder, e no meio do brilho que cercará vossos santos: gerei-vos no meu seio antes da estrella da manhã. O Senhor jurou, e seu juramento é immutavel: que vós sois o Padre Eterno, segundo a ordem de Melchisedech.» (Ps. 109. V. 2—4).

«N'esse dia haverá *uma fonte aberta na casa de David*, para os habitantes de Jerusalem ahi lavarem as nodoas de peccador.» (Zacharias. XIII. 1).

«Derramarei sobre *vós agua pura, e sereis purificados de todas as manchas*, e purificar-vos-hei das immundicies de vossos idolos. Dar-vos-hei um coração novo, e no meio de vós introduzirei um novo espirito. Tirarei de vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne.» (Ezech. XXXI. 25-26).

XII

«Existirão em Sião *homens poderosos em justiça, que serão as plantas do Senhor, para render-lhe gloria. Preencherão d'edificios os lugares desertos desde muitos seculos;* levantarão as antigas ruinas, e restabelecerão as cidades abandonadas, onde, durante muitas idades, morava a solidão.» (Isaias. LXIV. 3-4).

«Eu levantarei entre elles um estandarte, *e os que d'entre elles forem salvos, envial-os-hei ás nações d'além mar*, á Africa, á Lidia, cujos povos arremessam settas; á Italia, á Grecia, e ás mais remotas ilhas; *aos que nunca ouviram fallar de mim*, nem viram a minha gloria: e a minha gloria será por elles annunciada ás nações. E farão vir todos os vossos irmãos convocados de todas as nações, como um presente para o Senhor; trazidos em cavallos, coches, liteiras, em machos,

SEU CUMPRIMENTO

uma pomba. Então uma voz do céo fez ouvir estas palavras: «Este é o meu filho predilecto, em quem eu puz toda a minha affeição.» (Math. III. 13—17).

Jesus quiz ser baptisado para approvar com seu exemplo a devoção d'aquelles que pediam o baptismo; para fazer o acto de humildade, misturando-se na multidão dos peccadores; mas, sobretudo, para santificar as aguas, e imprimir-lhe com seu toque a fecundidade e virtude de regenerar os filhos de Deus.

Depois do seu baptismo, o Salvador é conduzido ao deserto pelo Espirito Santo; e passa ahi quarenta dias sem comer nem beber, e permitte ao demonio tental-o, para que a victoria do segundo Adão sobre Satanaz reparasse a falta do primeiro, e tambem para ensinar aos christãos, não só a inevitavel necessidade de passar pela experiencia da tentação, mas de que maneira elles deviam combater seu inimigo, e com que armas podem vencel-o. (Math. IV. 1—11).

XII

Começou, finalmente, o Messias a derramar sua divina doutrina, e a revelar verdades sublimes, que elle via de toda a eternidade no seio de seu pai. Fundou os inconcussos alicerces da sua igreja, pela vocação de doze homens do povo, e setenta e dous discipulos, a que chamou apostolado.

Collocou S. Pedro na frente do rebanho, com primazia e prerogativas tão manifestas, que os evangelistas, na numeração que fazem dos apostolos não guardam uma ordem regular, e todavia estão d'accordo em nomear S. Pedro como primeiro entre todos. (Math. IV. 18—22.—X. 1—6.—XVI. 8—20.—XVIII. 18.—João. XX. 21—25.—X. 16).

PROPHECIAS

e carros, ao meu santo monte de Jerusalem, diz o Senhor, como quando os filhos d'Israel trazem um presente ao templo do Senhor n'um vaso preciosissimo. *E eu d'entre elles escolherei levitas e sacerdotes*, diz o Senhor. Porque, bem como os novos céos e a nova terra *que vou criar, subsistirão sempre na minha presença; assim o vosso nome e a vossa raça subsistirá eternamente.* E as festas dos primeiros dias dos mezes se mudarão n'outras festas de cada mez, e o *sabbado* n'outro *sabbado:* então, diante de mim, toda a carne se prostrará, adorando-me. Diz o Senhor.» (Id. LXVI. 19—23).

XIII

«Tu, que és o Poderosissimo, cinge a tua espada sobre tua ilharga: *faz brilhar tua gloria e magestade*, e assignala-te: vai; tem prosperos successos, e reina, por causa da tua verdade, mansidão, e justiça; e tua mão direita te fará obrar maravilhas.» (Ps. 44. v. 4-5).

«*Então serão abertos os olhos dos cegos, e abertos os ouvidos dos surdos. O aleijado correrá como o cervo, e a lingua dos mudos será desembaraçada.*» (Isaias. XXXV. 5-6).

XIV

«Salta de prazer, ó filha de Sião; enche-te de jubilo, filha de Jerusalem. Vês ahi o teu Rei, que vem a ti; esse Rei justo, que é o Salvador. *E' pobre, e vem montado sobre uma jumenta, e sobre o potrinho, da jumenta.*» (Zach. IX. 9).

«Solemnisai este dia, cobrindo de ramos todos os lugares.» (Ps. 117. v. 27).

«Senhor! Senhor! salva-me! faz prosperar o reino do vosso Christo. *Bemdito* seja aquelle, que vem em nome do Senhor!» (Ps. 117. v. 25-26).

XV

«O Senhor dos exercitos preparará

SEU CUMPRIMENTO

XIII

Jesus percorreu toda a Judéa, e encheu-a de seus beneficios. Á sua voz fugiam os demonios, serenavam as tempestades, calmavam-se os ventos, ouviam os surdos, viam os cegos, resuscitavam os mortos. (Math. XI. 4—6).

XIV

Chegado este tempo, Jesus Christo foi a Jerusalem, montado n'uma jumenta. As multidões vem perante elle. O caminho que tem a andar é coberto de folhagem. As turbas estendem suas capas debaixo de seus pés, e de todas as partes o saúdam com esta unanime acclamação: «Hosanna ao Filho de David: *bemdito seja o que vem em nome do Senhor!* Hosanna no mais alto dos céos.» (Math. XXI. 1—11. — Marc. XI. 1—11).

XV

Antes de consummar o sacrificio da

PROPHECIAS

para todos os povos sobre esta montanha um festim d'iguarias deliciosas, um festim de vinho, e viandas succulentas: vinho puro sem nenhum pé.» (Isaias. xxv. 6).

«Por quanto, que cousa ha que o Senhor tenha boa e formosa, senão o pão dos escolhidos, e o vinho que gera virgens?» (Zach. ix. 17).

SEU CUMPRIMENTO

redempção, Jesus Christo quiz, pela ultima vez, celebrar a Paschoa com os seus apostolos. A fim d'ensinal-os a humilharem-se diante de seus irmãos, e por mostrar-lhes com que pureza convém aproximarem-se do sagrado banquete, lavou-lhes elle proprio os pés, e limpou-lh'os. No fim da refeição, pegou do pão, abençoou-o, e dando graças a Deus, partiu-o, e repartiu-o, dizendo: «Tomai, e comei: este é o meu corpo, que será ministrado por vós.» Tomando, depois, o calix, deu graças, e deu-lh'o, dizendo: «Bebei: este é o meu sangue, sangue da nova alliança, que será derramado por muitos — pela remissão dos peccados.» Assim foi instituido o augusto sacramento de nossos altares. (Math. xxvi. 26—28).

XVI

«O homem com quem eu vivia em paz, e em que *eu proprio me confiára, e que comia do meu pão, atraiçoou-me.*» (Ps. 10. v. 10).

«... *Elles pesaram trinta moedas de prata, que me deram em recompensa.*» (Zach. 11-12).

XVI

Antes d'assistir ao banquete sagrado, Judas fôra propôr aos principes dos sacerdotes, entregar-lhes Jesus mediante uma recompensa, e elles lhe prometteram trinta dinheiros de prata. (Math. xxvi. 14-15).

XVII

«Meu coração turbou-se dentro em mim; *e o temor da morte acommetteu-me. Eu estava trespassado de mêdo e terror,* e as trevas me envolveram.» (Ps. 54. v. 5-6).

XVII

Jesus, na noite do seu dia memoravel, foi, com tres de seus discipulos, ao jardim das Oliveiras, e, conforme o propheta predissera, possuiu-se d'uma grande afflicção, e disse a seus discipulos: «Minha alma é triste até á morte.» (Math. xxvi. 36—42).

XVIII

«*Que os que procuram matar-me sejam cobertos de confusão e vergonha:* que os que teem maus desejos contra mim, sejam derrubados e confundidos.» (Ps. 34. v. 4).

XVIII

Soldados, gente enviada pelos principes dos sacerdotes, e conduzida por Judas, apresentando-se, quando Jesus acabava de orar, elle caminhou para elles, e lhes disse: «Quem buscaes?» Jesus de Nazareth. Quando elle disse «Sou eu» elles foram derrubados e cahiram por terra. (João. xviii. 1—6).

PROPHECIAS

XIX

«Não será em meu arco, que eu deposite minha confiança; *nem será minha espada que me salvará.*» (Ps. 43. v. 7).

XX

«Ó espada! levanta-te, vem contra meu pastor; contra o homem sempre ligado a mim — diz o Senhor dos exercitos: fere o pastor, *e as ovelhas serão dispersas.*» (Zach. XIII. 17).

XXI

«A bocca do peccador e a do mentiroso abriram-se para despedaçar-me. *Fallaram contra mim com uma lingua calumniadora;* rodearam-me com seus discursos repassados de odio, e *guerreavam-me sem algum motivo.*» (Ps. 108. v. 2-3).

«Testemunhas injustas se levantaram, e me perguntaram cousas que eu não conhecia.»

«*Insultaram-me com sarcasmos, e rangeram os dentes contra mim.*» (Ps. 35. v. 11—16).

XXII

«Tornei-me, mais que todos os meus inimigos, um motivo de opprobrio, principalmente para os mais visinhos; *e motivo de pavor para aquelles que me conhecem...* Ouvi as aggressões injuriosas dos que moram em volta de

SEU CUMPRIMENTO

XIX

Pedro que trazia uma espada, quiz defender seu mestre: cortou uma orelha a um dos servos do grande sacerdote; mas Jesus, soffreando o zelo do seu discipulo, curou instantaneamente a ferida, que elle fizera, e lhe recorda, que é preciso que as Escripturas se cumpram. (Id. x. 11. Marcos. XIV. 49).

XX

Então os discipulos, abandonando-o, fugiram todos. (Math. XXIV. 56).

XXI

Os principes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam uma falsa testemunha contra Jesus para o fazer morrer; e não encontravam uma que bastasse, posto que *muitas falsas testemunhas se apresentassem...* O grande sacerdote, levantando-se, disse a Jesus: Eu te conjuro pelo Deus vivo, de nos dizeres se és Christo, o Filho de Deus.—Jesus respondeu-lhe: «Vós o dizeis; eu o sou; mas eu vos declaro, que um dia vereis o Filho do homem, sentado á direita da magestade de Deus, vir sobre as nuvens do céo.» Então o grande sacerdote rasgou sua tunica, dizendo: Blasphemou: que precisão temos de testemunhas?...—mereceu a morte. Então cuspiram-lhe na face; espancaram-lh'a, e outros lhe davam bofetadas, dizendo: — Christo, prophetisa, e diz quem é este que te bate.» (Math. XXVI. 59—68).

XXII

Em quanto Jesus se resignava em soffrer tão ignominiosos e revoltantes ultrajes, e que o conselho deliberava fazel-o morrer, Pedro, tres vezes reconhecido pela gente do grande sacerdote, como discipulo do Salvador,

PROPHECIAS

mim: quando se conciliavam contra mim, fizeram conselho para me tirar a vida.» (Ps. 30. v. 12 — 14).

XXIII

«O Senhor me disse: Vai atirar *ao obreiro d'argilla esta prata*, esta bella somma, que elles julgaram *que eu valia, quando me pozeram em almoeda.*» (Zach. IX. 13).

XXIV

«Tornei-me semelhante a um homem, *que nada ouve, e nada tem na bocca para replicar.*» (Ps. 37. v. 15).

XXV

«Abandonei meu corpo áquelles que me espancavam, e minhas faces áquelles que me arrancavam os cabellos da barba; *e não voltei meu rosto áquelles que me cobriam d'injurias e bofetadas.*» (Isaias. L. 6).

XXVI

O Christo será posto á morte, e o povo que o ha de negar não será mais seu povo.» (Daniel. IX. 26).

«... Eu sou um verme da terra, e

SEU CUMPRIMENTO

o renegou tres vezes, tamanho era o seu terror. (LXIX. 75).

XXIII

Judas, ralado d'um violento remorso, ouvindo pronunciar a condemnação contra Jesus, foi lançar no templo a prata que recebêra para entregar seu mestre; mas os principes dos sacerdotes, tomando a prata, disseram: É-nos vedado pôl-a no thesouro, porque é preço de sangue. — E deliberando depois compraram o campo d'um oleiro. (Math. XXVII. 3—10).

XXIV

Jesus foi levado diante do governador, e sendo accusado pelos principes dos sacerdotes e senadores, nada respondeu. Então Pilatos lhe disse: Não ouves de quantas cousas estas pessoas te accusam? Mas elle nada respondeu de tudo quanto podia dizer-lhe: de sorte que o governador estava espantado. (Id. 11 — 14).

XXV

Não só Pilatos não ousou absolver Jesus; se bem que, ouvidos seus delatores, lhes perguntasse: *que mal fez elle?* mas entregou-o em suas mãos para ser crucificado. Os soldados então levaram Jesus ao pretorio: despiram-n'o de sua tunica, vestiram-n'o de um manto vermelho, pozeram-lhe na testa uma corôa d'espinhos, na mão uma cana, e ajoelhando perante elle, escarneciam-n'o, dizendo: Salvé! rei dos judeus! e lhe cuspiam na face, tomando-lhe a canna que tinha, e batendo-lhe com ella na cabeça. (Math. XXVII. 22—30).

XXVI

O governador romano assim teve a fraqueza de alarmar-se com o movimento sedicioso que os chefes da synagoga tinham conspirado e excitado

não homem; sou o opprobrio dos homens, e o desprezo da plebe. *Todos os que me viam fizeram escarneo de mim: fallaram-me com ultraje, e insultaram-me com acenos. Elle esperou no Senhor, pois que o livre o Senhor; que o salve, se é que lhe quer bem.*» (Ps. 21. v. 7 — 9).

«Fui rodeado d'uma multidão de maus. *Trespassaram-me as mãos e os pés;* contaram todos os meus ossos. Pozeram-se com muita applicação a *contemplar-me e a considerar-me; repartiram entre si os meus vestidos, e lançaram sortes sobre a minha tunica.*» (Ps. 21. v. 17—19).

«Por causa da tua honra é que eu tenho soffrido tantos opprobrios, e o meu rosto se viu coberto de confusão. Eu vim a ser como um estrangeiro para meus irmãos, como um desconhecido para os filhos de minha mãi; porque o zelo da honra de tua casa me devorou, e os ultrajes dos que te insultaram cahiram sobre mim.

«Tu sabes os opprobrios de que elles me carregaram; sabes a confusão e a ignominia de que eu estou coberto; todos os que me perseguem estão diante de teus olhos; ... *na minha fome deram-me fel a comer, e na minha sêde vinagre a beber.*» (Ps. 68. v. 8—10—20—22).

«Mas eu na minha tribulação, invoquei o Senhor, e clamei ao meu Deus. E elle do seu santo templo ouviu a minha voz, e o grito que eu dei na sua presença, chegou até seus ouvidos. *Então a terra se moveu e tremeu; os fundamentos dos montes foram sacudidos, e abalados.*» (Ps. 17. v. 7-8).

«N'esse dia, diz o Senhor Deus: *o sol se esconderá em pleno dia, e cobrirei a terra de trevas,* quando deveria estar inundada de luz.» (Amos. VIII. 9).

«Lançarão os olhos sobre mim, que elles cobriram de feridas: *chorarão,* com lagrimas e *suspiros,* aquelle que feriram.» (Zach. XII. 10).

«N'aquelle dia a vergontea de Jessé será exposta diante de todos os homens, como um estandarte; as nações a buscarão, e virão fazer-lhe sup- contra o Salvador, e não pôde d'elles triumphar, mau grado o aviso que lhe fizera dar sua mulher *de não se embaraçar no processo d'aquelle justo, pois que ella fôra estranhamente atormentada n'um sonho por causa d'elle.* Pilatos entregou Jesus ao furor dos seus inimigos, e Jesus, senhor de sua vida, como de todas as cousas, abandonou-se voluntariamente a este furor phrenetico. Conduzido ao lugar do supplicio, impozeram-lhe levar o madeiro infamante, sobre o qual devia ser levantado, e *exposto aos olhares insolentes* de seus perseguidores e d'uma cega populaça. Mas, antes que o instrumento da morte — a cruz — que devia ser o estandarte da christandade, para sempre venerado, fosse erecto, Jesus, cujas *carnes estavam rasgadas* por uma cruel flagellação, e a cabeça varada e ensanguentada por uma corôa d'espinhos, é pregado sobre esta cruz com enormes cravos, dos quaes *suas mãos e pés são* horrivelmente *trespassados.*

No mais angustioso d'este cruel supplicio, injuriado, motejado, maldito de todo um povo, Jesus supplíca por seus algozes furiosos. Os soldados *repartem* entre si *os seus vestidos,* á excepção da tunica, *que jogam á sorte,* pois que sendo d'uma só peça, não podia ser repartida. (Math. XXVII. 26-38).

Deram-lhe a beber vinho misturado de *fel;* mas, provando-o, elle não quiz bebel-o. (Math. XXVII. 34).

Aquelles que passavam *blasphemavam acenando com a cabeça,* e dizendo-lhe: Tu que destroes o templo de Deus, e que em tres dias o reedificas, *porque te não salvas?* Se és Filho de Deus, desce da cruz!

Os principes dos sacerdotes escarneciam-n'o, com os escribas e senadores, dizendo: Elle salvou os outros, e não pôde salvar-se a si. Se elle é o rei d'Israel, que desça agora da cruz, e nós o acreditaremos. Elle põe a confiança em Deus: *se, pois, Deus o ama, que o livre agora,* já que elle disse: «Eu sou o Filho de Deus.» (Math. XXVII. 39 — 43).

PROPHECIAS

plicas, e o seu sepulchro será glorioso.» (Isaias. XI. 10).

«Elle nos pareceu um objecto de desprezo, o ultimo dos homens, um homem de dôr que sabe o que é padecer... Elle verdadeiramente tomou sobre si as nossas fraquezas, e elle mesmo carregou com as nossas dôres. Nós o consideramos como um leproso, como um homem ferido por Deus e humilhado.—Mas elle *foi ferido* por nossas iniquidades; magoado por nossas culpas: o castigo, que nos devia trazer a paz, cahiu sobre elle, e nós fomos varados por *suas pisaduras*. — Todos nós andavamos desgarrados como ovelhas; cada um se tinha extraviado do caminho de Deus por seguir o seu proprio, e o Senhor o *carregou da iniquidade de todos nós.* — *Foi offerecido, porque elle mesmo quiz, e não abriu a sua bocca; será levado á morte como uma ovelha que se leva ao matadouro; estará em silencio sem abrir a bocca, como o cordeiro está diante do que o tosquia.* — *Morreu no meio das dôres, sendo condemnado por juizes...* Eu o feri por causa das maldades do meu povo... Elle não commetteu iniquidade, nem na sua bocca morou nunca a mentira. O Senhor quiz quebrantal-o na sua enfermidade. *Quando elle tiver dado a sua alma pelo peccado*, verá a sua descendencia durar muito tempo, e a vontade do Senhor será felizmente executada pelo seu modo d'obrar. *Verá o fructo dos soffrimentos, que pungiram sua alma, e consolar-se-ha com elle.* Como é justo o meu servo, elle *justificará* pela sua doutrina *um grande numero de homens*, e tomará sobre si as suas iniquidades. —Por isso, *eu lhe darei por sorte uma grande multidão de pessoas*, e elle distribuirá os despojos dos fortes, pois que entregou sua alma á morte, *e foi posto no numero dos scelerados*, e carregou com os peccados de muitos, *e rogou pelos transgressores da lei.*» (Isaias. LIII. 3—12).

«Pozeram-me em uma fossa profunda, em lugares tenebrosos, e á sombra da morte.» (Ps. 87. v. 7).

SEU CUMPRIMENTO

Jesus, sabendo que tudo fôra cumprido, para que uma palavra da Escriptura se cumprisse ainda, exclamou: *Tenho sêde.* E como ahi havia *um vaso cheio de vinagre*, os soldados embeberam uma esponja, e cercando-a d'hyssope, *roçaram-lh'a nos labios;* Jesus, *saboreando o vinagre*, disse: Tudo está consummado: e baixando a cabeça, rendeu o espirito. (João. XIX. 28—30).

Jesus foi crucificado um pouco antes do meio dia, e durante as tres horas, que precederam a sua morte, a terra cobriu-se de trevas. No mesmo momento, em que expirou, rasgou-se em dous o véo do tempo; *a terra tremeu, e as pedras estalaram.* (Math. XXVII. 45—51).

Vendo o centurião o que succedêra, glorificou a Deus, dizendo: Por certo, que este homem era um justo. — E toda a multidão d'aquelles que assistiam a este espectaculo, considerando todas estas cousas, prostraram-se *batendo nos peitos.* (Luc. XXIII. 47-48).

Isaias predissera: que o Christo seria posto no numero dos scelerados, e esta predicção foi, como todas as outras, litteralmente cumprida, pois que foi *crucificado entre dous ladrões.*

Um d'elles blasphemava-o; mas o outro, reprehendendo-o, dizia-lhe: Não tens temor de Deus, mais que os outros, tu que estás condemnado ao mesmo supplicio? Ainda em nós é uma justiça, pois que soffremos a pena, que nossos crimes mereceram, mas *aquelle nenhum mal fez...* — E dizia a Jesus: Senhor, lembrai-vos de mim, quando estiverdes no vosso reino.—E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo, que serás hoje commigo no paraiso. (Id. 39—43).

Um senador, chamado Joseph, que não consentira nas deliberações dos outros, nem no que elles fizeram, foi a Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus; e, tirando-o da cruz, envolveu-o d'um lençol, e collocou-o n'um sepulchro, cavado em rochas, onde ninguem fôra posto. (Id. 50—53).

PROPHECIAS

XXVII

«Não deixareis a minha alma no inferno, e não *deixareis que o vosso santo soffra corrupção.*» (Ps. 15. v. 10).

«*Elle nos restituirá a vida em dous dias: ao terceiro dia nos resuscitará, e viveremos em sua presença.* Entraremos na sciencia do Senhor, e seguil-o-hemos a fim de conhecel-o cada vez mais. O seu nascer é preparado para brilhar sobre nós como aquelle da aurora; e sobre nós descerá como as chuvas do outomno e da primavera descem sobre a terra.» (Oseas. VI. 3.)

«*Livral-o-hei do poder da morte*, e da morte o resgatarei. Morte! um dia eu serei tua morte! serei a tua ruina.» (Oseas. XIII. 14).

XXVIII

«*Depois subiu sobre os cherubins, e voou, voou sobre as azas dos ventos. Rasgaram-se as nuvens* pelo resplendor da sua presença...»

«Cantai louvores a Deus, entoai canticos ao seu nome; preparai o caminho ao que sobe sobre o occidente: o seu nome é — o Senhor.»

«Tu me livrarás d'este povo rebelde, e me constituirás cabeça das nações.» (Ps. 17 — 67. v. 11. 13. 5. 44).

«Porque aquelle que lhes ha de abrir o caminho, irá adiante d'elles; passarão em turmas á porta, e entrarão por ella: o seu rei passará diante de seus olhos, e este rei será o Senhor, que marchará á testa d'elles.» (Micheas. II. 13).

«Elles viram, ó Deus! *a vossa entrada*, a entrada triumphante do meu Deus, do meu rei, que reside no seu santuario.» (Ps. 67. v. 25).

XXIX

«Derramei sobre toda a carne o meu espirito: vossos filhos e filhas prophetisarão, vossos velhos serão avisados por sonhos, e vossos mancebos terão visões.» (Joel. II. 28).

«*O Senhor inspirará da sua palavra*

SEU CUMPRIMENTO

XXVII

Ao amanhecer, os principes dos sacerdotes e os phariseus vieram a Pilatos, e disseram-lhe: Senhor, lembra-nos, que este impostor disse quando vivo: Resuscitarei tres dias depois da minha morte. — Mandai pois que o sepulchro seja guardado até ao terceiro dia, para que seus discipulos não venham roubar seu corpo, e não digam ao povo: Resuscitou dos mortos; e assim o ultimo erro seria peor que o primeiro. — Pilatos respondeu-lhes: Tendes guardas, fazei-o guardar como entenderdes. — E foram, e por se assegurarem do sepulchro, sellaram a pedra, e pozeram-lhe guardas. (Math. XXVII. 62—66).

XXVIII

Quarenta dias depois da resurreição, juntando-se os discipulos em Galilea sobre a montanha onde Jesus os mandára apparecer, este lhes disse: «Recebereis a virtude do Espirito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunha em Jerusalem, e em toda a Judéa, e Samaria, e nos confins da terra.» Depois que estas palavras foram ditas, viram-n'o erguer-se ao alto, e entrou em uma nuvem que o roubou a seus olhos. (*Act. dos apost.* I. 8-9).

Mas antes de subir ao céo, Jesus appareceu diversas vezes e em diversos lugares a seus discipulos, andou, conversou, comeu com elles, e venceu a incredulidade de Thomé, fazendo-lhe pôr os dedos nas rasgaduras das mãos e dos pés. (Marc. XVI. 9—20.—Luc. XXIV. 36—53. —Joan. XX. 19—31).

XXIX

Dez dias depois que o Salvador deixou a terra para entrar na mansão da gloria, estando seus discipulos juntos no mesmo lugar, ouviu-se repentinamente um grande ruido, como de vento impetuoso que vinha do céo,

PROPHECIAS

os arautos da sua gloria, para que elles o annunciem com grande força.» (Ps. 67. v. 72).

«*Ensinareis o vosso Espirito, vosso sôpro divino, e elles serão de novo creados, e renovareis toda a face da terra.*» (Ps. 103. v. 30).

«Deus! fazei brilhar em nosso favor a vossa omnipotencia. Deus! fortalecei o que operastes em nós!» (Ps. 67. v. 29).

SEU CUMPRIMENTO

e que enchia toda a casa, onde elles estavam sentados. Ao mesmo tempo viram fulgurar linguas de fogo, que se repartiam e dardejavam sobre cada um d'elles. Immediatamente todos foram cheios do Espirito Santo, e começaram a fallar diversas linguas, conforme o Espirito lhes punha as palavras na bocca. (*Actas.* 1. 11—4).

Os apostolos, espiritualmente regenerados pelo sôpro divino, tornaram-se homens novos.

Desde que a fama do prodigio que acabava de operar-se, se vulgarisou, um grande numero de judeus de todas as nações se reuniram, e espantaram-se de que cada um d'elles (apostolos) fallasse a sua lingua. Estavam fóra de si mesmos; e, n'este pasmo, murmuravam: «Não são estes homens todos galileus! Como pois se dá que cada um d'elles falle a lingua do nosso paiz?» N'este mesmo dia, por effeito d'uma prégação, tres mil pessoas foram baptisadas, e unidas aos discipulos de Jesus Christo.

Todos os espiritos estavam passados de medo, e muitos prodigios eram feitos pelos apostolos. (*Actas.* II. 5—12—41—43).

As historias profanas, tanto como a sagrada, são monumentos irrecusaveis da rapidez, com que a palavra evangelica se generalisou e foi recebida no mundo inteiro, *para renovar toda a face da terra.* (Ps. 103. v. 30).

Assim se cumpriram todas as prophecias que referem ao nascimento do Christianismo, á sua propagação, á sua universalidade, e ao seu divino Author, cujo reino, depois de dezoito seculos, deve ser eterno como elle. (*O Libertador annunciado e promettido a todos os povos*, tom. II, cap. 3).

PRUDENCIA. «A prudencia é a razão esclarecida, o juizo perseverante, a arte de nos guiarmos por justas reflexões.» (Abbade Brueys). — «Sem prudencia é rara a virtude.» (Cicero). —«Humilhai vosso coração para attingirdes a prudencia.» (*Prov.*, II, 2). —«Posto que a prudencia não abranja todas as virtudes, virtude completa não a ha sem ella.» (Socrates). — «Ha muitos homens doutos; são, porém, poucos os prudentes.» (Boecio). — «O receio d'um mal faz muitas vezes resvalar a outro peor.» (Boileau).—«Ajuntai a prudencia da serpente á simplicidade da pomba.» (Evangelho). — A prudencia não é a experiencia do passado applicada ao porvir; por quanto ordinariamente nada ha ahi menos semelhante ao passado que o porvir, que, em geral, se esquiva á mais prevista razão humana.

PRUSSIA. A Prussia circumscrevendo paizes remotissimos e mal atados entre si, era quasi toda formada em fronteiras, d'onde lhe provém ser estado essencialmente militar. As provincias a éste constam de planicies em geral pouco ferteis, e cortadas de lagoas e paues, sobre tudo o norte. As de oeste contém serranias, florestas e valles abundosos de vinho excellente e riquezas mineraes, por onde passa o Rheno de bellissimas margens. O commercio é activo, principalmente a oeste, facilitado pelo Rheno, por boas estradas, assim como pela nova organisação que comprehende toda a Allemanha meridional e septentrional, á frente da qual está a Prussia, depois das suas victorias de Sadowa e Sedan.

Entrando em Berlim pela porta de Brandebourg, é impossivel não sentir impressão grandiosa da força e da magnificencia. Uma longa alêa de ti-

lias conduz ao centro da cidade. O primeiro monumento que nos impressiona é o arsenal com as estatuas dos mais celebrados generaes. Ao arsenal segue-se a universidade. Mais longe o museu, cuja construcção recente, commoda e magnifica, attesta intelligente culto da arte. O palacio real, erecto durante os reinados de muitos principes, estrema a cidade de Frederico da cidade velha. A estatua do grande Eleitor, sobre o Sprée, lembra a de Henrique IV sobre o Senna, e commemora lembranças que tem mais de seculo.

Berlim com as suas ruas e casas alinhadas semelha os mais formosos bairros de Londres, tirante a população immensa que serpeia nas margens do Tamisa: fôra mister introduzir cem mil homens na capital da Prussia para igualar Berlim a Londres. Hoje póde contel-os, e necessita-os.» (Lermier).

PSYCHOLOGIA e PHYSIOLOGIA (do grego *psykhê*, alma, *physis*, natureza, e *logos*, discurso). A primeira entende com a natureza e faculdades da alma; a segunda reporta-se á vida e funcções organicas mediante que a vida se manifesta, e differe essencialmente da *anatomia*, que só trata da estructura dos orgãos, abstrahindo da acção do organismo. Os factos psychologicos (idéas, memoria, raciocinios), conhecidos tão sómente pela consciencia, differem evidentemente dos factos physiologicos (respiração, circulação, etc.), cuja observação se faz pelos sentidos, auxiliados de instrumentos materiaes. A psychologia, considerada como ponto de partida para a philosophia, assenta as bases legitimas do *conhecimento*. A physiologia ascende dos phenomenos ás leis que os regem; do conhecimento dos orgãos e suas acções conclue quanto ao fim; e, ao través de todas as suas diversas manifestações, cura de investigar o mysterio do principio que anima a materia do organismo, que mantém quasi constantemente a fórma do composto, e que, chegada a morte, abandona a materia e a deixa ás leis communs. Até aqui póde ir a physiologia; mas por mais alta que se libre na região das hypotheses explicativas, o alcance de suas theorias delimita-se á ordem dos factos que as suggerem.

PUEBLA. (Veja MEXICO)

PULPITO. Que tribuna não é a da cadeira evangelica em que as mais puras lições de moral se evangelisam ao alcance das multidões ignorantes, em que as virtudes se recommendam e os vicios se reprovam! em que a demanda do pobre e do fraco se advoga contra o rico e o oppressor! O espaço do orador é o infinito, o tempo, a eternidade; o interesse das questões que elle suscita é Deus, é a revelação, é a vida futura; os seus inexhauriveis textos são Deus e caridade; as suas inspirações são os prophetas; as suas consolações expansivas são as do Evangelho... «Consumiam-se os pagãos (diz Chateaubriand) depós as sombras da vida, sem saberem que a verdadeira existencia começa na morte. Só a religião christã fundou a grande escóla da sepultura, onde o apostolo do Evangelho se educa.»

PURIFICAÇÃO. (Veja NEUTROS).

PYRAMIDE. 1. E um polyedro que tem por *base* um polygono qualquer, e cujas faces lateraes são triangulos, que concorrem n'um mesmo ponto, chamado *vertice* da pyramide. A perpendicular baixada do vertice sobre a base é a sua *altura*. Uma pyramide é *triangular*, *quadrangular*, *pentagonal*, etc., segundo a sua base é um triangulo, quadrilatero, pentagono, etc. — A pyramide triangular ou *tetraedro* é o mais simples dos polyedros; pois que são necessarios quatro planos, pelo menos, para fechar um solido; tem por isso entre os polyedros a mesma importancia que a do triangulo entre os polygonos. — Se a base de uma pyramide tem *centro*, chama-se *eixo* da pyramide á recta tirada do vertice para o centro da base; se o eixo é perpen-

dicular á base, é *recta*. — Uma pyramide que tem por base um polygono regular, e que é recta, é *regular*. — Cortando uma pyramide por um plano parallelo ao plano da base, a parte inferior é um *tronco* de pyramide de bases parallelas: é equivalente á somma de tres pyramides que teem por altura commum a altura do tronco, e cujas bases são: a base inferior do tronco, a base superior, e uma base cuja área é meia proporcional entre as d'aquellas duas.

2. Obtem-se a área da *superficie* lateral de uma pyramide regular, multiplicando o semi-perimetro da base pelo apothema da pyramide, que é a perpendicular baixada do vertice sobre uma aresta da base; e a de um tronco de pyramide regular, multiplicando a semi-somma dos perimetros das bases pela altura de uma das faces. — Obtem-se o volume de uma pyramide qualquer, recta ou obliqua, multiplicando a área da sua base pelo terço da sua altura; e o do tronco de pyramide de bases parallelas, multiplicando o terço da sua altura pela somma das áreas das suas bases e da meia proporcional entre estas. — Obtem-se a altura da pyramide de que é parte um dado tronco de bases parallelas, multiplicando a altura do tronco por um lado qualquer da base inferior, e dividindo o producto pela differença entre este lado e o seu homologo na base superior. — Dous tetraedros que teem bases equivalentes e alturas iguaes, são equivalentes. — Todo o tetraedro é o terço de um prisma triangular com a mesma base e a mesma altura. (Veja SEMELHANÇA, CYLINDRO, CONE, PRISMA).

PYTHAGORAS. (Veja ASTRONOMIA).

PYTHIAS. (Veja AMIZADE).

Q

QUADRATURA. (Veja LUA).

QUADRILATERO. 1. Quatro rectas, que se cortam duas a duas, formam um *quadrilatero*. Distinguem-se varias especies, que tomaram denominações particulares. — O quadrilatero *geral*, cujos lados e angulos são quaesquer, é o genero; o *trapezio*, que tem dous lados parallelos e desiguaes; o *parallelogrammo*, que tem os lados oppostos parallelos; o *rectangulo*, cujos angulos são rectos; o *rhombo* ou *losango*, que tem os quatro lados iguaes entre si, sem ser recto nenhum dos angulos; finalmente, o *quadrado*, que tem os angulos iguaes e os lados iguaes, são as especies. — No trapezio chamam-se *bases* aos lados parallelos, e á distancia entre estes dous lados, *altura*.

2. Obtem-se a área da *superficie* de um rectangulo, multiplicando a sua base pela sua altura; a d'um quadrado, multiplicando o comprimento de um lado por si mesmo; a d'um losango, tomando a metade do producto das suas duas diagonaes; a d'um trapezio, multiplicando a sua altura pela semi-somma das bases; em geral, obtem-se a área da superficie de um quadrilatero, decompondo-o em dous triangulos por uma diagonal, os quaes se avaliam separadamente e se ajuntam os resultados. (Veja TRIANGULO). — Em todo o quadrilatero, a somma dos quatro angulos vale sempre quatro angulos rectos. — Em todo o parallelogrammo, os lados oppostos são iguaes; d'onde resulta que uma diagonal divide-o em dous triangulos iguaes. — Em todo o parallelogrammo, as duas diagonaes cortam-se mutuamente em duas partes iguaes. — No rectangulo e no quadrado, as duas diagonaes são iguaes entre si. — No quadrado e no losango, as diagonaes são perpendiculares, e dividem a figura em quatro triangulos rectangulos iguaes. — Um quadrilatero, cujos dous lados são iguaes e parallelos, é um parallelogrammo. — Um quadrilatero, cujos lados oppostos são iguaes, é um parallelogrammo. — Um quadrilatero, cujos angulos oppostos são iguaes, é um parallelogrammo. (Veja SUPERFICIE).

QUARESMA. «Parece que certos numeros foram em todos os tempos consagrados pelo respeito dos povos. O numero *quarenta* está n'este caso.

«O diluvio universal durou quarenta dias. Os hebreus vagabundearam quarenta annos antes de entrar na terra da promissão. Moysés jejuou quarenta dias na montanha. Elias esteve no deserto por espaço de quarenta dias. A penitencia que Jonas infligiu aos ninivitas foi de quarenta dias.

«Foi em commemoração d'estas occorrencias, como tem dito alguns authores, que os christãos instituiram a quaresma, que tambem dura quarenta dias? Póde-se duvidar, e o mais provavel é que esta longa abstinencia seja uma imitação da que teve Jesus Christo quando se preparou para a sua dolorosa missão.

«Jesus, disse S. Matheus, jejuou quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. *Postea esuriit.*»

«A instituição da quaresma, segundo alguns, vem dos apostolos. A prova que se dá é que a igreja não estabeleceu nenhuma lei a esse respeito, e apenas regulou a observancia do uso. Isto poderia tambem provar que anteriormente não houve lei alguma que determinasse a quaresma, porém que foi sómente o uso que a determinou? Porque se não cita o decreto dos apostolos que serviu de base ás disposições regulamentares?

«Outros attribuem a instituição da quaresma ao papa Telesphoro, morto em 154, papa que ordenou que na vigilia do Natal se celebrasse a missa á meia noite, para commemorar precisamente a hora em que nascêra o Filho de Deus.

«A observancia da quaresma não consistia então unicamente na absoluta abstinencia de certos alimentos; exigia tambem que só depois do sol posto se usasse dos alimentos permittidos.

«Mas esta pratica, assim como muitas outras que d'elles seguimos, procede evidentemente dos judeus. Era com a abstinencia que os judeus expiavam as más acções, como com a abstinencia se preparavam para os grandes commettimentos. Judith, antes de cortar a cabeça a Holophernes, Esther, antes de pedir ao augusto marido que mandasse enforcar um ministro; o moço Tobias, antes de succeder aos sete maridos que o antecederam no leito da filha de Rachel, todos estes personagens biblicos prepararam-se com a abstinencia para actos tão singulares.

«O jejum foi muitas vezes ordenado por Moysés, que, fallando verdade, devia encontrar algumas difficuldades em alimentar o povo no deserto. O jejum tambem foi determinado pelos prophetas. Parece que esta especie de privação era a maior penitencia que podiam impôr aos judeus, povo carnal. Queriam alimentar-lhes as esperanças, promettiam-lhes a terra regada de leite e mel. Queriam reprimir-lhes as murmurações, ameaçavam-n'os com a miseria. O propheta Joel, depois de ter feito medonha descripção das calamidades que ameaçavam Sião em castigo de seus peccados, depois de dizer que o gafanhoto comeria o que ficasse da lagarta, o brugo comeria o que ficasse do gafanhoto, e a pennugem comeria o que ficasse do brugo, acabou com estas palavras: *Omnes vultus redigentur in ollam*, e todos os semblantes se tornarão taes como uma panella; em consequencia do que elle pediu aos sacerdotes que jejuassem: *Sanctificate jejunium.*

«Ha tambem alguns authores que affirmam que a quaresma foi instituida por S. Pedro, e que o papa Telesphoro, acima citado, apenas restaurou o jejum, que já encontrára prescripto pelo primeiro chefe da igreja de Jesus Christo.

«A observancia da quaresma parece ter sido facultativa nos primeiros tempos da igreja. Mas logo que a authoridade espiritual a tornou obrigatoria, a authoridade temporal em breve a prescreveu tambem. Em 789, por exemplo, Carlos Magno mandou applicar a pena de morte contra todo aquelle que infringisse sem dispensa a lei da quaresma. Era demasiada-

mente rigorosa; mas é certo que esta lei se executou.

«A disciplina foi insensivelmente, com o correr dos tempos, sendo menos severa. Ao passo que a civilisação progredia, os tribunaes civis foram reconhecendo que não tinham direito de se envolver em assumptos que não deviam sahir do tribunal da penitencia.

«Antes d'isso a authoridade ecclesiastica tivera, diga-se com franqueza, alguma condescendencia para com a fragilidade humana, já concedendo dispensa para tornar gordos certos dias da semana; já limitando para cada dia a duração do jejum.

«Os mahometanos tem igualmente suas abstinencias, que praticam ás vezes commodamente. O *ramadan*, mez em que o Alcorão foi trazido do céo, é dedicado por elles á mais austera abstinencia: o jejum deve começar todos os dias desde o momento *em que possam distinguir um fio branco de um fio preto*, diz o propheta; ou antes, com o nascer do dia, para só acabar á noite.

«Que fazem, porém, os que desejam conciliar a pratica da lei com a exigencia do appetite?

«Fazem do dia noite; dormem desde o nascer até o pôr do sol, e banqueteiam-se desde o pôr até o nascer do sol.

«O uso do vinho, do leite e dos ovos foi originariamente prohibido na quaresma; mas, desde o seculo XVIII, tal prohibição não se observou; e, em consequencia d'isso, provavelmente, é que os prelados das differentes dioceses se decidiram a authorisar todas as quaresmas o uso d'aquelles alimentos, e sobre tudo dos ovos, por meio de uma pastoral que satisfaz todos e apparece quasi sempre antes do carnaval.

«Os graus de abstinencia, no tempo da primitiva igreja, eram diversos. «Uns, diz Fleury, observavam a homophagia, isto é, não comiam nada cozido; outros a xêrophagia, isto é, limitavam-se ás comidas seccas, abstendo-se não só da carne e do vinho, mas dos fructos vinosos e succulentos, comendo só com o pão nozes, amendoas, tamaras e outros fructos d'esta especie. Outros ainda contentavam-se com pão e agua.»

«Os anachoretas, os padres do deserto, observavam a quaresma com uma austeridade ainda maior, e que parecia dever ser incompativel com as forças humanas. S. Macario de Alexandria passava-a, segundo dizem, desde o principio ao fim, sem dormir, sem beber, e sem comer senão uma folha de couve crua aos domingos. Santa Maria a Egypcia foi mais exagerada: não comia cousa alguma durante a quaresma, que passava no deserto, e por isso o seu director Zozimo a encontrava na Paschoa um tanto mudada.

«Em economia politica a quaresma não é sem utilidade. Consome-se menos carne, porém gasta-se mais peixe. Augmenta por isso o valor dos gorazes, dos salmões e dos pargos, o que é em beneficio dos pescadores e dos vendedores do pescado, cujo commercio só é verdadeiramente importante durante a quaresma.

«Diz a historia ecclesiastica que os primeiros christãos jejuavam todo o anno, e que a lei da quaresma fôra unicamente estabelecida para os fracos.

«Erasmo, que era, sem duvida, tão bom christão como homem chistoso, não achava sufficiente essa concessão. Observava por isso com pouca regularidade a quaresma, e respondia aos que o censuravam: — «Saibam que a minha alma é catholica, mas que o meu estomago é protestante.»

«O papa Nicolau prohibiu aos bulgarios fazerem a guerra durante a quaresma, o que era em favor da humanidade uma especie de compensação da lei que impedia o casamento tambem durante este santo periodo.

«Se se prestar attenção ao modo por que se escreve *quaresma*, talvez que seja possivel reconhecer-se que esta palavra é tão sómente a abreviação de *quadragesima*.

«Antes do seculo V a quaresma era apenas de trinta e seis dias. Mas, depois d'essa época, só a igreja de Mi-

lão é que conservou o antigo uso.» (*Archivo Pittoresco*).

QUARTO SECULO (antes de Jesus Christo). «A mocidade de Alexandre annunciava cousas grandes. Seu pai, e Aristoteles tinham-lhe ensinado tudo quanto podia elevar a sua alma, e o seu genio, que se dirigiam naturalmente para a gloria. Não tardou a mostrar a sua paixão pelas armas. A *Iliada* d'Homero era as suas delicias, porque achava n'ella os combates dos antigos heroes. Viram-no algumas vezes suspirando, quando se lhe narravam as façanhas de Philippe: *Meu pai leva tudo*, dizia elle a um dos seus amigos, *e não nos ha de deixar nada que fazer*. Conversando um dia com os embaixadores do rei da Persia, não se informou das magnificencias, nem dos prazeres da Asia, mas sim da distancia das cidades, das forças da nação, da natureza do governo, e do comportamento do monarcha. Os embaixadores diziam entre elles mui admirados: *Este principe é grande, e o nosso é rico*. O valor, a ambição, a politica, e o gosto das empresas perigosas já se apercebiam no seu caracter, quando joven. Tinha-se illustrado mais d'uma vez debaixo das ordens de Philippe. Na idade de vinte annos em que occupou o throno, já estava em estado de se fazer admirar, e temer.

«Athenas, quando soube da morte de Philippe, mostrou um excesso de alegria indecente, e Demosthenes particularmente não se envergonhou de dar aquelle exemplo. Fez com que se agradecesse aos deuses solemnemente, e se désse uma corôa a Pausanias, assassino d'aquelle rei. Depois excitou os gregos contra uma criança, um tonto (era assim que elle chamava Alexandre), cujo reino estava perto da sua ruina. Os povos submettidos por seu pai, gregos, ou barbaros, pensaram libertarem-se facilmente da dominação do filho, e pegaram em armas.

«Os macedonios, aterrados pelos seus movimentos, aconselhavam ao joven principe, que recorresse ás vias da negociação, e doçura. Porém Alexandre sentiu a sua força, e resolveu dissipar os seus inimigos pelas armas. Os thraces, os illyrios, e outros barbaros foram logo punidos pelo seu alevantamento. Alexandre appareceu depois diante de Thebas, que tinha destroçado uma parte da guarnição macedonia, e offereceu o perdão aos thebanos, visto que se lhe entregassem os culpados; porém não aceitaram, quizeram combater, e foram vencidos. O vencedor deu saque á cidade, e só deixou a liberdade aos sacerdotes, aos descendentes do poeta Pindaro, e a uma mulher, que se tinha vingado, matando um dos seus officiaes, d'uma violencia que lhe tinha feito.

«Os athenienses temendo quando souberam esta noticia, mandaram-lhe pedir a paz. Demosthenes era um dos embaixadores, mas no caminho teve tanto medo, que se separou dos seus collegas. Tanto os mais atrevidos em palavras, são algumas vezes realmente os mais fracos! Alexandre não queria destruir Athenas, tão celebre pelos seus grandes homens, e pelos monumentos do genio. Perdoou-lhe sem exigir mais que o desterro d'um faccioso chamado Charidemo.

«Esta campanha tinha-o tornado tão poderoso como seu pai. Reuniu em Corintho os deputados de todas as republicas, propôz-lhes o grande projecto de subjugar o imperio dos persas, e fez-se eleger chefe da expedição. Os principaes cidadãos, e até os philosophos vieram então dar-lhe os parabens. Diogenes o cynico, celebre pelo seu desprezo das riquezas, e das ceremonias foi o unico que não appareceu, Alexandre foi-o visitar. Vendo a soberba independencia d'este homem, disse, segundo alguns historiadores: *Se eu não fosse Alexandre, desejára ser Diogenes*. Tal sentimento deveria parecer louco, porque a philosophia é falsa, ou ridicula, quando posterga os principios, e os deveres da sociedade.

«Alexandre voltou ao seu reino para fazer os preparativos. Para não perder tempo com as bodas, não quiz

casar-se. Mostrou-se prodigo para com os seus officiaes, e perguntando-lhe um d'elles o que conservava para si, a *esperança*, tornou elle. Antipater foi encarregado de guardar a Macedonia com treze mil homens. O rei só tinha trinta e cinco mil no seu exercito, porém tropas excellentes, commandadas por generaes velhos. Partiu sem mais fundos que setenta talentos, e com viveres só para um mez, porque contava sobre a fraqueza dos inimigos, e a sua fortuna.

«O imperio dos persas aproximava-se com effeito de dia em dia da sua ruina. A sua demasiada extensão, os vicios do governo, a escravidão do povo, e a depravação dos principes deviam occasionar a sua destruição. Os satrapas, estando mui distantes da côrte, eram quasi soberanos independentes, e a côrte era um theatro de crimes, e revoluções. Ocho, successor d'Artaxerxes, tinha derramado o sangue de seus proprios irmãos, e de sua irmã. O eunucho Bagoas assassinou-o, pôz no lugar d'elle Arses, a quem assassinou igualmente, e no lugar de Arses, Dario-Codomano, a quem teria tambem assassinado, se este principe o não tivesse prevenido. Era este Dario que reinava, quando Alexandre passou para a Asia.

«Este heroe, depois de ter honrado na Phrygia o tumulo d'Achilles, passou o Granico em presença dos inimigos, e fêl-os retirar. Era aquella uma acção mui perigosa, porém julgou-a necessaria para inspirar terror, e o exito justificou a sua temeridade.

«Memnon de Rhodas, que era o melhor general de Dario, tinha dado inutilmente o conselho d'evitar o combate, e d'assolar as terras por onde os gregos deviam passar, a fim de que não achassem viveres. Se o satrapa da Phrygia o tivesse seguido, o exercito de Alexandre ter-se-hia destruido por si mesmo. Depois aconselhou que se fizesse a guerra na Macedonia, para obrigar o vencedor a ir defender os seus proprios estados. Dario consentiu n'isso, e encarregou Memnon de executar o projecto. Mas este general morreu n'um assedio, e a sua morte fez que se abandonou o unico meio de salvação.

«A Asia Menor foi submettida em mui pouco tempo. Passaram-se os montes de Cilicia, onde os persas não ousaram mostrar-se, e tomaram-se as riquezas de Tarso, cidade opulenta, a que elles principiavam a deitar fogo. Foi alli que Alexandre se banhou imprudentemente no Cydno, estando coberto de suor. Sahiu d'aquelle banho com uma molestia, que o pôz ás portas da morte. Tinham-lhe escripto falsamente, que o seu medico Philippe, queria envenenal-o. Alexandre mostrou-lhe a carta, e bebeu um remedio que Philippe lhe apresentava. Esta firmeza d'alma contribuiu muito para a sua cura.

«Dario vinha á pressa para combater. Em vez d'esperar os gregos nas planicies da Assyria, onde poderia desenvolver contra elles todas as suas forças, metteu-se n'uns desfiladeiros, onde não podia manobrar. A sua confiança cega fez-lhe rejeitar os bons conselhos, e a que desgraças o não expunha? A batalha d'Isso monstrou-lhe que um exercito innumeravel, mal disciplinado, e mal governado não é nada contra bons soldados, commandados por um heroe, e excellentes capitães. Só disputaram a victoria trinta mil gregos, que tinha a seu soldo, mas Alexandre, depois de ter dissipado o resto, destroçou-os.

«Dario mostrou ao menos que tinha valor, pois só fugiu quando os cavallos do seu carro estavam trespassados de golpes. Perdeu, segundo dizem, cento e dez mil homens. Sua mãi, sua mulher, e seus filhos ficaram prisioneiros. Alexandre foi consolal-os, e tratou-os generosamente. Sisygambis, mãi de Dario, vendo-o entrar com Ephestion, seu favorito, deitou-se aos braços d'este official, que tomava pelo rei. Reconhecendo o seu engano, temia têl-o offendido: *Não, minha mãi*, lhe diz o rei, *não vos enganaes, porque elle tambem é Alexandre.*

«O historiador Quinto-Curcio refere differentes passagens semelhantes a esta, que não devem acreditar-se,

porque é pouco veridico. Temamos misturar a fabula com a historia, e sigamos a marcha do conquistador. Depois da batalha d'Isso, passou para a Syria. Um dos seus generaes tomou Damasco, cidade, onde estavam fechados os thesouros de Dario. Acharam-se alli trezentas mulheres, e mais de quatrocentos officiaes destinados aos seus prazeres, e luxo; havia com que carregar de presa mais de sete mil animaes. Eis ahi o que tornava os reis da Persia tão fracos, quanto orgulhosos.

«Dario escreveu ao vencedor uma carta cheia de altivez, em que o exhortava a terminar aquella guerra injusta, e lhe pedia sua mulher, sua mãi, e seus filhos. Alexandre respondeu, como senhor da Asia, que queria ser reconhecido por tal. Todavia não perseguiu então os persas. Marchou sobre Tyro, talvez com o fito de se apossar do imperio dos mares, e de conter os gregos; pois havia motivos para suspeitar seus designios, visto terem-se achado em Damasco embaixadores de Athenas, de Sparta, e de Thebas. Apresentou-se, como para fazer um sacrificio a Hercules. Os tyrios fecharam-lhe as suas portas, e elle tentou arrombal-as.

«A antiga Tyro, aquella cidade celebre da Phenicia, já não existia. A nova estava fortificada n'uma ilha, defronte das ruinas da antiga. Sem uma armada parecia irreductivel. Alexandre, a quem nenhum obstaculo podia conter, quiz juntar a ilha ao continente por meio d'uma calçada, que a tornasse accessivel. Á força de trabalhos aquella obra estava quasi concluida. Os tyrios, e as ondas destruiram-n'a. Tornou-se a principiar sem demora. Por fim alguns povos da costa, mórmente os sidonios, a quem Alexandre tinha tratado favoravelmente, prestaram-lhe embarcações. Tornou-se então mais rigoroso o assedio, no qual se usou de toda a especie de machinas de ambas as partes. Passados sete mezes de resistencia, a cidade foi tomada d'assalto. Morreram pouco mais ou menos oito mil tyrios; os prisioneiros, cujo numero era de trinta mil, foram vendidos, e o conquistador, maculado de mortandades, fez o seu sacrificio a Hercules.

«Segundo o historiador judeu Josepho, estava para tratar da mesma sorte Jerusalem; mas á vista do grão-sacerdote, que lhe tinha apparecido em outro tempo em sonhos, e lhe havia promettido a conquista da Asia, prostrou-se para adorar o nome de Deus escripto sobre os ornatos pontificaes.

«A historia d'Abdolonymo deve expôr-se. Este Abdolonymo, a acreditarmos o que diz Quinto-Curcio, descendente do sangue real de Sidon, achava-se reduzido a viver do seu trabalho, cultivando um jardim. Como o rei Straton tinha sido desthronado por alliado de Dario, offereceu-se-lhe aquella corôa, que aceitou com repugnancia. Alexandre perguntou-lhe, como tinha supportado a miseria. *Permittam os deuses*, respondeu elle, *que eu possa supportar a realeza com a mesma força! Estas mãos deram-me para todos os meus desejos, e posto que não possuia cousa alguma, nunca me faltou nada.* Este facto é pelo menos um lance de moral instructivo.

«Alexandre tomou a cidade de Gaza, que Betis defendia valorosamente. Ou fosse por colera, ou por orgulho, ou politica cruel, vingou-se alli de uma maneira atroz. Foram passados ao fio da espada dez mil homens, o resto foi vendido, até as mulheres, e as crianças, e o intrepido Betis ligado pelos calcanhares a um carro, e arrastado á roda da cidade até expirar. Alexandre gloriava-se de imitar Achilles por aquella atrocidade.

«Passou para o Egypto, onde os persas eram odiados, mórmente por desprezarem a religião d'aquelle paiz. Receberam-no, como um libertador, e para fazer amar a sua dominação, permittiu aos egypcios, que seguissem os seus costumes, e as suas leis. Levou-o uma vaidade louca ao templo de Jupiter-Ammon através dos areaes ardentes, onde o exercito de Cambyses tinha morrido em outro tempo quasi todo. Os historiadores dizem,

que sahira d'aquelle perigo, por milagre. Queria fazer-se declarar filho de Jupiter. O oraculo deu-lhe esse titulo. Sua mãi Olympias escreveu-lhe, rindo, *que a não malquistasse com Juno*, dando-lhe a entender quanto era ridicula a sua divindade; mas Alexandre pensava sem duvida que illudia o vulgo.

«Fundou no Egypto a cidade de Alexandria, que veio a ser uma das mais florescentes do mundo. N'isto mostrou ser verdadeiramente um grande homem. Os monumentos uteis, e duraveis dão tanta gloria, quanto horror devem inspirar as conquistas destructivas.

«Dario tinha enviado novos embaixadores offerecendo a Alexandre sua filha para casar; e dando-lhe por dote todas as provincias situadas entre o Euphrates, e o Hellesponto. Parece que a prudencia não permittia que se rejeitasse aquelle offerecimento. Parmenion disse, que aceitaria, se fosse Alexandre. *E eu tambem*, tornou o rei, *se fosse Parmenion*. Rejeitou desdenhosamente, querendo ter tudo, ou expôr-se a perdel-o. Dario teve tempo para reunir de sete a oitocentos mil homens.

«O seu inimigo passou o Euphrates, e o Tigris sem obstaculo. Os dous exercitos combateram em Arbellas. A ala esquerda dos macedonios esteve em perigo, e a cavallaria dos persas já roubava nos arraiaes. Alexandre, victorioso na ala direita, ordenou que deixassem levar as bagagens, e que tratassem sómente de vencer. Conseguintemente, redobraram os esforços, e dirigiram-nos ao ponto essencial. Não tardou muito, que a victoria fosse completa, custando menos de mil e duzentos homens. Dario perdeu perto de trezentos mil, foi arrebatado pelos seus, que fugiam, e assassinado por Besso, que era um dos seus satrapas. Terrivel sorte d'um monarcha tão poderoso, e mais estimavel que todos os seus predecessores! N'elle acabou o imperio dos persas.

«O conquistador achou nas principaes cidades riquezas immensas, que corromperam os macedonios, assim como tinham corrompido os seus inimigos. Até elle, sentiu o veneno da fortuna, e cahiu em excessos de fasto, ingratidão, e devassidão. O palacio dos reis em Persepolis foi reduzido em cinza. Diz-se, que ordenára aquella barbaridade n'um excesso de devassidão. Os macedonios ficaram indignados de o verem trocar o seu vestido pela pompa asiatica, e aspirar até ás adorações dos seus subditos.

«Formou-se uma conspiração nos arraiaes, de que teve informações Philotas, filho de Parmenion, mas de que não fallou pela julgar falsa. O rei mandou-o executar por traidor. Parmenion, que tinha sido intimo de Philippe, e a quem Alexandre devia uma parte das suas victorias, foi depois assassinado por ordem sua. Não obstante conservava sobre os seus soldados tal imperio, que desarmou com uma palavra os sediciosos. Besso tinha tomado o titulo de rei na Bactriana, e na Sogdiana, provincias do norte. Alexandre foi perseguil-o alli, e aquelle assassino de Dario teve a sua vez. Até os scythas foram vencidos; mas os detalhes de tantas expedições seriam inuteis.

«O horror, que acompanha a morte de Clito é uma grande lição para os homens. Este velho official tinha salvado Alexandre n'um combate, e era amado por elle; conservava a liberdade dos costumes passados. Um banquete, onde teve demasiada, foi a occasião da sua morte. O rei, estando embriagado, entrou a louvar as suas proprias façanhas, e a diminuir as de Philippe. Clito não pôde conter a sua indignação, e offendeu-o com algumas palavras de despeito. Alexandre alevantou-se furioso, pegou n'um dardo, correu atraz d'elle, e matou-o. A esta acção succederam os remorsos, e o desespero. Fechou-se na sua barraca, e não podia soffrer-se a si mesmo; mas os cortezãos tranquillisaram-no; e a baixeza chegou a ponto de se declarar por um decreto, que a morte de Clito tinha sido um acto de justiça. Desde então não houve mais nem justiça, nem liberdade.

«O philosopho Callisthenes por ter

combatido a proposição, feita por um vil cortezão, de render ao rei honras divinas, pareceu a este monarcha um rebelde. Suppozeram-no cumplice de uma conspiração, e sem mais provas deitaram-no n'uma masmorra, onde morreu. Os macedonios pareciam submettidos ao jugo do despotismo.

«Passadas façanhas, e fadigas incriveis, foi obrigado a retrogradar, porque as tropas já o não queriam acompanhar para mais paizes desconhecidos. Embarcou-se no Indo para vêr o oceano. O fluxo, e o refluxo do mar intimidou os seus pilotos, que eram gregos, porque não tinham idéa d'um phenomeno tão assombroso, posto que natural. Todavia para satisfazer a sua curiosidade visitou duas ilhotas, e foi todo o proveito que tirou da sua expedição á India.

«Conta-se, que dissera, quando passou o Hydaspes: *O athenienses! poderieis vós crêr, que eu me expozesse a tantos perigos para merecer os vossos louvores.* Diz-se que desejava poder ser testemunha da impressão, que havia de fazer depois da sua morte a leitura da sua historia. Sem duvida a paixão da gloria animava-o, e sustinha-o n'aquellas empresas tão perigosas, porém não via que a verdadeira gloria consiste em immortalisar-se por cousas uteis, e empresas louvaveis. Um furioso, chamado Erostrato, queimou o templo d'Epheso, uma das maravilhas do mundo para fazer o seu nome immortal. Um conquistador que só destruisse, e assolasse, mereceria a celebridade d'este Erostrato.

«Em quanto Alexandre andava pela India, redobravam as desordens na Persia. Quando voltou foi-lhe necessario castigar os governadores corrompidos, e reprimir as sedições das tropas. Casou com duas princezas de sangue real, uma das quaes era Roxana, e para unir os dous povos convidou os macedonios a fazer allianças da mesma natureza. Era necessaria esta politica. Concebeu grandes projectos de marinha, e de commercio. Quiz abrir em Babylonia um lago para uma grande armada. Tornou a entrar no oceano pelo rio Euleo, porém chegava o termo fatal.

«Ephestion tinha succumbido aos excessos da gula. Este exemplo não tornou Alexandre mais sobrio; morreu da mesma maneira em Babylonia de idade de trinta e tres annos. A sua molestia durou muito e deu-lhe tempo para mostrar uma fraqueza supersticiosa. Confiou-se nos sacerdotes astrologos, cujas predicções tinha desprezado anteriormente. Não quiz designar o seu successor, e disse que deixava o imperio *ao mais digno*, acrescentando que lhe fariam funeraes sanguinolentos. O fructo de tantas conquistas devia ser a divisão dos seus estados, e a guerra civil.» (*Historia antiga*).

QUARTO SECULO (depois de Jesus Christo). *Juliano, o apostata, o imperador Graciano, e o poeta Claudiano.* 1. Juliano, o apostata, imperador romano, reincidiu nos erros do paganismo, após ter perseverado christão vinte annos; não obstante, guardou notavel austeridade de costumes. «Mostrem-me, disse elle, um homem que empobrecesse por haver sido esmoler; as esmolas que eu dei enriqueceram-me, apesar da minha prodigalidade. Dê-se a toda a gente, e mais, a mãos largas, ás pessoas honestas; não neguemos, porém, o urgente a ninguem, nem ao nosso proprio inimigo; porque não é ao caracter ou aos costumes que esmolamos, senão que ao homem.»

Em quanto demorou na Antiochia, aconteceu-se ajoelhar-se-lhe um homem, supplicando-lhe a vida. Perguntou Juliano quem era tal homem; responderam-lhe que era Theodoto, o qual — acrescentaram — reconduzindo Constancio que vos atacava, o felicitava de antemão pela victoria, e o conjurava com lagrimas e suspiros que enviasse incontinente a Hieraple a cabeça do rebelde... que era a vossa. — «Ha muito que eu sei isso — tornou o imperador — e, voltando-se a Theodoto, disse-lhe: vai para tua casa sem medo: vives sob o reinado de um principe que, conforme á maxima

de um grande philosopho, procura cordealmente diminuir o numero dos seus inimigos e augmentar o dos amigos.»

Com uma resposta sabia e digna castigou o zelo indiscreto de um advogado que, sem provas, accusava de concussionario o presidente da Gallia Narboneza: «Se elle nega, exclamava o advogado, quem será jámais culpado?» «E, se basta affirmar—replicou Juliano,—quem será jámais declarado innocente?»

Apparecendo-lhe um sujeito trajado ao bizarro para o barbear, disse elle: «O que eu preciso é barbeiro e não senador.»

Nos seus derradeiros momentos deu a perceber a tranquillidade de heroe e de sabio.

«Meus amigos, disse elle aos que por curiosidade lhe rodeavam o leito de morte, gostosamente me submetto aos decretos eternos, convicto de que o grande apêgo á vida quando é mister morrer é cobardia tamanha como querer a morte quando é necessaria a vida.» Morreu aos trinta e tres annos de idade, tendo reinado cêrca de dous. (Veja Judeus).

2. O imperador Graciano, cuja moderação poupou ao imperio a guerra civil, conveio em dividir o imperio do Occidente com seu irmão Valentiniano II. Assignalou-se na guerra por actividade e bravura, sendo o primeiro a peito com o inimigo e curando paternalmente os seus soldados.

Santo Ambrosio elogia-o grandemente. Era instruido, e do poeta Ausonio lhe viera a dilecção das letras, pelo que lhe fôra constantemente grato. Nomeando-o questor e prefeito do pretorio, escreveu-lhe estas affectuosas expressões: «Quando cuidava em nomear consules para o corrente anno, invoquei a divina assistencia, como sabeis que é meu costume em tudo que emprehendo, e como sei que folgaes que eu faça. Entendi que devia nomear-vos consul, e que o céo exigia de mim tal testemunho de gratidão pelas uteis instrucções que me déstes. Dou-vos, pois, o que vos devo; e, como sei que ninguem a ponto se desobriga com os paes nem com os mestres, confesso que ainda vos devo tudo que não posso solver comvosco.» E pelo mesmo correio envia a toga consular, a mesma que os imperadores vestem em dia de triumpho.

3. O poeta Claudiano, que vivia por esse tempo, celebrou a gloria de seus mestres e protectores. Tomou a peito desmascarar e profligar os vicios.

QUARTZO. Qual será o agente de que a natureza se serve na producção do quartzo? qual o monstro, ou dissolvente capaz de formar crystallizações perfeitas de uma grandeza tão consideravel? Deveremos limitar ao acido fluorico exclusivamente a força dissolvente da terra siliciosa, medindo temerariamente a extensão immensa e occulta do poder da natureza pelos nossos actuaes e acanhados conhecimentos? A acção já conhecida de outros acidos, ainda que muito menor, sobre ella, não nos deve induzir a suspeitar por uma bem entendida analogia restarem ainda muitos outros, que nos são totalmente desconhecidos? Quando porém assim não aconteça na realidade, por ventura conhecemos já bem completamente todo o jogo e combinações de affinidades dobradas, que reciprocamente exercitam entre si todos os corpos do reino inorganico, ainda limitando-nos áquelles de que temos conhecimentos adiantados? Sem hesitação podemos affirmar ser esta ainda presentemente a parte mais atrazada da chimica. Mas de facto servir-se-ha d'este meio na formação d'este producto a fecunda natureza? A acção reconhecida, e privativa do dissolvente composto dos dous acidos nitrico e muriatico, formando a agua regia, sobre o ouro, inaccessivel a cada um d'elles de per si não nos indica pelo menos esta possibilidade? A maior ou menor porção de oxygeneo, que entra na composição dos acidos, cujos radicaes são susceptiveis de diversos graus de saturação, com elle não produz por isso mesmo uma diversidade

manifesta não sómente na intensão, mas inda mesmo na differença essencial, nas suas propriedades e affinidades? Restar-nos-hão portanto alguns meios de chegar a descobrir os de que a natureza usa para produzir o crystal de rocha e o quartzo; ou devemos para sempre renunciar a esperança de podermos extorquir-lhe este segredo? Parece-me que temos ainda tratado este corpo com muito poucos agentes para podermos pronunciar definitivamente reduplicadas experiencias por diversos acidos combinados; a acção reunida de differentes gazes por meio do fogo, a combinação com differentes terras, e mesmo com as substancias metallicas, é muito de presumir nos devam patentear a verdadeira origem do quartzo, os agentes, e marcha seguida pela natureza, activa e lenta nas suas operações, para chegar a formar os enormes crystaes, que admiramos nos Alpes, na Suissa, e na America; posto que de menor grandeza.

Privados d'estes conhecimentos ser-nos-ha entretanto impossivel darmos aos nossos vidros e massas artificiaes a dureza, e esplendor do crystal de rocha natural? Não poderemos prescindir dos oxydos metallicos para dar a côr ás nossas pedras preciosas artificiaes, os quaes tornam de uma despeza consideravel a sua composição, principalmente as vermelhas, e purpureas? A abundancia de vidros corados que encontramos em edificios antigos não depõem um testemunho evidente de terem possuido os nossos antepassados muito mais adiantada esta preciosa arte, quando faltasse a authoridade de tantos historiadores que nos tem transmittido este facto? Não poderemos recuperar jámais o segredo de dar ao nosso vidro commum a preciosa qualidade de se poder estender a martello sem quebrar, d'utilidade conhecida pelos romanos, e de que a precipitada barbaridade de Tiberio nos tem privado até agora?

As nossas terras, e campos inundados de arêas quartzosas ficarão para sempre esterilisadas sem remedio? Quando mesmo não haja meio algum de descobrir novos dissolventes facilmente applicaveis a este fim, não poderemos tirar dos nossos actuaes conhecimentos alguma vantagem em beneficio da agricultura? A simples mistura de varias terras, especialmente das margas calcareas, não deveria produzir resultados favoraveis, e efficazes no melhoramento dos fundos de terra arenosa, pelo menos d'aquelles que estão livres pela sua situação de causas perennes, e progressivas da accumulação de novas torrentes de arêa? Reunindo a acção do fogo á previa preparação, que a chimica e a botanica de mãos dadas nos ensinam ser conveniente aos terrenos d'esta natureza, seria inteiramente vã a nossa esperança de melhorar, e baldados de todo os nossos assiduos trabalhos? Algumas carradas de terra calcarea, as urinas dos animaes, as plantas alcalinas, tanto verdes como seccas em especial; e geralmente todos os estrumes vegetaes, não seriam outras tantas causas de fertilidade nas terras quartzosas, capazes, quer per si cada uma separada, quer todas juntas reunidas, conforme a situação local, a economia, e praticas locaes corrigidas ou respeitadas, o possam permittir, uma vez que o fogo augmente e fecunde a sua acção e influencia, efficaz sempre, mas muito mais lenta e vagarosa sem o soccorro da sua actividade? O methodo proposto e reconhecido por muitos insignes agronomos como um dos mais vantajosos e efficaz, e ainda economico para supprir a falta de estrumes em certos fundos de terra por meio da combustão, ou calcinação, deixaria de produzir resultados felicissimos applicado aos nossos campos inundados de arêas quartzosas, previamente dispostos com os possiveis estrumes apontados? Mas limitando-nos aos mineraes e vegetaes, quanto não devemos esperar da simples terra calcarea soccorrida da acção do fogo por meio de alguns vegetaes, da turfa, ou do carvão de pedra, conforme as circumstancias o permittam? A notoria e reconhecida fecundidade das fraldas do Etna, do Vesuvio, do

Caucaso, e de todos os montes volcanicos em geral, não depõe altamente em nosso favor por uma não remota analogia? Qualquer que seja a influencia da electricidade n'este caso, é manifesto não ser ella o agente exclusivo do grande prodigio de tornar fecunda a terra vitrificada. O grande e energico jogo dos meteoros, desenvolvendo diversos gazes, e pondo-os em acção capaz de fixar ou desligar as suas differentes bases; a materia da luz, o calorico, e a agua, todos reunidos, são até ao presente os agentes chimicos e mecanicos que conhecemos, além do fluido electrico, capazes de produzir e fornecer os principios da vegetação. A arte chega a promover a sua acção, e supprir mesmo a sua falta por meio dos estrumes, lavouras, regas, e mais operações da cultura, cuja ultima perfeição deve consistir na resolução do grande e difficultoso problema economico de tirar da natureza em beneficio da nossa existencia, e commodidade, o maior partido possivel, com o menor custo possivel.

QUINA. «A quinaquina, ou por abreviação quina, é uma arvore da America meridional, e de que ha varias especies; a sua casca, conhecida tambem pelo nome de casca peruviana, é notavelmente febrifuga; e é bem conhecida em o nosso paiz a frequente applicação que d'ella e de seus extractos fazem os facultativos para o curativo da molestia pertinaz, que denominamos sezões. O nosso poeta Tolentino a designou no primeiro de seus inimitaveis sonetos com este verso:

A amarga casca da saudavel quina.

«A arvore dizem que terá pouco mais ou menos quinze pés d'altura, e que no aspecto geral se parece com as nossas cerejeiras: acha-se abundantemente nos sitios montanhosos do districto de Quito, no Perú, e os botanicos a distinguem pelo nome de *cinchona cordifolia;* propaga-se espontaneamente das proprias sementes.

«Varias são as narrações da maneira por que foram descobertas as virtudes da quina. Dizem alguns que um indio do Perú, que padecia maleitas contumazes, se curára bebendo da agua de uma lagôa, onde havia muito tempo que estavam de molho arvores da quina, que nas margens cresciam e as tempestades ou a velhice tinham derribado, por fórma tal que as aguas participavam já do amargor e propriedades da casca; que este successo dera causa a observações que a pratica confirmou vantajosamente. Pelo meiado do seculo XVII a condessa de Cinchon, mulher do vice-rei hespanhol do Perú, curou-se de sezões com os pós, ou infusão da quina, ministrada por indios, a qual d'esta circumstancia tomou o nome de *cinchona,* que os botanicos adoptaram. Os jesuitas, que então n'aquelles districtos regiam principalmente as missões, propagaram na Europa o uso da casca peruviana, que foi por muito tempo denominada *casca dos padres jesuitas.* Entre as varias especies de quina distinguem-se principalmente a vermelha e a amarella, cujos caracteres se encontram nas obras de botanica e de materia medica. No tomo III das *Memorias da academia das sciencias de Lisboa* se acham uma memoria do dr. Bernardino Antonio Gomes, sobre o cinchonino, e as experiencias sobre a quina do Rio de Janeiro comparada com outras especies da mesma casca.» (*O Panorama*).

QUINTILIANO. Nasceu em Roma, não se sabe quando. Authores houve que o suppozeram nascido em Hespanha. Se assim fosse, Marcial tel-o-hia celebrado entre os iberos insignes. Este poeta, na homenagem que lhe presta, declara-o romanó. Se é difficil destrinçar-lhe os lances da vida, é facillimo aquilatar-lhe o merito da obra, o mais completo curso de rhetorica legado pelos antigos. O author cimenta como principio que nenhum author póde ser perfeito, se não é homem de bem, *vir bonus, bene dicendi peritus;* e rigorosamente consequente

requer-lhe não só o talento da palavra, senão todas as virtudes moraes.

Confiou-lhe o imperador a educação de seus sobrinhos, e nobilitou-o com as insignias consulares. Correspondendo cabalmente á confiança que lhe testemunharam, Quintiliano renunciou o exercicio forense, apesar das honras e interesses, e dedicou-se por espaço de vinte annos a leccionar a juventude romana. As suas *Instituições oratorias*, são o fructo da vida retirada, quando já orçava pelos sessenta annos. Transmittiu-nos a antiguidade este illustre nome com os maximos encomios. Marcial denomina-o *honra da toga romana;* mas o seu superior encarecimento é o livro que deixou.

QUINTO SECULO (antes de Jesus Christo). «Dario, filho d'Hystaspe, possuia o vasto imperio fundado por Cyro. Quiz dilatal-o até á Europa, e vingar-se d'Athenas, por ter soccorrido os jonios alevantados contra elle. Esta colonia grega da Asia menor tinha recorrido em vão aos sparciatas, mas os athenienses tinham um motivo particular para se interessarem por ella. O rei da Persia, recebendo Hippias, e tencionando restabelecel-o, parecia-lhes um inimigo tanto mais digno do seu odio, que estavam então no maior enthusiasmo da liberdade. Não obstante a Jonia não tardou a ser submettida.

«Dario apenas submetteu a Jonia, mandou pedir á Grecia *a terra, e a agua*, isto é, que o reconhecesse rei. Sparta presidia os negocios publicos da Grecia, e indignada de semelhante proposição mandou matar dous dos enviados, ou embaixadores d'este terrivel monarcha, e trazer a Sparta, como traidores á patria os principaes cidadãos de Egina, cidade situada n'uma ilha perto d'Athenas, por terem cedido á força.

«A maior parte das outras cidades, submetteram-se por medo a Dario. Parecia que tudo indicava a sujeição da Grecia. Porém os homens livres, combatendo pelos seus lares, tem na sua coragem grandes recursos contra exercitos d'escravos.

«Passaram o mar mais de cem mil persas, e vieram cahir sobre a Attica. Os athenienses reclamaram o soccorro dos sparciatas, mas respondeu-selhes que um costume religioso impedia de entrar em campanha antes da lua cheia, que era preciso esperar alguns dias, e que depois se iria soccorrel-os. Os outros povos não ousaram mover-se, excepto os plateenses que enviaram mil soldados. N'este perigo tão grande Athenas armou os seus escravos, e como os tratava humanamente, podia contar sobre elles, em quanto Sparta não via nos seus senão inimigos. O exercito atheniense só era de dez mil homens. O numero dos generaes era um mal inda mais perigoso do que a falta de soldados. Havia dez, que deviam commandar alternativamente cada um vinte e quatro horas. Os ciumes do commando, e a contrariedade dos pareceres podiam perder tudo.

«Estes generaes deliberaram se se atacaria o inimigo, ou se se esperaria na cidade. Esperal-o parecia mais seguro. Porém Milciades, contra a opinião geral, assegura que é melhor atacal-o, e que uma medida vigorosa poderia alcançar a victoria. Aristides fez prevalecer este parecer, e de mais, como a execução exigia um chefe só, renunciou o seu dia de commando em favor de Milciades. Os outros chefes seguiram todos este exemplo tão generoso, e tão util. Partiu-se contra o inimigo. O general postou-se vantajosamente, suppriu o numero pela sciencia militar, e pelo valor, e obteve uma victoria completa em Marathon no anno 490 antes de Jesus Christo.

«Posto que os sparciatas tinham feito uma marcha forçada de tres dias não chegaram senão no dia seguinte ao da batalha. Elles deveriam sentir quanto o costume supersticioso, que os tinha retardado, era contrario á razão, pois que podia ter feito muito mal aos negocios.

«Os persas souberam do seu lado de que é capaz o heroismo, quando é

dirigido por bons conselhos. Fugiram precipitadamente diante d'esses athenienses, que tinham ordem de levar carregados de cadeias; e estes tomaram-lhe, ou queimaram-lhe differentes embarcações. O bravo Cynegiro teve a mão direita cortada, e depois a esquerda, em quanto tentava reter uma embarcação sobre a costa; por fim agarrou-a com os dentes, e recebeu alli o golpe mortal.

«A gloria devia ser a recompensa dos favores feitos á patria. Erigiramse monumentos aos mortos, pintou-se a batalha de Marathon, e a unica graça concedida a Milciades foi a de o representar á testa dos combatentes. Não tardou este general a sentir a ingratidão dos athenienses, a quem a menor suspeita fazia esquecer os maiores serviços. Accusaram-no, porque tendo-lhes pedido uma esquadra para castigar os insulares, cuja fidelidade se tinha desmentido, e não tendo vencido em Paros, voltára ferido, depois de ter feito um longo assedio, e condemnaram-no a pagar as despezas da esquadra. Morreu na prisão, não tendo pagado a somma. Seu filho Cimon para lhe fazer os funeraes foi obrigado a pedil-a a seus amigos. Todavia que seria feito de Athenas sem Milciades?

«Depois de Milciades tiveram dous homens grandes a principal influencia sobre o governo. O primeiro é Aristides, homem d'uma probidade intacta, inimigo da injustiça, n'uma palavra tão perfeitamente virtuoso, que lhe fizeram publicamente no theatro a applicação d'este verso d'Eschyles: *Quer ser justo, e não parecel-o.* O segundo era Themistocles, que reunia muita ambição a muito talento, homem cheio de fogo, e de audacia, e pouco escrupuloso sobre os meios de avançar, em fim capaz de ser o defensor, ou o oppressor de sua patria.

«Como as facções disputavam entre si continuamente a authoridade, Aristides inclinava-se para o lado dos principaes cidadãos, porque eram os mais sabios. Themistocles declarava-se ao contrario pelo povo, cuja benevolencia captava, adulando-o. Mas não podendo ser o primeiro chefe sem desviar um rival tão respeitavel, empregou toda a sua finura para o tornar suspeito, e pediu-se o ostracismo contra Aristides.

«Um lavrador que o não conhecia, e que não sabia escrever, pediu-lhe a elle mesmo na assembléa geral, que lhe escrevesse o nome d'Aristides, porque os votos davam-se por escripto sobre uma concha. *Que mal vos fez esse homem?* lhe tornou o cidadão virtuoso. *Nenhum*, respondeu o lavrador, *porém já estou cançado de ouvil-o chamar por toda a parte o justo.* Aristides escreveu o seu nome; e condemnado ao desterro, pediu aos deuses *que não permittissem que Athenas tivesse motivo para se arrepender.* Quem poderia deixar de ter saudades de tal personagem?

«Ao menos Themistocles fez esquecer a vergonha da sua injustiça pelos seus grandes projectos, e grandes acções. Prevendo os perigos, que ameaçavam a patria, e julgando que o principal recurso d'Athenas devia ser a marinha, que tinha sido mui desprezada até então, persuadiu aos athenienses, que consagrassem a este objecto as suas minas de prata, de que dividiam entre si as rendas. Com aquelle dinheiro construiu cem galeras, que foram a muralha da republica.

«Dario preparava-se para outra expedição, cuja execução lhe cohibiu a morte. Mas Xerxes, seu filho, e successor, tão violento, quanto orgulhoso, seguiu os seus projectos de vingança com todo o fervor imaginavel. Segundo o historiador grego Herodoto, o exercito dos persas constava de alguns milhões de homens; o monarcha mandou fustigar o mar, porque uma ponte de barco, sobre que as suas tropas deviam passar o Hellesponto, tinha sido rompido por uma tempestade, condemnou á morte os que tinham feito a ponte, e abriu o monte Athos para abrir uma passagem á sua esquadra. Semelhantes narrações são quasi outras tantas mentiras, e só servem para nos animar a

desconfiarmos dos historiadores credulos, ou amantes do maravilhoso. Arguem-se os gregos de terem mentido por vaidade, e este defeito é commum a quasi todos os povos antigos.

«Na côrte da Persia havia desterrado um rei de Sparta por nome Demarato. Xerxes perguntou-lhe, se os gregos ousariam defender-se, ao que elle respondeu, fallando particularmente dos sparciatas: *São livres, mas dominados pela lei, e esta ordena-lhes que vençam, ou que morram.*

«Sparta, e Athenas receberam de Demarato a noticia dos preparativos do rei da Persia, e convidaram logo a nação para pegar nas armas; mas ou por medo, ou por ciumes a maior parte dos alliados desligaram-se da confederação. Não obstante prepararam-se corajosamente para a guerra. Os athenienses elegeram a Themistocles para general. Depois da batalha de Marathon, admirado da gloria de Milciades, andava inquieto e pensativo a tal ponto que não dormia. Quando os seus amigos lhe perguntaram pelo motivo de tal agitação respondeu: *Ha! os trophéos de Milciades não me deixam repousar.*

«Tinha desviado por meio de grandes dadivas um competidor indigno, que lhe disputava aquelle emprego; e o bem publico exigia que se lh'o concedesse; provou então que o animava um zelo verdadeiro, pedindo que se chamasse Aristides, seu rival, cujos serviços eram necessarios nos perigos. Os sparciatas aspiravam ao governo da esquadra, apesar de que os athenienses tinham apparelhado os seus dous terços. Os alliados favoreciam a sua pretenção e a escolha cahiu sobre Eurybiades, que a não merecia. Themistocles, para evitar uma dissenção, consentiu em tudo; mas annunciou aos athenienses, que bem depressa se lhes cederia a honra do commando, se elles fizessem o seu dever.

«Xerxes chegou em fim ás Thermopylas, desfiladeiro por onde devia passar. Leonidas, rei de Sparta, esperava-o alli com quatro mil homens. Este heroe quando lhe vieram dizer, que depozesse as armas respondeu, *vinde buscal-as.* Os persas atacaram-no, e foram repellidos. Infelizmente descobriram um carreiro para subirem á altura sem serem vistos. Este posto já não podia defender-se. Mas Leonidas julgou-se obrigado a expôr-se alli a uma morte certa. Depois de ter mandado embora os outros gregos, ficando sómente com trezentos sparciatas, resistiu ao inimigo, e fez grande destroço. Mas opprimido pelo numero dos persas, morreu com os seus soldados, excepto um só, que foi levar a noticia da acção.

«Este, que escapou, foi tratado em Sparta, como um cobarde desertor, em quanto não lavou aquella vergonha com novas provas de bravura. Pozeram depois nas Thermopylas esta inscripção notavel pela sua simplicidade: *Viandante, vai dizer a Sparta que nós morremos aqui para obedecer ás suas leis.*

«Xerxes para abrir a passagem perdeu vinte mil homens; e ficando ainda mais furioso do que anteriormente, avançou pondo tudo a fogo, e ferro. Informou-se do que faziam os gregos, julgando-os consternados, e desesperados, quando vieram dizer-lhe, que estavam nos jogos olympicos, onde uma corôa de oliveira excitava a mais viva emulação. *Que homens!* exclama um grande do seu sequito, *que homens, que só combatem pela honra!*

«Todavia Athenas estava perto da sua ruina, pois que os povos do Peloponeso a abandonavam, retirando-se para o isthmo de Corintho. Tinha prophetisado um oraculo, que só em muralhas de pau poderia ella salvar-se. Provavelmente este oraculo foi inspirado por Themistocles, o qual se valeu d'este expediente para fazer com que os athenienses tomassem uma resolução tão triste, quanto necessaria.

«Como não podiam resistir a um exercito innumeravel, persuadiu-os, de que as suas embarcações eram as muralhas de pau, em que podiam salvar-se, que só ellas podiam servir-lhes d'asylo, e que até os deuses lhes ordenavam que se embarcassem. Como a religião os ligava ás suas habi-

tações, aos seus tumulos, e aos seus templos, Themistocles não poderia tiral-os d'alli sem recorrer a um motivo religioso. Pôz-se Athenas debaixo da protecção de Minerva, e ordenou-se que todos os cidadãos capazes de pegarem em armas se embarcassem, e que cada um tomasse medidas para a segurança da sua familia. A cidade de Trezene recebeu generosamente as mulheres, as crianças, e os velhos. Alguns não quizeram partir, fecharam-se na cidadella, e defenderam-se até á morte. Xerxes queimou a fortaleza, gozando dos prazeres da vingança, que uma prompta revolução devia mudar-lhe em amargura.

«No dia do combate das Thermopylas tinha-se dado outro naval perto de Artemisio, promontorio da ilha de Eubea. Inda que não ganharam uma victoria decisiva, os gregos viram que poderiam vencer, e que as manobras, e o valor suppriam as forças; bem depressa o provaram n'um dia mais digno de memoria.

«Estava a sua armada reunida no estreito de Salamina. Eurybiades, que a commandava em chefe era um sparciata pouco habil, e queria por força ir para o golfo de Corintho, onde poderia defender o Peloponeso. Pelo contrario Themistocles opinou que se ficasse no estreito, porque a esquadra inimiga, sendo mais numerosa, não podia manobrar livremente. Houve disputa, e Eurybiades chegou a alevantar o seu bastão sobre Themistocles. O atheniense disse-lhe, *bate, mas ouve;* estas palavras generosas infundiram-lhe respeito, e deixou-se governar por aquelle homem superior. Que teria acontecido, se a honra mal entendida tivesse exigido uma vingança funesta? Havia maior gloria em se vingar pelos serviços, e pela razão.

«Para armar um laço aos persas, Themistocles mandou annunciar secretamente a Xerxes, que os gregos estavam para sahir de Salamina, e que se não viesse depressa acommettel-os, perderia aquella occasião de destruir a sua armada. O rei ordenou immediatamente que se désse combate. Aristides tinha vindo unir-se a Themistocles, offerecendo-se para servir debaixo das suas ordens, e obteve d'esta maneira a sua confiança. A união d'estes dous heroes deveria servir de exemplo a quantos amam a sua patria.

«Sem o titulo de general Themistocles teve o commando, e fez prodigios na batalha de Salamina. Tomou a melhor posição relativamente ao vento, e dispôz a armada de tal sorte que não havia que temer da superioridade do numero. As embarcações dos persas pesadas, e embaraçadas no estreito não poderam resistir á manobra dos gregos, os quaes com menos de quatrocentas velas dissiparam uma armada naval, onde se contavam mais de duas mil. Em quanto Xerxes examinava d'uma altura aquelle combate, onde elle deveria estar, Artemisa, rainha de Halycarnasso combatia na sua esquadra com um valor heroico, o que fez dizer, *que as mulheres se tinham mostrado homens, e os homens mulheres.*

«O grande rei (este titulo augmentava a sua vergonha) fugiu cobardemente. Temendo que se lhe rompesse a sua ponte de barcos, porque Themistocles tinha espalhado este boato de proposito, passou para a Asia precipitadamente, deixando trezentos mil homens a Mardonio para continuar a guerra.

«Este general fez todos os esforços para dividir os gregos, e alliciar os athenienses; mas Aristides, que era então primeiro archonte, respondeu ás suas propostas com um nobre desdenho, lançando anathemas contra os que propozessem a alliança dos persas. Um cidadão, que tinha sido de parecer que se ouvisse outro deputado do inimigo, foi apedrejado immediatamente, e as mulheres no excesso da sua colera até apedrejaram a sua familia.

«Mardonio marchou bem depressa contra aquelles, a quem não podera corromper. Os athenienses abandonaram a sua cidade, como da primeira vez, e retiraram-se a Salamina. Os sparciatas não os vieram soccorrer, preferindo defender o Peloponeso.

Era este um motivo mui justo de queixa. Sparta sentiu isso, e enviou cinco mil cidadãos acompanhados cada um por sete escravos armados. As forças dos federados depois da reunião eram pelo menos de sessenta mil homens, entre os quaes só havia oito mil athenienses. Mas estes deviam ser os mais desesperados no combate, porque Mardonio acabava de destruir os restos de Athenas.

«A Beocia, sendo plana, e descoberta, era favoravel a um grande exercito, e os persas foram esperar alli os gregos. Um official prudente aconselhou a Mardonio, que não arriscasse a batalha, mas aquelle temerario general foi vencido em Platea, e morreu na acção. A maior parte do seu exercito ficou destroçado.

«Pausanias, tutor do joven rei de Sparta, era então o commandante dos gregos. Alguns dias depois da victoria, mandou preparar uma festa com todo o luxo asiatico, e um jantar mui pequeno segundo os costumes da sua patria, e fazendo notar esta differença aos seus officiaes, exclamou: *Que loucura a d'esses persas que estando acostumados a uma vida tão deliciosa, vem atacar homens que não tem nenhumas necessidades.*

«A frugalidade dos gregos, e particularmente a dos sparciatas dava-lhes sem duvida uma vantagem sobre inimigos effeminados. Porém esta foi talvez a menor causa das suas victorias. O habito dos exercicios militares, a disciplina, o valor, a liberdade, o nobre desejo da gloria, e a habilidade dos generaes, contribuiram para isso ainda mais. Além d'isso combatiam em sua casa, e tinham o maior interesse em se defender, em quanto os seus inimigos não tinham quasi nenhum em os subjugar. Como poderiam os persas, que tinham sido vencidos differentes vezes pelos barbaros, deixar de o ser, atacando estes bravos republicanos? Ainda tornaram a ser derrotados no combate naval de Mycale na Asia.

«Xerxes fugiu de Sardes, onde estava então, ordenando que se queimassem os templos das colonias gregas. Tudo concorria para tornar este principe desprezivel, e odioso, e pelo contrario tudo indicava a magnanimidade dos seus vencedores. Depois da batalha de Platea, os sparciatas, e os athenienses disputaram o premio da bravura que devia dar-se solemnemente. Esta disputa era perigosa, e para evitar as suas consequencias deu-se o premio aos plateenses, ao que annuiram Pausanias, e Aristides, generaes de Sparta, e Athenas por prudencia. Em quanto a Themistocles, a sua victoria de Salamina obteve-lhe a honra de vêr nos primeiros jogos olympicos alevantarem-se todos os gregos, quando elle chegou. Confessou que esta honra era superior a quanto elle podia desejar. A gloria é quanto basta aos verdadeiros heroes.» (*Historia grega*).

QUINTO SECULO (depois de Jesus Christo). Principia uma nova época; desmantela-se a sociedade velha; e sobre as ruinas que hão de occultar no lapso dos seculos, as suas leis e litteraturas, resta de pé sómente a cruz. O Evangelho reconciliará as velhas populações latinas com as nações até então incognitas, que constituem os estados modernos. Esta transformação territorial, politica, e religiosa, enche toda a *idade-media* que principia na primeira grande invasão do visigodo Alarico e acaba na tomada de Constantinopla pelo sultão dos turcos, Mahomet II (395-1453).

No primeiro seculo da idade-media, e V depois da nossa era, estava o mundo a talante dos barbaros; tudo se abala, tudo é agitado em Italia, Hespanha, nas Gallias, na Germania, no norte da Europa e Asia.

Os dous imperios romanos, irremissivelmente separados, são governados 60 annos pela familia de Theodosio. Dos seus dous netos, um, Theodosio II, cobarde, devasso, vacillante em meio das seitas religiosas, tributario do huno Attila, deixa ao menos a compilação de leis, chamada *Codigo theodosiano:* o outro, no Occidente, apunhala o general Actius, unico defensor que restava ao imperio depois

da morte de Stilicon. Roma, já duas vezes tomada por Alarico e Genserico, que a não atalaiaram por menospreço, recebe os imperadores que lhe impõem subsequentemente os chefes das hordas barbaras, até que se volve arraial dos herulos que riscam o titulo do imperio do Occidente. O discipulo dos gregos de Constantinopla, Theodorico-o-Grande, começando na Italia uma curta serie de reis ostrogodos, perfez a Roma uma cidade obscura do norte.

Constantinopla não teve muitos bispos corajosos como S. João Chrysostomo, cuja morte no exilio o elevou aos meritos do martyrio. As virtudes apostolicas conferem aos papas o jus de castigar os ruins principes; valem mais suas palavras que os exercitos para a salvação de Italia. S. Leão I, fallando em nome de Deus, salvou Roma das iras de Attila, que acabava de ensanguentar as Gallias.

A historia chamada byzantina começa precisamente na morte de Theodosio II, no Oriente. Depois de Marciano, immediato successor d'aquelle, o throno de Constantinopla desluziu-se outra vez, manchado por principes cobardes ou perversos, ardentes fautores de questões dogmaticas.

Datam do V seculo muitos estabelecimentos de nações barbaras na Europa. Os borguinhões procederam da Germania, e apegaram entre o Rheno e Saone, em quanto os visigodos se apossaram das provincias medias entre os Pyrenéos e o Loire, e logo de porção da Hespanha, onde os seguiram os vandalos, que depois se transferiram com Genserico a Africa.

As grandes catastrophes do imperio não interromperam o curso das contendas religiosas. Nestorio, que denegou á Virgem Maria o titulo de mãi de Deus, foi condemnado no concilio geral de Epheso em 431. O de Calcedonia (451) censurou Euthyques, «contra a qual tinha antes escripto o papa S. Leão a sua celebre carta dogmatica a Flaviano de Constantinopla, que foi canonisada no concilio, e ficou servindo de regra de fé do altissimo mysterio da Incarnação do Filho de Deus, por todas as igrejas do Oriente.

«No anno 452 vindo Attila, rei dos hunos a Roma, depois de devastar Aquilea, Pavia, e Milão, sahiu-lhe ao encontro, revestido de pontifical, o papa S. Leão com todo o seu clero: e infundiu esta vista tal respeito, ou terror ao barbaro rei, que immediatamente desistiu da empresa, e se retirou.

«No anno 476 fez-se Odóacro, rei dos herulos, senhor de Roma: com o que acabou o imperio occidental.

«No anno 456 se deu em Galliza uma grande batalha, depois da qual victorioso Theodorico, rei dos godos, tomou Braga, e captivou junto ao Porto a Recciario, rei dos suevos.

«No anno 457 morreu Marciano, imperador do Oriente, ao qual succedeu Leão Augusto. Ambos foram zelozissimos protectores da fé catholica: mas não assim Zeno, e Anastacio, que immediatamente succederam um ao outro.

«No mesmo anno se apoderaram os suevos de Lisboa.

«No anno 458 se fez á força enthronisar patriarcha d'Alexandria o impio Timotheo Eluro, hereje euthyquiano, que matou no baptisterio ao santo patriarcha Proterio.

«No anno 460 voou a gozar do eterno descanço, o grande e famoso solitario S. Simeão Estelita, o qual primeiramente retirado ao deserto de Thelanissa, distante quinze leguas de Anthiochia, viveu dez annos sobre um alto rochedo, mettido n'uma casinha sem tecto, e preso com uma corrente de quinze covados de comprido, que por uma ponta estava atada a uma grossa pedra, e pela outra ao pé direito, a fim de que ainda quando o quizera, não podesse elle sahir d'estes limites. Depois vendo que de todas as partes, não só do imperio oriental, não só da Persia, e Ethiopia, mas até dos paizes mais remotos do Occidente, como das Hespanhas, e das Gallias, vinham os povos valer-se das suas orações para remedio de toda a casta de enfermidades, que Deus com effeito curava para hon-

ra do seu servo; e chegando-se aonde elle estava, procuravam ao menos tocar o seu corpo, crendo que feito isto levariam comsigo uma especie de benção: tomou Simeão o expediente, para fugir d'estas honras, e applausos tão extraordinarios, de levantar no mesmo sitio uma columna, no principio de seis covados, depois de doze, depois de vinte e dous, depois de trinta e seis, depois de quarenta: e posto sobre ella como um homem de superior condição, e como quem era mais do céo, do que da terra; exposto a todo o tempo que corresse de verão, e d'inverno, enlevado quasi sempre na contemplação das cousas de Deus, viveu trinta e sete annos, feito um admiravel espectaculo aos homens, e aos anjos.

«Para provarem o espirito de Simeão e verem se elle tinha inventado aquelle modo de vida por vaidade, ou por moção divina; conta Evagrio, que mandaram os padres d'aquelle deserto dizer-lhe por um outro monge, que descesse da columna, e que viesse fazer com elles uma vida commum. Mas advertiram ao mensageiro, que se Simeão, intimada a ordem dos superiores, se mostrasse prompto a obedecer-lhes, o deixasse ficar vivendo sobre a columna. Chegado o monge com o recado dos padres, no mesmo ponto que o ouviu, começou Simeão a descer. Então o deteve o monge, e lhe disse: *Tem animo, arma-te de fortaleza: a tua resolução vem de Deus.*

«No anno 463 se fez á força crear patriarcha d'Anthiochia o outro impio Pedro Canafeu, que para confirmação da heresia d'Euthyques, mandou ajuntar ao Trisagio, ou hymno dos tres santos, que é o que dizemos *Santo Deus, Santo Forte, Santo immortal:* mandou ajuntar, digo, estas palavras: *Que padecestes por nós.* As quaes denotavam, que na pessoa de Christo padecera toda a divindade; e que assim não havia em Christo senão a natureza divina, por n'ella se ter convertido a humana. Por isso a este ramo d'euthyquianos chamaram os antigos *Theopasquitas.*

«No anno 468 foi tomada e devastada pelos suevos a cidade de Coimbra.

«No anno 472 morto S. Gennadio, patriarcha de Constantinopla, foi eleito em seu lugar Accacio, inimigo dissimulado do concilio de Calcedonia, d'onde resultou ficar o seu nome odiosissimo na igreja, e levantar-se depois da sua morte entre orientaes e occidentaes um funesto scisma, que deu muito que fazer aos summos pontifices.

«No anno 480 foi Constantinopla por quarenta dias continuos agitada de violentos terremotos, que a todos os habitantes fizeram fugir para o campo. Entre outras ruinas cahiu a estatua de Theodosio-o-Grande, que estava sobre uma columna na praça de Tauro.

«No anno 482 induzido d'Accacio, bispo de Constantinopla, publicou Zeno o seu chamado *Henotico,* que quer dizer *conciliatorio,* no qual se continha uma tactica abrogação do concilio de Calcedonia, que era o que queriam os fautores da heresia euthyquiana.

«No anno 484 excommungou o papa S. Felix III, n'um synodo de Roma, a Accacio de Constantinopla, o qual tão pouco caso fez da excommunhão pontificia, que mandou tirar dos disticos da sua igreja o nome do papa.

«No mesmo anno foram desterrados em odio da fé catholica, por Hunerico, rei dos vandalos, em Africa, mais de trezentos e trinta e quatro bispos: muitos dos quaes, sendo-lhes cortadas as linguas, fallavam ainda assim perfeitamente: do qual milagre se dá por testemunha ocular na sua historia *Victor Vitense,* e d'elle o referiu depois o nosso santo Isidoro de Sevilha.

«Era celebre por este tempo santo Eugenio, bispo de Carthago, que pouco depois morreu no desterro.

«No anno 485, por divina revelação feita a Anthemio, bispo de Salamina, foi descoberto na ilha de Chypre, debaixo d'uma cerejeira, o corpo do apostolo S. Barnabé, com o Evangelho, original de S. Matheus, ao peito.

«No anno 488 morreu Accacio, bis-

po de Constantinopla, com cuja memoria não duvidaram communicar seus dous santos successores, Eufemio, e Macedonio, contra o que tinham ordenado os romanos pontifices.

«No anno 490 desbaratou Theodorico, rei dos godos, em Italia, o exercito d'Odóacro, rei dos herulos, o qual acolhendo-se a Ravenna, esteve tres annos sitiado por Theodorico.

«No anno 493, feitas as pazes entre Theodorico, e Odóacro, e tendo-se convindo, que reinassem ambos igualmente em Italia, convidou Theodorico a Odóacro para um banquete, e n'elle o matou.

«No anno 500 assentou Theodorico a sua côrte em Roma, com grande contentamento e applauso dos romanos: e n'elle teve principio a monarchia dos ostrógodos, em Italia, chamados assim para differença dos visigodos, que reinavam em Hespanha.

«*Ostrógodos* quer dizer godos orientaes, *visigodos* quer dizer godos occidentaes.» (Antonio Pereira de Figueiredo).

QUINZE (Seculo). A primeira parte do seculo XV termina em 1453, na tomada de Constantinopla pelos turcos ottomanos.

«No anno 1401 é Bajazeto vencido, e feito prisioneiro pelo grão Tamerlão dos tartaros. Mettido por elle n'uma gaiola, impaciente de tamanha affronta, e deshonra, se mata Bajazeto pelas suas mãos em 1403. Dizem que n'esta batalha apresentára Tamerlão um milhão e duzentos mil combatentes; e que dos turcos vencidos morreram cento e quarenta mil.

«No anno 1409 induzidos, e auxiliados pela maior parte dos principes catholicos, fizeram os cardeaes d'ambas as obediencias celebrar o decimo sexto concilio geral na cidade de Piza, aonde concorreram vinte e dous cardeaes, quatro patriarchas, dezoito arcebispos em pessoa, e outros doze por procuradores, oitenta bispos em pessoa, e cento e dous por procuradores, oitenta e sete abbades, quatro geraes das ordens mendicantes, os grãos-mestres de Rhodes, e da ordem theutonica, os deputados das universidades de Paris, Oxford, Praga, Cracovia, e d'outras muitas, os embaixadores dos reis de França, Inglaterra, Polonia, Bohemia, Portugal, Sicilia, e Chypre; os dos duques de Borgonha, Brabancia, Lorena, Baviera, Pomerania, e outros.

«Presidiu ao concilio o cardeal de Pistoia, como decano d'um, e outro sacro collegio.

«N'elle foram obrigados a ceder do pontificado os dous contendores, Gregorio XII, e Benedicto XIII, e eleito por verdadeiro, e unico pontifice o cardeal de Candia, da ordem dos menores, que se quiz chamar Alexandre V.

«No anno 1410, dez mezes depois da sua eleição, falleceu o papa Alexandre V, e foi logo eleito em seu lugar o cardeal Balthazar Cossa, que tomou o nome de João XXIII.

«No anno 1414 se ajuntou em Constança, cidade da Helvecia, o decimo setimo concilio geral, para extincção do scisma; reformação da igreja na cabeça, e nos membros; e confirmação da fé contra os erros de João Wiclef, João Huss, e Jeronymo de Praga.

«O concilio repartiu-se em quatro nações: italiana, franceza, allemã, e ingleza, ás quaes acresceu depois em quinto lugar a hespanhola.

«Na primeira, e segunda sessão presidiu o papa João XXIII, que jurou, que para dar a paz á igreja, cederia do pontificado, se fosse necessario.

«Como o papa, ou por se ter arrependido da promessa, ou por temer que lhe cahisse a reformação em casa, fugiu clandestinamente do concilio para Scafuza, lugar da Austria; declarou o concilio na sessão terceira, que nem por isso deixava elle de ser ecumenico. Logo nas sessões quarta e quinta definiu: *Que o concilio geral representava a igreja catholica, e tinha immediatamente o seu poder de Christo; ao qual poder eram sujeitos todos os fieis de qualquer estado ou dignidade, ainda que fosse a papal, no tocante á fé, extirpação do scisma, e reformação da igreja na cabeça e nos membros.*

«Na sessão oitava foram condemnados quarenta e cinco artigos de João Wiclef, heresiarcha inglez, que era fallecido havia mais de trinta annos.

«Na sessão duodecima se proferiu contra o papa João XXIII, sentença de deposição, a qual elle mesmo pouco depois ratificou e confirmou.

«Na sessão decima quarta, tendo exhibido pelo imperador Sigismundo a cessão, que do pontificado fizera, e mandára Gregorio XII, o concilio a admittiu por votos unanimes.

«Na sessão decima quinta foram condemnados trinta artigos de João Hus, heresiarcha bohemio, que presente se achava, o qual, como não quizesse abjural-os, foi degradado, e relaxado ao braço secular.

«Na sessão trigesima setima, unidos já ao concilio os hespanhoes, se proferiu sentença de deposição do pontificado, e privação de todos os titulos, graus, e honras, contra o obstinado anti-papa Pedro de Luna.

«Ultimamente na sessão quadragesima primeira, por votos uniformes de vinte cardeaes, e de trinta bispos, que por esta vez sómente se assentou que deviam entrar no conclave (seis de cada nação), foi eleito em summo pontifice o cardeal Odo Colona, que se chamou Martinho V.

«Concluiu-se este concilio a 22 de abril de 1418, depois de ter durado quatro annos e meio. E com isto se deu fim a um scisma, que durava havia quarenta annos.

«No anno 1415, a 21 d'agosto, tomou el-rei D. João I, de Portugal, á força d'armas, a cidade de Ceuta aos mouros: pelo que aos antigos titulos de *rei de Portugal, e dos Algarves*, ajuntou o de *senhor de Ceuta*.

«No anno 1416 erigiu o imperador Sigismundo em ducado, o condado de Saboya.

«No anno 1419, sendo rei de Portugal D. João I, debaixo dos auspicios do infante D. Henrique, descobre João Gonçalves Zarco a ilha da Madeira, d'onde trouxe para si, e seus descendentes o illustre appellido da *Camara;* e com que abriu caminho ás grandes conquistas, que depois fizeram os portuguezes na Africa, e na Asia.

«Primeiro que a d'a Madeira tinha já o mesmo Zarco descoberto a ilha de Porto Santo.

«No anno 1429 Joanna d'Arco, chamada vulgarmente a *Pucella d'Orleans*, faz levantar o sitio que estava posto pelos inglezes a esta cidade, e conduz a Reims o rei Carlos VII. Ainda hoje celebra Orleans esta victoria a 8 de maio.

«No mesmo anno, Filippe, duque de Borgonha, institue a ordem militar do *Tosão d'Ouro*, quando em Bruges se desposava com a infanta D. Isabel, filha do nosso rei D. João I.

«No anno 1431, e seguintes, em observancia do que se tinha decretado no concilio constanciense, pelo capitulo *frequens* da sessão trigesima nona, se celebrou em Basilea o decimo oitavo concilio geral, a fim de se concluir n'elle a reformação da igreja na cabeça, e nos membros, que só ficára delineada no concilio de Constança.

«Presidiu n'elle por delegação do papa Eugenio IV, successor de Martinho V, o cardeal Julião de Cesarinis.

«Nas sessões segunda, e terceira foram lidos e confirmados, como bases da meditada reformação, os decretos das sessões quarta e quinta de Constança, sobre a authoridade dos concilios geraes.

«Na sessão decima sexta foi lida uma bulla d'Eugenio IV, dirigida ao concilio, na qual o papa declarava: Que não obstante a translação que tres annos antes tinha feito do concilio de Basilea para Bolonha; *elle Eugenio reconhecia, que o presente concilio de Basilea era, e tinha sido sempre um concilio legitimo, e ecumenico, que legitimamente se tinha continuado, e continuava; e que ao mesmo sagrado concilio geral de Basilea adheria elle pura, e simplesmente, e de todo o coração.*

«O mais que d'aqui por diante se passou entre os padres de Basilea, e Eugenio IV, não cabe n'um compendio o referir-se, nem ainda em substancia. Leia-se ou a historia do concilio de Basilea, escripta por Eneas

Silvio; ou a do concilio de Florença, escripta por Patricio; ou o que eu com bastante extensão apontei no *Appendice, e Illustração da tentativa theologica.*

«No anno 1433, ultimo da sua vida, mandou el-rei D. João I por seus embaixadores ao concilio de Basilea o bispo de Vizeu, D. Luiz do Amaral, e com elle o deão de Braga.

«No anno 1436 mandou el-rei D. Duarte por seu embaixador ao concilio de Basilea o conde d'Ourem, D. Affonso, seu sobrinho, filho primogenito de D. Affonso, primeiro duque de Bragança: e com elle a D. Antão Martins, bispo do Porto: por seus theologos os mestres fr. João Thomé, da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, e fr. Gil Lobo, da ordem de S. Francisco: por juristas os doutores Vasco Fernandes de Lucena, e Diogo Affonso Mangaancha.

«No anno 1438, na assembléa de Bourges, publicou Carlos VII, rei de França, a sua pragmatica sancção, ajustada toda aos decretos do concilio de Basilea sobre as eleições, beneficios, annatas, etc.

«No mesmo anno foi o duque de Austria, Alberto, coroado rei d'Hungria, e de Bohemia, e eleito imperador. Esta é propriamente a época da grandeza da casa d'Austria, que desde aquelle tempo possuiu o imperio d'Allemanha sem interrupção até o anno 1740.

«No anno 1439 depozeram os padres de Basilea a Eugenio IV, e elegeram em seu lugar a Amadeu, duque de Saboya, que vivia retirado no Ermo, e se chamou Felix V.

«Foram mui poucos os que fóra de Basilea seguiram a Felix: e os mesmos principes, que adheriam constantes ao concilio, perseveraram na obediencia d'Eugenio IV, temendo segundo scisma.

«No mesmo anno 1439, celebrou o papa Eugenio IV, em Florença, o decimo nono concilio geral, que começou em Ferrara, e acabou em Roma.

«N'elle se reuniu a igreja grega com a latina, concorrendo com os bispos latinos muitos bispos gregos.

«Definiram-se a processão do Espirito Santo, do Padre, e do Filho: a existencia do purgatorio: o primado do romano pontifice sobre todos os fieis.

«O decreto sobre a união dos armenios foi publicado quatro mezes depois de se retirarem os gregos, e quando já o concilio de Florença não era ecumenico.

«O da união dos jacobinos ainda foi mui posterior: porque foi passado em fevereiro do anno 1441.

«Cento e trinta annos depois de celebrado o concilio de Florença, e já depois de celebrado o concilio de Trento, escrevia o nosso Diogo de Paiva e Andrade, que só França não queria reconhecer o concilio de Florença por ecumenico, nem por legitimo.

«No anno 1444 rompe o mar os diques d'Hollanda, junto a Dunkerke, e morrem afogadas cem mil pessoas.

«No anno 1445, descobriu Diniz Fernandes o Cabo Verde, e no seguinte o dobrou Nuno Tristão.

«No anno 1449 se deu a batalha da Alfarrobeira, junto a Alverca, entre o exercito d'el-rei D. Affonso V, de Portugal, e o do infante D. Pedro, seu tio, que foi morto n'ella.

«No mesmo anno cedeu Felix V do pontificado, por solicitações do imperador Frederico III, sendo já papa Nicolau V, successor d'Eugenio IV.

«No anno 1450 se fez Francisco Sforcia senhor do ducado de Milão.

«No anno 1451 casou o imperador Frederico III com a infanta D. Leonor, filha do nosso rei D. Duarte. D'este augusto consorcio nasceu o imperador Maximiliano I.

«No anno 1452 tiveram principio os ducados de Módena, Reggio, e Ferrara.

«No anno 1453 erigiu o mesmo Frederico III a Austria em archi-ducado.

«No mesmo anno foi tomada Constantinopla pelos turcos: e isto no mesmo dia da festa do Espirito Santo, o que se attribuiu a castigo dos gregos, que negavam proceder o Divino Espirito do pai e do filho. Era então imperador dos gregos Constantino

Dragaes, o ultimo dos peleólogos; e imperador dos turcos Mahomet II.

«No anno 1458 tomou o nosso rei D. Affonso V aos mouros a villa d'Alcacer Seguer.

«A esta conquista se seguiu em 1471, a da villa d'Arzila, e logo a da cidade de Tangere, pelas quaes alcançou elle o titulo de *africano*.

«No anno 1469 casa a infanta D. Isabel, irmã d'el-rei D. Henrique IV, de Castella, com D. Fernando V, rei d'Aragão. Por morte d'Henrique, em 1474, occupa Isabel os dous reinos de Castella e Leão, excluida a princeza D. Joanna, sua sobrinha, com o calumnioso pretexto de que não era filha do rei D. Henrique, mas do duque d'Albuquerque, D. Beltrão de la Cueva. E a meada se urdiu de modo, que não obstante ter sido Joanna jurada muito antes legitima herdeira dos dous reinos, e achar-se como tal contractada para segunda mulher do nosso rei D. Affonso V, Isabel por ultimo levou a sua ao cabo, e Joanna depois de varios, e tristes baldões da fortuna, veio a morrer freira no mosteiro de Santa Clara de Santarem, tratada com o titulo *d'excellente senhora*. Estas desavenças dos dous reis deram causa em 1476, á batalha do Touro, em que nenhum d'elles foi vencedor, nem vencido. Ultimamente, em 1479, se fizeram as pazes, em que a excellente senhora foi obrigada a abdicar de si todo o direito: Fernando, e Isabel foram os primeiros que em Hespanha se intitularam *reis catholicos*.

«No anno 1477 casa Maximiliano I com Maria de Borgonha, herdeira de Carlos, o *atrevido*, duque de Borgonha, e conde de Flandres: e d'este matrimonio nasce o archi-duque Philippe, de Austria.

«No anno 1482, sendo já rei de Portugal D. João II, fundou Diogo d'Azambuja o castello de S. Jorge da Mina, e fez o mesmo rei cidade a esta povoação. D'ahi em diante começou el-rei a intitular-se *senhor de Guiné*.

«No anno 1484 descobriu Diogo Cão o reino do Congo, e mais duzentas leguas de costa, em que poz tres padrões.

«No anno 1487, sendo rei de Portugal o mesmo D. João II, descobriu Bartholomeu Dias o cabo da Boa Esperança, mil e quinhentas leguas de Lisboa.

«No anno 1492 Christovão Colon, ou Colombo, natural de Genova, a expensas dos reis catholicos D. Fernando, e D. Isabel, dá principio ao descobrimento do novo mundo, ou Indias Occidentaes, pelo descobrimento das ilhas S. Salvador, Conceição, Fernandina, Isabel, Cuba, Nova Hespanha, e Jamaica.

«No anno 1493, pela bulla *inter cetera* de 4 de maio, confirma o papa Alexandre VI aos reis catholicos o dominio de todas as ilhas e terras firmes descobertas, e por descobrir nas Indias Occidentaes.

«No anno 1496 casa o archi-duque Philippe, filho do imperador Maximiliano, com a princeza D Joanna, filha herdeira dos reis catholicos D. Fernando e D. Isabel; e por morte d'esta vem a ser rei de Castella, e Leão o primeiro do nome. Por elle entram em Hespanha os reis austriacos.

«No anno 1497, sendo rei de Portugal D. Manoel, primo e successor de el-rei D. João II, partiu Vasco da Gama a 8 de julho do porto de Lisboa, em demanda da India Oriental: a 20 de novembro do mesmo anno montou o cabo da Boa Esperança: e a 20 de maio de 1498 chegou á Calecut, tres mil leguas de Lisboa.

«No anno 1500, indo por governador para a India, e dando-lhe um temporal á vista das ilhas de Cabo Verde, descobriu Pedro Alvares Cabral a 24 d'abril a terra, que primeiro se chamou de Santa Cruz, e hoje se chama Brazil. Mas esta região não foi povoada, e dividida em capitanias, senão em tempo d'el-rei D. João III.» (A. P. de Figueiredo).

R

RAÇAS HUMANAS. «A raça européa é, sem duvida alguma, aquella que constitue as nações mais civilisadas e illustradas do mundo. Isto seria sufficiente para d'ahi concluirmos, sem que de outra prova carecessemos, que a agudeza de entendimento é o caracter commum d'esta raça: mas a historia apresenta um facto incontestavel, que ainda melhor demonstra a tendencia dos europeus para a civilisação; e é que não ha memoria de que existisse tribu alguma d'esta parte do mundo que deixasse de crear gados, e de cultivar a terra, por mais ingrato e esteril que fosse o seu paiz.

«Esta raça se divide em tres grandes familias; a caucasia, a celtica, e a teutonica. A caucasia, que comprehende os russos, cossacos, os turcos, e os tartaros, distingue-se principalmente pelo seu genio inquieto, guerreiro, e ousado, que impelle estes povos mais para as empresas incertas e perigosas, do que para as occupações tranquillas e proveitosas da industria, da sciencia, e das artes. Os inglezes, em grande parte, os escocezes e irlandezes, os francezes, os hespanhoes, os portuguezes, os italianos, e os gregos pertencem á familia celtica, e distinguem-se pela impetuosidade das paixões, e viveza de engenho. São emprehendedores e resolutos: posto que nos italianos seja mui pouco sensivel este signal caracteristico.

«A familia teutonica distingue-se por uma industria perseverante, mais do que por brilhantes inventos, ou espirito emprehendedor. Os allemães, hollandezes, suecos, dinamarquezes, etc., pertencem a esta familia; e de todas estas nações a sueca é a mais activa.

«A raça mayolia comprehende os bramás, os mayolos, etc. Caracterisa-a uma ousadia grandemente impetuosa, excessiva actividade, e invencivel inclinação á guerra.

«A raça chim e japonica, pelo contrario, apresenta notavel brandura de costumes, e pouca tendencia para a guerra.

«As tribus asiaticas que estanceam pelas extremidades do norte da Europa, da Asia, e da America, teem o entendimento obtuso, e são excessivamente desalinhadas nos trajos, e immundas. Physicamente, caracterisa-as a pequenez nos corpos, como se vê nos samoiedas, groelandezes, e esquimáus: todavia estes povos nojentos e apoucados, teem a condição branda, e são innocentes.

«Os povos de raça americana e da raça malaia distinguem-se por activos, manhosos, e atrevidos, e pela quasi incrivel firmeza com que supportam os incommodos e males da vida. Além d'estas qualidades, os malaios são innocentes, traidores, e crueis.

«Os indios da America do norte são graves e pausados nas suas acções, e de genio agasalhador e generoso. Mostram natural agudeza, e os seus discursos publicos tem tal eloquencia e suavidade, que não envergonhariam os oradores de uma nação civilisada. As tribus independentes da America apresentam commummente os mesmos caracteres dos indios do norte; mas algumas são notaveis por muito maior brandura e docilidade; outras por muito maior ferocidade, e pelo seu genio traiçoeiro.

«Os homens de raça africana, em quanto conservam a liberdade, são extremamente vivos, desattentos, e esperdiçados. A leviandade d'estes povos é tal, que a maior parte do tempo, gastam-o em dançar ao som de rudes instrumentos de musica.

«A raça *pahum* d'Australia, e os hottentotes são em extremo estupidos, madraços, immundos e viciosos; principalmente os habitantes d'Australia, que até parecem destituidos das faculdades necessarias para poderem melhorar a sua condição social e intellectual.

«Da raça africana, os cafres são os mais espertos, animosos e activos. Ha casos, em que patenteam tal heroismo e nobreza de caracter, que faz

crêr que seriam capazes de chegar a um grande grau de civilisação, se houvesse meios de lançar a semente d'ella na região da Cafraria.» (R. F.)

RACINE (João). Nasceu em Ferté-Milon, em 1639, e falleceu em 1699. Poeta tragico, e uma das maiores glorias da scena franceza. A narrativa da morte de Hyppolito, na tragedia *Phedro*, é um trecho celebrado, que desde a infancia decoram os meninos em França. Dâmol-a trasladada a portuguez por Sebastião Trigoso:

«Sahindo apenas de Trezene as portas,
Ia sobre o seu carro. Afflictos guardas,
D'elle em torno, imitavam seu silencio.
Triste seguia a estrada de Mycena.
Aos cavallos deixava as guias soltas:
E estes, que outro tempo tão soberbos,
Cheios de nobre ardor, lhe obedeciam,
A cabeça inclinada, os olhos tristes,
Pareciam conformar-se a seus pezares.
Grito horrivel, sahido d'entre as ondas,
Eis que dos ares o socego turba;
E do seio da terra, voz terrivel
Gemendo, respondeu ao fero estrondo.
Em nossos corações gelou-se o sangue.
As crinas aos cavallos s'erriçaram.
Sobre a planicie liquida s'eleva,
Refervendo em cachões, humido monte.
A onda rola, quebra-se, e vomita
Entre montões d'escuma um monstro enorme.
Armam-lhe agudos cornos larga fronte;
Cobrem-lhe o corpo escamas amarellas,
Touro indomavel, drago furioso,
Em tortuosa volta encurva as ancas;
Aos seus longos rugidos treme a praia.
O céo, vendo tal monstro, se horrorisa.
Move-se a terra, fica o ar corrupto,
Pasma, e recua a onda que o trouxera.
Tudo foge; e valor deixando inutil,
Cada um se acolhe ao visinho templo.
Só, digno filho d'um heroe, Hyppolito
O carro faz parar, toma seus dardos,
Aponta á fera, e firme disparando
Rompe-lhe o lado c'uma larga ferida.
De raiva, e dôr o monstro faz corcovos,
Junto aos pés dos cavallos cahe mugindo,
Rola, e lhe mostra uma garganta em chammas.
A qual de fogo os cobre, e sangue, e fumo.
O medo os toma então; e esta vez surdos,
Não reconhecem nem a voz, nem freio.
Seu senhor se consume em vãos esforços.
Tingem os freios com sanguinea espuma.
Diz-se que um Deus se viu, n'este conflicto,
Aguilhoar-lhe os polvorosos flancos.
De pavor correm através das fragas.
Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hyppolito
Seu carro vê voar feito pedaços,
Cahe, e fica nas rédeas enlaçado.
Desculpai minha dôr. Tão triste imagem
Será do pranto meu eterna causa.
Vosso filho infeliz vi arrastado
Pelos proprios cavallos que criára.
Quer socegal-os, e da voz se espantam.
Correm. Fica seu corpo uma só chaga.
Nossos gritos retumbam na campina.
Afrouxa em fim seu fogo impetuoso.
Param não longe dos antigos tumulos,
Que dos reis seus avós as cinzas fecham.
Afflicto corro lá, seguem-me os guardas.
De seu sangue os vestigios nos são guia.
Elle tinge os rochedos; e os abrolhos
Os despojos retem de seus cabellos.
Então chego, e lhe brado; a mão m'estende,
Abre, e cerra para sempre os mortaes olhos;
O céo, diz, *me tirou vida innocente.*
Toma a ti, caro amigo, a triste Aricia,
Se algum dia meu pai desabusado
Chorar d'um filho a sorte não merecida,
Para meu sangue aplacar, sombra queixosa,
Diz que com amor tracte a captiva,
Que lhe entregue... E aqui o heroe já morto,
Deixou nos braços meus o corpo informe,
Triste objecto da colera dos Numes,
E que seu mesmo pai não conhecera.»

RACIONALISMO. Os racionalistas rejeitam a religião verdadeira e as falsas religiões. Para elles, Confucio, Boudha, Christo, e Mahomet são a mesma entidade, e os mesmos impostores, desde o momento que se declaram inspirados do céo, e querem ser considerados com distincção entre os de mais homens. Socrates e Platão que escreveram moral, que legislaram a uns, e aconselharam outros, recebem honras de philosophos, e não participam do desprezo, decretado pelos racionalistas, indistinctamente, a Jesus Christo e Mahomet, que tiveram a audaciosa pretenção de legislarem um como filho, outro como propheta de Deus.

Tal é a opinião dos que, n'estas modernas sabenças, se declaram illuminados pelo sol do raciocinio. Tal é a lamentavel opinião dos que gratuitamente se intitulam deistas, para colorirem o seu profundo materialismo na vida pratica.

A *razão*, que é para o homem religioso a luz das suas crenças, poderam os scepticos convertel-a em trevas do seu scepticismo! Astro brilhan-

te, chamam-lhe elles; mas que estreiteza não é a d'esse circulo luminoso da vida, além do qual principiam as trevas do tumulo! Que pouco dura esse astro brilhante no espirito d'aquelle, que se considerou posto ahi no mundo, com a sua razão, opulenta e forte agora, para logo vergar a cabeça altiva debaixo da mão occulta, que lhe paralysa o exercicio de sua razão fecunda!

A razão, como elles a definem, é uma dadiva funesta, é um dom bem desgraçado, que o Creador concedeu á mais nobre das suas creaturas! Se a julgamos pelo que ella é nos paes que matam os filhos, instigados pela razão, tal dadiva, entre os chinezes, é uma arma infanticida, que nos obriga a descrer da bondade do Creador. Se contemplarmos o selvagem do Canadá, retalhando em postas seu irmão para devoral-o em banquete de anthropophagos, doe-nos o coração de assim o vêrmos abrazado por uma sêde de sangue que elle chama a sua razão. Se virmos a viuva do indio lançar-se nas labaredas d'uma fogueira, que a razão lhe aconselha, o genero humano deve considerar-se o ludibrio d'um Deus sanguinario, que se apraz em contemplar do alto do seu throno o vagido da criança, que se afoga nas ondas do Nilo, o grito do selvagem, que morre para alimento da sua tribu, e as vascas da mulher, que se contorce no lume da fogueira!

Mas não são estes os homens da razão, no entender dos deistas. Ha outros, que, por ella illuminados, crearam uma religião natural. São estes justamente. Inventaram-n'a, fizeram-n'a, sósinhos com a sua consciencia, e offereceram-n'a á sociedade civilisada como garantia, não do futuro, que lhes não davam nenhum, mas do presente, que é decididamente o fim da creação, e o complemento da grandiosa idéa do Creador!

Ainda assim, é absurdo pensarmos que essa decantada religião natural seja invenção dos deistas. As suas maximas moraes, e seus codigos mais ou menos aformoseados pela excellencia de doutrinas, é no seio do christianismo que mendigaram a inspiração. Vão passados seis mil annos, depois que Deus revelou a Adão os preceitos da religião primitiva. Busquem um codigo de sã moral n'essas nações, onde o clarão do Evangelho não penetrou ainda! Perguntem ao rajah chinez porque não invoca o talento da sua razão, e não traça em dous preceitos um codigo, cuja moralidade doutrinaria possa reger os costumes europeus!

Primeiro como philosophos, e depois como christãos, vejamos em que reputação devemos ter essa faculdade sublime, que o espirito da incredulidade alçou ás alturas de rainha e de divindade.

A razão é a faculdade de ser instruido, e de conhecer a verdade que nos é ensinada. Por ella conhecemos quantas verdades se deduzem d'um certo numero de idéas fundamentaes, que constituem a razão universal. No barbaro de costumes deshumanos, e na crença sem exercicio do raciocinio, existe uma intelligencia; mas falta-lhe a clara consciencia das idéas primitivas.

A civilisação para o barbaro adulto seria como a idade de razão para o homem nascido em paiz civilisado. Todos os nossos conhecimentos especulativos vem das lições, que recebemos do nosso semelhante. Devemos tudo o que somos á sociedade, que nos transmitte pela palavra, e pela acção, a claridade precisa para darmos ás idéas primitivas o cunho luminoso da consciencia individual.

Ha pois no homem uma luz interior, sem a qual a tradição e a escriptura, como testemunhos divinos, não poderiam exercer os effeitos da sua divindade.

Investiguemos a harmonia estabelecida entre a razão, emanação de Deus, e a tradição e a escriptura, testemunhos divinos.

A razão abraça um mysterio que a tradição e a escriptura nos revelam. É o mysterio do bem e do mal. Conhecemol-o pela razão: sentimol-o pela consciencia. A primeira mostra-nos a differença que existe entre o

bem e o mal. A segunda faz-nos propender para um, e afastar do outro. Com a razão, fortalecida pela consciencia, reprimimos as vocações desordenadas da vontade. O remorso, que nos justifica as doçuras do bem, é a condemnação da consciencia, que não póde vencer as más propensões da vontade. Deve-se a este pelejar entre as vocações más, e a razão illustrada pela consciencia, o curto reinado das paixões torpes sobre o sentimento do bom e do honesto.

Vai mais adiante a razão, porque são amplissimos os limites das suas investigações. Do principio do bem e do mal tira ella consequencias, sem as quaes era inutil estabelecer differença entre a virtude e o crime. A primeira é a existencia de Deus. Porquanto, se Deus é uma chimera, se não existe uma intelligencia superior e infinita, que determine o exercicio das intelligencias creadas, a natureza é o resultado d'um mecanismo estupido, a sua legislação é a necessidade mathematica, e por consequencia todas as acções são em si indifferentes, posto que produzam effeitos diversos.

«Que a idéa de Deus seja ou não seja innata é uma questão ociosa — diz o bispo de Hermopolis — mas será sempre verdade, que ella é tão conforme á nossa razão e natureza, que... deve classificar-se entre os sentimentos primitivos, universaes e invariaveis, que caracterisam a especie humana; de tal modo que o homem negando Deus, negará simultaneamente a sua propria existencia.»

A idéa da existencia de Deus complica a idéa de Creador. Ou os entes finitos tem uma causa infinita em Deus, ou nasceram de si mesmos, ou provieram d'uma outra causa efficiente, que não é Deus, nem são elles. Se nascemos de nós, sem dependencia de Deus, é justo quanto queremos, e são bons todos os nossos actos, e, definitivamente, devemos ser estranhos ao conhecimento do bem e do mal. Se não temos origem em Deus, nem em nós, a causa primaria de nossa existencia é a materia, e, como materia, não devem exigir-nos uma perfeição, que nenhuma lei, superior a nós, authorisadamente nos impõe... «Póde dizer-se ao homem *«sê perfeito!»* quando se lhe ajunta *«como vosso pai celeste é perfeito.»* Mas se tal pai não existe, se apenas temos um pai terrestre e corrompido, como podemos nós propender para a perfeição? Se a causa, que nos produziu não vale mais que nós, é, imitando sua baixeza, que lhe prestamos homenagem. Se a nossa origem é a materia, quem póde privar-nos de rastejarmos n'um lamaçal, e dizermos aos vermes: «Vós sois nossos irmãos!?»

O mysterio do bem e do mal seria impossivel de conceber-se sem o dogma da creação.

É, pois, a razão que nos eleva do lado dos materialistas, e do rasto escabroso dos deistas, a um mundo de luz, onde o dogma da creação, como resplendor da existencia de Deus, é o primeiro vôo dado para o mais sublime da religião christã.

Exalçados pela razão á idéa sublime do Creador, sentimo-nos orgulhosos d'esta primazia que nos avassalla a creação, e, ao mesmo tempo, contrista-nos este continuo batalhar de instinctos maus, que parecem abater o homem aos habitos geraes da animalidade!

Sahiria eu assim das mãos de Deus?! Estas propensões malditas que me fazem perder o equilibrio entre o crime e a virtude, quando me despenho no mal, ser-me-hiam entalhadas no espirito pelo sopro creador, que me deu o privilegio de o conhecer?

Se eu sou o effeito corrupto de uma causa pura — se assim sahi damnificado e mau do seio de Deus — porque não hei de eu obedecer á minha razão, que me aconselha o crime, e á minha natureza, que me convida ao mal?

Feitura de Deus, emanação da intelligencia infinita, deverei eu temer que Deus me faça responder pelos crimes que a minha razão me aconselha?

Não.

Eu fui posto aqui na sociedade, com os meus instinctos irasciveis, as-

sim como o filho da leôa, que medrou no antro das selvas africanas. Eu e elle que fazemos? Não cumprimos a lei da natureza? Quem póde, acima d'uma sociedade despota que algema o leão, e me castiga a mim, pedir-me contas de meus actos? Ninguem. Ha uma lei humana que ousa cohibir-me a satisfação dos meus appetites? detesto essa lei, porque tenho em mim uma lei suprema, que é a minha razão. Se alguem tentar reprimir a lei suprema da minha natureza, eu hei de a ferro e fogo desfazer-me d'uma aggressão tyranna, que intenta aniquilar, pela força, a base fundamental da minha organisação. Sahi corrupto, mas sahi livre das mãos de Deus. O Creador que me regenere, se elle tem interesse em que eu dê uma esmola a um necessitado, com esta mão que enterra um punhal no seio do irmão.

Vêde o escorregar d'um deista pelo desfiladeiro de seus raciocinios! Vêde-o guiado pela razão ás bordas de um abysmo insondavel de amarguras suas, e maldições da sociedade, que teve a infelicidade de o nutrir em seu seio!

Que lhe vale a elle a idéa do Creador, se entre Deus e o homem não existe mais differença que entre uma causa pura, e o effeito impuro d'ella?! Para que é essa eterna peleja do bem com o mal, se, escravos d'uma razão inviolavel, d'ella pendemos, a ella nos sujeitamos, como o corpo que pende para o centro da terra, como a flôr que se abre ao raio calorifico do sol?

Esta razão que me lisonjeia os habitos maus, e me estimula a saboreal-os, custe o que custar ao meu semelhante, não é a razão que Deus me deu, como guia. Mas eu conheço em mim um ente cogitante, um ser abstracto das cousas terrenas, um principio elevado de concepções grandiosas, que me obriga a lastimar-me na minha degradação, quando me vejo frente a frente contra as boas maximas d'alguns homens virtuosos. Este ente, este ser, este principio, que me falla no segredo da consciencia, é que eu chamo a minha razão. Erguido por elle a um vôo de glorioso alcance, como a ave que se levanta orgulhosa sobre as piozes dos homens, encontro-me no momento em que o chefe do genero humano, despojado das insignias divinas, que a mão do Omnipotente lhe vestira, perde o candor de pureza intellectual que fôra seu patrimonio, e caminha através das gerações, corrompido e debilitado e decahido da sua primitiva natureza.

Livre no circulo de luz que a consciencia lhe marca, e a sua propria fraqueza lhe impõe, é a minha propria razão que me explica tres dogmas fundamentaes do christianismo:

A existencia de Deus;

A creação;

E a queda primitiva.

Firmado na base eterna d'uma idéa — convencido da differença entre o bem e mal, pude sem invocar o testemunho da Escriptura, nem as decisões luminosas dos pontifices, nem os veneraveis canones dos concilios, prestar, como philosopho, uma homenagem livre a tres dogmas do christianismo.

Mas são cinco os seus dogmas fundamentaes. Se eu poder conciliar a minha razão com a necessidade do Redemptor, e com o julgamento final, curvarei o meu joelho perante a cruz da redempção, e direi com o Evangelista: «Jesus Christo era a verdadeira luz, e todo o homem foi illuminado com a sua vinda ao mundo!»

O homem ergueu-se na pureza e cahiu na degradação. Alterada a sua constituição primitiva, as provas que elle se dá constantemente d'essa transição desgraçada são a guerra inquieta que o bem e o mal gladiam no intimo das suas propensões. Deve o homem considerar-se irremediavelmente degredado para sempre d'esse eden puro do seu primeiro dia? O sol da intelligencia infinita, que o fecundou no seio do nada, nunca mais lhe luzirá nas trevas do seu exilio? É perdida para o homem a esperança de regenerar-se, como para a flôr requeimada orvalho celeste, que lhe reverdeça a corolla? É! — diz-me o genio do mal, que tenta escurecer o bem

com a venda tenebrosa da desesperança.

Não é! — responde-me a razão, que se levanta imperiosa entre os dous principios gigantes, que pelejam no meu espirito debilitado pelos habitos maus.

Não é! — responde ainda a philosophia, que marcha com magestade e firmeza sobre as eternas deducções da verdade.

Não é! — brada bem alto a moral, que, em todos os seculos, e em todas as nações organisadas, forceja por crear leis que premeiem a virtude, e castiguem o vicio.

Separado, para todo o sempre, o homem reprobo e amaldiçoado do reino da justiça, o bem ser-lhe-hia uma chimera, e o mal razoavelmente deveria ser-lhe o seu eterno imperio. Já que o lapso lastimoso do primeiro homem o condemnára eternamente, que lhe importava a elle uma virtude esteril, ou crime recebido com desprezo, entre seus irmãos! Para que eram então essas leis repressivas para as inclinações malfeitoras, esses lictores para o assassino, e essas corôas civicas para o benemerito da sociedade?! O sacrificio dos prazeres reaes do homem, no altar da virtude, ser-lhe-hia bem penoso, sem a consolação da propria virtude! Os decantados versos de *Bocage:*

> O premio da virtude é a virtude,
> É castigo do vicio o proprio vicio,

seriam entre os homens uma inscripção de riso para insculpir no portico d'um hospital de philosophos dementes! Felizmente, o poeta deista, a mais livre e fogosa e desordenada cabeça dos *espiritos fortes* em Portugal, repetia duas maximas, que embriagam os incredulos d'um perfido licôr, ao passo que ensinam o philosopho a edificar com ellas o seu reducto de defeza contra a incredulidade.

«O homem pratica o bem, com esperança e com jubilo... A sua queda não o arremessou ao fundo do abysmo: não é queda irremediavel; uma reparação é-lhe possivel, e principiou desde o dia da sua queda, porque, desde esse dia, ficou-lhe a consciencia do bem, e o esforço voluntario contra o mal.»

A nossa consciencia é que nos julga. Reprehendemo-nos antes que Deus nos reprehenda. Somos indignos aos nossos proprios olhos, antes de o sermos na presença de Deus. Se o mal não se receia de uma condemnação ulterior, porque lançaremos uma linha divisoria entre elle e o bem? Provada a insensibilidade do bem e do mal nos juizos do Eterno, com que proveito seremos nós sensiveis ao mal e ao bem?!

A brevidade da existencia, a presteza com que aqui murcham as flôres da virtude, alcançadas com sacrificios, e abnegações de nossos interesses, não convidariam alguem a arrastar-se sobre os espinhos da honra, para legar ao julgamento da posteridade uma nomeada honrosa.

Ha no homem virtuoso uma aspiração meritoria para Deus. Nos actos transitorios da vida ao tumulo preluz-nos a presciencia d'um julgamento divino, em que o preço da probidade tem um quilate, que na terra é o falso ouro da adulação d'um dia. Onde não ha esta luz prevista e providente é nos corações obdurados pelo crime, e impassiveis ao remorso, porque então os juizos da terra são-lhes indifferentes, e a pedra do tumulo, que tem força para esmagar um cadaver insensivel, é como a porta do tribunal divino, fechada para sempre.

Razão e consciencia! — Bastaram estas duas potencias luminosas na minha alma para me revelarem os cinco dogmas fundamentaes do christianismo:

Existencia de Deus;
Creação;
Queda primitiva;
Redempção;
E juizo final.

RAIO. A electricidade derramada na atmosphera dá de si grandes phenomenos; primeiramente é origem dos relampagos e do raio; depois en-

tra na formação da saraiva; apparece ainda nas trombas marinhas e nas auroras boreaes.

«O raio não é outra cousa mais que uma faisca electrica, e o ruido que o acompanha procede da repulsão do ar. Os effeitos do raio só differem dos da machina electrica por sua intensidade; cahe com preferencia nos pontos culminantes e corpos metallicos; inflamma as substancias combustiveis. Debaixo de sua influencia, o leite e o caldo decompõem-se, e as substancias animaes fermentam.

«Quando ameaça uma trovoada, muitas pessoas experimentam oppressão do peito; os doentes acham-se n'uma agitação contínua, que cessa subitamente no momento em que a trovoada arrebenta. Quanto ao raio, este paralysa, rasga, queima, desorganisa as partes que toca: o infeliz sobre quem cahiu morre antes de perceber o relampago; e se a victima traz adereços metallicos, a electricidade os derrete, seguindo o caminho que lhe offerecem; até a presença d'elles determina a direcção das lesões da pelle; como tambem a natureza isolante de certas roupas contribue para preservar o corpo dos ataques do raio. Assim, vê-se na relação das desgraças acontecidas n'uma tempestade em Châteauneuf, em França, que um sacerdote celebrante, estando com uma vestimenta de sêda, foi o unico respeitado pelo raio no meio de numerosas victimas d'este terrivel meteoro, que matou nove pessoas e feriu oitenta e duas. As substancias isolantes da electricidade são o vidro, a sêda e as resinas.

«A queda do raio nem sempre é seguida de terminação fatal; ás vezes só sobrevem um estupor e uma surdez que se desvanecem ao cabo de alguns dias; em outros casos, manifesta-se uma paralysia mais ou menos completa e passageira.

«O *tratamento* das pessoas fulminadas consiste em esfregar o espinhaço com vinagre ou agua de Colonia; applicar sinapismos nas pernas e braços, dar a cheirar vinagre, metter na bocca um pouco de sal de cozinha; e se o rosto estiver vermelho, praticar uma sangria no braço.

«A sciencia, depois de determinar a natureza intima do raio, fez conhecer os meios de nos preservar d'elle: o o guarda-raio, imaginado pelo americano Franklin, preenche este fim. Consiste este instrumento n'uma barra de ferro do comprimento de 25 a 30 pés, e de duas pollegadas de largura, que se colloca sobre os edificios e é destinada a protegel-os: termina por uma haste cónica de latão, tendo na sua extremidade uma agulha de platina muito aguda, e *communica sem nenhuma solução de continuidade com a terra humida, ou agua*. Estas duas condições de *não haver* interrupção de conductos, e communicarem estes com o chão humido, são de rigor; quando não são preenchidas, o guarda-raio é mais nocivo que util; o raio, que sobre elle cahe, não tarda a abandonal-o e dirige-se sobre os corpos visinhos, que despedaça para abrir caminho ao solo.

«As *cautelas* contra tão grande perigo consistem pois em guarnecer os telhados de conductores, evitar em occasiões de trovoada a visinhança dos corpos que pela sua elevação attrahem a electricidade das nuvens, afastar-se das igrejas, das torres de sinos e das arvores isoladas. O mais prudente, quando alguem fôr colhido por uma violenta tempestade, é continuar lentamente o seu caminho, ainda que exposto á chuva. Nos quartos, deve-se estar distante das chaminés, que conduzem facilmente a electricidade pela fuligem que ellas contém, e nunca aproximar-se dos canudos metallicos que conduzem as aguas servidas e as da chuva.

«*Effeitos do raio, exiguo numero das suas victimas.* — Os effeitos do raio são mui variados, e muitas vezes estranhos: elle quebra os corpos maus conductores, inflamma os que são combustiveis, funde os metaes, mata os animaes, e transtorna os pólos da agulha da bussola.

«Observa-se que elle não cahe sempre sob a fórma de uma faisca, mas algumas vezes, como um globo de fo-

go, que desce mesmo assás lentamente, em comparação com a faisca, e depois acaba por estourar com uma detonação comparavel ao estrondo de muitos canhões. É n'este estado, sobretudo, que o raio incendeia os edificios em que cahe. Conta-se que em 1718, tendo o raio cahido assim, debaixo da fórma globular, em Gouesnon, perto de Brest, fez voar o tecto e as paredes de uma casa como o faria a explosão de uma mina, e que houve pedras projectadas em todas as direcções até 50 metros de distancia.

«O raio deixa após si um cheiro sulfuroso particular. Desde alguns annos, attribue-se este cheiro á electrisação do oxygeneo do ar que fórma um producto que se designa com o nome de *ozone*.

«Muitas pessoas deixam possuir-se de um extremo terror do raio. Este receio, comtudo, diminuiria consideravelmente, se se considerasse o pequenissimo numero de pessoas que morrem assombradas do raio. Com effeito, não se conta em França, termo médio, mais de vinte victimas por anno; isto é, cêrca de uma por dous milhões de habitantes; o que é muito menos que de outro genero de accidentes, de que quasi se não tem medo. As pessoas a quem esta consideração não chegar a tranquillisar, podem garantir-se durante o tempo de trovoada, com vestidos de sêda, e melhor ainda, com assentos de pés de vidro, ou um disco espesso da mesma materia sobre o qual ficam isoladas. Com estas precauções, ellas não podem ser tocadas, e sentiriam só uma commoção mais ou menos forte, mas não mortal, se o raio cahisse perto d'ellas.

«Nas aldeias, está-se no costume de tocar os sinos durante a trovoada, cuidando, pela virtude do sino, afastar a nuvem, e evitar a saraiva tão perigosa para as seáras. Se isso não passasse de um preconceito, pouco inconveniente haveria em deixar á gente do campo essa tal ou qual satisfação; mas ha perigo para aquelles que tocam os sinos, porque os edificios mais altos são os que correm maior perigo, e com effeito vê-se frequentemente cahir o raio sobre as torres e matar os que alli se acham Portanto é expôr, inutilmente, a vida de pobres ignorantes o deixal-os tocar os sinos quando troveja.» (Chernoviz).

RAIZ QUADRADA E RAIZ CUBICA. (Veja EXTRACÇÃO).

RAIZES, palavras primitivas de cada lingua, d'onde as outras são derivadas. (Veja o nosso *Diccionario etymologico*, no fim).

RAPINANTES. «Esta ordem comprehende os passaros maiores e mais temiveis, entre todos os que se conhecem.

«Se os *mamiferos carnivoros* aterram o homem com a sua indole traiçoeira, com a sua força e agilidade, com os seus costumes e habitos brutaes, os *rapinas*, que igualmente são *carnivoros*, excitam a sua admiração pela extensão do vôo, pela rijeza dos musculos, e pelo poder sem igual, que exercem nos ares.

«Se attendessemos só á força bruta avaliando e classificando os animaes podiamos talvez pôr na mesma linha o *leão* e a *aguia*, porque, se um é rei da terra pela força, o outro é o rei dos astros; os pontos de contacto entre os caracteres d'estes animaes bem poeticamente os definiu *Delille*.

«Os rapinas tem o bico revirado e agudo, os pés curtos, armados de grandes unhas curvas e afiadas que tomam o nome de *garras*, e é por meio d'estas que elles apprehendem e rasgam as suas victimas para depois as devorarem, as azas grandes e robustas são collocadas no meio do corpo esguio adiante, o que lhes auxilia muito o vôo, porque cortam o ar com facilidade.

«Os naturalistas distinguem em duas familias os rapinas: 1.ª *rapinas diurnos* — 2.ª *rapinas nocturnos*. Os primeiros tem plumagem densa, os olhos dirigidos lateralmente, e bico coberto na sua base por uma membrana nua, e colorida, que se chama *cera*.

«Os principaes generos d'esta fami-

lia são os *abutres*, as *aguias*, os *gaviões*, os *butios*, e os *falcões*, cujas excursões são de dia, e por isso mesmo são chamados *diurnos*.

«Os *nocturnos* tem plumagem branda, bico curto e muito revirado, olhos dirigidos para diante, e os principaes generos são: os *mochos*, as *corujas*, os *xofrangos* ou *aguias marinhas*, os *duques*, e os *milhânos* ou *milhafres*.» (Silva Junior).

RECOMPENSAS, PREMIOS. «A questão da utilidade ou inconveniencia dos premios divide os animos reflexivos. Uns dizem que é viciosa a applicação e rejeitam-n'a; outros reputam excellente o principio, e aceitam as perigosas applicações sem grande reparo. As vossas recompensas, dizem o que as não querem, tornam o alumno vaidoso, e dão azo a ciumes e odios. — Admiravel theoria! dizem outros; falta-lhe sómente ser exequivel. Raciocinaes ácerca de crianças como se ellas tivessem pleno entendimento, e imaginai-lhes virtudes e predicados que ellas carecem.» (Lebrun, *Echo das escólas primarias*). — «Aquelles mesmos que theoricamente se insurgem contra a applicação de taes meios, seguem o uso commum logo que chegam á pratica. Os *premios* e os *castigos* devem ser rejeitados, se o caracter moral dos alumnos soffre com isso, pouco que seja, o que succede quando abusamos de taes meios, e tal abuso é facil e ordinaria cousa. Uma disciplina tyrannica, ou sómente o attractivo do premio, exerceram sempre modesta influencia nas crianças. Os dous extremos podem e devem evitar-se. Tão impossivel se nos pinta conduzir crianças sem regra positiva, e por consequencia sem alguma recompensa, como governar uma nação sem leis: é ideal cuja validade nunca se attingiu.» (Niemyer, *Principios de educação*).

RECONHECIMENTO. «O reconhecimento é a memoria do coração.» (Massieu). — «O reconhecimento é a primeira necessidade de uma bella alma.» (Livry). Este affecto, ou nobre inclinação nasce no berço. A creatura recebe desde a sua apparição na vida as caricias de sua mãi. Em quanto não tem os sentidos completamente livres tudo para ella passa na obscuridade; mas pouco a pouco se lhe dissipam as trevas, e quando vê, ouve, e distingue os objectos e os sons, então reconhece aquella que o amamenta, que lhe acode nas precisões, que lhe distribue sorrisos e palavras meigas de que unicamente comprehende os sons, e lhe enxuga as lagrimas com um beijo. Desde então a criança começa a ser reconhecida. Na vida adulta, porém, quantas vezes se não afogam estes nobres instinctos do coração humano?

REDACÇÕES. (Veja NARRAÇÃO, CARTAS, ESTYLO, DIDACTICO, ELOQUENCIA, etc.)

REFLEXÃO E REFRACÇÃO. (Veja OPTICA).

REFRIGERANTES. (Veja TEMPERATURA).

REGIMEN. «A economia soffre perdas contínuas occasionadas pela perspiração cutanea e pulmonar, pela excreção das ourinas, das materias fecaes e outras. Quando se tomam, por conseguinte, poucos alimentos e em quantidade insufficiente, o resultado final é sempre pernicioso.

«Mas uma alimentação mediocre póde ter grandes vantagens; modera as forças digestivas, descança o estomago, dá maior energia, maior facilidade a todas as nossas funcções e maior actividade ás faculdades intellectuaes. A historia nos ensina que Newton tomava por unico alimento, em quanto compunha o seu *Tratado de Optica*, um pouco de vinho, pão e agua. Os moralistas e os philosophos de todos os tempos tem aconselhado a temperança.

«Uma alimentação mui abundante dá frequentemente lugar a accidentes bastante graves. As pessoas que se acham n'este caso, além de estarem frequentemente affectadas de indiges-

tão, adquirem uma gordura disforme; tornam-se pesadas, preguiçosas, dispostas á apoplexia e ás inflammações. A gota, a pedra na bexiga, as areias são muitas vezes produzidas por uma alimentação demasiada, e ao mesmo tempo mui succulenta. O dr. Magendie refere o exemplo de um negociante de Hamburgo, que tres vezes se viu opulento, e tres vezes ficou arruinado. Logo que seus negocios iam florescendo, era affectado de areias; mas apenas cahia na miseria, as areias desappareciam para tornarem a voltar com a fortuna.

«Outros effeitos não menos perniciosos podem ser observados, quando se tem o costume de ingerir uma grande quantidade de substancias. As digestões fazem-se então incompletamente; o estomago e os intestinos não são sufficientes para conservar todas as partes nutritivas: grande porção de alimentos, carregados de succos nutritivos, sahem com os excrementos, e então a restauração não é tão completa como no estado natural. E por isso o individuo emmagrece, e a irritação constante, produzida sobre o tubo intestinal pela passagem dos alimentos, dá lugar a diarrheas abundantes. Convém, por conseguinte, moderar o appetite, regulal-o conforme o grau de energia do estomago e das perdas que a economia soffre. Tenhamos sempre presente esta grande verdade: «Não é o que se come que nutre, mas sim o que se digere.»

«Não ha cousa mais variavel nas differentes nações do que a hora, o numero das comidas e o intervallo que as separa. Qualquer que seja o tempo que se adopte, os orgãos habituam-se promptamente á regularidade. A sensação da fome volta ás horas do costume, e isto dispõe de tal maneira o estomago, que a fome póde passar com a hora da comida, sem que comtudo se tenha tomado alimento algum. Esta disposição é mui favoravel á elaboração dos alimentos; porque, se comessemos fóra das horas habituaes, o appetite não seria tão bom, nem a digestão se faria tão completamente. Se os individuos jovens podem impunemente comer a todas as horas, as pessoas debeis e os velhos não o podem fazer sem perigo.

«Cumpre haver o cuidado de não comer em occasiões de grande agitação do corpo e do espirito; nada é mais favoravel a uma boa digestão do que a tranquillidade da alma, a satisfação e alegria; eis porque é melhor comer em companhia do que comer só. A hora mais conveniente para fazer uma comida copiosa é a do fim do dia, quando se tem acabado os negocios. O cear é em geral um costume muito mau: a digestão faz-se mal durante o somno: o fastio, que se experimenta no dia seguinte, indica bem que esta comida era superflua. Devem decorrer cêrca de tres horas entre o acordar e a primeira comida do dia; então não fica nenhum alimento no estomago, e este orgão acha-se mui bem disposto para supportar uma comida assás resistente. Regra geral: não se devem introduzir alimentos no estomago senão quando os que elle continha estão já digeridos. Ora, como são precisas perto de seis horas para digerir uma comida ordinaria (o que varía entretanto muito, tanto pela natureza dos alimentos como por sua quantidade e por mil circumstancias particulares), é prudente que haja este intervallo entre uma comida e a comida seguinte.

«Bastam duas comidas por dia a um homem adulto que goza de boa saude. Ha todavia paizes em que se fazem quatro e até cinco comidas, mas só duas são copiosas, as outras tres compõem-se de chá da India, uma pequena porção de pão ou alguns dôces. Seria um costume muito mau não se tomar senão uma comida por dia. Este estado seria insupportavel para as pessoas carregadas de trabalhos fatigantes, que não poderiam mais executal-os, e para os individuos debeis, que não poderiam em uma só vez digerir a quantidade de alimentos necessaria para sustental-os um dia inteiro. Não se deve, portanto, pôr um intervallo mui longo entre as comidas. Uma longa abstinencia dis-

põe a comer com voracidade uma grande quantidade de alimentos; isto occasiona uma digestão laboriosa, d'onde nascem succos mal elaborados, e por conseguinte uma alimentação de má natureza. Assim duas, ou quando muito tres comidas por dia, das quaes a mais forte deve fazer-se quasi no fim do dia, serão sufficientes.

«Eis tudo o que posso dizer sobre o numero das comidas. É tão difficil estabelecer regras convenientes a todos os individuos, que melhor é ater-se a este respeito á experiencia pessoal de cada um. Finalmente, uma vida sóbria e moderada, igualmente afastada dos dous extremos, é o meio mais infallivel de manter a saude e prevenir as molestias.» (Chernoviz).

REINOS (Os tres). Logo que os homens se occuparam no conhecimento dos objectos que os rodeavam, comprehenderam que a multidão lhes era estorvo ao estudo, e por tanto os classificaram em ordens conducentes a facilitar-lhes as operações do espirito. As substancias que offereciam caracteres communs agruparam-as sob um só titulo. D'este primario modo de generalisação resultaram tres grandes divisões entre os corpos da natureza, ás quaes se deu nome de *reinos*. Observaram que as terras, metaes e pedras, alheias ao minimo signal de vida, ou movimento espontaneo, sem orgãos destinados a funcções especiaes, eram corpos brutos ou *mineraes*. Outros corpos enraizados na terra, providos de orgãos, assimilando nutrição, crescendo e reproduzindo-se, foram reconhecidos como dotados de vida; porém, como não déssem algum signal de sentimento, chamaram-lhes *vegetaes*. Finalmente outros corpos vivos, com capacidade de se sentirem e moverem per si, nutrindo-se e reproduzindo-se, foram designados com o nome de *animaes*. Estes são os *tres reinos*. Por outro lado, distinguiram *reino organico* que comprehende vegetaes e animaes, e o *inorganico* que comprehende os mineraes. (Veja HISTORIA NATURAL).

RELIGIÃO. «A religião, meus amados filhos, é o primeiro, o maior, e o mais universal recurso e amparo á fraqueza do homem. Nos males e desastres, recorremos á divina misericordia; confiamos na benigna omnipotencia; e quando menos, descançamos nas consolações da resignação com uma vontade infinitamente sabia, que temos por certo que só se encaminha ao nosso proveito. Nos bens e prosperidades da vida, logramos em sinceras acções de graças as doçuras de um justo reconhecimento; penhoramos o Senhor para a continuação de seus beneficios; e incitamo-nos a merecel-a por affectos e obras, que digam com a santidade da sua lei. Na tormenta convertemos pela religião o trabalho em merecimento; na bonança achamos pela religião vivo e poderoso estimulo para a virtude. Na tormenta defende-nos da desesperação; na bonança acautela-nos contra o descuido e arriscada negligencia. Se não se soccorre á religião, o desgraçado desespera, e succumbe; se a perde de vista, o venturoso presume, desattenta, e precipita-se.

«Vós sabeis o que a santa religião catholica romana nos ensina tocante á felicidade eterna; isto é, tocante a esse nobre privilegio que nos distingue de toda a creação sobre a terra, a esse alvo da nossa propensão universal, a esse objecto do nosso desejo mais essencial e mais ardente, a esse principio de tudo o que nos comportamentos humanos ha mais egregio e sublime. «Jesus Christo é o caminho unico da vida e da luz: na igreja romana, como em fundamento e columna da verdade, é que elle assentou a duração indefectivel, a pureza inalteravel da sua doutrina.» E deixando á vossa intima convicção esse ponto de alta, e antes soberana importancia; as circumstancias me levam a fazer uma ou outra ponderação breve, sobre a influencia da fé e piedade na mesma felicidade temporal: felicidade muito impropriamente dita, pois que tem um termo necessario, e que, na sua tal ou qual duração, é necessariamente interrompida a cada

passo; mas assim mesmo de tal sorte appetecida, e procurada com empenho tão universal e tão continuo, que d'elle tira, com razão, a mais sabia philosophia, que ou o impulso é na sua origem encaminhado a objecto infinito e eterno, ou o homem não é mais do que um insensato, que se agita com anciedade ridicula por alcançar chimericas vaidades.

«Restringindo-nos á felicidade social, e melhor diremos civil, em que aliás se comprehende a das familias e a dos individuos: não suppõe ella necessariamente a concordia e reciproca affeição dos cidadãos? Não suppõe a integridade nobre dos motivos, a boa applicação das faculdades, o governo discreto das paixões de todos? Não suppõe a intenção pura do principe, a sabedoria das leis, a honra e fidelidade dos magistrados, o respeito entendido e a submissão dos subditos? E com que boa razão se póde negar, por uma parte a dependencia, que tem tudo isto da fé e piedade religiosa, e por outra parte a excellencia do christianismo catholico para crear, affeiçoar e coordenar todos estes elementos da verdadeira prosperidade publica? Nós sabemos que a prevenção as tem negado; que a corrupção e perversidade as tem desejado encobrir; que as tem impugnado a falsa sabedoria, ou para melhor a presumpçosa insania de entendimentos, doestados de illustres pela leviandade dos contemporaneos, e que o bom juizo dos vindouros só qualificará de ligeiros e de inquietos. Mas da prevenção e insania presumida mal se póde esperar uma boa razão; e dos esforços da corrupção para encobrir, direitamente se tira a verdade e importancia do que ella pretende esconder aos outros, e póde ser que á sua consideração propria.

«O egoismo é o vicio radical do homem. O amor de si, tão necessario e tão essencial, é pela nossa corrupção divertido, exagerado, convertido em inimizade dos outros, e ainda de nós mesmos. Os seus inconvenientes, e antes horrores, é que pretendeu atalhar e remediar o bom discurso incitado de necessidade urgentissima, quando formou as associações civis, e as muniu de regras, que assegurassem as suas vantagens e a sua duração. Não são estas regras, quer na sua condição mais grosseira e rude, quer na maior perfeição legislativa, outra cousa senão, um genero de freio, com que se pretende deter aquelle impeto tão arrojado como perigoso, um dique opposto aos impulsos e estragos d'aquella temerosa inundação. Se porém a crença de um Deus, o respeito á sua vontade, o justo temor da sua ira não consagra e reforça as leis, se não prepara e inclina para o seu cumprimento, se não desengana da impossibilidade de as violar ou desprezar sem castigo; o freio é feito pedaços, o dique é desmantelado ou sobrepujado, e o egoismo violento por excessos e injustiças, descompõe a união, suscita odios e discordias sem fim, frustra, com total ruina das cidades, o proposito dos fundadores, a prudencia das leis, a esperança e desejos de todos os associados.

«Ostenta-se particularmente, na sujeição do amor proprio e nos seus beneficos effeitos, a triumphante virtude do christianismo. Todo o corpo da sua doutrina o confunde, todos os preceitos da sua moral o comprimem, e até os seus ritos e praticas a cada momento o advertem. Assim vêmos, quando se attenta bem pela historia do genero humano, uma revolução geral nos modos e costumes para a benevolencia e caridade, depois que a religião de Jesus Christo dominou sobre a terra. Por effeito, quasi insensivel, d'esta dominação, as classes todas se emparelham, a escravidão desapparece ou pouco menos, os direitos communs se apuram e se apregoam, os estabelecimentos caridosos se multiplicam, as ambições se contém ou se frustram, e mesmo os furores da guerra e animosidades hostis, na viveza e duração, notavelmente se diminuem. Não se mudou, assim é, em pura ou angelica a nossa natureza: mas os bens da religião tornam-se indisputaveis ao observador imparcial, e as imperfeições res-

tam como documentos da repugnancia que oppôz o sugeito, e do alto poder que a venceu em tamanha parte: bem como as desigualdades, que ficam na superficie de um corpo grosseiro, depois de affeiçoado e polido por destro esculptor, attestando a ruim condição da materia, servem por isso mesmo a realçar muito o esmero e primor do artificio.

«Não é necessario superior esforço da razão para alcançar quanto influe na qualidade das acções a pureza dos motivos e a sua dignidade, quanto o proveito das faculdades mais felizes depende do acerto da sua applicação, quanto o bem geral e particular do homem requer que se encaminhem discretamente as suas paixões. Talvez não seria affirmativa muito exagerada, a que referisse a este fecundo principio todos os bens e todos os males da terra. A mesma obra é sublime ou rasteira, conforme a nobreza ou baixeza do seu motivo. Iguaes talentos militares fazem o libertador ou o tyranno da patria. Um vivo e rico engenho póde, segundo o modo por que se applica, ou illustrar e apurar, ou allucinar e corromper o genero humano. Se se deixam as paixões ao seu natural arrojo, a sociedade e o homem são perdidos sem remedio; se as quer aniquilar philosophia mais bem intencionada que sizuda, reconhece pela vaidade da tentativa, o pouco aviso, com que intentou arrancar o que convinha sómente dirigir.

«Alcançou a importancia da bondade de motivos, do acerto de applicação, do governo das paixões na boa ordem dos estados o entendimento grave de todos os primeiros legisladores: mas sentiu ao mesmo tempo, para crear e manter tudo isto, a fraqueza do discurso humano, a pouca efficacia da exhortação, e mesmo a quasi total impotencia das leis. Foi d'este reparo que nasceu o conselho profundo de chamar a religião em soccorro da politica: ou applicando-a como se achava já entre os homens, de que regulavam a existencia civil; ou affeiçoando-a segundo as proprias idéas; ou ainda imaginando e fingindo conceitos e successos, cuja crença e noticia, tornando mais vivo o poder da religião, não só acrescentasse a authoridade de suas pessoas, e com isso o respeito das suas leis, mais sobre tudo facilitasse, por aquelles meios indispensaveis, o seu cumprimento, e assegurasse a ventura de suas consequencias. Sejam embora notados da temeridade com que affeiçoaram a seu arbitrio, e da maior temeridade ainda com que misturaram á verdade as proprias phantasias e fingimentos; mas reconheça-se a profunda madureza do seu conselho, e sinta-se, com a sua experiencia e sabedoria, o indissoluvel vinculo da religião e da prosperidade civil. A discrição do seu proposito não póde ser contestada; bem que o aggravo feito á verdade religiosa necessite de ser desculpado pelo modo muito imperfeito porque a conheciam.

«Não conheceram, amados filhos, nem poderam muitos d'elles conhecer o Evangelho sublime de Jesus Christo, cuja perfeição os retardaria e atalharia em suas modificações ou invenções. Apura, e eleva todos os motivos humanos esta doutrina admiravel, reduzindo-os ou concordando-os no desejo da propria felicidade eterna, por escrupulosa conformidade com os dictames da divina sabedoria. Applica com acerto as qualidades e talentos todos, dirigindo-os, sem excepção, á honra e gloria de um soberano universal, e ao proveito entendido do seu possuidor, em harmonia com o da humanidade, sem distincção de relações ou de individuos. Não trata de arrancar o amor e o odio, em que todas as paixões se comprehendem; mas aponta os seus dignos e unicos objectos, assigna os caminhos mais direitos e mais seguros, regula em justa proporção os graus de sua intensidade. Ai! A fraqueza humana como que esmorece na contemplação da necessidade de se ajustar com uma norma tão remontada. Mas a promessa de soccorro prompto e adequado a conforta; e affrontando as difficuldades e impedimentos, ergue-se sobre si mesma, e apparece

nas maravilhosas fórmas de sublimidade indisputavel, que attesta frequentes vezes a sincera historia da igreja; que a philosophia desprevenida não póde olhar sem assombro; e que a prevenção contraria disputa com injustiça manifesta, e por isso mesmo certifica contra a sua intenção e o seu interesse.

«O legislador ha de mister um entendimento vasto e profundo, um cabedal immenso, e quasi prodigioso, de luzes, e principalmente um coração, que muito afervorado no amor do bem publico, seja todavia para os outros affectos como impassivel. A natureza póde dar essa intellectual capacidade; a diligencia póde aperfeiçoal-a, e adquirir o cabedal de conhecimentos: mas a obra fica ainda muito longe da sua justa medida, se faltam as duas qualidades apparentemente contradictorias, e sem duvida raras, do coração. Sem ellas a copia de noticias só póde servir de facilitar e de pretextar erros; a vastidão e profundeza só podem tornar os erros mais avultados e mais perigosos. O unico principio certo, porém, das qualidades do coração é um christianismo vivo e puro, que assim compõe e submette as inclinações particulares ao bem geral, que parece (conforme a ponderação de um dos grandes padres da igreja) exterminar todos os affectos subalternos, quando na verdade só os ordena e sujeita com rigor; vedando em todo o caso, que a ordem essencial se perverta, que o principal se sacrifique ao accessorio, que á felicidade e interesse de todos se anteponha o gosto e interesse até das relações mais conjunctas e mais intimas da familia, e ainda da natureza.

«Não pretendemos negar, que os professores do christianismo, nem sempre guardam a ordenada subordinação de inclinações, a que os sujeita a soberana sabedoria evangelica. Fôra dissimulação inutil e muito reprehensivel. Affirmamos porém sem receio, que o Evangelho desapprova altamente, e antes condemna com severidade, o mais leve desvio; que os não reconhece em tal caso por alumnos da sua doutrina; e que os obriga á mais decidida e cabal reparação, para continuarem a bem merecer o honrado e sublime titulo de christãos.

«Estranha por certo, amados filhos, condemna, lança de si com indignação, ou o legislador que o injuria com leis parciaes e ruinosas, ou o magistrado que substitue vergonhosamente ás leis o seu capricho, ou o cidadão que as infringe, e ainda desattende, e que se não submette plena e promptamente á voz do superior legitimo que o encaminha. Tendo, sobre tudo, em vista a felicidade universal, a todos assigna, com a mira n'este objecto primeiro e insigne, as obrigações, de todos requer, com a mesma severidade, o seu cumprimento. Aos reis e legisladores lembra, que Deus é a fonte do seu poder e authoridade, e que vinga irremissivelmente ou o abuso ou a injustiça do decreto; lembra aos julgadores da terra os exemplos terriveis, com que são castigadas as suas prevaricações; inculca aos subditos a justa obediencia, e mesmo a resignação com a vontade dos superiores *discolos*, em cujas mãos a espada deixa de ser mero instrumento da boa ordem publica. Não é que o christianismo authorise (muito em especial o advertimos) o emprego improprio da espada, e por elle a miseria dos cidadãos: mas quer atalhar, com alta sabedoria, a miseria muito maior, que seria infallivel resultado ou da perversidade dos turbulentos ou das tenções sinistras dos facciosos, ou ainda da repugnancia arbitraria, e por isso anarchica, dos particulares.

«Lembremo-nos porém, amados filhos, que o Evangelho é uma lei de obras; que não está unicamente na crença o seu desempenho; que crêr e praticar é o seu substancial resumo; de tal sorte, que se obras sem a fé são inuteis á salvação, a fé que não é correspondida de obras é esteril e quasi nenhuma. Não veio o author do Evangelho só a fim de alumiar o mundo; veio tambem para o reformar em acções e costumes. Não basta seguil-o

acreditando a sua missão divina; é preciso seguil-o igualmente cumprindo com pontualidade os seus preceitos, e conformando, se a tanto aspira seu soberano espirito, á sublimidade de seus conselhos. Um christianismo meramente especulativo seria imperfeito, e mesmo irrisorio. Longe, e muito longe de nós esta irrisão sacrilega, indigna da sua gravidade santa e da nossa razão. Não é uma crença vã o grande principio da felicidade dos homens e dos estados: e deixando substituir a causa maior das desgraças humanas, que é a descomposta irregularidade das nossas obras, serviria só de descredito ao verdadeiro e puro christianismo; dando aso aos perversos para imputarem, como tem feito em muitos casos, á doutrina do nosso legislador os absurdos inconvenientes, que procedem justamente do seu desprezo.» (Francisco Alexandre Lobo).

RELOGIO. «Um dos ramos mais interessantes do commercio suisso é a fabricação de relogios, que fórma um objecto de summa importancia nos districtos montanhosos de Neuchatel, na porção franceza do cantão de Berne, e na cidade e visinhanças de Genebra; e que tem sido a origem de riquezas e melhorados commodos da vida dos habitantes do Jura, que, em suas isoladas aldêas, se tem grangeado grande porção dos gozos da vida. Ha muito tempo que a Suissa fornece d'este genero os mercados de França, e ainda que certos relojoeiros francezes tem adquirido celebridade européa, está demonstrado que, no decurso do anno, não se fazem 10 relogios em Paris, cujo immenso commercio é fornecido pela Suissa, em relogios, cujas fabricas são sómente examinadas e rectificadas pelos manufactores francezes. A introducção por contrabando d'este artigo em França era outr'ora immensa, e nenhuma fiscalisação podia obstar á entrada de objectos tão custosos em preço como diminutos em volume. Hoje em dia a importação é permittida mediante os direitos de 6 por cento sobre relogios d'ouro, e 10 por cento sobre os de prata. Estes direitos, como modicos, rendem uma somma consideravel.

«As montanhas do Jura teem sido o berço de muita celebridade nas artes mecanicas, e principalmente n'aquellas cuja distincção peculiar é a miudeza e complicação. Durante o inverno, que n'estes paizes occupa 6 a 7 mezes do anno, são estes povos encarcerados (por assim dizer) em suas habitações, e é n'este tempo que elles se dedicam a trabalhos cuja execução requer o maior desenvolvimento de engenho e habilidade. Talvez 120,000 relogios são annualmente construidos nas elevadas regiões de Neuchatel. Os mais celebres relojoeiros francezes deveram á Suissa a patria e educação.

«A arte de fazer relogios foi introduzida na Suissa d'uma maneira digna de notar-se. Já no decimo setimo seculo alguns mecanicos tinham construido pendulas de pesos; mas nenhuma idéa havia n'este paiz de relogios movidos por molas, até que nos fins do referido seculo um habitante das montanhas, de volta d'uma comprida viagem, trouxe comsigo o primeiro relogio d'algibeira que n'aquellas partes jámais se tinha visto. Foi este entregue para concerto a um habil official, que não sómente o conseguiu, mas tambem tentou fazer outro semelhante; no que foi igualmente bem succedido, não obstante as difficuldades que teve a superar assim na construcção da ferramenta que lhe era precisa, como na das differentes peças do relogio. O feliz resultado d'este trabalho foi geralmente fallado, e serviu de incentivo aos esforços d'outros mecanicos, que d'esta sorte deram nascimento a um novo genero d'industria nas montanhas de Neuchatel. Durante os primeiros 40 ou 50 annos poucos foram os operarios empregados na relojoaria, e em consequencia das difficuldades que se lhes offereciam, na falta dos convenientes instrumentos, das materias necessarias, etc., os productos e os lucros foram n'este tempo inconsideraveis. Passaram depois a obter de Genebra,

e a final de Inglaterra, os ferros de que haviam mister; mas os elevados preços, que por elles pagavam, induziram alguns operarios a tentar construil-os para seu proprio uso. Com effeito poderam não sómente contender com os instrumentos estrangeiros, mas mesmo fabricar alguns mui uteis, de nova invenção, até ahi desconhecidos; e desde então não tem cessado de inventar instrumentos para a facilidade e perfeição da fabricação dos relogios; de modo que a manufactura de instrumentos e pertences de relojoaria fórma hoje em dia um ramo de industria de tal importancia, que habilita os habitantes d'estes districtos a fornecer aquelles paizes de quem para este fim antes dependiam.

«Os lucros realisados no commercio da relojoaria tem generalisado sua manufactura. A população tem triplicado, independentemente do grande numero de officiaes que se tem ido estabelecer por quasi todas as cidades da Europa, nos Estados-Unidos da America do Norte, nas Indias Orientaes, e até na China. O paiz, não obstante a esterilidade do terreno, e a severidade do clima, tem melhorado em sua apparencia: por toda a parte se encontram lindas e bem edificadas aldêas, cujas intermedias communicações são de facil transito, e cuja industriosa população, se não conta grandes proprietarios, goza ao menos d'uma feliz mediocridade e d'uma grata independencia.

«O commercio da relojoaria continua em augmento. Um relogio já não é, como outr'ora, um objecto de luxo; é um artigo de indispensavel necessidade em todas as classes da sociedade; e como a augmentada perfeição do relogio tem caminhado a par com a diminuição do seu custo, um relogio ordinario, que indique exactamente as horas do dia, está actualmente ao alcance de todo o individuo que se propozer a obtel-o.

«O numero de relogios annualmente fabricados no cantão de Neuchatel, é, como dissemos, de 100 a 120 mil, dos quaes 35,000 são d'ouro, e os mais de prata. Se suppozermos que cada relogio d'ouro vale 24$000 réis, e cada um de prata 3$200, acharemos que esta manufactura representa um capital de 1,120 contos de réis. Este calculo é ainda diminuto, porque n'elle não entra o artigo pendulas, nem o dos instrumentos de relojoaria.

«Todos os paizes da Europa são suppridos na maior parte pela Suissa. Os Estados-Unidos da America do Norte excedem a todas as mais nações na importação de relogios. O commercio com a Turquia e os portos do Levante é tambem consideravel. O governo da confederação suissa trata de estabelecer a exportação para a China, por terra, por meio da Russia.

«O numero de officiaes mecanicos empregados na relojoaria póde marcar-se, por estimativa, entre 18 a 20 mil; mas é difficultoso determinar o exacto numero, porque esta classe trabalha em suas casas e no meio de suas familias. Um d'estes officiaes poderá ganhar annualmente de 200$000 réis a 330$000. Seus habitos de industria e previsão são fortemente demonstrados pela estatistica dos *bancos d'economias*. No principado de Neuchatel e n'uma população de 56,000 pessoas havia, no anno de 1834, 3,084 cujos pequenos fundos estavam depositados no banco da villa, ao juro estabelecido de v $^1/_2$ por cento. A quantia total depositada sommava 570,000 cruzados.» (*O Museu Portuense*).

RENASCENÇA. (Veja Dezeseis (seculo).

RENUNCULACEAS. Esta familia de plantas compõe-se de hervas e arbustos, os mais d'elles sarmentosos, de succo aquoso; muitas especies são venenosas, e grande parte se cultiva como plantas de jardim e ornatos de taboleiros. Assignalam-se o *renunculo*, a *peonia*, as *esporas*, a *anémona*, a *ancolia*, a *clematite*, o *aconito* e *elleboro*.

REPASTO E OUTROS ARTIGOS RESPECTIVOS AOS MENINOS. «A

fraqueza dos meninos, os perigos que os rodeiam, os cuidados constantes e prolongados que reclamam, e as esperanças que lhes estão annexas, todas estas circumstancias justificam o interesse que inspiram. Consagremos, por conseguinte, algumas paginas d'este diccionario ás considerações hygienicas que dizem respeito a esta idade da vida.

«A alimentação que a natureza destina á criança, que acaba de nascer, é o leite de sua mãi; mas é ás vezes impossivel a esta o preencher tal dever. Se é affectada de alguma molestia chronica, tal como a tisica, a molestia de pelle, as escrofulas, o rachitismo; se é de saude fraca, se não tem bastante leite, é evidente que se ha de recorrer a uma ama.

«A maneira por que as crianças são hoje vestidas é muito mais conforme ás regras de uma sã hygiene. Os vestidos da primeira idade devem ser assás quentes para preservarem das intemperies do ar, e bastante largos para não constrangerem de modo algum a circulação e até permittirem os movimentos mais extensos. A cabeça só deve estar coberta quando não tem cabellos, e ainda assim é preciso que os objectos com que fôr coberta não occasionem grande calor, o qual póde favorecer a producção de congestões cerebraes.

«O uso de pregar os vestidos com alfinetes póde ter graves resultados. Factos ha de crianças que tiveram convulsões, por lhes haver penetrado na pelle um alfinete pregado no vestido, e que quanto mais as apertavam para assim as fazer calar, tanto mais se augmentavam os accidentes.

«A cama merece igualmente fixar nossa attenção. Nunca deve ser mui quente, nem mui molle. A lã, a crina, a palha, são as materias que merecem preferencia para sua composição. É preciso tambem que haja cuidado em que o berço não receba luz nem pela cabeça, nem pelos lados; sem esta precaução, os olhos, buscando-a continuamente, podem tomar uma direcção viciosa; por isso, esconder-se-ha a janella ou qualquer outro fóco de luz á vista da criança, mediante cortinas no berço.

«Que espaço de tempo deve a criança dormir? Nos primeiros dias de sua existencia, sua vida é um longo somno, interrompido sómente pela necessidade de mamar. Deve deixar-se dormir quanto quizer; para o diante, nove ou dez horas de somno lhe serão sufficientes. Nunca se deve provocar o somno embalando o recem-nascido. A agitação do berço, além de excitar os vomitos e perturbar a digestão como o movimento do navio, retarda a circulação e só dispõe ao somno provocando uma ligeira congestão do cerebro. Um tal repouso é ficticio e morbido. No adulto mesmo produz entorpecimento e vertigens.

«Nos primeiros dias, a criança está continuamente deitada de costas, mas bem depressa começa a mover os membrosinhos. Este exercicio fortifica e desenvolve seus orgãos. Pouco tempo depois, a criança roja, por assim dizer, sobre o chão, onde está em liberdade; depois engatinha, finalmente endireita-se e anda. Nunca se deve buscar adiantar a época que a natureza tem fixado para que a criança ande só; os meios mecanicos de que se faz uso para se conseguir este fim são todos mais ou menos perigosos. Quando a criança chega á época da adolescencia, gosta de correr, saltar, trepar; é um instincto natural que não se deve embaraçar, tendo-se entretanto o cuidado de afastal-a de tudo quanto lhe poder ser nocivo. Nada lhe é mais util que o exercicio dos orgãos de locomoção para desenvolver-lhe o vigor de todo o corpo. Os antigos, que entendiam melhor do que nós da educação physica, tinham muitos generos de gymnastica; além do nadar, da equitação, esgrima, dança, eram tambem exercitados pelos meninos o salto, o pugilato, a gestação de pesos, a luta, etc.; de maneira que aquelle que se exercitava assim em tudo ficava perfeitamente desenvolvido. Nem por isso se deve crêr que approvo o cuidado exclusivo das forças corporaes, e que não desejo formar senão athletas e dançarinos;

só quero dizer que uma educação physica bem entendida augmenta a energia moral pela saude que produz. Todos os cuidados devem, por conseguinte, tender a entreter na infancia uma especie de equilibrio entre estas duas vidas, se se póde dizer assim. A vantagem que os paes acham em ter pequenos prodigios, não póde compensar os inconvenientes inseparaveis do desenvolvimento prematuro das faculdades mentaes; este desenvolvimento só póde ter lugar com detrimento das outras funcções, e é bem raro que a criança que offerece um predominio consideravel e prematuro do cerebro tenha longa vida. Isto basta para provar quanto é importante que se consagrem os primeiros annos ao desenvolvimento physico.

«Apenas o homem entra na carreira da vida logo é susceptivel de experimentar paixões. A colera, o ciume, o medo, agitam-no antes que possa exprimir por palavras estas paixões. É preciso se obste aos seus progressos para se evitarem os grandes perigos que as acompanham. É mui importante para a boa educação das crianças que se lhes não deixe tomar um imperio mui poderoso. Evitar-se-ha que ellas se façam ciosas, distribuindo com equidade os elogios e as exprobrações, os castigos e as recompensas. Um sentimento de justiça anima a tenra idade; a injustiça a irrita até o ultimo ponto: tem-se visto jovens corações, ulcerados por uma preferencia iniqua, conservarem d'ella durante toda a vida uma impressão dolorosa contra os authores de seus dias; impressão que as forças da razão não poderão destruir. Muitas crianças emmagrecem por causa d'esta paixão. É mui necessario tambem que se privem as crianças de tudo o que lhes possa causar medo; pois que são innumeros os males que d'elle podem resultar; convém então não assustal-as voluntariamente, acostumal-as com prudencia aos objectos do seu pavor, e prohibir severamente todas essas historias que, pelas suas imagens terriveis de ladrões ou espectros, são proprias a produzirem susto. Os paes devem exercer uma vigilancia muito attenta sobre as pessoas a quem confiam seus filhos. Muitas vezes se tem visto estes jovens entes serem victimas de perniciosos costumes, communicados por criados corrompidos.» (Chernoviz).

REPERTORIO. (Veja Livro de Razão).

REPTIS. «Os reptis constituem por si só uma classe distincta por muitos caracteristicos; em primeiro lugar os seres, que a formam, são animaes de sangue frio, e respiração incompleta, o seu coração tem um só ventriculo, que, communicando com as duas auriculas, recebe promiscuamente sangue venoso e arterial, e transmitte-o depois ao organismo; se alguma excepção apparece a esta regra, na classe dos reptis, é só na familia dos crocodilos, mas n'estes ainda a circulação faz-se de um modo muito diverso, do dos mamiferos e passaros.

«Os reptis na maior parte tem quatro membros; alguns porém só dous, e raros são os desprovidos d'estes orgãos, a pelle é nua e coberta de escamas.

«Como os mamiferos e passaros, a respiração dos reptis faz-se por meio de pulmões, mas estes orgãos, longe de serem compostos de muitas cellulas, como os d'elles, apenas tem duas cavidades, que communicam com os bronchios.

«O canal digestivo nada apresenta digno de menção especial, como o dos passaros, limita-se por uma cloaca, aonde igualmente terminam os grãos de reproducção e secreção urinaria.

«O systema nervoso é pouco desenvolvido, o cerebro muito pequeno, e sem circumvoluções, os sentidos acanhados; nota-se que o apparelho do ouvido dos reptis é muito imperfeito, porque não tem pavilhão, e a membrana do tympano apenas é defendida á flôr da cabeça, por uma prega cutanea; em alguns animaes até falta esta membrana, e os pequenos ossos da orelha media.

«Os reptis são pela maior parte ani-

maes carnivoros, e alguns mesmo tem a propriedade de tragar de uma só vez a presa ainda viva, tem as maxillas guarnecidas de dentes delgados e afiados, pouco proprios á mastigação, mas muito convenientes a rasgar os animaes, que lhes servem de nutrição; a lingua é delgada, secca, bifurcada, e muito movel.

«Além d'isto, os reptis tem outros caracteristicos organicos, que os separam na classificação, e que nós podemos mencionar a par da subdivisão em ordens.

«Os reptis atartarugados, ou simplesmente *chelonios*, distinguem-se dos outros reptis por terem uma especie de caixa, ou concha ossea, que lhes protege o corpo.

«Esta caixa, que nas *tartarugas propriamente ditas* é de um grande brilhantismo e merece grande preço no commercio, compõe-se de duas partes importantes, a superior chamada *escudo* ou *concha*, e a inferior conhecida pelo nome de *almofada;* a primeira sustentada pelas costellas, e columna vertebral, a segunda continuada pelo esterno.

«O corpo d'estes animaes está escondido completamente dentro da concha, apenas os membros, que são quatro, e a cabeça, ficam de fóra, mas estes mesmos podem recolher, como com effeito recolhem muitas vezes.

«Os chelonios não tem dentes; apenas se lhes notam umas peças corneas semelhantes ao bico dos passaros; a sua nutrição compõe-se de materias vegetaes, e pequenos animaes, vermes, molluscos, insectos, etc.

«A respiração opera-se n'estes animaes por *deglutição*, isto é, comprimem o ar inspirado com a garganta, porque as paredes do peito são immoveis.

«Já notamos na primeira parte, e aqui tornamos a lembrar, que os atartarugados vivem muitos annos, e asseveram os naturalistas que podem mesmo passar grande parte da sua vida sem tomar alimentos d'especie alguma.

«Quanto á classificação em familias ou subdivisão em *chelonios da terra*, *do mar*, e *d'agua dóce*, funda-se mais no modo por que estes animaes vivem, do que na sua organisação; e com effeito o *cágado* (chelonio d'agua dóce), nada differe da *tartaruga* (chelonio do mar), a não ser no brilhantismo da casca, que n'esta é maior, assim como o tamanho.

«Os alagartados distinguem-se dos outros reptis em terem o corpo alongado, e terminado por uma cauda muito espessa na base; dotados de quatro membros, cujos dedos são armados de unhas, ou garras; estes animaes marcham com grande ligeireza, se bem que rasteiramente, por causa da pequenez dos mesmos membros.

«A pelle dos alagartados é escamosa, e a maior parte das vezes verde; essencialmente carnivoros, tem elles as maxillas guarnecidas de muitos e agudos dentes, com que rasgam a presa, antes de a devorar; a caixa thoracica, formada por costellas, que articulam com o esterno, eleva-se e abate-se no acto da inspiração e respiração, a circulação segue o mesmo processo, que fica descripto com respeito aos reptis em geral, e só na familia dos crocodilos o coração tem quatro cavidades.

«Das seis familias enumeradas, os generos mais conhecidos são: o *crocodilo*, o *sardão*, a *osga*.

«Os asserpentados ou ophidios tem um corpo esguio, longo, desprovido de membros, e limitado na sua parte posterior por uma cauda, que é mais extensa do que a dos lagartos, e sem se distinguir do resto do corpo, isto é, sem se lhe conhecer ponto d'inserção.

«As costellas, que n'esta ordem de seres são muito mais numerosas, longe de serem articuladas com o esterno (porque o não tem), fluctuam livres na região thoracica.

«O globo dos olhos desprovido de palpebras, goza de uma firmeza e poder tal, que fascina e ameaça todos os outros animaes, inclusivè o proprio homem.

«A circulação das serpentes é como a dos alagartados.

«As maxillas guarnecidas ambas de

dentes agudos, são de tal modo articuladas entre si, que podem afastar-se consideravelmente, e é isto sem duvida que lhes permitte o devorar a presa inteira por maior que ella seja.

«Em alguns generos a maxilla superior torna-se notavel ainda pela existencia de duas farpas ou fateixas venenosas, que terminam por um tubo estreito, conductor do veneno, que uma glandula segrega.

«Os reptis asserpentados tem sempre a lingua longa, movel, e bifurcada; habitam os antros humidos, e quentes, e depois de uma longa digestão adquirem uma molleza admiravel, e que muitas vezes lhes é funesta.

«Os naturalistas dividem a ordem dos reptis asserpentados em duas familias — 1.ª *asserpentados venenosos*, 2.ª *asserpentados não venenosos*, e bem facil é conhecer a razão d'esta classificação, se attendermos aos termos, com que cada familia se acha definida.

«Com effeito os asserpentados venenosos tem as duas farpas, em que já anteriormente fallamos, as quaes servem de conductos ao veneno segregado por uma glandula situada na bocca.

«Como generos de asserpentados venenosos, temos a *vibora commum*, as *serpentes de campainhas*, ou *guisos* (conhecidas pelo nome de cobras de cascavel), que se encontram na America meridional, as *serpentes de tres cabeças* ou *trigonocephalos*, etc.

«Os asserpentados não venenosos, nem tem o veneno mortifero dos anteriores, nem tambem as duas fateixas conductoras, na maxilla superior, e d'estes os generos mais conhecidos são as *cobras communs*, as *boas*, etc.

«Esta classe, de que Linneu não fallou, ou antes, que confundiu com a anterior, por ser composta igualmente de animaes oviparos e de pés curtos, contém em si animaes cujos caracteristicos se não accordam com os dos reptis, principalmente se attendermos ás extravagantes *metamorphoses* do seu organismo.

«N'esta parte da classificação, Linneu, como quasi todos os naturalistas d'antiguidade, á excepção de Laurenti, andaram talvez com menos cuidado, e dizemos á excepção de Laurenti, porque este dividiu ao menos os reptis em tres ordens — 1.ª *reptis de salto*, 2.ª *reptis de marcha*, 3.ª *reptis de rastejo;* á primeira pertenciam os *sapos*, as *rãs*, etc., á segunda os *lagartos, lagartixas, osgas*, etc., á terceira as *serpentes.*

«Hoje porém que os conhecimentos d'historia natural vão mais adiante, e que mais minuciosamente se estudam os caracteristicos de cada animal, hoje, dizem os naturalistas, *um reptil não deve confundir-se com um amphibio, nem podem estar juntos na mesma classe.*

«Pela exposição que vamos fazer, vêr-se-ha quem teve razão, se Linneu, chamando aos amphibios *reptis*, e classificando-os promiscuamente, se Cuvier, fazendo d'elles duas classes distinctas e separadas.

«Os amphibios (de *ampho*, expressão grega que significa dobrada, e *bios*, vida) são oviparos, de pelle nua, sustentados por quatro membros guarnecidos de dedos sem unhas, faltalhes o esterno, e por isso as costellas fluctuam livres no thorax, como acontece ás serpentes. O seu coração tem um só ventriculo para duas auriculas, os pulmões constituidos por cellulas vastas, e a respiração opera-se por deglutição, como nas tartarugas.

«Os amphibios no estado d'embryão ostentam uma fórma completamente diversa da que tem no seu estado perfeito (e é isto sobre tudo o que justifica a classificação moderna).

«Quando sahem dos ovos, os amphibios podem confundir-se com peixes, porque nem tem membros, nem a sua respiração se faz por pulmões, apenas se lhes nota então uma especie de barbatanas, que sustentam na agua o corpo esguio d'estes animaes, mas logo que passam esta idade, que sem erro se lhe deve chamar a idade de embryão, começam a desenvolver-se os membros posteriores, em seguida os anteriores, e a final os pulmões, que até ahi se achavam n'um estado

indefinivel, tornam-se distinctos, e proprios á recepção do ar exterior.

«Os amphibios habitam a terra e a agua alternativamente, o seu alimento consta de animaes vivos, como insectos, vermes, pequenos peixes, etc.

«Os naturalistas consideram com justo motivo os amphibios, como ponto de transição entre os animaes de respiração pulmonar ou aerea, e os peixes; e dizemos com justo motivo porque na verdade os amphibios tem na idade de embryão muitos dos caracteristicos organicos dos peixes.

«Entre as duas ordens —*amphibios de cauda*, e *amphibios sem cauda*—apparecem varias familias, taes como os *sapos*, as *rãs*, as *salamandras*, os *proteos*, as *sereias*, etc.

«Mr. Milne Edwards segue outra classificação com respeito aos batracios, porque em lugar de duas ordens, faz quatro, comprehendendo a primeira todos os amphibios, que soffrem mudanças no seu organismo, e a final ficam sem cauda, exemplo: o *sapo*, a *rã*, etc., a segunda todos os amphibios que conservam sempre a cauda, e a final tem quatro membros e pulmões, exemplo: a *salamandra;* a terceira todos os amphibios, que conservam sempre guelras, e a final tem igualmente pulmões, exemplo: os *proteos*, as *sereias*, etc., a quarta todos os amphibios que são desprovidos de membros, e cujo corpo se parece com o das serpentes, exemplo: os *cecilias serpentiformes*, o *lepido sereia* (especie brazileira, ultimamente descoberta).» (Silva Junior).

RESINAS. (Veja NUTRIÇÃO e SABÃO).

RESPIRAÇÃO. «O corpo humano consta de tres cavidades principaes, que são, *cabeça*, *peito*, *e ventre*. A cavidade do peito encerra os orgãos da respiração, e da circulação: esta cavidade é circundada pelas costellas, e separada do ventre pelo *diaphragma;* septo membranoso, convexo do lado do peito, e dotado de fibras carnosas, as quaes entrando em contracção aplanam a sua convexidade, resultando d'isto o augmento da cavidade do peito, e diminuição da do ventre: muitos musculos levantando as costellas superiores tambem dilatam a capacidade do peito, e outros abaixando-as produzem o effeito contrario.

«Os *pulmões* são duas grandes massas cellulares, que enchem quasi todo o peito, cujas cellulas são tão pequenas, que só se descobrem com o microscopio: cada cellula se communica com um pequeno tubo; e todos estes tubos, desembocando uns nos outros, acabam por um só em cada pulmão, chamados *bronchios:* estes dous bronchios unidos formam a trachêa, cuja parte superior se chama larynx, e se abre na base da lingua. Tanto a trachêa como os bronchios, e ramificações d'estes, se conservam dilatados, por meio de anneis cartilaginosos, e elasticos; por maneira que, quando o peito se dilata entra o ar pelo seu proprio peso em todas as cellulas do pulmão, e sahe quando esta cavidade se contrahe.

«O *coração* acha-se situado na parte anterior do peito, entre os dous pulmões, com a sua ponta dirigida obliquamente para o lado esquerdo: compõem-se de dous *ventriculos*, cujas paredes musculares são mui robustas; e de duas auriculas de paredes mais tenues. Quando o ventriculo *posterior* ou *esquerdo* se contrahe, expelle o sangue, contido na sua cavidade em o *tronco* da *arteria aorta*, na base da qual ha tres valvulas dispostas de modo, que impedem ao sangue, pelo menos em grande parte, o retroceder para o ventriculo, quando esta se contrahe. As arterias conduzem o sangue a todas as partes do corpo, tanto pelo impulso do ventriculo esquerdo, como pela contracção successiva das fibras das mesmas arterias. As ultimas ramificações invisiveis das arterias se descarregam nas das vêas : e o sangue entra n'estas ultimas, tanto pela velocidade, que este tem recebido das arterias, como pela pressão das partes adjacentes; e d'estas ramificações passa aos troncos das vêas, nos quaes é sustido por valvu-

las, situadas de espaço em espaço, até entrar em um *tronco commum*, chamado *vêa cava*, a qual se descarrega na *auricula direita*, e esta no *ventriculo direito*, ou *anterior*, por uma abertura que tem valvulas dispostas de modo, que permittindo ao sangue a entrada n'este ventriculo, lhe impedem, quando este se contrahe, o retroceder para a auricula; e então o sangue é obrigado a entrar na *arteria pulmonar*, na base da qual ha valvulas dirigidas para fóra. Esta arteria conduz o sangue ao pulmão; e dividida em uma infinidade de ramos sobre as paredes das cellulas pulmonares, o expõem á acção do ar, depois do que entra nas raizes das *vêas pulmonares*, cujos troncos o descarregam na auricula esquerda, e esta no ventriculo esquerdo, para entrar de novo na arteria aorta, etc.

«N'este duplicado giro consiste a *circulação do sangue*, em cujo phenomeno se observa: 1.º que o sangue depois de haver circulado no corpo, não entra segunda vez n'esta circulação, antes de passar pelo bofe; 2.º que só no pulmão ha tanta quantidade de sangue, como em todo o resto do corpo; 3.º que as duas auriculas se contrahem no mesmo tempo em que os ventriculos se dilatam e vice-versa; 4.º que pela contracção dos ventriculos o sangue dilata as arterias, e que as pulsações do coração alternam com as das arterias, o que se chama *pulso*.

«A contracção do ventriculo provém da irritação de suas fibras, causada pelo sangue, que lhe envia a auricula, cuja acção, uma vez mettida em jogo, dura toda a vida.

«As vêas andam geralmente mais á superficie do que as arterias; e são por tanto mais comprimiveis, do que estas, pelas ligaduras; d'aqui vem que o sangue se accumula na parte de um membro ligado, que fica para fóra da ligadura.

«Se a respiração parasse, o pulmão contrahido não deixaria passar o sangue livremente, e toda a circulação seria interrompida, a menos que o sangue não achasse outro caminho, para voltar da vêa cava ao ventriculo esquerdo, como acontece no feto, que não respira.

«O sangue, que volta de todos os pontos do corpo ao coração, pela *vêa cava*, e que d'este vai ao pulmão pela *arteria pulmonar*, é escuro, e pesado; e o que vem do pulmão, pelas *vêas* pulmonares, ao coração, e d'este a todos os pontos do corpo, pelas arterias, é vermelho, e espumoso, o que provém da acção do ar. A nossa atmosphera é composta de um quarto de *ar vital*, ou *gaz oxygeneo*, o unico capaz de manter a combustão; e de tres quartos de outro *gaz*, chamado *azote*, o qual sahe do pulmão como entrára; porém o primeiro em lugar de sahir ar vital, sahe *agua* em vapor, e *ar fixo*, ou *gaz acido carbonico.* Estes dous productos são o resultado da combinação do oxygeneo com o *carvão*, ou *carbone*, e com a base do ar *inflammavel*, ou *hydrogeneo;* substancias contidas em o sangue; por tanto o principal effeito da respiração é livrar o sangue do excesso d'estes dous principios; e como no tempo d'esta combinação, analoga a uma combustão lenta, o gaz oxygeneo deixa escapar uma parte do calorico, que o mantinha no seu estado elastico, vem o bofe a ser o foco do calor animal, e o lugar onde o sangue recebe aquelle, que leva a todas as partes do corpo.

«A parte superior da trachêa é o principal orgão da voz, e se chama *larynx*, o qual é composto de differentes cartilagens, formando uma abertura oblonga, com bordas mui delicadas, chamada *glotte*, a qual é susceptivel de dilatação e contracção; e quando o ar é expellido com força, pela contracção do peito, alli se produzem os sons mais, ou menos agudos, na proporção em que o larynx é mais, ou menos puxado para diante: estes sons vem a ser modificados pela maior, ou menor abertura da bocca, e articulados pelos dentes, e movimentos da lingua, e dos beiços. Uma cartilagem chamada *epyglotte* se deita sobre a glotte para a tapar na acção de engulir.» (Cuvier).

REZENDE (André de). Nasceu em 1495, ou 1498, ou 1506, segundo Barbosa, na *Bibl. Lusit.*, ou talvez 1498, segundo José Caetano de Almeida. Escreveu a *Historia da antiguidade da cidade de Evora*, e a *Vida do Infante D. Duarte*, publicada em 1789, e outros opusculos em latim e portuguez. É ainda estimada a sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, impressa em 1593. Quanto á morte d'este douto antiquario reina a mesma incerteza do anno do seu nascimento.

RHENO. (Veja Allemanha).

RHETORICA. (Veja Orador, Eloquencia, Quintiliano, etc.).

RIBEIRO (Bernardim). Natural da villa do Torrão na provincia do Alemtejo, moço fidalgo da casa d'el-rei D. Manoel, capitão-mór das armadas da India, commendador de Villa Cova na ordem de Christo, e governador de S. Jorge da Mina. Foi filho de Luiz Esteves Ribeiro, thesoureiro do infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Manoel, e de D. Isabel Pacheco, filha do desembargador Diogo Pacheco, secretario das embaixadas que este monarcha mandou aos pontifices Julio II e Leão X, e de D. Isabel Pacheco, filha de Gonçalo Lopes Pacheco. Depois de ter estudado jurisprudencia, em que sahiu insigne, cultivou a poesia com tanto applauso, que o grande Camões lhe chamava o seu Enio, sendo o primeiro que em toda Hespanha compoz sextinas em redondilhas, e as elegias em versos menores. Arrebatado de impulsos amorosos passava muitas noites entre a espessura e solidão dos bosques, explicando junto á corrente das aguas com suspiros e lagrimas a vehemencia da paixão tão violenta que o obrigou a emprehender impossiveis, dedicando os seus affectos á infanta D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manoel. Casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes, quinto senhor de Cantanhede, e de D. Brites de Vilhena, filha de João de Mello da Silva, de quem teve uma unica filha, e para testemunho do affecto que lhe devia a sua esposa, nunca quiz passar a segundas nupcias. Allusivos a esta resolução parecem ser aquelles seus versos:

> Pensando-vos estou, filha,
> Vossa mãi me está lembrando.
>
> (*Menina e Moça*, part. I, cap. 21).

Por diligencia de seu parente Manoel da Silva Mascarenhas, fidalgo da casa d'el-rei, e governador da fortaleza de Outão, se imprimiu a primeira parte da *Menina e Moça, ou saudades de Bernardim Ribeiro.* Evora, por André de Burgos, 1557.

Em um codice que pertenceu a Diogo de Paiva de Andrade, author do *Casamento perfeito*, encontramos a seguinte biographia de Bernardim Ribeiro, onde se nos depara a especie nova d'elle ter sido assassinado: «Bernardim Ribeiro Pacheco, moço fidalgo d'el-rei D. Manoel, governador de S. Jorge da Mina, teve paixão amorosa pela infante D. Beatriz, filha do mesmo rei; porém, como as virtudes d'esta princeza e o seu alto nascimento constituiam impossivel a correspondencia, entrou-se de grandes sentimentos de tristeza, e querendo de alguma sorte alliviar a pena que o opprimia, escreveu muitos versos posto que com nome disfarçado. No dia em que partia a armada que conduzia esta senhora para Saboya, foi para a serra de Cintra, e do mais alto penedo observou a sahida d'aquella esquadra. Esta sua loucura o levou disfarçado a Turim; e, em habito de mendicante, se declarou á infante um dia, que repartia esmolas aos pobres como costumava; porém ella com severidade o reprehendeu, mandando que sahisse da côrte, para o que lhe deu um donativo generoso, que não aceitou. Voltando para Lisboa foi morto de um tiro na rua Nova, e suspeitou-se que poder mais alto castigára d'esta sorte seus desvarios. Esta paixão o fez escrever o livro que corre impresso, intitulado *Saudades de Bernardim Ribeiro*, que é muito raro.»

RIBEIRO (João Pedro). «Presbytero secular, doutor em canones pela universidade de Coimbra; lente da cadeira de diplomatica, creada primeiramente na mesma universidade por carta regia de 6 de janeiro de 1796, transferida depois para Lisboa e regulada por alvará de 21 de fevereiro de 1801; conego doutoral nas sés de Faro, Vizeu e Porto; desembargador honorario da casa da supplicação; conselheiro da fazenda; chronista dos dominios ultramarinos; censor regio do desembargo do paço; socio da academia real das sciencias de Lisboa, etc. etc. — Foi natural da cidade do Porto, e ahi morreu a 4 de janeiro de 1839, contando mais de 80 annos de idade. Deixou por sua morte á bibliotheca da universidade os seus livros e manuscriptos, com reserva de uma porção, de que concedeu o usofructo a seu sobrinho Pedro do Rosario Ribeiro, e por morte d'este em 1852, foi tambem encorporada na referida bibliotheca, onde tudo existe hoje. A esta doação ajuntou a do seu pequeno monetario, ou museu de medalhas e moedas antigas, em numero de 884.

«Os trabalhos que publicou pela imprensa durante a sua longa vida, fructos de improbo estudo, de não interrompidas indagações, e de uma applicação indefessa, valeram-lhe as honras de primeiro fundador e patriarcha entre nós da sciencia diplomatica, cujo edificio assentou sobre bases solidas. São elles de sobejo conhecidos, e apreciados, para que nos detenhamos com a repetição dos elogios, consagrados ao nome de seu author pela critica sisuda e imparcial dos contemporaneos, e que lhe asseguram a veneração e estima da posteridade.» (I. F. da Silva).

RIBEIRO DOS SANTOS (Antonio). «Nasceu a 30 de março de 1745 no lugar de Massarellos, freguezia de Nossa Senhora da Boa Viagem, extramuros da cidade do Porto. Seus paes, que viviam honesta e limpamente, foram o coronel de mineiros, Manoel Ribeiro dos Santos Guimarães, natural da freguezia de S. Miguel do Creixomil, no arcebispado de Braga; e D. Josepha Maria de Jesus, nascida na freguezia de S. Martinho de Lordello, a meia legua da cidade do Porto. O doutor Antonio d'Oliveira Palheiros ministrou a Antonio Ribeiro dos Santos o sacramento do baptismo, no dia 30 d'abril do referido anno de 1745.

«A chamamento de André João Santiago de Costoias, avô de Antonio Ribeiro dos Santos, partiu este da cidade do Porto para a do Rio de Janeiro no 1.º de setembro de 1756, tendo 11 annos de idade. Chegando ao seu destino logo alli entrou no seminario de Nossa Senhora da Lapa, notavel pelas suas escólas e pelos estudos bem concertados que offerecia á mocidade. No dito seminario cursou Antonio Ribeiro dos Santos o estudo de humanidades, tendo por mestres, nas differentes disciplinas, a alguns ex-jesuitas, d'entre os quaes muito elle se confessa devedor ás lições do padre Francisco Moreira de Miranda.

«Voltando a Portugal em 1764, com seu tio Gonçalo Ribeiro dos Santos, que vinha estabelecer-se em Lisboa, passou, n'esse mesmo anno, a estudos maiores na universidade de Coimbra, aonde muito se distinguiu por grande talento, applicação, e exemplar compostura no proceder. Gaspar de Saldanha era então reformador-reitor da mesma universidade.

«Em 1770 fez actos grandes, para os quaes compoz, e imprimiu o livro intitulado *De sacerdotio et imperio, selectæ dissertationes* etc. — Recebeu o grau de doutor em canones no dia 7 de fevereiro de 1771, conferindo-lh'o o seu mestre Christovão d'Almeida Soares, depois bispo de Pinhel. Antonio Ribeiro dos Santos alcançou, em breve, um lugar d'oppositor ás cadeiras da faculdade.

«Pela nova reforma da universidade de Coimbra, começada em 1772 pelo marquez de Pombal, entrou Antonio Ribeiro dos Santos, como collegial, no real collegio das ordens militares, por carta patente de 25 de setembro do dito anno, e alli tomou o habito de Santiago da Espada.—Cor-

ria já então veloz a fama dos seus conhecimentos bibliographicos, e por isso, em 9 de fevereiro de 1777, o proveu a universidade no cargo de seu bibliothecario, sendo elle o primeiro que serviu tal lugar. Por decreto de 20 de agosto de 1779 foi nomeado lente substituto da faculdade de canones, para o que se habilitára em concurso de oppositores.

«A academia real das sciencias de Lisboa — fundada em 1779 pelo incansavel zelo do duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, e com a coadjuvação scientifica do abbade José Corrêa da Serra, e visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, o primeiro secretario que teve a academia — procurava com assiduo empenho a acquisição, para o seu seio, dos homens mais abalizados do paiz. Já se vê, attendendo a tal qualificação, que Antonio Ribeiro dos Santos havia ser necessariamente comprehendido em o numero dos primeiros socios que contasse aquella corporação scientifica. Assim aconteceu, sendo elle um dos membros mais uteis e prestadios que teve a academia real das sciencias de Lisboa—do que dão pleno testemunho as contas annuaes dos seus secretarios, e os valiosos subsidios para a nossa historia politica e bibliographica, dados por aquelle sabio, e impressos nas memorias da mesma academia. Tambem foi chamado em 1780 para a academia que se congregava em casa do conde de Vimieiro com o intuito de escrever as biographias dos portuguezes distinctos.

«Por decreto de 6 de maio de 1782 foi Antonio Ribeiro dos Santos igualado a lente da cadeira de direito natural na universidade de Coimbra, em premio da oração latina que recitou na capella da mesma universidade, por occasião das exequias da senhora rainha D. Marianna Victoria, filha de Philippe v rei de Hespanha, e mulher d'el-rei D. José, sendo-lhe tambem concedida, por tal motivo, a pensão annual vitalicia de 50$000 reis.

«Muito escreveu e investigou elle durante a sua não mui curta vida, posto que assás breve para as letras e sciencias; porém a maior parte de seus escriptos legou-os Antonio Ribeiro dos Santos — uns incompletos, e outros, se bem que concluidos, sem o apuro da sua derradeira lima — á bibliotheca nacional de Lisboa. Assim mesmo ahi achará o curioso uma vasta e preciosissima collecção de ineditos sobre historia civil, ecclesiastica, litteraria, e typographica; bibliographia historica, e numismatica; philologia e linguas; bellas-artes; sciencias juridicas; regimentos; discursos varios, juridicos, e economicos; sciencias ecclesiasticas; e polygraphia, de que dá conta o catalogo manuscripto de 180 paginas in-folio, intitulado — *Bibliotheca Riberiana, ou catalogo dos livros e papeis da composição do doutor Antonio Ribeiro dos Santos, 1814* — que se acha na respectiva sala. Quem se der ao trabalho de examinar tão numerosa collecção de manuscriptos, não deixará de maravilhar-se de que houvesse um homem, em Portugal, entregue sempre, com assiduidade e zelo, ás laboriosas tarefas das suas accumuladas obrigações, que lograsse possuir tão variado e profundo saber, e conseguisse, no pouco tempo que lhe poderia sobrar, compor, para legar á posteridade, tamanha copia de valiosos manuscriptos.

«Falleceu em 16 de janeiro de 1818.» (M. Torres).

RICOS. «O rico não é sempre sabio; mas o sabio é sempre rico.» (Thales). — «O pobre sua em grosseiras lides; e o rico soffrerá menos no intimo com a inquietação dos seus proprios pensamentos? Fartas vezes é elle mais atormentado por desgostos do que o pobre o é pela fome.» (S. Bernardo).—«O rico, abundante de tudo, não é menos impaciente em suas perdas que o pobre a quem tudo falta.» (Bossuet).—«O rico não é rico por si mesmo; mas pelos pobres.» (Bourdaloue).—«A felicidade do rico não está nos bens que possue; mas nos que póde adquirir.» (Fléchier).— «Poucos ricos serão salvos, á conta da difficuldade que ha em usar bem das rique-

zas d'este mundo.» (Santo Hilario). —«Nada mais repellente que um rico sem virtudes.» (Rivarol).

RIDICULOS. «A palavra *ridiculo* tem duas significações. Empregada como adjectivo, indica o estado de uma cousa e de um individuo. Empregada como substantivo, determina a cousa que tornou o homem ridiculo.

«O que é, pois, ridiculo? A relação em que um acto, uma pessoa ou uma cousa se tornou ridicula.

«O ridiculo, em uma pessoa, oppõe-se á graça. É, por assim dizer, a falta de accordo entre as nossas acções e as nossas pretenções. É o resultado que se refere menos ao que se pratica. É o effeito da infelicidade alliado aos nossos actos pelo nosso caracter.

«Mas isto vem da natureza. O homem tanto póde ser ridiculo, como torto, tartamudo ou coxo. Estes defeitos não o impedem de vêr, nem de fallar, nem de andar; mas impedem-n'o de fazel-o não só com graça, o que não é dado a todos os individuos, mas com facilidade, como os demais homens.

«O ridiculo é menos repulsivo que a desgraça. Não inspira desgosto nem afastamento.

«O homem povoado de vicios e paixões receia mais o ridiculo do que o odio. Foi por esta razão que os moralistas indicaram o ridiculo como o mais efficaz correctivo que se póde oppôr ao vicio. Procedem d'ahi a satyra e a comedia.

«Quantos serviços tem prestado ambas! Mais poderosas ás vezes que as leis, ferem o criminoso que pôde evitar o rigor dos tribunaes. Alguns malevolos tremerão ante o annuncio de uma comedia. A energia e humanidade de Henrique IV não contribuiram, por ventura, mais para a destruição da liga, que o ridiculo que a pulverisou na satyra menippéa.

«O malvado não se humilha com o odio; vê n'elle o effeito do receio. É-lhe isto como especie de favor. Tremer perante o malvado é lisonjeal-o. Lisonjear-se-ha tambem fugindo d'elle, porque d'ahi infere que o temem. Gosta de vêr os rostos perturbados e as sobrancelhas carregadas. Mas se ao seu aspecto os semblantes se desarrugam, e se a expressão da malicia substitue a expressão da desconfiança, conhece que não podem vêl-o com prazer, julga logo que o desprezam e satyrisam, e o receio do ridiculo produzirá n'elle o effeito do remorso.

«Um tyranno que se torne ridiculo deixa de ser temido. Caligula e Nero antes succumbiram aos ridiculos que aos vicios. Se Constantino, que não foi, todavia, menos atroz, morreu de morte natural, é porque não juntava o gracejo á crueza.

«O ridiculo alcança o homem por diversos modos. Ha ridiculos que vem da natureza; outros que procedem da malicia estranha; e outros que se contrahem por effeito de circumstancias imprevistas. Adquire-se um ridiculo como uma febre, mas não se cura nunca.

«É mais facil ridicularisar que evitar o ridiculo. Esta arte nem todos, comtudo, a possuem. E é uma arte mui temivel; parece-se com a da esgrima. Se Molière fulminou os hypocritas, Aristophanes provocou a condemnação de um homem illustre. É mister, portanto, que os homens e as instituições sejam fortes, para resistir aos ataques do ridiculo, mas que tambem as circumstancias não sejam contra elles. No meio de um povo de corcundas, o Apollo de Belvedere seria ridiculo, como seria um homem de fé e caracter na sala de um versatil.

«Para ridicularisar basta muitas vezes uma palavra; e essa palavra servirá tambem por vezes para obscurecer o brilhantismo que cerca um homem da moda. É o sopro que extingue a luz.

«Rabelais, antes de Montaigne, e depois d'elle Voltaire, manejaram a arma do ridiculo com um poder a que ninguem resistiu. Que singular influencia não tem exercido o genio d'aquelles grandes homens!

«De todas as fórmas do discurso, a ironia é a mais apta para ridiculari-

sar o objecto a que se applica. Os oradores eminentes recorrem a ella em caso de necessidade. Cicero soube com a ironia alcançar grandes triumphos nos processos mais graves.

«O ridiculo entra dentro de certos individuos como a chuva que, resvalando no marmore, entra nas estatuas de gesso, e por fim as dissolve.» (B. A.)

RIO DE JANEIRO. «O porto do Rio de Janeiro é magnifico, todo matizado de ilhas encantadoras. D'este nome, primeiro dado á enseada ou bahia, que tem a embocadura para a parte do sul, participou depois a cidade, que sobre ella se fundou. Um erro geographico lhe desvirtuou a propriedade do nome. Os primeiros exploradores que seguiam a costa do cabo de S. Roque para o sul, com tres caravellas commandadas por Gonçalo Coelho, entraram n'aquella bahia, enseada, ou pequeno golfo, em janeiro de 1502, e lhe chamaram rio, no que foram sendo seguidos e imitados até hoje. Léry diz, que os indigenas lhe chamavam *Ganabará*, e, segundo outros, *Nhiteroi* ou *Nictero-hy*, que na lingua do paiz vale tanto como *Mar-morto*, expressão que não deixava de ser significativa, como tantas outras da lingua tupí.

«O pequeno golfo em que está a cidade do Rio de Janeiro, capital do imperio do Brazil, é uma das paragens mais encantadoras da terra; um dos melhores, mais frequentados, e espaçosos portos do mundo; um dos mais resguardados de contratempos, não só pelas suas condições naturaes, mas tambem pelo que a arte tem acrescentado.

«A planta da enseada aproxima-se da figura triangular, com um dos vertices no meio da barra, que dista do recesso de Magé menos de cinco leguas portuguezas. A barra é limpa de cachopos, e podia até fechar-se com uma corrente, como a de Havana. Dentro dá fundeadouro abrigado á maior esquadra do mundo.

«Esta bahia, que offerecia tanta segurança e recursos ao navegante, continuaram a frequental-a os portuguezes, senhores d'aquella costa desde o principio do seculo XVI, dando-lhe o nome de *bahia de Cabo-frio*. Christovam Pires, que na nau Bretoa explorava aquelles mares, onze annos depois da descoberta, foi alli encontrar estabelecido, sob o titulo de feitor, e com o fim de facilitar aos seus compatriotas o commercio do pau-Brazil, uma especie de Robinson, chamado João de Braga, que levantára fragil habitação n'uma das pequenas ilhas de que aquellas pacificas aguas estão semeadas. Entretanto em vão se procurára agora sobre as collinas verdejantes que dominam a cidade, alguns pés reunidos de *ibirapitanga* (pau-Brazil), cujo trafico importante tantas nações invejaram a Portugal. Os innumeros cafeeiros, que hoje fazem a riqueza da provincia, substituem as florestas primitivas.

«Fernão de Magalhães, na sua passagem para a descoberta do estreito a que deu o nome, entrou na mesma enseada, e lhe chamou *bahia de Santa Luzia*.

«Em 1557 o cosmographo Thevet, d'accordo com Villegagnon, que, protegido por Coligny, alli fundára uma colonia, que apenas durou até 1560, lhe chamou *França antarctica*.

«Em 1565 Estacio de Sá perseguia e expulsava de todo o porto os francezes que o defendiam e sustentavam encarniçadamente, ajudados pelos indios tamoyos.

«Só depois d'esta completa expulsão é que elle lançou os fundamentos á cidade do Rio de Janeiro, no terreno elevado que vai acabar na ponta do Calabouço, a que chamou cidade de S. Sebastião, em honra do seu joven rei. Estacio de Sá tinha antes levado para a proximidade do sitio, chamado Botafogo, algumas casas para residencia dos atacantes: a ellas se ficou depois chamando *villa* ou *cidade velha*.

«A cidade estendeu-se pela planicie, deixando, da parte da terra, o espaçoso campo de Santa Anna, hoje chamado da Acclamação. Não foi bem escolhido o local para continuar a fundação, que invadiu um sitio paludo-

so, com pouca circulação de ar, e que para attenuar as condições da sua insalubridade no verão, tem reclamado n'este seculo grandes obras e providencias, que por ventura não poderão vencer tudo sem a destruição do monte do Castello, principal causa que impede á cidade receber diariamente a viração do mar, providencialmente frequente nos paizes tropicaes.

«A cidade estende-se hoje para o lado da barra pelas praias da Gloria até Botafogo. Até ao sitio do *Catête*, nome que deriva de um ribeiro que por alli corre, é povoada sem interrupção.

«A descripção minuciosa d'aquellas margens encantadoras exigiria volumes. Penetrando na bahia pelo passo comprehendido entre o forte de Santa Cruz e o de S. José, a pequena ilha da Lage, situada quasi a meio, ainda lhe aperta mais a embocadura. Passando este ilhote, entra-se na vasta bahia, onde os ilhotes e ilhas são sem numero. A que se chama ilha do Governador é a maior. A ilha da Paquetá, que lhe é visinha, sobresahe pelo seu aspecto pittoresco. As pequenas ilhas de Villagalhão, e das Cobras, que defendem a entrada da bahia propriamente dita, merecem por isso particular menção. Muitas calhetas bordam todo o circuito da bahia, podendo todas receber pequenas embarcações, e algumas navios de alto porte.

«A massa granitica, que alli se designa pelo nome de *Pão d'Assucar*, que campeia á entrada da bahia, e que por muito tempo lhe serviu de demarcação, tambem tem sua historia particular. Audaciosos esforços empregaram os que conseguiram do alto d'esse monolitho gigantesco contemplar a bahia, de 100 braças acima do nivel do mar! Dizem que essa ascensão, de admiravel gymnastica, fôra primeiro feita por um inglez, que subiu até ao cimo do cone, e n'elle hasteou a bandeira da Grã-Bretanha; mas que ella se não conservára alli mais que alguns dias, porque um intrepido soldado portuguez ou brazileiro, a quem tinham promettido baixa, se ousasse fazer tão perigosa ascensão, a foi arrancar. Este successo contará já cerca de trinta ou quarenta annos, porque se diz occorrido no ministerio de Villa-Nova Portugal. Noticias recentes dizem que aquella subida se tem nos ultimos annos renovado muitas vezes.

«Sobre o monte verdejante, d'onde surge o Pão d'Assucar, está situado o forte de S. João, cujo fogo póde cruzar com os dos fortes das ilhas de Villagalhão, Santa Cruz, e Lage.

«O porto do Rio de Janeiro póde considerar-se o ponto de reunião dos navios que navegam no Athlantico, como Marselha o é dos que frequentam o Mediterraneo.

«Merece aqui particular menção a eloquente e pittoresca descripção que da bahia do Rio de Janeiro faz o seu incansavel e illustrado historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, no 1.º volume da sua *Historia geral do Brazil*, ha pouco impresso. Com palavras suas damos remate a este artigo:

«É um prodigio da natureza (diz elle), tal que aos mesmos que o estão admirando lhes está parecendo fabuloso.

«Não ha viajante antigo ou moderno, que não se extasie ante uma tal maravilha do Creador. Os que tem corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosphoro, admirado os contrastes da deliciosa bahia de Napoles, em presença das cimas mais ou menos fumegantes do seu Vesuvio, todos são unanimes em reconhecer que esses considerados portentos da hydrographia ficam a perder de vista, quando se comparam ao que ora temos presente. Semelha-se antes, em ponto maior, a um dos lagos do Salzkammergut, ou ainda da Suissa, ou da Lombardia, com aguas salgadas em vez de doces, e com verdura variegada, em vez de neve, nos mais altos serros que se descobrem ao longe.

«As serranias azuladas pela distancia em que os pincaros alcantilados e nús parecem encarapitar-se a desafiar as nuvens, abarreirando com ellas dos furacões o porto por esse lado, fazem contraste com os outeiros de terra avermelhada, em cujas cimas

coroadas de palmeiras ondeiam estas os ramos com a viração da tarde. Os morros graniticos, a lugares descarnados, de fórma mais ou menos regularmente conica, que atalaiam toda a bahia, contrastam igualmente com as varzeas e encostas vestidas de vigorosa vegetação perenne, cuja bella monotonia elles estão nem que collocados alli para quebrar. Entre esses morros, dous acham-se como de sentinella para registrar a entrada da barra. Chamam-se, em virtude das suas fórmas, o *Pão d'Assucar*, e o *Pico*. Mais para o sul levanta-se a *Gávia*, que parece ter no alto um taboleiro como as dos mastros dos navios. Outro morro parece postado nem que para offerecer sobre si um ponto quasi no firmamento, d'onde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado, a fim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado*, denominação esta que, além da falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratidão dos que ora a seguimos... Tendo a nossos pés a cidade, e em torno d'ella suas vistosas chacaras, alcança a vista ao longe o horisonte, onde o farelhão do Cabo-Frio parece confundir-se com os plainos do Atlantico.

«Do mais alto das serras que se elevam para o interior manam por entre morros e outeiros uma porção de riachos e ribeiros, muitos dos quaes, depois de precipitar-se de cachoeira em cachoeira, vão despejar suas aguas em saccos e remansos ou pequenas enseadas, que, como para receber aquellas, se encolhem d'este grande seio, vindo a consentir que entre cada duas de taes enseadas se avance e boje caprichosamente uma esbelta peninsula, cujos airosos coqueiros se espelham nos dous mares que de cada lado mandam ondas salgadas a chapinar-lhe as faldas. O maior de taes ribeiros, isto é, o que traz sua origem de mais longe, e cabe mais no fundo do golfo (ao qual roubaria o nome que tem, se effectivamente elle fosse rio), chama-se de *Macacú*.» (*Archivo Pittoresco*).

ROCHA PITTA (Sebastião da). «Nasceu na cidade da Bahia aos 3 dias de maio de 1660.

«No collegio dos Jesuitas da Bahia encetou e continuou os seus estudos até que tomou o grau de mestre em artes, e se habilitou para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram os seus paes abastados de riquezas, partiu, na idade de dezeseis annos, para Lisboa. Na universidade de Coimbra seguiu os cursos superiores, e no anno de 1682 obteve a formatura de bacharel em canones.

«Regressou logo depois para a sua patria, e para a companhia dos seus parentes. Occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infanteria das ordenanças. Casou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da villa da Cachoeira.

«Passou ahi por muitos annos uma vida tranquilla, serena e socegada. Embalaram-lhe a existencia os prazeres domesticos. Intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de bonançoso socego, vivificaram-lhe o espirito, e suavisaram-lhe a alma. Não lhe perturbou os dias nem um d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida. Não os entristeceu nem uma d'estas dôres e afflicções que soffre mais ou menos, com maior ou menor intervallo, a maior parte dos entes humanos. Não apresenta circumstancia notavel a sua existencia. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas nem se movem ao sopro da viração.

«No meio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia, entregava-se á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da época. Descançava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas. Foi de poeta a sua primeira reputação litteraria, se bem que de poeta mediocre. Cançou-se brevemente do trabalho do verso, e da difficuldade da metrificação, e abandonou a rima e a poesia. Escreveu na lingua castelhana, por

ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o portuguez Francisco de Moraes compozera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas. A imitação de Sebastião da Rocha Pitta não obteve porém a mesma nomeada, que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

«Nos trabalhos materiaes da lavoura, e suaves folgares do espirito, passou assim mais da metade da sua existencia.

«Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um excellente pensamento que o inspirou, e uma boa fortuna que adquiriu para si e para o seu paiz.

«Existiam impressas algumas chronicas parciaes da historia do Brazil e algumas viagens de diversos navegantes, que tinham visitado as suas costas. Imprimira Gandávo em Lisboa a sua *Historia de Santa Cruz*. Léry, Thével, Villegaignon, Linscott, Schmidel, Hans Stadt, André de Teive, Roulox Baro, haviam publicado as suas excursões. João de Laet, Barlæus, Marcgraff, Tamayo Vargas, Albuquerque, San Roman, Maffeus, Claudio d'Abbeville, Ives d'Évreux, Balthasar Telles, o padre Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire, Raphael de Jesus, Manuel Calado, e varios outros sujeitos, tinham escripto chronicas de preço, posto que incompletas, e insufficientes todas.

«Preciso era para a redacção de uma verdadeira historia do Brazil que se recorresse aos manuscriptos e documentos que se guardavam nas bibliothecas publicas, nas secretarias d'estado, nos depositos e archivos reaes, conventuaes e particulares: que se examinassem os itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas e descripções militares. Immensa de certo seria esta tarefa, de difficilissima execução e de trabalhos muito longos e penosos. Parecia curta á primeira vista a vida de um homem para emprehendel-a e leval-a ao cabo!

«Carecia no entretanto o Brazil de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das nações dos seus indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos por que teve de passar, desde os seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica. Caber-lhe-hia gloria maior sendo a historia escripta por um filho seu, de que por qualquer estranho, que lhe devotasse embora a sua affeição e vida.

«Não contente com as noticias que pôde obter nos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que sabia perfeitamente, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de lêr e conhecer os escriptos d'estes povos.

«Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu ao terminar o anno de 1728.

«Foi publicada em 1730 a *Historia da America portugueza* desde o seu descobrimento até o anno de 1724.

«Muitos applausos obteve. Leram-n'a, e elogiaram-n'a todos os sabios contemporaneos. Por uma commissão de seus membros fel-a examinar a academia real de historia portugueza, e approvou um parecer, em que se lhe rendiam grandes encomios, e se lhe dava diploma de academico supranumerario. Na qualidade de censor dos inquisidores escreveu uma memoria a seu respeito o bispo de Lacedemonia, a qual faz honra a ambos, ao historiador e ao critico.

«Nomeou-o el-rei D. João v fidalgo de sua casa e cavalleiro da ordem de Christo.

«Retirou-se então Sebastião da Rocha Pitta para a Bahia, e recolheu-se ao seu dourado repouso. Reviu a sua casa, os seus bens e os seus amigos. Quiz alli passar tão tranquillamente

os ultimos dias da vida, como haviam corrido os primeiros tempos da idade.

«Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruraes; ora chamando em seu auxilio a deliciosa musa que tantos encantos lhe dera, e tantas venturas lhe causára. No gremio sempre da sua familia se conservou, reunindo em torno de si muitos filhos queridos, extensa prole dos seus pacificos amores, mirando-se n'elles como em sua imagem, procurando diffundir pelos seus animos as amaveis e candidas virtudes que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e aprazíveis que encantam e enthusiasmam continuamente.

«N'essa tranquillidade do corpo, e do espirito, o veio encontrar a morte no dia 2 de novembro de 1738. Baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno como vivera sempre.» (Pereira da Silva).

ROCHAS. «Dá-se o nome de *rocha* a *toda a especie de materia mineral reunida em massa*, quer dura, quer *molle* ou *pulverulenta*. Na linguagem vulgar a palavra rocha indica a idéa de dureza, de solidez e de volume, mas na geologia não só indica massas mineraes consistentes, como os granitos, os basaltos e os calcareos; mas tambem as que teem pouca consistencia, como as argillas e as areias.

«A observação mostra que a crusta terrestre é formada de duas especies de rochas ou massas mineraes bem distinctas; uma é composta de camadas sobrepostas, de baixo para cima, ou estratificadas; contendo restos de animaes e vegetaes, e fragmentos de rochas preexistentes; estas rochas são chamadas *rochas estratificadas*, *rochas de sedimento* ou *rochas neptuninas*; porque os materiaes de que ellas se compõem teem sido depositados e nivelados pelas aguas. A outra especie de rochas chamadas rochas *não estratificadas* ou *plutonicas* são formadas de massas irregulares de textura crystallina, no interior das quaes não se encontram restos dos seres organisados: os materiaes d'estas rochas depois de terem soffrido a fusão ignea foram lentamente em massa resfriados; estas rochas teem numerosas relações de composição e de estructura com os mineraes lançados pelos volcões.

«As rochas neptuninas, que são os calcareos, os grés, as areias, as argillas, os calhaus rolados, e os limos encontram-se nas planicies, nos flancos das montanhas, em quanto que as rochas plutonicas como os granitos, os grés, os porphyros, os basaltos e as lavas encontram-se geralmente abaixo das camadas de sedimento, na base e no centro das montanhas, de que muitas vezes constituem a massa interior.

«A observação sobre as rochas estratificadas faz julgar que cada camada estratificada é um deposito mecanico, que teve lugar pela acção das aguas e que era superficial no momento da sua formação, e que a camada a mais inferior é a mais antiga de todas as sobrepostas. Torna-se pois mui facil observando e comparando entre si grande numero de superposições de differentes camadas, determinar a idade relativa d'essas camadas, quer dizer, a ordem da sua formação. Não podemos dizer que as rochas plutonicas, que são formadas em épocas differentes, sejam mais antigas ou mais modernas relativamente ás rochas estratificadas; tanto umas como as outras se formam simultaneamente e continuam a existir até á época actual.» (Marques Lobo).

ROEDORES. «*Dos mamaes sem dentes caninos* ou *dos roedores*. As philandras tem os dentes caninos tão pequenos, que se podem reputar como nullos; e por isso nutrem-se, em grande parte, do reino vegetal: seus intestinos são compridos, e o cego muito largo. Os canguruzes, que não tem caninos, vivem sómente de herva; porém os animaes, de que passamos a tratar, ainda tem a mastigação menos perfeita. Os dous grandes dentes incisivos que estes tem em cada queixo, separados dos molares por um

grande espaço, não podem apanhar uma presa viva, dilacerar a carne, nem mesmo dividir os alimentos; mas servem-lhes para os raspar, e reduzir, por um trabalho continuo, a pequenas moleculas; ou em uma palavra para os roer; e d'aqui lhes vem o nome de *roedores*. A possibilidade, que estes animaes tem de atacar, com successo, as materias duras, dá lugar a que uma parte d'elles se nutra de paus, e de cascas; outra parte de hervas, de grãos, ou de fructos, havendo comtudo alguns, que devoram as substancias animaes, que os homens conservam, como toucinho, sebo, etc. Tambem ha uma, ou duas especies de roedores, que atacam algumas vezes os animaes fracos para os comer, o que muitas das outras não fazem, senão obrigadas pela fome.

«Os *roedores* tem os molares, umas vezes com tuberculos, como os dos homens, e macacos; outras vezes com as corôas inteiramente chatas, havendo sómente um pequeno numero, que os tem com pontas. A fórma geral do seu corpo apresenta uma particularidade, e é, que sendo as pernas muito mais compridas, do que os braços, tem a garupa mais elevada, do que a parte anterior do corpo; d'aqui vem que em lugar de caminharem andam aos saltos: esta disposição chega a ser tão excessiva em algumas especies, como nos canguruzes.

«Todos os roedores tem um só estomago, os intestinos muito compridos, o cego excessivamente volumoso; e até maior, do que o estomago. Os generos conhecidos entre os roedores são os seguintes:

«Os PORCOS-ESPINHOS. Os porcos-espinhos distinguem-se n'esta ordem, como os ouriços-cacheiros entre os carnivoros, tendo o corpo coberto de espinhos em lugar de pello; e differem dos ouriços pela fórma, e arranjamento de seus dentes; porque tem dous grandes incisivos cortantes em cada queixo, seguidos de um consideravel vazio até aos molares, os quaes tem as corôas chatas. Quanto ao interior, os ouriços não tem intestino cego, e o do porco-espinho é muito grande: seu focinho grosso, curto, e troncado, como o do porco, lhe fez dar o mesmo nome de porco.

«*O porco-espinho commum*. Acha-se nos paizes quentes, em Hespanha, e em Italia: faz covas com muitos repartimentos, em que se mette: seu comprimento é de dous pés: tem uma crista de cerdas sobre a cabeça, que póde endereçar á sua vontade, a cauda curta; e os espinhos muito compridos, fortes, e annelados de pardo, e branco. Antigamente se julgou, que elle os podia dardejar, mas não é assim.

«*O coandú do Brazil*, ou *o porco-espinho de cauda, que prende*. E' todo coberto de espinhos curtos e miudos: tem a cauda semi-nua e que prende; e quatro dedos nos pés e mãos: habita na America, e trepa pelas arvores para apanhar fructos.

«AS LEBRES. As lebres tem nos seus dentes incisivos superiores o grande caracteristico, que as distingue, isto é, são duplicados, tendo cada um d'elles, por detraz, outro mais pequeno: os seus molares são formados como de laminas verticaes unidas umas com outras: tem cinco dedos nas mãos, e quatro nos pés; e o intestino cego cinco, ou seis vezes maior do que o estomago, e guarnecido por dentro em todo o seu comprimento de uma lamina espiral.

«*A lebre ordinaria*. E' de um pardo arruivado, com as pontas das orelhas pretas; e a cauda preta por cima, e branca por baixo: a sua carne é muito estimada, e o pello util para certas manufacturas: não se encova, dorme no chão; e quando a caçam, corre velozmente na campina, fazendo muitos giros.

«*O coelho*. O coelho é menor do que a lebre: tem a cauda e orelhas tambem um pouco mais curtas: sua côr é pardo escuro, e arruivado no pescoço. Apenas o perseguem vai em direitura para a sua cova, que tem um grande numero de sahidas, na qual vive em sociedade, ordinariamente mui numerosa; por causa da sua grande fecundidade.

«Os coelhos domesticos variam em côr, e finura do pello: os mais estimados, a este respeito, são os que tem o pello comprido, e sedeúdo, originarios de Angora, na Syria: esta variedade é de ordinario branca, com os olhos vermelhos: a carne dos coelhos domesticos não é tão saborosa como a dos bravos.

«*A lebrinha alpina do norte da Asia.* E' do tamanho de um porquinho da India, e de uma côr amarella uniforme: habita no cume das montanhas da Siberia, e faz provisões consideraveis de feno puro para o inverno, das quaes os caçadores das zibellinas se aproveitam para os seus cavallos.

«Os HYRACES OU DAMANS. Não se conhece mais do que uma especie d'este animal, que habita na Africa, e tem o corpo refeito, as pernas curtas, quatro dedos nas mãos, e tres nos pés; e d'estes o interno armado de uma unha obliqua e aguda: não tem cauda; porém o seu maior caracteristico consiste nos quatro dentes incisivos inferiores, que são iguaes, curtos, chatos e denteados; os dous unicos superiores são agudos e curvos; e os molares guarnecidos de tuberculos: vive em covas, e em fendas de rochedos. A palavra *daman* é arabe, e os hollandezes do Cabo lhe dão o nome de *texugo dos rochedos* (*Klip daas*).

«As CAVIAS. Estes animaes são da Africa; e tem a cabeça grande, orelhas redondas, o corpo refeito, e as pernas curtas, assim como a cauda, quando a tem: assemelham-se ao hyrace, e como elle não tem claviculas, mas tem, como quasi todos os outros roedores, dous dentes incisivos em cada queixo. Este genero está mal determinado, e é preciso dividil-o como se segue:

«*A capybara do Brazil.* E' do tamanho de um porco de Sião, e de um trigueiro amarellado: seus pés tem tres dedos reunidos por uma membrana, que lhe serve para nadar: nutre-se principalmente de plantas aquaticas; e acha-se nos rios da America meridional.

«*A cobaya do Brazil*, vulg. *porquinho da India.* E' tambem originario da America, e apenas maior do que um rato, não tem os pés palmados, e a sua fórma é um diminutivo da *capybara* do Brazil. Cria-se nas casas por curiosidade; e por se dizer que o seu cheiro afugenta os ratos: sua côr é variada de branco, ruivo, e trigueiro.

«*A paca do Brazil.* E' do tamanho de uma lebre, tem cinco dedos nos pés e mãos; e o pello trigueiro malhado de branco.

«*A cotia*, ou *aguti do Brazil.* Tem quatro dedos nas mãos; tres nos pés, o pello trigueiro, e amarellado nos lados, a cauda curta; e é do tamanho de um láparo.

«Os CASTORES. Distinguem-se de todos os outros roedores, por terem a cauda de fórma oval, achatada horisontalmente, e coberta de escamas.

«*O castor.* E' de todos os animaes o que emprega mais industria na construcção do seu domicilio, no qual, fabricado sempre na agua, trabalham em commum muitos individuos. Os castores represam a agua, quando esta é corrente, em uma altura permanente; por meio de um açude, que tem de ordinario cem pés de comprido, e doze de espessura na base, formado de estacas, que elles cortam com os dentes e situam verticalmente, rebocando-as com terra, para o que se servem da cauda mui propria pela fórma para esta operação. Este açude com inclinação a favor da corrente encerra muitas barracas, construidas com os mesmos materiaes, e com a mesma solidez, tendo cada uma duas sahidas uma para terra, outra para dentro da agua; e é por esta ultima que os castores escapam, mergulhando, quando a sua habitação é atacada. Cada barraca accommoda muitos pares, e tem algumas vezes dous e tres andares, sendo nos que estão debaixo da agua, onde os castores guardam as provisões para o inverno, consistindo em cascas de vegetaes.

«Só em o norte da Asia, e da America é que os castores edificam, e vivem em sociedade: os que se acham

na Allemanha, ilhas do Rhona, e outros lugares, habitam em covas á borda da agua. O castor é do comprimento de dous a tres pés, e de um cinzento ruivo uniforme: tem as orelhas curtas e redondas, os incisivos muito fortes, e de um amarello escuro, os molares de corôa chata; e cinco dedos nos pés e mãos, dos quaes os dos pés são reunidos por membranas; e o segundo tem uma unha obliqua e duplicada: a cauda que lhes serve de trolha, é totalmente chata, e coberta de escamas, como as de peixe. Diz-se que a carne do castor tem o mesmo sabor que a de peixe.

«Os ESQUILOS, ou HARDAS. Estes animaes tem cinco dedos nos pés, quatro nas mãos; a cauda longa e guarnecida de pello comprido e espesso, dirigido para os lados como as barbas das pennas; os olhos vivos, e as orelhas direitas; porém o seu principal caracteristico consiste em terem os incisivos inferiores comprimidos lateralmente: são assás ligeiros; vivem sobre as arvores, nas quaes se aninham; e nutrem-se de fructos: podem dividir-se como se segue:

«*O polatucha*, ou *esquilo menor volante*. Habita em o norte da Europa; e é cinzento escuro por cima, branco por baixo, e do tamanho de um rato.

«*O petaurista*, ou *esquilo maior volante*. E' de um ruivo trigueiro, quasi tamanho como um gato; e habita nas ilhas Molucas.

«*O esquilo ordinario*, ou *hardas*, ou *petigriz*. E' de um ruivo vivo, com um pincel de pello nas extremidades das orelhas: os do norte tornam-se cinzentos no inverno, e produzem a pelle chamada petigriz: ha tambem variedades pardas e pretas.

«*O esquilo das palmeiras*. E' cinzento listrado de branco; e habita em Asia e Africa sobre os coqueiros.

«*O esquilo de Madagascar*. Animal de Madagascar, do tamanho de um coelho, de um trigueiro misturado de amarello, cauda comprida e espessa, composta de grandes crinas negras: tem a cabeça redonda, as orelhas grandes e nuas, os dentes incisivos singularmente comprimidos, e quasi tão largos de cima a baixo, como da parte anterior á posterior, e cinco dedos nas mãos e pés, dos quaes, quatro das mãos são excessivamente compridos, e o do meio muito mais delgado do que os outros; e os pollegares dos pés separados e oppoentes aos outros como nos macacos; por maneira, que este esquilo vem a ser entre os roedores, o mesmo que os pedimanos são entre os carnivoros. Este singular quadrupede foi descoberto por Sonnerat, o qual pretende, que elle vive de bichos tirados das concavidades e fendas das cascas das arvores, por meio do seu dedo mais delgado.

«Os RATOS. Parece que debaixo do nome *ratos* tem Linneo e Pallas comprehendido toda a quantidade de roedores, differentes dos generos precedentes, resultando d'isto não se lhes ter podido assignar um caracter commum: nós, pois, os dividiremos do modo seguinte:

«*As marmottas* ou *arctomyas*. Distinguem-se pela cabeça extremamente chata, corpo refeito, e cauda commummente curta: vivem de hervas, e recolhem-se durante o inverno em buracos subterraneos, que enchem de feno, não obstante passarem os maiores frios em um total lethargo.

«*A marmotta ordinaria dos Alpes*. E' de um trigueiro amarellado, com a parte superior da cabeça preta: habita nas partes mais elevadas dos Alpes, immediatamente abaixo da zona, em que as neves são perpetuas.

«*A marmotta da Polonia*. E' de um cinzento amarellado, e algum tanto ruiva na cabeça: habita em lugares menos elevados, e em collinas seccas e descobertas: o seu modo de vida é quasi o mesmo que o da marmotta dos Alpes.

«*A marmotta citilla da Russia*. E' um bonito animalzinho amarellado, malhado de branco, e tambem algumas vezes de um amarello uniforme, com a nuca cinzenta: gosta tanto de carne, que não poupa mesmo a sua propria especie: acha-se desde a Bohemia até á Siberia, passando por

muitas mudanças, tanto em grandeza, como em côr.

«*A marmotta da America.* E' de côr escura, focinho cinzento, cauda comprida e trigueira.

«Este caracter de dentes, que nós havemos já visto nas lebres, e nas cavias, e que tambem acharemos no elephante, distingue os campestres de todos os outros ratos. Estes animaes tem as orelhas curtas, a cauda tambem curta, ou mediocre, coberta de pello raso.

«*O rato campestre.* E' do tamanho do ratinho caseiro, de um cinzento arruivado, com a cauda mais curta do que o corpo: vive nos campos, e estraga muito o trigo.

«*O rato d'agua.* E' de um cinzento anegrado, cauda mais comprida do que o corpo: acha-se na borda d'agua, nada, e mergulha muito bem; e nutre-se de plantas e raizes aquaticas.

«*O rato lemmingo da Laponia.* E' um animal do norte, do tamanho de um rato, de cauda curta, unhas compridas, pello matizado de grandes malhas amarellas e pretas, e algumas vezes todo cinzento: é mui celebre pelas transmigrações que faz, de tempos em tempos, sem época determinada, e em ranchos innumeraveis: diz-se que n'estas transmigrações marcham caminho direito, sem que lhes sirva de estorvo rio, montanha, ou algum outro obstaculo; e que devastam tudo no seu caminho. O lugar ordinario de sua habitação parece ser nas margens do mar Glacial.

«*O rato zocor da Siberia.* Tem os membros curtos, as unhas compridas e fortes, o pello cinzento arruivado, os olhos excessivamente pequenos, e quasi nenhuma cauda. Acha-se na Siberia e vive debaixo da terra, como a toupeira, nutrindo-se unicamente de raizes.

«Estes animaes são muito vorazes; e muitas de suas especies se tem introduzido em nossas casas, onde fazem grandes estragos: comem de tudo, não poupando mesmo a sua propria especie quando tem necessidade.

«*O rato grande caseiro ordinario,* ou *ratazana ordinaria.* Este animal, desconhecido pelos antigos, é de côr anegrada, é originario das Indias; e d'alli transportado nos ultimos tempos em os nossos navios para a America, onde se tem multiplicado muito: todos conhecem este animal nocivo.

«*O rato decumano caseiro.* E' do mesmo tamanho e muito peor do que a ratazana; e originario da Persia, havendo poucos annos que veio para o nosso paiz, d'onde tem quasi expulsado o rato ordinario.

«*O rato gris caseiro da Siberia e China.* E' tambem um grande rato domestico da China, de um cinzento ruivo, cauda mais curta, e focinho tambem mais agudo do que o precedente.

«*O rato pequeno*, ou *ratinho caseiro ordinario.* E' pequeno, de cauda comprida, e côr cinzenta.

«*O ratinho arruivado dos mattos.* E' do tamanho do ratinho caseiro, de um ruivo escuro, e de cauda comprida: habita nos mattos e é muito nocivo ás sementeiras, roubando as sementes, que leva para os seus buracos, e de que faz provisão para o inverno.

«*Os cricetos.* Parecem-se com os ratos em todo o esqueleto e dentes; mas além da sua cauda ser curta e pelluda, tem aos dous lados da bocca bochechas com papos, nas quaes levam o trigo e outros objectos, que accumulam nos seus buracos, não obstante dormirem uma grande parte do inverno.

«*O rato criceto do norte.* E' trigueiro, com tres malhas brancas no lado do pescoço e peito: acha-se tambem uma variedade toda preta. Este rato é muito commum em o norte da Allemanha, Polonia e Russia, onde causa grandes estragos, em razão da quantidade de trigo que ajunta para encher o seu buraco, o qual algumas vezes chega a ter sete pés de profundidade; pelo que em muitas terras se tem promettido premios a quem os destroe.

«*O rato typhlo.* E' um animal da Polonia, de cabeça grande, pello cin-

zento, sem cauda, e orelhas, sendo entre os mamaes o unico inteiramente cego, e sem vestigio algum na pelle que indique o lugar onde se acham ordinariamente os olhos.

«*Os gerbos.* Tem os mesmos dentes que os ratos; porém seus pomulos extremamente sahidos para fóra lhes dão uma fórma de cabeça larga, e achatada anteriormente: suas extremidades são tão desproporcionadas como as dos canguruzes; de modo que as pernas são quatro ou cinco vezes mais compridas do que os braços; d'aqui vem, que os antigos os chamaram ratos de duas pernas: sua cauda é comprida e ramalhuda; e habitam nos lugares quentes e seccos, dormindo durante o inverno em covas, que tem duas sahidas oppostas. Não se conhece d'estes, mais do que tres especies.

«*O gerbo da Arabia.* E' de um amarello claro, com a ponta da cauda preta; e tem sómente tres dedos nos pés: habita em o norte da Africa, e na parte mediana da Asia.

«*O gerbo commum*, ou *arganaz.* Assemelha-se ao precedente: tem cinco dedos nos pés, e habita na Tartaria, e regiões visinhas.

«*O gerbo da Cafraria.* E' de um amarellado claro, e do tamanho de uma lebre, d'onde lhe vem o nome de *lebre saltadora:* seus pés tem quatro dedos quasi iguaes; e habita no meio dia da Africa.

«*Os arganazes.* Tem a cauda comprida e ramalhuda como os gerbos; e como estes dormem lethargicamente no inverno; porém a sua cabeça tem a fórma ordinaria; e as suas extremidades são muito menos desiguaes.

«*O arganaz ordinario*, ou *lirão.* E' amarello, com a cauda muito ramalhuda; e do tamanho de um esquilo. Os antigos o criavam e estimavam muito por causa da sua copiosa e delicada gordura.

«*O arganaz dos pomares.* E' de um cinzento amarellado, com uma banda negra entre os olhos; e de uma grandeza mediana entre o rato, e o ratinho caseiro: este animal é muito nocivo ás latadas.

«*O arganaz muscardino.* E' do tamanho do ratinho caseiro, e de um amarello vivo: habita nos mattos; e nutre-se de avellãs.

«*O arganaz das tamargueiras, o arganaz dos pés longos.* Estes animaes da Asia, tem os pés assás compridos; por cujo motivo muitos os tem referido aos gerbos; porém a fórma da sua cabeça é a mesma que dos arganazes.

«*O arganaz algalioso.* E' inteiramente organisado como os campestres, e tem os dentes do mesmo modo, mas é do tamanho de um porquinho da India; é de côr ruiva, com a cauda comprida e escamosa: habita no Canadá; e fabríca pequenas barracas na borda d'agua como as dos castores, porém mais simplices. Muitos o tem considerado como um castor; e exhala um cheiro forte de almiscar.» (Cuvier).

ROLDANA. 1. É bem conhecida esta machina simples: consiste em um disco circular, de madeira ou de metal, cuja circumferencia é vasada segundo um profil circular formando o que se chama *a garganta*, e que póde livremente girar ao redor de um eixo que a atravessa pelo seu centro. O eixo póde ser fixo á roldana, e então as duas extremidades giram em duas aberturas circulares abertas n'uma *chapa*, dentro da qual gira a roldana. Pelo contrario, o eixo póde ser fixo á chapa, e n'este caso passa por uma abertura circular aberta no centro da roldana, que d'este modo póde girar independentemente do eixo. Tem a roldana uma corda introduzida na sua garganta, que fica unida a uma porção do seu contorno, e separando-se depois, de uma e outra parte, em duas direcções rectilineas tangenciaes. — As duas forças que actuam segundo as duas porções rectilineas da corda, estão nas mesmas condições como se fossem applicadas ás extremidades de uma alavanca angular, formada pelos raios que unem o centro da roldana aos pontos de contacto das duas porções da corda com a sua circumferencia. Os braços

d'esta alavanca são iguaes; d'onde se conclue que a força de tracção deve ser igual ao peso do corpo, que por meio da machina está suspenso. — Póde ainda empregar-se a roldana de outro modo: a chapa está munida de um gancho ao qual se suspende o fardo; uma das extremidades da corda está presa a um ponto fixo, á outra applica-se a força de tracção. Estabelecido o equilibrio, as duas porções da corda que se separam da roldana, de uma e da outra parte, estão igualmente entesadas, e a resultante da sua tensão é igual ao peso do corpo que a roldana suspende. A força de tracção é maior que a metade do peso do corpo; excepto quando as duas pontas da corda são parallelas, pois que então é igual á metade d'esse peso.

2. O *carretel* é uma machina formada pela reunião de muitas roldanas por meio de uma só chapa. Geralmente emparelham-se dous carreteis, um por baixo do outro; a chapa do carretel superior está fixa por meio de um gancho em que termina. Uma corda prende-se por uma de suas extremidades a esta chapa; d'ahi desce e vai passar na garganta de uma das roldanas inferiores; depois torna a subir para passar na garganta de uma das roldanas superiores; torna a descer novamente para ir passar na garganta de uma segunda roldana inferior; e assim por diante até que, depois de abraçar as gargantas de todas as roldanas, se separa da ultima roldana superior. A esta ponta da corda se applica uma força de tracção que põe em equilibrio o peso do corpo, suspenso ao gancho do carretel inferior. — A corda em todos os pontos do seu comprimento apresenta a mesma tensão, porque as porções da corda que se separam de uma roldana são sempre igualmente entesadas; demais, seis porções da corda, por exemplo, que se podem considerar parallelas, sustentam o carretel inferior. A tensão de cada uma d'ellas será pois a sexta parte do peso do corpo que está suspenso a este carretel. A força de tracção que está applicada á extremidade livre da corda e que determina esta tensão, terá pois o mesmo valor, isto é, será seis vezes menor que o peso que equilibra. — Com o auxilio dos carreteis, como com o das alavancas, póde-se, com uma dada força, fazer equilibrio a uma resistencia tão grande quanto se queira: basta reunir as roldanas em sufficiente numero.

3. O *cabrestante de eixo horisontal* consiste em um cylindro de ferro fundido ou de pau, terminado por dous gonzos que assentam em coxins fixos. O cylindro, que está só apoiado pelos seus gonzos, póde girar ao redor do seu eixo. Uma corda, de que uma ponta está fixa ao contorno do cylindro, prende-se, pela sua outra ponta, ao corpo que se quer levantar. Faz-se girar o cylindro, actuando nas extremidades das alavancas que n'elle estão fixas, ou que se introduzem successivamente em orificios feitos na sua superficie: d'este modo a corda enrola-se e faz subir o corpo que prende.

4. O *cabrestante de eixo vertical* emprega-se principalmente nos portos de mar para exercer grandes esforços em direcção horisontal. O gonzo superior prolonga-se acima do coxim em que gira; n'este prolongamento acham-se quatro, seis, ou mesmo oito alavancas, dispostas regularmente em volta. A armação que sustenta os dous coxins pousa no solo e está fixa por meio de cordas e estacas. — N'estes dous apparelhos, os braços de alavanca pelos quaes se actua, multiplicam consideravelmente o esforço exercido.

ROMA. «Houve quem affirmasse que Roma era a patria dos homens que não tinham patria. Não comprehendemos que ella possa ser patria para ninguem, se dermos o verdadeiro significado á palavra. Não direi que não possue alguma cousa de particularmente attractivo, ainda que essa impressão pouco ou nada se nos revele ao principio. O que se experimenta nos primeiros dias é uma especie de aborrecimento profundo, de

pesada e vaga tristeza. A cada passo que damos, o pé pousa sobre ruinas e revolve as cinzas confundidas dos homens das diversas raças e nações que, durante trinta seculos, vencedores ou vencidos, senhores ou escravos, habitaram essa terra de desolação, e de grandeza. Reconheceis ainda, n'esse confuso montão de reliquias, o vestigio de differentes épocas e povos, e de tudo isto se eleva não sei qual funebre emanação do sepulchro, que adormece, acalma, e acalenta a alma nas sonhadas visões do somno extremo.

«Póde-se alli vir para a morte, mas não para a vida, porque tudo é apenas uma sombra. Nenhum movimento existe, a não ser o dos pequenos interesses que se rojam e barafustam no seio das trevas, como os vermes no fundo de um sepulchro. Póde o povo erguer-se perante nós como espectro do passado. A cidade rainha, situada no meio de um deserto, tornou-se a cidade da morte: é esta que alli reina em todo o seu poder e na sua tremenda magestade.

«O que é, além de tudo, a população d'esta cidade decadente? Um pequeno numero de familias realmente romanas apenas vegetam obscuramente. Todos os grandes nomes da idade-media, os Colonna, os Orsini, os Savelli, ou desappareceram, ou estão a ponto de se extinguir. A nobreza de principes e duques não pertence ao paiz, nem pela natureza da sua instituição, nem por serviços prestados, nem pela sua origem. Foi, durante muitos seculos, um costume consagrado, que cada um dos papas engrandecesse e locupletasse os seus filhos, legitimos e outros, ou senão os seus sobrinhos: e frequentemente os sequestros, as espoliações, as rapinas, foram os fundamentos d'estas casas, quasi todas hoje cahidas em decadencia. Ao excesso do fausto affirma-se que succedeu um excesso contrario. Retirada nos seus vastos e silenciosos palacios, aonde ninguem penetra, essa classe, que as suas recordações e os seus presentimentos conjunctamente tornam triste, creou uma solidão no centro da solidão. Um instincto natural leva todos os entes a isolarem-se quando sentem proximo o termo da existencia.

«Aventureiros de todos os paizes, e de todas as profissões, frades de todas as nações, ecclesiasticos que surgem de todos os pontos do mundo, com a esperança de se adiantarem, ou pela necessidade de viver, constituem o excedente da população. Sem laço que a ligue, e sem unidade, a sua existencia é meramente passiva. Privada de direitos politicos, cujo nome até mesmo ignora, ella não tem nenhuma parte, directa ou indirecta, nem no governo, nem na administração. Cada qual não trata senão de si, e portanto, fóra da religião, ha apenas para uns o fim material do lucro, para outros os gozos que o presente offerece. O repouso, a ociosidade, o somno, interrompidos de tempos a tempos por espectaculos que excitam os sentidos, eis a felicidade como a concebem estes homens, nos quaes todavia ainda existe um germen de sentimentos mais elevados e mais energicos. A vida publica é nulla, nada existe que possa procurar uma nobre actividade, os vinculos sociaes estão soltos: o regimen estabelecido assenta de todos os lados no vil interesse privado. Especie de irrisão da Roma antiga, um senador, como o denominam, exerce no capitolio não sei que pequena jurisdicção de inferior instancia; e sobre o palacio do governador, cargo sempre confiado a um prelado, lê-se o famoso monogramma S. P. Q. R., cuja traducção mais exacta é ainda a do viajante francez: *si peu que rien*.

«Roma conservou por muito tempo alguma cousa do seu antigo espirito, e das suas instituições modificadas pelos costumes geraes da idade-media. Foi um obstaculo á consolidação do dominio temporal dos papas. Tiveram que lutar até ao decimo sexto seculo, com o poder dos grandes barões, e com o que subsistia ainda das antigas liberdades municipaes. N'essa época operou-se uma revolução na sociedade. Instituiram-se as monarchias

absolutas. Esta circumstancia concedeu aos pontifices a victoria: ficaram exclusivamente senhores. Despota por systema e por indole, Xisto V, para pôr termo ás opposições populares e feudaes, acabou de concentrar o poder entre as mãos do clero. O papa, e, abaixo d'elle, o summo collegio, e a prelasia, exclusivamente investidos da authoridade politica, administrativa e judiciaria, constituem o verdadeiro estado: o resto paga e obedece. É assim que os romanos são governados, administrados, e julgados por estrangeiros. Porque, não fallando do papa, os cardeaes e os prelados não estão ligados a Roma senão pelo acaso dos acontecimentos que alli os conduziram do resto da Italia, e da Europa inteira.

«É isto acaso um povo? póde por ventura ser uma patria? Comtudo esta cidade extraordinaria, centro, em differentes épocas, das mais enormes corrupções politicas e moraes, não deixa, repetimos, de ter um poderoso attractivo, como o da visão de um mundo desvanecido. Desde as gigantescas construcções, attribuidas aos Tarquinios, até ao palacio Braschi, cada seculo marcou com o seu caracter esse sol que se levanta sobre escombros: vasto cemiterio aonde dorme uma longa serie de gerações. Cada uma d'ellas alli existe debaixo de uma pedra mais ou menos mutilada, e o caminhante que se inclina para lêr a inscripção, não descobrindo senão feições informes, caracteres semi-apagados, retira-se cheio de tristeza, porque viu o que é o homem e o seu destino. Durante a sua rapida existencia, empenha-se em elevar sobre os limites do tempo faustosos edificios que hão de perpetuar, segundo elle suppõe, a sua memoria; e o tempo, na sua acção devastadora, mina-os pouco e pouco, e precipita-os no seio de abysmos insondaveis.

«As recordações religiosas que abundam em Roma, as piedosas tradições que os monumentos christãos trazem á memoria em tão grande numero, produzem sem duvida uma viva impressão sobre as almas crentes. Como nos não havemos de commover profundamente no seio das catacumbas, que são ao mesmo tempo o S. Pedro e o vaticano da época gloriosa na qual os pontifices de Jesus Christo, tendo por altar os ossos dos martyres e por palacio uma abobada subterranea, celebravam ao clarão de uma pobre lampada, no meio da noite, os mysterios santos, e depois da oração que fortifica, diziam aos fieis: «Quereis regenerar o mundo? pois então sabei padecer e morrer!»

«Na cidade e nos arredores, encontram-se numerosos objectos que podem excitar os mesmos sentimentos que promove a vista das cryptas silenciosas e sombrias, aonde o christianismo perseguido lançava as suas primeiras raizes. Todavia o encanto de Roma dimana de uma causa mais geral, visto que ella do mesmo modo actua sobre os que nunca tiveram fé, ou que a perderam. Esse encanto parece ser aquelle que tem para o homem tudo quanto lhe representa expressivamente a sua grandeza e a sua fragilidade, o seu poder e a sua miseria. Ha n'estas ruinas, sobrepostas a outras ruinas, uma maravilhosa poesia do passado, e, no seu contraste com uma natureza fecunda e vigorosa, alguma cousa que leva o espirito para o que não passa; e sob esse envolucro mortal aonde está encerrado o nosso derradeiro ser, nos embala mollemente no seio de uma vaga immensidade, e nos repassa, como se houvessemos atravessado o sepulchro, da inesgotavel vida que Deus derramou no universo.

«A parte de Roma mais habitada occupa perto do Tibre o recinto do antigo Campo-de-Marte; bordada de pequenas ruas irregulares e sordidas, offerece geralmente uma apparencia de pobreza, e um aspecto triste, apesar dos numerosos edificios que se accumulam em tão limitada superficie. Contempla-se ahi a idade moderna, antes que uma classe intermedia, que hoje domina na metade da Europa, se viesse collocar entre o povo e a aristocracia. A religião diminuia, sem a apagar, a distancia que havia

entre estes dous termos extremos da sociedade, e a instituição monastica sobre tudo teve, debaixo d'este ponto de vista, uma influencia que seria injusto deprimir. Inferiores aos palacios, em relação á arte, as igrejas pertencem a uma época de decadencia para a architectura christã. Transfigurada á grega, segundo o gosto de então, o christianismo privou-se dos magnificos ornamentos de que o haviam enriquecido os artistas dos seculos de fé. Nada que recorde a velha cathedral com as suas fórmas symbolicas, as abobadas que se elevam sem fim, as flechas que volvem para o céo como ardentes aspirações: os ornatos variados e significativos, a lua mysteriosa, os magestosos echos. Para substituir isto, zimborios pesados, com admiraveis pinturas a fresco, e outras obras de pincel; mas a ausencia completa de tudo quanto consegue apoderar-se da alma, commovê-la energicamente, levando-a nas azas da meditação a um mundo superior.

«Quasi inteiramente deserta hoje, por causa do terror exagerado que inspira aos romanos l'*aria cattiva*, a Roma antiga contém pouco mais ou menos o espaço que occupam as sete collinas. Só o Citorio faz parte da cidade moderna. Uma fraca população disseminada n'esta vasta área, fórma aqui e alli como outros tantos lugares, separados por culturas, algumas villas, e soberbas ruinas, taes como os banhos de Diocleciano, os de Tito, o Colyseu, o palacio dos imperadores sobre o Palatino, o arco de Septimio-Severo, a columna Trajano, e outras numerosas reliquias das magnificencias do povo-rei e dos Cesares que o desthronaram. Mais tarde o espirito christão lançou sobre este solo monumentos de um genero diverso, humildes capellas, immensas basilicas, entre as quaes S. Pedro se eleva magestosamente no fundo de uma praça, segundo me parece, a mais bella talvez da Europa: mosteiros, finalmente, que pela sua isolação, pelo silencio e tranquillidade que os circundam, inspiram uma suave melancolia.

«A maior parte estão pouco habitados: alguns, inteiramente abandonados, vão sendo destruidos por falta de cuidado, e em breve tornar-se-hão verdadeiras ruinas. Assim, alli mesmo ha um aspecto de decadencia, e imagens de destruição; mas alli tambem a solidão é povoada pelas recordações que nos inspiram pensamentos graves, e profundas emoções.

«Debaixo de um céo, umas vezes de azul escuro, outras vezes coberto de rubidos e abrazados vapores, e que terminam no horisonte em linhas de uma grandeza e suavidade que se não podem exceder, descobrem-se a cada passo admiraveis perspectivas que nenhum pincel poderia reproduzir, senão incompletamente.

«Imaginai uma planicie immensa, desigual, semelhante a um mar cujas ondas alevantadas em mil direcções repentinamente se houvessem petrificado: taes são os campos de Roma. Restos de aqueductos, fragmentos de tumulos, divisam-se aqui e além. O Tibre atravessa-os, açafroado, estreito, e vê-se as mais das vezes a sua corrente entre as margens escalvadas, como se adivinha o rasto de uma serpente que se escôa entre a relva do prado.

«Depois, excepto sobre a via de Ostia, montanhas, após as quaes se pospõem outras montanhas de uma extraordinaria variedade de fórmas, desdobram-se, contrahem-se, fecham-se, e tornam a abrir-se, parecendo querer attrahir os nossos olhos para as planicies deliciosas do velho Latium, limitadas ao meio dia pelo mar que banha as costas de Africa e as da Toscana, *vastum mare et spatiosum manibus.*

«No oriente ha outras bellezas e outras recordações: constitue, pelas suas doutrinas, pela sua philosophia e artes, pelas suas leis e costumes, um mundo á parte, mysterioso e grande. Mas, para nós, homens do occidente, nenhum lugar mais nos commove do que Roma, nem nos falla uma linguagem que mais nos penetre. Todo o nosso passado existe alli, envolto na sua funebre pompa: e apparece sósi-

nho. O tempo adeja suspenso, ondulando sobre essa terra, onde as almas, como as crescidas hervas do cemiterio, só desferem sons languidos e plangentes! Olhai o horisonte, do alto d'essas ruinas, nem um signal annuncia a voz do futuro.» (Lammenais).

ROMANOS. (Veja Imperios, Sexto, Primeiro, e Terceiro seculo).

ROMULO. (Veja Oitavo seculo).

ROSACEAS. (Veja Dicotyledoneas).

ROSADO (Fr. Antonio). Escriptor portuguez tão esquecido quanto benemerito de estudo. Nasceu em 1575, e morreu no mosteiro da Batalha em 1640. Escreveu um formoso livro intitulado *Tratado sobre a destruição de Jerusalem, lagrimas de Jeremias*, etc., impresso em 1624, do qual damos um excerpto, como incentivo aos affeiçoados á lingua portugueza:

«... Tendo os velhos e as velhas obrigação de ensinarem aos moços e ás moças virtudes, está o mundo hoje cheio de velhos e velhas que lêem de cadeira vicios aos moços e ás moças... Ponde os olhos no mundo, e vêde o exemplo que muitos velhos e velhas dão aos moços e ás moças: andam a encobrir rugas e a arrancar cans, ou a tingil-as. Cuidam que podem mudar a pelle como a cobra; mas enganam-se, porque ainda que cubram as cans, arrancando-as ou tingindo-as, as rugas não se tiram... e ainda que por arte querem parecer de menos annos, não hão de furtar o corpo á morte por mais que façam.— Guardai-vos de velhos desdentados, se dão em murmuradores, porque moram nas suas boccas todos os diabos; e assim, ou elles fallam pelas boccas de todos os diabos, ou todos os diabos pelas suas. O mesmo digo das velhas, e ainda mal, porque ha tantas, que dão tantos maus exemplos ás filhas e ás netas; pelo que ouso a dizer que ha poucos velhos e velhas no mundo, e que quasi todos e todas são moços e moças desaccordadas. — Costumaes vós a dizer, quando quereis exagerar a malicia de algum homem mau sobre maneira: «Fulano, senhor, é da pellica do diabo.» Pois esperai, e vereis outra maior exageração; que, para S. João explicar a crueldade do demonio, diz que tem rosto de homem e é da pellica de mulher; e, na verdade, a crueldade de tão desapiedosos inimigos com nenhuma cousa se exagera tanto como com a semelhança do homem e cabello da mulher. Parece-vos a vós que falta nas cidades ainda entre christãos alguma cousa d'estas? Achareis homens, aves na leveza, leões na crueldade, escorpiões na traição e aleivosia, lobos na ladroice, e finalmente demonios na composição de todos estes males juntos: logo são de peor digestão as cidades que os desertos. Tem as cidades tambem mais covis de ladrões em si, que as charnecas. Que mais covil de ladrões quereis vós que uma casa de jogo? D'estas estão as cidades cheias, e ainda mal porque são dos mais nobres d'ellas. Ha ahi dous generos de ladrões: uns publicos, outros palliados; os publicos são os salteadores dos caminhos e os de mais que roubam ás claras; os palliados são os jogadores... Não deveis chamar, ao que tem por habito jogar, taful, como commummente lhe chamam; mas *tafur*, que, virado, quer dizer *furta*. Os que sois curiosos de lêr por outros livros que pelos de quarenta e oito folhas, achareis na *Chronica de D. João* II que este rei mandou derribar uma casa na praça da Palha por lhe affirmarem que jogavam n'ella. Quantas casas mandára este rei salmourar nos nossos tempos, em todas as villas e cidades do nosso Portugal, e com razão, pois toda a casa de jogo é inferno, e açougue da honra de Deus e do proximo.»

RUBI. (Veja Pedras).

RUBIACEAS. A familia das rubiaceas contém mais de duas mil especies originarias na maior parte das regiões intertropicaes. Grande nume-

ro se estima como plantas serviçaes á tinturaria, á medicina, e a outros usos. (Veja DICOTYLEDONEAS).

RUMINANTES. «Os ruminantes são, de todos os mamaes, os que mais interessam ao homem, sendo d'estes, principalmente, que elle tira a carne para seu sustento; muitos o servem na conducção de cargas; e outros lhe são uteis pela gordura, couro, cornos, e outras producções. Quasi todos os ruminantes tem oito dentes incisivos no queixo de baixo; e no de cima um cordão calloso, que os suppre, formado pela gengiva: é só entre estes, que se acham mamaes com cornos na testa: as especies que não tem cornos são as unicas, que tem dentes caninos no queixo de cima. Estes animaes tem muitas vezes, além dos seus dous cascos, dous pequenos esporões imperfeitos que chegam ao chão.

«Todos os ruminantes são herbivoros, e tem quatro estomagos, a saber: 1.º o *bandulho*, grande sacco simples, de paredes guarnecidas de pequenas papillas; 2.º o *barrete*, pequeno, e redondo, cujas paredes tem laminas pouco levantadas, e dispostas em fórma de rede, ou dos favos de mel; 3.º o *folhoso*, oblongo, e de paredes revestidas de grandes laminas, elevadas longitudinalmente, as quaes se parecem com as folhas de um livro; 4.º e ultimo o coagulador, de paredes espessas, e rugosas. A *ruminação* consiste no seguinte processo: os alimentos, grosseiramente mastigados na bocca, são depois humedecidos no bandulho, do qual passa uma parte ao barrete, que a comprime e torna em uma bola embebida em um licôr aquoso: d'este sobe a dita bola outra vez á bocca, mediante uma especie de movimento antiperistaltico, onde o animal a mastiga de novo, e então desce em direitura, na segunda deglutição, ao folhoso, e d'este ao coagulador. Em quanto o animal é de mama acham-se os tres primeiros estomagos pouco desenvolvidos, e de nada servem para a digestão; por quanto o leite vai caminho direito ao coagulador, no qual se coalha antes de ser digerido.

«A gordura dos ruminantes endurece mais, quando esfria, do que a dos outros animaes, tornando-se até quebradiça, e se chama sebo: suas mamas acham-se situadas entre as côxas. Os generos dos ruminantes são os seguintes:

«Os CAMELOS não tem cornos, e seus cascos limitam-se, pela parte de cima, a cobrir sómente as pontas dos dedos: tem seis incisivos inferiores, e dous, ou tres caninos em cada queixo; o beiço de cima rachado, o pescoço muito comprido; e a figura extremamente deforme.

«*Os camelos verdadeiros*, que tem lupias de gordura nas costas, e tumores nos joelhos, e peito, os quaes parecem effeito do habito, a que os obrigam, de ajoelhar para receberem a sua carga; por quanto não os ha selvagens; e todos estão domesticados. Estes grandes animaes são celebres pela sua sobriedade e força: um camelo carrega com dez quintaes, e anda de quinze a vinte leguas por dia, comendo sómente hervas duras, e arbustos espinhosos; e póde passar sem beber muito tempo; porque o seu barrete contém uma grande quantidade de agua, que lhe sobe á bocca, para a refrescar. Seria impossivel aos homens atravessar os desertos da Arabia sem estes animaes: conhecem-se duas especies, que são:

«*O dromedario;* é cinzento arruivado, com uma só corcova: habita na Arabia, Egypto, etc.

«*O camelo;* é de um pardo anegrado, com duas corcovas; e habita na Persia, Tibeto, etc.

«Os *lhamas*, são em America o mesmo, que os camelos no antigo continente, com os quaes se parecem na figura, e comprimento do pescoço; porém são muito mais pequenos, e sem corcova nas costas: diz-se que elles tem só quatro dentes incisivos.

«O *camelo lhama do Perú;* este animal era o unico domesticado, que havia no Perú, quando se fez a conquista d'este paiz, e ainda hoje os peruvianos tratam d'elle com singular

affeição: seu corpo é coberto de lã trigueira; e carrega até cento e cincoenta arrateis; porém suas jornadas são mais curtas.

«O *camelo vicunha do Perú* tem a lã muito fina e de côr ruiva, por cujo motivo se busca pela caça, e se cria nos campos; porém não serve para cargas como o lhama.

«Os MOSCHOS. Estes animaes são pouco mais, ou menos da fórma dos zorlitos, mas sem cornos, e com dentes caninos no queixo de cima tão compridos, que lhe sahem da bocca.

«O *moscho*, ou *almiscareiro ordinario;* é do tamanho de um zorlito de seis mezes, de côr trigueira, malhado de branco, ou de amarello: habita em o Tibeto, e na grande Tartaria. Este animal é celebre pelo almiscar, que contém em um sacco membranoso, situado no embigo: as outras especies de moschos não tem o mesmo perfume, que esta tem.

«O *moscho méminho de Ceilão* é o mais pequeno dos ruminantes, tendo só meio pé de altura: a sua côr é trigueira, malhada de branco, e habita nas Indias.

«Os VEADOS. Os veados conhecem-se pela *armação* que orna a cabeça dos machos, e em algumas especies a das femeas. Esta armação é de uma natureza inteiramente ossea, isto é, um exostose natural do craneo, que todos os annos cahe para renascer mais consideravel, sendo molle em quanto brota, e coberto de uma pelle felpuda, semeada de numerosos vasos sanguineos, que penetram a sua substancia, a qual se endurece e despe pouco a pouco para chegar ao estado compacto que se lhe observa. Os veados tem todos o pello raso, a cauda curta, as pernas altas, e delgadas, uma fenda no canto interno de cada olho, chamada lacrimal, oito dentes incisivos no queixo de baixo, e nenhuns em o de cima: não tem caninos nem bexiga de fel; e são muito ligeiros na sua carreira.

«O *veado ordinario*, ou *corço*, *a cerva*, ou *corça;* este bello animal, cuja caça foi, em todos os tempos, o exercicio dos guerreiros, e o divertimento dos homens poderosos, chegando até ao ponto de constituir uma arte muito extensa, que faz a parte principal da montaria, é de uma côr trigueira, ou alourada; e tem a armação redonda com muitos esgalhos conicos, cujo numero varía segundo a idade. O corço é timido, mas torna-se furioso no tempo do cio: a femea não tem armação, e chama-se *corça;* os filhos são malhados de branco, e sua armação, no segundo anno, não tem esgalhos; e é do feitio de uma adaga, por cujo motivo se lhes dá, n'esta idade, o nome de *adagueiros*. O *veado de Ardennes* é uma variedade, de pello preto, com a taboa do pescoço mais felpuda. O *veado do Canadá* é maior, e sua enorme armação não é *palmada*, isto é, não termina por tres, ou quatro esgalhos aproximados.

«O *zorlito*, ou *cabrão bastardo montez;* é muito menor do que o veado, de côr trigueira, e branco posteriormente: tem pequenas armações forcadas; e vive sempre aos pares, macho, e femea.

«O *gamo*, ou *gommão;* é um pouco menor do que o veado, de um trigueiro malhado de branco; e com grandes armações palmadas, chatas, e denteadas: estas tres especies são do nosso paiz.

«O *rangifer*, ou *renno;* é o animal domestico dos laponios, e samoídas, os quaes o empregam em conducção, nutrem-se da sua carne, e do seu leite, vestem-se da sua pelle; e vem a ser quasi a sua unica propriedade: vive sómente nos paizes frios, e foça em a neve, para buscar debaixo d'esta uma especie de *musgo*, no qual consiste o seu principal sustento. O rangifer é de um arruçado escuro, com o pello da garganta mais comprido, e com todos os esgalhos da armação acabando em palmas achatadas: a femea tem uma armação, do mesmo modo que o macho.

«A *granbesta*, ou *alce;* é o maior dos veados, e alguns d'estes animaes são tamanhos, que igualam a estatura de um cavallo: seu ar é ignobil por causa da curteza do pescoço, grossura da cabeça, e altura das pernas; tem o

pello cinzento, e a armação formando grandes laminas ovaes achatadas, e denteadas pela borda externa: habita em o norte; porém menos ávante, do que o raugifer.

«A GIRAFA, GIRATACACHEM, OU CAMELO-PARDAL; é um animal do interior da Africa, que tem até dezoito pés de altura, pescoço muito elevado, e as extremidades muito altas, particularmente as de diante, resultando d'esta desproporção ter o corpo mais alto da parte das espadoas e mais baixo da parte da garupa: seus cornos são umas prominencias conicas do osso do craneo, que não cahem, e são sempre revestidas de pelle coberta de pello mais comprido do que o das outras partes.

«A girafa é muito mansa, e de um esbranquiçado salpicado de malhas louras: nutre-se de folhas de arvores.

«Agora só nos resta tratar dos ruminantes de cornos ôcos, isto é, d'aquelles que tem as prominencias osseas do craneo cobertas de uma substancia particular, permanente, dura, elastica, formada de fibras conglutinadas, á qual se dá propriamente o nome de *corno*. Os cornos são analogos ás unhas, e crescem como estas pela base; d'aqui vem os anneis transversaes, que n'elles se observam. Não é facil assignar caracteres determinados aos generos de ruminantes de cornos ôcos; porque todos elles se assemelham muito; com tudo, como as especies são muito numerosas, tem-se distribuido como se segue:

«As ANTILOPES. O caracter distinctivo d'este animal é ter os cornos redondos, e direitos para cima, ganhando depois inflexões differentes, segundo as especies. A maior parte das antilopes tem lacrimaes, como o veado, ao qual se assemelham tambem pela figura esbelta, e elegante, e pello raso: dividem-se assim, segundo a configuração dos seus cornos:

«A *antilope albipede*, ou *o nylgó da India;* é do tamanho, e maior do que um veado, de côr pardaça, e pés marcados com anneis brancos, e pretos; e tem uma barba no peito: habita na India; e a femea não tem cornos.

«A *camurça* tem o pello cinzento escuro, os cornos pretos, direitos, e recurvados sómente na ponta: habita na Europa, em o cimo dos escarpados Alpes, onde os caçadores se arriscam a seguil-a por causa da sua pelle, cuja utilidade é bem conhecida: acha-se tambem nos Pyrenéos, onde lhe chamam *cabra montez*.

«A *gazella pazan* é do tamanho de um veado de côr cinzenta, de cornos delgados, direitos, e quasi sempre do comprimento de dous, ou tres pés, sulcados junto á base de muitos regos annulares, que parecem feitos ao torno; acha-se na Africa, e nas Indias.

«A *gazella ordinaria da Africa* é trigueira, com o ventre branco, e uma linha preta sobre os lados: este animal esbelto tem um olhar tão meigo, que os arabes comparam os olhos bellos das mulheres aos da gazella.

«A *saiga* é cinzenta, tem a cabeça grande, e os cornos annelados de um trigueiro esbranquiçado: habita na Hungria, Russia, e em grande parte da Asia.

«A *antilope cervicabra* é semelhante á gazella, porém com os cornos curvados de outro modo: habita na Barbaria, e nas Indias.

«A *antilope condoma* é muito grande, e de côr trigueira marcada com algumas grandes listras brancas: tem o pello do pescoço muito comprido, os cornos grandes, lisos, e como retorcidos: habita no Cabo da Boa Esperança. Este pequeno numero de especies, que nós indicamos póde dar uma idéa da grande variedade que existe n'este genero.

«As CABRAS. Tem os cornos achatados, e rugados transversalmente: não tem lacrimaes, como as antilopes; e seu mento é guarnecido de uma spiréa, ou barba pontuda: estes animaes são caprichosos, vagabundos, robustos, gostam dos lugares agrestes, e seccos; e nutrem-se de arbustos, ou hervas grosseiras.

«O *bode*, e a *cabra domestica*. Todos conhecem a fórma d'este animal; com tudo ha variedades bem differentes, como:

«*O bode*, e *cabra de Juda*, de pernas

curtas, e cornos deitados sobre o pescoço.

«*O bode*, e *cabra d'Angora*, que tem grandes cornos espiraes; pello muito comprido, sedeúdo, e branco, do qual usam em o Levante para fabricar bellos pannos, fornecendo tambem o fio chamado pello de cabra.

«Estas variedades parecem vir todas, originariamente, de uma especie ruiva, de cauda curta, e negra, e de grandes cornos nodosos, que habita nas montanhas da Asia; e é nos seus intestinos, que se acha a pedra bazar oriental, á qual se attribuiram, em outros tempos, virtudes medicinaes.

«*O bodequim*, ou *cabra montez;* habita com as camurças nas alturas escarpadas dos Alpes: tem os cornos ainda maiores; e todas as proporções mais delicadas, do que as do bode montez: sua côr é trigueira, ou cinzenta. Gabaram-se muito antigamente as virtudes do sangue do bodequim.

«As OVELHAS. Tem por caracteristico os cornos angulares, rugosos, e inclinados para baixo, tornando-se espiraes; não tem spiréa, nem lacrimaes; e deve notar-se, que tanto na especie das cabras, como na das ovelhas, faltam os cornos em muitas variedades.

«*O carneiro, e ovelha ordinarios;* são uns animaes domesticos, que o homem tem espalhado por toda a terra, cuja lã, carne e leite lhe são muito uteis; e além da variedade commum, que differe, segundo as provincias, notam-se, como mais interessantes, as seguintes:

«*O carneiro d'Hespanha;* tem a lã muito fina, e crespa; e os cornos contorneados.

«*O carneiro d'Inglaterra;* não tem cornos, e é coberto de uma lã fina, comprida, e corredia.

«*O carneiro de Barbaria*, e o *da Arabia;* tem a cauda grande, e singularmente espessa.

«*Os diversos carneiros da Africa*, e *da India;* tem o pello curto, e as orelhas pendentes, etc.

«Todas estas variedades parecem ser productos da domestiqueza, e terem por origem commum o *carneiro montez* ou *muflão*, animal arruivado de grandes cornos curvados em circulo, o qual se acha nas montanhas da Asia, Creta, e até da Sardenha.

«Os BOIS. Os bois distinguem-se dos outros ruminantes pela estatura curta, e refeita, membros grossos, e robustos, pelle do pescoço pendente, formando a papada; e principalmente pelos cornos dirigidos para os lados, e para baixo, elevando-se depois em meio circulo: suas especies são assás difficeis de caracterisar: as principaes são as seguintes:

«*O boi ordinario*, o *touro*, a *vacca*, o *bezerro*, e *bezerra;* tem os cornos lisos, e menos inclinados para baixo, do que as especies seguintes. Todos conhecem as numerosas utilidades do boi para o homem: acha-se em toda a parte; e suas variedades são muito menos, do que a dos outros animaes domesticos, consistindo sómente na grandeza, e côr; devem-se com tudo notar:

«*Os bois grandes da Suissa*, e *da Irlanda;*

«*Os bois pequenos da Escocia*, que algumas vezes não tem cornos;

«*Os boizinhos gebos da India*, que tem sobre as espadoas um lobinho, ou corcova de gordura, etc. As variedades dos bois vem do *touro montez* sem corcova; especie silvestre, que se acha nos mattos da Polonia, e do Norte; e que só differe dos nossos bois em ter o pescoço, e as espadoas guarnecidas de cabello comprido, ou de lã. O *touro montez gebo* ou *corcovado*, da America septentrional, que tem uma corcova sobre as espadoas, e toda a parte anterior coberta de uma lã muito comprida, talvez seja uma variedade do touro montez sem corcova.

«*O bufalo ordinario* é mais forte, e de peor condição, do que o boi; com tudo acha-se domesticado na Grecia, e Italia, para onde parece ter vindo das Indias; porque os antigos o não conheceram: conduzem-n'o por um annel de ferro, passado ao través do septo das ventas: seus cornos se dirigem para os lados, e para baixo, e tem uma quina aguçada na parte an-

terior, e regos transversaes em suas superficies. O bufalo é de um trigueiro anegrado, e gosta muito dos pantanos.

«O *bufalo da Cafraria* tem os cornos extremamente grossos na base; por maneira que se tocam um com o outro, e adquirem uma grandeza enorme; e pelo contrario, tem a cabeça menor, do que a do bufalo commum: este animal é mui feroz, e perigoso, para os que viajam nos desertos da Cafraria; com tudo os cafres, e os hottentotes o amansam, e tem numerosos rebanhos d'elles.

«O *bufalo grunhidor da Tartaria* habita nas montanhas do Tibeto, e o domesticam na Tartaria, India e Persia: tem o pello comprido, e corredio, a cauda inteiramente guarnecida de longas crinas, como a do cavallo, o mais das vezes de uma bella côr branca; e então vem a ser objecto de commercio para estes povos.» (Cuvier).

RUSSIA. «A Russia propriamente dita, que fórma o nucleo do imperio, chamada pouco a proposito *Moscovia;* os *territorios dos cosacos do Don* ou *Dão*, e *do mar Negro;* os d'antes reinos de *Kazan* e de *Astrakan*, conquistados ha muito aos tartaros; a *Biarmia;* quasi toda a *Laponia;* a *Ingria*, *Cazelia*, *Finlandia*, *Osthrobothnia*, *Esthonia;* a *Livonia;* os archipelagos de *Abo* e de *Aland* e as ilhas *Dago, Osel*, etc., que em outro tempo pertenceram á Suecia; a maior parte do d'antes *reino de Polonia*, a saber: os governos de Witebsk, de Mohilev, de Wolhynia, de Grodno, de Wilna, de Podolia, a provincia de Bialystok e o novo reino de Polonia; os d'antes *khanato de Criméa* com a *Pequena Tartaria*, a *Bessarabia*, e parte da *Moldavia*, territorios conquistados ao imperio ottomano; toda a parte da região do Caucaso ao norte da serra principal do Caucaso, territorios conquistados aos indigenas, aos turcos, e aos persas.

«MONTANHAS. — Póde considerar-se a Russia europêa como um vasto plató de mediocre elevação, serpeado de algumas alturas. As verdadeiras montanhas se encontram nas fronteiras oriental e meridional. Todas as alturas d'esta vasta região podem ser classificadas nos systemas seguintes: SCANDINAVIO, a que pertencem as alturas da Finlandia e dos governos de Olonets, Arklangelsk e outros; SLAVO ou ESCLAVONICO, que abrange todas as alturas da Russia Central, e cujo ponto culminante, nos pretendidos montes *Waldai*, não se eleva senão a 175 toesas; HERCYNIO-CARPATHICO, a que pertencem as alturas do sudoeste da Russia, e as pequenas montanhas da parte meridional do novo reino de Polonia; o *Katharinenberg*, com altitude de 333 toesas, e o *Lysa*, de 320, são os pontos culminantes d'este systema, n'esta parte da Europa; CAUCASICO, que comprehende, além da serrania, que separa a Europa da Asia, as altas montanhas da Criméa meridional, cujo ponto culminante é a ponta ao sudoeste do *Tchatyr-dagh*, com altitude de 790 toesas; em fim o URALICO, que separa a Europa da Asia, e a que pertencem todas as montanhas e alturas da Russia oriental ao norte do mar Caspio.

«ILHAS. — Entre as muitas ilhas, que pertencem a este imperio, devem distinguir-se as seguintes:

«NO OCEANO ARCTICO: O *grupo de Novaya Zembla* e o *archipelago de Spitzberg*, que são desertos e que sómente a sua situação nos persuade a collocar entre as dependencias geographicas da Europa. As solidões da Nova-Zembla são frequentadas por grande numero de vaccas marinhas e outros animaes semelhantes, que os armadores de Arkhangelsk e de Mezen alli vão pescar. Seguem-se depois a ilha *Kalgoeiv* e as de *Waigats:* estas dão nome ao estreito de Waigats.

«NO MAR BRANCO: as ilhas *Solovetskoi*, celebres pelo mosteiro situado em uma das principaes.

«NO MAR BALTICO: as ilhas *Osel* ou *Oesel* (Saare-ma dos indigenas), que é uma das maiores do Baltico; pertence ao governo de Riga, bem como a de *Mon*, que lhe está proxima; *Da-*

go e *Wormo*, que pertencem ao governo de Revel; *Kronstadt*, no fundo do golfo de Finlandia, notavel por suas fortificações, seu porto e seus estaleiros; o archipelago de Abo, que se desenvolve defronte d'esta cidade e ao longo da costa meridional e de uma parte consideravel da costa occidental da Finlandia, composto quasi inteiramente de innumeraveis rochedos pouco elevados, ponteagudos ou cortados a pique, de diversas especies de granito e de calcareo, apresenta um labyrintho temivel aos maritimos, e uma das maravilhas da geographia physica aos geographos; em fim o *archipelago de Aland*, assim chamado da ilha principal; está situado á entrada do golfo de Botnia, e é para a Russia de grande importancia politica e militar.

«O MAR NEGRO não tem ilha alguma, que por sua extensão ou notabilidade deva ser mencionada.

«LAGOS e LAGOAS. — A Russia tem os maiores lagos da Europa na sua parte septentrional, e muitas lagôas na meridional; estas ficam na parte septentrional da Criméa e ao longo das costas do governo de Kerson e da provincia de Bessarabia, nos arredores de Perekop, d'Otchakov e nas embocaduras do Danubio. Entre o grande numero de lagos da Russia devem sobre tudo mencionar-se por sua extensão: o *Ladoga*, que é o maior da Europa; seguem-se depois o *Onéga*, no governo d'Olonets; o *Saima*, o *Payana* e o *Kolkis* na Finlandia; o *Paeipus* entre os governos de Revel, de Riga, de Pskov e de Petersburgo; os russos ha muito que o conhecem com o nome de *Tchoudskoie;* o *Ilmen* no governo de Novgorod; o *Enara*, na Laponia, pertencente ao grande principado de Finlandia. Acrescentaremos os lagos bem mais pequenos chamados *Bielo* (Branco), no governo de Novgorod, e *Kubinskoe*, ou *Kubensk*, no de Vologda, por causa da sua importancia para as communicações hydraulicas do imperio. Tambem tem muitos lagos salgados de que se tira grande quantidade de sal, entre estes devemos principalmente apontar o lago de *Elton* no governo de Saratov.» (Balbi).

ROUSSEAU (J. J.). Nasceu este celebre escriptor em Genebra em 1712, e morreu em 1778. Escreveu obras notabilissimas em estylo e paradoxos.

«J. J. Rousseau, diz o insigne bispo de Vizeu, escreveu sempre com precisão, algumas vezes com expressão bem viva da natureza, e muitas com ardor e com valentia. Uma das suas obras mais valentes, é aquella por onde a sua celebridade teve principio: o *Discurso em desabono das letras*, que foi coroado na academia de Dijon.

«Os homens dados ás letras, que notaram o perigo de uma invectiva escripta com força, e pelo menos especiosa de razões, recorreram a escusas, e tomaram o partido de tratar o dito discurso de um paradoxo sustentado com engenho. *Os males apontados pelo sophista*, disseram, *são companheiros, não são effeitos das letras: e Rousseau confundiu com principio, o que não é senão comitiva. A paz dilatada e abundancia trazem o descuido de perigos e de prevenções: com este descuido vem as letras e juntamente os vicios.*

«Em Rousseau poderia haver equivocação; mas n'esta escusa dos contrarios ha certamente pouca cautela. Dir-me-hão que a não poderam dar melhor; e e eu convenho: mas valêra mais deixar a causa totalmente á revelia; porque antes escusa nenhuma, que ruim. Nenhuma, póde deixar os juizes em suspensão; ruim, completa a victoria do adversario.

«E' de notar que, completando d'este modo a victoria de Rousseau, mais a seguraram ainda, reconhecendo os factos que elle tomou por fundamentos. Os factos, sim, são incontestaveis; mas o reconhecimento dos patronos das letras torna a sua realidade mais evidente, e certo que o patrono de uma causa não lhe póde fazer peor serviço do que certificar por um lado os fundamentos do accusador, e por outro acrescentar o brilho

do seu triumpho pelo auxilio, *muito poderoso*, de uma inepta defesa.

«As letras, ou a sua cultura, *vem com os vicios*, filhos umas e outras *da ociosidade e descuido!* Já os paes e os irmãos tornam a parentela bem pouco honrada... É logo a cultura das letras um producto, que nasce, com outros perversos, de um principio pouco airoso! E que ganha com isso? Da causa muito abjecta mal póde derivar gloria: da irmandade só póde tirar suspeitas sinistras.»

S

SÁ DE MIRANDA (Francisco de). «Nasceu em Coimbra a 27 de outubro de 1495. Foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e D. Philippa de Sá, filha de Rodrigo Annes de Sá, e neta de João Rodrigues de Sá, varão digno de memoria pelas acções politicas e militares que obrou no reinado d'el-rei D. João I. Para se instruir nas sciencias amenas e severas não foi necessario sahir da sua patria, onde depois de estudar os preceitos da poesia e oratoria se applicou com maior desvelo ao estudo da jurisprudencia romana, em que fez tantos progressos, que recebidas as insignias doutoraes n'esta faculdade, a ensinou em varias cadeiras na mesma universidade com geral applauso. Por morte de seu pai, em cujo obsequio seguira aquelle genero de estudos; posto que convidado por el-rei D. João III para os mais honorificos lugares de letras, se resolveu a preferir o estudo da philosophia moral e historica para o qual o inclinava o genio, a todas as honras, e conveniencias que lhe podiam resultar do exercicio da magistratura. Firme n'esta resolução sahiu do reino, e discorreu pelas melhores cidades de Hespanha, e d'ahi passando a Italia se demorou principalmente em Roma, Napoles, Milão, Florença, Veneza e Sicilia. Restituido ao reino, foi recebido com distincta estimação por el-rei D. João III, e ainda mais pelo principe D. João, que se deleitava muito com a sua discreta conversação, e igualmente com a lição das suas poesias. Ao tempo que lhe foi dada a commenda das duas igrejas da ordem de Christo no arcebispado de Braga, se armou injustamente contra elle um cavalheiro muito respeitado na côrte, e querendo, como prudente, evitar a causa d'esta emulação, se retirou para a sua quinta da Tapada, junto de Ponte de Lima, antepondo a tranquillidade do seu animo a todas as esperanças de maiores mercês, que lhe segurava o particular affecto do principe D. João, e do cardeal D. Henrique. N'este ameno sitio passou o restante da sua vida em louvavel ocio. Casou com D. Briolanja de Azevedo, filha de Francisco Machado, senhor da Louzã, e das terras de Entre-Homem e Cavado, e de D. Joanna de Azevedo, senhora, que pela sua muita discrição, e excellente juizo mereceu a veneração de seu marido, que profundamente penetrado da magoa que lhe causou a sua morte, nos tres annos, que lhe sobreviveu, se privou de todo o genero de allivio, exprimindo o seu sentimento no soneto, que lhe dedicou, e foi o ultimo que compoz, e que diz assim:

«Aquelle sprito já tambem pagado.»

(Barbosa, *Bibl. Lusitana*).

«Sá de Miranda, verdadeiro pai da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetisou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até a nobreza do seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquella época a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manoel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rimas

de Dante e Petrarca: e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo nol-o mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de gloria.

«São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez creado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e Antonio Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem caracter nacional, mui classicas de mais não eram para reformal o: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigil-o e melhoral-o: o publico preferia (e com razão tambem) o com que fôra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos o nacional.

«Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e presentado ao publico, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer; e acaso gozariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o theatro, das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sobre tudo) nunca podem ser boas.» (Almeida Garrett).

SABÃO. «O aceio do corpo e a limpeza dos vestidos foram sempre indicios de uma civilisação adiantada.

«Na época mais florente de Roma, no principio do imperio, a elegancia dos habitos, que tendia a exagerar-se, acompanhando a corrupção dos costumes, dava grande apreço áquelles signaes exteriores da propria estimação.

«Nenhum povo da antiguidade deixou tantos vestigios da sua paixão pelo aceio do corpo, como aquelles que os romanos nos legaram nas ruinas das sumptuosas thermas e banhos, que ainda hoje encontramos por toda a parte aonde se estendeu o seu dominio.

«Os seus historiadores, poetas e esculptores, attestam-nos exuberantemente o extremo cuidado, que os senhores do mundo punham na elegancia dos seus vestidos.

«A industria dos pisoeiros, lavandeiros, e tira-nodoas devia ser extensa e importante na capital do mundo, aonde se reuniam todas as grandezas da terra; e os escriptos de Plinio assás corroboram esta nossa conjectura.

«Os romanos opulentos eram por extremo affeiçoados ás vestes alvas, apesar das antigas pragmaticas, e os pretendentes á magistratura e empregos publicos tiveram o nome de *candidatos*, porque se faziam notaveis pela alvura das suas tunicas, a que a industria dos lavandeiros romanos conseguia dar deslumbrante brilho.

«Quaes fossem os meios empregados por estes industriaes de Roma para conseguirem tão perfeitamente a lavagem dos vestidos e a alvura das fazendas, com que elles se fabricavam, é o que nós hoje não podemos saber com toda a exacção, por serem incompletas as noticias que os escriptores latinos nos transmittiram sobre esses processos, sendo todavia os

escriptos de Plinio aquelles que mais luz nos ministram a este respeito.

«Quasi todas as artes e industrias vieram com a civilisação da Asia acclimatar-se na Europa, passando pelo Egypto e pela Grecia.

«Nos livros sagrados dos israelitas se encontram disseminados os vestigios das mais remotas conquistas da industria humana, e alli costumam os historiadores ir buscar as provas de antiguidade de todas as artes.

«Alguns dados nos offerecem já as Sagradas Escripturas para sobre elles assentarmos a bem fundada conjectura da existencia de processos de lavagem pelo emprego de materias, mineraes e organicas, aptas para aquelle intento.

«É hoje o sabão a materia mais vulgar empregada no mister das lavagens. Querem alguns que no Velho Testamento se mencione já o sabão, como sendo empregado para aquelle fim; mas esta asserção não tem fundamento seguro, e só podia nascer da errada versão que Luthero fez da Sagrada Biblia, e principalmente do v. 21 do cap. II de Jeremias, onde traduziu a palavra *borith* por *sabão*, que de nenhum modo lhe corresponde.

«N'uma traducção portugueza da Biblia, pelo padre João Ferreira d'Almeida, ministro prégador do Santo Evangelho em Batavia, impressa em Londres em 1819, encontra-se o mesmo erro que, sem injustiça, se póde chamar grosseiro, e que elle repetiu ainda na versão do v. 2 do cap. III da prophecia de Malachias.

«Eis aqui como elle traduziu aquelles dous citados passos:

«Pelo que ainda que te laves com *salitre*, e te amontoes *sabão*...»

«... porque elle será como o fogo do ourives e como o *sabão* dos lavandeiros.»

«O nosso erudito padre Antonio Pereira de Figueiredo foi mais prudente na versão d'aquelles dous passos, por que em ambos os versos deixou subsistir a palavra *borith*.

«Vejamos a sua traducção:

«22. Ainda que tu te laves em agua de *nitro* e amontoes herva de *borith* sobre ti, maculada está a tua iniquidade diante de mim, diz o Senhor Deus.» (Jeremias, cap. II).

«E na prophecia de Malachias, cap. III, v. 2, diz: ... «porque elle será como o fogo que derrete os metaes, e como a herva dos lavandeiros.»

«O *nitrum* ou *natrum*, que o primeiro traduziu em salitre, e o segundo em nitro, é evidentemente a substancia que ainda hoje se chama *natrão* ou o *sesqui-carbonato de soda*, producto natural que a evaporação de certos lagos da Syria, da Persia, da India, da Arabia, do Thibet, da China, da Hungria e principalmente do Egypto, deixa como residuo nos seus leitos. É esta substancia que desde os mais remotos tempos servia na lavagem das roupas, e na fabricação dos vidros e em outras industrias que, em nossos dias e na Europa, se servem da barrilha ou da soda artificial, cuja composição pouco differe, e que funccionam do mesmo modo.

«A herva do *borith* de que falla Jeremias, e a herva dos lavandeiros, a que se refere Malachias, devem seguramente ser identicas. Os antigos e os modernos, os selvagens e os povos civilisados serviam-se, e ainda se servem, das folhas e raizes mucilaginosas de certas plantas para a lavagem de tecidos. A herva do *borith* parece ser, segundo as descripções dos antigos, a mesma que o *struthion* dos gregos, ou a *gypsophylla struthrum* e a *herba lanaria* de que falla Plinio, e com a qual os lavandeiros de Roma tornavam tão bellas as tunicas dos candidatos. A *herba fullonum* dos antigos, ou a *saponaria* dos modernos, era já usada pelos antigos arabes para lavar os finos tecidos e apisoar as lãs, como se vê em Dioscorides, liv. II, cap. 193. Mr. Jaubert, que no principio d'este seculo trouxe para a Europa as celebres cabras do Thibet ou de Cachemira, fez conhecida esta herva com o nome *ischkar* ou saponaria do Oriente, da qual os tira-nodoas se servem para lavar os chales finos de lã que hoje chamamos cachemiras.

«O dr. Knapp, professor na universidade de Giessen inclina-se, não sei

com que fundamento, a suppôr que o *borith* das Sagradas Escripturas seja o sal lixiviado das cinzas vegetaes (*vegetable lye salt*) ou a potassa; mas não me parece que seja necessaria uma interpretação tão forçada, quando nós sabemos que a lavagem com as mencionadas plantas era conhecida na Asia desde os tempos mais remotos, apesar de que o uso das lixivias das cinzas e as do natrão ou soda são mais proprias para a lavagem dos tecidos vegetaes de linho e algodão do que para os de lã; e como os antigos povos da Asia e da Europa civilisada usavam finos vestidos de lã é provavel que não empregassem na lavagem d'estes nem a soda ou natrão, nem as cinzas, que breve lh'os destruiriam, e sempre lhes deviam communicar uma côr amarellada e um feio aspecto.

«Outros meios de tirar as nodoas gordurosas dos tecidos de lã e de os branquear, empregamos nós hoje, os quaes tambem os romanos conheciam. São estes as terras absorventes e o gaz proveniente da combustão do enxofre.

«Todos sabem que a greda, as argillas brancas ou pardas, a terra do pisoeiro, que na essencia são uma e a mesma cousa, e até o cré, servem para absorver as substancias oleosas que maculam os vestidos de lã.

«Plinio diz a este respeito: «Era estimada principalmente a greda da Thessalia; encontra-se esta na Lycia, nas cercanias de Bubon. A cimolia serve tambem para desengordurar os vestidos. A que vem da Sardenha, a qual tambem chamam sarda, não é boa senão para os tecidos brancos, e não serve para os de côr; é a menos estimada das cimolias. A que se tira da Umbria, e que se chama cimolia em pedra, é mais vantajosa. Tem esta ultima de particular que augmenta quando se macera. Vende-se a peso, em quanto a sarda se vende por medida de volume. A cimolia da Umbria unicamente se emprega para tornar lisos os tecidos.»

«Mr. Ajasson de Gransagne, traductor francez de Plinio, diz em uma nota que a cimolia ou cimolithia fôra em outro tempo confundida com a argilla smectica ou terra de pisoeiro, que é inteiramente differente d'ella. Segundo diz M. Dumas a cimolia ou pedra cimoliana, ou de Cimole, uma das tres cyclades, parece ser simplesmente a soda cretacea, ou o natrão que por muito tempo se confundiu com a soda ordinaria.

«Assim em quanto a greda opéra só no desennodoamento dos tecidos pela sua simples acção physica absorvente, a cimolia actuava chimicamente, constituindo, pela soda que contém, um verdadeiro sabão com as materias gordas, tornando-as, por esse facto, soluveis na agua.

«O branqueamento pelo enxofre queimado emprega-se com summa vantagem nas lãs e nas sêdas e em todas as materias animaes. A combustão do enxofre é o acto da combinação d'este corpo com o oxygenio do ar, da qual resulta um gaz suffocante que os chimicos chamam gaz acido sulfuroso; este tem a propriedade de tornar incolores muitas materias corantes e d'ahi vem o seu emprego nos branqueamentos. Os asiaticos e depois os romanos conheceram e utilisaram este facto. Plinio diz a este respeito: «Não deixaremos de mencionar estas particularidades, porque existe uma lei *metelia* relativa aos primeiros, proposta á sancção do povo pelos censores Flaminio e L. Emilio, tão grande cuidado punham os antigos em todas as cousas. Eis aqui como se procede: primeiramente lava-se o estofo com a sarda, expõe-se depois ás fumigações do enxofre. Faz-se cahir o primeiro reboco com a verdadeira cimolia; a falsa reconhece-se porque ennegrece, e se decompõe pela acção do enxofre. A verdadeira cimolia faz mais suaves e alegres as bellas e ricas côres que pareciam embaciadas pelo enxofre. Para os estofos brancos faz-se succeder ao enxofre a pedra cimoliana, que é inimiga das côres. A cimolia os gregos substituem o gesso de Tymphéa.»

«Ainda que n'esta descripção reina uma certa confusão, e até contradicção, é certo que o enxofre queimado

era já em Roma um meio empregado no branqueamento dos tecidos de lã.

«É ainda questão para resolver se os antigos, e com especialidade os romanos, conheciam o sabão e o empregavam na lavagem da roupa. O silencio de Plinio a este respeito, quando elle menciona os outros meios a que já alludimos, induz-nos a acreditar que o sabão não era pelo menos de uso geral na lavagem dos tecidos.

«Na realidade o sabão, que é um composto de um alcali (potassa ou soda) e de uma materia gorda (oleo, sebo ou gordura), é eminentemente proprio para a lavagem dos tecidos brancos fabricados com filamentos vegetaes, linho ou algodão; mas não é o mais conveniente nem para os tecidos tintos, nem para os de lã e sêda, que, por serem constituidos de materia animal, são mais ou menos profundamente alterados pelo alcali que faz parte do sabão.

«Os tecidos de lã eram os mais communs e vulgares entre os antigos, e as roupas brancas de linho, e depois as de algodão, só nos tempos modernos chegaram a ser de geral e consideravel consummo, que todos os dias augmenta, e ainda não attingiu, em relação a cada individuo, o maximo a que tende constantemente.

«Não quero com isto dizer que o sabão fosse producto desconhecido em Roma no tempo do seu maior esplendor. Plinio menciona-o como invenção das Gallias, e empregado para tornar louros os cabellos, applicação que nos parece mais do que duvidosa. Seja porém como fôr, o que é verdade é que Plinio não só menciona claramente o sabão, mas até nos diz a sua composição *fit ex sebo et cinere*, e até parece distinguir as duas especies de sabão, o duro e o molle, nos termos *spissus ac liquidus*. E' todavia verdade que não é com a cinza de todas as plantas que se podem fabricar estas duas especies. A cinza das plantas lenhosas e terrestres que conteem potassa, dão a especie molle, e o natrão, a soda, ou as cinzas das plantas salgadas, como a barrilha, servem para fabricar a especie dura.

«Querem alguns etymologistas derivar a palavra *sabão* do latim *sebum*, porque com sebo se fabríca; porém, sendo, como parece, este producto originario da Gallia celtica, é natural que venha antes de uma palavra celtica conservada na lingua provençal, o *saboun* de que os gregos fizeram *sapon*, os latinos *sapo* e nós *sabão*.

«Os marselhezes, descendentes dos phocios em linha recta, querem para si a gloria de haverem sido desde os tempos mais remotos, como hoje o são incontestavelmente, os primeiros fabricantes de sabão; porém os documentos antigos não offerecem base segura áquella sua pretenção; comtudo em Roma era conhecido o sabão gallo e o germanico.

«No *Tratado dos sabões* de Poutet, que faz parte da grande Encyclopedia methodica, acho consignado o facto do descobrimento de uma saboaria, com alguns dos seus productos, entre as ruinas de Pompeia onde a vida romana foi abafada no anno 79 da nossa era debaixo das cinzas abrazadas do Vesuvio. O mesmo author acrescenta que o sabão se achava no fim de mil e setecentos annos em perfeito estado de conservação; o que não é por modo algum impossivel.

«Theodoro Prisco menciona o sabão gallo; Martial chama-lhe *espuma batavia*, *espuma caustica* ou *germanica*. Tertuliano falla do sabão dos germanos; Quinto Sereno, Valerio Maximo, Galeno e outros muitos escriptores da antiguidade mostraram pelos seus escriptos que perfeitamente conheciam esta composição.»

«Os documentos mais positivos da historia das artes industriaes na Europa collocam em *Savone*, pequena cidade da Italia, as mais antigas fabricas do sabão duro e dôce de soda, tal como hoje se emprega. No XV seculo Savone gozava, em quanto ao fabríco do sabão, a celebridade que depois lhe foi roubada por Genova, que tiveram mais tarde as fabricas da Hespanha, e que a final conquistou Marselha que ainda em nossos dias a

conserva, lutando com a diffusão d'esta industria por toda a Europa e America.

«Mas aqui estamos já em plena historia moderna, e ha longo tempo que o imperio romano deixou de existir, e o elegante da *Via Saburra*, o Alcibiades romano, como o retratou Suetonio, já não passeia pelas ruas de Roma, vestido com a sua branca laticlava, cujas franjas lhe desciam até ás mãos, e cujo cinto pendia com descuido affectado, para escandalo dos homens severos que chamavam aos moços voluptuosos *homines decincti*.

«O meu intento era provar que aquelles, a quem se dirige Ovidio, quando diz:

.... qui maculas læsis de vestibus aufere

não empregavam o sabão no mister da lavagem.

«Já não existia o imperio romano, e os medicos arabes empregavam, como medicamento externo, o sabão, que era um producto vulgar na medicina e na cosmetica, mas ainda n'esse tempo as suas qualidades eminentemente detersivas não eram geralmente utilisadas. A lavagem das roupas e dos tecidos fazia-se com o auxilio das plantas mucilaginosas, da *gypsophylla struthrum* e das saponarias, das barrelas ou lixivias das cinzas, das encenradas, em que as proprias urinas se utilisavam pela ammonia que produzem, e das quaes Vespasiano tirava bom rendimento, e finalmente com o natrão, com as cimolias, com as grêdas e crés e com o gaz de enxofre queimado. O sabão não teve o vasto emprego que hoje tem como detersivo na lavagem das roupas, senão depois que os tecidos de linho e algodão se tornaram de uso geral.

«Por mais antigo que quizerem fazer o seu uso não chega elle ao tempo de Homero, que, descrevendo minuciosamente o que Nausica levava para o rio, quando ia lavar, não menciona o sabão, que seria hoje inseparavel das nossas lavandeiras ainda que fossem princezas.» (Julio Maximo d'Oliveira Pimentel).

SABEDORIA. «Na sabedoria não ha austeridades nem affectações; o que ha n'ella são os verdadeiros prazeres; só ella sabe assazoal-os por maneira a tornal-os puros e duradouros.» (Fenelon).—«Promana de Deus toda a sabedoria; a sabedoria está em Deus desde toda a eternidade.» (*Eccl.*, I, 1).—«O principio da sabedoria é o temor de Deus.» (*Prov.*, I, 7). —«E' a arvore da vida para os que se abraçam com ella. Feliz aquelle que se lhe cinge apertadamente.» (*Ibid.*, III, 18).—«Cultivai-a á imitação de quem lavra e semeia, e esperai o tempo da ceifa.» (*Eccl.* VI, 9).—«Não a topareis entre os deliciosos.» (*Job.*, XXVIII, 13).—«A sabedoria é mais forte que a força; e o homem prudente avantaja-se ao corajoso.» (*Sab.*, VI, 1).

A maior sabedoria do homem consiste em conhecer as suas loucuras.—O ultimo ponto da sabedoria é conhecer cada um que a não tem.—Não ha mais verdadeira sabedoria n'este mundo que a moral christã, e ainda que não fosse dirigida pela fé seria a mais pura luz do mundo.—Pouco é preciso para fazer o sabio feliz; nada poderá contentar um indiscreto; razão por que todos os homens são miseraveis.—É mais facil ser sabio para os outros que para si proprio.—A nossa sabedoria não está menos dependente da fortuna que os nossos bens.—Os mais sabios o são nas cousas mais indifferentes, mas quasi nunca nos seus mais serios negocios.—A sabedoria é para o espirito o que a saude é para o corpo.—Pela razão só se distinguem os homens dos brutos e pela sabedoria se differençam dos outros homens.—Da sabedoria nasce a destreza, e esta póde mais na guerra que a valentia.—As armas do homem são a razão, o entendimento, e o discurso, que se temperam na forja dos estudos.—Ditoso aquelle que na velhice póde conseguir a sabedoria e o conhecimento das opiniões solidas—dizia Platão, e approvava Cicero.—Uma cousa é fallar sabio, ou-

tra viver sabio, e outra parecer sabio. —A maior prova de um homem ser sabio é dizer com Socrates: «Só sei que nada sei.» — Será verdadeiro sabio aquelle que souber governar os seus teres sem desejar do mundo outros bens, porque essa isenção é a que lhe sobra para ser rico.—Todo o que se contenta de saber com o que ouve, pouca sciencia póde conseguir.

SACERDOCIO. Padre, este titulo augusto, que nunca se mancha das impurezas de quem mal o exerce, nada tem com o homem, indigno d'elle, e parece refugiar-se no seio de Deus, d'onde viera, como vinculo sagrado, entre os attributos divinos e as fraquezas do homem.

A sua historia é anterior á das nações. A sua presença na sociedade é eterna como o principio que representa: é a religião personificada na magestade de sua missão.

Buscai-o no berço das gerações: encontral-o-heis rei, como Melchisédech em Salém, chefe da raça, como Noé nas montanhas da Armenia, ou sacrificador como Abel.

Quem é o padre?

«Somos os auxiliares de Deus»— responde S. Paulo.

E' magnifica esta jerarchia definida pelos labios timidos do apostolo! Será ella uma imagem oriental, uma hyperbole d'orador, uma impostura de aventureiro? Deus, que fecundára o universo no seio do infinito por um acto incomprehensivel da sua vontade omnipotente, precisaria do verme da terra em seu auxilio? O padre, como assevera S. Paulo, será o auxiliar de Deus?

É.

Quando o Filho de Deus gotejou o sangue da redempção, a face do mundo, orvalhada por aquelle sangue, devia ser, em seus fructos novos, um monumento perpetuo da passagem de Christo. Sobre as ruinas d'esse immenso emporio da corrupção, d'essa vasta cidade pagã, que abrangia os horisontes da terra, uma nova cidade era fundada. Com os alicerces na terra, e as cupulas no céo, a Jerusalem celeste carecia de operarios, cujos trabalhos fossem sacrificios, cujo suor fossem bagas de sangue, e cujas recompensas houvessem de ser-lhes caucionadas pelo thesouro das mercês divinas.

Os padres foram estes operarios, homens de trabalho, de lagrimas, de sangue, e de espirito ancioso por essas recompensas de gloria não comprehendida na terra. As pedras d'esse edificio celeste, desbastadas pela palavra do sacerdote, e collocadas pela mão do ministro de Deus, eram os homens, somos nós, serão nossos netos, será a ultima das gerações.

«Nós somos os embaixadores de Christo» — acrescenta S. Paulo.

E ha dezoito seculos que o são. O mais profundo segredo do Senhor é o sacrificio do Calvario. Dos labios do padre póde o genero humano colher a revelação possivel d'esse augusto mysterio. Ha sobre a terra um reino divino que pertence a Jesus Christo, herdeiro de David.

Rei eterno, carecia de ministros iniciados no seu plano. Foram-n'o estes homens, que passam entre nós, filhos d'um seculo desvirtuado, e desvirtuador das missões que nos deslumbram o entendimento, annullando-nos a razão, orgulhosa mesmo da sua fraqueza quando se vê aniquilada.

Quereis avalial-os por um caracter que os separa dos *auxiliares*, dos *embaixadores* dos reis da terra? Olhai para vós, pequenos de hoje, que ainda hontem ereis grande na republica social. Olhai para vós, que perdestes o caracter d'um alto dignatario apenas o arremesso da politica vos depoz do patriciado, que considerastes vinculado á vossa astucia, ou ao vosso merecimento.

Olhai agora para a fronte do padre, e lá vereis o signal glorioso, que a mão do Eterno alli gravára ha dezoito seculos! Recordai as iras tempestuosas, que tem conspirado contra aquelle distinctivo mysterioso do embaixador de Deus; lembrai-vos do punhal revolucionario que intentou achar no coração do sacerdote o sentimento exclusivo do espirito; juntai

á morte a perseguição, e a cólera dos aggressores á paciente humildade dos aggredidos; mas o caracter indelevel da sua soberania não lh'o vereis um instante perigoso nas tormentas do desprezo que lhe votam e nas guerras traiçoeiras que lhe fazem.

Ha mil e oitocentos annos, que o facho da verdade eterna entre as mãos dos levitas, illumina o mysterio d'aquellas palavras do Mestre: «Vós sois a luz do mundo.» E que mão impiedosa póde apagar os vestigios de seus passos na mais inculta das nações, e na mais polida das cidades modernas? As hordas errantes d'Africa, os selvagens da Oceania escutaram-lhes as palavras de vida, que hoje resôam nos templos de Paris, vibradas pelos labios inspirados de Ravignan, Ventura, e Lacordaire. Que maravilhosa consonancia de vozes! Que caracteres tão profundos o Verbo insculpiu nos milhões de espiritos, que se exercem n'um mesmo pensamento! Que mensagem tão rigorosamente cumprida é a d'estes *embaixadores de Deus!* Que prodigioso derramamento de raios não espalha o farol das nações, aquella privilegiada *luz do mundo!*

Dizei ao olho penetrante do legislador, ou ao executor da lei que sonde no fundo dos corações o pensamento do crime. Folheai os codigos penaes, e buscai ahi a punição d'alguns delictos que os tribunaes não interrogam, nem adivinham.

Ide espiar nas trevas os segredos que lá se riem das comminações sanguinarias da justiça, e dizei á justiça humana que devasse o fôro interior do homem, ou ao carrasco que vá punil-o no fundo da consciencia!

Quem tem a chave dos pensamentos reconditos, quem desce á consciencia com a luz das consolações, quem julga no tribunal do fôro intimo do homem, authorisado por Deus, abraçado pela creatura, incomprehensivel mesmo no seu dominio, ao vêrmos a docilidade com que seus irmãos lhe franqueiam os mais perigosos segredos da sua vida? E' o padre; é o *sal da terra*, que, só não póde obstar á dissolução pútrida dos nobres sentimentos do coração, quando a alma recusa assimilal-o ás suas aspirações finitas, mortaes, e primitivamente terrenas.

Se quereis a historia da civilisação europêa, se quereis civilisar a Asia, estudai-a no padre que passou, e encarregai-a ao padre, cujas prerogativas não poderam ainda os civilisadores da espada substituir entre os selvagens. Dai-lhe essa grande missão de sacrificios incriveis, e não cuideis que elle a recusa, porque o seculo lhe tirou suas honras e riquezas. O bastão do peregrino, e o Evangelho no coração, esses é que ninguem póde usurpar-lhe, e são essas as suas armas de triumpho; e os seus cantos de gloria são as palavras de benevolencia para os seus perseguidores. E' que a margem que o padre ambiciona aportar não é d'este mundo; mas é elle o ponto que reune as duas margens — a do tempo e a da eternidade — assim como S. Paulo o intitulára — ponto lançado entre céo e terra.

Os resplendores da gloria, e as riquezas do sacerdote estão na ordem espiritual. Como homem e como christão, o padre tem uma patria, mas, como padre, não a tem, se é que a sua patria não é o universo. Onde quer que a justiça reclama um executor, e o grito da innocencia a protecção d'um homem, ahi é a patria do sacerdote. O marco da cruz assignala a nacionalidade do padre; mas a cruz de Jesus Christo está arvorada nos confins do mundo conhecido, e á sombra d'ella o seu ministro, providencia viva dos infelizes acerca-se de desvalidos, de viuvas, d'orphãos, e de toda essa porção immensa do genero humano que pena as amarguras da penuria corporal e espiritual.

Quereis avaliar por um só facto a santidade d'essa creação sublime? Quereis honrar o padre, sem throno, sem respeito, sem gloria, e sem vaidade da sua elevada jerarchia?

Contemplai-o na humildade com que recebe, em paga de seus desvelos pela humanidade, em paga da sua

heroica renuncia, aos prazeres do mundo, a desdenhosa recompensa de insulto, de desprezo, e de sarcasmo, todos os dias formulado no livro d'ensino, no romance de recreio, e no jornal desmoralisador. Os adversarios implacaveis do ministro do altar não choraram ainda aquellas lagrimas, que Deus consola, quando o sacerdote lh'as offerece como suas!

O profundo caracter da sociedade actual é a miseria de muitos, confrontada com as accumulações prodigiosas d'alguns.

O numero dos que precisam o balsamo da resignação para não travarem do punhal de salteadores, é numerosissimo. O numero dos que vivem contentes da sua felicidade, e dispensam palavras consoladoras, ou conselhos paternaes do sacerdote, é muito pequeno. A guerra perenne, em que Hobbes fazia consistir o equilibrio social, nunca foi tão afogueada, nem tão surdamente lavrou nas entranhas da sociedade. São muitos os infelizes que pelejam desesperados contra o mau exito das suas empresas. A desigualdade social, que os falsos amigos da humanidade lhes fizeram acreditar como causa efficiente das suas dôres, não admitte consolações em quanto o pavoroso processo da anarchia não arruinar as instituições viciosas d'esta pessima sociedade.

O coração do homem irritado pelas privações, baniu de si a esperança, que sorri d'esses mundos invisiveis, onde não ha gozos semelhantes a estes dos sentidos; e o coração, desligado do espirito, não póde comprehender outros.

O padre era o interprete que fallava a linguagem do espirito, e fazia calar as exclamações delirantes do coração. O padre convertia a pobreza do christão em thesouros, que faziam o orgulho do soffredor, e do homem das consolações. O padre era ouvido primeiro que os systemas reformadores, e o Evangelho valia mais em suas mãos que o estandarte revolucionario no punho de mentirosos curandeiros das humanas enfermidades.

Que importam ainda esses pregões de guerra, que chamam a humanidade para um progresso indefinido?

O que progride é o crime, e a impunidade. O que progride é a fome, e a desesperação. O que progride é o desengano das cousas, dos individuos, dos systemas, e até da significação das palavras, que d'antes eram a maneira de os homens se comprehenderem.

E, por isso que o progresso do mal avança até onde lhe ha marcado os horisontes a mão de Deus, o padre, cada vez mais pequeno na presença dos regeneradores desacreditados, exerce hoje a missão divina, conferida a anjos de paz no centro de irmãos em guerra, e no coração de uma sociedade em agonias.

O embaixador de Christo não tem a recear-se das imprecações odiosas dos partidarios de Lucifer. O caracter sagrado, que o faz invulneravel no centro de seus inimigos, deve dar-lhe uma coragem sublime, um espirito de paciencia, uma resignação de martyr. Estas virtudes são a garantia de todos os triumphos do espirito. Ha outras oppostas, indignamente appellidadas virtudes, que precisam ser salpicadas de sangue, e victoriadas por hymnos de lagrimas e gemidos, para constituirem a gloria dos que não esperam outra fóra d'este terreno que pisam, juncado de cadaveres.

Estes triumphos, estas acclamações caprichosas, em quanto deliram no seu ruidoso enthusiasmo, não se occupam da viuva, nem do orphão, nem do enfermo, que se reclina mutilado, no seu leito, em quanto o senhor, a quem servira, galga ovante as escadas do Capitolio. A viuva bate ás portas da caridade, e pede alentos de paciencia ao ministro de Deus. O orphão, se a mão da beneficencia o não chamar para o seu regaço protector, chamará manhã ao tribunal das contas uma sociedade que o abandonára. O enfermo, esse não chama um philosopho para a cabeceira, nem um bravo para lêr-lhe a sua *Iliada* na enxerga dos paroxismos. Quem elle invoca, no seu extremo descoroçoar no mun-

do, é o padre, e o Evangelho, e a linguagem da esperança, que traz o dôce esquecimento das precarias venturas, e inseparaveis desventuras da vida.

Ministros do Senhor! quereis levantar o espirito á elevada consideração, que deve ser-vos tributada?

Ouvide os santos e os sabios:

S. Ignacio, martyr, diz que o sacerdocio é a dignidade suprema, entre todas as dignidades creadas.

S. Chrysostomo diz que o sacerdocio, posto que exercido na terra, deve ser contado no numero das cousas celestes.

Cassiano diz que o padre é superior a todos os poderes da terra e a todas as grandezas do céo: inferior, só a Deus.

S. Diniz chama-lhe homem divino.

Jesus Christo manda-o ouvir como a elle proprio.

A sentença do padre precede o consenso de Deus.

A dignidade sacerdotal é a mais nobre de todas as dignidades na terra.

A dignidade sacerdotal excede a dos anjos.

São tantas e tão magestosas estas definições, estes conceitos sublimes do sacerdocio, derramados nos livros dos oraculos ecclesiasticos, quanto avilanadas e lamentaveis as gratuitas indicações que desconsideram o clero no tribunal da impiedade *scientifica* d'estes nossos dias nebulosos.

Não sabemos aonde está a poesia e o sentimento d'este seculo, que tanto se ensoberbece d'aquelles attributos nobres! Sem crêrem no céo, nem no enlace do reino espiritual com as cousas da terra, como podem estes *idealistas sensuaes* despegar o pensamento do que ha mais positivo, para o altearem ao que ha mais sublime na creação d'um padre! Mandem estes homens de «grandes aspirações», como elles se classificam, á cabeceira do agonisante ajudar-lhe a partir sem dôr, os vinculos d'uma existencia, que o prendia á terra, á esposa, e aos filhos; mandem-n'os dulcificar aquellas lagrimas, que banham a cruz da redempção, suspensa nas mãos do sacerdote, cuja voz, abalada pelo seu proprio enthusiasmo n'aquelle *adeus* solemnisado pela morte, revela a inspiração de cima, que vem aos labios de seu enviado com palavras d'amor, de esperança e de misericordia; chamem os «illuminados» e mandem-n'os entrar no oratorio do condemnado para absolver, em nome do jury celestial, o réo, que o jury da terra atirára aos braços do algoz. Mandem-n'os a elles, propagadores da impiedade, que santifica o crime, e, ao mesmo tempo, clamorosos pregoeiros contra a pena de morte, mandem-n'os atravessar as ruas do transito, com a face do justiçado apoiada no hombro, com os labios collados no ouvido do réo, com o sorriso da esperança nas promessas que faz áquelle homem, cujo apoio na terra, depois do seio do padre, é o cêpo da estrangulação, que uma sociedade «illuminada» lhe decreta.

Homens, que mofaes do que ha mais sublime entre nós, mostrai-nos a fonte das vossas inspirações, apontai-nos o vosso sublime, que anciamos por comprehendel-o!

Curritur passim ad sacros ordines sine consideratione. É S. Bernardo, que se dóe e geme ao vêr tantos insensatos chegar ás ordens sagradas, sem considerar a santidade, que devem ter aquelles, que pretendem elevar-se a tão grande altura.

Quem sabe se a indignidade d'um homem, ultrajador das vestes sagradas de levita, fez tanto rebaixar a consideração da sua classe?

Quem sabe se o sordido desprezador de seu augusto destino, foi darse em espectaculo aos olhos da philosophia, para que ella o apupasse? Iria; mas esse homem levava já na fronte o estigma do desprezo que o clero digno lhe fizera gravar pela mão da sua propria indignidade.

A esse abandonai-o, mas não o ultrajeis, porque o caracter sacrosanto da sua missão lá o tem indelevel como o de Judas. Afastai os olhos d'esse homem, cujos crimes são a extrema offensa, a derradeira affronta ao Altissimo. *Nulla re Deus magis offendi-*

tur quam quando peccatores sacerdotis dignitate præfulgeant. Mas se quereis dar todo o merito ao que é grande, comparando-o a uma grande magestade que voluntariamente se precipita n'um lodaçal, comparai o ministro do altar, digno d'este nome, com o mau padre, réprobo de Deus e da sociedade.

«Considera a deformidade do peccado de um ecclesiastico dedicado a Deus, ou pelas ordens sagradas, ou pelos votos religiosos. Sua culpa é mais feia, sua emenda mais difficil, seu castigo mais tremendo.

«Sua culpa é mais feia, porque devia honrar a Deus mais que os outros, pois mais que aos outros o honra Deus a elle: devia andar mais perto de Christo na imitação, pois anda mais perto na communicação: devia não só não dar mau exemplo, como devem não dál-o todos os homens; senão dál-o bom por obrigação de seu estado. Quem fez tão grave o peccado de Aarão em condescender com a idolatria do povo; e o de Heli em dissimular as demasias de seus filhos, senão o serem sacerdotes? Que maior monstruosidade, que mentir a bocca que consagra, e absolve; que serem torpes e immundas as mãos que tocam na carne de Christo; que dedicar-se ao seculo quem se entregou a Deus; que vestir trajos profanos, quem veste os ornamentos sacerdotaes? Se viramos na comedia, ou nos touros, ou na casa do jogo, ou na de Venus uma casula, teriamos grande escandalo. Que escandalo será vêrmos alli, não a casula, mas ao sacerdote que a veste? Pois mais caso fazemos do ornamento, que da pessoa? Por ventura é menos sagrada esta, do que aquelle? Oh quanto melhor me estivera ser secular, ou leigo no estado, já que não sou religioso, ou clerigo na vida!

«Sua emenda é mais difficil. Assim o diz S. João Chrysostomo: *Laici si peccant, facile emendantur: clerici si deliquerint, inemendabiles evadunt.* Elles são o sal, que preserva da corrupção os outros: e se o mesmo sal se corromper, que remedio lhes resta? *Quod si sal evanuerit, in quo salietur?* De seu alto estado, em vez de tomarem a pureza, tomaram a soberba: e esta os inhabilita para receber a luz interior de Deus, ou a admoestação exterior do proximo. Por isso áquelle cego do Evangelho responderam indignados os sacerdotes, mais seculares, e cegos que elle: *In peccatis natus es totus, et doces nos?* Estás cheio de peccados, e queres ensinar-nos? Oh que diabolico dictame este! Quem não quer a admoestação, não quer a emenda; e quem não quer a emenda, não quer a salvação. Santo, e doutor, e bispo era um Agostinho; e mais dizia: se me ensinas o que não sei, soffrerei com paciencia que me trates mal, não só de palavra, mas de obra: *Si me possis docere quod nescio, non solum te verbis, sede pugnis cædentem, deberem patientissime sustinere.* Mas por isso mesmo, que assim o entendia, e escrevia, era douto; por isso mesmo que assim o desejava, era santo, e por isso mesmo, que dava este exemplo, era digno prelado. Os que seguem contrario dictame, e sempre ficam dizendo ao menos no coração: *Tu doces nos?* Tu nos ensinas? Se errarem, tem muito difficultosa a emenda.

«Sendo a culpa mais grave, e a emenda mais difficultosa, dito fica, se será o castigo mais tremendo. São os sacerdotes e religiosos por officio anjos: se o não forem tambem nas virtudes, não ha para elles redempção, como para os outros homens: *Tanquam Angelus, aut eligitur, aut reprobatur* (diz S. Bernardo de um d'estes): *inventa in Angelis pravitas, districtius judicetur necesse est, inexor abilior, quam humana.* Aquelle desgraçado homem, antigamente apostolo, e por conseguinte com direito a uma cadeira, para julgar até os anjos, é clara demonstração para todo o ecclesiastico, não só da fealdade de sua culpa, e da difficuldade da sua emenda, mas tambem da horribilidade do seu castigo. D'este falla mais litteralmente o psalmo referido: *Tu vero homo unanimis*, etc. etc., são tremendas as maldições, que em outro psalmo o

Senhor lhe lança, que até a quem as lê mettem pavor. Porque não tremem os que incorrem semelhante culpa, de incorrer semelhante pena? Oh que desgraça! Sacerdote, e mais condemnado? Religioso, e mais réprobo? Aqui o habito de S. Pedro, ou de tal, ou tal patriarcha, e lá cadêas de fogo? No côro psalmos, e no inferno blasphemias? No altar rodeado de anjos, e na masmorra eterna cercado de demonios? Oh que desgraça! Oh que dôr! Oh que miseria!» (Padre Manoel Bernardes).

SAHARÁ. «N'esta vasta peninsula banhada pelo Oceano, pelo Mediterraneo e pelo mar Vermelho, e unida á Asia pelo isthmo de Suez; n'essa antiga parte do mundo que denominamos Africa, e que, apesar de tantas explorações, ainda hoje é tão imperfeitamente conhecida, ha um deserto immenso, a que alguns geographos dão uma extensão igual a metade da Europa. Separam-n'o da Berberia, pelo lado do norte, altas cordilheiras de montanhas. Outras serranias penhascosas o limitam pelo lado do sul, deixando para além d'ellas os paizes habitados pelos negros. Da parte do nascente confina com o Egypto e com a Nubia. Da parte do occidente acha o termo no Oceano.

«Deram os arabes a essa região o nome de *Saharà*, que significa *deserto*, e pelo qual é geralmente conhecido, sendo reputado pelo maior deserto do globo.

«A sua superficie apresenta algumas variações de aspecto. Em umas paragens são extensos territorios, semeados de rochas e penedia, meio afogadas em areias. Em outras tambem mostra multiplicados accidentes, mas aqui, em vez de rochas, erguem-se, com muita variedade de alturas, montes de areia movediça, aos quaes a furia caprichosa das tempestades imprimiu fórmas diversas. Em outras partes, em fim, é um areal a que não descobrem limites os olhos do homem para qualquer lado que se volvam; é a imagem do mar, quando qualquer calmaria lhe aplaca as ondas e alisa a superficie.

«O viajante que avista pela primeira vez este deserto do alto dos rochedos, que lhe servem como de porta, sente, segundo dizem, impressão igual á que lhe causa o aspecto do oceano, quando da corôa de um monte lhe descobre o vulto magestoso ao cabo de longa viagem pelo interior de um paiz. Fica absorto, ora enlevado, ora como que aniquilado, contemplando aquella immensa amplidão, que lhe suggere necessariamente a idéa da eternidade, e perante a qual não se póde considerar mais que um simples e miseravel atomo.

«O mar verdadeiro freme constantemente, por mais que a bonança lhe acalme as iras. Um ligeiro movimento, imperceptivel á vista, impelle para as praias a onda franjada de espumas, e que em leito de espumas vai expirar. Com esta feição nada ha parecido no deserto de areias, porque a sua existencia habitual é a da immobilidade, assemelhando-se a um mar que se solidificasse quando as aguas, depois de agitadas violentamente pelo tufão, cahissem no remanso que vem após a tormenta. A semelhança está n'aquelle espaço infinito de superficie plana, onde não se vê mais que areia e céo, unindo-se e confundindo-se no horisonte, como se observa no oceano, a côr violacea do areal escandecido com o azul da abobada celeste.

«Estas areias são silicosas, muito finas e subtis, em uns sitios brancas como as mais alvas areias dos nossos rios, em outros avermelhadas pela presença do oxydo de ferro. Em poucas paragens consentem que n'ellas nasçam e se enraizem plantas; e quando o permittem, limita-se a vegetação a uma planta odorifera, que os arabes denominam *shé*, alguma cousa parecida com o tomilho bravo; uma planta espinhosa muito do gosto dos camelos; e a poucas mais variedades.

«Outra feição tem este deserto que o faz comparavel ao mar, e que consiste em possuir, como este, algumas

ilhas, pois que se podem bem considerar assim os oasis, essas porções de terra abençoada que a Providencia, em sua maternal solicitude, dispoz no meio d'aquelles ardentes areaes, e onde as caravanas acham uma estação para descançarem das fadigas de sua penosa viagem, estação tão commoda e deliciosa que bem lhe póde quadrar o nome de paraiso terrestre.

«São os oasis tractos de terra mui ferteis, frescos e cobertos de pomposa vegetação. Variam muito na sua extensão, sendo o maior de todos o denominado oasis Fezzan, cujo comprimento regula por 500 kilometros, com perto de 300 de largura. Raras vezes chove nos desertos. O que dá aos oasis fertilidade e fresquidão, com que se alimenta n'elles perenne verdura, são as aguas que vertem das serras mais ou menos distantes, e que, infiltrando-se na areia, vão convergindo para aquelles terrenos mais baixos. D'est'arte ahi se encontram poços inesgotaveis de agua limpida e potavel. E' tal a frescura da terra que em qualquer lugar em que se cave um pouco acha-se logo agua em abundancia.

«Diversas especies de palmeiras, sendo mais commum a das tamaras, dão sombra salutar aos numerosos rebanhos de gado, principalmente lanigero, que por alli pastam herva mimosa e succulenta, pastoreados por tribus arabes nomadas. Occupam-se estas tambem com a cultura dos cereaes. Respira-se n'estes oasis ar fresco e embalsamado de suaves perfumes.

«Encontram-se em certas localidades do deserto de Saharà abundantes jazidos de sal mineral, que é extrahido pelas tribus habitadoras dos oasis, as quaes fazem d'elle um ramo importante do seu commercio com os pretos das regiões limitrophes.

«A falta de agua é causa de que seja mui limitada a faina d'este deserto. Leões, leopardos, tigres, hyenas, chacaes, algumas variedades de veados, antilopes e gazellas, e abestruzes, são as principaes especies que percorrem aquelles areaes.

«As viagens através do deserto são mui difficeis, porque o vento a miudo apaga as pégadas dos forasteiros, unico signal que em muitas parageus indica o rumo que o viajante deve seguir para que não se perca no meio d'aquellas tristes solidões. O excessivo calor d'esse clima tropical, augmentado pelas exhalações ardentes das areias, faz essas viagens penosissimas; assim como tambem as tornam perigosas os acommettimentos das feras e os assaltos das tribus arabes, sobre tudo durante a noite, quando os viajantes são obrigados a acamparem para tomarem algum repouso.

«Todavia, não foram bastantes tantos e tão grandes perigos e incommodos, a que ás vezes acrescem afflictivas privações, para desalentarem o homem. Juntando-se em numerosos bandos de gente a cavallo e a pé, e levando camelos carregados com todo o genero de provisões, com armas, barracas de campanha, etc., atrevem-se a arrostar com todos aquelles perigos e incommodos. Escusado seria dizer que só os interesses commerciaes poderiam incitar os homens a tão grande arrojo. A esses acompanhamentos de negociantes deu-se, pois, o nome de caravanas. Os mercadores que pretendem atravessar o deserto, ou algum raro viajante que se resolve a acompanhal-os, movido de outro estimulo, reunem-se em determinadas povoações, que são o ponto de partida das caravanas. Estas, como dissemos, são sempre numerosas; mas ás vezes compõem-se de tantos centos de homens bem armados, que mais parecem exercitos que ajuntamentos commerciaes.

«Podem-se, em tal caso, reputar seguras as caravanas contra os ataques das feras e dos arabes. Mas, ainda assim, resta-lhes um perigo, contra o qual de nada valem o numero dos braços, e o valor e coragem dos peitos humanos. Consiste o perigo n'essas horrorosas tempestades, em que o céo se cobre de um manto negro, e em que o tufão abrazador, chamado *simun* ou *cansim*, levantando nos ares immensas massas de areia,

revolvendo-as em medonhos redemoinhos, derruba, arrasta, e algumas vezes sepulta tudo quanto encontra diante de si.

«N'estas circumstancias tambem o deserto se assemelha ao mar; porém o temporal que agita as ondas, por maior que seja, é menos pavoroso que a tempestade que revolve as areias do deserto.» (Vilhena Barbosa).

SAL. «Este nome foi ao principio exclusivamente reservado para denominar uma das substancias mais communs na natureza, o sal de cozinha ou sal marinho. Mas tendo o estudo da natureza, e particularmente o da chimica, mostrado que esta denominação convinha igualmente a uma infinidade de corpos, o nome de *sal* tornou-se generico.

«Entende-se, por sal, *em chimica*, o resultado da combinação de um acido com uma base salinavel. E se considerarmos que o numero dos acidos mineraes ou vegetaes é mui grande, que as bases salinaveis abrangem todos os metaes e os alcalis (potassa, soda, magnesia, cal, etc., etc.); se considerarmos, em fim, que todos estes corpos, reagindo uns sobre os outros e em proporções diversas, dão lugar a productos differentes, poderemos então fazer uma idéa da immensa quantidade de saes que existem.

«Os acidos sulfurico, nitrico, chlorhydrico, phosphorico, arsenioso, acetico, tartrico, todos os acidos, em fim, combinando-se com as numerosas bases salinaveis, dão origem a *sulfatos*, *nitratos*, *chlorhydratos*, *phosphatos*, *arseniatos*, *acetatos*, *tartratos*, etc.

«Todos os saes, em condições favoraveis, tomam fórmas crystallinas regulares que podem determinar-se exactamente, e que servem com outros signaes a distinguil-os uns dos outros.

«Muitos saes são insoluveis na agua; muitos d'elles, e em maior numero, são soluveis. Entre os saes insoluveis citarei o carbonato de cal ou a greda, e o marmore, o sulfato de cal ou gesso, o protochlorureto de mercurio ou calomelanos, etc. Entre os saes soluveis indicarei o chlorhydrato de soda ou sal de cozinha, os sulfatos de soda, de magnesia, de potassa, o deutochlorureto de mercurio ou o sublimado, etc. Os saes soluveis são os unicos sapidos; uns são salgados, como o sal commum, o sulfato de soda, chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros amargos, como o sulfato de quinina, o chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros tem um sabor metallico desagradavel, como os saes de cobre, arsenico, e os saes soluveis de mercurio; outros são dôces, como os saes de chumbo e os de nickel; outros tem um sabor adstringente, como o sulfato de alumina e potassa ou pedra-hume, etc. Em fim, certos saes não tem acção alguma sobre a economia, taes são a maior parte dos saes insoluveis; outros são purgativos, taes como os sulfatos de soda, de potassa, de magnesia; outros são causticos, como os carbonatos de soda, e potassa; outros, em fim, são venenosos, mesmo em mui pequena dóse, taes são o acetato de cobre ou verdete, o arseniato de potassa, etc. Os saes distinguem-se tambem pela côr, bem que a mór parte d'elles sejam brancos. O sulfato de ferro é verde, certos saes de manganez são rosados, os de cobre são geralmente azues, os de ouro amarellos, os de chromo verdes ou amarellos, etc. Os saes distinguem-se tambem entre si pelo seu peso; o carbonato de magnesia, o sulfato de quinina são mui leves; os saes de mercurio mui pesados, e os outros occupam os graus intermedios entre estes dous extremos.

«Os saes tem numerosos usos em medicina e nas artes. O chlorhydrato de ammoniaco ou sal ammoniaco, serve para extrahir o oxydo dos metaes; os chlorhydratos de estanho são empregados na tintura; a pedra-hume aviva e fixa as côres; todos conhecem os usos do marmore, da greda, do gesso, do alabastro, que são verdadeiros saes. Os saes de cobalto, chromo e chumbo ministram côres para a pintura a oleo, etc.

«A medicina emprega grande numero de saes como: cremor de tarta-

ro, sulfato de quinina, calomelanos, etc.» (Chernoviz).

SALITRE. (Veja POTASSA).

SALLUSTIO. Conforme o pensar de um critico celebre, é Sallustio o escriptor mais rigoroso, conciso, e energico que produziu a litteratura latina. Não é sómente um grande pintor da historia; senão admiravel moralista. Nada ha ahi mais imponente que o seu tom na satyra do vicio e no louvor da virtude. Estava no genio d'elle o elogio eloquente da virtude, e a censura acre da corrupção — qualidades que tanto realçam as composições historicas? Muitos o acham por esse lado demasiado, e rapsodista das maneiras antigas de Catão. Porém, o seu mais grave defeito foi não sustentar com os exemplos os discursos. Os censores expulsaram-no do senado. Enviado por Julio Cesar á Numidia, devastou a provincia roubando-a, e com as riquezas extorquidas edificou um palacio esplendido, cercado de jardins soberbos, ainda hoje celebrados. Escreveu a *Conjuração de Catilina* e *Queixas de Jugurtha*, que é muitissimo superior ao primeiro livro, ambos já traduzidos em portuguez admiravelmente por José Victorino Barreto Feio.

Sallustio nasceu 86 annos antes de Jesus Christo, e morreu 38 annos antes da vinda do Redemptor.

SALOMÃO. (Veja ONZE (seculo). «Fabricou Salomão um palacio real em Jerusalem, que depois do templo, que elle edificára, foi o segundo milagre. No monte Libano traçou varios retiros, e casas de prazer, em que demais de se vêr junto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, e a espessura dos bosques, a caça, e montaria de aves e feras, e até as sombras no verão, e os soes no inverno excediam com a arte a natureza. O throno de marfim, em que dava audiencia, e a carroça chamada Férculo, em que passeava, eram de tal architectura e preço, que faz particular descripção d'ellas a Escriptura. As galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria: os thesouros d'ouro e prata, que ajuntou, eram immensos; os gados maiores e menores, que n'aquelle tempo tambem eram riqueza dos reis, não tinham numero; os cavallos estavam repartidos em quatro mil presepios. A sumptuosidade da mesa, para a qual concorriam diversas provincias, e a magestade, grandeza, e ordem dos officiaes e ministros, com que era servido, foi o que encheu de pasmo a rainha Sabá. As baixellas e vasos eram d'ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros, e aromas, com que tudo recendia, quanto cria e exhala o Oriente. Não fallo na qualidade, e gentileza das damas, filhas de principes, e escolhidas de differentes nações, entre as quaes só as que tinham nome e estado de rainhas eram sessenta, servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gozava Salomão em summa paz, e com igual fama, sem inimigo, ou receio que lhe désse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessa de si, que nenhuma cousa viram seus olhos, nem inventaram seus pensamentos, nem appeteceram seus desejos, que lhes negasse. Estando pois n'estas felicidades, voltando os olhos a tudo, quanto tinha feito; o que vi, diz, e achei em tudo, é, que tudo é vaidade, e afflicções d'animo. — Os bens d'este mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja, quem os furte, elles mesmos se nos roubam; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas. E os metaes, ainda que sejam ouro e prata, róe-os a ferrugem, que nasce dos mesmos metaes. Quando não houvera corsarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladrões publicos e secretos no povoado, quem ha tão poderoso, que possa conservar e lograr o que possue n'este mundo contra os roubos inevitaveis da natureza? Que são todos os elementos, senão uns roubadores universaes de tudo o que grangeia, e tra-

balha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundações, o ar com as tempestades, e a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas, que, como semeada com os dentes de Cadmo, nascem e se levantam d'ella para outra vez nos roubar o que nos tem dado. Tudo, o que nasce na terra, o sol ou a chuva o cria; mas o mesmo sol, se é demasiado, o queima; e a mesma chuva, se é muito continuada, o afoga: para que acabemos de nos desenganar da pouca firmeza, ou segurança, que póde haver nos bens, que são da terra, pois as mesmas causas, que os dão, os tiram; e as mesmas, que os produzem, os matam.» (Vieira, *Sermões*).

SAMUEL. (Veja ONZE (seculo).

SANGUE (Circulação do). «Quem não tiver attentamente examinado este assumpto ficará maravilhado ao saber a quantidade de sangue que corre pelo coração do homem, ou de qualquer animal de mediocre tamanho, no espaço de vinte e quatro horas. A porção de sangue que contém o corpo de um homem adulto é de trinta e quatro libras; a cada pulsação passa pelo coração onça e meia d'elle, tres colheradas, por exemplo; e se multiplicarmos esta somma por setenta e cinco (numero de pulsações de qualquer pessoa em estado de boa saude) acharemos que em cada minuto giram pelo coração nada menos que sete libras de sangue; isto é, quatrocentas e vinte libras por hora, ou dez mil cento e setenta e seis libras por dia: o que equivale a tres milhões setecentas quatorze mil duzentas e quatro libras por anno — 270:631 arrobas de sangue circulam em nosso corpo no espaço d'um anno! O que acontecerá, pois, á baleia? O coração d'aquella grande massa animada, derrama, segundo o calculo dos naturalistas, 5 arrobas de sangue em cada pulsação, e ainda que lhe deem tão sómente 20 pulsações por minuto, circulam no corpo d'aquelle cetaceo 100 arrobas de sangue em um minuto; 6:000 em uma hora; 144:000 em cada dia, e 52:560:000 em cada anno. Prodigio! Mas quão admiravel é a obra da creação! Apesar d'isso, o espantoso curso e quantidade de sangue contida nas veias, arterias, e outros vasos menores do corpo animal, não nos admira tanto como o mecanismo necessario ao coração para conservar o sangue em movimento constante e regular, n'um corpo saudavel, desde o começo da existencia até a sua dissolução: sem fadiga imperceptivel, quando não sobrevenha alguma agitação corporea, ou mental. D'esta fórma o coração d'uma pessoa de sessenta annos deverá ter dado 2.365:200:000 palpitações, sem deterioração sensivel das valvulas.

«Qual será, pois, a mola, ou causa de movimento tão regular? Os anatomicos teem ideado varias theorias, e n'este mysterio a mais plausivel é a seguinte. Suppondo que o cerebro é uma massa electrica, que está em acção constante, é natural que descarregue em intervallos regulares (quando a tensão da electricidade chegue a certo ponto) pelos nervos que se dirigem ao coração, excitando por esta fórma as pulsações d'este orgão. Semelhante idéa foi suggerida pelos apparelhos electricos, nos quaes successivas accumulações de electricidade passam a um globo suspenso, que conserva annos inteiros no estado de oscillação regular. Alguns dos nossos leitores dirão talvez que a theoria é mais obscura que o phenomeno: — a isso responderemos que não é dado ás creaturas penetrar os arcanos da natureza; mas que á mente intellectual do homem é permittido julgar das causas invisiveis pelas visiveis, comparar os effeitos, e investigar as causas, confessando todavia a sua incapacidade. Se ao homem fosse dado tudo descortinar, cessaria então de ser creatura, e viria a igualar o seu Creador.» (*Panorama*).

SANTAREM. «Quasi no centro da provincia da Estremadura, sobre a margem direita do Tejo, obra de 15 leguas distante da sua foz, está assen-

tada a nobre villa de Santarem, n'uma situação elevada, deliciosa e pittoresca. Este local montuoso, contrastando com a margem esquerda do rio mui baixa, produz uma bellissima perspectiva. A vista se dilata pelo territorio circumvisinho, que especialmente para o norte é assás plano, e todo elle fertil e abundante nos generos mais necessarios á vida, e que constituem o grosso do commercio de permutação entre os habitantes e a capital, sendo o Tejo o principal vehiculo d'este proveitoso trafico. Considerada como posição militar, é Santarem a chave da nossa provincia, e por isso importantissima, e digna de se qualificar como ponto estrategico permanente em Portugal. Em 1810 aqui tiveram as tropas francezas seu quartel general antes que, forçadas a evacuarem o reino, se retirassem para Hespanha.

«Comprehende a villa tres grandes bairros. O maior, que chamam *Marvilla*, fica na parte superior e plana da montanha, contigua a extensos olivaes, por onde abrem apraziveis caminhos as estradas que conduzem ao alto. Esta parte é guarnecida de cerca ameiada com torres e cubellos, e em alguns sitios com barbacãs; e do mesmo modo a *Alcaçova*, castello, ou cidadella arabe, que coroava a altura mais proxima ao Tejo. Da parte que esta olha para a villa, que é do lado do poente, ha vestigios de fortificações muito modernas, abaluartadas com guaritas nos angulos, e que parecem ser obra do reinado de D. Affonso VI. Houve tambem em Santarem uma torre *albarrã*, que é natural fosse situada na Alcaçova.

«A antiga cerca tinha varias portas, sendo as mais notaveis: 1.ª a da *Tamarma* por onde entrou D. Affonso Henriques quando tomou a villa; 2.ª a de Leiria, de que só o nome existe, e que era na passagem que fica entre a *Piedade* e o *Collegio*, de modo que boa parte d'estes dous edificios fica fóra dos antigos muros; 3.ª o *Postigo;* e sabe-se mui bem que por este nome, que ainda se conserva em varias terras do reino, se designam as portas de menos consideração e transito; 4.ª a *Porta de Manços;* por cima de uma parte dos seus arcos está uma inscripção muito antiga que na altura em que está se não póde lêr. Dizem-nos que já houve a mesquinha lembrança de derrubar este monumento d'antiga architectura militar; 5.ª a *Porta do Sol*, que está hoje tapada, tendo um ingreme despenhadeiro, que a tradição apregôa uma nova rocha Tarpeia. Talvez porém fosse mais depressa destinada para um postigo de retiro do que para justiçar homens, como alguns tem conjecturado; 6.ª a *Porta de S. Thiago*, e mais dous ou tres postigos, cujos vestigios ainda poderá distinguir quem seguir com attenção a muralha da Alcaçova.

«No declive dos montes e á borda do Tejo estão situados os outros dous bairros, da *Ribeira* e d'*Alfange*. Sua antiguidade se infere dos arcos e lanços de muralha ainda existentes, que por certo não são muito mais modernos que os da villa. Estes dous bairros fazem hoje uma freguezia; e são como os depositos dos generos que se transportam por agua.

«Santarem goza de bellissimos arredores e formosas paisagens. Entre as mais excellentes d'estas (segundo o testemunho do snr. Varnhagen, que residiu por algum tempo n'esta villa, e a cuja informação devemos a melhor parte d'esta noticia) citaremos as de S. Bento, do monte dos cravos, da torre do collegio, de Santo Antonio, da agradavel quinta da Boa Vista; das pittorescas margens que orlam as voltas graciosas com que o Tejo prosegue seu curso; do giro tortuoso de algumas nove estradas que atravessa valles apraziveis dão communicação entre a povoação e seus contornos; tudo soberbos paineis aformoseados por hortas, vinhas, que alli chamam onias e assacaias, e olivedos, que deleitam a vista e enlevam a alma na suave contemplação das ricas producções do nosso territorio. Pena é que faltem mimosos e exactos pinceis que multipliquem em copias, para inveja d'estranhos estas, e outras innumeraveis bellezas do nosso for-

moso paiz. Além d'estes recreios, tem a villa um desafogado passeio chamado de — fóra de villa — (por ser fóra das antigas portas), onde se fazem mercados e feiras; e uma vistosa praça, com casa de camara e pelourinho, e ahi ás vezes se correm touros. Não é pobre tambem de nobres e antigos edificios, sobresahindo os seguintes, como mais notaveis: o convento da Graça, fundado pelo conde de Ourem, que n'elle está sepultado em sumptuoso tumulo, é de architectura gothica, e o descobridor do Brazil Pedro Alvares Cabral ahi tem seu jazigo. O convento de S. Francisco tem seus claustros, edificados em differentes épocas, de acanhada architectura gothica, e n'elles estão os mausoleus de el-rei D. Fernando, da rainha D. Constança, sua mãi, e do guerreiro conde de Vianna. No convento de S. Domingos estão sepultados os doutores Gil, Martim, e João d'Ocem, e outros nobres cavalleiros. A igreja dos jesuitas, que é hoje freguezia, tem a capella-mór de rico mosaico, e um altar de marmore finissimo. N'este convento se formou o seminario patriarchal, onde com feliz fructo se ensinaram as humanidades, e as outras disciplinas conducentes ao ministerio ecclesiastico. A livraria acha-se actualmente em total desarranjo. Porém de todos os edificios o mais singular é por certo a torre do Alcorão, hoje igreja de S. João do Alporão, cujo nome, ainda que desfigurado, nos indica a sua origem mourisca, que aliás é confirmada claramente pela architectura arabica do templo. Este antigo monumento era digno de todo o apreço, e merecia conservar-se com a apparencia que os seus fundadores e os seculos lhe deram, sem lhe adulterar as fórmas, nem rebocar as paredes, como fizeram com os concertos das portas que discordam inteiramente do estylo de toda a construcção, e com a caiação do interior, aniquilando assim o effeito sublime da veneranda antiguidade, sob o pretexto de dar mais luz ao edificio. Finalmente, mencionaremos a *torre do relogio* que tem de altura até á cimalha 12 braças; e n'ella está collocado um grande sino, cujo som é repercutido por sete bilhas quebradas dependuradas em varões de ferro por cima da cupula onde está o sino, o qual só corre quando ha novidade extraordinaria, ou em occasiões de publico regosijo. Foi sem duvida com o fim de repercutir o som que alli se pozeram as bilhas; o vulgo porém quer induzir do seu numero, que o intuito era representar os sete membros da camara. As bilhas intitulam cabaças, e d'ahi veio o nome corrente de *torre das cabaças.*» (*Panorama*).

SANTO SEPULCHRO. «A igreja onde está o santo sepulchro, com outros muitos santuarios que em si tem, é uma cousa tão grande, que tenho por impossivel podel-a meu entendimento declarar inteiramente, assim pela magestade e grandeza da obra, como por eu saber pouco de architectura; mas escrevel-o-hei o melhor que podér, e o menos mal que souber, usando de singeleza, e engrandecendo a obra muito menos do que é.

«Foi este edificio, segundo claramente se mostra, duas vezes edificado, mas tratarei sómente do presente, começando do exterior. Diante d'esta sumptuosa igreja está um adro, ou pateo grande e formoso, todo por tres partes cercado de muro alto e edificios, que faz como uma praça toda lageada de marmore, que terá como cem pés em comprido, e alguns sessenta em largo. A parte do meio dia ou sul tem a entrada, á qual baixam por uma escada de quinze ou mais degraus, e terá de comprido alguns oitenta pés. São as pedras d'este pateo lavradas com muita curiosidade, e em algumas d'ellas se divisa, pelos signaes que mostram as bases, haverem estado columnas; e n'uma d'estas pedras ou lagens estão impressas, como em cêra molle, as pégadas ou plantas dos pés de um abexim do Preste João, que n'aquelle lugar foi queimado dos mouros pela fé de Christo.

«Defronte da entrada d'este pateo, algum tanto á parte oriental, estão

inteiras as paredes de uma igreja muito grande, que foi dos cavalleiros de S. João, e se chamava o hospital dos templarios. Baixando pelos degraus do pateo, á mão esquerda, está uma igreja de gregos, que ao presente lhes serve de parochia, aonde elles, domingos e festas, vão ouvir missa: e pegado com esta igreja estão umas grandes casas, nas quaes, em tempo que aquella terra era de christãos, residia o verdadeiro patriarcha de Jerusalem, e se intitulavam o patriarchado, e ainda agora assim se chamam, e mora n'ellas o patriarcha dos gregos, digo, o falso patriarcha da nação grega, dividido e apartado da obediencia da santa madre igreja romana, o qual se intitula patriarcha jerosolymitano. Tem este patriarchado uma torre muito alta e formosa, e de grande magestade, pegada com o muro da Casa Santa, e ornada com muitas lindezas e curiosidades, a qual, no tempo dos christãos, servia de ter sinos, e agora, ainda que sem elles, está com toda a sua perfeição. Da outra parte do pateo, entrando n'elle á mão direita, estão duas igrejas encorporadas com a Casa Santa, arrimadas ao muro da parte de fóra: n'uma d'ellas officiam os jacobitas, e lhes serve de parochia; e n'outra os abexins do Preste João. Junto a estas igrejas está um muro mui alto, ao qual sobem por uma mui ingreme escada de pedra, e d'ahi vão ás habitações e moradas dos abexins, nas quaes elles, como em mosteiro, moram e vivem religiosamente; e no alto se vêem iguaes com o santo Calvario; e algum tanto mais, no descoberto d'este alto, está o lugar onde o patriarcha Abrahão, por mandado de Deus, quiz sacrificar a seu mui querido filho Isaac. Cousa por certo mui decente e justa, foi fazer-se sacrificio tão cheio de prompta obediencia no proprio lugar em que havia de ser sacrificado e morto o innocentissimo cordeiro Christo nosso Deus e verdadeiro Senhor, ainda que tão differente um sacrificio do outro como a figura do figurado. Mostram os abexins n'esta terra do mais alto, o lugar aonde Abrahão viu o carneiro que, em lugar do filho Isaac, offereceu ao Senhor Deus, no qual, ao presente, está uma pequena oliveira que mostra ser antiquissima, não havendo alli outra arvore ou herva alguma, por ser tudo argamassado e lageado. Uns doze até quinze passos d'este lugar, indo ao ponente, junto áquelle onde nosso Redemptor foi crucificado, e tão junto que sómente se mette uma parede no meio, está a sepultura do grão sacerdote Melchisedech, a qual está toda ornada de mui rico mosaico, de mui finas pedras de muitas côres, e os abexins a tem toda armada de ricos pannos de ouro e sêda, que o Preste João muitas vezes manda sómente para este effeito.

«Em tempo que os christãos possuiam a Terra Santa, todos estes edificios, tirando o patriarchado, era um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, que officiavam a igreja do santo sepulchro; a entrada da qual está na frontaria do pateo, ficando as igrejas que tenho dito á mão esquerda e direita.

«A entrada para a Casa Santa, de que vou tratando, eram duas portas grandissimas, as quaes dividia um pilar mui grosso, ornado com cinco columnetas mui curiosas de jaspe verde. Ao presente, a porta da mão direita está tapada com pedra e cal, mas fica o pilar, columnas e mais obra com a mesma perfeição que antes tinha; e cada uma d'estas entradas tem de cada parte tres mui ricas columnas. A porta da mão esquerda, que é a que ao presente serve, e tambem está dividida em outras duas, é mui grande, mas toscamente lavrada, tem á parte esquerda uma grade de ferro pequena, feita em cruz, a qual serve de fallarem por ella os que estão dentro com os de fóra, e por ella lhe mettem a provisão e mantimento necessario, com tanto que não sejam cousas grandes, porque não caberão. Em cima do portal estão muitas imagens lavradas de fino marmore, a saber: a entrada de nosso Redemptor na santa cidade dia de Ramos, com os apostolos ao redor de si, e muitas

outras figuras de homens e moços, colhendo ramos das arvores, e lançando-os no caminho, da maneira que o conta o evangelista S. Matheus. Está do mesmo marmore a Resurreição, e uma imagem mui devota de Nossa Senhora com o menino nos braços, á qual imagem se encommendou a bemaventurada Santa Maria Egypciaca, quando, vindo de Alexandria, cidade principal do Egypto, á adoração e festa da santa cruz, como ainda agora vão de muitas partes da Grecia e Armenia, miraculosamente lhe foi negada a entrada da Casa Santa, como lêmos no livro intitulado *Vitas Patrum*, que affirmam haver escripto o glorioso doutor S. Jeronymo. A porta d'este sagrado templo sempre está fechada com duas chaves, e sellada no alto com um sêllo do grão turco, a qual sellam pondo uma escada de mão. As chaves e sêllo estão sempre a bom recado, na mão de tres turcos mui principaes, tendo um o sêllo, e os dous cada um a sua chave; os quaes, ao tempo que se ha de abrir a porta para entrarem os peregrinos, ou por qualquer outra necessidade, são chamados pelos d'aquella nação de christãos, que a manda abrir, satisfazendo-lhe seu estipendio, porque jámais se abre sem premio, e tem-lhe alli posta uma alcatifa, em que os turcos se assentam sobre o poial da porta, e a escada prestes para tirarem o sêllo. Se os peregrinos que hão de entrar são de franquia, primeiro que entrem lhe hão de escrever em um livro seus proprios nomes, e os de seus paes e mães, e os da sua patria; e depois pagam nove sequins de ouro, que são quasi onze cruzados dos nossos, salvo sendo religiosos de qualquer ordem, porque estes sómente pagam metade d'esta quantia. Os nossos frades de S. Francisco não pagam cousa alguma, ainda que sejam da terceira regra; nem menos as nossas beatas terceiras, se o padre guardião affirma serem da nossa obediencia. Se os peregrinos são gregos, armenios, jacobitas, maronitas, ou de qualquer outra nação de christãos sujeita ao grão turco, pagam sómente metade dos nove sequins de ouro; e o mesmo se guarda com os mercadores venezianos, francezes, italianos, que levam suas letras testemunhaveis, em como ha tempo que andam n'aquellas partes negociando sua vida. Os christãos que moram em Jerusalem, Belem, e outros lugares propinquos á cidade, tem liberdade para poderem entrar todas as vezes que se abre a porta, sem pagarem cousa alguma. Quando não vem peregrinos, e occorre necessidade para se abrir, como se adoecem alguns dos que estão dentro, ou por ser dia assignalado, em que alguma das nações a manda abrir, como os armenios o primeiro sabbado da quaresma, e o nosso padre guardião em algumas festas principaes, para que os frades as celebrem dentro na Casa Santa, então se abre com mui pouco interesse; mas o nosso padre Bonifacio sempre lhe mandava um rotulo de cêra lavrada, que são quatro arrateis, um pão de assucar, e as mais das vezes uma collação, que elles muito estimam.

«A entrada, ordinariamente, é á tarde, em especial quando entram peregrinos, que hão de dormir dentro aquella noite, e quando elles entram, tambem podem entrar todos os que tenho dito, porque ha ordem para que o saibam todos os christãos da terra; nos dias geraes já sabem o costume; e os que não hão de ficar de noite, com brevidade visitam os santos lugares e sahem, porque o porteiro sempre está batendo e bradando que se tornem a sahir. Pelo preço dos nove sequins de ouro, ou quatro e meio, são obrigados os turcos a abrirem tres vezes aos peregrinos as portas da Casa Santa para entrarem, e outras tantas para sahirem; e isto ao tempo que forem chamados, posto que os que assim entram se deixem ficar dentro alguns dias que lhes parecer, como fazem alguns devotos, mas aos taes não lhes abrirão senão quando tornarem a entrar os da sua companhia, e a mesma obrigação que os turcos tem de abrirem a muitos, tem de abrirem a poucos, e ainda a um só, com tanto que lhes

pague o ordinario que tenho dito.

«E porque a opinião de muitos christãos d'estas partes, é que o grão turco consente serem visitados estes santos lugares pelo interesse que d'elles tem, como eu algumas vezes tenho ouvido dizer; saibam os que isto lêrem que não ha tal cousa, porque o interesse, por muito que fosse, em nossos tempos nunca chegou a tres mil cruzados dos peregrinos latinos; e todos os tributos que se levam, assim de uns como de outros, se gastam em um hospital de pobres. Nem o grão turco poz estes trabalhos, antes os pozeram os christãos, no tempo que a Terra Santa era sua; e o grão turco, quando tomou a terra ao soldão do Egypto, reprovou muito aquelle mau costume, mas deixou-o ficar, por lhe affirmarem que os christãos o haviam posto e ordenado, e não por outro respeito, antes cada anno manda dar aos nossos frades uma boa esmola para o azeite das lampadas, e os favorece com muitos privilegios que lhes tem dado.

«Tem por costume aquelles turcos, a cuja conta está o abrir a porta do santo sepulchro, que assim se intitula aquelle sagrado templo, que serve quando se abre, ou para entrarem peregrinos, ou por qualquer outro respeito, não consentirem entrar pessoa alguma diante dos frades, ainda que se abra á conta das outras nações; antes o porteiro, com muita cortezia, tendo as portas uma sobre a outra, toma a cada um dos frades pela mão, e, um a um, os mette dentro, e depois de entrados todos, abre as portas, e deixa entrar os mais, e não sómente n'este lugar, mas em todos os outros nos tem muito respeito.

«Aberta a porta, e entrados dentro, vêmos logo diante duas grossissimas columnas de marmore, que cada uma tem em grosso dezoito palmos, as quaes sustentam a primeira parte do edificio, e mais adiante cinco passos, defronte da porta, está o lugar em que foi ungido o corpo de Jesus Christo, pelos illustres varões Nicodemus e José de Arimathêa.

«A pedra sobre que foi feita esta sagrada unção, está, ao presente, coberta com um rico paramento de riquissimas pedras. Tem de comprimento nove palmos, e de largo tres e meio: para sua guarda tem uma grade de ferro, de quasi dous palmos em alto, e de redor da grade, da parte de fóra, uma moldura de jaspe verde e vermelho, feita a modo de xadrez. Aqui ardem de continuo oito lampadas, duas á nossa conta, e as seis são das outras nações.

«Defronte d'este lugar e da porta por onde entramos, estão duas sepulturas sobre columnas de marmore, arrimadas ao muro exterior da capella-mór. São as dos dous reis christãos, que reinaram em Jerusalem. Uma de Gothifredo de Bulhão, a outra de Baldovino, na qual se lê este epitaphio: *Rex Baldovinus, alter Judas Machabeus spes patriæ: vigor ecclesiæ: virtus utriusque, quem formidabant cuncti: cui dona, tributa ferebant Cœdar et Egyptus, Dan, ac homicida Damascus, proh dolor, hoc modico clauditur tumulo. Hic Baldovinus obiit* 1118. *Dominica in ramis palmarum.* Como o latim d'este letreiro é tão claro, não é necessario mais explanação; sómente se ha de entender que chama á cidade de Damasco homicida, porque, segundo se tem n'aquellas partes, junto d'ella o desaventurado Caim matou ao innocente Abel seu irmão; e n'esse lugar tem os turcos uma capella oitavada.

«Na sepultura de Gothifredo de Bulhão estão esculpidas estas palavras: *Hic jacet inclitus dux Godefridus Bullion, qui totam istam terram acquisivit cultui christiano, cujus anima regnet cum Christo. Amen.* D'este Gothifredo ou Godefredo se lê, que por sua nobreza e valentia, eleito em rei de Jerusalem, não quiz ser coroado, dizendo não ser cousa licita pôr sobre sua cabeça corôa de ouro, no lugar aonde nosso Redemptor fôra de espinhos coroado.

«Deixando á parte este sagrado lugar da unção, do qual fallei primeiro por se me offerecer diante de todos, tratarei do edificio interior, e depois das mais particularidades. O ambito

e grandeza d'este sagrado templo são duzentos cincoenta e seis pés de comprido, e cento e sessenta de largo, não dos nossos pés communs, mas dos que os geometricos usam na sua arte, que são muito maiores.

«Dentro d'este compasso, isenta por si e separada de todo outro edificio, está a capella-mór, feita de uns arcos sobre outros, e columnas sobre columnas. E ainda que a capella, segundo sua grandeza, não é demasiadamente alta, foi em outro tempo sobremaneira formosa, por estarem todos os arcos abertos. Ao presente estão cerrados os concavos com pedra e cal, ainda que muito bem guarnecidos. Toda esta capella, do meio para cima, era de mui rico mosaico, tirando o vão dos arcos; e do meio para baixo de taboas inteiras de fino marmore; o pavimento é lavrado de pedras de diversas côres, de tal maneira postas que fazem uns lavores mui curiosos a modo de alcatifas. No alto tem um zimborio de muita curiosidade, sustentado com quatro grossissimos pilares. Serve esta capella-mór aos gregos, más não tem cadeiras ou assento algum; e junto ao altar tem umas portas de uma e outra parte, e junto ás portas dous thronos ou assentos altos de pedra marmore de muita curiosidade, aos quaes sobem por tres degraus, e n'elles se assenta o patriarcha grego, vestido de pontifical nas grandes solemnidades. O mais edificio do templo é quasi redondo como um theatro ou coliseo, feito como claustra de religiosos, com suas varandas por cima, sustentadas sobre trinta e oito columnas e pilares; no baixo, entre duas columnas, um pilar, e no alto, entre dous pilares, uma columna. As columnas de baixo são altissimas, e todas inteiras de fino marmore, grossura em torno dezoito palmos; as bases em quadro oito palmos, de modo que tem cada base trinta e dous palmos. Os pilares do alto das varandas são os mesmos que vão continuando de baixo. Em cima d'estas varandas havia outras com as mesmas columnas e pilares, mas, ao presente, tem os vãos tapados, ficando a mais obra como antes estava, com seus pilares e columnas; e sobre esta segunda varanda começa a fechar o tecto da igreja, feito de umas traves mui grandes e grossas dos cedros do Libano, como convinha, a qual no alto não fecha de todo, mas fica uma abertura redonda e formosa para dar claridade ao templo, que, sendo tão grande, não tem por onde lhe entre outra. Todo este edificio interior de que trato é forrado de taboas muito largas de ricas pedras; as voltas dos arcos de jaspes verdes e vermelhos; e o vão da claustra tem junto do emmadeiramento, todo de mui rico mosaico de redor, e no meio circulo da banda do norte, da mesma obra mosaica, os doze apostolos, e entre elles a rainha Santa Helena; e no outro meio circulo doze prophetas, e entre elles o imperador Constantino Magno.

«Não estão ao presente todas estas curiosidades em sua perfeição, antes as vêmos irem-se damnificando, assim pela antiguidade do edificio, como por causa da humidade, vento e chuva que entra pela abertura de cima, e sobre tudo entram muitas vezes pelo mesmo lugar, pombas que dormem na igreja, e por não serem notadas de ociosas de continuo andam picando n'aquelle mosaico, e o damnificam muito; mas a obra, até ao dia presente, mostra claramente tudo o que d'ella escrevo. Debaixo da varanda que vai por cima da primeira claustra, ao longo do muro interior, vão as estancias em que moram os religiosos que estão na Casa Santa de continuo, assim para, a seu modo, celebrarem o officio divino, como para terem cuidado das suas lampadas.» (Fr. Pantaleão d'Aveiro).

SANTOS PADRES. 1. «Quando o imperio vacillante sob o peso de sua grandeza necessitou de repartir-se para sustentar-se; quando Roma já não era a capital exclusiva do mundo; quando o machinismo da authoridade se desorganisou, e os barbaros ameaçavam por toda a parte o povo dominador e corrompido que apenas se defendia com a disciplina militar, no-

va eloquencia surgiu com a nova religião que desde as masmorras e cadafalsos subiu até ao throno dos Cesares... Não fallando na inspiração divina, ou reconhecendo a Providencia nos meios naturaes de que ella se serve, podemos attentar nas causas cooperativas á nova vida que recebeu a eloquencia desde tanto tempo esquecida. Nova ordem de idéas e sentimentos embryonarios, multidão de obstaculos a combater e adversarios a confundir, a necessidade de vencer com a persuasão e o exemplo, as unicas forças da religião nascente — eis o que deu alma ao genio dos defensores e fundadores do christianismo.

«Longo tempo perseguidor, o paganismo era temeroso apesar de Constantino ter feito reinar o Evangelho. Os zelosos da religião antiga, tinham por si, consoante os tempos e as circumstancias, os interesses partidarios, e em todos os tempos o interesse das paixões divinisadas pelo polytheismo. Confessemos porém que esses taes não podem ser comparados aos propagadores da fé christã.

«Celso, Porphyrio, e Cymaco estão muito longe da dialectica de Tertulliano, da sciencia de Origenes, e do talento de Agostinho e de Chrysostomo. O ultimo, cujo nome sómente relembra o elevado conceito que os seus contemporaneos lhe formaram da eloquencia, podemos contrapôl-o a tudo que na antiguidade foi maior. Todavia, nos seus escriptos como nos de S. Basilio, de Santo Agostinho, e S. Gregorio, á critica deparam-se defeitos não communs aos classicos gregos e latinos. Nota-se que os oradores christãos não se eximiram totalmente do gosto corrompido de sua época. Querer-se-hia mais severidade no estylo, mais respeito ás conveniencias do genero, mais methodo, mais compasso nos incidentes alheios do assumpto. Acoimam-os de diffusão, de frequentissimos desvios e abuso de erudição que na eloquencia deve ser sobriamente despendida, com receio de que o ouvinte não esfrie por causa das demasias de sciencia. Porém, um avaliador imparcial tem que admirar n'esses padres da igreja o mixto de elevação e suavidade, de força e uncção, de formosos monumentos e grandiosas idéas, e, no geral, aquella facil elocução e caracter distinctivo dos seculos que assignalaram a historia das letras.» (La Harpe).

2. S. Basilio, cognominado o grande, tendo primeiramente exercido a advocacia com distincção, renunciou ao mundo, e retirou-se á solidão do Ponto, onde fundou ás margens do Iris um mosteiro por onde se modularam quasi todos os do Oriente. Elle fez propriamente a descripção do seu ermo, dirigindo-se a S. Gregorio Nazianzeno, seu amigo e discipulo. «Deus, diz elle, quiz que eu encontrasse um abrigo consoante aos meus desejos. Aquillo que nós juntos muitas vezes imaginavamos, foi-me dado a mim em realidade. É uma empinada serra, espessamente arborisada, e ao norte golpeada de arroyos frescos e limpidos. Ao sopé, desdobra-se uma planicie de continuo fertilisada pela agua que se despenha dos altos. A floresta que braceja em torno arvores de toda a especie plantadas a esmo, serve-lhe, digamos assim, de muro e defesa. Que direi dos olorosos vapores da terra e da fresquidão do rio? Outros se enlevem nas flôres e nos trilos das aves, que eu não tenho vagar para isso. O que melhormente me quadra n'este sitio é que, abandonado de tudo, me dá o mais precioso bem: a tranquillidade. Não só aqui se não ouve o rumorejar das cidades; mas nem ainda por aqui estanceam viajantes, salvante alguns caçadores que nos cá vem dar; e tambem cá temos algumas alimarias. Não assim os ursos e lobos das vossas montanhas, mas manadas de cervos e cabras bravas, lebres, e outros que taes e quejandos animaes.

«Se ás vezes, diz algures S. Basilio, na serenidade nocturna, erguestes a vista á inexprimivel belleza dos astros, certo pensastes no Creador de todas as cousas. Se cogitastes no semeador de tantas flôres que resplendem no céo; se, de dia, estudastes as maravilhas da natureza, e do visivel ascen-

dentes ao invisivel, então sois um espectador bem a ponto, e tendes logar n'esse magnifico amphitheatro: vinde, pois!...»

Em 370, S. Basilio, a seu pesar, foi eleito bispo de Cesarea, em Capadocia. Entendeu zelosamente na instrucção do seu rebanho, e pôz peito a restabelecer a paz na igreja combatendo muitos hereges. Quando morreu, todo o povo da provincia correu aos seus funeraes. Pagãos e judeus o disputaram aos christãos com abundantes lagrimas, porque elle havia sido bemfeitor de todos.

3. S. Gregorio Nazianzeno, terceiro doutor da igreja oriental. Operou muitas conversões em arianos, e fundou uma congregação. O imperador Theodosio o elevou a arcebispo de Constantinopla, e reuniu concilio para confirmar tal eleição. D'ahi a pouco foi de novo atacado pelos arianos, e demittiu-se de suas funcções abandonado pelo imperador.

4. S. João Chrysostomo, que a todos se avantajou em eloquencia e escripta, nasceu em Antiochia no anno 354. Foi ordenado na dignidade do sacerdocio por Flaviano no anno de 386, e entrou a governar a igreja de Constantinopla no anno de 398: padeceu este santo prelado muitas affrontas pela causa de Theophilo Alexandrino, e de outros prelados, e tambem por causa de Eudoxia Augusta: morreu em Coma na Pontica no anno de 407. Escreveu ao povo de Antiochia muitas homilias, e orações em louvores dos santos: escreveu tambem os livros do sacerdocio contra os gentios, e contra os vituperadores da vida monastica, e outras muitas obras em o evangelho de S. Matheus, nas epistolas de S. Paulo, e no Antigo Testamento, e á conta da muita eloquencia adquiriu o nome de Chrysostomo, que se interpreta «bocca de ouro.»

5. No anno de 329, nasceu o segundo doutor da igreja latina S. Jeronymo, chamado por antonomasia o Maximo, em Estridão na Dalmacia, foi doutissimo nas linguas latina, grega, e hebraica, e em todas as disciplinas. Morreu no anno de 420, tendo a idade de 91 annos, no caminho de Belem. Teve por mestre na grammatica latina a Donato, na rhetorica a Victorino, na lingua grega a Didymo, e na hebraica a Bar-haninan; foi ordenado na dignidade de presbytero por Paulino de Antiochia; d'aqui se collige que S. Jeronymo foi presbytero da igreja de Antiochia, e não da romana, como elle mesmo o testefica na epistola a Pammachio. Muitas foram as virtudes d'este grande doutor, e muitas as obras que escreveu, especialmente nas sagradas letras: teve o trabalho de ajuntar os sagrados codigos dos hebreus, e dos gregos, os quaes verteu na lingua latina. Illustrou os mesmos livros com excellentes commentarios, instruiu com um estylo eloquente as matronas, as virgens, os monges e outros homens. Combateu com vigoroso animo, e subtil engenho os erros dos hereges Helvidio, Soviniano, Vigilancio, e tambem a Rufino, e a todos que se lhes oppunham.

6. No anno de 355 nasceu o terceiro doutor da igreja latina, o grande S. Agostinho, chamado por antonomasia a luz dos doutores, na Tagaste, cidade da Africa, de paes honestos. Sendo menino vencia a todos os outros na sagacidade do engenho, que em breve tempo lhe valeu grande erudição. Sendo ainda de poucos annos, ensinou em Tagaste, sua patria, grammatica latina, em Carthago rhetorica, e aprendeu as artes superiores sem mestre. N'este tempo ainda se achava separado da religião catholica, e fazendo a primeira jornada a Roma, e d'ahi a Milão, ouvindo frequentemente o grande doutor S. Ambrosio, abrazou-se no incendio da fé catholica. E tendo de idade 33 annos foi baptisado pelo santo bispo Ambrosio. Tornando para Africa, foi ordenado de sacerdote por Valerio, bispo da Hipponia, sujeito de grande santidade. N'este tempo instituiu uma familia de religiosos, vivendo vida em commum á imitação da vida apostolica. Ao depois foi eleito bispo da Hipponia por fallecimento de Valerio, onde pôz todo o cuidado em refutar as heresias

que no seu tempo houve e se abrazou de grande amor aos pobres. Cheio de todos estes merecimentos, tendo de idade 75 annos passou d'esta vida, no anno de 430. Muitos são os escriptos d'este santo doutor: mencionaremos alguns mais notaveis: no anno de 386 escreveu tres livros contra os academicos, no mesmo anno escreveu outro livro *Da vida bemaventurada*. No anno de 387 escreveu dous livros dos soliloquios: escreveu outro a respeito da immortalidade da alma. No anno de 388 escreveu outro de *Quantitate animo*. No anno de 389 escreveu seis livros de musica, um *De magistro*, dous de *Genesi* contra os manicheos; dous dos costumes da igreja contra os mesmos. No anno de 390 escreveu um livro *Da verdadeira religião*. No anno 391 escreveu outro *Da utilidade de crêr* contra os manicheos. No anno de 392 escreveu um livro de disputa contra Fortunato Manicheo, e outros muitos, e muitas epistolas com os quaes illustrou a igreja, e confundiu os hereges.

7. É tambem digno de grandes applausos, e elogios S. Cyrillo, bispo de Alexandria, depois da morte de Theophilo, no anno de 412. Foi competidor contra a heresia de Nestorio, ainda que reprehendido por Theodoreto e outros que admittiam em Christo uma só natureza, com tudo foi falsamente arguido; porque só affirmou haver em Christo uma pessoa. Escreveu cinco livros contra Nestorio, e outro a respeito do altissimo mysterio da Trindade, da Encarnação, da Recta fé; além d'isto muitas apologias, homilias, e epistolas: escreveu mais vinte livros contra Juliano: finalmente escreveu excellentes commentarios ao Pentateuco, prophetas, e evangelho de S. João. Teve o seu feliz obito no anno 444.

SAPHIRA. (Veja PEDRAS).

SARDANAPALO. (Veja NONO SECULO).

SARDONICA. (Veja ARGILLA).

SATYRA. É a pintura do vicio e do ridiculo, em simples discurso ou em acção. Distinguimos duas especies de satyras: politica, e moral, e tanto uma como outra podem ser geral ou pessoal. A satyra politica fere os vicios do governo. O povo atheniense não só authorisára a comedia a censurar os costumes publicos geral e vagamente, mas até a nomear em pleno theatro os factos reprehensiveis, e a personalisar os arguidos. O povo não era menos verberado pela satyra. Aristophanes ousou figurar no theatro de Athenas o povo como um velho apalermado que Cleon levava pela mão; ao passo que apodava Cleon, o thesoureiro do estado, como impudente, ladrão, vil, e execravel. Pelo que designava a palavra *satyra* entre os gregos «certos poemas mordazes, e infamatorios; especie de pastoraes assim denominadas, porque as personagens principaes, que nas mesmas figuravam eram satyros; não tinham porém estes poemas parecença com o que hoje em poesia se chamam satyras desde os romanos para cá. Differe a satyra muito da critica, ainda que commummente se toma pela mesma cousa, porque a critica é feita para emendar; e a satyra escandalisa, doesta, fere, revolta, e indispõe, principalmente se é a chamada *menippêa*, declarando os nomes, os empregos, e notas conhecidas das pessoas a quem se dirigem, e contra quem são feitas.» (Couto Guerreiro).

SCHILLER. «Nasceu Schiller no dia 10 de novembro de 1759 em Marbach, pequena cidade do reino de Wurtemberg. Apesar da condição obscura em que teve o berço, pois que seu pai era feitor da quinta de um fidalgo, a sua educação foi dirigida com certo cuidado e esmero, proprios de um pai que destina esse filho ao estado ecclesiastico.

«Não é nosso intento traçar aqui a vida d'este grande escriptor, vida pobre de acontecimentos importantes, mas muito rica de lucubrações litterarias e scientificas. E esta razão nos faz parar no empenho em que pare-

ciamos entrados, porque a analyse de tantas e tão variadas producções com que enriqueceu a litteratura allemã, levar-nos-ha muito mais longe do que o permitte a conveniencia dos leitores, que pede, certamente, variedade de assumptos. Com o que deixamos escripto só pretendemos mostrar como nasceu a inspiração no illustre poeta; como n'elle se revelou o genio; como o genio se lhe sublimou na luta, e venceu afim; e como se estreou no theatro allemão um dos primeiros authores dramaticos da Allemanha.

«Os *Salteadores*, a *Conjuração de Fiesque*, *D. Carlos*, *Wallenstein*, *Joanna d'Arc*, *Maria Stuart*, e *Guilherme Tell*, são, entre muitas outras producções d'este genero, os seus principaes titulos de gloria. Porém ainda adquiriu celebridade, ostentando a profusão dos seus conhecimentos, e o vigor das suas faculdades intellectuaes, nos artigos e obras que publicou de historia, romance, politica, philosophia, e poesia, não obstante certas faltas e desigualdades que se notam em alguns d'estes trabalhos.

«A morte veio colher o poeta em meio da sua carreira gloriosa. Schiller morreu no dia 9 de maio de 1805, victima de um typho, não tendo ainda completado 46 annos. Apesar d'este fim tão prematuro, viveu bastante para que o seu nome passasse á posteridade cercado de uma aureola, que parece augmentar de brilho com o correr dos annos.» (Vilhena Barbosa).

SCHLEGEL (Augusto Guilherme). Critico e poeta allemão, nasceu em Hanover em 1767, e morreu em 1845. Traduziu boa parte de Calderon de la Barca e de Shakespeare. Fundou com seu irmão Frederico o *Atheneu*, periodico de grande voga e repositorio de estudos muito versados ainda hoje. Abriu cursos de litteratura, em que principalmente discorreu ácerca de theatro antigo. Seu irmão Frederico, nascido em 1772, e fallecido em 1829, votou-se á philosophia, e conquistou a maxima celebridade por essa carreira.

SCIENCIAS. (Veja cada ramo com a sua denominação particular: ELOQUENCIA, HISTORIA, GEOGRAPHIA, HISTORIA NATURAL, METAPHYSICA, etc.).

SCIPIÃO. (Veja TERCEIRO SECULO).

SEGREDO. «O segredo era de tal modo estimado pelos philosophos antigos, que a maior pena que os athenienses tinham em suas leis era a que se dava ao que descobria o segredo; e em tanto se guardava, que tendo um tempo guerra com Philippe de Macedonia, tomaram acaso umas cartas, que elle mandava a sua mulher Olympia, e lh'as tornaram a mandar cerradas, e sem tocar n'ellas, podendo por ventura achar dentro alguns avisos de que se podessem aproveitar; mas tinham em muito mais a guarda do segredo, que a mesma victoria. Anaxilio, capitão atheniense, sendo captivo dos lacedemonios, foi mettido a tormentos, para que dissesse o que el-rei Agesiláo tinha determinado, ao que respondeu que bem o podiam fazer em pedaços, mas que os segredos do seu rei nunca descobriria. Na guarda dos segredos eram os athenienses tão puros, que conta Plutarco, que passando um egypcio por uma rua d'Athenas, não sei com quê debaixo da capa, lhe perguntára um atheniense, que era o que levava? ao que lhe respondeu: És atheniense, e perguntas isso? vês tu que por isso o levo coberto pelo não saberes? Grande zelador d'este segredo foi Demosthenes, ao qual perguntando-lhe um seu amigo, porque lhe cheirava mal o bafo? respondeu: porque no estomago lhe apodreceram grande quantidade de segredos.» (Diogo de Couto).

SEGUNDO SECULO (antes de Jesus Christo). Roma subjugou as nações, locupletou-se com os despojos d'ellas, apropriando-se tambem dos vicios como se apropriára das artes. Numerosas guerras se encadearam sem tregoas: guerra da Macedonia contra Philippe que se alliára aos carthaginezes, durante os triumphos de Annibal; depois contra Perseu de que der-

rotou Paulo Emilio: guerra da Syria contra Antiocho, chamado o Grande, que talou a Grecia, e quiz recomeçar contra Roma a segunda guerra punica, independente de Annibal, e foi derrotado por Scipião o africano, e por Scipião o asiatico. Os romanos declararam guerra aos acheus, aos hespanhoes, á Corsega, á Sardenha, a Carthago, que cahiu destruida. Cahiu tambem Corintho, e teve Numancia igual sorte. Guerra contra os parthos, cimbros e Jugurtha; guerra a todas as regiões conhecidas e accessiveis, exceptuadas as regiões da Asia alta, India e China, que tambem lá tinham suas revoluções politicas e militares, preludios cujo resultado ha de sentil-o o colosso romano. São tributarios de Roma os povos asiaticos e africanos; os antigos imperios volvem-se provincias governadas por proconsules. Já Roma é ameaçada em sua liberdade pelos homens que lhe deram o imperio do mundo. Poderosos pelo esplendor dos serviços e triumphos, por antigos nomes e opulencia moderna, que lhe ensina os gozos de nova educação, sobresahem pelas pompas em meio da multidão dos proletarios e escravos; e não só disputam a suprema authoridade, mas entre si a contendem. A brava luta que se travou entre Catão Censorino e os dous Scipiões, no senado e no fôro, por acções e palavras, teve caracter pacifico e grandeza moral. Todavia, quando os gregos ousaram pedir segurança contra as oppressões, quando o progredir da corrupção os atemorisava, taxaram-os de inimigos da tranquillidade publica, e fizeram carnagem n'elles em presença do povo que elles tinham querido regenerar pelo trabalho, ensinando-os a preferir a vida laboriosa dos campos á preguiça degradante das cidades. (Veja Plauto, Terencio, Polybio, etc.).

SEGUNDO SECULO (depois de Jesus Christo). «No anno 102, sendo proconsul da Bithynia, consultou Plinio o Moço a Trajano, como se devia haver com os christãos. Respondeu-lhe Trajano, que se não inquirisse contra elles; mas que sendo dilatados, e obstinando-se na religião, morressem.

«No anno 107, achando-se Trajano no Oriente, se levantou contra os fieis a terceira perseguição.

«N'ella foi crucificado S. Simeão, bispo de Jerusalem, homem de cento e vinte annos: Santo Ignacio, bispo d'Antiochia, e discipulo de S. Pedro, lançado a ser pasto dos leões: S. Onesimo, bispo de Epheso, e discipulo de S. Paulo, apedrejado.

«No anno 115, achando-se Trajano em Antiochia, um grande terremoto faz crueis estragos nos habitantes, e em muitos da comitiva do mesmo Trajano, que lhe custou muito escapar com vida.

«No anno 117, morreu Trajano, tendo imperado dezenove annos, e alguns mezes. Succedeu-lhe Elio Adriano, seu filho adoptivo, tambem hespanhol de nação, concorrendo muito para isso o favor de Plotina, mulher de Trajano.

«Entre as grandes obras de Trajano, foi uma a ponte do Danubio: outra a columna, que mandou levantar em Roma, com a sua estatua colossal em cima, ornada de mil e tantas figuras de relevo, por emblemas das suas victorias, e das nações que vencêra: outra a bibliotheca chamada do seu nome *Ulpia*, que veio depois a ser como a *torre do tombo* dos imperadores, segundo se colhe dos escriptores da *Historia Augusta*.

«A salvação de Trajano por orações do papa S. Gregorio Magno, não obstante andar attestada por Paulo Diacono, escriptor do seculo IX na vida do mesmo S. Gregorio, e n'uma oração attribuida falsamente a S. João Damasceno do seculo VIII: está hoje assentado entre todos os bons theologos e criticos, que é uma fabula ridicula, como de Bellarmino, e Baronio observa Mabillon nas notas á referida vida de S. Gregorio por Paulo Diacono.

«No anno 124, foram apresentadas a Adriano duas apologias a favor do christianismo: uma por S. Quadrato, discipulo dos apostolos; outra por Santo Aristídes, atheniense. Em con-

sequencia d'ellas escreveu Adriano a Minucio Fundano, proconsul da Asia, que não deviam os christãos ser condemnados, salvo se fossem convencidos d'outros crimes.

«No anno 130, sobre as ruinas de Jerusalem, destruida por Tito, fundou Adriano uma nova cidade, a que deu o nome de *Elia Capitolina*, e para onde mandou uma colonia de romanos. D'aqui estimulados os judeus por verem a sua cidade habitada de gentios, começaram a dispôr-se occultamente para a rebellião.

«No anno 132, se rebellaram os judeus contra Adriano, tendo por general a Cóquebas, ou Barcóquebas. Manda Adriano contra elles o seu exercito, commandado por Julio Severo, que pouco a pouco os desbaratou.

«No anno 137, adoptou Adriano a Cesonio Commodo Vero, e fez *Cesar* a Elio Vero.

«D'aqui em diante ficou o nome de *Cesar* sendo um titulo proprio do principe herdeiro.

«No anno 138, foi Adriano accommettido d'uma doença que pondo-o todas as horas a morrer sem acabar de o matar, o fazia todas as horas desejar a morte, e pedir que o matassem. Morreu em fim aos sessenta e dous annos de sua idade, tendo imperado vinte e um, e dez mezes.

«Em tempo d'Adriano se levantaram os heresiarchas Basilídes, Saturnino e Carpócrates, de cuja escóla sahiu a infame seita dos gnosticos.

«No mesmo tempo traduziu o judeu Aquila do hebraico em grego os sagrados livros do Testamento Velho.

«No mesmo tempo floreceram o philosopho Plutarco, e o grammatico Suetonio Tranquillo, de quem temos as vidas dos primeiros doze imperadores, escriptas com grande exacção, e com igual pureza de estylo.

«No mesmo tempo compoz o jurisconsulto Salvio Juliano o Edicto Perpetuo, por onde d'ahi em diante se governassem os pretores.

«No anno 139, principio do imperio de Antonino Pio, offereceu S. Justino a este principe a sua primeira apologia pelos christãos.

«No anno 146, começou Marcião, natural do Ponto, a propagar a sua heresia dos dous principios coeternos, um do bem, outro do mal. De Marcião foi discipulo o outro heresiarcha Apelles.

«No anno 153, vieram a Roma os dous heresiarchas Valentino e Cerdão.

«No anno 161, morreu Antonino Pio, tendo imperado vinte e dous annos. Succedeu-lhe seu filho adoptivo, Marco Aurelio, que depois de imperador associou a si no governo a seu irmão Lucio Vero.

«Em tempo de Antonino Pio floreceram os philosophos Arriano de Nicomedia, Maximo de Tyro, Apollonio de Calcidia, e Sexto de Querona, neto de Plutarco.

«No anno 162, começou a quarta perseguição contra os christãos, sendo imperador Marco Aurelio.

«N'ella foram martyrisados S. Polycarpo, discipulo de S. João Evangelista, e bispo de Esmyrna; S. Justino; os Santos de Leão de França com o seu bispo S. Pothíno, a quem succedeu Santo Ireneo.

«No anno 170, escreveu Militão, bispo de Sardes, uma apologia pelos christãos, e Milciades outra.

«No anno 171, começou Taciano a espalhar a sua heresia dos encratitas.

«No anno 174, estando Marco Aurelio fazendo guerra aos quados dentro da sua mesma provincia, e o exercito romano em termos de perecer á sede; por orações dos christãos que n'elle militavam, lhe deu Deus uma copiosa chuva, e com a chuva a victoria.

«No anno 177, fez Athenagoras atheniense a sua oração pelos christãos em presença do imperador.

«No anno 179, Montano com as duas infames mulheres Priscilla e Maximilla, deram principio á insana heresia, em que Montano se jactava de ser elle o Espirito Santo Paracléto, e de serem aquellas duas prostitutas divinamente inspiradas. Além d'isto negava Montano á igreja o poder d'absolver de certos peccados: no que

Tertulliano depois o veio a seguir. De Mysia lugar da Phrygia, d'onde Montano era oriundo, se deu a estes hereges tambem o nome de *cataphrygios*.

«No anno 180, morreu Marco Aurelio na Hungria, tendo imperado dezenove annos, e d'estes os primeiros nove juntamente com seu irmão Lucio Vero. Estes são os que nos escriptos dos antigos jurisconsultos se nomeiam *Divi Fratres*.

«A Marco Aurelio, principe de grande moderação e clemencia, succedeu seu filho Commodo, que foi um monstro de lascivia, e de crueldade.

«Dizem que Marcia, concubina de Commodo, era amiga e fautora dos christãos. E esta poderia ser a causa, por que no seu tempo não houve martyrios.

«No anno 181, fez Theodocião Pontico a sua versão grega dos livros hebreus do Testamento Velho.

«No anno 192, duodecimo do seu imperio, foi assassinado Commodo pelos seus dous camaristas Leto, e Electo.

«Em seu tempo floreceu o celebre grammatico grego Julio Pollux.

«A Commodo succedeu Elio Pertinaz: e assassinado este depois de dous mezes, succedeu-lhe Didio Juliano: e este assassinado depois d'outros dous mezes, foram ao mesmo tempo acclamados imperadores, Septimio Severo na Hungria, Percennio Nigro na Syria, Clodio Albino na Bretanha. Desbaratado Nigro no Oriente, e desbaratado Albino em França, ficou Severo unico senhor do imperio.

«Por este tempo florecia S. Clemente Alexandrino, discipulo de Panteno, e mestre que depois foi do grande Origenes.

«Pelo mesmo tempo era celebre em Africa Tertulliano, a quem depois de morto chamava S. Cypriano seu mestre.

«No anno 197, levantando-se no Oriente uma grande controversia sobre o dia da celebração da Paschoa, celebrou o papa S. Victor um concilio em Roma; e Narciso, bispo de Jerusalem, outro na sua cidade por ordem de S. Victor. Em ambos foi determinado, que a Paschoa se devia celebrar, não na lua decima quarta de março, como faziam os judeus; mas no domingo seguinte, como se praticava em todo o Occidente, e na maior parte do Oriente. Oppoz-se Polycrates de Epheso com outros bispos da Asia Menor, que se defendiam com a authoridade de S. João Evangelista. Intentando o papa S. Victor excommungal-os, Santo Ireneo, bispo de Leão de França o dissuadiu com boas razões: e ficou este ponto de disciplina por decidir a final, até o tempo do primeiro concilio geral de Nicéa.

«No mesmo tempo Severo declarou *Cesar* a seu filho Bassiano, e lhe poz o nome d'*Antonino:* nome, que tendo sido hereditario até Commodo, ficou perseverando por devoção nos imperadores até Alexandre Severo.» (Antonio Pereira de Figueiredo).

SELENIO. (Veja METALLOIDES).

SELVAGENS. (Veja GUINÉ, BRAZIL, CAFRARIA).

SEMELHANÇA (do latim *similis*, semelhante). 1. *Linhas proporcionaes* são rectas cujos comprimentos, comparados entre si ou representados por numeros, podem formar proporção. —Quatro linhas formam proporção quando a razão da primeira á segunda é a mesma que a da terceira á quarta. (Veja PROPORÇÃO). — Uma meia proporcional entre duas rectas dadas, é uma terceira recta que fórma os dous meios de uma proporção em que as duas rectas são extremos.—Uma terceira proporcional a duas rectas dadas, é uma terceira recta que fórma o quarto termo de uma proporção em que uma das duas rectas dadas fórma o primeiro termo, e a outra os meios. —Uma quarta proporcional a tres rectas dadas, é uma quarta recta que fórma o quarto termo de uma proporção em que as rectas dadas são os tres primeiros termos. —Dividir uma recta em media e extrema razão, é dividil-a em duas partes taes que a maior seja meia proporcional entre a recta toda e a outra parte. —*Polygo-*

nos semelhantes são em geral aquelles que teem angulos iguaes cada um a cada um, e cujos lados homologos são proporcionaes entre si, e igualmente dispostos. — Os lados homologos de polygonos semelhantes, são os lados adjacentes a angulos iguaes; os angulos homologos, são os angulos iguaes; e vertices homologos, são os de angulos homologos.

2. *Theoremas.* Quando se tomam, sobre os lados de um angulo, partes iguaes, e que, pelos pontos de divisão, se tiram rectas parallelas entre si, estas rectas interceptam no outro lado do angulo partes tambem iguaes entre si. — Duas parallelas cortam proporcionalmente os lados de um angulo. — Se de um ponto tomado fóra de um circulo, se conduzem para elle duas secantes, as secantes são na razão inversa da de suas partes exteriores; isto é, que cada secante com sua parte exterior formam: uma, os extremos, a outra, os meios de uma proporção. — Se de um ponto fóra de um circulo se conduz uma secante e uma tangente, a tangente é media proporcional entre a secante e a sua parte exterior. — Dous polygonos semelhantes podem decompôr-se em igual numero de triangulos semelhantes cada um a cada um, e semelhantemente dispostos. — Os perimetros dos polygonos semelhantes são proporcionaes aos lados homologos. — Dous polygonos regulares de igual numero de lados, são semelhantes. — Os perimetros de dous polygonos regulares semelhantes, são proporcionaes aos raios dos circulos inscripto e circumscripto. (Veja CIRCULO e POLYGONO).— As *superficies* de dous triangulos, ou de dous polygonos semelhantes quaesquer, são proporcionaes aos *quadrados* de seus lados homologos. — As superficies de dous polygonos *regulares* d'um mesmo numero de lados, são proporcionaes aos quadrados dos *raios* dos circulos circumscriptos e inscriptos. — Duas pyramides triangulares são semelhantes quando teem as suas faces semelhantes cada uma a cada uma, e semelhantemente dispostas. — Dous polygonos são semelhantes, quando se podem decompôr em um mesmo numero de pyramides triangulares semelhantes cada uma a cada uma, e semelhantemente dispostos. — Dous cylindros ou dous cones rectos, são semelhantes quando as alturas estão em proporção com os raios das bases. — Duas espheras quaesquer, são sempre semelhantes. — Em dous solidos semelhantes, as suas *superficies* são proporcionaes aos quadrados dos lados homologos, e os seus *volumes* são proporcionaes aos *cubos* dos lados homologos.

3. A theoria da *semelhança*, isto é, a parte da geometria que trata das propriedades das figuras *semelhantes*, é uma das mais importantes d'esta sciencia.

Supponhamos, por exemplo que se quer construir um polygono semelhante a outro dado, mas amplificado ou reduzido n'uma razão qualquer. As superficies das figuras semelhantes sendo proporcionaes aos quadrados de seus lados homologos, é evidente que para obter um polygono duplo não se devem tomar lados duplos dos do primeiro, pois que então a superficie seria quadrupla; deve construir-se de modo que o *quadrado* de cada lado seja *duplo* do quadrado do seu homologo na figura dada.

Querendo reduzir a metade o polygono dado, o *quadrado* de cada lado deve ser a metade do quadrado do seu homologo; etc. Ora, basta conhecer um só lado para que o polygono se possa construir; o qual lado se acha sempre extrahindo a raiz quadrada do *duplo*, da *metade*, etc. do quadrado do seu homologo. Depois, transferem-se os angulos, um a um, de todos os triangulos componentes do polygono (o qual deve ser sempre assim decomposto), e prolongam-se os lados indefinidamente: as suas intersecções dão os vertices do polygono pedido.

4. Mediante estes theoremas, podem-se ainda resolver muitos problemas, que, sem o seu auxilio, exigiriam a intervenção da algebra. — Supponhamos que se quer determinar a *base* e a *altura* de um rectangu-

lo, cuja superficie é 845 metros quadrados, sabendo que a altura é igual aos $^4/_5$ da base. Para resolver este problema, calcula-se a superficie de um rectangulo semelhante, escolhido á vontade, por exemplo, tendo 4 metros de altura e 5 metros de base. (Para mais facilidade, tomam-se dimensões indicadas pela fracção $^4/_5$). A superficie d'este rectangulo, semelhante ao pedido, é $4 \times 5 = 20$ metros quadrados; e como as superficies são proporcionaes aos *quadrados* dos lados homologos, designando por b a base do rectangulo pedido, teremos a proporção:

$20 : 845 :: 5^2 : b^2$; d'onde se tira

$$b^2 = \frac{845 \times 5^2}{20} = \frac{845 \times 25}{20}$$; logo a

base será expressa pela *raiz quadrada* d'esta fracção; e a altura ficará depois determinada, tomando os $^4/_5$ da base. Poder-se-hia ter começado por determinar a *altura*, pelo mesmo processo, e obter depois a *base*, tomando os $^4/_5$ do valor calculado. — Sabendo que os *volumes* são proporcionaes aos *cubos* de seus lados homologos, podem-se tambem achar as *dimensões* que deve ter um cylindro, cone, etc., de capacidade dada, com tanto que se conheça a relação d'essas dimensões. Calcula-se o volume de um corpo semelhante, estabelecendo analogamente a proporção:

$V : v :: B^3 : b^3$; ou $V : v :: H^3 : h^3$;

d'onde se tira a dimensão pedida, extrahindo a *raiz cubica* á fracção obtida pela resolução de uma ou de outra d'estas proporções.

Este methodo serve para calcular o *diametro* e a *altura* de todas as medidas de capacidade, dornas ou toneis, feitos de encommenda com a indicação do volume ou a *capacidade*, e a relação das dimensões (altura e diametro, ou base e altura).

SEMENTEIRA. «Quando começar a cahir a folha das arvores e tiver a terra sazão e tempêro, que é quando sem estar secca, não se pega aos instrumentos de lavoura, dá-se-lhe a ultima lavra. Para semente miuda costuma bastar uma passagem de rastro. Umas vezes lavra-se depois de chuva, outras é preciso adiantar-se, contando com as aguas proximas. Mais cêdo em temperamentos frios, que nos suaves; ao contrario na primavera, em que se principia pelo temperado ainda que esteja bastante humido, porque se caminha para a seccura.

«Para a sementeira, nunca dias de gêlo, nem mesmo de ventos um pouco fortes.

«Qual fôr a semente tal será o fructo. Todo o grão destinado a semear-se, ha de ser, segundo a sua especie, pesado e lustroso, grosso, e ainda mais que grosso, são e limpo. Seja da ultima colheita, e não velho, pois ainda que ha sementes que conservam muitos annos a sua virtude (mais as farinhosas que as oleosas), o seguro é o melhor. Quando é de sua natureza duro, convém remolhal-o em agua antes de o deitar á terra. O grão do nabo é excepção, pois vale mais o velho. Tudo isto das sementes é digno de muito maior cuidado, do que commummente se lhe presta.

«A semente de trigo picada de alforra, murrão ou carie, humedece-se em montão com agua salgada, e depois empoa-se com cal, sempre removendo e agitando. Ajunta-se-lhe fuligem para a preservar de insectos e passaros. Ás leguminosas é bom deitar-lhes gesso.

«No trabalho de sementeira, reparta-se o tempo, para que não haja depois pressas, nem apuros. A maior parte dos lavradores andam de corrida, arranhando a terra em vez de a ararem, e crendo que semeando muito vão enriquecer. Erro funesto! O que farão (coitados!) é empobrecer-se mais.

«A profundidade a que hão de ficar cobertas as sementes, varía segundo as plantas e o terreno. Se este fôr humido e rijo, enterram-se os trigos a quatro ou seis dedos, e um pouco mais no leve e secco: o trevo e outras sementes miudas deixam-se á su-

perficie ou descobertas, ainda que bem poderiam apodrecer se sobreviessem chuvas abundantes.

«As sementes grossas, e principalmente as duras, põem-se um pouco mais profundas, mas nunca muito; nenhuma precisa de mais de seis dedos, nem mesmo os caroços para as arvores. As de alfarrobeira e pinheiro, se bem que duras, hão de ficar muito superficiaes.

«N'umas plantas buscam-se bons troncos e talos, como nas arvores de madeira e na cana de assucar; em outras, as raizes, como na batata e beterraba; em outras, a fruta, já em qualidade, já em quantidade; e em outras, o grão e cana, como nas cereaes. Segundo o objecto, e attento o tamanho da planta, ha de regular-se a distancia entre as sementes.

«Semear ralo para colher espesso; é maxima que deve lembrar-se aos que deitam semente em demasia; mas tudo quer seus termos.

«O terreno pobre poucas plantas poderá alimentar: não se deve, pois, carregal-o com muitas. O rico, ou fertil, se se coalhar de sementes, dará grande numero de plantas, mas fracas, apinhadas, humidas no pé, sujeitas a tombar e de escasso rendimento. Pelo contrario, em sementeira rala poderão as plantas entroncar ou multiplicar com força de filhos, e assenhorear-se do terreno por pouco que a estação ajude; mas é condição precisa que ao principio sejam auxiliadas pelo lavrador, tirando-lhes a concorrencia de más hervas, que em seu damno forcejam por levantar-se e estender-se.

«Semear espesso para escusar o trabalho da escarda, vale tanto como encommendar ás plantas uteis, que por sua conta afoguem e matem as contrarias; o que nem sempre conseguem, e quando o conseguirem não alcançarão ellas vigor nem louçania por falta de espaço e condições de boa vegetação. Quer dizer, que se se ha de cultivar em regra e cuidar da infancia das plantas nascidas, convém a sementeira rala em todas as partes; mas se não ha de ter-se cuidado nem prestar-se auxilio, então tanto importa semear de um modo como de outro, porque sempre ha de o resultado ser mau.

«Entende-se que a sementeira espessa é de necessidade para colheitas de forragem, assim como se procura bem cerrada a mata para carvão. E quando, apesar das devidas precauções, se receie a perda de alguma porção de semente por insectos, passaros, ou outras causas, ha de ter-se presente essa perda ao fazer a conta e distribuição.

«Em summa, seja a semente a que uma illustrada experiencia ensine que póde levar cada campo com boa cultura: nem mais nem menos.

«Semeia-se de tres maneiras: com plantador ou em cova; por sulco ou em rego; e á mão ou a lanço.

«A primeira é em buracos pequenos, como se costuma fazer com os legumes. Um homem vai abrindo os buraquinhos com sacho ou pá, ou com plantador que serve para duas covas a um tempo, por meio de dous grandes cravos em fórma de ponta de lança, unidos por um travessão; um rapaz vem deitando punhados de esterco, e segue outro pondo as sementes no numero necessario, e cobrindo-as com terra. Quando se não deita esterco, cabe simplificar a operação em lavra alombada: vai o homem pelo comoro ou alto de um sulco, e a cada passo, longo ou curto conforme convém, deixa cahir a semente ou sementes na sanja do mesmo sulco, cobre-as deitando terra com o pé, e segue para diante.

«Em rego é andando o lavrador, e largando no sulco as sementes, que formam uma especie de regueiro. Maior igualdade se consegue por meio d'uma garrafa, cujo gargalo tenha uma caninha para sahirem os grãos. Isto serve para trigo e mais cereaes, e outras sementes miudas.

«E á mão ou a lanço, é quando o semeador esparze com a mão a semente na superficie do campo, caminhando compassadamente para que resulte toda a uniformidade possivel.

«Maior precisão que a que se ob-

tem á mão se procurou na *semeadeira*, que é um caixão, já unido ao arado, já posto n'um carrinho ou carretinha, arranjado para que o grão se reparta por igual. Este instrumento fel-o conhecer pelo anno de 1664 um hespanhol chamado Lucatelo; porém tendo sido nos ultimos tempos objecto de grande interesse e estudo, tem obtido consideraveis melhoramentos.

«Conhecem-se já muitas semeadeiras, a mesma cousa na essencia, porém diversificada nos modos de largar a semente segundo o tamanho, configuração e numero de grãos á vontade do lavrador. O seu uso não está tão espalhado, como o convencimento da sua necessidade.

«O semeado em lavra alombada cobre-se passando superficialmente o arado, de que resultam sulcos *femeas*. Nos canteiros de lavra plana, envolvem-se as sementes com o rastro de dentes, ou com o trenó, ou então alisando, que é passar o alisador. Quando são muito miudas, como as de hervas para prados artificiaes, costuma ser sufficiente o piso de um fato de gado lanar, que se faz atravessar pelo campo.

«Toda a semente que melhore n'um terreno e com uma cultura determinada, deve conservar-se. Pelo contrario, a que ao cabo de algum tempo degenere, é preciso mudal-a e renoval-a; e o mesmo quando occasione a perda de colheitas por temporãs ou serodias. A que proceder de paiz mais frio, adiantar-se-ha a brotar, e a do mais quente se atrazará. Sempre se ha de procurar que a semente nova seja escolhida, e não creada com melindre.

«O esmero e prolixidade em empregar boas sementes e cuidar nas plantas, chega a produzir gradualmente de anno em anno augmentos e melhoras surprehendentes, e mais em combinação com opportunas transplantações.

«Quando em vez de semear, se transplanta ou transpõe de sementeira ou viveiro, sejam os buracos proporcionados, e depois de bem collocada a planta sem damno nem tortura das raizes, cubra-se apertando um pouco a terra, para que não fiquem ôcos. Em algumas arvores delicadas e tambem na vide, é pratica prolixa, mas boa, o dirigir e collocar os tanchões para que cáiam para o mesmo lado a que se tinham acostumado no viveiro ou na planta mãi. Faz-se a transplantação com os mesmos instrumentos, que a sementeira por covas.» (*Manual de agricultura*).

SENECA (Lucius Anneus, filho de Seneca, o rhetorico). Nasceu em Cordova, no anno 2 ou 3 de Jesus Christo. Foi um infeliz preceptor de Nero. O que o discipulo aprendeu d'elle foi um phraseado pedantesco. Bem o conhecia o mestre quando dizia aos seus intimos que o tigre não tardaria a mostrar as garras. Foi o philosopho processado como membro da conjuração dos Pisões, e recebeu ordem de se rasgar as veias. Morreu serenamente, conversando com os seus amigos.

SENEGAMBIA. (Africa franceza). «ESTABELECIMENTOS NA SENEGAMBIA. Dividem-se em dous *arredondamentos:* o de S. Luiz, que comprehende a *ilha de S. Luiz*, as do *Babagué*, *Safal* e *Ghimbar*, formadas pelo Senegal; os diversos estabelecimentos sobre este rio, como *Kamu*, *Makana*, *Bakel*, *Dagana* e *Faf;* as escalas para o commercio da gomma como a *du Coq* perto de Podor, dos *Darmankours* abaixo de S. Luiz, e a dos *Trarzas* acima de Dagana; em fim, titularmente, a costa desde *cabo Branco* até bahia de Iof. O *arredondamento de Goréa*, que consiste n'esta ilha com a costa desde a bahia de Iof até á Gambia tambem titularmente, pois os habitantes são independentes. O reino de Ualo no arredondamente de S. Luiz reconhece hoje a suzerania da França. Os francezes tem uma feitoria em *Albreda* na foz do Gambia. Os lugares principaes d'esta parte da Africa franceza são: *S. Luiz*, que é a capital, com quasi 6:000 habitantes; *Goréa*, com perto de 3:000 almas, é uma das escalas dos navios francezes, que vão

para a India. *Bakel*, sobre o Senegal; *Dagana* com 1:200 almas; a aldeia de *Makana*, com a feitoria de S. Carlos. *Portendick*, na região dos mouros Aulad-Ahmed-Dahman.» (Balbi).

SENSITIVA. (Veja Leguminosas).

SENTIDOS (Orgãos dos). «Os orgãos dos sentidos, são os que originam a sensibilidade physica, ou pelo menos aonde esta tem a sua séde.

«Os nervos, transmittindo ao cerebro a impressão, que physicamente recebemos, são, por assim dizer, os medianeiros entre uma e outra especie de sensibilidade.

«A necessidade, que *eu* tenho de submetter á sensibilidade moral, as impressões que soffri nos orgãos dos sentidos, constitue a relação intima entre o espirito e a materia.

«A conveniencia, que resulta d'esta relação para a minha conservação, utilidade e bem estar, prova a importancia e a influencia do systema nervoso nas funcções de relação.

«Como póde o cego livrar-se do abysmo que o ameaça, embora elle tenha a sensibilidade moral perfeita, se entre esta e a sensibilidade physica do apparelho optico, a relação está interrompida?

«Como póde o cerebro julgar o perigo, e determinar a evasiva, se o orgão da visão não lhe transmittiu as imagens e com ellas a presença do abysmo?

«Quantos transtornos na vida de relação não soffre o homem, todas as vezes, que entre os orgãos dos sentidos e o cerebro deixa de haver harmonia completa?

«Ora os orgãos de sensibilidade physica, isto é, aquelles que permittem ao individuo a simples recepção das impressões exteriores, são cinco: o do *tacto*, do *cheiro*, do *paladar*, da *visão*, e da *audição*, e por isso dizemos que o homem tem cinco sentidos, *apalpar*, *cheirar*, *gostar*, *vêr*, e *ouvir*, pertencendo a cada um d'elles um apparelho mais ou menos complicado, segundo a importancia do orgão, e a sua necessidade nas relações com o mundo exterior.

«*Tacto propriamente dito*, é a propriedade que o organismo tem de receber o choque material de um corpo estranho, sem que por meio d'elle *eu* conheça a especie do mesmo corpo, a sua fórma, dimensões, etc.

«O tacto é um sentido importante, e de muitas vantagens na vida de relação; mas elle não tem prerogativa alguma sobre os outros sentidos, e muito menos a relação com a intelligencia, que se lhe pretende attribuir.

«O *sentido do gosto*, ou paladar, é uma faculdade, em virtude da qual nós conhecemos o sabor dos corpos.

«O orgão, que mais se promptifica ao desenvolvimento d'esta faculdade, é a *lingua*, se bem que muitos physiologistas sustentam, e com boas razões, que ella tem a sua séde em outras partes da cavidade boccal, taes como o *véo palatino*, a *abobada palatina*, a *membrana mucosa*, que interiormente atapeta as faces, etc.

«O *sentido do cheiro* é uma faculdade, em virtude da qual nós conhecemos as propriedades aromaticas dos corpos, a intensidade, a força e a especie de aroma, que as suas moleculas nos transmittem.

«Este sentido tem a sua séde no *nariz*, ou antes nas *fossas nasaes*, que, como já dissemos, tambem servem de vias respiratorias.

«As *fossas nasaes* são duas cavidades situadas na região média das faces, communicando com as *ventas* pela parte anterior, e com a pharynge pela posterior.

«A *pituitaria* é uma membrana vascular humedecida constantemente por um *muco consistente*, e apresentando na sua superficie certa felpa macia, que lhe dá a fórma de velludo.

«O mecanismo do cheiro é facil de perceber. O ar carregado das particulas odoriferas, que os corpos mais ou menos largam de si, vem depositar no acto da inspiração estas mesmas particulas sobre a pituitaria, e esta, recebendo a impressão, transmitte-a pelo nervo olfativo ao cerebro, aonde tomamos conhecimento d'ella, e ajui-

zamos sobre a sua especie, origem, propriedades, etc.

«O *sentido da vista* é uma faculdade, em virtude da qual nós conhecemos com o auxilio da luz a fórma, grandeza, posição e movimentos dos corpos que nos cercam.

«A séde d'este sentido está no *apparelho da visão*, e este divide-se em duas partes geraes—*globos do olho*, e seus *accessorios*.

«O globo do olho é uma esphera ôca, de paredes membranosas, e cheia de humores, mais ou menos liquidos, situada nas cavidades osseas, formadas pelo frontal e ossos da face, ou orbitas.

«Sustido por musculos proprios, pelo nervo optico, que lhe permitte a communicação com o cerebro, pelas palpebras, e pela aponevrose orbito-ocular, o globo do olho póde livremente executar movimentos em todas as direcções dentro da sua orbita.

«Este orgão está envolvido em membranas mais ou menos consistentes, e sobrepostas, que em anatomia se designam por nomes diversos, segundo a sua posição.

«A audição é uma faculdade em virtude da qual nós podemos conhecer os sons produzidos pelo movimento vibratorio dos corpos.

«Este sentido tem a sua séde no apparelho do ouvido, um dos mais complicados no organismo animal, e tambem um dos mais difficeis em anatomia, pela minuciosidade que a sua descripção exige.

«Tres partes se distinguem n'este apparelho: *orelha externa*, *orelha media*, ou *caixa do tympano*, e *orelha interna*, ou *labyrintho*.

«A *orelha externa* comprehende a *concha*, ou *pavilhão* e o *conducto auditivo externo*.

«O pavilhão, que vulgarmente designamos pelo nome de orelha, é uma lamina fibro-cartilaginosa, elastica, e algum tanto translucida, que, com relação ao conducto auditivo externo, occupa a mesma posição que o boccal de uma corneta acustica, para com o tubo conductor da mesma corneta.

«Ostentando varias dimensões na mesma classe de seres este orgão é livre na sua maior extensão, e representa um papel importante no mecanismo da audição, porque concentra em si as ondas sonoras, e transmitte-as depois ao conducto auditivo.» (Silva Junior, *Lições de zoologia elementar*).

SENTIMENTO DO BELLO. «Entre as mais admiraveis faculdades do homem descobrimos o sentimento ou a percepção do bello. O germen acha-se em todos, e não ha faculdade que seja mais susceptivel de cultura; são infinitos os recursos que este sentimento encontra no universo. Só ha, por certo, pequena parte da creação que podemos transformar em alimento, em vestidos ou em satisfações do corpo; mas a creação inteira póde servir para o sentimento do bello.

«A belleza existe em toda a parte. Manifesta-se nas innumeras flôres da primavera; ondula nos ramos das arvores e na relva dos prados; habita nos abysmos da terra e do mar; e brilha nas côres da concha e da pedra preciosa. E não só estes insignificantes objectos, mas o oceano, as montanhas, as nuvens, os céos, as estrellas, o sol quando nasce e o sol quando chega ao occaso, tudo encerra belleza. O universo é o seu templo; e os homens, que a sentem vivamente, não podem erguer os olhos sem que ella os rodeie por todos os lados.

«Ora a belleza é tão preciosa, os gozos que procura são tão delicados e puros, e por tal modo em relação com os nossos sentimentos mais ternos e nobres, tão proximo da adoração de Deus, que é penoso pensar na multidão de homens que vivem no mundo em cegueira, como se, em vez de possuirem esta bella terra e este glorioso firmamento, habitassem em um carcere. Uma alegria infinita se perde para o mundo, porque não se cultiva o sentimento do bello.» (*Archivo Pittoresco*).

SEQUEIRA (Domingos Antonio de). (Veja PINTORES).

SERPENTE. (Veja Reptis).

SERVIDÃO. «Ao homem fêl-o Deus para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellaram contra Adão, e não quizeram servir ao homem sendo tão inferiores; triste e miseravel condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos iguaes. A primeira vez que se prophetisou n'este mundo haver um homem de servir a outros, foi com o nome de maldição. Assim fallou Noé a seu neto Chanaan, em castigo do pai e mais do filho. Ainda então se não sabia no mundo que cousa era servir: então se começou a entender a maldição pelo delicto, e a miseria pelo castigo. Meios homens chamou depois o poeta lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza e excellencia do homem consiste no livre alvedrio, e o servir-se não é perder o alvedrio, é captival-o. Grandes razões tem o homem para não servir; porém muito maiores para não mandar homens. E porque? porque maior servidão é mandal-os, que servil-os. Fallando el-rei Antigono com o principe seu filho, sobre a administração e governo do reino, de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigações e encargos, refere Eliano que lhe disse o pai: «Ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra cousa senão uma servidão honrada?» Honrada disse, e com grande juizo: porque servidão dos servos é servidão sem honra, e por isso menor e menos pesada; mas sobre o peso da servidão haver de sustentar tambem o da honra, é muito maior sujeição, e muito mais pesada carga. É servir a fama e as boccas dos homens, cujos gostos são tão varios e tão estragados, que até o mesmo manná os enfastia.» (Antonio Vieira).

SERVIO-TULLIO. (Veja Sexto seculo).

SETEMBRO. O nome latino *September* mostra claramente, que a principio era este mez o setimo. Não obstante passar a ser o nono, tem conservado o nome primitivo.

Houve varias tentativas para lhe mudar a denominação: quizeram dar-lhe o nome de *Tiberius* em honra de Tiberio, *Germanicus* em honra de Domitiano, *Antonius* em honra d'Antonio, *Herculeus* em honra de Commodo, e *Tacitus* em honra do imperador Tacito. Nenhuma d'estas denominações foi adoptada.

Os egypcios chamavam a este mez Paophi, e os gregos Boedromion. Os romanos consagravam-no a Vulcano.

Tinha para elles importantes recordações historicas. Foi no dia 7 que Tito tomou a cidade de Jerusalem, e uniu a Palestina ao imperio; Romulo, fundador de Roma, nasceu no dia 20, e Virgilio morreu a 22; Augusto nasceu a 23, e Pompeu a 30.

Em fim o dia 13, dia dos idos de setembro, era o anniversario da consagração do Capitolio; e, n'este dia, cravava o pretor um prego, no lado direito do templo de Jupiter, situado no Capitolio.

Este prego, cravado sempre na mesma época, servia-lhes para a contagem dos annos, que tinham decorrido desde a fundação da cidade eterna.

Jardins. Semeiam-se cravos, goivos e borboletas. Mergulham-se craveiros. Mettem-se na terra raizes de rainunculos, anemonas, jacinthos, junquilhos, tulipas e lirios.

Hortas e campos. Semeiam-se rabanos, rabanetes e espinafres. Plantam-se, quanto mais cedo melhor, broculos, couves e alfaces. Desfolham-se as beterrabas, e dá-se a folha ás vaccas. Semeiam-se nabos, favas, mostarda de Pekin e tremoços. Principia-se a colheita do feijão, tremoços e milho. Semeia-se tambem centeio, aveia, cevada, linho, canhamo e trigo. Dá-se o terceiro córte aos prados que o permittem. Lavra-se a terra para prados de feno.

Pomares, vinhas e arvoredos. Colhem-se frutas, e com especialidade as nozes. Podam-se as romeiras, e enxertam-se as arvores d'espinho. Vindima-se; seccam-se passas. Se-

meia-se o penisco para crear pinhaes.

SETIMO SECULO (antes de Jesus Christo). «Desprezados os prudentes conselhos dos vassallos de maior idade e experiencia, enlevado das lisonjas e alvitres mais agradaveis dos aulicos moços, Roboão, filho de Salomão, empregou, logo ao abrir do seu reinado, severidade menos opportuna, com que apartou de si os animos, e facilitou o irremediavel scisma, que despedaçou o reino. — O ambicioso Jeroboão aproveitou-se das circumstancias, e separou-se, formando com dez tribus o reino de Israel; de sorte que ficaram só Benjamin e Judá pertencendo a Roboão: d'onde o seu capital districto se nomeou reino de Judá. — Nem com este desastre entrou em si Roboão, que continuou a reinar com pouca piedade; até que o Senhor entregou os judeus aos egypcios, que estragaram e assolaram o reino, e chegaram a saquear o templo. — Jeroboão em Israel foi impio ainda mais positivamente, querendo por politica afastar os seus vassallos do culto de Jerusalem, e arrancar o divino ministerio da posse dos levitas, a quem substituiu pessoas de muito baixa qualidade. — Mas tanto, ou mais, do que os egypcios haviam feito aos judeus, fizeram estes aos israelitas no reinado de Abias, filho e successor de Roboão. E o scismatico Jeroboão acabou a vida, pouco depois que este duro castigo lhe foi infligido por mão dos judeus.

«Nadab, filho de Jeroboão e imitador da impiedade de seu pai, reinou um anno, e foi morto por Baasa. — Não foi melhor este Baasa, que reinou vinte e tres annos, e deixou no throno seu filho Ela. — Dous annos sómente reinou Ela: mas mostrou-se indigno n'este curto espaço por toda a casta de vicios. Tirou-lhe a vida um dos seus officiaes militares, por nome Zambri. — O matador não logrou por mais de sete dias o fructo do seu crime. Dous partidos de israelitas se armaram, e marcharam contra elle; que desesperado de lhes poder fazer frente, pôz fogo ao palacio, e se entregou ás mesmas chammas. — Dos dous partidos contrarios a Zambri prevaleceu o que tinha por capitão Amri; que por este modo veio a succeder a Zambri, e mais propriamente a Ela. Amri edificou Samaria, que fez assento da sua côrte, e depois de reinar por doze annos, morreu, e teve por successor seu filho Achab.

«Achab, filho de Amri e seu successor em Israel, foi impiissimo, e por isso notavel e desgraçado com toda a sua casa. Jesabel, filha do rei de Tyro, foi sua mulher, que o incitou mais á impiedade, e ao culto dos deuses de Phenicia. — Primeira e segunda vez o acommetteu o rei da Syria Benadad, mas sem damno, e antes com victoria de Achab. Alliando-se porém os reis de Israel e Judá contra os syros em outra occasião, Josaphat escapou com custo do conflicto, e Achab recebeu uma ferida, de que morreu. — Teve este rei impio grandes e repetidos debates com o propheta Elias: nos quaes brilhou de modo eminente o zelo do propheta, e o poder de Deus em o ajudar com prodigios. — Entre as clamorosas injustiças do reinado de Achab se aponta especialmente a que praticou contra Naboth; o qual, recusando-se a vender ao rei uma vinha, veio a perder a vinha por tramas de Jesabel, de seu natural mais crua ainda, do que Achab. — Porém esta rainha tão culpada recebeu a merecida pena, quando Jehu, ungido para rei de Israel por Eliseu, a fez precipitar de uma janella, e cahindo feita pedaços, veio a servir aos cães de nutrimento.

«Por morte de Achab reinou por pouco tempo seu filho Ochosias. Succedeu-lhe seu irmão Jorão, a quem Jehu, de quem fallamos, tirou a vida, e a sua mãi Jesabel, a todos os filhos de Jorão e a Ochosias, rei de Judá. — Ainda que Jehu foi ungido para rei de Israel por Eliseu, discipulo e successor do espirito de Elias, e ainda que exterminou os idolos, não os exterminou de todo, e por esse motivo não mereceu inteira approvação. — Seu filho Joachaz foi impio decidido;

e Joás, filho de Joachaz, não foi melhor. Contendeu Joás em guerra com os syros, e venceu-os em tres batalhas, como lhe vaticinára Eliseu. — Jeroboão II, filho de Joás, reinou quarenta e um annos, e não de todo sem fortuna. Zacharias, filho d'este Jeroboão, não reinou senão dous mezes, porque foi morto por Sellum; e n'elle finalisou a posteridade de Jehu.—Manahem, general do reino, fez o mesmo a Sellum, e occupou o throno: mas investido pelos assyrios, só pôde desembaraçar-se á força de grandes sommas de dinheiro. — Phaceas, que tirou a vida ao filho de Manahem, e reinou por vinte annos, tambem viu o seu reino accommettido por Theglathphalasar, que tomou cidades, e levou os moradores captivos. — Reinou depois de Phaceas o seu matador Oseas. E como pelo nono anno do seu reinado tentassem os israelitas sacudir a dependencia dos assyrios, veio Salmanasar contra elles, e tomou depois de dilatado cêrco Samaria; levando o povo israelitico para lá do Euphrates, onde se perdeu em miseravel captiveiro.

«Em Judá Abias, filho de Roboão, não foi mais santo, que seu pai; porém foi talvez mais resoluto. Proseguindo no empenho de recobrar as dez tribus, tomou algumas cidades, e fez a Jeroboão, como dissemos, graves damnos. — Asa, filho de Abias, reinou quarenta e um annos com rara piedade, pela qual esquecem algumas fraquezas suas. — Seu filho Josaphat ainda o venceu em piedade; e posto que commetteu o erro de se alliar com o impio Achab, rei de Israel, e d'ahi lhe procederam desastres; com tudo em um reinado de vinte e cinco annos deu grandes provas de verdadeiro zelo pela lei e culto de seus santos maiores. — Jorão, filho mais velho e successor de Josaphat, foi tyrannico: e casando com Athalia, filha de Achab, deu-se aos idolos e superstições. Em pena perdeu o que seu pai grangeára, e soffreu uma incursão dos arabes, que devastaram o reino, tomaram e mataram seus filhos, menos o mais moço; e elle falleceu com oito annos de reinado por effeito de uma cruel e larga molestia. — Succedeu-lhe aquelle filho mais moço, que escapára ao ferro dos arabes, nomeado Ochosias, que reinou um anno, ou pouco mais.

«Athalia, mãi do ultimo rei de Judá Ochosias, morto por Jehu, tirou a vida a seus netos, para segurar o seu poder. Apenas escapou Joás, ainda menino, escondido no templo por traça de sua tia, esposa do summo sacerdote Joiada. A seu tempo o trouxe a publico, e o declarou rei Joiada; com o que acabou a authoridade de Athalia, e tambem a vida, que lhe foi tirada violentamente. — Joás houve-se bem no principio; mas por morte de Joiada degenerou: d'onde proceden ser muito apertado em guerra pelos syros, e acabar ás mãos dos proprios servos. — Seu filho Amasias misturou grandes qualidades com fraquezas. Por elle provocado Joás, rei de Israel, tomou Jerusalem, e captivou o rei: que por fim acabou por uma conjuração mesmo dos seus. — Ozias, filho e successor de Amasias, foi pio, e fez florescer muito o reino; mas querendo metter-se no exercicio das funcções sacerdotaes, foi ferido de lepra, e por isso obrigado a deixar o governo a seu filho Joatham. — Ainda que este excedeu mesmo seu pai em piedade, faltou com tudo a destruir os bosques e lugares altos, consagrados á idolatria, e em pena soffreu grandes males de guerra, movida pelos syros e phaceas de Israel. Acabou com dezeseis annos de reinado; e com outros tantos e trinta e seis de idade acabou seu filho Achaz, tão impio e perverso, que chegou a tirar do templo o altar de Salomão, e a substituil-o por altar gentilico. Os syros e o rei de Israel o vexaram tambem de modo, que foi obrigado a implorar com dadivas, promessas de tributo e baixezas servís a protecção dos assyrios. — Subiu ao throno a piedade mesma na pessoa de Ezechias, filho de Achaz. Reinou largamente, e recebeu de Deus grandes favores. Os mais notaveis foram o desbarato do exercito de Sennacherib por um anjo

exterminador, e prolongação da vida, em occasião de molestia moral, por quinze annos.

«Manassés, idolatra e sacrilego até á demencia e furor, não podia ser mais dessemelhante de seu pai Ezechias. Desamparado de Deus, foi captivo para Babylonia, onde arrependido mereceu a liberdade e a restituição ao throno. Seu filho Amon não aprendeu das desgraças do pai; porém foi victima de uma conjuração, passados dous annos. — Teve por successor Josias, seu filho, rei piissimo, e por isso famoso entre os mais famosos, e muito pranteado do povo por sua morte, procedida de uma ferida, que recebêra, oppondo-se em campanha a Necháo, rei do Egypto. — Pouco se pareceu em costumes com Josias, seu filho Joachaz; que o rei do Egypto em fim de tres mezes levou captivo e preso, e que assim morreu. O mesmo rei vencedor pôz em seu lugar Eliakim ou Joachim, outro filho de Josias: o qual sobrevindo Nabucodonosor, foi por elle captivo, logo restituido, e em fim privado da vida, e até da sepultura. — A Joachim succedeu no throno seu filho Jechonias; mas passados tres mezes foi forçado a entregar-se ao rei de Babylonia. Como este porém quizesse deixar algum rei proprio aos judeus, que consentiu que ficassem em Jerusalem, escolheu outro filho de Josias, mandando que se chamasse Sedecias. Este Sedecias por ultimo, por ter violado a fidelidade ao conquistador, foi apanhado depois de um cêrco de Jerusalem por tres annos, obrigado a presencear a morte de seus filhos, e dos principaes do reino, e privado dos olhos. E com esta miseravel tragedia acabou o reino de Judá, e n'elle a monarchia, que principiára na pessoa de Saul.» (Francisco Alexandre Lobo).

SETIMO SECULO (depois de Jesus Christo). «Por certo que não seria desprovido de natural talento e sobeja audacia, apesar da falta de educação de sua mocidade, um homem que creou, e impoz a muitos milhões d'homens uma religião nova. Tenacidade na prosecução das empresas, actividade e perspicacia, foram sem duvida os dotes do falso propheta Mafoma, como lhe chamamos, ou Abul Kasem Ibn Abdallah Mohammed, como é o seu verdadeiro nome. Nasceu este individuo extraordinario em Meca; segundo alguns, aos 10 de novembro de 570, e conforme outras authoridades, aos 21 d'abril de 571. Foi filho unico, e seu pai pertencia á familia Hashem, ramo mui distincto da nobre tribu de Koreish, que presumia descender directamente de Ismael, reputado progenitor da casta arabica; e que tinha adquirido determinado predominio sobre as tribus circumvisinhas, tanto pela opulencia que lhe facilitava o grosso commercio que faziam, como porque eram os guardiões hereditarios do culto arabico. Os authores mahometanos não deixaram de inventar prodigios annunciadores do nascimento de Mafoma, assim como fabulados milagres que em vida lhe attribuiram; o que de boamente largamos á credulidade de seus enthusiasmados sectarios.

«Logo na meninice Mafoma ficou orphão de pai e de mãi, e o tomou para si seu idoso avô, principal ministro da Kaaba, a quem succedeu no cargo, e tutoria da criança, Abu Taleb, tio d'esta. Mafoma fez com seu tio algumas jornadas ás grandes feiras da Syria, e correu varios passos da vida de contrabandista, em que a sua astucia se desenvolveu: aos vinte annos entrou n'uma expedição contra as tribus predatorias que roubavam as caravanas de Meca: aos 24 casou com uma rica viuva d'esta cidade, alliança que o metteu de posse de muita copia de cabedaes. Nas viagens á Syria cultivára seu talento; porém de tudo o que maior impressão lhe fez foi observar a adoração que assim os christãos como os judeus tributam a Deus uno e indivisivel, ao passo que os seus patricios d'Arabia tinham as paredes da Kaaba cobertas de idolos: traçou desde então mudar a lei do povo em que nascera. Tendo ouvido com admiração muitas passagens da

santa Biblia, dotado de viva imaginação, fez uma miscellanea das verdades e factos da historia sagrada com os delirios de sua cabeça, e as tradições, contos e visões orientaes, que abundavam no seu paiz natal; e assim compilou o disparatado livro, dito Al-Koran, onde todavia se encontram preceitos de sã moral, e em meio de absurdos algumas allegorias engenhosas. Querem authores que n'este trabalho fosse ajudado por um monge grego, fugido de Constantinopla por seguir a heresia de Nestorio. Verdade é que muitos dizem que não sabia lêr nem escrever; mas querem outros que fingia esta ignorancia para melhor representar o papel de inspirado, e que o tal monge era o seu amanuense. Seja como fôr, por audacia, enthusiasmo visionario, força de riquezas, e auxilio de poderosa parentela, fez-se conquistador, legislador, e por fim ousou inculcar-se propheta e enviado de Deus, tirando até partido da molestia de epilepsia, de que era por vezes assaltado, capacitando os credulos que os accidentes eram extasis em que recebia revelações divinas por mensagem do anjo S. Gabriel. Pelo terror das armas propagou depois a religião mixta que fundára; no que efficazmente foi auxiliado por seu sogro e seus parentes; distinguindo-se Ali e Omar, cabeças das duas principaes seitas, em que se subdivide hoje o islamismo, seguindo os persas o rito do primeiro, e os turcos as praticas attribuidas ao segundo.

«Não obstante tamanhos recursos, experimentou Mafoma ao principio contrariedades, e até perseguições; da sua fugida de Meca (hegira) fizeram os arabes uma nova era, d'onde computam o tempo. Porém se o embusteiro sahiu de Meca expulso, entrou em Medina triumphante, e desde então datam as suas façanhas guerreiras: tal influencia obteve, que bastará dizer que dando-lhe a mania de visitar a Kaaba, pouco tempo antes da sua morte, o acompanharam n'esta peregrinação mais de cem mil pessoas. Era homem de costumes devassos, a que dava falsas côres excogitando pretextos para enganar ácerca de suas más qualidades a multidão que o acreditava: com os despojos de rapidas e extraordinarias conquistas enriqueceu os seus proselytos. Morreu cercado das honras de seu barbaro povo aos 8 de junho de 622, dizem que em resultado de veneno que uma judia para vingar a morte de seu irmão lhe ministrára, preparando-lhe umas costelletas de carneiro.» (*Panorama*).

SEXTO SECULO (antes de Jesus Christo). «Para representar bem o triste estado dos judeus em Babylonia, bastará dizer que estavam captivos em terra estrangeira. Com tudo o favor, com que o rei de Babylonia distinguiu Daniel, persuade que o tratamento dos seus naturaes pelos conquistadores seria um pouco mitigado. —Apesar d'isso, a vã soberba de Nabucodonosor, mandando fabricar e adorar a famosa estatua, pôz em grande aperto a consciencia religiosa dos judeus; que, ou haviam de prevaricar obedecendo, ou provar a vingança de um rei enfatuado e barbaro, de quem eram escravos. — Desprezaram esta vingança por fidelidade ao verdadeiro Deus os tres moços, lançados por isso na fornalha, mas defendidos prodigiosamente: prodigio, que devia servir tambem para certo allivio da sorte judaica. — Evilmerodach, filho e successor de Nabucodonosor, certamente remittiu da severidade de seu pai: e expressamente consta que usou especial humanidade e contemplação com aquelle Jechonias, que reinou entre seu pai Joachim e seu tio Sedecias.

«Um cunhado de Evilmerodach tirou-lhe a vida, e usurpou o throno: e em fim de quatro annos foi elle tratado da mesma maneira por um neto, filho de filha de Nabucodonosor, que a Escriptura chama Balthasar. — Estava entretanto Daniel afastado da côrte, ou por empregos, que o tinham ausente, ou porque acabára o seu valimento. — De qualquer modo, ou fal-

tava de todo o favor, ou era menos efficaz para os seus compatriotas. E esta falta ou diminuição do favor de Daniel, juntamente com as agitações e revoluções politicas dos babylonios, deviam ter muito perniciosa influencia na oppressão dos judeus.

«Balthasar, vicioso e imprudente, mereceu morte violenta, e mereceu que o seu throno fosse presa de inimigos estranhos. Uma e outra cousa lhe foi annunciada na escriptura celebre, para cuja interpretação recorreu a Daniel. — Medos e persas invadiram e conquistaram Babylonia; e os judeus passaram assim da sujeição dos babylonios á dos conquistadores d'estes. — Valeu muito Daniel com Dario Medo; e posto que a inveja o arrojou ao lago dos leões, um milagre o salvou; e continuou, se não cresceu, a sua privança com Dario. — Cyro, rei da Persia, veio por herança a ser tambem rei da Media; de sorte que medos e persas formaram um todo, conhecido depois com o titulo de imperio dos persas. A Cyro é que os judeus deveram a liberdade e renovação do templo por um edito, com que se concluiram setenta annos de captiveiro, contados desde o quarto anno d'el-rei Joachim.

«Voltaram com Zorobabel os judeus á sua patria, e trataram logo de reedificar Jerusalem, renovar o exercicio das funcções sagradas, e restituir o templo. — Os habitantes de Samaria, ou por emulação contra os judeus, ou de indignados pelo empenho, com que estes os evitavam, entraram em odio declarado contra elles; odio, que durou até á destruição de uns e outros. Por effeito d'este odio pozeram em obra todos os meios, que podiam, para impedirem e demorarem as fabricas dos judeus, de sorte que a do templo não veio a concluir-se, senão já no reinado de Dario Hystaspes. — Aos sete annos do de Artaxerxes Longimano é que Esdras adiantou a edificação de Jerusalem, deu fórma mais assentada á republica, e melhor direcção aos costumes publicos: e treze annos depois, durando o reinado do mesmo Artaxerxes, é que Nehemias aperfeiçoou tudo, e celebrou os encenios.

«Na sujeição dos persas, e governo dos seus summos sacerdotes, foram continuando, até que em tempo de Dario Codomano a potencia persica cedeu á de Alexandre de Macedonia, como a dos babylonios havia cedido á dos persas. — Quando Alexandre cercava Tyro, requerera dos judeus certo auxilio, a que elles se recusaram; e por esta causa, expugnada Tyro, marchava o conquistador contra Jerusalem, meditando terrivel vingança. Mas aplacou-o o summo sacerdote Jaddus, que sahiu ao seu encontro, e d'elle obteve, que se contentasse de lhe guardarem os judeus a mesma sujeição, que guardavam aos persas. Porém a generosidade ou politica de Alexandre não deu menos favor aos samaritanos, a quem permittiu fabricarem templo no monte Garizim. — A edificação d'este templo provocou ainda mais a religião dos judeus, e acrescentou a insolencia dos samaritanos; tomando por ambos estes principios mais ardor a reciproca inimizade dos dous povos.

«Dividido por morte de Alexandre o imperio grego, formaram-se no Egypto e Syria dous reinos, cujos principes, igualmente ambiciosos, contendiam entre si frequentes vezes. N'estas contendas eram sempre, ou por um, ou por outro partido, envolvidos os judeus, e soffriam grandes males. Começaram servindo aos Ptolomeus, reis do Egypto. — Passaram depois á sujeição dos da Syria em tempo de Antiocho Magno. Seleuco, successor d'este, chegou a intentar o roubo dos thesouros do templo, que foi atalhado por um prodigio. — Porém no reinado de Antiocho, por alcunha Epiphanes ou *illustre*, irmão e successor de Seleuco, cresceu gravissimamente a oppressão dos judeus. A ambição de alguns d'elles, disputando entre si o summo sacerdocio, deu aos syros occasião para se intrometterem mais especialmente nos seus negocios, e d'aqui nasceu um estado de conflicto cruel, em que Epiphanes se mostrou altamente deshumano e

perverso, e a miseria dos judeus subiu aos termos de desesperação.» (Francisco Alexandre Lobo).

SEXTO SECULO (depois de Jesus Christo). Depois da queda de Romulo Augusto, na Italia, ao qual succederam os dous barbaros Odoacro (herulo) e Theodorico (ostrogodo), o imperio byzantino, derradeira reliquia do poder romano, enfraqueceu-se cada vez mais por causa de intrigas da côrte, crimes das facções, vicios dos principes e controversias religiosas.

Justiniano deveu a sua dupla gloria de conquistador e jurisconsulto a Belisario, e ao eunuco Narseo, e ao legista Tribonio, que se assignalou como magistrado sem consciencia. A Persia contrapôz ao imperador grego um insigne principe, Khosroe, e os bulgares, por via do Danubio, chegam a Constantinopla. O imperador sobrecarrega o povo com impostos para erguer fortalezas que os barbaros lhe arrazam; edifica igrejas, discorre theologicamente e faz-se herege. Se a Africa, arrebatada aos vandalos arianos, volta á lei de Constantinopla, a Italia é sómente arrebatada por quinze annos aos successores de Theodorico *o Grande* pelos generosos byzantinos.

Os lombardos começam com Albuino um novo reino italico que se perpetuará até ao tempo de Carlos Magno. Os imperadores possuem Roma nominalmente apenas. Pelos progressos do christianismo e docilidade dos barbaros que se fazem catholicos na Gallia e Hespanha, e já tambem na Grã-Bretanha, e ainda pelas discussões que se levantam no seio da igreja, os bispos de Roma augmentam a sua authoridade pastoral, e alargam as prerogativas da sua primazia ecclesiastica. O padre Gregorio *o Grande* reforma o officio divino, funda escóla de canto, compõe obras de theologia, e envida toda a sua força na conversão dos barbaros.

A raça dos godos quasi extincta na Italia, domina em Hespanha depois de se encorporar com os suevos. A Gallia offerecia a singular mescla de antigos fragmentos da população galleza que se misturou com os celtas expulsos da Bretanha insular pelos barbaros germanos, com familias romanas, com os visigodos, ostrogodos e burguinhões.

A Bretanha, ao envez dos outros paizes occidentaes, aceitou e guardou em seu seio dous povos germanicos, saxonios e inglezes.

Assim como os povos se confundem e transformam, por igual theor as linguas se alteram e corrompem. A belleza litteraria será o resultado da rudeza germanica e não tanto da arte. Os escriptos de Boecio (*Consolação da philosophia*) vem até nós como preciosos elementos da philosophia christã na idade-media.

SHAKSPEARE. «Grandes engenhos teem sido mal avaliados pelos seus contemporaneos, e tiveram de aguardar pela justiça imparcial da posteridade; outros louvados na sua época, quer por empenho de poderosos, quer pela impressão que seus escriptos faziam nos animos, morreram cercados da brilhante aureola da gloria; mas os criticos escolasticos, anatomisando-lhes as obras, que não achavam conformes aos preceitos, a que pretendiam submetter o talento creador, lavraram sentença de que taes e taes authores nem eram para imitar-se, nem para elogiar-se. Notaveis exemplos nos offerece a historia litteraria em qualquer dos casos; e na da Inglaterra achamos dous muito illustres: o poema sublime de Milton não foi devidamente apreciado quando seu author o tinha completado, e pela primeira vez se manifestou: as obras dramaticas de Shakspeare, tão gabadas nas representações, acharam nos criticos posteriores, que as julgavam pelas regras aristotelicas, severissima censura; comtudo o povo inglez continuou a vêl-as com gosto; mas os censores estrangeiros, apesar dos encomios e fadigas do traductor Le Tourneur, as desacreditavam sem piedade: um drama de Shakspeare era na phrase d'elles um monstro. Hoje porém não se medem os quila-

tes do valor litterario pelo que dictou Aristoteles e Le Bossu: dá-se preço ao engenho, onde elle transluz, descontam-se-lhe as aberrações, e põem-se patentes as bellezas, como se denunciam os desvarios. O dramaturgo inglez foi para o lugar que lhe competia na jerarchia litteraria. E porque não — se um povo numeroso o applaudia havia longos annos?... O sentimento intimo, o bom juizo de uma nação não é cousa que se tenha em menos preço, antes de maduro exame. Lembra-nos que Voltaire, censurando em muitas cousas o nosso Camões e por ventura sem bem entender o poeta, assenta por fim que o poema *Lusiadas* forçosamente ha de encerrar grandes bellezas *porque é ha tanto tempo a delicia de uma nação engenhosa:* e quando os criticos applicam a bitola da arte á nossa immortal epopéa não lhes falta que amesquinhar com suas medidas. Já tinha dito com razão o citado Voltaire que a praga dos aristarchos e commentadores laboriosamente paria volumes ácerca d'algumas linhas geradas pelo enthusiasmo poetico. Depostas porém estas considerações geraes, tratemos brevemente do author dramatico da Inglaterra antiga.

«Não estão perfeitamente verificadas as datas da vida de Guilherme Shakspeare; mas parece que nascera no mez de abril de 1564 em Stratford-sobre-o-Avon: nem serão authenticas as historias que transmittiu a tradição no tocante a seus primeiros annos. Diz-se que, não sendo dos mais regulares na mocidade, viera a Londres, estando já casado e contando uns vinte e cinco annos de idade; e que tão restrictos eram os seus meios de subsistencia que precisára sujeitar-se a segurar e vigiar os cavallos dos que iam ao theatro; e a outros mui humildes serviços: não se demorou por muito tempo no exercicio de tão mesquinhos misteres; não eram passados tres annos e já tinha desabrochado o talento dramatico de Shakspeare, inflammado á vista de algumas representações; o seu ensaio foi a primeira parte de *Henrique* VI. Continuou com dramas novos, que lhe grangearam credito e dinheiro: em 1597 se imprimiram algumas das suas composições melhor succedidas; *Romeo e Julietta*, *Ricardo* II e *Ricardo* III: por muitos annos escreveu para a scena, e segundo consta algumas vezes subiu ao tablado como actor, o que não é de admirar, porque o grande author comico, Molière, fez outro tanto. Alguns dos seus dramas foram representados na côrte em presença da rainha Isabel, que honrou o poeta com varias mercês: a nobreza o estimou e tanto que a respeito d'elle consta o seguinte rasgo de generosidade: O conde de Southampton, celebre na historia d'esse tempo por sua amizade com o desventurado conde d'Essex, presenteou Shakspeare com a quantia de mil guinéos facilitando-lhe assim a acquisição de uma propriedade de terras que desejava comprar.

«Shakspeare, tendo ajuntado bens sufficientes para passar com independencia e regalo, viveu seus ultimos annos na terra de seu nascimento em pacifico descanço, e falleceu em 1616 exactamente no dia do seu anniversario natalicio. A nação ingleza, cujo theatro se póde dizer creado por elle, erigiu-lhe no seculo passado um monumento soberbo na famosa abbadia de Westminster, o pantheon d'Inglaterra: porém entre os seus patricios repousam os seus ossos, no côro da igreja, denominada em Stratford-sobre-o-Avon, a *collegiada*. O tumulo do dramaturgo, apesar de outros que por alli ha tão magnificos, é o que prende a attenção de todos: fica junto á entrada do lado do norte; tem o busto do poeta esculpido em marmore.

«Shakspeare deveu mais á inspiração natural de sua alma que a estudos laboriosos; é um escriptor original, ás vezes sublime, outras pathetico, e quasi sempre verdadeiro na expressão dos affectos. As chocarrices que ha em alguns de seus dramas, são, como os *trocadilhos* em sermões de Vieira e os *conceitos* no poema do Tasso, fraquezas proprias do seculo em que esses talentos floresceram; e com-

tudo, reprovando-as, não deixamos de em certas occasiões lhes achar graça. Shakspeare com seus defeitos é incontestavelmente acclamado pai da tragedia ingleza. Além das composições theatraes, deixou poesias sobre varios assumptos; com especialidade se menciona uma collecção de sonetos com bellezas elogiadas pelos amantes das musas britannicas.» (*Panorama*).

SIBERIA. «A vasta região que chamamos *Siberia* comprehende todos os paizes que ficam a E. da crista principal do Ural; é subdividida em quatro governos, duas provincias e dous districtos. Consideramos como uma das suas dependencias geographicas o paiz dos Kirghiz e o dos Tchuktchis. Debaixo do nome de *região caucasica* comprehendemos todos os territorios situados entre o mar Caspio, e o mar Negro, o Kuban e o Kuma; e formam um grande governo geral cuja capital é Tiflis. No sentido administrativo este governo é subdividido em doze provincias e em alguns territorios que apenas são vassallos, ou só nominalmente sujeitos á Russia. Em seus confins abrange varios outros inteiramente independentes, e ainda muitas vezes em guerra com o imperio.» (Balbi).

SILEX. (Veja Argilla).

SILICA. (Veja Argilla).

SILVA (Antonio José da). «A 8 de maio de 1705 nasceu Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro. Alguns chronistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, nem as qualidades dos seus progenitores. Está porém hoje cabalmente demonstrado pelos interrogatorios, que elle soffreu perante a inquisição de Lisboa, que fôra filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher D. Lourença Coutinho. Pertencia esta a uma familia de christãos novos. Haviam-se muitos d'elles passado para o Brazil, fiados na sua religião nova, e na fé do governo, que promettera não perseguil-os nas possessões ultramarinas.

«Lembrou-se porém D. João V de enviar ao Brazil agentes que pesquizassem se os christãos novos commettiam ainda feitos de judaismo, e remettessem para o tribunal da inquisição de Lisboa os suspeitos de adherentes ás antigas crenças dos seus antepassados.

«Indicios se levantaram contra Lourença Coutinho. No anno de 1713 ordens de prisão se passaram contra ella, seu marido, e filhos, que foram todos embarcados e expedidos para Lisboa.

«Receberam-na os carceres inquisitoriaes da capital da monarchia, posto se permittisse liberdade aos filhos, e a João Mendes da Silva, que continuou em Lisboa a sua profissão de advogado, em que merecera conceito e fama no Rio de Janeiro.

«Conseguiu João Mendes da Silva salvar sua consorte, e arrancal-a absolvida aos algozes de S. Domingos. Dirigiu a educação litteraria de seu filho e enviou-o para Coimbra, a fim de formar-se em canones, e seguir a mesma carreira que fôra a sua.

«Logo que completou vinte e um annos de idade tomou Antonio José da Silva o grau de bacharel formado na universidade, e regressou em 1726 para Lisboa, no intuito de praticar com seu pai a profissão de advogado, e poder n'ella substituil-o.

«Mas o homem põe, e Deus dispõe. Realisou-se este proverbio. A inquisição suspeitou tambem do filho. Era crime e grande crime o judaismo. Ai dos que soffriam a mais pequena denuncia de pratical-o! Bastava a só descendencia de sangue israelita!

«Foi preso Antonio José da Silva, e recolhido aos carceres do santo officio a 8 de agosto de 1726.

«Esteve incommunicavel dous mezes, supportou duros martyrios, soffreu tratos de polé, que lhe foram applicados, e lhe deixaram alguns dedos da mão tão torturados, que com difficuldade, e só depois de algum tempo, pôde fazer uso d'elles para escrever. Por fim depois de compellido a

fazer publica abjuração de erros de fé, que não havia commettido, e a renegar o judaismo que falsamente lhe imputavam e que no meio das dôres confessára ter adoptado, foi condemnado a figurar em um auto de fé, que teve lugar no mez de outubro immediato, e solto logo depois.

«Voltou para a companhia de seu pai, e ajudava-o na feitura dos seus trabalhos forenses. Não podia porém ser feliz nem correr a sua vida placidamente. De que lhe servia ganhar riquezas como advogado; cercar-se de numerosos clientes e amigos que apreciavam os seus conhecimentos juridicos; adquirir fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repouso e de folguedo; obter gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do bairro alto; affeiçoar grande copia de admiradores, que o animavam com repetidos elogios pelas suas agradaveis composições; procurar de proposito a sociedade dos ecclesiasticos, fugindo de todo o contacto com os suspeitos de christãos novos, e judeus; e casar-se com Leonor Maria de Carvalho, de geração a mais limpa e conhecida, excellente mulher, da qual teve uma filha encantadora; se sobre elle pairava constantemente a espionagem do santo officio, apesar de todas as manifestações e provas immensas, que dava publicamente do seu fervor catholico?

«Morreu em fim João Mendes da Silva. Teria apenas decorrido um anno, quando a 7 d'outubro de 1737, foi pela segunda vez preso Antonio José da Silva, e recolhido de novo aos carceres da inquisição, sob a simples denuncia de uma escrava preta, que elle castigára, e que lhe imputava ser relapso em heresia. Não escapou sua mulher, que soffreu tambem a dura prisão, e de envolta com elles a desventurada mãi, que ainda vivia, e já supportára os carceres do palacio dos Estaus. De remorsos enlouqueceu a preta, logo depois. Desceu ao sepulchro, arrependida da calumnia, a que a incitaram o despeito, e quiçá perversos conselhos de inimigos.

«Póde-se dizer que os onze annos, que gozou de liberdade, formaram um espaço intercalado na sua vida como o lucido intervallo, que favoneia o demente. Fôra o seu destino marcado por letras negras, apenas tocára o limiar da vida. Havia de ter o seu curso regular, e o seu infallivel cumprimento.

«Entre os amigos que o procuravam, e lhe davam o titulo de Plauto portuguez, tres unicos o não abandonaram até ao fim. Foi um Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e pessoa de estudos litterarios. Outro dilecto varão, illustre pelo sangue, distincto pelos talentos, e reputado pelas suas riquezas, D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira. O terceiro pertencia á primeira nobreza do reino, e chamava-se Diogo de Barros.

«Com o conde D. Francisco Xavier de Menezes travára Antonio José da Silva estreitas relações. O litterato portuguez admirava o seu engenho comico, e os seus selectos talentos. Aconselhava-o na composição das suas comedias, insinuava-lhe que admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no estylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais authores comicos francezes, cujo estudo tanto de Paris lhe recommendava o celebre poeta Boileau com o qual entretinha agradaveis correspondencias. Estava então como que abandonado o theatro portuguez. Usavam os hespanhoes representar as comedias de Pedro Calderon e Lope de Vega, na propria lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que tendo no seu idioma muito poucas comedias originaes, e sendo estas mesmas mais litterarias, que interessantes na representação, folgava de applaudir ao menos os engenhos dos seus visinhos.

«Com as comedias e operas de Antonio José da Silva recomeçára o theatro portuguez a sua existencia. Tomou galas. Enfeitou-se de vestes pri-

morosas. Ergueu-se faceiro e interessante. Apressado corria o povo á representação das novas operas, e as admirava em extasi, e applaudia com grande estrondo.

«Muito curta porém foi essa época. Parece que a Antonio José da Silva foi fatal a sua propria gloria. Chamava o povo ás suas comedias *operas do judeu*. Quaesquer que fossem os seus protestos, não lhe perdoava a inquisição um titulo tão ignominioso n'aquelles tempos.

«Resignou-se Antonio José da Silva? Comprehendeu por ventura o destino infeliz, que lhe estava reservado? Vãos esforços empregou o conde da Ericeira e mais alguns amigos que lhe sobravam no intuito de o salvarem. Não eram publicos os processos da inquisição. Nem uma correspondencia podiam entreter os presos desgraçados com os seus amigos livres. Foi lançado no carcere n.º 6 do corredor mais novo. Podia dizer adeus ao mundo. Do seu processo existente hoje na torre do tombo de Lisboa, consta que os guardas incumbidos de o espiar pelas escutas da masmorra, depozeram que o viram por vezes ajoelhar-se, e rezar: affirmaram outros que alguns dias não queria comer, o que attribuiam ao costume dos judeus, que soíam jejuar. Uma unica testemunha lhe attribuira indicios de relapsia. Fôra a preta denunciante. Protestou elle constantemente pela sua innocencia. Apresentou testemunhas, que completamente o justificavam. Nada lhe valeu porém, e não tardou em ser proferido o seu julgamento.

«Foi lavrada a sentença de relaxação a 11 de março de 1733; e a 16 de outubro seguinte intimada ao paciente, que entrou logo para o oratorio, e figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 19 de outubro de 1739, no campo da Lã em Lisboa, em presença de sua mãi, e de sua mulher, aquella de 61 annos de idade, e esta de 27, que ambas foram arrastadas pelos algozes para presencearem o nefando espectaculo, que tão profundamente as devia magoar. D. Leonor foi solta, logo que se resolveu a abjurar, e viveu ainda algum tempo em Lisboa, em honesta viuvez. D. Lourença, porém, não sobreviveu ao filho. Tres mezes depois expirou, curtida de dôres, e padecimentos atrozes.

«Conferindo-se as listas dos condemnados pelo santo officio, acha-se a respeito do poeta brazileiro a seguinte declaração, sob n.º 7:

«Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo, no auto publico de fé que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos d'esta mesma cidade, em 13 de outubro de 1726, convicto, negativo e relapso.» (J. M. Pereira da Silva).

SILVES. «Esta antiga capital do reino do Algarve está sentada sobre uma collina pouco elevada na margem esquerda de um rio, que mais abaixo, no seu curso para o mar, toma o nome de Portimão. A cidade dista duas leguas e meia da foz do rio, quatro leguas da cidade de Lagos, e dez do cabo de S. Vicente.

«Ácerca da fundação de Silves nada se sabe ao certo. Alguns geographos, que tratam d'este assumpto, discorrem por diverso modo, querendo uns que seja anterior ás primeiras excursões dos carthaginezes á Lusitania; outros, assignalando-lhe o anno de 450 antes do nascimento de Jesus Christo, e dando-lhe por authores os *curetes*, antigos lusitanos.

«Não padece duvida que a origem d'esta cidade é anterior ao dominio dos arabes, pois que d'isso dão prova umas inscripções romanas, que ahi se acharam, porém não guardou a historia em seus archivos o nome dos fundadores. Segundo o maior grau de probabilidades poder-se-ha attribuir aos phenicios a fundação de Silves. Depois do nascimento de Christo, a memoria mais antiga, que d'esta terra se encontra, é a que refere a sua tomada aos mouros por D. Fernando I, rei de Castella, no anno de 1060.

«Pouco tempo gozaram os christãos

da sua conquista, que logo tornou ao poder dos musulmanos. Cento e vinte e nove annos de paz, que se seguiram a este acontecimento, fizeram crescer e prosperar Silves, já então capital do florente reino mourisco do Algarve.

«Correndo, pois, o anno de 1189, tendo aportado a Lisboa uma armada de cruzados, vinda do norte em demanda da Palestina, convidou-os el-rei D. Sancho I para o ajudarem n'uma empresa contra os mouros. Os cruzados, que haviam deixado patria e familia para ir em longes terras guerrear os infieis, aceitaram de boa vontade o convite; e eil-os ahi vão, caminho do Algarve, em companhia dos portuguezes, capitaneados pelo cavalleiroso rei D. Sancho I.

«Foi dirigido o golpe ao coração do poder agareno. Silves, estreitamente sitiada e muitas vezes acommettida pelos christãos em vigorosos e renhidos assaltos, teve de render-se ao cabo de dous mezes de cerco, apesar das formidaveis muralhas torreadas, que a defendiam.

«O saque da cidade foi o premio da victoria para os vencedores. Os mouros, que escaparam ao fio da espada, ou ficaram captivos, ou fugiram.

«Querendo D. Sancho conservar para a sua corôa, e para a fé christã, tão importante presa, mandou-a povoar de portuguezes; fez purificar a sua principal mesquita, que erigiu em cathedral, nomeando-lhe por primeiro bispo ao seu confessor, D. Nicolau, conego regrante de Santo Agostinho; e em fim deixou-lhe uma guarnição de tropa escolhida.

«Tal era a fortaleza d'esta praça, que, não obstante achar-se no centro de um paiz todo habitado por inimigos, conservou triumphante sobre seus muros o pavilhão das quinas durante tres annos, no fim dos quaes foi preciso para vencel-a vir d'Africa o miramolim de Marrocos com um poderoso exercito em auxilio de seus irmãos do Algarve.

«Abalado assim o poder mauritano n'este pequeno reino, veio a succumbir d'ahi a meio seculo no reinado de D. Affonso III. D. Paio Peres Corrêa, mestre da ordem de Santiago, foi o esforçado campeão d'esta empresa. Assenhoreando-se da cidade de Silves, em 1242, caminhou de victoria em victoria até fazer a conquista de todo o Algarve, que ficou para sempre unido á corôa de Portugal.

«Quando esta conquista se acabou de realisar, achava-se deserta a cidade de Silves, e os seus edificios cahiam em ruinas. Acudiu-lhe então D. Affonso III, mandando-a reedificar e povoar; e no anno de 1266 concedeu-lhe foral com os mesmos privilegios do de Lisboa, aos quaes ainda acrescentou outros. N'esse anno tambem restituiu á cidade a sua antiga cadeira episcopal. El-rei D. Fernando tambem lhe deu novas regalias em 1380.

«Com estes esforços e favores, continuados n'outros reinados, Silves, se não renasceu opulenta e populosa como outr'ora, ergueu-se todavia das suas ruinas, e medrou á sombra das suas prerogativas de séde de um bispado, e de cabeça d'um reino.» (Vilhena Barbosa).

SIMONIDES. (Veja Amizade).

SINCERIDADE. «A sinceridade é sempre louvavel; mas cumpre que seja prudente. Somos obrigados a fallar sempre sinceramente; mas nem sempre somos obrigados a fallar. Fallar com sinceridade sobre cousas que devemos calar, é offender aquelles de quem fallamos, é faltar á prudencia, á honestidade e caridade.» (Rechier).

SINOS. «O indagar a origem dos sinos e a sua historia não nos parece cousa de pequena curiosidade. Os antigos usavam d'elles não só para misteres profanos, mas tambem para os sagrados. Estrabão nos diz que a hora do mercado era indicada por um sino; e Plinio refere que de roda do sepulchro de certo rei antigo da Toscana estava pendurada uma fieira de sinos. Em Roma era costume marcar a hora do banho, tocando uma sineta: os guardas nocturnos traziam-na tambem, e servia para acordar os ser-

vos nas casas dos grandes e ricos. Trazia o gado chocalhos para metter medo aos lobos, ou antes para lhe servirem de amuletos. Esta usança, que ainda hoje dura, nos faz recordar dos tempos antigos. Geralmente se crê que Paulino, bispo de Nola, foi o primeiro que introduziu nas igrejas o uso dos sinos, pelos annos de 400 da nossa era. Antigos historiadores nos referem que o bispo de Orleans, estando na cidade de Sens, que se achava cercada, fez fugir o exercito sitiador mandando tocar os sinos da igreja de Santo Estevão; prova evidente de que ainda n'este tempo não eram geralmente conhecidos em França.

«Os primeiros sinos de grande dimensão, falla d'elles Beda, no anno 680. Antes d'este periodo em muitas partes da Europa usavam os christãos primitivos de matracas para reunir a congregação dos fieis.

«As campainhas começaram provavelmente a apparecer nas procissões religiosas, e foram depois usadas pelos musicos seculares. As sinetas nem sempre se traziam nas mãos: ás vezes as tinham penduradas, e as tocavam com martellos: n'alguns manuscriptos se encontra o rei David pintado no principio do livro dos psalmos, tocando-as d'essa maneira. Era costume na idade média festejar a chegada dos reis, ou pessoas distinctas, tocando os sinos das igrejas, costume que até o seculo presente se perpetuou entre nós.

«Corriam-se os sinos dos mosteiros antigamente com cordas, cuja extremidade era adornada de anneis de bronze ou de prata: tocavam-n'os a principio os monges, ficou depois esta incumbencia aos criados, ou aos que não podiam fazer outra cousa, como por exemplo, os cegos.

«Na igreja catholica os sinos baptisam-se e benzem-se, dando-se-lhe ordinariamente o nome de algum santo. O ritual d'esta ceremonia encontra-se no pontifical romano.

«Cria-se d'antes que ao dobrarem os sinos pelos defuntos, quanto maior fosse o sino, tanto mais para longe fugiria o diabo. De sorte que para arredar o espirito diabolico pagavam-se grossas sommas a troco de dobrar o sino grande da cathedral quando morria qualquer pessoa.» (*Panorama*).

SOCRATES. «Socrates era o modêlo da verdadeira philosophia, que esclarece o espirito para fazer o coração virtuoso. Praticava todos os seus deveres. Bom marido com uma mulher de mau genio, soldado intrepido nos exercitos, cidadão activo e incorruptivel, pobre, e desinteressado, amigo dos homens de bem, e consagrando-se á instrucção da mocidade para a fazer bem morigerada, merecia a gratidão e o respeito da sua patria. Porém desprezava os sophistas, que decidiam tudo, sem saberem nada, e que ensinavam em vez das sciencias vãs palavras; e por isso os sophistas eram seus inimigos. Socrates, conformando-se á religião grega, dava todavia aos seus discipulos idéas sublimes de Deus, que eram capazes de destruir as fabulas da mythologia. Conseguintemente os hypocritas, e os supersticiosos foram seus inimigos, e uns e outros se conjuraram para o perderem, podendo armar contra elle a superstição popular, meio odioso, que os malvados não se envergonham de empregar contra a virtude.

Foram chefes d'esta cabala os dous infames, Anyto e Melito. Aristophanes, que não perdoava nas suas comedias satyricas a ninguem, irritado por que Socrates não approvava a sua licença, deu-lhe o primeiro golpe, pondo-o sobre scena. Este philosopho assistiu tranquillamente á representação da comedia das *Nuvens*, onde o poeta o ridiculisava, e disse: *Parece-me que estou n'uma festa, onde divirto todos os convidados.*

«Depois Melito declarou-se abertamente seu accusador, arguindo-o de corromper a mocidade, e d'introduzir novas deidades, ou para melhor dizer de não reconhecer os deuses. Justificou-se Socrates com a simples exposição da sua conducta; sem embargo, foi condemnado. Podia escolher uma multa por pena, os seus amigos offereciam pagal-a; porém Socrates o re-

cusou, temendo confessar-se réo na apparencia, e disse mesmo ao povo que elle se cria acredor a ser sustentado ás expensas do estado. Esta arrogancia da innocencia irritou os seus juizes, condemnaram-n'o a beber a cicuta: era a pena de morte. Socrates disse sem commover-se: Vou morrer, a natureza me havia condemnado a isso desde o meu nascimento; a verdade condemnará em breve os meus accusadores á infamia.

«Querendo os seus amigos tiral-o da prisão, e exhortando-o a que fugisse, respondeu Socrates que isso seria ultrajar as leis. Conversou com elles no dia do supplicio sobre a immortalidade da alma, verdade tão consolatoria para a virtude. Bebeu por ultimo a cicuta que havia de tirar-lhe a vida como se ella não fosse mais que um saudavel remedio. Os athenienses depois de morto Socrates abriram os olhos, detestaram da sua injustiça, honraram a memoria d'este varão insigne, e castigaram severamente os seus accusadores.

«A accusação e sentença eram tanto mais abominaveis, quanto lhes era licito aos poetas o representar os deuses no theatro.

«Os trinta tyrannos tinham tido miramentos com Socrates, apesar de que elle se manifestára seu inimigo declarado, e a sentença de um povo supersticioso o fez morrer pouco tempo depois de expulsos elles no anno de 400 antes de Jesus Christo. Os philosophos sem embargo multiplicaram-se mais que nunca, dividiram-se em muitas seitas, e inventaram toda a especie de opiniões oppostas umas ás outras; porém não se viu outro Socrates, que tivesse a modestia de confessar a sua ignorancia, e que não levasse nos seus estudos mais objecto que a verdade e a virtude.» (*Historia antiga*).

SOL. 1. O sol é um astro dotado de luz e calor proprios que, propagando-se por irradiação em todos os sentidos, chegam até nós. Suppõe-se formado de um nucleo solido e opaco, envolvido por uma atmosphera, cuja parte externa está no estado de encandecencia. Veremos que o sol é o centro dos movimentos planetarios. O sol parece mover-se de occidente para oriente sobre a esphera celeste. Com effeito, observando a posição do sol ao meio dia relativamente ás estrellas, no dia seguinte a igual hora, vêmos que avança quasi um grau para éste; e que ao cabo do anno terá feito o giro completo do céo: é o que se chama *movimento apparente* do sol.

A linha que o sol descreve annualmente no céo relativamente ás estrellas, denomina-se *ecliptica:* curva plana, cujo plano se chama o *plano da ecliptica.* Tem uma inclinação sobre o equador celeste de 23 graus e 27 minutos e meio.

2. É claro que o sol está mais perto de nós quando o seu diametro apparente é maior, e mais afastado quando este diametro é menor, pois que a distancia está na razão inversa do diametro apparente.

Ora, se, a partir do mesmo ponto e sobre um mesmo plano, traçarmos raios que entre si façam os mesmos angulos que os raios visuaes dirigidos cada dia para o centro do sol; e se, sobre estes raios, tomarmos comprimentos inversamente proporcionaes aos diametros apparentes do sol correspondentes a estes raios, a curva traçada pelos termos d'estes raios representará o trajecto que o sol faz annualmente sobre a ecliptica.

Reconhece-se que esta curva é precisamente uma ellipse em que um dos fócos é o ponto d'onde se tiraram os raios vectores e que representa o centro da terra. A recta, tirada pelo ponto em que o sol está mais perto, ou o *perigeo*, e pelo ponto em que o sol está mais afastado, ou o *apogeo*, chama-se a *linha dos apsides:* é o *eixo maior* da ellipse. Toda a recta tirada do centro da terra para um qualquer ponto da ecliptica é um *raio vector* do sol, o qual vai crescendo do perigeo ao apogeo, e decrescendo do apogeo ao perigeo. O *centro* da ellipse está no meio do eixo maior; a sua distancia ao fóco é a *excentricidade*, que se exprime por uma fracção, tomando o semi-eixo maior por unidade.

Em fim, a *distancia media* do sol á terra, é a semi-somma das duas distancias: perigêa e apogêa; distancia igual ao semi-eixo maior, e que se obtem observando o sol nas extremidades do eixo menor da ellipse.

3. Determinou-se a distancia do sol á terra, observando de diversos pontos do globo a passagem de Mercurio, e particularmente a de Venus, sobre o disco solar. Com effeito, differentes observadores repartidos convenientemente pela superficie do globo, verão o planeta Venus projectar-se sobre o disco do sol por meio de cordas desiguaes, percorrer estas cordas em tempos desiguaes e a instantes physicos differentes; do que se poderão concluir as distancias de Venus e da terra ao sol. Foi assim que se achou para *parallaxe* terrestre 8″,6, isto é, para o angulo debaixo do qual o raio da terra seria visto do centro do sol; d'onde se conclue 24000 raios terrestres para a expressão da distancia da terra ao sol; isto é, 34 milhões de leguas de 25 ao grau.

Os diametros do sol e da terra vistos respectivamente de cada um d'estes dous corpos, sendo de 1923 segundos e 17,1 segundos, isto é, na razão de 112 para 1, os seus volumes estão na razão dos cubos d'estes dous numeros, ou na razão de 14 para 1; d'onde se vê que o sol é aproximadamente um milhão e meio mais volumoso que a terra.

4. Descobrem-se frequentemente manchas no disco solar. Estas manchas teem fórma e dimensões muito variaveis, e estão agrupadas de varios modos; mas todas apresentam este caracter essencial de serem negras no seu meio e envolvidas d'uma penumbra cinzenta. Este nucleo denegrido e a penumbra terminam sem gradação de sombra. Suppõe-se que o sol é formado de um nucleo solido, opaco, escuro, e de duas atmospheras, a exterior das quaes é luminosa, e a interior dotada de um poder reflector absoluto que impede de chegar ao nucleo o calor emittido pelo envoltorio luminoso. Em tal hypothese este nucleo central póde ser habitavel. Assim a apparição de uma mancha completa resultaria de uma rotura das duas atmospheras, a exterior deixando d'este modo vêr as bordas cinzentas da interior, e esta descobrindo uma porção do nucleo solar.

As manchas do sol não ficam immoveis; deslocam-se sobre o disco solar, com um movimento commum, de éste para oeste. Algumas vezes estas manchas duram apenas alguns dias; mas outras vezes attingem o bordo occidental do disco do sol, desapparecem por detraz d'este astro, e, ao cabo de um certo numero de dias, reapparecem no bordo oriental. Estas deslocações em commum das manchas, não podem explicar-se sem admittir que ellas são inherentes ao disco, e que o sol é dotado de uma rotação sobre si mesmo, cujo periodo é de 25 dias, 8 horas e 10 minutos. O eixo ao redor do qual o sol executa o seu movimento de rotação é quasi perpendicular ao plano da ecliptica, pois que o angulo formado por elle com este plano é aproximadamente de 83 graus.

É para notar que as manchas apparecem todas na região equatorial, e nunca nas regiões polares do sol.

5. O *eclipse do sol* tem lugar quando a lua nos intercepta na totalidade ou em parte os raios da luz solar. Para que se dê, portanto, este phenomeno, é necessario que a lua esteja em conjuncção, isto é, nas luas novas.

O eclipse é *parcial*, quando a lua não nos occulta senão uma parte do disco solar; é *total*, quando o disco é completamente occultado pela lua; finalmente, é *annullar*, quando a lua nos deixa vêr os bordos do disco; então a parte central sómente é eclipsada.

Para comprehender a possibilidade d'estes dous ultimos casos, muito menos frequentes que o primeiro, deve-se notar que o diametro apparente da lua é ora maior, ora menor que o do sol. A differença porém entre o diametro apparente d'estes dous astros sendo mui pequena, os eclipses totaes e annullares do sol só podem durar mui pouco tempo: alguns minutos.

Deve mencionar-se uma ultima particularidade dos eclipses totaes do sol. Posto que a lua occulta então o disco solar, e que este satellite não tenha atmosphera sensivel, vê-se todavia ao redor de seus bordos uma auréola luminosa, cuja côr e limites teem sido diversamente definidos pelos observadores. E tambem os bordos da lua se apresentam eriçados de immensas protuberancias avermelhadas, cuja causa é desconhecida. O brilho do sol não deixa distinguir a auréola, nem as protuberancias, quando a lua não está interposta como um guarda-fogo.

6. É do sol que os outros corpos do systema planetario recebem luz e calor. Serão estes agentes emanações directas d'elle, ou o poder colorifico e luminoso d'este astro será o resultado do movimento que elle imprime ao ether, fluido que se suppõe espalhado em todo o universo? O que não póde ser posto em duvida, é que sem a acção solar tudo seria frio e escuro ao redor d'este astro. A acção do sol não se limita a presidir ao movimento dos astros que o rodeiam: é tambem physiologica. Esta influencia suprema póde ser verificada desde o equador até aos polos, pelos differentes climas, pela successão das estações, pelos dias e noites.

Um sabio illustre, Lavoisier, disse que Deus, fazendo a luz, tinha espalhado sobre a terra o principio da organisação, do sentimento e do pensamento. Os effeitos do calor solar nos animaes são dar côr á pelle, fortalecel-a, excital-a, e activar a circulação do sangue; dar côr aos pellos dos quadrupedes, ás pennas das aves e aos élytros dos insectos; nos vegetaes, dar côr ás folhas, amadurar os fructos e dar-lhes sabôr. O calor do sol augmenta tambem a energia do systema nervoso; dissipa a tristeza e a melancolia. Pela sua influencia, tudo se renova e anima: as flôres desabrocham, as aves entôam os seus cantares; quando ella cessa, a maior parte das flôres fecham-se, as aves suspendem os seus cantos: tudo emmudece e adormece. Por esta razão os antigos consideravam o sol como causa do movimento universal e da vida. A influencia d'este amplo corpo sobre todos os seres não póde ser objecto da menor duvida. A sua potencia foi celebrada por todos os povos.

7. «W. Herschell é a quem se deve melhores observações sobre tudo o que não é exclusivamente relativo aos movimentos celestes, os quaes comtudo são o fundamento da astronomia. Segundo este incomparavel observador, as manchas do sol são produzidas por cavidades, aberturas que se fazem no envoltorio luminoso do sol. Este astro não é luminoso por si mesmo: é um nucleo escuro coberto e envolvido por uma atmosphera brilhante, que nos envia o calor e a luz, os quaes, sobre o nosso globo, se transformam em estações e climas, em producções vegetaes e animaes, e finalmente em tudo o que é do dominio da meteorologia.

«Herschell admittiu que a especie de oceano de materia ardente e luminosa que fórma o contorno apparente do sol é uma camada mui pouco espessa, suspensa a distancia por cima do corpo solido e escuro do astro, o qual, não tendo assim necessidade d'elle proprio estar na encandecencia dos nossos mais activos fornos, poderia admittir habitantes. Geralmente, o furor de povoar os astros arrebatou muitas cabeças sábias. Quizeram povoar a lua e todos os planetas. Em quanto á lua, vêmol-a muito bem para se poder affirmar que nada vegeta, muda e se move n'ella. Mesmo os volcões, em erupção actual, são mui problematicos. Os planetas, pela analogia que teem com a terra, podem ser considerados como povoados de animaes e vegetaes. Não faltou dotal-os de seres racionaes e analogos ao ser pensante do nosso globo, ao homem. Mas este é habitante tão recente do planeta, que o raciocinio de analogia em que hoje se fundam, de nada valeria ha alguns mil annos, na época em que o homem não existia ainda.

«Em quanto ao sol, todas as analogias são em desfavor da idéa de o considerar como tendo sobre a sua su-

perficie e debaixo do seu envoltorio ardente seres vivos, quer vegetaes, quer animaes.

«O brilho das velas, alampadas, bicos de gaz e metaes em fusão é muitos milhares de vezes menos intenso que uma igual extensão limitada sobre o disco do sol. A luz electrica sómente é comparavel á do sol, principalmente transmittindo a corrente da pilha por certos metaes. Foucault observou na luz electrica, decomposta pelo prisma, traços brilhantes superiores em brilho aos traços correspondentes dados pelos raios solares. Pensou-se pois que a luz do sol era uma luz electrica, e todo o sol uma grande pilha voltaica, mas ninguem póde compôr arrazoadamente este immenso apparelho. É provavel que para o conseguir nos faltem muitos dados. Se nossos antepassados, que não conheciam o fogo electrico, se vissem obrigados a fazer a theoria da encandecencia do sol, evidentemente que lhes faltava este poderoso agente theorico, como, indubitavelmente, nos faltam tantos conhecimentos para estabelecer ou mesmo entrevêr a causa que produz a illuminação do nosso sol e dos outros soes em innumeraveis grupos que povoam as profundezas do espaço a insondaveis distancias.» (Babinet).

SOLANEAS. (Veja DICOTYLEDONEAS).

SOLECISMOS. «Segundo Quintiliano (I, 5) ha solecismo em qualquer oração de um sentido total, quando n'ella se põe adiante alguma palavra que não condiz nem concorda com as antecedentes. Todo o solecismo pois é um erro de syntaxe, ou de concordancia ou de regencia, mas d'aquella especialmente. Estes erros podem-se commetter ou nos termos mesmos da proposição, quer simples, quer composta, ou na união das proposições parciaes com suas totaes, ou na união das totaes entre si.

«*Discordancias ou solecismos nos termos da proposição.* — Nos termos da proposição ha erro, quando as conjuncções copulativas ajuntam sujeitos, attributos ou complementos pertencentes a differentes verbos, como: *condemno sua preguiça*, e as culpas *que seu descuido lhe fez commetter*, são inescusaveis. Este defeito tem os versos de Camões, *Lus.*, I, 1:

> . . . . . . Que foram dilatando
> A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
> D'Africa e d'Asia andaram devastando:

ou quando se emprega a disjunctiva *nem* sem preceder outra negação, a qual se entende nas phrases interrogativas negativas, como: *por ventura ha merecimento* algum *no bem, que um homem faz a si*, nem *aos outros por amor de si?* Porém ainda com o mesmo Vieira não direi eu: *A affronta da cruz foi a maior que padeceu*, nem *podia padecer Christo a mãos da infidelidade e temeridade humana.* (Vid. Lévizac, *Gramm.*, part. II, cap. X, art. III).

«Com *um e outro* ou *nem um nem outro*, podemos concordar o verbo e o adjectivo no plural como vimos, porém não os appellativos. Fr. Luiz de Sousa (*Vid. do Arceb.*, V, 4), disse com mais liberdade do que devia: *não eram bem despedidos de* um e outro arcebispos.

«*Cada, cada um, cada qual*, como são distributivos, não admittem o verbo no plural depois de si, antes sim. Assim, Azurara disse bem e mal ao mesmo tempo n'este lugar na *Chron. de D. João* I, part. III, cap. 34: *Cada um trazia* tamanha ledice, como se determinadamente *soubessem* que sem nenhum perigo *haviam de haver* victoria. Admittem porém no plural depois de si, nomes que se lhes referem, como: *vivia cada um* (dos eremitães) em sua cella, *feitas* de pedra e *cobertas* com ramos. Brito, *Chron.*, V, 6.

«Pelo contrario, quando muitos substantivos continuados não estão na mesma relação uns para outros, mas em differente, póde-se o verbo pôr no plural, como: *Patecatir com todolos seus* padeciam *grande fome.* Goes, *Chron. de D. Manoel*, part. III, 28; mas é erro concordar com elles o

adjectivo em o numero plural. Assim disse Corte Real (*Naufr.*, cant. VIII):

> No batel vistes, já quasi *alagados,*
> *Esse bom capitão com quanta gente*
> N'aquella embarcação primeira vinha.

«Melhor disse o mesmo Goes, ibid., I, 35. N'esta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens *ferido.*

«O artigo neutro *o*, junto ao verbo substantivo *ser*, é sempre um attributo relativo ao sentido de um adjectivo ou appellativo da oração antecedente. E' por tanto erro ou concordal-o com os ditos adjectivos e appellativos em genero e numero, ou concordal-o no genero neutro, não tendo a palavra a que se refere genero algum, como se dissessemos: esta historia acabará de *desenganar* os que devem *sél-o*, isto é, *desenganados;* o que não está na primeira phrase, mas *desenganar.* No mesmo erro cahiu Vieira, carta I, 67: Debaixo d'estes accidentes se encobre grande substancia, a qual se *manifestará* brevemente quando já hoje *o não esteja.*

«Tambem se erra, ou omittindo o artigo quando se deve pôr, ou pondo-o quando se deve omittir. Quando concorrem muitos substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonymos, não basta pôr o artigo só ao primeiro, é necessario repetil-o a cada um, e dizer: *os paes e as mãos;* o senhorio dos homens, das terras e dos ventos; e não: *os paes e mães: o senhorio* dos *homens*, *terras* e *ventos.*

«O mesmo se deve praticar com os adjectivos que tem significações oppostas. Jacintho Freire disse: *se consumem com os successos prosperos e adversos.* Deveria dizer: *e com os adversos.* Quando em lugar do artigo se põe outro determinativo, este mesmo se deve repetir a todos os substantivos continuados, principalmente quando são de differentes generos e numeros, e dizer: *meu pai* e *minha mãi; seus vestidos* e *suas joias; este homem* e *esta mulher*, e não *meu pai e mãi; seus vestidos e joias; este homem e mulher.* Pelo contrario, quando qualquer nome appellativo é determinado por algum dos adjectivos determinativos, é um pleonasmo escusado ajuntar-lhe o artigo. Nossos classicos dizem sempre: *meus avós*, *teus antepassados*, *seus bens*, *vossa fortuna*, etc., e não: *os meus avós*, *os teus antepassados*, *os seus bens*, *a vossa fortuna*, etc.

«O collectivo universal *todo*, quando se toma distributivamente em lugar de *cada*, tambem não admitte de companhia artigo depois de si, como: *todo homem póde mentir, mas nem todo homem mente.* Esta é a pratica de nossos melhores escriptores. Quando porém se toma pela totalidade ou absoluta ou parcial dos individuos, admitte artigo, mórmente seguindo-se-lhe alguma incidente que o restrinja, como: *querer contentar* todo o *mundo é loucura; é necessario cumprir* todas as *obrigações que contrahimos.* Taes são as discordancias e solecismos em que ainda agora cahem muitos, a respeito dos termos da proposição e seus modificativos.

«*Das discordancias e solecismos na união das proposições parciaes.* — Passando já ás discordancias das proposições parciaes com suas totaes, é uma observação certa, que nenhuma proposição incidente póde modificar um antecedente que se não ache já determinado ou pelos artigos, ou por outro determinativo. E pois erro ajuntar qualquer incidente a um appellativo indeterminado, como seria: *Pedro é* homem, que *muito estimo: casa que mal se edifica, em breve cahe.* Devo dizer: *Pedro é* um *homem que muito estimo.* A casa que *mal se edifica, em breve cahe.* Por esta razão é incorrecta a expressão de Barros: *o tempo não gastará* doutrina, costumes, linguagem, *que os portuguezes n'estas terras deixaram.* Ficava melhor: *a doutrina, os costumes e a linguagem, que*, etc.

«D'aqui vem, que, quando o antecedente é um appellativo com artigo, seguido de outro substantivo com a preposição *de* sem artigo, o relativo conjunctivo *que*, que lhe ata a proposição incidente, se refere naturalmente ao substantivo determinado e não

ao indeterminado. Quando digo v. gr. *Pedro é um* homem de honra, que *eu muito estimo;* o *que* não causa equivoco, porque se refere não ao substantivo immediato antecedente *honra*, que se acha indeterminado, mas sim ao mais remoto *homem*, especificado pelo artigo *um*.

«Não succede porém assim, quando o segundo substantivo tem tambem artigo. Então o *que* póde-se referir ou ao primeiro ou ao segundo; e n'este caso deve-se variar a fórma do relativo para tirar a ambiguidade, como n'este exemplo: *um milagre* da Divina Providencia, que *é grande*, etc. Onde o *que* é equivoco, e faz duvidar se a incidente pertence ao primeiro substantivo *milagre*, se ao segundo e mais proximo *Providencia*. Para se tirar a duvida, deve-se mudar o *que* em *o qual*, se se refere a *milagre*, e em *a qual*, se se refere a *Providencia*.

«Tambem se costuma errar na concordancia das proposições parciaes, feitas pelos participios imperfeitos activos em *ndo*, quando, tendo differente sujeito do da sua principal, este se lhe não exprime, deixando assim em duvida, se o agente de ambos os verbos é o mesmo, se diverso. Jacintho Freire na mesma falla de Coge Çofar cahiu duas vezes n'esta inadvertencia; a primeira quando diz: *sendo vassallo, me tratou como amigo, e me amou como filho*. Devia dizer: *sendo* eu *vassallo*, etc. A segunda, quando diz: *pois, insensiveis e ingratos, estamos alimentando os homicidas de nosso monarcha em nossa mesma casa*, gozando *como herança a praça que asseguraram com tão atroz delicto, hontem hospedes, agora senhores*. Deveria dizer: *gozando* elles, etc.

«Um semelhante erro se commette nas orações parciaes integrantes do infinito, quando o verbo que as determina para lhe servirem de complementos, tem o mesmo sujeito ou differente, usando da fórma pessoal no primeiro caso, e da impessoal no segundo, e dizendo v. gr. *vens para me veres, e não para te vêr*, quando pelo contrario se deve dizer: *vens para me vêr, e não para te verem.*

«Outro solecismo bem vulgar é empregar o relativo conjunctivo adverbial *cujo*, que vale o mesmo que *de quem, do qual*, ou sem a sua relação propria de *possessão* em lugar de *qual* ou *que* sem preposição, dizendo: *um homem, cujo não conheço:* ou como complemento de outra preposição differente d'aquella que sempre leva comsigo, como: em todas estas sepulturas e moimentos ricos dos donos *de cujas* foram (Tenreiro, *Itin.*, cap. X), ou dando á preposição *de*, incluida no mesmo conjunctivo, outra relação differente da que naturalmente tem para exprimir um possuidor, como fez o nosso Lobo na *Egloga* III, dizendo:

> Ao rico tudo lhe cabe:
> O pobre lamenta e chora,
> É só a canceira sua,
> E o bem *de cujo* Deus sabe.

«*De cujo* em lugar de *de quem* é um pleonasmo insupportavel; e se *de*, por ellipse, está em lugar *de aquelle*, o relativo *cujo* já se não refere ao substantivo *bem*, nem com elle concorda, como devia, mas com o possuidor, *do qual, ou qual Deus sabe*. De qualquer modo, o abuso d'este e dos mais conjunctivos relativos, perturba inteiramente a ligação e concordancia das proposições incidentes com suas totaes de que fazem parte.

«*Das discordancias ou solecismos na união das proposições totaes entre si.*— Finalmente, tambem ha *solecismos* e *discordancias* na ligação das proposições totaes que compõem os membros de qualquer periodo, todas as vezes que ha inconsequencia entre a proposição principal e suas subordinadas; ou por não haver correspondencia entre as conjuncções periodicas para as fazer jogar umas com outras, ou por esta correspondencia se achar perturbada com outras orações mal collocadas, que se lhe mettam de permeio.

«Os grammaticos chamam *anacolutho* a esta especie de solecismo, como, se principiando v. gr. o periodo por *ainda que*, e fazendo esta conjuncção esperar a sua correspondente que é

comtudo, se substituisse a de *assim tambem:* ou ás avessas começando por *assim como*, acabassemos por *comtudo*, e assim em outras, como: *Simão da Costa em vendo as vellas*, e se affirmou *serem galés*, *se foi sahindo para o mar.* (Andrade, *Chron. de D. João*, part. IV, 92). *Começou a abrir outras minas, que sendo tambem conhecidas, se atalharam; as quaes não referimos, porque não envolvem successo memoravel*, como por *evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.* (Jacintho Freire, II, 183).

«Mas, guardada ainda a devida correspondencia entre os conjunctivos e pensamentos que elles ligam, póde haver confusão no sentido, por não estarem as orações em seus devidos lugares. Um author illustre diz: *sendo sempre justa e santa a vontade de Deus, ella da mesma sorte é sempre adoravel, e sempre digna de nossa submissão e amor; bem que seus effeitos sejam para nós algumas vezes custosos e duros, pois que só as almas injustas é que podem achar que dizer contra a justiça.*

«A proposição principal d'este periodo é: *a vontade de Deus é sempre adoravel*, etc. Ella é precedida de uma proposição subordinada e seguida de outras duas. Cortada a ultima, que é: *pois que só as almas injustas*, etc., não ficaria o periodo mau; porque esta oração posta no fim d'elle, causa seu embaraço e sua confusão: embaraço, porque não está no seu lugar em razão de se referir á proposição principal que lhe fica acima alguma cousa distante; e confusão, porque parece á primeira vista referir-se á subordinada immediata que lhe precede.

«Nem este defeito se remediaria com transpôl-a para o seu lugar, antes viria a recahir-se em outro. O unico meio pois de o evitar é cortar-lhe a conjuncção *porque*, e fazer uma oração á parte, que o sentido mesmo ligará naturalmente com as de cima.» (Soares Barbosa).

SOLON, e **LYCURGO**. «Solon, distincto pela sua origem, inda o era mais pelas suas luzes e virtude. O estudo e as viagens tinham-no feito um dos homens mais habeis do seu seculo. Reunia em seu caracter a uma doçura extrema muito zelo pelo bem publico e um desinteresse tal que rejeitou a corôa.

«O povo ficou com o poder supremo, e os principaes cidadãos foram postos nas magistraturas. Porém a constituição não deixou aos magistrados sufficiente authoridade para conter o povo. Nas assembléas publicas, onde se decidiam os grandes negocios, e onde se appellava até das sentenças do senado, cada atheniense tinha direito de votar, de sorte que a plebe cega podia decidir de tudo pela pluralidade dos votos.

«O senado composto de quatrocentas pessoas, a que se juntaram depois mais duzentas, era demasiadamente numeroso para deliberar com sabedoria, e tinha mui pouca influencia sobre a multidão. As assembléas ordinarias do povo reuniam-se quasi todos os oito dias. Cada cidadão de idade de cincoenta annos podia fallar ao povo, e o talento d'um orador sedicioso e corrompido podiá triumphar alli facilmente da prudencia do senado. *Admiro*, dizia o scytha Anacharsis a Solon, *que entre vós só os sabios tenham o direito de deliberar*, *e que o de decidir pertença aos doudos.* Effectivamente foi aquella uma fonte de desgraças, porém Solon tinha sido obrigado pelas circumstancias a satisfazer todos os partidos.

«Este legislador restabeleceu a authoridade do Areopago, que estava decahida desde o tempo de Dracon; e compôl-o unicamente d'antigos archontes. Este tribunal tinha a inspecção sobre os negocios publicos e a educação da mocidade; porque bem se via então, que a prosperidade dos estudos depende da maneira por que esta se educa.

«Inda fez mais algumas leis, de que é importante ter conhecimento. Todo o homem convencido de ociosidade devia ser declarado infame á terceira accusação. Um filho dissipador, ou que negava a seus paes a subsistencia, estava sujeito á mesma pena; mas se o pai lhe não tinha dado um officio, ficava o filho livre d'esta lei. As mu-

lheres não deviam levar a seus maridos senão tres vestidos e alguns moveis de pouco valor, para que os dotes não arruinassem as familias. O cidadão que frequentava as mulheres publicas era excluido da tribuna, como indigno da confiança publica. O archonte culpado de embriaguez era condemnado á morte.

«Ningnem era preso por dividas, e cada qual podia testar, não terdo filhos, em favor de quem quizesse. Os filhos, cujos paes morriam nos combates, eram educados á custa do publico. Ordenou-se que nos alevantamentos, ou facções violentas todo o cidadão seria obrigado a seguir um dos partidos, a fim de que os melhores cidadãos restabelecessem a tranquillidade e boa ordem. Pozeram-se limites á despeza das mulheres, á dos funeraes, e das ceremonias religiosas. Os estrangeiros eram admittidos em Athenas, porém excluidos do governo. O que se chamava *ostracismo* serviu de freio á ambição dos cidadãos. Os que eram suspeitos pelo seu poder, ou grande reputação, havendo seis mil votos contra elles na assembléa do povo, eram banidos por dez annos, mas sem a menor infamia. Veremos que soffreram esta pena as personagens mais illustres.

«Apesar de terem muito talento, os athenienses deixavam-se levar da sua leviandade e inquietação que lhes fazia commetter grandes erros e esquecer serviços essenciaes. Quando o merito os offuscava, proscreviam-no por meio do ostracismo; e depois sentindo a sua ausencia, mandavam-no chamar, empregavam-no, e na proxima occasião tornavam a fazer o mesmo.

«Foi no anno 594 antes de Jesus Christo que Solon fez as leis d'Athenas, sentindo elle mesmo a difficuldade de submetter este povo leve a uma legislação. Pediam-lhe continuamente mudanças no que elle acabava de estabelecer, o que o desgostou, e decidiu a ausentar-se, o que lhe concederam pelo espaço de dez annos.

«A sua ausencia fez brotar o germen d'uma revolução. Pisistrato, seu parente, e homem rico, generoso, popular, e dotado da arte de cegar e illudir aspirava secretamente ao poder supremo. A ambição não se envergonha das astucias. Um dia feriu-se a si mesmo, e mostrou-se coberto de sangue em publico, dizendo que o tinham assassinado os inimigos do mesmo povo. Obteve uma guarda para segurança da sua pessoa, de que elle se serviu para se apossar da cidadella e estabelecer a sua dominação.

«Quando o legislador voltou das suas viagens, tentou em vão avivar o amor da liberdade entre o povo. Perguntando-lhe Pisistrato o que o tornava tão audaz, respondeu: *a minha velhice.* O estudo foi a sua mais dôce consolação até á sepultura. *Envelheço*, dizia elle, *aprendendo todos os dias cousas novas.* Morreu n'uma idade mui avançada.»

«LYCURGO. A obra prima de Lycurgo foi o fundar elle as leis sobre os costumes. Queria fazer de Sparta uma só familia onde todos os cidadãos trabalhassem mutuamente para o bem publico, e se dedicassem completamente á patria. Para isso era necessario extirpar a pobreza e as riquezas, porque a desigualdade que estas põem entre os homens é uma fonte de discordia e corrupção. Conseguintemente fez uma repartição igual das terras, proscreveu o ouro e a prata, todas as artes de luxo, e quanto não era absolutamente necessario para viver; a unica moeda que permittiu, era uma chapa de ferro mui pesada. Como ninguem podia enriquecer-se, não havia cubiça.

«Todos os cidadãos, sem exceptuar os reis, comiam ás mesmas mesas publicas, cuja extrema fragilidade não obstava aos verdadeiros prazeres da natureza. Conversava-se alli agradavelmente sobre as cousas uteis, e usava-se d'uma zombaria delicada e fina para corrigir os defeitos, e por fim passava-se ás conversas as mais serias, aos exercicios militares e aos jogos que fortificavam o corpo e alimentavam o amor da patria. Semelhantes instituições seriam chimericas n'um estado consideravel, ou n'um seculo de molleza. Porém só havia trinta e

nove mil cidadãos, nove mil em Sparta, e o resto no campo, e ainda subsistia a antiga simplicidade dos costumes.

«Foi sobretudo por meio da educação que o legislador fez heroes. As crianças eram educadas pela republica e logo no berço se tornavam robustas e soffredoras. As amas não as apertavam com as faxas; acostumavam-nas a não terem medo na escuridade e a não se queixarem sem necessidade. Quando chegavam á idade de sete annos, exerciam-nas os mestres publicos ao trabalho, á paciencia, ás fadigas, e á obediencia a mais rapida, e davam a todas os mesmos habitos, porque todas tinham de preencher os mesmos deveres. As que se distinguiam mais commandavam as outras, porém debaixo da inspecção dos velhos, os quaes as reprehendiam e castigavam logo que ellas o mereciam.

«As crianças eram admittidas á mesa commum para se aproveitarem do que alli se dizia. Eram interrogadas a miudo sobre as cousas as mais importantes; perguntava-se-lhes, por exemplo: *Que pensaes d'esta acção? Que dizeis d'este homem?* E exigia-se que respondessem promptamente, em poucas palavras, e n'uma maneira judiciosa. D'esta sorte adquiriam o habito do laconismo, isto é, d'uma linguagem precisa e forte, cheia de razão e de nobreza. Se as obrigavam a furtar os seus alimentos, e se as puniam severamente quando se deixavam surprehender, era para as habituar ás astucias da guerra, á vigilancia, e aos perigos. A idéa de roubo não entrava n'aquelle costume, pois era authorisado pela lei.

«Todas as sciencias puramente especulativas, assim como todo o luxo, eram prohibidas aos sparciatas. Comtudo gostavam da poesia, mas tão sómente como d'um meio d'exaltar o espirito e provocar acções heroicas.

«Lycurgo tambem reformou a educação das mulheres, cujos costumes tem tanta influencia sobre os dos homens. Quiz fazer-lhes adquirir virtudes viris, e uma força que ellas podessem transmittir a seus filhos. Submetteu-as a uma parte dos exercicios violentos que se praticavam em Sparta. As raparigas exercitavam-se a lutar nos jogos. As mulheres foram durante muito tempo prodigios de virtude; por isso tambem eram infinitamente respeitadas pelos homens. O imperio que ellas tinham sobre estes, só tendia a inspirar-lhes heroismo. Uma mãi disse a seu filho, para o consolar d'uma ferida, que o tornára côxo: *Meu filho, não darás d'aqui em diante nem um só passo que te não recorde o teu valor.* O concubinato era moderado por leis severas. Longe de amollecer e corromper o amor era simplesmente um excitamento aos deveres os mais peniveis.

«O celibato era desprezado, porque nenhum motivo religioso obstava a que sentissem a necessidade de augmentar o numero dos cidadãos. Um joven, que não se alevantou, quando passava por o pé d'elle um capitão illustre, mas celibatario, deu-lhe esta razão: *Tu não tens filhos para me renderem essa honra, e se alevantarem quando eu passar diante d'elles.*

«Emfim o principal objecto de Lycurgo era fazer de cada sparciata um guerreiro invencivel. Quiz que vivessem sempre como se estivessem em arraiaes, que a guerra fosse n'alguma maneira para elles um tempo de descanço, que marchassem ao combate alegremente, e se persuadissem que tinham um deus á sua frente. Este valor podia fazel-os ambiciosos, mas Lycurgo entreviu, e tentou prevenir esta desgraça. Persuadido que só poderiam ser felizes, contentando-se com a sua liberdade e pobreza, ordenou, que só fariam a guerra para se defenderem, que não se perseguiria o inimigo vencido, que não se roubariam os seus despojos, e que não haveria armada para evitar a tentação das navegações.

«Não obstante tão sabios regulamentos, Sparta não pôde livrar-se da ambição. Porém conservou alguns seculos o seu governo com os seus costumes, o que é um verdadeiro prodigio na historia. Sparta inda mais es-

timada do que temida por seus visinhos foi o arbitro da Grecia em quanto mereceu sêl-o. Podem-se julgar os sentimentos dos seus cidadãos pela passagem seguinte d'um certo Pedarete, homem de merito. Longe de se queixar por não ter sido admittido no conselho composto de trezentos homens, testemunhou a sua alegria, dizendo: *Sparta achou trezentos cidadãos melhores do que eu.*

«As virtudes dos sparciatas não eram isentas d'uma certa atrocidade. Matavam as crianças enfermas, de que não esperavam os serviços ordinarios, e para acostumarem as outras á dôr dilaceravam-nas com vardascadas, de que morriam algumas. Tratavam os ilotas, ou helotas, que eram os seus escravos, da maneira a mais barbara, e quando a sua povoação augmentava a ponto de lhes fazer temer alguma revolução, julgavam-se com authoridade sufficiente para a prevenir matando-os parcial e clandestinamente. N'uma palavra, não tiveram esta moderação que caracterisa a verdadeira sabedoria, e posto que mereçam ser admirados em certos pontos, devem odiar-se n'outros.

«Os sparciatas menos supersticiosos do que os outros gregos tinham um culto conforme ao seu governo. As estatuas das suas divindades, mesmo a de Venus, estavam cobertas com uma armadura para que inspirassem a coragem militar. Os sacrificios, e as offertas eram de pouco valor, para evitar em tudo as despezas inuteis. As rezas duravam mui pouco, e só se pedia aos deuses que fossem favoraveis á gente de bem. A simplicidade dos funeraes tambem contribuia para fazer desprezar a morte.

«Mas n'este caso para que tinham elles um templo consagrado ao medo? Era porque os sparciatas consideravam o medo como necessario no governo politico. *Os mais timidos a respeito das leis*, diz Plutarco, *são os mais valorosos contra os inimigos; e aquelles que temem menos o soffrimento são os que temem mais ser arguidos.* Tal foi esta celebre legislação, estabelecida por Lycurgo pouco mais ou menos de 900 annos antes de Jesus Christo. A duração da sua obra prova que elle lhe tinha dado bases solidas. Os sparciatas distinguiam-se pelo amor da gloria, pela obediencia ás leis, n'uma palavra, pelas maiores virtudes. A historia está cheia de lances sublimes do seu caracter.» (*Historia antiga*).

SOM. (Veja ACUSTICA).

SOMNAMBULISMO. «O somnambulismo é um estado extraordinario, proprio a alguns individuos, que consiste em fazer durante o somno muitos actos que ordinariamente não se executam senão durante a vigilia. Os sonhos ordinarios e o somnambulismo, bem que differentes debaixo de certos pontos, não parecem ser entretanto senão graus diversos do mesmo estado. Com effeito, o homem que sonha sente, imagina e julga obrar; mas o corpo recusa o seu serviço á alma, toda a scena se passa secretamente no espirito que se agita, os orgãos ficam em repouso. Nos somnambulos ha os mesmos phenomenos, imagens e desejo de acção; mas, por um segredo até agora impenetravel, a alma conserva a faculdade de ordenar movimentos, e o corpo obedece. O individuo levanta-se, e segundo a idéa que o absorve, profere discursos que sobremaneira surprehendem os assistentes; outro veste-se e faz certas occupações no seu quarto. Todas as pessoas tem ouvido fallar das scenas extraordinarias que o somnambulismo offerece. Este levanta-se, pega na penna e acaba a composição principiada; aquelle prosegue um combate cujo plano está em sua idéa; aquelle outro sahe para ir á caça, á pesca, a algum encontro, anda pelo telhado, caminha á margem dos rios, dos precipicios, etc. Ha somnambulos ainda mais singulares do que os precedentes: estes ouvem e respondem sem acordarem. Póde-se ter com elles uma conversação seguida, principalmente quando versa sobre o objecto que os occupa. Não me é possivel ir mais além na descripção dos actos dos somnambulos, por ser infinita a varieda-

de dos sonhos. Um facto mui notavel e caracteristico do somnambulismo é que, despertado o somnambulo, não lhe lembra nada do que se passou.

«A memoria parece ser a faculdade mais activa durante o somnambulismo: ella lembra muitas vezes os objectos que occuparam o somnambulo, e é d'elles que se occupa então. A vista quasi nunca funcciona no somnambulismo, estejam as palpebras abertas ou fechadas; não obstante, muitos actos se produzem como se a visão fosse completa. O somnambulo evita os tropeços, encontros e as quedas com a maior habilidade. Entretanto, a imaginação, o amor do maravilhoso, tem exagerado muito estes phenomenos: ás vezes existem erros funestos, e somnambulos precipitam-se de janellas abaixo, julgando passar pela porta; tal é o caso do somnambulo de que falla Schenkius, que, em consequencia de um engano semelhante, quebrou a côxa. Muitos somnambulos andam sómente ás apalpadellas, e dão topada em todos os objectos que encontram. Uma noite, um moço levanta-se adormecido, calça as botas com esporas; depois sobe á janella, e julgando-se a cavallo, crava as esporas. Ao despertar, ficou singularmente espantado do perigo em que se viu.

«O ouvido, o gosto e o olfacto são em geral mui obtusos na maior parte dos somnambulos; entretanto offerecem variações: assim, este não póde ser despertado senão por grande estrondo; aquelle acorda ao mais leve ruido; um come indistinctamente todos os alimentos que lhe são apresentados, e bebe agua por vinho; ao passo que outro reconhece logo o engano; em fim, uns distinguem os cheiros mais subtis, em quanto que outros são inteiramente insensiveis aos mais fortes. O tacto é o sentido que se conserva mais activo, e que serve frequentemente ao somnambulo para guiar-se.

«As faculdades intellectuaes exercem-se no estado do somnambulismo: acham-se até, de ordinario, mais desenvolvidas do que no estado de vigilia, a crêrmos nos exemplos referidos pelos authores. Certos somnambulos tem composto versos, resolvido problemas mathematicos que não podiam fazer durante a vigilia. Explicam-se estes factos pela concentração em que se acha então o individuo, que não é distrahido pelos objectos ambientes.

«O somnambulismo é considerado como uma molestia nervosa. Bem que seja compativel com as apparencias de saude, este estado é comtudo insolito, anormal. Não se observa na primeira infancia; é entre os sete e os sessenta annos que se contam os exemplos mais numerosos.

«Os accessos são mais ou menos frequentes, mais ou menos longos, podem reproduzir-se todas as noites e durar algumas horas. A invasão dos accessos sobrevem ordinariamente no principio da noite, depois do primeiro somno. O prognostico d'esta affecção nervosa não é grave; mas em seus passeios e excursões nocturnas o somnambulo póde ferir-se, matar-se, perturbar a saude pela impressão das intemperies. Póde tambem fazer damno aos outros; um somno cruel póde tornar a sua mão homicida, armal-a de um facho incendiario, etc. O somnambulismo não se cura com facilidade, mas cede frequentemente á successão dos annos e aos novos costumes.

«Quaes são as *causas* do somnambulismo? Aqui, como em muitos outros casos, devemos confessar a nossa ignorancia. Como os accessos se manifestam durante a noite, julgava-se que a influencia da lua podia produzir semelhante desordem, e os somnambulos foram chamados *lunaticos*. Mas este estado parece ser devido a uma exaltação cerebral, e todas as causas que podem determinar esta exaltação, e predispôr para ella, podem produzir o somnambulismo. Foi observado, sobretudo, depois das vigilias prolongadas e dos trabalhos excessivos de espirito, em consequencia de transportes de cólera, de rixas, de combates, de paixões amorosas. Um pesar pungente, uma contrariedade

aturada, uma affecção violenta da alma, meditações profundas, o abuso dos licôres fortes, favorecem o somnambulismo.

«O *tratamento* deriva directamente do conhecimento d'estas causas; não ha outra cousa que fazer senão tomar o caminho contrario. Por conseguinte, a vida tranquillamente occupada, sem applicação forte do espirito, brandamente variada pelas distracções e pelo exercicio do corpo; regularidade nas horas de vigilia e de somno, comidas com poucos temperos, privação das bebidas espirituosas; evitar particularmente a repleção na comida da tarde; clysteres contra a dureza do ventre, moderação no uso dos orgãos genitaes, alguns banhos mornos, sangrias, se houver plethora; provocar a menstruação, se a molestia depender de sua suppressão, eis o que mais convém.

«Fallemos agora das precauções que se devem tomar durante e contra o accesso. É necessario não esquecer cousa alguma que possa prevenir os accidentes a que está exposto o somnambulo, e a que expõe as pessoas e as cousas que se acham ao seu alcance. Eis aqui o que se aconselha n'este caso: um quarto mediocremente espaçoso, com paredes lisas, desguarnecido de trastes angulosos, proeminentes, frageis, privado de toda a especie de armas, e cujas janellas e portas sejam fechadas á chave todas as noites por uma pessoa que não seja o mesmo somnambulo. Alguns medicos quizeram até que a cama fosse composta sómente de colchão e cobertor, sem leito, n'uma rede estendida e resistente, fixada ao tecto e ao soalho. Considerando-se as desgraças que tem acontecido por se ter faltado a estas precauções, reconhecer-se-ha facilmente que vale a pena tomal-as. Se, por não terem sido observadas, o somnambulo sahe do quarto, se anda pelo telhado, pelas margens de um precipicio qualquer, é preciso que se cheguem a elle silenciosamente e que o agarrem pelo corpo; se não é possivel fazer-se isto, é melhor antes deixal-o que continue em seu passeio perigoso do que chamal-o pelo nome, despertal-o e expôl-o assim a uma queda, que o sobresalto determinaria de uma maneira indubitavel. Com tudo isso, não é tão facil despertar um somnambulo; os ruidos mais fortes, a luz mais viva, os cheiros mais penetrantes, são muitas vezes de effeito insufficiente. As impressões sobre o sentido do tacto são ordinariamente mais decisivas; as cocegas, os beliscões, a flagellação, e sobretudo as aspersões d'agua fria no rosto, despertam mais promptamente. Quando se dorme perto de um somnambulo, e quando se percebe pela agitação do seu corpo que o accesso vem surprehendel-o, é bom despertal-o; esta simples vigilancia, algum tempo continuada, basta, ás vezes, para curar o somnambulismo.» (Chernoviz).

SONHOS. «Sonhou certo homem que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, o qual lhe disse por interpretação, que n'aquelle lugar, onde dormia, estava escondido dinheiro. Cavou o homem, e achou ouro e prata. D'esta deu por premio ao adivinhador uma pouca parte, o qual aceitando-a meio alegre, meio triste, disse alludindo ao ouro: «E da gemma não ha nada?» (Bernardes, *Floresta*).

SOPHOCLES. «O gosto delicado, a imaginação viva, a lingua rica e harmoniosa tornaram os gregos, pelo que toca á litteratura, senhores, e modêlos de todos os povos esclarecidos. A sua lingua incomparavel fazia tudo bello. Em Homero já reunia as graças á força e á magestade, o que prova, que já antes d'elle tinha havido bons escriptores, porque as linguas formam-se de vagar, e não podem aperfeiçoar-se senão por meio de trabalhos litterarios.

«A poesia precede quasi sempre os outros generos. Leva uma especie de instincto os homens sensiveis a contarem os seus prazeres, os deuses que adoram, os heroes que admiram, e os factos que querem gravar na memoria. Por isso tambem se acham ver-

sos entre os povos selvagens. Esta bella arte devia ser consagrada ao bem publico. O fito da *Iliada* de Homero é extinguir a discordia entre os gregos, e excitar n'elles o heroismo. As virtudes pacificas eram pouco conhecidas então, pois não as celebrou.

«Os seus poemas deram origem á tragedia. Representando sobre o theatro as acções, que agradavam quando se liam, augmentou-se a utilidade e o prazer. As peças d'Eschyles, contemporaneo de Xerxes, inspiravam o horror da tyrannia. Sophocles foi testemunha dos seus triumphos theatraes e excedeu-os. Euripedes, rival de Sophocles fez a tragedia mais tocante e moral. Era assim que a emulação augmentava os vôos do genio. Thespis tinha já no tempo de Solon inventado a arte dramatica, ou as representações theatraes; mas as suas peças eram farças que só tiveram a utilidade de preparar o caminho ao genio.» (*Historia antiga*).

SOUSA (Fr. Luiz de). «Religioso e chronista da sagrada ordem dos prégadores, e chamado no seculo Manoel de Sousa Coutinho, professou aquelle santo instituto em 8 de setembro de 1614 no convento de Bemfica, onde veio a fallecer em maio de 1632.

«De seu illustre nascimento, grandes qualidades e singulares virtudes, praticadas em um e outro estado, secular e religioso, tratam com largueza fr. Antonio da Encarnação e fr. Lucas de Santa Catharina, ambos dominicanos. Os seus escriptos formam porém o melhor panegyrico da sua eloquencia, e da suavidade, policia, copia e pureza de seu estylo. Os elogios que se lhe tem dado a este respeito, são na verdade os mais subidos, mas quando com a affluencia da sua phrase, e amenidade de seu dizer se confrontam, parecem todos ou fracos ou diminutos. Que variedade de elocução, que riqueza de expressões, que novidade e força em metaphoras, que viveza no descrever, que alma, que energia, que fogo se não vê brilhar em tudo quanto sahe de sua esclarecida penna! Instruindo, deleitando e commovendo sempre os leitores (se não podem estes com mais propriedade chamar-se oculares testemunhas dos successos que se lhes representam) sejam os factos quaes forem, grandes ou pequenos, nunca n'elles as miudas circumstancias molestam por inuteis, nem faltam jámais as ajustadas proporções que melhor lhes convém. Assim tudo na sua exposição recreia, interessa, e faz tão profundas impressões no animo, que nunca este póde separar-se da vista d'esta magnifica galeria (digamos assim) de seguidos paineis, todos bellos, todos originaes, sem repugnancia e constrangimento da vontade. N'esta conta devem ter-se as obras do fecundo e elegantissimo fr. Luiz de Sousa, sobre o que se acham de uniforme conceito quantidade de escriptores. Alguns poremos, que nos não consta, hajam sido até agora em prova d'isso allegados. Manoel Severim de Faria, ainda em vida do author, assim diz: «E das obras do padre fr. Luiz de Sousa se não podem esperar menores louvores, que o tempo qualificador dos engenhos lhe concederá brevemente nas outras provincias, como já lh'os tem começado a dar n'este reino.» E em outro lugar: «Tem dado com suas obras outra nova esperança á nossa patria.» Fr. Antonio Brandão, fallando da serra do Monte Junto, escreve o seguinte: «Quem quizer saber da estranheza e particularidade d'este sitio leia o capitulo XII do livro primeiro do padre fr. Luiz de Sousa, aonde o achará descripto com muita elegancia e propriedade.» Ahi mesmo nomeia elle ao author *pessoa grave*, e fazendo em outra parte menção da chronica de fr. Luiz de Cacegas, acrescenta: «A qual apurou e reformou com muita erudição e elegancia o padre fr. Luiz de Sousa.» Manoel de Faria e Sousa o põe no numero dos poetas, que fazem companhia a Camões pelo nome de Luiz. Fr. Manoel da Esperança o cita d'este modo: «E assim o entendeu o padre fr. Luiz de Sousa com outros antiquarios de muita authoridade.» E tambem o denomina *gravissimo*. D. Fernando de Menezes,

tratando do convento da Batalha, com esta nobre ingenuidade se explica: «Daremos d'esta fabrica... breve noticia tirada da elegante e copiosa descripção, que faz de toda ella um dos authores mais graves da nossa nação, e que póde competir com os que a fama celebra com maiores applausos.» O padre Antonio Carvalho da Costa o intitula *segundo Cicero da lingua portugueza;* e por duas vezes *eruditissimo;* fr. Antonio da Purificação, *o illustre chronista da ordem dos prégadores;* Jorge Cardoso, *insigne chronista;* Diogo de Paiva de Andrade, *insigne escriptor;* fr. Antonio da Encarnação, *tão delicioso na penna, como austero na vida:* «O genio e talento do nosso chronista (escreve o mestre fr. Thomaz Aranha) para a historia foi tão singular e admiravel, que parece quiz o céo n'elle ajuntar e epilogar todas aquellas propriedades e habilidades, que achamos repartidas e divididas pelos antigos historiadores: porque no breve e succinto do relatar vêmos n'elle outro Sallustio; no peso e grave das ponderações outro Livio; no politico e picante das sentenças e aphorismos outro Tacito; e na liberdade do dizer (posto que no nosso chronista misturada e temperada com um cortezão retiro, ingenuo e natural pejo) outro Suetonio.» D. Francisco Manoel o intitula *illustre chronista, não só da familia dominicana* (*d'onde recebeu o habito homem já de boa idade) mas d'el-rei D. João* III, *cuja grande historia compoz, supprindo os defeitos e descuidos de Francisco de Andrade.*» (*Diccionario da Academia*).

Escreveu a *Historia de S. Domingos*, em tres tomos, ás quaes fr. Lucas de Santa Catharina ajuntou um quarto tomo. A *Vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres* é livro geralmente conhecido. Os *Annaes d'el-rei D. João* III, muito somenos das outras obras. Ao bispo D. Francisco Alexandre Lobo devemos o mais completo estudo ácerca de fr. Luiz de Sousa. Assim termina o douto prelado a sua *Memoria:*

«Tal foi o cavalheiro, o religioso e o escriptor na pessoa de Manoel de Sousa Coutinho ou de fr. Luiz de Sousa: cavalheiro avisado, amavel e cheio de pundonor e de bizarria; religioso bem penetrado das obrigações do seu instituto, sizudo em as estimar, exacto, prompto e constante em as seguir; escriptor claro, elegante e suavissimo, em que a pureza do gosto andava a par da rara felicidade do talento. Assim são, e tem sido os seus escriptos presados, admirados, saboreados de todos os portuguezes de mais discernimento e de mais honrada e nobre curiosidade! Eu os tenho lido muitas vezes, e todas com prazer bem exquisito; e em quanto podér, farei da leitura d'estas immortaes composições a minha occupação mais dôce, todas as vezes que o permittirem os trabalhos de uma nova condição. A minha condição mudou já depois que principiei a entender n'esta *Memoria:* e entre muitas considerações penosas que a mudança me traz comsigo, não é a menor, a de que não terei já tempo e desafogo para ir referindo a historia, e avaliando a meu modo as obras dos nossos compatriotas que se distinguiram em letras. Este projecto, de que dei conta a principio, não é certamente desprezivel; e o seu desempenho acertado seria bem util. Muito receio que eu o não podesse desempenhar com acerto; e por isso pequena perda deve haver em que á minha diligencia seja tolhida esta continuação. Mas se a patria não soffre com isto detrimento, soffrem mui rude e duro encontro as minhas inclinações e os meus habitos. Mui perto já, segundo arrazoada probabilidade, do fim da minha vida, attenuado de corpo e pouco folgado de espirito, outra satisfação das que ama sobre a terra esta nossa humanidade, me não restava, que a de gastar algumas horas em tão saborosos e ainda honestos entretimentos. A Providencia me quer privar d'esta mesma, entregando-me a cuidados e propositos muito mais graves, para que eu me suppunha ainda menos proprio, e certamente era menos inclinado. Cumpram-se as disposições adoraveis da Providencia, e cale-se a minha magoa, que não póde ser, desdizendo

das ordens da Providencia, senão desatinada e cega! Entretanto é de esperar que algum dos nossos naturaes igualmente zeloso, e mais habil e desoccupado, tome a si este encargo. Eu ficarei só com o prazer de ter corrido com elle, no tocante ao meu escriptor valido entre todos os prosadores do nosso Portugal; e confesso que é tão grande este contentamento, que tempéra de algum modo as amarguras, em que meu coração e espirito se acham crua e attribuladamente fluctuando.»

SPINOSA. Em tempo do snr. rei D. Manoel foram expulsos de Portugal os judeus, que não quizeram converter-se ao christianismo, e entre estes sahiu para Amsterdam uma familia que, em 24 de novembro de 1632, saudou o seu recemnascido Bento Spinosa.

O filho não quiz seguir o trato commercial dos paes, e desposou a inspiração do estudo, qual lh'a fecundára uma phantasia viva, e uma penetração extraordinaria. As letras hebraicas, condição necessaria para conhecer o *Talmud*, foi o primeiro estudo de Spinosa. O discipulo de quinze annos removia estorvos que embaraçavam a intelligencia dos mestres; pelo que, suspeitando que a verdade não morava entre os homens da sua nação, concebeu o arrojado projecto de conquistal-a sósinho. Aos vinte annos era consultado com a confiança d'infallivel em suas decisões. Um dia visitaram-no dous amigos, e conjuraram-no para que lhes aclarasse a verdade, que não podiam deparar, depois de fatigados em lutar com o erro. «Não tendes vós Moysés e os prophetas?» — perguntou Spinosa. — «É justamente d'essas authoridades — respondeu um dos interlocutores — que eu aprendi que não ha entes immateriaes, que Deus é corporeo, que a alma não é immaterial, que os anjos não são substancias reaes... que vos parece?» — «Confesso — diz Spinosa — que não ha inconveniente em crêr que Deus seja um corpo, tanto mais que elle é chamado *grande* pelo propheta, e não póde conceber-se grandeza sem extensão, e sem as qualidades do corpo.»

D'este germen brotou o systema, que veremos desenvolvido.

Os amigos denunciaram á synagoga estas perguntas e respostas, que realmente estavam em desharmonia com a letra e espirito dos livros sagrados. Citado para responder perante os mestres da lei, Spinosa despreza as ameaças, e retira-se das assembléas judaicas para evitar o escandalo da excommunhão.

Tocado pelos escriptos de Descartes, o transfuga da synagoga, votando ao desprezo do obscurantismo a sciencia dos rabinos, conciliou, quanto pôde, as linhas do seu systema pelo molde d'aquelle philosopho, que lhe preenchera a avidez das novidades. Os judeus, quando viram infructuosa a sua offerta de 20:000 florins, pensão annual, para que o homem de tão distincto genio os não abandonasse, recorreram ao punhal, e de certo melhor seria a colheita com tão proficuo instrumento, se a victima tivesse menos desembaraço. A punhalada resvalou-lhe no manto, mas uma outra — a da excommunhão dos seus — essa fulminou-o em todo o peso da sua cólera. Spinosa invocava a liberdade de pensar: mas a synagoga respondia, que uma assembléa tambem tinha a liberdade de repellir de seu seio o membro podre, que lhe gangrenava as instituições e a boa ordem.

O philosopho, como quasi todos os philosophos, não tirava a subsistencia do seu modo de vida. Procurou-se um officio, e parece que foi um excellente polidor de vidros de optica, e perfeito retratista. A não ser este exercicio, que lhe garantia o pão em todas as paragens do seu exilio, o celebre Spinosa não poderia triumphar do punhal da synagoga, ou dos tormentos da fome. Estimulado pelo medo dos seus patricios, e pelo amor da solidão, abandonando para sempre a patria, aos vinte e oito annos, o philosopho hollandez estabeleceu-se ultimamente em La-Haye, onde repartiu o tempo em trabalhos manuaes, e scientificos. A sua morte, em 21 de fevereiro

de 1677, na opinião de uns, foi o suicidio pelo veneno; na de outros, foi a doença, mas rematada por um delirio, em que a linguagem do moribundo era uma continuada imprecação de blasphemias contra Deus. É certo, porém, que o homem morreu, mas o espirito do philosopho cá ficou animando um systema de philosophia, que já agora é cadaver como seu inventor, embora Tolland tentasse galvanisal-o, quando Voltaire, apontando o altar deserto do unico Deus, exclamava: «Foi-se o Christo!»

Antes de emboçarmos uma analyse ao *Spinosismo*, avaliemos a obra pelo juizo de dous protestantes:

«Este impio, cego d'uma prodigiosa presumpção, levou a impudencia e a impiedade até sustentar, que as prophecias teem o seu fundamento na imaginação dos prophetas: que estes foram tão escravos da illusão como os apostolos: que todos escreveram segundo as luzes propria e naturalmente suas, sem revelação nem ordenação de Deus: que adaptaram, tanto quanto poderam, a religião ao genio dos homens do seu tempo, fundando-a sobre principios então conhecidos e universalmente aceites.»

«O *Tratado* está cheio de cousas curiosas, mas detestaveis, cuja averiguação e sciencia só do inferno podem vir. Não ha christão, nem homem de bom senso, que não deva horrorisar-se d'um tal livro! O author trata de aniquilar a religião christã, e todas as esperanças, que a ella se ligam, e, em seu lugar, introduz o atheismo, ou, pelo menos, uma religião natural forjada, segundo o interesse ou capricho dos soberanos. Ahi o mal é unicamente reprimido pelo temor do castigo temporal; quando, porém, não ha receio d'algoz nem de justiça, um homem, sem consciencia, póde abalançar-se a tudo na satisfação de seus appetites.»

E se quereis a opinião de Colérus, energica e valente das inabalaveis convicções d'um christão, é a que vai lêr-se, e que devera ser o molde de todos os juizos, que se nos pedem, depois das pomposas leituras de muitos livros, filhos legitimos de reputações bastardas:

«... devo acrescentar que li com applicação este livro de Spinosa desde o principio ao fim; mas, ao mesmo tempo, protesto perante Deus que nada ahi se me deparou solido, nem capaz de inquietar-me a menor cousa na profissão que faço de crêr nas verdades evangelicas. Em vez de provas solidas, topam-se hypotheses, justamente o que nas escólas se chama *petitiones principii*. O que ahi se avança, com pretenções de prova, destruido pela negativa, é tudo o que o livro tem, porque de resto o que sobeja ao author são mentiras e blasphemias... Confunda-te o céo, Satanaz, e te selle os labios!...»

STAHL. (Veja Chimicos).

STALAGMITE. (Veja Calcareos).

STERE. 1. O metro cubico toma o nome de *stere* quando é destinado a servir de medida da lenha. O stere tem um multiplo, o *decastere*, e um submultiplo, o *decistere*, sómente. A lei não reconhece senão tres medidas reaes para a medida das lenhas, a saber: o *stere*, *duplo-stere* e o *meio decastere*, isto é um, dous e cinco steres. — Se as achas não teem um metro de comprimento, calcula-se o seu volume depois de as ter disposto em pilha rectangular, como para um *prisma* (veja esta palavra). — Para dar uma idéa exacta d'estas medidas de volume e das outras, o professor constrúe dous cubos de cartão [illegible] de modo que um con[illegible] muitas vezes exactam[illegible] na presença dos discipul[illegible] as mesmas observações que [illegible] medida de um quadrado (veja [illegible] vêr que, para medir um [illegible] multiplicar entre si os [illegible] exprimem os comprimentos das tres arestas de um dos angulos solidos, e que, se esses comprimentos foram expressos em metros, o producto virá expresso em metros cubicos, se foram expressos em decimetros, o producto ficará referido a decimetros c[illegible]

bicos, etc. — Esta observação facilita a determinação da relação que teem os differentes cubos entre si. Assim, querendo saber quantos decimetros cubicos, centimetros cubicos, etc., vale o metro cubico, mediremos as arestas, no primeiro caso, com o decimetro, e obteremos: $10 \times 10 \times 10 =$ 1000 decimetros cubicos; com o centimetro, no segundo caso, e acharemos: $100 \times 100 \times 100 = 1000000$ centimetros cubicos, etc. — Depois trata-se de dar aos discipulos uma idéa exacta do decametro cubico, do decimetro cubico, etc., fazendo-lhes notar que estas expressões não querem dizer *dez metros cubicos, decima parte* do metro cubico, etc., mas sim *um cúbo tendo um decametro de aresta, um cubo tendo um decimetro de lado*, e assim dos outros multiplos e submultiplos. Já as expressões: decastere e decistere não produzirão nos discipulos a mesma confusão, pois que aqui as palavras *deca* e *deci* conservam a sua significação precisa. — Em summa, os cubos são de mil em mil vezes menores, quando a aresta se torna de dez em dez vezes menor sómente.

2. Do que deixamos dito, resulta que para lêr um numero exprimindo em metros cubicos a medida de um volume, deve-se primeiro enunciar os metros cubicos, escriptos á esquerda da virgula, e depois a fracção decimal, decompondo-a em classes de *tres* algarismos a partir da virgula, dando á primeira classe o nome de *decimet. cubicos*, á segunda o de *centimet. cubicos*, e á terceira o de *millimet. cubicos*, etc. Assim, $43^{m.c.}$,740.327 lêr-se-ha: 43 metros cubicos, 740 decimetros cubicos e 327 centimetros cubicos; e $14^{m.c.}$,383.6 lêr-se-ha: 14 metros cubicos, 383 decimetros cubicos e 600 centimetros cubicos, escrevendo realmente ou mentalmente dous zeros á direita da ultima classe, pois que cada uma deve ter sempre tres algarismos. — Tratemos de dar a razão por que cada classe deve ter tres algarismos. Supponhamos que se quer escrever uma medida de volume comprehendida entre $1^{m.c.}$ e $2^{m.c.}$, por exemplo: se fosse $1^{m.c.}$ e 999 decimetros cubicos, faltava um decimetro cubico para se poderem escrever 2 metros cubicos: é pois necessario separal-o em duas partes; e como no numero de decimetros cubicos póde haver centenas, dezenas e unidades, segue-se que é necessario tres algarismos para os representar. Dava-se o mesmo para outra qualquer unidade cubica. Por exemplo, tendo 8 decimetros cubicos para se escrever, devemos ter presente que o decimetro cubico é a millesima parte do metro cubico, e que, por conseguinte, os 8 decimetros cubicos devem occupar o lugar das millesimas em relação ao metro cubico. Escreveremos pois: $0^{m.c.}$,008; outra razão para conservar tres lugares. — Raciocina-se de um modo analogo para provar a necessidade de dous algarismos para cada unidade quadrada ou de superficie (veja ARE). — Em summa, para designar o volume de um corpo que tivesse, por exemplo, 5 metros cubicos, 17 decimetros cubicos, e 8 centimetros cubicos, escrever-se-ha: $5^{m.c.}$,017008, tendo o cuidado de supprir por meio de zeros as unidades, dezenas, ou centenas que faltam nos submultiplos. — Dar a idéa exacta dos multiplos e submultiplos do stere e do metro cubico, por meio de hastes ou varinhas que lhes desenhem exactamente o molde.

STOCKOLMO. (Veja SUECIA).

STOFFLER. (Veja ASTROLOGIA).

STRASBOURG. (Veja ALSACIA).

STRONTIUM. (Veja METAES).

SUBTRACÇÃO. 1. É uma operação que tem por fim diminuir de um numero dado outro numero tambem dado. Ao resultado d'esta operação se chama *resto*, *excesso* ou *differença*. O signal da subtracção é — (menos). A subtracção dos numeros inteiros e decimaes effectua-se escrevendo o numero subtractivo debaixo do outro, de modo que as unidades da mesma ordem se correspondam; e subtra-

hindo depois, começando pela direita, cada algarismo do numero inferior do que lhe corresponde no outro. Se alguma d'estas subtracções parciaes fôr impossivel, augmentam-se dez unidades ao algarismo superior, o que se compensa na subtracção parcial seguinte, ajuntando uma unidade ao algarismo inferior (veja abaixo). Verifica-se a operação, addicionando o resto com o numero subtractivo: o resultado deve ser igual ao numero maior. — Em quanto á subtracção das fracções ordinarias, basta reduzil-as ao mesmo denominador, operar depois sobre os numeradores como sobre os numeros inteiros, e dar ao resultado o denominador commum. Para a *subtracção algebrica*, a regra é mais simples: consiste em escrever adiante do primeiro polynomio (aquelle de que se subtrahe) o segundo polynomio (o subtractivo), mudando os signaes aos termos d'este ultimo.

2. A subtracção oral exerce-se pelo mesmo methodo que a addição oral (veja Addição). Opera-se primeiro com varinhas para se fazer comprehender a deformação ou diminuição de um numero (veja Numeração), fazendo notar que *diminuir* 9 de 5 unidades, *subtrahir* 5 de 9, *tirar* 5 de 9, são expressões equivalentes.

Seja 6 a subtrahir de 9: diremos, em virtude do principio da deformação, 9 — 1; 8 — 1; 7 — 1; 6 — 1; 5 — 1; 4 — 1 = 3. Paramos aqui, porque já temos substrahido 6 vezes a unidade de 9; logo o resultado 3, é a differença entre 6 e 9. Mas esta operação seria mui longa; para a tornar mais simples, preveniram-se todos os casos que se podem dar na pratica da subtracção dos nove primeiros numeros, e entregou-se á memoria o resultado. Assim, 4 subtrahido de 9 dá 5, de 8 dá 4, de 7 dá 3, de 6 dá 2, etc.

1.º Quadro

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	0	1	2	3	4	5	6	7	8
2	1	0	1	2	3	4	5	6	7
3	2	1	0	1	2	3	4	5	6
4	3	2	1	0	1	2	3	4	5
5	4	3	2	1	0	1	2	3	4
6	5	4	3	2	1	0	1	2	3
7	6	5	4	3	2	1	0	1	2
8	7	6	5	4	3	2	1	0	1
9	8	7	6	5	4	3	2	1	0

2.º Quadro

1 subtrahido de	2—	4—	6—	8—	1—	3—	5—	7—	9—	10—
2 subtrahido de	2—	4—	6—	8—	3—	5—	7—	9—	10—	11—
3 subtrahido de	4—	6—	8—	3—	5—	7—	9—	10—	11—	12—
4 subtrahido de	4—	6—	8—	5—	7—	—9	10—	11—	12—	13—
5 subtrahido de	6—	8—	5—	7—	9—	10—	11—	12—	13—	14—
6 subtrahido de	8—	6—	7—	9—	10—	11—	12—	13—	14—	15—
7 subtrahido de	8—	7—	9—	10—	11—	12—	13—	14—	15—	16—
8 subtrahido de	8—	9—	10—	11—	12—	13—	14—	15—	16—	17—
9 subtrahido de	9—	10—	11—	12—	13—	14—	15—	16—	17—	18—

O primeiro quadro acima contém todos esses casos, e o processo de o utilisar é o mesmo que o empregado para a taboada da multiplicação. O segundo quadro contém outros casos que se podem apresentar, e indica o meio de variar estas questões. Percebe-se que este segundo quadro não é mais do que um interrogatorio, cujas respostas devem ser dadas. Para habituar as crianças aos calculos praticos, deve-se operar sobre numeros *concretos*, que exprimam alternativamente reis, metros, maçãs, etc. Por exemplo: de 4 reis subtrahindo 5, quantos restam? O menino tem 6 maçãs, e comeu 3, quantas lhe ficam? etc. Depois recapitula-se cada colum-na horisontal dizendo: 2 reis subtr[illegible]hidos de 2 reis, de 4 reis, de 6 r[illegible], etc., quantos restam? Estando o[illegible]cipulos bem expeditos n'estes e[illegible]cios, poderão passar para a s[illegible]ção escripta, e não devem e[illegible]ar

nenhuma difficuldade, pois que já conhecem todos os casos que se podem apresentar n'uma qualquer subtracção.

3. Para que os discipulos saibam applicar esta operação e resolver os problemas respectivos, importa observar-se-lhes que ella serve: 1.º para achar a differença entre o preço da *venda* e o da *compra* de uma mesma cousa, e por ella conhecer o *ganho* ou a *perda;* 2.º para achar a differença dos *rendimentos* e das *despezas* d'uma casa, e por ella obter o valor das *economias* e das *dividas;* 3.º para achar o que resta de um certo numero de objectos, depois de se terem vendido ou dado alguns d'elles.

A differença entre dous numeros não muda, quando se addiciona ou se subtrahe um mesmo numero a esses numeros. Assim, $14-6=8$; $(14+3)-(6+3)$ ou $17-9=8$; $(14-3)-(6-3)$ ou $11-3=8$. Este principio justifica a pratica na subtracção de ajuntar dez unidades ao algarismo superior e uma unidade ao inferior seguinte, sem que se altere o resultado da operação. Com effeito, seja 49 a subtrahir de 82: dizendo 9 subtrahido de 12, ajunta-se 10 ao numero superior; mas dizendo depois 5 subtrahido de 8, ajunta-se uma dezena ou 10 ao numero inferior; portanto, pelo principio precedente, o resultado fica o mesmo, e d'este modo realisa-se sem difficuldade a subtracção. Se os dous numeros fossem maiores, e se fosse necessario ajuntar, por exemplo, 10 ao algarismo da ordem dos milhares, o numero superior augmentava em 10000; mas ajuntando 1 ao algarismo inferior seguinte, o numero menor ficava tambem augmentado em 1 dezena de mil ou 10000; logo, o resultado ficará o mesmo, etc.—Fazendo a prova da subtracção, facilmente se faz notar aos discipulos que o que se retem corresponde precisamente a estas addições supplementares exigidas pela subtracção, e que por consequencia estas addições não são arbitrarias. De mais, a subtracção póde-se praticar pela addição, partindo d'este principio de que o fim da subtracção é buscar um numero que addicionado ao subtractivo produza o numero maior. Este processo permitte fazer mentalmente subtracções de uma certa amplitude. Por exemplo, para subtrahir 53 de 96, subtrahe primeiro 50 de 96, e obtem-se depois immediatamente o resto 93: decompoz-se o numero subtractivo nas suas dezenas e unidades e subtrahiu-se successivamente cada uma d'estas partes. Os discipulos mais adiantados deverão ser exercitados n'esta especie de calculo mental, por meio de questões analogas.

SUCCESSÃO DAS COLHEITAS, ou AFOLHAMENTOS. «Consiste o systema dos afolhamentos em trazer a terra constantemente em cultivo, mas dividida em *lotes* ou porções ditas *folhas*, affectas a culturas differentes, que se trocam ou alternam entre si, e por isso tambem lhe chamam: cultura *alterna — giro* ou *rotação de culturas.*

«Procede-se assim no afolhamento de um campo: Assentada a rotação mais conveniente ás circumstancias, dividiria o campo em tantas *folhas* quantos os annos da rotação: 2, 3, 4, 5, 6, etc.—Suppondo que me conviesse o *giro quadriennal*, e quizesse cultivar batatas, cevada, trêvo e trigo, dividiria o campo em 4 folhas: n.º 1, 2, 3, 4, e estabeleceria em cada anno as quatro culturas como se vê no seguinte quadro:

	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4
1.º anno	batatas	cevada	trêvo	trigo
2.º anno	cevada	trêvo	trigo	batatas
3.º anno	trêvo	trigo	batatas	cevada
4.º anno	trigo	batatas	cevada	trêvo

Vindo assim cada cultura a voltar á mesma folha só de 4 em 4 annos, e a alternar as culturas cereaes (trigo e cevada), que são as mais pauperisantes, com as sachadas e leguminosas (batatas e trêvo), que o são muito menos.

«A observação tem mostrado:

«Que ha plantas, que não podem succeder-se a si mesmas n'um mesmo terreno, senão depois de longo intervallo de tempo. Citam-se principalmente como antipathicas a si mesmo o trigo, linho, ervilha, trêvo. Ora tem-se pretendido explicar este facto e até generalisal-o, admittindo: que nem todas as plantas chupam da terra ou depõe n'ella os mesmos principios, por isso a cultura successiva e repetida da mesma especie de plantas deve empobrecer necessariamente o terreno dos principios que lhe são mais adequados, ao mesmo tempo que o sujam de suas excreções, que são sempre molestas aos seres que as produzem; e d'ahi vem o seu enfezamento e a mesquinhez da producção. Mas como fiquem outros principios, estes, com aquellas excreções, podem convir e valem muito para plantas d'outro *genero*, e muito melhor d'outra familia. D'isto se tem deduzido:

«1.º Preceito — *Alternar entre si as culturas de differente genero, demorando tanto mais a volta da mesma cultura á mesma folha, quanto maior fôr o tempo que n'ella esteve.*

«Ha plantas que pauperisam muito o solo, como os cereaes, culturas industriaes (tabaco, linho, colza, etc.)— havendo outras, como as leguminosas e principalmente as forragens, que por se cortarem em verde, e absorverem por suas folhas bastantes principios atmosphericos, antes o enriquecem ou melhoram do que o empobrecem. D'aqui procede o seguinte:

«2.º Preceito — *Alternar as plantas que empobrecem o torrão, com as que o enriquecem e melhoram.*

«Ha plantas que por seu rapido desenvolvimento e vasta folhagem (leguminosas) abafam as hervas ruins, tendo o mesmo effeito as culturas sachadas, que ao mesmo tempo amaciam e trazem movido o solo;—havendo outras, e são mais particularmente os pães de pragana, que se deixam inçar e inçam o campo de mondas, e tornam o chão mal movido e duro. D'aqui tambem:

«3.º Preceito — *Alternar as culturas que se sujam de mondas, com as que limpam o campo d'ellas: e as que endurecem o solo (não sachadas), com as que o amaciam (sachadas).*

«Plantas ha, que comem umas mais de cima, outras mais do fundo da terra; as primeiras são as de raizes fibrosas e curtas, as segundas são as de raizes perpendiculares, compridas, carnudas, bolbosas, etc. Então para aproveitar a fertilidade de toda a camada aravel bom é:

«4.º Preceito — *Alternar as plantas de raizes fibrosas e superficiaes, com as de raizes mais grossas e profundas.*

«Emfim, como apesar dos preceitos anteriores, exigindo-se pelos afolhamentos uma constante producção da terra, esta viria a enfraquecer se não fosse *bem estrumada*, e como o estrume (o melhor) é o producto das forragens pelos gados; segue-se que é de impreterivel necessidade:

«5.º Preceito — *Fazer preponderar nos afolhamentos, as culturas forraginosas, e tanto mais, quanto o campo afolhado o fôr por plantas muito pauperisantes, devendo os estrumes que d'ellas (cult. forraginosas) se obtem, ser applicado ás culturas mais lucrativas e esgotantes, ou pelo menos ás que as precederem immediatamente na ordem da rotação.*

«Serão só os preceitos que acabam de citar-se os que o lavrador deve ter presente na pratica d'este systema?

«Deve, além d'esses, ter em vista os seguintes de não somenos importancia e valor; a saber:

«1.º — *Afolhar com plantas proprias ao clima.*

«2.º — *Que estas plantas sejam adequadas á natureza do terreno;* e para isto deverá ter conhecimento por exemplo: — Que convém para terras arenosas, calcareas, mais seccas que humidas, mais soltas que compactas,

mais altas que baixas, as seguintes plantas: centeio, trigo espelta e cevada (nos cereaes); sanfeno, luzerna de sequeiro (nas forragens); lentilhas, tremoços, grão de bico, feijões (legumes); favas, nabos, batatas, tupinambor. Que são mais proprias para terras argillosas, tenazes, mais humidas que seccas, mais baixas que altas, as seguintes: trigo e aveia (cereaes); trêvo e ervilhaca (forragens); favas, ervilhas e chicharos (legumes); couves e colza. Que nas terras que não são nem muito leves nem muito argillosas, nem muito seccas e nem muito humidas, se podem cultivar todos os vegetaes e particularmente o trigo, cevada, milho grosso e miudo (cereaes); luzerna, trêvo, etc. (forragens); e muitas plantas industriaes, como o pastel mostarda, linho, canhamo, açafrão, ruiva, lupulo, beterraba, etc.

«3.º—*Consultar as necessidades particulares do mercado, para escolher entre as culturas, as que realisarem melhor esta regra: venderem-se facilmente e por melhor preço.*

«4.º — *Emfim, procurar sempre que seja possivel, repartir por tal fórma os trabalhos no afolhamento, que se não veja abarbado com elles n'umas occasiões, e n'outras em ocio; ageitando a época dos trabalhos exigentes para tempo que não faltem trabalhadores.*

«Conhecidos os preceitos dos afolhamentos, cumpre: — 1.º Manter a terra n'uma *perenne productividade*, conseguindo-se o dobro ou triplo do que ella produziria pelo systema dos pousios. — 2.º Obter *uma maior massa e variedade de subsistencias*, como os cereaes, cuja cultura se não é mais extensa é muito intensa; legumes, raizes e tuberculos alimentares; emfim, muito mais carne e lacticinios na maior producção dos gados pelas forragens. — 3.º Prestar a par de fartas subsistencias ao homem e aos gados, *muita variedade de materias primas* textis, corantes, etc., que o progresso das artes, pede hoje em alta escala á agricultura.» (Ferreira Lapa).

SUECIA e NORUEGA. «Os reinos da Suecia e Noruega formam debaixo do governo do mesmo rei, um estado a que chamaremos *monarchia noruego-sueca*. Cada um d'estes reinos tem sua constituição particular, direitos, leis e representação nacional. O governo é monarchico constitucional. O rei tem o poder executivo, e com os *estados* ou *dieta*, chamada *riksdag* na Suecia, e *storthing* na Noruega, tem o poder legislativo e estabelece os impostos. A dieta da Suecia compõe-se das quatro ordens da *nobreza*, *clero*, *burguezes* e *paisanos*, ou habitantes do campo. O voto é por ordem e não por cabeça, menos no caso em que ha empate entre as quatro ordens: o *storthing* da Noruega fórma uma só assembléa, sem distincção alguma para os votantes. Os estados se reunem de 3 em 3 annos na Noruega, e de 5 em 5 na Suecia, a não haver circumstancias extraordinarias.

«Industria. — A Suecia tem poucas manufacturas, e a Noruega ainda menos. Todavia as fabricas *de aço*, *de louça*, as manufacturas *de espelhos* e *de pannos* nada deixam a desejar. As tintas das fazendas de sêda e algodão poderiam ser melhores. Mas estas manufacturas não são sufficientes para o consummo do paiz. Os outros productos principaes da industria dos dous reinos são: a *construcção de navios*, que fórma um importante artigo de exportação; a *lavra das minas de ferro, de cobre, e de cobalto;* a *relojoaria* de Stockolmo e Gothemburgo, e *instrumentos de mathematica* e *de physica* de Stockolmo; *varias obras de madeira; fabricas de aguas-ardentes de grãos; papeis; fabricas de couros e luvas; obras de ourives* de Stockolmo; *vasos* e outros *objectos de porfido* fabricados em Elfvedal no Storakopparberg; as *fabricas de armas e fundições* de Eskilstuna e Nortelge; a *cordoaria* de Falun; as *refinações de assucar* de Gothemburgo, Stockolmo e outras cidades. Na Noruega a *pescaria* é um dos ramos mais importantes de industria, e os camponezes, como na Russia, fabricam elles mesmos a maior parte das cousas que lhe são necessarias.

«As cidades da Suecia que se dis-

tinguem mais na quantidade e valor dos productos de sua industria, são: *Stockolmo*, que fornece quasi metade dos productos de todo o reino, *Norrkoping*, *Gothemburgo*, *Carlscrona*, *Malmo*, *Nykoping*, *Carlshamn*, *Mariestad*, *Uddewalla*, *Falun* e *Gefle*. As cidades mais industriosas da Noruega são: *Bergen*, *Christiania*, *Christiansand*, *Drontheim*, *Christiansund*, *Kongsberg* e *Arendal*.

«COMMERCIO. — O commercio da Suecia e Noruega é mais importante do que a sua industria. Na Suecia a boa administração tem feito com que em lugar de se importarem, como d'antes, os cereaes, hoje se exportem; mas a Noruega ainda necessita d'elles. Depois da prohibição severa, que teve lugar em 1816 de se importarem vinhos, aguas-ardentes de arroz e de cana, e algodões fabricados, os principaes artigos de importação consistem em: assucar, café, algodão, especiarias, sêda, lã, linho, canhamo, sabão, sal, fructos do meio-dia, tabaco e varios objectos manufacturados, e além d'estes artigos importam-se para a Noruega muitos cereaes. As principaes exportações dos dous reinos consistem em ferro e aço, fabricados ou em barras; madeira de construcção, peixe secco e salgado, ancoras, cabos e outros objectos pertencentes á marinha; cobalto, pedra hume, latão, vidros e espelhos, potassa, pez e alcatrão, azeite de peixe, marmores, mós de moinho, utensilios de madeira, couros, linho e pelles. Os suecos e noruegos fazem, além d'isso, grandes interesses no commercio de cabotagem, principalmente para a Europa meridional.» (Balbi).

SUICIDIO. Enluta-se o coração, e amesquinha-se o pensamento, ao escrever estas oito letras, que se me afiguram o epitaphio d'esta sociedade, esvaída de coragem para lutar com a miseria e a desesperação! Eu não sei que seja possivel transfigurar o homem moral, mandando-o soffrer com paciencia o infortunio, depois que a resignação desmereceu no conceito do homem irreligioso. Não sei que aproveitamento esperam as minhas palavras, sem unção talvez para os que m'as lêem, e menos ainda para uma sociedade entretida em grangear-se amarguras, e incredula de mais para acreditar que possa um livro religioso suavisal-as! Não póde, não, quando a impiedade entrou em casa do desgraçado, e foi sentar-se nos andrajos da sua miseria. Não póde, não, quando o infeliz, a quem envio esta pagina escripta diante da cruz de Jesus Christo, cerrou os ouvidos de sua alma ao chamamento do Senhor, e cahiu, de cançado, renegando o peso da sua cruz!

E o infortunio tem força de erguer um braço contra o peito a que está preso pelas mãos de Deus! E a mão do homem tem força de encravar um ferro no coração, onde o Creador gravára seu nome, tres vezes santo! E o sangue, do seio fendido, é aquelle mesmo que pulsára ahi apressado, quando, em tempos felizes, a idéa da immortalidade, a ancia do infinito, o amor vehemente do céo, agitava esse coração, escaldava esse sangue, e erguia essas mãos em preces incendidas para o Senhor do universo!

Os homens conspiraram contra Deus no fundo de seu coração, e vieram depois á luz do dia aggredir a Divindade. Suas armas eram hervadas no veneno mortal da arvore da «sciencia» e o seu estandarte, agitado nas mãos ensanguentadas do livre arbitrio, chamava-se «razão.» Este inimigo, poderoso como Lucifer, cantava o seu hymno de victoria, e nós, christãos vencidos, nós, soldados da cruz, apupados nas ruas de Babylonia, e escarnecidos no areopago dos philosophos, apontamos-lhe de longe os seus triumphos, e exclamamos:

«Levanta do chão esses cadaveres de suicidas! Levanta-os em obelisco de triumpho, que são teus!»

Chamaram a esta época uma época de transição. Por desgraça a geração, que vem, deverá lavar-se no sangue da que passa? Haverá um mysterio aterrador a cumprir-se antes que a sociedade se renove? Teremos de venerar, como martyres da renovação

social, os que vão cahindo a nosso lado, apunhalados por sua propria mão? Os discipulos de Confucio, suicidando-se em honra de seu mestre, serão menos filhos da civilisação que os discipulos de Voltaire, suicidando-se em honra do atheismo? Nunca mais terriveis problemas torturaram a humanidade!

Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia. O homem, que se mata, é responsavel da sua morte: é arbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue, e d'aquelle sangue que derrama.

Vós não vêdes que a philosophia dos pantheistas creou o atheismo? Julgaes que o materialista, enfastiado de viver, não é coherente com seus principios acabando com uma vida, que lhe pesa?

Não sabeis que os estoicos se matavam, raciocinando, quando viram ameaçada a republica pela espada de Cesar?

O cavalheiro d'Assas seria demente, quando, na ponta das baionetas austriacas, exclamava, já com o peito atravessado: «A mim, d'Auvergne!»

Esses sacrificios admiraveis, que a historia nos relata, não são demencias.

Bisson, vendo-se aggredido, no seu navio, pelos piratas gregos, fórça a equipagem a salvar-se; e, depois, occulto no paiol da polvora, espera a chegada de seus inimigos, e, de improviso, setenta piratas, com o navio, e o intrepido lugar-tenente d'aquelle vaso, vôam em estilhaços entre as labaredas do incendio. Bisson suicidou-se: seria elle um demente?!

Dous homens, perseguidos n'uma sociedade maçonica, estão sobre uma prancha, seu unico refugio, que estremece debaixo de seus pés e range para partir-se. A morte é inevitavel; e um d'elles exclama: «minha querida mulher! meus pobres filhos!» E o outro lhe diz: «tu és casado!... a tua vida é mais util... supplica a Deus por mim!» E suicida-se. «Se este homem estava demente — diz um jornal francez relatando o facto — são confusas todas as noções do nosso espirito, e invalidas as significações da nossa lingua!»

Os raros suicidios, que a medicina póde capitular demencias, não devem, ainda assim, considerar-se taes. Antes d'esse extremo de infortunio, a logica da desgraça atravessára por todos os raciocinios que levam o homem a desquitar-se da vida, condição terrivel dos seus padecimentos.

Que lucram os religiosos em illudir-se, julgando louco o suicida? Se a demencia exclue a vontade, que contas póde a justiça do céo pedir a um homem, que se desvinculou da vida, que lhe não pertencia, mas que tambem não tinha a consciencia de possuil-a?

Os factos são aqui d'uma prova mais eloquente que as indagações abstractas. Citaremos alguns d'uma obra excellente, colleccionados por um medico, verdadeiro christão, e incançavel trabalhador no edificio da moral evangelica. Com quanto apresental-os não seja rigorosa necessidade para o assumpto, eu penso que os desgraçados accidentes do materialismo, essencial no suicidio, não enfadam o espirito, nem desvirtuam o coração.

«M. M... de quarenta e quatro annos d'idade, recebera da natureza uma intelligencia distincta, e aptidão para o trabalho. A carreira da medicina, que escolhêra, pareceu mostrar-se-lhe sob os mais agradaveis auspicios. Distincto nos concursos, e illustre por algumas obras que escreveu, casou-se, ainda moço, com uma mulher d'excellente educação. Cercado de lindos filhos, tudo parecia prometter-lhe uma existencia feliz e brilhante, quando um inesperado successo veio fulminar de espanto aquelles que o conheciam: preso por um roubo feito n'um estabelecimento publico, foi julgado e condemnado a prisão. Na prisão, o seu comportamento foi tão regular, que a benevolencia real commutou-lhe o tempo da pena. Já me não lembrava d'elle, e um dia encontrei-o em sitio, onde não podia evital-o sem um desvio insultuoso. Confesso que tinha vontade de estudar esta natureza, cuja queda só podia attribuir-se a enfer-

midade moral, ou a uma paixão violenta. Fui polido com elle, aproximou-se de mim, e agradeceu-me com as mais animadas expressões o bom acolhimento que lhe eu fizera. M..., apesar da sua nodoa, chegára a recuperar uma boa clientela; e, passados alguns mezes, veio conduzir-me um alienado, cuja posição de fortuna lhe não permittia curar-se no grande estabelecimento, onde fôra collocado. Desde então, foram frequentes nossos encontros, porque muitas familias o encarregaram de visitar os alienados em minha casa. A conversação de M... revelou-me qualidades que eu estava longe de suppôr-lhe, e que poucas pessoas poderam apreciar-lhe por causa da sua posição excepcional. Observações profundas e finas, conceitos engenhosos, vastos conhecimentos em historia e litteratura, taes eram as qualidades que M... mostrava na intimidade, e captivavam a attenção no mais elevado interesse. Mostrei-me um dia surprezo de encontrar em homem da nossa profissão tão variados conhecimentos; respondeu-me: «tudo é o resultado da divisão do tempo: cada manhã emprego duas horas na leitura d'obras da nossa arte; depois vou á clinica; consagro aos doentes a maior parte do dia; e duas horas da noite passo-as lendo os nossos melhores authores em historia, economia politica, e litteratura.» Assim, em cada dia, este homem, nascido para melhor destino, cuja vida fôra desgraçada, e que tão miseravelmente devia acabar, consagrava seis horas ao trabalho! Como fôra elle conduzido á falta, que annullára o seu futuro? Era confissão que elle só podia fazer-me. Agitou-se uma conversação sobre as paixões, e M... confessou-me que a do jogo fôra a causa dos seus infortunios. —«Nunca, me disse elle, pude resistir á sua influencia, e ao tempo da minha catastrophe eu tinha devorado o dote de minha mulher, uma parte do meu patrimonio, e estava carregado de dividas O que então me succedeu curou-me para sempre, e hoje encontrei no estudo as melhores distracções.» Ninguem, com effeito, vendo a sua actual posição e gosto pelo trabalho, deixaria de crêr que elle triumphára d'aquella propensão terrivel! Desgraçadamente não era assim! M... gastava, quanto o seu trabalho lhe dava, em satisfazer a sua paixão insaciavel. Alguns dias antes do seu deploravel fim, esteve commigo: achei-o triste e abatido: «Uma grande desgraça — me disse elle — me aconteceu. Meu filho que annunciava um brilhante destino, succumbiu antes d'hontem a uma tisica pulmonar. Este acontecimento desanimou-me, e estive esta manhã quasi a suicidar-me com acido prussico, que trago sempre commigo desde a origem da sua doença. Era o laço que me prendia á vida, e o consolador das minhas desventuras. Eu vivia orgulhoso do seu adiantamento na estrada do bem. . .» Consolei-o quanto pude, deixou-me, e pouco depois li, nos jornaes, seu desgraçado fim, que um jornal contou por estes termos:

«Desde muito que mr. M..», doutor-medico ia a casa d'um ourives, rua *Saint-Honoré*, vender diversos objectos, como relogios, pulseiras, cadeias, etc. M. . . dizia que tinha precisão de desfazer-se d'esses objectos preciosos, umas vezes para saldar dividas de rapaz, outras para uma viagem indispensavel, e estes pretextos pareciam sempre tão naturaes, e mesmo provaveis, que o ourives não tinha de que suspeitar. Comtudo eram tão frequentes as vendas, que o mercador acabou por julgar que o vendedor tinha á sua disposição uma mina de joias preparadas. O ourives attribuiu estes objectos a fonte illegitima. Deu parte ao commissario da policia. Este espantou-se de ser possivel deparar-se um ladrão na classe dos medicos, e recommendou-lhe sómente que o chamasse, quando M. . . viesse a fazer uma outra venda. Hontem, pelas 4 horas, chegou o medico, propondo a venda d'alguma baixella. O commissario, immediatamente prevenido, perguntou a M. . . d'onde vinham aquelles objectos de que elle queria desfazer-se, e outros anteriormente vendidos. O medico, reconhe-

cendo a condição da pessoa que taes perguntas lhe fazia, titubeou. Todavia, depressa recuperou presença d'espirito, e respondeu que taes valores lhe vieram d'uma herança. Prestou-se de boamente a abrir as portas da sua casa. Mostrou o seu domicilio: era um pequeno quarto ao rez da rua, no qual nada existia, nem um leito, que revelasse ser aquelle o quarto do medico. Consultado o guarda-portão, soube-se que o medico habitava um gabinete no quinto andar. M... conveio n'isso, e disse sorrindo, ao commissario, que em consequencia d'uma divida, que lhe queriam fazer pagar corporalmente, o monteavam como raposa, e, como ella, tinha dous quartos para evitar a prisão. Antes de subir, M... pediu um copo d'agua ao guarda-portão, e galgou a escada apressado, como quem queria chegar adiante. O commissario, que o não perdia de vista, entrou conjunctamente n'um pequeno quarto, graciosamente mobilado, e, em quanto procedia á visita, M... pediu-lhe licença d'escrever uma carta a seu pai. Mr. D... não lh'a negou, com a condição de lêl-a. A busca não teve resultados, e, quando terminada, mr. D... viu que o seu preso levava rapidamente aos labios uma garrafinha negra, que tinha occulta no lenço. O commissario segurou-lhe o braço, mas M... gritou: «é inutil! eu sou um homem morto! acabo de tomar o acido prussico.» Um momento depois M... tinha morrido... Suppõe-se, que, filiado n'uma horda de ladrões, este infeliz, aproveitando suas relações, indicava os assaltos, e encarregava-se de vender os objectos, que lhe traziam, e repartir o producto.»

«Julgamos completamente erroneas as supposições do jornal. M... vivia só, e tinha muita experiencia dos homens para se não ligar a algum. Subjugado por uma paixão, que não podera vencer, foi arrastado a acções cujo perigo elle concebia. A publicidade que teria esta infamia, o desespero de seus parentes, a impossibilidade d'entrar, segunda vez, na sociedade, a privação de prazeres a que estava habituado, a obrigação fatal de viver com os miseraveis castigados pela justiça humana... taes foram os motivos que nutriram a idéa da sua morte. Os seus estudos haviam-no materialisado. Fallava da morte como de um accidente natural, e sustentava o direito de acabar com a vida, quando, pela desgraça, se fazia insupportavel... Nunca se exaltava. Era um espirito frio, razoavel, interessante na conversação, cujas idéas eram muitas vezes falsas, segundo a inspiração das paixões. Mas não era um demente.»

Poderá alguem suspeitar demencia em Napoleão? E, comtudo, este seguro pensador tres vezes tentou contra a sua existencia. Seja elle que nos conte um d'esses lances, meditados em hora de claro raciocinio, e deduzidos como rigorosa consequencia de principios, infelizmente maus.

«Sempre só no meio dos homens, aparto-me para scismar commigo, e abandonar-me á vivacidade da minha melancolia. De que lado me acommette ella hoje? do lado da morte. Na aurora de meus dias, posso ainda esperar longa existencia. Ha seis ou sete annos que estou fóra da minha patria. Que prazer eu não sentirei, tornando a vêr meus compatriotas, e meus paes! Das ternas sensações, que experimento com o prazer das recordações d'infancia, não posso eu concluir que será completa minha felicidade? E que furor me inspira a minha destruição? Que faço eu n'este mundo? Pois se eu devo morrer, que importa matar-me? Se eu tivesse passado os 60 annos, respeitaria os prejuizos dos meus contemporaneos, e esperaria pacientemente que a natureza concluisse a sua obra; mas, começando já a experimentar desgraças, sem que haja um prazer para mim, porque supportarei eu dias em que não tenho uma alegria? Quanto os homens estão longe da natureza! Como são vis, cobardes, e rasteiros! Que espectaculo vou vêr no meu paiz? Os meus compatriotas, rojando cadêas, e beijando a mão que os algema! Não são esses os bravos corsos

que um heroe animava com suas virtudes, inimigos dos tyrannos, do luxo, e dos vis cortezãos... O quadro actual da minha patria, e a impossibilidade de mudal-o, são nova razão de fugir de uma terra, em que sou obrigado, por dever, a louvar homens, que, por virtude, aborreço... Quando não existe patria, o bom cidadão deve morrer! Se eu tivesse um só homem a destruir para livrar meus compatriotas, partiria já a ensopar no sangue do tyranno a espada vingadora da patria e das leis violadas... Pesa-me a vida porque não tenho um prazer, e tudo me é penoso.»

Napoleão conta os outros dous episodios da sua vida, que o levaram a pensar em matar-se. Sua mãi estava pobre; suas irmãs em risco de deshonra, e elle sem recursos alguns. «Sahi — diz elle — com tenção de matar-me. Mais alguns instantes, e terme-hia precipitado na agua, quando o acaso me fez encontrar um individuo, vestido de simples operario, o qual, reconhecendo-me, lançou-seme ao pescoço, exclamando: «És tu, Napoleão? que prazer tenho em vêr-te!» Era Démasis, meu antigo camarada d'artilheria... «Que tens tu? não me escutas? não gostas de vêrme? Que desgraça te succedeu? pareces-me um tolo que vai matar-se!» Este chamamento directo á impressão, que me dominava, produziu em mim uma revolução, e, sem reflexão lhe contei tudo. «Se não é mais que isso... aqui tens 30:000 francos em ouro... toma-os e salva tua mãi — disse elle.»

A ultima, e mais expressiva tentação, é a de Napoleão, já imperador. Forçado a depôr a corôa quando os proprios, que elle elevára, o abandonaram friamente, o heroe d'Austerlitz resolve matar-se. É elle que o confessa, no rochedo de Santa Helena, perto do seu tumulo, ao general Montholon:

«Desde o desbarate da Russia, trazia eu veneno, n'um saquinho de sêda, suspenso ao pescoço... Minha vida já não era da patria... os acontecimentos d'estes ultimos dias fizeramme senhor d'ella. Porque soffrer tanto! — me disse eu — quem sabe se a minha morte collocará a corôa na cabeça de meu filho! A França será salva!... Não hesitei... saltei abaixo do meu leito, e, diluindo o veneno n'uma pouca d'agua, bebi-o com uma especie de felicidade; mas o tempo tirára-lhe a força... Dôres atrozes arrancaram-me alguns gemidos... foram ouvidos... soccorreram-me... Deus não quiz que eu morresse ainda... Santa Helena era o meu destino...»

Boismont extrahiu dos autos de suicidios, guardados no archivo do ministerio publico, milhares de factos, que revelam a maior segurança e a mais pensada deliberação dos suicidas. Copiarei o primeiro que é um pai que se asphyxia, em quanto sua filha procura recursos para sustental-o. Eis-aqui a sua carta:

«Minha cara filha. Tenho 69 annos, estou doente, paralytico, e quasi cego. Tenho trabalhado por não estar ás tuas sopas, mas nada consegui. Quando pedi aos hospitaes que me recebessem, disseram-me que eu não tinha a idade! Ha seis mezes que esgotas os teus recursos: não se passa uma semana que não leves algum objecto a empenhar: o fim de tudo isto é claro — a mais terrivel miseria para ambos nós: é cem vezes melhor que eu dê cabo da minha penosa existencia. Aproveitei o momento da tua sahida. Quando entrares todos os meus males serão terminados, e terás só de trabalhar para ti.»

Effectivamente aquella filha, voltando com o caro pão de seu pai, encontrou um cadaver. Queria ajoelhar ao pé d'elle; mas um pai, que assim morreu, legaria algumas crenças religiosas a sua filha?

Repetirei sempre: o suicidio não seria motivo de momentanea surpreza, se todos fossemos atheus. Não ha consequencia mais rigorosa, dadas as primicias do infortunio. Sem temor de Deus, sem confiança na Providencia, grandes desgostos me levariam a mim a procurar a maneira de não sentil-os. Quando a vida fosse o pre-

ço, não compraria eu a morte com grandes sacrificios?

O suicidio não é um delirio.

Quem vasou no seio d'esta geração torrentes de um veneno, despedaçador dos vinculos, que prendem o homem ao soffrimento, foi a anarchia das idéas, foi a mão destruidora que quebrou o freio da religião ás multidões licenciosas.

Houve ahi quem dissesse que tudo era divino na natureza. As afflicções poderiam aspirar aos consolos do céo; mas para isso devêra crêr-se que a terra não continha a suprema felicidade do homem. Deu-se o contrario como revelação da sciencia. Disseramnos que procurassemos o complemento dos gozos mundanos, e n'elle achariamos o nosso destino, n'um paraiso de deleites, com a perenne satisfação de todas as nossas paixões. Desde então julgamo-nos deuses de nós mesmos, divinos em nossas acções, livres em todas ellas, senhores absolutos da nossa existencia, grandes aos olhos do universo, embora salpicados do nosso proprio sangue.

Transtornado o espirito, affluiramnos ao coração as gotas d'um licôr morbido, que nos embriagava em visões d'um espiritualismo, que nada tinha com Deus. Chateaubriand deunos o *René*. Affeiçoamos por elle, pelas suas ardencias inquietas, por aquelles desejos infinitos, por aquelles sonhos sem logica nem destino, a nossa alma aspiradora d'um céo imaginario, onde o Senhor não era o martyr da Redempção, nem as esperanças eram os fructos colhidos na arvore do Evangelho. Aprendemos o desgosto sem o allivio, a melancolia poetica sem a poesia de Jesus Christo.

A Allemanha alimentou-nos d'uma litteratura vaporosa, metaphysica, e descrida. Deu-nos *Werther*, e divinisou o suicidio, decorando-o no seu altar de brilhantes imagens, que despertavam o appetite de morrer assim.

Não faltava nada para formular uma honrosa theoria de morrer, antes que Deus mandasse refluir o sangue ao coração, e cerrarem-se as palpebras a esta luz do mundo. A pratica lamentavel do suicidio lisonjeou cabalmente a theoria. Eil-o ahi esse desforço que os desgraçados tiram das irregularidades da sua vida: matam-se! Eis-ahi o complemento d'um raciocinio que o homem faz sobre a sua existencia, sobre o seu destino, e sobre os seus infortunios: um tumulo!

SUISSA. «Se gostaes de viajar, de paisagens variadas, da caçada das camurças, das vistas por entre bosques e quebradas, d'ouvir o estrondo das espumosas torrentes, de contemplar o ondeado da superficie dos lagos e os effeitos das neves, da diversidade de plantas e flôres, de rochedos multiformes, do céo, ora ennegrecido, ora estrellado; ide á Suissa... Quereis vêr o rio scintillante, o mar de gelo, o valle negro e fecundo, a ponte do diabo, a força e a belleza da terrestre creação; ide á Suissa e achareis o mirante, o eirado da Europa... Se estaes doente, lá tereis aguas thermaes que vos curem; se passaes bem, sentireis que dez vezes se vos augmentam as forças e com a proficua e moderada dilatação dos pulmões se vos estende a vida: como a aguia das montanhas banhar-vos-heis no meio das nuvens, e a vossa existencia será remoçada. Na altura onde subirdes ah! quanta compaixão tereis das mesquinhas agitações mundanas! como alli se avisinha da divindade a nossa alma! Na presença da natureza sublime esvaecem-se as duvidas: alli por toda a parte se reconhece a mão do Omnipotente. Das arvores, das catadupas, das nuvens, dos penhascos, dos abysmos sahem milhares de vozes melodiosas e vagas, que vos estão de continuo bradando: Deus! Deus! Existe Deus! — A immensidade vos sobrecarrega, confunde e aniquila: parece que ouvis ao redor as palavras ironicas de Montaigne:—«Ensoberbece-te, se pódes, mesquinho homem; mais e mais!»

«Após estas graves meditações, que memorias d'illustres nomes vos arrebatam, que recordações andam esvoaçando com douradas azas sobre esses cabeços, sobre essas cidades e castel-

los! Primeiro avultam na lembrança os heroes: — Julio Cesar, Guilherme Tell, Napoleão: logo immediatos os archeologos da alma, os historiadores do pensamento: — Rousseau, Byron, Lavater, M.me de Stael, e muitos. Quando João Jacques discorria pelos desertos de la Meillerie, tão desabridas solidões lhe inspiravam as severas paginas que geraram os começos politicos do seculo presente. Byron para alli comsigo trouxe o seu motejador scepticismo: tambem teve o seu quarto de hora de enthusiasmo; e aquella vida, agitada como as ondas do Rhodano, precipitou-se na eterna noite, exhalando o brado funesto: — «O que sei eu!» — Só a pupilla de Schlegel, Stael, manteve até á ultima a serenidade philosophica, os estudos positivos e serios; só ella, imperturbavel, guiou o escalpelo pela organisação moral do homem.

«Todavia, o que sempre fará amavel a Helvecia aos viajantes de toda a terra é a novidade, a multidão, a variedade das sensações que n'este paiz se experimentam. A Italia, amplissima hospedaria de marmore, tem perdido muito da sua poesia por causa dos passeadores opilados d'estupido enthusiasmo, e de admirações, obra d'encommenda: é uma região, onde ha fabricas de vasos antigos, de medalhas, de estatuas, tudo antigo, que se vendem aos inglezes por bom preço: achaes antecipadamente regulado o vosso itinerario; não podeis experimentar outras commoções d'alma que não sejam as que já sentiram os que vos precederam e vem consignadas nos seus manuaes e registros. — Mas na Suissa a natureza varía d'aspecto a cada passo, a cada momento: aqui ha inverno, neve, bruma, saraiva; mas costeai aquellas fragas, achareis da outra parte a jucunda primavera, a relva, as flôres, as cascatas, o viço da vegetação. De vez em quando ao lado de vós anda o perigo; aspero, mas precioso companheiro, que allivia o peso da dôr e prende á vida. — Em breve passaes a um espectaculo grato e consolador; chegaes ao hospicio dos religiosos, cuja caridade, melhor que os calculos dos sabios, vos ensina quão proximo estaes do céo. Que admiravel quadro é o vêr esses homens obscuros, de santa vida, e que só erguem o melancolico aspecto para abençoar quem passa, e dizem com suas fallas e feições imperturbaveis que só vivem para Deus tão excelso, mas esquecido no mundo, e adorado n'aquelle deserto! Oh! quanto é interessante a voz da religião, refugiada n'essas abruptas cumiadas e eternos gelos! Como penetra no coração do homem, a quem os prazeres cançam ou as magoas dilaceram!

«Muda outra vez a scena magica. Atravessaes um corredor, abris uma porta, e eis-vos n'uma sala commoda e resguardada, com bom piano, e as mais das vezes agradavel e escolhida companhia: por vinte e quatro horas penduraes á porta os borzeguins de viagem, o bordão ferrado de peregrino; ou jogaes, ou ouvis cantar, ou lêdes dous artigos de gazetas, e nos intervallos podeis escutar os gemidos dos ventos por entre a ramagem dos abetos, os cantos alpestres, os agudos silvos e admoestações dos guias, o soturno fragor das avalanches. — No seguinte dia retomaes o trajo de viandante, e continuaes o caminho com maior fervor. Das alturas descobrem-se ao longe as caravanas dos curiosos, que por entre os abetos se vão sumindo e d'ahi a pouco apparecem mais adiante, parando a cada passo para remediarem algum accidente succedido ás cavalgaduras, ou para se disporem a costear algum tremendo precipicio, que aos proprios cabritos montezes metteria medo. Os mineralogistas no entanto vão quebrando fragmentos de rochas a golpes de martello, os botanicos andam quasi de gatas, curvados para as plantas raras em que o solo abunda, os entomologistas perseguem as borboletas com redes de gaze azul, os pintores desenham esboços, os poetas declamam ou rabiscam, as senhoras meditam ou na paisagem ou nas modas ou nos seus amores, e as mais velhas dizem mal dos que vão no rancho, ou se en-

commendam aos santos da sua maior devoção. Pelo andar compassado, e sobretudo pelo fumo do cachimbo, se distingue quaes são os allemães, que se misturam pouco com as outras nações, não fallando senão quando a necessidade absolutamente o exige, e quasi nunca viajando sem fim util e determinado. A algazarra, as estrondosas risadas, as interjeições, os oh! e ah! admirativos, denunciam ao longe a jovialidade do caracter francez. Os inglezes conhecem-se pela tesura do corpo, e porque é difficil perceber nas suas pessoas a fórma humana, visto que caminham embrulhados no seu valido *machintosh,* ou redingote, quasi sem feitio, com que se abrigam dos nevoeiros e rajadas de vento.

«E para que os leitores façam mais cabal idéa do que é a Suissa sob os dous oppostos aspectos, que apresenta, daremos aqui o esboço de duas scenas; uma de repouso, amenidade e vida, outra de turbulencia, estrago e morte: fallamos do — banho familiar—e da avalanche. Destituidos das graças da musa pastoril, que inspirou Gesner e Florian, limitaremos a poucas palavras a sua explicação.

«Na maior parte da Europa quando se diz *aldeia* subentende-se um grupo ou meia duzia de pinhotas de casas reles, onde nem sempre ha commodidade e aceio, ou um aggregado de cabanas miseraveis e afumadas; mas quem assim julga não tem a menor idéa da elegancia, limpeza e galhardia das aldeias suissas: um *chalet* (habitação durante a estada nas montanhas, onde é a queijaria) é commodo e optimamente fabricado para munir os moradores contra os rigores do inverno: com seus muros branqueados, o tecto de colmo bem construido, as janellas, varandas e portas abrigadas, apraz aos olhos e á imaginação. Collocai defronte da vivenda uma fonte simples, mas pittoresca, d'onde cahem dous transparentes fios de agua; descobrireis junto da fonte uma montanheza com seu avental de riscado e seu chapéo de palha d'arroz, que assentada n'um tronco bruto dá um banho ao seu caro Benjamin, nú como Adão antes da culpa, na mesma tina, onde nadam dous nedios patos pequeninos: a irmã mais nova do menino, toucada com seu *bonet* preto, que dá soltura a duas formosas tranças de louros cabellos ennastrados, revê-se na agua e contempla o irmão e as aves: outro rapaz, filho dos mesmos paes, que tem na mão uma maçã, e as faces redondas como a maçã, está scismando sem saber em quê. Uma rapariga solteira, que veio buscar agua, observa a scena, que lhe suggere cópia de reflexões. O valle é talvez o de Engadine, o mais formoso nos Alpes Rhetianos; a agua corrente ao lado esquerdo é provavelmente o rio Inn.

«Tudo n'esta pintura é ameno, tranquillo e suave: olhemos agora para outra scena de que a mesma região é theatro, e acharemos o que é assombroso e terrivel. Contemplemos a horrorosa e glacial *avalanche,* que se despenha com um estrondo que se não parece com outro qualquer fragor ou ruido: nenhuma creatura viva lhe responde com brados de espanto, até o echo emmudece nas infinitas anfractuosidades das montanhas; esses tortuosos labyrinthos, forrados da geada que os ensurdece, recebem silenciosos o som confuso da avalanche, que por nenhum outro som é seguido. A quietação muda das regiões onde a natureza como que se envolve n'uma vasta mortalha, augmenta a impressão de horror que suscitam aquelles agudos picos, as assomadas inaccessiveis, os descarnados esqueletos, e a libré de perpetuos invernos, estendida como o véo do esquecimento sobre o theatro das mais antigas revoluções do globo. Batendo com o pé, junto a uma fenda já apparente, póde motivar-se a queda de uma avalanche: ás vezes um tiro de espingarda, a voz dos viajantes produzem o mesmo resultado. As avalanches de neve reduzida a pó são mais perigosas por causa do grande espaço que abrangem, e sobre tudo pelo movimento que incutem no ar. O furacão leva quanto encontra diante, arvores, casas, e por vezes aldeias inteiras: em

menos de uma hora ficam apagados os vestigios dos caminhos, e a neve sobe a dez pés d'altura sobre o solo: a montanha se abala até os fundamentos, as arvores batem de encontro umas ás outras e os ramos se despedaçam, desarreigam-se os rochedos, e rodando aqui e alli se topam e lascam-se, as paredes das casas gretam-se, as vigas rangem, os tectos vôam pelo ar. No dia seguinte os viajantes parados defronte das ruinas perguntam aos naturaes a historia dos estragos da tempestade da vespera.» (*Extracto*).

SULFATOS. (Veja SAL).

SUMATRA. (Veja MALESIA).

SUPERFICIE. 1. É em geometria o espaço limitado por linhas que se cortam; extensão em comprimento e largura sómente, abstrahindo da espessura ou profundidade. As superficies são pois os termos dos corpos. As palavras *superficie* e *área* não são equivalentes: aquella designa a extensão em absoluto, esta é a expressão numerica de uma superficie, é uma quantidade, um *numero* concreto d'essa especie. — As superficies são *planas* ou *curvas*, conforme se póde ou não applicar a ellas uma recta em todos os sentidos. As figuras (triangulos, quadrilateros, polygonos, circulos, ellipses, etc.) traçadas no papel ou na pedra, são *superficies planas;* differentes solidos (esphera, cylindro, cone, etc.) dão pelo seu contorno exemplo de *superficies curvas.* — Avaliar uma superficie é determinar a sua área; isto é, o numero de vezes que n'ella é contida outra superficie tomada para unidade e que geralmente é um quadrado. — N'outra parte indicamos como se avalia a superficie das diversas figuras: trata-se agora de fazer sentir aos discipulos as dependencias que as differentes figuras teem entre si, debaixo do ponto de vista de suas propriedades metricas. — Demonstremos, como ponto de partida, que se obtem a área de um *rectangulo* multiplicando a base pela altura d'esse rectangulo. Tendo, por exemplo, um *rectangulo* de 7 metros de base e 3 metros de altura, e querendo saber quantos metros quadrados contém, divida-se, por meio do metro linear, a altura em tres partes iguaes e a base em sete, e tirem-se por todos os pontos de divisão parallelas aos lados: o rectangulo ficará assim decomposto em tres faxas de sete metros quadrados cada uma ou tambem em sete faxas de tres metros quadrados cada uma, isto é, em $7 \times 3 = 3 \times 7 = 21$ quadrados iguaes cada um de um metro de lado; logo área $= B \times A$. — Da mesma maneira um *quadrado*, por exemplo, de 5 metros de lado, terá por área: 5×5 metros quadrados, observando que a base e a altura são agora iguaes. — Um *parallelogrammo*, póde converter-se em um rectangulo equivalente levantando duas perpendiculares pelos termos de um lado tomado para base, até encontrarem o lado opposto; e por consequencia teremos a mesma formula área $= B \times A$. — Um *losango* é a metade de um rectangulo que tem por base uma das suas diagonaes e por altura a outra, o que facilmente se vê levantando perpendiculares ás diagonaes pelos seus termos: e consequentemente será sua área $= \frac{B \times A}{2}$. — Um *triangulo* é a metade de um parallelogrammo com a mesma base e a mesma altura; a sua área terá pois tambem por expressão: $\frac{B \times A}{2}$. — Um polygono qualquer póde-se sempre decompôr em um certo numero de triangulos: a sua superficie terá pois por expressão a somma de todos os triangulos componentes. Nos polygonos regulares os seus raios decompõem a figura em tantos triangulos iguaes quantos os seus lados, em que as bases são os lados e a altura o apothema; a expressão da sua área será pois a de um d'esses triangulos ou

$\frac{B \times A}{2}$ multiplicado pelo numero n dos lados do polygono; isto é:

$$\frac{B \times A}{2} \times n = \frac{(B \times n) \times A}{2},$$

ou finalmente $\frac{P \times A}{2}$, sendo P o perimetro do polygono. — Como o circulo póde ser considerado como sendo um polygono regular de um numero indefinito de lados, o perimetro sendo aqui a circumferencia, designada por C e o apothema necessariamente igual ao raio R, teremos para expressão da área da sua superficie: $\frac{C \times R}{2}$, ou ainda, exprimindo C em funcção do raio R: $\frac{2\pi R \times R}{2}$ (aonde π representa a razão 3,1416 da circumferencia ao diametro). (Veja CIRCULO). Mas esta formula póde-se simplificar, pois que o factor 2 é commum ao numerador e denominador; supprimindo esse factor, vem $\pi R \times R$ ou πR^2, isto é, a formula usual: *quadrado do raio multiplicado pela razão da circumferencia ao diametro.*

SUPERSTIÇÕES. «Apesar dos constantes esforços dos ministros do Evangelho, e dos pasmosos descobrimentos da physica e da chimica, por onde se explicam tantos phenomenos que d'antes pareciam realmente cousas sobrenaturaes, está ainda o mundo tão inficionado de abusões e superstições, que, o combatel-as e escarnecel-as, é encargo impreterivel dos livros escriptos para o povo, e sobretudo para a mocidade que frequenta as primeiras escólas.

«A principal abusão, a mais arreigada no povo, entre nós, e tambem em muitas outras nações mais adiantadas, como havemos de mostrar, é a de acreditar em especificos de curandeiros, e crêr nas embusteiras que deitam cartas, tiram quebrantos, mau olhado, feitiços e outras que taes sandices que a ignorancia e a malicia inventaram, para roubar astuciosamente os credulos e parvos.

«Para extirpar taes abusões impoz a antiga ordenação do reino até pena capital aos que usassem d'ellas. É curiosa, sobre ser a mais completa que conhecemos, a enumeração de todas as superstições e abusos com que se especulava n'aquelles tempos. Vem no liv. V, tit. III intitulado: *Dos feiticeiros.*

«Parece-nos que o melhor meio de afugentar semelhantes crendeirices, é contar alguns casos em que se mostre bem ao vivo o engano e velhacaria que ha em todas ellas.

«Os que hoje vamos referir reunem as duas especies mais communs, curandeiros e feiticeiros. E para que se veja que taes praticas só podiam vir de selvagens, resumiremos os que observou no Brazil o chronista dos padres da Companhia n'aquella nossa antiga provincia, Simão de Vasconcellos, que de mais a mais é author classico, pelo que de uma via fazemos dous mandados — historia curiosa e em boa linguagem.

«Os carijós são insignes feiticeiros, e tão admiraveis em seus feitiços, que se d'elles tivessem noticia os authores que compozeram de feiticerias, sem duvida multiplicariam com estas os seus volumes.

«Tres generos ha entre elles de feiticerias: o primeiro (commum tambem a todas as nações do Brazil) é a arte que chamam de «chupar» na fórma seguinte: O que se presa de feiticeiro, para haver de ganhar sua vida e adquirir nome e fama entre os seus, finge que tem virtude de chupar com os beiços, e receber em si, d'esta maneira, todo o mal que um corpo tem. Quando o enfermo se queixa de qualquer doença que seja, chega o feiticeiro, e pergunta-lhe, que parte lhe doe ou tem lesa? Mostrada esta, começa elle a chupar, e a fazer seus esgares, porque leva já debaixo da lingua uma espinha, osso, ou bicho

muito feio, que finge tirar do centro do corpo do enfermo, mostrando-o com espanto e grandes visagens, dizendo: *Olhai, como havia de repousar, nem ainda viver, um corpo humano com tal espinha, tal osso, ou tal bicho, que lhe estava roendo as entranhas?*

«Se o doente era sómente de imaginação, fica melhorado; mas se era doença devéras, com ella fica como d'antes; mas fica o feiticeiro melhorado com o que lhe dão por sua arte. A este genero de feiticerias chamam *angaiba*.

«O segundo genero, mais detestavel, é dos que matam com feitiços, e é da maneira seguinte. Direi primeiro o modo commum e mais ordinario de seu enfeitiçar, e logo direi casos particulares. Tem trato visivel com o demonio (é a crença erronea d'aquelles selvagens, de que tambem cá participam os que crêem em bruxas) esta casta de feiticeiros, e apparece-lhes este em fórma de um negrito ethiope, e quando querem fazer feitiços a alguma pessoa, communicam seus intentos com o negrinho; e concordando nos effeitos que pretendem, buscam cousas que tenham alguma semelhança e proporção com elles, das quaes houvesse usado d'alguma maneira o que ha de ser enfeitiçado: como, se querem fazer-lhe febre, quenturas, tosses e outros effeitos semelhantes, buscam carvões em que haja tocado: se querem atravessal-o com picadas e pontadas do corpo, buscam espinhas, ossos e outras cousas agudas em que haja tambem tocado: se querem cegal-o dos olhos, buscam alguma cousa que tenha semelhança d'olhos, e assim nas demais.

«Concertada, pois, entre elles a casta de mal que desejam fazer, e buscado o instrumento semelhante, na fórma dita, faz o negrinho diabolico, em um momento, debaixo da terra, tantas como forminhas de assucar, ou como garrafas de bojo largo, collo e bocca estreita, quantos são, mais ou menos, os instrumentos dos males e doenças que desejam fazer n'aquelles lugares, onde dorme ou assiste o que ha de padecer. E são estas forminhas ou garrafas tão duras e bem feitas, como se o foram ao torno, e cozidas ao fogo. E logo preparados assim estes vasos debaixo da terra, toma o negrinho infernal na mão aquelles instrumentos, carvões, espinhas, ossos, trapos e outras cousas semelhantes, e entrega-as nas mãos do feiticeiro, e indo com elle ás covas, faz que os metta repartidamente n'ellas, e logo em um momento as fecha, concertando o chão de tal maneira, como se tal alli se não fizera. E o mesmo é entrarem as taes cousas no bojo das covas, forminhas ou garrafas, que começar a pessoa enfeitiçada a padecer o mal ou os males pretendidos.

«Os casos particulares mostram os effeitos e declaram os maleficios.

«Entre em primeiro lugar um caso succedido em uma aldeia nossa, por nome Maruiri, em S. Paulo, no anno de 1624, em presença de muitos religiosos nossos, do capitão da dita aldeia, que era portuguez, e de muitos indios que intervieram, e foi assim. Teve noticias o dito capitão, por via de um feiticeiro maior que sabia os feitiços dos outros, que toda a aldeia estava minada d'elles; descobrindo-lhe os malfeitores e os lugares ou as casas dos indios, e tambem as casas dos padres, até do proprio superior. Deu conta do negocio o capitão ao padre superior, e chamado o feiticeiro-mór, ratificou tudo o que dissera, e declarou todos os feitiços e circumstancias d'elles, distinctamente, como se elle mesmo os fizera. Vieram logo a juizo os malfeitores accusados, que eram tres, cumplices das maldades, e todos elles carijós, trazidos pelo padre João de Almeida na missão em que andava. E postos a perguntas, não poderam negar a verdade; antes reconhecendo a superior sciencia do feiticeiro-mór, que os descobrira, pediram perdão, e prometteram desfazer os feitiços. Assim o fizeram, porque logo em presença de todos foram mostrar e abrir as covas que tinham feito na sala, sacristia e cozinha dos padres; e particularmente em certo lugar onde o superior costumava passear, que todas estavam cheias, umas

de cascas de aipim, e outras raizes que costumam comer os padres; outras de certas conchinhas semelhantes a olhos, que chamam *etans;* outras de ossos de aves, e outras de cousas semelhantes. As conchinhas, configurando capellas d'olhos, confessaram os ditos feiticeiros haverem mettido alli para fazerem cegar o padre Sebastião Gomes, como com effeito cegára, e cego estava havia quatro ou cinco annos. Perguntados a que fim cegaram o padre, responderam, que para que nunca dissesse missa, porque assim o queria o diabo. E perguntados se tinha remedio, responderam que não, porque estavam já gastas as conchinhas, por haver tempo que estavam na terra. A graça foi, que descobrindo-se outra cova, eis que vê o padre superior, que estava presente, que tiravam de dentro uma orelha da mascara que elle tinha feito em certa festa, e os aparos de uma taboinha que tinha cepilhado havia um mez! Aqui se lhes mudou o rosto de côres, signal, entre elles, que eram feitiços para lhe fazer mal; mas como estavam frescos, ainda tiveram remedio estes e os demais, lançados todos na corrente da agua de um rio, que é o meio com que ficam frustrados.

«Não se aquietou com isto o prudente superior, e como sabia mui bem ser costume dos ditos feiticeiros, fazerem semelhantes feitiços debaixo das camas dos que querem enfeitiçar, esconjurou-os, se tinham feito no seu cubiculo feitiços ou não? Ao que elles contestemente responderam que não; porque, querendo entrar pela janella para o dito fim, o seu negrinho lhes dissera que não podia entrar dentro com elles, porque era lugar onde os padres faziam oração; e como sem ajuda do dito negrinho nada obravam, foram fazer os ditos feitiços no lugar onde achára a sua orelha. E fallaram verdade; porque, cavando-se no cubiculo altura dobrada da dos outros feitiços, nada se achou. Parece que ficou a prohibição a este diabo negrinho d'outro caso semelhante mais antigo, que aconteceu no reino da Sicilia, na cidade de Palermo, aonde certa feiticeira afamada n'aquella terra, tentou entrar pelas janellas dos cubiculos da casa professa, que alli tem os padres da companhia, acompanhada do demonio, que em figura de um carneiro a levava ás costas; porém, ao entrar da dita janella, ficou parado o carneiro diabolico; e perguntado da feiticeira pela causa, respondeu que aquelle côxo (que assim chamava a Santo Ignacio) lhe prohibia a entrada; e foi causa esta da conversão da dita feiticeira, que de tão grande peccadora se fez publica prégadora, n'aquella cidade, das virtudes do patriarcha Santo Ignacio.

«Outros casos vi com meus olhos, e experimentei com minha presença. Na cidade do Rio de Janeiro fui confessar por diversas vezes a uma mulher nobre, a quem uma india sua, carijó de nação, tinha enfeitiçado na fórma sobredita, e os effeitos eram estes: Que sentia dentro do estomago abrazar-se em fogo, e atravessarem-lhe as entranhas como com espinhas; e tudo isto affirmava que tinha em si, e como tal não podia comer, nem dormir, nem socegar. Ia por horas definhando e acabando a vida. Prendeu-se a carijó, e depois de algum tempo confessou o delicto, e pretendeu dar o costumado remedio, de mostrar e desfazer as cousas. Cavou-se a terra debaixo da cama da senhora, e todo o espaço da dita cama se achou minado das covas sobreditas. Abertas ellas, se acharam dentro repartidamente os ditos carvões, ossos, espinhas, assim e da maneira que a pobre senhora os padecia em suas entranhas. Tiradas estas sevandijas das covas, ficou alliviada, como se da mesma maneira lh'as tirassem então das entranhas, e sem dôr nem inchação alguma. Mas como as obras do diabo não podem ser perfeitas, assim o não foi esta, por ser sua; porque, tornando eu a visitar a pobre doente no dia seguinte, achei que estava gritando com as mesmas dôres, e com a mesma inchação como de principio. E a causa foi, porque tinha dito o diabo á feiticeira, que,

desfeitas as covas em terra solta, esta se havia de lançar em agua que corresse; e como esta advertencia faltou, no mesmo dia á tarde, em que se abriram as covas, lançando a terra em certas tinas, para no dia seguinte se levarem em carros ao rio, de noite nas proprias tinas tornou o diabo a formar as covas com todos os petrechos sobreditos, e por conseguinte tornou a pobre mulher a lutar com as mesmas ancias da morte. Imputou a feiticeira o successo á negligencia dos que intervieram. Mas quando quiz dar novo remedio, acabou a senhora com a vida, e a feiticeira não viveu depois d'isto muitas horas; que este pago costuma dar o diabo a quem o serve.

«Na mesma cidade corri com a confissão, em doença semelhante, de um homem cidadão, a quem outra india carijó tinha na mesma fórma enfeitiçado e consumido com seccuras, fogos e pontadas de todo o corpo sem socegar. Presa a carijó, confessou o delicto, mostrou os feitiços na mesma fórma sobredita, declarando os effeitos de cada um d'elles; os carvões para fazerem fogos e seccuras; certas pontas de frecha para fazerem pontadas; certos pedaços de cortiça para fazerem seccuras, etc. E tudo isto eram cousas que o pobre do enfermo tinha manuseado. Porém foi tarde a applicação do remedio, e acabou a vida. Além d'este modo, que é o mais ordinario, lhes ensina outro o diabo a estes seus amigos. Mette-lhes muitas vezes na mão um sapo ou cobra, ou outro bicho semelhante e asqueroso. Este toma o feiticeiro, e ata-o ao pé de qualquer arvore; e assim como o bicho, por falta de mantimento necessario, vai desfallecendo, perdendo as forças e morrendo, assim tambem aquella pessoa, por quem se applica o feitiço, se vai seccando e consumindo com excessivas dôres até acabar a vida.» (Simão de Vasconcellos).

SURDOS-MUDOS. «Os amigos da humanidade deveriam occupar-se de estes seres desgraçados mais do que realmente se occupam. Por que fatalidade no meio de tantos estabelecimentos publicos como se tem creado n'estes ultimos tempos, alguns d'elles de puro luxo, não havemos de vêr na segunda cidade do reino uma casa destinada para ensinar a fallar, a lêr, escrever, contar, etc., aos surdos-mudos? Assim, por um abandono indesculpavel, vêmos muitos individuos, que privados na sua infancia do orgão do ouvido não poderam aprender a fallar, porque não ouviam os sons que haviam de articular para serem entendidos. Excluidos do gremio da sociedade passam uma vida cheia de privações: tudo quanto vêem está mudo como elles, e só á força de gestos, e de mover os dedos chegam a poder communicar algumas das suas mais urgentes necessidades.

«Este abandono cruel de que nos queixamos não é só dos tempos presentes, data de mais longe. Quem tiver lido as obras do illustrado monge hespanhol Feyjoo, estará bem lembrado da noticia que elle dá do padre Pedro Ponce, da ordem de S. Bento, que foi o primeiro que pelos annos de 1570 a 78 já tinha ensinado alguns surdos-mudos a fallar, lêr, escrever, contar, ajudar á missa, a doutrina christã, e a saber-se *por bocca* confessar, e a alguns surdos-mudos latim e a outros grego, e italiano, e um chegou a ser *ordenado*, e a ter officio e beneficio pela igreja, etc. Um descobrimento d'esta natureza não devera ter perecido em Hespanha com o padre Ponce; ao governo tocava ter cuidado d'isto, não deixando perder um thesouro de tanto valor.

«Aconteceu com isto em Hespanha o mesmo que com o vapor. Blasco de Garay, official da marinha hespanhola, offereceu em 1543 ao imperador Carlos V uma machina por meio da qual um barco era impellido sem o auxilio de velas, nem remos. O experimento foi feito em Barcelona: um navio mercante, que não tinha mais mecanismo visivel que uma immensa caldeira de agua a ferver, e uma complicada combinação de rodas por dentro, e pás giratorias por fóra, viu-se

mover em todas as direcções e com a mesma facilidade com que hoje se movem os barcos movidos por vapor. Garay foi recompensado pelo imperador, porém o seu grandioso descobrimento não teve outro resultado, e até a gloria da sua invenção se prodigalisa hoje aos americanos Fitch e Fulton sem que os estrangeiros se dignem fazer menção de Blasco de Garay.

«Da mesma maneira muitos estão persuadidos que o abbade l'Epée foi o primeiro que teve a feliz lembrança de fazer fallar aos surdos-mudos. De todos os modos, se não foi o primeiro inventor d'uma arte tão util, se não chegou a tirar dos seus discipulos tanto partido como o padre Ponce, se ainda deixou muito que aperfeiçoar ao abbade Sicard, a humanidade não deve por isso deixar de tributar-lhe os mais justos agradecimentos em nome dos surdos-mudos. Reduzidos estes quasi a meros automatos, quando passavam ás mãos d'aquelle sabio instructor, transformavam-se em seres intelligentes; a esphera dos seus conhecimentos se estendia pelo immenso espaço das sciencias, um novo mundo se lhes apresentava; e a barreira que por tantos seculos separava o surdo-mudo do homem, deixou d'existir: era o marmore de Pygmalião transformado em estatua e depois animado com o sopro da vida pela Divindade.

«Ao abbade l'Epée succedeu o abbade Sicard. Quando Napoleão no anno de 1815, vindo da ilha de Elba, desembarcou em França e entrou em Paris, o abbade Sicard com alguns dos seus discipulos passou a Londres. Desejoso de mostrar aos habitantes d'aquella populosa metropole as vantagens que se derivavam do ensino dos surdos-mudos, apresentou ao publico os seus discipulos para que fossem examinados respondendo a todas as perguntas que se lhes fizessem. O povo inglez ficou verdadeiramente admirado dos seus adiantamentos. A instituição dos surdos-mudos em Paris tem por objecto não sómente pôl-os em estado de communicar as suas idéas, de formar sua razão, e desenvolver sua intelligencia, mas tambem o assegurar a sorte d'aquelles que estão na indigencia. Todos elles aprendem uma arte, ou um officio, ou a maneira de desempenhar um emprego que lhes assegure a subsistencia.»

A pag. 144 do *Museu portuense*, d'onde se trasladou o artigo, vem uma correspondencia illustrativa de um egresso que diz o seguinte:

«Foi na verdade o benedictino hespanhol Ponce o primeiro que consta conseguisse ensinar surdos-mudos; mas foi muitos seculos antes d'elle, e nos proprios claustros da sua ordem, e de outras que seguem a regra do grande patriarcha S. Bento, que aquella arte teve a sua origem.

«Eram os monges pela regra obrigados a muitas horas de rigoroso silencio; e como tambem o eram a varios trabalhos manuaes em proveito commum, precisavam ás vezes entender-se uns com os outros durante estes trabalhos. O desejo de satisfazer á risca ao preceito do silencio lhes fez inventar uma série de *signaes* com que se communicavam sem fallar. Com o tempo e novas precisões foram dando incremento e perfeição ao seu invento, a ponto de o reduzirem a uma especie de systema com alguma regularidade. Eis-aqui qual foi a origem d'essa arte maravilhosa, que em nossos dias parece ter chegado ao apice da perfeição.

«Na bibliotheca de um mosteiro d'este reino, e por ventura a mais rica de todas em antigos e preciosos manuscriptos, existia um, que continha uma parte d'aquelles signaes colligida por Udalrico, e vertida em portuguez com muitas addições. Bem sei que fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, gratuito inimigo do monachato, mette a ridiculo no *Elucidario* este modo de fallar por signaes; porém hoje é constante entre os eruditos, que sem essa *ridicula* invenção nunca o padre Ponce acharia no seculo XVI a arte de ensinar os surdos. E na verdade é mais que provavel, que sem aquella *ociosidade* monachal nem Wali, nem Ponce, nem o medico Am-

man, author do *Surdus Loquens*, nem Sainte-Rose, nem os proprios padres de l'Epée e Sicard teriam conseguido, talvez nem tentado nada em favor dos pobres surdos-mudos.

«Não é da minha competencia responder aqui ás mofas e sotaques do padre Viterbo. É sim para sentir que este portuguez catholico, e filho d'uma ordem penitente, pensasse no assumpto tão diversamente do que antes d'elle tinha pensado um allemão protestante, e o maior sabio do seu seculo, e de muitos seculos. Fallo do grande Leibnitz, o qual não se dedignou de admirar e copiar uma *Arte de fallar por signaes*, usada no mosteiro cisterciense de Lugo, e mui semelhante á do manuscripto acima mencionado, como se póde vêr nas suas obras (tom. 6, pag. 207, ediç. de Gen.).»

No mesmo periodico a pag. 174 se encontram novos esclarecimentos sobre modo honrosos para Portugal.

«Já no *Jornal medico-cirurgico e pharmaceutico* de Lisboa, publicado pelo snr. J. J. Vianna de Rezende, no numero 3.º do mez de março de 1835, vindicou o snr. Rezende para o nosso compatriota a qualidade de *primeiro instituidor dos surdos-mudos na França*, dando-nos na sua erudita nota conhecimento da naturalidade, e dos principaes factos da vida do illustre portuguez.

«No numero 4.º do mesmo jornal, publicado no mez de abril de 1835, teve tambem o snr. Rezende a condescendencia de inserir o *additamento*, que lhe enviamos sobre o mesmo objecto, no qual unicamente se continha o honroso testemunho que a academia real das sciencias de Paris tinha dado do merecimento de Pereira, na sua *Historia dos annos de 1749-1751;* o testemunho de mr. de Buffon na sua *Historia natural do homem;* e o do douto Andrés, na *Historia de toda a litteratura.*

«Já se vê, pois, que o nosso Jacob Rodrigues Pereira tinha algum direito a ser recommendado no *Museu portuense* como benemerito da patria, das letras e da humanidade, e commemorado com anterioridade aos abbades l'Epée e Sicard, que por ventura d'elle tomaram exemplo e estimulo para se dedicarem a tão nobre emprego.

«Em uma obra franceza (que temos á vista) impressa em Paris em 1776, com o titulo *Institution des sourds et muets par la voie des signes methodiques*, in-12.º, sem nome de author, mas que conjecturamos ser do proprio abbade l'Epée, a pag. 6, se diz:

«*Mr. Ernaud, mr. Pereira, portuguez*, e *madama de Santa Rosa*, religiosa da cruz, foram *os primeiros* que no nosso seculo se applicaram á instrucção dos surdos-mudos, sem terem concertado entre si o plano de suas operações, etc.»

«O escriptor francez, mais amigo da sua nação do que nós ás vezes parecemos ser da nossa, põe em primeiro lugar a mr. Ernaud, posto que logo diz: «*que o não conhecera nem a nenhum dos seus discipulos, e que sómente soubera de pessoas instruidas, que elle satisfazia mui bem o cargo que havia tomado.*»

«Não é nosso animo tirar a mr. Ernaud o merecimento da prioridade, se realmente lhe compete. Sómente notaremos aqui (porque nos parece digno de notar-se) que nem a academia real das sciencias de Paris, nos annos que já dissemos, nem os sabios De Mairan, De Buffon, e Ferrein, que a informaram sobre os progressos de um novo alumno de Pereira, nem o mesmo De Buffon na *Historia natural do homem*, dando honrosos testemunhos de approvação e louvor á arte que Pereira exercitava desde 1746, dissessem uma só palavra ácerca de mr. Ernaud. Ainda mais: que o rei de França, Luiz XV, depois de ter ouvido e interrogado os discipulos de Pereira, honrasse este illustre portuguez em 1751 com uma pensão de 128$000 reis annuaes; que passados quatorze annos, em 1765, lhe fizesse a nova graça de o nomear seu interprete; e que em todo este tempo não apparecesse mr. Ernaud a vindicar a sua preferencia, ou ao menos a so-

licitar as mesmas approvações e premios: e que só muito depois fosse «premiado e tratado pela academia, como inventor, seguindo-se d'aqui grande emulação entre os dous rivaes,» como refere o snr. Vianna de Rezende na sua citada nota.

«Como quer que seja, no capitulo II d'esta mesma obra se faz menção do *Programma* publicado por Pereira em 1751, sobre o methodo do seu ensino; e no capitulo III se diz que Pereira e os seus discipulos lhe davam a denominação de *Dactylologia*.

«O escriptor francez emenda o nome, e julga melhor que se diga *Dactylolalia;* e em quanto ao methodo (que aliás confessa não lhe ser bem conhecido) pretende refutal-o em toda a obra, mostrando a cada passo o ciume que (a nosso parecer) lhe causava o credito de Pereira, e com tudo, reconhecendo que entre os discipulos do illustre portuguez *se achavam alguns em estado de compôr obras* e que *mr. de Saboureux de Fontenai, surdo-mudo de nascimento, e um dos alumnos de Pereira, daria d'isto completa demonstração, se fizesse imprimir as suas proprias producções.*»

SUZERANO. (Veja FEUDALISMO).

SYLLOGISMO. «Dá-se o nome de *syllogismo* a uma argumentação composta de tres proposições de tal sorte combinadas, que uma d'ellas se segue natural e precisamente das outras duas, como se vê n'estes exemplos:

«1.º — *A virtude é louvavel; a caridade é virtude*, logo *a caridade é louvavel.* 2.º — *Nenhum vicio merece louvor; a avareza é um vicio*, logo *a avareza não merece louvor.*

«A materia proxima do syllogismo consiste na collecção das tres proposições, e a remota na dos tres termos que n'ellas se combinam, tomados cada um duas vezes: a sua fórma consiste na conveniente disposição das proposições e dos termos, a fim de legitimar a operação.

«Os tres termos do syllogismo distinguem-se pelos nomes de *maior, menor*, e *medio:* os dous primeiros tambem se dizem termos *extremos*, que são os que constituem a materia da *questão*, e por tanto da conclusão. D'estes chama-se *maior* e *grande termo* o que exprime a idéa mais geral, e serve de attributo á conclusão: *menor* e *pequeno termo* o que exprime a idéa de menor extensão, e serve de sujeito á mesma conclusão: *termo medio* o que, comparado successivamente com os extremos nas duas premissas, serve de media commum para verificar a relação de ambos entre si.

«Pela mesma razão, das tres proposições que constituem o syllogismo chama-se *premissa maior* a que contém os termos maior e medio: *premissa menor* a que contém os termos menor e medio: *conclusão* a que contém os extremos affirmados ou negados um do outro, como solução da questão.

«D'aqui se vê que o termo medio figura successivamente em ambas as premissas e sómente n'estas: os extremos figuram cada um na sua premissa e ambos na conclusão. Assim no primeiro exemplo citado, a palavra *caridade* designa o termo menor, a palavra *louvavel* o maior, a palavra *virtude* o medio, o qual combinado com o maior dá o nome á premissa maior; com o menor, dá igualmente o seu nome á premissa menor, e com razão, porque é effectivamente contida na extensão da maior.

«Aristoteles, inventor da arte syllogistica, estabelece como base do syllogismo o seguinte axioma: *Duas idéas que convém a uma terceira convém entre si: duas idéas que não concordam ambas com uma terceira não concordam entre si.* Este axioma, que póde dizer-se uma applicação do *principio* de *contradicção*, é convertido pelos escolasticos nos seguintes: *Nota notæ est nota rei ipsius; conveniens notæ convenit rei ipsi; repugnans notæ repugnant rei ipsi.*

«D'aqui se infere que, nos syllogismos puramente affirmativos, a idéa representada pelo termo medio deve regularmente conter-se na extensão

de um dos extremos e conter o outro na sua propria extensão, sendo ao mesmo tempo um elemento constitutivo da comprehensão de um d'elles e contendo o outro na sua. Quando faltar esta ultima condição, isto é, quando a relação do termo medio com um dos extremos fôr de opposição, a conclusão será negativa, mas o syllogismo não será menos legitimo. É pois na analyse dos termos extremos que deve procurar-se a provisão das idéas medias.» (M. Pinheiro d'Almeida e Azevedo).

SYLVICULTURA. «Os antigos germanos denegavam os direitos de chefe de familia áquelles que não provassem haver plantado em suas herdades certo numero d'arvores. Os gaulezes deram ás florestas a maior consideração que podiam conferir-lhes, consagrando-as aos seus deuses: os romanos tambem divinisaram os bosques quando os dedicaram ao culto d'algumas de suas divindades; d'ahi veio o *lucus sacer*, que a cada passo encontramos nos escriptores latinos; costume que passou á Lusitania, e do que ainda temos vestigios nos lugares chamados — lôgo de Deus — que é a versão litteral de *lucus Dei*. A utilidade e vantagens das arvores, dos bosques e florestas foram assim proclamadas, e asseguradas pela sabedoria dos legisladores antigos por meio do cunho religioso que mais poderosamente influe na imaginação dos homens.

«Nossos soberanos, apenas descançados da fadiga das armas pela total expulsão dos mouros do solo portuguez, se não esqueceram d'aquella tarefa benefica, tão proveitosa nos usos domesticos e sociaes quanto preciosa para a salubridade dos ares. El-rei D. Diniz, o mais sabio e providente monarcha do seu tempo, sahiu elle mesmo de Lisboa, sua côrte, com a rainha Santa Isabel, sua mulher, e foi estabelecer-se nas charnecas invias e sáfaras entre Leiria e o oceano, fazendo arrotear e plantar esse famoso e gigante pinhal da Marinha Grande, que ainda hoje, apesar de grandes desastres, é um dos maiores thesouros do estado. O lugar chamado *Monte real*, ahi visinho, de que el-rei fez presente á rainha por essa mesma occasião, está ainda hoje attestando com o seu nome a residencia que alli fizeram os dous inclitos soberanos. El-rei D. Pedro I fez igualmente romper e povoar d'arvores e searas uma parte da charneca entre Obidos e Atouguia; e no meio d'ella, para animar esses trabalhos, levantou paços e castello, cujos muros ainda se avistam direitos no lugar chamado *Serra d'el-rei*.

«A solicitude dos legisladores, e a sancção penal seguiu mais tarde aquelles bons exemplos. João Pedro Ribeiro na sua Dissertação 22.ª, no tom. V d'ellas, apontou um alvará d'el-rei D. Manoel, datado em 13 de dezembro de 1499, *relevando por aquella vez das penas em que haviam incorrido os moradores do reino por não terem plantado arvores:* boa prova de que antecedentemente havia legislação preceptiva a tal respeito. O author do *Elucidario* na palavra *couteiro*, referindo-se a documentos que encontrou no archivo da camara de Coimbra nos deu a conhecer que já desde o tempo d'el-rei D. Affonso V, por alvará regio de 1464, se inhibiu debaixo de severa punição que alguem fizesse queimadas junto ao Mondego a fim de *não prejudicar as mattas e arvoredos* nas encostas e vertentes ao mesmo rio. El-rei D. Manoel renovou a prohibição em 1504; e o alvará novissimo de 28 de março de 1791 para o encanamento do Mondego não foi omisso n'esta providencia, antes prescreveu expressamente a conservação dos antigos, e plantação de novos arvoredos, os quaes hoje alegram os viajantes que por terra ou agua atravessam aquelles deliciosos sinceiraes desde Coimbra até Monte-Mór-o-Velho.

«Tudo attesta o cuidado e sabedoria passadas, o nosso desleixo e barbaridade actual n'este relevantissimo objecto! Se nos não dermos pressa em acudir ao pendor e licenciosidade presente, brevemente ficará o reino convertido em escalvada serrania, e

estereis e abrazados plainos. D'um lado o furor com que para plantar bacellos se arrancam olivaes, mattas, pinhaes, e mais arvoredos, e do outro a devastação progressiva e ascendente dos sobreiraes, azinhos e carvalhos para os reduzir a carvão, tem feito já desapparecer immensas florestas. E se ao menos estas contínuas subtracções fossem substituidas por o plantio de outros arvoredos, alguma compensação haveria; porém não acontece assim: á excepção de Lisboa e Porto, e poucas mais terras grandes onde se vêem, e se goza já, com grande gosto e commodidade, da sombra e oxygeneo das arvores novamente plantadas, tudo o mais existe em deploravel abandono; e nem os particulares em suas herdades, nem os concelhos e municipalidades, apesar do dever de seus regimentos, se lembram de pôr uma só arvore, cobrindo e abrigando da acção do sol as fontes publicas, os rocios, as sahidas da povoação, ou ainda mesmo os pantanos insalubres que todos os annos dizimam a população contagiada. Nós damos rebate com este artigo áquelles a quem cumpre precaver e remediar tão graves absurdos: é indispensavel fazer executar as leis antigas, e estabelecer uma norma regular e systematica d'alguma legislação florestal. Uma liberdade illimitada n'este objecto é insustentavel; o capricho e a inexperiencia d'alguns, a incuria e preguiça de outros reclamam a acção da authoridade. Todas as nações o tem reconhecido, sigamos seus passos com discrição, e envergonhemo-nos de sermos menos industriosos que nossos passados.

«Não nos pertence dar a norma dos preceitos legislativos para pôr um dique á permissão indefinida e arbitraria dos proprietarios a respeito do córte e arrancamento das mattas e florestas, nem para tornar effectivas e syndicadas as obrigações dos membros do municipio a quem incumbe essa importante tarefa. Persuadimonos porém que dous pontos principaes são de tão evidente e clara regulação que podemos abalançar-nos a os fixar aqui: 1.º Prohibir absolutamente o córte e arrancamento das arvores, mattas e florestas nas collinas, encostas e areaes. 2.º Defender de cortar ou arrancar em mais d'um decimo annualmente as que estiverem plantadas em valles ou planicies; menos que não preceda inspecção e accordo do conselho de districto, que poderá permittir em casos graves e excepcionaes exceder aquella quota, substituindo-a devidamente. Nós não ignoramos o axioma tão encarecido dos economistas modernos, de que o auxilio ás artes e á industria consiste na liberdade que se lhes deixa, e na benevolencia e favor que se lhes distribue. Assim o crêmos tambem; mas acrescentamos que favor e protecção é tambem livral-as da irreflexão, da inexperiencia, do desleixo e da insensata phantasia.» (J. da C. N. C.).

SYNANTHEREAS. N'esta familia estão a beterraba, o espinafre, alface, chicorea, etc.

«As principaes variedades da beterraba, são: a beterraba *campestre*, a *branca*, e a *amarelia*. Constitue um excellente mantimento dos gados sobre tudo do vaccum, para cujo fim, e tambem para o fabrico do assucar se cultiva em grande em alguns paizes. A beterraba quer terra fresca, solta, e fundavel, e estrumes bem curtidos. A semeada faz-se em novembro no nosso paiz. Ha quem semeie em viveiro e depois plante, mas este methodo é dispendioso. Semeia-se em linhas, deitando a semente nos regos que abre uma grade, cujos dentes tem a distancia em que devem figurar as linhas. Os regos são depois cobertos, passando-lhe o rojão. Quando o beterrabal vem muito versudo é util depennal-o, e esta rama se dá ao gado que a come com avidez. Pelo verão ou outono, quando as raizes estão já bem gradas, colhem-se do campo, ou á medida que se precisam se o dito campo tem de ficar devoluto por algum tempo, ou logo todas, e então se arrecadarão em syros ou tulhas, escuros e seccos para bem se conservarem.» (Lapa).

SYNONYMOS. «Se attendermos á etymologia da palavra *synonymo*, que é um adjectivo grego, *synonymos* (de *syn*, com, e *ónoma*, nome) e quer dizer vocabulo que tem a mesma significação que outro, diremos que o diccionario dos *synonymos* d'uma lingua é a disposição por ordem alphabetica de todos os vocabulos que, posto que differentes em soído, orthographia e derivação, representam a mesma, ou pouco mais ou menos a mesma idéa. Assim o entendeu o douto Bluteau quando compoz o seu *Vocabulario de synonymos*, de que o snr. José da Fonseca extrahiu o seu *Diccionario de synonymos*, augmentando-o com alguns artigos e termos novos.

«Entre os modernos philologos alguns querem que, propriamente fallando, não haja *synonymos*, nem nas linguas antigas nem nas modernas; pois que as palavras a que se dá este nome, posto que se refiram a uma mesma idéa, a qualificam de distincto modo, e por conseguinte não significam a mesma cousa e não são *synonymos*. Segundo esta opinião não deve haver nenhum diccionario de *synonymos*, pois é ridiculo escrever d'uma cousa que não existe. Ainda bem que tal opinião é pouco seguida, e muitos litteratos eminentes, sendo d'este numero M. Guizot, entendem por diccionario de *synonymos*, não uma serie de palavras soltas accumuladas umas sobre outras, ás vezes com pouca relação, ou com accepções que nada se parecem, senão um tratado discursado em que se reunam aquelles termos cujo sentido tem grandes relações e leves differenças, mas reaes. Esta é a opinião que seguimos, tanto mais do nosso gosto quanto se desvia dos dous extremos. Todas as vezes que certas palavras se acham ligadas por uma idéa generica, commum, e que se differençam entre si por idéas particulares accessorias não mui distantes, e que uma analyse fina póde só distinguir, diremos que são *synonymas*; e chamaremos *synonymia* á diversidade de aspectos accidentaes debaixo dos quaes se póde considerar a idéa principal.

«Mas, talvez alguem diga, como é que os *synonymos* (no sentido em que definimos esta palavra) se introduziram na lingua? Prolixo seria enumerar todas as causas de sua origem; indicaremos sómente as principaes.

«1.ª A *diversidade dos dialectos*. Todas as tribus ou povoações primitivas d'uma grande nação, quasi independentes umas das outras no principio, tinham cada uma d'ellas seu dialecto particular. Quando um dialecto prevaleceu e veio a ser a lingua commum, foi elle obrigado a associar a si, de algum modo, os outros dialectos; d'aqui resultou uma infinidade de synonymos que insensivelmente se foram distinguindo, se o não eram já por causa da differente marcha que seguiram as diversas tribus ou povoações primitivas na formação das palavras. Sem remontarmos muito alto na historia de nossa lingua, vêmos que no tempo d'el-rei D. Diniz ainda havia em Portugal dous dialectos, um culto (para aquelles tempos semi-barbaros) em que escreviam os poetas ou trovadores, que era o galleziano algum tanto modificado, e o vulgar, mais acastelhanado e rude, que depois se foi aperfeiçoando e por fim prevaleceu áquelle. No primeiro escreveu el-rei D. Diniz suas canções, que na linguagem e estylo muito se parecem com as de Affonso *o Sabio*, de Castella, e no segundo se escreviam os actos e instrumentos publicos, e se traduziam por ordem sua as leis das partidas feitas por seu avô.

«2.ª A *variedade das origens etymologicas*. Não é sómente do latim que o portuguez se deriva; muitas outras linguas concorreram para a sua formação. Phenicios e gregos formaram colonias na peninsula iberica, e deixaram n'ella vestigios de sua linguagem. Povos do norte de differentes raças estabeleceram n'esta vasta região seu dominio, introduziram suas leis e sua fórma de escriptura. Vieram depois os arabes, e não menos poderosos que os precedentes, ahi impozeram sua authoridade e fizeram soar entre os lusitanos sua barbara linguagem. Se a isto juntarmos o con-

tacto dos portuguezes com os povos visinhos, castelhanos, leonezes e gallegos; a vinda de colonias de muitos estrangeiros, francezes, inglezes, flamengos, que desde Affonso Henriques até Affonso III se estabeleceram em Portugal; o grande numero de judeus que até D. Manoel cultivaram entre nós as letras e as artes, e se davam ao commercio interno; as relações litterarias com os italianos e francezes; e a multiplicidade de nações africanas, indiaticas, e americanas, de tão differentes linguas e costumes com quem nossas navegações e descobrimentos nos pozeram em relação; diremos, sem receio de errar, que não ha talvez nação nenhuma na Europa que apresente em sua lingua tanta variedade de origens como a nossa.

«E que de synonymos d'aqui não deviam resultar?

«3.ª A facilidade que tinham os sabios no principio para formar novas palavras por allianças etymologicas muitas vezes obscuras e arbitrarias, foi uma nova fonte de synonymos. Quantos animaes, quantas plantas, quantas cousas do uso ordinario da vida passaram a ter nomes scientificos na medicina, na historia natural, na botanica, na physica, e na chimica, os quaes vindo a generalisar-se formaram synonymos com os nomes vulgares por que d'antes se conheciam?

«4.ª A translação das palavras do seu sentido proprio ao figurado contribuiu não pouco a augmentar o numero dos synonymos. «As linguas mais ricas, diz Dumarsais, não teem sufficiente numero de palavras para exprimir cada idéa particular por um termo que não seja senão o signal proprio d'esta idéa; assim que somos muitas vezes obrigados a tomar prestado o nome proprio d'outra idéa que tem mais relação com o que queremos exprimir.» Assim foi que novos laços de synonymia associaram palavras até então mui afastadas umas das outras. A fecundidade d'esta causa é tão evidente que desnecessario é entrar em prolixas particularidades.

«5.ª A liberdade com que os poetas da idade aurea de nossa litteratura formaram palavras novas, ou aportuguezaram grandissimo numero das latinas, assim como fez tomar á lingua uma physionomia differente da que tinha nos primeiros seculos da monarchia, assim tambem trouxe comsigo avultado numero de synonymos que bem conhecidos são dos que comparam a lingua de nossos cancioneiros e antigas chronicas com a dos *Lusiadas* e da *Vida do arcebispo*.

«6.ª O *neologismo*. Esta lepra de que estão mais ou menos iscados os modernos escriptos, quer isto venha da ignorancia da lingua vernacula, quer proceda do frequente uso de livros estrangeiros, nomeadamente francezes, tem insensivelmente introduzido uma notavel alteração na indole e feições da lingua; e com a substituição de palavras novas ás antigas e mui portuguezas que exprimem a mesma idéa, tem crescido consideravelmente o numero dos synonymos. Em vão teem protestado alguns litteratos contra tão funesto abuso; não se estancou todavia esta fonte, e continua a derramar, mais que nenhuma outra, grande copia de synonymos.

«Taes são as principaes causas que entre nós teem dado tanta extensão á synonymia das palavras.

«E qual é, nos perguntará alguem, a theoria dos *synonymos?* Responderemos com o padre Roubaud: definam-se os termos, tirem-se das definições suas differenças, e confirmem-se com o uso. Isto é pois o que nos propozemos fazer: e para o pôr em obra recorremos a todos os meios que M. Guizot aconselha. Examinamos a etymologia das palavras, sempre que d'ella podia resultar luz para bem as entender e distinguir; apreciamos o valor das terminações quando cumpria para indicar a differença das significações e sua maior ou menor extensão; recorremos algumas vezes ás duas linguas mães, latina e grega, e ás irmãs e parentas da nossa, para illustrar alguns pontos em que ella por si só não bastava; authorisamos, quanto nos foi possivel, nossas asserções com lugares tirados dos authores

de boa nota, com preferencia de Vieira, o qual nos forneceu não poucos synonymos, ou com exemplos tirados do uso vivo da lingua; nem deixamos de indicar o desaccordo que algumas vezes se encontra entre a authoridade classica e a synonymia de termos modernos, preferindo esta áquella quando a razão está por sua parte. Duvidamos que os que entre nós teem escripto ácerca dos synonymos da lingua tenham empregado todos estes meios, por isso tentamos fazer um novo ensaio, que talvez para o diante levaremos a maior perfeição, pois não é escriptura que em pouco tempo bem faça.

«D. fr. Francisco de S. Luiz diz ter achado mui poucos subsidios em nossos classicos para compôr seus synonymos, e que «rarissimas vezes tivera a satisfação de encontrar tão boa e segura guia;» outro tanto não diremos nós, pois só Vieira nos deu grande numero de artigos, e ministrou definições seguras para bem fixar a synonymia de muitas palavras.

«Era Vieira tão propenso a examinar a synonymia das palavras portuguezas, que d'um só synonymo fez um sermão: Crêr em Christo, crêr a Christo.

«Inclinou-nos especialmente a este trabalho a curiosidade de vêr se podiamos imitar em nossa lingua o que alguns estrangeiros teem feito nas suas, isto é, fixar a exacta e peculiar significação de cada uma d'aquellas vozes que o uso, e ainda a authoridade, tem applicado até agora ás mesmas idéas, porém que, examinadas com todo o rigor, explicam a idéa commum, ou com differentes relações, ou descobrindo n'ella outras idéas accessorias que a modificam, de modo que, se nem sempre variam o rigoroso sentido, ao menos dão á phrase differente energia e exactidão, e por conseguinte não se podem usar indistinctamente uma por outra, com igual propriedade em todos os casos.

«Seria affectação ridicula o não convir em que as mais das vezes é mui indifferente seu uso, e em que os synonymos podem ser mui uteis á poesia e ao discurso familiar; áquella para variar as cadencias, e facilitar as medidas e as rimas; e a este para poder encontrar sem dilação a palavra que explique sufficientemente um pensamento que não exige uma rigorosissima escolha de termos. Porém ao orador, ao philosopho, ao sabio, ao facultativo, que teem que dar á sua persuasão, ou á sua explicação a maior precisão, energia e clareza possivel, convem-lhes sobre maneira escolher aquellas vozes e termos que esmiucem, por assim dizer, as mais pequenas modificações das idéas geraes, que apenas se distinguem no uso commum.

«O estudo d'estas differenças tem occupado em todos os tempos a alguns humanistas antigos e modernos, e seria ocioso determo-nos a provar sua utilidade; só diremos com M. Guizot: «O estudo dos synonymos exerce a sagacidade do entendimento acostumando-o a distinguir o que seria facil confundir; determinando o sentido proprio dos termos, previne as disputas de palavras de que são quasi sempre causa os equivocos e amphibologias; fixa o uso, do qual vem a ser a testemunha e o interprete; collige, por assim dizer, as folhas dispersas em que se contém os oraculos d'esta imperiosa sibylla; póde até suppril-as ajudando-se dos recursos que a analyse logica e grammatical lhe ministram; faz adquirir ao estylo aquella propriedade de expressão, aquella precisão, que é a pedra de toque dos grandes escriptores; em fim enriquece a lingua de todos os termos, os quaes distingue d'um modo positivo, porque não é a repetição dos mesmos sons, senão a das mesmas idéas, que enfastia e cança o leitor.» (Roquette).

SYNTAXE. «Syntaxe quer dizer *coordenação;* e chama-se assim esta parte da grammatica, que das palavras separadas ensina a formar e compôr uma oração, ordenando-as segundo as relações, ou de conveniencia ou de determinação em que suas idéas estão umas para as outras,

«Os grammaticos, traduzindo com mais liberdade a palavra grega *syntaxis*, lhe dão o nome de *construcção*. Mas esta palavra tem mais extensão que a de syntaxe. A syntaxe é uma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das cousas que ellas significam, e a construcção uma ordem local authorisada pelo uso nas linguas. Assim, a construcção póde ser ou directa ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N'estas duas orações: *Alexandre venceu a Dario*, e *a Dario venceu Alexandre*, as construcções são contrarias, porém a syntaxe é a mesma.

«Ambas ellas em quanto conduzem para a maior ligação das idéas e clareza da enunciação, são do fôro da grammatica em geral, e da da lingua portugueza em especial, que entre os signaes das relações conta tambem a construcção local dos vocabulos.» (Soares Barbosa).

SYPHÃO. (Veja BOMBA).

SYSTEMA METRICO. 1. «O melhor meio de tornar interessante para as crianças o estudo do calculo é fazel-o desde logo em commum com o do systema metrico. As mais das vezes espera-se, para começar este estudo, que as crianças tenham dado quasi todas a arithmetica. Pensa-se que é necessario exercitar bastante a intelligencia das crianças para comprehenderem o que o systema metrico tem de mais douto no meio da sua simplicidade.

«Ha n'isto completo engano. Não se trata de fazer vêr ás crianças a relação das medidas entre si, e como de uma se póde passar a outra; basta que se familiarisem com o conhecimento e emprego das principaes medidas. Ora, nunca é cedo principiar assim este estudo, maiormente que retardando-o como se faz, os discipulos abandonam a escóla com um conhecimento muito imperfeito do systema metrico, e com mui pouco exercicio pratico, origem depois de um sem numero de erros. Demais, perde-se voluntariamente a vantagem que tem este estudo de tornar interessante o estudo do calculo. Como, além d'isso, se podem fazer calculos que tenham verdadeira utilidade pratica, não empregando medidas que servem para exprimir todas as quantidades, pois que as ignoramos?

«Deve-se pois começar bem cedo este estudo; e é o que se póde fazer logo que as crianças conhecem a numeração e o principio que lhe serve de base. Desde então é mui facil fazer-lhes comprehender como o metro contém 10 decimetros, o decimetro 10 centimetros, e o centimetro 10 millimetros. Demais, não é theoricamente que isto se deve applicar, mas sim praticamente que é util mostral-o, com o metro em punho e medindo com os discipulos. Mostre-se como o kilogramma se decompõe successivamente em hectogrammas, em decagrammas, em grammas, etc.: o mesmo para o litro, os seus multiplos e submultiplos.

«As medidas de superficie e de solidez, cuja comprehensão é mais difficil, virão depois, posto que se não deva fazer muito esperar, pois que a pratica facilita notavelmente a intelligencia d'ellas. Adie-se comtudo as definições scientificas d'estas medidas, a sua relação com o metro, o modo como d'elle se derivam, e os exercicios sobre a transformação d'estas medidas umas nas outras.

«Demais, ensine-se tudo isto pela pratica, medindo e pesando; faça-se principalmente medir e pesar pelos alumnos, pois que aprenderão melhor operando por elles proprios do que vendo operar. Meça-se o comprimento e a largura de todos os objectos da aula: bancos, mesas, escrevaninhas, pedras, muros, soalho, portas, janellas; meçam-se as dimensões da casa, do terrado, do jardim, a distancia entre dous lugares da aldeia; pese-se e meça-se tudo o que tivermos á mão: liquidos, grãos, materias seccas de todas as especies; calcule-se, medindo a superficie da aula, do terrado, d'uma praça, d'um jardim, d'um campo; avalie-se o volume d'uma pilha de estrume, d'um montão de batatas,

de areia, de quaesquer materiaes, a solidez de um pedaço de pedra, o volume d'uma peça de madeira, a capacidade d'um fosso, d'um tanque, d'um vaso, d'uma adega.

«D'este modo temos um abundantissimo manancial de exercicios, que todos são de subido interesse para as crianças, pois que, a um tempo, lhes faz vêr a utilidade da sciencia e lhes satisfaz a necessidade de actividade. Taes exercicios, feitos uma ou duas vezes por semana e apresentados aos alumnos como recompensa de sua applicação, são um dos melhores meios de os excitar ao trabalho e de lhes fazer ganhar o gosto do estudo.» (J. J. Rapet). (Veja METRO, LITRO, GRAMMA, ARE e STERE).

2. «As medidas do actual systema metrico são todas ligadas entre si, todas dependentes d'uma unidade fundamental, tirada das dimensões do globo terrestre, e que novamente se poderia sempre achar quando se viesse a perder ou a alterar; finalmente, estão todas sujeitas a uma numeração decimal, e por consequencia o calculo com estas medidas se effectua pelas regras estabelecidas para os numeros decimaes. A determinação d'estas medidas é devida a uma commissão de sabios francezes.

«Em 1550, Fernel, medico e astronomo, mediu um arco do meridiano comprehendido entre Paris e Amiens, pelo processo simples de contar *os giros da roda da sua sege* até que, por meio de observações astronomicas, reconheceu ter caminhado um grau para o norte. O seu processo era conhecido dos antigos: por meio de rodas dentadas, obtinham que uma roda fizesse um giro durante o mesmo tempo que as rodas da sege fizessem, por exemplo, 400 giros. Esta roda auxiliar tinha na sua circumferencia uma abertura que, a cada giro, vinha coincidir com a abertura de um vaso que continha pequenas espheras; a cada giro da roda, uma pequena esphera passava por esta pequena abertura e cahia em outro vaso. O numero das pequenas espheras, que d'este modo cahiam no vaso inferior durante o movimento da sege, indicava o numero de giros da roda auxiliar; d'onde se concluia o numero de giros das rodas da sege, o qual é 400 vezes maior, e tambem o caminho percorrido, conhecido o comprimento da circumferencia das rodas. Fernel achou para um grau terrestre 57070 toesas (a toesa era a antiga unidade de comprimento).

«No seguinte seculo, em 1669, o astronomo Picard determinou, com uma precisão até então desconhecida, a distancia d'Amiens a Malvoisins, empregando uma *serie de triangulos*; e concluiu 57060 toesas para o grau terrestre.

«De 1693 a 1718, Cassini e seu filho continuaram o trabalho de Picard, com o fim de medirem todo *o arco do meridiano que atravessa a França*, o qual tem mais de 8 graus.

«Comtudo até então tinha-se considerado a terra espherica. Huyghens e Newton, no fim do seculo dezesete, apresentaram pela primeira vez a opinião que *a terra é um ellipsoide achatado nos pólos*. Desde então, a questão da medida da terra tomou um novo grau de interesse scientifico; tanto mais que experiencias fundadas na duração das oscillações do pendulo, feitas simultaneamente em Cayenne, pareciam indicar um engrossamento da terra no equador, e confirmar a opinião d'estes dous grandes geometras. Propoz-se então medir dous graus do meridiano, um no equador, e o outro o mais proximo do pólo.

«Varios academicos emprehenderam estas operações delicadas e trabalhosas. Uns partiram para o Perú, e outros foram para a Laponia. No Perú o grau achou-se menor que o da Laponia, o que resolveu a questão de Huyghens e de Newton, isto é, em favor do achatamento da terra nos pólos.

«Pela mesma data, em 1739, Lacaille e o neto de Cassini recomeçaram as medidas executadas em França por Picard, por Cassini e seu filho; depois, Lacaille foi ao cabo da Boa Esperança medir um arco do meri-

diano, e obteve o comprimento do grau 57040 toesas.

«Finalmente, quando, no fim do ultimo seculo, a assembléa nacional quiz determinar uma unidade fundamental, deduzida das dimensões da terra, mandou proceder a uma nova medida do meridiano. Esta grande operação foi executada em França por Delambre e Mechain, e mais tarde continuada na Hespanha por Arago e Biot. Estes sabios concluiram d'ahi que *a distancia do pólo ao equador, contada sobre o meridiano de Paris, é igual a 5130740 toesas; e a decima-millionesima parte d'esta distancia foi tomada para unidade de comprimento com a designação de metro*, derivado d'uma palavra grega que significa *medida*. Todas as outras medidas derivam do metro; o conjuncto de todas estas medidas constitue o systema metrico.» (Dumouchel).

3. A antiga unidade das medidas de comprimento era o *palmo de craveira* ou *palmo craveiro*. Havia para pequenas extensões a *toesa* que se subdividia em 6 pés, o *pé* em 12 pollegadas, a *pollegada* em 12 linhas.

Para medir as fazendas, estofos, cabos, etc., usava-se da *braça*, *vara*, *covado* e *palmo*. A braça subdividia-se em 2 varas de 5 palmos cada uma. O palmo em 8 pollegadas; a pollegada em 12 linhas de 12 pontos cada uma. A vara e o covado dividiam-se em 3 terças, 4 quartas, 6 sesmas e 8 oitavas. O covado tinha 2 pés, ou 3 palmos.

Para as medidas itinerarias ou de grandes distancias, havia a *legua marinha*, ou de 20 ao grau, que tinha 3 *milhas geographicas*, contendo cada uma 842 braças ou 5:612 pés; a legua de 18 ao grau, que tinha 28:059 palmos craveiros, ou 2:806 braças, ou 3:741 passos geometricos.

O *passo geometrico* tinha 5 pés.

A legua dividia-se em 4 partes, ou quartos de legua.

As superficies eram avaliadas em *braças quadradas*, *varas quadradas*, *palmos* e *pollegadas quadrados*, ou em *leguas quadradas*, *milhas quadradas* e *passos quadrados*.

A braça quadrada contém 4 varas quadradas; a vara, 25 palmos quadrados; o palmo, 64 pollegadas quadradas; a legua, 9 milhas quadradas; a milha, 708:964 braças quadradas.

Não havia em Portugal medidas rigorosamente determinadas para a medição dos terrenos: umas eram puramente lineares, e empregavam-se na designação dos cortornos das propriedades ruraes; outras eram realmente de superficie ou quadradas, mas sómente de uso local. Apontaremos as que eram mais usadas.

Aguilhada é uma medida linear ou vara de 18 palmos de comprimento, empregada nos campos de Coimbra.

Aguilhada de terra, medida de superficie, é um rectangulo formado com 60 aguilhadas lineares de altura e 1 de base.

Alqueire tem 15:625 palmos quadrados, que é o quadrado de 125.

Alqueire de terra é uma extensão de terreno capaz d'um alqueire de semeadura. No Minho reputa-se que um alqueire de centeio occupa 484 varas quadradas, ou 121 braças quadradas.

Hastim, medida de superficie, com 300 varas de comprimento e 5 de largura ou 1:500 varas quadradas (Ribatejo).

Fanga de terra é o trato de terreno que leva 4 alqueires de semeadura.

Geira é a medida agraria mais usual, mas mui variavel, pois que representa o trato de terra que um arado póde lavrar durante um dia. Nos campos de Coimbra é igual a 12 aguilhadas de terra.

As medidas para solidos eram o palmo, pé, pollegada cubica. O palmo cubico tem 512 pollegadas cubicas; o pé cubico, 1:728 pollegadas cubicas.

As medidas de capacidade variam muito, de maneira que quasi cada genero tem medida particular. São ainda hoje usadas, para seccos:

O moio = 15 fangas, ou 60 alqueires; a fanga = 4 alqueires; o alqueire = 4 quartas; a quarta = 2 oitavas; a oitava = 2 maquias; a maquia = 2 selamins.

Para liquidos: O tonel = 2 pipas;

a pipa = 25 almudes; o almude = 2 potes; o pote = 6 canadas; a canada = 4 quartilhos; o quartilho = 2 meios quartilhos = 4 quarteirões. A pipa de vinho no Porto tem 21 almudes e 6 canadas. (Alvará de 20 de dezembro de 1773).

As antigas medidas de peso eram: A tonelada = 13 $^1/_2$ quintaes; o quintal = 4 arrobas; a arroba = 32 arrateis; o arratel = 1 libra e $^1/_3$ = 16 onças; a libra = 1 marco e $^1/_2$; o marco = 8 onças; a onça = 8 oitavas; a oitava = 3 escropulos; o escropulo = 24 grãos. Os pesos de pharmacia são: libra = 12 onças; onça = 8 drachmas; drachma = 3 escropulos; escropulo = 24 grãos.

4. *Comparação das medidas antigas e estrangeiras com o actual systema metrico.* A toesa vale 1m.,98; o pé, 0m.,33; a pollegada, 0m.,0275; a linha, 0m.,0023; o ponto, 0m.,002. A braça vale 2m.,2; a vara, 1m.,10; o palmo, 0m.,22; o covado, 0m.,681. A legua de 20 ao grau vale 5km.,5555; a milha, 1km.,8518; a legua de 18 ao grau, 6km.,173; o passo geometrico, 1m.,65.

A braça quadrada vale 4m. q.,84; a vara quadrada, 1m. q.,21; o palmo quadrado, 0m. q.,0484.

O pé cubico vale 0m. c.,035937; o palmo cubico, 0m. c.,010648; pollegada cubica, 20cent. c.,796875.

O moio vale 8hectol.,28; a fanga, 55lit.,25; o alqueire, 13lit.,80; a quarta, 3lit.,45; a oitava, 1lit.,73; a maquia, 0lit.,86; o selamim, 0lit.,43.

O tonel vale 847lit.,56; a pipa, 423lit.,78; o almude, 16lit.,95; o pote, 8lit.,48; a canada, 1lit.,41; o quartilho, 0lit.,35.

As antigas medidas para seccos e liquidos variavam muito nos differentes pontos do reino. As tabellas de comparação que apresentamos para estas medidas são as do concelho de Lisboa.

A tonelada vale 793kilog.,152; o quintal vale 58kilog.,752; a arroba, 14kilog.,688; o arratel, 459gr.; a libra de pharmacia, 344gr.,25; a onça, 28gr.,6875; a oitava, 3gr.,586; o escropulo, 1gr.,195; o grão, 0gr.,0498.

— A milha legal do reino d'Inglaterra subdivide-se em 8 furlongs = 320 peles = 880 fathoms = 1760 jardas, e vale 1kilom.,6093; a jarda (*Yard*), medida legal da Gran-Bretanha, subdivide-se em 3 pés = 36 pollegadas = 108 grãos de cevada, e vale 0m.,91438; o pé = 12 pollegadas = 120 linhas, vale 0m.,30480. O acre = 4 roods ou fardingdeals = 160 rods = 4840 jardas quadradas = 43560 pés quadrados, vale 40ares,4671. O quarter, medida legal, para seccos, da Gran-Bretanha, $^1/_{10}$ do last = 2 cooms = 4 strikes = 8 bushels = 32 pecks = 64 gallões = 128 pottles = 256 quarts = 512 pints, vale 290litr.,781; o gallão, medida geral da Gran-Bretanha para seccos e liquidos = 2 pottles = 4 quarts = 8 pints = 32 gills, vale 4litr.,5435. O quintal = 4 quarters = 80 stones = 112 libras avoirdupois, vale 50kilog.,800; a libra avoirdupois = 16 onças = 256 drachmas = 7:000 grãos, vale 453gr.,544; a libra de Troy, para ouro, prata, moedas, joias, perolas, etc. = 12 onças = 240 penny-weight = 5760 grãos = 115200 mites, vale 373gr.,202. O guinéo vale 3$654 reis; a libra esterlina, 4$500 reis; o xelim, 225 reis, o pence ou pennique, 19 reis. — O dollar (*Estados-Unidos*) vale 953 reis; a aguia, 9$250 reis. (As outras medidas são as mesmas que na Inglaterra). — A *milha prussiana* vale 7532 metros; a percha, 3m.,766; a toesa, 1m.,833; o pé do Rheno, 0m.,3138; a pollegada, 0m.,262; a percha quadrada, 14m. q.,16; o quintal, 46kilog.,766; a libra de Colonia, 467gr.,66; o marco, 233gr.,83; o loth, 14gr.,61; o *quintin*, 652 reis; o *frederico*, 3$709 reis; o *ducado*, 2$115 reis; o thaler, 662 reis; o silbergros, 21 reis. — O dobrão (*Hespanha*) vale 4$612 reis; a piastra, 970 reis; o duro, 937 reis; a peseta, 193 reis. — O soberano (*Austria*) vale 6$219 reis; o ducado, 2$115 reis; a corôa, 1$032 reis; o florim, 459 reis. — O ducado (*Russia*) vale 2$103 reis; o rublo 823 reis; o solot, 178 reis; o kopek, 7 reis. — O sequim (*Turquia*) vale 1$557 reis; a piastra, 294 reis; o aspre, 24 reis. — A drachma (*Grecia antiga*) valia 160 reis; o tetradrachma, 640 reis;

a mina, 16$065 reis; o talento, 963$900 reis. O sestertium (*romano antigo*) valia 37$485 reis; o dinheiro d'ouro, 3$748 reis; o dinheiro, 150 reis; o sestercio (*sestercius*), 37 reis; o ás, 94 reis. — Estes dados são sufficientes para se proporem aos discipulos muitos problemas sobre a reducção das medidas antigas e estrangeiras, a medidas e moedas portuguezas.

SYSTEMA MONETARIO PORTUGUEZ. 1. O *real*, cujo plural é *reaes* ou *reis*, é a unidade monetaria d'este systema; mas é uma moeda *imaginaria*, *ideal*, ou *de conta*, isto é, á qual não corresponde uma *peça real* de moeda. A esta circumstancia deve a sua invariabilidade, e serve por isso de unidade no calculo dos valores. Os reaes antigos eram moeda corrente, e por isso variavel; e até ao seculo XVII valeram muito mais do que os reaes ou reis actuaes.

A *unidade real* e *principal* do systema monetario portuguez é a peça de ouro de 1$000 reis (decimo de corôa). As outras moedas que completam o actual systema são:

Em ouro: *Corôa de ouro* = 10$000 reis; *meia corôa* = 5$000 reis; *quinto de corôa* = 2$000 reis. Mas a corôa está hoje excluida pela lei.

O *córte* d'estas moedas é feito pelo modo seguinte: 17gr.,735 para cada corôa; 8gr.,868 para cada meia corôa; 3gr.,547 para cada quinto de corôa; 1gr.,774 para cada decimo de corôa. Todas estas moedas devem ter o toque de 0,916 $^2/_3$, que representa 22 *quilates* (isto é, 22 partes d'ouro fino com 2 partes de cobre), sendo reconhecida como legal a tolerancia de 2 por 1:000 em toque e em peso.

Os diametros d'estas moedas são os seguintes: 24m.m na meia corôa; 19m.m,5 no quinto de corôa; 15m.m no decimo de corôa.

Além d'estas moedas de ouro, andam ainda em giro as seguintes: *peças* ou *dobras* de *4 escudos*, cujo valor é 8$000 reis, e o peso 14gr.,188; *meias peças*, ou *meias dobras* de *2 escudos*, cujo valor é 4$000 reis, e o peso 7gr.,094; e as moedas inglezas, admittidas á circulação por decreto de 23 de junho de 1846 e leis de 30 de janeiro de 1851 e 29 de julho de 1854, a saber: os *soberanos*, ou *libras esterlinas*, cujo valor é 4$500 reis e o peso 7gr.,981; os *meios soberanos*, ou *meias libras*, cujo valor é 2$250 reis, e o peso 3gr.,990.

Em prata: *cinco tostões* ou *meia corôa de prata* = 500 reis; *dous tostões* = 200 reis; *tostão* = 100 reis; *meio tostão* = 50 reis.

O córte d'estas moedas é o seguinte: 12gr.,5 para cada meia corôa de prata; 5gr. para cada peça de 2 tostões; 2gr.,5 para cada peça de tostão; 1gr.,25 para cada peça de meio tostão. Todas estas moedas devem ter o toque de 0,916 $^2/_3$, que representa 11 *dinheiros*, isto é, 11 partes de prata fina com *uma* de cobre, sendo admittida a tolerancia de 2 por 1:000 em toque, e 3 por 1:000 em peso.

Os diametros d'estas moedas são os seguintes: 30m.m na de cinco tostões; 24m.m na de dous tostões; 19m.m,5 na tostão; 15m.m na de meio tostão.

As moedas de prata foram mandadas cunhar pelas leis de 24 de abril de 1835 e 29 de julho de 1854, a ultima das quaes mandou cessar a circulação legal das moedas de prata antigas.

Em cobre: *vintem* = 20 reis; *meio vintem*, ou 10 reis; *cinco reis*; *tres reis*.

Estas moedas são batidas em cobre vermelho; e o córte é feito segundo a antiquissima ordenança de um arratel de cobre para 360 reis. Este córte é assim: 500 grammas para 20 peças de vintem; ou para 40 peças de 10 reis; ou para 80 peças de 5 reis; ou para 132 peças de 3 reis.

Os diametros d'estas peças são os seguintes: 37m.m na de vintem; 32m.m na de 10 reis; 27m.m na de 5 reis; 24m.m na de 3 reis.

Ha ainda uma moeda de bronze denominada *patacão* ou *pataco* que começou a lavrar-se em 1811, e cessou o fabrico d'esta má moeda pela lei de 24 d'abril de 1835.

O *pataco* vale 40 rs., e pesa 38gr.,180.

O systema exposto é usado só no continente do reino. Para a parte insular e ultramarina, assim como para desenvolvimentos historicos e de legislação, veja-se o resumo sobre este assumpto inserido no *Almanak de Portugal* para 1856.

2. O systema monetario presta-se a variados problemas, que no ensino, além de serem uteis e attrahentes exercicios de calculo dos numeros fraccionarios e decimaes, são o meio mais facil e suave de fazer fixar aos discipulos os valores das diversas moedas, os seus pesos e diametros. — Sendo os pesos iguaes, a peça de ouro quantas vezes mais vale que a de prata?

Um gramma, por exemplo, de ouro vale $\frac{1000^{rs.}}{1,744}$; um peso igual de prata vale $\frac{200^{rs.}}{5}=40$ reis; logo a relação pedida é $\frac{1000}{1,744}:40=\frac{25}{1,744}=\frac{25000}{1744}$ $=14$ aproximadamente.

E sendo valores iguaes, em que relação estão os pesos das peças de ouro e prata?

A de ouro pesa aproximadamente 14 vezes menos que a de prata.

— Sendo os pesos iguaes, a peça de prata quantas vezes mais vale que a de cobre?

Um gramma de cobre vale $\frac{20^{rs.}}{25}=\frac{4}{5}=50$ aproximadamente.

— Faça-se notar depois que é mui facil determinar o peso d'uma *somma* qualquer em cobre; por exemplo, 4$788 reis.

Cada real de cobre pesa $^5/_4$ do gramma; esta somma pesará pois 4:788 $\times$ $^5/_4$ grammas, ou $1^{kilog.},197$. É igualmente facil achar o peso de uma somma qualquer de prata: por exemplo, 16 tostões. Cada tostão pesa $2^{gr.},5$; por tanto, esta somma pesa $16\times2^{gr.},5$ $=40$ grammas. O peso d'esta quantia em ouro seria 14 vezes menor que o seu peso em prata, isto é, $\frac{40^{gr.}}{14}=$ $2^{gr.},857$. O problema inverso, que póde servir de prova a estes exercicios, os quaes podem ser indefinidamente variados, consiste em determinar o *valor* de um *peso* qualquer de ouro, prata ou cobre. Por exemplo: quanto valem 50 kilogrammas de cobre *cunhado*, 243 decagrammas de prata *cunhada*, e 35 grammas de ouro *cunhado?* Os 50 kilogrammas $=$ 50000 grammas valem 50000 $\times$ $^4/_5$ reis $=$ 40$000 reis; os 243 decagrammas de prata, ou 2430 grammas valem 2430 $\times$ 40 reis $=$ 97$200 reis; os 35 grammas de ouro valeriam 35 $\times$ 40 reis $=$ 1$400, se fossem de prata; mas o ouro vale, sendo o peso igual, 14 vezes mais que a prata; logo, 35 grammas de ouro valem 1$400 reis $\times$ 14 $=$ 19$600 reis. — Quanto pesam 1$600 reis em prata com 15$000 reis em ouro e com 67 reis em cobre? — Com os diametros das differentes moedas, póde-se propôr aos discipulos a determinação do numero das moedas de diversa especie que são necessarias para formarem o comprimento de um metro, collocados bordo a bordo; o que se obtem dividindo 1 metro ou 1000 millimetros pelo diametro de cada uma d'ellas. — Fazei ainda determinar o numero de peças de ouro, prata e cobre que são necessarias para formar o gramma e seus multiplos. Para saber, por exemplo, quantas moedas de *dous tostões* são necessarias para fazer um kilogramma ou 1:000 grammas, divide-se 1:000 grammas por 5 grammas, que é o peso da peça de dous tostões, e obtem-se $\frac{1000}{5}=200$. Logo, para achar o numero de peças necessarias para fazer equilibrio a um qualquer peso, 30 kilogrammas, 73 hectogrammas, etc., deve-se dividir o

numero de *grammas* contidos n'este peso pelo peso da moeda dada.

3. A comparação da *moeda* com o *peso* produz muitos problemas simples tão interessantes quanto proprios para desenvolver a intelligencia. O mesmo succede exprimindo o peso em *volume*. Quantas peças de 500 reis, de 200 reis, de 100 reis são necessarias para pesarem tanto quanto 4 litros, 80 decalitros de agua pura, etc.?

Qual é a *somma* em ouro que tem o mesmo peso que 5 hectolitros de agua pura, 7 centilitros, etc.?

Quantas meias corôas, quinto de corôa, decimo de corôa de ouro são necessarios para fazerem equilibrio a 4 decimetros cubicos de agua, 3 metros cubicos de agua, etc.?

Qual é a *somma* em ouro, em prata e em cobre que tem o mesmo peso que 6 decimetros cubicos, 15 metros cubicos de agua pura, etc.? — Sabendo que o decimetro cubico é em capacidade igual ao litro, e que um litro ou um decimetro cubico de agua pura pesa 1 kilogramma, 1 centimetro cubico 1 gramma, 1 hectolitro 100 kilogrammas, etc.; póde-se responder mui facilmente ás questões precedentes e a outras semelhantes. Exemplo: Qual é a *somma* em ouro que tem peso igual ao de 5 decalitros de agua pura? 5 decalitros = 50 litros, cujo peso é 50 kilogrammas ou 50:000 grammas. Este peso é representado por $50:000 \times 40$ reis em prata, e $50:000 \times 40^{rs.} \times 14$ em ouro. Invertendo estas questões, ter-se-ha outros tantos problemas que serão a prova dos precedentes. Quantos litros de agua pura, decalitros, decimetros cubicos, etc., serão necessarios para obter o mesmo peso que 8$000 reis em cobre, 50$000 reis em prata, 14$000 reis em ouro? — Estas comparações dão assumpto ao professor para formular grande variedade de problemas, que elle proporcionará sempre á capacidade media de seus discipulos. Tudo consiste em saber volver e revolver as questões, mudar os *numeros* e as *cousas*, e fazer a verificação de tudo o que se propõe.

4. O que respeita ao *toque* ou *titulo* das ligas de ouro ou prata já em outro lugar se explicou. (Veja PRATA). Resta dizer como se póde determinar a quantidade de prata ou de ouro *puro* ou *fino* que uma liga qualquer contém. Sejam 34 kilogrammas d'uma baixella de prata ao toque de 0,950, e 720 grammas d'uma de ouro ao toque de 0,920. No primeiro caso, pois que o toque é 0,950, a liga contém $\frac{95}{100}$ de prata pura; 34 kilogrammas conterão, pois, $34^{kilog.} \times \frac{95}{100} = \frac{34^{kilog.} \times 95}{100}$. E no segundo caso sendo o toque 0,920, os 720 grammas de liga de ouro conterão $720^{gr.} \times \frac{92}{100} = \frac{720^{gr.} \times 92}{100}$ de ouro puro. Logo, para achar a prata ou o ouro puro d'uma liga cujo toque é dado, basta pesar esta liga e multiplicar o *peso* obtido pelo *toque* dado. Deve porém observar-se que o producto exprimirá a mesma especie de unidades que o multiplicando. Nos dous exemplos propostos, o primeiro producto virá expresso em kilogrammas, e o segundo em grammas. — Para a regra de *liga*, veja MISTURAS.

SYSTEMA NERVOSO. «Séde das faculdades mais elevadas do animal, intelligencia e seus attributos, o systema nervoso é, por assim dizer, o laço imperceptivel e mysterioso, que prende a materia ao espirito, presidindo a todas as funcções da vida, excitando e regulando a actividade do organismo.

«Auxiliado por um *agente*, *poder*, ou *fluido*, cujas propriedades constituem ainda hoje, e talvez para todo o sempre, um mysterio insondavel, o systema nervoso permitte ao homem o *juizo*, o *raciocinio*, a *reflexão* em fim, sobre tudo que o cerca, e rodeia, po-

dendo tirar d'estas faculdades vantagem, para o seu desenvolvimento e bem estar.

«Dividido entre a parte material e constitutiva do nosso ser, e essè centro das suas operações intellectuaes, o systema nervoso leva o homem ao conhecimento das impressões externas, por meio da sensibilidade, e transmittindo depois ao cerebro o resultado d'estas impressões, dirige a parte material do mesmo homem, segundo os dictames de sua vontade.

«Grandes são os esforços, e maior tem sido o desejo de attribuir uma origem real, e palpavelmente evidente á idéa do homem; mas estes esforços, reanimados na época de Galvani e Volta, cahiram de cansaço, como cahem todas as tentativas intellectuaes em face do dogma.

«As theorias allemãs, de todas talvez as mais profundas, sobre a origem das idéas, e principio activo da intelligencia humana, nada mais fazem do que explicar, e descrever os resultados da mesma intelligencia, e o seu imperio em todo o organismo.

«Contentando-nos, pois, com as observações anatomicas sobre o *systema nervoso*, e com as experiencias physiologicas, que sufficientemente provam a sua importancia na vida, e a sua relação com as diversas funcções, abandonamos esta questão, sobre a qual, quanto mais se diz, menos se comprehende.

«O que é um facto, o que podemos asseverar é que as faculdades intellectuaes do homem residem essencialmente n'esta parte que chamamos *systema nervoso*, de cujo estudo anatomico se occupa a *Nevrologia;* e sabemos isto mesmo por muitas experiencias physiologicas, de que mais tarde daremos noticia.

«No homem, como em todos os animaes vertebrados, o *systema nervoso* compõe-se de duas partes, uma central, que comprehende o *cerebro*, o *cerebello*, e a *medulla espinhal;* outra peripherica, comprehendendo os *nervos sensitivos* e *motores*.

«A parte central, que tambem se chama *eixo-cerebro-espinhal*, é constituida por grandes massas nervosas, que, a salvo dos choques exteriores, se acham protegidas pelos ossos do craneo e pela columna vertebral.

«A parte peripherica é formada por cordões nervosos, que, tendo a sua origem no *eixo-cerebro-espinhal*, se dirigem aos *orgãos dos sentidos*, aos *musculos*, e em geral a todas as partes do corpo.

«A substancia material, que organisa cada uma d'estas partes, é a do *tecido nervoso*, já descripta em outro lugar. Com tudo diremos, que esta substancia molle e polposa apparece nos primeiros tempos da vida, como um quasi fluido, e só depois adquire consistencia proporcional á idade do individuo.

«Laugier no seu curso de chimica, *Matière cérébrale*, pag. 533, attribue a analyse da massa nervosa a Vauquelin; e mr. Regnault, § 1724, tom. 4.º, apresenta, como resultado d'esta analyse, as seguintes substancias:

Um acido gordo, solido, contendo phosphoro . . acido cereberico.
Um acido gordo, liquido, contendo phosphoro. . acido oleophosphorico.
Uma substancia gorda . cholesterina.
Pequenas quantidades de outras substancias, como a *estearina*, a *margarina*, e a *oleina*.

«O *acido cereberico* parece combinar-se com os elementos seguintes, mas sem formar saes crystallisaveis:

Carbone	66,7
Hydrogeneo.	10,6
Azote	2,3
Phosphoro.	0,9
Oxygeneo	19,5
	100,0

«O *cerebro* com o *cerebello* occupam toda a cavidade dos ossos *craneanos*. Esta grande porção de massa nervosa, cujo peso está avaliado por M. Parchappe em 1155 grammas, tem a fórma ovoide, com a extremidade grossa para a parte de traz, com um abaulado sufficientemente regular e achatada aos lados.

«Na parte media da sua superficie exterior, o cerebro apresenta um rê-

go profundo e saliente, que parece dividil-o em duas partes lateraes, e eis a razão porque todos os anatomistas consideram no cerebro *dous hemispherios*, *esquerdo* e *direito*.

«Cada hemispherio, ou antes a massa cerebral de cada hemispherio, descreve muitas voltas tortuosas e salientes (algum tanto semelhantes ás do *intestino delgado*), as quaes tomam o nome de *circumvoluções do cerebro*, aliás muito faceis de observar, logo que se tenha desembaraçado este orgão das suas membranas envolvedôras.

«O cerebro, parte melindrosa e fragil, acha-se protegido contra a dureza, e asperezas internas dos *ossos craneanos*, por tres membranas, de natureza diversa, *dura-mater*, *arachnoide*, e *pia-mater*.

«O cerebello não tem por certo um terço de volume do cerebro, e a sua massa sendo igual em substancias, ostenta com tudo fórma diversa; porque, como vimos, no cerebro apresenta-se em circumvoluções, em quanto que n'este orgão, descreve régos quasi em linha recta, e parallelos uns aos outros.

«Com tudo distingue-se na parte media da superficie do cerebello uma divisão, ou rêgo profundo, que o separa em *dous hemispherios* perfeitamente analogos aos do cerebro.

«Envolvido nas tres membranas, já referidas, continuadas do cerebro — *dura-mater*, *arachnoide*, e *pia-mater*, o cerebello occupa a parte inferior e posterior do craneo, e ahi se liga com a *medulla espinhal* no ponto em que a *protuberancia annular* atravessa os seus hemispherios.

«*Protuberancia annular*, ou *ponte de Varolio* (assim chamada por ser descripta pelo celebre anatomico Varoli) é uma saliencia formada de massa branca nervosa, que atravessa o cerebello de um lado ao outro, servindo, por assim dizer, de ponto de contacto entre este orgão, o cerebro e a medulla espinhal.

«Estas duas partes do systema *eixo-cerebro-espinhal*, *cerebro* e *cerebello* designam-se pelo termo commum — *encephalo*.

«A *medulla espinhal*, que de certo modo é um prolongamento do encephalo, tem a fórma de um longo cordão de substancia nervosa, alojado no canal vertebral.

«Os anatomistas não concordam a respeito da verdadeira origem da medulla espinhal.

«Penetrando nos orificios ligados das vertebras, a medulla estende-se pelas regiões *cervical* e *dorsal*, e acaba na primeira (ás vezes na segunda) vertebra lombar.

«É certo que a medulla não ostenta sempre a mesma grossura, mas tambem é menos exacta a informação dos que affirmam a sua maior grossura em todos os pontos d'inserção de *nervos*.

«A medulla, á proporção que se estende no canal vertebral, torna-se cada vez mais estreita, e ultimamente divide-se em muitos filamentos, ou cordões finos, á semelhança de crinas na cauda de um cavallo (e d'aqui vem, chamar-se esta parte da medulla — *cauda equina*).

«Do eixo-cerebro-espinhal, cujas partes separadamente descrevemos, nascem os diversos nervos, que se encontram em todo o organismo, sendo uns destinados á recepção e transmissão das impressões externas — *nervos sensitivos*, outros á determinação dos movimentos voluntarios — *nervos motores*.

«Estes orgãos que, como sabemos, constituem a parte peripherica do systema nervoso, ostentam geralmente a fórma de cordões brancos e molles, que tendo a sua inserção em diversos pontos da massa central, partem d'ahi para os orgãos que dominam.

«De quarenta e tres pares espalhados pelo organismo animal, 12 nascem do encephalo, atravessam os orificios do craneo, e dirigem-se aos orgãos respectivos: estes (que na maior parte são sensitivos) chamam-se *craneanos* ou *cerebraes*. Os outros 31 pares nascem da medulla espinhal, e são chamados por isso — *nervos espinhaes*.

«Eis-aqui o systema nervoso da vida animal, dividido em parte central

— eixo-cerebro-espinhal, e parte peripherica — nervos *sensitivos* e *motores*, *cerebraes*, e *espinhaes*.

«Além d'este systema, ha outro chamado *systema da vida organica*, *ganglionar* ou *grande nervo sympathico*, o qual mais pertence ás funcções de nutrição do que ás de relação.

«O systema nervoso da vida organica compõe-se de pequenas *massas nervosas*, *centros*, ou *ganglios*, ligados entre si por cordões medullares, que se cruzam com as ramificações do *eixo-cerebro-espinhal*.

«Estes centros, ou ganglios, encontram-se em varias regiões da economia animal, como no craneo, pescoço, thorax, abdomen, e bacia.

«A maior parte d'elles estão collocados symetricamente aos lados da linha media, e adiante da columna vertebral.

«O fim do systema nervoso ganglionar é muito diverso do systema nervoso da vida animal, porque os nervos d'aquelle dirigem-se sempre ao coração, ao estomago, aos intestinos, aos pulmões, e em geral a todos os orgãos, cujos movimentos não estão sujeitos ao dominio da vontade, em quanto que os nervos do eixo-cerebro-espinhal se dirigem aos orgãos dos sentidos, aos musculos, e em geral a todos os que estão sujeitos aos movimentos voluntarios.

«D'esta confrontação nasce o *juizo*, do juizo o *raciocinio*, e em geral todos os outros attributos da intelligencia.

«Formada a vontade do homem, que, por assim dizer, é a conclusão das confrontações ou juizos, que elle fez a respeito das suas impressões, o cerebro communica aos nervos este mesmo resultado, e estes obrando sobre os musculos produzem a sua contracção, e com ella os movimentos do apparelho locomotor na direcção que a mesma vontade escolheu.

«Quanto ao *cerebello*, esse parece estranho ás elevadas funcções do cerebro, e segundo a opinião de muitos physiologistas, elle só serve para coordenar os movimentos voluntarios, como a medulla serve de meio termo entre o cerebro e os nervos; transmittindo áquelle as impressões externas, e a estes o principio do movimento.

«D'este modo o espirito dirige a materia, segundo as nossas necessidades e bem estar.

«O grau de perfeição, com que no cerebro se formam os nossos juizos, ácerca das impressões que soffremos, a maior ou menor rapidez com que *eu* concebo a especie d'essa impressão, e o que devo fazer n'esse caso a bem da minha conservação e utilidade, constitue os graus de talento, que notamos nos seres racionaes, e isto depende de muitas causas, como da melhor ou peor disposição organica, do maior ou menor desenvolvimento intellectual, da experiencia, da educação, etc.» (Silva Junior).

T

TACITO (Cornelio), historiador. São desconhecidos o lugar e data do seu nascimento. Era algum tanto mais velho que Plinio *o Moço*, que nascera no anno 61 depois de Jesus Christo. Deveu Tacito a sua boa estreia ao imperador Vespasiano, e recebeu novos favores de Tito e Domiciano. Em 78 esposou a filha de C. Julio Agricola, com quem tratára casamento um anno antes; sendo Agricola consul. Reinando Domiciano, em 38, foi Tacito pretor, e assistiu como quindecemviro á solemnidade dos jogos seculares, celebrados n'aquelle anno. Agricola morreu em Roma no anno 93. Ignora-se onde estivesse Tacito, quando o sogro falleceu. Reinando Nerva (97) foi Tacito nomeado consul, em lugar de T. Virginio Rufo, que morreu n'aquelle anno, e cuja oração funebre Tacito recitou. Intima amizade ligou Tacito e Plinio. Na collecção das cartas de Plinio ha onze dirigidas a Tacito. Não se sabe quando elle morreu; mas parece ter sobrevivido a Trajano que falleceu em 117. As obras que temos de Tacito são uma

vida de Agricola, seu sogro; as *Historias* que abrangem o periodo desde o segundo consulado de Galba (em 68) até á morte de Domiciano (96): só temos completos os quatro primeiros livros; o quinto não o está; os *Annaes*, que principiam na morte de Augusto (14) e comprehendem o periodo decorrido até á morte de Nero (68), isto é, um espaço de 54 annos; a maior parte do livro 5.º é perdida, bem como o 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, e o fim do 16.º, que é o ultimo; o *Tratado de moribus et Populis Germaniæ*, que é a descripção das nações germanicas; e, finalmente, o *Dialogo sobre os oradores*, obra que se lhe contesta, mas provavelmente sem razão. A dignidade moral de Tacito revê de suas obras; amor á verdade e puros intentos transpiram dos seus escriptos. O grande merito de Tacito surte-lhe do conhecimento do coração humano, e na penetração dos motores do proceder humano; ahi colheu que farte materiaes para o estudo da historia dos imperadores, e particularmente da de Tiberio. Tem o estylo de Tacito sinete particular, bem que a revezes se pareça com o de Sallustio. Nos *Annaes* é conciso, nervoso e gravido de idéas; por vezes, de uma palavra resalta-lhe um pensamento e, se a intenção d'essa palavra não se dilucida, perde-se o intuito do historiador. José Liberato Freire de Carvalho traduziu os *Annaes* de Tacito com frigidissima linguagem; D. José Maria Corrêa de Lacerda comprehendeu habilmente o *Dialogo dos oradores* e a *Vida de Agricola*, dando-lhe um torneio classico de agradavel effeito; o padre Torjó traduziu todas as obras, mas ainda está inedito e já agora assim ficará esse penoso trabalho de tão competente litterato. Existe tambem inedita uma antiga versão da *Vida de Agricola*, por Francisco de Fontes (seculo XVI), e temos os tres primeiros livros dos *Annaes* por Luiz do Conto Felix, de pouca valia.

TALENTO. «Eis aqui como eu defino o talento: um dom que Deus nos faz em segredo, e que nós revelamos sem o pensar.» (Montesquieu). — «Os nossos melhores protectores são os nossos talentos.» (Vauvenargues). — «Os grandes talentos como as pequenas estaturas impertigam-se para parecerem maiores; são de ordinario melindrosos e susceptiveis, como receando que os não vejam.» (De Bonald). — «A mocidade dota-se a si mesma grangeando talentos. Talentos sem virtude tornam-se nocivos.» (M.me Guibert). — O talento não é o espirito nem o genio, nem supprirá o lugar de algum d'elles: póde haver grandes talentos para certas cousas, e ser quem o tiver um nescio para tudo o mais.

TAVIRA. «Tavira, antiga, aprazivel, e famigerada cidade, que alguns querem seja a antiga *Balsa;* mas segundo o itinerario de Antonio de Vessel (pag. 426, XVI ms.) estava esta situada na costa do Algarve em altura de 37º e 36′ de longitude, 5 leguas de Ayamonte ou *Esuri*, e 4 da capital *Ossonoba*, ficando Tavira no meio; o que tudo é conforme com as distancias que Antonino escreve haver de uma terra a outra. Foram antigamente famosos estes *povos balsenses*, e pertenciam estipendiarios ao concelho juridico pacence, assim como os de *Esuri*. Foi tomada aos mouros pelo famoso D. Paio Peres Corrêa em 11 de junho de 1242, em consequencia da inesperada perfidia de seus habitantes praticada para com uns cavalleiros, que de Cacella tinham ido caçar nos arredores de Tavira. El-rei D. Sancho II fez doação d'ella com o padroado da igreja á ordem de S. Thiago por carta de 9 de janeiro de 1244 em retribuição de ter sido tomada por seus cavalleiros. D. Affonso III lhe deu foral com o titulo de villa, que D. Manoel depois reformou. Por aquelle primeiro se vê que reservou el-rei certos bens, que por seus almoxarifes mandavam seus successores administrar, e arrecadar as rendas até D. Fernando. El-rei de Castella, quando abandonou as pretenções que tinha sobre o Algarve, fez entregar a D. Affonso III o castello de Tavira, e os mais d'este reino, por carta de 16 de

fevereiro de 1267 dirigida a D. João de Aboim, mordomo-mór do de Portugal, e a D. Pedro Annes, seu filho, quitando-os da homenagem que por elles tinham dado. Estando el-rei D. Diniz n'esta villa deu carta de privilegios a seus moradores, datada em 15 de abril de 1303, para que seus herdamentos não podessem ser penhorados ou vendidos por dividas, excepto sendo real; privilegio que foi confirmado e ampliado aos bois, não excedendo a quatro, por D. Manoel em carta dada na mesma villa em 17 de abril de 1509, e ainda por D. João III em 1525. Foi murada pelo mesmo rei D. Diniz, ou antes por elle foram reparadas as muralhas que havia em tempo dos mouros, e talvez acrescentado o seu recinto.

«Os seus habitantes fizeram assignalados serviços nas guerras da expulsão dos mouros, conquista da Africa, soccorros que mandaram ás praças cercadas, como a Arzila em 1516, a Mazagão em 1576, e varios outros, que mencionaram na allegação que fizeram ao conselho da fazenda pelos annos de 1662 e 1663 para ter feira franca no principio de outubro, o que os de Faro impugnavam; pelo que lhes foram concedidos varios e valiosos privilegios particulares, além dos communs com os demais habitantes do Algarve, que já ficam referidos. Por carta de 21 de dezembro de 1383 lhe havia sido restituido o privilegio de ter almotaçaria civel e crime que el-rei D. Fernando lhe tirára. El-rei D. Manoel, por carta de 22 de fevereiro de 1509, a havia escolhido para couto de homisiados, que de Castella, ou quaesquer portos do reino, alli quizessem vir recolher-se dentro de 4 mezes. Em carta de 10 de março de 1458 foi permittido aos mareantes, e pescadores poderem ir vender seus pescados onde, e como quizessem. Em outra de 2 de novembro de 1555 foi concedido aos mesmos que fossem casados, e a suas mulheres, quanto á prisão de suas pessoas sómente, o privilegio outorgado aos escudeiros do Algarve, o qual ainda D. Filippe confirmou em 20 de março de 1584. A todos os escudeiros de Tavira tinha el-rei D. Manoel concedido por carta de 14 de setembro de 1506, que, quando devessem ser presos, fossem tratados como os cavalleiros em suas prisões; e os peões e povo houvessem nos casos crimes, excepto furto, as penas que as leis impõem aos escudeiros, não sendo jámais açoutados, degradados com pregão, nem recebam penas publicas por suas culpas e maleficios; isto em attenção a terem os reis recebido continuados serviços nas armadas e soccorros de além-mar, em que expunham suas pessoas, e gastavam sua fazenda; el-rei D. João III confirmou este privilegio em 10 de novembro de 1525. Por tão egregios serviços elevou o mesmo D. Manoel a povoação á categoria de cidade por carta de 17 de março de 1520. O mesmo rei, attendendo ao requerimento dos officiaes mecanicos, e povo d'esta cidade lhe deu o regimento dos mesteres, datado a 18 de agosto de 1539, no qual é bem digno de observar-se a consideração em que era tida a gente do geral, ou terceiro estado; e como tinham parte em os negocios importantes do concelho. As suas armas são uma ponte com dous castellos e um navio á vela por baixo da ponte. Assento em côrtes no banco 2.º N'esta cidade e seus arredores habitavam então familias mui distinctas por fidalguia, das quaes recolheu com cuidado alguns nomes o erudito Damião Antonio de Lemos Faria e Castro. Varias vezes aportaram aqui os nossos reis, quando passavam á Africa, ou d'além regressavam ao reino. Em junho de 1489 foi el-rei D. João II com toda a côrte assistir n'esta villa, quando mandou Gaspar Juzarte com uma armada construir a villa Graciosa no rio de Laraxe, a fim de estar mais perto, e remediar qualquer inconveniente que occorresse, para o que recebia avisos diarios do que lá se passava; demorando-se até setembro, em que voltou a armada tendo abandonado a villa por não poder resistir ao apertado cerco que lhe pozeram os mouros.

«Pelo terremoto de 1755 soffreu a

cidade consideravelmente: a rua nova pequena, corredoura, e ribeira ficaram inhabitaveis; o convento de S. Francisco padeceu muitas ruinas; ficou arrazado o hospital, que se estava acabando de reedificar; morreu uma rapariga. Já tinha padecido outra igual ou maior catastrophe no que houve a 27 de dezembro de 1722 ás 6 horas da tarde. N'ella está o quartel general, governador da praça com os fortes e baterias da sua dependencia. Era cabeça de comarca; residencia do corregedor, do provedor das comarcas do Algarve, e de juiz de fóra, hoje de juiz ordinario. Alfandega, que já foi de maior rendimento do que qualquer das outras; ao presente em muita decadencia. Professor de grammatica latina, e mestre de primeiras letras. O correio chega nas terças, quintas, e sabbados, e parte nos dias immediatos ás 8 horas da manhã para Faro, onde só o da quinta e sabbado espera pelas cartas para Lisboa, porque o da terça feira, que chega a Faro n'esse dia pela manhã, volta logo de tarde para Lisboa sem esperar pelas malas de éste e oeste, o que não acontece aos outros dous que se demoram até ao dia seguinte.

«Está a cidade de Tavira situada em terreno agradavel e ameno, cortada pelo rio Gilaon ou Sequa, hoje Aceca, que a divide em duas partes, com uma bella ponte de cantaria de sete arcos, que serve para a communicação entre ambas; boas ruas com algumas casas nobres: bonita praça rectangular á margem direita do rio, aformoseada com os paços do concelho, sobre uma excellente arcada de cantaria, em um dos angulos da qual está embutida na pedra a figura da cabeça de um homem, que dizem ser do inclito conquistador, em altura gigantesca, como é tradição ter elle, sem que todavia haja fundamento algum para o asseverar. Debaixo d'esta arcada, e na praça ha todos os dias abundante mercado de caça, frutas, hortaliça, pão, e varios outros comestiveis, e generos do paiz.

«Offerece a cidade a quem entra pelo rio o mais lindo painel: avistam-se de ambos os lados bem cultivadas fazendas de vinhas, e arvoredos, semeadas de casaes mui caiados, entrecortadas de varios regatos que as aguas tem formado; marinhas, moinhos, palhoças de pescadores á margem; segue-se a cidade áquem, e além da ponte com edificios bastante branqueados, grandes quintaes verdejando entes elles; no fundo a serra em amphitheatro coberto de alfarrobeiras, oliveiras, e medronheiros que todo o anno conservam a folha, figueiras, amendoeiras e vinhas que a despem, matizando entre ellas as searas e relvas na primavera e verão.» (Silva Lopes).

TELEGRAPHO ELECTRICO. «O progresso do entendimento humano na physica mecanica, é, sem duvida, admiravel no presente seculo. Os grandes talentos entretinham-se antigamente quasi exclusivamente com outras materias: — com a metaphysica sempre absoluta, e com a polemica religiosa que nunca tem fim. Um ou outro author por acaso escreveu sobre politica; mas apenas a sua obra via a luz do dia era logo censurada, e acabados os clamores da critica cahia immediatamente em esquecimento. A mecanica, e as suas uteis applicações, então esquecidas, é hoje, para assim o dizermos, a sciencia da moda.

«A singularidade de um telegrapho sem signaes de convenção — sem necessidade de luz natural ou artificial — e carecendo apenas de duas pessoas que se communiquem, deve dispensar preambulos para dar lugar a que descrevamos tão curioso invento. Muitos aspiram á honra da descoberta por terem dado esclarecimentos mais ou menos explicitos; porém um escocez, M. Alexandre, foi quem venceu todas as difficuldades da invenção; e quem completando a machina mostrou a sua applicação pratica.

«No meado de novembro do anno preterito (1838) apresentou M. Alexandre em uma conferencia numerosa da sociedade das artes de Edimburgo, um modêlo explicando a natureza e poder d'esta machina. Consis-

te elle em uma caixa de madeira de duas varas de comprido e uma de largo, e de vara de altura de um lado e de pouco mais de um terço de vara de outro. A largura e altura d'este modêlo correspondem á machina de grande extensão; por quanto, ainda que apenas tenha duas varas de comprimento para facilidade de transportal-a a qualquer parte, póde com tudo abranger vinte ou quarenta e até mais de cem se fôr preciso.

«De uma extremidade a outra vêem-se trinta fios de cobre estendidos e separados entre si. Na ponta, a que, para distinguil-a, chamaremos meridional, estão os mesmos fios atados a uma serie de teclas de madeira, mui semelhantes a teclas de orgão; e na outra ponta (a do norte) ha trinta agulheirinhos collocados com igualdade em seis fileiras de cinco buracos cada uma, n'uma especie de taboa crivada, de vara de comprimento, que fórma a extremidade da caixa. Debaixo d'estes agulheiros, pela parte interior, estão as 26 letras do alphabeto inglez pintadas de negro, com os correspondentes pontos, colon, semi-colon, e comas, servindo uma estrellinha para marcar o fim da palavra. As letras são do tamanho de pollegada quadrada; e nas teclas da outra extremidade estão igualmente pintadas as mesmas letras pela ordem do abecedario. Os fios de cobre servem para a communicação das letras da maneira seguinte:

«Compõe-se este machinismo pela parte meridional de duas folhas de zinco e cobre postas debaixo das teclas, e pela do norte de trinta agulhas magneticas, formando uma bateria galvanica de quatro pollegadas de largo cada uma, postas por detraz das letras pintadas na taboa. — Movem-se estas agulhas horisontalmente sobre eixos e estando equilibradas dentro de um aro chato de folha de cobre, formado das pontas dos fios de communicação. — Nas pontas do norte das agulhas cevadas ha bocadinhos quadrados de papel preto collocados em frente da taboa, que servem para mostrar ou occultar as letras.

«Qualquer dos trinta fios, postos em communicação com a bateria na parte meridional, transmitte rapidamente a influencia galvanica á ponta do norte, e segundo a bem conhecida regra descoberta por Œrested, a agulha magnetisada que está na extremidade d'aquelle fio volta immediatamente a direita ou a esquerda á ponta do norte, levando comsigo o bocado de papel negro, que deixa por conseguinte descoberta a letra. Por exemplo: apertada até abaixo com o dedo a tecla *A* na ponta meridional, o fio que a ella está ligado entra immediatamente em communicação com a bateria, e pela influencia galvanica volta rapidamente a agulha á ponta do norte, levando comsigo o bocado de papel, e ficando patente a letra *A* á ponta do norte da caixa ou machina. Levantando o dedo da tecla sobe esta á sua posição natural como a de um orgão: — cessa logo a communicação do fio com a bateria; a agulha recobra a sua posição quieta: e a letra *A* fica occulta debaixo do dito bocado de papel preto. O mesmo succede tocando com o dedo em qualquer outra letra do alphabeto, ou das quatro teclas destinadas para pontos.

«Com este exemplo fica evidente que tocando successivamente com os dedos nas teclas correspondentes a qualquer palavra ou nome, as letras de que se compõe a mesma palavra hão de divisar-se successivamente na outra ponta. — «O nome de *Victoria*, diz o editor do *Scotsman*, diario de Edimburgo, foi o primeiro ensaio do telegrapho electrico na conferencia da sociedade das artes.» Do mesmo modo se póde continuar a communicação mostrando o signal de cada palavra, e a coma ou ponto depois de cada sentença ou periodo.

«Bem sabido é que o galvanismo carece de um circulo perfeito para as suas operações. Não só é mister levar um fio ao lugar d'onde se intenta fazer a communicação: — convém igualmente que elle se volte logo para a bateria.» (Rivara).

O telegrapho submarino só differe do precedente em se mergulharem os

fios no mar preservados da humidade por um envolucro de gutta-percha. Em 1850 um telegrapho submarino ligou a Inglaterra á França entre Douvres e Calais. Analogos se estabeleceram entre Inglaterra e Irlanda, Belgica, Hollanda, Dinamarca, entre a França, Italia, Corsega, Sardenha, Sicilia, Algeria, etc. Trata-se de estabelecer um telegrapho de igual natureza entre Portugal e Brazil.

TEMPERATURA. Se collocamos muitos corpos em presença uns dos outros, desigualmente quentes, reconhecemos que entre elles se opéra uma especie de communicação em virtude da qual experimentam modificações inversas; os mais quentes arrefecem, e os mais frios aquecem-se. Passado maior ou menor espaço de tempo, estes phenomenos inversos cessam, e os corpos se constituem em estado de mutuo equilibrio. Dizemos então que se acham na mesma temperatura. Se n'este momento fazemos actuar sobre elles uma causa calorifica, dizemos que *augmentaram de temperatura*; se os deixamos á sua propria acção, em um meio mais frio, então arrefecem, e nós dizemos que *diminuiram de temperatura*. A palavra *temperatura* designa pois certo estado de equilibrio relativamente ás causas physicas que produzem sensações de calor e frio. Partindo de algum d'estes estados determinados, dizer que a temperatura de um corpo augmenta ou diminue, importa o mesmo que dizer que o corpo se aquece ou esfria.

«As idéas de calor e de frio são relativas, como o são as impressões do quente e do frio. Se mergulharmos a mão direita em agua nevada, e a mão esquerda em agua a ferver, e se depois mergulharmos ambas em agua morna, a primeira receberá uma impressão de calor e a segunda uma impressão de frio.

«Não é por conseguinte pela impressão sobre os nossos orgãos que podemos apreciar as quantidades de calor; porque essa impressão não é absoluta, mas sim dependente do estado dos mesmos orgãos.

«Se os corpos são quentes, porque as suas particulas estão em continuo movimento vibratorio; se o movimento é um principio geral da natureza; se elle é, como parece provado, inherente á materia; não podemos admittir o repouso nas particulas dos corpos e, por conseguinte, a ausencia de calor nos mesmos corpos.

É o sol a origem principal do calor, considerado á superficie da terra: é ás differentes posições d'esta em relação a elle, que se devem as estações, assim como os dias e as noites.

«Contribue o calor para a formação de um grande numero de phenomenos que se observam no seio da atmosphera, e que, em geral, se denominam *meteoros*; taes como o orvalho, a geada, os nevoeiros, as nuvens, a chuva, a neve, etc.; assim como dá origem, directa e indirectamente, ao movimento do ar conhecido pela denominação de vento, o qual tem uma influencia decidida na formação dos mesmos meteoros.

«A determinação do calor á superficie da terra subministra-nos por estas razões, um elemento importantissimo para resolver as questões da meteorologia, principalmente comparando-o com outros elementos, de que trataremos em artigos subsequentes.

«Não encarando a questão por esta face, puramente scientifica, limitar-nos-hemos a descrever o instrumento mais simples, e de que é mui facil fazer uso, para determinar a temperatura dos corpos.

«Denominam-se *thermometros* os instrumentos destinados a indicar as variações de temperatura. A sua construcção funda-se na propriedade, que tem os corpos, de augmentarem ou diminuirem de volume, quando a sua temperatura augmenta ou diminue.

«Emprega-se de preferencia o mercurio ou o alcool na construcção dos thermometros ordinarios; porque a dilatação d'estes liquidos, muito superior á do vidro que os contém, faz-se com bastante regularidade entre os

limites da temperatura, que o thermometro deve marcar.

«Os thermometros ordinarios constam de um tubo de vidro fechado na parte superior, e ligado inferiormente a um reservatorio tambem de vidro, contendo o liquido, que occupa tambem uma parte do tubo. O instrumento póde estar mettido n'um estojo de madeira, no qual estão traçadas duas graduações, uma de cada lado do tubo. Se o instrumento deve servir para avaliar temperaturas de banhos, a graduação é feita sobre o proprio tubo; ou então a parte inferior do estojo póde dobrar-se, por meio de charneira, deixando a descoberto o reservatorio do thermometro, para poder ser mergulhado.

«As duas graduações, denominadas centigrada uma e de Reaumur a outra, obtem-se dividindo em 100 ou 80 partes iguaes o augmento que experimenta o volume do liquido quando passa de receber a temperatura do gêlo, na occasião de fundir-se, a receber a temperatura do vapor da agua. Diz-se pois que a temperatura do gêlo fundente é de 0° (zero de graus) em qualquer das escalas: e é de 100° ou 80° a do vapor da agua na 1.ª ou na 2.ª escala.

«As divisões, assim obtidas ao lado do tubo continuam-se para baixo de zero, e tem-se assim temperaturas, chamadas abaixo de zero.

«Para as temperaturas do nosso clima basta que a escala centigrada comprehenda de 50° a 100° abaixo de zero; por isso a graduação da maior parte dos thermometros é feita por comparação com outros, graduados pela maneira que indicamos.

Se 100° centigrados valem 80° Reaumur, um grau centigrado vale $^{8}/_{10}$ ou $^{5}/_{4}$ de um Reaumur; para converter pois um numero dos primeiros nos segundos é preciso subtrahir-lhe $^{1}/_{5}$: e como um grau Reaumur equivale a $^{10}/_{8}$ ou $^{5}/_{4}$ de um grau centigrado, para converter um numero d'aquelles n'estes é preciso acrescentar-lhe $^{1}/_{4}$.

«São estes thermometros de ordinario acompanhados de alguns dizeres, que explicaremos em poucas palavras.

«Vê-se por exemplo junto á divisão 40° centigrados as palavras *calor humano*. Isto quer dizer que é de 40° centigrados a temperatura media do sangue arterial.

Junto a 32° está indicado *banhos ordinarios;* porque convindo poder regular o calor dos banhos quentes; é esta a temperatura a que se deve levar a agua.

«Junto a 8° vê-se a palavra *laranjeiras;* porque a cultura em caixotes das laranjeiras, nos paizes frios ou temperados, exige que se colloquem durante sete mezes do anno em estufas, que devem ter a temperatura de 8°.

«As plantas, que crescem naturalmente entre os tropicos, precisam nos nossos climas ser resguardadas em estufas, que devem manter a temperatura de 19°, termo medio; por esta razão se vêem junto a este numero de graus as palavras *estufas quentes.*

«Além d'estes dizeres os thermometros tem outros; taes são: *bichos de seda* 24°; *quartos para doentes* 21°; *calor dos quartos de cama* 15°, etc., que não carecem de explicação.

«Durante o dia indica o *thermometro* temperaturas muito differentes. Para obter o valor da temperatura media do dia parece, pois, natural observar o thermometro muitas vezes, nas vinte e quatro horas, e dividir a somma das temperaturas obtidas pelo numero de observações. Um tal methodo, porém, seria muito fatigante, e tem-se reconhecido que se chega a um resultado, não muito distante da verdade, tomando a media das temperaturas maxima e minima durante o dia, de que alguns thermometros conservam a indicação.

«Querendo saber a temperatura de um mez recorre-se ás medias da temperatura de todos os seus dias: da mesma maneira a temperatura do anno é a media da temperatura dos doze mezes; e a temperatura de um lugar a media da de muitos annos.

«Pondo de parte o valor absoluto da temperatura nos diversos lugares

do globo, valor que depende da posição d'esse lugar, da proximidade dos mares, da frequencia dos ventos e chuvas, etc., diremos em poucas palavras qual a marcha constante do thermometro no decurso d'um anno.

«Tem-se observado que nas nossas regiões temperadas a temperatura minima é no dia 15 de janeiro; a partir d'este dia a temperatura cresce até julho, attingindo o maximo no dia 26 d'este mez, termo medio; começa depois a decrescer até janeiro, e assim successivamente. Entre as épocas de menor e de maior calor ha dous dias que tem a temperatura media do anno: esses dias são, termo medio, os 24 de abril e 21 de outubro.

«Sendo natural fazer corresponder o dia 15 de janeiro (dia mais frio) ao meio do inverno, deve começar esta estação no 1.º de dezembro e acabar no ultimo de fevereiro; a primavera constará dos mezes de março, abril e maio; o estio de junho, julho e agosto; e o outomno de setembro, outubro e novembro. Estas estações, baseadas na marcha da temperatura, são conhecidas pelo nome de *estações meteorologicas.*» (Adriano Augusto de Pina Vidal).

TERCEIRO SECULO (antes de Jesus Christo). Após aturada guerra contra os samnitas, resistiu Roma a dous formidaveis inimigos, a Pyrrho, rei do Epiro, e a Carthago principalmente, sobre cidade opulenta, governada por Annibal, muitas vezes victorioso de Roma, quando era austera e pobre. A primeira guerra punica foi um longo e sanguinoso preludio. Na segunda, Annibal, atravessando Hespanha e Pyrenéos, Gallia e Alpes, logrou prodigios que andam estofados de superfluos encarecimentos. Vencedor no Tessino, na Trebia, no Trasimeno e Cannas, avançou e parou em frente da consternada Roma. A despeito do seu alto engenho, foi obrigado a deixar o temporisador Fabio e o ardido Scipião restabelecer as forças romanas pela paciencia, perseverança, coragem, e alfim pela victoria de Zama.

Eis aqui as grandes scenas d'esse seculo. Sparta e Athenas eram como extinctas. Os principios de liberdade acolheram-se aos acheus. Este povo, até então obscuro, inspirado por Arato, corre a soccorrer as cidades escravisadas, prodigalisa haveres e sangue na liberdade d'ellas, nada lhes exige, e crê-se de sobra remunerada se as vê venturosas. A ambição de Cleomeno, que se não contenta com fazer resurgir Sparta nas instituições de Lycurgo, destroe a harmonia entre os gregos. Arato, fugindo á supremacia lacedemonica, alliga-se a Macedonia, e Philippe III crê poder com esta alliança de parte da Grecia abraçar a causa de Annibal.

Fatiga a attenção a successão dos regulos successores de Alexandre. Enxameia na historia uma alluvião de monarchas. Multiplicam-se as scenas, amontoam-se as catastrophes sem minimo proveito das nações. Apenas os Ptolomeus no Egypto, e os principes de Pergamo na Asia, se esforçam em recolher as reliquias da litteratura e das artes athenienses. Euclides, Erasthotenes, Apollonio de Perga illustram a escóla de Alexandria. Syracusa reivindica Archimedes que excedeu a todos. A gloria dos poetas é menos fulgurante. O obscuro romance do caldeu Lycophron, as estiradas narrativas de Apollonio de Rhodio assignalam a decadencia de uma litteratura que os hymnos de Callimaco e os idyllios de Theocrito não vingaram reanimar. Não obstante, Ennio e Plauto começam em Roma litteratura nova. A rudeza e energia de Ennio apenas podemos conjectural-as de pequenissimas reliquias; Plauto, que seria o primeiro comico da antiguidade se tivesse melhor discernento e mais apurado gosto, não podia deixar de conformar-se aos costumes e linguagem dos romanos seus coevos.

TERCEIRO SECULO (depois de Jesus Christo). Este secúlo superabunda em catastrophes. Orçam por mais de sessenta os personagens que diversamente obtiveram, conquistan-

do e usurpando o nome de imperadores romanos. Desde Septimio Severo até Diocleciano, deploravel cadêa de intrigas obscuras, de vilissimas ambições, de motins populares, tumultos militares, assolaram Roma, enfraqueceram o imperio. Apenas entreluziu o governo do corajoso Alexandre Severo. As hediondas fórmas do despotismo oriental insinuaram-se na Italia com os deuses syrios. Roma já não era a residencia dos senhores do mundo. A necessidade de defender-se contra os barbaros invasores, contra os povos rebeldes, deu origem á tetrarchia de Diocleciano que preparou a partilha do territorio do imperio.

A maior revolução d'esta época foi a que aniquilou a dynastia dos reis parthas ou arsacidas, e restaurou o poderio dos persas. A dynastia dos sassanidas defende, augmenta, tyrannisa o imperio asiatico. Essa sobreviverá aos Cesares do occidente.

Em meio das desordens que affligem e desangram o imperio romano, cultivava-se a sciencia que devia reprimil-as, a jurisprudencia. Julio Paulo, Modestino, Papimano, Ulpiano investigavam os principios das leis antigas e acarreavam achegas para o edificio das legislações modernas.

Os outros estudos languiam. A litteratura grega, bem que a mais activa, contava-se por medianas obras de Elio e dos dous Philostratos, pela metaphysica do obscuro Plotino e do pythagorico Porphyrio, pelas noticias de Diogenes Laercio ácerca dos antigos philosophos, e pelas elegantes, mas pouco razoaveis, historias de Herodiano, e os annaes do credulo Cassius. O *Tratado* de Longino (tão elegantemente vertido a portuguez por Filinto Elysio) parece ser o primeiro monumento d'essa idade. Em latim, as eclogas de Calpurnio e Nemesiano, os frios panegyricos, que, á imitação de Plinio *o Moço*, compozeram Mamertino e Eumenes; algumas biographias dos imperadores romanos por Lampridio e Sparciano (*Historia Augusta*); o opusculo de Solino sobre geographia, o de Censorino, que dá preciosas noções sobre chronologia technica, attestam a decadencia da lingua, e desvigor dos animos. Mas — em parenthesis irrisorio — n'aquelle tempo escreveu Apicio uma *Arte de cozinha!*

Um novo genero de litteratura se formou que a poucas voltas absorveu todas as de mais. S. Clemente de Alexandria e Origenes, em grego; Tertulliano, S. Cypriano e Arnobio, na lingua latina algum tanto aspera e barbara, mas sempre nervosa, defendiam e glossavam os dogmas evangelicos, contrapunham-os á philosophia de Athenas, ou curavam de a conciliarem com o Evangelho. S. Clemente foi philosopho christão, orthodoxo, mas propenso ao platonismo. Em suas obras, mórmente na collectanea chamada *Stromatas* mescla-se a historia das sciencias e tradições da antiguidade com as das primitivas heresias. Muitos doutores, pondo o fito em defender as verdades evangelicas, por demasia de zelo contra a heresia, tornaram-se hereticos. Multiplicaram-se as seitas. A Trindade e Encarnação foram erroneamente interpretadas. O vetusto systema dos dous principios inoculou-se em muitas igrejas, remoçado por Manes, de quem houveram nome os manicheus. No marulho das seitas, partidos e facções, o christianismo propagava-se, quer favorecido quer tolerado, ou perseguido pelos imperadores que rapidamente se succediam, e que sempre mal seguros não podiam ter, quer em materia religiosa quer em civil, politica constante e procedentemente uniforme. O antigo paganismo era incapaz de se levantar do descredito em que cahira; os philosophos procuravam outros dogmas, ligando-se menos a contradizer os do christianismo que a modifical-os, tendendo a explical-os, conciliando-os com as doutrinas de Pythagoras e Platão: chamavam-se eclecticos, mas faziam todos os esforços para sustentar a mythologia e a liturgia pagã. O platonismo era então a base de toda a philosophia; os christãos como S. Clemente e Origenes aceitavam o eclectismo tanto como os pagãos Plotino, e Porphyrio.

TEREBINTHACEAS. A maior parte das terebinthaceas são vegetaes exoticos, proprios das regiões intertropicaes: são estimados pelos succos resinosos, e balsamicos, por servirem á tinturaria, e alguns pelos fructos. Taes são o sumagre, a mangueira, o lentisco, e o alfostigueiro.

TERENCIO (Publius-Terencius-Afer). Poeta dramatico latino, nascido na Africa, e segundo alguns em Carthago, no anno 192 ou 193 antes de Jesus Christo.

Das seis comedias que Terencio nos deixou, quatro mereceram a honra de passar com algumas mudanças sobre a scena franceza, fazendo ao cabo de vinte seculos as delicias da alta sociedade, como em Roma o tinham sido dos Lelios e Scipiões.

No entanto, aquelles que estão privados de poder lêr as suas obras na sua propria lingua, não podem lisonjear-se de o conhecer senão por metade.

TERMOS DE ARCHITECTURA. «*Abaco.* E' a parte superior do capitel da columna, principalmente na ordem corinthia; serve como de tapador ao cesto de flôres, que n'ella se representa. Tem seu bocel e faxa.

«*Acroterios*, ou *Acroterias.* E' o que serve de ornato ás portas mais altas dos frontispicios, como pedestaes pequenos no meio, e nas duas extremidades d'elles: ou nos ditos lugares são pedras que sustentam urnas, estatuas, ou outras figuras.

«*Adela.* É o lanço da face interior das pedras do arco, abaixo do capitel do proprio arco.

«*Amphitheatro.* É um grande edificio redondo, ou ovado, com muitas ordens de degraus, aonde se sentava grande numero de gente, sem impedirem uns aos outros a vista do que se passava no terreiro. N'elle se viam combates de gladiadores ou esgrimidores, e dos homens com as feras, ou de feras com feras; e outros exercicios nos jogos solemnes de Roma, e outras cidades, antigamente.

«*Ante-camara.* É a casa anterior á camara em que se dorme.

«*Apainelado.* É o tecto ornado, ou forrado de paineis; ou tambem a parede.

«*Aqueducto.* É cano feito para lançar agua fóra de um lugar para outro; ou por onde vem agua para as fontes, etc.

«*Arca de agua.* É a modo de uma pequena torre com abobada; ou tanque cerrado, em que brotam as fontes, e se guardam os registros e chaves d'ellas, para se distribuirem.

«*Architrave.* É uma peça comprida, que se assenta nas columnas entre os capiteis e o frizo.

«*Arco.* É o arqueado de pedras, ou de tijolos, que sustenta as machinas dos edificios, ou das pontes, etc., cujas bases são columnas, ou paredes.

«*Arco triumphal.* Era antigamente entre os romanos uma grande e magestosa porta de abobada de volta em berço, acompanhada de duas portas lateraes mais pequenas, tudo obra de ladrilho nos principios, e depois de pedra tosca, e finalmente de marmore ornado com todos os primores da architectura e esculptura. Nas paredes d'estes arcos se viam esculpidas as gloriosas acções militares d'aquelles, em cuja memoria se levantára este triumphal monumento, e juntamente os capitães vencedores, os vencidos presos e atados aos carros, e batalhas de pé e de cavallo. Este costume passou depois a Constantinopla, no imperio de Justino II, porém duvida-se se eram na mesma fórma, e da mesma materia, e permanentes, ou se como os que se usam hoje na entrada e recebimento dos seus principes as cidades, ou em algumas festas maiores. São estes de madeira com figuras de alto e baixo relevo, festões, pinturas, empresas, e outros ornatos. Passada a funcção se desmancham.

«*Arcobotante.* É o arco, ou meio arco, que encostado na parede, tem mão n'ella; como se vê nos lados dos templos, e outras fabricas grandes. (Veja-se *Botaréo*). Tambem são outras obras de architectura, que aferram em architraves, ou cousas semelhantes.

«*Arqueado.* É dobrado, a modo de arco. D'aqui *arquear-se.*

«*Arvorar.* É levantar, pôr direito.

«*Assento de um edificio.* É quando o peso o faz dar de si. D'aqui *assentar.*

«*Atticurga obra.* É obra, segundo a ordem attica. *Columnas atticurgas*, são as que tem quatro faces, ou lados, em distancias, ou intervallos iguaes.

«*Avançamento.* É a sacada que faz alguma parte do edificio. D'aqui *avançar fóra o edificio*, etc.

«*Bailéo.* É a modo de um andaime, ou theatro pequeno, sustentado por uns paus a que chamam *escoras*, e situado entre as hasteas da grua e a roda. Serve para o guindaste. É tambem *bailéo* qualquer palanque, ou cadafalso.

«*Balaustre.* É uma casta de columna irregular, que tem semelhança com a flôr da romeira, que é como calix.

«*Base.* É assento circular, que está immediatamente debaixo do corpo da columna, e sobre o pedestal.

«*Bocel.* É um dos membros da base, ou pé da columna. Ha *bocel alto*, *bocel baixo* e *meio bocel:* é aonde se assentam as columnas, e fica debaixo do plintho; e é redondo, a modo de annel.

«*Braços do edificio.* São as partes lateraes de uma fabrica.

«*Cabecear* a torre, ou campanario, ou qualquer edificio. É pender a parte superior d'elle para esta ou aquella parte.

«*Cabrestante.* É um engenho, a modo de eixo, ou quicio, posto a prumo, o qual se volta circularmente por meio de uns paus, que á força de braços vem recolhendo em torno do mesmo eixo um cabo, ou corda grossa, cuja extremidade está amarrada no fardo, ou pedra, ou trave, ou outra cousa que se quer levantar acima, e trazer para alguma parte.

«*Cachorrada.* São as pedras, ou barrotesinhos que sahem para fóra, e servem de sustentar o frizo ou outra parte do edificio; e cada pedra se chama *cachorro.*

«*Cachorro.* É cão de pedra, que sustenta alguma parte do edificio, ou frizo, ou varanda, ou sacada, etc.

«*Calandra.* É um engenho, com que se faz ir e vir um grande peso sobre paus redondos, aonde estão enrolados pannos de linho, ou sêda, os quaes por este modo se fazem muito lisos e lustrosos.

«*Canal.* É a parte concava da obra de architectura; v. g.: *Canal de triglipho.*

«*Cano de columna.* É o mesmo que *fuste:* e vem a ser o tronco d'ella.

«*Cão de pedra.* Veja-se *Cachorro.*

«*Capitel.* É a parte mais alta, e como cabeça e remate de uma columna, posta em pé.

«*Caracol.* É escada que dá voltas com degraus encostados a um cylindro de pau.

«*Cavas.* São as cavidades das columnas encanadas.

«*Cercaduras.* São aquellas cousas que pela extremidade cercam outras, com que estão unidas e tecidas, ou pintadas, ou gravadas, ou esculpidas, ou impressas.

«*Cimacio*, ou *Cimaço.* É uma das mais altas molduras do capitel, da architrave, do frizo, e da cornija. Veja-se logo abaixo *Cimalha.*

«*Cimalha.* É na madeira do telhado, o que está immediato á beira d'elle. Vem de *cimacio*, que nos edificios é a parte mais alta nos edificios da cornija, a qual por ser convexa e concava, parece que faz ondas.

«*Cinta.* É nas columnas e seus pedestaes, o cordão que as cinge. Ha *cintas altas* e *baixas.* São tambem *cintas* uns azulejos, ou pedras, que cingem algum edificio.

«*Claustro.* É um espaço quadrado e descoberto com galerias, ou lanço de arcos ao redor, sustentadas com columnas ao redor.

«*Cochleada escada.* É escada de caracol.

«*Columna.* É uma especie de pilar redondo, de um ou mais pedaços, que se chama *fuste*, ou *cano*, que é propriamente o corpo da columna; na parte inferior tem seu pedestal e base, em que está assentado; e na par-

te superior tem seu capitel, com as mais partes que o compõem. Além do fuste, ou cano, pedestal, base e capitel, ha na columna bocel, golla reversa, golla direita, abaco, dentilhões, metopas, trigliphos, prumos, ou pesões, e plintho. Tudo isto explicamos em seus lugares. Ha columna corinthia, dorica, jonica, toscana, composita, salomonica, ou torcida, encanada, attica; que tambem explicamos em seus lugares.

«*Composita.* Ordem composita é a que os latinos inventaram e compozeram da ordem jonica e da corinthia.

«*Corinthia.* Ordem corinthia é uma fórma de fabricar inventada em Corintho por Hermogenes e Callimaco.

«*Cornija.* E' a peça que assenta sobre o frizo de um edificio.

«*Corpo.* E' a grossura da parede, muro, ou qualquer edificio, ou fabrica.

«*Corucheo.* E' certo remate pyramidal nos edificios, mais alto que o telhado. Serve de ornato.

«*Cotovelo.* E' aquillo que faz angulo e se dobra, a modo de cotovelo; como de voltas tortuosas de ruas, etc.

«*Craca.* E' a parte concava da columna encanada. Veja-se *Encanado.*

«*Cravação.* E' muito prégo cravado com arte, e com ordem para ter mão em alguma cousa, ou para ornato d'ella.

«*Coberta.* E' a pedra que se põe sobre os balaustres de uma janella.

«*Cobertos.* São umas balcoadas, ou alpendres nas praças, ou ruas; ou galeria, eirado, loja, latada, etc.

«*Cunhal.* E' o angulo na parte exterior do edificio com duas faces.

«*Cunhos.* São paus pegados á roda do cabrestante por baixo, com seus dentes, em que pega o linguete e as amarras, quando viram.

«*Cupula.* E' zimborio, ou coberta de algum vaso, como de meia laranja.

«*Cuspir.* E' não deixar-se uma cousa penetrar de outras, sahir alguma cousa para fóra da parte aonde se quer metter, por não poder entrar.

«*Dar de si.* E' vergar, dobrar, apartar-se, cahir um edificio, etc.

«*Declinar.* E' pender para baixo, descer, inclinar-se.

«*Delinear.* E' lançar riscos, ou linhas, para representar uma cousa que se quer fabricar, ou formar; lançar a planta de um edificio. D'aqui *delineação*, *delineado.*

«*Demolir.* E' derribar um edificio.

«*Desenhar no papel*, etc. E' idear, e formar um risco para alguma architectura.

«*Desenho.* E' o formar, e tomar as justas medidas, proporções e fórmas exteriores que devem ter os objectos que se fazem á imitação da natureza.

«*Desenroscar.* E' desfazer roscas.

«*Desguarnecer.* E' tirar algum adorno, ou adereço.

«*Diminuição das columnas.* E' serem mais estreitas na parte superior.

«*Dodrantal planta.* E' a planta de tres palmos, porque lhe falta a quarta parte para ter o pé inteiro.

«*Dorica.* Ordem dorica, é uma fórma de architectura, inventada pelos doros, antigos povos da Grecia; e é a segunda ordem; usa de metopas e trigliphos, e põe-se entre as ordens toscana e jonica.

«*Embrechados.* São pedrinhas, conchas, pedaços de crystal, e de outras materias, com que se fazem rochas e grutas nos jardins, etc.

«*Embutir.* E' atochar com artificio uns pedaços de pedra, ou de madeira lavrada em outros. D'aqui *embutido*, *embutir.*

«*Emposta.* E' assento, em que descançam as extremidades do arco na architectura.

«*Encanado.* Columna encanada é a que tem umas raias, a modo de meios canudos, concavos e convexos. Ha n'ella tres cousas que observar: a cavatura, ou parte concava, chamada *craca;* a parte convexa, denominada *siria;* e o espaço plano e direito, nomeado *mocheta.* Veja-se *Striado.*

«*Encanar uma columna.* E' fazer n'ella umas raias, a modo de canudos.

«*Engra.* E' o mesmo que angulo.

«*Enroscado.* E' torcido com roscas em redondo, como a cobra.

«*Entaboar.* E' cobrir com taboas.

«*Entestar.* É estar bem defronte.
«*Entranhado.* É mettido muito por dentro.
«*Entrecambado.* É embaraçado, torcido um no outro.
«*Entrecolumnio.* É o espaço entre columnas.
«*Envasamento.* É a parte inferior e mais larga, v. g. de um cunhal, da qual vai subindo o corpo d'elle com menos largura.
«*Escapola.* É o espaço, que ha desde a quina da ultima pedra do envasamento de um cunhal até á quina da primeira pedra do mesmo cunhal. É tambem fórma de prego grande com cabeça revirada, a modo de meio gancho.
«*Esconso.* É quando na parede, v. g. em que a falta na grossura d'ella vem a causar desigualdade da largura da casa.
«*Espalmado.* É cousa que tem a superficie igual.
«*Espalmar.* É fazer qualquer cousa plana, a modo da palma da mão.
«*Esquadra*, ou *pé de angulo*, que quer dizer *esquadra;* tem duas linhas direitas e quadradas; e a linha de dentro se chama *esquadra.*
«*Esquadria.* É a fórma de um angulo recto; compõe-se de tres regoas, uma das quaes tem tres pés, a outra quatro, e a outra cinco: unidas estas tres regoas com as outras pelas extremidades, fazem um triangulo, que tem os lados desiguaes, mas o angulo recto: tem feição de L, ou de T. Ainda hoje se usam estas duas castas de *esquadria.*
«*Esquadro.* É angulo exterior e direito, feito de taboa entre os marceneiros.
«*Esquina.* É o angulo exterior e direito, que resulta da união de duas paredes.
«*Estáos.* São tendas portateis de certos mercadores; e porque muitos d'elles se armaram nos pateos dos paços, ficou aos paços o nome de estáos; como aos de Lisboa e Evora
«*Esteio.* É pau que sustenta, e em que descança alguma cousa para maior firmeza. D'aqui *esteiar*, pôr esteios.
«*Estria da columna, estriado.* Veja-se *Stria, Striado.*
«*Estructura.* Veja-se *Structura.*
«*Estufa.* É especie de forno de metal, ou de barro, que se accende para aquentar o aposento visinho, sem ser visto o fogo, que n'elle está ardendo. Usa-se em algumas terras do norte.
«*Face.* É superficie; a parte dianteira de qualquer obra, relativamente á que lhe está opposta, e não fica á nossa vista.
«*Fachada.* É toda a frontaria de um edificio.
«*Feitio.* É a mão, ou o modo de obrar no official. São tambem as feições.
«*Fenda.* É abertura em materias, que apartando-se de si mesmas deixam de ser continuas.
«*Festão.* É especie de ramilhete comprido, composto de flôres, fructos, e folhagens, que de ordinario põem os architectos nas faces dos capiteis jonicos, e em alguns vãos de suas obras.
«*Filete.* É um dos membros do capitel, e vem a ser aquella guarnição estreita, e delgada, immediata.
«*Florão.* É ornamento, que na architectura representa flôres grandes, ou ramos de arvores, etc., v. g. florão de talha.
«*Folgado.* É não apertado, não estreito, proporcionadamente largo.
«*Folha*, ou *Folhagem.* É entre os architectos e entalhadores o lavor que fazem a modo de folhas nos capiteis das columnas e entre obras da sua arte.
«*Fórma.* É figura, modo de obrar, etc.
«*Friso.* É a parte que está entre o arquitrave e a cornija da columna, ou obra semelhante.
«*Frontispicio.* É o que remata a obra de um portico; e geralmente é a fachada, ou face principal de um grande edificio que se offerece aos olhos. Veja-se *Fachada.*
«*Fuga.* É certo espaço que se deixa para um engenho obrar mais livremente.
«*Fuga de casas.* São muitos aposentos, cujas portas se seguem umas ás outras em linha recta.
«*Fumeiro.* É todo o vão que vai da

verga para cima até ao tecto de uma casa.

«*Fundamento*. É alicerce, fabrica de pedra e cal que sustenta o edificio.

«*Fundir-se*. É dar de si com o peso.

«*Fundo*. É a parte inferior e mais baixa dos corpos que tem as tres dimensões.

«*Galeria*. É a parte mais espaçosa, e folgada, em que se anda, e passeia; e um lanço de edificio ao comprido coberto, e de ordinario sustentado sobre columnas, ou pilares; ou muita janella de sacada na frontaria de palacios, e casas grandes.

«*Galgar as paredes, até ao primeiro ou segundo pavimento*. É acabal-as até certa altura. D'aqui *galga*.

«*Galilé*. É nas portarias dos conventos, como alpendre, com suas paredes, e arcos levantados.

«*Gambota*. É arco de madeira, que assenta na emposta, e sustenta o simples para a construcção de uma abobada.

«*Gato*. É pedaço de ferro, que com as extremidades mettidas em duas pedras prende uma com outra.

«*Gotas*. São os corpos pequenos de figura conica, ou quadrada, ou redonda, a modo de campainhas, que no friso das columnas da ordem dorica se põem debaixo do triglipho para ornato: são de ordinario seis.

«*Grimpa*. É uma chapa de ferro, que se põe nos telhados, nas torres, e em outros lugares altos, e se volta, conforme sopra o vento.

«*Griphos*. São figuras que sustentam uns vãos, ou se põem aos lados de outra figura mais nobre; é obra de architectos e entalhadores.

«*Grua*. É a roldana do guindaste.

«*Guinda*. É a corda que serve para guindar.

Guindaleta. É a corda que no guindaste serve para levantar pesos.

«*Guindar*. É levantar em alto.

«*Guindaste*. É machina para levantar pesos grandes: compõe-se de uma roda que anda debaixo do bailéo, que é a modo de andaime, ou de theatro pequeno, sustentado ao redor por paus grossos a que chamam *escoras*; e por cima do bailéo, por meio de uma roldana a que chamam *grua*, se move outra machina, a modo de aza, ou vela latina, que tem uns paus atravessados a que chamam *hasteas*, que do pau de guindaste chegam ao pau da grua.

«*Gula*. É parte da cornija ou cimalha, por ter figura de um S deitado e feição de onda. *Gula direita*, ou *recta*, sahe mais pura e é concava; *gula inversa*, a que chamam *reversa*, é convexa.

«*Harmonia*. É symetria, proporção das partes de um composto. D'aqui *harmonica proporção*, symetria, ou situação regular das partes de um composto.

«*Hemicyclo*. É a fórma de meio circulo dos arcos, abobadas, etc.

«*Hemicylindro*. É meio cylindro, ou columna partida pela metade de alto a baixo.

Hemispherio. É todo o genero de edificio, cujo tecto tem a figura do hemispherio, que temos sobre a cabeça na concavidade de uma abobada, não lisa, e plaina como a celeste, mas cortada por dous arcos que se cruzam no meio.

«*Horisontal*. É o andar de baixo que está ao nivel da rua, do pateo, ou do terreno do campo.

«*Hypogeo*. É edificio subterraneo. Veja-se *Subterraneo*.

«*Ichnographia*. É a planta de qualquer edificio com a delineação das linhas, angulos e paredes, como se o edificio ficára razado á flôr da terra. Outros lhe chamam *secção horisontal*. D'aqui *ichnographico*.

«*Idéa*. É a imagem que o artifice fórma no entendimento para a pôr em obra.

«*Imposta*. É especie de cornija, sobre que se assentam as extremidades de um arco.

Intercolumnio. É o espaço ou vão de uma columna á outra.

«*Intervallo do compasso aberto*. É o espaço entre as duas pontas do compasso aberto.

«*Jogar*. Diz-se do movimento de alguns instrumentos, ou engenhos

mecanicos; como *jogar a roda*, etc.

«*Jonia*, ou *Jonica ordem*. É uma das cinco ordens da architectura; está a sua differença em ter columnas ornadas de capitel com volutas.

«*Jorrar*. É inclinar-se a parede para a parte contraria no lugar em que está, quem a vê de uma face; e é o contrario de *pender*, que é quando a parede inclina para a parte de quem a está vendo. D'aqui *jorro*.

«*Juntouro*. É a pedra que atravessa pilares, ou paredes, de sorte que se vêem ambas as faces.

«*Labyrintho*. Era edificio em que a gente se perdia pelos muitos caminhos que iam dar nos outros, aonde era muito difficultoso achar sahida.

«*Laçarias*. São obras de talha, ou de pedra, etc., como ramos de flôres, folhas e fructos lavrados nos capiteis das columnas ou em outras partes. Veja-se *Festão*.

«*Lanço*. É extensão, espaço, comprimento de um muro, edificio, etc.

«*Lapida*. É pedra grande; e mais propriamente lagea, campa, ou pedra, em que ha algum letreiro, ou inscripção.

«*Lasso*. É largo.

«*Lateral*. É o que está a um dos lados.

«*Lateas*. É engenho, com que na India se tira agua dos tanques: compõe-se de umas vergas delgadas com a ponta para cima, e o pé grosso para baixo, e um peso n'elle armado só em uma torquilha.

«*Levantados corpos*. São pentagonos, hexagonos, ou vultos, e outras figuras com corpo linealmente, e com luz, e sombra.

«*Liado*. É atado com corda, ou outra cousa. D'aqui *liar*.

«*Liminar*, ou *Limiar*. É a parte inferior, ou chão da porta.

«*Lingueta*. É certo ornamento na architectura, usado em escadas, e outras partes d'ella.

«*Liso*. É sem artificio, sem ornato; o que não tem aspereza ao tacto.

«*Lisura*. É polida igualdade da superficie de uma cousa.

«*Livel*, ou *Nivel*. É instrumento geometrico, de que usam os architectos, pedreiros, alvaneos, carpinteiros, etc., para conhecer se as paredes estão direitas, etc. Compõe-se de duas regoas, que fazem angulo recto; e tem um cordel, que pende, com um pedacinho de chumbo na extremidade. D'aqui *livelar*, ou *nivelar;* pôr ao olivel, ou ao nivel.

«*Lote*. É qualidade, genero, ou especie; v. g. *Taboado de tal lote*.

«*Lumieira da porta*, *fresta*, ou *janella*. Vejam-se em seus lugares.

«*Luneta*. É no vão do lado de uma abobada um arco pequeno aberto para fortalecer, ou dar luz. E se diz *abobadas de lunetas*.

«*Luva*, ou *Ferro de luva*. São tres ferros, um mais largo no fundo, o ferro do meio é direito: mettem-se em um buraco aberto na pedra, e com corda passada pelos anneis do ferro; serve de guindar as pedras.

«*Machina*. É engenho mecanico, composto de muitas peças, com que a arte obra extraordinarios effeitos.

«*Madeiro*. É tronco comprido cortado da arvore.

«*Mainel de escada*. É o mesmo que *corrimão*.

«*Manufactura*. É lugar em que muitos do mesmo officio se ajuntam a fazer obras do mesmo genero.

«*Marachão*. É obra de pedra e cal na borda do rio, a modo de caes, para ter mão nas cheias: é tambem volta, que em lugares paludosos se levanta para fazer escorrer agua das terras.

«*Maroma*. É corda grossa de engenho para guindar grandes pesos; ou sobre a qual anda o volteador.

«*Membros*. São as partes de que os corpos maiores d'ellas são compostas: v. g. *Membros regulares do pedestal*, sôco, plintho, cinta baixa, gula reversa. *Membros da columna;* cano, ou fuste, bacelino, terço, estrias, etc.

«*Meta*. É uma figura de meio corpo, vestida, ou núa, sendo o restante de folhagem, ou de outra materia desproporcionada. *Metas*, ou *misulas*, são figuras inteiras, ou meios corpos, que sustentam em lugar de columnas.

«*Metopa*. É o intervallo, ou espaço quadrado que fica de um triglipho a

outro no architrave ou friso da ordem dorica.

«*Miradouro.* E' lugar alto da casa, d'onde se recreia a vista, olhando para uma e outra parte. Ha *miradouros* em torres, e outros a modo de galerias.

«*Misulas.* São meias figuras que sustém em lugar de columnas. Tambem se chamam *metas.*

«*Mocheta.* E' parte da columna encanada. Veja-se *Encanado.*

«*Modêlo.* E' uma figura pequena em barro, ou em cêra, para por ella se fazer em grande. Os architectos que emprehendem grandes edificios fazem modêlos de relevo para melhor acertarem na execução da sua idéa. Cada official faz modêlos com differentes proporções e com differente materia, conforme a obra que intentam fazer. D'aqui *modelar*, fazer em barro ou em cêra a copia de qualquer cousa que o artifice quer imitar, de sorte que o original fique abreviado na copia, e esta tenha toda a sua differença no tamanho.

«*Modilhão.* E' na ordem corinthia e composita a parte da cornija, na qual, ainda que assim o pareça, não é sustento, mas ornato das gotas: tem a feição de S ás avessas, que prende por baixo da cornija, e serve para separar as rotas, que de ordinario lhe põem.

«*Modulo.* E' a medida do semi-diametro da columna, que serve de medir as proporções, partes, e encontros da architectura para a perfeita symetria de um edificio. Para a ordem toscana o *modulo* se parte em doze partes; para a ordem jonica, corinthia e composita, em duas partes; para a ordem jonica em vinte e duas partes, e meia dividem alguns toda a altura da columna, em vinte para a ordem dorica, em vinte e cinco para a ordem corinthia. De uma d'estas partes fazem o *modulo* para lhes servir de regra e como de escada para o restante do edificio.

«*Molde.* E' fôrma artificiosamente lavrada, por cujo modêlo se faz alguma obra. D'aqui *moldear.*

«*Montéa.* E' a fôrma levantada de qualquer materia que seja, de toda a obra do edificio com corpo.

«*Mosaica obra.* E' a que antigamente servia de ornato nas casas de estudo, e se attribuia ás musas, porque n'ellas se viam pintadas e esculpidas, e juntamente as sciencias. Esta obra é de muitas pedrinhas de varias côres; mas differença-se das obras de pedras embutidas; porque para estas se escolhem pedras que tenham naturalmente o matiz e as côres de que se necessita; e na obra mosaica cada pedra tem uma só côr, do mesmo modo que os pontos da tapeçaria feita com agulha; de sorte, que sendo as pedrinhas cubicas, e bem unidas, arremedam as figuras e matizes da pintura. Nos palacios e igrejas se usa muito nos pavimentos.

«*Moutão.* É um pau furado com um só buraco, que serve para roldana. *Moutão de lais.* É outro pau furado mais comprido com dous gornes, ou buracos, em cruz um do outro.

«*Nave.* É nas igrejas a parte, que corre desde o cruzeiro, ou o altar-mór, até á porta; e havendo duas ordens de columnas, vem a ser a igreja de tres naves. Ha algumas, que tem cinco naves.

«*Nicho.* É abertura semi-circular na grossura de uma parede, ou pedra separada, para lugar da estatua, que n'ella se colloca: tem alguma semelhança por cima com uma concha.

«*Nivel*, ou *Livel*, ou *Olivel.* E' instrumento geometrico, composto de duas regoas, postas em angulo recto, e atravessadas de outra mais pequena, a modo da letra A, com um cordel, que pende do meio da ponta do angulo com uma bolsinha de chumbo no cabo. E' usado de architectos, pedreiros, calceteiros, etc. *Nivel*, é tambem a superficie, ou assento de lugar, que não tem altos, nem baixos; ou que fica igual com outro, e na mesma altura. D'aqui *nivelar*, tomar o nivel, vêr com o nivel, se uma cousa está bem assentada, e sem pendor. *Nivelar a agua de um aqueducto;* é tomar com o nivel a altura do seu nascimento, e vêr se tem bastante pendor para correr para algum lugar.

«*Nora.* E' machina aquatica, composta de rodas, cordas, e alcatruzes, que se move circularmente com cavalgadura. Ha *noras*, com as quaes anda um homem, e se chamam *noras de mão.* Ha *noras*, a que faz andar a agua, que ellas tiram, andando ao principio um homem com ellas. Ha *noras*, que andam com pesos, como em continuo movimento. (Veja-se *Thesouro de prudentes*, e o livro de *Architectura*, que compoz o reverendissimo padre Dionysio dos Anjos, da congregação de S. João Evangelista).

«*Norma.* E' esquadria de carpinteiro, pedreiro, ou outro official.

«*Obelisco.* E' pedra inteiriça, quadrilatera, larga na base, e insensivelmente attenuada, até que acaba em ponta pyramidal. D'onde differe da pyramide, como eram as do Egypto; porque estas eram muito maiores, e constavam de muitas pedras, e dentro d'ellas havia escadas, por onde se podia subir e descer. A materia dos obeliscos era uma casta de marmores, a que chamavam *pedra de Thebas*, a qual se tirava de uns montes visinhos á cidade de Thebas; e era salpicada de varias côres, em que se representavam os quatro elementos; na côr muito vermelha, e accesa o fogo; na azul o ar; no crystallino a agua; e na côr cinzenta, e negra a terra. Os que se achavam de outra pedra, não eram fabrica dos sacerdotes do Egypto. Estes obeliscos se dedicavam ao sol. Os italianos e arabes, chamam aos obeliscos *agulhas*. Houve varios com emblemas, e jeroglificos; e alguns de extraordinaria altura. O que mandou fazer Semiramis, tinha 150 pés de comprido; e na base 24 de largo.

«*Obliquar*, ou *Oblicar*. E' encurvar, esguelhar; pôr através.

«*Obra de mãos.* E' a de qualquer artifice, e cousas que se obram. Veja-se *Artifice.* D'aqui *obrar.*

«*Olhal.* E' a abertura e claro dos arcos das pontes.

«*Olho da ponte.* E' o mesmo que *Olhal.*

«*Olivel.* Veja-se *Nivel.*

«*Ordem.* São uns ornamentos, medidas, e varias proporções de columnas ou pilares, que sustentam e ornam grandes edificios; e ha cinco ordens, que são: a ordem toscana, a dorica, a jonica, a corinthia e a composita. Vejam no §. da architectura.

«*Ornar.* E' aformosear com cousa material, acrescentada a outra. D'aqui *ornato*, cousa que se acrescenta a outra para lhe dar mais graça; ou o que orna os membros da architectura em meio relevo nas molduras.

«*Ovo.* E' um ornamento que de ordinario se acrescenta nos epystilios e capiteis das columnas da ordem jonica e composita. Nos ditos lugares se põe uma fileira de bocados de pedra que parecem ovos em pé. Os antigos enchiam estas partes de ouriços de castanha abertos e com o fructo á vista. Tambem se chama *ovo* o cume ou ultimo pau do telhado, por ter figura redonda.

«*Padrão.* E' qualquer pedra ou columna com alguma inscripção, para memoria publica e perpetua d'algum successo.

«*Painel.* E' a pedra que se põe sobre a porta: é tambem a divisão de madeira, sobre que assenta a pintura ou dourado do retabolo, coche, sege, etc. E' em fim a estante em que os officiaes põem por ordem a ferramenta.

«*Pando.* E' cousa que fica como cavada por dentro; ou que se dobra no meio, a modo de viga, ou trave, que com o muito peso dá de si.

«*Papo de pomba.* E' parte do friso da columna, como ovado que sahe para fóra.

«*Patamar da escada.* E' no alto da escada o plano que a termina.

«*Pataréo.* E' o mesmo que *patamar.*

«*Pavimento.* E' a parte inferior dos edificios, lageada, ou ladrilhada, ou de taboas, opposta ao tecto.

«*Pé.* E' medida. O pé portuguez tem palmo e meio craveiro; dividem os architectos este pé em dez partes iguaes, a que chamam *decimos de pé;* pela qual divisão fica tambem partido em terços, quartos, quintos, etc. O *pé regio* de França, ou parisiense,

tem doze pollegadas, ou cento e quarenta e quatro linhas. O *pé antigo* dos romanos, a que chamam *pé romano*, ou do *capitolio*, tinha quatro palmos; *pé rintlandico*, é o que usa todo o norte nas suas medidas; a sua proporção com o pé romano é, como 950 a 1000.

«*Pés direitos.* E' nos edificios a obra direita, até principiar a volta; ou segundo a phrase dos architectos francezes, são as ombreiras das portas ou janellas, que nos lados d'ellas ficam em pé, e servem de sustentar a parte, a que estão encostadas.

«*Pés altos.* São uns paus de altura mais que de homem, por onde entram os barrotes das tranqueiras.

«*Peça.* E' qualquer parte de um todo, que a elle se une e ajunta. E' tambem pedaço.

«*Pedestal.* E' o corpo quadrado, que sustenta uma columna; tem sua base, e cornija, e é differente, segundo a differença das cinco ordens da architectura.

«*Pedra.* E' corpo solido e duro, que se cria na terra; não se derrete no fogo, nem se estende ao martello, só se quebra, serra ou lavra. Ha pedra dura e grossa: pedra de cantaria, lavrada, quadrada, redonda, ou mais comprida, que larga; pedra de alvenaria, que é, a com que se fazem paredes, conglutinando-as com a cal ou barro. *Pedra ensossa*, é a que se põe nas paredes sem cal. *Pedra de afiar*, ou de *amolar*, é a com que se aguçam as ferramentas. *Pedra de moinho*, é uma pedra alta, redonda, com um buraco bastante, aonde se encaixa o pau do rodizio, ou aonde cahe o grão para se moer. A primeira pedra é a que se lança nos alicerces de alguns edificios publicos, ou igrejas, ou palacios com alguma inscripção honorifica. *Pedra angular* é a com que se unem no cunhal as duas paredes, que se encontram. *Pedra fundamental*, é a em que se funda algum edificio, sendo como base, em que se sustenta.

«*Pedraria.* E' a pedra de cantaria; diz-se assim para distincção da pedra de alvenaria.

«*Pegamento.* E' a união de uma peça com outra.

«*Peitoril.* E' muro pequeno, que dá pelo peito, para não cahir a gente do alto. Como, v. g. *Peitoril da janella*, *da torre*, etc.

«*Pendente.* E' cousa que pende de outra, ou está em cima de outra.

«*Pender a parede.* E' inclinar-se para quem a vê, ao contrario de *jorrar*, que é inclinar-se para a parte opposta de quem a vê.

«*Pendulo.* E' suspenso no ar, ou pendurado.

«*Penedo.* E' pedra grossa, e muito dura.

«*Perfil.* E' um fio de qualquer côr differente na extremidade de uma cousa. D'aqui *perfilar*.

«*Perilo.* Remate de perilo é em fórma pyramidal, e tão agudo, que n'elle não podem pousar os passaros.

«*Perystilio.* E' um edificio cercado de columnas, como o são a maior parte dos claustros dos conventos. Ás vezes se dá este mesmo nome a uma fileira de columnas no frontispicio de um templo, ou de qualquer outro edificio com columnas recolhidas para dentro ou sacadas.

«*Pernas.* Chamam-se assim varias cousas, que em machinas, engenhos, instrumentos e outras cousas artificiaes fazem quasi o mesmo effeito que no corpo as pernas; e assim diremos, pernas do compasso; pernas da imprensa, etc.

«*Perpendicular.* E' cousa que está a prumo e que vem cahindo em angulos rectos sobre outra; como linha perpendicular. *Linha perpendicular*, é uma linha recta, que cahindo sobre outra linha recta faz os angulos rectos de uma e outra parte; e assim dos mais. Por linha perpendicular todos os corpos graves tendem ao centro da terra. *Perpendicular*, é feito e tirado a prumo. D'aqui *perpendicularmente*, de alto para baixo em linha recta.

«*Perpendiculo.* Veja-se *Plumo*, ou *Prumo*. *A perpendiculo*, vale o mesmo que a prumo.

«*Persica ordem.* E' a columna que em lugar de cano ou fuste da ordem dorica tem a figura de cativos para

suster o architrave e mais peças que o acompanham.

«*Petipé*. E' uma pequena medida á qual reduzem todas as partes de um edificio; assim como na planta do pé se sustentam todas as partes do corpo. Para os architectos e geographos *petipé* é uma linha recta dividida pela regra das proporções em maiores ou menores partes iguaes, com que se toma a medida commum a todas as partes de um edificio. V. g. para saber quanto tem de alto um sobrado, no petipé se toma com um compasso a medida; e nas cartas topographicas se faz o mesmo para conhecer a distancia de uma cidade a outra. Chamam-lhe os geometras *escala*.

«*Pianha*, ou *Peanha*. E' o que serve de suster alguma estatua, figura, ou imagem, porque n'ella se assentam os pés da figura.

«*Pilar*. E' como columna, mas com esta differença, que a verdadeira e legitima columna tem cano, ou fuste todo inteiriço e redondo; e o *Pilar* é composto de duas ou mais partes, postas a prumo umas sobre outras. Tambem chamam os architectos *pilar* á columna attica, que tem quatro faces. Chama-se em fim *pilar* ao *esteio*.

«*Pilarete*. E' pilar pequeno.

«*Pilastra*. E' pilar, ou especie de columna, que tem tres faces, ficando arrimada ou embebida no muro uma quarta, sexta, ou oitava parte da sua largura. Ha pilastras sacadas, ou sem ilha, e ha pilastras doricas, jonicas, e corinthias.

«*Pinaculo*. E' a parte mais alta e mais aguda, exterior de um templo, ou outro qualquer edificio. Alguns lhe chamam *coruchéo*.

«*Pino*. E' direito ao alto. D'aqui *empinado*.

«*Piramide*, ou *Pyramide*. E' corpo solido de tres lados, ou de quatro, terminado de planos triangulares, excepto o da base, que póde ser de qualquer fórma, e levantando-se algum espaço, acaba em um ponto. Não póde haver base de pyramide de menos de tres lados, por não haver figura de linhas rectas de menos lados, que o triangulo. Differem as pyramides das agulhas, e dos obeliscos, em serem estas na parte inferior mais estreitas. Das do Egypto fallaremos a seu tempo. D'aqui *pyramidal*, cousa feita a modo de pyramide, que tendo a base larga, acaba em ponta.

«*Placa*. E' candieiro de velas com chapa de metal, que pregado na parede orna e alumia a casa.

«*Plano*, ou *Espaço plano*. E' o que tem recta superficie sem eminencia, nem cavidade alguma; como nas casas os pavimentos lançados ao nivel.

«*Planta*. E' a delineação, que faz o architecto no papel, e a fórma superficial do edificio só em linhas.

«*Plantar um edificio*. E' fabrical-o, edifical-o.

«*Plintho*. E' membro do pedestal, ou peça quadrada e chata, que serve de fundamento ás bases das columnas. Tambem *plintho* na ordem toscana, segundo Vitruvio, é a parte superior do capitel; porque na dita ordem não tem o capitel cimacio, como nas ordens dorica e jonica.

«*Poial*. E' de pequena platafórma com alguns degraus ao limiar da porta da rua. E' tambem como um banco de pedra e cal; ou de pedra inteiriça em que a gente se senta; ou em que se põem algumas cousas. Alguns lhe chamam *poio*.

«*Poio*. E' uma especie de poial do segundo modo acima. E' tambem uma casa antes do refeitorio dos religiosos aonde rezam o psalmo *de profundis;* e por isso lhe chamam *a casa do de profundis*.

«*Polé*. E' o mesmo que *roldana;* e vem a ser uma pequena roda encaixada em um pau, ou em um ferro, por meio do qual corre a corda que levanta o peso.

«*Polimento*. E' o lustre da cousa polida ou brunida.

«*Pontalete*. E' qualquer pau que serve de apontelar, e sustentar um muro, uma casa, etc.

«*Porta*. E' abertura na parede, ou muro de qualquer lugar fechado, e serve para entrar e sahir. O espaço da porta entre as duas ombreiras desde a verga até á couceira se diz *vão da*

porta. As *ombreiras*, são as duas ilhargas que se fazem, ou de pedra inteiriça, ou de tijolo. A *verga*, é a que atravessa por cima as duas ombreiras. A *couceira*, é a parte de baixo, que tambem se chama *limiar*. Diz-se tambem *porta* a madeira que a fecha; e se abre; a qual tem suas macha-femeas pregadas á grade, que cerca toda a porta, ou lemes, por onde sustém e se move ao abrir e fechar: tem fechadura, ou com ferrolho, ou sem elle; outras tem tranca além da fechadura; que é um ferro que prende em cima; outras tem tranca de pau, que se mette nas duas ombreiras. Ha uma só porta, que estando aberta, fica toda a uma parte; ou duas, que juntas se abrem, e fecham como se fôra uma só porta; abrem-se, uma por uma ilharga, e outra por outra. As janellas tambem tem suas portas semelhantes. Assim estas como as outras algumas vezes não tem macha-femeas, nem lemes, mas em baixo e em cima tem uns espigões da mesma madeira, a que chamam *couceiras*, por onde se movem. Tambem tem portas os armarios, guarda-roupas, etc. *Porta principal*, é a que está no frontispicio das casas ou igrejas. *Porta travessa*, é a que está em algum dos lados. *Porta trazeira*, é a que está de detraz.

«*Portada*. E' a porta grande de palacio, convento, ou outro grande edificio, com seus ornatos de architectura.

«*Portal*. E' o frontispicio de uma cidade, igreja, palacio, ou casa grande, etc., pela parte dianteira tem a sua porta maior. Deve este ser da ordem toscana, ou da dorica, por ter muito de forte e robusta, apta para sustentar todo o peso grave, etc. Uns portaes tem pilares, outros columnas.

«*Portaria*. E' a casa, sala, pequeno claustro, ou pedaço de corredor junto da porta de um convento ou collegio, aonde a gente de fóra espera.

«*Portatil*. E' cousa que se póde levar de uma parte para outra.

«*Portella*. E' uma porta de paus, a modo de grade, que se põe nas entradas de algumas fazendas ou terras, junto á estrada.

«*Portico*. E' alpendre comprido para ornato da entrada de qualquer edificio, ou especie de galeria com arcos e columnas, ou com muitos arcos sem columnas.

«*Poste*. E' columna quadrada nos edificios.

«*Preguiça*. E' uma corda, atada ao calabre, com que puxam mais ou menos, para que a pedra, que se guinda, vá direita. Ha duas ou tres juntamente.

«*Presa*. E' engenho de madeira, para metter agua nas terras.

«*Profundar*. E' fazer uma cousa muito funda. E' metter por dentro.

«*Profundidade*. E' a extensão de qualquer cousa desde a sua superficie até o fundo d'ella.

«*Prolongado*. E' estendido ao comprido. D'aqui *prolongar*.

«*Propender*. E' inclinar, ter pendor para alguma parte.

«*Proporção*. E' correspondencia de uma cousa com outra, ou das partes entre si, ou das partes com o todo, e o todo com as partes.

«*Prototypo*. E' fôrma, ou molde, original, ou exemplar.

«*Prumo*, ou *Plumo*. E' pequena bola de chumbo pendente de um cordel, com que se vê uma parede, ou outra cousa, se está direita, de alto a baixo.

«*Quadra*. E' a casa, que está mais para dentro da sala; e pela fórma quadrada, que tem de ordinario, se chama *quadra*. Outros dizem, que é pateo quadrado, redondo de edificios.

«*Quadro*, *Quadro baixo*. E' o membro quadrado, que serve como de plintho á base do pedestal. *Quadro alto*, é outro membro quadrado sobre a columna.

«*Quartella*. E' o que sustenta um vão.

«*Quarto*. E' a parte de casas grandes com serventia separada.

«*Quebradiça porta*. E' a que se abre em duas por meio de macha-femeas, por não occupar o vão da casa.

«*Ranhura*. E' o canal que se abre em uma pedra, ou em uma taboa, para n'elle se enxerir, ou encarnar o

relevo, que se deixa em outra parte, para ficarem bem unidas as duas peças, que se pretendem ajuntar.

«*Rascunho*. E' delineamento da obra em borrão. D'aqui *rascunhar*.

«*Raso*. E' cousa que tem a superficie plana e igual.

«*Recamara*. E' o aposento que se segue á camara, ou detraz da camara, aonde se guardam os vestidos. Vulgarmente se diz *guarda-roupa*.

«*Redentes*. São umas linhas, ou faces, a modo de dentes de serra, as quaes formam uns angulos reintrantes, e sahidos, para se flanquearem reciprocamente.

«*Reedificar*. E' edificar de novo.

«*Refendido*. E' aberto em pedra com ponteiro, e escopro; ou em madeira com cantil, e guilherme, ficando as partes contiguas relevadas.

«*Releixo*. E' parte do muro alguma cousa sacada para fóra.

«*Relevo*. E' obra que se levanta na materia, em que fica lavrada.

«*Meio relevo*. E' a obra, que não sahe totalmente, mas só metade. D'aqui *relevar*.

«*Remate*. E' o fecho dos edificios em cima.

«*Reparo*, ou *Repairo*. E' o fazer de novo as obras. Tambem é dique.

«*Repuxo*. E' a escarpa e talud, que nos reparos e outras obras semelhantes, sahe fóra da linha perpendicular, e faz força pelo pé sustentando melhor a obra. D'aqui *repuxar*.

«*Resalto*. E' nos capiteis, frisos ou pyramides, etc., a pedra concava ou convexa, que sahe e salta para fóra.

«*Restucar*. E' tapar com alguma materia pegadiça qualquer divisão ou racha.

«*Retabolo*. E' a obra de pedraria ou de talha, que servindo como de moldura a um painel, occupa sobre o altar a face anterior de uma capella. Tem columnas, relevos, etc.

«*Risco*. E' a delienação da obra que se quer fazer. D'aqui *riscar*.

«*Roldana*. Veja-se *Polé*.

«*Roliço*. E' redondo, comprido e liso.

«*Romano*. E' folhagem em um friso.

«*Roscas*. São circulos, e meios circulos que se fazem em parafusos e fusos de lagar, ou de prensas, etc., para andarem ás voltas.

«*Sacada*. E' sahida de alguma parte do edificio, fóra do prumo ou linha perpendicular, ou que sahe nas bases das columnas, cimalhas, etc., janella de sacada; sacada de telhado, etc.

«*Safado*. E' gastado.

«*Saguão*, ou *Çaguão*. E' lugar coberto na entrada de uma casa, e quasi o mesmo que loja ou pateo.

«*Saimel*. E' nos arcos a primeira pedra, que sobre o capitel ou cimalha começa a formar a volta.

«*Salto*. Ha engenhos varios que tem salto, porque por meio de molas dá a arte geito a este movimento a que chamam *elastico*, de *elaster*, ou *elastis*, que em grego quer dizer *impulsor;* pois um ferro impelle a outro, e o obriga a soltar-se com violencia; como as caixas de salto, que tem por dentro um ferrinho que se chama mola, tão apertado, que quando se solta faz levantar o tampo com força; assim fechaduras, relogios, etc.

«*Sciagraphia*. E' a delienação da fachada, e fuga dos lados na architectura.

«*Scotia*. E' um dos membros da base de uma columna, que por não estar tanto á face como os outros, e ficar mais recolhido para dentro n'esta sua concavidade é alguma cousa escuro e sombrio.

«*Secção*. E' a delineação da altura e profundeza da architectura, como se estivera cortada pelo meio, para vêr a parte interior d'ella.

«*Seguintes*. São os triangulos entre arco e arco; ou mais claramente, são as engras, que continuam sobre os semi-circulos dos arcos.

«*Seja da janella*. E' o assento da janella.

«*Serilho*, ou *Sarilho*. E' pau redondo com seus braços nas extremidades e com corda ao redor; serve de guindar as pedras, etc.

«*Silharia*, ou *Euxelharia*. Obra de silharia, é a em que assentam as pedras igualmente umas sobre outras por fileira; como se vê em alguns edificios, que do chão até certa altura

são forrados e fortalecidos com este genero de pedras assentadas, na fórma dita. D'aqui *parede de silharia.*

«*Simples.* São uns arcos de madeira, nos quaes se assenta a abobada quando se fórma.

«*Sobremão.* Obra de sobremão, é feita com toda a perfeição e arte.

«*Sobrepôr.* E' pôr uma cousa em cima de outra.

«*Sôco.* E' um dos membros do pedestal, a que lhe serve como de base; e se chama assim, porque na architectura, como no corpo, serve este *sôco* de levantar os pés do edificio.

«*Solapar.* E' cavar, ou cortar por baixo, deixando intacta a superficie.

«*Solidar.* E' fortalecer. D'aqui *solidez.*

«*Solido.* E' maciço, duro, duravel.

«*Sotão.* E' aposento para fresco, ou outro commodo no quarto baixo das casas.

«*Stria*, ou *Estria.* E' a parte convexa entre as cavidades da columna encanada. D'aqui *columna estriada*, a que é lavrada em strias, e mochetas; que são a modo de meios canudos ao comprido.

«*Structura.* E' ordem, disposição, e construcção do edificio.

«*Summidade.* E' a extremidade da parte mais alta.

«*Symetria.* E' proporção das partes entre si, e d'ellas com o todo. E' proporção em numero, e em medida das partes direitas com as esquerdas de um edificio; ou uniforme collocação de umas cousas defronte das outras; como se costuma nas igrejas de Portugal, em que de ordinario defronte de um pulpito está outro, e nas camaras, ou ante-camaras, quando o permitte o sitio, defronte de um espelho se põe outro, ou de uma porta ou janella se põe outra, etc.

«*Tabernaculo.* Era entre os hebreus uma especie de tenda militar, ou oratorio, e capella portatil, em que descançava a arca do testamento, assim no templo, como no campo; compunha-se de 48 pranchas de pau de cedro, cobertas com chapas de ouro, varias columnas de bronze com capiteis de prata, e bases douradas; e varios ornamentos. Toma-se por cabana de pastores, e por barraca de soldados.

«*Taboleiro.* E' o espaço que fica entre alguns degraus e a fachada, ou porta principal, ou lateral de uma igreja. Tambem se diz outro qualquer espaço plano, que ha em uma capella, ou outro edificio. *Taboleiro de escada*, é o espaço que fica com largura, entre os degraus de uma escada.

«*Talha.* Obra de talha, é toda a obra, que se faz de meio relevo; chama-se *talha*, porque é entalhada pelo artifice.

«*Talud.* E' o repuxo, ou base da escarpa do reparo, parapeito, etc.

«*Tarima.* E' um estradinho debaixo do docel com sua alcatifa, e cadeira. Tambem é um tumulo coberto de baetas, etc., em que se põe os defuntos, ou em seu lugar uma fórma de tumba.

«*Teia.* E' uma carreira de taboas continuadas, unidas umas com outras, com que em algumas igrejas ficam os homens separados das mulheres.

«*Tecto.* E' a parte interior e superior de um aposento, a qual cobre as traves, e vigas, etc.

«*Telhado.* E' a parte exterior, e mais alta, que sustenta as telhas que cobrem o edificio. Ha telhados de uma, de duas, de tres, e de quatro aguas. *Telhado de uma agua*, é chamado *trouxa;* ou madeirado de trouxa; leva uma madre, ou trave pelo meio, para que a madeira não dê de si. Usa-se nas estrebarias, palheiros, telheiros de lavrar pedra, etc. *Telhado de duas aguas*, ou *telhado de empena* tem dous prolongos, ou madeiramentos de asnas, as quaes vão morrer nas paredes de empena, isto é, acabar direito pelas paredes abaixo. *Telhado de tres aguas* tem dous prolongos e uma tacaniça, que leva dous espigões e um laroz, que tem mão na tacaniça. *Telhado de quatro aguas* tem dous prolongos e duas tacaniças; leva quatro espigões e dous larozes, e o mais são asnas. Ha *telhados*, que acabam em ponta, e *telhados chatos.*

«*Tendilhão.* E' pavilhão.

«*Terrado.* E' eirado; é o espaço do chão, que nas feiras occupa a loja ou tenda dos mercadores.

«*Terraplenar.* E' encher de terra alguma cavidade, etc.

«*Terreiro.* E' pedaço de chão espaçoso com plana superficie. E' o lugar em que ainda não houve edificios e n'elle se querem fazer: é o vão de qualquer figura, como triangulo, quadrangulo, etc., é um pateo cercado de muros ou de edificios.

«*Topo.* E' a ultima parte do edificio em que topam os nossos olhos, ou os nossos passos. *Topo da escada*, é o alto d'ella, ou o ultimo degrau de cima.

«*Torreado.* E' o edificio com varias torres.

«*Torreão.* E' torre muito grande.

«*Tortuoso.* E' cousa de muitas voltas.

«*Toscana ordem.* Veja-se no §. da architectura.

«*Traça do edificio.* E' o desenho ou planta, em que o architecto representa a obra que tem ideado.

«*Traçar.* E' delinear, lançar as primeiras linhas, fazer o risco de alguma obra ou edificio.

«*Tranqueira.* E' o cerco que se faz de pau para correr touros.

«*Tranquia.* São paus mettidos na terra com troncos, ou paus compridos atravessados para ter mão.

«*Trapeira.* E' fresta que se abre no telhado para ter luz.

«*Trava.* E' viga atravessada, cujas extremidades descançam em duas paredes, pilares, ou columnas.

«*Travar.* E' unir uma cousa com outra.

«*Triglipho.* E' no friso, ou cimalha da ordem dorica uma peça, que tem duas aberturas iguaes em triangulo, e duas meias abertas nos lados.

«*Vão.* E' o espaço do lugar, em que não ha cousa alguma. Os *vãos*, ou topos de um dormitorio são uns espaços do lado d'elle com sua janella.

«*Varanda.* E' obra sacada do corpo do edificio, coberta ou descoberta, na qual se costuma passear, tomar o sol, o fresco, etc.

«*Vasa.* Veja-se *Base.*

«*Veleta.* Veja-se *Grimpa.*

«*Verga da porta.* E' a pedra de cima, que responde á couceira da porta. Em algumas partes lhe chamam *padieira.*

«*Vergar.* E' dar de si a trave, ou cousa semelhante, cedendo ao peso, especialmente pelo meio.

«*Vidraceiro.* E' official que faz vidraças.

«*Umbral.* E' ombreira da porta. Veja-se *Porta.*

«*Volta do arco.* E' a parte circular do arco, começando da pedra immediata ao capitel, ou cimalha; e as mais pedras, que se seguem, se chamam *peças de volta.*

«*Voluta.* E' uma das partes do capitel nas ordens jonica, corinthia e composita, em que, seguindo a mais commum opinião, se representam cascas de arvores retorcidas, e enroscadas em linhas espiraes. Differem nas ditas tres ordens as *volutas* umas das outras. Leão Bautista Alberto chama ás *volutas conchas*, pela semelhança que tem com as do caracol. O mesmo chama helices a umas *volutas* pequenas, que se põe no meio de cada face do capitel da ordem corinthia.

«*Zimborio.* E' obra, que sobrepuja o tecto, e telhado da igreja; e de ordinario tem seu nascimento no meio do cruzeiro, e d'alli se levanta com figura redonda, ou quadrada, ou hexagona, ou octogona, etc. Tambem em outros edificios ha *zimborios.* A maior parte das casas em Constantinopla os tem.

«*Zingamocho.* E' remate ou acrescentamento de cousa alta. Veja-se *Acroterios.*» (Fr. João Pacheco).

TERMOS DE CARPINTEIRO, TORNEIRO, SAMBLADOR e OFFICIOS CORRELATIVOS. «*Aba do forro.* E' a fasquia de madeira que serve de guarnição ao redor do tecto.

«*Acepilhar*, ou *Cepilhar.* E' lavrar, alisar a madeira com cepilho. D'aqui *acepilhado.*

«*Acerejar.* E' brunir uma cousa, ou polir de sorte que fique como cereja.

«*Acertar a madeira.* E' ajustar as

taboas de sorte que umas digam com as outras.

«*Adufa*. São taboas unidas, que por fóra servem de reparo ás janellas.

«*Aguieiros*. São paus de que se compõem as asnas e mais madeiramentos do tecto de uma casa. Toma-se ás vezes por armação do madeiramento.

«*Ajuntar*. E' aplainar com a junta as costas de uma taboa.

«*Ajustar*. E' igualar uma cousa, fazendo-a semelhante á outra, ou em tudo, ou em parte. Tambem é preparar e pôr em ordem, unir, como uma taboa a outra.

«*Alfeizar*. E' um pau atravessado que tem mão nas armas, ou testicos de uma e outra parte da serra.

«*Alinho*. E' o cordel almagrado com que tomam as medidas e se regula o córte da madeira.

«*Alisar*. E' fazer lisa qualquer cousa com algum instrumento. D'aqui *alisado*.

«*Almagrado*. E' sinalado com almagre. D'aqui *almagrar*.

«*Almofada*. E' pedaço de taboa quadrada, ou quasi quadrada, ou de qualquer outra figura, encaixada em outras taboas mais fortes; e tudo fórma portas, janellas, etc.

«*Amoldar*. E' ajustar uma cousa com outra, que serve de molde, para que fique da mesma feição.

Ancil, ou *Ancile*. E' chanfrado, ou aberto, e cortado por dentro.

«*Andaime*. São umas taboas sobre paus atravessados, para andarem trabalhando sobre ellas os carpinteiros, etc.

«*Anteparo*. E' uma armação de taboado, que se põe na entrada das portas das igrejas, ou das casas.

«*Apparelhar*. E' começar a desbastar a madeira.

«*Aplainar*. E' fazer liso com plaina.

«*Arcado*. E' dobrado ou curvo, a modo de arco.

«*Arcaz*. E' arca grande, caixão, etc. E' tambem uma mesa, com seus assentos por tres partes, e com gavetas, que nas igrejas tem as irmandades e confrarias, aonde os taes se ajuntam e guardam algumas cousas, etc.

«*Armas da serra*. São os dous testicos de faia, ou de bordo, em que se pega.

«*Armella*. E' uma especie de taramella, ou fecho de pau, ou de ferro, com que se fecha a porta, janella, armario, etc.

«*Arqueado*. Veja-se *Arcado*.

«*Asna*. E' na madeira do telhado, a que da mais alta parte do madeiramento vai acabar na parede da empena, até o lugar dos canos. *Asna franceza*, é um pau direito acima com outro atravessado no meio da ponta; e no pau, que vai no baixo, no meio d'elle, vai de cada parte tambem seu pau até acima a pregar nas pontas, do que fica atravessado na parte superior.

«*Assoalhar*, ou *Soalhar uma casa*. E' assentar e guarnecer a casa de madeira e taboado por baixo. D'aqui *assoalhado*.

«*Atacar*. E' não pregar de todo.

«*Atarracar*. E' apertar muito uma cousa com cordas, ou cunhas.

«*Atochar*. E' fazer entrar umas cousas no mesmo lugar, que outras, com força, para que nem estas, nem aquellas possam bulir.

«*Avançamento*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Armileiro*. E' como um formão, porém mais pequeno.

«*Bailéo*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Balaio*. E' teiga ou cesto, como redondo, feito de uma palhinha negra e parda.

«*Balaustre*. E' uma columna pequena, como as que se vêem em janellas de sacada, eirados e varandas, etc.

«*Balcão*. E' parte do edificio fóra da parede com balaustres, ou com grades.

«*Balde*. E' um pau da grossura de um braço, vasado na ponta, aonde se mette a mão, e no cabo é espalmado, e mettido dentro de um ferro tambem espalmado. Serve de bater a terra molhada, para fazer vallas, vallados; sargentar para rios, marinhas, pejos,

etc. E' tambem vaso de pau para tirar agua.

«*Bandeira da janella.* E' uma vidraça, ou um meio postigo, ou cousa semelhante sobre os postigos que se fecham e abrem; e toma de lado a lado da janella, e de ordinario se não abre.

«*Barrilete.* E' um ferro que aperta no banco dos marceneiros, entalhadores, esculptores, a madeira, ou figura, para se lavrar.

«*Barrotar.* E' assentar barrotes.

«*Barrote.* E' viga pequena que serve de sustentar o taboado, e assoalhado de uma casa.

«*Batéa.* E' uma gamela de pau, de feitio pyramidal, redondo, na que lavam os mineiros a terra que tem ouro, para que no fundo fique o metal limpo.

«*Batedor.* E' instrumento de ferro, com que se bate nas portas. Veja-se *Aldravão*, e *Cão de ferro.*

Batente. E' o pau, ou ferro, ou pedra, que bate a porta ou janella quando se fecha.

Bedame, ou *Badame.* E' um formão quasi quadrado, que faz furos para baixo, nos quaes furos encaixam as travessas das portas e janellas, etc.

«*Beiço.* E' aquella parte da taboa que ergue mais que a outra em um assoalhado de madeira, ou outra obra semelhante.

«*Berbequim*, ou *Púa.* E' instrumento com que o marceneiro fura, andando á roda o tal instrumento.

«*Bisagras*, ou *Visagras.* São os ferros em que se revolvem as portas e janellas.

«*Bofete.* E' banca, com gavetas, ou sem ellas, aonde se escreve, etc., ou para ornato da casa; uns são lisos, outros torneados; alguns são sextavados.

«*Bolear.* E' fazer redondo. D'aqui *boleio.*

«*Braçal serra.* E' a com que serram duas pessoas.

«*Brando.* E' quando um pau não aperta, ou não fecha bem.

«*Branquear uma taboa.* E' tirar com a enxó a carepa, ou superficie suja da taboa para a aplainar.

«*Broca.* E' instrumento de marceneiro, e outros, que carregando-lhe na parte superior, e dando voltas com a parte do meio, que é a modo de arco, fura, como verruma.

«*Cabedaes.* São dous paus, que galgados servem para desempenar as taboas, que os carpinteiros querem lavrar.

«*Cabo.* E' o pau que cobre a faca, ou qualquer ferramenta que d'elle necessita; ou o que se mette no olho do machado, enxada, etc.

«*Cabrestante.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Caibros* São uns paus compridos, a modo de barrotes, pregados nos quatro cantos do tecto.

«*Caimbra.* E' um pedaço de taboa grossa.

«*Cairo.* E' o cordel com que se aperta o tarabelho da serra.

«*Calandra.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Cambota.* E' um dos paus com meia volta, de que se armam os tectos, especialmente os estuques.

«*Cancro.* E' de dous modos: *Cancro de espiga*, vem a ser, o que tem uma parte chata com uns buracos para pregos em ordem a segurar as grades das portas, e outra parte comprida a modo de prego grande, que se prega na parede, junto á ombreira da porta. *Cancro de chumbar*, é mais curto e não tem espiga, serve para ligar umas pedras com outras; ou por modo de leme de porta, chumbado na pedra.

«*Cantil.* E' quasi a modo de plaina, com que o carpinteiro abre o taboado de meio fio, ou de macho.

«*Carcoma*, ou *Corcoma.* E' a podridão na madeira que se faz miuda como farellos. D'aqui *carcomer-se*, *carcomido.*

«*Casqueiro.* E' o chão aonde os serradores ajuntam a madeira ao pé do matto para escascarem e alimparem com os machados, e fazerem em falcas para a poderem serrar.

«*Cavanejo.* E' cestinho de vimes.

«*Cavilha.* E' pedacinho de pau estreito, que, como prego, se vai adelgaçando para o cabo, com que os car-

pinteiros pregam varias obras, que não levam pregos. D'aqui *cavilhar*, metter cavilhas.

«*Cegonha*. E' pau ou ferro, que se mette na porca do sino, e movido com a corda o faz tanger.

«*Cepilhar*. Veja-se *Acepilhar*.

«*Cepo*. Ha *cepo roliço*, que é instrumento que tem o ferro empinado, e corta em madeira rija. Ha *cepo direito*, que é instrumento que tem o ferro deitado, e corta em madeira branda; d'este usa o marceneiro.

«*Cercadura*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Cerce*, ou *Cercio*. Cortar cerce ou a cerce é cortar até á raiz, ou ao justo; porque os carpinteiros, e marceneiros, e outros officiaes, quando querem cortar uma cousa, de ordinario a assignalam com o compasso, que em latim se diz *circinus;* como quem diz cercear, ou cortar ao justo, aonde o compasso deixou o signal.

«*Cercear*. E' cortar ao redor. D'aqui *cerceaduras*, os fragmentos da materia cerceada.

«*Chanfrar*. E' cortar, ou serrar um pau ou taboa para dentro, e como ao viez; v. g. da extremidade de baixo de uma parte para a extremidade de cima da outra parte: ou tambem cortar, ou serrar um pau ou taboa, de sorte que fique um encaixe para se unir outro pau ou taboa com outro encaixe. D'aqui *chanfrado*.

«*Chapeado*. E' guarnecido com chapas: v. g. Portas chapeadas de latão ou de bronze. D'aqui *chapear*.

«*Chapuz*. E' pau que se mette em parede para n'elle se pregar prego, escapola, ou outra cousa, que se não póde pregar na parede.

«*Chato*. E' cousa igual, não mais levantada de uma parte, que de outra.

«*Cola*. Mettido á cola é o que está encaixado, de sorte que não possa sahir.

«*Colchete*. E' um pau que está no banco do marceneiro, em que se arrima a madeira que se quer cepilhar.

«*Compaginação*. E' junta ou encaixe, como de taboas.

«*Compasso*. E' instrumento geometrico, de que tambem usam os carpinteiros, marceneiros, etc., de ferro ou de outro metal, com que se tomam medidas, se fazem circulos e outras figuras; e vem a ser dous ferros agudos, encaixados um no outro por uma parte com seu eixo, por cujo meio se unem e alargam. Chamam-lhe pés do compasso. D'aqui *compassado*, medido com compasso, ou bem regulado com igual distancia, e *compassar*.

«*Comporta*. E' a porta, ou taboado, que tem mão nas aguas dos diques, ou caneiros dos rios, e se levantam para as deixar correr.

«*Conglutinar*. E' grudar, unir com grude.

«*Corrimão*. E' nas escadas das casas um encosto de madeira, ou de pedra, em que descança a mão de quem sobe ou desce.

«*Cortamão*. E' uma taboa triangular, que serve de passar a esquadria e meia esquadria.

«*Costalleira*, ou *Costaneira*. São as taboas do tronco da parte de fóra.

«*Cotovelo*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Couce da porta*, ou *da janella*. E' o coto do madeiro que entra na pedra, ou no chão em que anda a porta.

«*Cravação*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Cunha*. E' pedaço de ferro, ou pau quadrado, que acaba em angulo muito agudo, e serve de fender e rachar a lenha ou outra cousa.

«*Cuspir*. Diz-se d'aquillo que se não deixa penetrar, nem entrar de outras; ou é sahir alguma cousa para fóra da parte aonde se quer metter, por não poder entrar.

«*Dentes*. São uns entalhos que ficam nas extremidades das taboas antes de as pôrem em obra.

«*Desbastar*. E' tirar o mais grosso da madeira que se vai lavrando. Na esculptura é, quando se dão os primeiros golpes no pau e se põe em fórma.

«*Desempenar uma taboa, um barrote*, etc. E' vêr se está direita com duas regoas, que se põem direitas e parallelas; e não o estando, endirei-

tal-a com a enxó e com a plaina, ou cepilho.

«*Desencolar.* E' alimpar com a junteira a extremidade de uma taboa ao longo, para depois a branquear com a enxó.

«*Devasso.* E' largo, o que não anda justo, ou não fecha bem.

«*Dobrar.* E' reforçar; pegar uma cousa á outra para a fazer mais grossa, dura e mais forte.

«*Donzella.* E' engenho de pau, a modo de uma pequena e estreita columna torneada, com a parte superior larga e redonda, sobre a qual se põe um castiçal, ou candieiro.

«*Dorsel.* E' a parte posterior de uma cadeira de côro, em que se encostam as costas.

«*Eclusa.* E' obra de taboado para ter mão na agua, que não escorra. Veja-se *Comporta.*

«*Embeber.* E' fazer em madeira um entalho, e metter n'aquelle espaço alguma cousa.

«*Embutir.* E' atochar com artificio uns bocados de madeira lavrada em outros. E' tambem fazer o marceneiro lavor de varias folhas de madeira grudadas sobre outras. D'aqui *embutido, embutidor.*

«*Engra.* E' o mesmo que angulo.

«*Enredar uma arvore.* E' tecer n'ella fios de arame.

«*Emenda.* E' o pau que se ajunta, e encaixa com outro para o fazer mais comprido. D'aqui *emendar.*

«*Emmadeiramento.* Veja-se *Madeiramento.*

«*Empanada de janella.* E' janella guarnecida de panno untado com cêra branca, em lugar de vidraça, para admittir a luz, resistir ás injurias do tempo.

«*Empenar.* E' quando a taboa inchou com a demasiada humidade que se lhe embebeu nos póros, ou quando se torceu para uma parte. D'aqui *empenado.*

«*Empilhar taboado, achas,* ou *outra qualquer madeira.* E' pôr uma sobre outra, fazendo pilhas d'ella.

«*Empinar.* E' levantar.

«*Empolgadeira do arco.* São os vãos das extremidades do arco, nos quaes entram as pontas das cordas, e se aperta quando querem.

«*Encabeçadas taboas.* São as que ao comprido estão mettidas em outras atravessadas.

«*Encerados das janellas.* Veja-se acima *Empanada da janella.*

«*Encorporado.* E' tudo o que não é muito delgado, e tem corpo.

«*Engonço.* E' um ferro, que pela cabeça parece annel, com duas pernas, que se rebitam; e este annel se mette em outro semelhante, em lugar de macha-femea; como se vê em caixas.

«*Engranzar contas.* E' encadear uma conta com outra em fio de prata, ouro, arame ou ferro, etc.

«*Enredar uma grade de pau.* E' tecer n'ella rede de fios de arame.

«*Ensamblador, ensamblagem, emsamblar.* Veja-se *Samblador,* etc.

«*Entaboar.* E' cobrir com taboas.

«*Entalhador.* E' official de obra de talha com flôres de madeira e folhagens, com cabeças de anjos, com metas, brutescos, e outras figuras de meio relevo; reveste obras lisas de samblagem. D'aqui *entalhar,* cortar, ou talhar madeira para representar alguma figura. D'aqui *entalho, entalhado.*

«*Entreforro.* E' uma armação de taboas entre o telhado da casa e o tecto; pela serventia que tem lhe chamam *guarda-pó.*

«*Entrefolho.* E' casa pouco alta entre dous assoalhados no vão de um sobrado.

«*Enxambrado.* E' taboa que se corta como ao viez, ou com uma cavadura.

«*Enxerir.* E' metter uma cousa com outra.

«*Enxó.* E' instrumento com cabo curto, e chapa pouco encurvada, com que se tira o grosso da madeira.

«*Escabello.* E' banco, ou assento pequeno de madeira sem braços, nem espaldar.

«*Escabroso.* E' aspero ao tacto.

«*Escachar.* E' dividir violentamente, abrir com violencia de alto a baixo. D'aqui *escachado.*

«*Escano.* E' banquinho, ou estradinho para os pés.

«*Escapola.* E' fórma de prego grande com cabeça revirada, a modo de meio gancho.

«*Escarva.* E' o lugar aonde se encaixam os paus que se emendam.

«*Escopro.* E' instrumento de ferro, que de uma parte tem córte, e tem da outra cabo; e sendo todo de ferro, tem uma cabeça em que se dá com masso para cortar com elle. Usa d'elle o carpinteiro para abrir na madeira; o entalhador para desbastar as figuras; e outros officiaes.

«*Escora.* E' o nome das taboas que se põem para sustentar a terra que vem cahindo: é o pau para sustentar alguma cousa que não está segura; ou qualquer dos paus que sustentam o bailéo do guindaste, entre as hasteas do pau da grua e da roda. D'aqui *escorar.*

«*Escudete.* E' uma tarja pequena de ferro com uma abertura no meio, por onde entra a chave; e se põe por fóra de uma gaveta ou porta, etc., na superficie da fechadura.

«*Esgaravatil.* E' instrumento de marceneiro, que abre largo em baixo e estreito em cima.

«*Espalmar.* E' fazer qualquer cousa plana, como a palma da mão.

«*Espiga.* E' a extremidade do pau adelgaçada para entrar em algum buraco.

«*Espigão.* E' na madeira do telhado um pau que sahe dos cantos, e vai rematar com o laroz da tacaniça.

«*Esquadria.* E' a fórma de um angulo recto; compõem-se de tres regoas, uma das quaes tem tres pés, a outra quatro, e a outra cinco: estas tres regoas, unidas umas com outras pelas extremidades fazem um triangulo, que tem lados desiguaes, mas o angulo recto tem feição de L, ou T. Ainda hoje se usam estas duas castas de esquadria.

«*Esquadro.* E' angulo recto feito de taboa, entre os marceneiros.

«*Estaca.* E' qualquer pau adelgaçado, e ponteagudo pela parte que se mette na terra, ou outra cousa.

«*Estacadas.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Esteio.* E' pau que sustenta, e em que descança alguma cousa para maior firmeza. D'aqui *esteiar.*

«*Estrado.* E' taboado pregado sobre fasquias, que serve para assento de mulheres; para junto á chaminé, ou no pé dos altares, etc.

«*Estribar.* E' fundar, assentar, sustentar. D'aqui *estribar-se, estribado.*

«*Face.* E' superficie: é a parte dianteira de qualquer cousa relativamente á que lhe está opposta, e não fica á nossa vista.

«*Falca.* E' um pedaço de pau tirado direito com machado, de sorte, que fique com quatro faces, para se serrar. Para madeira de conta é *toro.* Ha pau, que bota quatro *falcas.*

«*Falquear um madeiro.* E' cortar d'elle alguma cousa.

«*Fasquia.* E' pedaço de taboa estreito, e comprido.

«*Femea.* E' instrumento de marceneiro, o qual se faz convexo, ao contrario do macho, que é outro instrumento, que se faz com cano. Tambem d'elle usam os carpinteiros.

«*Fenda.* E' abertura em materias, que apartando-se de si mesmas deixam de ser continuas.

«*Fender.* E' cortar ao comprido: ou partir com alvião, ou machado. Quando se prepara a madeira para qualquer obra, se abre por dous modos, ou ao comprido, que é o que se chama *fender*, ou atravessado, e contra o fio da madeira; e é, o que se chama *cortar.* D'aqui *fendido.*

«*Ferramenta.* São os instrumentos de ferro, de que usa o official.

«*Ferrar as barras.* E' entre os marceneiros, metter nas barras, ou paus, que sustentam o leito, uma porca dentro de um buraco.

«*Festão.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Filerete.* E' instrumento de marceneiro, a modo de junteira, mas com a differença de cortar da parte direita do corpo.

«*Filete.* E' em obras de marceneiro, v. g. *Filete de moldura,* aquella

guarnição estreita, e delgada immediata á pintura.

«*Fixa da macha-femea.* E' a parte que entra na madeira.

«*Florão.* E' ornamento, que representa flôres grandes, ou ramos de arvores, etc. Florão de talha; de marceneiro, etc.

«*Folgado.* E' não apertado, não estreito, proporcionadamente largo.

«*Folha da serra.* E' o ferro com dentes que serra a madeira.

«*Folha.* E' entre os marceneiros, taboamento delgado para forrar sobre outra madeira: entre os carpinteiros é metade de uma taboa serrada pelo longo de cima até abaixo. *Folha*, ou *folhagem*, entre os entalhadores é o lavor que fazem, a modo de folhas nos capiteis das columnas, e em outras obras da sua arte.

«*Força brava.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Formão.* E' instrumento que corta direito e liso, tem seu cabo.

«*Fornacos.* São os paus delgados que vão pregados pelo espigão acima.

«*Forrar.* E' grudar taboamento delgado sobre outra madeira: é pregar no tecto, ou debaixo das traves do pavimento de uma casa, ou em um armario, etc., taboas delgadas.

«*Forro.* E' o madeiramento pegado ao tecto, ou ao vigamento da parte inferior.

«*Frechal.* E' aquella viga, ou vigota, que se põe em cima das paredes aonde se pregam os barrotes e caibros para o tecto de uma casa.

«*Frontal.* E' parede formada de paus atravessados, a modo de grade, entre cujos vãos se põem tijolos grossos, mas estreitos e compridos, com cal.

«*Frontispicio.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Furar.* E' abrir com a ponta de um ferro, ou de verruma, etc. D'aqui *furo*, buraco feito com instrumento agudo.

«*Furnimento.* E' madeira de bordo.

«*Fuso.* E' pausinho torneado, em que as mulheres torcem e recolhem o que fiam. Ha fuso aberto, e fuso ferrado; este tem meaça, o outro não.

«*Fusil.* E' pedaço de ferro com que se aperta a enxó.

«*Galgar uma taboa.* E' fazel-a tão larga de uma parte como da outra. D'aqui *galga.*

«*Gambota.* Veja-se nos *Termos de architectura.*

«*Garlopa de juntas.* E' um instrumento que serve de tirar as ultimas aparas, para ficar bem unida a madeira.

«*Gastalho de dente.* E' uma presilha de pau que aperta uma folha de madeira no banco dos marceneiros. Ha outro que aperta na madeira grossa.

«*Gastão.* E' remate redondo de pau, marfim, prata, etc., em cima do bordão, ou bastão em que descança a mão de quem o traz. *Gastão de fuso*, é o bocadinho de chumbo, ou latão, que cobre a pontinha do fuso, e ajuda a torcer o fio.

«*Gelosia.* E' como grade de pau, que se põe nas janellas para vêr e não ser visto.

«*Genuflexorio.* E' encosto de madeira com seus estradinhos, em que se põe de joelhos, quem quer, com commodo e descanço.

«*Goiva.* E' um ferro talhado em redondo, que corta concavo.

«*Gonete.* E' um ferro que abre fundo na madeira.

«*Govete.* E' instrumento com que o carpinteiro faz molduras no taboado, para o que tem um ferro como de lingua de cobra.

«*Gral.* E' vaso de pau em que se pisam adubos e varios ingredientes.

«*Graminho.* E' instrumento que consta de uma taboinha quadrada e movediça, e com uma pontinha de ferro de uma banda, que serve para riscar com linhas certas e direitas na grossura e largura da madeira; esta pontinha está encaixada em um pau tambem quadrado que entra pela taboinha; ordinariamente são os paus dous, cada um serve de sua parte.

«*Grosa.* E' especie de lima picada com o ponteiro, que serve aos carpinteiros para gastar a madeira, para alimpar cortiças, etc. D'aqui *grosar*, alimpar com a grosa.

«*Grosso taboado.* E' não gastado.

«*Grua.* E' a roldana do guindaste.

«*Guarda-pó.* E' fórma de porta, que se põe mais dentro das portas das igrejas, ou das de algumas casas principaes.

«*Guarda-vento.* E' o mesmo que *Guarda-pó.*

«*Guilherme.* E' instrumento como plaina, porém mais delgado, que corta só pelo meio.

«*Guinda, Guindaleta, Guindar, Guindaste.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Gulas.* E' uma especie de garlopa, que faz uma gula inteira com seus filetes. *Gula*, é figura de S deitado, e feição de onda; concava e convexa; obra de marceneiros.

«*Jogar.* Diz-se de alguns instrumentos, ou engenhos, quando se movem.

«*Juntas.* São as extremidades de taboas ajuntadas.

«*Juntar.* E' fazer as juntas das taboas com o instrumento, que chamam junteira.

«*Junteira.* E' instrumento que corta só do lado esquerdo; serve de fazer as juntas das taboas.

«*Laçadias.* São obras de talha, como ramos, folhas, flôres, e fructos lavrados em capiteis de columnas e em outras partes.

«*Laroz.* E' na madeira do telhado o barrote que se põe na tacaniça para o sustentar.

«*Lavrar madeira.* E' trabalhar n'ella com enxó, plaina, etc.

«*Leme.* E' ferro agudo pela parte que se mette, ficando a parte de fóra direita; faz jogar, ou mover-se a porta, ou janella, em lugar de macha-femea.

«*Liar o vigamento.* E' assentar os córtes do taboado de sorte, que não vão todos em uma viga; porque poderá dar de si.

«*Linha.* E' um fio que se molha no almagre, para se assentar na madeira o que se quer serrar.

«*Liso.* E' sem artificio, sem ornato; é o que não tem aspereza ao tacto.

«*Listão.* E' uma taboasinha estreita, lisa, e comprida, a modo de regoa; não tem medida certa, e serve para tomar medidas.

«*Lisura.* E' polida igualdade da superficie de uma cousa.

«*Livel*, ou *Nivel*, ou *Olivel.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Lustrar.* E' o ultimo lustre da côr que se dá á madeira.

«*Macha-femea.* São chapas de ferro, que unidas, jogam uma com outra, e tem uns buracos para pregos, com que se assentam e n'ellas se revolvem as portas e janellas, etc.

«*Macho.* E' instrumento que faz concava a parte, que corta, tem o feitio de plaina, ou junteira mais pequena. E' tambem algum engenho que entra em outro.

«*Maço.* E' martello de pau com maça grossa, que de ordinario serve para dar no formão, ou no bedame. *Maço de porta;* é ferro que se bate com outro para avisar que venham abrir a porta, e está n'ella. Veja-se *Aldravão*, e *Cão de ferro.*

«*Madeira.* São taboas, pranchas, barrotes, vigas, traves, etc., porque todas são materias para varias obras de carpinteria, etc. *Madeira torta*, são cornos.

«*Madeiramento.* E' a madeira que vai dos frechaes para cima.

«*Madeirar.* E' assentar a madeira que vai dos frechaes para cima em sentido proprio; porém geralmente, é assentar toda a madeira; isto é, vigar, barrotar, soalhar, cobrir e guarnecer com madeira qualquer edificio.

«*Madeiro.* E' tronco comprido, cortado da arvore.

«*Mafamede.* E' meio caixão de angelim; e da feição dos grandes que vem da India.

«*Mainel de escada.* Veja-se *Corrimão.*

«*Malhadeiro.* E' mão do gral.

«*Malhete.* São as extremidades de uma taboa, divididas, e encaixadas umas nas outras.

«*Mancebo.* E' pau de tres pés, com buracos, por onde se penduram candeias de garavato. E' tambem uma fasquia delgada, que posta por baixo com força, serve para ter mão no taboado, que se préga em alto.

«*Mão de gral.* E' o pau com que se pisa.

«*Mãos.* São umas crescenças que os carpinteiros põem nos barrotes dos forros das casas, quando elles per si não chegam aos frechaes.

«*Maravalha.* E' apara delgada, que se tira da madeira com garlopa, plaina, ou junteira, etc.

«*Marchetado.* E' feito de pedacinhos de varias côres, embutidos de sorte, que com elles se representa alguma figura. D'aqui *marchetar, marchete.*

«*Maroma.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Mascoto.* E' o maço com que se pisa, ou quebra alguma cousa.

«*Matraca.* E' instrumento de pedaços de pau, ou taboa, com ferros, que meneados fazem estrondo ou ruido. Serve nos conventos para despertar a matinas, e de manhã; e na semana santa, em lugar de sino desde quinta-feira de Endoenças ao jantar até o sahir da Alleluia.

«*Misagra.* E' em mesas dobradiças a macha-femea.

«*Moldura.* E' guarnição que se faz de madeira, que cinge um painel ou qualquer outra obra, como bofetes, contadores, tectos, etc.

«*Molinete.* E' instrumento de pau com dentes entalhados n'elle, com que se bate o chocolate na chocolateira para o desfazer bem na agua e a fazer espumar.

«*Montea.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Muleta.* E' pau com outro mais pequeno atravessado por alto, com que os estropeados sustentam por baixo dos braços o corpo, e d'elle usam como de mula ou cavalgadura; d'onde lhe veio o nome.

«*Nivel*, ou *Livel*, ou *Olivel.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Noete.* E' o nó, ou botão de pau, ou metal, que furado no meio, e mettido na hastea do chapéo de sol, corre pela hastea acima, até de todo se estender a copa, que faz sombra quando o noete entesta no pião.

«*Norma.* E' esquadria.

«*Olivel.* Veja-se *Nivel.*

«*Orelhas do martello.* São as duas pontas do martello, que servem para arrancar os pregos.

«*Ovo.* E' o cume, ou ultimo pau do telhado, por ter figura ovada.

«*Painel.* E' a divisão da madeira sobre que assenta a pintura, ou dourado de retabolo, coche, sege, etc., ou a divisão que se faz nos tectos das casas com guarnições, e filetes, ou nos lados, aonde ha entalhos. E' em fim a estante em que os officiaes põem por ordem a ferramenta.

«*Palheta.* E' taboinha com fórma de cabo, aonde se péga para usar da bola, quando se joga ao aro. Tambem ha *Palheta de péla.*

«*Palmeta.* E' um bocado de taboa, que se mette em algum vão para pôr a prumo algum pau, ou para levantar, ou firmar alguma taboa.

«*Pampilho.* E' garrochinha com ferrão pequeno, a modo de farpa; ou vara e hastea comprida com ferro agudo no cabo, com que se picam os touros estando a cavallo.

«*Pando.* Diz-se das cousas que ficam como cavadas por dentro; ou que se dobram no meio, a modo de viga, ou trave, que com o muito peso dá de si.

«*Pé de bofete, leito, contador, banco*, etc. E' em que se sustentam estas cousas; uns são lisos, outros torneados, uns redondos, outros quadrados, etc. *Pé de medida.* Veja-se nos *Termos de architectura. Pé de cabra*, é um ferro fendido ou espalmado na ponta, de que se usa por modo de alçaprema. *Pés altos*, são uns paus de altura mais que de homem, por onde entram os barrotes das tranqueiras.

«*Pegamento.* E' união de uma peça com outra.

«*Pendente.* E' cousa que pende de outra, ou que está em cima de outra.

«*Pernas.* Chamam-se varias cousas, que em machinas, engenhos, e instrumentos, ou outras cousas artificiosas, fazem quasi o mesmo effeito, que no corpo as pernas; e assim dizemos as pernas do compasso.

«*Perpendicular.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Perpendiculo.* Veja-se *Prumo.*

«*Petipé.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Pinasio.* E' das tres couceiras de uma porta com suas taboas intermedias a couceira do meio.

«*Pingalhete.* E' preguinho de ferro.

«*Pinguélo.* E' ganchosinho como o que se arma nas ratoeiras.

«*Placa.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Plaina*, ou *Praina.* E' instrumento que serve de alisar madeiras; e vem a ser um pau de quatro faces, que no meio tem um ferro afiado, com o qual se aplaina e alisa.

«*Plano.* E' o que tem recta superficie, sem eminencia, nem cavidade alguma; como nas casas os pavimentos lançados ao nivel.

«*Polé.* E' roldana que consta de uma pequena roda encaixada em um pau, ou em um ferro, por meio do qual corre a corda que levanta o peso.

«*Pontalete.* E' qualquer pau que serve de apontelar e sustentar um muro, uma casa, etc.

«*Porca.* E' no lagar um pau que atravessa dous malhaes. No sino é o madeiro do meio, do qual está pendendo o sino, e com cujo movimento o sino se abala e tange. Leva a porca as aldravas de ferro, e os gatos com que se aperta o sino, o qual anda subjugado com duas cunhas em cima. *Braços da porca*, são as suas duas extremidades, e os ferros que andam n'ella, para fazer tanger o sino, cegonhas; estes tambem são de pau.

«*Portella.* E' uma porta de paus a modo de grade, que se põe nas entradas de algumas fazendas, ou terras junto ás estradas.

«*Prancha.* E' taboa grossa, comprida, e larga.

«*Presa.* E' engenho de madeira, para metter agua nas terras.

«*Prumo.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Purças.* Meias purças, são taboas de pinho do norte, muito compridas, e de duas até quatro pollegadas de grosso. As mais grossas para as cobertas, e costados de navios; e as delgadas para forros dos mesmos costados.

«*Quarteirões.* São quatro paus que atravessam os cantos do tecto de uma casa.

«*Quartella.* E' o que sustenta um vão.

«*Quebradiça porta.* E' a que se abre em duas por meio de macha-femeas, por não occupar o vão da casa.

«*Rabote.* E' instrumento de carpinteiro, como uma plaina maior.

«*Raso.* E' cousa que tem a superficie plana, e igual. *Cadeira rasa*, é a que não tem espalda.

«*Raspa*, ou *Raspadura.* E' o que se tira de algum pau, taboa, etc.

«*Raspador.* E' instrumento com que se raspa; e vem a ser um ferro em fórma de fusil, muito grande, com que os marceneiros raspam aquillo, que não soffre a garlopa; como as cousas embutidas de folhas, etc.

«*Reboque.* E' um instrumento de aplainar a madeira.

«*Redondear um pau.* E' fazel-o redondo com a enxó.

«*Refendido.* E' aberto em madeira com cantil, e guilherme, ficando as partes contiguas relevadas.

«*Regoa.* E' instrumento de pau, ou outra materia, chato, comprido, direito, estreito, e liso, que serve de tirar linhas direitas.

«*Relevo.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Remate.* E' o fuso da obra em cima.

«*Repuxo.* E' um ferro que embebe as tachas na madeira, de que usam os marceneiros.

«*Resalto.* E' a madeira concava, ou convexa, que sahe e salta para fóra.

«*Retabolo.* Vejam-se os *Termos de architectura.*

«*Ripa.* É fasquia comprida e estreita de madeira, que se assenta nos barrotes dos telhados para ter mão nas telhas.

«*Ripanço.* E' catre, ou leito pequeno, sem pilares, nem cortinas, em que se dorme a sesta. Chamam-lhe commummente *espreguiçador.*

«*Roda.* E' instrumental de machinas, e corpos movediços, que se move circularmente sobre um eixo.

«*Roldana.* Veja-se *Polé.*

«*Roscas*. São circulos e meios circulos, que se fazem em parafusos, e fusos, etc.

«*Samblador*, ou *Ensamblador*. E' official que obra, e junta madeira lisa, e a corta a meia esquadria. D'aqui *samblagem*, *samblar*.

«*Sanefas*. São as taboas que os carpinteiros assentam atravessadas em assoalhados de madeira, nas quaes se encabeçam e asseguram as que vão no comprido. São tambem as taboas que se põe em algumas obras, por modo de guarnição.

«*Sapia*. E' casta de pinho, mau de lavrar, e mais duravel que o outro.

«*Sarrapo*. E' qualquer lostão de taboa.

«*Seguintes*. São os lados, ou ilhargas da gelosia, v. g. nas quaes prende a dianteira.

«*Serilho*, ou *Sarilho*. Vejam-se os *Termos de architectura*.

«*Serradiça madeira*. E' madura, quadrada, direita, que se compra nas lojas.

«*Serradura*. E' acção de serrar: é tambem o que cahe da madeira quando a serram.

«*Serrafar*. E' roçar com serra ou ferro.

«*Serrafo*. E' pedacinho de pau serrado.

«*Sextavado*. E' cousa que tem seis lados, cantos, angulos, quinas.

«*Simples*. São uns arcos de madeira, nos quaes se assenta a abobada quando se fórma.

«*Sintel*. E' instrumento de marceneiro, que serve em lugar de compasso para os circulos muito grandes.

«*Soalhar*. E' forrar de taboas. Pôr soalho em uma casa, etc. Veja-se *Assoalhar*.

«*Soalho*, ou *Solho*. E' o forro de taboas em superficie plana de uma casa.

«*Sobradar*. E' fazer um ou mais sobrados em um edificio. D'aqui *Sobradados*.

«*Sobrado*. E' o assoalhado de um dos andares da casa.

«*Sobranceiro*. E' cousa que sobrepuja a outra na altura do cimo e lugar que occupa.

«*Sobrepôr*. E' pôr em cima de outra cousa.

«*Solhar*, *Solhado*, *Solhadura*. Veja-se *Assoalhar*, etc.

«*Soslaio*. E' través, esguelha.

«*Sovina*. E' torno de pau.

«*Spira*. E' rosca, volta, ou torcimento em linha spiral, a modo de caracol.

«*Taboado*. São as taboas de um soalhado, ou muitas taboas d'esta ou d'aquella casta; como taboado de casquinha. Taboado de varga, taboado sapio, taboado ordinario, taboado de Suecia, etc.

«*Taboão*. E' taboa grossa e grande.

«*Tacaniça*. E' uma das partes que compõem o madeiramento de um telhado.

«*Taco*. E' bocado de pau ou taboa, que se mette em algum buraco, etc.

«*Talha*. Obra de talha, é toda a obra que se faz de meio relevo.

«*Talha frio*. E' instrumento de marceneiro, que corta outro á força do martello.

«*Talhar*. E' cortar, dar um talho, separar uma cousa em duas com ferro talhante.

«*Tamborete*. E' cadeira sem braços. *Tamborete raso*, é o que não tem espaldar.

«*Tanho*. E' assento redondo, de palha de taboa.

«*Taira*. E' taboa de caixa de assucar.

«*Tarabelho*. E' na serra da mão um pausinho mettido no meio do cairo, que serve de apertar.

«*Taramela*. E' um bocado de pau, com o qual, dando uma meia volta, se fecham postigos, janellas, e portas para dentro. Ha taramelas de salto.

«*Tarracha*. E' a peça, que com ondas concavas, e convexas, entra na porta, e aperta.

«*Tarugar*. E' pôr entre viga, e viga uns paus para maior segurança do sobrado. D'aqui *tarugo*, o pau que serve de tarugar.

«*Tesouras*. São os paus atravessados a modo de cruz de Santo André, em que se assenta o madeiro, que se quer serrar.

«*Testeiras*. São as taboas de uma

caixa, com as quaes unem os carpinteiros as, a que chamam ilhargas, que são mais compridas, que as testeiras.

«*Testeira no caixilho do painel.* E' o sarrafo mais curto.

«*Topo.* E' a extremidade das vigas, barrotes, e outros paus. Tambem é a ultima parte das cousas, em que topam os passos, ou olhos. *Topo da escada,* é o alto ou ultimo degrau de cima d'ella.

«*Toro.* E' o pedaço da arvore, por onde se lhe cortou o ramo; ou o tronco da arvore.

«*Trado.* E' verrumão grosso.

«*Tranqueira.* E' armação de trancas, ou barrotes, mettidos ao comprido nos buracos de uns paus chamados *pés altos;* servem de cerco ao touril, em que se correm touros.

«*Tranqueta.* E' ferro chato, que corrido, ou levantando-se, e abaixando-se, abre, e fecha a porta, ou janella. Ha *tranqueta vieira,* e *tranqueta de argola.* Fica atraz da porta, para a ter fechada.

«*Tranquia.* São paus mettidos na terra com troncos, ou paus compridos atravessados para ter mão.

«*Trava.* E' viga atravessada, cujas extremidades descançam nas paredes, ou em pilares, ou columnas. *Trava da cruz* é a parte que atravessa.

«*Travadeira.* E' um ferro que torce os dentes da serra.

«*Travada cousa.* E' a que tem mão uma com outra por meio do que as une.

«*Travar.* E' pegar, unir uma cousa com outra.

«*Trave.* E' lenho grosso, e comprido, cujas extremidades se assentam em paredes, para sustentar barrotes, assoalhados, etc., e serve para palanques, cadafalsos e outras machinas de madeira.

«*Travejar.* E' assentar traves.

«*Través.* Mão través. E' a mão de lado a lado.

«*Travessa.* E' taboa ou pau, que se prega em uma porta, etc.

«*Trespassar.* E' passar de parte a parte.

«*Tripó.* E' assento portatil e dobradiço; consta de um bocado de couro com tres paus iguaes, que lhe servem de pés.

«*Vasar.* E' tirar a um pau a madeira pela parte de dentro.

«*Verga.* E' vara, ou pau, que se dobra.

«*Verruma.* E' instrumento para fazer furos na madeira; tem roscas agudas na ponta, com que fura.

«*Verrumão.* E' verruma grossa, porém mais delgada que trado.

«*Viga.* E' trave. D'aqui *vigar,* assentar vigas.

«*Virador.* E' engenho de madeira, que tem um pau direito no meio e outros atravessados, a modo de braços abertos, e corda, que serve de guindar pedras, fardos, etc., ao mesmo passo, que o engenho a poder de braços se vira.

TERMOS DE PINTURA, ESCULPTURA e TINTUREIRO. «*Absolver.* E' depois de ter posto algumas côres, unil-as com outro pincel.

«*Acabellado.* E' amarello escuro, a modo de folha secca.

«*Açafroado.* Cousa tinta em côr de açafrão, e amarella como açafrão.

«*Açafroar.* Tingir com açafrão.

«*Aguarella.* E' uma lavadura que faz o pintor com gesso moido, e colla de baldreu, que é pelle de luvas, ou retalhos d'ellas, e um dos apparelhos de pano, ou madeira para a pintura antes de debuxar, e colorir de morte côr.

«*Ajuntar madeira.* E' quando o pau não é bastante, e se unem muitos grudados para ter todo o tamanho da estatura, que quer fazer o esculptor.

«*Apparelhar o panno.* E' depois de pregado e bem estendido, e estirado o panno na grade, dar-lhe com as primeiras côres a imprimadura, até que fique bem tapado.

«*Amarello.* E' côr entre branco, e vermelho igualmente distante um do outro: reflecte muita luz. Quando é muito acceso, chamam-lhe os pintores *amarello tostado.* Quando é muito claro, chamam-lhe *amarello gualde.*

«*Acanellado.* Cousa da côr de canella.

«*Apavonado*. Cousa da côr de pennas de pavão.

«*Arruivascado*. De côr tirante a ruivo.

«*Assentar tintas*, ou *côres em um quadro*. E' pôr tintas, etc., com o pincel. Pedra de assentar o fio; é uma pedra negra, que tira a aspereza nos ferros de córte.

«*Assombrar*. E' pôr sombras, e escuros, para relevar a figura. Tambem assombrar as côres, é escurecel-as. Toda a côr se assombra com a sua contraria; o verde macicote, maquim, se assombram com verde bexiga, ou lacra.

«*Atamarado*. Côr de tamara.

«*Atanado*. E' casca de carvalho feita em pó, com que se dá aos couros uma concha, que os faz mais firmes; e chamamos sola de atanado, a que nos vem de França, ou Inglaterra beneficiada com o dito ingrediente.

«*Azevichado*. Negro luzido, como de azeviche.

«*Azul*. Ha tres castas de azul. Ha azul celeste muito claro; azul ferrete mais escuro, e mais baço; e azul ultramarino; d'este usam os pintores; e estes usam tambem de cinzas azues. *Azul turqui*, é o mesmo que *azul celeste*.

«*Azulado*. Tinto em azul, ou pintado de azul. Azular, pintar de azul.

«*Aguada*. Pintura de aguada, é a que se chama a fresco, porque se faz com agua, e não com oleo.

«*Arabesco*. São uns ramos, de que sahem umas folhagens, e flôres, não do feitio das que cria a natureza, mas inventadas, e produzidas da phantasia do pintor, ou de outro artifice, como em pannos de raz, ou guademechins.

«*Baldreu*. E' couro fraco, delgado, como pelle de luvas, com cujos retalhos muito bem cozidos ao fogo fazem os pintores a sua colla. Tambem d'isto usam outros artifices.

«*Bolhar*. E' dar uma côr sobre outra, de sorte que fica transparente a de baixo.

«*Borrão*. E' o mesmo que *debuxo*. Veja-se abaixo.

«*Bosquejar*. E' fazer um bosquejo.

«*Bosquejo*. E' o primeiro debuxo, que o pintor vai fazendo com o lapis.

«*Branco*. E' tudo o que é alvo, ou tem alvura.

«*Brancura*. E' alvura côr, que procede de muita luz reflexa, a qual, segundo a philosophia carthesiana, resulta de um corpo, cuja superficie se distingue em muitos pequenos, e quasi insensiveis globos, que como taes são mais aptos para reflectir. E assim vêmos, que os corpos brancos reflectem mais luz que os outros; e achamos por experiencia, que de um campo coberto de neve sahe bastante luz, para andar por elle toda a noite; se cáiam as paredes de uma casa, para esta ficar mais clara; e que a um espelho ardente mais facilmente se accende um papel branco que um escripto.

«*Brazil*. E' uma côr que os pintores fazem com rachas do pau Brazil, gomma arabica, e agua-ardente.

«*Brocha*. E' casta de pincel, atado em cabo de pau sem cano de penna, feito todo de sêda de porco.

«*Brutesco*. E' pintura que consta de satyros, veados, passaros, harpias, meninos com folhagens, flôres, fructos, etc.

«*Cambiantes*. Fazer cambiantes é fazer umas roupas de duas côres, a que chamamos vulgarmente, furtacôres. Fazem-se de muitos modos: um d'elles é fazer os altos de macicote, e a meia tinta de rosado, e os escuros de lacra.

«*Campir*. E' depois de coloridas as figuras, fazer os pertos, os longes, o horisonte, os céos. O primeiro monte, que são os pertos, de ordinario se fazem com branco e ocre, escurecidos com roxo, etc., e as suas arvores se mettem primeiro de preto escuro, etc. O segundo monte se faz de verde escuro, claro escurecido com verde mais escuro, ou com synopera misturada com azul e branco. O terceiro monte se faz de azul, e branco realçado com algum verde bem claro. Nos céos o horisonte se faz de macicote e branco, logo azul branco com purpura escurecidos, etc., e o mais conforme ao alvedrio do pintor.

«*Cançada pintura.* E' ser demasiadamente acabada, sendo escusado, por respeito da distancia da vista.

«*Candido.* E' o mesmo que branco e alvo.

«*Cardeo.* E' côr livida, ou chumbada, isto é, tirante a negra, como vergões de açoutes, ou contusões de carne pisada e magoada.

«*Carmesim.* E' uma certa qualidade de tinta, que dá lustre ás mais côres, e faz que durem mais tempo; que alguns dizem fazer-se em Cremona, cidade d'Italia, d'onde lhe vem o nome. E' côr vermelha, mas não muito viva.

«*Carmim.* E' tinta artificial composta de pau do Brazil, moido em almofariz com pães de ouro, tudo lançado de molho em vinagre branco, e depois de ferver, se põe a espuma a seccar. Tambem se faz de outro modo, com cochonilha, e pedra hume de Roma, tirante a vermelho. Tem o carmim a côr muito viva.

«*Carregada côr.* E' côr escura. .

«*Cortão.* Veja-se nos *Termos de architectura*, etc.

«*Castanho.* E' cousa de côr semelhante á côr da castanha.

«*Catasol.* E' tinta que serve entre outras para a illuminação.

«*Cavallete.* E' uma armação feita de regra, de maneira que sustentem o panno, quando o pintor n'ella pinta.

«*Caustico.* Pintura de caustico é sobre madeira branca queimando mais ou menos com uns estylos de ferro.

«*Ceruleo.* E' cousa de côr, que tira a azul, ou verde escuro, como a côr do mar.

«*Charão.* E' verniz da China, e do Japão, que se faz com lacca, espirito de vinho, e outros ingredientes. D'aqui *charoado*, obra de charão.

«*Chumbado.* E' cousa de côr de chumbo.

«*Cinabrio.* Ha duas castas, natural e artificial; o natural é uma materia, que de ordinario se acha nas minas do azougue, dura, compacta, pesada, lustrosa, crystallina, muito vermelha, sublimada pelo calor e fogo subterraneo, porém misturada com terra. O artificial se faz com tres partes de azougue crú, cozido, e encorporado com uma parte de enxofre, e sublimado por fogo graduado em varios sublimatorios. Pisado muito tempo, e moido em uma pedra de porfido se reduz a um pó finissimo e vermelho; e é o que vulgarmente se chama *vermelhão.*

«*Cinzento.* E' cousa de côr de cinza.

«*Citrino.* E' cousa de côr de cidra.

«*Claro.* E' a parte do painel aonde fere a claridade.

«*Cochonilha.* E' côr muito viva vermelha, com que se tingem os panos de escarlata; que sahe do sangue de um bicho d'este nome.

«*Colla.* E' uma massa que se faz de retalhos de luvas, ou de garra, que são as pontas, que cortam os luveiros das carneiras, cozidos, até se desfazer, do que usam os pintores.

«*Colhedeira.* E' uma folha de corno de boi delgada, com que se colhem as côres ao moer.

«*Colhér.* E' colhér de ferro, como as dos pedreiros, ou alvaneos, com que se apparelha o pano.

«*Colorido.* São as côres que convem ás figuras depois de riscadas. Tambem se diz o painel bem colorido, quando tem o claro, e escuro livre, as côres limpas, e tudo o que d'aqui depende, posto em seu lugar.

«*Colorista.* Bom colorista, o que applica bem as côres.

«*Colosso.* E' uma estatua de grandeza muito maior que a natural, como foi o colosso do sol na cidade de Rhodes.

«*Copia.* E' a imitação de uma pintura pelo original da outra, ou da cousa que se pinta. D'aqui *copiar* fazer um painel por outro em tudo semelhante. *Copiador*, que pinta copias, e imita os originaes.

«*Côr.* E' luz reflexa, e temperada, ou modificada, conforme a natural, ou artificial disposição dos corpos, os quaes com esta reflexão se fazem objectos da vista. Dividem-se as côres em simplices, e meias, ou mixtas. As côres simplices são cinco: branco,

amarello, vermelho, azul e negro. D'estas côres simplices igualmente misturadas nascem outras tres especies de côres, a que chamam meias, ou mixtas, ou compostas. Da côr amarella e vermelha nasce a côr de ouro; da côr vermelha e azul nasce a côr rôxa; da côr azul e amarella nasce a côr verde. A côr branca e negra misturadas uma com outra, ou com todas as mais, não fazem côres de differente especie, mas sómente mais ou menos carregadas; e da mistura de todas ellas nascem mil differentes côres. Democrito e Epicuro foram de opinião, que as côres não estavam nos corpos, mas na luz, que os alumia. Empedocles, e Platão chamaram ás côres *chammas*, que queriam dizer *luzes*. Os pythagoricos não distinguiram as côres das superficies luminosas. Porém das razões, e observações da philosophia moderna consta, que as côres não são propriamente luzes, nem tão pouco são uma pura modificação da luz, mas essencialmente dependem da disposição dos corpos, a que chamamos *córados;* porque sem estas disposições naturalmente diversas se não póde entender, como a luz se modifique em tão differentes reflexos: v. g. a alvura da neve não procede da substancia da agua, porque em se dissolvendo a neve, desvanece a sua candidez: nem se póde dizer que o frio é a causa da alvura da neve, porque o caramelo, ainda que frigidissimo, nem por isso é candido: finalmente não procede a brancura da neve de alguma disposição intrinseca, como de gravidade, ou levidão, ou outra qualquer qualidade; porque o leite, a espuma, a cal, e outros corpos, são alvos, ainda que não convenham nas mesmas qualidades. Logo a alvura da neve procede de uma particular modificação da luz; mas esta modificação essencialmente depende de alguma disposição particular da neve; e esta disposição, assim em a neve, como em os outros corpos, consiste nas differentes figuras, sito, e combinações das partes insensiveis, que compõe a superficie dos corpos opacos. Na opinião de outros, o branco, e o negro não são côres, mas privação de côr; e segundo estes, as quatro côres principaes respondem aos quatro elementos; ao fogo a côr vermelha; á agua a côr verde; ao ar a côr azul; e á terra a côr amarella: e assim como o elemento da agua é mais opposto ao elemento do fogo, e ao do ar o da terra; assim na pintura o verde faz mais opposição, e realça mais com o vermelho; e com o azul o amarello.

«Ha *côr*, que é materia vegetavel, ou mineral, simples, ou composta, com que os pintores fazem as suas côres. Para os taes cada côr em geral tem outras côres subalternas; para côr branca tem alvaiade commum, alvaiade genovisco, e alvaiade de escalha, que é o melhor, etc. A côr negra dos pintores é maquim escuro, sombra de Colonia, sombra de Cintra, negro de carvão, negro de lapis, etc. Veja-se *Negro* abaixo. Tem os mesmos para côr vermelha, vermelhão, almagra, azarcão, lacra, sinopla, roxo terra, cochonilha, etc. A sua côr amarella é ocre claro, ocre dourado, ocre escuro, macicote claro, macicote dourado, jalde, açafrão, etc. A sua côr azul, é azul de Sevilha, esmalte azul, etc. A sua côr verde, é verdete, verde montanha, verdacho, cinzas verdes, verde bexiga, etc. Em outras usam os pintores, de côr viva; côr resplandecente, côr escura; côr triste, que não é viva, nem resplandecente; côr macillenta, que não é muito viva; côr carregada, côr agradavel, côr de rosa, composta de côr vermelha e azul; côr de rosa secca, côr de palha, côr de mel, côr de fogo, côr cinzenta, côr de folha de pecegueiro, etc.

«*Córar*. E' dar côr; pintar.

«*Corpo*. Meio corpo. E' a imagem de vulto de qualquer materia, que não tem mais que ametade do corpo. *Côr que tem corpo*, é côr cheia, farta, bem posta, etc.

«*Crú*, ou *Secco*. E' quando em um painel tem a pintura os escuros mais fortes, do que é necessario, e mais claros, do que é licito; e estes extremos se ajuntam immediatamente sem

haver uma meia tinta que os una.

«*Debuxar.* E' riscar com lapis, ou penna, o que se obra na pintura, sem dar côr, nem sombras. A's vezes é pintar. *Debuxado, debuxo.* Delineação, primeiras figuras, e tudo, o de que consta o painel riscado sómente.

«*Declinar a côr.* E' quando uma se vai parecendo com outra. D'aqui *declinante.*

«*Defumar.* E' denegrir. D'aqui *defumado.*

«*Delambido.* Pintura delambida, é quando não tem força, e por estar mais unida, do que convem, se confunde ao longe.

«*Delinear.* E' fazer com barro o primeiro risco sobre o pano que se quer pintar, para vêr a fórma da idéa, e consta só de perfis, ou linhas.

«*Desbastar.* E' quando se dão os primeiros golpes no pau, em que se quer esculpir, e se põem em fórma.

«*Desenho.* E' a idéa que o pintor fórma para representar alguma imagem; ou tomar as justas medidas, proporções, etc., fórmas exteriores, que devem ter objectos, que se fazem á imitação da natureza.

«*Desflorar.* E' tirar o mais fino e puro, ou perfeito.

«*Deslavada pintura.* E' quando um painel consta só de côres sem sombras, tudo mal composto, e que não finge relevo.

«*Empastada pintura.* Veja-se *Pintura empastada.*

«*Encarnação.* E' a côr da carne em todas as partes nuas de um corpo pintado. D'aqui *encarnar.*

«*Encorporar.* E' de muitas tintas fazer um corpo, mexendo umas com outras.

«*Engessar.* E' pintar com gesso. D'aqui *engessado.*

«*Entre meia côr.* E' a que participa dos extremos de duas côres, v. g. vermelho, amarello, verde, etc., participam do branco e do negro.

«*Equestre estatua.* E' a que representa um homem a cavallo.

«*Esbranquiçado.* E' uma brancura baça, deslavada, e desmaiada.

«*Escarlata.* E' côr de grã, ou cochonilha.

«*Escascar a pintura.* E' tirar-se a codea.

«*Escorçar.* E' fazer um escorço.

«*Escorço.* E' a parte da figura pintada, que parece á vista diminuido de seu comprimento, ou largura. *Escorços,* figuras muito mais pequenas do seu natural.

«*Esculpir.* E' gravar, entalhar madeiras, pedras, metaes, etc., para com ellas fazer varias figuras. D'aqui *esculpido, esculptor, esculptura.*

«*Escuro.* E' a parte do painel privada da luz.

«*Esgrafiada pintura.* Veja-se *Pintura.*

«*Esmalte.* E' uma tinta azul de que usam os pintores.

«*Estatua.* E' figura de pau, barro, marfim, ou metal, ou gesso, toda de relevo representativa de qualquer pessoa.

«*Estatuaria.* E' a arte de fazer estatuas.

«*Estatuario.* E' o official que faz estatuas.

«*Estofar figuras* ou *roupas.* E' sobre ouro brunido cobrir de côr, e depois riscar com a ponta de um estylo de pau, ou de prata, ficando a flôr, folhagem, ou outro lavor, que fez de ouro, á vista. D'aqui *estofado. Estofo,* figura, roupa, ou outra cousa estofada.

«*Estrezir.* E' lançar sobre o picado do debuxo de um painel cousa que assignale o debuxo.

«*Esbelta figura.* E' quando a proporção do homem é alta e delgada.

«*Ethica imagem.* E' a que mostra ao vivo os costumes, e natureza de cada cousa.

«*Festão.* E' especie de ramilhete comprido, composto de flôres, fructos e folhagens, que ás vezes os pintores põe nas obras que fazem.

«*Filete de moldura.* E' aquella guarnição immediata á pintura.

«*Folha,* ou *Folhagem.* E' entre os esculptores e pintores o lavor que fazem a modo de folhas em varias obras suas.

«*Fresco.* Pintar a fresco; é pintar sobre parede, em quanto a cal está fresca, e não com oleo, mas com agua.

«*Fulso*. E' cousa de côr, que tira a vermelho.

«*Fundo*. E' a parte mais escura de uma pintura, e tudo aquillo que fica de traz das figuras, ou outro qualquer objecto.

«*Fusco*. E' escuro; tirante a negro.

«*Galha*. E' excrescencia do roble, ou certo carvalho do Levante, que se origina das picadas de uns insectos nos ramos mais tenros da planta, as quaes fazem uma materia humida, que no principio se condensa em bexiga, e toma ordinariamente a figura de redonda, alvadia, ou tirante a verde, ou a negro, e escabrosa, ou espinhosa: com ella se faz tinta para escrever, e serve aos tintureiros para tingir de negro.

«*Garra*. São as pontas, que os livreiros cortam das carneiras, com as quaes os pintores fazem colla mais forte, que a dos retalhos.

«*Gesso mate*. E' gesso commum, que de moido e peneirado se lança em uma panella cheia de agua clara, e cada dia se lhe muda, e se bate duas ou tres vezes, e aos dez dias se tira e secca. D'este usam os pintores e douradores, quando para brunirem o ouro, dão ao pau depois de estar encollado, uma mão de gesso commum, e sobre ella tres ou quatro mãos de *gesso mate*.

«*Glasto*. E' um genero de tinta da India, que se faz da herva do mesmo nome, á qual tambem chamamos *anil*. Semeada esta herva não dura mais de tres annos; e se colhe no mez de setembro, ou no principio de outubro, quando já cessam as chuvas. No primeiro anno é a planta ainda tenra, e o glasto, que d'ella se faz, fica imperfeito, de côr ruiva e pesada, de modo que lançado na agua se vai logo ao fundo; e se chama *mousi:* no segundo anno é perfeitissimo, leve, e de côr rôxa, e lançado na agua anda nadando sobre ella; tem por nome *cierce:* no terceiro anno torna a declinar da sua perfeição, e bondade, sendo pesado, e de côr negra, mais vil, e baixo, que todos; chamam-lhe *catelde*.

«*Grã*. E' tinta muito vermelha, que se faz de umas borboletas, que nascem de umas bagas vermelhas, que dá uma especie de azinheira no Algarve, e outras partes, as quaes borboletas se afogam em vinho branco excellente, e feitas em pastilhas, depois de seccas, se moem.

«*Grade*. E' a madeira composta de regoas, em que se prega o pano, que o pintor quer pintar, ou tem pintado.

«*Gradelim*, ou *Gradulim*. E' uma côr que se parece com a flôr do linho.

«*Graxo oleo*. E' aquelle, que posto ao sol engrossa, e faz fio, como mel. Serve na pintura para polimento, e para mordente.

«*Greda*. E' casta de barro macio, que de ordinario é branco, e deixa signal, no que toca; com elle riscam os pintores sobre o pano apparelhado. Alguns lhe chamam cré.

«*Grosar*. Entre os esculptores, é alisar com a grosa. *Grosa*, é especie de lima picada com o ponteiro, que serve para gastar a madeira.

«*Grutesco*. E' certo modo de pintar, que arremeda o tosco das grutas, ou com que se representam figuras de homens e de animaes com enfeites, e ornatos chimericos e ridiculos, que se tem achado em grutas e lugares subterraneos. Veja-se *Brutesco* acima.

«*Gualde amarello*. E' amarello commum, que não é de côr de ouro.

«*Historiado*. Diz-se *bem historiado*, de um painel, quando está ajustado com a historia; e a composição das figuras está conforme ás acções, e ao tempo em que viviam as pessoas, que na pintura se representam.

«*Iconologia*. E' palavra usada entre os pintores, estatuarios, e imaginarios, para significar a representação das virtudes, vicios e outras cousas moraes, ou naturaes com apparencia de pessoas vivas. Teve a *iconologia* origem nas ficções dos poetas, que aos seus falsos deuses attribuiram armas, insignias, e vestiduras demonstrativas de suas imaginarias excellencias. E assim para os differençar, representavam a Saturno velho, e com uma fouce. A Marte armado de armas brancas com uma lança na mão. A Jupiter armado de raios, com

uma aguia ao lado. A Neptuno com tridente assentado em um carro de quatro cavallos marinhos. A Plutão com um forcado em um carro de quatro cavallos negros emparelhados. A Cupido com os olhos vendados, com tocha accesa, com arco, frechas, e aljava. A Apollo, ora com arco e frechas, ora com lyra ou cythara. A Mercurio com o caduceo na mão, com galero na cabeça, e com talares nos pés. A Baccho cravado de folhas de hera, armado de um thyrso, vestido de uma pelle de tigre, ou em um carro puxado por tigres, e seguido dos menides, ou bacchantes. A Hercules coberto de uma pelle de leão, com a clava. A Juno arrebatada pelos ares em uma nuvem com um pavão ao lado. A Venus com um carro tirado por cysnes, ou pombos. A Pallas com capacete na cabeça encostada no escudo, chamado egide; e ao lado uma corceja, ave, que lhe foi dedicada. A Diana em trajes de caçadora, com arco e settas. A Ceres com uma folha e uma pavea. Do mesmo modo os pintores e esculptores nos representam as virtudes e os vicios, as estações do anno, e os rios, com corpos e suas divisas. Representam a Fortaleza com rosto varonil, e habito guerreiro, assentada e encostada em uma figura cubica, com um leão aos pés. A Prudencia com um espelho, em que está enroscada uma serpente. A Temperança com um freio. A Justiça com espada e uma balança. A Fortuna vendada e com uma roda. A Occasião com cabellos por diante e calva por de traz. Aos Rios com urnas, e corôas, etc. D'aqui *iconico*, pintado ao vivo.

«*Illuminação*. E' pintura que se faz em pergaminho, guardando a mesma ordem, que na pintura á tempera, tirado, que nos encarnados, nos altos d'elles ha de ficar o pergaminho tal, e aquelle mesmo branco; porque de tal modo se vai apalpando com a lacra, e sombra, que sempre o pergaminho fique servindo com a sua mesma côr. D'aqui *illuminador*, o que faz pinturas de illuminação; *illuminar*. *Illuminativo*. E' um ingrediente bom para a pintura de illuminação, como v. g. branco, genuisco, vermelhão, ocre, claro, lacra, etc.

«*Imagem*. E' retrato, ou representação, ou figura, ou estatua de alguem ou de alguma cousa.

«*Imaginaria*. E' a arte de fazer imagens, ou figuras de vultos. D'aqui *imaginario*, o official, que faz as taes imagens, ou figuras.

«*Imprimadura*. São as primeiras côres, que se dão em um pano, que fazem corpo, para sobre ellas se pintar as figuras, ou outra cousa. São tambem as primeiras côres de qualquer materia para sobre ella se colorir.

«*Imprimar*. E' depois de enxuta no pano a colla e o gesso, e tudo bem raspado e liso, dar uma ou duas mãos de qualquer côr baixa, moida com oleo para debuxar, e colorir de morte côr. Tambem se imprimam pedras, paus, vidro, e couro, quando n'estas materias se assenta o ouro.

«*Jalde*. E' um amarello acceso.

«*Jenolim*. E' uma das côres que serve para a illuminação. Veja-se *Macicote*.

«*Laçaria*. Veja-se nos *Termos de architectura*.

«*Lamina*. E' quadro pintado em cobre.

«*Lapis chumbo*. E' pedra, côr de chumbo, ou do mesmo mineral, com a qual se debuxa, e risca sobre papel ou pergaminho. Ha tambem *lapis vermelho; lapis preto;* o vermelho se chama tambem *hematis*.

«*Leonado*. E' côr que tira a russo, como a do cabello do leão.

«*Linha terrea*. E' a que se considera pelas plantas dos pés.

«*Longes*. São os objectos, que por meio da perspectiva se representam no painel distantes da vista.

«*Louro*. E' côr entre alva, e ruiva; formosa, aclara; como a dos cabellos louros.

«*Lumes de pintura*. São as côres mais vivas de um painel.

«*Luz*. E' um painel de uma pintura. *Painel a duas*, ou *tres luzes*, é de duas ou tres figuras, postas nas costas de umas taboletas, ou tiras, cortadas de sorte, que olhando ora da ilharga esquerda, ora da direita, ora

para a parte fronteira, se vêem figuras differentes; e assim a differentes luzes, cada figura se vê por si, e não todas juntas. Para o pintor acertar, repara em primeiro lugar d'onde dá a luz na figura; se vem da janella, se vem de cima, ou de baixo, se é fronteira, etc., e nos lugares d'onde vem a luz, põe as côres mais claras, para relevar bem as figuras, de modo que pareça, sendo pintadas, que são de vulto.

«*Macicote*, ou *Massicote*. E' uma côr mineral, ou cerusa, que se faz com alvaiade calcinado em fogo moderado. Ha de tres castas: claro, amarello, e dourado, conforme os differentes graus de calor que se lhe dá. Applicado exteriormente em pó impalpavel é defecativo, e uma das tintas, que aos pintores serve para a illuminação.

«*Manchado*. Bem manchado painel se diz, quando a pintura é feita com deliberação, não muito acabada, mas tocada com destreza; e tudo posto em sua regra.

«*Maneira*. E' debuxo, e estylo de colorir. Boa maneira se diz, quando o painel é bem colorido. Má maneira, se diz ao contrario.

«*Manequim*. E' uma figura de pau, a qual faz os mesmos movimentos, que uma creatura, e serve para vestir com roupas, que se querem imitar, e por ellas se pinta no painel.

«*Maquim*. E' uma das côres negras, de que usam os pintores. Põe-se primeiro de molho em sumo de lima, e com ella o móe em lugar de agua; e o usam com gomma. Alguns lhe chamam *genoli*, ou *jenolim*. Ha maquim claro, que é uma das côres amarellas; e maquim escuro.

«*Marcasita*. E' pedra, ou torrão de terra, que é indicio de metal; e tem em si uma materia de côr negra e chumbada, com que se dá verniz á louça.

«*Matiz*. E' mistura e união de côres diversas em paineis, em tecidos, em obras de agulha, com tão suave proporção, que não offenda, mas agrade á vista. D'aqui *matizado*, *matizar*.

«*Mesa*, ou *Bofete*. E' o que serve como de aparador para se pôrem as côres moidas, e por moer, e assim paineis, brochas, pinceleiro, e mais cousas necessarias á pintura.

«*Mesclar*. E' misturar. Mesclar côres, etc.

«*Meia côr*. E' a que não é das extremas, mas participa d'ellas; v. g. a vermelha, que participa da branca e da preta.

«*Migniatura*, ou *Miniatura*, ou *Minhatura*. E' pintura que vulgarmente se chama de *pontinhos*, com côres muito finas em pergaminho, ou outra materia delgada, e sempre em pequeno. N'este genero de pintura é a principal côr o cinabrio mineral.

«*Mixta*. Côr meia, e mixta, é a que por arte, ou por natureza, é misturada com outra. A côr de ouro, v. g. é côr mixta, porque é da côr amarella e vermelha. Veja-se *Côr*.

«*Modelar*. E' fazer em barro, ou cera a copia de qualquer cousa, que o artifice quer imitar, de maneira que o original fique abreviado na copia, e esta tenha toda a sua differença no tamanho.

«*Modêlo*. E' uma figura pequena em barro, ou cera, para por ella se fazer em grande. Os modêlos dos estatuarios são varias figuras, e parte de outras; vasados de gesso, tirados os moldes de estatuas antigas e modernas de grandes artifices.

«*Moldura*. E' guarnição de madeira, que cinge o painel.

«*Moleta*. E' um seixo com que os pintores moem as côres sobre a pedra.

«*Mordente*. São côres baixas muito bem moidas a oleo, postas ao fogo em um pucaro, e com um pequeno de verniz, até que se cozam bem. São tambem sobras das tintas da paleta, e pelles fervidas em oleo, e coado por um pano grosso. Para dourar o vidro se ha de fazer o mordente liquido, que corra pela paleta, e ha de ser de ocre escuro, para ser bom, ou dourado.

«*Morte côr*, ou *Morta côr*. E' a primeira vez que se pinta sobre pano apparelhado com as côres, para vêr o effeito de toda a obra. Chama-se *Mor-*

te côr, porque sempre morrem as côres; e assim é necessario dar-lhe, depois de bem enxuto, a viva côr com côres bem moidas e boas.

«*Mosaico.* Pintura de mosaico, é a que se attribuia antigamente ás musas; ou com este aprazivel arremedo da pintura se ornavam os lugares consagrados ao estudo a que chamam *Musea.*

«*Mundo.* Na pintura, e estatuaria, é uma bola ou globo, em que se representa o mundo, que se vê na mão de alguns papas, ou imperadores pintados, ou esculpidos, ou sobre as suas tiaras, ou corôas.

«*Nacar.* Côr de nacar, é um encarnado desmaiado, como aquelle, que se vê em o nó, ou extremidade da parte concava das ostras, em que se geram perolas. D'aqui *nacarado.*

«*Negro.* E' côr, ou tinta; um dos dous extremos das côres, opposto ao baço. O negro, com que se pinta, ou tinge, é um corpo opaco, e poroso, que recebe em si a luz, e a não reflecte. Dão os pintores a varias castas de côres negras, estes nomes: *Negro de carvão; negro de lapis; negro de pós; negro de osso; negro de marfim; negro de Flandres.* Fazem os mesmos côr negra com ferrugem da chaminé; com ferrugem de forno de pão, com sombra de Cintra, maquim escuro, etc. Fazem os tintureiros o seu negro com galhas de alepo, ou de Alexandria, com caparrosa, com paus, e cascas de alemo, etc. Não produz a natureza cousa alguma negra, que sirva para tingir em negro. A materia mais alva, depois de queimada, fica a mais negra; como se experimenta no marfim.

«*Ocre.* E' um barro amarello, leve e friavel, que se acha em minas de cobre e chumbo. Serve para os pintores. As côres, que se moem com agua de gomma, sem mais purificação, são ocre claro. O ocre claro se escurece com lacra, ou com ocre escuro, e se realça com ouro. O ocre artificial dos chimicos se faz de chumbo com fogo violento.

«*Olear.* E' untar com oleo, ou materias oleosas, portas, janellas, armarios, etc.

«*Oleo.* Geralmente é a parte unctuosa, que se espreme de varias plantas e fructos.

«*Ondear.* E' fazer o pintor, imaginario, esculptor, e estatuario, etc., obra de lavor, que imita a fórma de ondas.

«*Ostro.* E' a purpura, ou tinta com que se faz a purpura.

«*Ouro.* De pintores, illuminadores, e douradores, é o que se bate em folhas; e ouro mate, porque não brilha, em quanto se não brune depois de assentado.

«*Painel.* E' pintura a oleo, ou á tempera sobre differentes materias, v. g. pano, taboa, cobre, etc.

«*Paizes.* São paineis, em que estão representados arvoredos, prados, fontes, casas de prazer, e outros aprazíveis objectos do campo.

«*Paizagem.* E' o mesmo que *paizes.*

«*Paizagista pintor.* E' o que tem genio para fingir bem, arvoredos, longes, prados, fontes, e lugares campestres.

«*Paleta.* E' uma taboasinha, a modo de escudo, ovada, e muito delgada, sem cabo, mas com um buraco na extremidade, em que o pintor mette o dedo pollegar, para a sustentar; serve de ter as côres, com que se está pintando.

«*Pano de pintor.* E' uma sorte de pano crú, sobre o qual se pinta, e tem diversos nomes; como brim, settelarau, linhagem, etc.

«*Pardo.* E' côr entre branco e preto, propria do pardal, d'onde parece lhe veio o nome. D'aqui *pardaço*, muito pardo, pardo escuro.

«*Pardilho.* Alguma cousa pardo. Pardo cinzento.

«*Pavonaço.* E' côr media entre azul e negro, assim chamada das pennas de pavão. Parece ser, o que chamamos *roxo*, ou *côr de violetas.*

«*Perfil.* E' o ultimo da figura, que se comprehende com um fio, ou linha imaginaria, dentro do qual se contém tudo o mais. Por outro nome se chama *secção*, porque com ella se comprehendem as alturas, comprimentos, e larguras interiores, como ao edificio se tivera dado um córte desde o mais

alto d'elle até os fundamentos, são tambem os lineamentos de qualquer figura, que o pintor faz sem sombras, nem côr. E' tambem a delineação das figuras, ou qualquer outro objecto, com pincel e côr; e delinear n'esta fórma se chama *perfilar*. Os perfis de qualquer parte de uma figura pintada são as extremidades d'ella. *Meio perfil*, é a parte de um rosto, que se vê de um só lado, sem que os olhos alcancem ao outro.

«*Perfilada pintura*. E' aquella em que se não unem os extremos das figuras com o seu fundo. *Perfilado de ouro*, é redondo de um fio de ouro.

«*Perfilar*. E' ir com o pincel e côr delineando as figuras, ou qualquer outro objecto. Depois de estar debuxado aquillo que se quer, se costuma perfilar, principalmente os encarnados, com sombra, e uma migalha de preto, e outra de nacar, ou cochonilha.

«*Perspectiva*. E' parte da optica, que ensina a representar os objectos mais ou menos distantes do que são, com linhas terreas, horisontaes, parallelas, diametraes, e perpendiculares, e com o ponto primeiro ou principal, e outros dous, a que chamam pontos de distancia. A perspectiva da pintura vê-se nos paizes em paineis, ou em paredes, pintadas a fresco, com bosques, jardins, campos, ou casas delineadas com as regras opticas, com seus fundos, e côres menos vivas. Toda esta obra se faz por meio das linhas visuaes, umas, pelos quaes procedem os raios direitos, e por meio d'elles se faz a visão direita; e outras, pelas quaes procedem os raios obliquos, e com estes se faz a visão obliqua. Distinguem os pintores dous modos de vêr, o vêr simplesmente, como faz qualquer homem; e o vêr com sciencia, que é proprio do homem sciente na perspectiva. O vêr simplesmente não é outra cousa, que receber naturalmente na virtude do vêr a fórma, e semelhança da cousa vista; mas o vêr do sciente na perspectiva, é um vêr considerado e advertido, porque busca, e considera o modo com que se vê; e assim vê, que da cousa vista vem os raios ao olho de todas as suas partes, que são vistas, porque não se podendo ella toda vêr, mal podem de toda ella vir estes raios ao olho; de sorte, que este vêr é por linhas direitas, e nenhuma cousa visivel se vê toda juntamente.

«*Pertos*. São as cousas que ficam mais chegadas á vista.

«*Picar*. E' furar com alfinete, ou agulha um papel do tamanho do painel que se quer fazer, em que está o debuxo. Picar o debuxo.

«*Pincel*. E' com que o pintor assenta as côres, e as applica. Faz-se de varias materias: *pinceis de gris*, são de um cabello negro mais aspero: *pinceis de cabra*, são de barba de cabra: *pinceis de sêdas de porco*, são dos cabellos mais tesos do porco montez. Chamam-se em fim pinceis todos os que tem cano de penna. Os pinceis grossos atados em cabo de pau se chamam *brochas*. Os pinceis dos antigos eram bocadinhos de esponja.

«*Pinceleiro*. E' uma caixa de folha de Flandres com seus repartimentos, que serve de ter oleo para alimpar os pinceis, quando se pinta, e quando se pára aquelle dia com a pintura.

«*Pintar*. E' obrar com pinceis para imitar com varias côres judiciosamente assentadas as figuras de cousas naturaes ou artificiaes.

«*Planta*. Diz-se *boa planta*, quando uma figura tem boa acção, e está bem aprumada, fazendo firmeza sobre uma perna, ou em ambas, com muita graça.

«*Polimento*. E' uma tinta que se faz de alvaiade bem moido com oleo graxo, que com uma tés de couro de luva muito delgado se assenta, e se estende nos encarnados da figura.

«*Polir*. E' dar o que chamam polimento. Veja-se logo acima.

«*Pombinho*. E' uma côr que se faz de alvaiade, lacre, e cinzas, e na paleta se vai mesclando á vontade.

«*Pontinho*. Pintar de pontinhos, é pintar com a ponta do pincel.

«*Ponto*. Na optica, dioptrica, e na perspectiva, *ponto principal* é uma linha considerada da pessoa que olha ao objecto; e este ponto de vista é, o

que no painel se acha cruzado com o raio principal. *Pontos de distancia*, são os dous pontos da linha horisontal, igualmente afastados de uma e outra parte do ponto principal, e é a longitude, que vai da pessoa até o objecto. *O ponto accidental de uma linha recta*, é um ponto do painel no lugar, em que o cruza uma linha recta, que corre parallela do olho á linha proposta. Todas as linhas parallelas umas ás outras, e não ao painel, tem o mesmo ponto accidental; e as que estão parallelas ao painel, não tem ponto accidental. *O ponto do concurso*, é aquelle, ao qual os raios visuaes reciprocamente inclinados, e sufficientemente prolongados se ajuntam, e se unem no meio. *O ponto da reflexão*, é aquelle, em que o raio da incidencia topa na superficie do espelho, e aonde se faz a reflexão. Tambem lhe chamam *ponto de incidencia*. *Ponto de refracção*, é o em que se faz a refracção, etc.

«*Proporção*. E' correspondencia de uma cousa com outra, ou das partes entre si, ou das partes com o todo, e do todo com as partes.

«*Punção*. E' especie de ponteiro de ferro, com que se debuxa. D'aqui *punçar*, abrir com punção.

«*Purpura*. E' côr muito vermelha, que se fórma de um precioso licôr, que se acha em um pequeno peixe de concha, tambem chamado purpura. Hoje se faz a purpura com grã, ou cochonilha.

«*Quadro*. E' o mesmo que *painel*.

«*Quartella*. E' o que sustenta um vão, na esculptura.

«*Quebradas côres*. São aquellas que vão misturadas com outras, que as fazem ficar mudadas de sua natureza, e menos vivas.

«*Rachar*. E' riscar, e abrir a pintura, ou estofo com um estylo de pau ou de prata, ou ponteiro duro, etc.

«*Rascunho*. E' delineamento da obra em borrão. D'aqui *rascunhar*.

«*Rasa taboa*. E' a taboa, ou pano, em que o pintor, ainda não tem assentado cousa alguma.

«*Recennar*. E' quando se doura alguma cousa, depois de se assentar os pães de ouro, ir com bocadinhos cobrindo as faltas, que ficaram.

«*Recortar*. E' applicar a côr ao redor da figura, para que appareçam todas as partes d'ella no seu ser.

«*Reflexo*. E' na pintura a parte que participa da claridade nos extremos da sombra, oppondo-se-lhe corpo claro.

«*Regraxar*. E' tomar um pano de linho muito brando, e pôr-se-lhe um pequeno de algodão, depois faz-se um modo de pincel, com o qual se vai estendendo o verdete, e logo se vêem os claros em verde claro, e os escuros em verde escuro.

«*Relevar uma figura*. E' fazel-a de maneira, que sendo pintada, pareça de vulto.

«*Retocar*. E' depois da obra acabada, aperfeiçoar mais algumas cousas á pintura, ou esculptura.

«*Retoque*. E' a ultima perfeição de qualquer obra de pintor e esculptor.

«*Retratar*. E' fazer em pintura a semelhança de qualquer pessoa, ou objecto bem natural. D'aqui *retrato*, a semelhança de alguem em pintura.

«*Risco*. E' o primeiro risco que faz o pintor com o barro sobre o pano; consta só de perfis, e linhas, e serve para vêr a fórma da idéa; não tem côres, nem sombras. Tambem lhe chamam *delineação*. D'aqui *riscar*.

«*Rom*. E' uma pedra amarella, que vem da India, de que usam os pintores para amarello.

«*Roseta côr*. E' côr que se faz de pau do Brazil raspado com um vidro, com pedra hume moida, cal virgem, ou grã, e gomma arabica, fervidos em panella vidrada.

«*Rosicrer*, ou *Rosicré*. E' côr de rosa e açucenas.

«*Rosto*. E' uma das partes em que os pintores e esculptores dividem na symetria das suas figuras o corpo humano. E assim toda a figura, que fazem, tem dez rostos; os cinco primeiros chegam até o nascimento das pernas; e os outros cinco vão até á planta do pé.

«*Roxo*. E' côr de violetas ordinarias, que se parece com sumo de

amoras maduras; e por isso em castelhano se chama *morado.*

«*Ruço.* E' côr branca tirante a ruivo.

«*Ruivo.* E' amarello muito acceso.

«*Rusilho*, ou *Rosilho.* E' côr tirante a rosa, e branca.

«*Rusto.* E' branco confusamente misturado de negro.

«*Sangue de drago.* Veja-se depois d'estes termos no fim.

«*Sciagraphia.* E' a projecção ou extensão das sombras, que representa successos nocturnos, como v. g. um painel, em que se vê a prisão de Christo feita de noite por Judas.

«*Seccante.* Ha varios modos de seccantes entre os pintores: como *seccante de pedra hume*, para o jalde. *Seccante de vidro*, para a lacra. *Seccante de fezes de ouro*, para todas as côres. *Seccante* para o preto, que é o *verdete. Seccante* moido, e misturado com o preto na paleta; e outros mais, que traz Nunes na *Arte da pintura.*

«*Sinopera*, ou *Sinopla.* E' uma das tintas que se lavram a oleo, e servem para a illuminação; e vem a ser uma terra vermelha, assim chamada de *Sinope*, antiga cidade de Paphlagonia no Ponto Euxino; e hoje do governo do turco na Natolia, aonde se acha em abundancia.

Sinzel. E' um ferro com que se aperfeiçoam as estatuas e imagens da esculptura.

«*Solver.* E' unir com pincel secco as côres que estão separadas umas das outras.

«*Sombra.* E' a falta de luz nos objectos representados na pintura. E' a obrigação, e arte do pintor, o vêr primeiro que tudo, d'onde dá a luz na figura, se vem de baixo, ou de cima; se vem da janella, ou de outro lugar; se é luz de candeia, ou se são mais as luzes; e achará, que aonde a luz vai faltando, logo as sombras se vão seguindo pouco e pouco. E como sempre os altos da figura são mais claros, ao colorir se põe a côr mais clara, e logo a meia tinta, com alguma outra cousa, que a assombre; e nos escuros serve a mesma meia tinta com outras, que a escureça mais: e estes escuros são as sombras da pintura, que relevam as figuras.

«*Symetria.* E' a proporção conveniente, que ha nas partes, e membros humanos, segundo Vitruvio. Toda a figura do corpo humano, segundo João Darse, tem do nascimento do cabello da testa até á ponta da barba, dez rostos; os cinco primeiros chegam até o nascimento das pernas; e os outros cinco vão até á planta do pé. Da ponta da barba até onde fenecem os cabellos, é a decima parte do corpo, segundo Vitruvio. D'aqui *symetrico.*

«*Taboa.* E' o mesmo que *quadro. Taboa rasa.* E' taboa, cobre, ou pano, antes de lhe applicar o pintor as côres.

«*Tempera.* Pintura á tempera, é a que se differença da pintura a oleo no apparelho; porque não leva imprimadura no licôr, porque se não destemperam as côres em oleo, mas a colla, ou em agua; e finalmente em algumas côres, que se não usam a oleo; como é verde bexiga, e outro verde escuro de annel, e jalde, e ainda o montanha.

«*Tento.* E' uma vara delgada, ou canasinha, que sustem a mão direita do pintor para firmeza do pincel.

«*Terrea côr.* E' côr pallida escura. *Linha terrea.* E' a que se considera pelas plantas dos pés.

«*Testeira.* E' no caixilho de um painel o sarrafo mais curto.

«*Thiyno.* E' pau do Brazil, vermelho, com que os pintores e tintureiros realçam a côr das suas obras.

«*Tingir.* E' dar a um pano uma côr differente da que tinha, deixando-a de molho em um licôr preparado, do qual se embebe.

«*Tinta.* São varias as tintas dos pintores: umas se lavram a oleo, moem-se na pedra; e para se conservarem frescas, se põe na agua em suas vieiras, cobertas com papel; como alvaiade, vermelhão, verdete, machim, macicote, etc. Outras se lavam, e se apuram, sem se moer; umas servem para a illuminação; outras para pergaminho, etc.

«*Tintura.* E' a arte de tingir, ou a

acção de tingir. E' tambem o mesmo que côr.

«*Tinturaria*. E' o lugar aonde se tingem os panos, etc. Tambem se chama *tinto*.

«*Tocado*. Painel bem tocado é aquelle em que se vêem algumas cousas com alguns toques de pincel livres, que mostram serem de uma mão sabia.

«*Toque do pincel*. E' o ducto d'elle.

«*Tordilho*. E' côr entre parda e cinzenta.

«*Tostado*. E' côr queimada.

«*Traçar*. E' delinear as primeiras linhas. Lançal-as, fazer riscos.

«*Trasfolear*. E' tirar com o papel oleado qualquer pintura, pondo-o sobre ella, e tirando só os perfis.

«*Trigueira côr*. E' côr pouco alva, que tira a parda, e declina a negra.

«*Turqui*. Azul turqui, é azul muito fino, azul celeste.

«*Tyria côr*. E' côr de escarlata, ou de purpura.

«*Verdacho*. E' tinta que mette a côr de cana.

«*Verde*. E' a côr que a natureza dá ás hervas, arvores, etc.: usam os pintores e tintureiros de muitas castas de verde; como *verde mar*, que é o que parece ter o mar, visto de longe: *verde terra*, que é uma especie de rorax amarello, que se faz deitando agua em vias mineraes. Na pintura o *verde terra* se escurece com *verde bexiga*, e o realço é alvaiade, ou macicote. *Verde bexiga*, se faz de arruda, e herva moura pisada, e o sumo botado com fel de cabrito em uma bexiga de carneiro ao fumo; ou se faz o dito *verde* das sementes dos espargos em setembro, pedra hume, e o sumo de outros ingredientes, tambem lançados em uma bexiga. *Verde lirio*, faz-se de flôres d'elle, machucadas em um gral, com pedra hume, tudo pisado, e depois espremido em um pano. *Verde montanha*, que é um verde azulado, mais delgado que o *verde terra*. Cria-se nos montes da Hungria, a modo de grãos de areia, *verde negro*, que é um verde escuro, que tira a negro. De verdete e alvaiade se faz *verde*, e na paleta se concerta para os claros e escuros, e meia tinta. Outro verde se faz de cinzas e macicote. *Verde cré*, que é côr verde posta sobre ouro. *Verde gaio*, que é verde alegre.

«*Verdete*. E' mineral, especie de marcasita verde, que nas minas de cobre se gera em umas pedras, e brota d'ellas a modo de flôr. Ha tambem *verdete* artificial, que se faz por muitos modos. *Verdete raspado*, é o que se faz em uma vasilha de vinagre muito forte com laminas de cobre, e na bocca d'ella tapada por espaço de dez dias, e depois de tiradas as laminas, se raspa o verdete. Ha *verdete* em pau; *verdete* em pó; *verdete* queimado; *verdete* bexiga em folles; ha em fim outros muitos *verdetes*.

«*Vermelhão*. E' um mineral que tem a côr vermelha muito viva e resplandecente. O *vermelhão*, ou *cinabrio* mineral, de que antigamente usavam os pintores, era uma côr, a modo de pedra vermelha, que se tirava das minas de azougue: chamavam-lhe *minium*. O *vermelhão*, ou *cinabrio artificial*, o que hoje se usa, serve aos pintores em lugar do antigo *minium*, que é reputado inferior a este, o qual se compõe de azougue e enxofre. Segundo Dioscorides, é engano o imaginar, que o *cinabrio*, ou o *minio*, ou o *vermelhão*, são uma mesma cousa. Em Hespanha se faz *vermelhão* com uma certa pedra, que tem uns grãos de areia branca, como prata, a qual cozida no forno toma uma côr muito viva e incendiada, e sahindo da mina lança um vapor, que suffocaria aos que a estão tirando, se não mettessem o rosto em bexigas para vêr por ellas e respirar livremente. Para realce das suas mais ricas côres, usam os pintores d'elle. Mas o *cinabrio* vem de Africa, e é muito caro, e tão raro, que apenas vem bastante para os pintores assombrar as suas obras. Tem as mesmas propriedades que a pedra *hematites*, e tem um vermelho tão carregado, que alguns lhe chamam *sangue de drago*. Vitruvio, diz, que o *vermelhão* fôra primeiro achado perto da cidade de Epheso, e que o tiram de certa pedra vermelha, chamada *an-*

trax. Primeiro que se descubra, tapa-se com uma beta, ou veia, semelhante ás minas de ferro, porém mais ruiva e cercada de uns pós vermelhos. Em se cavando esta mina, a cada enxadada rebentam muitas gotas de azougue. De Hollanda vem duas castas de *vermelhão*, um vermelho, e outro desmaiado, segundo foi mais ou menos pisado.

«*Vermelho.* E' uma das côres compostas. Ha tres castas de *vermelho* em geral; uma, que participa do azul, como purpura, e carmesim: outra, que tem sua parte de amarello; como a côr de fogo, e a de laranja: entre estes dous extremos ha outra, que não participa da primeira, nem da segunda, e é propriamente o que se chama *vermelho.* Tem a *côr vermelha* como as mais, muita diversidade. O *vermelho* mais subido é o do sangue, da grã, da purpura, e das rosas, com admiravel variedade, que se vê nas differentes castas d'ellas.

«*Verniz.* Fazem-se muitas castas de *verniz* para dar lustro ás pinturas, a madeiras, a guadamechins, etc. Ha *verniz* de gomma de zimbro, posto de molho em oleo de nozes, ou de linhaça, com o qual se dá lustro aos paineis. Tambem se chama verniz certas composições de licôres, e ás vezes de um só licôr, que faz quasi o mesmo effeito, que a dita gomma, para dar lustro á madeira, ou a qualquer outra cousa. O *verniz* dos espadeiros se chama por outro nome *oleo pretolim.*

«*Viva côr.* E' a que tem muito lustre. E' tambem a segunda vez que se torna a pintar sobre a morte côr.

«*Ultramarino azul.* E' o azul feito de lapislazuli. Faz-se esta côr com o dito lapis em um cadinho em braza; lança-se depois em vinagre branco, com o qual se embebe até rebentar, e fazer-se em bocadinhos, que se pisam, e feitos em pó se encorporam com oleo de linhaça, cêra virgem, pez grego, mastiche, terebenthina, dos quaes se faz uma massa azul, que com agua pouco a pouco se dissolve. O licôr, que da dita massa distilla, é o azul; o primeiro é mais formoso, e chama-se *ultramarino.* Dura mais que todas as mais côres. Como este azul é muito caro, não se usa muito; e assim se não sabe o uso d'elle tão facilmente. Quem o quizer usar, ha de lavrar primeiro as roupas, ou o que quizer, com azues de Castella, cinzas, e depois de enxuto, ha de lavrar por cima o *ultramarino;* que como é muito delgado, se se usa só, não cobre bem, porque não tem corpo.

«*Vulto.* Figura ou imagem de vulto; é a que faz o esculptor de madeira, marfim, pedra, ouro, prata, ou outro metal.

«*Zarquão*, ou *Zarcão.* E' uma tinta mineral, de que usam os pintores. O melhor é em torrões. E' uma das quatro tintas que se lavram, e se apuram, sem se moer. Parece que é ainda mais subida que vermelhão. Tambem se faz artificialmente com laminas de chumbo muito delgadas, enxofre moido, etc.

«*Sangue de drago.* E' uma especie de gomma, que por incisão distilla em licôr, e logo em se levantando o sol, se endurece e se congela em umas pequenas lagrimas friaveis e vermelhas como sangue. Mana de uma arvore do tamanho do pinheiro, que dá muito ramo, e lança umas folhas da feição de espada; os fructos se parecem com ginjas, e formando uns como cachos de amarellos se fazem vermelhos. A outras duas gommas, que tem alguma semelhança com esta, se dá o nome de *sangue de drago;* uma se tira de umas plantas das ilhas Canarias, a qual dá folhas como de pereira; a outra tem folhas como de ginjeira; e dizem que uma e outra se cria na ilha de S. Lourenço. Em Hollanda se falsifica o *sangue de drago*, e se faz vermelho com pau do Brazil, ou com alguma porção do verdadeiro *sangue de drago.* Alguns disseram que o *sangue de drago* era uma especie de vermelhão muito fino e apurado; mas é falso; porque o verdadeiro vermelhão é mineral, ou artificial; e o *sangue de drago* é licôr congelado, a modo de resina, que se distilla das arvores que acima dissemos, e se chamam *dragões.* Sangram os moradores

da terra estas arvores, dando-lhes golpes na casca, aonde acode a humide que tem, e alli se coalha, e faz em resina vermelha, dura, e transparente.» (Fr. João Pacheco).

TERRA. 1. É o *planeta* que habitamos. Apresenta-se ao observador, cuja vista se póde livremente dirigir em todos os sentidos, debaixo da fórma de uma superficie plana e circular, sobre o contorno da qual parece assentar-se a abobada celeste. Era por isso, na opinião dos philosophos gregos da escóla de Thales, um corpo chato e fluctuando sobre a agua; Anaximandro considerava-a de fórma cylindrica. Mas innumeraveis phenomenos, taes como a impossibilidade de avistar a uma certa distancia objectos pouco elevados, a desapparição gradual das montanhas ainda as mais elevadas, quando nos vamos afastando d'ellas, etc., contradisseram em breve esta acanhada idéa, tirada unicamente da primeira apparencia, e desde a antiguidade appareceram homens (Eudoxo foi talvez o primeiro, e depois d'elle Aristoteles) que presentiram a esphericidade da terra, unica fórma que póde explicar satisfactoriamente os differentes phenomenos observados. De facto, é só por ella que se póde dar a razão da terra mostrar-se circular em qualquer ponto que o observador se colloque, do horisonte amplificar-se á medida como o ponto de vista se eleva; de se descobrirem de longe os vertices e extremidades das torres, montanhas, navios, etc. primeiro que a base ou as partes inferiores. Além d'isto ha muitas outras provas da fórma espherica da terra; por exemplo, a apparição successiva de muitas estrellas, até então invisiveis, á medida que partindo dos pólos nos aproximamos do equador; a sombra arredondada que a terra projecta sobre a lua quando está eclipsada pelo nosso planeta; a differença das horas a que se observam, nos diversos pontos da terra, phenomenos celestes simultaneos; em fim, e principalmente, as viagens ao redor do mundo, que a partir de 1519 se tornaram tão vulgares.

«Copernico, pela primeira vez, apresentou a hypothese de que o sol occupa o centro do nosso systema, e que a terra como todos os outros planetas se movem ao redor d'elle; hypothese hoje geralmente reconhecida de irrecusavel certeza, e da qual ninguem póde duvidar um só momento.

A terra effectua a sua revolução ao redor do sol em 365 dias e $^1/_4$ aproximadamente, duração que se denomina *anno solar*. A trajectoria descripta pela terra é uma ellipse, em um dos focos da qual está situado o sol. A época em que está mais proxima do sol (*perihelio*) é o principio do anno; por consequencia, o hemispherio septentrional está na estação do inverno; e na época em que a terra está mais afastada do sol (*aphelio*) é o meio do anno, quando este hemispherio está na estação do verão. Com tudo a differença entre a maior e a menor distancia é relativamente de mui pouca importancia para poder exercer uma influencia sensivel no calor que vem do sol; e a differença das estações procede de outra causa. A menor distancia do sol á terra é de 152.000:000 kilometros; a maior, de mais de 157.000:000 kilometros; a media (que é igual á metade do eixo maior da orbita da terra), de 155.000:000 kilometros. D'aqui se conclue que o centro da terra descreve aproximadamente 48 kilometros por segundo; velocidade immensa comparada com a da bala de peça que só é de 750 metros por segundo.

«Independentemente d'este movimento annual ao redor do sol, a terra tem ainda outro movimento: é o movimento de rotação sobre o seu eixo, que se effectua de oeste a éste e que é diurno, pois se completa em 24 horas. A consequencia immediata d'esta revolução é o nascimento e o occaso do sol e das estrellas. A existencia d'este movimento de rotação juntamente com o achatamento da terra nos pólos, e a observação de que só um corpo elastico é susceptivel de tomar, por um movimento de

rotação, a fórma espheroidal, levaram os geologos a concluir que a terra foi elastica na sua origem, pois então lhe foi impresso o seu movimento de rotação. Para o que suppozeram a terra originariamente em um estado de fluidez incandecente, e que esta massa fluida adquiriu então esta fórma espheroidal, o que uma massa solida até ao centro nunca poderia tomar. Pouco a pouco, pelo arrefecimento devido á irradiação, a superficie exterior da terra começou de solidificar-se e continuou a arrefecer-se, de modo que esta pellicula ou *crusta* fórma-se ainda actualmente augmentando para dentro. É esta a *crusta* primitiva ou primordial, constituindo, pela diversidade das rochas que a compõem, alguns terrenos cuja depreciação formou depois e successivamente o solo de transporte ou secundario que entra por uma pequena parte na composição da crusta terrestre. Os antigos philosophos, que suppunham a terra solida até ao centro, não tinham a menor idéa d'esta crusta, a que o calculo dá uma espessura de 110 kilometros aproximadamente.» (W. Duckett). (Veja GEOLOGIA, EFFEITOS NEPTUNINOS, VOLCÕES, TERREMOTOS, TERRENOS, ROCHAS, etc.).

2. Para os habitantes do hemispherio norte da terra, a duração do dia, ou a presença real do sol acima do horisonte, vai augmentando desde o solsticio de Capricornio até ao solsticio de Cancer; isto é, desde 22 de dezembro até 21 de junho. É inteiramente o contrario para os habitantes do hemispherio sul: 21 de junho é o seu dia mais curto, e 22 de dezembro o seu dia mais longo. Em todos os casos, a noite é o complemento do dia, pois que a sua somma dá sempre mui aproximadamente uma duração de 24 horas.

Na época dos equinoxios, o dia é igual á noite; ou antes, o sol está 12 horas acima do horisonte e 12 horas abaixo, para todos os habitantes da terra. A desigualdade dos dias e das noites, durante o anno, é apenas sensivel nas proximidades do equador; mas, á medida que nos aproximamos d'um ou d'outro pólo, esta differença augmenta. A 23 graus e meio do pólo norte, o dia é de 24 horas no solsticio do verão, e a noite é igualmente de 24 horas no solsticio do inverno. A 23 graus e meio do pólo sul, estes dous extremos tem lugar em épocas inversas.

Aproximando-nos ainda mais d'um ou d'outro pólo, observamos no verão, dias sem noite, e, no inverno, noites sem dia; de fórma que mesmo nos pólos, ha seis mezes de dia sem noite, e seis mezes de noite sem dia.

Em tudo o que deixamos dito se abstrahiu da aurora e do crepusculo, isto é, da luz que precede o nascimento e do que segue o occaso do sol. Esta luz diminue tanto mais os dias effectivos, quanto mais nos aproximamos dos pólos da terra. (Veja ESTAÇÕES).

Se em vez de se suppôr que o sol gira ao redor da terra, a qual occuparia então um dos focos da orbita elliptica, se admitte que o sol está fixo e que a terra circula, as apparencias serão absolutamente as mesmas, pois que as distancias reciprocas e as direcções dos raios vectores serão sempre o que antes eram. O sentido do movimento será ainda o mesmo; de sorte que a terra percorrerá a ecliptica de occidente para oriente, em quanto que o sol está immovel no foco. Durante este movimento annual da terra ao redor do sol, o eixo de rotação da terra, que d'este modo se tornou planeta, conservará o seu parallelismo no espaço, abstrahindo do pequeno desvio causado pela precessão dos equinoxios.

Na realidade, o sol não está rigorosamente fixo; porque, se attrahindo a terra perpetúa o movimento d'este planeta, a terra reage sobre o sol com uma força igual, que tende tambem a deslocal-o. Demonstra-se, em mecanica, que os dous corpos attrahentes se movem ao redor do seu centro commum de gravidade, situado sobre a recta que une os seus centros, e a distancias inversamente proporcionaes ás suas massas; isto é, que esse centro está 355:000 vezes mais perto

do sol do que da terra, e que o sol descreve uma ellipse que é um igual numero de vezes menor que a ellipse terrestre.

TERRA COMBUSTIVEL. (Veja CARVÃO DE PEDRA).

TERRA LAVRADIA. «Serve a terra para assento e apoio da planta, acolhendo-lhe e cobrindo-lhe as raizes, e para deposito de materias destinadas á sua nutrição.

«No primeiro caso, se a terra está mui solta, como nos sitios arenosos, terão as plantas pouca segurança, e poderão ser arrancadas pelos ventos. E se está mui compacta ou endurecida, como nos lodaçaes, não poderão as raizes abrir caminho.

«No segundo, é necessario que a planta tire facilmente do solo a agua e as substancias nutritivas que lhe conveem, tanto mineraes ou inorganicas, quanto de procedencia organica, que é a animal e vegetal. O solo ha de receber tambem, e conservar moderadamente, o calor do sol e a humidade do ar.

«Chama-se terreno mineral á terra considerada unicamente sob o aspecto da proporção dos seus tres principaes componentes mineraes: argilla, areia e caliça.

«O *solo vegetal*, ou *solo activo*, ou *camada lavradia*, é a terra até onde chegam as lavras, olhada no sentido da sua fertilidade, por effeito de adubos que tenha naturaes, ou que se lhe juntem artificiaes.

«O fundo ou *sub-solo* é o terreno que está debaixo da camada lavradia, umas vezes continuação d'ella, e outras consistente em areia, argilla, não poucas em rocha viva ou pedra inteiriça, e tambem em pedra quebrada, seixo ou cascalho.

«A boa terra apresenta em geral os caracteres exteriores seguintes: sem ser pegajosa, precisa de corpo ou miolo, que se rarefaça e amolleça facilmente, e que conserve a humidade. Se, tomado um terrão, molhado e amassado entre os dedos, se deixa seccar ao sol, ha de offerecer alguma resistencia para desfazer-se e esboroar-se.

«Respeito a humidade, reputa-se humido e geralmente fresco, o solo que a 21 centimetros (um palmo) de profundidade retem habitualmente 12 por 100 do seu peso em agua; e é secco o que não chega a 7 por 100. Regularmente é humido, sempre que a formação inferior que lhe serve de leito ou de sub-solo, impede a infiltração da agua superior.

«As terras peccam na sua combinação por demasiado arenosas, se a bola formada entre os dedos se tem difficilmente, ou se desfaz pelo seu proprio peso; muita porosidade, por onde se filtra ou escorre a agua levando os adubos, e demasiado accesso ou entrada ao calor do sol. A areia, quem a não conhece? É a silica, que em grãos mais ou menos finos, duros como pederneira que são, está nas praias do mar, na margem de rios e regatos, e em varios terrenos movediços.

«Peccam por argillosas ou gredosas, se a bola adquire grande consistencia e tenacidade. Seccas, pegam-se á lingua; molhadas, formam barro e terrões; ao sol, abrem gretas e endurecem. Mal embebem a agua de chuva. A argilla ou greda, quem não sabe distinguil-a? É a base do barro empregado nas obras de olaria e telharia.

«E peccam finalmente por calcareas, que é quando ha terrões brancos quasi inteiramente de caes ou gredas, que, deitadas ao fogo, dão alguma cal viva. São soltas e friaveis, e augmentam consideravelmente de peso com a agua. A cal, quem póde confundil-a, quer viva, quer queimada? No campo está sempre queimada, e nunca pura, senão em combinação, formando areias calcareas, gredas, marmores, e outras pedras e terras calcareas. A mais util das suas composições agricolas é com a argilla formando *margas*.

«No solo lavradio, rara vez deixam de entrar como principaes componentes a areia e a argilla. Depois d'ellas vem a caliça, e logo outras substan-

cias menos conhecidas fóra da esphera da sciencia, que breve se mencionaráõ. De envolta com estas substancias inorganicas, estão espalhadas as organicas, geralmente despojos e decomposição de vegetaes, algumas vezes em camadas consideraveis que tomam o nome de *humus*.

«A terra de 1.ª qualidade póde ser composta d'esta fórma: de 100 partes, 50 de argilla, 35 de areia, 8 de caliça, e 7 de despojos organicos. Tambem são terras superiores, especialmente para cereaes, as em que ha maior proporção de caliça ou calcarea. Tanto assim é, que póde qualificar-se á primeira vista o terreno calcareo de trigueiro, e o piçarroso de centeeiro. Mui boas colheitas de trigo se obteem tambem em terras onde a argilla, a areia e a cal se encontram em partes quasi iguaes. É esse termo medio, que ordinariamente serve para tudo.

«A terra de 2.ª qualidade é aquella, onde quasi é exclusiva qualquer das tres componentes, areia, cal ou argilla.

«E a de 3.ª é a que além d'isso é pobre de despojos organicos, ou de adubo principalmente vegetal.

«O terreno de 1.ª qualidade, com preponderancia da argilla em climas quentes, e da cal nos frios, soffre perfeitamente a maior parte das culturas ordinarias. O mui escasso de cal perderia bastante da sua estimação, e requereria frequencia de estercos.

«O aspecto das plantas que espontaneamente crescem em cada classe de terreno, é indicio seguro para o lavrador.

«No arenoso-argilloso com predominio da areia, veem naturalmente a gramma, o pinheiro, o tamariz, e quando abunda a humidade, o alamo branco. Deve destinar-se a centeio, aveia, milho, e ervilhaca. Se o leito inferior retem a agua, criará urze, giesta e castanheiros. Então será applicavel a nabos, cenouras, acelgas, batatas-carvalhas, maiz e prados artificiaes.

«Quando contém cal, dão-se bem as arvores, especialmente as de muita sombra, porque esta lhes conserva a humidade.

«No calcareo-argilloso, e no calcareo-arenoso, onde prevalece a cal, veem espontaneamente a esparzeta ou pipirigallo, assim como a gramma, o trevo, o melampyro, a papoula e o buxo. Serve este terreno, mas frequentemente com necessidade de rega, para trigos, prados artificiaes e legumes.

«As plantas silvestres desmedradas, enrugadas, e mui ralas n'um terreno livre, dão a entender que este carece de merecimento, e que é má a sua composição.

«A camada lavradia costuma ter pouco fundo: ás vezes não passa de 28 centimetros (menos d'um pé). O sub-solo de areia leva vantagem nos sitios de frequentes chuvas, porque dá curso ás aguas, e evita que apodreçam as raizes; ao passo que é preferivel, pela razão opposta, o de argilla onde chove pouco, a fim de que conserve a humidade.

«São fortes, frias e pesadas as terras argillosas. As arenosas são soltas, quentes e temporãs. E as calcareas são medianamente soltas e seccas. Estas propriedades combinam-se com as influencias de humidade, situação e exposição, que constituem o respectivo temperamento.

«Em igualdade de composição das terras, alcançam ordinariamente maior fertilidade as baixas ou de veiga, que as altas ou de outeiro, pelo seu temperamento mais quente e humido, e aproveitamento do adubo que lhes trazem as aguas de chuva que descem dos montes. Assim é que o lavrador, lançando as suas contas e formando a sua composição de lugar, destinará ás veigas e abrigadas o que requeira humidade e calor, e ás alturas o que peça seccura e frescura. Em sitios frescos vem geralmente bem o que é proprio dos humidos, e vice-versa; assim como nos quentes o que é acommodado aos seccos, e reciprocamente. As terras de constante frescura, para prados; as seccas no verão, para trigo, e se são destemperadas, para centeio; as humidas que se

vão enxugando depois do inverno, para colheitas da primavera; as seccas por cima e humidas pelo fundo, para arvores e arbustos; e as alagadiças, para canaviaes e juncaes, que servem de cama em cavalhariças e córtes.

«As encostas ou ladeiras de cerros e outeiros, são evidentemente adaptadas para arvoredo e bosque. Assim se impede que as chuvas descarnem o terreno, se ajuda a trazer e fixar as aguas e a humidade sobre o paiz, e se provê a uma necessidade social, como a da madeira, lenha e carvão. Excellente especulação para proprietarios ricos, pouco distantes das grandes povoações, e attentos ao porvir! E devida reparação ao damno causado por tantos imprudentes córtes, que em Hespanha teem convertido frondosas campinas em baldios!

«A aversão de muitos lavradores ás arvores, é tão antiga como infundada.» (Ferreira Lapa).

TERREMOTOS. «Os abalos ou movimentos mais ou menos violentos, que os agentes internos imprimem á crusta da terra, chamam-se *terremotos* ou *tremores de terra*. Umas vezes são circumscriptos a um espaço muito limitado, por exemplo ao redor de um volcão; outras vezes se prolongam a immensas distancias, com uma extraordinaria celeridade; como o famoso terremoto de Lisboa em 1755, que se propagou d'um lado até á Laponia, e de outro até á Martinica.

«Os tremores de terra dão-se mais frequentemente nos terrenos primitivos que nos secundarios, nos lugares montanhosos mais que nas planicies. Manifestam-se sendo precedidos de estrondos subterraneos de duração variavel, semelhantes aos de grandes trovões; pelas oscillações do solo verticaes, horisontaes e circulares que se reproduzem com um intervallo maior ou menor.

«*Effeitos dos terremotos.* Os tremores de terra são horriveis flagellos da humanidade, que a mão do homem não póde nem moderar, nem dirigir, nem prevenir. Em breve tempo fazem perecer centenas de milhares de pessoas; destroem cidades inteiras, com os edificios os mais solidamente construidos, n'um só momento fazem desapparecer povoações inteiras, levam por toda a parte a ruina, a miseria, o medo e a fome. Não ha força destruidora que possa equiparar-se á do tremor de terra. Notaveis mudanças operam elles na crusta do globo, umas vezes nivelam o solo abatendo as montanhas, outras vezes formam collinas, montes e immensas cordilheiras; outras vezes produzem grandes fendas, que ora ficam abertas, ora se fecham engulindo tudo quanto existe nas suas profundidades: não poucas vezes fazem jorrar nascentes de agua commum ou thermal, seccando as fontes, os lagos e os rios existentes; mudam o curso das correntes, criam obstaculos, que se oppõem á passagem dos rios; elevam o mar a alturas consideraveis, que invadindo as terras volta ao seu leito com grande violencia, levando comsigo tudo o que encontra. Estes diversos effeitos podem dar-se d'um modo violento e instantaneo, ou lento e progressivo.

«Os tremores de terra mais notaveis pelos seus desastrosos e lamentaveis effeitos são: o do Perú em 1746, que virou e revirou Lima, a sua capital; o da Calabria em 1783, que a destruiu completamente; o de Lisboa em 1755, que não só destruiu esta cidade, e fez estragos nas mais altas montanhas do paiz, situadas a distancia, como nas de Cintra, Arrabida, Marvão e Estrella, mas fazendo-se sentir por toda a Europa, e na Africa aonde destruiu Marrocos, Fez e Mequinez, chegou até á America. Foi n'esta occasião de desalento e consternação que o grande politico, o celebre marquez de Pombal, este notavel vulto que dictava leis ao novo e antigo mundo, revelando o seu fino engenho na governação publica, creou uma nova Lisboa sobre as ruinas da antiga. Os paizes mais celebres por causa de terremotos são as Antilhas.

«*Causa dos terremotos.* Os geologos teem pretendido explicar os tremores de terra por varios modos. Uns ex-

plicam-n'os pela influencia lunar; outros por fortes pressões dos gazes ou de materias em fusão contidas nas entranhas da terra capazes de romper a crusta mineral; outros invocam a tensão electrica das nuvens como causa principal dos tremores de terra: porque as nuvens pela sua influencia na terra desenvolvem tensão de electricidade opposta: uma nuvem seguindo uma direcção qualquer, a electricidade accumulada á superficie da terra tambem deve seguir esta mesma direcção; mas se esta electricidade fôr suspensa na sua direcção, por algum terreno mau conductor, poderá a tensão subir a ponto de fazer erupção, para vencer aquelle obstaculo, e por conseguinte fazer nascer tremor de terra. Mr. de Humboldt admitte uma relação bem intima entre os tremores de terra e os volcões; segundo este celebre naturalista a extincção d'um volcão n'um lugar faz apparecer um tremor de terra n'outro lugar mais ou menos distante, e reciprocamente.

«Não nos parece aceitavel em toda a sua latitude a explicação de mr. de Humboldt; ainda que se comprehenda muito bem, que uma erupção volcanica possa prevenir um tremor de terra, ou um tremor de terra determinar um volcão; com tudo os terremotos mais notaveis da America, como o de Rio-Bamba, Honda, Caracas, etc., não tem coincidido com alguma erupção volcanica bem determinada; tem-se notado, que os tremores, na apparencia os menos intensos, sem manifestar erupção volcanica, se propagam a grandes distancias, segundo a direcção das cadêas das montanhas; observa-se mais que os tremores de terra são mais frequentes nos lugares onde existem volcões, nos paizes montanhosos, que nos outros lugares. Mr. Boussingault, partindo da idéa que as montanhas e as cordilheiras se formaram pela sublevação, e que os terrenos que formam a sua massa principal, são d'uma rija solidez, susceptiveis de se fracturarem; produzindo uma immensa quantidade de vazios, suppõe que estes vazios são entulhados, e os gazes contidos n'estes vazios tendem a escapar e agitar violentamente o solo, dando assim lugar a terremotos.» (Marques Lobo).

TERRENOS. (Veja GEOLOGIA).

TETRAEDRO. (Veja POLYEDRO).

TEUTONICOS. (Veja SEGUNDO SECULO).

THALES. (Veja ASTRONOMIA).

THEATRO. «Quando, vencidas difficuldades que pareciam insuperaveis, o theatro parece renascer entre nós na sua parte litteraria; quando, até, se afiguram grandes probabilidades de vêrmos alevantar um edificio consagrado á arte dramatica, onde este genero de litteratura possa ficar a salvo d'aquella especie de ergastulo hediondo e triste a que pozeram por irrisão a alcunha de theatro normal; Gerião, cuja ossada se esphacela debaixo da sua triplice face de taberna, de emunctorio das ruas, e de prostibulo; quando todos os homens de letras e todos os que as amam forcejam para que n'esta formosa arte vamos algum dia emparelhar com as outras nações, nenhuma questão que venha a suscitar-se ácerca do assumpto será insignificante ou indifferente, porque n'ella interessam a vida intellectual do paiz, a sua civilisação e o seu bom nome litterario. Mas se essa questão, além de importar á arte dramatica, envolver o interesse da moral publica, consideral-a e dar opinião sobre ella é obrigação d'aquelles a quem Deus deu intelligencia para a comprehender e razão para a avaliar. Ora, em quanto se forceja para elevar e restaurar litteraria e até materialmente o theatro nacional, vêmos o drama decahir, prostituir-se moralmente cada vez mais. Cresce todos os dias a indignação da gente honrada contra os espectaculos que sobem á scena, orgias da arte, se arte se póde chamar a quadros onde ha, não o sublime de paixões mais ou menos

perversas, o sublime do horrivel, mas o torpe, o asqueroso dos vicios mais vis. Cumpre que a imprensa seja orgão d'esta indignação; que busque a origem e o remedio do mal. A sua mais alta missão é contribuir para que a sociedade se melhore e civilise, e o theatro póde ser um poderoso instrumento de civilisação.

«Mas como desempenhará a imprensa este grave dever? Como se opporá a que o theatro seja uma escóla de corrupção, devendo ser um lugar de puro e innocente deleite? Como fará rasgar por uma vez esses cartazes, que, affixados nos lugares publicos, só trazem á memoria, pelos titulos dos dramas que annunciam, as taboletas dos alcouces romanos desenterrados em Pompeia? Fulminará os desgraçados histriões, machinas de aleijar as verdadeiras obras d'arte, e de peiorar semsaborias; titeres de carne e osso, incapazes de comprehenderem a sua nobre arte, e de resistirem ao estragado gosto de quem os dirige, e não sei se diga, ao mais estragado da plateia? Não: deixai-os; porque são existencias inertes, impalpaveis para a imprensa, traça do drama, da linguagem, do senso commum; pagos para roer as concepções da intelligencia sobre quatro taboas velhas, ao passo que o caruncho os vai imitando na substancia d'estas. Deixai-os, pelo amor de Deus! Punirá com o açoute do epigramma os empresarios e directores dos theatros? Ainda menos. Um empresario é um individuo inexplicavel e inclassificavel: é uma abstracção de todas as idéas, de todas as crenças, de todos os affectos: a sua ethica é o *livro de razão*, o seu evangelho o da *caixa;* o seu culto o da *cruz*, mas da cruz dos cruzados novos; o seu destino, além do sepulchro, o *limbo*. Não acrediteis na possibilidade de os constranger a despregarem os olhos d'estes tres objectos, que, juntos aos farrapos dos bastidores e ao oleo fetido das lanternas do proscenio, constituem o seu universo. Deixai-os tambem; que para elles, que não querem, nem sabem, nem podem lêr, a imprensa é como se não existisse, e as suas reprehensões mais amargas, as suas ironias mais pungentes não os distrahirão um momento da contemplação beatifica das moedas que rende em cada noite um estabelecimento industrial de prostituição para familias honestas. Seja quem fôr o empresario de qualquer theatro, não se abalance a imprensa ao louco empenho de convertel-o. Que pessoa tentou jámais educar e instruir um surdo-mudo-cego de nascimento?

«Contra quem pois alevantará a imprensa a sua voz solemne? Contra as authoridades prepostas aos espectaculos dramaticos? Não; porque posto que revestidas de um poder arbitrario, acima d'ellas ha tambem o arbitrio, que lhes inutilisa a energia moral, quando tentam usar d'ella a bem da decencia publica; e porque, impossibilitadas de julgar por si essa alluvião de asquerosidades que diariamente sobem á scena, e além d'isso obrigadas por lei a ouvir sobre cada uma d'ellas o parecer de tres censores, que podem julgar bem ou mal, não se lhes ha de lançar em conta uma culpa que não é sua. Nenhum homem de alguma gravidade se quizera submetter a passar dias, mezes e annos inteiros quasi asphyxiado n'uma atmosphera de sandices, pelos mais avultados proveitos do mundo, e muito menos gratuitamente, como servem os inspectores do theatro.

«Quem resta por tanto para accusar? Os censores? — Parece-me ouvir a muitos d'aquelles que acham mais commodo invectivar individuos do que avaliar instituições, dizerem que sim. Eu todavia respondo: — Não; mil vezes não! Brevemente se verão os fundamentos da minha negativa.

«Não sendo, porém, culpados nem os histriões, nem os bufarinheiros de rosalgar moral chamados empresarios, nem os inspectores, nem os censores, onde estará a causa de um mal de que todos se queixam, e a que ninguem busca o remedio nos thesouros inesgotaveis da reflexão e do raciocinio?

«Essa causa está n'uma instituição anachronica, absurda, insensata, at-

tentatoria da liberdade intellectual do engenho humano, e além d'isso, perfeitissimamente inutil.

«O mal não vem dos homens; vem das cousas: vem de uma parvoice legal: vem da *censura prévia.*

«O remedio só lh'o póde dar um parlamento que queira pensar cinco minutos n'esta materia.

«Á luz politica, a censura prévia applicada ao theatro é um attentado tão flagrante como applicada á imprensa. Todas as constituições existentes e possiveis consagram a liberdade do pensamento e a livre communicação das idéas. O theatro é, como a imprensa, como as artes plasticas, um meio de communicação. Uma representação scenica é um livro impresso em tantos exemplares quantos são os espectadores, com a unica dffferença de que estes exemplares se apagam acabada a sua leitura. O principio da liberdade do espirito é tanto ou mais santo que o da liberdade da terra: não soffre excepções, porque, se as soffresse, desceria da categoria de principio para a classe das regras transitorias da vida civil. Onde quer que appareça a censura, onde quer que se aninhe esta irmã gemea da inquisição, ha uma quebra nos fóros da independencia do homem, ha uma insolencia do passado contra a dignidade social da geração presente. Seja para o que fôr, a censura é um impossivel politico.

«Contra o impossivel não ha razões de utilidade. As mais evidentes considerações de conveniencia deveriam cahir diante da immutabilidade dos principios; porque não ha meio termo entre o renegar do progresso humano, e o respeitar sempre e em toda a parte os elementos fundamentaes das sociedades modernas.

«Mas existem, por ventura, taes conveniencias? A censura do theatro — dizem os defensores d'essa copula sacrilega e bestial de uma instituição cadaver com as instituições vivas e actuaes — é uma necessidade: melhor é prevenir que castigar: o castigo dos que abusarem d'este modo de publicação não impedirá que elle tenha já produzido a corrupção: sem censura póde, até, attentar-se contra a segurança do estado: no anno de tal em Paris, em Bruxellas, na Haya, em fim não sei onde, um drama recheado de maximas subversivas produziu tal assuada, tal motim, tal revolta.—Eis as excellentes razões, pouco mais ou menos, com que se defende a existencia de um absurdo.

«Estes argumentos são a apologia, não da censura do theatro, mas de toda a censura; da censura do drama, como do livro ou do jornal; e ainda mais d'estes; porque o exemplar da publicação scenica deixa de existir apenas cahe o panno; mas do livro ou do jornal impressos, embora sequestreis os volumes ou os numeros não vendidos, os exemplares derramados do primeiro golpe lá ficam no dominio publico; milhares de individuos os lerão, e com tanto maior avidez quanto mais severa houver sido contra elles a condemnação dos tribunaes.

«A desculpa da prevenção nos attentados legaes contra os principios vai mais longe: vai até á inquisição, se quizermos ser logicos. Um homem é conhecido por suas opiniões antireligiosas: este homem é imprudente, voluntarioso, ousado: nada mais facil, mais provavel que o vêrmol-o cahir na culpa de não respeitar a crença do estado, de a insultar publicamente. Á cautela, creai-me uma inquisiçãosinhá illustrada; uma inquisição progressiva, arejada, sem polés, nem potros, mas preventiva e paternal, onde o incredulo, entre sermões, pão negro arraçoado e agua benta, seja inhibido de commetter um crime, previsto na lei politica do mesmo modo que o abuso da liberdade d'escrever e de fallar. Apostolos da censura prévia, em nome da logica, daime a santa inquisição.

«Deixemos, todavia, as duas bagatellas dos principios e da logica. Venhamos ao campo da experiencia. A censura ahi está. Que tem ella feito, não digo já entre nós, que palpamos todos os dias os bellos effeitos da instituição; mas na França, na Belgica,

na Hespanha? Onde tem impedido a prevaricação do theatro? Respondei-me.

«É um dos argumentos mais triviaes e mais lastimosos que se fazem a favor d'esta monstruosidade inutilissima o exemplo da França. D'antes, em Portugal, para fazer uma lei, o que se indagava era se ella convinha ao paiz. Ha annos a esta parte entendemos que era mais judicioso vêr se convinha aos outros povos. Esta abnegação completa da intelligencia nacional poderá conduzir-nos ao céo pelo caminho da humildade; mas tem-nos arrastado cá na terra a muita vergonha legal.

«A verdade é que em França os homens independentes e illustrados clamam tambem contra a censùra prévia do theatro, porque é attentatoria e inutil. Quereis a prova da sua inutilidade no vosso paiz modêlo? Ahi a tendes á mão. D'onde nos vieram as *Torres de Nesle*, as *Proezas de Richelieu*, e todas as mais prostituições litterarias da nossa possilga dramatica, chamada theatro normal? Vieram-nos dos repertorios dos theatros de Paris: atravessaram pela censura de mr. Taylor ou dos seus delegados, como em Portugal passaram sãs e escorreitas pela censura do conservatorio. Lá, como cá, a censura é um phantasma de que todos se riem, e que só serve para descarregar os hombros dos empresarios, authores, e traductores dramaticos da responsabilidade moral e legal dos seus envenenamentos litterarios.

«É realmente uma das pequices mais desmarcadas fallarem-nos das commoções populares excitadas n'uma plateia. Quando a revolução vai assentar-se nos bancos do theatro, não busqueis a sua origem nas palavras energicas do poeta; buscai-a na frouxidão ou na maldade do poder. Sob um governo forte e justo, uma revolução no theatro não passaria de comedia representada áquem do proscenio. Mas, além d'isso, onde achaes os exemplos de semelhantes factos? Justamente em alguns dos paizes onde existe censura prévia. Como o capitão de Luiz de Camões, que não cahia em nada, santa gente, vós não cahis em que esse argumento é uma punhalada na vossa querida censura?

«D'onde vem a impotencia da censura? De ser uma cousa anachronica, morta, fetida, inintelligivel. Ao censor que respeita a inviolabilidade dos principios repugna o impedir a representação de um drama; porque não crê que o seu arbitrio possa substituir os jurados; que se possa executar uma lei evidentemente contraria á lei fundamental do estado. Pelo que, porém, toca ao que não crê n'essas cousas, o aborrecimento inevitavel que lhe traz o desempenho de um dever tedioso, de que não tira nem honra nem proveito, ou o receio de attrahir odios de homens mais ou menos poderosos, para o que não é trivial entre nós o valor e a consciencia, faz com que ou deixe de lêr, ou leia essas miserias e as approve. Se algum ha que não reflectisse no absurdo da instituição, e que tenha energia bastante para lhes pôr o seu veto censorio, lá ficam os empenhos e os respeitos humanos para fazerem escrever no rotulo do boião immundo de peçonha litteraria: *passe e venda-se por dóses de 480 reis...*» (Alexandre Herculano).

THEMISTOCLES. (Veja QUINTO SECULO).

THEOCRITO. Natural de Chios. Orador, sophista, e talvez historiador. Foi contemporaneo de Alexandre Magno. Não conhecemos nenhuma obra de Theocrito de Chios, salvo tres epigrammas, um d'elles pungentissimo, contra Aristoteles. Ha outro Theocrito, filho de Praxagoras, poeta distincto. Fundou a sua fama na contemplação campestre; creou a poesia bucolica. Os idyllios pastoris de Theocrito são dramaticos e mimicos: pintam-nos a vida commum da plebe da Sicilia. Em honra de Ptolomeu Soter escreveu os idyllios 14, 15 e 17. Permaneceu depois de suas viagens em Syracusa, onde acabou pacifica e poeticamente gloriosa a existencia.

THEODORICO. (Veja Sexto seculo).

THEOLOGIA. É a sciencia de Deus e dos seus attributos. Distingue-se em *theologia natural*, fundamentada na simples luz da razão, e a *revelada*, que se funda na revelação. A *revelada*, ou *theologia* propriamente dita, considerada quanto ao seu objecto, comprehende duas partes: o dogma e a moral — o que é preciso crêr, e o que é preciso praticar. Quanto ao methodo, distingue-se em *theologia positiva* que admitte maneira menos didactica, e estylo mais oratorio, qual se encontra nos livros dos santos padres; e *theologia escolastica* que segue vereda mais rigorosa, definindo, dividindo, distinguindo, argumentando, e empregando todos os expedientes da dialectica. Este segundo methodo foi primitivamente empregado entre os gregos por S. João Damasceno, e entre os latinos por Santo Anselmo, e mais tarde por S. Thomaz de Aquino.

THEOPHRASTO. (Veja Terceiro seculo (antes de Jesus Christo).

THERMOMETRO. (Veja Calor).

THOMAR. «No meio de uma planicie regada pelas aguas do Nabão, e com as orlas levemente accidentadas, está situada a cidade de Thomar, uma das mais lindas povoações da Estremadura, e tambem uma das mais historicas de Portugal. Banha-lhe os muros aquelle rio pelo lado do oriente, e no extremo occidental ergue-se um monte, sobre o qual campeia o antigo castello dos templarios, e junto d'este o magnifico convento da ordem de Christo. O monte do castello, estendendo-se do sul para o norte, com maiores ou menores ondulações, descreve um semi-circulo em volta da cidade, terminando por ambos os lados junto ao rio, onde deixa estreita passagem á estrada, que de Santarem dá entrada para Thomar, e d'esta cidade dá sahida para Coimbra.

«O Nabão, com as suas margens guarnecidas de hortas e pomares; as collinas, que cingem a cidade, verdejando sempre, e mostrando aqui e alli algumas ermidas; a povoação gentilmente sentada, e alvejando no meio de todos esses verdores; o castello de D. Gualdim Paes, onde cada pedra recorda um feito d'armas, uma acção gloriosa, e o convento de Christo, rico de memorias, riquissimo de arte, ambos dominando com senhoril e venerando aspecto as collinas, o rio, e a cidade, formam um dos mais deliciosos panoramas em que os olhos se podem recrear.

«A cidade de Thomar é cabeça de comarca, e pertence ao districto administrativo de Santarem. Dista vinte e duas leguas de Lisboa para o nordeste; cinco de Abrantes para o noroeste; e quasi tres do Tejo, e da villa de Tancos para o norte.

«Prende-se a origem de Thomar ás glorias da fundação da monarchia portugueza. Quando D. Affonso Henriques, cercado apenas de um punhado de guerreiros esforçados vinha de Coimbra, caminho de Santarem, com o pensamento arrojado de tomar aos mouros esta forte praça, fez voto a Deus de dar todos os direitos ecclesiasticos de Santarem, se fosse feliz na empresa, á ordem do Templo, então afamada pelos seus prestantes serviços á christandade na Europa e na Asia.

«A fortuna coroou a ousadia do nosso primeiro rei, que cumpriu fielmente aquelle voto, doando o senhorio ecclesiastico de Santarem a D. Gualdim Paes, ao diante mestre do Templo, e aos mais cavalleiros templarios, que o haviam acompanhado e auxiliado n'esta ardua empresa. Tendo tido lugar, porém, n'esse mesmo anno de 1147 a conquista de Lisboa aos mouros, e sendo nomeado seu primeiro bispo D. Gilberto, não tardou este prelado a impugnar a doação feita aos templarios.

«No territorio de Nabancia havia um antigo castello, chamado de *Ceras*, porém não agradando aos templarios por sua má situação, resolveram estes edificar outro em posição a seu gosto, e mais acommodada aos fins do seu

instituto. Vendo, por tanto, na margem direita do rio, em frente das ruinas de Nabancia, um monte pedregoso, e defendido de um lado pelo Nabão, e dominando pelo outro uma vasta planicie, escolheram este sitio para a fundação do castello.

«Não longe do castello, que se edificava, mas do outro lado do rio, existiam as ruinas d'um templo e mosteiro, que no tempo dos godos fôra habitado por monges benedictinos, e no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria. Cuidou logo D. Gualdim em reconstruir este edificio, que foi a cabeça da ordem do Templo em Portugal, sob a invocação de Santa Maria dos Olivaes.

«O mesmo D. Gualdim, em quanto cresciam as paredes da fortaleza e da casa de oração, lançava os fundamentos de uma povoação na planicie visinha. Á povoação e ao castello deu o fundador o nome de *Thomar*, que era o que os mouros deixaram ao rio, e que ao diante se tornou a mudar no antigo de *Nabão*.

«A villa de Thomar facilmente se povoou, e rapidamente cresceu ao abrigo de tão forte castello, e sob a protecção de uma ordem de cavallaria, que pelos seus feitos gloriosos e pelo favor do rei em breve se tornou poderosa. D. Affonso Henriques, reconhecido ao valor com que os cavalleiros do Templo o auxiliavam na expulsão dos mouros e no alargamento das fronteiras da nascente monarchia, não cessava de doar á ordem castellos e terras, ora em recompensa de serviços, ora como um meio de os ter em guarda e boa defensa.

«Ao infante D. Henrique succedeu, no mestrado de Christo, o infante D. Fernando, seu sobrinho, e irmão de el-rei D. Affonso v. A D. Fernando succedeu seu filho primogenito, D. Diogo, duque de Vizeu, e a este seu irmão, D. Manoel, duque de Beja, que alguns annos depois empunhou o sceptro, merecendo que a historia lhe désse o epitheto de *rei afortunado*, pelas venturas que choveram sobre Portugal em seu reinado.

«El-rei D. Manoel, continuando com vigoroso impulso as empresas maritimas de seu illustre tio, o infante D. Henrique, associou a ordem de Christo a todas as glorias do seu venturoso reinado. As frotas, que, devassando todos os mares do globo, rasgaram o véo, que encobria á Europa a carreira da India, e as regiões do Brazil, foram armadas e equipadas, quasi exclusivamente, com os avultadissimos rendimentos da ordem de Christo. Os seus habitos e rendosas commendas serviram de premio ao arrojo e dedicação dos descobridores, e constituiram o incentivo moral e physico, que produziu aquellas extraordinarias façanhas, que pozeram avassalladas aos pés do soberano de Portugal a Africa, a Asia e a America. E finalmente a insignia da mesma ordem, esculpida em todas as grandes construcções d'aquella época, fallando-nos d'essas nossas passadas grandezas, ainda hoje attesta aos estranhos, e recordará ás gerações futuras o quanto a ordem de Christo concorreu, com o despendio das suas rendas, e com o esforço dos seus cavalleiros, para lançar as bases sobre as quaes se elevou e assenta solidamente esta moderna civilisação, que nos maravilha e ensoberbece.

«No decurso de trinta e sete annos, em que D. Manoel regeu o mestrado de Christo, por muitas vezes esteve em Thomar, e ahi celebrou varios capitulos geraes em que se reformaram e ampliaram os estatutos e definições da ordem. O governo d'este grande monarcha ficou commemorado em Thomar por diversas construcções, que lhe fazem honra; no convento de Christo por algumas obras magnificas; e na villa pelos seus melhores edificios, como adiante mostraremos.

«D. João III succedeu a el-rei D. Manoel, seu pai, no throno portuguez, e no governo da ordem de Christo, e em seu tempo, e por solicitações suas, se encorporaram para sempre na corôa os mestrados das tres ordens militares, por bulla do papa Julio III, em 1551. Em 1523 foi este soberano a Thomar, e ahi fez muitas reformas

na constituição dos freires, que passando a ser religiosos de cogula, ficaram, talvez, venerando melhor a Deus, mas servindo menos a patria. D. João III fez sumptuosas obras no convento de Christo. Seu neto e successor, el-rei D. Sebastião tambem honrou com a sua visita a villa de Thomar; mas dous annos depois da lamentavel catastrophe, que sepultou este joven e temerario soberano com a independencia do seu reino nas planicies de Alcacerquibir, adquiriu aquella villa uma triste celebridade. Quiz o capricho da sorte, que a usurpação castelhana se consummasse na propria terra, d'onde tinham sahido no largo periodo de quatro seculos muitos dos mais estremados campeões da independencia de Portugal, do seu poder, e da sua gloria. Foi, em fim, na villa de Thomar que se reuniram as côrtes, que reconheceram, em 1581, os prêtendidos direitos de D. Philippe II de Castella ao throno portuguez.

«Philippe II veio assistir a esta reunião, cercado de todo o esplendor da sua côrte, e ahi se demorou por algum tempo, depois da sua acclamação, para tratar dos negocios da ordem de Christo, como seu grão-mestre. Passados quasi quarenta annos, em 1619, seu filho D. Philippe III de Hespanha, depois de ter feito a sua entrada em Lisboa com extraordinario fausto e apparato, partiu para Thomar, onde presidiu a um capitulo geral da ordem de Christo, que durou tres dias, e em que se concluiu a reforma dos seus estatutos encetada pelo seu antecessor. Este soberano perpetuou a memoria do seu governo em Portugal, e da sua visita a Thomar com dous monumentos grandiosos: o claustro, ainda hoje chamado dos *Philippes*, no convento de Christo, e o aqueducto, que traz agua para o mesmo edificio.

«As reformas de D. João III despojaram o convento de Christo da sua antiga importancia e esplendor. Assim pois, através das pompas d'estas visitas reaes, e da magnificencia d'aquellas construcções, transparecia a decadencia da ordem, e pelas mesmas causas, e por outras resultantes do infortunio d'Africa, e do jugo hespanhol, tivera origem, e tomava vulto a decadencia da villa.

«Na porfiosa luta de vinte e oito annos, que consolidou a independencia do paiz e a dynastia de Bragança, proclamadas em o 1.º de dezembro de 1640, esteve a villa de Thomar não lembrada do inimigo, e quasi esquecida do governo.

«As prosperidades e solicitude da primeira metade d'este reinado fizeram-se sentir na villa de Thomar. A estrada, que a ligava a Lisboa, a Coimbra, e ao norte do reino, foi feita de novo, e as suas pontes foram reparadas, ou reconstruidas. O ouro que affluia continuamente do Brazil a Lisboa, refluindo da capital, como coração do reino, para todos os membros d'este corpo, animou as industrias em todo o paiz, e Thomar floreceu a seu turno. Porém a nova estrada por Leiria, mandada abrir pela rainha D. Maria I, dando outra direcção aos viandantes e ao commercio interior, foi causa de recomeçar a decadencia de Thomar, que progrediu d'ahi em diante já pela ruina da sua estrada, já pelas terriveis consequencias da guerra do principio d'este seculo.

«A villa de Thomar foi elevada á categoria de cidade pela rainha, a senhora D. Maria II.» (Vilhena Barbosa).

THUCYDEDES. Celebrado historiador atheniense, nasceu em 471 antes de Jesus Christo, e estudou a arte oratoria com Antiphon, e a philosophia com Anaxagoras. Era senhor das minas de ouro que defrontavam com a ilha de Thasus, propriedade que dava summa importancia ao possuidor. Commandou uma esquadra atheniense de sete vasos, em Thasus, anno 424; sahiu-se infaustamente da entrepresa, e fugiu. Elle mesmo refere que andou desterrado vinte annos. Voltando a Athenas, foi assassinado. Pelo que respeita á obra que deixou podemos afoutamente assentar que Thucydedes nos legou a historia

de um longo periodo cheio de acontecimentos notaveis. Quanto a exactidão, não houve historiador que se lhe avantajasse.

TINTURARIA. «A belleza das côres, com que a natureza enfeita as suas mais vistosas creações, devia necessariamente seduzir e captivar a attenção dos primeiros homens, que se entregaram á contemplação das obras maravilhosas que por toda a parte os cercavam.

«Desde que as primeiras sociedades se organisaram revelou-se em nós tendencia invencivel para contrariar o principio da igualdade, que parece devera ser o mais solido fundamento d'essas sociedades; vêmos as manifestações d'esta tendencia no incessante trabalho de cada um em procurar distinguir-se, avantajando-se, entre os seus semelhantes.

«É natural o suppôr que d'este intimo sentimento de egoismo, que tem produzido grandes idéas, muitos loucos e innumeraveis erros, nascesse tambem a applicação das côres aos ornatos com que os individuos da nossa especie tentaram em todos os tempos e lugares attrahir a attenção do vulgo. Assim, entre os povos selvagens das diversas partes do globo encontramos as côres até empregadas barbaramente em tingir a pelle, os dentes e os cabellos, não se contentando já com os variegados atavios das mais bellas plumagens que usurpavam ás aves das suas florestas.

«A tinturaria é a arte de impregnar os tecidos de lã, sêda, linho, algodão, ou estas ou outras quaesquer materias textis e ainda as pelles, os cabellos e as pennas, de côres mais ou menos permanentes, que devem resistir aos agentes atmosphericos, á acção dissolvente da agua e ao attrito. Assim differe ella essencialmente da pintura, na qual as côres se applicam por juxtaposição, constituindo camada externa simplesmente adherente á superficie do painel.

«A antiguidade da tinturaria é incontestavel. No Oriente, aonde a civilisação se perde na escuridão dos tempos, e aonde as artes e as sciencias tiveram o seu berço, encontramos, sem lhe poder assignar a origem, a tinturaria praticada já com certa perfeição desde eras immemoriaes pelos chins, pelos indios, e pelos persas, e de lá transportada para o Egypto e para a Syria aonde a vêmos florescente desde o começo dos tempos historicos.

«Offerecem-nos os livros sagrados dos hebreus sobejas provas da antiguidade da tinturaria e do apreço em que eram tidos os seus productos. Limitar-me-hei a citar algumas das mais importantes.

«No tempo do patriarcha Jacob era já conhecida esta arte, porque Moysés diz no Genesis (cap. XXXVII, v. 3.º) o seguinte:

«Amava Israel a José mais do que a todos seus irmãos, pelo haver tido sendo já velho; e lhe tinha mandado fazer uma tunica de varias côres.»

«No Exodo, nos cap. XXV e XXVI, em que trata das ordenações do Senhor ácerca da construcção da Arca e do Tabernaculo, menciona expressamente a *purpura tinta duas vezes: as pelles de carneiro tintas de vermelho e de rôxo*, e as dez cortinas de linho fino retorcido de *côr de jacinto*, *de purpura*, e *de escarlate tingidas duas vezes*, as quaes haviam de formar unidas o véo do Tabernaculo.

«Nos Paralipomenos e em outros muitos lugares dos livros sagrados, que seria longo e até superfluo citar aqui, falla-se frequentes vezes dos ricos tecidos côr de purpura, azues, escarlates e carmesins que Salomão importou de Tyro para ornar o templo do Senhor.

«Não seriam menos numerosas as citações que podia pedir aos livros profanos da mais alta antiguidade, mas bastará invocar a authoridade a Homero, que na sua *Iliada*, liv. VI, v. 289, menciona como maravilhosos os tecidos de todas as côres, que se fabricavam em Sydonia; e em outras partes do mesmo poema, descreve os seus heroes adornados com a purpura.

«Florecia na Phenicia, entre ou-

tras artes, a tinturaria, e a purpura de Tyro era estimada acima de todas as materias colorantes conhecidas dos antigos. Já nos primeiros tempos historicos se considerava tão remota a época da invenção da purpura, que bem se póde ter como fabulosa a casualidade que lhe deu origem. Contava-se que o inventor d'esta preciosa tinta fôra um pastor, cujo cão partira casualmente entre os dentes uma concha encontrada nas proximidades do mar: o liquido, que escorrêra da concha quebrada, manchou vivamente o pello do animal, e d'ahi veio ao pastor a idéa de tingir com a mesma côr um vestido para a sua namorada. Idéa de pastor namorado, do tempo em que os pastores foram os primeiros astronomos, e queriam tambem ser os primeiros tintureiros. Data a invenção da purpura, segundo conta a legenda, do XVI seculo antes de Jesus Christo, isto é, tem hoje mais de tres mil e trezentos annos.

«Não pretendo negar, nem mesmo ponho em duvida, que a invenção da purpura fosse em Tyro; mas, considerando na perfeição da arte indiana, em tudo o que se refere aos tecidos, desde os mais remotos tempos, e attendendo principalmente á marcha lenta do progresso do Oriente, não posso deixar de me convencer de que n'essas regiões da Asia a tinturaria deve datar de eras bem mais afastadas do que na Syria.

«Os antigos não dispunham por certo de tão grande variedade de materias colorantes como aquellas que hoje são entre nós vulgares, porém os seus tintureiros tinham já á sua disposição bastantes recursos para alcançar ricos e variados effeitos; mas entre elles, com mais razão do que entre nós, certas côres e certos processos deviam ser especialidades de diversos paizes, pelas circumstancias locaes ou pelas casualidades da invenção.

«Foram seguramente os phenicios que ensinaram a tinturaria aos europeus, mas isso não obsta a que elles a tivessem aprendido dos indios, ou immediatamente dos egypcios. Das conquistas de Alexandre data a introducção de muitas invenções asiaticas n'estas partes do velho mundo aonde nasceu a civilisação europêa. Plinio refere que fôra Alexandre o primeiro que, voltando da India, trouxera as velas dos navios e os estandartes de côres, e que, a datar d'esse tempo, o pavilhão vermelho, collocado no tope dos mastros, ficára servindo de distinctivo da nau almirante.

«Plutarco na vida de Alexandre, diz que, na tomada de Suza, os gregos acharam no thesouro de Dario, entre outras cousas, grande quantidade de vestidos de purpura de Hermione (?) no valor de cinco mil talentos, e tão bellos como se fossem novos, apesar de terem cento e noventa annos de antiguidade.

«Quando os monumentos da historia chineza nos forem mais conhecidos, o que não tardará, em consequencia das mais largas relações que os ultimos acontecimentos nos devem proporcionar no celeste imperio, veremos então que a origem dos processos da tinturaria terá de afastar-se ainda para eras bem mais remotas.

«Não é só a simples tinturaria, isto é, a coloração dos tecidos ou dos fios com uma só côr, que nós encontramos já muito perfeita desde a mais alta antiguidade; é tambem a applicação de muitas côres e variados desenhos no mesmo estofo, como a que hoje se obtem pela impressão, nas fabricas de estamparia.

«Se acreditarmos no poeta Valerio Flacco, já na expedição dos argonautas, um dos guerreiros mortos em Colchos se distinguia por trajar uma tunica de linho fino estampada de varias côres.

«Na traducção que Larcher fez de Herodoto, encontra-se, a pag. 203 do 1.º livro, que os habitantes do Caucaso imprimiam sobre os seus vestidos figuras de diversos animaes, com o auxilio de mordentes e côres tão fixas, que duravam tanto como o estofo, e Herodoto escrevia 400 annos antes da nossa era. Mais antigo do que elle, Homero nos deixa suspeitar a

existencia d'este ramo da tinturaria nas officinas de Sydonia.

«A descripção que Plinio nos transmittiu, no liv. XXXV, cap. II da sua *Hist. Nat.*, do processo usado pelos egypcios para pintar os panos, apesar de ser em alguns pontos obscura, deixa claramente provada a antiguidade d'esta arte. «Pratica-se, diz elle, no Egypto um maravilhoso methodo de pintar os vestidos de côres. Empregam para isso tecidos brancos sobre os quaes applicam, não as côres, mas certas drogas que tem o poder de absorver as tintas. Os desenhos traçados sobre os tecidos não se vêem; mas, quando estes se mergulham na caldeira, e depois de algum tempo se tiram, apparecem cobertos de desenhos, e, o que é mais admiravel, o tecido apresenta côres diversas, posto que na caldeira não exista senão uma unica materia colorante; as tintas variam, segundo a natureza da substancia que se impregna de côr, e estas côres não se podem fazer desapparecer pela agua. É claro que se o tecido estivesse coberto de desenhos corados, quando entra na caldeira, todas as côres se misturariam quando d'ella se tirasse. Aqui todas as côres se obtem pela immersão n'uma só caldeira, que pinta em quanto coze (*pingit que dum coquit*).» Estas ultimas phrases descrevem com toda a verdade a parte essencial da estampagem das chitas.

«Tudo nos leva a acreditar que tambem este ramo da tinturaria é originario da India. Quando os nossos navegadores devassaram aquellas regiões do Oriente, ahi encontraram, principalmente em Calecut, a industria dos algodões pintados, ou *chintz*, que alli se exercia desde tempos immemoriaes, e d'ahi veio que os inglezes, que depois vulgarisaram na Europa o commercio d'estes tecidos, denominaram *calico-printing* o processo de os fabricar.

«Materias colorantes, mordentes, e processos de impressão, mais ou menos perfeita, tudo os antigos conheciam e com especialidade os asiaticos. A sciencia moderna tem por certo enriquecido consideravelmente pelos seus descobrimentos em chimica e em mecanica, a industria do presente seculo, tem principalmente facilitado os meios de execução, vulgarisando e explicando os processos, mas quando a chimica tomou conta da tinturaria, achou thesouros de industria e engenho accumulados n'esta vasta herança que nos veio transmittida da Asia.

«Não me é possivel n'esta breve nota mencionar todas as materias colorantes de que a antiga tinturaria dispunha, e ainda menos discutir as questões que se podem suscitar pelas variadas interpretações a que se prestam os textos, extremamente concisos n'estas materias, dos authores antigos; limitar-me-hei por tanto a indicar o que ha mais essencial n'estes pontos.

«Já mencionei com especialidade a purpura, a mais rara, a mais bella e estimada das materias colorantes da historia antiga. Parece incontestavelmente provada a existencia de varias especies de purpura, cujas differenças dependiam das substancias que as ministravam. A verdadeira purpura, a de Tyro ou maritima, era o principio colorante contido no liquido segregado por um orgão particular de muitas especies de janthinos, molluscos maritimos gasteropodos, entre as quaes a *janthina prolongata*, segundo as investigações do snr. Lesson, devia ser a mais importante. Quando se tira da agua a janthina deixa escapar um liquido côr de rosa violacea, muito pura, viva e brilhante.

«Outro mollusco, o *murex* (*buccino* ou *pequena massa d'Hercules*), que fixou já a attenção de Réaumur e Duhamel, e que em 1833 foi estudado pelo distincto chimico italiano o snr. Bizio, devia tambem offerecer a purpura aos antigos tintureiros; segrega elle um liquido, que, sendo ao principio incolor, adquire, em presença da luz diffusa, coloração amarella, que successivamente passa a verde claro, verde esmeralda, azul, rubro, e finalmente, no fim de quarenta e oito horas se torna em bella purpura.

«Uma especie inferior de purpura, a que alguns chamam purpura terrestre, para a differençar da purpura maritima ou de Tyro, era a que se obtinha com o *kermes* ou *coccus*, gallinsecto que vive nos carvalhos verdes, e ao qual Silio Italico chama *cyniphius cocus*. Plinio menciona-o com o nome de *coccigranum*, e diz que se tingia de purpura com esta materia. O kermes era importado para as tinturarias romanas da Gallia narboneza, da Hespanha, da Galacia, da Armenia, da Sicilia e da Africa.

«Depois que a arte de tingir com a verdadeira purpura de Tyro se perdeu, ficou o kermes servindo para substituir aquella côr; davam-lhe os povos latinos o nome de *vermiculus*, pequeno bicho, e d'ahi veio o nome de *vermelhão* para a côr correspondente na nossa lingua: *kermes* é a palavra arabe que traduz *vermiculus*.

«Ninguem confunde certamente o *kermes* com a *cochonilha*, outra especie de *coccus*, que hoje tem grande voga na tinturaria escarlate, e que se vulgarisou na Europa depois da descoberta da America. Querem alguns que os antigos não conhecessem esta bella materia colorante; mas segundo Delaval não padece duvida que ella fosse conhecida na Persia desde remotas eras, pois que o medico Clésias, que vivia 400 annos antes do começo da era christã, descreveu o insecto que a produz e a planta em que este vive.

«O philosopho Aeliano, professor de rhetorica em Roma, no tempo do imperador Alexandre Severo faz a mesma descripção e diz que a India produzia enorme quantidade d'esta materia colorante, da qual fazia consideravel exportação. Na vida de Aureliano, por Vopisco, se refere que o rei da Persia enviára ao imperador romano, entre outros presentes, estofos de lã tintos de purpura tão viva, como até então se não tinham visto no imperio romano.

«Foi da India que os tintureiros do Levante importaram os processos da tinturaria em vermelho com a raïz da *ruiva*, côr a que se deu por isso o nome de *vermelho das Indias*, e depois *de Andrinople*. Strabão não deixa a menor duvida, no liv. XV, sobre o conhecimento que os antigos tinham da arte de tingir o algodão com a ruiva. Os gregos davam-lhe o nome de *erythrodanon* (que dá o rubro); os romanos denominavam-a *rubia*. Vitruvio, Dioscorides e Plinio fallam claramente d'esta planta e do seu uso como materia colorante. É originaria da India, mas no tempo do imperio romano cultivava-se na Caria, em Galilêa, em Ravena e outros lugares. O nome francez *garance*, segundo diz o professor Girardin, deriva de *verantia* com que era conhecida na idade media, e que significava verdadeira côr.

«As côres que a urzella dá não eram desconhecidas dos antigos e a *purpura* de *Amorgos* de que fallam Théophrasto, Dioscorides e Plinio, era segundo Tournefort produzida por este lichen que tem importancia capital na moderna tinturaria.

«As côres azues eram offerecidas aos tintureiros romanos pela planta do *pastel* que se cultivava em grande escala. Não desconheceram elles o anil, que Plinio e Dioscorides mencionam com os nomes de *indicum* ou *indikon* d'onde veio o *indigo* com que é conhecido em muitas linguas da Europa, porém não se empregava em Roma senão como tinta de pintura, pois não o sabiam dissolver, porque não possuiam o acido sulfurico, que é o seu dissolvente por excellencia. A respeito da India não direi o mesmo, porque parece que alli e na China data de eras muito remotas o emprego do anil na tinturaria dos tecidos. Cita-se como existindo no museu de Glasgow um tecido de algodão tinto com anil, com que eram feitas as ligaduras de certas mumias do velho Egypto.

«Mas para que ir mais longe? A raiz da anchusa, as flôres do carthamo, as do hypericum e seus fructos, o açafrão, a gomma-gutta, o cachu, o lyrio dos tintureiros, as bagas da murtha, as giestas, e muitas raizes e madeiras coradas offereciam ainda no reino vegetal vastos recursos á tintu-

raria, e no reino mineral encontrava ella os seus mordentes usuaes. O alumen, os sulfatos de ferro e de cobre, o cré, o natrão, as cimolias e outras muitas materias eram auxiliares indispensaveis d'aquella industria.

«O espantoso luxo, que nos primeiros tempos do imperio romano ostentava a capital do mundo, tão severa na sua origem, dava necessariamente grande apreço á riqueza dos tecidos e ás finas côres com que se ornavam.» (Oliveira Pimentel, nota aos *Fastos de Ovidio*, versão do snr. visconde de Castilho).

TITO. (Veja Primeiro seculo).

TITO-LIVIO. O terceiro entre os grandes historiadores romanos, Tito-Livio viveu em Roma, imperando Augusto, que o prezava e protegia; parece, todavia, que lhe não deu posição notavel, a não ser que fosse por algum tempo pedagogo de Claudio, que depois succedeu no imperio. O mais provavel é que Tito-Livio, em quanto demorou em Roma, estivesse colligindo elementos para a sua obra. Fallecido Augusto, voltou a Padua, onde morreu dezenove annos depois da vinda de Jesus Christo.

Cento e quarenta e dous livros, escriptos no espaço de vinte annos, formavam a *Historia romana* d'este escriptor, que abrangia cento e quarenta e quatro annos. Perdeu-se a parte mais consideravel e interessante.

TOPAZIO. (Veja Argilla).

TOLOSA. (Veja Languedoc).

TOURNEFORT. (Veja Botanica).

TRABALHO. «Ou seja de mãos ou do entendimento, nasce o homem para o trabalho, como a ave para o vôo.

«Nasce para trabalhar o rei, e é maior trabalho o sceptro que o cajado, porque póde o rustico depôr o arado, o soldado a espada, o escrivão a penna, só não póde tomar o somno sobre a ponta de um bastão agudo, aquelle olho sempre vigilante, em que figuravam os egypcios a obrigação dos reis.

«Nasce para trabalhar o principe, o grande e o ministro, e ainda que lhe fingisse a fortuna o trabalho mais alegre, não póde desmentir-lhe a fadiga e desvelo com que devem, como atalaias sobre a campanha, estar de accordo para a cautela, assim como estão em maior altura para a maioria. Só a Pedro, que havia de ser principe da igreja, grande do céo, e ministro do evangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicções do Horto; não o perguntou ao evangelista, que o amava tanto, com ser condição do amor o não dormir muito; d'onde se deixa vêr, que é mais desculpavel o descuido e descanço no amor que no ministerio.

«Nasce para trabalhar o prelado ecclesiastico, secular ou religioso, porque havendo de ser piloto da nau da diocese ou da religião, que cruza ondas inquietas, com céo turbado, ventos contrarios e noites escuras, necessario é não dormir, antes estar álerta e vêr de longe as tempestades, por não arriscar, com um só descuido, a que se percam todos em naufragio miseravel, no mar do mundo, que se incha por soberba, espuma por lascivia, brada por indignação, e se move com qualquer vento que o desinquiete.

«Nasce para o trabalho o general, o cabo, o soldado, porque em vida que é guerra, ha de ser morte qualquer descanço que do seu poder se fia.

«Nasce, em fim, para trabalhar o nobre e o plebeu, plebeia ou nobremente; e em se furtando a natureza a esta pensão do peccado, logo os ocios a entregam á maior servidão, que é a do vicio. Ainda Eva no paraiso não havia viciado a natureza, com a culpa da desobediencia a Deus, e por isso a não ligava ainda a pensão de trabalhar; com tudo, porque se poz a conversar com o demonio, fez incorrer a todo o mundo na escravidão da culpa, causa do trabalho do homem.» (Fr. Antonio das Chagas).

TRADIÇÃO. Nos tempos antigos em

toda a Asia reinava a tradição d'um Salvador que devia de vir, e sabia-se todavia que não era ainda chegado o tempo em que devia visitar o mundo. Um idumeu illustre, o celebre Job, declarava que seus olhos não veriam o Salvador senão no dia da resurreição, e elle conservava em seu peito esta esperança. Os persas personificavam o Salvador e o representavam com o nome de Mithra, o mediador das numerosas almas da terra. O filho de Beor, sacerdote do verdadeiro Deus, que havia recebido do céo a doutrina, e tinha tido visões do Todo-Poderoso, dizia ás nações estrangeiras com quem vivia, que elle veria o Redemptor, mas não tão cêdo, nem em sua vida. Elle annunciava, que a estrella brilharia sobre Jacob; que de Israel surgiria o sceptro; que de Jacob descenderia aquelle que devia reinar. O nome sagrado com que o filho abençoado de Isaac applicou ao Messias, a saber: Siloh, era da China o mesmo nome que se dava ao *deus-homem;* a primeira letra significa altissimo, a segunda senhor, a terceira a unidade, a quarta a humanidade. Na antiga escriptura hieroglyphica, uma grande nuvem, da qual está suspenso um menino, queria dizer o *homem esperado.* O que explica bem naturalmente esta prece do propheta: «*Rorate cœli desuper et nubes pluant justum.*» Albufarage refere que no reinado de Cambasous (Cambysses), Zerdascht, author do magismo, médo, segundo uns, e segundo outros, assyrio, e discipulo do propheta Elias, avisou aos seus sectarios da vinda de Christo, e da estrella que havia de brilhar na occasião de seu nascimento. O nome do deus mediador dos egypcios, *Orus*, no sentido de sua origem chaldaica, *Oiriai* significava mestre, doutor. Segundo os historiadores orientaes, *Orus* chamava-se tambem *Mokhalles albaschar*, o salvador dos homens. Os chaldeus davam igualmente a este deus o titulo de salvador dos homens, Dhouvanai.

Ensinava-se que seus padecimentos se concluiriam com a morte; que seu sacrificio seria o rasgate do genero humano; que seu sangue apagaria a falta inexpiavel d'Adão. Os godos representavam o primogenito de Deus, como nosso mediador, que devia esmagar a cabeça da grande serpente, e pagar com sua vida este triumpho. Os thibetanos, transportando o futuro para o passado, faziam vêr o libertador nascido d'uma virgem viver em retiro e jejuns, antes de dar principio á sua missão, tomando sobre si as miserias dos homens para salval-os, soffrendo voluntariamente e entregando-se por caução d'aquelles que estavam nos infernos, ou nos corpos dos animaes. Na China os livros *likigki* annunciavam um heroe, que devia repôr tudo no primeiro estado, e destruir os crimes com seus proprios padecimentos. É Kinn-tsé, é o *santo.* O *Tchoung-young*, o *Chou-Kin* dizem que «o santo não tem pai; é concebido por obra e graça de Tien.» Os Kings fallam tambem d'esta personagem mysteriosa: Ella existia antes do céo e da terra. Posto que muito excelso, sua natureza é semelhante á nossa. «Tren-gien será o deus-homem; andará entre os homens, e os homens não o hão de conhecer. Feri o santo, rasgai-o com açoutes, ponde o ladrão em liberdade...» Em todos os paizes, quer fossem civilisados, quer barbaros, existia a crença de que um deus-homem havia de resgatar com seu sangue a criminosa humanidade. Um dos mais profundos mythologos, Eschylo, reuniu debaixo da figura de Prometheo todos os particulares da relação da vida do Redemptor, e deu á Grecia o espectaculo d'um deus que condemnava outro á morte. Platão fazendo o retrato symbolico d'este juizo, diz: «Virtuoso até á morte, elle passará por injusto e perverso, e como tal será flagellado, atormentado, e em fim posto na cruz.» Rousseau o confessou. «Quando Platão, diz elle, pinta o seu imaginario justo, assoberbado com o opprobrio do crime, e digno de todos os premios devidos á virtude, parece retratar ao vivo a Jesus Christo. A semelhança é tão visivel, que os padres logo se advertiram d'el-

la, e que seria impossivel que a não descobrissem.»

Entre as nações occidentaes da Asia havia um povo, cujos prophetas tinham annunciado as acções e padecimentos do futuro Messias. Isaias dizia, que o filho da Virgem se chamaria Himmanuel (Deus comnosco), palavra que significava a alliança das duas naturezas (VII). Jeremias lhe dava seu divino nome, Jehová, o qual, segundo a ordem das letras, denota tambem a união das duas naturezas (XXIII, v. 6). Malaquias antevê que elle devia ter um precursor (III, v. 6). Micheas assignala o lugar em que elle devia nascer, Bethlem (V, v. 2). O principe Isaias prediz que ha de começar a sua prégação nos confins da terra de Zabulão e de Nephtali, ao longo do mar, além do Jordão e na Galilêa (IX, v. 1). O rei David expressa a fórma parabolica de seus discursos (ps. LXXVII, v. 2). Zacharias annuncia a sua entrada humildemente triumphal, montado em um asno (IX, v. 9). A traição de Judas, sua morte terrivel, e a substituição no apostolado são igualmente vaticinadas (psalmo XIV, cap. 8, v. 5), bem como os trinta dinheiros, preço do seu crime (Zacharias, XI, v. 12). Isaias annuncia a oblação voluntaria do Salvador (LIII, v. 7), sua innocencia (LIII, v. 9), sua morte e sacrificio por nossos peccados (LIII, v. 5, 6, 11 e 12). Todas as circumstancias são relatadas muitos seculos antes de se verificarem; os falsos testemunhos alevantados a Christo (psalm. XXIV, v. 12; XXXIV, v. 7), sua flagellação, sua morte na cruz (psalm. XXI, v. 18), o ser posto entre dous ladrões (Isaias, LIII, v. 12), o fel e vinagre que lhe deram a beber (psalm. LXXVIII, v. 22), a lançada que lhe deram no peito (Zach., XII, v. 10), seus vestidos sobre que se lançaram sortes (psalm. 21, v. 18, 19), as zombarias e escarneo que d'elle fazem os que passam (psalm. CXX, v. 8, 9), a supplica que faz por seus matadores (Isaias, LIII, v. 12).

Ao passo que os tempos assignalados nas prophecias se vinham approximando, a necessidade do Redemptor fazia-se cada vez mais urgente e sensivel. O Eterno annunciava a Israel a chegada proxima da nova lei.

«Que hei mister da multidão de victimas que me immolaes? diz o Senhor pela voz do propheta. Dá-me já fastio o vêl-as; eu nunca gostei de holocaustos de carneiros, de gordura, e sangue de bezerros, cordeiros e bodes.

«Para vos apresentardes em minha presença, quem vos disse de trazer estes dons em vossas mãos, para calcardes aos pés o pavimento de meu templo?

«Guardai-vos de offerecer-me estas vãs oblações, é-me em abominação o incenso. Já não posso soffrer vossas luas novas, vossos sabbados e outras festas; a iniquidade e a preguiça reinam em vossas assembléas.» Platão declarava que o homem por si mesmo não sabia orar; que tinha necessidade de aprender o culto que devia tributar aos deuses, e dava-lhes por conselho que aguardassem pela vinda do supremo instituidor, para poderem offerecer um sacrificio efficaz. Os pouranas, para expressarem a expectação em que os povos estavam, diziam: que a terra queixando-se de que com o peso das iniquidades se sepultava no *patala* Wichnou (segunda pessoa da trindade dos indous) a consolava, promettendo-lhe um salvador, que viria ao mundo na morada d'um pastor, seria creado com outros, e a libertaria da dynastia dos Daytias (demonios). Os livros chinezes encerravam igual esperança. «É mister aguardar por este homem, depois d'elle haverá perfeição. Motivo por que se diz, que sem a virtude suprema, a lei suprema não póde deitar raizes. Coutchi (tres mil annos) se passaram á espera do santo homem... Assim a gloria de seu nome inundará como o oceano o imperio do meio; ella chegará até aos barbaros, e aos estrangeiros em todos os lugares onde vão varios navios e carros. As obras originaes de Confucio nos fazem vêr que muitas vezes este philosopho fazia menção do *santo*, que devia existir no occidente. «O

ministro Phi consultou-se com Confucio, e lhe disse: Mestre, não sois por ventura um santo homem? (esta palavra quer dizer em chinez um homem deus). Confucio respondeu-lhe: Por mais voltas que dê ao entendimento, não me vem á memoria uma pessoa que seja digna d'este nome. Mas, tornou-lhe o ministro, os tres reis (troncos das dynastias Hiâ, Châng e Tchêou) não foram santos? — Os tres reis, dotados de muita bondade, tiveram summa prudencia e uma força invencivel; porém eu *Khiêou*, não sei se foram santos? O ministro replicou: E os cinco senhores não foram santos? — Os cinco senhores, disse-lhe Confucio, dotados de summa bondade, tiveram uma caridade divina, e uma justiça inalteravel; porém eu *Khiêou* não sei se foram santos. Perguntou-lhe ainda o ministro: Os tres Augustos não foram por ventura santos? — Os tres Augustos, tornou-lhe Confucio, póde ser que fizessem muito bom uso de seus dias; porém eu *Khiêou* ignoro que elles foram santos. O ministro entrado de admiração, disse-lhe a final: Se assim é, quem é aquelle a quem podemos chamar santo? Confucio respondeu com muita doçura a esta pergunta: Eu *Khiêou* ouvi dizer, que nas terras occidentaes haveria um homem santo, o qual, sem exercer acto algum d'authoridade, atalharia as desordens... Nenhum homem ha que possa dizer seu nome («Quem poderá recontar a sua geração?» Isaias, LIII; mas eu *Khiêou ouvi dizer*, que este era o verdadeiro santo).» Não era por effeito d'uma previsão celeste, que o philosopho chinez acreditava na vinda do santo, pois que nos adverte que o *ouvira dizer*. Assim que aquella tradição lhe viera de seus predecessores; todas as nações esperavam apparecesse o Redemptor. «Os povos, dizia Mentius, discipulo de Confucio, o desejam, como as plantas ensoadas suspiram pelo orvalho.» Os indios mostravam igual impaciencia. Um de seus poemas sagrados, o *Barta Chastram*, encerrava, haverá obra de dous mil e quinhentos annos, esta predicção: «Nascerá um brahma na cidade de Sçambelam: e será Wichnou Jesoudou... Então o que não era possivel para qualquer outro, este Wichnou Jesoudou, brahma, conversando com os de sua raça, purgará a terra de peccadores, e estabelecerá o reino da justiça e da verdade, elle offerecerá um sacrificio...» Pondere-se nos nomes dados ao Messias e á cidade onde elle devia nascer. Que admiravel concordancia com os livros hebreus! «Ha de nascer um brahma, um sacerdote (*sacerdos in æternam*) na cidade de Sçambelam (Bethlem).» Bethlem significa em hebreu *casa de pão*, e Sçambelam no estylo sagrado dos indous, quer dizer *pão de casa*, pão caseiro, etc. «Será Wichnou Jesoudou.» Wichnou (segunda pessoa da trindade dos indous) Jesoudou (Jesus). «*Dou* é n'esta lingua, diz o traductor do *Barta Chastram*, a terminação vulgar dos nomes proprios masculinos. Assim *Jesaudou* não é mais differente de *Jesou* do que *Tiberius* de *Tiberio*.» O *Bagavadam* dizendo que a segunda pessoa, Wichnou, estava encerrado no ventre de uma mulher, e que veio á luz com o nome de Chrishna (Christo), não certificava com menos expressão a identidade das tradições ácerca do Messias. Todas as circumstancias de seu nascimento, como as de seu nome, referem-se a Jesus Christo, escrevia M. de Guignes; nasceu d'uma virgem, em uma lapa onde havia um asno; e na mesma noite foi adorado dos anjos e dos pastores.»

N'esse tempo pois, «o povo que andava ás escuras, descobriu uma grande claridade.» Os livros hebreus, que haviam sido pouco conhecidos das nações estranhas, foram publicados na cidade dos philosophos, em Alexandria, metropole do reino da critica. Um dos Ptolomeus fez trasladar na lingua grega as sagradas Escripturas, e deposital-as na bibliotheca do museu. Em despeito dos doutores da lei, que se não podiam consolar d'aquella profanação, os athenienses e os romanos poderam copiar a versão dos Setenta. Assim se foram espa-

lhando pelo mundo as tradições hebrêas, e quando Varrão intentou provar a unidade de Deus pela universalidade das relações, fundou-se nos escriptos dos hebreus. Desde então a expectação do reparador era uma opinião, uma crença estavel e solida. Os magos não se tinham esquecido da advertencia de Zerdascht, seu mestre, ácerca da estrella que lhes havia de annunciar o nascimento do Messias, a quem lhes havia recommendado de levar cada um seu presente.

No Oriente dizia-se, que uma estrella maravilhosa devia guiar os santos homens ao lugar onde o infante tinha de nascer. Foi n'este mesmo tempo que um imperador da India, assustado com alguns oraculos, mandou por seus emissarios dar morte áquelle infante, se por ventura viessem a dar com elle. A poesia dos indous nos faz vêr o tyranno Coucha, por isso que soubera do parto de Dohibaki, ordenar que lhe trouxessem o infante Chrishna, para o mandar matar, ao passo que a mãi, informada d'aquella resolução, o fizera transportar ás occultas para a cidade de Gokoulam, onde ficou em casa de Nanda, marido da ama que o creava. Nenhum d'estes rumores foram perdidos. Elles penetraram no coração do imperio chinez, e lhe fizeram conhecer que era chegada a época da vinda do Messias: porém como os mencionados rumores levassem perto d'um seculo a atravessar toda a Asia, quando o soberano *Ming-ti* enviou embaixadores em demanda do *Santo*, eram já passados sessenta e cinco annos que o filho do homem, pendente da cruz, havia dito ao Padre: Tudo está consummado!

O mundo romano não podia deixar de participar da unanime expectação. Cicero, no fim de seu livro da *Republica*, annunciava uma lei unica, pela qual se haviam de governar todos os homens. Os oraculos sibyllinos prediziam dous reis; um devia imperar em Roma, e o outro, vindo do oeste da Judeia, havia de dar leis ao universo. «Não se póde crêr, diz Heine, a que ponto n'esse tempo estavam todas as nações occupadas das prophecias, e o grande cuidado que ellas a todos davam.» Suetonio dizia, que em «todo o Oriente resoava a antiga e constante opinião, que os destinos ordenavam que n'aquelle tempo sahissem de Judeia os dominadores do mundo.» Tito-Livio, Sallustio, Tacito, Plutarcho fazem menção d'esta opinião e crença. Volney reconhece a expectação geral em que se estava ácerca de um mediador, *d'um salvador* que estava para vir. Boulanger, depois de haver demonstrado a universalidade d'esta esperança, appellida-a loucamente uma chimera universal. Em 6 de junho de 1833, na sessão da sociedade litteraria de Londres, leu-se uma memoria sobre a origem d'uma prophecia latina, que appareceu em Roma pela primeira vez sessenta e tres annos antes da era christã, a qual annunciava que a natureza ia produzir um rei para o povo romano. «*Regem populo romano naturam parturire.*» A este respeito o *Memorial encyclopedico* declara que, segundo o testemunho d'antigos authores, e segundo as investigações dos modernos, é constante que um oraculo semelhante vogára na Italia mais de sessenta annos antes do nascimento de Jesus Christo.

TRADUCÇÕES. «Nobre e difficil sim, para quem applica a taes assumptos sciencia e consciencia. Sem profundarmos a renhida questão do merito relativo das composições originaes ou traducções, já alhures dissemos que — transportar as riquezas de um idioma para outro, mui diverso de indole e constituição; — apoderar-se, em grau igual, dos mais reconditos segredos de duas linguas, sabendo dissecar as mais tenues fibras de ambas; — encorporar na propria a intelligencia alheia, e d'ahi observar a materia de identico modo; — conhecer como se foge da fidelidade infiel, que, prendendo-se ao vocabulo litteral, olvida ser a idéa, neja a palavra, que se traduz; — vedar a si mesmo o impulso natural de desenvolver e encarar o pensamento de um

modo peculiar; — lutar com athleta de estylo; — rivalisar com victorias do engenho; — ornar phrase estranha de vestes e côres nacionaes, tão conchegadas e proprias, que os mais atilados olhos se enganem; — são meritos relevantes, que podem derramar tanta gloria como producções originaes de subido quilate.

«Mal hajam os que, em nossas terras, hão vilipendiado o mister de traductor com a ignobil especulação, que entulha os prelos de chamadas versões (que nem chegam a ser as *caixas opticas* do Garção) em que a palavra franceza vem, salva a desinencia, achar-se no seu torrão; em que a locução franceza pasma de vêr-se daguerreotypada, sem uma inversão, um traço, que a inculque portugueza. É assim que o opprobrio de traductores taes recahe na importante arte de bem traduzir; que se dá razão ao proverbio italiano: *traduttore, traditore;* que finalmente se necessita animo para imitar os Francos Barretos, os Ericeiras, os Ribeiros dos Santos, os Filintos, os Bocages, etc.

«Da mór parte das versões — umas entre-mostram, sim, o original, mas empedaços, como fragmentos de quebrado espelho — outras semelham-se-lhe como um simio a um homem, um tregeito a um sorriso, um satyro a uma graça. Talvez o pensamento musical seja o mesmo, mas aqui executado na lyra, além na marimba do selvagem.

«Não, não é d'essas versões que fallamos, mas sim dos trabalhos no genero d'este, pois em verdade só a soberanos é dado conceder carta de naturalisação. Transportar o pensamento, com todo seu mimo e brilho e força, através do papel vegetal da intelligencia, de um para outro idioma, sem que se distinga qual o copiado; pintar a idéa em transparencia, só genios o podem tentar.» (J. Feliciano de Castilho, *Amores de Ovidio*).

TRANQUILLIDADE. «A um dia segue-se outro dia, e a um anno outro anno: recebamos, pois, do tempo o que elle nos der. Um seculo de doença e amargura vale menos do que um dia de tranquillidade. A origem dos nossos prazeres está no nosso coração. E muito offende á Divindade o que julga poder achar essa origem n'outra parte.

«Assim pensava um verdadeiro sabio quando dizia : — «Todos os meus projectos, desejos e esperanças se geram no meu seio. Os rios correm rapidamente para o mar, e n'elle desaguam sem o perturbar: assim acontece com o meu coração; e todos os acontecimentos d'este agitado mundo não me obrigarão a dar um suspiro. O meu norte e guia é a verdade; e a moderação o leme que me dirige na derrota. Vou sempre por caminho direito, seja qual fôr o vento que sopre: — as nuvens sobem e descem em torrentes, sem me inquietarem; e quando me escondem o sol, regulo a minha viagem pelas estrellas da noite. Contente vive a andorinha no seu ninho, observando placidamente os terriveis combates dos abutres, e seja qual fôr o vencedor, nunca lhe faltam moscas e vermes de que se sustente. Visto-me de pano grosso; o meu alimento é frugal, e a palha que cobre a minha cabana vai cahindo com o tempo. De que me serviria, para o dia de ámanhã, andar hoje vestido de sêda, e ter saboreado delicados manjares? Os tectos dourados não afugentam os cuidados nem as penas; e n'uma humilde choça tambem se escapa aos estragos do terremoto. Nas minhas duas mãos existe o meu patrimonio: — ellas me entregam diariamente o producto do meu trabalho.

«Quando aperta a calma procuro o fresco á sombra de frondosa arvore; e quando me incommoda o frio aqueço-me trabalhando. Verdade é que envelheço; porém os meus filhos, ainda jovens, me retribuirão com cuidados e desvelos os favores que me deverem pela sua educação e sustento. Se tratarem sempre verdade, e viverem com prudencia, não darão em cem annos um só suspiro. — Rasguem-se as nuvens com trovões; so-

prem os ventos rijamente: — de qualquer parte que venha a tormenta a tranquillidade é um porto seguro para abrigar um coração innocente. Salve, tranquillidade da alma, dôce prazer da vida: — os reis venderiam as suas corôas para comprar-te se conhecessem o teu valor. Completa os teus beneficios, e já que me ajudaste a viver feliz, ajuda-me tambem a morrer tranquillamente.» (Rivara).

TRASILLO. (Veja Astrologia).

TREPADORAS (aves). Distinguem-se em *trepadoras de bico delgado* e de *bico grosso.* Ás primeiras pertencem os *jacamares* ou *jacamaciris do Brazil.*

«Estas aves assemelham-se pela fórma do corpo, bico, e lingua ao tordo marinho; porém os seus dedos são dispostos, como os das trepadeiras; conhece-se unicamente um pequeno numero de especies, as quaes são da America: habitam nos bosques humidos, e vivem de insectos.

«Os picos, picanços, ou petos, ou corta-paus. Estas aves são por excellencia as trepadoras, as quaes estão de continuo agarradas á casca das arvores em todas as situações; para o que, além da fórma d'os seus pés, são ainda favorecidas pela cauda, que lhes serve de escora, por ser composta de pennas mui rijas, cujo numero se ha dito ser o de dez; por se não contarem as duas lateraes, que são muito mais pequenas do que as outras: seu bico é muito comprido, direito, pontudo, comprimido na ponta, e anguloso na base: tem a lingua mui comprida, redonda, tenue, e com a extremidade armada de espinhos deitados para traz, a qual ellas podem fazér sahir muitas pollegadas fóra do bico, e tornal-a a encolher, servindo-se d'ella para furar os vermes e extrahil-os das fendas das cascas.

«Os *picos* tem o estomago membranoso e falta-lhes o intestino cego: suas especies são mui numerosas, havendo-as em todos os climas dos dous continentes.

«O *picanço negro.* É do tamanho de uma gralha, todo preto, e com uma malha de um bello vermelho no toutiço: vive principalmente nas mattas das montanhas.

«O *peto verde* ou *corta-pau verde.* É do tamanho de um gaio, verde por cima, amarellado, ou esbranquiçado por baixo, com a parte superior da cabeça de um bello vermelho. Esta especie, a mais commum nas planicies, acouta-se como os outros picos nos buracos das arvores carunchosas; e annuncia as chuvas por um grito particular.

«O *picanço grande malhado.* É do tamanho de um melro, com o corpo variado de branco e preto; e a parte inferior da cauda, e uma banda no toutiço do macho, que falta na femea, de um bello vermelho.

«O *picanço pequeno.* É do tamanho de um pardal, variado de branco e preto; e de um branco sujo pela parte inferior, com a cabeça vermelha, excepto na femea.

«O torcicollo. É uma ave do nosso clima, com os habitos dos picos e a lingua conformada do mesmo modo; porém o seu bico é curto e sem angulos; e a cauda comprida e quadrada na extremidade. Esta ave deve o seu nome aos movimentos singulares do seu pescoço quando se altera ou espanta: sua plumagem é alvadia variada de salpicos pardos, cinzentos e anegrados: acouta-se nos concavos das arvores.

«Os cucos. Tem o bico arredondado na base, mediocremente comprido, pontudo, e um pouco arqueado; as ventas com uma borda saliente; a lingua comprida, pontuda e não forcada; a cauda longa, redonda, pontuda, ou quadrada; e não ha entre nós senão uma especie.

«O *cuco ordinario.* Esta ave é celebre pelo instincto particular de pôr os seus ovos em os ninhos alheios. O cuco femea não choca os ovos; mas busca, umas vezes o ninho de um passaro pequeno, de ordinario de bico delgado, como o do *pisco de peito ruivo*, do *carriço grande*, ou da *alvéloa*, etc., outras vezes o de um granivoro, como o das *emberizas*, *verdilhões*, *piscos bastardos*, etc.; e devo-

rando todos, ou parte dos ovos d'estes passaros, põe o seu, e o abandona. O passaro, ao qual o ninho pertence, choca o ovo, nutre, e cria o novo cuco, com o mesmo cuidado que teria com os seus proprios filhos. O cuco é de um pardo escuro pelas costas, e raiado de branco e trigueiro pelo peito e ventre, com a cauda anegrada e salpicada de pintas brancas nas bordas das pennas: tem os pés, os cantos do bico, e circumferencia dos olhos tudo amarello: vive de insectos, e acommette algumas vezes os passaros pequenos; e quasi todos os cucos se ausentam no inverno: o seu canto é assás conhecido. As especies estrangeiras de cucos são mui numerosas nos dous continentes; porém ignora-se, se ha alguma que ponha os ovos em ninhos alheios, como a da Europa: sabe-se com tudo, que muitas o não fazem: estas especies acoutam-se de ordinario nos buracos das arvores, e as mais notaveis são:

«O *cuco mostrador das colmeias*. Habita no cabo da Boa-Esperança, e em grande parte da Africa: nutre-se do mel das abelhas selvagens, muito communs n'aquelle paiz, cujos habitantes tem o cuidado de o seguir; e quando pelo seu soccorro tem descoberto alguns abelheiros, dão-lhe em reconhecimento alguma porção; porém não a que baste para o fartar, a fim de que elle não cesse de fazer novas descobertas: seu corpo é cinzento arruivado por cima, branco por baixo, com uma malha amarella nas espadoas, e a cauda pontuda e ruiva.

«O *cuco poupudo*, ou o *touraco de Guiné*. É tambem da Africa, de côr verde e costas matizadas de azul, com as pennas anteriores das azas vermelhas, cauda comprida, e uma poupa na cabeça: este lindo passaro poderia mui bem separar-se do genero dos cucos, por causa do seu bico assás grosso.

«Os *curucuis*. Estas aves da America meridional tem o bico mais largo transversalmente, do que espesso em altura, curto, curvado, denteado nas bordas, e cercado de cerdas na base: seus pés são mui curtos e pennugentos até aos dedos; e o nome indica a sua voz: vivem de insectos, habitam nos bosques, e acoutam-se nos buracos das arvores, onde põem os seus ovos sobre o pó do pau carunchoso: conhecem-se mui poucas especies d'este genero.

«O *curucui verde do Brazil*. É de um verde dourado pelas costas, com a garganta de um negro violete, ventre amarello, e as pennas variadas de preto e branco: seu comprimento é de um pé, e acha-se na Cayenna.

«As TAMATIAS. Estas aves tem o bico grosso, pontudo, comprimido pelos lados, rasgado até aos olhos, chanfrado na extremidade, e guarnecido de grandes cerdas, ou pennas delgadas: acham-se na zona torrida dos dous continentes, e a sua cabeça é grande, o corpo refeito, o vôo curto e pesado, e o ar triste e silencioso; vivem em os lugares mais solitarios dos bosques, e nutrem-se de insectos. Os do antigo mundo tem o bico mais curto e convexo por baixo, e chamam-se tambem tamatias.

«A *tamatia barbuda das Philippinas*. É do comprimento de sete pollegadas, verde por cima, amarellado, e malhado de trigueiro por baixo: tem a garganta e bochechas amarellas, a cabeça, e parte inferior do pescoço vermelhas, e um risco negro por baixo do olho. Esta ave acha-se nas Philippinas. As tamatias da America tem o bico maior e mais comprido.

«A *tamatia do Brazil*. É de um ruivo alaranjado, e esbranquiçado por baixo, com um collar negro.

«Os TUCANOS DO BRAZIL. São de todas as aves conhecidas, as que tem maior bico, havendo muitas especies, em que é tamanho como o corpo, porém de substancia ligeira, e composto de cellulas vazias, tendo a fórma alongada e um pouco comprida, a extremidade da mandibula superior curvada para baixo, e as bordas de uma e outra irregularmente denteadas: sua lingua é guarnecida por ambos os lados de barbas á maneira das de uma penna. Todos os tucanos são dos paizes quentes da America: domesticam-se facilmente, e nutrem-se de

fructos de palmeiras, e outros grãos: vôam em bandos, gritam muito, e acoutam-se nos buracos das arvores: sua plumagem é ordinariamente escura, mas tem pennas mui brilhantes na garganta e peito, que os naturaes do paiz empregam em delicadas manufacturas.

«Os PAPAGAIOS. Tem o bico muito grosso e convexo por todas as partes, a mandibula superior pontuda, de bordas angulosas, e curvada sobre a inferior, sendo visivelmente movivel, e com a base revestida de uma pelle molle, na qual se abrem as ventas: sua lingua é espessa, obtusa e carnosa, quasi como a dos mammaes; e d'esta conformação, assim como do abobadado do bico, depende a propriedade singular que tem estas aves para imitar diversas vozes, e mais que tudo a do homem. Elles tem além d'isto, em seus gestos e postura um ar de reflexão, que admira, para o qual tambem contribue muito o habito de se sustentarem sobre um pé e levarem com o outro os alimentos ao bico. Os papagaios, no estado selvagem, vivem nos bosques da zona torrida, que atrôam com os seus clamores: acoutam-se nos buracos das arvores e vôam pouco; porém trepam de continuo pelos troncos e ramos das arvores para comer os seus fructos: seu bico forte, grosso, e cortante quebra facilmente as amendoas, e tambem o empregam para trepar. Distinguem-se os papagaios, segundo o comprimento, e fórma da sua cauda: entre os que a tem curta e igual notam-se:

«Os *cacatous da India*, os quaes são os maiores e os mais bellos de todos, tendo a cabeça ornada de uma poupa movivel, que varia de côr, segundo as especies: sua plumagem é o mais das vezes branca, e ha uma especie que a tem toda preta: todos os cacatous são das Indias orientaes.

«Os *papagaios verdadeiros* sem poupa, menos abundantes no antigo continente do que na America, notando-se entre outras especies as seguintes:

«O *papagaio cinzento de Guiné*. É o mais commum de todos, e o que melhor aprende a fallar: seu corpo é de um cinzento claro com a cauda de um bello vermelho, e é originario de Guiné. As especies de plumagem vermelha, originarias das Indias orientaes, chamam-se entre os passarinheiros *loris;* taes são:

«O *papagaio colleirado das Molucas*. É vermelho, com o casquete violete, azas verdes, bochechas e espadoas azuladas, tendo o macho uma colleira amarella por baixo do pescoço: vem das Molucas, e Nova Guiné. Entre as especies da America, as que tem as extremidades das azas vermelhas chamam-se *amazonas*, como:

«O *papagaio de cabeça branca das Antilhas*. É verde, com a garganta e ventre vermelhos, a cabeça branca, e o toutiço azul. As especies que tem a extremidade da aza de côr differente da vermelha, chamam-se *criques*, e os que não tem nenhuma marca em a aza, chamam-se *papagaios*. Um e outro continente produzem tambem especies de cauda curta, que não excedem o tamanho de um pardal; tal é:

«O *periquito verde de Guiné*. É de um verde gaio, com a cabeça vermelha, uropigio azul, e os lados da cauda malhados de vermelho: as especies d'este tamanho, que se acham na America, tem o nome de *touis*. Entre os papagaios de cauda comprida e pontuda, se notam:

«As *araras*, que são os maiores e mais bonitos de todos, originarias da America, distinguindo-se por uma grande malha núa, que apresentam em cada face.

«A *arara escarlatina*, ou *encarnada do Brazil*. É do mais bello vermelho escarlate, com as pennas das azas, e as lateraes da cauda azul celeste; e as coberturas das azas côr de junquilho.

«A *arara azul*, e *amarella do Brazil*. É de um bello azul celeste por cima, amarello alaranjado por baixo, e tem os lados da cabeça brancos raiados de preto. Estas duas grandes especies são assás communs na Europa, para onde as trazem por causa da sua magnifica plumagem.

«Os *papagaios de faces pennugentas*,

são menores do que as araras, e com as faces pennugentas: acham-se em ambos os continentes; porém os da America tem o nome particular de *periquitos*.

«O *papagaio colleirado de Alexandre Magno*. É de um verde claro, com a garganta preta, uma colleira vermelha sobre a nuca, e uma malha da mesma côr na ponta da aza: esta especie originaria das Indias foi o unico papagaio conhecido pelos antigos; e foi Alexandre Magno quem o trouxe para a Europa.

«O *periquito verde longicauda do Brazil*. É de um verde claro uniforme, com as pennas das azas e da cauda azuladas, o bico ruivo escuro, e os pés alvadios: esta linda especie da America cria-se frequentemente em o nosso paiz por causa da sua mansidão.» (Cuvier).

TRES (Regra de). 1. Em arithmetica apresentam-se muitos problemas cuja solução depende d'uma *proporção* na qual se conhecem *tres* termos. O processo pelo qual se resolve esta especie de problemas tomou a denominação de *regra de tres*, porque se opéra com *tres termos* dados, para determinar um quarto que fórma *proporção* com os precedentes. — Nas duas razões d'esta proporção, os quatro numeros são essencialmente da mesma especie dous e dous, e a natureza da questão mostra immediatamente se o termo *incognito* é maior ou menor que o termo correspondente da sua especie. Para isso, escrevem-se os dous numeros que pertencem á mesma especie um debaixo do outro, e ao lado, escrevem-se tambem pela mesma fórma, os dous numeros da outra especie; o que facilita estabelecer a proporção, ou resolver a questão pelo *methodo de reducção á unidade*. Por exemplo:

Obreiros	Metros	Obreiros	Dias
6	18	12	16
15	x	25	x

No primeiro exemplo, se 6 obreiros fizeram 18 metros d'uma certa obra, é evidente que 15 obreiros farão *mais* obra no mesmo tempo; logo x deve ser maior que 18, e a proporção escreve-se: $6 : 15 :: 18 : x$, d'onde $x = \frac{15 \times 18}{6}$. (Veja PROPORÇÕES). Pelo outro modo de resolução, discorre-se assim: se 6 obreiros fizeram 18 metros d'uma certa obra, *um* obreiro fará a sexta parte sómente, ou $\frac{18^{m}}{6}$; e os 15 obreiros farão 15 vezes mais que um só, ou $\frac{18^{m}}{6} \times 15 = \frac{18^{m} \times 15}{6}$; resultado identico ao precedente. — No segundo exemplo, se 12 obreiros gastam 16 dias para fazer uma certa obra, é evidente que 25 gastarão *menos* tempo em fazer a mesma obra; logo x deve ser n'este caso menor que 16, e a proporção escreve-se: $12 : 25 :: x : 16$, d'onde se tira $x = \frac{12 \times 16}{25}$. (Veja PROPORÇÕES). Pelo outro methodo, discorre-se assim: se 12 obreiros gastaram 16 dias em fazer uma certa obra, *um* obreiro gastará 12 vezes mais dias, ou $16^{dias} \times 12$; e os 25 obreiros hão de gastar 25 vezes menos dias que um só, ou $\frac{16^{dias} \times 12}{25}$, resultado identico ao precedentemente obtido. — Esta ultima questão pertence á regra de tres chamada *inversa*. Duas quantidades estão em *razão directa* quando a primeira d'estas quantidades augmentando ou diminuindo, a segunda augmenta ou diminue em proporção; é o que se dá no primeiro exemplo, e então diz-se que é uma regra de tres *directa*. Duas quantidades estão em *razão inversa* quando augmentando a primeira a segunda diminue em

proporção, ou quando a segunda se torna maior á medida como a primeira se torna menor. (Veja CALCULO e cada medida metrica).

2. O processo precedente denomina-se *regra de tres simples;* mas, quando o enunciado do problema contém mais de quatro quantidades, ou antes mais de duas razões, denomina-se *regra de tres composta,* que póde ser *directa* ou *inversa* como a regra de tres simples, e resolver-se por meio de *proporções* ou pela *reducção á unidade.* Este ultimo methodo é preferivel, porque é mais facil, e o unico que prescrevem os programmas de ensino publico. — Já fizemos notar (veja JURO) a vantagem de dispôr o problema d'este genero em duas linhas horisontaes, pondo um debaixo do outro os termos semelhantes ou, como se diz, *homologos.* Esta disposição permitte com effeito abraçar n'um relance d'olhos o conjuncto da questão, estabelecer facilmente as differentes razões, e promptamente obter a formula que dá a solução do problema. Exemplo:

Obreiros	Dias	Horas	Metros
6	12	12	47
15	x	8	96

Escreve-se primeiro o numero 12, homologo do elemento incognito, e tira-se uma linha divisoria, assim: $\frac{12^{\text{dias}}}{\quad}$. Examinando depois a condição relativa aos obreiros, diremos assim: quantas vezes *mais* obreiros para fazer uma obra, tantas vezes *menos* dias gastarão; logo *um* obreiro gastará 6 vezes mais dias que 6 obreiros, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6}{\quad}$; e 15 obreiros hão de gastar 15 vezes menos dias que um obreiro, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6}{15}$ (1.ª regra de tres simples inversa). Passando a considerar a condição das horas, diremos assim: quantas vezes *mais* horas de trabalho por dia, tantas vezes *menos* dias gastam os obreiros em fazer a obra; logo os 15 obreiros, trabalhando *uma* hora por dia, gastarão 12 vezes mais dias que se trabalhassem 12 horas por dia, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6 \times 12}{15}$; e trabalhando 8 horas por dia, em vez de 1 hora sómente, hão de gastar 8 vezes menos dias, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6 \times 12}{15 \times 8}$ (2.ª regra de tres simples inversa). Finalmente, tomando em conta a condição dos metros, diremos: quantas vezes *mais* metros de obra, tantas vezes *mais* dias de trabalho; logo os 15 obreiros para fazerem *um* metro de obra gastarão 47 vezes menos dias que para fazerem 47 metros, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6 \times 12}{15 \times 8 \times 47}$; e, para fazerem 96 metros da mesma obra, hão de gastar 96 vezes mais dias que para fazerem 1 metro, ou $\frac{12^{\text{dias}} \times 6 \times 12 \times 96}{15 \times 8 \times 47}$ (3.ª regra de tres simples directa). — Mostra este exemplo que tudo consiste em comparar todos os elementos com o da *incognita,* e em reduzir successivamente á unidade todas as quantidades do *estado conhecido* da questão, exceptuando a quantidade homologa de x; o que reduz a questão a muitas *regras de tres simples.* Esta maneira de dispôr este genero de questões permitte tambem ao professor de formular abreviadamente na pedra muitos problemas (tomando successivamente por incognita os diversos elementos), que os discipulos resolverão e enunciarão facilmente.

TREZE SECULO (antes de Jesus Christo). (*Jephté, Theseu, Achilles* e *Eneas*). 1. Jephté livrou os hebreus da oppressão dos ammonitas. Recolhendo-se, sacrificou sua filha Seila em cumprimento de um voto indis-

creto, que fizera antes do combate. Dizem alguns, com tudo, que elle não fizera mais que sacrifical-a ao Senhor. 2. Theseu, heroe atheniense, acabou a guerra civil que assolava Athenas, matou o touro de Marathon, fez o mesmo ao Minotauro em Creta, e livrou Athenas do affrontoso feudo que pagava áquella fera; porém, como ao voltar, se esquecesse de içar velas brancas em signal de victoria, foi causa da morte de seu pai Egeu que, persuadido de que o filho succumbira, se precipitou no mar que lhe tomou o nome. Collocam os historiadores, mais ou menos fabulistas, n'esta época a celebrada guerra de Troia. Achilles é o mais assignalado heroe d'essa luta.

TREZE SECULO (depois de Jesus Christo). (Veja CRUZADAS).

TRIANGULO. 1. O triangulo é o mais simples dos polygonos, pois que são necessarias, pelo menos, tres rectas para fechar uma superficie plana. E' o mais importante a estudar, porque todo o polygono póde ser decomposto em triangulos, e assim as propriedades do triangulo, em geral, applicam-se aos polygonos. — Distinguem-se: o triangulo *equilatero*, que tem os seus tres lados iguaes; o triangulo *isosceles*, que tem só dous lados iguaes; o *scaleno*, que tem os tres lados desiguaes; o triangulo *rectangulo*, que tem um angulo recto, cujo lado opposto se chama *hypothenusa*. — Notam-se tambem n'um triangulo a sua *base* e a sua *altura*. Chama-se base um qualquer dos lados do triangulo, e a sua altura é então a perpendicular baixada do vertice do angulo opposto sobre esta base ou sobre o prolongamento. — Todo o triangulo é a metade de um rectangulo com a mesma base e a mesma altura: a área da sua superficie é pois expressa pela *metade* do *producto* de sua base pela sua altura. — Para obter a superficie de um triangulo, sendo dados os seus tres lados, basta fazer a *semi-somma* dos tres lados, *diminuir* separadamente a este resultado cada um dos tres lados, o que dá *tres restos*, *multiplicar* entre si estes tres restos, multiplicar ainda este producto pela *semi-somma* dos tres lados, e extrahir depois a raiz quadrada ao producto. — Esta regra é de grande utilidade pratica na agrimensura, porque não exige a observação dos angulos no calculo da superficie de um triangulo, o que reclama o emprego de instrumentos mais complexos do que os das medidas dos comprimentos dos lados. A altura do triangulo obtem-se facilmente: basta dividir a superficie achada pelo lado que se toma como base; o quociente exprime a *metade* d'essa altura.

2. *Theoremas*. Em todo o triangulo, a somma dos tres angulos é igual a dous angulos rectos. D'onde se conclue que basta conhecer dous dos angulos de um triangulo, pois que o terceiro, que é o *supplemento* da somma dos outros dous, fica determinado; que um triangulo póde ter um só angulo recto ou um só angulo obtuso. — Em todo o triangulo, cada um de seus lados é menor que a somma dos outros dous, e maior que a differença; principio que permitte reconhecer se tres comprimentos dados podem formar triangulo. — Em um triangulo isosceles, os angulos oppostos aos lados iguaes são tambem iguaes; e reciprocamente. — Dous triangulos são *iguaes*: 1.º quando são os tres lados iguaes de parte a parte; 2.º quando dous lados são iguaes a dous lados do outro e são iguaes os angulos formados entre esses lados; 3.º quando teem um lado igual de parte a parte e dous angulos iguaes cada um a cada um. — Dous triangulos são *semelhantes*: 1.º quando teem os tres lados proporcionaes; 2.º quando dous lados são proporcionaes entre si e são iguaes os angulos formados entre esses lados; 3.º quando teem os angulos iguaes cada um a cada um. Estão n'este caso dous triangulos que teem os seus lados parallelos entre si, ou perpendiculares de parte a parte. — Se do vertice do angulo recto de um triangulo rectangulo se baixa uma perpendicular sobre a hypothenusa:

1.º os dous triangulos parciaes serão semelhantes ao triangulo total e entre si; 2.º a perpendicular será meia proporcional entre os dous segmentos da hypothenusa; 3.º cada lado do angulo recto será meia proporcional entre a hypothenusa e o segmento adjacente. — O quadrado construido sobre a hypothenusa é equivalente á somma dos quadrados construidos sobre os dous lados do angulo recto: o quadrado construido sobre um dos lados do angulo recto é equivalente á differença entre os quadrados construidos sobre a hypothenusa e o outro lado. Estes dous theoremas teem numerosas applicações, e servem principalmente no desenho, para construir um quadrado equivalente á somma de muitos quadrados dados, ou um quadrado equivalente á differença de dous quadrados dados. — Os quadrados construidos sobre os lados do angulo recto de um triangulo rectangulo são proporcionaes aos segmentos da hypothenusa adjacentes a esses lados. — O quadrado construido sobre a hypothenusa e cada um dos quadrados construidos sobre os lados do angulo recto são proporcionaes á hypothenusa e ao segmento correspondente.

TRIUMPHOS. «A maior ostentação de grandeza e magestade que se viu n'este mundo, e uma das tres, que Santo Agostinho desejava vêr, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, n'aquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao capitolio: precediam os soldados vencedores com acclamações; representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos, e as machinas com que foram expugnadas; em grande numero de carros os despojos e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas; depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis maniatados: e por fim em carroça d'ouro e pedraria, tirada por elephantes, tigres, ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão: «Lembra-te que és mortal.» Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, e os palanques que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a vêr. E se Diógenes então perguntasse, quaes eram os que passavam, se os do triumpho, se os que estavam vendo; não ha duvida que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo é, que tanto os da procissão e do triumpho, como os das janellas e palanques, que os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam; porque a vida e o tempo nunca pára, e ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre, e com igual velocidade passamos.—Vêdes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadêas, anda moendo n'uma atafona? Pois aquelle é Sansão. Vêdes aquelle mancebo macilento e pensativo, que roto, e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrumado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o prodigo. Quem haverá, que se não admire d'uma tal volta da fortuna em dous sujeitos tão notaveis, um tão valente, outro tão altivo! E' possivel, que n'isto pararam as façanhas e victorias de Sansão? E' possivel, que n'isto pararam as riquezas e bizarrias do prodigo? N'isto pararam ou para melhor dizer, não pararam só n'isto; porque o prodigo perecendo á fome no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas, com que apascentava o seu gado: e Sansão tirado em publico para ludibrio do povo foi tratado com taes escarneos e indecencias, que de corrido e affrontado com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa d'estes successos, e de duas mudanças tão estranhas? Agora

não vos peço admiração, senão pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tiveram outra causa que a condescendencia dos paes em annuir ás petições indiscretas dos filhos. Pediu Sansão a seus paes, que lhe dessem por mulher uma philistêa. Concederam-lhe o que pedia: e esta philistêa foi a causa das guerras que Sansão teve com os philisteus, e dos enganos e traições de Dálila, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e de sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso e tragico do seu valor. Da mesma maneira pediu o prodigo a seu pai lhe désse em vida a herança que lhe havia caber por sua morte: concedeu-lhe o pai o que pedia, e esta herança consumida em larguezas e vicios da mocidade, foi causa da sua miseria, da sua fome, da sua servidão, da sua deshonra, que só tiveram de desconto o pesar e o arrependimento.» (Vieira, *Sermões*).

TROMBAS. (Veja Meteoros).

TUNIS. (Veja Barbaria).

TURKESTAN. (Veja Tartaria).

TURQUIA DA ASIA. (Veja Terra-Santa).

TURQUIA DA EUROPA. Esta região que corresponde á Thracia, á Macedonia, Illyria, Epiro e á Thessalia dos antigos, é geralmente dividida pelos europeus em cinco regiões: Bulgaria, Bosnia com a Croacia, Roumelia, Albania, Macedonia com a Thessalia; mas estas divisões são desconhecidas aos turcos. Elles dividem o paiz em tres grandes governos ou *eyalets:* 1.º o de Roumelia (comprehendendo as regiões chamadas da Roumelia, Bulgaria, Macedonia e Thessalia, Epiro, Servia meridional), c. Sophia e Monastir; — 2.º *eyalet* de Bosnia (comprehendendo Bosnia, Croacia, Herzegovina), c. Bosna-Serai; — 3.º *eyalet* das ilhas, ou Al-Djezair (comprehendendo entre as ilhas de Metelin, Rhodes, Chypre, Candia, Chio, Samos, etc. As cidades do continente de Gallipoli na Europa, de Smyrna, d'Isnikmid, de Biga, etc., na Asia); c. Gallipoli. A estas divisões da Turquia da Europa é preciso ajuntar os tres principados tributarios: a Servia, a Valachia, e a Moldavia que depois do tratado de Andrinople (1829) não dependem senão nominalmente da Porta. A Grecia debaixo do nome de Livadia e Morea, foi por muito tempo uma das provincias da Turquia. Duas cadêas de montanhas atravessam a Turquia da Europa; uma o antigo *Hemus;* divide-se em Glioubotin, Tchardagh, Argentaro, Ballahan, a outra os montes *Caudavii,* e parte de Tchardagh até á Grecia. Ao norte da primeira cadêa corre o Save (affluente do Danubio) e parte do Danubio mesmo: estas duas correntes recebem mais aguas que alli confluem: a Unna, a Basna, o Drin septentrional (Moravia), o Isker, etc.

TYPOGRAPHIA EM PORTUGAL. «É actualmente indubitavel que no anno de 1474 havia já em Valença de Hespanha uma typographia, porque d'esse anno temos o livro *Obres o Trobes de S. Maria,* impresso n'aquella cidade. Ha quem diga que ella existia em Palencia desde 1470, em que, segundo Nicolau Antonio, se imprimiu a *Historia de Arevalo;* porém esta edição desconhecida é rejeitada como supposta, até pelos criticos hespanhoes.

«Mas foi Valença, por ventura, a primeira cidade da peninsula que possuiu uma imprensa? — A nossa Leiria lhe disputa a primazia. Vejamos em que esta pretenção é fundada.

«Pedro Affonso de Vasconcellos, que viveu nos fins do seculo XVI, affirma, no livro *Harmonia das rubricas,* que havia tradição, authorisada com o parecer do nosso celebre Pedro Nunes, de que Leiria fôra a primeira cidade das Hespanhas que tivera uma typographia. Este fundamento tradicional não nos parece de grande peso, desacompanhado, como vem, de outras provas. As pretenções de Harlem sobre a invenção da arte eram tambem fundadas n'uma tradição

igual, seguida por homens notaveis, e até fortificada por testemunhos de contemporaneos: entretanto hoje os bibliographos rejeitam quasi unanimemente essas pretenções, para attribuirem a Moguncia a gloria da invenção da typographia.

«Ha com tudo um documento cuja existencia, se ainda se podesse verificar, serviria, se não para provar que Leiria tivera a primeira imprensa das Hespanhas, ao menos para nos certificar de que o seu estabelecimento no nosso paiz fôra mais antigo do que vulgarmente se crê. Fallamos da celebre edição em 4.º das obras do infante D. Pedro.

«Foi o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, o primeiro que fallou d'este livro, n'uma sessão da academia de historia. A obra não tinha data, e só na subscripção (no fim do livro) se dizia que *se imprimira seis annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de imprimissão.* De outro exemplar da mesma obra falla o academico Soares da Silva; com a differença porém de dizer que fôra impressa nove annos depois da invenção da typographia.

«Se esta edição tivesse com effeito existido, a imprensa portugueza remontaria aos annos de 1464 ou 1465, concedendo que os impressores, quando dataram o livro, se enganaram pelo que toca ao lugar do nascimento da arte.

«O nosso eruditissimo Antonio Ribeiro dos Santos em uma memoria que escreveu sobre a introducção da typographia em Portugal, trabalhou por sustentar a genuinidade d'esta edição das obras do infante D. Pedro. Elle conhecia quão duro era de crêr n'ella: mas não seria possivel a outro qualquer escriptor defender melhor uma causa que nos parece bem pouco defensavel.

«Com effeito, não nos deve fazer desconfiar, e muito, a differença de annos que se lê na subscripção dos dous exemplares da mesma obra? — Não repugna o suppôr que houvesse duas edições, conservando-se unicamente um exemplar de cada uma para virem ambos a apparecer passados mais de 250 annos, não havendo até ahi vestigios de nenhum d'elles? — Não é quasi impossivel que tendo-se impresso aquelle livro em vulgar por 1464 não appareça outra producção de prelos portuguezes senão em 1489, e que essa producção (a mais antiga que conhecemos) seja um livro hebraico? — A typographia que em toda a parte, apenas estabelecida, prosperou, cresceu, e rapidamente se derramou, só em Portugal, depois de imprimir um livro, morreu, para resuscitar passado o largo periodo de 23 annos? — Estas razões bastam para abalar a nossa crença na existencia de semelhante edição: e se a estreiteza d'este artigo o permitisse poderiamos produzir muitas outras, com que talvez a derrubassemos inteiramente.

«Com tudo uma difficuldade resta; e vem a ser o caracter respeitavel dos dous academicos, que disseram terem visto o livro: mas esta difficuldade facilmente se desvanece. Das obras do infante existe uma edição sem data nem lugar de impressão, mas que se crê impressa por 1478, edição em folio, cujo editor foi o hespanhol d'Urrea. Podia ter acontecido que alguem pozesse em dous exemplares aquellas datas contradictorias; e sendo a letra *assentada* do XV seculo semelhante á da typographia (porque os caracteres d'esta não eram senão a imitação da escriptura) facilmente se enganariam aquelles dous litteratos, tomando por impressas as subscripções que leram. Isto é tanto mais provavel, quanto é certo que a paleographia, como arte, estava nos seus começos, e ainda em Portugal era talvez desconhecida.

«Nem faça embaraço a diversidade de formatos, para crêrmos que a edição, que viu o conde da Ericeira, e que diz ser em 4.º, fosse a de folio publicada por d'Urrea: os folios do XV seculo eram em geral mais pequenos do que os quartos que em Portugal se imprimiam no tempo do conde, e d'ahi proviria por ventura o erro. Entretanto creia cada um o que quizer, que nós assentaremos as ori-

gens da nossa typographia nos monumentos que actualmente existem.

«Os judeus parece terem sido os primeiros que em Portugal introduziram a arte de imprimir. Dizem que as communas de Lisboa e Leiria mandaram vir de Italia typographos da sua nação. No anno de 1482 imprensas hebraicas estavam estabelecidas em Soncino, e pouco depois em Napoles. Foi d'ahi que provavelmente veio Rabban Eliezer e Rab Tzorba, que em 1489 imprimiram em Lisboa o Pentateucho hebraico. Depois d'esta época as edições dos livros na lingua santa se multiplicaram em Portugal até á expulsão dos judeus, em que inteiramente cessaram.

«Foi por 1490 que a typographia começou a ser exercida entre nós por impressores christãos. Vieram os primeiros de Allemanha ou de Italia, e o livro mais antigo que d'elles possuimos, é o *Breviario eborense*, em latim, impresso em Lisboa no anno de 1490. Em 94 já a typographia de João Gherlinc estava estabelecida em Braga, onde se imprimiu n'aquelle anno o *Breviario bracharense.*

«Em Leiria parece não ter exercido senão a typographia hebraica, cujo primeiro monumento n'aquella cidade é a edição dos *Prophetas primeiros* em 1494. Verdade é que no anno immediato se publicou ahi o celebre livro em latim *Almanach perpetuo dos movimentos celestes*, impresso pelo mestre Ortas: mas ha vehementes suspeitas de que este era um typographo hebreu, e taes suspeitas se tornaram quasi em certeza, se nos lembrarmos de que o author da obra era o judeu Abrahão Zacuto, astronomo d'el-rei D. Manoel, e de que nenhuns vestigios typographicos apparecem mais n'aquella cidade desde a expulsão dos judeus.

«É no anno de 1495 que podemos com certeza assentar o começo da imprensa portugueza, porque é n'este anno que se estampou o primeiro livro em vulgar, com data dos que chegaram até os nossos dias. Fallamos da traducção portugueza do famoso livro de Ludolfo de Saxonia intitulado — *Vita-Christi* — vertido do latim em linguagem por fr. Bernardo de Alcobaça.

«Esta obra que se compõe de quatro volumes de folio, é uma das maravilhas typographicas do seculo XV: o papel é excellente, o typo limpo e formoso: as tarjas do principio e fim assás delicadas, attenta a rudeza dos tempos: o texto soffrivelmente correcto. Foi a edição encarregada por D. João II, que a mandou fazer aos mestres Nicolau de Saxonia e Valentim de Moravia, dos quaes o primeiro tinha impresso por si só o *Breviario eborense;* e parece que se uniu ao segundo unicamente para trabalharem n'esta obra magnifica, porque logo depois os achamos imprimindo separadamente, Nicolau de Saxonia até 1498, e Valentim de Moravia ainda nos primeiros annos do seculo XVI.

«A este impressor devemos a publicação da *Historia do mui nobre Vespasiano, imperador de Roma*, talvez o mais curioso monumento da arte typographica em Portugal nos fins do seculo XV.

«A historia de Vespasiano consta de vinte e nove capitulos, nos quaes se tratam varios feitos d'aquelle imperador e de seu filho Tito, e outros que dizem respeito ao christianismo, e á morte de Archelau e de Pilatos: as estampas que são allusivas ao texto acham-se ao principio de cada capitulo; mas, talvez para poupar despeza, repetidas as mesmas de espaço a espaço. Fecha a obra por uma subscripção em que se diz ser impressa por Valentim de Moravia, em Lisboa, no anno de 1496. O unico exemplar conhecido que d'ella resta é o que existe na bibliotheca publica de Lisboa.

«De outras obras portuguezas impressas no XV seculo restam varias memorias; mas assás incertas pela raridade d'ellas. Taes são a *Imitação de Christo* por Kempis, impressa em Leiria, e que talvez era a traducção de fr. João Alvares; o *Itinerario do conde D. Pedro;* e a *Historia de Isea*, cujo unico exemplar conhecido era o que existia na livraria do visconde de

Balsemão, e que desappareceu durante o ultimo assedio da cidade do Porto.

«Depois da impressão da *Vita-Christi*, Nicolau de Saxonia se limitou a imprimir livros de liturgia em latim, como o *Breviario compostellano* de 1497, o *Missal bracharense* de 1496 e 98, e o *Breviario bracharense* tambem d'este ultimo anno: d'aqui em diante nada mais sabemos de Nicolau de Saxonia.

«Já vêmos quão pouco se imprimiu em Portugal no XV seculo: esses mesmos livros que sahiram dos nossos prelos são hoje rarissimos; uns por se haverem tirado d'elles mui poucos exemplares, outros pelo grande consummo que tiveram. A *Vita-Christi*, por exemplo, era levada, segundo o testemunho de Barros, para as missões d'Africa e d'Asia, onde se perderam grande numero de exemplares: o mesmo aconteceu com a *Imitação de Christo*. E por ventura que se houvera ultimamente a curiosidade de examinar os espolios dos conventos extinctos das nossas colonias da Africa e da India, alguns exemplares ahi se encontrariam dos monumentos primitivos da typographia portugueza.

«Resta-nos fallar dos caracteres extrinsecos das nossas primeiras edições: estes eram os mesmos que notámos na primeira parte d'este artigo ácerca das edições estrangeiras. O typo commum era o gothico moderno que se conservou até áquem do meado do seculo XVI; mas em geral bello e como o melhor das typographias de fóra. O papel era de varias qualidades, todo elle encorpado e mais ou menos branco: pelas marcas e outros signaes parece que vinha de Italia. Tambem se tiravam exemplares em pergaminho, como se vê do 1.º volume da *Vita-Christi* de S. Francisco da Cidade.

«Os ornatos, posto que longe da perfeição moderna, são muitas vezes superiores aos que pelo mesmo tempo appareciam por livros impressos n'outros paizes.

«Se nos primeiros tempos da invenção da typographia, esta não se dilatou muito no nosso paiz, logo no seguinte seculo, seculo de civilisação, de gloria, e de grandeza, se derramou e cresceu quasi por todos os angulos do reino. Valentim de Moravia publicou em 1500 as obras de Cataldo Siculo, professor italiano, que, desprezado no seu paiz, veio ensinar rhetorica em Portugal. D'esta edição rarissima ha um exemplar, falto de algumas folhas, na bibliotheca do Porto. Este impressor tomou o nome de Valentim Fernandes Mourão ou Moravo, e dos seus prelos é ainda o *Catecismo* do bispo Ortiz, impresso em 1504. Desde 1500 até este anno publicou elle a *Glosa sobre as coplas de Jorge Manrique* (1501), e as suas duas traducções da *Viagem de Marco Paulo* e da de *Nicolau Conti* (1502), dedicada a el-rei D. Manoel.

«Já por 1501 havia em Lisboa outra typographia, a do italiano João Pedro Bonhomini, que n'esse anno publicou o *Thesaurus pauperum* de parcería com Valentim Fernandes, de quem parece depois se separou; porque até 1526 imprimiu varias obras, sómente com o seu nome.

«A typographia brevemente se foi estabelecendo em diversas cidades e villas de Portugal. Em Setubal se estamparam no anno de 1509 os *Estatutos da ordem de Santiago*, e o *Confessional* de Garcia de Rezende. Em 1512 sahiu em Evora a 1.ª edição do *Itinerario* de fr. Pantaleão d'Aveiro. Em Almeirim se começou a imprimir pelos fins de 1514 o *Cancioneiro de Rezende*, que depois sahiu em Lisboa; e alli se publicaram em 1516 os *Estatutos da ordem de Aviz*. João de Barreira começou a imprimir em Coimbra em 1519, publicando n'esse anno o *Reportorio dos tempos*. Salsete na India tinha já uma imprensa em 1532, e ahi se estampou a *Explicação da doutrina christã*, composta em lingua bramana pelo padre Diogo Ribeiro. Em Braga, onde já no XV seculo se imprimira o *Breviario bracharense*, tornaram a apparecer prelos em 1519 e 1532, dos quaes sahiu um *reportorio*, e a *Grammatica latina* de Clenardo. Vasco Dias Tanco de Frexenal

estabeleceu uma officina no Porto, onde em 1540 deu ao publico o doutor João de Barros o livro que intitulou *Espelho de casados*. Estas foram as povoações de Portugal mais notaveis por estabelecimentos typographicos.

«Por este tempo, isto é, por toda a primeira metade do seculo XVI as imprensas se multiplicavam em Lisboa com grande rapidez. Uma das mais notaveis foi a de Germão Galharde, que floreceu desde 1536 até 1565: d'esta typographia sahiram muitas obras de nome, e entre ellas as duas primeiras *Decadas* de Barros (1532-3). Luiz Rodrigues que imprimiu desde 1539 até 1549, foi um dos que mais contribuiram para o progresso da arte em Portugal, e na sua officina se estampou em 1540 a *Informação do Preste João*, pelo padre Francisco Alvares, que para a edição do seu livro trouxe de Paris os mais formosos typos que lá póde encontrar. João de Barreira é um dos mais conhecidos typographos portuguezes do seculo XVI, e por ventura o mais opulento. De sociedade com João Alvares imprimia em Braga, Coimbra e Lisboa, e dos seus prelos n'estas differentes cidades sahiram obras de grande preço. Em fim, ainda n'este seculo começou a typographia de Pedro Craesbeeck (1590-1600), a mais afamada do seculo seguinte, e que durou n'aquella familia até muito depois de 1700.» (Rivara).

U

ULMACEAS. Familia de plantas cujo typo é o genero *olmo* (*ulmus*) que se aproximou do grupo das *urticaceas*, separou das *amentaceas*, a qual abrange, segundo Jussieu, as mais bellas arvores dos nossos bosques, comprehendendo as ulmaceas: *olmo*, *amieiro*, *ridoeiro*, *choupo*, *platano*, *salgueiro*.

UMBELLIFERAS. (Veja DICOTYLEDONEAS).

UNIVERSIDADES (em Portugal). «Portugal não podia deixar de seguir a fermentação geral, com que os espiritos por toda a Europa desde o seculo XII forcejavam por sahir da apathia, e crassa ignorancia dos seculos anteriores. Nas cathedraes e collegiadas mais insignes estabeleciam-se os *mestre-escólas* com o fim de instruir a mocidade; e os monges, deixando os serviços manuaes, começavam a darse a trabalhos litterarios. Os progressos porém eram tão lentos, que nas chronicas dos primeiros tempos da monarchia se não faz menção de homem esclarecido, que ou não fosse de paizes estrangeiros, ou ahi não tivesse ido aprender; e que ainda depois do seculo XIII a cada passo se encontram presbyteros, conegos, parochos, que não sabiam escrever, não obstante ser o clero a classe menos ignorante. A linguagem ordinaria dos documentos era uma algaravia, ou farragem de dicções de differentes idiomas com inflexão alatinada, contra as mais simplices regras da syntaxe e grammatica, ainda d'aquellas, que o povo hoje pratíca sem ensino. A orthographia era barbarissima.

«D. Affonso III, trouxe de França o gosto das letras, e homens illustrados, que o desenvolvessem entre os portuguezes: e encarregou a instrucção de seu filho D. Diniz aos melhores sabios do seu tempo. N'isto foi a fortuna da nação. O gosto do novo rei, e o progresso, que a litteratura quasi ao mesmo tempo fazia na Castella no reinado de D. Affonso, o *Sabio*, estimulou os portuguezes. O antigo romance latino foi por lei proscripto, e a lingua nacional apparece já com aceio nos documentos publicos d'este reinado.

«Do mesmo tempo data a creação da universidade, estabelecida em Lisboa por D. Diniz nos fins do seculo XIII, e transferida depois para Coimbra nos principios do seguinte. Constava então de um mestre de *decretaes*, outro de *leis*, outro de *medicina*,

além dos professores de *dialectica* e *grammatica:* o ensino da *theologia* ficava a cargo dos religiosos de S. Domingos e de S. Francisco.

«Solicitada por ecclesiasticos, dotada por meio de pensões impostas sobre os mosteiros e igrejas, e confirmada pelo papa Nicolau IV, que a cobriu com a égide das immunidades, a universidade não só assumiu o caracter ecclesiastico, mas denominou-se *pontificia;* e como que só por honra aceitava a protecção dos reis. Á maneira das da Italia, logo pelos primeiros estatutos de 1309 foram concedidos assim aos professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca idade, mas pela maior parte homens feitos, formavam a corporação, e elegiam d'entre si o reitor. Participando dos costumes feudaes, não só obteve senhorios de terras, e a jurisdicção, que lhes andava annexa; mas tambem fôro privativo para as pessoas e bens, que lhe pertenciam. Em 1375 no tempo de D. Fernando foi outra vez transferida para Lisboa.

«... O vigor e progressivo adiantamento dos portuguezes n'esta época (seculo XVI), estendeu-se tambem á litteratura e sciencias. Já nos principios do seculo XV o infante D. Pedro e el-rei D. Duarte se distinguiam pela sua instrucção e conhecimentos. Seu irmão o infante D. Henrique reunia em Sagres uma academia de mathematicos e cosmographos, onde formou os seus ousados planos de navegação. D. Affonso V, estabeleceu uma bibliotheca no palacio; e no tempo de seu successor inventou-se o astrolabio, generalisou-se a typographia, e as côrtes instavam pela instrucção litteraria da nobreza, como necessidade publica. Por estes tempos os primeiros chronistas Fernão Lopes, Gomes Anes de Azurara, Ruy de Pina, e outros escriptores mais antigos, preparavam os espiritos, e abriam o caminho ao bom gosto e aperfeiçoamento, a que as letras chegaram desde o meado do seculo XVI.

«A universidade continuou a ser cuidadosamente zelada e favorecida com privilegios e doações dos reis, como centro da instrucção. D. João I reformou-a, dando-lhe segundos estatutos em 1431. Pelos fins do mesmo seculo, ou principios do seguinte, D. Manoel deu-lhe uns outros; e no tempo d'este rei a instrucção litteraria era já tida em tanta consideração, que os moços fidalgos do paço não podiam receber a moradia sem attestados de seus respectivos professores. Entretanto a maior parte dos portuguezes, que se distinguiram pela sua sciencia no periodo anterior a D. João III, tinham ido estudar a Paris, ou a Bolonha.

«O reinado d'este monarcha é o seculo das letras em Portugal. Para isto concorreram mais as disposições anteriores, as riquezas e luxo da nação, e sobre tudo a influencia do famoso pontificado de Leão X, do que a capacidade do principe. A universidade foi em 1537 restituida a Coimbra, reformada com novos estatutos, e grandiosamente dotada. Ao lado d'ella crearam-se ricos estabelecimentos, destinados para o estudo e ensino das humanidades. Para o mesmo fim foram convidados os melhores professores, assim nacionaes, como estrangeiros. As linguas antigas cultivavam-se com tão feliz successo, *que Homero era alli explicado, não como mera traducção do grego para latim, mas como se se estivesse lendo na propria Athenas:* diz um sabio d'essas eras. Na poesia e na historia appareceram em Portugal pelo decurso do seculo XVI obras primas, rivaes das da antiguidade, e que ainda hoje são lidas como modêlos. A linguagem patria foi polida até á ultima elegancia. Grandes sabios illustraram as mathematicas, a medicina, e as outras sciencias. As fundações litterarias, e os legados para este fim, eram o objecto da ambição de todos os que desejavam deixar um nome illustre.

«A *jurisprudencia* participou da mesma fortuna. O doutor João das Regras, a cujo talento e serviços deveu D. João I, em grande parte, a sua eleição, e os importantes aconteci-

mentos do seu governo, além de grande politico, fôra famoso jurisconsulto. O seu gosto pelo direito humano, e a veneração, que professava ás opiniões dos glossadores, principalmente de Bartholo, de quem se diz fôra discipulo em Bolonha, transpira nas reformas, e nas ordenações affonsinas mandadas primeiro compilar n'esse reinado, do qual era elle o oraculo. Os jurisconsultos seguintes até á reforma da universidade de 1537 seguiram o mesmo trilho. Das leis e ordenações, unicas obras, que d'elles nos restam, se vê que o seu trabalho se reduzia a encorporar na legislação as disposições do direito humano, e do canonico, segundo as interpretações dos glossadores, das quaes então ninguem se atrevia a duvidar.

«Com o desenvolvimento das letras, no seculo XVI, mudou por toda a parte a face da jurisprudencia. Os novos jurisconsultos, munidos dos subsidios das antiguidades, e recursos da critica, animaram-se a interpretar por si mesmos os textos; e libertaram-se do imperio da glossa, cujos erros e puerilidades em muitos lugares patentearam. D'estes se formou a escóla chamada *cujaciana*, á qual pertencem tambem os jurisconsultos portuguezes immediatos á reforma. Entre elles costuma dar-se o primeiro lugar ao celebre Antonio de Gouvêa, contemporaneo e emulo de Cujacio. Cumpre porém confessar, que este distincto jurisconsulto não pertence a Portugal, senão pelo nascimento: a sua instrucção e vida litteraria foi toda das universidades de França e Saboya.

«Este e outros jurisconsultos theoricos do mesmo seculo, cujos escriptos chegaram a nós, applicaram-se sobre tudo ao *direito humano*, o qual fazia então o principal objecto da jurisprudencia, por ser o commum da Europa; e porque sua vastidão, origem e antiguidade lhe davam uma consideração extraordinaria. Os seus commentarios são pela maior parte escriptos com boa critica, e conhecimentos dos verdadeiros principios do mesmo direito, dos quaes elles fazem justa applicação ás especies ordinarias. O *direito canonico* foi igualmente cultivado com diligencia: e como n'aquelle sómente se achava favorecido o absolutismo dos imperadores; n'este o poder do pontifice e as prerogativas do clero; concorreram sobre tudo para imprimir estes mesmos principios no governo da nação, fazendo esquecer as antigas prerogativas das côrtes e da nobreza.

«As leis patrias não eram ensinadas na universidade: os jurisconsultos não curavam de descobrir nas ordenações principios, nem systema; encaravam-nas menos como objecto principal, do que como simples applicação da jurisprudencia: ainda que os praxistas, que escreviam os usos do fôro, viam-se forçados não só a allegal-as, mas muitas vezes a interpretal-as. Nos tratados d'estes ordinariamente domina o espirito do direito romano, ou canonico, de que seus authores estavam imbuidos; espirito, que a cada passo reçumbra na interpretação, mesmo d'aquellas leis, que tinham por fonte os antigos costumes nacionaes alheios, ou contradictorios com as leis romanas e canonicas. Apesar d'este defeito, e da confusão ordinaria nas obras dos praxistas d'aquelle seculo, a ellas se deve ir procurar a historia das leis, a noticia dos antigos estabelecimentos, e sobre tudo a origem das *opiniões e estylos*, que formaram uma especie de jurisprudencia tradicional, de que se abusou no seculo seguinte, mas de que ainda hoje fazemos uso em muitas materias, em que não ha lei, ou que são duvidosas.

«Em nenhum estabelecimento publico foi tão sensivel a fatal influencia dos jesuitas e da inquisição, como na universidade de Coimbra. Para a acommodar ás suas vistas fanaticas e intolerantes, fizeram accumular reformas sobre reformas, com as quaes a privaram de seu antigo esplendor. Deram-se-lhe novos estatutos em 1559, que foram logo reformados em 1565 na minoridade de D. Sebastião; e outros em 1591 no reinado de Philippe II. Estes ultimos foram com poucas alterações já novamente im-

pressos e mandados guardar em 1597; e finalmente addicionados em 1612 com a *reformação*. Regeram até 1772, e ainda são conhecidos pelo nome de *estatutos velhos;* mais notaveis pela vastidão e miudeza, com que n'elles se acha regulada a parte administrativa e economica, do que a litteraria. Pela entrega do collegio das artes aos jesuitas, o estudo das humanidades teve a mesma sorte.

«A theologia, o direito civil e o canonico, e a medicina, eram as sciencias, que unicamente se mandavam ensinar por estes estatutos: de mathematica havia uma só cadeira para ornamento da universidade. Em lugar da indagação franca da verdade, recommendava-se aos lentes, que sustentassem a todo o custo as opiniões do commentador, cujo systema professavam. Em geral não se exigia nos alumnos nem o perfeito conhecimento das linguas e humanidades, nem os estudos subsidiarios, indispensaveis para o seu adiantamento: a applicação era distrahida com ferias prolongadas, privilegios e isenções licenciosas: nas aulas dispensavam-se até os exercicios oraes; e os actos eram na mór parte mera formalidade. A relaxação veio ainda aggravar os defeitos do plano.

«Foi, sobre todos, este estabelecimento que mereceu ao ministro de D. José a sua especial attenção. Em 1772 veio elle pessoalmente a Coimbra, com poderes extraordinarios do tenente-rei, pôr em execução os *novos estatutos*, fructo dos trabalhos de dous annos da *junta* chamada *de providencia litteraria*, para esse fim nomeada; nos quaes, a par das providencias necessarias para o aproveitamento e applicação dos alumnos, se acham os cursos das differentes sciencias perfeitamente desenvolvidos em todas as suas partes. Além das antigas faculdades, crearam-se de novo as de mathematica e philosophia. E lançaram-se os fundamentos sumptuosos do museu de historia natural, gabinete de physica, jardim botanico, observatorio, e outros estabelecimentos indispensaveis para se ensinarem as sciencias naturaes com toda a perfeição. Desde então o gosto das sciencias e da litteratura diffundiu-se geralmente; e sabios distinctos as illustraram com seus escriptos.» (Coelho da Rocha).

As bullas pontificias para a creação da universidade de Evora foram expedidas em 18 de setembro de 1558 a requerimento do cardeal infante D. Henrique.

«Em 29 de maio de 1568 o papa Pio V passou novas bullas, confirmatorias das antecedentes, nas quaes isentava a nova universidade de toda a jurisdicção ecclesiastica e secular, sujeitando-a unicamente á companhia — *desideratum* do cardeal infante, e dos seus queridos e predilectos amigos, e protegidos, os jesuitas.

«Em 15 de novembro de 1621 foram confirmadas aquellas bullas, e ainda ampliadas pelo santo padre Gregorio XV.

«Desembaraçado de tantas bullas, que aliás fui mencionando pela sua ordem chronologica, sou agora obrigado a voltar aos annos de 1559-1560, para mais particularmente me occupar da nova universidade.

«O cardeal infante, apenas recebeu as bullas, e os competentes alvarás regios da creação da universidade, mandou dar solemne posse á companhia de Jesus, na pessoa do provincial d'aquella provincia, o padre Miguel de Torres.

«O cardeal infante, não podendo assistir áquelle acto, commetteu a execução de tudo ao bispo D. fr. Manoel dos Santos, e escreveu ao cabido e ao senado de Evora, convidando-os a que solemnisassem com a maior ostentação a ceremonia, e a tornassem o mais luzida que fosse possivel. E assim se cumpriu, na verdade.

«No dia 1.º de novembro de 1559 concorreram ao collegio dos jesuitas o cabido, todo o clero secular, todas as ordens religiosas, o senado da camara, e toda a nobreza; depois da missa pontifical do bispo, e de uma *elegante oração* do padre Simão Vieira, fez-se a leitura solemne da bulla e do alvará, deu-se a posse que já

indicámos, e cantou-se o festivo hymno *Te-Deum Laudamus* acompanhado de repiques e salvas. «De tarde, diz o author da *Evora douta*, se representou uma tragi-comedia del Rey Saul, e nas tres noites seguintes houve luminarias publicas com muitos descantes, musicas, e encamisadas.»

«No anno de 1560 foi o cardeal infante visitar a sua universidade, e acertou de levar em sua companhia um personagem illustre de grande nomeada, S. Francisco de Borja, que aliás já havia estado em Evora nos annos de 1554-1557, e ainda depois, quando já era geral da companhia, em 1671, esteve na mesma cidade.

«O cardeal infante foi recebido na sua universidade com as mais affectuosas demonstrações de jubilo, como era de crêr; visitou de espaço todas as aulas, e teve a final a consolação de vêr conferir o grau de doutor em theologia ao padre Ignacio Tolosa, que depois foi missionario e provincial do Brazil, —e outro sim lhe coube a ventura de assistir ao acto solemne de graduar de licenciados vinte e nove discipulos do padre Ignacio Martins, que a 6 de dezembro do anno de 1559 haviam recebido o grau de bachareis.

«Decorreram já tres seculos depois que o cardeal infante D. Henrique assistiu áquelles actos, e apesar d'isso, a imaginação nos faz adivinhar facilmente a consolação que elle receberia, ao vêr coroados tão felizmente os seus perseverantes e incansaveis esforços!

«Ainda mais: o coração associa-se muito naturalmente á alegria do principe sacerdote, tanto mais, quanto as suas lidas tendiam a fazer florecer as letras e as sciencias, embora taes como eram comprehendidas e favorecidas n'aquella desventurada época.

«Não podemos admirar n'aquelle tempo a formosissima arvore, que hoje nos encanta no jardim das letras e das sciencias; mas ao menos podemos louvar sem reserva essas diligencias, que nada tinham de commum com outros actos intolerantes e barbaros, offensivos da verdadeira religião, e oppostos ao bem da humanidade.

«A universidade de Evora principiou com duas cadeiras de theologia, uma de moral, uma de philosophia, e sete de latim. Teve posteriormente tres cadeiras de theologia especulativa, duas de moral, uma de escriptura, quatro de philosophia, uma de mathematica, oito de latim, e duas de primeiras letras.

«Aos estudos d'esta universidade são attribuidas algumas obras que chegaram a ter grande voga, quaes são: a *Arte de grammatica* do padre Manoel Alvares, a *Rhetorica* do padre Cypriano Soares, a *Oratoria* do padre Pedro de Perpinhão, a *Philosophia* dos padres chamados conimbricenses, a *Theologia* e a *Sciencia media* do padre Pedro da Fonseca, e de Luiz de Molina. Todos os authores d'aquellas obras aprenderam em Evora, e alli beberam a doutrina que expozeram mais tarde.

«Tiveram reputação de bons interpretes da Escriptura os padres Braz Viegas, Sebastião Barradas, e Francisco de Mendonça, todos mestres e doutores eborenses.

«Os primeiros lentes da universidade de Evora foram os padres Jorge Serrão, lisbonense; Fernão Peres, cordovez; Pedro Paulo Ferrer, natural de Malaga, denominado —*bibliotheca viva*— pelo seu saber; Melchior Lobato, lisbonense; Bento Toscano, portuense; Francisco de Gouvêa, lisbonense; e Manoel de Sequeira, trasmontano. Nenhum d'estes lentes deixou obra alguma impressa, nem manuscripta. Dos filhos d'aquella universidade, que deixaram alguns escriptos notaveis, apresentaremos logo uma breve resenha.

«A universidade de Evora, em virtude das provisões de 4 de abril de 1562 e 27 de julho de 1573, tinha os mesmos fóros e privilegios da universidade e collegio de Coimbra. Era isenta, nas pessoas e nas cousas, de toda a jurisdicção ecclesiastica e secular, com sujeição unicamente á sé apostolica e ao reitor, como delegado d'aquella.» (Silvestre Ribeiro).

Por descuido, no lugar competente, omittimos a noticia descriptiva da cidade de Evora. Ajuntamol-a agora á noticia da sua universidade:

«É a capital do Alemtejo. É a séde de um arcebispo, de um governador civil, e outro militar, e já foi residencia de monarchas. Edificada no meio de uma fertil planicie, abunda em cereaes, e goza de verdadeira abundancia. A povoação d'Evora tem tido pequeno augmento. Balbi fazia-a subir em 1822 a 9:052 habitantes, mas Urcullu lhe marca 9:300. A feira de S. João dá momentaneamente a esta antiga terra a apparencia de uma cidade commercial. Não ha terra em Portugal que possua monumentos que mais interesse excitem. André de Rezende, antiquario por excellencia, o provou no decimo-sexto seculo; e Fonseca na sua *Evora illustrada*, indica quantos homens eminentes filhos d'esta cidade honraram o paiz.

«Evora, cidade famosa desde os tempos remotos no centro da provincia do Alemtejo, capital do districto e arcebispado do mesmo nome está situada em terreno não muito elevado, porém eminente a uma dilatada campina de terras mui fertil, a qual é por toda a parte rodeada de montes e serras: entre ellas sobresahem a leste a serra d'Ossa, que atravessa o Alemtejo de oriente a poente; ao sudoeste a de Portel, ao sul a de Vianna, ao noroeste a de Montemuro, e todas subministram aguas com abundancia. Os contornos da cidade quasi se acham cultivados por searas e algumas hortas: a menos de meia legua para o nascente começam as vinhas e olivaes, entremeada a paizagem com varias quintas e casas, que fazem o sitio mais vistoso. Não só as serras que a rodeiam fertilisam suas veigas com as aguas, que derramam, mas tambem a defendem dos ventos impetuosos que tanto incommodam nas grandes-planicies; nas faldas e quebradas apparecem abundantes pastagens aos muitos rebanhos de gado lanigero que os habitantes mantém; nos vastos montados de sobreiros e asinheiros cevam-se numerosas varas de porcos, que vem abastecer a capital do reino, assim como de outras terras d'esta abundantissima provincia, e que todas fornecem muita chacina, que se exporta para toda a parte, por este preparo de carnes ser o de maior estimação, e que se conserva sã e saborosa. Além d'isso não deixa de haver assás creação de gado vaccum, e até do cavallar, de modo que d'este muito se tem aproveitado por vezes a remonta da cavallaria do exercito. O districto d'Evora é em geral muito productivo; as terras de lavoura dão copiosas searas, e colhe-se vinho e bom azeite. O clima é de ordinario mais frio no inverno do que proporcionalmente deveria ser quente no verão. É terra de grosso trato, a que afflue, por sua população e relações com Lisboa (de que dista vinte leguas) grande parte do commercio interno da provincia; possue boa casaria, edificios nobres, e alguns dignos de attenção; os vestigios da sua antiguidade romana, goda, e arabe; pereceram pela maxima parte. O aqueducto chamado da *prata*, attribuido a Sertorio, e que foi reedificado por D. João III perdeu provavelmente muito da sua primitiva fabrica. Julio Cesar, depois das suas campanhas na peninsula hispanica, concedeu a Evora as honras de municipio, sob o nome de *Liberalitas Julia*. N'esse periodo da denominação romana se edificaram n'esta cidade templos notaveis; conhece-se n'estes modernos tempos uma d'essas construcções, a qual mostra ter sido obra mui perfeita, que julgam ter sido dedicada a Diana: outra construcção notavel é a torre quadrilatera que vulgarmente denominam de Sertorio, por se attribuir a sua fundação áquelle illustre capitão. Estes dous edificios estão separados por uma extensão de doze toezas quasi nivelada, mostrando ser este espaço a corôa da collina em que ambos estão assentados, por quanto o terreno declina para todos os lados. O que chamam — templo de Diana — apresenta um bello fragmento de architectura de ordem corinthia. Não se póde affirmar bem qual fosse o seu pri-

meiro destino, nem se foi ou não ultimado. A sua planta offerecia um parallelagrammo oblongo de 32 pés de largo; um dos lados ainda conserva a cantaria no sôco do entablamento inferior, na extensão de setenta e dous pés geometricos. — As peças d'architectura existentes são do lado occidental uma porção do entablamento inferior sobre o qual se elevam cinco columnas, formando quatro intercolumnios rotos; ligados tão sómente pela facha da architrave; d'ahi para cima não ha uma só peça que corresponda á ordem corinthia até á cornija que devia ter; desde o sôco até ao plintho das columnas de dez pés de altura com as divisões do pedestal corinthio: vê-se mais d'este lado um resto da antiga argamassa, que com outros vestigios dá idéa de um tanque d'onde poderia colligir-se que haveria ahi banhos, mas observado melhor vê-se que é trabalho mais moderno porque a argamassa cobre parte do entablamento, e talvez fosse feito quando já arruinado o edificio. O lanço septentrional corre todo no mesmo nivel de altura com as columnas que lhe correspondem, e cinco intercolumnios; parece que esta face seria o topo de toda a galeria; o entablamento inferior está em grande ruina, e parte entulhado; na altura do capitel da quarta columna, pegado á mesma, fica o alto muro do edificio da inquisição, e pena é que tire metade da vista a este magestoso lado. Ha tambem d'esta parte um muro baixo na altura do entablamento, que servia de curral, quando da bella peça de architectura de que fallamos fizeram açougue publico, deturpando-a como se lhe não bastassem as injurias do tempo, e os estragos de barbaros.

«A parte occidental conserva no mesmo nivel tres columnas, seguem mais duas até a altura da gola superior do fuste, faltando-lhe os capiteis, e adiante mais dous plinthos com as bases para outras columnas, seguindo as dimensões reguladas para os intercolumnios rotos. Este lado jaz escondido ao publico, por estar encravado no quintal da casa da antiga inquisição, entulhado na altura de seis ou oito pés, e bastante arruinado. — Ignora-se em que época, que pessoas, e para que applicação sobre estes bellos fragmentos se levantaram toscas paredes de alvenaria; igualmente foram entaipados os intercolumnios, abrindo na parede que ergueram na face meridional duas portadas ponteagudas ao estylo mourisco, e feitas de grosseiras e mal talhadas pedras. Os plinthos, com as bases das columnas, formam uma peça separada, e os capiteis outra, são de precioso marmore branco e lavradas com todo o primor da arte; os fustes são de granito ordinario, com a singularidade de cada um ser composto de sete peças; o entablamento e o mais que resta é do mesmo granito. — Omittimos agora o que respeita aos outros edificios, por nos termos alargado ácerca d'este, não faltando muitos em Evora merecedores de exame e memoria, sobresahindo a sé magnifica na parte mais superior da cidade, obra antiga de tres naves, com grandioso frontispicio; a capella-mór é obra muito mais moderna, bem adornada exteriormente com pilastras doricas, e interiormente revestida com marmores de varias côres; o quadro do altar-mór merece a approvação dos intelligentes.» (*Portugal pittoresco*).

URANIUM. (Veja METAES).

URTICACEAS. Familia de plantas cujos limites são frequentemente variadissimos, tendo por typo a *urtiga*, e encerra hervas, arbustos, e arvores, a maior parte originarias dos climas quentes: *urtiga*, *parietaria*, *lodão bastardo*, *amoreira*, *figueira*, *linho canhamo* e *lupulo*.

URUGUAY. (Veja PLATA).

V

VAIDADE. «De todos os legados que nos deixou o pai commum, foi a vaidade aquelle que se dividiu mais igualmente entre os descendentes. Se a vaidade fosse como o merito, a ninguem faltaria este; por isso a divisão da *vaidade* parece ter sido feita na razão inversa do merito, e d'ahi provém a compensação.

«A palavra *vaidade* vem do latim *vanitas*, cujo synonymo n'esta lingua é *inanitas*, inanição.

«Refere-se a vaidade aos sentimentos e objectos, á necessidade de ser notavel em actos frivolos, ás difficuldades do ocio, ás inutilidades brilhantes que se affrontam ou que se nos deparam, para alcançar gloria ephemera.

«Refere-se tambem não só ao sentimento que inspira esta especie de triumpho, como áquelle que nol-o faz desejar; isto é, tanto á consequencia como ao principio. Bassonpierre bebia por vaidade o vinho que a sua borracha podia conter, e tinha vaidade de ter bebido o vinho que a sua borracha contivera.

«Applicada ás cousas, esta palavra designa ás vezes que, apesar da importancia apparente, tem apenas valor passageiro, assim no esplendor como na duração.

«As grandezas do mundo, as victorias, as corôas academicas, as ovações theatraes, são assim designadas pelos sabios de todas as classes e categorias. E foi n'este sentido que Salomão exclamou: *Vanitas vanitatum, omnia vanitas!* (Vaidade das vaidades, tudo vaidade!)

«A palavra *vaidade* devia ter na origem alguma analogia com a palavra *vento*, cujas propriedades se podem applicar para o nosso caso. Deixando aos glosadores, aos etymologistas a decisão d'este ponto, devemos pedir-lhes que se não esqueçam de que o homem vão é chamado pelos latinos *homo ventosus* (homem cheio de vento). *Homo captus aura frivola* (homem enganado, attrahido, occupado ou dominado por um leve sopro).

«A vaidade, como objecto, é a bolha de sabão: aos nossos olhos é o corpo cheio de côres brilhantes; sob os nossos dedos é nada.

«A vaidade, como sentimento, é o que experimenta a criança, já quando com o sopro enche a bolha, já quando, com outro sopro, a levanta no espaço, isto é, acima da sua cabeça, ou a oito palmos da superficie da terra!

«É singular que esta vaidade, que parece ter por alvo a grandeza, diminue tudo, e até o que é pequeno.

«Nada ha tão pequeno como os colossos inuteis e as pyramides ambiciosas que se levantaram no solo de Memphis. Que diziam então, e que disseram depois as gerações? Que o Egypto ficou exhausto de homens, pedras e cebolas, para erguer, não sabemos a que rei, um tumulo que não conserva o corpo nem o nome do fundador.

«A vaidade que construiu a pyramide de *Rhodope* tem recordação menos triste. Fizera esta mulher grande numero de felizes, se se julgar a quantidade dos contribuintes pelo valor da contribuição. Não a censuramos por isso; mas deviamos rir hoje se quizessem dar-nos para calcular o numero dos loucos encontrados, porque logo ficaria provado o numero das loucuras commettidas.

«Os grandes monumentos do Egypto são os poços abertos por José para a necessidade do povo; a bibliotheca onde os Ptolomeus offereciam aos sabios de todas as nações as obras dos sabios de todas as épocas; e os canaes abertos pelos reis magnanimos para acudir ás necessidades da agricultura e do commercio. Se os colossos e as pyramides foram levantados pelas mãos da vaidade, os monumentos de que ultimamente fallamos são devidos ás mãos da utilidade: a estes, pois, cabe a gloria.

«A vaidade é um Protheu. Toma todas as fórmas e todos os nomes, e

produz todos os effeitos, desde o mais divertido até o mais terrivel; é a polvora que serve tanto para augmentar os horrores do combate como os azedumes da festa, e que origina o luto ou o jubilo, conforme é empregada, ou pelo artilheiro ou pelo artista. Conduz a vaidade muitas vezes á tyrannia por motivos oppostos, ou por excesso de desprezo, ou por excesso de amor para com o genero humano, ou pela persuasão, em fim, de que muitas pessoas valem mais que nós, ou que tòdas valem menos.

«Foi esta ultima persuasão uma das causas do despotismo injurioso de Tiberio, que se mostrava mais cruel para com os homens, ao passo que mais os desprezava; a outra explica em grande parte a crueza de Domiciano, que, pelo contrario, abominava os homens á medida que mais os estimava.

«A vaidade de Tiberio, que se considerava o primeiro personagem do imperio, não poupava nos seus caprichos os homens que desprezava. A vaidade de Domiciano sacrificava nos seus calculos qualquer homem que, por superioridade reconhecida, ou por sua posição, obstasse a que elle fosse o primeiro personagem do imperio. Um julgava possuir a grandeza; o outro queria alcançal-a, e como não podesse levantar-se até ella, tentava abatel-a até aos seus pés.

«Esta vaidade póde chamar-se soberba.

«Deixemos, porém, os defeitos d'estes personagens, e vejamos, em esphera menos elevada, o que é a vaidade no commum dos homens.

«Achamol-a em todos os sexos e em todas as condições, e por isso a vaidade toma, segundo as fórmas que apresenta, nomes differentes.

«No author que diz em bom som todo o bem que pensa de si, chamase simplicidade e bonhomia; no militar que exalta o seu valor e engrandece os seus feitos, sinceridade e franqueza; nos moralistas de todas as côres, que, infatuados da sua perfeição, censuram, exprobram e verberam os defeitos de outrem, severidade e veracidade; no magistrado que persiste, por obstinação, no conceito formado sem criterio, rigidez e firmeza; e na mulher que, fazendo adivinhar o que não mostra, tem talento para não occultar nada, modestia.

«Esta especie de vaidade é mui antiga. A *vaidade* de Antisthenes via-se *através das dobras do seu manto*, dizia Socrates.

«Esta vaidade causa dó assim como a do moralista; e a do magistrado inspira horror. Ha quasi sempre indulgencia para com a vaidade das mulheres. A vaidade dos militares diverte, ainda que elles sejam pouco fanfarrões; e a do author só póde offender o proprio author.

«Quem se offendeu da preferencia que Lemierre dava aos seus versos sobre todos os versos feitos e por fazer? Qual seria o academico que censurasse um litterato, de certo com mais talento que Lemierre, porque um dia, passando pela porta da academia franceza, proferiu esta phrase: «Aqui só ha nescios; e eu, felizmente, não pertenço á academia.»

«Nas fórmas que a vaidade toma, não esqueçamos nem a impassibilidade de algumas pessoas, nem a sensibilidade de outras; e sob este ultimo aspecto diverte sempre quando não causa tedio.

«A vaidade produz ás vezes no mesmo homem effeitos contradictorios; a necessidade de chamar a attenção publica tem levado alguns individuos a apparentarem desprezo para com os objectos em que o publico mais reparára, e que elles tinham desejado com mais ambição. Não se manifestará acaso no desgosto que o cardeal de Retz mostrava pelo chapéo, Christina da Suecia pela corôa, e o poeta Chamford pela cadeira da academia!

«A vaidade leva certos homens a igualarem com os grandes merecimentos o triumpho que alcançaram em cousas insignificantes; ou a prevalecerem-se de pequenas vantagens em uma condição superior, com o que disparatam.

«O velho Vestris collocava a dança na primeira classe entre as artes, e

queria figurar sem ceremonia á frente dos grandes homens do seculo, entre Frederico e Voltaire. Nero tinha mais orgulho do seu talento de actor que do throno dos Cesares; e as suas ultimas palavras mostraram antes a magoa pela perda que causaria ás artes a sua morte, do que o sentimento por deixar o solio: *Qualis artifex pereo!* (Morre em mim um grande artista!) dizia Nero afiando a ponta do punhal com que esperava vingar o mundo.

«Perdôa-se facilmente a vaidade quando se limita a dar a um homem idéa exagerada do seu merito; mas é intoleravel quando trata de humilhar o merito de outrem, e principalmente de vexal-o.

«É a vaidade d'esta especie que torna falladoras algumas mulheres, satyricos alguns poetas, eloquentes alguns jornalistas; e poderá então tomar o caracter e os habitos da inveja. Mas como se acha alliada algumas vezes nas almas superiores ao amor da gloria? Não é pela emulação, nobre sentimento que gera as acções grandes; nem pela generosa inquietação que, a cada victoria de Milciades, renova as insomnias de Themistocles; mas pela malevola estulticia com que se desgosta e inquieta o rustico que vota o desterro de Aristides, cançado de ouvir continuamente chamar-lhe *justo*.

«A vaidade não está menos disposta a rejeitar os conselhos que a dál-os; a d'ahi provém a eterna guerra entre a velhice e a mocidade, entre as aias e os meninos, e entre os authores e os criticos. Devemos julgar, com relação a estes ultimos, que nem os criticos causam sempre damno, nem os authores tem sempre razão.

«Se ha vaidade no estudante que se estreia criticando os authores que podiam ser seus mestres, não ha menos nos authores que, ao sahirem das aulas, se julgam offendidos por observações e conselhos que lhes são feitos por litterato encanecido no estudo do bom e do bello.

«A palavra *vaidade*, nos prosadores, só póde ser tomada em mau sentido; nos poetas, supprirá ás vezes os vocabulos *gloria* e *orgulho*.

«A vaidade póde levar com igual violencia assim para o bem como para o mal o ente que a padeça. Quantos monumentos e ruinas attestam esta verdade? O homem que quizer absolutamente ouvir fallar de si estará prompto a queimar o templo de Epheso, se não tiver meio de construil-o.

«Quantas boas almas não tem feito mal por vaidade? Mas em compensação, muita gente má tem igualmente, por vaidade, praticado boas acções.

«Não ha nada mais comico que a vaidade em uma situação ou condição que exige a virtude contraria.

«Certo personagem não se escandalisaria de que não ouvissem os outros, com tanto que não deixassem de o ouvir a elle.

«Havia um fidalgo que no acto de contrição não se esquecia nunca de suas qualificações, para que o proximo, que o ouvisse, não ignorasse a pessoa que alli estava. Registou-se este acto do seguinte modo:

«Meu Deus! Tendes ante vós o maior peccador do mundo, o marechal duque de***, cavalleiro de todas as ordens do rei, e do tosão de ouro, par de França, grande de Hespanha de primeira classe, governador em nome do rei das provincias de*** e de***, barão de***, conde de***, marquez de***, thesoureiro honorario da irmandade de S. Roque, etc.»

«Este grande fidalgo usava das suas armas em todas as cousas possiveis; e quando ajoelhava, viam-se-lhe até nas solas junto ao tacão os nomes e dignidades gravados, a fim de que todos soubessem a elevada jerarchia de tão devota pessoa. É até onde póde chegar a vaidade!

«Dante, com a sua severidade, custar-lhe-hia a collocar semelhante christão no inferno, que devia ser-lhe fechado por tão perfeita contrição; mas onde haverá no paraiso lugar para semelhante humildade?» (B. A.)

VAN HELMONT. (Veja Chimicos).

VAPOR. (Veja MACHINAS).

VASSALLO. (Veja FEUDALISMO).

VEGETAES. Denominam-se *vegetaes* ou *plantas* aquella grande divisão de seres organicos que tem commum com os animaes a propriedade de se nutrirem e propagarem, bem que desprovidos da faculdade do sentimento e da locomoção. O complexo dos vegetaes derramados na superficie do globo constitue um como grande imperio subordinado ás mesmas leis, e que se chama reino animal. (Veja REINOS).

VELHICE. «A velhice é uma quasi morte, assim como o crepusculo vespertino é uma quasi noite. Como os montes d'aquella idade são mui altos, e o sol da vida declina para o occaso; que muito que as sombras d'ella sejam maiores!... Da vida toda, as fezes são as cançadas respirações d'um velho achacoso; e quem chegou ás fezes certo que toca no fundo. Que outra cousa é vêr um velho enfermo, encurvado, e tremulo, senão vêr um composto de vida e morte? Por isso um poeta vendo a um d'estes forcejando por andar com o seu bordão, disse:

Porque apertas mais comtigo,
E esse pau na mão te arrasta?
Ir em dous pés não te basta,
Em busca do teu jazigo?

«E outro perguntado, porque andariam os velhos com a cabeça baixa olhando para o chão, respondeu-lhe graciosamente: «Buscam onde enterrar-se.» — O imperador Julio Cesar nos principios de seu governo portou-se com moderação e suavidade, attendendo á disposição das leis; depois não punha grande reparo em as quebrar, usando d'absoluta authoridade, ou violencia. Um senador mui ancião, por nome Considio, lhe disse livremente: «Senhor, sabei que se o senado vos não vai á mão, é porque com o temor de vossas armas não nos ajuntamos a determinar o que convém.» Respondeu o Cesar: «Pois como te não obriga o mesmo temor a estar em tua casa e calar a bocca?» — «Com a muita idade (disse Considio) gastou-se-me o medo; porque a vida que posso perder é já pouca.» — Vendo o philosopho Demetrio a um mancebo diligente e industrioso, e inimigo do ocio, disse-lhe approvando o seu espirito: «Continuai mancebo, e á noite da vossa velhice achareis a cêa bem feita, e a mesa posta.» (Bernardes, *Floresta*).

VENEZA. (Veja ITALIA).

VENTILAÇÃO. (Veja DESINFECÇÃO).

VENTO. (Veja AR).

VERBO. «O *verbo* «é uma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito debaixo de todas suas relações pessoaes e numeraes, enunciando por differentes modos a coexistencia e identidade de um com outro, por ordem aos differentes tempos e maneiras de existir.»

«O *verbo*, pois, além da sua significação primaria e principal, que é a da *existencia*, comprehende em si cinco idéas accessorias, indicadas todas pelas differentes fórmas e terminações que toma, a saber: 1.º A do sujeito da oração debaixo das tres relações pessoaes; ou de 1.ª pessoa, que é *quem falla;* ou de 2.ª, que é a *com quem se falla;* ou de 3.ª, que é a *de quem se falla.* 2.º A de numero, ou singular ou plural de cada uma d'estas pessoas, como *eu sou*, *tu és*, *elle é*, *nós somos*, *vós sois*, *elles são*. 3.º A dos differentes modos de enunciar esta mesma existencia, ou simples e vagamente, *ser amante*, ou directa e affirmativamente, *sou amante*, ou indirecta e dependentemente, *fôr amante*. 4.º A dos tempos d'esta existencia, *preterito*, *presente* e *futuro*, como *fui*, *sou*, *serei*. 5.º Em fim a dos differentes estados d'esta mesma existencia, ou começada só e vindoura, ou persistente e continuada, ou finda já e acabada, para o que toma o verbo substantivo a ajuda dos verbos auxi-

liares, como *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*.

«D'esta breve analyse do verbo se vê, que sua essencia consiste propriamente na enunciação da coexistencia de uma idéa com outra, e não na expressão d'estas idéas, que já para isso tem palavras destinadas nos substantivos e adjectivos que se nomeiam, e que esta coexistencia não póde ser expressada, nem o é, em todas as linguas, senão pelo verbo substantivo, que por isso, a fallar propriamente, é o unico verbo em que por ultima analyse veem a reduzir-se todos os verbos adjectivos, os quaes lhe não acrescentam outra cousa mais do que a idéa do *attributo*.

«Os verbos auxiliares servem ao verbo substantivo para o ajudarem a exprimir os differentes modos da existencia, ou começada, ou continuada, ou acabada, em que se póde considerar qualquer objecto ou acção. Podemos pois distinguir tres especies de verbos em geral, que são o *verbo substantivo*, os *verbos auxiliares*, e o *verbo adjectivo*.» (Soares Barbosa.)

VERDADE. «Como a boia sobe sobre as ondas, porque nos póros tem encerradas partes de ar, cuja esphera é superior; assim a verdade sempre sahe acima das contradicções, porque a sua esphera é o céo. Ponho aqui umas trovas em louvor da verdade. Perdôe-se o que a musa não tem de florigera, pelo que tem de fructuosa.

Qual é aquella formosura,
Que vestir-se não procura
Por maior honestidade?
A verdade.

Que cousa ha no mundo tal
Tão sincera, e rara, e igual,
Que a Deus, e aos homens agrade?
A verdade.

Que aprende o sabio? Que encobre
O peito traidor? E ao nobre
Que o rende tão por vontade?
A verdade.

Quem fez amavel, e grato
Inda aos barbaros o trato
Da humana sociedade?
A verdade.

Que receia o delinquente,
Se o seu crime não é patente
Á luz da publicidade?
A verdade.

Quem da opprimida innocencia
Com dó, ou com violencia,
Haverá que se apiade?
A verdade.

Qual é o garrote duro
Do hypocrita, do perjuro,
Da traição, da impiedade?
A verdade.

Combatidos da tormenta,
Que ancora forte sustenta
Os corações com igualdade?
A verdade.

E que alma tem a historia,
Que a faz nas azas da gloria,
D'idade passar em idade?
A verdade.

E de que ouro se lavra
Tão fino a real palavra,
Que prova n'adversidade?
Da verdade.

Ambas as taboas da Lei
Que eu mal cumpro, e bem a sei,
Que cifram com brevidade?
A verdade.

E quem dá no empyreo a tantos
Milhões de milhões de santos
Eterna saciedade?
A verdade.

Oh visão admiravel! nunca eu cance
De andar no teu alcance
Por graça, e liberdade,
Adorando-te em espirito e verdade.

(Bernardes, *Floresta*).

VERGEL. Que ha ahi mais para delicias que um vergel, colmado de arvores douradas com seus pomos, que lhes dobram até ao solo as ramarias! Até á sombra das arvores verdeja o pastio do potro, da vacca leiteira e do novilho. Deve-se assignalar ás arvores fructiferas terreno consoante á sua natureza; não se misturem confusa e desmethodicamente. As nogueiras plantadas em exposição ventosa abrigam as outras arvores; depois, sigam-se as pereiras, macieiras, cerejeiras, ameixieiras e em fim abrunheiros collocados parallelamente. — É numerosa a variedade de arvores de fructo; tambem a cultura

e sementeira d'ellas é infinitamente multiplicada.

«Querem os peraes terras frias e de substancia, e não barros de oleiro ou greda; nas terras seccas se plantam em novembro; enxertam-se em amendoeira; tirem-lhes as folhas seccas que ficaram do inverno, por quanto d'ellas se gera o bicho na primavera.

«Das peras são melhores as mais cheirosas, e quanto mais pesarem melhores serão: teem grande virtude as peras e seus ramos contra peçonha; quem as comer não beba agua em cima.

«São de muitas maneiras as maçãs, e melhor se dão em ares temperados que em frios, excepto as camoezas e peros reaes; querem terras grossas e de substancia, põem-se de estaca, ou transplantam-se de raiz em distancia de vinte pés.

«Se lhes derem as formigas, as matarão e os mais bichos, untando a arvore com barro misturado com esterco de porco e fel de vaccas; as maçãs que amadurecem no inverno são melhores e conservam o estomago.

«Querem as ameixieiras terras temperadas e de substancia, e alguma cousa humidas e limpas de pedras; plantam-se em fevereiro das varas que arrebentam ao pé da arvore, tiradas com raiz, e se porão em pouca distancia umas das outras por causa dos frios.

«Enxertam-se mui bem de canudo nas amendoeiras, damasqueiros ou albricoques: se estas arvores tiverem formigas ou bichos, misturarão vinagre com almagar, e com elle em pouca quantidade barrarão onde estiverem, porque o muito lhes fará damno; se lhes cahir a fructa verde lhes metterão uma cunha de zambujeiro verde entre as principaes raizes; as saragoçanas são boas para guardar seccas.

«A resina ou gomma que lança de si esta arvore, deitada na tinta com que se escreve, a afina muito, comidas as ameixas em jejum quebram a pedra da bexiga.

«Os albricoqueiros carregam mais de fruta do que os damasqueiros; querem terras quentes, de substancia e abundancias de aguas; semeiam-se de caroço por outubro ou novembro; enxertam-se de canudo melhor que de outra sorte; querem lugares abrigados; são quentes e humidos; os damascos são os melhores.

«Querem os pecegueiros terra quente, substancial e humida, ou arenosa, solta e humida; os ventos frios lhes são damnosos, e por isso se dão melhor nos valles e lugares abrigados; semeiam-se de caroço por todo o inverno e em pouca distancia, e em pequenos se cavarão muitas vezes; enxertam-se por maio ou junho; se tiverem formigas ou bichos, tomem cinza com agua ruça que corre das azeitonas nas tulhas, e barrem com ella ao pé da arvore ou onde estiverem, ou com ourina de boi misturada com vinagre.

«Se estas arvores enfermarem, se lhes lançará ao pé borra de vinho velho com outra, tanta que lhes não faça mal a geada, e lhes lançarão ao pé esterco; contra as mais enfermidades lhes pendurarão nos ramos empreita de esparto; quem comer pecegos beba-lhe em cima vinho, ou os lance n'elle primeiro, deitando o vinho fóra, por quanto n'elle fica o mal do pecego.

«Seccos são confortativos; o sumo das folhas dos pecegos posto sobre o ventre mata as lombrigas; o azeite que deitam suas pevides é bom contra a enxaqueca; enxertados em amendoeira duram mais.

«Os marmelos querem terras frias, temperadas, humidas e grossas com abundancia de agua; plantam-se de estaca, querem-se juntos, colhem-se em minguante para durarem mais; cozidos em mosto se conservam; tambem d'elles se faz mui boa conserva.

«As suas propriedades são restringir o ventre; e por isso os devem comer os que teem dysenteria, antes de outro alimento, e comidos sobre o alimento fazem o contrario: o mesmo fazem suas conservas; verdes são contrarios a todo o veneno; o sumo de marmelo verde posto sobre a mor-

dedura de algum animal venenoso, é salutifero; quando enfermarem lhes lançarão ao pé agua de azeitonas ruça, que não seja salgada, e com outra tanta agua.

«Querem as romeiras ares temperados e quentes: dão-se em qualquer terra, com tanto que seja grossa e de substancia: plantam-se em novembro ou em março; devem cortar-lhes todas as varas que arrebentarem ao pé. As de regadio são melhores, como tambem as chafarizas.

«Para não abrirem as romãs semeiem junto á romeira cebolas albarrãs; se tiverem formiga ou bichos, untem-lhes as raizes com fel de boi, e se estiverem más lhes lançarão esterco de porco misturado com ourina de jumento.

«As romãs azedas são boas contra as terçãs; suas flôres ou cascas cozidas com vinho, lavando com elle as gengivas se desincham e aperta os dentes; o gargarejo das azedas é bom para a esquinencia; dôces são boas para os que teem quartãs, porque geram colera.

«Das cerejas são melhores as que chamam de soldado, e das ginjas as garrafaes; querem ares frios, e temperados, dão-se bem nos serros húmidos, querem muita agua, devem enxertar-se antes que comecem a suar, ou depois de terem suado, e seja enxertia de escudo, e por março.

«Querem estas arvores ser cavadas muitas vezes. As cerejas verdes abrandam o ventre, as seccas o restringem. Se tiverem formigas lhes lançarão sumo de beringellas com outro tanto vinagre, e lancem-no com um aguador onde ellas estiverem; a sombra d'esta arvore não é boa; quem comer muitas cerejas criará lombrigas.

«As ginjas são mui cordiaes, cortam a colera, e a sua conserva é excellente tomada pela manhã; são boas para os que teem terçãs; estas arvores querem os mesmos ares e terras que as cerejeiras, e devem plantar-se de estaca em março.

«As nogueiras são assim chamadas do verbo latino *nocere* pelo damno que fazem com sua sombra ás pessoas e plantas onde chegam; querem terra preta, solta e grossa, e valles ao pé de serros, e junto da agua; semeiam-se por janeiro ou fevereiro, e se forem plantadas levem bastantes raizes, e cova funda e larga.

«As que teem menos cascas são as melhores; colhem-se depois de abertas; quanto mais velhas quanto peores; são de má digestão, geram humores colericos e causam somneira; comida uma noz pela manhã em jejum com dous figos passados, umas folhas de arruda caseira e umas pedras de sal, é preservativo de ares corruptos e pestilencias, e contra qualquer peçonha que ao depois se coma.

«Laranjeiras, limeiras, limoeiros e cidreiras, todo este genero de arvores quer terra preta e de substancia, e que embeba bem a agua, porque querem regar-se muitas vezes em tempo de calores e de estio; querem terra bem moida, cavada e estercada com esterco bem cortido.

«Plantam-se estacas de cidreiras em canteiros, e n'elles se enxertam as ditas arvores de escudo por abril ou maio; se por junho enxertarem as cidreiras em romeiras, sahirão vermelhas.

«As laranjas depois de bem cortidas, comidas com assucar, são salutiferas; de sua flôr se faz boa conserva. O sumo de limão em pequena quantidade é bom para gastar as areias e pedras: tomado de gargarejo com assucar, por ser mui fresco, aplaca a inflammação da garganta; as limas dôces são proveitosas sobre a comida; as cídras são indigestas, porém comidas de conserva, confortam o estomago.

«As maceiras d'anafega ou açafeifas querem ares quentes e abrigados, e terras soltas e frouxas; plantam-se por março e abril; de seus caroços ou dos filhos, rebentam ao pé.

«São quentes e alguma cousa humidas, e boas contra a tosse; e o mesmo a agua em que se cozerem, por serem mui peitoraes e fazerem digerir as materias do peito.

«Querem as amendoeiras terras enxutas, seccas e arenosas; nas terras

quentes se criam bem e dão muito fructo. Podem semeal-as em amendoas amargas no fim de dezembro ou janeiro.

«O enxertal-as deve ser de canudo ou de garfo em crescente de lua, em maio ou junho; são melhores as amendoas que as nozes, porque não são tão azeitosas; seccas dão singular mantimento ao corpo, confortam a vista, alimpam o peito e resolvem as flatulencias.

«O oleo das amendoas bebido quebra a pedra dos rins; misturado com mel tira as sardas do rosto; lançando este oleo nos ouvidos tira a surdez e zunido dos ouvidos, se fôr de amendoas amargosas será melhor.

«As avelleiras querem ar algum tanto quente, dão-se melhor nos altos que nos valles, plantam-se de ramo com raiz, são quentes e seccas e de tardia digestão; as novas são melhores do que as velhas; o comer muitas faz colera e dôr de cabeça; picadas e bebidas com agua-mel aproveitam contra a tosse antiga.

«As figueiras querem ares quentes e temperados e que não sejam as terras mui seccas; as terras calidas não são mui boas para ellas: plantam-se d'estaca nas terras seccas de inverno, nas humidas na primavera, e seja a cova bem funda, e deixem pouco da estaca sobre a terra.

«Devem cavar-se muitas vezes; para as formigas lhe porão manteiga de vacca misturada com almagra, ou lhes deitarão nas concavidades fel de boi: se as formigas vierem de fóra, pizem cebolas albarrãs com unto de porco, untem com isto o pé da arvore de altura d'um palmo, e não subirão.

«O enxertar das figueiras ha de ser no alto do escudo em abril ou maio; as bêberas são melhores do que os figos, e os lampos para comer melhor do que todos; os figos são quentes e humidos, dão muita substancia ao corpo, geram humores grossos, são de má digestão e contrarios á voz; os figos verdes pisados com salitre e farinha tiram as verrugas; suas folhas alimpam os dentes esfregando-os com ellas; o comer muitos figos causa opilações.

«As alfarrobeiras querem terras quentes e beiras do mar, e que estejam situadas ao meio dia; tambem são boas para estas arvores as terras que criam palmeiras; dão-se bem nos serros e nos valles, e terras d'amendoeiras; enxertam-se de escudo em maio.

«Se lhes dér a formiga se usará do remedio acima dito: colham-se bem seccas, e conserval-as-hão estendidas em lugar bem enxuto; verdes são boas para os homens maritimos comporem suas linhas e redes; seccas adstringem o ventre a quem as come; são mui bom mantimento para bois e bestas, tirando-lhes primeiro os pés para que se não afoguem.

«As amoreiras querem ares quentes e temperados, e terra grossa, enxuta e de substancia; nas terras quentes se põem por outubro ou novembro; nas terras temperadas por fevereiro e março; o melhor plantar d'estas arvores é de estaca, envolvendo-a primeiro em esterco de vacca; as amoreiras quando estão maduras abrandam o ventre e o fazem purgar; porém damnam muito ao estomago, e devem comer-se primeiro que tudo por serem de facil digestão; comidas pela manhã em jejum fazem purgar a colera; o xarope de amoras é bom em gargarejos para os que teem molestias na bocca ou garganta.

«O sumo das folhas da amoreira cozidas em agua chovediça tira as nodoas d'azeite; a raiz cozida em agua abranda o ventre e deita fóra as lombrigas a quem a bebe; as folhas e raizes cozidas em agua, lavando com ella a bocca tira a dôr de dentes.» (T. M. Ferreira).

VERSÃO. (Veja TRADUCÇÃO).

VESPASIANO. (Veja PRIMEIRO SECULO).

VESTIDOS. «Como na *Summula dos preceitos hygienicos* do snr. dr. Rodrigues de Gusmão, publicada em 1862, se encontram alguns artigos

respeito a *vestidos*, transcrevemos alguns extractos d'esse bem compendiado elucidario do que ha mais attendivel em hygiene:

«Os vestidos destinados a proteger-nos contra o calor, frio e humidade, devem ser aceados, e variar segundo as estações, a idade, o sexo, tanto na materia, como na côr e fórma.

«As camisas de algodão são preferiveis ás de linho.

«É perigoso o uso de collarinhos, gravatas e ligas demasiadamente apertadas, que comprimindo o corpo perturbam as mais essenciaes funcções da vida, e com especialidade a circulação e respiração.

«Tambem importa evitar os apertos do calçado, que deve ser commodo e macio.

«Os banhos são necessarios para a conservação da saude. Os banhos nunca se devem tomar senão tres ou quatro horas depois das comidas. Os banhos demasiadamente quentes podem ser mui nocivos. Os banhos frios devem ser de mui pouca duração, quando não se podér nadar.

«O banho frio deve tomar-se estando o corpo bem descançado, e por nenhum modo em quanto está suado, e com a pelle mui quente. Deve-se sahir do banho, antes que um segundo tremor ou estremecimento venha substituir a agradavel impressão que se sente depois do primeiro calefrio, ou estremecimento experimentado no acto de entrar na agua.

«Os vestidos molhados devem mudar-se logo que seja possivel, enxugando além d'isso a pelle, para tirar toda a humidade, sem que haja evaporação. É muito prejudicial deixar seccar a roupa no corpo, ainda que seja expondo-se a uma corrente de ar, ou á acção de um calor artificial.

«As partes expostas ao contacto do ar, como o rosto e as mãos, devem ser lavadas todos os dias, e muitas vezes segundo as circumstancias.»

VESUVIO. (Veja ITALIA).

VIANNA DO CASTELLO. «Esta cidade, celebre na historia contemporanea, nos annaes das nossas discordias civis, pela heroica defensa da fortaleza, de que recebeu em galardão o seu sobrenome e o titulo de cidade, é, talvez, de todas as terras da provincia do Minho, a mais agradavel e vantajosamente situada. Edificada em uma alegre planicie na margem direita do rio Lima, que lhe serve de espelho, o oceano banha-lhe o vasto campo de N. S. da Agonia, que a limita pelo occidente. D'est'arte o rio e o mar lhe offerecem varios quadros, e variadissimas vantagens. Com justa razão tomou por brazão de armas um navio á vela, pois que do mar lhe veio a sua prosperidade de outr'ora, e d'elle lhe virá no futuro, sem duvida, engrandecimento e riqueza. Quem visitar esta cidade encontrará em cada rua, por assim dizer, um padrão d'aquelles tempos felizes. As muitas casas gothicas, que ahi se vêem, algumas n'aquelle estylo brincado, de que é typo o mosteiro de Belem, attestam que Vianna foi prospera e rica na época do rei D. Manoel. O que foi então, e ainda depois, deve-o á navegação e ao commercio. Descobrem as nossas ilhas os enviados do infante D. Henrique; devassa D. Vasco da Gama os mares da India; levanta Pedro Alvares Cabral o véo que occultava o Brazil; eis que os pobres pescadores da foz do Lima, incitados a maiores empresas, pelo exemplo d'aquelles nautas, abalançam-se aos altos mares; surgem ora no archipelago do Atlantico, ora nas costas da Africa ou do Brazil; e fundam para a sua patria uma brilhante era de florescencia. Em breve o porto de Vianna acommoda a custo os navios que o demandam. A villa constitue-se um pequeno emporio dos generos coloniaes, não só para o consummo da provincia, mas de exportação em grande escala para os portos de França, de Flandres, de Inglaterra, de Allemanha, e até para a propria rainha do Adriatico, que fôra durante seculos o primeiro emporio commercial da Europa. O nosso elegante escriptor fr. Luiz de Sousa, na vida do arcebispo D. fr. Bartholomeu

dos Martyres, descreve o estado de Vianna no anno de 1560 pelo seguinte modo: «Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica, e muito nobre, de grande trato e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas, e terras novas do Brazil; por outra com a França e Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia outros; para os quaes tratos traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravellas, com grossas despezas, a que respondiam iguaes retornos e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa.» Em outro lugar acrescenta: «Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vai em tamanho crescimento, que ao tempo em que isto escreviamos (1619) traziam no mar 70 navios de toda a sorte, com que a terra está maciça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra.» Diversas causas, em que figuram com maior vulto a oppressão de Castella sobre Portugal, e a obstrucção de areias na foz do Lima, pozeram termo áquelle progressivo engrandecimento. Vianna não só parou em meio de seu desenvolvimento, mas até cahiu do esplendor a que chegou. A sua decadencia, porém, não foi longe, porque lhe obstou a sua vantajosa posição geographica. Graças á libertação do solo, ao incremento da industria, e aos recentes melhoramentos materiaes, a cidade de Vianna do Castello entrou em novas condições de felicidade. As magnificas estradas e diligencias que a põe em communicação facil e rapida com as terras mais importantes do paiz, desde Valença até Lisboa, promettem-lhe inquestionavelmente dias ainda mais venturosos. Porém o seu melhor futuro ha de alvorecer-lhe do lado do oceano. Mas é essencial para este grande fim, que não parem os melhoramentos do porto e barra. Para este ponto deviam convergir em esforços communs e energicos as industrias e os capitaes d'aquella cidade, na certeza de que todos os sacrificios lhes serão amplamente recompensados. O que tem a esperar do mar, dizem-lh'o em alto som a sua igreja matriz, de floreados portaes, e a casa da camara, onde avultam a cruz da ordem de Christo e a esphera armillar, essas gloriosas divisas do *rei afortunado*, que symbolisam o apogeu da grandeza de Portugal. Dizem-lh'o a igreja e hospital da Misericordia, fundados pelas mesmas mãos que levantaram o paiz a tamanha altura. Dizem-lh'o finalmente os varios palacios e casas nobres, que revelam nas galas da architectura gothica, com que mais ou menos se adornam, um passado de subida florecencia. O hospital foi fundado pelo rei D. Manoel no principio do seculo XVI. A igreja foi reedificada no anno de 1714; a sua frontaria tem bastante originalidade; não se conhece no paiz outro modêlo que se lhe assemelhe em gosto de architectura; compõe-se de um vestibulo e duas galerias sobrepostas, coroadas por um frontão; o vestibulo é formado por seis arcos, cinco na frente, e um lateral, os cinco sustentados por seis grossas columnas, duas embebidas metade nos cunhaes; sobre o vestibulo erguem-se as duas ordens de galerias, em cada uma das quaes lhe sustentam a architrave seis cariátides, sendo as duas das extremidades tambem meio embebidas nos cunhaes; remata a fachada um frontão com as armas reaes, coroado por uma imagem de Christo crucificado, e decorado nos acroterios com duas estatuas. O interior do templo não desmente o frontispicio; as suas capellas são ricas em obra de talha dourada. A casa da camara foi fundada pelo mesmo tempo que a Misericordia, mudando-a para aqui o rei D. Manoel, do bairro da Ribeira, onde anteriormente se achava. Na fachada sobre as janellas, estão de uma parte as armas da cidade, da outra a esphera armillar; e no centro o escudo das armas reaes e a cruz da ordem de Christo, com uma

inscripção tirada do foral dado a Vianna por D. Affonso III; a inscripção commemora, entre outros privilegios, o que determina que em tempo algum o senhorio de Vianna se alienará da corôa, excepto se fôr em favor da rainha, ou infante. Foi reconstruida a casa da camara no seculo passado. O *Campo do Forno*, hoje *Praça da Rainha*, onde se erguem estes dous edificios, é uma pequena praça, aformoseada por um elegante chafariz com duas taças, e com um tanque circular, rodeado de grades de ferro. N'esta praça correram-se antigamente touros por occasião de algumas festas. — O virtuoso arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, receiando que do trato de tantas gentes estranhas (de differentes regiões), que na villa se agglomeravam, em consequencia do augmento commercial, nascessem a corrupção dos costumes e quebra nos preceitos divinos, resolveu oppôr a tal inimigo a prégação evangelica. Para que esta fosse proficua á força de ser incessante, determinou que houvesse na villa um convento de religiosos dominicos, não sómente por amor á ordem que elle proprio professára, mas tambem, e principalmente, porque a regra de S. Domingos impunha a seus filhos, com especialidade, a obrigação de prégarem. Foram estes os motivos da fundação do convento de Santa Cruz de Vianna. Correndo, pois, o mez de novembro de 1560, participou o arcebispo seu intento á camara de Vianna, e depois de se certificar da boa vontade d'esta, e de toda a povoação, bem como da annuencia da ordem dominicana, solicitou o consentimento da rainha D. Catharina, que então governava o reino na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, obtido o qual impetrou do papa as bullas necessarias para a fundação. Tudo isto produziu grandes delongas, de modo que a obra só teve começo em abril de 1563. É verdade que dous annos antes se deu principio ao convento na rua da Rosa, mas logo depois pararam os trabalhos, e se abandonou o lugar, escolhendo-se outro na rua da Altamira, aonde se levou a effeito a edificação. Em quanto cresciam as obras do convento, assistia D. fr. Bartholomeu dos Martyres, na cidade de Trento, ao concilio geral que ahi teve principio no anno de 1562. Voltou a Portugal, e reassumiu o governo da diocese bracharense em principios do anno de 1564, e em janeiro de 1566 partiu para Vianna, indo apresentar-se no seu convento, que já se achava habitado, embora ainda não concluido de todo. Como a esse tempo não estivesse começada a igreja, resolveu-se o arcebispo a mandar-lhe abrir os alicerces, e lançar n'elles, por suas proprias mãos, a pedra fundamental. Celebrou-se esta ceremonia com grande apparato e solemnidade aos 22 de janeiro do referido anno, dia do martyr S. Vicente. Sahiu o veneravel prelado da igreja matriz em procissão, com toda a clerezia da villa, camara, authoridades, e immensa multidão de povo, levando quatro religiosos de S. Domingos, em um andor muito adornado, a pedra fundamental. Acompanhavam a procissão musicas e danças, ao uso da época. Chegados ao convento novo, disse missa de pontifical o arcebispo, e prégou com a sua costumada uncção; e depois de proceder á benção da pedra e ás mais ceremonias do ritual, lançou-a nos alicerces da capella-mór do templo, ao qual deu a invocação de Santa Cruz, doando n'esse mesmo acto ao convento uma reliquia do santo lenho. No dia 4 de agosto de 1571, em que a igreja celebra a festividade do patriarcha S. Domingos, disse-se a primeira missa na capella-mór do templo. Passados onze annos voltou o fundador ao seu convento de Santa Cruz, havendo renunciado o arcebispado. Queria este respeitavel ancião repousar o corpo e o espirito, e no seu convento esperar, tranquilla e confiadamente, o fim de uma vida santa, considerando-se um simples frade de S. Domingos; falleceu aos 16 de julho de 1590, contando 72 annos de idade. Ao cabo de 19 annos, 1609, se fez a trasladação do seu corpo para o mausoleu de marmore, em que des-

cança; por esta occasião concorreu a Vianna tanta gente das provincias do norte, e até de Galliza e de Castella, que se calculou o concurso em 30 mil pessoas; as festas que então se celebraram, festas de regosijo publico, como na canonisação dos santos, foram taes, que nunca a villa presenciou outras, antes nem depois. Póde-se vêr a minuciosa descripção d'estas festas, curiosissima para a historia dos nossos costumes, na *Vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres*, por fr. Luiz de Sousa. A igreja e convento de Santa Cruz, mais commummente chamados de S. Domingos, em razão da ordem religiosa a que pertenceram, não são edificios grandiosos pelas proporções, nem esplendidos pela arte; todavia, o templo tem uma nobre frontaria de boa architectura, decorada de columnas e estatuas de santos da ordem, umas e outras bem distribuidas relativamente á parte do mesmo frontispicio, que o architecto curou de adornar. Interiormente é singela a fabrica do templo; tem uma só nave, com capellas que se communicam entre si. O altar de N. S. do Rosario, no cruzeiro, é rico em obra de talha dourada. Defronte, no outro tôpo do cruzeiro, está o orgão, e por baixo as bandeiras do regimento de infanteria n.º 9, que era de Vianna, o qual tanto se distinguiu na guerra peninsular, que mereceu aquella honra como homenagem e galardão ao seu valor. Na capella-mór, do lado do Evangelho, ergue-se o mausoleu de D. fr. Bartholomeu dos Martyres; é de marmore branco e vermelho, e foi mandado fazer em Lisboa com o producto de subscripções populares; é grande, e de ordem dorica, mas de fórma pesada e desengraçada, como quasi todos os tumulos que se construiram em o nosso paiz no correr do seculo XVII; em um longo epitaphio, em latim, estão commemoradas as principaes acções e virtudes do veneravel arcebispo. O risco da igreja foi feito em Roma; trouxe-o d'esta cidade o fundador quando se recolheu á patria, acabado o concilio tridentino; tambem de lá trouxe uma preciosa pyramide de porfido, com que adornou um chafariz que mandou fazer no largo da igreja de Santa Cruz, que então era mais desafogado que ao presente; porque não se viam n'elle as casas que escondem ao templo a vista do chafariz; este ainda existe, mas em lugar da pyramide de porfido, tem uma de granito ordinario; dizem que alguem cubiçou aquella memoria do santo prelado. Pela extincção das ordens religiosas conservou-se para o culto a igreja de Santa Cruz, graças aos terceiros dominicanos, que tomaram a si o cuidado e despezas d'essa conservação. Mais tarde foi transferida para este templo a parochia de N. S. de Monserrate, que estava em uma pequena igreja, situada outr'ora nos arrabaldes, e hoje na extremidade de leste da cidade. O convento está occupado com as repartições do governo civil, da administração do concelho, de fazenda, e de justiça. Assim tem escapado, felizmente, este edificio á ruim sorte de tantos outros monumentos nacionaes, que vêmos devastados e abandonados ás mãos destruidoras do tempo. Não se repare em mettermos o convento e igreja de Santa Cruz em conta de monumentos nacionaes; o edificio fundado, habitado, e escolhido para lugar de sepultura de um varão que deu lustre á igreja lusitana, onde foi modêlo de prelados; que honrou as letras patrias com os seus escriptos; que fez conhecido e respeitado o nome portuguez na capital do mundo catholico, e na presença de uma assembléa tão conspicua como o concilio de Trento; esse edificio é um verdadeiro padrão da nossa historia, é um monumento da gloria nacional, embora não recorde feitos de armas, nem ostente primores de arte. — Desfructa Vianna uma vantagem, que lh'a podem invejar as mais cidades do reino, incluindo tambem Lisboa; consiste em ter um bello caes de cantaria desde a barra, onde começa, junto ao castello de S. Thiago, até quasi ao extremo opposto da cidade, offerecendo em toda a sua extensão diversos e commodos desembarcadouros. Começou-

se esta grande obra no principio do seculo passado com o designio de encanar o rio, e desembaraçar a barra das areias que a obstruem. Depois de estarem parados os trabalhos por muitos annos, durante os quaes se areiou por tal modo o porto, que apenas admittia navios de mui pequena lotação, continuaram as obras no anno de 1805. A invasão dos francezes e mais successos de 1807 e 1808, vieram de novo interrompel-as. Passado algum tempo depois da pacificação do reino, recomeçaram, mas não tardou muito que as nossas dissensões politicas as fizessem novamente paralysar. Quando as paixões, um pouco acalmadas, deixavam ao governo attender aos interesses publicos, lá se dava mais ou menos vigoroso impulso ao melhoramento da barra de Vianna. Todavia, não obstante os esforços empregados, as obras projectadas estão ainda longe da sua conclusão. Do lado do norte adiantou-se muito a canalisação do rio, construindo-se o caes de que acima fallamos; porém da parte do sul ficou atrazado o encanamento, chegando com tudo a construir-se um bom lanço de muralha de cantaria, a principiar no cabedelo, em frente do castello de S. Thiago. N'estes ultimos annos tem-se feito alguns estudos, e procedido a varias obras para melhoramento da barra, a principal das quaes consiste em um paredão, que ligue a terra firme com uns rochedos que se levantam do seio do mar, em frente da foz do Lima. O caes de Vianna do Castello, além da sua importancia para o porto como obra hydraulica de mui solida construcção, é um passeio lindissimo, e de muito trafego commercial, porque em umas partes dão-lhe animação os navios e embarcações de cabotagem, recebendo e descarregando generos do paiz e do estrangeiro, para a alfandega, que se acha proxima ao rio; em outras partes é o commercio interior que faz o movimento, trazendo continuamente ao caes muitos barcos da navegação do rio, carregados de productos industriaes, e de passageiros. A cidade prolonga-se em todo, ou quasi todo o seu comprimento com este caes, correndo de leste para oeste, mas deixando grande espaço de terreno livre entre as casas e o Lima. Além do *Passeio publico* aformoseiam o caes outras plantações de arvoredo, e chafarizes com certa elegancia de fórmas, d'onde as embarcações fazem aguada. (*Archivo Pittoresco*).

VICENTE (Gil). «No glorioso periodo da nossa historia que abrange o reinado de D. Manoel até meiado o de D. João III, floreceu em Lisboa o nosso Gil Vicente, por seus contemporaneos chamado o Plauto Portuguez. As noticias que á posteridade chegaram sobre seu nascimento e parentela são extremamente escassas e obscuras. De seus paes se diz que eram de illustre extracção; a respeito do lugar e anno de seu nascimento nada se sabe com certeza. Assim como já coube em sorte a muitos varões illustres, varios lugares tem sido mencionados como sua patria. Guimarães, Barcellos e Lisboa disputam entre si esta honra. A época porém d'este acontecimento se póde fixar no principio do ultimo quartel do XV seculo. Mas, ou o nosso poeta fosse realmente nascido em Lisboa, ou da provincia tivesse vindo frequentar a universidade, que então se achava na capital, uma passagem de suas obras nos induz a crêr que elle já vivia n'esta cidade no reinado de D. João II, isto é, antes do anno de 1495; pois fallando d'este grande rei no seu primeiro auto, na figura de pastor Gil, diz, recordando-se elle:

> Conociste á Juan domado,
> Que era pastor de pastores?
> Yo lo vi entre estas flores
> Con gran hato de ganado,
> Con su cayado real.

«Seus paes, ou por lhe quererem dar uma educação liberal, ou por o destinarem a uma solida e proveitosa profissão litteraria, o pozeram na universidade, dedicando-o ao estudo do direito civil. Porém Gil Vicente, dotado liberalmente pela natureza de uma vivissima imaginação e de um

espirito eminentemente poetico e jovial, depressa se enfastiou da escabrosa aridez da jurisprudencia, e abandonou — se com quebra de seus interesses materiaes, talvez com vantagens para a sua fama — estudos que lhe poderiam ter extenuado em principio o brilhante engenho que trouxe seu nome á posteridade. Se esta deserção teve lugar ainda em vida de seu pai, ou se, como aconteceu a um celebre contemporaneo italiano, a morte d'elle o lançou decididamente no commercio das musas, sua natural vocação, não sabemos. Talvez que a estima que seus talentos poeticos lhe grangearam na côrte, não influisse pouco para esta sua feliz resolução. Com effeito elle mesmo ou seu filho Luiz, seu primeiro editor, nos conservou em suas obras a historia de seus primeiros ensaios dramaticos, que parece favorecer esta conjectura. A rainha D. Beatriz, mulher de D. Manoel, tendo ficado mui agradada do monologo que Gil Vicente, no caracter de pastor, foi recitar na sua mesma camara, onde ainda se achava de cama, de parto do principe D. João, depois D. João III, congratulando-a pelo feliz nascimento do herdeiro da corôa, lhe pediu, esperando talvez que o poeta mudasse as settas em grelhas, que em dia de Natal lhe repetisse aquella mesma composição, endereçada ao nascimento do menino Deus. Gil Vicente julgou dever satisfazer ao pedido com mais propriedade e compôz para esse dia o primeiro auto que se acha nas suas obras de devoção. Temos pois que os primeiros ensaios dramaticos do nosso poeta datam de 1502, anno em que nasceu D. João III. Desde então vêmos sua musa em constante actividade em semelhantes occasiões, durante os dous reinados de D. Manoel e de seu successor, não havendo festa de anno, de nascimento ou casamento de pessoa real, para cujo esplendor não contribuissem os brilhantes talentos de Gil Vicente.

«Foi durante o ultimo d'estes dous reinados que a fama do nosso poeta cresceu a ponto, que, como observa um litterato allemão, não havia por esse tempo em toda a Europa poeta comico mais afamado nem mais querido dos seus, do que o poeta portuguez. Porém não sómente em Portugal se admirava Gil Vicente; o seu nome já corria pelos mais cultos paizes da Europa. Na verdade, se os louvores recebem valia da authoridade da pessoa que os dá, nenhum poeta n'esse tempo podia gloriar-se de seus successos dramaticos como aquelle a quem Erasmo deu o primeiro lugar entre os comicos modernos. Este grande restaurador das letras, occupado como estava com os mais serios e multifarios trabalhos litterarios, não julgou perder o tempo que applicou ao estudo da lingua portugueza, o que sómente emprehendera a fim de completar o prazer que uma imperfeita intelligencia das bellezas de Gil Vicente lhe tinha causado.

«Em quanto a fama do nosso poeta corria entre os litteratos estrangeiros, em Portugal a inveja, desprezivel paixão d'almas ineptas, mas presumidas, disputava a Gil Vicente a honra da invenção de suas peças; e como acontece quasi sempre com tão miseraveis creaturas, defraudavam seu compatriota d'esta gloria para a concederem a estranhos, accusando-o de furto litterario; como se quizessem afastar para longe de si o brilho do merito superior que os incommodava. Foi este atrevido insulto que deu origem á famosa farça de *Ignez Pereira*, da qual diz o critico que acima citamos, que a ter ella sido composta por Gil Vicente no tempo de Molière, seria uma das comedias de caracter admiradas na Europa. Gil Vicente querendo responder de maneira que de uma vez impozesse silencio a seus detractores e confundisse a inveja, usou de um meio tão novo como efficaz para o seu intento. Achando reunidos seus admiradores e seus zoilos, talvez nos mesmos serões do paço, declara que lhe chegaram aos ouvidos as maliciosas insinuações contra os seus talentos; e para sua desaffronta se offerece a compôr uma farça sobre qualquer assumpto que

seus adversarios lhe propunham. O rifão popular, que ainda hoje voga entre o povo, *antes quero burro que me leve, que cavallo que me derrube*, foi o thema que lhe apresentaram. A engenhosa applicação d'este proverbio, as situações verdadeiramente comicas que se encontram n'esta farça, a verdade sempre sustentada com que pinta os caracteres de Ignez, de Pero, e do escudeiro; a naturalidade, graça e fluencia do dialogo, o inimitavel sal, a elegancia de estylo, a musica harmonia da versificação, formam a mais victoriosa resposta que jámais escriptor, em iguaes circumstancias, deu a seus zoilos.

«Não era o talento poetico o unico que Gil Vicente possuia. Não só, como se verá em alguns lugares de suas obras, cumpunha elle a musica das folias e cantigas que introduzia em suas peças; mas, como o celebre Molière, reunia ao talento de author o de actor.

«O anno em que falleceu Gil Vicente se ignora. O abbade Diogo Barbosa diz que elle morrêra *antes* do anno de 1557 em Evora, para onde tinha acompanhado a côrte. É claro que o author da *Bibliotheca* se funda em que, estando Gil Vicente, como diz seu filho Luiz, a colligir as suas obras, com tenção de as dedicar a D. João III, quando a morte lh'o não consentiu levar a effeito, devia elle ter fallecido antes d'este rei, que morreu n'aquelle anno. Se porém se considerar que Gil Vicente já em 1531 se achava *mui visinho da morte*, e que a ultima composição sua é de 1536, parecerá demasiado vaga a época apontada por Diogo Barbosa. Com effeito que motivo impediria o poeta da côrte de continuar a divertir seus reaes patronos desde 1536, quando até então as suas producções eram quasi annuaes, muitas vezes duas e tres por anno? É provavel que Gil Vicente não sobrevivesse muito a este anno, realisando-se assim os seus presentimentos e contando pouco mais de sessenta annos de idade.» (Gomes Monteiro).

VICIOS. Tanto devemos amar a virtude, quanto aborrecer o vicio. — Os vicios entram na composição das virtudes como a peçonha na dos remedios, a prudencia os tempera, e d'elles utilmente se serve contra os males da vida. — Quando os vicios nos deixam, então nos jactamos de que os deixamos. — O que muitas vezes nos embaraça o entregarmo-nos a um só vicio, é o termos muitos. — Cada vicio tem apparencias da sua contraria virtude, que lhe serve de mascara, com que os homens impunemente satisfazem os seus desejos. — Os que querem ser vistos no theatro do mundo ou hão de ter grandes virtudes, ou grandes vicios. — Louvam-se as maximas do philosopho, approvam-se os preceitos do moralista, attendem-se os conselhos do prégador, e os vicios dos homens contra a philosophia, e moral, e religião atropellam as mais poderosas persuasões. — A maior parte dos homens são menos viciosos por seu proprio temperamento que pelo de outrem. — Ha uns vicios que só com a idade se emendam; o mais que póde a moral é fazel-os menos insupportaveis até que o tempo os extinga. — Por mais costumados que estejamos aos defeitos dos homens, sempre é novidade para quem reflecte vêr ursos sem o seu furor natural entre homens tão inhumanos. — Os maiores vicios só se acham nos maiores homens por que os ordinarios não tem meios para ser viciosos mais que até certo ponto. — Quasi todos os homens sabem arrepender-se dos seus vicios, porém poucos emendar-se d'elles. — O vicio mais prejudicial é o que tem capa de virtude. — Igualmente é vicio não crêr nada, que acreditar tudo.

VIDA HUMANA. «Toda a vida humana por mais religiosa que seja, se não trouxer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrellas, é republica sem lei, é labyrintho sem fio, é armada sem farol, é exercito sem bandeira; em fim, é vontade ás escuras sem luz do entendimento que lhe mostre

o mal e o bem, e lhé dicte o que ha de querer, ou fugir. Que lugar mais religioso e mais santo (para que não vamos mais longe) que este mesmo côro? Que exercicio mais agradavel a Deus que a oração e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõe o officio divino dictadas pelo Espirito Santo? Que compostura, que modestia, que harmonia do canto, que pausas do silencio, que retrato de um côro de anjos no céo, como este na terra? E bastará toda esta união de pessoas, de vozes, de corações para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Se os olhos não estiveram postos no fim para que elle nos creou, não bastará. Porque, sendo as nossas orações um dos principaes actos de religião, e nas religiões o mais frequente, não só de dia, mas de noite; se n'ellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes, em lugar de fazerem harmonia, offenderiam os ouvidos, e seriam dissonancia, confusão e tumulto.» (Padre Antonio Vieira).

VIDRO. Parece na verdade que a provida natureza quiz prevenir, na copiosa profusão com que diffundiu o quartzo por todo o globo terrestre as grandes vantagens e utilidades que d'ella poderiam vir a perceber algum dia os seus habitantes. Com effeito, quando não reconhecessemos uso algum d'ella no seu estado natural, bastará consideral-a modificada pela industriosa mão do homem com o soccorro do fogo, e dos saes alcalinos fixos debaixo da fórma do vidro artificial, para nos convencer da sem-razão com que a vaidade humana em tudo caprichosa e inconsequente, correndo sempre após de sombras illusorias e chimericas, tem negado a este precioso producto com uma ingratidão indesculpavel a preeminencia dos seus cultos devidos sem duvida antes bem incomparavelmente á immensa fecundidade de tantos bens, que lhe resultam de algumas propriedades do benefico e copioso quartzo do que o esteril esplendor do inutil e raro diamante: objecto por certo só capaz de cevar o luxo e cubiça humana; mas de bem futil e precario valor aos olhos de um philosopho, que medindo sempre a sua estimação pela real utilidade resultante, sabe distinguir sisudamente entre os metaes como fecundo pai das artes o precioso ferro do sempre mesquinho e funesto ouro.

O quartzo pois infusivel per si ao fogo ainda mais forte, como acima temos estabelecido, funde-se todavia muito bem pelo soccorro das affinidades de intermedio ou dobradas, que n'elle exercitam com o calorico ou materia do calor as terras e saes que já indicamos, e muito especialmente os alcalinos fixos. Esta propriedade estimavel é o germen fecundo, que deu origem ao vidro commum: preciosa e feliz invenção, mais filha do mero acaso do que de humanas tentativas fundadas em conhecimentos anteriores e perquirições dirigidas por principios theoricos, se houvermos de acreditar o credulo historiador da natureza, Plinio. Segundo este, pois, somos devedores d'este achado inapreciavel, a uns ignorantes mercadores, que n'uma excursão mercantil atravessando a Phenicia, achando-se em uma das suas mansões, junto ás margens do rio Belo, observaram que a terra corria fundida (naturalmente alcalina) em quanto soffria a acção immediata do fogo, e depois de esfriada ficava vitrificada, isto é, brilhante, semi-transparente, compacta e fragil.

Consta-nos, porém, pelo testemunho de mais antigos authores, e entre elles com especialidade Josepho e Theophrasto, que a arte de fazer o vidro fôra já da mais remota antiguidade conhecida dos egypcios; muito adiantada depois pelos gregos; e levada ao ultimo grau de perfeição pelos romanos; os quaes nos excederam muito em conhecimentos sobre esta parte da chimica applicada, havendo chegado a descobrir os meios de tornar o vidro uma substancia flexivel, ductil, e malleavel.

Se porém virarmos a nossa atten-

ção para considerar este inestimavel producto da arte e da natureza, ainda privado d'esta preciosissima propriedade accessoria, a qual pelo incomparavelmente maior valor e prestimo, que lhe deveria dar para os muitos usos e commodidades de que nos priva a sua fragilidade, tem dignamente merecido todos os esforços desgraçadamente baldados, com que teem tentado até o presente os mais insignes artistas de diversas nações conseguir a gloria de lh'a restituir; ainda mesmo cingindo-nos ás mais que gozamos restantes, a mais leve reflexão é sufficiente para reconhecer n'ellas outros tantos mananciaes de tão importantes e numerosos bens, e utilidades da maior monta para a especie humana, que sem exageração as forças da imaginação cançaram sem duvida a seguir a serie d'ellas em toda a sua extensão, com miudeza.

Para nos concentrar porém o mais que fôr possivel, quem póde deixar de reconhecer a influencia do vidro na illustração do espirito humano pelo adiantamento e perfeição das artes e sciencias mais uteis; ainda sem fallar das vantagens que nos resultam d'aquellas de que privativamente esta substancia faz o sujeito exclusivo, e a materia sujeita? A physica geral e particular, inculta e desconhecida jazeria ainda hoje acanhada na escuridade do seu berço, sem os agigantados passos que tem dado com o auxilio do vidro: auxilio, que com difficuldade se poderá apontar ramo algum da sciencia da natureza, no qual se não reconheça ou directa ou indirectamente manifesto.

VIEIRA (Antonio). Da companhia de Jesus. Nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, e morreu na Bahia de Todos os Santos a 18 de julho de 1697. A biographia de padre Antonio Vieira foi minuciosa e brilhantemente escripta pelo douto bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, fundamentada nos bons alicerces que o padre André de Barros deixára cimentados. Igualmente contribuiram para o esclarecimento da biographia do insigne orador Pedro José da Fonseca, no *Diccionario da lingua portugueza*, e Francisco Freire de Carvalho no *Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, e o snr. Innocencio Francisco da Silva no 1.º e 8.º tomos do seu valiosissimo *Diccionario bibliographico*. Tendo de optar pela apreciação mais doutamente motivada dos sermões do famoso orador e estadista, escolhemos a do referido bispo de Vizeu que assim se manifesta irrefutavelmente:

«Os sermões de Vieira foram gabados, foram applaudidos com enthusiasmo pelos portuguezes contemporaneos, na America, no reino e em Roma. Se a propriedade e vehemencia da sua pronunciação entrava por alguma cousa nas admirações dos ouvintes, se era um dos motivos, que lhe chamavam os concursos innumeraveis, que deram occasião a se fazer de tamanho alvoroço quasi um proverbio; tambem é verdade, que quando se entregaram á mera leitura pela imprensa, o prestigio durou, e a voz do louvor não foi menos dilatada ou menos encarecida. Ainda que os seus defeitos agradavam ás orelhas mais cultas do tempo, certo que não era possivel, que meros defeitos ganhassem votos tão geralmente e com tanta constancia: nem ha, nos seculos mais infelizes, um exemplo de louvor tão alurado e tão largo, sem que alguma, ou algumas virtudes eminentes sustentassem o falso luzimento dos vicios. Que será, se reflectirmos, que em tempos de gosto menos defeituoso tem sido aquelle louvor pelos juizes mais competentes e mais inteiros confirmado em grande parte? E este é innegavelmente o caso; por mais que a paixão o tenha querido representar por contrario modo.

«Por isso mesmo que a Vieira faltava a imaginação já forte, já pittoresca e formosa, que tudo anima, que tudo torna interessante ou agradavel, tambem lhe faltava, das disposições para a consummada eloquencia, o dom de mover os affectos vehementes, de tocar com brandura o coração, de deleitar a phantasia com cô-

res esplendidas, e com bem oratoria cadencia o ouvido dos circumstantes. Em tudo isto era o seu talento muito inferior, como já insinuei, ao de Marco Tullio. Não ha que procurar nas orações de Vieira o impeto das catilinarias, o pathetico da miloniana, a brandura ethica da defeza de Ligario, as brilhantes côres da de Archias poeta, e finalmente a cadencia numerosa de todas as do orador romano. Na força porém de convencer, na solercia de refutar, na variedade e verdade das sentenças, no sal de grande parte das facecias, na viveza e claridade de estylo, não podia ir Cicero, nem certamente foi, adiante de Vieira. E pelo que toca á viveza de estylo, não póde negar-se, que a do ultimo é muito maior, e por isso mais natural e mais apta para produzir illusão e ajudar o convencimento, que a do primeiro; o qual de ordinario emprega longos tratos do mesmo theor, que agitam pouco, e que sabem mais á composição e estudo, d'onde lhes procede o convencerem menos. É certo que ou a extravagancia, ou a exageração das empresas de Vieira, diminuem muito o poder da sua viveza de estylo para a convicção; mas deixamos agora a realidade do effeito, e consideramos sómente a faculdade de o produzir.

«Ainda nos sermões, a que cabe maior censura, poucos são os que não offerecem um ou outro pedaço insigne, de que se infere com magoa o que podia fazer, mas que não fez, aquelle feliz engenho. Os exordios pela maior parte ganham attenção, pela substancia do que se faz esperar, declarada com grave comedimento. As proposições são breves e claras, sem o affectado, que desfigura as dos melhores prégadores de França, e se repara ainda mesmo nas de Cicero. As occasionaes narrações são todas perfeitas na brevidade completa, na clareza, na opportunidade: nem as das verrinas, tão celebradas e tão merecedoras de o serem, as excedem n'estas virtudes; se bem que deleitam mais pelo brilho maior da formosa imaginação de Tullio. As conclusões dos discursos de Vieira são quasi todas gravissimas e bem proprias da mais sisuda concionatoria christã.

«Cançado o leitor e indignado de empenhos vãos, de provas arrastadas, de interpretações violentas, respira, recreia-se com a seria e arrazoada religião dos paragraphos finaes, e diz comsigo mesmo: *porque não se valeria em tudo do seu bom juizo este orador?* Em certos sermões (porém poucos) se valeu com effeito d'este bom juizo em quasi tudo. Distinguem-se particularmente os chamados de moral; em que penetrado da importancia da materia, despreza meios improprios, e emprega o seu talento, como entendido pregoeiro do Evangelho. Se n'este caso mal se póde ainda tratar de orador consummado, merece todavia o valioso titulo de bom orador; e se n'estes mesmos fosse mais acabado e em todos os outros fosse igual o desenho e a execução, nada teriamos, n'esta parte, que invejar ás outras nações modernas; antes o que algumas nos ganhariam na pompa e esplendor, lhes ganhariamos na solida gravidade da eloquencia.»

Indicamos de passagem estes exemplos de má escripta que em uma leitura perfunctoria annotamos á margem do nosso exemplar: *Christo espremido no lagar da paixão* (XIII, 239). *Linguas tremulas* (as estrellas) (XV, 337). *Lisonjear* as orelhas *com a harpa* (I, 536). *Orelhas* n'este sentido é gallicismo. *Sahir da madre a paciencia divina* (VII, 255). *Mais ainda que infinitamente* (X, 158). *Mastigar a morte os enfermos* (XI, 364). *Mentir mentira* (IV, 309). *Muito dignissimos* (II, 364). *Muito mais melhor* (VI, 537). *Muito peor que pessima.*

VIENNA. (Veja AUSTRIA).

VILLÃO. (Veja FEUDALISMO).

VINHA. «Para as vinhas ha de ser a terra dôce, de bom sabor, onde nasçam aguas dôces.

«Tambem é boa terra para vinhas aquella que crear bem as arvores ou

plantas caseiras que se conservarem verdes, frescas e de grossos troncos. Tambem é boa a terra grossa e substancial, solta e não pesada; as terras que por cima teem areia e debaixo barro, tambem são boas.

«A que com o calor do verão se abrir muito não será boa para vinhas, porque o sol que entra pelas fendas lhes seccará as raizes: tambem é má terra a que tiver vinha velha já perdida, se não se lhe arrancarem as raizes velhas que impedem o pegarem os novos bacellos e crearem bem.

«Em quanto aos sitios, nos plainos e varzeas as vinhas dão mais fructo que nos altos, porém o vinho dos altos e terras montuosas é de mais dura e melhor do que o dos valles; as vinhas que estão direitas ao nascente na meia ladeira dos montes, dão mais vinho do que as que estão fronteiras ao meio dia, mas o vinho d'estas é melhor pela uva ser mais madura e não apodrecer tanto como nos valles.

«Conforme a qualidade das vides se elegerá o terreno para se plantar a vinha, por quanto nem todo o vidonho fructifera da mesma sorte em todo o terreno.

«O que quizer plantar vinha ou outro qualquer arvoredo, ha de escolher para plantar a melhor planta e da melhor casta que podér ser.

«Assim mesmo esteja de aviso que nunca ponha a vinha de uma só casta de vidonho; e repartida a terra porá em cada parte d'ella muitos vidonhos juntamente d'esta ou d'aquella casta, porque uns querem poda cedo, outros mais tarde: por quanto assim fica melhor para os podadores; e nem toda a terra é capaz dos mesmos vidonhos.

«O terreno para vinhas deve ser o melhor que podér ser, cavada e limpa a terra de raizes, assim de grama como de outras hervas e pedras, de sorte que fique limpa, igual e bem cavada.

«O plantar das vinhas seja de bacello; advirta-se que se o lugar fôr alto e secco e a terra enxuta, farão as covas fundas de uma vara e terça, e não mui apartadas umas das outras; se o sitio fôr lugar baixo e humido, serão as covas mais apartadas umas das outras, e de quatro palmos de fundo.

«Umas e outras covas serão mui largas, porque lançarão tantas raizes quanto fôr a largura da cova; bom será que se abram um anno antes para que embebam bastante agua.

«Porão cada bacello com seu unhamento velho, cada um de per si em cada cova, entortando-o primeiro ao pôr, e se cobrirá todo de terra, não só o que tiver a vide de velho, mas tambem parte do vidonho novo; d'esta sorte crescerá brevemente e não se perderá.

«Se a terra fôr fria, lancem-lhe um pouco de esterco bem cortido envolto com a terra; se fôr mui rija, misturarão com ella algumas alcofas de areia, e lancem-lh'a ao pé da vide; se a terra fôr frouxa ou arenosa, lancemlhe barro branco ou vermelho na cova, como fica acima dito; o melhor será lançar-lhe boa terra do que barro.

«Convém que ao lançar da terra na cova apertem com a vide que se põe e como as mais arvores, por quanto assim lança raizes mais cedo e não a abala e desarraiga o vento.

«Se a terra onde se planta a vide fôr secca e quente, não acabem de cobrir de todo a cova, para que quando chova possa receber a agua e embebel-a em si; se a terra fôr humida e fria, cubram de todo a cova até que fique igual com a outra terra.

«Os bacellos que plantarem para os não disporem em outra parte, os devem escavar de dous annos por diante, cortando-lhes as raizes que lançam á flôr da terra.

«Nas terras seccas e quentes se podem pôr as vides no inverno, quando se lhes acabar de todo a folha; nas terras frias e humidas se deve pôr o bacello na primavera, quando queira brotar, e não antes, porque então está a vide mui substancial; em fevereiro se poderão tambem plantar, advertindo que não faça no tal dia muita calma, nem muito frio, nem vento soão, nem nordeste, e seja em crescente de lua.

«Não plantem as vides junto a loureiros ou avelleiras, nem junto a verças ou rabãos, por serem oppostos ás vides e se seccarem.

«Em acabando de pôr as vides se lhes porão paus de castanho, freixo, pinho ou amendoeira para as sustentarem, por ser madeira mais rija: de nenhuma sorte sejam paus de loureiro ou avelleira, como acima fica dito.

«Os que atarem a vide aos ditos paus ou arvores, não a apertem muito, nem com cousa dura que a córte. Dous são os tempos convenientes em que isto se póde fazer, ou antes que a vinha brote, ou em se acabando de podar.

«Todo o parreiral ou vide que está armada sobre madeira quer terra humida como substancial, e se porá a distancia de vinte ou quinze pés.

«Junto a arvores de fruta se não ponham parreiras, por quanto deitarão a perder as arvores com as suas tesouras e rama; e subam no armar as taes parreiras á altura de um homem, e quando as plantarem façam-lhes as covas bem fundas.

«O escavar é apartar a terra das raizes ao pé de cepa ou outra qualquer arvore: façam-lhe cova para que a cepa tome agua bastante no tempo do inverno: esta diligencia se fará todos os annos, para que o podador deixe a vide limpa de raizes que lhe nascem por baixo.

«O mesmo se fará ás arvores para que assim se não enfraqueçam, ponham força nas raizes que estão fundas na terra, e se não percam as arvores ou vinhas com o calor do estio.

«As vinhas sendo velhas se podem podar antes do inverno em lhes cahindo a folha, em qualquer quarto de lua, porque então não chora a vide, e se refará de madeira necessaria; porém as vinhas novas se podarão sempre em fevereiro em minguante de lua; por quanto assim darão mais fructo e chorará menos a vide.

«Em tempo de regelos se podará, e por isso quando se poda em janeiro ou fevereiro em dia quente, ou alto, no que se attenderá sempre ao sitio em que está a vinha e á casta do vidonho, para assim cortar mais ou menos madeira, procure o podador podar de sorte que fique igual peso á cepa na producção dos fructos, alimpando muito bem a vide e cortando todo o velho que fôr necessario; para o que o senhor da vinha eleja sempre os bons podadores.

«O enxertar das vinhas deve ser na primavera, de fevereiro até ao fim de março: os modos da enxertia são diversos, como tambem os agricultores; cortando-se a cepa junto á terra, a qual cepa esteja sã, e não carcomida, a enxertarão de garfo que é o mais seguro, atando com algum pano á roda a enxertia para que o vento a não mova.

«O cavar as vinhas deve ser em fevereiro, e se a terra fôr rija, se cavará duas ou tres vezes com cava funda, e de montão, e no fim de abril se aplanará a terra toda; arrancando toda a grama que houver ao pé das cepas, porque as enfraquece muito.

«Paladio diz que perece toda a grama se cavarem a vinha com enxada de cobre temperada com sangue de bode; que é mui singular remedio metter porcos nas vinhas no tempo do inverno, para que comam a grama e mais raizes de hervas com a força.

«Quando fizerem regelos não se cavarão as vinhas, por quanto as escaldarão, e sempre a cava deve ser em minguante de lua.

«As terras grossas e de substancia ou quentes e seccas não necessitam de esterco, porque lhes fará mais damno que utilidade, e sómente se lançará ao pé da cepa quando a vinha estiver plantada em terra fraca ou arenosa, o que se fará em todo o mez de janeiro, e o esterco seja bem cortido e de annos.

«Todo o esterco de gados dura cinco ou seis annos, e não ha mister tornar a estercar a terra; quando o lançarem seja na cova que fizerem ao pé da cepa com a escava.

«Em quanto ao desparrar as vinhas, se entenda que será em grande proveito da cepa e das uvas; das uvas, por quanto amadurecem melhor, e da cepa, porque cobrará mais força; isto

se entenda sendo a vinha forte e tendo muita folhagem; o deitar cepas de cabeça se poderá fazer em janeiro.

«Antes de chover, quando a uva não estiver demasiadamente madura, se colherão os cachos que estiverem sãos, dôces e rijos, se pendurarão as resteas onde corra vento de uma parte á outra, ou se porão sobre palhas de centeio postas sobre taboas.

«Para se passar se colherá a uva da mesma sorte em agosto em minguante de lua, se escolherá a grada e limpa antes de chover, e se deitará ao sol sobre esteiras de funcho; estando passada de uma parte se voltará da outra.

«Tambem se póde passar por um forno morno, e seccal-a depois ao sol; ou preparar uma lixivia forte com cinza e cal, e passar por ella quando está fervendo, os cachos collocados em grandes caços de ferro, que depois se estendem ao sol em caniços.

«A vindima se fará a tempo conveniente da lua temporã ou serodia, conforme a qualidade da terra ou dos sitios, em setembro e outubro; e se se fizer a vindima em crescente de lua será mais o mosto, porém menos seguro o vinho que n'elle se fizer.

«A vindima se ha de fazer depois de lavadas mui bem as pipas, ou pesgados os potes, aos quaes se dará mecha; colher-se-ha a uva quando estiver bem madura, clara e ruiva, bem dôce, e os cachos se alimparão de todo o podre, passa e verde que n'elles houver, ou uvas pedradas.

«Quem pisar a uva seja homem e não mulher, o qual será de boas forças e com os pés bem limpos; o cozer do mosto sem casca faz melhor vinho do que cozido com a casca, e isso no vinho, supposto o conserva, queima o figado e estomago, cria pedra e areias nos rins, causa falta de respiração e faz sêde.

«Em quanto ás adegas se advirta, que estejam situadas em partes frias ou abobadas onde corra vento norte, e que as vasilhas de madeira lavadas muitas vezes com agua do mar fazem melhor vinho do que as de barro, porque a agua do mar conserva o vinho e tira o mofo das pipas; estas se perfumarão primeiro com herva dôce.

«O cozer no mosto peros ou camoezas e lançal-os no vinho depois de claro o conserva muito; o mesmo fazem as folhas de rosa depois de seccas; outros lhe lançam da mesma sorte gengibre, canella ou cravo do Maranhão, pisados.

«O vinho branco se fará tinto deitando-lhe o mosto que se faz da uva preta a que chamamos tinta, e do tinto se fará branco (segundo Aristoteles) se ao cozer do mosto lhe lançarem oregãos ou uvas passadas.

«Para a conservação do vinho o principal é boa adega, boas vasilhas, e estas bem attestadas; em cima se lhe lançarão algumas especies cheirosas de bom aroma; não tenha a adega janella para o soão, e fecharão a que estiver para o norte de inverno; quando trasfegarem o vinho seja em dia claro, e lhe deitarão cascas de laranja ou peros atados em um pano, de sorte que os possam tirar passados alguns dias. Feitos em postas arratel e meio de grãos untados com azeite e cozidos, fazem dôce o vinho azedo.

«O vinho para guardar seja do meio da talha ou pipa; por quanto (como diz Macrobio) do azeite é melhor o de cima, do vinho o do meio, do mel o de baixo, com tanto que não seja a fundagem do pote.

«Os vinhos de terras arenosas são de mais dura; conservar-se-ha o vinho lançando-lhe em cima algum azeite, e guardando-o do vento soão, porque quando este sopra se mudam os vinhos como tambem ao rebentar das vides. O vinho moderado conserva a saude e forças.

«O vinho tinto diz Plinio que é bom para as pessoas enxutas, como são os colericos, e alguma cousa sanguineos; d'este podem beber os gottosos; o branco é bom para as pessoas humidas, como são os fleugmaticos, e para os que tiverem pedra ou forem melancolicos.» (Veja FERMENTAÇÃO).

VIRGILIO. O maior poeta dos romanos, nasceu em 15 de outubro, 70 annos antes de Jesus Christo, em An-

des (*Pietola*), aldeia contigua a Mantua, na Gallia Cisalpina. O pai de Virgilio possuia, provavelmente, pequeno casal que cultivava: chamou-se Maia sua mãi. Foi educado em Cremona e Milão, e vestiu a toga viril em Cremona, em 55, no dia em que começava o seu decimo sexto anno. Diz-se que mais tarde estudou em Napoles, com Parthenio, oriundo de Bithynia, que lhe ensinára a lingua grega. Tambem se leccionou com o epicurista Syron, provavelmente em Roma. Provam as obras de Virgilio que elle foi doutamente educado, e lá transluzem ensinamentos epicuristas. Terminada a sua educação, parece que Virgilio se retirou á casa do pai, e ahi escreveu alguns dos poemetos que se lhe attribuem. Quando as terras foram divididas pelos soldados depois da batalha de Philippes (42), Virgilio ficou sem nada; mas pôde rehaver o que tinha, por ordem de Octavio. Crê-se que Virgilio escrevera a ecloga que primeiro apparece em nossas edições, em testemunho de sua gratidão a Octavio. É de presumir que Virgilio só conhecesse Mecenas depois de haver escripto as *Eclogas*, pois que não é mencionado n'ellas. A sua mais perfeita obra é o poema das *Georgicas* (*Georgica*) escripto a pedido de Mecenas (*Georg*. III, 41), e foi terminada depois da batalha de Actium (31 annos antes de Jesus Christo), quando Octavio estanceava no Oriente. A *Eneida* foi ao que parece objecto de longo estudo para o poeta. Augusto em quanto estava em Hespanha (27) escreveu a Virgilio exprimindo-lhe o desejo que tinha de vêr algum monumento do seu talento poetico. Parece que Virgilio principiou a *Eneida* n'esta época. Em 23, morreu Marcello, filho de Octavia, irmã de Cesar, por seu primeiro marido, e, como Virgilio não perdia lanço de agradar ao seu bemfeitor, introduziu no 6.º livro da *Eneida* (883) a mui notoria referencia a esse mancebo arrebatado precocemente. Morreu Virgilio em Brindes aos 22 de setembro do anno 19, quando ia acabar os 51 annos.

VIRTUDE. A virtude é um habito de viver consoante á razão; e, sendo a razão a principal parte do homem, segue-se que a virtude é o supremo bem que o homem póde haver. Só a virtude tem o distinctivo de não poder ser exercitada com abuso; porque deixa de o ser logo que o uso que se fizer d'ella fôr mau. As virtudes que se alardeiam são vãs e falsas virtudes.» (Bossuet). — «Aos olhos da religião, a virtude é o triumpho habitual da vontade sobre nossas ruins propensões; é tambem a saude da alma conservada pela innocencia ou restaurada pelo arrependimento. Se o homem, succumbindo, prova sua fragilidade, ao erguer-se da queda, prova sua virtude.» (Descuret). — *Não faças a outrem o que não queres que te façam.* Da observancia exacta e rigorosa d'esta maxima resulta a probidade. *Faze a outrem o que desejas que te façam:* eis aqui a virtude. A probidade quasi que é inactiva; a virtude opéra. — «Quanto mais virtuoso é o homem, menos vaidade tem de o ser, e mais se persuade que apenas faz o que deve. As virtudes não assoberbam.» (Duclos). — «As virtudes são virtudes em quanto refluem á sua origem, isto é, a Deus. — Ha virtudes de posição que se classificam facilmente em virtudes de generalidade, e que apenas são resultados locaes.» (De Chateaubriand).

As uniões da virtude devem ser mais estreitas que as do sangue, sendo mais semelhantes os homens pelos costumes, que os filhos aos paes pelo semblante. — As nossas virtudes pela maior parte não são mais que uns disfarçados vicios. — Maiores virtudes são precisas para conservar a boa fortuna, que para supportar a adversa. — Perdem-se as virtudes no interesse como os rios no mar. — De todas as nossas virtudes se póde dizer o que da honestidade das mulheres disse um poeta italiano, que muitas vezes não é outra cousa mais que uma arte de parecer honestas. — Esconde as tuas virtudes da mesma sorte que o vicioso esconde os vicios. — É preciso concordarmos para credito da virtude em que as maiores infeli-

cidades dos homens são aquellas em que cahem pelos seus vicios. — Nem todos os viciosos se desprezam, mas despreza-se todo o que tem alguma virtude. — Parece que a natureza prescreveu para cada homem desde o seu nascimento limites para os vicios, e virtudes. — O que o mundo chama virtude é de ordinario um phantasma das nossas paixões a que se dá um nome honesto para impunemente fazer cada um tudo o que quer. — Não iria muito longe a virtude senão a acompanhasse a vaidade. — Por peores que os homens fossem não ousariam declarar-se inimigos da virtude, pois quando a querem perseguir, fingem capacitar-se, que é falsa, ou lhe suppõem crimes. — Póde em si proprio achar o homem o principio de todas as virtudes, que póde praticar sem soccorro de livros ou philosophia. — Os homens mais virtuosos nem sempre igualmente o são; ha nos costumes do homem, como nas estações do anno, uma continuada vicissitude. — As maiores virtudes perdem a sua estimação se com o véo da modestia se não cobrem. — Por maior que seja a virtude, sempre vive arriscada entre a pobreza, e este sem duvida foi o motivo por que Salomão pedia a Deus que lhe não désse nem pobreza, nem riqueza.

VIZEU. «Acha-se esta cidade no coração da provincia da Beira-Alta, da qual é capital. Tem por assento um terreno elevado, mas plano, a oeste da serra da Estrella. Fórma um triangulo com as cidades da Guarda e de Lamego, distando da primeira onze leguas para oeste, e nove da segunda para o sul. Treze leguas para éste fica a cidade de Coimbra. Corre o rio Vouga a meia legua dos seus muros para a parte do norte; e a quasi igual distancia para o lado do sul passa o Mondego.

«A muita antiguidade de Vizeu tem dado occasião a misturarem-se com a sua historia tantas fabulas e incertezas, que não ha atinar com a verdade.

«Proximo de Vizeu, em lugar baixo, existiu uma cidade da antiga Lusitania, na qual dizem, que fazia a sua principal residencia o grande capitão Viriato, terror das legiões romanas. A opinião mais geralmente seguida dá a esta cidade o nome de *Vacca*, e refere, que assassinado Viriato por traição dos seus, e por industria dos romanos, estes assenhorearam-se com facilidade de toda a Lusitania, e mudaram a cidade de Vacca, que se achava em ruinas, para o sitio em que vemos Vizeu, onde começaram por edificar uma fortaleza, da qual permanecem duas torres. É objecto de muitas duvidas o nome que lhe pozeram na trasladação. Querem uns que continuasse a chamar-se Vacca; outros *Verurium*, e outros ainda *Vico Aquario*, ou *Viso*.

«Deixando os antiquarios discorrendo e enredando-se n'este escuro labyrintho, começaremos a historia de Vizeu em tempos menos remotos, e de que ha noticias mais positivas.

«Esses tempos, a que alludimos, são os seculos V e VI da era christã, em que a cidade de Vizeu, sob o dominio dos reis suevos, já desfructava as prerogativas de séde episcopal, suffraganea do arcebispado de Braga. Parece que então se chamava *Viso*. No seculo X era este o seu nome, o que consta de escripturas authenticas do anno de 925, nas quaes figuram como senhores da cidade Huffo Huffes e D. Tareja. D'aquelle nome, pois, se derivou o actual.

«Na invasão dos arabes teve esta cidade a sorte de quasi toda a peninsula, recebendo a lei dos agarenos.

«Todavia não gozaram os invasores por muitos annos a posse pacifica d'esta sua conquista. Os reis das Asturias e de Leão não tardaram a disputar-lh'a. N'essa prolongada luta cinco vezes foi presa dos infieis. No primeiro quartel do seculo X teve ahi a sua côrte D. Ordonho II, rei de Leão. Depois, em 982, tornou ao poder dos mouros, capitaneados pelo terrivel Almansor.

«No anno de 1027 pretendeu recuperal-a el-rei de Leão, D. Affonso V, e veio pôr-lhe cêrco á frente de um poderoso exercito. Morrendo, porém, este soberano de um tiro de setta, dis-

parado das muralhas, mallogrou-se a empresa. Passados poucos annos, seu genro, el-rei D. Fernando, *o Magno*, resgatou e firmou para sempre na fé christã a cidade de Vizeu em 28 de junho de 1038, e expulsou os serracenos de todo o paiz comprehendido entre o Douro e o Mondego.

«N'esta guerra ficou a cidade tão arruinada e despovoada, que resolveu el-rei D. Fernando transferil-a para outro sitio. Dizem que se dera principio á nova povoação na *cava de Viriato*, assento da antiga *Vacca*, cujo nome aquelle soberano pretendia tambem fazer reviver. Mas isto não passou de uma tentativa. Vizeu foi reedificada e povoada de novo, permanecendo no mesmo local.

«Entrou esta cidade no dominio do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza nos fins do seculo XI. Esta soberana, sendo já viuva, habitou por vezes n'ella, e lhe deu foral em 1125, cujo autographo se conserva ainda no archivo da camara.

«El-rei D. Affonso Henriques concedeu-lhe novo foral, que foi confirmado por seu filho, D. Sancho I, no anno de 1187.

«Durante o tempo em que reinaram os nossos reis da dynastia Affonsina, não se passou em Vizeu acontecimento algum digno de memoria. Á sua situação, afastada da fronteira, deveu vêr-se livre das devastações da guerra em toda essa porfiosa luta, que a monarchia novel sustentou contra os mouros.

«Esta circumstancia foi causa, sem duvida, de que se descurasse a conservação das antigas muralhas, que, damnificadas por occasião da tomada da cidade por el-rei D. Fernando, *o Magno*, por tal fórma se foram arruinando, que nos fins do seculo XIV estavam inteiramente derrocadas. D'isto resultou uma grande desgraça para Vizeu.

«Derrotadas as tropas castelhanas na batalha d'Aljubarrota, no dia 14 d'agosto de 1385, as reliquias d'este exercito, na sua fuga para Castella, dirigiram-se pela Beira, e foram cahir sobre Vizeu, sequiosas de rapina e de vingança. A cidade, aberta por todos os lados, facilmente foi tomada, e em seguida saqueada, e incendiada, sendo passados á espada os seus miseros habitantes.

«O inimigo foi expiar as atrocidades alli commettidas diante dos muros de Trancoso, onde Gonçalo Vasques Coutinho, governador do castello d'esta villa, com a gente que pôde reunir, e D. João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, o combateram e desbarataram, fazendo grande numero de prisioneiros, e apoderando-se de toda a bagagem, que levava.

«A cidade de Vizeu ficou, porém, n'um estado lastimoso. Foram immensas as perdas occasionadas pelo incendio, e pela carnificina.

«Segundo o nosso antigo rifão: *casa roubada, trancas na porta*, pensou-se desde logo em fortificar a cidade. Esta questão foi tratada em côrtes; el-rei D. João I deu-lhe impulso; os habitantes da cidade, e dos suburbios concorreram para a obra; e traçou-se uma cêrca de muros, mais larga que a primeira. Não chegaram todavia a crescer acima dos alicerces. Feita a paz com a Hespanha, esquecido o passado, e descuidado o futuro, parou a obra.

«Nas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1439 requereram aquelles povos o proseguimento das obras da cêrca, o que só conseguiram no reinado de D. Affonso V, concluindo-se as muralhas em 1472.

«Reuniram-se côrtes em Vizeu, reinando D. João I, no anno de 1391, e no de 1419. De ambas existem documentos authenticos, embora não fizessem menção d'ellas alguns authores, que escreveram ácerca d'aquelle reinado.

«O mesmo rei D. João I elevou Vizeu á categoria de cabeça de ducado em favor de seu filho o infante D. Henrique, esse principe magnanimo, que abriu o caminho, e deu vigoroso impulso aos gloriosos descobrimentos dos portuguezes.

«Por morte do infante D. Henrique succedeu no ducado e senhorio de

Vizeu seu sobrinho, o infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Duarte, e irmão d'el-rei D. Affonso v, que lhe fez a mercê. Foi terceiro e ultimo duque de Vizeu, D. Diogo, filho primogenito do dito infante D. Fernando. Sendo assassinado D. Diogo em Setubal pelas proprias mãos d'el-rei D. João II, seu primo e cunhado, pelo achar cumplice em uma conspiração contra a sua vida, foi extincto o ducado de Vizeu, creando-se o de Beja para D. Manoel, irmão e successor de D. Diogo, e rei de Portugal depois do fallecimento D. João II.

«Apesar de todos os contratempos foi crescendo a cidade, graças á fecundidade do solo, que a cerca, de sorte que no reinado de D. João III tinha-se estendido por fóra das muralhas, contando ahi mais população, que no recinto dos muros.

«As desditas publicas desde a perda d'el-rei D. Sebastião até ao fim da usurpação de Castella, e depois a luta da restauração do reino, actuaram sinistramente sobre a prosperidade de Vizeu, ainda que, pela sua situação, foi das terras que menos padeceu dos effeitos da guerra.

«Melhorou a sua sorte nos reinados de D. João V, de D. José I, e no começo do de D. Maria I, por diversas causas geraes, mas sobre tudo pela maior facilidade das communicações, pois que n'aquella época se restauraram, ou construiram de novo as estradas principaes do paiz.

«Com os tristes resultados das invasões francezas, da partida da familia real para o Brazil, e das nossas revoluções politicas, ficaram as estradas em abandono, e ao passo que se iam arruinando, cahiam em decadencia as povoações do interior. Vizeu chegou a estar quasi incommunicavel com os grandes centros de industria do reino. Entretanto os males provenientes de semelhante isolação tem-lhe sido contrabalançados pelas vantagens, que lhe resultam de ser capital de districto, e de uma divisão militar, e de ter uma feira annual, que é a mais importante de todo o nosso paiz, e que sempre tem sido mui concorrida, apesar dos incommodos da viação. Felizmente esta cidade está quasi entrada em melhores condições economicas. Em breve estará ligada por excellentes estradas a Coimbra, Porto, Lisboa, e outras grandes povoações.

«Vizeu tinha voto em côrtes no velho regimen, com assento no segundo banco. É seu alcaide-mór o snr. marquez das Minas, como herdeiro e representante dos antigos alcaides-móres Silveiras, ramo da familia dos condes de Sarzedas.

«O brazão d'armas de Vizeu compõe-se de um escudo coroado, e n'elle um castello de prata em campo azul, e banhado por um rio. Tem de um lado do castello a figura de um homem em trajos de peregrino, tocando uma busina, e do outro lado um pinheiro. Achamol-o ainda descripto por outro modo, consistindo a differença em se achar sobre as ameias do castello o homem, que toca a busina.» (Vilhena Barbosa).

VOCAÇÃO. «Primeiro que tudo, importa determinar o que desejamos alcançar, que homem devemos ser, e o modo de vida que devemos seguir. Não ha mais difficil determinação. De feito, desde os primeiros tempos da adolescencia, quando não temos experiencia que nos resolva, cada qual elege o modo de vida que mais lhe quadra. Aventuramo-nos, pois, a certa carreira antes de podermos compulsar a que mais nos convem.» (Cicero).

Em deliberação de tanta magnitude, considere cada qual sua aptidão, seu natural e suas posses. Mas, sobre tudo, o que mais urge consultar é o natural: abraçar carreira contra vocação, é arriscar-se um homem a ser toda a vida desgraçado.

Outr'ora, em todas as familias, os filhos seguiam o mister dos paes. Hoje, não é assim. A igualdade nas partilhas repartiu a propriedade; a industria desenvolvida abriu carreiras novas; as velhas mudaram de feição; e a sociedade, modificando-se progressivamente, mediante desco-

brimentos novos, tornou cada vez mais espinhosa a escolha do modo de vida.

Andará razoavelmente quem fôr mais de vagar. No entanto, vocação grande ao trabalho, saber, zelo e probidade, serão pharoes luzentissimos que vos alumiem a vereda. Depois, a experiencia dos que já escolheram. Um jacta-se da escolha feita, porque prosperou; outro lastima-se porque achou estorvos que não previra; este outro que subira de mais, tem de descer; aquell'outro mudou dez vezes de proposito porque imagina achar modo de enriquecer-se sem trabalhar; algum haverá, em fim, que, destituido de ambição, seguirá o officio de seu pai, aperfeiçoando-o, por engenho e virtude, e assim vinga associar a medianos haveres felicidade duradoura.

Taes exemplos, que não desviareis dos olhos, vos farão com certeza reflectir. Quantos mais conhecimentos uteis grangeardes, mais grato vos será o trabalho, mais dôces vos serão as relações sociaes, e facil o meio de as adquirir novas.

VOLCÕES. «A distribuição geographica dos volcões é um assumpto de grande importancia, considerado não só em relação á geographia, mas principalmente pela connexão que os phenomenos volcanicos parecem ter com todos os que se referem á existencia do calor interior do nosso planeta. Os volcões acham-se, geralmente, distribuidos por toda a superficie terrestre. Podem dividir-se em terrestres e submarinos.

«É um facto comprovado por numerosas observações que a maior parte dos volcões se acham situados nas ilhas e nas proximidades das costas maritimas. Ha porém algumas excepções a esta regra. O Jorullo, por exemplo, dista da costa 21 milhas geographicas, o Popocatepetl dista 33, o Lofragoa e o Ararate distam 39 e 40 e os volcões extinctos dos montes rochosos na America distam da costa 160 a 170 milhas. Segundo alguns escriptos chinezes parece tambem certa a existencia de volcões no interior da China, nas montanhas celestes ou Thianschan, distantes da costa 370 a 380 milhas. Na parte central da Asia, ao nordeste da Mandelnezia existe tambem um volcão activo. Nada ha de completamente averiguado com respeito aos volcões activos da Africa central.

«Os volcões esporadicos ou isolados são raros; geralmente existem accumulados em series ou em grupos. Leopoldo de Buch classificou os volcões em volcões centraes e cadêas vulcanicas.

«Os primeiros constituem sempre o centro d'um grande numero de erupções, que se verificam em todas as direcções e por um modo mais ou menos regular. As cadêas volcanicas são constituidas por volcões que existem quasi sempre a pequenas distancias uns dos outros, proximamente na mesma direcção e formando uma, duas ou tres linhas parallelas. Na America existem duas series de volcões cuja direcção é proximamente rectilinea: a serie do Mexico que contém treze volcões e mede de extensão cento e sessenta milhas e a serie do Chili que consta de trinta e dous volcões e cuja extensão é de duzentas milhas. Os volcões de Java constituem uma serie dupla ou formada por duas linhas proximamente parallelas e os da peninsula de Kamtschatka na Asia constituem uma serie tripla. Os volcões submarinos, devem estar, do mesmo modo que os terrestres, relacionados em series ou em grupos, uns com os outros, ou com os volcões terrestres visinhos.

«O numero de volcões conhecidos eleva-se segundo Humboldt a 407, sendo apenas 225 os activos.

«Na Europa encontram-se os volcões, por assim dizer classicos, das costas e ilhas do Mediterraneo, taes como o Vesuvio na Italia, o Etna na Sicilia, o Stramboli e Vulcano nas ilhas Eolias, o Santorino, o Epomeu na ilha de Ischia e os volcões da Islandia taes como o Hecla e o Krable.

«O Etna é notavel pela sua altura; citado por Pindaro, Homero não falla

d'elle na *Odyssea* apesar de fazer aportar Ulysses á Sicilia, o que faz crêr que no seu tempo o volcão não estava em actividade. Stromboli, o volcão central do grupo das ilhas Eolias, lança continuamente chammas desde eras remotas, porém ha dous mil annos que não tem tido erupção propriamente dita.

«Na Asia encontra-se grande numero de volcões. Podem citar-se entre elles o Ararate e Demavend não longe do mar Caspio, e as cadêas volcanicas de Java.

«Na Africa podem citar-se os volcões do mar Vermelho, os do Congo, Angola e Açores.

«Na America os volcões são mais conhecidos que os da Asia e Africa. Existem alguns na terra do Fogo e Patagonia; no Chili contam-se trinta e dous, na Bolivia e Perú meridional oito, na chapada de Quito vinte, sete grandes no Mexico, existindo além d'estes muitos outros na America central, na California e em outras regiões do littoral.

«Nos differentes archipelagos do mar Pacifico encontra-se grande numero de volcões, sendo os mais notaveis os das ilhas de Sandwich.

«Encontra-se tambem grande numero nas costas da Nova Guiné; nas da Nova Zelandia; no oceano Antarctico os montes Erebus e Terror cujas alturas são de 4030 metros e 3745 metros. No oceano Indico podem citar-se os volcões das ilhas Mauricias e os das ilhas de Bourbon e Madagascar, e finalmente no oceano Atlantico encontra-se além dos de Islandia, os volcões dos Açores, de Cabo Verde e os das Canarias.» (O. Telles).

VOLTAIRE. «Não estudei de espaço a vida d'este homem, sem duvida notavel, nem li com attenção profunda todas as suas obras: não ignoro, com tudo, a sua historia, no que é mais capital; e tenho lido boa parte das suas obras, tanto em verso como em prosa. Lisonjeio-me pois de o avaliar ao justo quanto ás qualidades do engenho, quanto ás do coração, quanto ao seu merecimento litterario, e finalmente quanto á influencia que teve, e que terá, em França e em toda a Europa.

«O engenho de Voltaire era certamente agudo, justo, e vasto. Penetrava largamente e com facilidade; julgava, posto em seu natural, com grande acerto; abrangia mais ou menos a todas as materias: e se em algumas se distinguiu pouco, o defeito mais procedeu de falta de empenhada diligencia e assiduidade, que de falta de aptidão. Assim foi eloquente em verso, e não o chegou a ser em prosa: abundava de sal e facecias, e não fez vulto no genero comico. O seu gosto era prompto e seguro. Se as suas decisões alguma vez inculcam o contrario, devem referir-se, não ao seu gosto verdadeiro, mas ao extravio da paixão. E tudo bem considerado, parece-me que não póde negar-se, que possuia engenho raro, e gosto quasi perfeito, se não perfeito inteiramente.

«Mas o fructo, que se podia esperar de tal engenho e gosto, foi atalhado, ou pervertido, pelas más qualidades do seu coração; ou antes por uma só, de que se derivaram todas as outras. O coração de Voltaire trasbordava do desejo mais ardente, e menos escrupuloso, da consideração do genero humano. D'aqui os seus esforços litterarios; e d'aqui tambem a sua inveja, vingança, injustiça, irreligião, e até asquerosa obscenidade. Todo o homem que lhe fazia sombra e o não adulava, tinha em Voltaire, como succedeu a Montesquieu, um inimigo mais ou menos declarado. Todo o que o censurava, quer com fundamento quer sem elle, se tornava objecto do seu odio e vingança implacavel; e para o desaggravo, justiça e injustiça lhe eram indifferentes. Ás facecias irreligiosas rendiam-lhe applausos dos perversos, e estranhezas dos sisudos; não guardava por tanto medida em grangear, pela mesma via, mais applausos de uns, e em combater, insultar, e desacreditar os outros. Para satisfazer, em fim, aquella baixa e demente hydropisia do que tinha por gloria, para captar as esti-

mações e louvores de homens perdidos, que a qualquer animo inteiro causariam horror, não duvidou atolar-se e submergir-se no lodo vil das obscenidades mais grosseiras.

«Do composto infeliz de grande engenho e ruim coração, procedeu um homem de letras, que no genero tragico tocou o primeiro grau, e ainda na poesia ligeira; que mereceu na historia certo louvor; e que em philosophia teve por vezes exactas idéas; mas tambem procedeu o poeta obsceno, o historiador satyrico e pelo menos temerario, o pseudo-philosopho propagador da irreligião e anarchia, cobertas com um véo que dissimulava pouco e incitava muito.

«A real valia, e os mesmos vicios, deram, no tempo, um curso incrivel aos seus escriptos; e lh'o promettem pouco differente no futuro. Influiu, em razão d'isso, no seu seculo, ao ponto que se póde olhar como aquelle, que nas procellas movidas em mil setecentos e oitenta e tantos, teve a parte principal. E pela mesma razão é de crêr, que influirá muito no futuro; pois que não hão de faltar nunca inconsiderados e perversos, que são soldados natos d'este general extraordinario.

«Corrompeu o gosto, porque tocou o termo antecedente áquelle em que principia a corrupção, e accendeu os homens para irem mais adiante: promoveu a impiedade, atacando com furor, e sem reverencia nem juizo, a religião que dominava: tornou a sociedade politica mal segura, tanto por este principio, como por declamação contra as suas instituições, insinuação de dictames arriscados, e empenho de desacreditar por mil modos os governos.

«Foi, em summa, grande poeta tragico, insigne poeta de sociedade, romancista singular, historiador mediano, e orador ainda menos que mediano: e foi litterato sem generosidade, cidadão perigoso, homem imprudente e immoral. Á gloria litteraria da sua patria não fez acrescentamento, porque não escureceu Racine: á sua felicidade e á da Europa foi muito prejudicial, porque accelerou, pelo menos, a ruina da que desfructavam d'antes.

«Se de M. Tullio se disse, com muita razão, que sem embargo de suas fraquezas honrou a humanidade; de Voltaire póde dizer-se, com verdade rigorosa, que a deshonrou sem embargo dos seus talentos e escriptos. Ambos tinham grande engenho: e se Voltaire podéra ser aprendiz de Cicero na oratoria; este podéra ser seu aprendiz na poesia. Mas o coração de ambos era muito diverso. Voltaire foi philosopho igualmente agudo; mas muito menos probo: um compoz a *Pucelle d'Orleans;* o outro o tratado admiravel *de Officiis:* um fallou muito em patria e humanidade, fazendo no seu interior pouco caso d'ambas; o outro amou, serviu e salvou a patria, e foi um dos verdadeiros amigos da humanidade. Um e outro eram ardentes amadores de fama e gloria; um e outro muito pagos da propria valia; mas Voltaire cobiçava toda a casta de gloria. Cicero preferia a mais nobre e generosa; a vaidade d'este era innocente, a do outro era sanhuda, vingativa, e inexoravel se não á força de servis adulações.

«Talvez Cicero se daria por aggravado de o compararem com um homem por certos lados tão baixo e até perverso: mas em desaggravo concluirei dizendo: «Ainda bem que nasceu e medrou Cicero! Ainda mal que nasceu e escreveu Voltaire.» (D. Francisco Alexandre Lobo).

VOLUME. Em mathematica *solido* ou *volume* significa uma das tres especies de extensão que formam o objecto da geometria: é a que reune juntamente as linhas e superficies, ou as tres dimensões em comprimento, largura e espessura ou profundidade. Distinga-se, porém, o *solido* do *volume:* aquelle é a extensão com tres dimensões, em absoluto; este é a relação concreta que resulta da comparação da capacidade do solido com a unidade de medida: é pois uma quantidade, um *numero* concreto d'essa especie. — Não é necessaria a existen-

cia da materia para formular no espirito a idéa de um *solido geometrico;* assim a capacidade de um vaso, de uma sala, suppondo-os vazios absolutamente de ar e de toda a especie de corpos, não deixa por isso de representar a idéa de *corpo* ou *solido geometrico*, e de ficar sujeito, na apreciação de seus diversos attributos ou propriedades, taes como a medida de sua extensão, á applicação rigorosa de todas as regras mathematicas applicaveis aos solidos representados por corpos materiaes. — Os solidos são *regulares* ou *irregulares* segundo a natureza das superficies que fórma a parte externa. O cubo, solido que serve de unidade convencional de medida para todas as outras, é terminado por seis faces regulares que são quadradas. O *parallelipipedo* é gerado por um polygono que se move parallelamente a si mesmo. A *pyramide* é um solido, terminado em ponta, cuja base é um polygono qualquer, regular ou irregular, e cujas outras faces são triangulos em numero igual ao dos lados da base, que se reunem no vertice. Consideram-se na geometria elementar tres especies de *solidos* terminados por superficies curvas e circulares; são: o *cylindro*, o *cone* e a *esphera*. A *circumferencia*, a *ellipse*, a *parabola* e a *hyperbole* são curvas que resultam de diversas secções particulares de um cone por um plano; e é um phenomeno bem admiravel estas secções *conicas* serem reproduzidas concretamente pela acção de diversas forças em actividade na natureza. — O volume de um cubo obtem-se multiplicando a área da base pela altura; o do cylindro é dado pela mesma formula. O volume da pyramide e do cone obtem-se multiplicando a base pelo terço da sua altura. O volume da esphera, a qual póde-se considerar como uma infinidade de pyramides, determina-se pela formula d'estas, isto é, multiplica-se a somma das superficies das bases, ou a superficie da esphera, ou quatro vezes a de um circulo maximo, pelo terço do raio. (Veja STERE e FORMULAS).

VONTADE. A vontade é a terceira das grandes faculdades da alma: é a companheira inseparavel do pensamento e do sentimento. Queremos precisamente o que corresponde ás nossas idéas e nos apraz. Aborrecemos naturalmente o que nos irrita a razão ou nos causa dôr. A vontade é cega no homem apaixonado, instinctiva na criança, reflectida no homem cordato; mas, em todos, é livre. Eu, a bel-prazer, posso ir aqui ou acolá, mover ou não mover um braço, pensar em Deus ou nos homens, adoptar ou rejeitar um principio. Com certeza, a minha liberdade physica, isto é, o movimento do meu corpo, póde ser impulsado por forças superiores ás minhas; mas nada aniquila a vontade moral, a que verdadeiramente caracterisa o homem, e que, conforme o modo por que a exercitamos, nos redunda em honra ou opprobrio, nos desgraça ou felicita. E, pois que somos livres em querer e não querer o bem, d'ahi resulta o merito de o amar, e fugir o mal; e porque somos livres, nos prescreveu Deus regras e deveres. Não é por tanto a fatalidade ou destino que faz o ladrão, o ebrio, e o homicida. O ladrão tem a liberdade de parar em seu caminho de crimes; o ebrio póde deixar de se embriagar e o homicida póde suspender o braço assassino. Dizer que o homem não é livre e está subordinado a uma força irresistivel, é transtornar todas as bases sociaes. Um poderia dizer-vos: «Não posso deixar de roubar; a fatalidade impelle-me para vossa casa; sou forçado a roubar o que lá tendes.» Outro poderia assaltar-vos, e matar-vos lealmente, porque o seu destino é ser assassino. N'isto iriamos dar, se leis divinas e humanas não interviessem a proclamar altamente a liberdade do homem, e o merito que lhe cabe praticando o bem. Quem despreza as leis despreza a sua dignidade de homem e de cidadão; se não houvesse homens, não haveria leis; se não houvesse leis, não haveria homens. — É, por tanto, a nossa vontade livre; e, por isso que é livre, é moral e meritoria; pelo que nos é obrigatorio dar

contas de nossos actos. Querer sempre o bem, com energia e perseverança, apesar de obstaculos e á custa de sacrificios, é o caracter essencial do homem que conhece seus deveres e altos destinos.

X

XENOPHONTE. Xenophonte, denominado a *abelha attica*, para symbolisar a doçura do seu estylo, publicou e continuou a historia de Thucydedes, á qual acrescentou sete livros. Havia sido discipulo de Socrates, e capitaneou na memoravel retirada dos dez mil, uma das maravilhas da antiguidade, e da qual só elle seria o digno historiador. Foi, á imitação de Cesar, o narrador das proprias proezas; e, como Cesar, alliou o talento de as escrever á gloria de as executar; e não merece menos credito, porque havia testemunhas que o julgassem.

Não merece tantos encomios á Cyropedia, na qual, segundo o aviso de Cicero, consultou menos a verdade historica que o desejo de esboçar o molde de um principe perfeito e de um optimo governo.

XERXES. (Veja QUINTO SECULO).

Y

YEDO. (Veja JAPÃO).

YTRIUM. (Veja METAES).

Z

ZANGUEBAR. (Veja MADAGASCAR).

ZINCO. (Veja METALLURGIA).

ZIRCONIUM. (Veja METAES).

ZOOLOGIA. «Ha uma sciencia que, pela extensão do seu dominio, pela variedade do seu objecto, pela importancia dos phenomenos, que estuda e aprecia, parece estar superior a todas as outras sciencias, e assim tem sido considerada em todos os tempos, baptisada pelos sabios com o nome pomposo de *historia natural.*

«Não é necessario um grande estudo, nem essencial um perfeito conhecimento d'esta sciencia, para lhe avaliar a extensão, a importancia, e a sua excellencia sobre todas as outras.

«Olhe o homem, em volta de si, tudo sobre que a sua vista podér fixarse, tudo que possa ser um objecto de analyse e reflexão, tudo que lhe servir de pasto á sua admiração, na immensidade dos seres creados, e á face do espectaculo magestoso, que a natureza offerece, tudo recahe no dominio d'esta grande sciencia.

«É ella quem descobre as immensas riquezas escondidas no seio da terra e dos mares, acobertando-se com o nome de *mineralogia;* é ella quem nos ensina, debaixo do nome de *agricultura*, a lançar ao torrão a semente, que um dia brotará, para sustentar a nossa debil força; é ella quem indica ao homem os animaes, que a Providencia creou para dar a lã, que lhe ha de tecer os vestidos, a cêra, o mel, a sêda, e tantos outros objectos, que as nossas necessidades reclamam.

«É ella quem nos ensina os perigos imminentes, a que a nossa construcção fragil está exposta, e quem com o protector nome de — *medicina* — indica o remedio para quando o mal appareça.

«Tomando o nome de *meteorologia*, é ella ainda que explica esses phenomenos magestosos, que tantas vezes observamos tranzidos de medo, o veloz brilhantismo do relampago, o horroroso estampido do trovão, a queda precipitada e mortifera do raio; é ella quem ensina ao navegante dos altos mares a romper a manga electrica, que o póde engulir; a conhecer a aproximação da borrasca, que deve pôr os elementos em cháos, em desordem; a

descobrir n'um floco de gêlo a gigante baleia, que n'um momento de revolução póde mergulhar nas profundidades dos mares o fragil batel; é ella, finalmente, quem, tomando varios nomes, indicando cada um d'elles uma sciencia, estuda tudo, analysa tudo, acode a todas as necessidades, e remedeia a immensidade de males, a que estamos expostos. Eis a sua extensão.» (Silva Junior).

ZOOPHYTOS. «Os zoophytos são assim chamados porque a imperfeição do seu organismo mais os assemelha a plantas do que a seres animados; e dá-se-lhes tambem o nome de *radiados*, porque as diversas partes da economia, longe de se estenderem aos lados do corpo mais ou menos symetricamente, como as de todos os outros animaes, acham-se pelo contrario agglomeradas á roda de um eixo, ou ponto central, que por isso mesmo imprime ao corpo a fórma circular, ou radiada, e o mesmo systema nervoso (quasi nada desenvolvido n'estes seres) segue esta fórma circular.

«A simplicidade organica, em algumas especies de zoophytos, é tal que ainda hoje não tem sido possivel descobrir-lhes o seu systema nervoso, a séde dos sentidos, etc. Os mesmos orgãos da respiração n'estas especies parecem confundir-se com os da circulação, e o apparelho digestivo talvez o mais completo e distincto, muitas vezes se limita a um sacco com uma pequena abertura guarnecida de tentaculos.

«Muitos dos zoophytos reproduzem a sua especie por botão, ou extensão do tecido, do mesmo modo que certas plantas, cujo caule prolongado, dá origem a novas plantas da mesma especie: este modo excepcional de reproduzir na classe animal recebeu o nome de *geração gemmipara*, para a distinguir da *vivipara* e *ovipara*.

«Os animaes, que compõem este tronco, apresentam grandes variedades no plano, ou fórma geral do corpo, e d'ahi nascem as cinco classes enumeradas; no entanto devemos notar, que muitos naturalistas seguem uma ordem differente.

«Mr. Milne Edwards por exemplo, colloca a classe dos *helminthos* entre os animaes articulados, e enumera, em lugar d'esta, uma outra classe a dos *espongiarios*; que se não encontra na ordem seguida por Mr. Langlebert, talvez porque este a julgou um simples *genero*.

«Ainda que as classificações zoologicas não fossem arbitrarias (que o são) longe de nós a censura ao systema adoptado por Mr. Edwards, nós limitamo-nos á escolha dos methodos, preferindo os mais simples, porque nos convem, e não faltaram de certo (como vamos vêr) razões fortes para Mr. Edwards seguir aquella classificação.

«Os *helminthos* parecem-se pela sua fórma exterior com alguns articulados, a *solitaria*, *tenia* ou *verme intestinal*, por exemplo, tem o corpo composto de pequenos anneis, ou secções articuladas entre si; mas o resto do seu organismo não corresponde ao grau de desenvolvimento, que encontramos nos articulados; o seu systema nervoso é quasi indistincto, e com elle os apparelhos de sensibilidade physica, os da circulação, respiração, etc. Ora nós já dissemos que uma das maiores bellezas das classificações artificiaes, era, a nosso vêr, a ordem por que ellas collocavam regular, e successivamente os animaes, segundo o grau de perfeição organica e intelligencia, e por certo seriamos incoherentes, se julgando os *helminthos* menos perfeitos, os collocassemos a par dos articulados; é esta a razão da nossa preferencia; mas Mr. Edwards não emenda por certo o seu livro!

«Pelo que diz respeito aos *espongiarios*, nenhuma razão ha para deixar de os classificar á parte, no tronco dos zoophytos, a não ser o desejo de conservar *certa symetria* (talvez escusada) no plano geral da classificação, porque com effeito é mais agradavel, mais simples, mais accessivel á memoria, a idéa de quatro troncos, divididos em cinco classes cada um, do que a de quatro troncos em cinco *classes* e um outro em seis.

«Em uma obra, que tivesse a peito o estudo serio e profundo sobre classificações, esta symetria numerica seria irrisoria; nós porém procuramos aqui o melhor meio de attrahir, e n'este caso toda a simplicidade deve ser desculpada, além de que temos o exemplo de muitos outros naturalistas, e a convicção de que os animaes *espongiarios* não são de tal modo differentes dos *infusorios* que se não possam absolutamente considerar como generos d'esta classe.

«Os *echinodermes* são animaes de pelle espessa, sustentada a maior parte das vezes por uma especie de esqueleto solido, e complicado.

«Destinados a rastejar no fundo das aguas, os echinodermes são geralmente armados de pequenos tentaculos retracteis que passando pelos póros da pelle, operam exteriormente como respiradouros.

«O seu canal digestivo compõe-se umas vezes de um simples sacco membranoso, aberto nas suas extremidades, outras vezes de um sacco guarnecido de appendices, e communicando exteriormente por um orificio, que ao mesmo tempo lhes serve de bocca e anus.

«Os echinodermes habitam o mar, e soffrem nos primeiros periodos da sua existencia metamorphoses admiraveis.

«Os generos mais principaes d'esta classe, são: os *ouriços do mar*, as *asterias* ou *estrellas do mar*, os *holothurias*.

«Os helminthos chamados vulgarmente *vermes intestinaes*, por existirem como parasitas, no cerebro e intestino de muitos animaes, tem o corpo cylindrico, e longo, sendo protegido exteriormente por pelle nua, muscular, e retractil: a sua fórma assemelha-os muito com as minhocas.

«Como os articulados, os helminthos tem o intestino simples e estendido desde a bocca até ao anus, orificio posterior do corpo, mas nem o systema nervoso d'estes é tão desenvolvido, nem o seu sangue é colorido, o que faz com que os classifiquemos por differente modo.

«Entre os generos mais notaveis dos helminthos, podem lembrar-se: a *tenia*, ou *solitaria* (parasita dos intestinos humanos), a *ascarida*, a *hydatida*, etc.

«Os acalephos são zoophytos molles, de consistencia gelatinosa, e organisação simples, destinados a viver sempre no mar, aonde se conhecem pelo nome vulgar de ortigas marinhas.

«O seu todo gelatinoso e transparente apresenta-se em fórma de disco concavo, guarnecido de appendices, ou tentaculos (que sendo orgãos de tacto, e apprehensão n'estes animaes, fazem lembrar, pela sua disposição á roda do disco superior, um pequeno balão apparelhado).

«Os acalephos tem uma organisação simplicissima; a sua pelle difficilmente se distingue dos orgãos subjacentes (facto este que os caracterisa e separa dos *echinodermes*), e os seus intestinos reduzem-se a um estomago com uma só abertura exterior.

«Pelo que diz respeito á reproducção dos acalephos, um facto estranho se passa, e que merece não ser esquecido, mesmo porque torna conhecida uma geração de nova especie.

«Os filhos das *medusas* por exemplo, quando sahem dos ovos, nenhuma semelhança apresentam com as mães; reduzem-se então a pequenos corpos ovoides, guarnecidos de pêllos duros.

«N'este estado se agglomeram, fixando-se como polypos n'um ponto duro e submarino, e reproduzindo-se ahi, como se reproduziria uma batata debaixo da terra, dão origem a uma serie de animaes iguaes, e ligados uns aos outros.

«Mais tarde, quando os individuos d'esta nova geração se desenvolvem e separam uns dos outros, tomam a fórma de verdadeiras medusas, taes como as que se encontram nas nossas praias do mar.

«Entre as especies dos acalephos, notam-se como mais importantes os *beroés*, as *medusas*, os *rhisostomos*, etc.

«Os polypos são animaes de corpo

cylindrico molle, e limitado em uma das suas extremidades por um orificio, guarnecido de tentaculos, que ao mesmo tempo lhes serve de bocca e anus.

«A simplicidade organica d'estes seres é tal, que apenas se lhes nota como apparelho digestivo, uma cavidade interna, communicando com a bocca por um tubo membranoso, podendo ser virada de dentro para fóra sem perigo do animal, e é sobre as paredes lateraes d'esta mesma cavidade que se formam os pequenos ovos reproductivos da especie.

«Os polypos vivem fixos pela sua extremidade inferior a um ponto duro e calcareo do mar, a um rochedo por exemplo, e depois de certo tempo, ou seja pela natureza organica do animal, ou seja pelo contacto effectivo com as substancias calcareas, a sua pelle gelatinosa ao principio endurece e quasi que petrifica.

«A reproducção dos polypos em nada differe da dos acalephos; por isso pouco diremos a este respeito.

«Chama-se *polypeiro* umas vezes ao ponto calcareo aonde se acham fixos os polypos, outras vezes (e isto com mais acerto) aos mesmos polypos reunidos em massa, porque, e é necessario que o digamos, os polypos reproduzindo-se, ficam ligados, e é tal o volume da sua agglomeração em um numero successivo de annos, que se tem pretendido attribuir-lhes a origem de muitas ilhas, e recifes dos altos mares; pelo menos é este o dizer de muitos geologos, cujas experiencias, não estamos no caso de poder negar.

«Á classe dos polypos pertencem, entre outros generos: as *actinias*, ou *anêmonas do mar;* os *coraes* tão apreciaveis pelo seu brilhantismo e tão procurados pelos paizes civilisados; as *madreporas*, notaveis pela sua concha, que com o nome especial de *madreperola* tanto valor tem no commercio; os *veretillos*, as *astreas*, as *esponjas*, as *hydras*, etc.

«Os infusorios são animaes microscopicos de corpo longo e ás vezes tambem arredondado, que existem nas aguas estagnadas, nas que são ricas de substancias organicas, e mesmo nos liquidos da economia animal.

«No interior d'estes seres, que passam quasi desapercebidos á analyse anatomica pela sua pequenez, encontram-se muitas e pequenas cavidades, cujo papel physiologico parece identico ao dos estomagos, nos outros animaes; não póde porém haver certeza a este respeito, assim como a não póde haver com relação ao modo por que estes animaes se reproduzem.

«Alguns naturalistas tem pretendido mostrar que os infusorios recebem a vida das materias organicas contidas em dissolução nos liquidos, e fundam a sua opinião sobre varias experiencias e argumentos a este respeito.

«Todo o mundo sabe com effeito que o liquido mais puro, cahindo em repouso, chega a desenvolver, passado certo tempo, pequenos *monadas* com todos os indicios de vitalidade e organisação perfeitas.

«Será pois verdadeiro o principio das gerações espontaneas? Será a materia capaz de crear por si só, e directamente seres animados como os infusorios? Eis uma questão das mais serias, e que ainda hoje occupa as melhores intelligencias da academia real das sciencias em Paris. Nós abster-nos-hemos d'entrar n'ella, limitando-nos a declarar que a nossa opinião é contraria á doutrina materialista, e que a fundamentamos nas muitas razões que a escóla contraria tem exposto a este respeito.

«É certo que um liquido apresenta seres animados, sem causa ou origem conhecida, mas se a causa não é conhecida dos espiritualistas, tambem o deixa de ser para os materialistas, e n'este caso tanta razão tem MM. Schultze e Schwann para asseverar que — *tout vivant vient d'un vivant* — como MM. Pouchet e Houzeau em negar este principio.

«Devemos com tudo notar que a favor da primeira opinião pesam reflexões, que ainda não foram destruidas, taes são: *a renovação das gerações nos infusorios, a homogeneidade da sua estructura, o pouco alcance da*

vista humana, mesmo auxiliada pelos instrumentos opticos, e finalmente *o absurdo necessario, que do principio das gerações espontaneas se deduz.*

«Quem nos affirma que o liquido, aonde appareceu um infusorio, era perfeitamente puro, e livre de germen animal? Quem a olho nú, ou auxiliado, póde já descobrir a ultima divisão da materia? E quem se atreverá a negar que n'essas divisões ultra-microscopicas do liquido póde estar o principio gerador, o ovo que desenvolveu o primeiro infusorio? Ninguem! Por consequencia ninguem póde affirmar que a materia tenha força geratrix animal.

«A experiencia citada por Mr. Pouchet perante a academia das sciencias em Paris, unica, a nosso vêr que poderia fazer força a favor das gerações espontaneas foi combatida maravilhosamente pelo illustre naturalista Milne Edwards, e auxiliados os seus argumentos com os discursos de MM. Payen, Quatrefages, Bernard e Dumas.

«Não prova com effeito a experiencia; porque se o liquido, em que Mr. Pouchet notou infusorios, tinha sido anteriormente elevado até á temperatura de 100°, infusorios ha que resistem a uma temperatura de 140°; e por isso bem poderiam os ovos conservar-se sem alteração; além d'isso como póde Mr. Pouchet affirmar que entre o tempo que decorreu desde a ebullição do liquido, até ao apparecimento dos infusorios, o ar não depositou atomos geradores do animal no mesmo liquido?

«Supponhamos porém que as substancias materiaes tivessem a força geratrix para com os seres animados, ou monadas, em que fallamos, qual seria a consequencia logica e provavel d'este principio? Era que as especies dos seres creados deviam ser tão variadas, como os elementos que as tinham produzido, mas isto é o que se não observa, porque a geração dos infusorios é igual em sua estructura!

«Esta questão é impropria d'aqui, porque o nosso livro é positivo; mas não faltam argumentos *pró* e *contra* as gerações espontaneas, para elucidar os curiosos, a respeito d'este grave e metaphysico capricho da natureza! Nós passamos adiante.

«A classe dos infusorios pertencem muitos generos, e entre estes os mais notaveis são: os *monadas*, os *rotadores* ou *rotiferos*, o *volvox*, os *myriadas*, etc.» (Silva Junior).

DICCIONARIO
ETYMOLOGICO
DAS
PALAVRAS SCIENTIFICAS
ORIUNDAS DO GREGO E DO LATIM

ABREVIATURAS: *r.* — raiz; *l.* — latim; *g.* — grego.

Abysmo, que não tem fundo; r. *abyssus* l., *abussus* g., de *a*, sem, e *bussus*, fundo.

Academia, jardim de Academo, onde Platão com seus discipulos philosophavam; r. g., *Acadèmia*.

Acantho, planta espinhosa; r. g. *akanthos*, de *akanta*, espinho.

Acanthoides, familia de plantas semelhantes ao achanto; r. *akantos*, e *eidos*, fórma, especie.

Acanthopodos, peixes cujas barbatanas são orladas de espinhos; r. *akantha* e *pus*, pé.

Acaule, sem tronco; do g. *a*, sem, e *kaulos*, tronco.

Acephalo, sem cabeça (ou cerebro); do g. *a*, sem, e *kephale*, cabeça.

Aceres, insectos sem antennas; r. *akeros*, do g. *a*, sem, e *keros*, pontas.

Acheron, rio dos infernos; r. *akeron*, do g. *a*, sem, e *akos*, dor.

Achromatico (optica), que faz vêr os objectos sem côr; r. g. *a*, sem, e *kroma*, côr.

Acotyledones, plantas em cujas sementes ainda não se descobriram lobulos ou cotyledones; r. g. *a*, sem, e *kotulédon*, cavidade (de *kotulé*, ôco).

Acrobata, dançarino em corda; r. *akrobateó*, andar em ponta de pé, do g. *akros*, extremidade, e *bainô*, andar.

Acrostico, poemeto em que cada verso principia por uma letra do nome da pessoa ou cousa cujo assumpto é; do g. *akros*, extremidade, e *stikos*, verso, fileira.

Acustica, sciencia que trata da audição e dos sons; r. *akustikos*, do g. *akuo*, ouvir.

Adelopodos, animal, cujos pés não são apparentes; r. *a*, sem, *délos*, visivel, *pus*, pé.

Adenologia, parte da medicina que trata das glandulas; do g. *aden*, glandula, e *logos*, discurso.

Adenotomia, dissecção das glandulas; r. *aden*, glandula, e *tôme*, incisão, de *temnô*, cortar.

Adephagia, appetite voraz, insaciavel; r. *adephagos*, voraz, do g. *adén*, abundantemente, e *phagein*, comer.

Adipsia, falta de appetite de liquidos; r. *adipsos*, que não tem sêde, do g. *a*, sem, e *dipsa*, sêde.

Adynamia, fraqueza occasionada por molestia; r. *adunamia*, impo-

tencia; do g. *a*, sem, e *dunamis*, força.

Ædes, *is*, templo; *Ædes*, *ium*, casa, edil, edilidade, edificar, edificação, edificio; do l. ædilis, ædilitas, ædificare, ædificium, que todos procedem de *ædes*.

Æquus, *a*, *um*, igual, unido, cheio, favoravel, justo, semelhante, formou: l. æquitas, iniquus, iniquitas, æquatio, æquilibris (*libra*, livra), æquinoctium (*nox*, noite), æquinoctialis; e d'ahi: equidade, iniquo, iniquidade, equanimidade, equação, equilibrio, equinoxio, equinoxial.

Aêr, *aeros*, g. ar; formou: aereo, aerographia, aerolitho, aerometro, etc.

Aerographia (phys.), descripção do ar, r. *aer*, e *grapho*, descrever.

Aeromancia, arte de adivinhar por meio do ar; r. *aer*, e *manteia*, prophecia.

Aerometro, instrumento proprio para medir a condensidade ou rarefacção do ar; r. *aer*, e *metron*, medida.

Aeronaùta, o que percorre os ares n'um balão; r. *aer*, e *nautes*, navegador; do g. *naus*, navio.

Aerophobia (med.), medo do ar; do g. *aer*, e *phobos*, temor.

Aerostato, especie de balão por meio do qual se póde subir na atmosphera; do g. *aer*, e *istamai*, sustentar-se.

Ager, *gri*, campo, territorio, formou: l. agrarius, agrestis, agricola, (*colere*, cultivar), agricultor, agricultura; e d'ahi: agrario, agreste, agricultor, agricultura, peregrinação.

Agerasia (med.), estado d'um velho que possue todo o vigor da mocidade; r. *a*, sem, e *gerasko*, envelhecer; de *geras*, velhice.

Aggellos, g., mensageiro, formou: anjo, archanjo, evangelho, etc.

Agios, g., santo, formou: agiographia, agiographo, agiologico (de *grapho*, escrever, e *logos*, discurso).

Aglae, uma das tres Graças; nome de mulher; do g. *aglaos*, bello.

Ago, *egi*, *actum*, *agere*, l. conduzir, impellir, expulsar, mover, operar, fazer; formou: actio, activus, actor, actuarius, actus, agilis, agiliter, agilitas, agitare, agitatio, agitator, exigere, exactio, exactor, redigere, transigere, transactor, prodigere, prodigus, ambiguus, ambigue, ambiguitas, ambages; e d'ahi: acção, activo, auctor, actual, acto, agil, agilmente, agilidade, agitar, agitação, agitador, exigir, exacção, exactor, redigir, transigir, transactor, prodigar, prodigo, ambiguo, ambiguamente, ambiguidade, ambages.

Agogos, g., conductor, que conduz, formou: anagogia, demagogo, pedagogo, synagoga. (Veja estas palavras).

Agon, g., combate, formou: agonia, agonothete, antagonista. (Veja estas palavras).

Agonia, ultima luta da natureza contra a morte; r. *agônia*, do g. *agon*, combate.

Agonothete, official que presidia aos jogos publicos, do g. *agon*, e *tithemi*, dispôr.

Agronomo, sabio em agricultura, e *agronomia*, sciencia agricola; do g. *agros*, campo, e *nemo*, regrar.

Agrypnia (med.), insomnia; do g. *a*, sem, e *upnos*, somno.

Alcyon, passaro do mar; do g. *als*, mar, e *kuô*, produzir.

Alecton, uma das Furias; do g. *a*, sem, e *lego*, cessar.

Allegoria (rhet.); r. *allegoria*, mesmo sentido; do g. *allos*, outro, e *agoreuô*, dizer.

Alopecia (med.), doença que faz cahir o pello, ou os cabellos; r. *alopekia*; do g. *alopêx*, *alopekas*, raposa.

Alphabeto, r. *alpha*, *bêta*, nome das duas primeiras letras do alphabeto grego.

Amazona, r. *amazon*, no mesmo sentido; do g. *a*, sem, e *mazos*, seios.

Amblyopia (med.), enfraquecimento da vista; r. *ambluopos*, do g. *amblus*, obtuso, e *ops*, olho.

Amethista, pedra preciosa côr de violeta; r. *amethustos*, do g. *a*, sem, e *methu*, vinho.

Amianto, materia mineral, filamentosa e incombustivel; do g. *a*, sem, e *miaino*, corromper.

Ammochryse, especie de pedra preciosa; do g. *ammos*, saibro, e *krusos*, ouro.

Ammoniaco, r. *ammoniakon*, do g. *Ammon*, sobrenome de Jupiter na Africa.

Amnesia (med.), enfraquecimento da memoria; r. *a*, sem, e *mnaomai*, lembrar-se.

Amnistia, esquecimento do passado; do g. *a*, sem, e *mnaomai*, lembrar-se.

Amo, *avi*, *atum*, *are*, l. amar, formou: amor, amator, amans, amabilis, amicus, amice, amicitia, inimicus, inimicitia; e d'ahi: amor, amador, amante, amavel, amigo, amigavelmente, amizade, inimigo, inimizade.

Amorpho (his. nat.), sem fórma determinada; r. *amorphos*, do g. *a*, sem, e *morphé*, fórma.

Amphi, g. em volta, de dous lados, formou: amphibio, amphiguri, amphitheatro, amphora, etc. (Veja estas palavras).

Amphibio, que vive na agua e na terra; do g. *amphis*, em duas partes, e *bios*, vida.

Amphibologia, discurso ou palavras com duplicada intenção; do g. *amphibolos*, ambiguo, e *logos*, discurso.

Amphicephalo, leito com duas cabeceiras; do g. *amphis*, de dous lados, e *kephale*, cabeça.

Amphiscienos, habitantes da zona torrida, que tem sombra ora do norte ora do sul, conforme o sol vai correndo ao norte ou meio dia do equador; do g. *amphis*, de dous lados, e *skia*, sombra.

Amphitheatro, do g. *amphi*, e *theatron*, theatro.

Amphora, vaso grande com duas azas; do g. *amphi*, de dous lados, e *phero*, ter.

Amygdalas, glandulas em fórma de amendoa, situada na parte posterior da bocca da garganta; r. *amugdale*, amendoa.

Ana, g. segunda vez, á parte, para traz, entre, através, em cima, formou: anabaptistas, anachoreta, anachronismo, anagogia, anagramma, analectas, analeptico, analogia, analyse, anathema, anatomia, aneurisma. (Veja estas palavras).

Anabaptistas, seita de hereticos; r. *ana-baptizó*, rebaptisar; de *bapto*, mergulhar.

Anacatharse (med.), purgação por cima; do g. *ana*, em cima, e *katairo*, purgar.

Anachoreta, solitario; do g. *ana*, ao longe, e *koreo*, retirar-se.

Anachronismo, erro de data; do g. *ana*, longe, e *chronos*, tempo.

Anagogia (theol.), elevação para as cousas divinas; r. *anagoge*, extasi; do g. *ana*, no alto, e *ago*, conduzir.

Anagramma, transposição de letras que faz achar uma palavra em outra; do g. *ana*, para traz, e *gramma*, escripto, carta.

Analectas, fragmentos escolhidos d'um ou muitos authores; r. *analekta*, restos, do g. *ana*, e *legó*, ajuntar.

Analepsia (med.), restabelecimento de forças depois d'uma doença; do g. *ana*, segunda vez, e *lambano*, retomar.

Analogia, affinidade de uma cousa com outra; do g. *ana*, entre, e *logos*, discurso, ligação.

Analyse, decomposição d'um todo em partes elementares; r. *analusis*, decomposição, do g. *ana*, entre, e *luó*, desligar.

Anamorphose, representação d'um objecto que se figura monstruoso e exotico visto de perto, e regular ao longe; do g. *ana*, longe, e *morphe*, fórma.

Anarchia, estado d'um paiz sem governo; r. *anarkia*, do g. *a*, sem, e *arke*, chefe.

Anarrhopia (med.), tendencias do sangue para as partes superiores do corpo; r. *anarepó*, subir.

Anastrophe (gram.), inversão contraria ao uso; r. *ana-strephó*, voltar.

Anathema, excommunhão; do g. *ana*, á parte, e *tithemi*, posto.

Anatomia, arte de dissecar; r. *anatomé*, dissecção; do g. *ana*, através, e *tome*, cortadura.

Androide, automato com figura humana; r. *aner*, homem, e *eidos*, fórma.

Androtomia, dissecção do corpo humano; r. *aner*, homem, e *tomé*, incisão, do g. *temnó*, cortar.

Anecdota, r. *anekdotos*, inedito; do g. *a*, sem, e *ek-didomi*, publicar.

Anemase, doença occasionada pela

falta de sangue; do g. *a*, sem, e *aima*, sangue.

Anemométro, instrumento para medir a força do vento; do g. *anemos*, vento, e *metron*, medida.

Anemoscopo, instrumento por que se conhece a direcção do vento; do g. *anemos*, vento, e *scopéo*, observar.

Aneurisma, tumor sanguineo contra a natureza, causado pela dilatação ou ruptura d'uma arteria; do g. *ana*, através, e *eurunó*, alargar.

Angiographia, descripção dos vasos do corpo humano; do g. *aggeion*, vaso, e *grapho*, descrever.

Anjo, r. l. *angelus*; do g. *aggelos*, (pron. *anguelos*), mensageiro.

Annus, *i*, l. anno, formou: annuus, annalis, anniversarius, biennium, triennium, quinquennium, decennis, solemnis, solemniter; e d'ahi: annual, annaes, anniversario, biennal, triennal, quinquennal, decennal, solemne, solemnemente.

Anodinos, chama-se os remedios que acalmam ou fazem cessar as dôres; do g. *a*, sem, e *oduné*, dôr.

Anomalia, irregularidade; do g. *a*, sem, e *omalos*, igual.

Anonymo, que não tem nome; do g. *a*, sem, e *onuma*, nome.

Anorexia, falta de appetite; do g. *a*, sem, e *oregomai*, desejar.

Antagonista, adversario; do g. *anti*, contra, e *agon*, combate.

Antalgica, que acalma as dôres; do g. *anti*, contra, e *algos*, dôr.

Antarctica, meridional, opposto ao norte; do g. *anti*, contra, e *arktos*, a Grande Ursa, norte.

Anthologia, puramente collecção de flôres; no sentido figurado, conjuncto de pensamentos ou pequenas poesias; do g. *anthos*, flôr, e *legó*, escolher.

Anthracite, substancia mineral; do g. *anthrax*, carvão.

Anthropos, g. homem; formou: anthropologia, anthropomorphismo, anthropophago, lycanthrophia, misanthropo, philanthropo. (Veja estas palavras).

Anthropologia, tratado sobre o homem; do g. *anthropos*, homem, e *logos*, discurso.

Anthropomancia, adivinhação por meio da analyse das entranhas d'um cadaver masculino; do g. *anthropos*, homem, e *manteia*, adivinhação.

Anthropomorphitas, hereticos que attribuiam a Deus corpo humano; do g. *anthropos*, homem, e *morpho*, fórma.

Anthropophago, que se nutre de carne humana; do g. *anthropos*, e *phagein*, comer.

Anthroposophia, sciencia da natureza humana; do g. *anthropos*, homem, e *sophia*, sciencia.

Anti, g. contra, opposto, por; formou: antagonista, antalgico, antarctico, antidoto, antilogia, antinomia, antipathia, antipodas, antithese, antonomasia, antinomia. (Veja estas palavras).

Antidinico, remedio contra as vertigens; do g. *anti*, contra, e *dinos*, vertigem.

Antidoto, contra-veneno; do g. *anti-didomi*, dar contra.

Antilogia, contradicção de idéas n'um discurso; do g. *anti-lego*, contradicção.

Antinomia, contradicção entre duas leis ou dous principios; do g. *anti*, contra, e *nomos*, lei.

Antipathia, do g. *anti*, contra, e *pathos*, paixão, disposição, de *pasko*, soffrer.

Antipodas, povos que tem os pés voltados contra os nossos; do g. *anti*, contra, e *pous*, *podos*, pé.

Antiscienos, povos que habitam de um e outro lado do equador, os quaes tem ao meio dia sol, e os outros á noite, do g. *anti*, contra, e *skia*, sombra.

Antiseptico, proprio para suspender os progressos da putrefacção; r. *anti*, contra, e *septikos*, que gera a podridão; do g. *sepó*, apodrecer.

Antispasmodico, remedio contra os spasmos e as convulsões; do g. *anti*, contra, e *spasmodés*, convulsivo; de *spaó*, tirar.

Antithese, opposição de pensamentos ou palavras, contraste; do g. *anti*, contra, e *tithemi*, pôr.

Antonomasia, tropo que consiste em empregar um nome commum por

um nome proprio, e reciprocamente (um *Augusto* póde simplesmente fazer *Virgilios*); r. *antonomasia*, do g. *anti*, em lugar de, e *onomazó*, nomear.

Apathia, indifferença, insensibilidade; do g. *a*, sem, e *pathos*, commoção, paixão.

Apetala (bot.), que não tem petalas; do g. *a*, sem, e *petalon*, folha.

Aphelia (astr.), ponto da orbita d'um planeta que se acha a maior distancia do sol; do g. *apo*, longe, e *helios*, sol.

Aphonia (med.), extincção da voz; do g. *a*, sem, e *phoné*, voz.

Apo, g. longe, sobre, éntre, fóra de, á parte, de parte, formou: aphelia, apocalypse, apocrypho, apogeu, apologia, apologo, apoplexia, apostasia, apostolado, apostrophe, apotheose. (Veja estas palavras).

Apocalypse, revelação; r. *apokalupsis*, do g. *apo*, longe, e *calupto*, desvendar.

Apocrypho, escondido, livro de author desconhecido; do g. *apo*, longe, e *krupto*, esconder.

Apogeu, ponto da orbita d'um planeta á maior distancia que se acha da terra; do g. *apo*, longe, e *ge*, terra.

Apologia, justificação; do g. *apo*, sobre, e *legó*, dizer.

Apologo, grande narração, ou fabula, do g. *apo*, longe, e *lego*, dizer.

Apoplexia, doença do cerebro que tira repentinamente os sentidos e movimentos; do g. *apo*, sobre, e *plesso*, fulminar, perder o juizo.

Apostasia, abandono publico de religião ou partido; do g. *apo*, longe de, e *istemi*, collocar.

Apostolado, ministerio do apostolo; do g. *apo*, longe, e *stello*, enviado.

Apostrophe, figura de rhetorica pela qual se passa do assumpto que se trata para dirigir a palavra a alguem, ou a algum facto, do g. *apo*, longe, e *strepho*, mudar.

Apothema (geom.), linha perpendicular atravessada do centro d'um polygono regular sobre um dos lados; do g. *apo*, sobre, e *tithemi*, collocar.

Apotheose, deificação dos heroes; do g. *apo*, entre, e *theos*, Deus.

Aptere, insecto sem azas; do g. *a*, sem, e *pteron*, aza.

Apterodiceros, insectos sem azas, com duas antennas; do g. *a*, sem, *pteron*, aza, *dis*, duas vezes, e *keras*, ponta.

Arachnides, insectos do genero das aranhas; do g. *arakne*, aranha.

Archaismo, expressão ou fórma antiga; do g. *arkaizo*, imitar os antigos.

Arckanjo, do g. *archos*, chefe, e *aggelos*, mensageiro.

Arche, g. governo, principio, e *archos*, g. chefe; formou: anarchia, archanjo, arcebispo, archipelago, architecto, archonte, exarca, heptarchia, heresiarcha, hierarchia, monarchia, olígarchia, patriarcha, pentarchia, tetrarca. (Veja estes artigos).

Archeologia, sciencia dos monumentos antigos; do g. *archaios*, antigo, e *logos*, tratado.

Arcebispo, do g. *archos*, chefe, e *episkopos*, inspector ou bispo; de *epi*, sobre, e *skeptomai*, examinar.

Archipelago; do g. *archos*, chefe, e *pelagos*, mar.

Architecto, r. l. architectus, g. *arkitekton*; de *arki*, archi, chefe, e *tekton*, trabalhador, artista.

Archonte, chefe, magistrado de Athenas; do g. *arkon*, genitivo, *arckontos*, magistrado.

Arctico, septentrional; do g. *arktos*, ursa.

Areometro, instrumento que serve para pesar os fluidos; do g. *araios*, raro, subtil, e *metron*, medida.

Areopago, tribunal de Athenas; do g. *Areios*, de Marte, e *pagos*, collina.

Argonauta; do g. *Argo*, nome do navio dos argonautas, e *nautés*, navegação.

Arguo, *ui*, *utum*, *ere*, l. mostrar, fazer conhecer, lastimar, accusar, formou: argutiæ, argumentum, argumentari, argumentatio; e d'ahi: argucias, argumento, argumentar, argumentação.

Aristocracia, governo dos grandes, do g. *aristos*, o melhor, e *kratos*, poder.

Arithmetica, sciencia dos numeros; do g. *arithmos*, numero.

Ascienos, chamam assim aos habitantes da zona torrida, que não tem sombra ao meio dia, e ao dia do anno em que o sol está perpendicular sobre elles; do g. *a*, sem, e *skia*, sombra.

Asphyxia, *asphuxia*, mesmo sentido; do g. *a*, sem, e *sphuxis*, pulsação; de *sphuro*, palpitar, bater.

Asterisco, pequeno signal em fórma de estrella, de *aster*, estrella.

Astrolabio, instrumento de observação dos astros; do g. *astron*, astro, e *lambano*, tomar.

Astrologia, arte de predizer o futuro pela inspecção dos astros, do g. *astron*, astro, e *lego*, dizer.

Astronomia, sciencia que trata dos astros; do g. *astron*, astro, e *nemo*, regrar.

Atheo, o que não crê em Deus; do g. *a*, sem, e *theos*, Deus.

Atmosphera, do g. *atmos*, vapor, exhalação, e *sphaira*, esphera.

Atomo, indivisivel; do g. *a*, sem, e *temnó*, cortar.

Atonia, fraqueza dos orgãos; do g. *a*, sem, e *tonos*, contensão.

Atrophia (med.), magreza do corpo; do g. *a*, sem, e *trophé*, nutrição.

Autos, g. mesmo, si-mesmo, formou: autobiographia, autocrata, autographo, automato, autopsia. (Veja estas palavras).

Autobiographia, narração que qualquer faz da sua propria vida; do g. *autos*, si-mesmo, *bios*, vida, e *grapho*, escrever.

Autocrata, senhor absoluto, que não depende senão de si; do g. *autos*, si-mesmo, e *kratos*, poder.

Autographo, escripto pela propria mão do author; do g. *autos*, proprio, e *grapho*, escrever.

Automato, machina organisada de maneira a poder imitar os movimentos de um ser vivo; do g. *autos*, proprio, e *memaa*, querer.

Autopsia, abertura d'um cadaver para conhecer as causas da morte; do g. *autos*, mesmo, e *optomai*, vêr.

Axioma, principio que não tem necessidade de ser demonstrado; do g. *axioó*, crêr, olhado como verdade.

Azote, gaz que entra na composição do ar atmospherico, mas que é improprio á respiração; do g. *a*, sem, e *zon*, vida, de *zaó*, viver.

Azymo, pão sem levedar; do g. *a*, sem, e *zume*, levedo.

B

Baculo, l. bordão que serve de encosto, formou: imbecillis, imbecillitas; imbecil, imbecilidade.

Balista, machina de guerra de que se serviam os antigos para arrojar os projectis; do g. *balló*, atirar.

Baptismo, immersão, sacramento; do g. *bapto*, mergulhar na agua.

Barometro, instrumento com que se mede o peso do ar; do g. *baros*, peso, e *metron*, medida.

Barytono, voz grave entre o tenor e o basso; do g. *barus*, pesado, e *tonos*, tom, de *teinó*, delicado.

Batracions, reptis do genero das rãs; do g. *batrakos*, rã.

Bellum, *i*, l. guerra, formou: bellicosus, Bellona, rebellis, rebellio, belligerare, e d'ahi: bellicoso, Bellona, rebelde, rebellião, belligerante.

Biblia, livros santos; do g. *biblos*, livro.

Bibliographo, homem versado no conhecimento dos livros; do g. *biblion*, livro, e *grapho*, escrever.

Bibliomano, o que tem a mania dos livros; do g. *biblion*, livro, e *mainomai*, ser louco.

Bibliophilo, o que presa os livros; do g. *biblion*, livro, e *philos*, amigo.

Bibliotheca, do g. *biblion*, livro, e *teke*, caixa, de *tithemi*, collocar.

Binomio, quantidade algebrica composta de dous termos, ou de duas partes; do g. *bis*, duas vezes, e *nome*, parte, de *nemó*, repartir.

Biographia, historia escripta de qualquer personagem celebre; do g. *bios*, vida, e *grapho*, escripto.

Bonus, *a*, *um*, bom, formou: bonum, bonitas, benignus, benigne, benignitas, beneficium, beneficus, beneficentia; e d'ahi: bem, bondade, benigno, benignamente, benignida-

de, beneficio, benefico, beneficencia.

Bosphoro, espaço do mar entre duas terras; estreito de Constantinopla; do g. *bous*, boi, e *poros*, passagem.

Botanica, do g. *botane*, herva.

Boticario, o que prepara e vende remedios; do g. *apo*, a parte, e *tithemi*, fazer.

Bucephalo, nome do cavallo de Alexandre *o Grande;* do g. *bous*, boi, e *kephale*, cabeça.

Bucolica, pastoril; do g. *boukolos*, boieiro; *bous*, boi, e *koleo*, voltar.

C

Cado, *cecidi*, *casum*, *ere;* cahir, morrer, deitar-se. Este verbo latino formou: caducus, cadaver, accidens, occasio, occidentalis, recidivus, accidere; e d'ahi: caduco, cadaver, occidente, occasião, occidental, reincidencia, accidente.

Cædo, *cecidi*, *cæsum*, *ere*, cortar, bater, matar, gravar, insculpir. Este verbo latino formou: cæsura, concisio, decidere, decisio, incisio, intercidere, occidere, præcisio; e d'ahi: cesura, concisão, decidir, decisão, incisão, interceder, matar (velho).

Calamus, *i*, cana, caniço, flauta, penna de escrever, canudo de trigo. Este nome formou: calamitas, calamitosus (ou mais propriamente, estrago que soffrem as hastes do trigo; no sentido figurado, toda a especie de desperdicio, desgraça); e d'ahi: calamidade, calamitoso.

Calligraphia, arte de escrever bem, dando a cada letra a sua fórma normal; do g. *kalos*, bello, e *grapho*, escrever.

Calliope, uma das nove musas; do g. *kalliope*, que tem bella voz, de *kalos*, bello, e *ops*, voz.

Calo, *are*, chamar, nomear, convocar. Este verbo latino formou: calendæ, calendarium, intercalare, intercalaris, nomenclator, nomenclatura, classicum; e d'ahi: calendas, calendario, intercalar, intercalario, nomenclator, nomenclatura, classico.

Candeo, *ui*, *ere*, ser branco, ser ardente. Este verbo latino formou: candor, candidus, candidatus, candela, candelabrum, incendere, incendium, incendiarius; e d'ahi: candura, candido, candidato (por isso que entre os romanos, aquelle que se propunha a um cargo estava vestido de branco), candeia, candelabro, incendiar, incendio, incendiario.

Capio, *cepi*, *captum*, *ere*, tomar, apossar-se; receber, conceber, conter; encantar, arrebatar, seduzir. Este verbo latino formou: captura, captiosus, capax, captivus, captivitas, capacitas, captare, captatio, captator, antecipare, antecipatio, occupare, occupatio, preoccupare, acceptare, acceptio, concipere, conceptus, conceptio, exceptio, exceptare, percipere, perceptio, preceptum, preceptor, recipere, receptaculum, recuperare, reciprocus, e d'ahi: captura, capcioso, capaz, captivo, captiveiro, capacidade, captar, captação, artificioso, antecipar, antecipação, occupar, occupação, preoccupar, aceitar, accepção, conceber, conceito, concepção, excepção, exceptuar, perceber, percepção, preceito, preceptar, receber, receptaculo, recuperar-se, reciproco.

Caracter, do g. *karacter*, gravado; de *karasso*, gravar.

Cardialgia, dôr no orificio superior do estomago; do g. *kardia*, orificio, e *algos*, dôr.

Cataclysmo, grande inundação, do g. *katacluzó*, cheia.

Catacumbas, subterraneos de Roma; do g. *kata*, em baixo, e *cúmbé*, cavidade.

Catalepsia, especie de doença nervosa; do g. *kata*, em baixo, e *lambanó*, surprehender, parar.

Catarata, queda d'agua; do g. *kata*, em baixo, e *rasso*, romper, rebentar.

Catarrho, accumulação de humores; do g. *kata*, em baixo, e *reo*, escoar.

Catastrophe, destruição; do g. *kata*, em baixo, e *strephó*, transtornado.

Catechismo, instrucção; do g. *katekismos*, instrucção.

Categoria, do g. *kat-egoreo*, manifestar, especificar.

Cathedral, do g. *kathedra*, cadeira.

Catholico, do g. *katholicos*, universal; de *kata*, por, e *olos*, tudo.

Causa, *æ*, causa, razão, motivo, pretexto, occasião, negocio, processo. Este nome latino formou: accusare, accusatio, accusator, excusare, excusabilis, recusare, recusatio; e d'ahi: accusar, accusação, accusador, escusar, desculpavel, recusar, recusação, recusavel.

Caustico, ardente, e *cauterio*, medicamente caustico; do g. *kaio*, queimar.

Cenobita, que vive em communidade; do g. *koinos*, commum, e *bios*, vida.

Centro, r. l. *centrum*, g. *kentron*, de *kentró*, meio.

Cephalalgia, mal da cabeça; do g. *kephalé*, cabeça, e *algos*, dôr.

Cephaleo, doença violenta da cabeça, e *cephalite* inflammação do cerebro; do g. *kephalé*, cabeça.

Cerno, *crevi*, *cretum*, *ere*, separar, vêr distinctamente, julgar, combater. Este verbo latino, formou: decernére, decretum, discernére, discrete, indiscretus, secretio, secretum, secreto; e d'ahi: ordenar, decreto, discernir, discretamente, indiscreto, secreção, segredo, secretamente.

Calcographia, gravura sobre bronze; do g. *kalcos*, bronze, e *grapho*, gravar.

Conego, do g. *kanonikos*, regular, de *kanon*, regra.

Cháos, abysmo, confusão; do g. *kainô*, entre-abrir-se.

Cheir, mão, g., formou: cheiropteros, chirographario, chiromancia, cirurgia. (Veja estas palavras).

Cheiropteros, que tem azas nas mãos; do g. *keir*, mão, e *pteron*, aza.

Chelonea, tartaruga do mar; do g. *keloné*, tartaruga.

Chimica, do g. *kumeia*, mistura.

Chirographario, credor em virtude de escripto particular, do g. *keir*, mão, e *grapho*, escripto.

Chiromancia, adivinhação pelas linhas das mãos; do g. *keir*, mão, e *nomos*, regra.

Choreographia, arte de notar as figuras da dança; do g. *koros*, dança, e *graphó*, descrever.

Christo, do g. *kristos*, ungido, de *krió*, ungir.

Chronologia, sciencia das datas, do g. *kronos*, tempo, e *logos*, discurso.

Chronometro, instrumento que mede o tempo; do g. *kronos*, tempo, e *metron*, medida.

Chronós, g., formou: anachronismo, chronica, chronologia, chronometro, isochrono, metachronismo, parachronismo, prochronismo, synchronismo. (Veja estas palavras).

Chrysostomo, nome proprio; do g. *krusos*, ouro, e *stoma*, bocca (bocca d'ouro).

Cirurgia, sciencia que consiste em fazer sobre o corpo humano diversas operações para o curar; do g. *keir*, mão, e *ergon*, trabalho.

Clamo, *avi*, *atum*, *are*, l. chamar, publicar; formou: clamor, acclamare, acclamatio, declamare, declamatio, declamator, exclamare, exclamatio, proclamare, proclamatio, reclamare, reclamatio, e d'ahi: clamor, declamar, acclamação, declamar, declamação, declamador, exclamar, exclamação, proclamar, proclamação, reclamar, reclamação.

Cleromancia, adivinhação pelas sortes, do g. *kleros*, sorte, e *manteia*, adivinhação.

Clinica (med.), arte do medico, do g. *klinikos*, que se faz perto do leito, de *kliné*, cama.

Clino, *avi*, *atum*, *are*, pender, inclinar, declinar. Este verbo latino formou: declinare, declinatio, declinatus, inclinis, inclinare, inclinatio; e d'ahi: declinar, declinação, declive, inclinado, inclinar, inclinação.

Clio, musa da historia; do g. *kleós*, gloria.

Clotho, uma das tres parcas, do g. *klóthó*, fiar.

Cludo, *si*, *sum*, *ére*, fechar, encerrar, cercar, terminar. Este verbo l. formou: concludére, conclusio, excludére, exclusio; e d'ahi; concluire, conclusão, excluir, exclusão.

Cocyto, rio do inferno; do g. *cokuó*, lamentar-se.

Coleoptero, insecto que tem as azas cobertas com uma especie de vestido; do g. *koléos*, forro, e *pteron*, aza.

Colo, *ui*, *ultum*, *ére*, cultivar, adorar, honrar, habitar. Este verbo l. formou: cultus, cultura, colonus, colonia, incultus; e d'ahi: culto, cultura, colono, colonia, inculto.

Comedia, do g. *komé*, villa, e *adó*, cantar.

Cometa, do g. *komé*, cabelleira.

Concilio, *avi*, *atum*, *are*, juntar, conciliar, tornar favoravel, apostar, adquirir, conversar, produzir. Este verbo l. formou: conciliatio, conciliator, reconciliare, reconciliatio, reconciliator; e d'ahi: conciliação, conciliador, reconciliar, reconciliação, reconciliador.

Consulo, *ui*, *ultum*, *ére*, deliberar, prover, velar, consultar. Este verbo l. formou: consul, consilium, consiliari, consiliator, consultus, consultare, consultatio; e d'ahi: consul, conselho, conselheiro, consulta, consultar, consultação.

Cosmogonia, sciencia dos primeiros tempos; do g. *kosmos*, mundo, e *gignomai*, nascer.

Cosmographia, descripção do mundo; do g. *kosmos*, mundo, e *graphó*, descrever.

Cosmopolita, cidadão do mundo; do g. *kosmos*, mundo, e *polités*, cidadão.

Cotyledones (bot.), corpos carnudos que se notam na maior parte das sementes.

Credo, *didi*, *ditum*, *ere*, crêr, pensar, ser da mesma opinião, confiar, l.; formou: credulus, incredulus, credulitas, credibilis, incredibilis, creditor, creditum, accredere; e d'ahi: credulo, incredulo, credulidade, crivel, incrivel, credor ou creditado, crença, credito, capacitar.

Creo, *avi*, *atum*, *are*, crear, produzir, occasionar, eleger. Este verbo l. formou: creatio, creator, recreare, recreatio; e d'ahi: creação, creador, recrear, recreação.

Cryptogamicas (bot.), classe de plantas cuja reproducção é escondida, ou está pouco conhecida; do g. *kruptó*, escondido, e *gamos*, casamento.

Cyclades, ilhas do mar Egeo; do g. *kuclos*, circulo.

Cyclope, gigante que só tem um olho; do g. *kuclos*, circulo, e *ops*, olho.

Cylindro, do g. *kulindó*, rodar.

Cynegetica, relativo á caça; do g. *kuon*, cão, e *égeomai*, conduzir.

Cynismo, do g. *kunizo*, fazer de cão.

Cynocephalo, macaco que tem cabeça de cão; do g. *kuon*, cão, e *kephalé*, cabeça.

Cyropedia, do g. *kuros*, Cyro, e *paideia*, educação.

D

Deca, ou *deka*, dez, g.; formou: década, decaedro, decagono, decagramma, decalitro, decalogo, decameron, decametro, decastero, pentadecagono, quindecagono; palavras gregas: *edra*, base, *gônia*, angulo, *gramma*, peso, *litra*, medida, *logos*, palavra, *émera*, dia, *metron*, medida, *stereos*, solido, *penta*, cinco, *quinque* (latim), cinco.

Demagogo, chefe d'uma facção popular; do g. *dêmos*, povo, e *agogos*, conductor.

Democracia, do g. *dêmos*, povo, e *kratos*, poder.

Demos, g. povo; formou: demagogo, democracia, endemico, epidemico. (Veja estas palavras).

Derma, g. pelle; formou: epiderme, pachyderme, dermeste, dermologia, dermotomia. (Veja estas palavras).

Dermeste, insecto cuja larva traça as pelles; do g. *derma*, pelle, e *edô*, comer.

Dermologia, parte da anatomia que trata da pelle; do g. *derma*, pelle, e *logos*, discurso.

Dermotomia, dissecção da pelle; do g. *derma*, pelle, e *temnó*, cortar.

Deuteronomio, 5.º livro do Pentateuco; do g. *deuteros*, segundo, e *nomos*, lei.

Dia, g. através, entre, pelo meio

de — formou: diagnostico, diagonal, dialecto, dialogo, diapasão, diaphano, diaphragma, diarrhêa, diatonico, dioptrica. (Veja estas palavras).

Diagnostico, sciencia que faz conhecer as doenças segundo os symptomas proprios a cada uma; do g. *dia*, através, e *ginoskô*, conhecer.

Diagonal, linha que vai d'um angulo ao angulo opposto; do g. *dia*, através, e *gônia*, angulo.

Dialecto, linguagem particular d'uma aldeia ou provincia, derivado da lingua nacional: do g. *dia*, entre, e *legô*, dizer.

Dialogo, conversação entre muitas pessoas; do g. *dia-legomai*, conversar.

Diametro, linha que atravessa um circulo pelo meio; do g. *dia*, através, e *metron*, medida.

Diapasão, extensão de voz humana ou de instrumento; do g. *dia*, por, e *pas*, tudo.

Diaphano, qualidade d'um corpo transparente; do g. *dia*, através, e *phainô*, brilhar.

Diaphragma, membrana larga e delicada que separa o peito do ventre; do g. *dia*, entre, e *phragma*, divisão.

Diarrhêa, fluxo do ventre; do g. *dia*, por, e *rheô*, correr.

Diatonico, que procede pelos tons naturaes da gamma; do g. *dia*, e *tonos*, tom.

Dico, *xi*, *ctum*, *ere*, dizer, fallar, nomear, eleger, litigar. Este verbo l. formou: dictio, dictator, abdicare, abdicatio, contradicere, contradictio, interdicere, interdictio, prædicere, prædictio, prædicare, prædicatio, prædicator, benedicere, maledicere, maledictio; e ahi: dicção, dictador, abdicar, abdicação, contradizer, contradicção, interdizer, interdicto, predizer, predicção, prégar, predica, prégador, abençoar, amaldiçoar, maldição.

Dicotyledoneas (bot.), nome das plantas que tem dous lobulos ou folhas seminaes; do g. *dis*, duas vezes, e *kotuledon*, cavidade.

Didactico, que é proprio para o ensino; do g. *didasko*, instruir.

Diedro, angulo formado por dous planos que se tocam; do g. *dis*, duas vezes, e *edra*, fundamento, base.

Dilemma, sorte de argumento onde se parte de duas proposições contradictorias; do g. *dis*, duas vezes, e *lemma*, proposição.

Dioptrica, parte da optica que trata da refracção dos raios de luz quando passam por differentes meios; do g. *dia*, através, e *optomai*, vêr.

Diphthongo, syllaba composta de dous sons; do g. *dis*, duas vezes, e *phthongos*, som.

Dipteres, insectos com duas azas; do g. *dis*, duas vezes; e *pteron*, aza.

Dis, g. duas vezes, formou: dicotyledoneas, dilemma, diphthongo, diptero, distico, dithyrambo. (Veja estas palavras).

Disco, *didici*, *ere*, estudar, aprender; ser informado, conhecer. Este verbo l. formou: discipulos, disciplina, condiscipulos; e d'ahi: discipulo, disciplina, condiscipulo.

Distico, reunião de dous versos formando um sentido completo; do g. *dis*, duas vezes, e *stichos*, posição, linha, verso.

Dithyrambo, especie de hymno respirando enthusiasmo poetico; do g. *dis*, duas vezes, e *thura*, porte.

Do, *dedi*, *datum*, *dare*; dar, conceder. Este verbo l. formou: donare, donatio, donum, abdomen, additio, conditio, editus, editio, editor, ineditus, reddere, redditio; e d'ahi: dar, doacção, dom, abdomen, addição, condição, edito, edição, editor, inedito, entregar, rendimento.

Doceo, *ui*, *ctum*, *ere*, ensinar, instruir, mostrar. Este verbo l. formou: docilis, indocilis, docilitas, doctor, doctrina; e d'ahi: docil, indocil, docilidade, doutor, doutrina.

Dodeka, g. doze; formou: dodecaedro, dodecagono, dodecapetalo; do g. *edra*, base, *gonia*, angulo, e *petalon*, folha.

Domus, *ûs*, l. casa, habitação, familia; formou: domesticus, domicilium; e d'ahi: domestico, domicilio.

Dóse, parte d'um medicamento tomado por uma vez; do g. *doô*, dar.

Doxa, g. opinião; tem formado:

heterodoxo, orthodoxo, paradoxo. (Veja estas palavras).

Drama, g. acção; tem formado: dramatico, dramaturgo, drama, melodrama. (Veja estas palavras).

Drama, peça de theatro; do g. *draó*, obrar.

Dramatico, que deriva do drama; do g. *drama*, acção, e *draó*, obrar.

Dramaturgo, author de dramas; do g. *drama*, drama, e *ergon*, obra.

Dromos, g. corrida; tem formado: dromedario, hyppodromo. (Veja estas palavras).

Dromedario, animal do genero do camelo; do g. *dromos*, corrida, por ser muito proprio para as jornadas.

Drus, g. carvalho; formou: druida, dryade, hamadryade. (Veja estas palavras).

Druidas, padres gaulezes; do g. *drus*, carvalho.

Dryades, nymphas dos bosques; do g. *drus*, arvore.

Duco, *xi*, *ctum*, *ere*, conduzir, levar; julgar, crêr. Este verbo l. tem formado: dux, ductilis, conducere, conductor, deducere, deductio, inducere, inductio, introducere, introductio, producere, productio, reducere, reductio, seducere, seductio, traducere, traductio, traductor; e d'ahi: duque, ductil, conduzir, conductor, deduzir, deducção, induzir, inducção, introduzir, introducção, produzir, producção, reduzir, reducção, seduzir, seducção, traduzir, traducção, traductor.

Dunamis, g. força; tem formado: dynamica, adynamia, dynamometro, hydrodynamico. (Veja estas palavras).

Dynamica, parte da mecanica que trata do movimento dos corpos que actuam uns sobre os outros; do g. *dunamis*, força, valor, ou *dunamai*, poder.

Dynamometro, machina que serve para medir a força d'um motor qualquer; do g. *dunamis*, força, e *metron*, medida.

Dysenteria, dôres de entranhas; do g. *dus*, mal, e *enteron*, entranhas, de *entos*, dentro.

E

Echinodermes, nome dos vermes que são revestidos d'uma pelle coriacea, semeada de espinhas articuladas; do g. *ekinos*, erriçado, e *derma*, pelle.

Eclectico, que escolhe; do g. *ek-legó*, escolher.

Economia, do g. *oikos*, casa, e *nemó*, governar.

Edra, g. base; tem formado: decaedro, dodecaedro, heptaedro, hexaedro, icosaedro, octaedro, pentaedro, polyedro, tetraedro. (Veja estas palavras).

Eidos, g. fórma; tem formado: conoide, ellipsoide, kaleidoscopo, metalloide, ovoide, espheroide, typhoide. (Veja estas palavras).

Electricidade, do g. *electron*, ambar amarello.

Electrometro, instrumento que serve para medir o grau de electricidade de um corpo; do g. *electron*, ambar, e *metron*, medida.

Electrophoro, instrumento carregado de materia electrica; do g. *electron*, electricidade, e *pheró*, conter.

Elios (helio), g. sol; formou: aphelio, heliometro, heliopolis, helioscopo, heliotropo, parhelio, perihelio. (Veja estas palavras).

Ellipsoide, corpo com fórma de ellipse; do g. *elleipsis*, ellipse, e *eidos*, fórma.

Embryão, primeiro esboço de um corpo organisado, contido no ovo ou na semente; do g. *en*, em, e *bruo*, vegetar, germinar.

Emisus (hemisus), g. meio; formou: hemicyclo, hemipteros, hemispherio, hemistichio. (Veja estas palavras).

Emo, *emi*, *emptum*, *ere*, comprar, e, *nos seus compostos*, receber, tomar, tirar. Este verbo l. formou: redemptio, redemptor, exemptio, promptus; e d'ahi: redempção, redemptor, isenção, prompto.

Emphase, pompa affectada no dis-

curso ou na pronuncia; do g. *emphaino*, mostrar, imitar.

Empirico, que se guia pela experiencia; do g. *empeira*, experiencia.

Empyreo, a parte mais alta do céo; do g. *en*, em, e *pur*, fogo.

Encephalo, nome dado ao conjuncto do cerebro e cerebello; do g. *en*, em, e *kephale*, cabeça.

Encyclica, carta para dar a mesma ordem a muitas pessoas e em diversos lugares; circular do papa aos bispos; do g. *en*, em, e *kuklos*, circulo.

Encyclopedia, livro que abrange todas as sciencias como em circulo; do g. *en*, em, *kuklos*, circulo, e *paideia*, educação.

Endecagono, figura polygona de onze faces; do g. *endeka*, onze, e *gonia*, angulo.

Endemico, proprio do povo de uma determinada terra; do g. *en*, em, e *demos*, povo.

Energia, do g. *energeia*, força, efficacia, de *en*, em, e *ergon*, trabalho.

Enterite, inflammação dos intestinos; do g. *enteron*, intestino.

Enthusiasmo, inspiração ou furor divino, admiração extraordinaria; do g. *en-theos*, inspirado por um deus, de *en*, em, e *theos*, deus.

Enthymema, especie de argumento; do g. *en*, em, e *thumos*, espirito.

Eo, *ivi*, *itum*, *ire*, ir, andar. Este verbo l. formou: iter, itineris, ambitio, ambitiosus, circuitus, comitia, initiare, initiatio, introire, perire, deperire, præteritus, subire, subitus, subito, transire, transitio; e d'ahi: itinerario, ambição, ambicioso, circuito, comicio, iniciar, iniciação, entrar, perecer, deperecer, preterito, subito, subitamente, transição.

Ephemero, que só dura um dia; do g. *epi*, em, e *hemera*, dia. Tem a mesma etymologia *ephemerides*, livro que contém os successos de cada dia.

Ephoro, magistrado lacedemonico; do g. *epi*, sobre, e *oraó*, vêr (*ephoros*, inspector).

Epi, do g. sobre, durante, depois, com, para; formou: ephemero, ephemerides, ephoro, epidemia, epiderme, epigastro, epiglotta, epigramma, epigraphe, epilepsia, epilogo, epiphania, episcopado, episodio, epitaphio, epithalamio, epitheto, epitome, epistola, epizootia. (Veja estas palavras).

Epidemia, molestia geral que grassa em um povoado; do g. *epi*, sobre, e *demos*, povo.

Epiderme, a primeira pelle; do g. *epi*, sobre, e *derma*, pelle.

Epigastro, parte superior do estomago; do g. *epi*, sobre, e *gaster*, ventre.

Epiglotta, cartilagemzinha que cobre o orificio da trachea arteria; do g. *epi*, sobre, e *glottis*, glotte.

Epigramma, inscripção, dito picante; do g. *epi*, sobre, e *grapho*, descrever. A mesma etymologia para *epigraphe*, especie de sentença no frontispicio de um livro.

Epilepsia, molestia causada por violentas convulsões nervosas; do g. *epi*, sobre, e *lepsis*, presa.

Epilogo, conclusão de poema ou outra obra; do g. *epi*, sobre, e *logos*, discurso.

Epiphania, festa da adoração dos magos; do g. *epi*, sobre, e *phaino*, resplandecer.

Episcopado; do g. *epi-skopeo*, fiscalisar (dignidade de bispo).

Epistolar; do g. *epi-stello*, enviar.

Episodio, acção incidente em um poema; do g. *epi*, para, e *eisodos*, entrada (de *eis*, em, e *odos*, caminho).

Epitaphio, inscripção tumular; do g. *epi*, sobre, e *taphos*, tumulo.

Epithalamio, cantico nupcial; do g. *epi*, sobre, e *thalamos*, leito nupcial.

Epitheto, adjectivo; do g. *epitheton*, nome ajuntado (de *epi-tithemi*, pôr sobre).

Epitome, compendio de uma historia; do g. *epi-temnó*, abreviar.

Epistola, carta; do g. *epi-stelló*, enviar.

Epizootia, doença contagiosa que ataca os animaes; do g. *epi*, sobre, e *zóon*, animal.

Epopeia, poema; do g. *epos*, verso, e *poieó*, fazer.

Epoca; do g. *ep-cko*, determinar.

Ergon, g. trabalho; formou: cirurgia, dramaturgo, energumeno, geor-

gicas, metallurgia, thaumaturgo. (Veja estas palavras).

Erro, *avi*, *atum*, *are*, errar, enganar-se; formou: error, aberratio; e d'ahi: erro, aberração.

Ersypela, tumor superficial e inflammatorio da pelle; do g. *ereutho*, tornar-se vermelho, e *pela*, pelle.

Esquinencia, mal da garganta; do g. *sun*, com, e *agkó*, esganar.

Esthetica, relativo ao sentimento; do g. *aisthanamai*, sentir.

Eteros, g. (heteros), outro; formou: heteroclito, heterodoxo, heterogeneo. (Veja estas palavras).

Etymologia, origem d'uma palavra; do g. *etumos*, verdade, real, e *logos*, discurso.

Eucharistia, sacramento; do g. *eu*, bem, e *karis*, graça.

Euphonia, som dôce, agradavel; do g. *eu*, bem, e *phone*, voz.

Evangelho, boa noticia; do g. *eu*, bem, e *aggelos*, annuncio de boa nova.

Exodo, historia da sahida do Egypto; do g. *ex*, fóra de, e *odos*, caminho.

Exotico, estrangeiro; do g. *exo*, de fóra.

F

Faber, *bri*, obreiro, artifice. Este nome l. formou: fabricare, fabricator, fabricatio, fabrica; e d'ahi: fabricar, fabricante, fabricação, fabrica.

Facio, *feci*, *factum*, *ere*, fazer, obrar. Este verbo l. que se muda nos compostos em *ficere*, *facio*, *feci*, *factum*, formou: factio, facilis, facile, facilitas, facultas, difficilis, difficultas, afficere, affectio, affectatio, confectio, defectio, effectum, efficacitas, officium, officiosus, imperfectus, perfectio, præfectus, præfectura, satisfacere, satisfatio; e d'ahi: facção, facil, facilmente, facilidade, faculdade, difficil, difficuldade, affectar, affeição, affectação, confecção, defecção, effeito, efficaz, officio, officioso, imperfeito, perfeição, prefeito, prefeitura, satisfazer, satisfação.

Fama, *æ*, celebridade, nomeada, reputação. Este nome l. formou: famosus, infamis, infamia, infamare, diffamatus; e d'ahi: famoso, infame, infamia, infamar, diffamado.

Famulus, *i*, l. servo; formou: familia, familiaris, familiaritas, familiariter; e d'ahi: familia, familiar, familiaridade, familiarmente.

Faris, *fatur*, *fatus sum*, *fari*, fallar, dizer, explicar um oraculo. Este verbo l. formou: fatalis, fataliter, nefastus, affabilis, affabilitas, ineffabilis; e d'ahi: fatal, fatalmente, nefasto, affavel, affabilidade, ineffavel.

Fendo, *di*, *ensum*, *ere*, offender, repellir, bater, excitar á cólera. Este verbo l. formou: defendere, defensio, defensor, offendere, offensio, offensus, inoffensus; e d'ahi: defender, defensa, defensor, offensa, offendido, inoffensivo.

Fero, *tuli*, *latum*, *ferre*, conter, soffrer, supportar, produzir, trazer, offerecer, dizer, alcançar, obter, levar. Este verbo l. formou: fertilis, fertilitas, delatio, delator, differentia, indifferens, afferre, referre, relatio, transferre, translatio; e d'ahi: fertil, fertilidade, delação, delator, differença, indifferente, offerecer, referir, relação, transportar, translação.

Ferveo, *bui*, *ere*, ser aquecido, ferver, fervido; estar commovido, animado, agitado. Este verbo l. formou: fervor, fervidus, fermentum, fermentare, effervescere; e d'ahi: fervor, fervente, fermento, fermentar, effervescencia.

Fides, *ei*, fé, fidelidade, promessa, palavra, confiança, credito, protecção. Este nome l. formou: fidelis, fidelitas, fideliter, infidelis, infidelitas, perfidus, perfidia, perfidiose; e d'ahi: fiel, fidelidade, infiel, fielmente, infidelidade, perfido, perfidia, perfidamente.

Firmus, *a*, *um*, firme, solido, estavel, duravel, forte, robusto, constante. Este adjectivo l. formou: firmitas, firmiter, firmamentum, affirmare, affirmatio, confirmare, confirmatio, infirmitas; e d'ahi: firmeza, firmemente, firmamento, affirmar, affirmação, confirmar, confirmação, enfermidade.

Fligo, *xi*, *ctum*, *ere*, bater, ferir, esbarrondar. Este verbo l. formou: afflictio, afflictare, infligere; e d'ahi: afflicção, affligir, infligir.

Fluo, *xi*, *xum*, *ere*, correr, escoar, passar, desvanecer. Este verbo l. formou: fluvius, fluidus, fluvialis, fluxio, fluctus, affluere, affluentia, refluere, superfluus, superfluitas; e d'ahi: corrente, fluido, fluvial, fluxão, onda, affluir, affluencia, refluir, superfluo, superfluidade.

Forma, *æ*, fórma, figura, imagem, belleza. Este nome l. formou: formula, formalis, formatio, conformare, conformatio, deformis, deformitas, informare, informatio, informis, reformare, reformatio, reformator, transformare; e d'ahi: formula, formal, disforme, disformidade, informar, informação, informe, reformar, reformação, reformador, transformar.

Frango, *fregi*, *fractum*, *ere*, romper, despedaçar, domar, vencer, enfraquecer, abater. Este verbo l formou: fragilis, fragilitas, fragmentum, infractio; e d'ahi: fragilidade, fragmento, infracção.

Fundo, *fudi*, *fusum*, *ere*, fundir, desfazer, derramar, produzir, dispersar, extinguir. Este verbo l. formou: fusio, confundere, confusio, confuse, effusio, profusio, transfundere; e d'ahi: fusão, confundir, confusão, confusamente, effusão, profusão, transfusão.

G

Gameo, g. casar-se; formou: amalgama, bigamia, cryptogamo, polygamo; do g. *ama*, juntos, *bis*, duas vezes, *kruptos*, escondido, *polus*, muitos.

Gaster, g. ventre, estomago; formou: epigastro, gasteropodes, gastralgia, gastrite, gastronomia, gastrodynia. (Veja estas palavras).

Gasteropodes, moluscos que andam sobre o ventre; do g. *gaster*, ventre, e *pous*, *podos*, pé.

Gastrite, inflammação do estomago; do g. *gaster*, estomago.

Gastrodynia, dôr de estomago; do g. *gaster*, estomago, e *oduné*, dôr.

Gastronomia, sciencia da boa comida; do g. *gaster*, ventre, e *nomòs*, lei.

Ge, g. terra; formou: gigante, apogeu, geodesia, geographia, geologia, geometria, georgica, perigeu. (Veja estas palavras).

Genealogia, do g. *genea*, raça, nascimento, e *logos*, discurso.

Genesis, 1.º livro do Pentateuco, encerrando a historia da creação; do g. *genesis*, nascença, creação.

Genesis, g. producção, creação; formou: genese, hydrogeno, oxygeno. (Veja estas palavras).

Genos, g. raça, especie; formou: genealogia, heterogeneo, homogeneo. (Veja estas palavras).

Geocyclica, machina que representa o movimento annual e diurno da terra; do g. *ge*, terra, e *kuklos*, circulo.

Geodesia, parte da geometria que ensina a medir e dividir os terrenos; do g. *ge*, terra, e *daió*, dividir.

Geographia, do g. *ge*, terra, e *graphó*, descrever.

Geologia, sciencia que trata do exame do interior da terra; do g. *ge*, terra, e *logos*, discurso.

Geometria, do g. *ge*, terra, e *metron*, medida.

Georgica, agricola, tratado de Virgilio sobre a agricultura; do g. *ge*, terra, e *ergon*, trabalho.

Gigante, do g. *ge*, terra, e *gegaa*, nascer, e d'ahi l. *gigas*.

Gonalgia, dôr no joelho; do g. *gonu*, joelho, e *algos*, dôr.

Gonia, g. angulo; formou: decagono, diagonal, dodecagono, endecagono, enneagono, heptagono, hexagono, octogono, pentagono, polygono, tetragono, pentadecagono, quindecagono. (Veja estas palavras, e *Deca*).

Gonometria, arte de medir os angulos; do g. *gonia*, angulo, e *metron*, medida.

Gradior, *gressus*, *gradi*, andar, marchar, avançar. Este verbo l. formou: gradatio, gradatus, agressio, digressio, retrogradi, retrogradus, transgredi, transgressio, transgressus; e d'ahi: gradação, graduado,

agressor, digressão, retrogradar, retrogrado, transgredir, transgressão, transgressor.

Gramma, g. letra, numero; formou: anagramma, epigramma, grammatica, monogramma, programma, telegramma.

Graphô, g. escrever, descrever; formou: acrographia, autographo, bibliographia, biographia, calligraphia, chirographario, choregraphia, cosmographia, epigraphe, ethnographia, geographia, graphometro, historiographo, homographo, horographia, hydrographia, lexicographo, lithographia, olographia, orthographia, paleographia, pantographia, paragrapho, parapho, photographia, estenographia, telegrapho, topographia, typographia. (Veja estas palavras).

Graphometro, instrumento de mathematica que mede os angulos sobre os terrenos; do g. *graphô*, descrever, e *metron*, medida.

Gratus, *a*, *um*, agradavel, que agrada; reconhecido. Este adjectivo l. formou: gratia, gratuitus, gratis, gratificari, gratificatio, ingratus; e d'ahi: graça, gratuito, gratis, gratificar, gratificação, ingrato.

H

Habeo, *ui*, *itum*, *ere*, ter, possuir, haver, estimar, habitar. Este verbo l. formou: habitudo, habilis, habilitas, inhabilis, habitare, habitatio, habitabilis, inhabitabilis, exhibere, prohibere, prohibitio, redhibere; e d'ahi: habito, habil, habilidade, inhabil, exhibir, prohibir, prohibição, redhibição.

Hæreo, *si*, *sum*, *ere*, ser ligado a, junto a, apegar-se a, ligar-se, prender-se, hesitar, ficar suspenso. Este verbo l. formou: hæsitare, hæsitatio, adhæsio, cohærentia, inhærere; e d'ahi: hesitar, hesitação, adhesão, coherencia, incoherencia, inherencia, inherente.

Harmonia, accorde; do g. *harmos*, ajuntamento.

Harpias, monstros fabulosos; do g. *harpazô*, arrebatar.

Hebdomadario, espaço de sete dias; do g. *hebdomas*, semana, de *hepta*, sete.

Hecatombas, sacrificio de cem bois; do g. *ekaton*, cem, e *bous*, boi.

Hectogramma, *hectolitro*, *hectometro*, *hectostere*; do g. *ekaton*, cem, *gramma*, gramma, *litra*, litro, *metron*, medida, *stereos*, stere.

Helioscopo, instrumento com que se observa o sol; do g. *elios*, sol, e *scopeo*, vêr.

Heliotropio, girasol; do g. *elios*, sol, e *trepô*, tornar.

Hellenismo, imitação dos gregos; *hellenista*, que falla a lingua grega; do g. *ellen*, grego.

Hemiptero, meia aza; do g. *hemisus*, meio, e *pteron*, aza.

Hemispherio, metade d'uma esphera; do g. *hemisus*, meio, e *sphaira*, esphera.

Hemistichio, metade d'um verso heroico; do g. *hemisus*, e *stikos*, versos.

Hemorrhoidas, do g. *haima*, sangue, e *rheo*, correr.

Hepatite, inflammação do figado; do g. *hepar*, figado.

Heptagono, figura que tem sete lados; do g. *hepta*, sete, e *gonia*, angulo.

Heptarchia, governo dividido por sete chefes; do g. *hepta*, sete, e *arke*, commando.

Heresiarcha, chefe de partido ou de seita: do g. *hairesis*, seita, e *arke*, chefe.

Heterodoxo, contrario aos dogmas, ou que segue outra doutrina, que é de opinião diversa; do g. *heteros*, outra, e *doxa*, opinião.

Heterogeneo, que é de differente natureza; do g. *heteros*, outro, e *genos*, genero.

Hexacorde, instrumento de musica com seis cordas; do g. *hex*, seis, e *kordê*, corda.

Hexaedro, tem seis faces solidas; do g. *hex*, seis, e *edra*, base.

Hexagono, figura com seis lados, e seis angulos; do g. *hex*, seis, e *gonia*, angulo.

Hexametro, verso de seis syllabas; do g. *hex*, seis, e *metron*, medida.

Hierarchia, de *harko*, ser chefe.

Hieroglyphico, escriptura symbolica; do g. *hieros*, sagrado, e *gluphô*, gravar.

Hippiatrica, medicina dos cavallos; do g. *hippos*, cavallo, e *iatros*, medico.

Hippocrene, fonte consagrada ás musas; do g. *hippos*, cavallo, e *krené*, fonte.

Hippodromo, lugar destinado ás corridas cavallares; do g. *hippos*, cavallo, e *dedroma*, correr.

Hippopotamo, quadrupede amphibio, do g. *hippos*, cavallo, e *potamos*, rio.

Historiographo, o que escreve a historia d'um reinado; do g. *historia*, historia, e *grapho*, escrever.

Holocausto, sacrificio; do g. *olos*, inteiro, e *kausó*, queimar.

Homogeneo, da mesma especie; do g. *homos*, o mesmo, e *genos*, especie.

Homologação, ratificação de qualquer acto authorisado pela justiça; do g. *homos*, o mesmo, e *lego*, dizer.

Homologo, o que está de accordo, analogo; do g. *homos*, o mesmo, e *lego*, dizer.

Homonymo, que tem o mesmo nome; do g. *homos*, o mesmo, e *onuma*, nome.

Horographia, arte de fazer mostradores de relogios; do g. *hôra*, hora, e *grapho*, escrever.

Horoscopo, do g. *hora*, hora, e *scopeô*, vêr.

Hydraulica, parte da mecanica que ensina a conduzir e elevar as aguas; do g. *hudor*, agua, e *aulos*, tubo.

Hydrodynamica, sciencia das leis do equilibrio e do movimento dos fluidos; do g. *hudor*, agua, e *dunamis*, força.

Hydrogeno, propriamente gerador da agua, substancia designada antigamente sobre o nome de *ar inflammavel;* do g. *hudor*, e *genos*, nascença.

Hydrographia, descripção dos mares; do g. *hudor*, agua, e *grapho*, descrever.

Hydromancia, adivinhação por meio da agua; do g. *hudor*, agua, e *manteia*, adivinhação.

Hydrophobia, horror, temor da agua; do g. *hudor*, agua, e *phobos*, medo.

Hydropisia, do g. *hudor*, agua, e *ops*, apparencia.

Hydrostatica, parte da mecanica que considera o peso dos liquidos; do g. *hudor*, agua, e *istamai*, parar.

Hygiene, parte da medicina que tem por objecto a conservação da saude; do g. *hugeia*, saude.

Hygrometro, instrumento que marca os graus de seccura e humidade do ar; do g. *hugros*, humido, e *metron*, medida.

Hymenopteros, insectos que tem quatro azas membranosas; do g. *humen*, membrana, e *pteron*, aza.

Hyperbole (fig. de rhet.), exageração; do g. *huper*, longe, e *ballo*, atirar.

Hyperborio, septentrional; do g. *huper*, ao longe, e *boreas*, norte, vento do norte.

Hypocrisia, dissimulação; do g. *hupo*, debaixo, e *krinomai*, fingir.

Hypothenusa, lado que é opposto ao angulo recto em um triangulo rectangulo; do g. *hupo*, debaixo, e *teinó*, estender.

Hypotheca, penhor, segurança; do g. *hupo-tithemi*, por debaixo.

Hypothese, supposição; do g. *hupotithemi*, estabelecer.

I

Ichthyologia, parte da historia natural que trata dos peixes; do g. *ikthus*, peixe, e *logos*, discurso.

Ichthyophago, o que vive dos peixes; do g. *ikthus*, peixe, e *phagein*, comer.

Iconoclasta, destruidor de imagens; do g. *eikon*, imagem, e *kláo*, quebrar.

Icosaedro, solido, regular, terminado por vinte triangulos equilateros; do g. *eikosi*, vinte, e *edra*, base.

Ideologia; do g. *idea*, idéa, e *logos*, discurso.

Idioma, linguagem particular; do g. *idios*, particular.

Idiotismo, especie de imbecilidade; maneira de fallar propria a uma lingua; do g. *idios*, particular.

Idolatra, adorador de imagens; do g. *eidolon*, imagem, idolo, e *latres*, adorador.

Imago, *inis*, l. imagem, figura; formou: imaginarius, imaginari, imaginatio; e d'ahi: imaginario, imaginar, imaginação.

Isoceles, triangulo com dous lados iguaes; do g. *isos*, igual, e *skelos*, perna.

J

Jacio, *jeci*, *jactum*, *ere*, atirar. Este verbo l. formou: jactantia, abjectio, abjectus, conjicere, conjectura, dejectio, ejectio, injectio, interjectio, objicere, objectatio, projectio, projectus, subjectio, trajectus; e d'ahi: jactancia, abjecção, abjecto, conjecturar, conjectura, dejecção, ejecção, injecção, interjeição, objectar, objecção, projecção, projecto, subjectivo, trajecto.

Jus, *uris*, direito, equidade, justiça; poder, authoridade. Este nome l. formou: justitia (stans in jure), injustus, injustitia, injuria, injuriosus, judex, judicare, juris, consultus, jurare, abjurare, adjurare, conjurare, conjuratio, conjuratus, perjurium; e d'ahi: injusto, injustiça, injuria, injurioso, juiz, julgar, jurisconsulto, jurar, abjurar, adjurar, conjurar, conjuração, perjurio.

K

Kakos, g. mau; formou: cacochymia, cacographia, cacologia, cacophonia; do g. *chumos*, humor, *grapho*, escrever, *logos*, discurso, *phoné*, voz.

Kalos, g. belleza; formou: calligraphia, Calliope, chrisocalo, kaleidoscopo; do g. *grapho*, escrever, *ops*, voz, *chrusos*, ouro, *eidos*, fórma, e *skopeo*, vêr.

Kalcidoscopo, instrumento através do qual os objectos se apresentam debaixo de fórmas variadas e agradaveis; do g. *kalos*, bello, *eidos*, fórma, e *skopeo*, vêr.

Kata, g. em baixo, debaixo, contra, sobre, com força, por, através; formou: catachrese, cataclysmo, catacumbas, cataleptico, cataplasma, catarata, catarrho, catastrophe, catholico. (Veja estas palavras).

Kaustos, g. queimar; formou: caustico, cauterio, holocausto.

Kephalê, g. cabeça; formou: acephalo, cephalalgia, encephalo, hydrocephalo. (Veja estas palavras).

Kilogramma, *kilolitro*, *kilometro*; do g. *kilioi*, mil, gramma, peso, *litra*, litro, *metron*, medida.

Kosmos, g. mundo; formou: cosmogonia, cosmographia, cosmologia, cosmopolita, cosmorama. (Veja estas palavras).

Kranion, g. craneo; formou: enxaqueca, craneologia.

Kratos, g. poder; formou: aristocracia, autocracia, democracia, theocracia. (Veja estas palavras).

Kuklos, g. circulo; formou: cyclades, cyclo, cyclope, encyclica, encyclopedia, hemicyclo, tricyclo. (Veja estas palavras).

L

Lacio, *cere*, fazer cahir no laço, induzir ao erro. Este verbo l. formou: allectare, deliciæ, delicatus, delectare, delectatio, delectabilis; e d'ahi: alliciar, delicia, delicado, deleitar, deleitação, deleitavel.

Lepsis, g. presa; formou: epilepsia, catalepsia, analeptico. (Veja estas palavras).

Lethargia, adormecimento profundo; do g. *lethé*, esquecimento, rio do inferno, e *argia*, entorpecimento.

Lexicographo, author d'um lexicon; do g. *lexikon*, diccionario, e *grapho*, escrever.

Liber, *era*, *erum*, livre, isento. Este adjectivo l. formou: libertas, liberalis, liberalitas, liberare, liberator; e d'ahi: liberdade, liberal, liberalidade, libertar, libertador.

Lichen, planta parasita que nasce sobre a casca ou cortiça; do g. *leikó*, lamber.

Ligo, *avi*, *atum*, *are*, ligar, prender. Este verbo l. formou: ligamentum, deligare, obligare, obligatio, religare, religio, religiosus; e d'ahi: ligamento, desligar, obrigar, obrigação, reatar, religião, religioso.

Lithargo, oxydo de chumbo meio vidrado; mistura de prata e chumbo; do g. *lithos*, pedra, e *arguros*, prata.

Lithographia, arte de escrever e desenhar sobre pedra; do g. *lithos*, pedra, e *grapho*, escrever.

Lithologia, sciencia das pedras; do g. *lithos*, pedra, e *logos*, discurso.

Lithos, pedra; formou: lithologia, lithographia, lithotripsia, monolitho. (Veja estas palavras).

Lithotripsia, operação que consiste em moer a pedra na bexiga; do g. *lithos*, pedra, e *tribó*, esmagar.

Liturgia, ordem estabelecida nas ceremonias da missa; do g. *laos*, povo, e *ergon*, ministerio.

Logarithmo, do g. *logos*, razão, e *arithmos*, numero.

Logica, arte de bem pensar; do g. *logos*, razão.

Logogripho, especie de enigma; do g. *logos*, discurso, e *griphos*, enigma.

Logos, g. discurso, palavra, tratado, sciencia, razão; formou: analogo, analogia, anthropologia, apologia, archeologia, astrologia, chronologia, cosmologia, decalogo, dialogo, epilogo, etymologia, genealogia, geologia, homologação, homologo, ichthyologia, ideologia, lexicologia, logarithmo, martyrologio, meteorologia, mineralogia, monologo, mythologia, necrologia, neologia, odontologia, ontologia, osteologia, paleontologia, paralogismo, pathologia, philologo, phraseologia, phrenologia, physiologia, prologo, psychologia, syllogismo, technologia, theologia, zoologia. (Veja todas estas palavras).

Loquor, *locutus*, *loqui*, fallar, dizer, contar. Este verbo l. formou: locutio, loquax, loquacitas, allucotio, colloquium, eloquens, eloquentia, elocutio; e d'ahi: locução, loquaz, loquacidade, allocução, colloquio, eloquente, eloquencia, elocução.

Lux, *lucis*, luz, claridade, dia; no sentido figurado: gloria. Este nome l. formou: lucidus, Lucifer, elucubrare, luminosus, illuminare, lucere, illustris, illustrare, illustratio, relucere, translucidus; e d'ahi: lucido, Lucifer, elucubrar, elucubração, luminoso, illuminar, luzir, illustre, illustrar, illustração, reluzir, translucido.

Lycanthropia, doença em que o atacado se imagina transformado em lobo; do g. *lukos*, lobo, e *anthropos*, homem.

Lycopodo, especie de espuma; do g. *lukos*, lobo, e *pous*, pé.

M

Macroptero, que tem as azas muito compridas; do g. *makros*, grande, e *pteron*, aza.

Magnetismo, do g. *magnes*, iman.

Magnus, *a*, *um*, grande; no sentido figurado: poderoso, nobre, elevado, etc. Este adjectivo l. formou: magnificus, magnanimus, magnanimitas, majusculus, majestas; e d'ahi: magnifico, magnanimo, magnanimidade, maisculo, magestade.

Malus, *a*, *um*, mau, de má qualidade, perverso. Este adjectivo l. formou: malum, malitia, malitiosus, malignus, malignitas, maleficium, maleficus; e d'ahi: mal, malicia, malicioso, maligno, malignidade, maleficio, malfeitor.

Mania, g. mania; formou: anglomania, bibliomania, melomania, metromania, monomania. (Veja estas palavras).

Manteia, g. prophecia, adivinhação; formou: cartomancia, chiromancia, necromancia, rabdomancia. (Veja estas palavras).

Marasmo, extrema magreza; do g. *maraino*, desfeito.

Martyrologio, catalogo dos martyres; do g. *martur*, testemunha, e *logos*, discurso.

Mastodynia, dôr dos seios; do g. *mastos*, mama, e *oduné*, dôr.

Mateologia, vã pesquiza; do g. *mataios*, debalde, e *logos*, discurso.

Mathematica; do g. *mathein*, aprender.

Mecanica, sciencia das machinas; do g. *mekané*, machina.

Medeor, *eri*, remediar, curar. Este verbo l. formou: medicus, medicina, medicamentum, remedium; e d'ahi: medico, medicina, medicamento, remedio.

Melancolia, bilis negra, humor sombrio; do g. *melas*, negro, e *kolé*, bilis.

Melos, g. harmonia, canto; formou: melodia, melodrama, melomania, philomela. (Veja estas palavras).

Melodia, sons seguidos agradaveis ao ouvido; do g. *melos*, aria, e *ado*, cantar.

Melodrama, drama entremeiado de canto; do g. *melos*, canto, e *drama*, drama.

Melomania, gosto excessivo pela musica; do g. *melos*, canto, e *mania*, mania.

Melopeia, regra da composição do canto; do g. *melos*, canto, e *poieô*, fazer, compôr.

Mens, *tis*, alma, espirito, razão, coração, genio, intenção, memoria. Este nome l. formou: dementia, vehemens, vehementia, mentio; e d'ahi: demencia, vehemencia, menção.

Mesenterio, membrana que entrejuncta os intestinos; do g. *mesos*, ao meio, e *enteron*, intestinos.

Meta, g. por cima, sobre; formou: metachronismo, metamorphose, metaphora, metaphysica, metempsychose, meteoro, methodo, metonymia. (Veja estas palavras).

Metachronismo, anachronismo que consiste em adiantar a data de qualquer acontecimento; do g. *meta*, depois, e *kronos*, tempo.

Metallurgia, arte de trabalhar nos metaes; do g. *metalon*, metal, e *ergon*, obra.

Metamorphose, mudança d'uma fórma em outra; do g. *meta*, mudança, e *morphê*, fórma.

Metaphora, figura de rhetorica pela qual se transpõem as palavras do sentido proprio para o figurado; do g. *meta*, mudar, e *phero*, conter.

Metaphysica, sciencia das cousas abstractas e puramente intellectuaes; do g. *meta*, ao de cima, e *phusis*, natureza.

Metempsychose, fazer passar a alma d'um corpo para outro; do g. *meta*, *en*, dentro, e *psuché*, alma.

Meteoro, todo o phenomeno que se passa na atmosphera; do g. *metaeirô*, elevado.

Methodo, maneira de fazer, de dizer, de ensinar certos principios; do g. *meta*, segundo, e *odos*, caminho.

Metonymia, figura de rhetorica que consiste em tomar a causa pelo effeito, o continente pelo conteúdo; mudança de nome; do g. *meta*, longe, e *onuma*, nome.

Metrologia, tratado das medidas; do g. *metron*, medida, e *logos*, discurso.

Metromania, furor de fazer versos; do g. *mainomai*, estar furioso, e *metron*, medida.

Metropole, cidade capital, cidade com séde episcopal, mãi patria; do g. *meter*, mãi, e *polis*, cidade.

Metron, g. medida; formou: aerometro, anemometro, areometro, barometro, diametro, chronometro, electrometro, gazometro, geometria, graphometro, hectometro, heliometro, hydrometro, hexametro, hygrometro, kilometro, metromania, metronomo, myriametro, perimetro, estereometria, symetria, thermometro, trigonometria. (Veja estas palavras).

Microscopio, instrumento que augmenta pequenos objectos; do g. *mikros*, pequeno, e *skopeo*, vêr.

Minister, *tri*, l. ministro; formou: minister, ministerium, administrare, administratio, administrator; e d'ahi: ministro, ministerio, administrar, administração, administrador, administrativo.

Misanthropia, horror ao genero hu-

mano; do g. *miseó*, odio, e *anthropos*, homem.

Mnemotechnia, o que toca á memoria, e aos meios de a soccorrer; do g. *mnaomai*, lembrança, e *tekné*, arte.

Monarchia, governo só d'um; do g. *monos*, só, e *arko*, mandar.

Monocordio, instrumento só d'uma corda; do g. *monos*, um, e *kordé*, corda.

Monocotyledoneas, nome das plantas que só tem uma folha seminal; do g. *monos*, só, e *kotuledon*, cavidade.

Monogramma, nome ou combinação de letras de maneira a formar uma só figura; do g. *monos*, só, e *gramma*, letra.

Monolitho, que é só d'uma pedra, como os obeliscos; do g. *monos*, só, e *lithos*, pedra.

Monologo, scena em que um actor falla só; do g. *monos*, só, e *logos*, discurso.

Monomania, especie de alienação mental na qual uma só idéa absorve todas as faculdades da intelligencia; do g. *monos*, só, e *mainomai*, ser louco.

Monomio, quantidade algebrica composta d'um só termo; do g. *monos*, só.

Monopetala, que não tem senão uma petala; do g. *monos*, só, e *petalon*, folha.

Monopolio, trafico exclusivo feito em virtude d'um privilegio; do g. *monos*, só, e *pôleó*, vender.

Monoptero (hist. nat.), que não tem senão uma aza; do g. *monos*, só, e *pteron*, aza.

Monos, g. só; formou: monarchia, mosteiro, monocordio, monocotyledoneas, monogramma, monolitho, monologo, monomania, monomio, monopetala, monopolio, monoptero, monosyllabo, monotonia. (Veja estas palavras).

Monosyllabo, palavra d'uma syllaba; do g. *monos*, só, e *sullabé*, syllaba.

Monotonia, uniformidade aborrecida no tom da linguagem ou da leitura; do g. *monos*, só, e *tonos*, tom.

Mosteiro, solidão; do g. *monazó*, viver só.

Moveo, *movi*, *motum*, *movere*, mover, agitar, excitar, levantar, tocar, commover. Este verbo l. formou: motio, motor, momentum, mobilis, mobilitas, immobilis, amovere, commotio, removere; e d'ahi: moção, motor, momento, mobil, mobilidade, immovel, inamovivel, commoção, agitação.

Munus, *eris*, presente, dom, funcção, cargo, dever. Este nome l. formou: munificentia, remunerari, remuneratio, immunitas, communio, communicatio, municipalis; e d'ahi: munificencia, remunerar, immunidade, communhão, communicação, municipal.

Muto, *avi*, *atum*, *are*, remover, trocar, mudar. Este verbo l. formou: mutatio, commutare, commutatio, permutare, permutatio, commutabilis; e d'ahi: mutação, commutar, commutação, permutar, permutação, commutavel.

Myope, o que tem a vista curta; do g. *muó*, fechar, e *ops*, olho.

Myriagramma, peso de dez mil kilogrammas; do g. *muria*, mil; e tem formado tambem: myrialitro, myriametro, myriapodos (*pous*, *podos*, pé).

Mysterio, do g. *muó*, calar-se, guardar segredo.

Mythologia, sciencia dos deuses do paganismo e da fabula; do g. *muthos*, fabula, e *logos*, discurso.

N

Naiade, nympha das aguas; do g. *naó*, correr.

Narcotico, entorpecimento; do g. *narkaó*, adormecer.

Nascor, *natus*, *nasci*, nascer, apparecer, produzir. Este verbo l. formou: natus, natalis, nativus, natura, naturalis, natio, renasci; e d'ahi: nascido, natal, simples, nativo, natural, natureza, reacção, renascer, renascença.

Naumachia, combate naval; do g. *naus*, navio, e *makomai*, combater.

Nausea, enjôo; do g. *naus*, navio.

Navi, *is*, l. barco, navio; formou:

navalis, nauta, nauticus, naufragium, navigare, navigatio, navigator, navigabilis, innavigabilis; e d'ahi: naval, piloto, nauta, nautico, naufragio, navegar, navegação, navegavel, innavegavel, navegador.

Necrologia, livro que contém o nome de pessoas mortas; do g. *nekros*, morto, e *logos*, discurso.

Necromancia, arte de evocar os mortos; do g. *nekros*, morte, e *manteia*, adivinhação.

Nectopodos, chamam-se as aves e os amphibios que tem os dedos pegados por uma membrana; do g. *nektos*, que póde nadar, e *pous*, *podos*, pé.

Neos, g. novo; formou: neographia, neolatino, neologia, neomenia, neophyto. (Veja estas palavras).

Neographo, o que usa ou quer introduzir uma orthographia particular; do g. *neos*, novo, e *graphó*, escripto.

Neolatinas, chamam-se as linguas que são derivadas do latim; portuguez, francez, hespanhol e italiano; do g. *neos*, novo.

Neologia, invenção, emprego de termos novos; do g. *neos*, novo, e *logos*, discurso.

Neomenia, lua nova; do g. *neos*, novo, e *menê*, lua, de *mên*, mez.

Neophyto, convertido de pouco; do g. *neos*, novo, e *phuomai*, começar.

Nephralgia, dôr nos rins; do g. *nephros*, rin, e *algos*, dôr.

Nephrite, mal dos rins; *nephritico*, relativo aos rins; do g. *nephros*, rin.

Nesos, g. ilha; formou: Chersoneso (de *kersos*, terra, quasi ilha), Melanesia (de *melas*, negro), Micronesia (de *mikros*, pequeno), Polynesia (de *polus*, muitos).

Nevralgia, *nevrose*, dôr dos nervos; do g. *neuron*, nervo, e *algos*, dôr.

Nomos, g. lei, regra, arte, sciencia; formou: agronomia, antinomia, astronomia, deuteronomia, economia, gastronomia, metronomia, physionomia. (Veja estas palavras).

Nosco, *novi*, *notum*, *scere*, conhecer, saber, conceber. Este verbo l. formou: notio, nobilis, nobilitas, ignobilis, notare, notabilis, notatio, adnotare, adnotatio, nomen, nominare, nominatio, denominare, pronomen, ignominia, ignominiosus; e d'ahi: noção, nobre, nobreza, ignobil, notar, notavel, notação, annotar, annotação, nome, nomear, nomeação, denominar, prenome, ignominia, ignominioso.

Nostalgia, doença, saudade da patria; do g. *nostos*, volta, e *algos*, dôr.

Novus, *a*, *um*, novo, recente, moderno, novel, novato. Este adjectivo l. formou: novicius, renovare, renovatio; e d'ahi: de novo, renovar, renovação.

Numismatica, sciencia que trata das medalhas antigas; do l. *numisma*, moeda.

Nyctolope, pessoa que vê mais claro de noite que de dia; do g. *nux*, noite, e *ops*, olho.

O

Ochlocracia, governo do povo baixo; do g. *oklos*, multidão, e *kratos*, poder.

Octo, ou *okto*, g. oito; formou: octacordo, octaedro, octogono, octopetalo, octophyllo; do g. *korde*, corda, *edra*, base, *gonia*, angulo, *petalon*, petala, *phullon*, folha.

Ode, g. canto; formou: melodia, ode, palinodia, parodia, prosodia, psalmodia, rapsodia. (Veja estas palavras).

Odontalgia, doença dos dentes; do g. *odous*, *odontos*, dente, e *algos*, dôr.

Odontologia, parte da anatomia que trata dos dentes; do g. *odous*, dente, e *logos*, tratado.

Œsophago, canal que conduz os alimentos da bocca para o estomago; do g. *oisô*, futuro de *phêro*, levar, e *phagein*, comer.

Oleo, *evi*, *etum*, *ere*, crescer, engrandecer, augmentar-se. Este verbo l. formou; abolere, adolescens, adolescentia; e d'ahi: abolir, adolescente, adolescencia.

Oligarchia, governo d'um pequeno numero de pessoas; do g. *oligos*, pouco numeroso, e *arkô*, mandar.

Olographo, testamento todo escripto pela mão do testador; do g. *olos*, todo, e *graphos*, escripto.

Omos (homos), semelhante. Esta palavra g. formou: homœopathia, homogeneo, homographia, homologo, homonymo. (Veja estas palavras).

Onomatopeia, formação d'uma palavra cujo som é imitativo da cousa que significa; do g. *onuma*, nome, e *poieô*, fazer.

Onuma, g., ou *onoma*, nome; tem formado: anonymo, antonomasia, antonymia, homonymo, onomatopeia, paronymo, patronimyco, pseudonymo, synonymo. (Veja estas palavras).

Ontologia, sciencia da vida em geral; do g. *on*, ser, e *logos*, discurso.

Ophidianos, ordem de reptis da natureza das serpentes; do g. *ophis*, serpente.

Ophthalmia, inflammação dos olhos; do g. *ophthalmos*, olho.

Ops, *opos*, g. olho; formou: autopsia, cyclope, dioptrica, hydropisia, myope, optica, synoptica. (Veja estas palavras).

Optica, parte da mathematica que trata da luz e das leis da visão; do g. *optomai*, vêr.

Ora (hora), g. hora; formou: horographia, horoscopo.

Oreographia, descripção das montanhas; do g. *oros*, montanha, e *grapho*, descrever.

Ornithologia, parte da historia natural concernente aos passaros; do g. *ornis*, passaro, e *logos*, tratado.

Orthodoxo, conforme com o direito, e sã opinião em materia religiosa; do g. *orthos*, direito, e *doxa*, opinião.

Orthographia, do g. *orthos*, direito, e *grapho*, escrever; arte de escrever as palavras correctamente.

Osteologia, parte da anatomia que trata dos ossos; do g. *osteon*, osso, e *logos*, tratado.

Otalgia, dôr de ouvidos; do g. *ous*, orelha, e *algos*, dôr.

Otium, l. ociosidade, vagar, repouso, retiro, paz; tem formado: negotium, negotiosus, negotiasi, negotiatio, negotiator; e d'ahi: negocio, negociante, negociar, negociação, negociador.

Oxygeno, um dos elementos do ar atmospherico, que combinando-se com os outros corpos fórma os acidos e os oxydos; do g. *oxus*, acido, e *gignomai*, nascer.

P

Pachydermes, animaes mamiferos que tem a pelle dura; do g. *pakus*, grosso, e *derma*, pelle.

Pais, *paidos*, criança, *paideia*, educação. Estes nomes gregos formaram: cyropedia, encyclopedia, orthopedia, pedagogia. (Veja estas palavras).

Paleographia, sciencia da escripta antiga; do g. *palaios*, antigo, e *grapho*, escrever.

Pan, *antos*, g. tudo; formou: diapasão, pamphleto, panacêa, Pandectas, Pandora, panegyrico, panorama, pantheismo, pantheon, panthera, pantographo, pantometro, pantomima.

Pamphleto, brochura satyrica e mordente; do g. *pan*, tudo, e *phlegó*, queimar.

Panacêa, remedio universal; do g. *pan*, tudo, e *akeomai*, curar.

Pandectas, collecção de decisões dadas pelos jurisconsultos romanos; do g. *pan*, tudo, e *dekomai*, conter.

Pandora, nome da primeira mulher, dotada de todas as qualidades segundo a fabula; do g. *pan*, tudo, e *doron*, dom.

Panegyrico, discurso publico em louvor d'alguem; do g. *pan*, tudo, e *aguris*, ajuntamento.

Panorama, grande quadro circular disposto de maneira que o espectador que está no centro vê os objectos representados como se estivesse sobre grande altura, e descobrisse todo o horisonte de que seria rodeado; do g. *pan*, todo, e *oraó*, vêr.

Pantheismo, systema que reconhece por Deus a diversidade dos seres; do g. *pan*, tudo, e *theos*, Deus.

Pantheon, templo consagrado a todos os deuses, ou a todos os grandes homens; do g. *pan*, todos, e *theos*, Deus.

Panthera, quadrupede muito feroz; do g. *pan*, muito, e *ther*, animal feroz.

Pantographo, instrumento por meio do qual se copia mecanicamente toda a especie de desenho; do g. *pan*, todo, e *grapho*, gravar.

Pantometro, instrumento para medir todas as especies de angulos; do g. *pan*, todas, e *metron*, medida.

Pantomima, peça de theatro onde tudo se exprime só por gestos; do g. *pan*, *pantos*, tudo, e *mimos*, imitação.

Para, g. junto, contra, ao de cima, formou: parabola, parachronismo, paradoxo, paragrapho, parapho, paralogismo, paraphernaes, paraphrase, parasita, parenthesis, parhelio, parodia, paronymo, paroxysmo. (Veja estas palavras).

Parabola, allegoria, comparação; do g. *para*, junto, e *ballô*, pôr.

Parachronismo, especie de anachronismo que consiste em designar um facto qualquer, em tempo posterior áquelle em que succedeu; do g. *para*, ao longe, e *kronos*, tempo.

Paradoxo, proposição contraria á opinião commum; do g. *para*, contra, e *doxa*, opinião.

Paragrapho, pequena secção d'um capitulo; do g. *para*, junto, e *grapho*, escrever.

Paralogismo, falso raciocinio; do g. *para*, contra, e *logos*, discurso.

Paralysia, do g. *para-luô*, afrouxado, enfraquecido.

Paraphernaes (bens), bens da mulher que não constituiram o dote; do g. *para*, junto de, e *pherné*, dote.

Paraphrase, explicação mais extensa que o texto que se traduz; do g. *para*, longo, e *phrazô*, fallar.

Parasita, o que tem por costume comer á custa dos outros; do g. *para*, outro, e *sitos*, trigo, alimento.

Parenthesis, phrase inserida n'um periodo, formando sentido á parte; do g. *para*, entre; *en*, em; *tithemi*, mettido.

Pareo, *ui*, *ere*, l. parecer, obedecer; formou: apparere, apparutor, apparitio, comparere; e d'ahi: apparecer, apparecimento, apparição, comparecer.

Parhelio, imagem do sol reflectido n'uma nuvem; do g. *para*, ao de lá, e *élios*, sol.

Paro, *avi*, *atum*, *are*, apromptar, preparar, dispôr, adquirir. Este verbo l. formou: comparare, comparatio, comparabilis, comparativus, imperator, imperium, imperiosus, præparare, præparatio, reparare, reparabilis, irreparabilis, separare, separatio; e d'ahi: comparar, comparação, comparavel, comparativamente, imperador, imperio, imperioso, preparar, preparação, reparar, reparação, irreparavel, separar, separação.

Parodia, imitação burlesca d'uma obra seria; do g. *para*, contra, e *ode*, canto.

Paronyma, palavra que tem analogia com outra por sua fórma, ou etymologia; do g. *para*, igual, e *onuma*, nome.

Paroxysmo, accesso, crescimento extremo, intensidade d'uma doença, ou paixão; do g. *para*, dentro, e *oxus*, agudo.

Pars, *tis*, partida, parte, lado, cargo, dever, papel. Este nome l. formou: particula, partitio, participare, portio, proportio; e d'ahi: particula, partitura, participar, porção, proporção.

Pathologia, parte da medicina que trata da natureza, das causas e symptomas das doenças; do g. *pathos*, affecção, e *logos*, discurso.

Pathos, g. paixão; formou: allopathia (de *allos*, outro), systema que trata as doenças com remedios contrarios, por opposição ao systema da homœopathia (de *omos*, semelhante), que emprega os remedios semelhantes; antipathia, apathia, pathetico, pathologia, sympathia. (Veja estas palavras).

Patior, *passus*, *pati*, soffrer, supportar, tolerar. Este verbo l. formou: patiens, patienter, patientia, impatiens, impatienter, impatientia; e d'ahi: paciente, pacientemente, paciencia, impaciente, impacientemente, impaciencia.

Patriarcha, chefe da familia; do g. *patria*, familia, e *arko*, mandar.

Patronymico (nome), nome commum

a todos os descendentes d'uma raça; do g. *pater*, pai, e *onuma*, nome.

Pello, *avi*, *atum*, *are*, fallar, dizer; formou: appellare, appellatio, interpellare, interpellatio; e d'ahi: appellar, appellação, interpellar, interpellação.

Penta, g. cinco; formou: pentacordio, pentadecagono, pentaedro, pentagono, pentametro, pentapole, pentarchia, pentateuco, pentecostes. (Veja estas palavras).

Pentacordio, lyra com cinco cordas; do g. *pente*, cinco, e *kordé*, corda.

Pentadecagono, figura com quinze angulos; do g. *pente*, cinco, *deka*, dez, e *gonia*, angulo.

Pentaedro, solido com cinco faces; do g. *pente*, cinco, e *edra*, base.

Pentagono, figura com cinco lados; do g. *pente*, cinco, e *gonia*, angulo.

Pentametro, verso grego ou latino composto de cinco syllabas; do g. *pente*, cinco, e *metron*, medida.

Pentapolo, territorio que comprende cinco cidades principaes; do g. *pente*, cinco, e *polis*, cidade.

Pentarchia, governo de cinco chefes; do g. *pente*, cinco, e *arké*, chefe.

Pentateuco, nome collectivo dos cinco primeiros livros da Biblia; do g. *pente*, cinco, e *teukos*, obra.

Pentecoste, cincoenta dias depois da Paschoa; do g. *penteconta*, cincoenta.

Peri, g. ao redor, perto; formou: perianthio, pericardio, pericarpo, pericraneo, perigeu, perihelio, perimetro, periodo, periostio, peripathetico, peripheria, periphrase, peripneumonia, peristylio, peritoneu. (Veja estas palavras).

Perianthio, envoltorio da flôr; do g. *peri*, em volta, e *anthos*, flôr.

Pericardio, capsula membranosa que envolve o coração; do g. *peri*, em redor, e *kardia*, coração.

Pericarpo, casca do grão; do g. *peri*, em redor, e *karpos*, fructo.

Pericraneo, membrana que cobre o craneo; do g. *peri*, em volta, e *kranion*, craneo.

Perigeu, ponto da orbita d'um planeta que está mais proximo da terra; do g. *peri*, perto, e *ge*, terra.

Perihelio, ponto da orbita d'um planeta que está mais proximo do sol; do g. *peri*, perto, e *elios*, sol.

Perimetro, circumferencia, contorno; do g. *peri*, em redor, e *metron*, medida.

Periodo, circuito, revolução; do g. *peri*, em volta, e *odos*, caminho.

Periostio, membrana que cobre os ossos; do g. *peri*, por cima, e *osteon*, osso.

Peripatheticos, discipulos de Aristoteles, que tinham o costume de discutir passeando; do g. *peri*, em redor, e *patein*, andar.

Periphrase, circumlocução; do g. *peri*, em redor, e *phrasó*, fallar.

Peripecia, mudança imprevista que é o fecho d'uma obra theatral; do g. *peri-pipto*, chegar sem ser esperado.

Peripneumonia, inflammação do pulmão; do g. *peri*, em volta, e *pneumon*, pulmão, de *pneó*, respirar.

Periscianos, povos das zonas glaciaes, que vêem as suas sombras voltear em redor de si, fazendo o sol seu turno por cima do horisonte; do g. *peri*, em redor, e *skia*, sombra.

Peristylio, galeria de columnas isoladas, construidas em volta de qualquer edificio; do g. *peri*, em volta, e *stulos*, columna.

Peritoneu, membrana que reveste interiormente toda a capacidade do baixo ventre.

Petroleo, bitume negro e liquido que se encontra no seio da terra; do g. *petra*, pedra, e *elaion*, oleo.

Phago, g. comer; formou: anthropophago, ichthyophago, æsophago, sarcophago. (Veja estas palavras).

Phaino, brilhar; formou: diaphano, emphase, epiphania. (Veja estas palavras).

Phanerogamicas, chamam-se assim as flôres providas de orgãos apparentes reproductores; do g. *phanerós*, apparente, e *gamos*, ajuntamento.

Phantasia, imagem, idéa, capricho; do g. *phantazó*, fazer apparecer.

Phantasma, visão, espectro; do g. *phantazó*, fazer apparecer.

Phantasmagoria, espectaculo que consiste em fazer apparecer imagens que parecem phantasmas; do g. *phan-*

tasma, apparição, espectro, e *agora*, assembléa.

Phero, g. sustentar; formou: amphora, electrophoro, metaphora, phosphoro. (Veja estas palavras).

Philos, g. amigo; formou: bibliophilo, philadelpho, philanthropo, philarmonico, philologo, philomela, philometor, philopator, philosophia, philotechnia. (Veja estas palavras).

Philadelpho, amigo de seus irmãos; do g. *philos*, amigo, e *adelphos*, irmão.

Philanthropo, amigo dos homens; do g. *philos*, amigo, e *anthropos*, homem.

Philarmonico, amador de musica; do g. *philos*, amigo, e *armonia*, harmonia.

Philologia, sciencia que abraça diversas partes da litteratura, e que trata principalmente da erudição, da critica, e da grammatica; do g. *philos*, amigo, e *logos*, discurso.

Philosophia, amor da sciencia; do g. *philos*, amigo, e *sophia*, sabedoria.

Philomela, nome poetico do rouxinol; do g. *philos*, amigo, e *melos*, melodia.

Philometor, amigo de sua mãi; *philopator*, amigo de seu pai; do g. *philos*, amigo, *mêter*, mãi, e *pater*, pai.

Philotechnico, o que ama as artes; do g. *philos*, amigo, e *tekné*, arte.

Phonê, g. voz; formou: aphonia, cacophonia (*cacos*, discordante, mau), euphonia, phonetica, symphonia. (Veja estas palavras).

Phonetica, relativo á voz; do g. *phoné*, voz.

Phosphoro, substancia luminosa na obscuridade; do g. *phos*, luz, e *phero*, ter.

Phrazó, g. fallar; formou: antiphrase, paraphrase, periphrase, phraseologia. (Veja estas palavras).

Phusis, g. natureza; formou: metaphysica, physionomia, physiologia, physionomista, physico. (Veja estas palavras).

Physiognomia, sciencia que ensina a conhecer o caracter pela analyse das feições e a construcção do corpo; do g. *phusis*, natureza, e *gnomon*, conhecedor.

Physiologia, sciencia que trata dos phenomenos da vida; do g. *phusis*, natureza, e *logos*, tratado.

Physionomia, rosto, as feições; do g. *phusis*, natureza, e *nomos*, lei.

Physica, sciencia que trata dos phenomenos que podem produzir-se nos corpos, sem que sua substancia seja modificada; do g. *phusis*, natureza.

Picrochole, o que tem muita bilis; do g. *pikros*, amargo, e *kolé*, bilis.

Pityriase, doença em que a cabeça, palpebras e barba são cobertas de escama semelhantes a farello; do g. *pituron*, farello.

Pius, *a*, *um*, piedoso, justo, virtuoso, bom, dôce, benevolo. Este adjectivo l. formou: pietas, impius, impietas, expiare, expiatio, inexpiabilis; e d'ahi: piedade, impio, impiedade, expiar, expiação, inexpiavel.

Planispherio, representação de duas metades do globo celeste ou do globo terrestre sobre uma superficie lisa; do g. *sphaira*, esphera, e do l. *planus*, plaino.

Plastica, arte de modelar toda a especie de estatuas em gesso; do g. *plassô*, formar.

Plethora, superabundancia de sangue e de humores, repleção; do g. *pletho*, estar cheio.

Pleurisia, dôr no lado causada pela inflammação da pleura, membrana que forra o interior do peito; do g. *pleura*, pleura.

Plico, *are*, l. encrespar; formou: simplex, simplicitas, duplex, multiplex, multiplicare, multiplicatio, supplex, supplicare; e d'ahi: simples, simplicidade, duplicado, multiplicado, multiplicar, multiplicação, supplicante, supplicar.

Ploro, *are*, l. chorar, deplorar; formou: deplorare, explorare, explorator, implorare; e d'ahi: deplorar, explorar, explorador, implorar.

Pneuma, g. halito, ar, espirito; formou: peripneumonia, pneumatica, pneumatologia, pneumonia. (Veja estas palavras).

Pneumatica, machina que produz o vacuo n'um recipiente; do g. *pneuma*, ar, vento.

Pneumatologia, tratado da alma e

de Deus; do g. *pneuma*, espirito, e *logos*, tratado.

Pneumonia, doença do pulmão, fluxão do peito; do g. *pneumon*, pulmão.

Pœna, æ, l. pena, punição; formou: punire, punitio, impune, impunitas, pœnitentia; e d'ahi: punir, punição, impunemente, impunidade, penitencia.

Poieo, g. fazer; formou: poema, poesia, poeta, poetica, epopêa, onomatopêa, prosopopêa.

Polé, rodizio sobre o qual se move qualquer objecto; do g. *poleo*, rodar.

Polemica, discussão acalorada; do g. *polemos*, guerra.

Polis, g. cidade; formou: cosmopolita, Heliopolis, metropole, necropole, pentapole, politica.

Polus, g. muitos; formou: polyedro, polygamia, polyglotta, polygono, Polynesia, polynomio, polypo, polypetalo, polysyllabo, polytechnico, polytheismo; do g. *edra*, base; *gameo*, junto; *glotta*, lingua; *gonia*, angulo; *nesos*, ilha, *usmé*, termo; *pous*, pé; *petalon*, folha; *sullabé*, syllaba; *techné*, arte, sciencia; *theos*, Deus.

Pono, *posui*, *positum*, *ponere*, metter, pousar, collocar, construir, dispôr, socegar, depôr, etc. Este verbo l. formou: positio, apponere, compositio, compositor, deponere, disponere, dispositio, exponere, expositio, imponere, impositio, interponere, opponere, oppositio, præpositio, proponere, prepositio, suppositio; e d'ahi: posição, appôr, composição, compositor, depôr, dispôr, disposição, expôr, exposição, impôr, imposição, interpôr, oppôr, opposição, preposição, propôr, proposição, supposição.

Portus, *ûs*, l. porto, embocadura, asylo; formou: opportunus, opportunitas, inopportunus, importunus, inopportunitas; e d'ahi: opportuno, opportunidade, inopportuno, importuno, importunidade.

Pous, *podos*, g. pé; formou: antipodas, apodos, gasteropodos, myriapodos, polypo.

Prehendo, *endi*, *ensum*, *ére*, apertar, tomar. Este verbo l. formou: apprehendere, comprehendere, comprehensio, comprehensibilis, reprehendere, reprehensio; e d'ahi: aprender, comprehender, comprehensão, comprehensivel, reprehender, reprehensão, reprehensivel.

Premo, *essi*, *essum*, *ere*, apertar, calcar, abaixar, encerrar, carregar, opprimir, perseguir, reter, esconder, etc. Este verbo l. formou: pressio, comprimere, compressio, exprimere, imprimere, impressio, opprimere, oppressio, reprimere, repressio, supprimere, supressio; e d'ahi: pressão, comprimir, compressão, exprimir, imprimir, impressão, opprimir, oppressão, reprimir, repressão, supprimir, suppressão.

Presbus, g. velho; formou: presbyta, presbytero, padre.

Prior, *oris*, l. anterior, que ultrapassa, mais importante; formou: primus, primò, primitiæ, primitivus, primogenitus, princeps, principalis, principium; e d'ahi: primeiro, primeiramente, primicias, primitivo, primogenitura, principe, principal, principio.

Privus, *a*, *um*, l. proprio, particular; formou: privare, privatio, privatus, privilegium; e d'ahi: privar, privação, privilegio.

Pro, g. antes; formou: prochronismo, programma, prologo, prognostico, propheta; do g. *chronos*, tempo; *gramma*, letra; *logos*, discurso; *ginosko*, conhecer; *phémi*, dizer.

Probo, *avi*, *atum*, *are*, approvar, provar, demonstrar, experimentar. Este verbo l. formou: probabilis, probabilitas, improbabilis, approbare, approbatio, improbare, improbatio, reprobare; e d'ahi: provavel, probabilidade, improvavel, approvar, approvação, improvar, improbação, reprovar.

Protos, g. primeiro formou: proto, prototypo, protoxydo.

Prudens, *tis*, l. prudente; formou: prudentia, imprudens, imprudentia, imprudenter; e d'ahi: prudencia, imprudencia, imprudente, imprudentemente.

Prytanos, nome commum em Athenas aos cincoenta senadores que ti-

nham cada um por sua vez a presidencia do senado; do g. *prutanis*.

Psalmodia, canto ou recitação dos psalmos; do g. *psallô*, fazer estrondo, e *odê*, canto.

Pseudonymos, chamam-se os authores que publicam escriptos debaixo de nome supposto; do g. *pseudos*, falso, e *onuma*, nome.

Psychologia, parte da philosophia que trata da alma; do g. *psuché*, alma, e *logos*, discurso, tratado.

Pteron, g. aza; formou: apteros, cheiropteros, coleopteros, dipteros, hemipteros, lepidopteros. (Veja estas palavras).

Pudet, *puditum est*, que tem vergonha; formou: l. pudor, pudicus, pudicitia, impudicus, impudicitia, impudens, impudentia, repudiare, repudiatio; e d'ahi: pudor, pudico, pudicicia, impudico, impudicicia, impudente, impudencia, repudiar, repudiação.

Pur, *puros*, g. fogo; formou: empyreo, pyramide, Pyrenéos, pyrite, pyrometro, pyroscapho, pyrotechnia. (Veja estas palavras).

Pyloro, orificio inferior do estomago; do g. *pulé*, porta, e *ouros*, guarda.

Pyramide, do g. *pur*, fogo, ou *puros*, trigo.

Pyrenéos, do g. *pur*, fogo, por causa da polvora que os fende.

Pyrite, pedra que dá lume; do g. *pur*, fogo.

Pyrometro, instrumento que mede as temperaturas mais elevadas; do g. *pur*, *puros*, fogo, e *metron*, medida.

Pyroscapho, nome scientifico do barco a vapor; do g. *pur*, *puros*, fogo, e *skaphos*, navio.

Pyrotechnia, arte de preparar as peças de fogo de artificio; do g. *pur*, *puros*, fogo, e *techné*, sciencia.

R

Rabdomancia, adivinhação por meio de varinhas; do g. *rabdos*, vara, e *manteia*, adivinhação.

Rachitismo, curva da espinha dorsal e da maior parte dos ossos das costas; do g. *rakis*, espinha dorsal.

Rapio, *pui*, *ptum*, *rapere*, tomar á força, arrebatar, roubar, arrastar, subtrahir. Este verbo l. formou: rapax, rapacitas, rapina, raptum, rapidus, rapiditas; e d'ahi: rapace, rapacidade, rapina, rapto, rapido, rapidez.

Rapsodia, chamam-se assim alguns fragmentos destacados das poesias de Homero, que cantam os rapsodos; do g. *raptô*, cerzir, e *odê*, canto.

Rego, *rexi*, *rectum*, *regere*, reger, dirigir, conduzir. Este verbo l. formou: rectus, regio, rex, regula, regnum, regnare, interregnum, corrigere, correctio, dirigere, directio, erigere, insurgere; e d'ahi: rectilineo, rectangulo, região, rei, regra, reino, reinar, interregno, corrigir, correcção, dirigir, direcção, erigir, erecção, insurgir, insurreição.

Rheo, g. correr; formou: catarrho, cholera, diarrhêa, rhetorica, defluxo.

Rhinoceronte, do g. *rhin*, nariz, e *keras*, corno; chama-se assim este quadrupede por ter um corno sobre o nariz.

Rivus, *i*, l. ribeiro, canal; formou: rivalis, rivalitas, derivare, derivatio; e d'ahi: rival, rivalidade, derivar, derivação.

Rogo, *avi*, *atum*, *are*, interrogar, perguntar, pedir. Este verbo l. formou: abrogare, abrogatio, arrogare, arrogans, arrogantia, derrogare, interrogatio, prorogare, prorogatio, subrogare; e d'ahi: annullar, annullação, arrojo, arrogante, arrogancia, derogar, interrogar, interrogação, prorogar, prorogação, subrogar, subrogação.

Rota, *æ*, l. roda, circulo, carro; formou: rotatio, rotundus, rotunditas; e d'ahi: rotação, rotundo, retondidade.

Rumpo, *rupi*, *ruptum*, *rumpere*, romper, quebrar, fazer arrebentar, interromper. Este verbo l. formou: abruptus, corrumpere, corruptio, corruptor, eruptio, interrumpere, interruptio; e d'ahi: abrupto, corromper, corrupção, corruptor, erupção, irrupção, interromper, interrupção.

S

Sacer, *sacra*, *sacrum*, l. santo, sagrado; formou: sacrare, sacramentum, consecratio, exsecrari, exsecratio, exsecrabilis, sacrificium, sacrificare, sacrilegium, sacerdos (padre), sacerdotium, sacerdotalis; e d'ahi: consagrar, sacramento, consagração, execrar, execração, execravel, sacrificio, sacrificar, sacrilegio, sacerdocio, sacerdotal.

Sagio, *ire*, l. sentir delicadamente, ter penetração; formou: præsagire, præsagium, sagax, sagacitas; e d'ahi: presago, presagio, sagaz, sagacidade.

Saurianos, especie de reptis; do g. *sauros*, lagarto.

Scepticos, seita de philosophos que não tem crenças; do g. *skeptomai*, examinar.

Sciatica, relativo aos quadris, do g. *iskion*, anca.

Scribo, *psi*, *ptum*, *bere*, escrever, compôr. Este verbo l. formou: circumscriptio, descriptio, describere, inscribere, inscriptio, præscribere, præscriptio, proscribere, proscriptio, transcribere; e d'ahi: circumscripção, conscripção, descripção, descrever, inscrever, inscripção, prescripção, prescrever, proscripto, proscripção, transcrever.

Sedo, *sedi*, *sessum*, *dere*, estar sentado, assentar-se, assento. Este verbo l. formou: sedimentum, sedes, sessio, assiduus, assiduitas, insidiosus, obsessio, possidere, possessio, possessor, præsidere, residere; e d'ahi: sedimento, assento, sessão, assiduo, assiduidade, insidioso, obsessão, possuir, possessão, possuidor, presidir, residir.

Severus, *a*, *um*, l. grave, severo, rigoroso, cruel; formou: severitas, perseverans, perseverare, perseverantia, e d'ahi: severidade, perseverança, perseverar, perseverança.

Sidus, *eris*, constellação, astro, estação. Este verbo l. formou: sideralis, considerare, consideratio, inconsideratus, desiderare, desiderabilis, desiderium; e d'ahi: sideral, considerar, consideração, inconsideração, desejar, desejavel, desejo.

Signum, *i*, signo, sinete, bandeira, signal, prodigio, presagio. Este nome l. formou: insignis, signare, signatura, assignare, assignatio, designare, designatio, significare, significatio; e d'ahi: insigne, assignar, assignatura, assignado, assignação, designar, designação, significar, significação.

Similis, *e*, semelhante, igual. Este adjectivo l. formou: similitudo, assimilare, simulare, simulacrum, dissimulare, dissimulatio; e d'ahi: semelhança, assimilar, simular, simulacro, dissimular, dissimulação.

Skopeo, g. vêr; formou: episcopado, helioscopo, horoscopo, kaleidoscopo, microscopio, estereoscopio, telescopio, thermoscopio. (Veja estas palavras).

Solvo, *vi*, *solutum*, *vere*, desunir as partes, romper, dissolver, desligar, livrar, pagar. Este verbo l. formou: solutio, absolvere, absolutio, dissolvere, dissolutus, dissolutio, insolubilis, indissolubilis, resolvere, resolutio; e d'ahi: solução, absolver, absolvição, dissolver, dissolvido, dissolução, insoluvel, indissoluvel, resolver, resolução.

Specio, *xi*, *ctum*, *cere* (latim antigo), vêr, olhar; formou: species, speciosus, specimen, speculari, speculator, spectrum, spectator, spectaculum, circumspectio, circumspectus, inspectare, inspectio, inspector, perspicax, prospectus, suspectare, suspicio, suspectus.

Sphaira, g. esphera; formou: atmosphera, hemispherio, planispherio, spheroide (de *eidos*, fórma).

Stalactite, concreção pedregosa que se fórma na abobada das cavidades subterraneas; do g. *stalazó*, filtrar.

Stalagmite, mesma etymologia.

Statos, do g. *istemi*, reter; tem formado: aerostato, apostasia, hydrostatica, estatica.

Statuo, *ui*, *utum*, *ere*, estabelecer, constituir, fundar. Este verbo l. formou: statutum, constituere, consti-

tutio, destituere, destitutio, instituere, institutio, prostituere, restituere, restitutio, substituere; e d'ahi: estatuto, constituir, constituição, destituir, destituição, instituir, instituição, prostituir, restituir, restituição, substituir.

Stereos, g. solido; formou: stere, stereographia, decastere, stereometria, stereoscopo, stereotomia, stereotypia. (Veja estas palavras).

Stereographia, perspectiva dos solidos; do g. *stereos*, stere, solido, e *grapho*, gravar.

Stereometria, sciencia que trata da medida dos solidos; do g. *stereos*, stere, e *metron*, medida.

Stereoscopio, instrumento com o auxilio do qual as imagens superficiaes apparecem em relevo; do g. *stereos*, solido, e *skopeo*, vêr.

Stereotomia, sciencia de cortar os solidos; do g. *stereos*, solido, e *temnó*, cortar.

Stereotypadas, chamam-se as obras impressas com fôrmas das quaes os caracteres não são moventes; do g. *stereos*, solido, e *tuptó*, bater.

Sterno, *stravi*, *atum*, *nere*, estender sobre a terra, cobrir, juncar, destruir, aplainar. Este verbo l. formou: consternere, prosternere, consternare, consternatio; e d'ahi: consternar, prostrar, consternação.

Sto, *steti*, *statum*, *are*, estar direito, ficar de pé, permanecer. Este verbo l. formou: statio, statura, statua, statuarius, stabulum, stabilis, stabilitas, instabilis, instabilitas, circumstantia, constans, constantia, distantia, instantia, superstitio, superstitiosus, consistere, desistere, existere, presistere; e d'ahi: estação, estatura, estatua, estatuario, estavel, instavel, instabilidade, circumstancia, constante, constancia, inconstante, inconstancia, distancia, instancia, superstição, supersticioso, consistir, desistir, existir, persistir, resistir.

Strategia, estratagema, que respeita ás operações militares, artimanhas da guerra; do g. *stratos*, exercito, e *ago*, conduzir.

Stikos, g. verso; formou: acrostico, distico, hemistichio.

Struo, *xi*, *ctum*, *ere*, amontoar, construir, arranjar. Este verbo l. formou: structura, construere, constructio, destruere, destructio, instruere, instructio, instrumentum, obstruere; e d'ahi: estructura, construir, construcção, destruição, destruir, instruir, instrucção, instrumento, obstruir.

Sumo, *psi*, *ptum*, *ere*, tomar, escolher, emprehender, comprar, empregar. Este verbo l. formou: sumptuarius, assumere, consumere, præsumere, præsumptio, resumere; e d'ahi: sumptuoso, sumptuario, assumir, consumir, presumir, presumpção, resumir.

Sun, g. com, junto; formou: syllogismo, symbolo, symetria, sympathia, symphonia, symptoma, synagoga, synallagmatica, synchronismo, synonymo, synoptico, syntaxe, synthese, systema, syzygia. (Veja estas palavras).

Sycophanta, impostor, calumniador; do g. *sukon*, figo, e *phaido*, mostrar.

Syllogismo, argumento composto de tres proposições; do g. *sun*, com, e *logos*, razão.

Symbolo, signo, imagem para designar d'uma maneira sensivel qualquer cousa intellectual; do g. *sun*, com, e *ballo*, atirar.

Symetria, proporções exactas das partes entre si; do g. *sun*, com, e *metron*, medida.

Sympathia, concordancia de genios; do g. *sun*, com, e *pathos*, sentimento.

Symphonia, concerto de instrumentos de musica; do g. *sun*, junto, e *phoné*, voz.

Symptoma, signaes caracteriscos de uma molestia; do g. *sun*, com, e *pipto*, cahir.

Synagoga, templo dos israelitas; do g. *sun*, com, e *agogos*, conductor.

Synallagmaticos, chamam-se os contractos que contém a obrigação reciproca das partes; do g. *sun*, com, e *allasso*, trocar.

Synchronismo, simultaneidade de tempo nos acontecimentos; do g. *sun*, com, e *chronos*, tempo.

Synonymos, palavras tendo pouco

mais ou menos a mesma significação; do g. *sun*, com, e *onuma*, nome.

Synoptico, chama-se um quadro que representa muitos objectos ao mesmo tempo; do g. *sun*, junto, e *optomai*, vêr.

Syntaxe, ordem, disposição das palavras d'uma lingua; do g. *sun*, com, e *tassô*, arranjar.

Synthese, methodo de composição que vai descendo dos principios ás consequencias: do g. *sun*, com, e *tithemi*, collocar.

Systema, principio que fórma uma doutrina; do g. *sun*, com, e *tithemi*, pôr.

Syzygia, conjuncção ou opposição d'um planeta com o sol; do g. *sun*, com, e *zugos*, jugo.

T

Taceo, *ui*, *item*, *ere*, calar, calarse. Este verbo l. formou: tacitus, tacitè, taciturnus, taciturnitas, reticentia; e d'ahi: tacito, tacitamente, taciturno, taciturnidade, reticencia.

Tango, *tetigi*, *tactum*, *tangere*, tocar. Este verbo l. formou: tactus, taxare, attingere, contractus, contagio, intactus; e d'ahi: tacto, taxar, attingir, contacto, contagião, intacto.

Techné, g. arte; formou: mnemotechnia, philotechnia, polytechnia, pyrotechnia, technica, technologia.

Technologia, tratado das artes em geral; do g. *techne*, arte, e *logos*, discurso.

Telé, g. longe; formou: telegramma, telegrapho, telescopio.

Telegramma, despacho electrico, palavra nova; do g. *telé*, longe, e *gramma*, letra.

Telegrapho, machina que serve para transmittir ao longe qualquer aviso; do g. *telé*, longe, e *grapho*, escrever.

Telescopio, instrumento de astronomia que serve para observar os objectos ao longe; do g. *telé*, longe, e *skopéo*, vêr.

Tempero, *avi*, *atum*, *are*, moderar, temperar, abster, misturar. Este verbo l. formou: temperatura, temperatus, temperantia, temperamentum, intemperans, intemperantia, obtemperare, intemperies; e d'ahi: temperatura, temperado, temperança, temperamento, intemperar, intemperança, obtemperar, intemperie.

Templum, *pli*, l. templo; formou: contemplari, contemplatio, contemplativus; e d'ahi: contemplar, contemplação, contemplativo.

Tendo, *tetendi*, *tentum*, *dere*, estender, augmentar, offerecer, acampar, esforçar-se. Este verbo l. formou: tentorium, attentio, attentus, contentio, contentiosus, intendere, ostentatio; e d'ahi: tento, attenção, attentivo, contenção, contencioso, intentar, ostentar.

Teneo, *ui*, *utum*, *ere*, ter, encerrar, possuir, reter, conservar. Este verbo l. formou: tenax, tenacitas, abstinere, abstinentia, continens, continentia, contentus, continuus, continuitas, continuare, continuatio, obtinere, retinere, retentio, sustinere, tentare, tentator, tentatio, attentare; e d'ahi: tenaz, tenacidade, abster-se, abstinencia, continente (terra firme), continencia, contente, continuo, continuidade, continuar, continuação, obter, reter, retenção, sustentar, tentar, tentador, tentação, attentar.

Testis, *is*, testemunha, espectador; formou: testimonium, testari, testator, testamentum, testamentarium, attestari, contestari, contestatio, detestari, detestabilis; e d'ahi: testemunho, testar, testador, testamento, testamenteiro, attestar, contestar, contestação, detestar, detestavel.

Tetano, convulsão permanente da maior parte dos musculos; do g. *tetanos*, estendido, de *teino*, estender.

Tetra, g. quatro; tem formado: tetraceros, tetracordo, tetradactyle, tetradrachma, tetraedro, tetragono, tetrarcha; *keras*, corno, *korde*, corda, *daktulos*, dedo, *drakme*, drachma, *edra*, base, *gonia*, angulo, *arche*, commando. — O tetrarcha não governava senão a quarta parte d'um reino.

Thaumaturgo, que faz milagres; do g. *thauma*, milagre, e *ergon*, obra.

Theos, g. Deus; formou: theismo, theista, apotheose, atheu, enthusiasmo, pantheismo, pantheon, polytheismo, theocracia, theodicêa, theogonia, theologia.

Theismo, crença na existencia de Deus; do g. *theos*, Deus.

Theocracia, governo em que os chefes da nação são olhados como ministros de Deus; do g. *theos*, Deus, e *kratos*, poder.

Theodicêa, titulo d'uma obra de Leibnitz que trata dos attributos de Deus; do g. *theos*, Deus, e *diké* justiça.

Theogonia, todo o systema religioso do paganismo; do g. *theos*, Deus, e *gignomai*, nascer.

Theologia, tratado sobre Deus; do g. *theos*, Deus, e *logos*, discurso.

Therapeutica, parte da medicina que tem por objecto o tratamento das doenças; do g. *therapeuó*, tratar, curar.

Thermos, g. calor; formou: thermal, thermometro, thermophilo, thermoscopio.

Thermopylas, desfiladeiro do monte Etna, na Thessalia, onde se encontravam fontes d'agua quente; do g. *thermos*, quente, e *pulé*, porta.

Thermoscopio, instrumento destinado a medir as temperaturas menos elevadas; do g. *thermos*, quente, e *skopéo*, vêr.

Tisiphone, uma das tres Furias; do g. *tisis*, punição, e *phonos*, morte.

Tithemi, pôr, metter; formou: anathema, antithese, boticario, bibliotheca, epitheto, hypothese, parenthesis, synthese, systema.

Tomé, g. cortadura; formou: anatomia, atomo, epitome, stereotomia, tomo.

Tonos, g. tom; formou: atonia, barytono, diatonico, monotonia, tonico.

Topographia, descripção de qualquer lugar; do g. *topos*, lugar, e *graphó*, descrever.

Trepó, g. voltar; formou: Atropos, heliotropio, tropo, tropico.

Tribuo, *ui*, *utum*, *ere*, l. dar, conceder, attribuir; formou: attribuere, attributio, contribuere, distribuere, distributio, retribuere; e d'ahi: attribuir, attribuição, contribuir, distribuição, retribuir.

Triglypho, ornamento de architectura que distingue as architraves de ordem dorica; do g. *treis*, tres, e *gluphô*, cinzelar.

Trigonometria, geometria celeste; do g. *treis*, tres, *gonia*, angulo, *metron*, medida.

Tropo, emprego d'uma palavra em sentido figurado; do g. *trepó*, virar.

Typo, impressão, modêlo; do g. *tupto*, bater.

Typographia, arte da imprensa; do g. *tupos*, caracteres, e *grapho*, escrever.

U

Udôr (hudor), g. agua; formou: hydraulica, hydra, hydrocephalo, hydrodynamica, hydrogeneo, hydrographia, hydromel, hydrometro, hydrophobia, hydropisia, hydrostatica.

Upo (hypo), g. debaixo; formou: hypocrisia, hypogastro, hypothenusa, hypotheca, hypothese, hypotypose.

Uranographia, descripção do céo; do g. *uranos*, céo, e *grapho*, descrever.

Utopia, plano de governo imaginario; do g. *ou*, não, e *topos*, lugar.

Utor, *usus*, *uti*, usar, servir-se, ter, experimentar. Este verbo l. formou: usus, usura, usurarius, usitatus, inusitatus, utilis, utilitas, inutilitas, usurpare, usurpatio; e d'ahi: uso, usura, usurario, usado, desusado, util, utilidade, inutil, inutilidade, usurpar, usurpação.

V

Valeo, *ui*, *itum*, *lere*, passar bem, ser forte, poder, querer. Este verbo l. formou: valor, validus, invalidus, valetudinarium, convalescere, prævalere, e d'ahi: valor, valido, invalido, valetudinario, convalescente, prevalecer.

Venio, veni, ventum, ire, vir, chegar. Este verbo l. formou: advenire, adventus, convenire, conventum, inconveniens, conventio, inventio, inventor, intervenire, prævenire, provenire, revenire, subvenire; e d'ahi: advenir, advento, convir, convenção, inconveniente, invenção, inventor, intervir, prevenir, provir, voltar, soccorrer.

Verto, ti, sum, ere, virar, revirar, traduzir, derrubar. Este verbo l. formou: versus, versificator, vertebræ, vertigo, versare, versatilis, conversatio, controversia, adversitas, adversarius, conversio, divortium, diversus, diversitas, inversio, pervertere, perversitas; e d'ahi: verso, versificador, vertebras, vertigem, verter, versatil, conversação, controversia, adversidade, adversario, conversão, divorcio, diversidade, inversão, perverter, perversidade, perverso.

Vetus, eris, adj. l., velho, antigo; formou: vetustas, veteranus, inveteratus; e d'ahi: vetusto, veterano, inveterado.

Video, idi, isum, ere, verbo l., vêr, aperceber, tomar cuidado; formou: visito, visibilis, visitare, evidens, evidentia, invidere, invidia, invidus, providentia, provisio, provisor, improvisus; e d'ahi: visão, visivel, visitar, evidente, evidencia, invejar, inveja, invejoso, providencia, provisão, provisor, improvisado.

Vinco, ici, ctum, cere, vencer, verbo l.; formou: victor, victoria, victima, convincere, provincia, provincialis; e d'ahi: vencedor, victoria, victima, convencer, provincia, provincial.

Vis, is, im, i, força, energia, violencia; virtude de qualquer cousa, propriedade, abundancia. Este nome l. formou: violens, violenter, violentia, violare, violatio, violator, violabilis, inviolabilis; e d'ahi: violento, violentamente, violencia, violar, violação, violador, violavel, inviolavel.

Vivo, xi, ctum, ere, viver, subsistir, durar. Este verbo l. formou: vita, vitalis, vitalitas, vivus, vivax, vivacitas, conviva; e d'ahi: vida, vital, vitalidade, vivo, vivaz, vivacidade, conviva.

Voco, avi, atum, are, chamar, implorar, convidar, citar. Este verbo l. formou: vocatio, vox, vocalis, vocabulum, vociferari, advocatus, convocare, convocatio, evocare, evocatio, invocatio, provocare, provocatio, provocator, revocare, revocatio, irrevocabilis; e d'ahi: vocação, voz, vocal, vocabulo, vociferar, advogado, convocar, convocação, evocar, evocação, invocar, invocação, provocar, provocação, provocador, revogar, revogação, irrevogavel.

Z

Zephyro, do g. *zephurus*, vento do oeste, vento brando.

Zodiaco, faxa circular comprehendendo as doze constellações principaes que se repartem no caminho apparente e annual do sol; do g. *zodion*, figura d'um animal.

Zoê, g. vida; e *zoon*, animal; tem formado: azote, epizootia, zodiaco, zoologia, zoophyto.

Zoologia, parte da historia natural que trata dos animaes; do g. *zoon*, animal, e *logos*, discurso.

Zoophytos, animaes que tem alguma cousa da organisação das plantas; do g. *zoon*, animal, e *phuton*, planta.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME